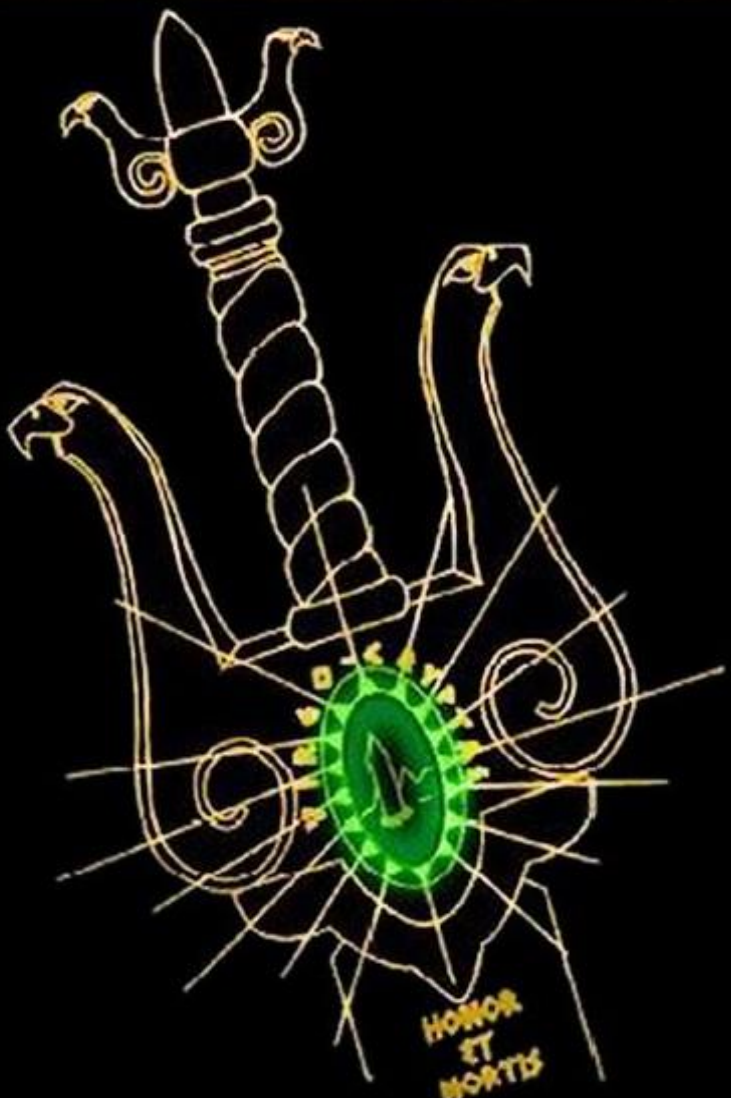
O Mistério de Belicena Villca



NOVELA MÁGICA

Coleção

“Espada de Tharsis”

O Mistério de Belicena Villca

Por Nimrod de Rosario

Coleção **“Espada de Tharsis”**

O MISTÉRIO DE BELICENA VILLCA

Por Nimrod de Rosario

Primeira edição Argentina: **Córdoba, 2003**

Ilustração da capa do autor

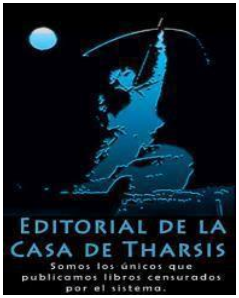
Primeira edição artesanal (em português) por *Editorial Thule*: **2021**
Segunda edição artesanal (em português) por *Editorial Thule*: **2025**

Título original: *El Misterio de Belicena Villca*

Conceito e desenho gráfico: *“Agarth”*

Capa, projeto gráfico e diagramação (adaptação do design original): ***Editorial Thule***

Tradução ao português: *Ida Maria Pieri* ***(edição 2025)***





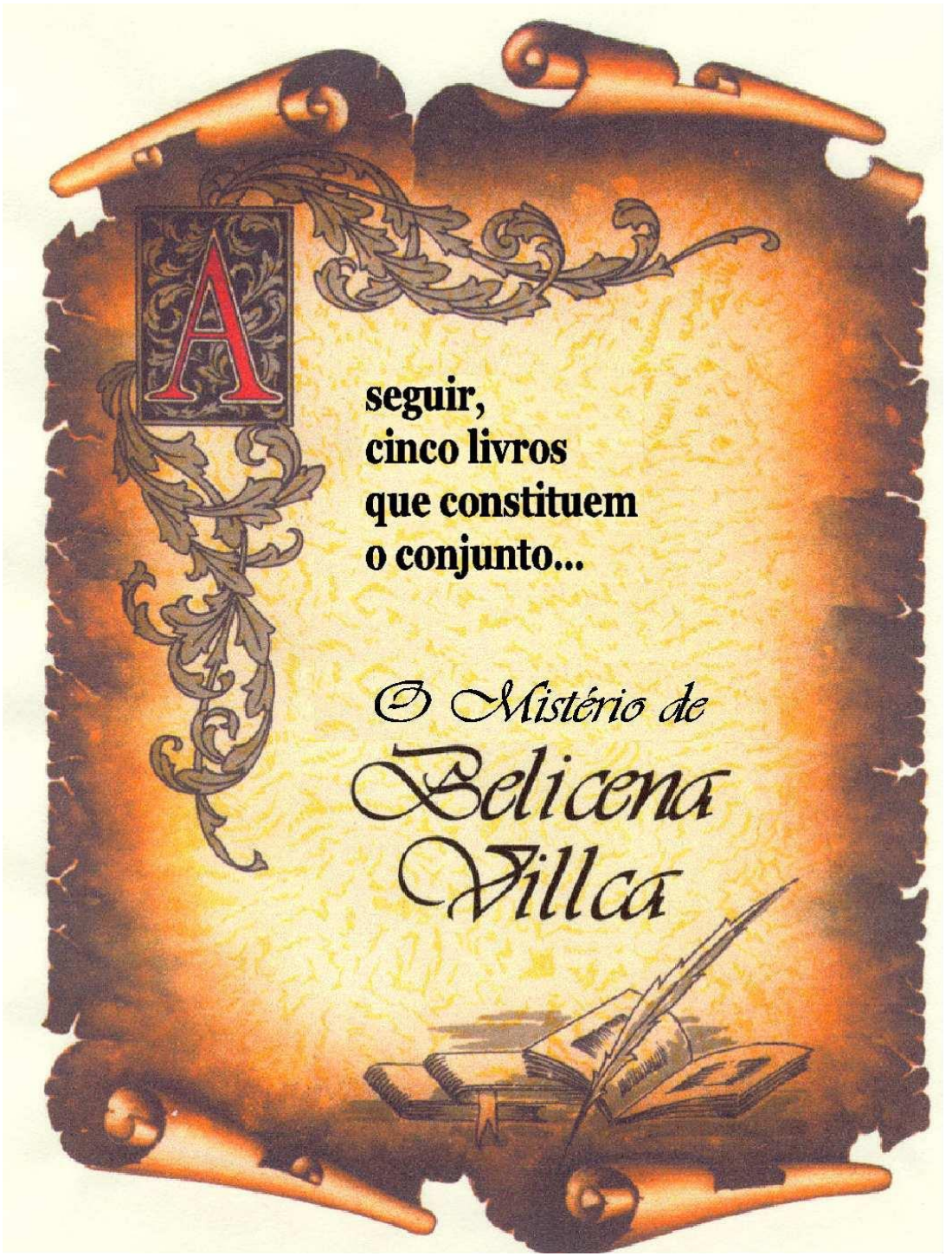


Revisão: Adriana M. de Andrade e Rosane Helena de Oliveira

Páginas web: htpp://editorialdelacasadetharsis.blogspot.com

htpp://proyectoovnis.com/

Queda hecho el depósito que marca la ley 11.723
Impreso en Argentina – Printed in Argentina
ISBN: 987-43-5850-5


A
seguir,
cinco livros
que constituem
o conjunto...
O Mistério de
Belicena
Villca

O Mistério

de

Belicena Villca

PRIMEIRO LIVRO

O Desaparecido de Tafí del Valle.

SEGUNDO LIVRO

A Carta de Belicena Villca.

TERCEIRO LIVRO

Em busca de Tio Kurt.

QUARTO LIVRO

A História de Kurt Von Sübermann.

QUINTO LIVRO

Epílogo e Hiperepílogo



PRIMEIRO LIVRO

"O Desaparecido de Tafí del Valle"

Capítulo I

Conheci Belicena Villca quando se encontrava internada no Hospital Neuropsiquiátrico "Dr. Javier Patrón Isla", da Cidade de Salta, com diagnóstico de ***demência senil irreversível***. Sendo médico do pavilhão B, de enfermos incuráveis, tive que cuidar da referida interna durante um longo ano, no qual lhe apliquei todos os recursos que a ciência psiquiátrica e minha extensa experiência na profissão me ofereciam para tentar, em vão, sua recuperação. Como se verá mais adiante, sua história foi escrita por ela mesma enquanto permanecia naquele triste confinamento. Dedicou a esse fim todo o tempo disponível, que era muito, pois a junta médica a havia autorizado a escrever "dado que tal atividade resultava em evidentes resultados terapêuticos sobre o ânimo da paciente". Entretanto, ninguém sabia a que se referiam seus escritos e se eles revelavam alguma coerência lógica, informação que teria sido útil possuir para confirmar ou corrigir o diagnóstico adverso. Dois motivos impediam de conhecer o conteúdo de seus manuscritos: o primeiro e principal era que a enferma escrevia em ***quéchua santiaguense***, uma língua só falada em sua região local; em segredo, ao que parece, Belicena Villca traduziu os manuscritos ao castelhano poucos dias antes de morrer; o segundo motivo era o zelo homicida com que evitava que lessem os textos, o que causou um violento incidente com uma enfermeira que ousou pousar os olhos sobre uma de suas páginas.

Mas como o que interessava era mantê–la tranquila, e a escritura contribuía para mantê–la nesse estado, optou-se por não contradizer seus maníacos desejos e se lhe permitiu ocultar os manuscritos em um portfólio do qual ela não se separava em nenhum momento. No entanto, parte de sua história me foi relatada por ela mesma enquanto durou sua convalescença, quer seja mediante longos monólogos a que a psicanálise a levava, nos dias em que certa estabilidade mental permitia essa terapia, ou involuntariamente, quando o tratamento de narcose a submergia em um

pesado torpor durante o qual, no entanto, não diminuía nunca a atividade oral. Naturalmente, não se podia dar crédito às suas declarações, não somente por sua condição de enferma mental, mas pelo teor delas, que eram incríveis e alucinantes. Não poderia se qualificar com maior justiça sua história do que como a ***história própria de um louco***.

A situação de alienada de Belicena Villca certamente desalentará os leitores sobre a veracidade de todos os eventos narrados. É compreensível, pois há apenas um ano eu mesmo teria feito todo o possível para impedir a divulgação de um material que a prudência e a ética profissional aconselham manter nos reservados âmbitos do ***histórico clínico*** e do ***arquivo pessoal.***

Mas eis que a súbita morte de Belicena Villca veio transtornar esse racional ponto de vista e me levou a pensar que a História registra a passagem de veneráveis figuras pelas celas de célebres hospícios. Lembrei–me de Nietzsche, Ezra Pound, Antonin Artaud, o enxadrista Morphy, o matemático Cantor, e muitos outros. Raciocinei que aqueles famosos personagens apresentavam quadros de esquizofrenia aguda, como minha paciente, o que significa que a consciência se acha fragmentada, mas não dissolvida, e podem, eventualmente, se produzirem estados de lucidez temporária, quando a conduta é mais ou menos normal. Disse a mim mesmo que, se Cantor elaborou a genial teoria dos números transfinitos no manicômio, e se Nietzsche, durante seus dez anos de internado, podia citar Homero, Empédocles e quase qualquer clássico de memória – e em grego antigo – era possível, em uma medida infinitamente menor, que o relato de Belicena Villca fosse em parte verdadeiro. Claro, esse silogismo aparentemente inconsistente surpreenderá o leitor; mas tudo isso Eu pensei depressa, muito depressa: porque ***Belicena Villca foi assassinada***.

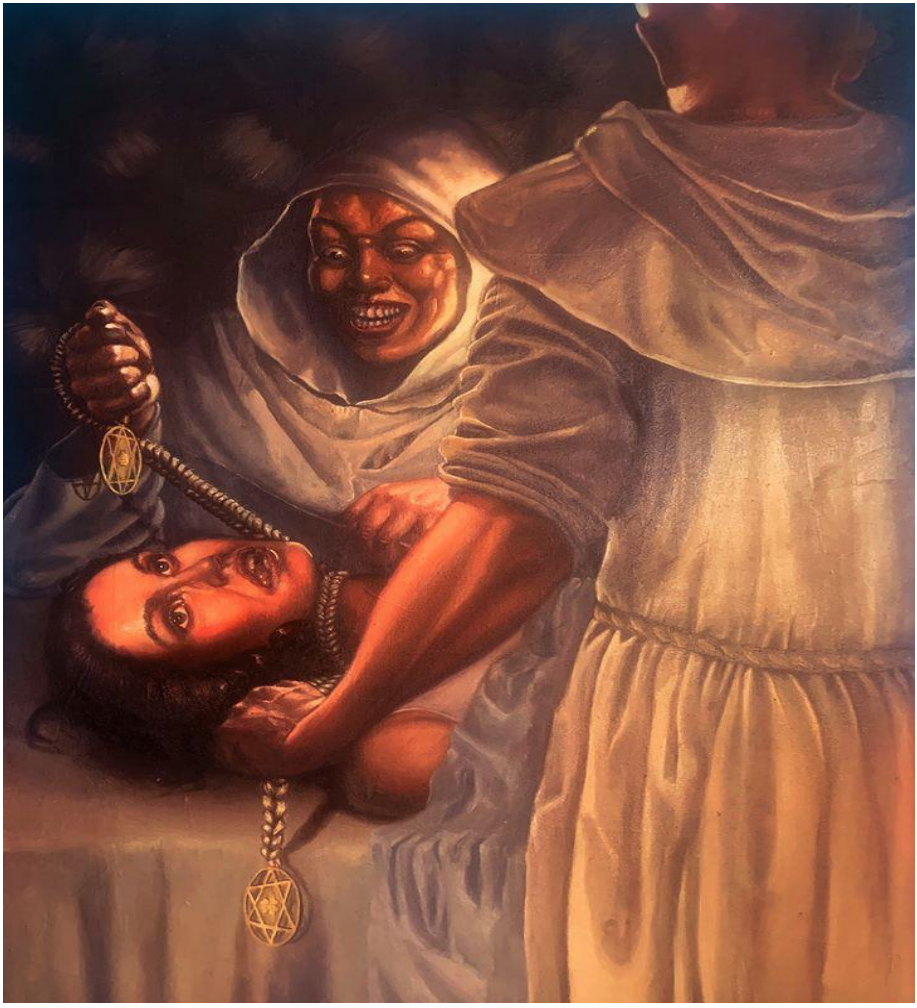
Capítulo II

Aquele desagradável evento perturbou o andamento impecável do hospital, submergindo todos num estado de mal-estar e angústia indescritível. Especialmente afetado ficou nosso Diretor, o eminente Dr. Cortez, que temia que o escândalo chegasse a macular o ilustre nome do herói local a quem o hospital homenageia, fato que, em sua clara lógica, influiria nos cheques que a poderosa família do finado fazia chegar mensalmente. Não cansarei o leitor com detalhes, porque esse caso foi muito comentado pela imprensa e, se deseja conferir, pode consultar o jornal "El Heraldo", de Salta, em todas as edições da semana que vai de 7 a 15 de janeiro de 1980, onde se encontrará toda a informação. Só lembrarei aqui o essencial, já que o desenrolar desse ***caso verídico*** requer considerar as estranhas circunstâncias em que ocorreu o crime e o mistério que o rodeou — e que ainda persiste, pois a polícia não conseguiu esclarecê–lo e dignos funcionários expressam dúvidas sobre se algum dia tal esclarecimento será

possível. Dois elementos tão absurdos quanto irracionais intervêm de maneira definitiva no desenlace fatal e impedem todas as possibilidades de se realizarem conjecturas coerentes. O primeiro é um fato inquestionavelmente verificado: o crime se concretizou em uma cela para enfermos psicóticos, hermeticamente fechada com uma pesada porta de aço, entre as 00:00 e 02:00 do dia 6 de janeiro, sem que ***ninguém***, absolutamente ***ninguém***, tivesse entrado durante esse período. Isso se comprovou, felizmente, graças a um evento fortuito.

Sendo a noite anterior 5 de janeiro, quer dizer, dia da festa dos Reis Magos, parte do pessoal foi distribuir presentes no Hospital Pediátrico e no Orfanato São Francisco de Assis. Dentre eles estava nosso eminente diretor, Dr. Cortez, quem, às 23 h, já tinha voltado, vestido ainda no traje de Papai Noel e disposto a efetuar o passeio diário que, há incontáveis anos, realiza por todos os pavilhões para recolher os relatórios finais. Pois bem, ***o próprio Dr. Cortez viu pela última vez Belicena Villca viva, às 23:50***, quando, como resultado de uma crise histérica em sua segunda fase, promoveu uma desordem geral no Pavilhão B: corria desesperadamente no reduzido espaço de sua cela, com os olhos fixos e desorbitados, enquanto gritava ***"Pachachutquiy!"***, ***"Pachachutquiy!"***, palavras que, nesse momento, eram incompreensíveis, se bem que reconhecemos que se tratava do idioma quéchua. Por outro lado, o ataque era sintomaticamente anormal nela.

O Dr. Cortez ordenou uma dose imediata de Valium, submetendo a desafortunada Belicena Villca a um torpor do qual ela só haveria de sair por um instante, para ver a Morte de perto, tal como sugeria a expressão de tremendo horror com que se achava retorcido seu rosto, quando foi encontrada, morta, três horas mais tarde. E aqui surge o mistério, o primeiro elemento que desconcertou e surpreendeu os experientes policiais: depois de atendida a paciente, em torno das 00:00, todos nós saímos da cela, cuja porta foi trancada pelo Dr. Cortez, que, ***inadvertidamente,*** guardou a chave em um dos bolsos de sua roupa de Papai Noel, esquecendo-se de depositá–la no quadro geral das chaves.



Assassinato ritual de Belicena Villca pelos Golen Bera e Birsa. (6 de janeiro de 1980).

Às 3 da manhã, quando a enfermeira de turno fazia sua ronda habitual, notou a falta da chave, da qual ninguém soube dar parte. Deduziu disso que teria sido levada pelo Dr. Cortez, e como as cópias ficam no escritório dele, não teve outra alternativa a não ser ligar para sua casa. Não foi necessário fazê-lo, pois a telefonista interna informou que o doutor ainda estava no hospital, quase a ponto de sair. Avisado de seu erro, decidiu subir ao pavilhão B para entregar a chave e fazer uma breve inspeção ocular. Quer dizer que, durante essas três horas, a chave, único meio para abrir a porta blindada da cela, estava em poder do Dr. Cortez. Mas o Diretor do Hospital era um homem de reconhecida trajetória social, cujas virtudes morais foram sempre exaltadas

como exemplo digno de imitação e de quem, por último, ninguém ousaria duvidar, nem sequer o experiente policial Maidana, encarregado da investigação do caso.

Enfim, o Dr. Cortez abriu a porta da cela, acompanhado por mim e pela enfermeira García, exatamente às 03:05. Um odor doce e penetrante foi a primeira coisa que nos chamou a atenção. Era uma fragrância parecida com incenso de sândalo e era tão fora de lugar, ali, que nos olhamos perplexos. Mas isso foi só um instante, pois o que veio depois concentrou toda a nossa atenção.

Belicena Villca jazia em seu leito, sem dúvida morta há algum tempo, com o pescoço intumescido por causa do estrangulamento ao qual foi submetida. A arma homicida, uma corda cor de marfim, estava enlaçada em sua cabeça, mas já solta. E as duas extremidades caíam suavemente sobre o peito até o lado da cama.

Era um espetáculo tão horrível que a experiente enfermeira García soltou um grito de horror e cambaleou para trás e eu tive que segurá-la pelos ombros, apesar de que minhas próprias pernas não estavam lá muito firmes. E não era para menos: a morta tinha as mãos fechadas sobre os cobertores, em ambos os lados do corpo, posição em que deveriam estar no momento da morte e que a rigidez cadavérica conservou, o que indicava que não se defendera do misterioso assassino. Este deve ter lhe infundido tal terror que, mesmo vendo que lhe passavam o laço no pescoço, e logo sentindo que ele se fechava e lhe prendia a respiração, só atinou a agarrar desesperadamente o cobertor. Tal dedução se afirmava ao contemplar o rosto: olhos muito grandes e desorbitados e a boca entreaberta, permitindo ver a língua inchada, que parecia interrompida em uma palavra inconclusa, algo que nunca mais seria pronunciado novamente — talvez a misteriosa ***Pachachutquiy***.

Exporei agora o segundo elemento absurdo e irracional que, ao intervir com o peso contundente do concreto, eliminou qualquer esperança de ver uma pronta e simples conclusão. Explicarei melhor. O fato incompreensível de que a porta estivesse fechada com chave quando se cometia o crime, primeiro elemento, poderia ser ignorado estabelecendo as hipóteses lógicas, ainda que improváveis, de que o assassino tivesse outra chave, ou que existisse uma conspiração do corpo médico etc. Por fim, a polícia formulava tais hipóteses e o que eles queriam era despojar o caso de todo o mistério ou ilusão sobrenatural. Mas a corda marfim, segundo elemento, consistia em um objeto muito tangível para se ignorar.

O segundo elemento foi a evidência de que algo sinistro e irracional tinha se instalado incontestavelmente entre nós. Tratava-se de uma corda de um metro de comprimento construída com cabelo, ao parecer, humano, trançado e tingido. Mas o insólito era representado pelas duas medalhas de ouro, uma em cada extremidade, girando loucamente em dois pequenos cones de ouro. As medalhas em si constituíam o mais absurdo do conjunto: exatamente iguais em suas formas de Estrela de Davi, não o eram, no

entanto, suas gravações e inscrições. Uma delas tinha talhado em relevo um ***trevo de quatro folhas***, esculpido no hexágono central; a outra mostrava um fruto que, indubitavelmente, correspondia à ***romã.***

Eu as achei parecidas com certas joias maçônicas que vi em uma exposição do Rotary Club; mas a familiaridade terminou quando lembrei e raciocinei que o único ponto de semelhança entre estas e aquelas era a Estrela de Davi que, como todos sabem, é formada por dois triângulos equiláteros entrelaçados. É um símbolo adotado há milênios pelo povo hebreu para se identificar, como se pode comprovar hoje em dia, vendo-a na bandeira do Estado de Israel.

As partes posteriores das medalhas tinham inscrições. Mas estas, longe de esclarecer algo, aumentavam nossa confusão, pois estavam redigidas em dois idiomas diferentes. Uma frase, gravada horizontalmente no centro, era escrita em caracteres hebreus, ainda que tais signos não fossem os mesmos em cada medalha. Rodeando estas palavras havia outra inscrição em letras latinas, desta vez idêntica para ambas as joias. Nesse momento, ninguém pôde esclarecer a qual idioma pertencia: ***"ada aes sidhe draoi mac hwch".*** As palavras hebraicas, por seu lado, diziam; "na romã **בונח** (hgiv)"; e "no trevo **וחבח** (hvhi)".

Como se compreenderá, esta curiosa corda de joias dava toda a sensação de ser algo de uso cerimonial ou religioso, atributo que o oficial Maidana captou imediatamente, pois ao examiná-la, não pôde evitar um gesto de repugnância e uma exclamação:

- Eca! Isto é coisa de judeu!

Capítulo III

Eu sei que muita gente poderosa de nosso país considera que todo oficial de polícia correto deve professar imprescindivelmente a "ideologia nacionalista"; e sei também que tal indefinível ideologia se opõe aos grandes internacionalismos, tais como o marxismo, a maçonaria, o sionismo, as corporações multinacionais etc., e até a política exterior das potências imperialistas. Na ideologia nacionalista é crença comum que todas essas vastas organizações convergem em uma cúpula de poder, situada em algum lugar do mundo, verdadeiro Governo Secreto, ao qual chama de ***"Sinarquia Internacional"***.

A Sinarquia teria desenvolvido uma Estratégia cuja execução há de conduzir à formação de um Governo Mundial que regeria todas as Nações da Terra. As diferenças e contradições que se percebem entre as grandes organizações mencionadas seriam de ordem tática e puramente exteriores; nos vértices de poder todas coincidiriam e os esforços gerais seriam encaminhados para cumprir a Estratégia sinárquica.

Na ideologia nacionalista é dogma, há um século, que a Sinarquia foi fundada pelos ***judeus*** com a pretensão de assegurar o domínio do Mundo e dar assim cumprimento a profecias emanadas da Bíblia e a mandamentos do Talmude. Por isso, os nacionalistas que sustentam estas ideias costumam odiar ardentemente os judeus.

Não me surpreendeu, então, a exclamação antijudaica do oficial Maidana; mas, entendendo que se tratava de uma impressão apressada, procurei fazê-lo compreender que atribuir origem judaica à corda homicida, apenas porque as medalhas tinham forma de Estrela de Davi, era, no mínimo, temerário. Com efeito, tal símbolo é utilizado também por outras religiões ou seitas, como a Maçonaria, a Teosofia, os Rosa-cruzes, as Igrejas Cristãs e diversas outras...

Além disso, disse-lhe, havia a romã e o trevo, constituindo-se uma combinação estranha. E as inscrições indecifráveis? E o cordão de cabelo tingido? Não. Não seria tão fácil qualificar o conjunto.

Ainda que pareça incrível, faltava algo na cela de Belicena Villca: o portfólio com todos os seus escritos. A polícia, ao se inteirar de seu conteúdo, e considerá-lo como absolutamente carente de valor, descartou imediatamente uma possível subtração e se negou terminantemente a vinculá-lo ao motivo do crime: em vez disso, tentou persuadir-nos de que o portfólio pudesse ter ido parar no incinerador do Hospital, quer seja por acidente, quer seja por represália de alguma enfermeira chateada pelo excessivo zelo com que o cuidava a enferma.

Capítulo IV

Soube no Hospital sobre Belicena Villca. Chegou em dezembro de 1978 em uma ambulância do Exército. Dois fortes suboficiais a acompanharam até o escritório do Diretor e entregaram a ele uma carta do Chefe do Regimento de Cavalaria 230, com assentamento em Salta, Coronel Mario Pérez, junto com um envelope contendo documentação e uma ficha médica. Na carta, informou-nos depois o Dr. Cortez, o Coronel lhe solicitava que internasse Belicena Villca como paciente do Hospital, "a qual padecia de uma doença mental devidamente comprovada pelos médicos militares, que assinavam os estudos adjuntos". A mulher, oriunda da Província de Tucumã, tinha um único filho, desaparecido durante a Grande Repressão de 1977. Ignorando seu paradeiro e, *aparentemente* tendo a certeza de que as autoridades lhe negavam informações, começou a transladar-se resolutamente por várias províncias do norte argentino e inclusive saiu do país, viajando pelo interior da Bolívia e do Peru. Essa conduta pareceu suspeita para os Serviços de Inteligência, que a submeteram a intensa vigilância e finalmente a detiveram.

Foi durante os fortes interrogatórios que se considerou a possibilidade de que Belicena Villca estivesse mentalmente desequilibrada, pelo qual, depois das consultas a médicos militares, se dispôs o seu translado para o Hospital Neuropsiquiátrico Dr. Javier Patrón Isla. Quanto ao filho, o Exército nada sabia de seu paradeiro, nem se militava em alguma organização subversiva; seu desaparecimento foi o que justamente alertou as autoridades, pois se pensou que tivesse passado para a clandestinidade. Esta ideia se firmou ao se conhecer a surpreendente atividade da mãe, tema que motivou finalmente sua detenção. A informação precedente era fornecida pelo Coronel para que não se desse crédito às histórias ou às reclamações que a enferma pudesse fazer.

Segundo o Dr. Cortez, o tom da carta não admitia réplica; era quase uma ordem internar Belicena Villca. Em sua opinião, se deviam considerar duas possibilidades: ou a mulher enlouqueceu durante o "interrogatório", ou a história que apresentava o Exército era real. O que se deveria descartar completamente era uma terceira variante: que soubesse algo sobre a subversão... Nesse caso, teria sido executada. Eram tempos difíceis nessa época; a Argentina ocupada militarmente em 1976, vinha suportando uma tremenda repressão, que começou com o extermínio dos famosos "guerrilheiros niilistas", que era a qualificação oficial, e concluiu com um banho de sangue digno de Calígula, no qual caíram, além dos míseros guerrilheiros, gente de toda laia. Os mortos e desaparecidos contavam-se aos milhares e, em uma atmosfera tão perigosa, não era bom para a saúde discutir ordens militares.

— Logo virão tempos melhores — dizia-nos o Dr. Cortez — lembrem-se que os militares se regem pelas leis da Estratégia.

E com sua habitual erudição, citava-nos Maquiavel, gênio da Estratégia, que, em sua obra "O Príncipe", diz: "... ao se apoderar de um Estado, todo usurpador deve refletir sobre os crimes que é necessário cometer, e executá-los todos de uma vez, para que não tenha que renová-los dia a dia e, ao não se ter essa necessidade, possa conquistar os homens por força dos benefícios". "Porque as ofensas devem ser realizadas de uma só vez para que, durando menos, firam menos; enquanto os benefícios devem ser proporcionados pouco a pouco, a fim de que se saboreiem melhor".

Esta era, para o Dr. Cortez, a filosofia do Governo.

Lembro-me como se fosse hoje quando acompanhei Belicena Villca ao pavilhão B, impressionado por seu tratamento culto e sua elegância simples. Sem ser realmente alta, parecia ser, devido ao seu pequeno corpo, mas altivo; o cabelo negro e liso, de fios finos, cai-lhe até a cintura. Os olhos, levemente puxados, eram verdes, e o nariz um pouco proeminente dava um efeito de firmeza ao rosto, enquadrado em um oval quase perfeito. Sua boca, proporcional, era de lábios carnudos; as sobrancelhas cheias e retas sobre os olhos. Tudo nela emanava um ar vital que em nada delatava uma idade de 47

anos e, apesar de que os rigores passados deixassem sua pegada marcante, adivinhava-se que em sua juventude foi uma mulher de extraordinária beleza.

Os estudos realizados no Hospital confirmaram que Belicena padecia de algum tipo de esquizofrenia, pelo que o Dr. Cortez, não tão sensível a considerações estéticas, decidiu manter o diagnóstico dos médicos militares de "demência senil irreversível", ainda que tal avaliação fosse totalmente injusta.

Enquanto caminhava pelos corredores rumo ao pavilhão B, recebi a primeira das incontáveis surpresas que me daria o trato com Belicena Villca e sua estranha história. Lendo a identificação de material plástico com meu nome, preso no bolsinho do jaleco, disse:

— Dr. "Arturo Siegnagel". O senhor tem um nome mágico: ***"urso da garra vitoriosa"***. Sabia?

— Suponho que sim — respondi, enquanto traduzia mentalmente: ***Arturo***, do grego ***arctos***, significa ***"urso"; Sieg*** quer dizer ***"vitória"*** em alemão; e ***nagel, "garra"*** no mesmo idioma.

— O que me surpreende — completei — é que a senhora o saiba. Entende grego e alemão?

— Oh, não é necessário, Dr. Eu ***vejo com o Sangue.*** Sei o que sempre soube – disse-me com um sorriso sincero.

Realmente está doente, pensei tolamente, acreditando que aludia à teoria da reencarnação, como fazem os espíritas, clientes permanentes de nossos pavilhões. Nesse então, não podia imaginar nem remotamente que um dia faria esforços inusitados para recordar cada uma de suas palavras, para analisá-las com grande respeito.

Capítulo V

Não deve surpreender que a polícia arquivasse o caso logo depois de começar a investigação, pois a cada passo que dava em busca de esclarecê-lo tudo se tornava mais confuso, sendo injustificável depositar tanto esforço em um crime que parecia que a ninguém interessava resolver. Em primeiro lugar, porque Belicena não tinha familiares conhecidos que reclamassem por justiça; mas, principalmente, pelo mistério que cercava o assunto: como o assassino entrou na cela hermeticamente fechada? Por que usou uma valiosa corda com joias para matar uma alienada indefesa? E o mais incompreensível: qual poderia ser a motivação do crime, que poderia tornar compreensível o ocorrido?

Não havia resposta para estas e outras interrogações que surgiam e, com o passar do tempo sem que se avançasse um palmo, o caso foi prudentemente fechado pela Polícia.

Dois meses depois ninguém falava mais do crime no Hospital Neuropsiquiátrico e eram poucos os que, alguns meses mais tarde, lembravam da malfadada Belicena Villca.

A rotina diária, o trabalho fatigante, os problemas cotidianos e inevitáveis, tudo contribui para que o homem mundano, submerso no devir de seu Destino, torne-se impermeável à dor alheia ou àqueles fenômenos que não afetam permanentemente sua realidade concreta.

Eu não sou exceção à regra e, quanto ao que se refere ao aqui narrado, certamente teria esquecido o horrível crime, acossado pelas obrigações de minha residência médica, a atenção ao consultório, ou as aulas de Antropologia americana que sigo, como curso superior de pós-graduação.

Digo "teria esquecido" porque a história de Belicena Villca invadiu de repente meu próprio mundo, transtornando-o totalmente; conduzindo-me até a borda do abismo demencial em que ela sucumbira.

Como disse, a Polícia se desinteressou bem rápido pelo crime; depois das declarações de rigor prestadas nos dias subsequentes, já não nos importunaram mais e a vida retornou ao seu ritmo habitual. No cadáver de Belicena foi realizada uma autópsia, que apenas serviu para confirmar o já suposto por nós: a morte foi ocasionada por estrangulamento com a corda branca. Como não tinha parentes conhecidos, enviou-se um telegrama ao seu único visitante, um índio chahuanco residente, ao parecer, na Província de Tucumã; mas, ao transcorrer um certo tempo, sem que este acudisse, procedeu-se a enterrar os restos em um cemitério local.

Nesses dias, meados de janeiro, em pleno verão do norte, minha única preocupação consistia em planejar as férias anuais, que começavam no dia 20 e se estendiam até o final de fevereiro. Sem dúvida, teria tempo de fazer algumas excursões e preparar as matérias que seriam cursadas em março.

Exatamente em uma visita que fiz à Faculdade de Antropologia de Salta, para me inscrever em um exame final, cruzei com o Professor Pablo Ramirez, Doutor em Filologia, de prestígio, e que conhecia por ter assistido a um de seus cursos de línguas ameríndias. Ao vê-lo, ocorreu-me, subitamente, fazer-lhe uma consulta:

— Bom dia, Dr. Ramirez. Se não se incomodar de perder apenas um momento, gostaria de lhe perguntar algo...

— Bom dia, Dr. Arturo Siegnagel — respondeu, enquanto inclinava cortesmente a cabeça calva — Diga-me, senhor.

— Veja, Dr. Ramirez, há alguns dias faleceu uma paciente no Hospital Neuropsiquiátrico onde sou médico e, antes de morrer, pronunciou uma palavra em quéchua, algo assim como ***"pachachutquiy"***; Eu traduzo ***pacha*** = Mundo, ***chutquiy*** = desmembrar; ou seja, "desmembrar o Mundo". Como isto não tem sentido, desejaria que o Senhor me diga se há alguma outra acepção para essa palavra. – Tratava de não dar informação sobre a estranha morte.

O Professor Ramirez escutou minha tradução com visível desagrado.

— De que parte era oriunda sua paciente?

— Da Província de Tucumã; parece que sempre viveu nos vales calchaqui, mesmo que ultimamente tenha viajado para o norte, inclusive para o Peru e Bolívia. Mas de tais viagens sei muito pouco, pois jamais aceitou comentá-las.

— Bem — disse o Dr. Ramirez com impaciência — Como o senhor sabe, o quéchua tem muitos dialetos; mas, de acordo com a filiação que me deu, sugiro-lhe considerar o seguinte: se em que ***pacha*** é o "Mundo", ou a "Terra", como em ***pachamama*** = Mãe Terra, em quéchua santiaguense ***pacha*** também quer dizer "Tempo". Neste dialeto, ***"chutquiy"*** é o verbo transitivo "deslocar", pelo que sua palavra significaria "deslocar o Tempo" ou "deslocamento do Tempo", em um sentido mais atual.

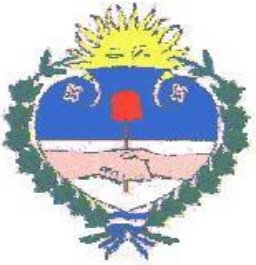
Devo confessar que uma sensação de alarme me invadiu, enquanto escutava o velho Professor, pois algo interior, um instinto secreto, dizia-me gritando que, se havia alguma explicação para o assassinato de Belicena Villca, esta se encontrava além da compreensão normal, em uma área em que certamente regiam leis ignoradas pelo homem. O que era esse "deslocamento do Tempo" senão um conceito obscuro, incompreensível, que resiste à razão, mas que tem um nexo evidente com o assassinato? Como se entende, se não é aceitando a intervenção do desconhecido, o fato de que alguém ou algo possa entrar em uma cela fechada com chave, perpetrar um assassinato, e ir embora tranquilamente, deixando para trás a corda mortal, ou seja, a prova da presença inexplicável? Sim, havia em tudo isto uma calculada negligência, como se o assassino quisesse dar uma pequena mostra de seu imenso e terrível poder, em uma exibição de orgulho demencial.

Visivelmente perturbado, despedi-me do Professor Ramirez e voltei sobre meus passos, enquanto uma certeza se afirmava cada vez mais em meu cérebro: Belicena Villca sabia que um perigo mortal a espreitava, quando gritava ***pachachutquiy***, ***pachachutquiy***.

Capítulo VI

Escudos de Províncias Argentinas.


Salta


Jujuy


Catamarca


Tucuman


La Rioja


San Juan

O assunto me intrigava e, embora duvidasse que se houvesse avançado em algo, decidi conseguir toda a informação possível sobre o crime. Quando discutimos com o Oficial Maidana sobre a provável filiação da corda de joias, fiquei de lhe mostrar alguma publicação maçônica para que se comprovasse a semelhança, somente exterior, das medalhas, com umas joias destinadas a rituais de diferentes graus de tal organização. Nesse momento não pensava em cumprir tal promessa, que fiz em uma desesperada tentativa para convencer os policiais da característica ritual do assassinato, ao ver que estes evitavam o fardo e buscavam uma solução racional que, na minha opinião, não existia.

Agora pensava em valer-me disso como desculpa para obter informação. Procurei os três enormes tomos do ***"Dicionário da Franco-Maçonaria"***, na Biblioteca da Universidade e me dirigi à Delegacia de Polícia. Em Salta, esta ocupa um antigo edifício colonial, colado ao Cabildo, em frente à praça principal, florida e provinciana. Estacionei o automóvel junto a um

parquímetro, a várias quadras de meu destino e caminhei pela rua Belgrano, rumo ao centro.

Ao chegar à Igreja do Sagrado Coração, com seu edifício de mais de 300 anos, ia pensando na juventude da América Branca diante da milenar Europa; apesar de que aqui não se tenha construído nada com mais de 400 anos, nos abala o secular, que sentimos ser antigo e remoto.

Faltava-me transitar pela quadra da recova, com seus arcos centenários, sob os quais se pode tomar um café e ler o jornal ou simplesmente contemplar os altos montes longínquos que cercam o Vale de Lerma.

Atravessei vários corredores de aspecto sombrio, até encontrar uma porta coroada por uma placa de azulejos, cujo letreiro antigo só permitiam ler ***"Escritório Geral de Investigações"***; abaixo outro cartaz, de plástico, dizia "***Subcomissariado Maidana". "Bata antes de entrar".***

As coisas saíram melhor do que Eu esperava. Enquanto o Oficial Maidana, com alegria selvagem, examinava os Dicionários, em minhas mãos se deslizavam febrilmente as poucas folhas do registro intitulado ***"Belicena Villca, Homicídio intencional".***

Assim, acompanhado pelos insultos que o policial nacionalista lançava, quando algo do que lia causava sua fúria, pude averiguar o que desejava.

Tinham realizado várias análises na corda homicida, sendo esta destruída em parte durante os testes. Uma das medalhas foi "fundida e o material submetido a análise de Espectroscopia Molecular", citando-se nas folhas o "relatório final" e remetendo-se ao "relatório principal adjunto, para qualquer discussão sobre a interpretação do mesmo". A conclusão era que, de acordo com os minerais e metais que intervinham na liga do ouro, isto teria como certa a origem em um país da Europa: Espanha. Com mais precisão, mencionava-se a zona do Rio Tinto, na província de Huelva.

— Cavaleiro Kadosh! Que caralho quer dizer isto, Dr.? – interrompeu bruscamente minha leitura o Oficial Maidana, que lia "Ritual do grau 30".

— É uma palavra hebraica que significa "muito Santo". O título seria "Cavaleiro muito Santo" – disse.

O Oficial tinha os olhos injetados de sangue.

— Sargento Quiroga! – gritou – Venha ver o que fazem os maçons!

O sargento acudiu apressado. Era um mestiço robusto como uma braúna, mas de evidente pouco conhecimento, que somou sua voz subsequentemente ao concerto de maldições que o Oficial executava.

Continuei lendo o registro. Um pedaço da corda de cabelo foi enviada ao Laboratório de Análises Patológicas da Faculdade de Medicina. O relatório remetido pela Universidade indicava que o fio era de cabelo humano, possivelmente de mulher; a substância usada no tingimento era simplesmente cal, à qual se adicionou algum suco vegetal ácido para tirar a alcalinidade.

Mas o mais curioso era que a Universidade podia certificar a raça à qual pertencia a mulher de que se cortou o cabelo fatal; o ***corte oval*** das fibras

pilosas estudadas não deixavam dúvidas: ***Raça branca***. As outras raças têm um fio de ***corte redondo***, segundo os especialistas.

Isto era quase tudo. Estavam ali as nossas declarações e o Relatório Forense. Também um relatório do Exército, com a mesma história já conhecida, onde veladamente se sugeria não aprofundar muito.

Seguiam-se papéis burocráticos sem importância, sobre o enterro e outros aspectos da investigação; mas sobre o crime em si não se tinha avançado muito.

Em resumo:

a – ***Impressões digitais***: não havia outras além das da morta e do pessoal do Hospital.

b – ***Outra chave***: não constava.

c – ***Perícia na porta***: indicou que as dobradiças estavam intactas, da mesma forma que a fechadura. Não houve violação com gazua, pé-de-cabra, nem ferramenta de nenhuma espécie.

d – ***Perícia forense***: morte por estrangulamento.

e – ***Perícia da arma homicida***: corda de cabelo humano, tingida com cal. Medalhas de ouro espanhol de significado desconhecido.

Nem uma palavra sobre o desaparecimento do portfólio e, pelo visto, não se tinha considerado útil investigar as legendas gravadas nas joias.

—... cães judeus! – gritava o Oficial, que lia o artigo "Jesuíta", onde há um quadro intitulado "A Companhia de Jesus vista pela Maçonaria", no qual se vê, entre inumeráveis símbolos de todos os tipos, o Superior Geral da Ordem Jesuíta sentado sobre uma montanha de crânios, de onde se mostra também a cruz de Cristo.

Como bom Nacionalista Católico sentia-se ressentido, ofendido pessoalmente, pela "perfídia" da judaico-maçonaria. Não acreditei ser conveniente esclarecer que a Companhia de Jesus criou, no século XIX, o "Rito Maçom do Arco Real", o qual foi finalmente adicionado ao "Grande Oriente Inglês" do "Rito Escocês Antigo e Aceito", com o que ambas as organizações estabeleceram pontos de contato permanentes. Desgraçadamente, a prova está à vista hoje em dia, ao considerar o ***marxismo aristocrático*** que os pensadores jesuítas sustentam. Seria ridículo admitir a existência de uma Sinarquia Internacional e acreditar que a Igreja Romana, organização temporal, está isenta de seu controle. Mas seria inútil; o oficial não aceitaria esse raciocínio.

Carreguei os pesados tomos e me despedi do Subdelegado Maidana.

— Adeus, Oficial, se precisar de mim, só tem que ligar para o Hospital.

— Até sempre, Dr. Agradeço-lhe a colaboração que nos prestou.

Capítulo VII

Era sexta–feira e poderia descansar o fim de semana na velha casa ensolarada de Cerrillos, um povoado belíssimo que se encontra a 18 km de Salta, sobre o mesmo caminho que conduz a Cafayate, no coração dos vales calchaquis, e, além, a Santa Maria de Catamarca. Ali ***viviam*** meus pais, já idosos, e uma irmã viúva com dois filhos.

A perspectiva de vê-los e passar alguns dias com eles sempre me enchia de alegria; assim, pois, não deve impressionar ninguém que, algumas horas mais tarde, enquanto dirigia o automóvel pelo caminho ladeado de vinhedos, não pensasse mais no horrível crime.

Entretanto, estava escrito que a paz seria breve: em menos de uma hora, minha vida se fez em pedaços e um futuro Médico, Antropólogo, Catedrático, quer dizer, um profissional completo, desapareceu como um provável Destino para mim. Na casa de meus pais me esperava a carta de Belicena Villca e o começo da loucura. Se apenas não a tivesse lido! Quanta dor, morte e aflição causei aos meus seres queridos por ter lido aquela carta e, o mais nefasto, ter acreditado no que ela dizia! E, com certeza, nada nos teria acontecido ao não receber a carta!

Quanto me arrependeria, três meses depois, por lhe ter dado crédito, ***nesse mesmo lugar!*** Na segunda-feira seguinte começavam minhas férias, e ao voltar ao Hospital, em março, tudo estaria esquecido. Não a devia ter lido: essa foi minha última oportunidade de continuar sendo ***normal***, quer dizer, cômoda e mediocremente ***normal***, amado por todos, respeitado por todos e, claro, pelo Bom Criador! Sim, não é uma blasfêmia! O Bom Deus Criador devia estar orgulhoso de mim: não interferia em nada em seus grandiosos planos, e contribuía na medida do possível para o Bem comum. O que mais se poderia esperar de um humilde Médico Psiquiatra saltenho? Mas temo muito que agora perdi tudo, até perdi o favor do Criador. Terá que ler a carta de Belicena Villca e conhecer o resto da história para discordar ou concordar comigo.

Como disse, não devia tê-la lido, e tudo teria continuado igual. ***Mas está previsto que, na vida de certas pessoas, há algo semelhante a armadilhas cuidadosamente montadas: basta tocar em uma mola para que se desencadeiem mecanismos irreversíveis.***

Capítulo VIII

Canuto, o cão pastor, se aproximou correndo para festejar minha chegada, enquanto manobrava o carro e fechava o portão. Todavia me faltava percorrer outros duzentos metros até a casa; fiz Canuto subir no banco da frente e parti. Era assim sempre; dirigia com uma mão e com a outra

acariciava o velho cão durante esses duzentos metros até a casa, que pertenciam só a ele.

Vi aproximar-se a figura de meus pais, sentados sob os centenários ipês roxos do pátio e senti as risadas de meus amados sobrinhos. Era a família, uma das mais belas coisas que pode conceber um solteirão empedernido como Eu.

— ***Bongiorno a tutti*** — brinquei, enquanto descia a mala e procurava as conhecidas guloseimas para as crianças. Como estão os vinhedos, Papai?

— Melhor do que nunca, Arturo. Há algumas uvas que são a glória de Baco! Mas de que nos serve esta abundância se neste ano não teremos vindima? ***Oh, Mein Gott!*** Este governo levará todo mundo à falência!

— Bem, Papai, calma, já não tem por que ficar irritado. Veja, trouxe-lhe um presente.

Mostrei-lhe a fita cassete de Angelito Vargas e, enquanto a colocava no toca-fitas portátil, sorvi o mate que minha irmã preparava e fazia circular silenciosamente de mão em mão.

— Tome, filho, há cinco dias chegou uma encomenda para você. Fomos buscá-la para fazer com que chegasse a você, mas como ninguém ia para Salta, ficou aqui. Deve dar seu domicílio na cidade; algum dia pode lhe chegar algo urgente aqui e você não está...

Mamãe continuou me repreendendo enquanto a voz de Angelito Vargas rasgava o tango "A Pan y Agua". Mas Eu não escutava nada. Absorto no remetente do pacote, onde claramente se lia "Belicena Villca", meu coração parecia ter parado.

O pacote continha o portfólio e, dentro dele, um envelope com uma extensa carta, tão extensa que, dir-se-ia, Belicena Villca empregou todo o seu tempo livre, durante meses, para escrevê-la. Em seguida, transcrevo-a, sem tirar nem adicionar uma vírgula. Desejo que o leitor compartilhe, em toda a sua dimensão, o Mistério que se abria ante mim, ao ler aquela incrível missiva. O envelope ostentava uma legenda, escrita à mão, com fina caligrafia:

Dr. Arturo Siegnagel

P R E S E N T E

Rasguei o envelope e li febrilmente:



SEGUNDO LIVRO

"A Carta de Belicena Villca"

Primeiro Dia

Dr. Arturo Siegnagel:

Antes de mais nada, desejo agradecer o quanto o senhor fez por mim durante esse longo ano em que fui sua paciente. Sei que muitas vezes sua bondade o levou a ultrapassar os limites da mera responsabilidade profissional e me dedicou mais tempo e cuidados do que, sem dúvida, merecia minha condição de alienada: muito o reconheço, Dr., mas, como compreenderá ao ler esta carta, minha recuperação era praticamente impossível. De qualquer maneira, a Deusa Pyrena saberá recompensar justamente seus esforços.

Certamente, quando esta carta chegar em suas mãos, eu estarei morta: Eles não perdoam e Nós não pedimos clemência. Esta possibilidade não me preocupa, já que a Morte é, em nosso caso, apenas uma ilusão, mas entendo que para o senhor a ausência será real e por isso decidi escrever-lhe. Sou consciente de que não me acreditará ***antecipadamente*** e, assim, tive o atrevimento de enviar a presente para seu domicílio de Cerrillos. Perguntar-se-á como o fiz: subornando uma enfermeira, que obteve o endereço registrado na ficha administrativa e efetuou a remessa da correspondência. Rogo-lhe que esqueça a falta de disciplina e não indague a identidade da enfermeira, pois, se morro, coisa provável, o medo a fará fechar a boca e, por outro lado, tenha em conta que ela apenas cumpria a minha última vontade. Agora irei ao ponto, Dr.: desejo solicitar-lhe um favor póstumo; mas, para ser justa com o senhor, antes o colocarei a par de certos fatos. Creio que me ajudará, pois uma Vontade, mais poderosa do que nós, o colocou em meu caminho: talvez o senhor também busque uma resposta sem o saber, talvez nesta carta esteja essa resposta.

Assim sendo, ou se o senhor já se fez consciente do Grande Engano, então leia com atenção o que se segue, pois ali encontrará algumas chaves para se orientar no Caminho de Regresso à Origem. Escrevi pensando no senhor e fui

clara até onde pude, mas conto com que me compreenderá, pois tem visivelmente plasmado o Signo da Origem.

Começarei informando-lhe que sou uma das últimas descendentes de uma antiga linhagem portadora de um Segredo Mortal, um Segredo que foi guardado por minha família durante séculos e que correu perigo de se perder para sempre, quando se produziu o desaparecimento de meu filho, Noyo Villca. Agora não importa que os Golen me assassinem, pois o objetivo de minha Estratégia foi cumprido: consegui distraí-los atrás de meus passos, enquanto Noyo levava a cabo sua missão. Na verdade, ele não foi sequestrado, mas viajou para a Caverna de Parsifal, na Província de Córdoba, para transportar até ali a Espada Sábia da Casa de Tharsis. E eu parti em seguida, em sentido contrário, com a tarefa de cobrir a missão de Noyo, desviando para mim a perseguição dos Golen. A Sabedoria Hiperbórea me ajudou, ainda que nada poderia fazer no final contra o poder de suas diabólicas drogas, uma das quais me foi administrada habilmente em uma das viagens que fiz para a Província de Jujuy. Depois disso, veio a captura por parte do Exército e a história que o senhor conhece. Mas tudo isto entenderá com mais clareza quando lhe revele, como meu legado póstumo, o Segredo familiar.

O segredo, em síntese, consiste no seguinte: a família manteve oculto, enquanto transcorriam quatorze gerações americanas, o Instrumento de um antigo Mistério, talvez o mais antigo Mistério da Raça Branca. Tal instrumento permite aos Iniciados Hiperbóreos conhecer a Origem extraterrestre do Espírito humano e adquirir a Sabedoria suficiente para regressar a essa Origem, abandonando definitivamente o demencial Universo de Matéria e Energia, das Formas Criadas.

Como chegou ao nosso poder esse Instrumento? A princípio lhe direi que foi trazido para a América por meu antepassado Lito de Tharsis, que desembarcou em Colônia Coro, em 1534 e, poucos anos depois, fundou o ramo tucumano da Estirpe. Mas isto não responde à pergunta. Na verdade, para se aproximar da resposta correta, ter-se-ia que voltar atrás milhares de anos, até a época dos Reis de meu povo, do qual Lito de Tharsis era um dos últimos descendentes. Aquele povo, que habitava a península ibérica desde tempos imemoriais, denominarei, para simplificar, "ibero", de agora em diante, sem que isso signifique aderir a nenhuma teoria antropológica ou racial moderna: a verdade é que pouco se sabe atualmente dos iberos, pois tudo quando a eles se referia, especialmente aos seus costumes e crenças, foi sistematicamente destruído ou escondido por nossos inimigos. Pois bem, na Época em que convém começar a narrar esta história, os iberos achavam-se divididos em dois bandos irreconciliáveis, que se combatiam até a morte, mediante um estado de guerra permanente. Os motivos dessa inimizade não eram pequenos: baseavam-se na prática de Cultos essencialmente opostos, na adoração de Deuses Inimigos. Pelo menos isto era o que viam os membros comuns dos povos combatentes. No entanto, as causas eram mais profundas e os membros da Nobreza governante, Reis e chefes, as conheciam com

bastante clareza. Segundo se sussurrava nas câmaras mais reservadas das cortes, uma vez que se tratava de um segredo zelosamente guardado, foi nos dias posteriores ao Afundamento da Atlântida que, procedentes do Mar Ocidental, chegaram aos continentes europeu e africano grupos de sobreviventes pertencentes a duas Raças diferentes: uns eram brancos, semelhantes aos membros do meu povo, e outros eram de tez mais morena, mas sem serem completamente negros, como os africanos. Estes grupos, não muito numerosos, possuíam conhecimentos incríveis, incompreensíveis para os povos continentais, e poderes terríveis, poderes que até então só se concebiam como atributos dos Deuses. Assim, pois, pouco lhes custou ir dominando os povos que encontravam em sua passagem. E digo "que encontravam em sua passagem" porque os Atlantes não se detinham nunca definitivamente em nenhum lugar, mas constantemente avançavam para o Leste. Mas tal marcha era muito lenta, pois ambos os grupos se achavam condenados a tarefas muito difíceis, as quais consumiam muito tempo e esforço, e para as concretizar necessitavam do apoio dos povos nativos. Na realidade, apenas um efetuava a tarefa mais "pesada", uma vez que, após estudar ordenadamente o terreno, dedicava-se a modificá-lo em certos lugares especiais, mediante enormes construções megalíticas: menires, dólmens, cromlechs, poços, montes artificiais, cavernas, etc. Aquele grupo de "construtores" era o de Raça branca e tinha precedido em seu avanço ao grupo moreno. Este último, em troca, parecia estar perseguindo o grupo branco, pois seu deslocamento era ainda mais lento e sua tarefa consistia em destruir ou alterar, mediante a escultura de certos signos, as construções daqueles.

Como dizia, estes grupos jamais se detinham definitivamente em um lugar, mas, após concluir sua tarefa, continuavam se movendo para o Leste. Porém, os povos nativos que permaneciam nos primitivos solares já não podiam retornar nunca aos seus antigos costumes: o contato com os Atlantes os havia transmutado culturalmente; a lembrança dos homens semidivinos procedentes do Mar ocidental não podia ser esquecida por milênios. E digo isto para apresentar o caso improvável de que algum povo continental pudesse permanecer indiferente depois de sua partida: realmente isto não podia ocorrer, porque a partida dos Atlantes nunca foi brusca, mas cuidadosamente planejada, apenas concretizada quando se tinha a segurança de que, justamente os povos nativos se encarregariam de cumprir uma "missão", que seria do agrado dos Deuses. Para isso tinham trabalhado pacientemente sobre as maleáveis mentes de certos membros das castas governantes, convencendo-os da conveniência de se tornarem seus representantes perante o povo. Uma oferta tal seria dificilmente rejeitada por quem detivesse uma mínima vocação para o Poder, pois significa que, para o povo, o Poder dos Deuses foi transferido para alguns homens privilegiados, para alguns de seus membros especiais: quando o povo viu uma vez o Poder, e guarda a memória dele, sua ausência posterior passa inadvertida, se ali se encontram os representantes do Poder. E é sabido que os regentes do Poder

acabam sendo os sucessores do Poder. Quando da partida dos Atlantes, pois, sempre ficavam seus representantes, encarregados de cumprir e fazer cumprir a missão que "agradava os Deuses".

E em que consistia aquela missão? Naturalmente, tratando-se do compromisso contraído com dois grupos tão diferentes como o dos brancos ou os morenos Atlantes, não poderia senão referir-se a ***duas*** missões essencialmente opostas. Não descreverei aqui os objetivos específicos de tais "missões", pois seriam absurdas e incompreensíveis para o senhor. Direi, em troca, algo sobre as formas gerais com que as missões foram impostas aos povos nativos. Não é difícil distinguir essas formas e, inclusive, intuir seus significados, se observamos os fatos com a ajuda do seguinte par de princípios. Em primeiro lugar, há que se perceber que os grupos de Atlantes desembarcados nos continentes, após o "Afundamento da Atlântida" não eram meros sobreviventes de uma catástrofe natural, algo assim como simples náufragos, mas sim homens procedentes de uma guerra assustadora e total: o Afundamento da Atlântida foi, verdadeiramente, apenas uma consequência, o final de uma etapa no desenvolvimento de um conflito, de uma Guerra Essencial que começou muito antes, na Origem extraterrestre do Espírito humano, e que ainda não terminou. Aqueles homens, então, atuavam regidos pelas leis da guerra: não efetuavam nenhum movimento que contradissesse os princípios da tática, que colocasse em perigo a Estratégia da Guerra Essencial.

A Guerra Essencial é um confronto de Deuses, um conflito que começou no Céu e depois se estendeu para a Terra, envolvendo os homens em seu curso: no teatro de operações da Atlântida apenas se travou uma Batalha da Guerra Essencial; e no quadro das forças em confronto, os grupos de Atlantes que mencionei, o branco e o moreno, intervieram como planejadores ou estrategistas de seu bando respectivo. Quer dizer, eles não foram nem os chefes nem os combatentes diretos na Batalha da Atlântida: na guerra moderna suas funções seriam as próprias dos "analistas de Estado Maior"...; salvo que aqueles "analistas" não dispunham dos computadores eletrônicos elementares, programados com "jogos de guerra", como os modernos, mas sim de um instrumento incomparavelmente mais perfeito e temível: o cérebro humano especializado até o extremo de suas possibilidades. Em resumo, quando se produz o desembarque continental, uma fase da Guerra Essencial terminou: os chefes se retiraram a seus postos de comando e os combatentes diretos, que sobreviveram ao aniquilamento mútuo, padecem de diferentes destinos: alguns tentam se reagrupar e avançar para uma vanguarda que já não existe, outros acreditam que foram abandonados na frente de batalha, outros fogem em desordem, outros acabam se perdendo ou terminam esquecendo a Guerra Essencial. Em resumo, e empregando agora a linguagem com que os Atlantes brancos falavam aos povos continentais, "os Deuses tinham deixado de se manifestar aos homens porque os homens falharam mais uma vez: não resolveram aqui o conflito, apresentado em

escala humana, deixando que o problema regressasse ao Céu e confrontasse novamente os Deuses. Mas os Deuses se enfrentaram por causa do homem, porque alguns Deuses queriam que o Espírito do homem regressasse à sua Origem, além das estrelas, enquanto outros pretendiam mantê-lo prisioneiro no mundo da matéria".

Os Atlantes brancos estavam com os Deuses que queriam libertar o homem do Grande Engano da Matéria e afirmavam que se tinha lutado muito para chegar a esse objetivo. Mas o homem foi fraco e defraudou seus Deuses Libertadores: permitiu que a Estratégia inimiga abrandasse sua vontade e o mantivesse sujeito à Matéria, impedindo assim que a Estratégia dos Deuses Libertadores conseguisse arrancá-lo da Terra.

Então a Batalha da Atlântida terminou e os Deuses se retiraram para suas moradas, deixando o homem prisioneiro da Terra, pois este não foi capaz de compreender sua miserável situação, nem dispôs de forças para vencer na luta pela liberdade espiritual. Mas Eles não abandonaram o homem; simplesmente, a Guerra já não se travava na Terra. Algum dia, se o homem voluntariamente reclamasse seu lugar no Céu, os Deuses Libertadores retornariam com todo o seu Poder e uma nova oportunidade de travar-se a Batalha seria aproveitada: desta vez seria a Batalha Final, a última oportunidade antes de que os Deuses regressassem definitivamente à Origem, além das estrelas. Entretanto, os "combatentes diretos" pela liberdade do Espírito que se reorientassem no teatro da Guerra, os que se lembrassem da Batalha da Atlântida, os que despertassem do Grande Engano, ou os buscadores da Origem, deveriam travar na Terra um dificílimo combate pessoal contra as Forças Demoníacas da Matéria, quer dizer, contra forças inimigas esmagadoramente superiores... ***e vencê-las com vontade heróica***. Só assim seriam admitidos no "Quartel General dos Deuses".

Em síntese, segundo os Atlantes brancos, "uma fase da Guerra Essencial tinha finalizado, os Deuses se retiraram para suas moradas e os combatentes estavam dispersos; mas os Deuses voltariam: isso o provavam as presenças atlantes ali, construindo e preparando a Terra para a Batalha Final. Na Atlântida, os Atlantes morenos foram Sacerdotes que propiciavam um culto aos Deuses Traidores ao Espírito do homem; os Atlantes brancos, pelo contrário, pertenciam a uma casta de Construtores Guerreiros, ou Guerreiros Sábios, que combatiam no bando dos Deuses Libertadores do Espírito do homem, junto às castas Nobre e Guerreira dos homens vermelhos e amarelos, os quais nutriam as fileiras dos 'combatentes diretos'. Por isso os Atlantes morenos tentavam destruir suas obras: porque adoravam as Potências da Matéria e obedeciam ao desígnio com que os Deuses Traidores encadearam o Espírito à natureza animal do homem".

Os Atlantes brancos provinham da Raça que a moderna Antropologia denomina de ***"Cro-magnon"***. Trinta mil anos antes, os Deuses Libertadores, que, na época, governavam a Atlântida, tinham encomendado a esta Raça uma missão de princípio, uma tarefa, cujo cumprimento demonstraria seu

valor e lhes abriria as portas da Sabedoria: deviam se expandir por todo o mundo e exterminar o animal-homem, o hominídeo primitivo da Terra que só possuía corpo e Alma, mas carecia de Espírito eterno, quer dizer, a Raça que a Antropologia batizou como de ***"Neandertal"***, hoje extinta. Os homens de Cro-magnon cumpriram com tal eficiência essa tarefa, que foram recompensados pelos Deuses Libertadores com a autorização para reagruparem-se e habitarem na Atlântida. Ali adquiriram posteriormente o Magistério da Pedra, e foram conhecidos como Guardiões da Sabedoria Lítica e ***Homens de Pedra***. Assim, quando digo que "pertenciam a uma casta de Construtores Guerreiros", há de se entender "Construtores em Pedra", "Guerreiros Sábios na Sabedoria Lítica". E este esclarecimento é importante porque, em sua Ciência ***só se trabalhava com pedra***, ou seja, tanto as ferramentas, como os materiais de sua Ciência, consistiam em ***pedra pura***, com exclusão explícita dos metais. "Os metais, explicariam depois aos iberos, representavam as Potências da Matéria e deviam ser cuidadosamente evitados ou manipulados com muita cautela". Ao transmitir a ideia de que a essência do metal era demoníaca, os Atlantes brancos procuravam, evidentemente, infundir um tabu nos povos aliados; tabu que, pelo menos no caso do ferro, manteve-se durante vários milhares de anos. Inversamente, os Atlantes morenos, sem dúvida, por sua particular relação com as Potências da Matéria, estimulavam os povos que lhes eram afeitos a praticar a metalurgia e a ourivesaria, sem restrições a nenhum metal.

E este é o segundo princípio que se deve lembrar, Dr. Arturo Siegnagel: os Atlantes brancos encomendaram aos iberos que os tinham apoiado nas construções megalíticas uma missão que se pode resumir da seguinte forma: ***proteger as construções megalíticas e lutar até a morte contra os aliados dos Atlantes morenos.*** Estes últimos, por seu lado, propuseram aos iberos que os secundavam uma missão que podia se formular assim: ***"destruir as construções megalíticas; se isso não fosse possível, modificar as formas das pedras até neutralizar as funções dos conjuntos; se isso não fosse possível, gravar nas pedras os signos arquetípicos da matéria correspondentes à função de neutralizar; se isso não fosse possível, distorcer ao menos o significado bélico da construção, tornando-a um monumento funerário; etc."; e: "combater até a morte os aliados dos Atlantes brancos".***

Como disse antes, após ter imposto essas missões, os Atlantes continuavam seu lento avanço para o Leste; os brancos sempre seguidos a prudente distância pelos morenos. É por isso que os morenos tardaram milhares de anos para alcançar o Egito, onde se assentaram e impulsionaram uma civilização que durou outros tantos milhares de anos e na qual oficiaram novamente como Sacerdotes das Potências da Matéria. Os Atlantes brancos, no entanto, seguiram sempre para o Leste, atravessando a Europa e a Ásia, por uma larga faixa que se limitava ao norte com as regiões árticas, e desapareceram misteriosamente, no final da Pré-História: no entanto, depois

de sua passagem, belicosos povos brancos se levantaram sem cessar, oferecendo o melhor de suas tradições guerreiras e espirituais para a História do ocidente.

Mas, para onde se dirigiam os Atlantes brancos? Para a cidade de ***K'Taagar*** ou ***Agartha***, um lugar que, conforme as revelações feitas ao meu povo, era o refúgio de alguns dos Deuses Libertadores, que ainda permaneciam na Terra aguardando a chegada dos últimos combatentes. Aquela ignota cidade tinha sido construída na Terra há milhões de anos, nos dias em que os Deuses Libertadores vieram de Vênus e se assentaram sobre um continente ao qual nomearam de "Hiperbórea", em lembrança da Pátria do Espírito. Na verdade, os Deuses Libertadores afirmavam provir de "Hiperbórea", um Mundo Incriado, quer dizer, não criado pelo Deus Criador, existente "além da Origem": a Origem chamavam de ***Thule*** e, segundo Eles, Hiperbórea significava "Pátria do Espírito". Existia, assim, uma Hiperbórea original e uma Hiperbórea terrestre; e um centro isotrópico Thule, assento do Graal, que refletia a Origem e que era tão impossível de localizar quanto esta. Toda a Sabedoria espiritual da Atlântida era uma herança de Hiperbórea e, por isso, os Atlantes brancos chamavam a si mesmos de "Iniciados Hiperbóreos". A mítica cidade de ***Catigara*** ou ***Katigara***, que aparece em todos os mapas anteriores ao descobrimento da América, situada "perto da China", não é senão ***K'Taagar***, a morada dos Deuses Libertadores, na qual só se permite entrar os Iniciados Hiperbóreos ou Guerreiros Sábios, ou seja, os Iniciados no Mistério do Sangue Puro.

Finalmente, os Atlantes partiram da península ibérica. Como se asseguraram de que as "missões" impostas aos povos nativos seriam cumpridas em sua ausência? Mediante a celebração de um pacto com aqueles membros do povo que representariam o Poder dos Deuses, um pacto que, se não fosse cumprido, arriscava algo a mais do que a morte da vida: os colaboradores dos Atlantes morenos colocavam em jogo a imortalidade da Alma, enquanto os seguidores dos Atlantes brancos respondiam com a eternidade do Espírito. Mas ambas as missões, tal como disse, eram essencialmente diferentes, e os acordos em que se fundamentavam, naturalmente, também o eram: o dos Atlantes brancos foi um ***Pacto de Sangue***, enquanto o dos Atlantes morenos consistiu em um ***Pacto Cultural.***

Evidentemente, Dr. Siegnagel, esta carta será extensa e terei que escrevê-la em vários dias. Amanhã continuarei do ponto do relato em que parei, e farei um breve parêntese, para examinar os dois Pactos: é necessário, pois dali surgirão as chaves que lhe permitirão interpretar minha própria história.

Segundo Dia

Começarei pelo Pacto de Sangue. O mesmo significa que os Atlantes Brancos misturaram seu sangue com os representantes dos povos nativos,

que também eram de Raça branca, gerando as primeiras dinastias de Reis Guerreiros de Origem Divina: o eram, afirmariam depois, porque descendiam dos Atlantes brancos, que, por sua vez, sustentavam ser Filhos dos Deuses. Mas os Reis deviam preservar essa herança Divina, apoiando–se em uma Aristocracia do Sangue e do Espírito, protegendo sua pureza racial: é o que fariam fielmente durante milênios... até que a Estratégia inimiga, operando através das Culturas estrangeiras, conseguiu cegá–los ou enlouquecê–los e os levou a quebrar o Pacto de Sangue. E aquela falta ao compromisso com os Filhos dos Deuses foi, como o senhor verá em continuação, causadora de grandes males.

Claro que o Pacto de Sangue incluía algo mais do que a herança genética. Em primeiro lugar, havia a promessa da ***Sabedoria***: Os Atlantes brancos tinham assegurado aos seus descendentes, e futuros representantes, que a lealdade à missão seria recompensada pelos Deuses Libertadores com a Mais Alta Sabedoria, aquela que permitia ao Espírito regressar à Origem, além das estrelas. Quer dizer, que os Reis Guerreiros, e os membros da Aristocracia de Sangue se tornariam também Guerreiros Sábios, em ***Homens de Pedra***, como os Atlantes brancos, apenas cumprindo a missão e respeitando o Pacto de Sangue; pelo contrário, o esquecimento da missão ou a traição ao Pacto de Sangue trariam graves consequências: não se tratava de um "castigo dos Deuses" nem de nada semelhante, mas de ***perder a Eternidade***, quer dizer, de uma queda espiritual irreversível, mais terrível ainda do que a que havia encadeado o Espírito à Matéria. "Os Deuses Libertadores, segundo a particular descrição que os Atlantes brancos faziam aos povos nativos, não perdoavam nem castigavam por seus atos; nem sequer julgavam, pois estavam além de qualquer Lei; seus olhares só reparavam no Espírito do homem, ou no que tinha nele de espiritual, em sua vontade de abandonar a matéria; aqueles que amavam a Criação, aqueles que desejavam permanecer sujeitos à dor e ao sofrimento da vida animal, aqueles que, por sustentar estas ilusões ou outras semelhantes, esqueciam a missão ou traíam o Pacto de Sangue, não enfrentariam, não, nenhum castigo: só era certa a perda de eternidade... a menos que se considerasse um 'castigo' a implacável indiferença que os Deuses Libertadores exibem para com todos os Traidores".

Com respeito à Sabedoria, os povos nativos recebiam, em todos os casos, uma prova direta de que podiam adquirir um conhecimento superior, uma evidência concreta, que falava mais do que as incompreensíveis artes empregadas nas construções megalíticas: e esta prova inegável, que situava todos os povos nativos acima de qualquer outro que não tivesse feito tratos com os Atlantes; consistia na compreensão da Agricultura e da forma de domesticar e governar as populações de animais úteis ao homem. De fato, quando da partida dos Atlantes brancos, os povos nativos contavam, para se sustentar em seu local, e cumprir a missão, com a poderosa ajuda da Agricultura e da Pecuária, sem importar o que tivessem sido antes:

coletores, caçadores ou simples guerreiros saqueadores. A cerca mágica dos campos, e o projeto das cidades amuralhadas, tinham que se realizar na terra por meio de um ***arado de pedra*** que os Atlantes brancos legavam aos povos nativos para tal efeito: tratava-se de um instrumento lítico projetado e construído por Eles, do qual não tinham que se separar nunca e o qual só empregariam para fundar os setores agrícolas e urbanos na terra ocupada. Naturalmente, esta era uma prova da Sabedoria, mas não a Sabedoria em si mesma.

E a Sabedoria? Quando se obteria o conhecimento que permitia ao Espírito viajar para além das estrelas? Individualmente, dependia da ***vontade*** colocada em regressar à Origem e da ***orientação*** com que essa vontade se dirigisse para a Origem: cada um poderia ir a qualquer momento e de qualquer lugar, se adquiria a Sabedoria procedente da vontade de regressar e da orientação à Origem; o combate contra as Potências da Matéria teria que ser resolvido, neste caso, pessoalmente: isso consistiria em uma façanha do Espírito e seria tido em alta conta pelos Deuses Libertadores. Coletivamente, em troca, a Sabedoria da Liberação do Espírito, que faria possível a partida de todos os Guerreiros Sábios para K'Taagar e, dali para a Origem, só se obteria quando o teatro de operações da Guerra Essencial se transladasse novamente para a Terra: então os Deuses Libertadores voltariam a se manifestar aos homens para conduzir as Forças do Espírito na Batalha Final contra as Potências da Matéria. Até então, os Guerreiros Sábios deveriam cumprir eficazmente a missão e se preparar para a Batalha Final; e nesse então, quando fossem convocados pelos Deuses para ocupar seu posto na Batalha, tocaria aos Guerreiros Sábios, em conjunto, demonstrar a Sabedoria do Espírito. Tal como afirmavam os Atlantes brancos, isso seria inevitável, se os povos nativos cumpriam sua missão e respeitavam o Pacto de Sangue pois, ***"então", a Máxima Sabedoria coincidiria com a Mais Forte Vontade de regressar à Origem, com a Maior Orientação para a Origem, com o Mais Alto Valor resoluto em combater contra as Potências da Matéria, e com a Máxima Hostilidade Espiritual para com o não espiritual.***

Coletivamente, pois, a máxima Sabedoria se revelaria no final, durante a Batalha Final, ***em um momento em que todos os Guerreiros Sábios reconheceriam simultaneamente.*** Como? ***A oportunidade seria reconhecida diretamente com o Sangue Puro, em uma percepção interior, ou mediante a "Pedra de Vênus".***

Aos Reis Guerreiros de cada povo aliado, quer dizer, aos seus descendentes, os Atlantes brancos legavam também uma ***Pedra de Vênus***, gema semelhante a uma Esmeralda do tamanho do punho de uma criança. Aquela pedra, que tinha sido trazida para a Terra pelos Deuses Libertadores, não era facetada de nenhum modo, mas finamente polido, mostrando sobre uma área da superfície uma leve concavidade, em cujo centro se ***observava*** o Signo da Origem. De acordo com o que os Atlantes brancos revelaram aos

Reis Guerreiros, antes da queda do Espírito extraterrestre na Matéria, existia na Terra um animal-homem extremamente primitivo, filho do Deus Criador de todas as formas materiais: tal animal-homem possuía essência anímica, quer dizer, uma Alma capaz de alcançar a imortalidade, mas carecia do Espírito eterno que caracterizava os Deuses Libertadores ou o próprio Deus Criador. No entanto, o animal-homem era destinado a obter, evolutivamente, um alto grau de conhecimento sobre a Obra do Criador, conhecimento que se resumia no Signo da Serpente; em outras palavras, ***a serpente representava o mais alto conhecimento para o animal-homem.*** Após protagonizar o Mistério da Queda, o Espírito veio a ficar incorporado ao animal-homem, prisioneiro da Matéria, e surgiu a necessidade de sua libertação. Os Deuses Libertadores, que nisto se mostraram tão terríveis como o maldito Deus Criador Aprisionador dos Espíritos, só atendiam, como se disse, àqueles que dispunham de vontade de regressar à Origem e exibiam orientação para a Origem; a esses Espíritos valentes, os Deuses diziam: ***"perdeste a Origem e és prisioneiro da serpente: com o Signo da Origem, compreende a serpente, e serás novamente livre na Origem!"***.

Assim, pois, a Sabedoria consistia em compreender a serpente com o Signo da Origem. Daí a importância do legado que os Atlantes brancos concediam pelo Pacto de Sangue: o ***Sangue Puro***, sangue dos Deuses, e a ***Pedra de Vênus***, em cuja concavidade se vê o Signo da Origem. Essa herança, sem dúvida alguma, podia salvar o Espírito se "com o Signo da Origem se compreendia a serpente", tal como ordenavam os Deuses. Mas concretizar a Sabedoria da Liberação do Espírito não seria tarefa fácil, pois ***na Pedra não estava plasmado de nenhum modo o Signo da Origem***: sobre ela, em sua concavidade, só se podia ***"observar"***. E o via ali apenas quem respeitava o Pacto de Sangue pois, na verdade, o que existia como herança Divina dos Deuses era um ***Símbolo da Origem no Sangue Puro: o Signo da Origem, observado na Pedra de Vênus, era tão somente o reflexo do Símbolo da Origem presente no Sangue Puro dos Reis Guerreiros, dos Guerreiros Sábios, dos Filhos dos Deuses, dos Homens Semidivinos que, junto a um corpo animal e a uma Alma material, possuíam um Espírito Eterno.*** Se o Pacto de Sangue era traído, se o sangue se tornasse impuro, então o Símbolo da Origem se enfraqueceria e já não podia ser visto o Signo da Origem sobre a Pedra de Vênus: perder-se-ia assim a possibilidade de "compreender a serpente", a máxima Sabedoria, e com isso a oportunidade, a última oportunidade, de se incorporar à Guerra Essencial. Pelo contrário, se o Pacto de Sangue era respeitado, se o Sangue se conservasse Puro, então a Pedra de Vênus poderia ser denominada com justiça de ***"espelho do Sangue Puro"***, e aqueles que observassem nela o Signo da Origem seriam ***"Iniciados no Mistério do Sangue Puro"***, verdadeiros ***Guerreiros Sábios***.

Os Atlantes brancos afirmavam que seu avanço continental era guiado diretamente por um Grande Chefe Branco ao qual chamavam Navutan. Esse Chefe, que só eles viam, e pelo qual expressavam um profundo respeito e veneração, tinha a fama de ter sido quem revelou aos próprios Atlantes brancos o Signo da Origem. Naturalmente, o Signo da Origem seria incomunicável, uma vez que só pode ser visto por quem possua, previamente, em seu sangue, o Símbolo da Origem. A Pedra de Vênus, o Espelho do Sangue Puro, permitia justamente obter fora um ***reflexo*** do Símbolo da Origem: mas aquele reflexo, o Signo da Origem, não podia ser comunicado nem por Iniciação nem por nenhuma outra função social se o receptor carecia da herança do Símbolo da Origem. Inclusive, entre os Atlantes brancos houve um tempo no qual só alguns poucos, individualmente, conseguiam conhecer o Símbolo da Origem. A dificuldade residia na impossibilidade de estabelecer uma correspondência entre o Incriado e o Criado: era como se a matéria fosse impotente para refletir o Incriado. De fato, as Pedras de Vênus foram ***modificadas estruturalmente*** pelos Deuses Libertadores para que cumprissem sua função. Com o objetivo de resolver este problema e de dotar sua Raça da Mais Alta Sabedoria, maior ainda que a Sabedoria Lítica conhecida por eles, Navutan tinha descido ao Inferno. Pelo menos era isso que contavam os Atlantes brancos. Aqui, lutou contra as Potências da Matéria, mas não conseguiu obrigá-las a refletir o Símbolo da Origem para que fosse visto por todos os membros de sua Raça. Ao que parece, foi Freya, sua Divina Esposa, que resolveu o problema: ***pôde expressar o Signo da Origem mediante a dança.***

Todos os movimentos da dança procedem do movimento das aves, de seus Arquétipos. A descoberta de Freya permitiu a Navutan compreender o Signo da Origem com a ***Língua dos Pássaros*** e expressá-los do mesmo modo. Mas esta não era uma língua composta por sons, mas por ***movimentos significativos*** que realizavam certas aves em conjunto, especialmente as aves pernaltas, como a garça ou o grou, e as aves galináceas, como a perdiz, o pavão ou o faisão: segundo Navutan, para compreender o Signo da Origem se requeriam exatamente "treze mais três Vrunas", quer dizer, um alfabeto de dezesseis signos denominados Vrunas ou Varunas.

Graças a Navutan e Freya, os Atlantes brancos eram Arúspices (de ***ave spicere***), quer dizer, eram dotados para compreender o Signo da Origem observando o voo das aves: a Língua dos Pássaros representava, para eles, uma vitória racial do Espírito contra as Potências da Matéria.

Assim se sintetizaria a Sabedoria de Navutan: ***quem compreendesse o alfabeto de dezesseis Vrunas compreenderia a Língua dos Pássaros. Quem compreendesse a Língua dos Pássaros compreenderia o Signo da Origem. Quem compreendesse o Signo da Origem compreenderia a serpente. E quem compreendesse a serpente, com o Signo da Origem, poderia ser livre na Origem.***

É claro que os Atlantes brancos não confiavam na perdurabilidade da Língua dos Pássaros, a qual, apesar de tudo, transmitiam aos seus descendentes do Pacto de Sangue. Previam que, se triunfasse o Pacto Cultural dos Atlantes morenos, a língua sagrada logo seria esquecida pelos homens; nesse caso, a única garantia de que ao menos alguém, individualmente, conseguisse ver o Signo da Origem, seria constituída pela Pedra de Vênus. Com grande acerto, basearam nela o êxito da missão. Assim, quando os Atlantes brancos se despediram de meus Antepassados, Dr. Siegnagel, sugeriram-lhes um modo adequado para assegurar o cumprimento da missão. Antes de mais nada, dever-se-ia respeitar, sem exceções, o Pacto de Sangue e manter, para isso, uma Aristocracia do Sangue Puro. Desta Aristocracia, que começava com os descendentes dos Atlantes brancos, já se tinha selecionado os primeiros Reis e as Guerreiras Sábias que ***custodiariam*** o Arado de Pedra e a Pedra de Vênus: efetivamente, a princípio, cada povo foi dividido de forma exogâmica em três grupos, cada um dos quais tinha o direito de empregar os instrumentos líticos e oferecia, para sua custódia comum, uma Guerreira Sábia; elas conservavam os instrumentos no interior de uma gruta secreta e, quando deviam ser utilizados, os transportavam as três conjuntamente; os três grupos do povo, é claro, obedeciam ao um mesmo Rei; no decorrer dos séculos, por causa da derrota cultural que logo exporei, a tríplice divisão do povo foi esquecida, ainda que tenha perdurado por muito tempo o costume de confiar a custódia dos instrumentos líticos às "Três Guerreiras Sábias" ou ***Vrayas***.

Consequentemente, todos os Reis e Nobres de Sangue seriam ***Iniciados*** no Mistério do Sangue Puro: a iniciação seria aos dezesseis anos, quando seriam colocados frente à Pedra de Vênus e se trataria de que observassem nela o Signo da Origem. Quem pudesse observá-lo disporia, nesse mesmo momento, da Sabedoria suficiente para concretizar a autolibertação do Espírito e partir para a Origem. Mas se o Guerreiro Sábio era um Rei, ou um Herói que desejava postergar sua própria liberdade espiritual em busca da libertação da Raça, dois seriam os passos a seguir. O primeiro consistia em cumprir a ordem dos Deuses Libertadores e "compreender a serpente com o Signo da Origem", comunicando depois a Sabedoria alcançada aos Iniciados restantes. Uma vez visto o Signo da Origem, o segundo passo do Iniciado exigia não afastar a atenção da Pedra de Vênus porque nela, sobre sua concavidade, um dia ver-se-ia ***o Sinal Lítico de K'Taagar***, isto é, uma ***imagem*** que indicaria o caminho para a Cidade dos Deuses Libertadores.

Este princípio daria lugar a uma secreta instituição entre os iberos, da qual falarei muito posteriormente, a dos ***Noyos*** e ***Vrayas***, corpo de Iniciados consagrados a custodiar em todo o tempo e lugar a Pedra de Vênus e aguardar a manifestação do Símbolo da Origem.

Foi assim que os descendentes ou aliados dos Atlantes brancos, que executavam o primeiro passo na compreensão da serpente, e a

representavam, ora com a forma real do réptil, ora abstratamente com a forma de espiral, foram tomados universalmente por adoradores dos ofídios. Tal confusão foi empregada malignamente para atribuir aos Guerreiros Sábios todo tipo de atos e intenções tenebrosas; com esse objetivo, o Inimigo associou a serpente às ideias que mais temor ou repugnância causavam nos povos ignorantes da Terra: a noite, a lua, as forças demoníacas, tudo o que é rastejante ou subterrâneo, o oculto, etc. Desse modo, mediante uma vulgarização caluniosa e mal-intencionada de seus atos, uma vez que ninguém, salvo os Iniciados, conheciam a existência da Pedra de Vênus e do Signo da Origem, conseguiu-se culpar os Guerreiros Sábios de Magia Negra, quer dizer, das artes mágicas mais grosseiras, aquelas que se praticam com o concurso das paixões do corpo e da Alma. Curioso paradoxo! Os Iniciados no Mistério do Sangue Puro acusados de Magia Negra e humanidade! Justamente Eles que, por compreender a serpente, símbolo total do conhecimento humano, estavam fora do humano!

Terceiro Dia

O Pacto Cultural sobre o qual os Atlantes morenos baseavam suas alianças, por seu lado, era essencialmente diferente do Pacto de Sangue. Aquele acordo se fundamentava na manutenção perpétua de um ***Culto***. Mais claramente, o fundamento da aliança consistia na fidelidade indeclinável a um Culto revelado pelos Atlantes morenos; o Culto exigia a adoração incondicional dos membros do povo nativo a um Deus e o cumprimento de Sua Vontade, a qual se manifestaria através de ***seus representantes***, a casta sacerdotal formada e instruída pelos Atlantes morenos. Não se deve interpretar com isso que os Atlantes morenos iniciavam os povos nativos no Culto do seu próprio Deus, pois ***Eles afirmavam ser a expressão terrestre de Deus***, que era o Deus Criador do Universo; eles, diziam, eram consubstanciais com Deus e tinham um alto propósito a cumprir na Terra, além de destruir a obra dos Atlantes Brancos: sua própria missão consistia em criar uma grande civilização da qual sairia, no Final dos Tempos, um Povo Eleito de Deus, também consubstancial com este, ao qual seria dado reinar sobre todos os povos da Terra; certos Anjos, a quem os malditos Atlantes Brancos denominavam de "Deuses Traidores ao Espírito", apoiariam então o Povo Eleito, com todo o seu Poder; mas estava escrito que aquela Sinarquia não poderia se concretizar sem expulsar da Terra os inimigos da Criação, que ousavam mostrar aos homens os Planos de Deus para que estes se rebelassem e se apartassem de Seus desígnios; sobreviria, então, a Batalha Final entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, quer dizer, entre aqueles que ***adorassem o Deus Criador com o coração e aqueles que compreendessem a serpente com a mente.***

Resumindo, os Atlantes morenos, que "eram a expressão de Deus", não se propunham a si mesmos como objeto do Culto nem expunham aos povos nativos sua concepção de Deus, a qual se reduziria a ***uma "Autovisão" que o Deus Criador experimentaria a partir de sua manifestação nos Atlantes morenos***: em troca, revelavam aos povos nativos o Nome e o Aspecto de alguns Deuses celestiais, que não eram senão Faces do Deus Criador, outras manifestações d'Ele no Céu; os astros do firmamento, e todo corpo celeste visível ou invisível, expressavam estes Deuses. Segundo a particular psicologia de cada povo nativo seria, pois, o Deus revelado: para uns, os mais primitivos, se lhes mostraria Deus como o Sol, a Lua, um planeta ou estrela, ou determinada constelação; para outros, mais evoluídos, seria dito que em tal ou qual astro ***residia*** o Deus de seus Cultos. Neste caso, se autorizava representar Deus mediante um fetiche ou ídolo que simbolizasse sua Face oculta, aquela com a qual os sacerdotes o percebiam em Sua residência astral.

Seja como for, que Deus fosse um astro, que existisse por trás de um astro, que se manifestasse no mundo circundante, na Criação inteira, nos Atlantes morenos, ou em qualquer outra casta sacerdotal, ou materialista, de semelhante concepção, é evidente: por pouco que se aprofunde nisso, fica evidente ***a matéria***, colocada sempre como o extremo real da Criação de Deus, quando não como a própria substância de Deus, constituindo a referência natural dos Deuses, o suporte essencial da existência Divina.

É indubitável que os Atlantes morenos adoravam as Potências da Matéria, pois tudo o que era sagrado para eles, aquilo, por exemplo, que mostravam aos povos nativos no Culto, fundamentava-se na matéria. Com efeito, a santidade que se obtinha pela prática sacerdotal procedia de uma inexorável santificação do corpo e dos corpos. E o Poder consequente, demonstrativo da superioridade sacerdotal, consistia no domínio das forças da natureza ou, em última instância, de todas as forças. Mas as forças não eram senão manifestações dos Deuses: as forças emergiam da matéria ou para ela se dirigiam, e sua formalização era equivalente à sua deificação. Isto é, o Vento, o Fogo, o Trovão, a Luz, não podiam ser senão Deuses ou a Vontade de Deuses; o domínio das forças era, assim, uma comunhão com os Deuses. E, por isso, a mais alta santidade sacerdotal, a qual se demonstrava pelo domínio da Alma, quer fosse esta concebida como corpo ou como força, significava também a mais abjeta submissão às Potências da Matéria.

O movimento dos astros denotava o ato dos Deuses: os Planos Divinos se desenvolviam com tais movimentos, nos quais cada ritmo, período, ou ciclo, tinham um significado decisivo para a vida humana. Portanto, os Atlantes morenos divinizavam o Tempo, sob a forma dos ciclos astrais ou naturais e transmitiam aos povos nativos a crença nas Eras ou Grandes Anos: durante um Grande Ano se concretizava uma parte do Plano que os Deuses tinham traçado para o homem, seu destino terrestre. O último Grande Ano, que

duraria vinte e seis mil anos solares, teria começado milhares de anos antes, quando o Cisne do Céu se aproximou da Terra e os homens da Atlântida viram descer o Deus ***Sanat***: vinha para ser o Rei do Mundo, enviado pelo Deus Sol ***Ton***, o Pai dos Homens, Aquele que é Filho do Deus Cão ***Sin***. Os Atlantes morenos glorificavam o momento em que ***Sanat*** chegou à Terra e difundiam entre os povos nativos o Símbolo do Cisne como sinal daquela recordação primitiva; daí que o Símbolo do Cisne, e depois o de toda a ave palmípede, fosse considerado universalmente como evidência de que um povo nativo determinado era adepto do Pacto Cultural; quer dizer que, ainda que o Deus ao qual rendiam Culto os povos nativos fosse diferente, Beleno, Lug, Bran, Proteu, etc., a identificação comum com o Símbolo do Cisne delatava a instituição do Pacto Cultural. Posteriormente, depois da partida dos Atlantes, o pleito entre os povos nativos se simbolizaria como uma luta entre o Cisne e a Serpente, pois o conflito era entre os partidários do Símbolo do Cisne e os que "compreendiam o Símbolo da Serpente"; claro, o significado dessa alegoria só era conhecido pelos Iniciados.

O Deus ***Sanat*** se instalou no Trono dos Antigos Reis do Mundo, existente há milhões de anos antes no Palácio ***Korn*** da Ilha Branca ***Gyg***, conhecida posteriormente no Tibet como ***Chang Shambala*** ou ***Dejung***. Ali, dispunha, para governar, do concurso de incontáveis Almas, pois a Ilha Branca estava na Terra dos Mortos: no entanto, à Ilha Branca só chegavam as Almas dos Sacerdotes, daqueles que, em todas as Épocas, tinha adorado o Deus Criador. O Rei do Mundo presidia uma Fraternidade Branca ou Irmandade Branca, integrada pelos mais Santos Sacerdotes, vivos ou mortos, e apoiada em suas ações sobre a humanidade com o Poder desses misteriosos Anjos, ***Seraphim Nephilim***, que os Atlantes brancos qualificavam de Deuses Traidores ao Espírito do Homem: de acordo com os Atlantes brancos, os Seraphim Nephilim seriam apenas duzentos, mas seu Poder era tão grande que regiam toda a Hierarquia Oculta da Terra; contavam, para exercer tal Poder, com a autorização do Deus Criador, e a eles obedeciam cegamento os Sacerdotes e Iniciados do Pacto Cultural, os quais faziam parte das fileiras da "Hierarquia Oculta" ou "Hierarquia Branca" da Terra. Em resumo, em Chang Shambala, na Ilha Branca, existia a Fraternidade Branca, chefiada pelos Seraphim Nephilim e o Rei do Mundo.

Cabe aqui esclarecer que a "brancura" predicada sobre a Mansão insular do Rei do Mundo ou sua Fraternidade não se referia a uma qualidade racial de seus moradores ou integrantes, mas à ***iluminação*** que, infalivelmente, estes possuiriam, com respeito ao resto dos homens. A ***Luz***, efetivamente, era a coisa mais Divina, fosse a luz interior, visível pelos olhos da Alma, ou a luz solar, que sustentava a vida e se percebia com os sentidos do corpo: e esta devoção demonstra, uma vez mais, o materialismo metafísico que tinha os Atlantes morenos. Segundo eles, à medida que a Alma evoluía e se elevava para o Deus Criador, "aumentava sua luz", quer dizer, aumentava sua aptidão para receber e dar luz, para tornar-se finalmente pura luz;

naturalmente essa luz era uma coisa criada por Deus, quer dizer, uma coisa finita, o limite da perfeição da Alma, algo que não poderia ser ultrapassado sem contradizer os Planos de Deus, sem cair na mais abominável heresia. Os Atlantes brancos, contrariamente, afirmavam que na Origem, além das estrelas, existia uma ***Luz Incriada***, que só podia ser vista pelo Espírito: essa luz infinita era imperceptível para a Alma. No entanto, ainda que invisível, frente a ela a Alma se sentia como ante a escuridão mais impenetrável, um abismo infinito, e caía em um terror incontrolável: e isso se devia a que ***a Luz Incriada do Espírito transmitia à Alma a intuição da morte eterna, na qual ela, como toda coisa criada, terminaria sua existência, no final de um super "Grande Ano" de manifestação do Deus Criador, um "Mahamanvantara".***

De maneira que a "brancura" da Fraternidade à qual pertenciam os Atlantes morenos não provinha da cor da pele de seus integrantes, mas da "luz" de suas Almas: a Fraternidade Branca não era racial, mas religiosa. Suas fileiras se nutriam apenas de Sacerdotes Iniciados, os quais ocupavam sempre um "justo lugar", de acordo com sua devoção e obediência aos Deuses. O sangue dos vivos tinha para eles um valor relativo: se com sua pureza se mantinha coeso o povo nativo aliado, então ter-se-ia que conservá-lo; mas, se a proteção do Culto requeria a mestiçagem com outro povo, poderia se degradar sem problemas. O Culto seria o eixo da existência do povo e tudo lhe estaria subordinado em importância; tudo, por fim, devia ser sacrificado pelo Culto: em primeiro lugar, o Sangue Puro dos povos aliados aos Atlantes brancos. Era parte da missão, uma obrigação do Pacto Cultural: o Sangue Puro derramado alegrava os Deuses e Eles reclamavam sua oferenda. Por isso, os Sacerdotes Iniciados deviam ser Sacrificadores do Sangue Puro, deviam exterminar os Guerreiros Sábios ou destruir sua herança genética, deviam neutralizar o Pacto de Sangue.

Até aqui descrevi as principais características dos dois Pactos. Não pude evitar o emprego de conceitos obscuros ou pouco habituais, mas terá que compreender, estimado Dr., que careço do tempo necessário para entrar em mais detalhes. Entretanto, antes de continuar com a história de meu povo e minha família, farei um comentário sobre as consequências que as alianças com os Atlantes trouxeram aos povos nativos.

Se em algo se destacaram na História as castas sacerdotais formadas pelos Atlantes morenos, à parte de seu fanatismo e crueldade, foi na arte do engano. Fizeram, literalmente, qualquer sacrifício, se este contribuía para a preservação do Culto: o cumprimento da missão, esse Alto Propósito que satisfazia a Vontade dos Deuses, justificava todos os meios empregados e os tornou mestres do engano. E então não se deve estranhar que, muitas vezes, simulassem serem Reis, ou se escudassem por trás de Reis e Nobres, se isso favorecia seus planos; mas isto não pode confundir ninguém: Reis, Nobres ou Senhores, se seus atos visavam manter um Culto, se professavam devota submissão aos Deuses da Matéria, se derramavam o Sangue Puro ou

procuravam degradá-lo, se perseguiam os Sábios ou afirmavam a heresia da Sabedoria, indubitavelmente tratavam-se de Sacerdotes camuflados, ainda que suas funções sociais aparentassem o contrário. ***O Princípio para estabelecer a filiação de um povo aliado dos Atlantes consiste*** na oposição entre o Culto e a Sabedoria: a manutenção de um Culto às Potências da Matéria, a Deuses que se situam acima do homem e aprovam sua miserável existência terrena, a Deuses Criadores ou Determinadores do Destino do homem, coloca automaticamente seus cultuadores no quadro do Pacto Cultural, estejam ou não os Sacerdotes à vista.

Opostamente, os Deuses dos Atlantes brancos não requeriam nem Culto nem Sacerdotes: falavam diretamente no Sangue Puro dos Guerreiros, e estes, justamente por escutar Suas Vozes, tornavam-se Sábios. Eles não tinham vindo para formar o homem em sua desprezível condição de escravo na Terra, mas para incitar o Espírito humano à rebelião contra o Deus Criador da prisão material e a recuperar a liberdade absoluta na Origem, além das estrelas. Aqui seria sempre um servo da carne, um condenado à dor e ao sofrimento da vida; ali seria o Deus que ante era, tão poderoso como Todos. E, claro, não haveria ***paz*** para o Espírito enquanto não se concretizasse o Regresso à Origem, enquanto não conquistasse a liberdade original; ***o Espírito era estrangeiro na Terra e prisioneiro da Terra***; salvo aquele que estivesse adormecido, confundido e totalmente perdido, enfeitiçado pela ilusão do Grande Engano; na Terra o Espírito só poderia se manifestar perpetuamente em guerra contra as Potências da Matéria que o retinham prisioneiro. Sim, a paz estava na Origem, aqui só poderia existir guerra para o Espírito desperto, quer dizer, para o Espírito Sábio; e a Sabedoria só poderia ser oposta a todo o Culto que obrigasse o homem a colocar-se de joelhos diante de um Deus.

Os Deuses Libertadores nunca falavam de paz, mas de Guerra e Estratégia: e então a Estratégia consistia em manter-se em estado de alerta e conservar o lugar acertado com os Atlantes brancos, até o dia em que o teatro de operações da Guerra Essencial se transladasse novamente para a Terra. E isto não era a paz, mas a preparação para a guerra. Mas cumprir a missão, o Pacto de Sangue, manter o povo em estado de alerta, exigia certa técnica, um modo de vida especial, que lhes permitisse viver como estrangeiros na Terra. Os Atlantes brancos tinham transferido aos povos nativos um modo de vida semelhante, muitas de cujas diretrizes seriam atualmente incompreensíveis. No entanto, tratarei de expor os princípios mais evidentes nos quais se baseavam, para conseguir os objetivos propostos: simplesmente, tratava-se de três conceitos: o princípio da ***Ocupação***, o princípio do ***Cerco***, e o princípio da ***Muralha***; três conceitos complementados por aquele legado da Sabedoria Atlante, que eram a Agricultura e a Pecuária.

Em primeiro lugar, os povos aliados dos Atlantes brancos não deveriam esquecer nunca do princípio da Ocupação do território e teriam que

prescindir definitivamente do princípio da ***propriedade*** da terra, sustentado pelos partidários dos Atlantes morenos. Melhor dizendo, a terra habitada era terra ocupada, e não terra própria; ocupada de quem? Do Inimigo, das Potências da Matéria. A convicção desta distinção principal bastaria para manter o estado de alerta, porque o povo ocupante era assim consciente e que o Inimigo tentaria ***recuperar*** o território por qualquer meio: sob a forma dos povos nativos aliados aos Atlantes morenos, como outro povo invasor, ou como adversidade das Forças da natureza. Acreditar na propriedade da terra, pelo contrário, significava baixar a guarda frente ao Inimigo, perder o estado de alerta e sucumbir ante Seu Poder de Ilusão.

Compreendido e aceito o princípio de Ocupação, os povos nativos deviam proceder, em segundo lugar, a ***cercar*** o território ocupado ou, pelo menos, demarcar sua área. Por quê? Porque o princípio do Cerco permitia separar o território ocupado do território inimigo: ***fora da área ocupada e cercada se estendia o território do Inimigo***. Só então, quando se dispunha de uma área ocupada e cercada, se poderia semear e fazer a terra produzir.

De fato, no modo de vida estratégico herdado dos Atlantes brancos, os povos nativos eram obrigados a atuar segundo uma ordem estrita, que nenhum outro princípio permitia alterar: em terceiro lugar, depois da ocupação e o cercado, é que se podia praticar o ***cultivo***. O motivo deste rigor era a importância capital que os Atlantes brancos atribuíam ao ***cultivo*** como ato capaz de libertar o Espírito ou de aumentar sua escravidão na Matéria. A fórmula correta era a seguinte: se um povo de ***Sangue Puro*** realizava o ***cultivo*** sobre uma terra ***ocupada***, e não esquecia em nenhum momento do Inimigo que espreitava fora, então, dentro do ***cerco***, seria livre para se elevar até o Espírito e adquirir a Mais Alta Sabedoria. Caso contrário, se se cultivava a terra acreditando em sua ***propriedade***, as Potências da Matéria emergiriam da Terra, apoderar-se-iam do homem e o integrariam ao contexto, tornando-o um objeto dos Deuses; em consequência, o Espírito sofreria uma queda na matéria ainda mais atroz, acompanhada da ilusão mais nociva, pois acreditaria ser ***"livre"*** em sua propriedade, quando seria apenas uma peça do organismo criado pelos Deuses. Quem cultivasse a terra, sem ocupá-la e cercá-la previamente, e se sentisse seu dono ou desejasse sê-lo, seria fagocitado pelo contexto regional e experimentaria a ilusão de ***pertencer*** a ele. A propriedade implica em uma dupla relação, recíproca e inevitável: a propriedade pertence ao proprietário tanto quanto este pertence à propriedade; é claro que ***não poderia existir posse sem um prévio pertencimento da propriedade a apropriar***. Mas aquele que se sentisse pertencer à terra ficaria desguarnecido frente ao Poder de Ilusão do Inimigo: não se comportaria como estrangeiro na Terra, como o homem espiritual que cultiva no cerco estratégico, pois se arraigaria e amaria a terra; acreditaria na paz e anelaria essa ilusão; sentir-se-ia ***parte*** da natureza e aceitaria que o ***todo*** é Obra dos Deuses; se ***apequenaria*** em seu lar e se espantaria com a ***grandeza*** da Criação, que o cerca por todos os

lados; não conceberia nunca uma saída da Criação; em vez disso, tal ideia o submergiria em um terror sem nome, pois nela intuiria uma heresia abominável, uma insubordinação à Vontade do Criador, que poderia acarretar-lhe castigos imprevisíveis; submeter-se-ia ao Destino, à Vontade dos Deuses que o decidem, e lhes renderia Culto para ganhar seu favor ou para aplacar suas iras; seria abrandado pelo medo e não teria forças, nem mais para opor-se aos Deuses, nem sequer para lutar contra a parte animal e anímica de si próprio, e tampouco para que o Espírito a dominasse e se transformasse no Senhor de Si Mesmo; enfim, acreditaria na propriedade da terra mas pertenceria à Terra, e cumpriria ao pé da letra a orientação indicada pela Estratégia Inimiga.

O princípio da ***Muralha*** era a aplicação factual do princípio do ***Cerco***, sua projeção real. De acordo com a Sabedoria Lítica dos Atlantes brancos, existiam muitos Mundos nos quais o Espírito era prisioneiro e em cada um deles o princípio da Muralha exigia diferentes concretizações: no mundo físico, sua aplicação correta conduzia à ***Muralha de Pedra***, a mais eficaz cerca ***estratégica*** contra qualquer pressão do Inimigo. Por isso, os povos nativos que iam cumprir a missão, e participavam do Pacto de Sangue, eram instruídos pelos Atlantes brancos na construção de muralhas de pedra, como ingrediente fundamental de seu modo de vida: todos aqueles que ocupassem e cercassem a terra para praticar o cultivo, com o objetivo de sustentar o sítio de uma obra dos Atlantes brancos, tinham também que construir muralhas de pedra. Mas a ereção das muralhas não dependia apenas das características da terra ocupada, mas de que em sua construção deviam intervir princípios secretos da Sabedoria Lítica, princípios da Estratégia da Guerra Essencial, princípios que apenas os Iniciados no Mistério do Sangue Puro, os Guerreiros Sábios, podiam conhecer. Compreender-se-á melhor o porquê desta condição se digo que os Atlantes brancos aconselhavam a "olhar com um olho para a muralha e com o outro para a Origem", o que só seria possível se a muralha se achasse ***referida***, de algum modo, à Origem.

O princípio para estabelecer a filiação de um povo aliado dos Atlantes consiste na oposição entre o Culto e a Sabedoria: mas, quais são os indícios factuais, as provas concretas, quer dizer, aquilo que é mais evidente para se determinar se se trata de Culto ou Sabedoria? Em todo caso, há que se observar se existe o ***Templo*** ou a ***Muralha de Guerra —*** porque a prática de um Culto está indissoluvelmente associada à existência de um ***Templo*** correspondente. O Templo é a base factual do Culto, seu extremo material, porque a prática da Sabedoria está indissoluvelmente associada à existência de uma ***Muralha Estratégica***. A Muralha de Guerra é a base factual do modo de vida estratégico, seu assento material. Este princípio explica o fato de que a Fraternidade Branca tenha sustentado na Terra, em todos os tempos históricos, Comunidades e Ordens Secretas especializadas na construção de Templos, e que colaborariam estreitamente com os

Sacerdotes do Pacto Cultural; e explica também o fato de que os Senhores de Agartha sustentem, através da História, as Ordens de Construtores de Muralhas de Pedra, Ordens integradas exclusivamente pelos descendentes brancos dos Atlantes brancos, os quais dominam a Sabedoria Lítica e a Estratégia da Guerra Essencial.

Quarto Dia

Por tudo o que foi visto, é evidente que do modo de vida estratégico só poderia proceder um tipo de Cultura extremamente austera. De fato, os povos do Pacto de Sangue jamais se destacaram por outro valor cultural que não fosse a habilidade para a guerra. É que estes povos, a princípio, comportavam-se como verdadeiros estrangeiros na Terra: ***ocupavam*** a região em que viviam, talvez durante séculos, mas sempre pensando em partir, sempre se preparando para a guerra, sempre desconfiando da realidade do mundo e demonstrando hostilidade essencial para com os Deuses estranhos. Não deve surpreender, pois, que fabricassem poucos utensílios e menos ainda objetos suntuosos; no entanto, ainda que escassas, as coisas eram bastante aperfeiçoadas para se lembrar de que se tratava de povos de construtores, dotados de hábeis artesãos; para comprová-lo, só bastaria observar a produção de armas, na qual sempre se sobressaíam: estas sim se fabricavam em quantidade e qualidade sempre crescente, sendo proverbial o temor e o respeito causado por elas nos povos do Pacto Cultural que experimentaram a eficácia de seu poder ofensivo.

Os povos do Pacto Cultural, contrariamente aos ***ocupantes*** da terra, acreditavam na ***propriedade*** do solo, amavam o mundo, e rendiam Culto aos Deuses propiciatórios: suas Culturas eram sempre abundantes na produção de utensílios e artigos suntuosos e ornamentais. Entre eles se aceitava que o trabalho da terra era desprezível para o homem, ainda que se o praticasse por obrigação: sua maior habilidade era, em troca, no comércio, que lhes servia para difundir seus objetos culturais e impor o Culto de seus Deuses. De acordo com suas crenças, o homem devia resignar-se à sua sorte e tratar de viver o melhor possível nesse mundo: tal era a Vontade dos Deuses, que não se devia desafiar. E para comprazer essa Vontade, o correto era servir seus representantes na Terra, os Sacerdotes e os Reis do Culto: os Sacerdotes transmitiam ao povo a Voz dos Deuses e suplicavam aos Deuses pelo destino do povo; paravam o braço dos Reis muito amantes da guerra e intercediam pelo povo quando os impostos se tornavam excessivos; eram os autores da lei e muitas vezes distribuíam justiça; quais males não se abateriam sobre o povo se os Sacerdotes não estivessem ali para aplacar a ira dos Deuses? Por outro lado, segundo eles, não era necessário buscar a Sabedoria para progredir culturalmente e chegar a um alto grau de civilização: bastava procurar ***a perfeição do conhecimento***, por exemplo,

bastava superar o valor utilitário de um utensílio e depois estilizá-lo até torná-lo um objeto artístico ou suntuoso. A Sabedoria era própria dos Deuses e a estes irritava que o homem invadisse seus domínios: o homem não devia saber, mas sim ***conhecer*** e aperfeiçoar o conhecido, até que, em um limite de excelência da coisa, esta conduzisse ao conhecimento de outra coisa, à qual também haver-se-ia que melhorar, multiplicando, desta maneira, a quantidade e a qualidade dos objetos culturais, e evoluindo para formas cada vez mais complexas de Cultura e Civilização. Graças aos Sacerdotes, pois, que condenavam a heresia da Sabedoria, mas aprovavam com entusiasmo a aplicação do conhecimento na produção de objetos que fizessem mais prazerosa a vida do homem, as civilizações de costumes refinados e luxos exóticos contrastavam notavelmente com o modo de vida austero dos povos do Pacto de Sangue.

Inicialmente, essa diferença, que era lógica, não causou nenhum efeito nos povos do Pacto de Sangue, sempre desconfiados de quanto pudesse debilitar seu modo de vida guerreiro: uma queda se produziria, profetizavam os Guerreiros Sábios, se permitiam que as Culturas estrangeiras contaminassem seus costumes. Esta certeza lhes permitiu resistir durante muitos séculos, enquanto no mundo cresciam e se estendiam as civilizações do Pacto Cultural. No entanto, no decorrer dos séculos, e por numerosos e variados motivos, os povos do Pacto de Sangue acabaram por sucumbir ***culturalmente*** diante dos povos do Pacto Cultural. Sem entrar em detalhes, pode-se considerar que duas foram as causas principais desse resultado. Por parte dos povos do Pacto de Sangue, uma espécie de ***fadiga*** coletiva que enfraqueceu a vontade guerreira: algo assim como o torpor que, por alguns momentos, costuma invadir os sentinelas, durante uma longa jornada de vigilância; essa fadiga, esse torpor, essa debilidade volitiva, os foi deixando indefesos diante do Inimigo. Por parte dos povos do Pacto Cultural, uma diabólica Estratégia, elucubrada e executada pelos Sacerdotes, baseada na exploração da Fatiga de Guerra, mediante a tentação da ilusão: assim, tentou-se os povos do Pacto de Sangue com a ilusão da paz, com a ilusão da trégua, com a ilusão do progresso cultural, com a ilusão da comodidade, do prazer, do luxo, do conforto, etc.; talvez a arma mais eficaz tenha sido a tentação do amor das belas sacerdotisas, especialmente treinadas para despertar as paixões adormecidas dos Reis Guerreiros.

Com a tentação da ilusão, os Sacerdotes procuravam arranjar alianças de sangue entre os povos combatentes, selar os "tratados de paz" com a consumação de casamentos entre membros da nobreza reinante; naturalmente, como se tratava de acasalamentos entre indivíduos da melhor linhagem, e da mesma Raça, muitas vezes não ocorria a degradação do Sangue Puro. O que buscavam, então, os Sacerdotes, com tais uniões? Dominar culturalmente os povos do Pacto de Sangue. Eles tinham bem claro que o Sangue Puro, por si só, não basta para manter a Sabedoria, se se carece da vontade espiritual de ser livre na Origem, vontade que ia se

debilitando pela Fadiga de Guerra. A Sabedoria faria o Espírito livre na Origem e mais poderoso que o Deus Criador; mas neste mundo, onde o Espírito está encadeado ao animal-homem, o Culto ao Deus Criador acabaria dominando a Sabedoria, sepultando-a sob o manto do terror e do ódio. Uma vez submetidos culturalmente, os Sacerdotes já teriam tempo para degradar o Sangue Puro dos povos do Pacto de Sangue e para cumprir seu próprio Pacto Cultural, quer dizer, para destruir as obras dos Atlantes brancos.

Em meu povo, Dr. Siegnagel, as coisas ocorreram desse modo. Os Reis, cansados de lutar e de esperar o regresso dos Deuses Libertadores, deixaram-se tentar pela ilusão de uma paz que lhes prometia múltiplas vantagens: se se aliavam aos povos do Pacto Cultural teria acesso à sua "avançada" Cultura, compartilhariam de seus costumes refinados, desfrutariam do uso dos mais diversos objetos culturais, viveriam em habitações mais cômodas, etc.; e as alianças seriam seladas com matrimônios convenientes, enlaces que deixariam a salvo a dignidade dos Reis e não os obrigariam a ceder, ***imediatamente***, a Sabedoria diante do Culto. Eles acreditavam, ingenuamente, que estavam arranjando uma espécie de trégua na qual nada perdiam e com a qual tinham muito a ganhar: e essa crença, essa cegueira, essa loucura, essa fadiga incompreensível, esse torpor, esse feitiço, foi a ruína de meu povo e a maior falta ao Pacto de Sangue com os Atlantes brancos, uma Falta de Honra. Oh, que loucura! Acreditar que se podia unir em uma só mão o Culto e a Sabedoria! O resultado, o desastre, diria, foi que os Sacerdotes atravessaram as muralhas e se instalaram entre os Guerreiros Sábios; ali intrigaram até impor seus Cultos e conseguir que estes esquecessem a Sabedoria; e, por último, lançaram-se avidamente a resgatar as Pedras de Vênus, as quais enviavam com presteza à Fraternidade Branca, mediante mensageiros que viajavam a longínquas regiões. Só pouquíssimos Iniciados tiveram a Honra e o Valor de resistir a tão repudiável claudicação e dispuseram dos meios para preservar a Pedra de Vênus e o que se recordava da Sabedoria.

Entre tais iniciados, estava um de meus remotos antepassados, que incrustou a Pedra de Vênus na guarnição de uma espada de ferro: aquela era uma arma de imponente beleza e notável simbolismo; além de sustentar a Pedra de Vênus, o punho da espada se abria acima em dois falcões de ferro, que protegiam a empunhadura e davam ao conjunto a forma de um tridente invertido; a empunhadura, por seu lado, era de um osso branco como o marfim, mas espiralado, e se afirmava, com convicção, que pertencia ao chifre do Barbo Unicórnio, animal mítico que representava o homem espiritual; e o punho da espada, de ferro como a lâmina, possuía também um par de falcões em cima, que formavam um segundo tridente invertido. Na Idade Média, como se verá, outros Iniciados gravaram na lâmina a inscrição ***"honor et mortis"***. Então, esse Iniciado estabeleceu a lei de que aquela arma devia pertencer apenas aos Reis da linhagem original, aos

descendentes dos Atlantes brancos. Vãs foram, neste caso, as tentativas feitas por gerações de Sacerdotes para se desfazer da Espada Sábia, denominada assim pelo povo: como verá, foi conservada enquanto se pôde, e depois, quando isso já não foi possível, foi mantida escondida até os dias de Lito de Tharsis, o antepassado que veio para a América, em 1534.

Repito: a loucura de reunir em uma só Estirpe o Culto e a Sabedoria causou um desastre nos povos do Pacto de Sangue: ***a interrupção da cadeia iniciática***. Ocorreu, assim, que, em um dado momento, quando os Deuses do Culto se impuseram, apagou-se a Voz do Sangue Puro e os Iniciados perderam a possibilidade de escutar os Deuses Libertadores: a ***vontade*** de regressar à Origem tinha se enfraquecido há tempos e agora careciam de ***orientação***. Sem a Voz, e sem a orientação para a Origem, já não havia Sabedoria para transmitir, já não se veria o Signo da Origem na Pedra de Vênus. Os Iniciados comprovaram, de repente, que algo tinha se cortado entre eles e os Deuses Libertadores. E compreenderam, tarde demais, que o futuro da missão e do Pacto de Sangue dependeria como nunca da luta entre o Culto e a Sabedoria, mas de uma luta que, desde então, já não se desenvolveria fora, mas dentro, no campo do sangue. O que fizeram os Iniciados ao comprovar essa realidade irreversível, as trevas que se abatiam sobre o Espírito, para contrapô-la? Quase todos atuaram da mesma maneira. Partindo do princípio de que tudo quanto existe neste mundo é apenas uma grotesca imitação das coisas do Mundo Verdadeiro, e ante a impossibilidade de localizar a Origem e o Caminho para o Mundo Verdadeiro, optaram por empregar os últimos restos da Sabedoria para plasmar nas Estirpes de Sangue mais Puro uma "missão familiar", consistente na ***compreensão inconsciente, com o Signo da Origem, de um Arquétipo***. Há que se perceber quão modesto era este objetivo: os Antigos Iniciados, os Guerreiros Sábios, eram capazes de "compreender a serpente com o Signo da Origem"; e a serpente é um Símbolo ***que contém Todos os arquétipos criados pelo Deus do Universo***, Símbolo que se compreendia conscientemente com o Signo ***incriado*** da Origem. Agora os Iniciados propunham, e não restavam outras opções, que uma família trabalhasse "às cegas" sobre ***um*** Arquétipo criado, tratando de que o Símbolo da Origem presente no sangue o compreendesse casualmente algum dia e revelasse a Verdade da Forma Incriada.

Em resumo, Dr. Siegnagel, para certas Estirpes, por cujas veias corre o sangue Divino dos Atlantes brancos, foi atribuída uma missão familiar, um objetivo a lograr, na passagem de incontáveis gerações, que iriam repetindo perpetuamente um mesmo drama, girando em torno de um mesmo Arquétipo. Como o Alquimista mexe com o chumbo, os membros da família escolhida repetiriam incansavelmente os testes estabelecidos pelos antepassados, até que, um dia, um deles, girando em um círculo percorrido mil vezes, sob outros céus, chegasse a cumprir a missão familiar, purificando então seu ***sangue astral***. Produzir-se-ia, assim, uma

transmutação que lhe permitiria superar a involução do Kaly Yuga ou Idade Obscura, regressar à Origem e adquirir novamente a Sabedoria.

É óbvio esclarecer que a missão familiar seria secreta e que atualmente é desconhecida para os membros das Estirpes descendentes dos Atlantes brancos. A missão exigia o cumprimento de uma diretriz específica, cujo conteúdo não teria necessariamente relação com as metas ou objetivos da comunidade cultural à qual pertencia a Estirpe escolhida; inclusive, segundo a Época, a diretriz poderia ser incompreensível ou simplesmente chocar os cânones culturais em voga. Mas nada disto importaria, porque a missão era plasmada no sangue familiar, na árvore da Estirpe, e os ramos descendentes iriam tendendo inevitavelmente para a diretriz, em um esforço inconsciente e sobre-humano por superar a queda espiritual. Claro, a diretriz específica descrevia o Arquétipo ao qual se teria que compreender no sangue com o Símbolo da Origem, para transcendê-lo e chegar até a Forma Incriada. Para algumas famílias, por exemplo, se lhes encomendou a perfeição de uma ***pedra***, de um ***vegetal***, de um ***animal***, de um ***símbolo***, de uma ***cor***, de um ***som***, de uma ***função*** orgânica determinada ou de um ***instinto***, etc. A perfeição da coisa em pauta requeria penetrar em sua íntima essência até tocar os limites metafísicos, quer dizer, até ajustar-se à forma perfeita do Arquétipo criado; por consequência, considerando que o Arquétipo criado é apenas uma mera cópia da Forma Incriada, seria possível ***orientar-se*** novamente para a Origem, se se compreendia o Arquétipo com o Símbolo da Origem presente no Sangue Puro; e ali estava a Sabedoria.

A missão familiar não culminava, pois, com a simples apreensão transcendente do Arquétipo criado, mas exigia sua ***recriação*** espiritual. Partindo de uma qualidade existente no mundo, voltar-se-ia sobre ela várias vezes, incansavelmente, durante éons, até penetrar na íntima essência e concretizar sua perfeição arquetípica: se ***recriaria***, então, a qualidade no Espírito e se a compreenderia com o Símbolo da Origem. Só assim dar-se-ia a condição da Existência para o Espírito, só assim o Espírito ***seria*** algo existente além do criado: não percebendo a ilusão do criado, mas recriando o percebido no Espírito e compreendendo-o com o Incriado. Ao cumprir desse modo a missão familiar, o sangue astral, não a hemoglobina, seria purificado e faria ser possível uma transmutação que é própria dos Iniciados Hiperbóreos ou Guerreiros Sábios, que transforma o homem em um super-homem imortal.

No curso dessa via não evolutiva, os convocados, os chamados para cumprir a missão familiar, serão capazes de ***criar*** "magicamente" várias coisas. Os Iniciados no Mistério do Sangue Puro obtêm, por exemplo, um vinho mágico, ***soma, haoma*** ou ***amrita***; depois de uma destilação milenar do licor em pauta, este é incorporado ao sangue, ***recriado***, como um néctar transmutador. Também a manipulação do som permite chegar a uma harmonia superior, a uma música das esferas; o Espírito, vibrando em uma nota única, ***om***, recria a essência inefável do ***logos***, o Verbo Criador. E tanto

aquele néctar como este som, ou outras formas arquetípicas semelhantes, podem ser recriadas no Espírito e compreendidas pelo Símbolo da Origem, compreendidas pelo Incriado, abrindo assim as portas à Origem e à Sabedoria.

Sua família, Dr. Siegnagel, foi destinada a produzir um mel arquetípico, o suco requintado do doce. Desde tempos remotos, seus antepassados trabalharam todas as formas do açúcar, desde o cultivo até o refino; desde os melaços mais grosseiros até os méis mais excelentes. Um dia se esgotou a gestão empírica e um açúcar metafísico, quer dizer, um Arquétipo, se incorporou no sangue astral da família, iniciando um lento processo de refino interior que culminou no senhor. Hoje o açúcar metafísico foi ajustado com perfeição arquetípica e o esforço de milhares de antepassados se condensou em sua pessoa: ***a doçura buscada está em seu Coração***. É a vez do senhor dar o último passo da transmutação, ***recriar*** esse açúcar arquetípico no Espírito, e ***compreendê-lo com o Símbolo da Origem***. Mas não sou Eu que deve lhe falar disto, pois seus antepassados far-se-ão presentes um dia, todos juntos, e lhe reclamarão o cumprimento da missão.

Quinto Dia

Agora que já lhe comuniquei estes antecedentes imprescindíveis, mergulharei na história de minha família, Dr. Siegnagel. A mesma, segundo adiantei, descende diretamente dos Atlantes Brancos e, portanto, dos Antigos Divinos Hiperbóreos. Há milhares de anos, os iberos foram vítimas também dessa Fadiga de Guerra que ia causando uma amnésia generalizada nos descendentes dos Atlantes brancos. Primeiramente, se foi flexibilizando a austeridade dos costumes e se permitiu que os hábitos urbanos dos povos do Pacto Cultural se confundissem com o modo de vida estratégico: aquela penetração cultural teve incidência decisiva na desmoralização do povo, na perda de seu alerta guerreiro. Depois se selaram as alianças de sangue que, conforme o engano de que padeciam os últimos Guerreiros Sábios, concretizariam as ilusões de paz, riqueza, comodidade, progresso, etc. Logicamente, junto com os Príncipes e Princesas dos povos do Pacto Cultural, vieram os Sacerdotes para impor seus Cultos aos Deuses Traidores e às Potências da Matéria. Os guerreiros perderam assim sua espiritualidade, conheceram o temor e especularam com o valor da vida: ainda seriam capazes de lutar, mais apenas até os limites do medo, como os animais; e, claro, far-se-iam "temerosos dos Deuses", respeitosos de suas Vontades Supremas, às quais ninguém ousaria desafiar; já não levantariam, pois, a vista da Terra, nem buscariam a Origem. Daí em diante apenas os ***Heróis*** protagonizariam as façanhas que os guerreiros agora não se atreviam a realizar: triste lugar de exceção o reservado aos Heróis, quando nos dias dos Atlantes brancos toda a Raça era uma comunidade de Heróis.

O triunfo do Culto causou o esquecimento da Sabedoria. O Espírito foi adormecendo no Sangue Puro e só aqueles Guerreiros Sábios que ainda conservavam um resto de lucidez deram com o recurso desesperado de plasmar a "missão familiar". No caso de nossa Estirpe, Dr. Siegnagel, a loucura de reunir em uma só mão o Culto e a Sabedoria conduziu meus antepassados a uma demencial proposta: estabeleceram como diretriz ***a perfeição do Culto***. Quer dizer que a coisa a aperfeiçoar não seria para nós uma mera qualidade, tal como a cor ou o som, mas o próprio Culto imposto pelos Sacerdotes, o Culto a uma Divindade revelada pelos Atlantes morenos. E me refiro exatamente a ***Belisana***, a Deusa do Fogo. Mas, ***todo Culto é a descrição de um Arquétipo***: a missão familiar exigia, pois, o demencial objetivo de aperfeiçoar o Culto até ajustá-lo ao seu Arquétipo, o qual, ao final, era uma Deusa, isto é, uma Face do Deus Criador; e, como cúmulo, ordenava-se ***re-criar*** no Espírito esse Arquétipo, essa Deusa, e compreendê-lo com o Símbolo Incriado da Origem: isso era como pretender que o Espírito de um membro descendente da linhagem familiar abrangesse, um dia, o Deus Criador, e o Universo inteiro, para depois compreendê-lo com o Símbolo da Origem! Em outras palavras, isso era como exigir, no final, a Mais Alta Sabedoria, o cumprimento do mandado dos Atlantes brancos: ***compreender a serpente, com o Símbolo da Origem***!

Não poderia assegurar-lhe se esta alucinante proposta foi o produto da loucura de meus antepassados ou obedeceu a uma inspiração superior, a uma solicitação que os Deuses Libertadores faziam para a Estirpe: talvez Eles soubessem desde o princípio que um dos nossos chegaria a cumprir a missão familiar e despertaria, como Guerreiro Sábio, no exato momento em que se travasse, sobre a Terra, a Batalha Final. Porque, se descartamos um ato de loucura dos Guerreiros Sábios e aceitamos que atuaram com plena consciência do que supunham conseguir, não se explica a extrema dificuldade de semelhante missão, a menos que seu cumprimento contribuísse para a Estratégia da Guerra Essencial e se confiasse na ajuda e guia invisível dos Deuses Libertadores. Talvez, então, os Deuses Libertadores quisessem contar, durante a Batalha Final, com Iniciados capazes de ***ficar cara a Cara com Eles***, e tivessem decidido dotar certas linhagens, como a minha, do instrumento adequado para isso, isto é, da ***compreensão do Arquétipo dos Deuses***. Esta necessidade se entende por meio de uma antiga ideia que os Atlantes brancos transmitiram aos Guerreiros Sábios de meu povo: de acordo com essa revelação, os Deuses Libertadores eram Espíritos Incriados que existiam livremente fora de toda determinação material; mas os Espíritos encadeados na Matéria, no animal-homem, tinham perdido a Origem e, com isso, a capacidade de perceber o Incriado: apenas podiam se relacionar com o criado, com as formas arquetípicas; por isso, os Deuses Libertadores costumavam empregar "como vestimenta" alguns Arquétipos de Deuses para se manifestarem aos homens: naturalmente, tais manifestação só aconteciam em frente aos Iniciados Hiperbóreos, porque apenas os Iniciados seriam

capazes de transcender "as vestimentas", as formas dos Arquétipos criados e resistir "cara a Cara" às Presenças Terríveis dos Deuses Libertadores. Sendo assim, talvez Eles tenham querido que um Iniciado de minha Estirpe chegasse, algum dia, presumivelmente durante a Batalha Final, a colocar-se em contato com a Deusa Hiperbórea que costuma se manifestar através de Belisana, que os Atlantes brancos chamavam de ***Freya*** e os Antigos Hiperbóreos de ***Lillith***.

Seja qual for o caso, por loucura ou inspiração Divina, o certo é que a diretriz daquela missão determinou que nossa família se consagrasse com ardor à perfeição do Culto à Deusa Belisana. Certamente, essa dedicação tão especial à prática de um Culto tenha sido salvadora pois, durante muitas gerações, acreditou-se que a nossa era uma linhagem de Sacerdotes: na verdade, os primeiros descendentes na missão familiar não deviam se diferenciar muito dos mais fanáticos Sacerdotes adoradores do Fogo. No entanto, no decorrer das gerações, foram surgindo membros que penetraram mais e mais na essência do ígneo.

A Deusa Belisana era representada, no Culto primitivo, pela Chama de uma Lâmpada Perene dos Atlantes morenos. As Lâmpadas Perenes foram cedidas pelos Sacerdotes para selar as alianças de sangue entre membros do povo do Pacto Cultural e do Pacto de Sangue, e como meio mágico mais seguro para impor o Culto sobre a Sabedoria. Desse modo, entre os iberos de meu povo, um Guerreiro Sábio contraiu enlace com uma princesa ibera, que era também Sacerdotisa do Culto à Deusa Belisana, e recebeu como dote aquela lâmpada, cuja Chama não se apagava nunca. Absurdamente, minha família possuiu então a Espada Sábia, com a Pedra de Vênus dos Atlantes brancos, e a Lâmpada Perene, com a Chama dos Atlantes morenos. Mas a Espada Sábia não desempenharia ainda seu papel: só era zelosamente conservada, por tradição familiar, pois se tinha perdido a faculdade de ver o Signo da Origem sobre a Pedra de Vênus. Em troca, à Lâmpada Perene, ao Culto da Chama Sagrada, era oferecida toda a atenção. Assim, houve descendentes que conseguiram aperfeiçoar a Divina Chama, aproximando-a cada vez mais do Arquétipo ígneo da Deusa. E houve também descendentes que conseguiram isolar e apreender a essência do ígneo, incorporando o Arquétipo do Fogo no sangue familiar. Quando isto ocorreu, alguns antepassados, prudentemente, abandonaram o Culto da Chama e se retiraram para um Feudo do sul da Espanha. Deixaram a Lâmpada Perene aos familiares restantes, que eram incapazes de faltar ao Culto, e conservaram a Espada Sábia, que, para aqueles não significava nada. Claro que aqueles que ficaram com a custódia da Lâmpada Perene continuaram sendo Reis ou Sacerdotes, porque o povo estava completamente entregue ao Culto da Deusa Belisana: os que se retiraram, meus antepassados diretos, tiveram que ceder, em troca, todos os seus direitos à sucessão real. No entanto, mantiveram algum poder como Senhores da Casa de Tharsis, perto de Huelva, em Andaluzia.

Foi então que adotaram o ***Barbo Unicórnio*** como símbolo da Casa de Tharsis. A princípio, representavam aquele peixe mítico em seus escudos ou em primitivos brasões, mas na Idade Média, como se verá, foi incorporado heraldicamente ao escudo de armas familiar. O barbo cavaleiro, ***barbus eques***, é o mais comum nos rios da Espanha, especialmente o Odiel, que circulava a poucos metros de Tharsis; recebe o peixe tal nome devido a quatro barbichas que tem na mandíbula inferior, a qual é muito saliente. No entanto, o barbo ao qual se referiam os Senhores de Tharsis era um peixe provido de um chifre frontal e cinco barbichas. O mito que justificava o símbolo afirmava que o barbo, deslocando-se pelo rio Odiel, era semelhante à Alma transitando pelo Tempo transcendente da Vida: uma representação do animal-homem. Mas os descendentes dos Atlantes brancos não eram como o animal-homem, pois possuíam um Espírito Incriado encadeado na Alma criada: então o barbo não os representava concretamente. Daí a adição do chifre espiralado, que correspondia ao instrumento empregado pelos Deuses Traidores para encadear o Espírito Incriado, quer dizer, à ***Chave Kâlachakra***; naturalmente, o Espírito Incriado era irrepresentável, e por isso, era insinuado, deixando sem terminar, nas representações do barbo unicórnio, a ponta do chifre: além do chifre, a uma distância infinita, encontrava-se o Espírito Incriado, absurdamente relacionado com a Matéria Criada. E a barba do barbo, é claro, significava a herança de Navutan, o número de Vênus.

Naturalmente, os Senhores de Tharsis prosseguiram praticando o Culto à Belisana, pois até Lito de Tharsis, não houve nenhum que compreendesse a missão familiar, e além disso, porque isso era estabelecido e sancionado pelas leis de meu povo. Mas o objetivo secreto da missão familiar impulsionava implacavelmente seus participantes a recriar espiritualmente o Arquétipo ígneo, e isso os marcou com um sinal inconfundível: adquiriram fama de serem uma família de místicos e de aventureiros, quando não de loucos perigosos. E algo de verdade havia em tais fábulas, pois aquele Fogo no sangue, a princípio descontrolado, causava os extremos mais intensos da violência e da paixão: existiram aqueles que experimentaram em suas vidas o ódio mais terrível e o amor mais sublime que humanamente se possa conceber; e toda essa experiência se condensava e sintetizava na Árvore do Sangue e se transmitia geneticamente aos herdeiros da Estirpe. Com o passar do tempo, as tendências extremas foram se separando e surgiam periodicamente Senhores que eram puro Amor ou puro Valor, quer dizer, grandes "Místicos" e grandes "Guerreiros". Entre os primeiros, estavam os que asseguravam que a Antiga Deusa "tinha se instalado no coração" e que sua Chama "os incendiava em um êxtase de Amor"; entre os segundos, os quais, contrariamente, afirmavam que "Ela lhes tinha gelado o coração", tinha-lhes infundido tal Valor que, agora, eram tão duros "como as rochas de Tharsis". Também as Damas intervinham nesta seleção: elas sentiam o Fogo do Sangue como um Deus, ao qual identificavam como Beleno, "o esposo de Belisana"; na realidade este Beleno, Deus do Fogo, ao qual os gregos conheciam como

Apolo, o Hiperbóreo, era um Arquétipo ígneo empregado desde os dias da Atlântida pelo mais poderoso dos Deuses Libertadores como "vestimenta" para se manifestar aos homens: refiro-me ao Grande Chefe dos Espíritos Hiperbóreos, Lúcifer, "o que desafia com o Poder da Sabedoria o Poder da Ilusão do Deus Criador", o Enviado do Deus Incognoscível, o verdadeiro Kristos de Luz Incriada.

Faltava, pois, que da Estirpe dos Senhores de Tharsis brotasse o rebento que haveria de cumprir a missão familiar, que recriasse no Espírito o Fogo dos Deuses e o compreendesse com o Símbolo da Origem. Antecipo-lhe, Dr. Siegnagel, que só houve ***dois*** que tiveram essa possibilidade em grau eminente: Lito de Tharsis, no século XVI, e meu filho Noyo, na atualidade. Mas vamos a isso passo a passo.

Sexto Dia

A Serra Catochar sempre foi rica em ouro e prata. Enquanto meu povo era forte na península ibérica, essa riqueza permitiu que os Senhores de Tharsis vivessem com grande esplendor. O modo de vida estratégico tinha sido esquecido milhares de anos antes de adquirirem os direitos daquele Feudo e já não se "ocupava" a terra para praticar o cultivo mágico: nessa Época, acreditava-se na propriedade da terra e no poder do ouro. Todos os Reinos estavam infestados de comerciantes e mercadores que ofereciam, por ouro, as coisas mais preciosas: especiarias, gêneros, vestidos, utensílios, joias e até armas; sim, as armas que no passado eram produzidas por cada povo combatente, sendo as mais perfeitas acumuladas pelos povos do Pacto de Sangue, então podiam se adquirir dos traficantes por um punhado de ouro. E os Senhores de Tharsis, com seu ouro e sua prata, compravam dos camponeses a metade de suas colheitas; a outra metade, menos o necessário para subsistir, era logicamente dos Senhores de Tharsis, por serem estes os "proprietários" da terra. E a sobra daqueles alimentos, junto com o ouro e a prata que abundavam, iam parar nos portos de Huelva, que então se chamava Onuba, para tornarem-se mercadorias dos mais variados tipos.

Os fenícios, descendentes da Raça vermelha da Atlântida, contavam-se entre os povos que aderiram desde o início ao Pacto Cultural. No passado, foram inimigos jurados dos iberos: apenas cem anos antes de que minha família chegasse ao Feudo de Tharsis, os fenícios tinham ocupado a cidadela de "Tarshish", que se achava encravada perto da confluência dos rios Tinto e Odiel. Finalmente, depois de uma breve mas encarniçada guerra, meu povo recuperou a praça, ainda que condicionada por um tratado de paz que permitia o livre comércio dos homens vermelhos. Desde Tarshish até Onuba, em pequenos transportes fluviais ou em caravanas, e desde Onuba até o Oriente Médio, em navios estrangeiros, os fenícios monopolizavam o tráfego de mercadorias, pois a presença de mercadores procedentes de outros povos

era incomparavelmente menor. Sem julgar aqui o impacto cultural que aquele trânsito comercial causava nos costumes de meu povo, o certo é que os Senhores de Tharsis governavam um país tranquilo, que ia se tornando famoso por sua riqueza e prosperidade.

Mas eis que aquela paz ilusória logo veio a ser perturbada; e não exatamente, como se poderia concluir de uma observação superficial, porque o ouro de Tharsis tivesse despertado a cobiça de povos estrangeiros e conquistadores. Tal cobiça existiu, e invasores e conquistadores existiram muitos, contudo, o motivo principal de todos os problemas, e finalmente da Casa de Tharsis, ***foi a chegada dos*** Golen.

Desde o século VIII antes de Jesus Cristo, aproximadamente, desde que Sargão, Rei da Assíria, destruiu o Reino de Israel, começaram a aparecer os Golen na península ibérica. No início, vinham acompanhando os comerciantes fenícios e desembarcavam em todos os portos do Mediterrâneo, mas depois comprovou-se que também avançavam por terra, acompanhando um povo cita que tinham dominado na Ásia Menor. Este povo, que era da nossa própria Raça, atravessou a Europa de leste a oeste e chegou à Espanha dois séculos depois, quando a obra destrutiva dos malditos Golen estava bastante adiantada. Os Golen, por sua vez, evidenciavam claramente que pertenciam a outra Raça, coisa que eles confirmavam com orgulho: eram membros, vangloriavam-se, do Povo Eleito pelo Deus Criador para reinar sobre a Terra. Seus mestres tinham sido os Sacerdotes egípcios e vinham, portanto, em representação dos Atlantes morenos. Todos os povos nativos da península, e também o que depois chegou com os Golen, não lembravam mais do modo de vida estratégico e estavam em poder de Sacerdotes de diferentes Cultos: a missão dos Golen consistia, justamente, em demonstrar sua autoridade sacerdotal e unificar os Cultos. Para isso dispunham de diabólicos poderes, que lembravam, sem dúvida, os Atlantes morenos, e uma crueldade sem limite.

O Deus Criador e as Potências da Matéria os enviavam para reafirmar o Pacto Cultural. Os tempos estavam maduros para que o homem recebesse uma nova revelação, um conhecimento que traria mais paz, progresso e civilização do que até então alcançado pelos povos do Pacto Cultural, uma ideia que, algum dia, faria que estes bens fossem permanentes, e acabaria para sempre com o mal e as guerras: essa revelação, esse conhecimento, essa ideia, sintetizava-se no seguinte conceito: ***a singularidade de Deus por trás da pluralidade dos Cultos***. Os Golen, de fato, tinham vindo para iluminar os povos, e os Sacerdotes de todos os Cultos, sobre a multiplicidade das faces de Deus e a necessária unidade que este mantém em sua própria esfera; esta seria a fórmula: “acima de todas as coisas estão os Deuses e acima de todos os Deuses está O Uno”. Por isso, eles não pretendiam substituir os Deuses, nem mudar seus Nomes, nem sequer alterar a forma dos Cultos: “é natural, diziam, que Deus possua muitos Nomes, uma vez que Ele exibe muitas faces; é compreensível, também, que haja vários Cultos

para adorar as diferentes Faces de Deus; nada disso ofende Deus, nada disso questiona sua unidade; mas onde O Uno se mostrará inflexível com o homem, onde não aceitará desculpas, onde pousará seus Mil Olhos Justiceiros, será no ***sacrifício*** do Culto". Porque, qualquer que seja a forma do Culto, "o Sacrifício é Uno", ou seja, o Sacrifício participa do Uno.

De acordo com essa nova revelação, a unidade do Deus Criador se comprovava ***no*** Sacrifício ritual; e a adoração ao Deus Criador, para todos os Cultos, se demonstrava ***pelo*** Sacrifício ritual. Ai, Dr., apesar de que hoje em dia esses Cultos pareçam tão distantes no tempo, não posso pensar, sem estremecer de horror, nas milhares e milhares de vítimas humanas causadas pela descoberta dos Golen.



Comércio entre Iberos e Fenícios

Referir-me-ei agora a um aspecto escabroso da conduta dos Golen. Talvez a chave esteja no fato de que consideravam o Deus Criador, em sua unidade absoluta, como ***masculino***. O Uno, de fato, era um Deus macho e nada havia acima ou abaixo d'Ele que equilibrasse ou neutralizasse aquela polaridade. Admitiam uma relativa androginia cósmica até determinado nível, povoado por Deuses e Deusas devidamente acasalados; mas no cume, como Criador e Senhor dos demais Deuses, estava O Uno, que não era nem

andrógino nem neutro, mas ***masculino***. O Uno não admitia Deusas ao seu lado, pois se bastava a si mesmo para existir: era um Deus ***macho solitário***. Com tal concepção aberrante, não deve surpreender que os Golen fossem também homens solitários. No entanto, ainda que a chave de sua conduta esteja aqui, não há de ser tão fácil derivar dela o princípio que os levava a praticar entre eles o onanismo e a sodomia ritual. Por seu costume de viver nos bosques, afastados do povo, e suas práticas depravadas, muitos acreditaram que os Golen procediam da Frígia, onde existia um Culto antiquíssimo à Abelha macho Bute, o qual também era realizado por Sacerdotes sodomitas: ali os Sacerdotes se castravam voluntariamente e o templo era guardado por uma corte de eunucos. Outros supunham que procediam da Índia, onde se conhecia outrora um Culto de adoradores do falo. Mas os Golen não procediam nem da Frígia nem da Índia, mas do País de Canaã e não praticavam a castração nem a adoração do falo, mas a sodomia simples e clara: tinham desterrado a mulher, do mesmo modo que seu Deus tinha destronado todas as Deusas; levavam uma vida solitária e muitas vezes isenta de prazeres, salvo a sodomia ritual, que representava a Autossuficiência d'Ele.

Logicamente, se bem que os Golen fossem extremamente tolerantes para com a forma dos Cultos, e a única coisa em que não transigiam era no concernente à unidade de Deus no Sacrifício, entende-se que manifestassem predileção para com os povos cujos Cultos se personificavam em Deuses masculinos e certo desprezo pelos adoradores de Deusas. Em muito curto prazo, esta atitude de indiferença ou desprezo, quando não de franca rejeição, que os Golen dispensavam às Deusas, ia entrar em colisão com a forma tão particular que tinha adquirido em meu povo ibero o Culto a Belisana.

Mas eles contavam, certamente, com o apoio das Potências da Matéria. De outro modo não se explicaria seu êxito, pois, em relativamente pouco tempo, conseguiram dominar os povos de Hispânia e, inclusive, os de Hibérnia, Britânia, Armórica e Gália. Em que pese o crescente poder dos Golen, sua sinistra doutrina não teria causado nenhum dano aos Senhores de Tharsis, sempre dispostos a aceitar tudo o que contribuísse para aperfeiçoar a prática do Culto. Não foram os Sacrifícios ao Uno que determinaram o destino de minha família, mas outra atividade que os Golen realizavam com grande energia: procuravam, por todos os meios, fazer cumprir a segunda parte do Pacto Cultural. Quer dizer, se bem que não fosse mais necessário travar guerras com os povos do Pacto de Sangue, uma vez que foram derrotados culturalmente, ainda permaneciam intactas muitas obras megalíticas dos Atlantes brancos e isso se constituía em "um pecado que clamava ao Céu". "Os povos do Pacto Cultural faltaram em seus compromissos com os Deuses e essa culpa seria severamente castigada"; no entanto, e por sorte, para eles, existia uma solução: praticar o Sacrifício com o máximo rigor e secundar os Golen no cumprimento da missão. Em outras

palavras, os povos nativos deviam agora se consagrar ao Sacrifício, sacrificarem-se e sacrificar e, como recompensa, os Golen os libertariam do castigo Divino, executando Eles mesmos a destruição das obras megalíticas ou sua neutralização. Isto seria tudo, se não fosse porque os Deuses tinham feito uma advertência e quem a ignorasse, arriscaria a ser destruído sem piedade, como lição para os homens: o que não se perdoaria de nenhuma maneira, dali em diante, pois a Paciência dos Deuses estava esgotada, era a recordação do Pacto de Sangue e a busca da Sabedoria. Isto era proibido, abominável aos olhos dos Deuses. Mas o mais proibido, e o mais abominável, um pecado irremediável, era, sem dúvida, querer conservar a Pedra de Vênus. Aquele que não entregasse voluntariamente aos Sacerdotes do Culto, ou aos Golen, a Pedra de Vênus, sofreria a ***sentença de extermínio***, quer dizer, pagaria com a destruição de sua linhagem, com o aniquilamento de todos os membros da Estirpe.

Nem é preciso dizer que os Golen se apoderaram muito rapidamente de quase todas as Pedras que ainda continuavam em mãos de povos nativos. Diferentemente dos Sacerdotes do Culto, eles só remetiam algumas para a Fraternidade Branca; reservavam outras para utilizá-las em atos de magia, pois se vangloriavam de conhecer seus segredos e de podê-las empregar em proveito de seus planos; e a estas denominavam, pejorativamente, de ***ovos de serpente***. Os Senhores de Tharsis, é claro, jamais confiaram nos Golen, nem se amedrontaram com suas ameaças. Mas a Espada Sábia era uma realidade que se tinha tornado lenda popular e à qual não se podia negar com seriedade: os Golen suspeitaram desde o primeiro momento que nessa arma existia um secreto vestígio do Pacto de Sangue. Uma vez que os Senhores de Tharsis não concordavam em entregá-la voluntariamente, e não podia ser comprada por nenhum preço, decidiram aplicar contra eles todos os recursos de sua magia, os diabólicos poderes com o que lhe tinham dotado as Potências da Matéria. E aí a surpresa dos Golen foi muito grande, pois comprovaram que aqueles poderes nada podiam contra o Fogo demencial que havia no sangue dos Senhores de Tharsis. A loucura, mística ou guerreira, que os distinguia como homens imprevisíveis e indomáveis, os situava também fora do alcance dos conjuros mágicos dos Golen. Não restava a estes outra alternativa, de acordo com seus demoníacos desígnios, a não ser apoderarem-se pela força da Espada Sábia e submeter a Casa de Tharsis à pena de extermínio.

Este foi, Dr. Siegnagel, o verdadeiro motivo do contínuo estado de guerra em que tiveram que viver, dali em diante, os Senhores de Tharsis, o que significou a perda definitiva da ilusória soberania desfrutada até então, e não a "cobiça" que povos estrangeiros e conquistadores pudessem ter alimentado por suas riquezas. Ao contrário: não existia em todo o orbe um Rei, Senhor, ou simples aventureiro da guerra, ao qual os Golen não tivessem tentado com a conquista de Tharsis, com o fabuloso saque em ouro e prata que ganharia aquele que tentasse a façanha. E foram suas intrigas

que causaram o constante assédio de bandidos e piratas. Enquanto puderam, os Senhores de Tharsis resistiram à pressão, valendo-se de seus próprios meios, quer dizer, com o concurso dos guerreiros de meu povo. Mas quando isso não foi mais possível, especialmente quando se inteiraram de que os fenícios de Tiro estavam concentrando um poderoso exército mercenário nas Baleares para invadir e colonizar Tharsis, não tiveram outra saída a não ser aceitar a ajuda, naturalmente interessada, de um povo estrangeiro. Neste caso, solicitaram auxílio da Lídia, uma Nação pelasga do Mar Egeu, integrada por exímios navegantes, cujos grandes navios atracavam em Onuba duas ou três vezes ao ano, para comercializar com o povo de Tharsis; tinham o defeito de que também eram mercadores, e produtores de prescindíveis mercadorias, e estavam acostumados a práticas e hábitos muito mais "avançados culturalmente" do que os "primitivos" iberos; mas, em compensação, exibiam a importante qualidade de que eram de nossa própria Raça e demonstravam uma indubitável habilidade para a guerra.

A História denominou de "pelasgos" um conjunto de povos assentados em diferentes regiões dos litorais mediterrâneos e tirrenos, da península egeia, e da Ásia Menor. Então, para encontrar uma origem comum em todos eles, há que se remeter ao Princípio da História, aos tempos posteriores à catástrofe atlante, quando os Atlantes brancos instituem o Pacto de Sangue com os nativos da península ibérica. Na verdade, então só havia um povo nativo, que foi separado de acordo com as leis exogâmicas atlantes em três grandes grupos: dos iberos, dos bascos, e o dos que depois seriam os pelasgos. Por sua vez, cada um destes grandes grupos se subdividia internamente em três, em todas as organizações sociais tribais das aldeias, povoados e Reinos. Aquele povo único seria conhecido, depois da partida dos Atlantes brancos como ***Virtriones*** ou ***Vrtriones***, quer dizer, pecuaristas; mas o Nome não tardou em tornar-se ***Vitriones***, ***Vetriones*** e, por influência de outros povos, especialmente dos fenícios, ***Veriones*** ou ***Geriões***. O "Gigante Gerião", com um par de pernas, quer dizer, com uma só base racial, mas tríplice da cintura para cima, ou seja, com três corpos e três cabeças, procede de um antigo Mito pelasgo no qual se representa o povo original com a tríplice divisão exogâmica imposta pelos Atlantes brancos; no decorrer dos séculos, os três grandes grupos do povo nativo foram identificados por seus nomes particulares e se esqueceu da unidade original: as rivalidades e intrigas estimuladas desde o Pacto Cultural contribuíram para isso, acabando cada grupo sendo convencido de sua individualidade racial e cultural. Já mencionei os iberos, pois descendo deles, e os continuarei citando nesta história; dos bascos nada direi, só que, bem cedo, traíram o Pacto de Sangue e se aliaram ao Pacto Cultural, erro que pagariam com muito sofrimento e uma grande confusão estratégica, uma vez que era um povo de Sangue Muito Puro; e quanto aos pelasgos, o caso era bastante simples. Quando os Atlantes brancos partiram, iam

acompanhados massivamente pelos pelasgos, aos quais tinham encarregado a tarefa de transportá-los por mar para a Ásia Menor. Ali se despediram dos Atlantes brancos e decidiram permanecer na zona, dando lugar, com o tempo, à formação de uma numerosa confederação de povos. Sucessivas invasões os obrigaram, em muitas ocasiões, a abandonar seus assentamentos, mas, como tinham se tornado excelentes navegantes, souberam sair em segurança de todos os problemas: no entanto, aqueles deslocamentos os trariam novamente na direção da península ibérica; no momento em que transcorre a aliança com os lídios, século VIII A.J.C., outros grupos pelasgos ocupam já a Itália e a Gália, sob o nome de etruscos, tirrenos, truscos, taruscos, ruscos, rasenos, etc. O grupo dos lídios que os Senhores de Tharsis convocaram ainda permaneciam na Ásia Menor, ainda que suportando nessa Época uma terrível escassez de alimentos; reconheciam, pelas tradições, o parentesco próximo que os unia aos iberos, mas afirmavam descender do "Rei Manes", lendário antepassado que não era outro senão o "Manu", o Arquétipo perfeito do animal-homem, imposto em seus Cultos pelos Sacerdotes do Pacto Cultural.

Uma vez conseguido o acordo com os embaixadores do Rei da Lídia, que incluía o conhecido intercâmbio de princesas, dezenas de barcos pelasgos começaram a chegar aos portos de Tharsis. Vinham repletos de temíveis guerreiros, mas também traziam muitas famílias de colonos dispostas a se estabelecerem definitivamente entre aqueles parentes distantes, que tanta fama tinham por sua riqueza e prosperidade. Essa pacífica invasão não entusiasmava muito os de meu povo, mas nada podiam fazer, pois todos compreendiam a iminência do "perigo fenício". Perigo que desapareceu, nem bem estes perceberam a mudança de situação e avaliaram o custo que se supunha agora para a conquista de Tharsis. Desta vez os Golen foram burlados; mas não esqueceriam a Espada Sábia, nem os Senhores de Tharsis, nem a sentença de extermínio que pesava sobre eles.

Naquelas circunstâncias, a aliança com os pelasgos foi um acerto, desde todo ponto de vista. Os Lídios contavam-se entre os primeiros povos do Pacto de Sangue que tinham vencido o tabu do ferro e conheciam o segredo de sua fundição e forja: nesse então, as espadas de ferro eram a arma mais poderosa da Terra. No entanto, em que pese serem notáveis comerciantes, jamais vendiam uma arma de ferro, as quais só produziam na quantidade certa para seus próprios usos. Fabricavam, em troca, um grande número de armas de bronze para a venda ou troca: daí seu interesse em radicarem-se em Tharsis, cuja veia cuprífera de primeira qualidade era conhecida desde tempos lendários, quando os Atlantes cruzavam o Mar ocidental e extraíam o cobre com a ajuda do Rio de Poseidon. O cobre quase não tinha sido explorado pelos Senhores de Tharsis, deslumbrados pelo ouro e a prata que compravam tudo. A associação com os lídios modificou essencialmente esse critério e introduziu no povo um novo estilo de vida: o baseado na produção

de objetos culturais em grande escala, destinados exclusivamente ao comércio.

Uma dissuasiva muralha de pedra foi construída em torno da antiquíssima cidadela de Tharsis, que os pelasgos denominavam de Tartessos e acabou dando nome ao país, com um perímetro que abrangia agora uma área quatro ou cinco vezes maior. A velha cidadela havia se transformado em um enorme mercado e nos novos espaços fortificados as oficinas e fábricas surgiam diariamente. Tecidos, vestidos, calçados, utensílios, cerâmicas, móveis, objetos de ouro, prata, cobre e bronze, praticamente não existia mercadoria que não se pudesse comprar em Tartessos; e, salvo o estanho, imprescindível para a indústria do bronze, que ia se buscar em Albion, tudo, até os alimentos, se produzia em Tartessos.

Evidentemente, por influência do Pacto Cultural, a aliança entre meu povo e os lídios culminou em uma explosão civilizadora. Rapidamente, o antigo Feudo de Tharsis se tornou "o Reino Tartéside" e, em poucos séculos, se expandiu por toda a Andaluzia; os tartésios fundaram, então, cidades importantes, tais como Menace, hoje chamada Torre del Mar, ou Masita, à qual os usurpadores cartagineses rebatizaram como Cartagena. Sua frota chegou a ser tão poderosa como a fenícia e seu comércio, altamente competitivo pela melhor qualidade dos produtos, conseguiu colocar em grave perigo a economia dos homens vermelhos. No começo do século IV A.J.C., por causa da colonização grega e da expansão da colônia fenícia de Cartago, declinou um pouco a supremacia comercial e marítima mediterrânea dos tartésios.

Devo insistir no fato de que, por serem parentes próximos, facilitou-se enormemente a integração com os pelasgos. Isso pôde se comprovar especialmente no caso do Culto, onde quase não havia diferença entre os dois povos, pois os lídios adoravam também a Deusa do Fogo, a qual conheciam como Belilith. Em poucas palavras: para os lídios, Beleno era "Bel", e Belisana, "Belilith"; também, por provir de uma região onde o Pacto Cultural tinha maior influência, apresentavam algumas diferenças na língua e no alfabeto sagrado; a antiga língua pelasga, que em meu povo ainda se falava com bastante pureza, tinha sofrido nos lídios a influência de línguas semitas e asiáticas; no entanto, aquela gíria de navegantes era mais adequada para o comércio ultramarino que eles praticavam. A outra diferença era no alfabeto: há milhares de anos que, em me povo, se tinha esquecido a Língua dos Pássaros; no entanto, os últimos Iniciados, e depois os Sacerdotes da Chama, conservaram o alfabeto sagrado de treze mais três Vrunas, as quais representavam com dezesseis signos formados com linhas retas e aos quais tinham associado um som da linguagem comum; dessa maneira se dispunha de treze consoantes e três vogais; as vogais só eram conhecidas pelos Senhores de Tharsis, pois expressavam o Nome pelasgo, secreto da Deusa Lua, algo assim como ***Ioa***. Então, a novidade que traziam os lídios era um alfabeto sagrado composto por treze mais ***cinco*** letras, quer

dizer, por dezoito signos que representavam respectivos sons da linguagem comum; tinha também treze consoantes, mas as vogais eram cinco; e as duas adicionadas os lídios não podiam suprimir mais, sem perder mais da metade de suas palavras. De tudo isso, o mais importante, aquilo em que se devia concordar inicialmente, era o Nome da Deusa e o número do alfabeto sagrado. Sobre o primeiro, se conveniou referir-se à Deusa, dali em diante, com um Nome mais antigo, que tinha sido comum aos dois povos: ***Pyrena***; desde então, Belisana e Belilith seriam, para os tartésios, a Deusa do Fogo ***Pyrena***. Com respeito ao segundo, os Senhores de Tharsis, que estavam nessa ocasião pressionados pela pressão inimiga, não tiveram outro remédio a não ser aceitar a imposição do alfabeto sagrado de dezoito letras: o único consolo, ironizavam, consistia em que "o número dezoito agradava muito mais à Deusa do que o dezesseis".

De outra forma, os lídios tinham sofrido um destino parecido ao do meu povo. Em algum momento de sua história, a Fadiga de Guerra os ganhou e acabaram cedendo frente aos povos do Pacto Cultural; os últimos de seus Iniciados conseguiram então plasmar as "missões familiares" em um número ainda maior de Estirpes do que as existentes entre os meus; isso explicava a grande quantidade de famílias de artesãos, especializados nos mais variados ofícios, que integravam o povo dos lídios.

Sétimo Dia

A cordilheira de Serra Morena é parte da divisória Mariânica que separa o sul de Andaluzia do resto da península ibérica; desde o Mediterrâneo, frente às Baleares, até o monte Gordo, na desembocadura do rio Guadiana, seu relevo tem um comprimento aproximado de seiscentos quilômetros. No extremo ocidental, dando origem ao rio Odiel, desenha-se de leste a Sudoeste a Serra de Aracena, em um de cujos montes acha-se encravado o castelo Templário ao qual me referirei mais adiante. Numerosas cadeias de serras menores se estendem mais ao sul; uma delas é a do Rio Tinto, de onde provém o rio do mesmo nome; outra é a de Catochar, assento das principais minas da Casa de Tharsis. Os rios Tinto e Odiel descem para o Golfo de Cádiz e confluem, poucos quilômetros antes do litoral, formando um amplo estuário. Na faixa de terreno que resta entre ambos os rios, sobre a desembocadura do Odiel, assenta-se, desde a Antiguidade, a cidade fluvial e marítima de Onuba, hoje chamada de Huelva. E a uns vinte e cinco quilômetros de Onuba, Odiel acima, se encontrava a antiquíssima cidadela de Tharsis, nas proximidades da atual vila Valverde del Camino.

O rio Tinto, ou Pinto, recebe esse nome porque suas águas descem avermelhadas, tingidas pelo mineral de ferro que recolhe na serra Aracena. O Odiel, em troca, sempre foi um rio sagrado para os iberos, e por isso o

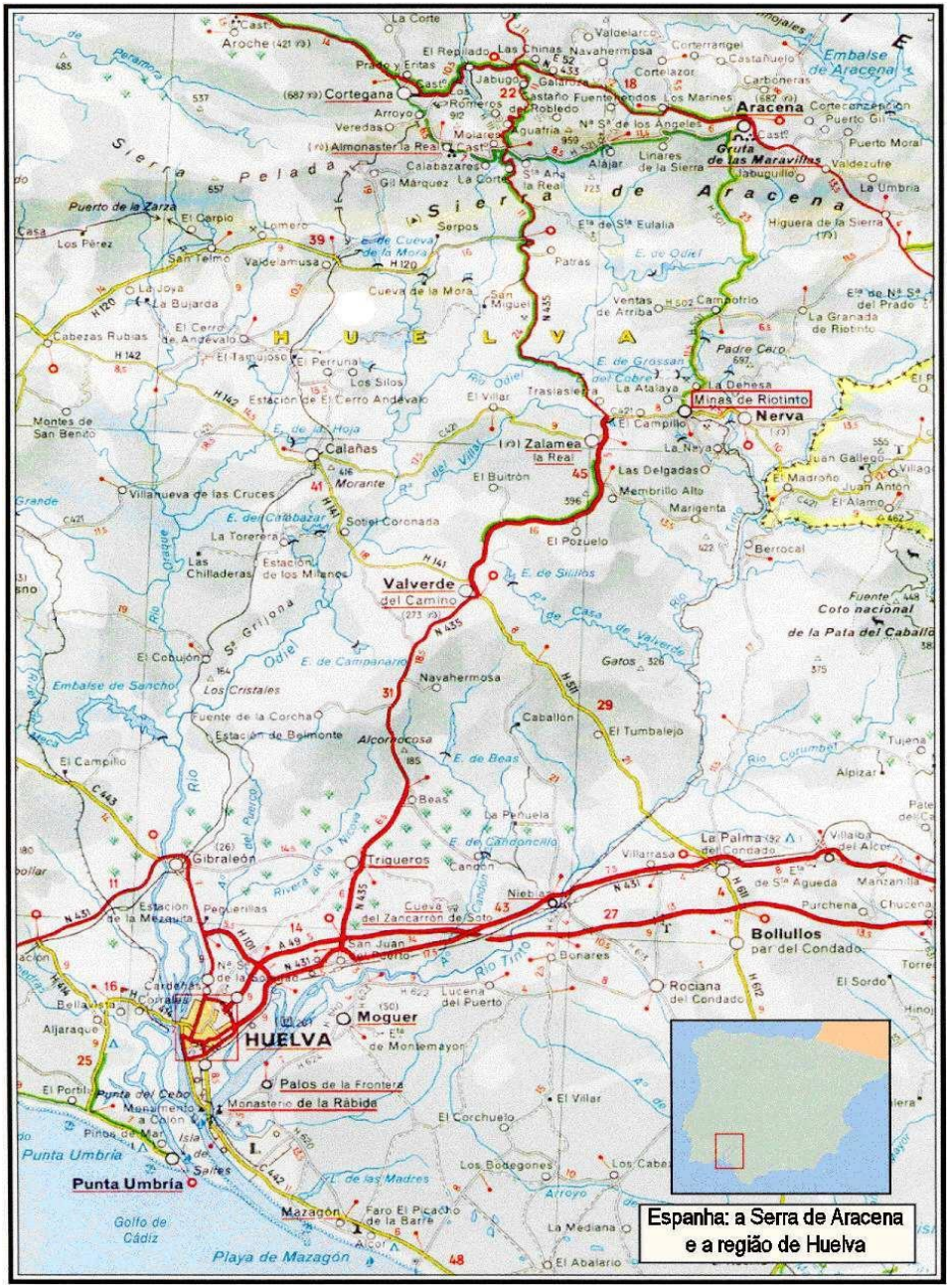
identificavam com a mais importante Vruna, a que designa o Nome de Navutan, o Grande Chefe dos Atlantes brancos. Ao que parece, Navutan significava Senhor (Na) Vutan, na língua dos Atlantes brancos; os diferentes povos indo-germânicos que participaram do Pacto de Sangue, mas depois caíram frente à Estratégia do Pacto Cultural, concluíram que se tratava de um Deus e o adoraram sob diferentes Nomes, todos derivados de Navutan: assim, foi chamado de Nabu (de Nabu-Tan); Wothan (de Na-Vutan, Na-Wothan); Odan ou Odin (de Nav-Odan, Nav-Odin); Odiel ou Odal (de Nav-Odiel, Nav-Odal); etc.

Cinco quilômetros ao norte da cidadela de Tharsis, no sistema da Serra Catochar, acha-se o monte Char, nome que significava Fogo e Verbo em diversos dialetos iberos. Em seu cume existia um bosque de Freixos, que era venerado pelos iberos, em memória de Navutan: ali os Atlantes brancos tinham erigido um enorme menir, sinalizado com Sua Vruna. Tinham-no encravado no centro do bosque, em um lugar que, estranhamente, era povoado por um pequeno grupo de macieiras. Nos dias dos Senhores de Tharsis, apenas sobrevivia uma daquelas macieiras, e ninguém sabia explicar se as outras tinham desaparecido por causas naturais ou pelo corte intencional. A que restava estava plantada a uns vinte passos do menir e via-se claramente que se tratava de uma árvore bastante centenária.

Toda a Antiguidade mediterrânea pré-grega conhecia a existência da "Macieira de Tharsis", para a qual costumavam empreender peregrinações anuais os devotos da Deusa do Fogo. No início, de fato, os freixos e macieiras eram associados a Navutan e Freya, respectivamente. Posteriormente, após a aliança de sangue com os povos do Pacto Cultural, os Sacerdotes consagraram a Macieira de Tharsis à Deusa Belisana e estabeleceram o costume de celebrar o Culto aos pés de seu envelhecido tronco. Para isso, construíram um altar de pedra composto por duas colunas e uma laje transversal, sobre a qual se assentava a Lâmpada Perene: aquele fogo imortal representava a Deusa, e a Macieira o caminho a seguir. Conforme ensinavam os Sacerdotes, o Deus Criador escreveu o Culto na semente da maçã; a árvore era apenas uma parte da mensagem referida ao destino do homem; a flor, por exemplo, equivalia ao coração do homem, o assento da Alma, e sua forma e sua cor expressavam a Promessa da Deusa; mas a outra parte da mensagem estava escrita na roseira e a Promessa da Deusa também aparecia em sua flor, em sua forma e sua cor; a macieira e a roseira não eram apenas plantas da mesma família, mas na realidade consistiam em uma só planta; foi a Promessa da Deusa que dividiu a semente da maçã, para que houvessem várias flores diferentes, flores que revelariam o caminho da perfeição àqueles homens que se entregassem a Ela e abraçassem o seu Culto.

Claro que o mito que o Culto descrevia só seria revelado pelos Sacerdotes àqueles que eles considerassem que estavam preparados para a iniciação no sacerdócio, quer dizer, àqueles que iriam ser também Sacerdotes. O significado, secreto, da Promessa seria este: a macieira e a roseira correspondiam a dois estados ou fases da vida do homem, como a infância e

a idade adulta, por exemplo: quando ***era*** "como criança", o homem tinha seu coração semelhante à flor da macieira, que era branca e rosada por fora, e se abria imprudentemente; quando ***fosse*** "como adulto", quer dizer, quando fosse iniciado como Sacerdote do Culto ou quando fosse capaz de oficiá-lo como um Sacerdote, ***teria*** o coração como a flor da roseira, que era da cor do Fogo da Deusa e jamais se abria totalmente, se não fosse para morrer; por isso existia no mundo uma só macieira e muitas roseiras: porque muitas seriam as perfeições que poderia alcançar o homem que empreendesse o sacerdócio da Deusa; a história da macieira já estava escrita, em troca, a história da roseira estava sempre se escrevendo; e a melhor parte ainda não tinha sido escrita: viriam ao mundo, algum dia, homens de um coração tão perfeito, que então adviriam as rosas mais belas, como nunca se viram antes na Terra.



Com esta explicação, entender-se-á por que os Sacerdotes tinham permitido que uma velha roseira de pitimini se enrolasse como uma

serpente no tronco da Macieira de Tharsis: indubitavelmente, tal disposição das duas árvores era necessária para representar o significado secreto do Culto. O ritual obrigava a adorar o Fogo da Deusa e admirar a flor da macieira, desejando intensamente que a Deusa cumprisse a Promessa e o coração do Sacerdote se tornasse como a flor da roseira. Mas o povo, que habitualmente ignorava esta interpretação do Culto, acudia de todos os lados à Macieira de Tharsis, para realizar suas oferendas ante o Altar de Fogo da Deusa.

Quando meus antepassados adquiriram os direitos do Feudo de Tharsis, que então era muito pequeno e estava devastado pela recente guerra contra os fenícios, assumiram o comando, naturalmente, do Culto Local, ainda que que carecessem de uma Lâmpada Perene. Praticamente não introduziram reformas no referente à Promessa, pois aceitavam como um fato que o coração estava relacionado com a flor da macieira e que a adoração à Deusa ocasionaria uma transmutação análoga à flor da roseira. Apenas no Tocante ao Fogo pôde-se perceber o primeiro efeito visível que a missão familiar estava causando nos Senhores de Tharsis; adicionaram ao título da Deusa a palavra "frio", ou seja, que Belisana era agora "a Deusa do Fogo Frio". Explicaram essa mudança como uma revelação local da Deusa. Ela tinha falado aos Senhores de Tharsis; na comunicação, afirmava que seria Seu Fogo que se instalaria no coração do homem e o transmutaria, e que esse Fogo, a princípio extremamente quente, finalmente se tornaria ***mais frio que o gelo: e seria esse Fogo Frio que produziria a mutação da natureza humana***.

Há que se ver nesta mudança algo mais do que um simples agregado de palavras: era a primeira vez que, em um Culto, aparecia a possibilidade de enfrentar e superar o temor, quer dizer, o sentimento que, em todos os Cultos, assegurava a submissão do crente; o temor aos Deuses é um sentimento necessário e imprescindível a manter vivo, para assegurar a autoridade terrestre dos Sacerdotes; se o homem não os teme, no final se rebelará contra os Deuses: mas antes se revoltará contra os Sacerdotes dos Deuses. No entanto, esta mudança não se verá, se antes não se esclarece algo que hoje não é tão óbvio: o fato de que, em todas as línguas indo-germânicas, "frio" e "medo" têm a mesma raiz, o que ainda se pode intuir, por exemplo, em ***calafrio*** (de terror). Bem, naquela época, a palavra "frio" era sinônimo de "terror" e, em consequência, o que significava o novo Culto era que um terror sem nome se instalaria no coração do crente, como "Graça da Deusa"; ***e que esse terror causaria sua perfeição***.

Assim Belisana, a Deusa do Fogo Frio, tinha se tornado também a "Deusa do Terror", um título que, ainda que os Senhores de Tharsis não pudessem sabê-lo, pertenceu, em remotíssimos tempos à própria Deusa, pois a esposa de Navutan foi conhecida igualmente como "Freya, A Que Infunde Terror à Alma e Socorro ao Espírito".

Depois de sua chegada à península ibérica, os Golen tentaram, em numerosas ocasiões, ocupar o Bosque Sagrado e controlar o Culto à Deusa do Fogo Frio, mas sempre foram rejeitados pela zelosa e obstinada loucura mística dos Senhores de Tharsis. Até chegaram a oferecer uma autêntica Lâmpada Perene dos Atlantes morenos, sabedores de que careciam dela e que eram obrigados a vigiar permanentemente a chama de sua lâmpada primitiva de óleo e amianto. Não é preciso dizer que a ofereciam em troca da unificação do Culto e da instituição do Sacrifício ritual, e que semelhante proposta era inaceitável para os Senhores de Tharsis, porque isso é óbvio a esta altura do relato. Como também é evidente que essa resistência, incomum para aqueles que se tinham imposto sobre todos os povos nativos, unida à impossibilidade de se apoderarem da Espada Sábia, os ia exasperando permanentemente contra os Senhores de Tharsis. A reação dos Golen desencadeou aquela campanha internacional alentando à conquista de Tharsis, que culminou com a perigosa tentativa de invasão fenícia desde as Baleares e Cádiz, ou Cádiz. Mas os Senhores de Tharsis convocaram os lídios e fizeram os fenícios desistirem de seu projeto conquistador, pelo menos pelos seguintes quatro séculos. Da aliança entre iberos e lídios surgiu o "Império de Tartessos", que logo se expandiu por toda a Andaluzia, a "Tartéside", e privou os fenícios de colônias litorâneas em seu território. As Baleares e a ilha de Leon, assento de Cádiz, ficaram isoladas da terra firme, pois os tartésios só lhes permitiram manter um comércio escasso, através de seus próprios portos. Qual seria a reação seguinte dos Golen, frente a esse poderio que se desenvolvia fora de seu controle e que frustrava todos os seus planos? Antes de responder, estimado e, paradoxalmente, paciente Doutor Siegnagel, devo colocá-lo a par das consequências que a presença dos lídios produziu no Culto do Fogo Frio. Para entender o que se segue, só tem que recordar que os lídios eram mais "cultos" que os iberos, quer dizer, mais civilizados culturalmente, enquanto os mais "incultos" iberos, quer dizer, mais bárbaros, eram mais "cultivados" espiritualmente que os lídios, possuíam mais Sabedoria do que conhecimento.

Essas diferenças ocasionariam que os Príncipes lídios, agora da mesma família dos Senhores de Tharsis, aceitassem sem se aprofundar no significado esotérico do Culto à Deusa do Fogo Frio, que doravante se denominaria, de comum acordo, de ***"Pyrena"***, e empregassem todos os seus esforços em aperfeiçoar a forma exotérica do Culto. Tal aplicação vai sempre em prejuízo da parte esotérica e, como não podia ser de outro modo, a longo prazo ia ser fatal para os tartésios. Mas isto já o veremos, pois como anunciei, vou indo passo a passo.

Os lídios, como em outros ofícios, eram hábeis artesãos da pedra. O que acredita que fizeram, em seu afã de aperfeiçoar a forma exterior do Culto? Decidiram, ante o horror de seus parentes iberos, que nada podiam fazer para impedi-lo, esculpir o menir do Bosque Sagrado com a Figura de Pyrena; a escultura contribuiria para sustentar o Culto, explicavam, pois o povo lídio

necessitava de uma imagem mais concreta da Deusa: sua representação como Chama era muito abstrata para eles.

O menir consistia em uma pedra bruta de cor olivácea, de uns cinco metros de altura, e com forma de cone truncado: os lídios se propunham a empregá-lo integralmente para esculpir a Cabeça da Deusa. De acordo com seu projeto, a nuca devia ficar de frente para a Macieira, de tal maneira que o Divino Rosto olhasse diretamente para o povo; e o povo, distribuído em uma clareira circundante, da qual se dominava a cena ritual, veria o Rosto da Deusa e, por trás dela, a Macieira de Tharsis. Trabalharam dois Mestres escultores no talhado, um para esculpir o Rosto e outro a cabeleira serpentina, enquanto três ajudantes se ocupavam em realizar o buraco da nuca, conectado aos Olhos da Deusa. A obra não esteve pronta antes de passados cinco anos, pois, ainda que as ferramentas de ferro dos lídios permitissem adiantar muito no início, o acabamento polido que pretendiam lhes demandou longos anos de trabalho: na verdade, os tartésios continuariam polindo durante décadas a Cabeça de Pyrena, até dotá-la de um impressionante realismo.

A necessidade de que sentiam os lídios de contemplar uma manifestação figurativa da Deusa era própria da Época: os povos do Pacto Cultural experimentavam, então, uma generalizada queda no exoterismo do Culto, que os levava a adorar os Aspectos mais formais e aparentes da Divindade. Os povos pressentiam que os Deuses se retiravam ***de dentro***, mas só podiam retê-los de fora: por isso se aferravam com desespero aos Corpos e aos Rostos Divinos, e a qualquer forma natural que os representasse. Sendo assim, não deve surpreender o intenso fervor religioso despertado nos povos, e a extraordinária difusão geográfica que produziu o Culto do Fogo Frio, depois da transformação do menir. Além dos tartésios, orgulhosos depositários da Promessa da Deusa, homens pertencentes a mil povos diferentes peregrinavam até o "Bosque Sagrado de Tartéside" para assistir ao Ritual do Fogo Frio: entre outros, acudiam os iberos e lígures de todos os cantos da península, e os brilhantes pelasgos da Etrúria, e os corpulentos berberes da Líbia, e os silenciosos espartanos da Lacônia, e os tatuados pictos de Albion, etc. E todos os que chegavam até Pyrena vinham dispostos a morrer. A morrer, sim, porque essa era a condição da Promessa, o requisito de Sua Graça: como todos os seus adoradores sabiam, a Deusa tinha o Poder de tornar o homem um Deus, de levá-lo ao Céu dos Deuses; mas, como todos também sabiam, os raros Eleitos que Ela aceitava deviam passar previamente pela Prova do Fogo Frio, quer dizer, pela experiência de Seu Olhar Mortal; e essa experiência geralmente acabava com a morte física do Eleito. De acordo com o que sabiam seus adeptos, e sem que tal certeza afetasse em algo a fascinação por Ela, ***muitos mais eram os Eleitos que tinham morrido do que os comprovadamente renascidos***; os que recebiam Seu Olhar Mortal certamente caíam; e muitos, a maioria, jamais se levantavam; ***mas alguns o faziam***: e essa remota possibilidade era mais

do que suficiente para que os adoradores da Deusa decidissem arriscar tudo. Aqueles que despertassem da Morte seriam os que verdadeiramente tinham entregado seus corações ao Fogo Frio da Deusa e os que Ela recompensaria recebendo-os como Esposos: por Sua Graça, ao reviver, o Eleito já não seria um ser humano de carne e osso, mas um ***Homem de Pedra Imortal, um Filho da Morte***. Estes títulos, no início, constituíram um enigma para os Senhores de Tharsis, que foram os que introduziram a Reforma do Fogo Frio no Antigo Culto a Belisana, pois afirmavam tê-los recebido por inspiração mística diretamente da Deusa, ainda que supusessem que se referia a uma condição superior do homem, próxima dos Deuses ou dos Grandes Antepassados. Mas depois, quando entre os próprios Senhores de Tharsis houve Homens de Pedra, a resposta se fez subitamente clara. Mas aconteceu que essa resposta não era apta para o homem adormecido, nem tampouco para os Eleitos que, com mais fervor, adoravam a Deusa: os Homens de Pedra calariam esse segredo, do qual só falariam entre eles, e formariam uma Colegiado de Hierofantes tartésios para preservá-lo. A partir daí, seriam os Hierofantes tartésios, quer dizer, meus antepassados transmutados pelo Fogo Frio, que controlariam o andamento do Culto.

Oitavo Dia

Nas épocas em que não se celebrava o Ritual do Fogo Frio, os Hierofantes tartésios permitiam aos peregrinos chegar até a clareira do Bosque Sagrado e contemplar a colossal efígie de Pyrena; ali poderiam depositar suas oferendas e refletir se estavam dispostos a enfrentar a Morte da Prova do Fogo Frio ou se preferiam regressar à ilusória realidade de suas vidas comuns. No momento, a Deusa não podia feri-los, pois Seus Olhos estavam fechados e a ninguém comunicava Seu Sinal de Morte. Mas, não obstante tal convicção, muitos ficavam gelados de terror, em frente ao Antigo Rosto Revelado e não eram poucos os que fugiam imediatamente ou morriam ali mesmo de terror. É que o menir original tinha sido encravado nesse lugar pelos semideuses Atlantes brancos, milhares de anos antes, mas, no tempo da aliança com os lídios, não existia ninguém sobre a Terra capaz de imitar aquela façanha de transladar a milhares de quilômetros de distância uma gigantesca pedra, e depositá-la no centro de um espesso bosque de freixos, ***sem cortar árvores para isso***: compreende-se, pois, que os peregrinos recebessem a imediata impressão de que aquele busto terrível era obra dos Deuses. Mas não apenas o menir era obra dos Deuses, uma vez que a formação do Rosto procedia dessa notável capacidade de degradar o Divino, que os lídios tinham; astutamente, os tartésios cuidaram sempre muito bem de informar sobre a origem da inquietante escultura.



"Podia–se ver a imagem de como a Medusa foi esculpida e polida pelos lídios na Península Ibérica."

Quem conseguia se recompor da impressão inicial, e reparava nos detalhes do incomum Rosto, tinha que apelar a todas as suas forças, a fim de não ser tomado, mais cedo ou mais tarde, pelo pânico. Lembre-se, Dr., que, para seus adoradores, o que tinham à frente não era uma mera representação de pedra inerte, mas a Imagem Viva da Deusa: Pyrena se manifestava no Rosto e o Rosto participava d'Ela. E era aquele Rosto hierático o que tirava o fôlego. Provavelmente, se alguém tivesse conseguido, com um poderoso ato de abstração, separar a Face da Cabeça da Deusa, teria visto suas belas feições; em primeiro lugar e, apesar da coloração esverdeada da pedra, pela forma dos traços era indubitável que pertencia à Raça Branca; na ordem a seguir, caberia reconhecer no semblante geral uma beleza arquetípica indo-germânica ou diretamente ariana: Rosto Oval Retangular; Frente ampla; Sobrancelhas grossas, ligeiramente curvas e horizontais; as Pálpebras, uma vez que, como disse, os Olhos permaneciam fechados, demonstravam, pela expressão, um Olhar Frontal, de Olhos redondos e perfeitos; Nariz reto e proporcional; Queixo firme e proeminente; Pescoço forte e delgado; e a Boca, com o lábio inferior mais grosso e um pouco mais saliente que o superior, era talvez a parte mais bela: estava levemente aberta e curvada em um Sorriso só esboçado, ***em um gesto inconfundível de cósmica ironia***.

Naturalmente, quem carecesse do poder de abstração necessário, não perceberia nenhuma das características assinaladas. Pelo contrário, sem dúvida toda a sua atenção seria absorvida de início pelo Cabelo da Deusa; e essa primeira observação certamente neutralizaria o julgamento estético anterior: ao contemplar a Cabeça em conjunto, Cabelo e Face, a Deusa apresentava aquele Aspecto aterrador que causava o pânico dos visitantes. Mas, o que havia em Seu Cabelo capaz de paralisar de terror os rudes peregrinos, normalmente habituados ao perigo? Serpentes; Serpentes de um realismo excepcional. Sua Cabeleira se compunha de dezoito Serpentes de pedra: oito, de diferentes comprimentos, caiam em ambos os lados da Face e outras duas, muito menores, se eriçavam sobre a testa.

Cada par das oito Serpentes estavam à mesma altura: duas à altura dos Olhos, duas à do Nariz, duas à da Boca e duas à do Queixo; emergindo de um nível anterior do Cabelo, os restantes oito Ofídios viravam e situavam suas cabeças entre as anteriores. E cada Serpente, ao se separarem das restantes mechas, formava no ar com seu corpo duas curvas opostas, como um esse (S), que lhe permitia anunciar o movimento seguinte: o ataque mortal. E as duas Serpentes da Testa, em que pese serem menores, também evidenciavam idêntica atitude agressiva. Em resumo, ao admirar de frente o Rosto da Sorridente Deusa, emergia com força o arco das dezoito cabeças de Serpente de Sua Cabeleira; e todas as cabeças estavam voltadas para a frente, acompanhando com seus olhos o Olhar sem Olhos da Deusa; e todas as cabeças tinham as bocas horrivelmente abertas, expondo as mortais presas e as gargantas abismais. Não deve surpreender, pois, que aquela impressionante aparição da Deusa aterrorizasse seus mais fiéis adoradores.

Logicamente, tal composição tinha um significado esotérico que apenas os Hierofantes e Iniciados conheciam, ainda que, eventualmente, dispunham de uma explicação exotérica aceitável. Neste último caso, notificavam o viajante, que às vezes podia ser um Rei aliado ou um embaixador importante, ao qual não se podia negar categoricamente o conhecimento, que as dezoito serpentes representavam as letras do alfabeto tartésio, que diziam ter recebido da Deusa. Durante o ritual, afirmavam, os Iniciados podiam escutar as Serpentes da Deusa recitarem o alfabeto sagrado. A Verdade esotérica que havia por trás de tudo isto era que as dezoito letras correspondiam efetivamente às dezoito Vrunas de Navutan e que com elas se podia compreender o Signo da Origem e com este a Serpente, máximo símbolo do conhecimento humano. Mas tal verdade era apenas intuída pelos Hierofantes tartésios, já que nesses dias ninguém via o Signo da Origem nem recordava das Vrunas de Navutan: ao instituir a Reforma do Fogo Frio, os Senhores de Tharsis tinham recebido a Palavra da Deusa de que a Casa de Tharsis, descendente dos Atlantes brancos, "não se extinguiria enquanto ao menos um de seus membros não recuperasse a Sabedoria perdida", e para que Sua Palavra se cumprisse, "mais do que nunca não deveria se desprender da Espada Sábia". Esse momento ainda não tinha chegado e nenhum descendente da Casa de Tharsis compreendia o significado profundo dessa Verdade esotérica que a Cabeça de Pedra de Pyrena revelava. De modo que, para eles, era também uma verdade inquestionável o fato de que as dezoito Serpentes representassem as letras do alfabeto tartésio: as duas Serpentes menores, por exemplo, correspondiam às duas letras introduzidas pelos lídios e sua pronúncia se mantinha em segredo, da mesma forma que o Nome da Deusa Lua, formado pelas três vogais dos iberos. Neste caso, as duas vogais permitiam conhecer o Nome que a Deusa Pyrena dava a si mesma, quando se manifestava como Fogo Frio no coração do homem, quer dizer, "Eu sou" (algo assim como ***Eu*** ou ***Ey***).

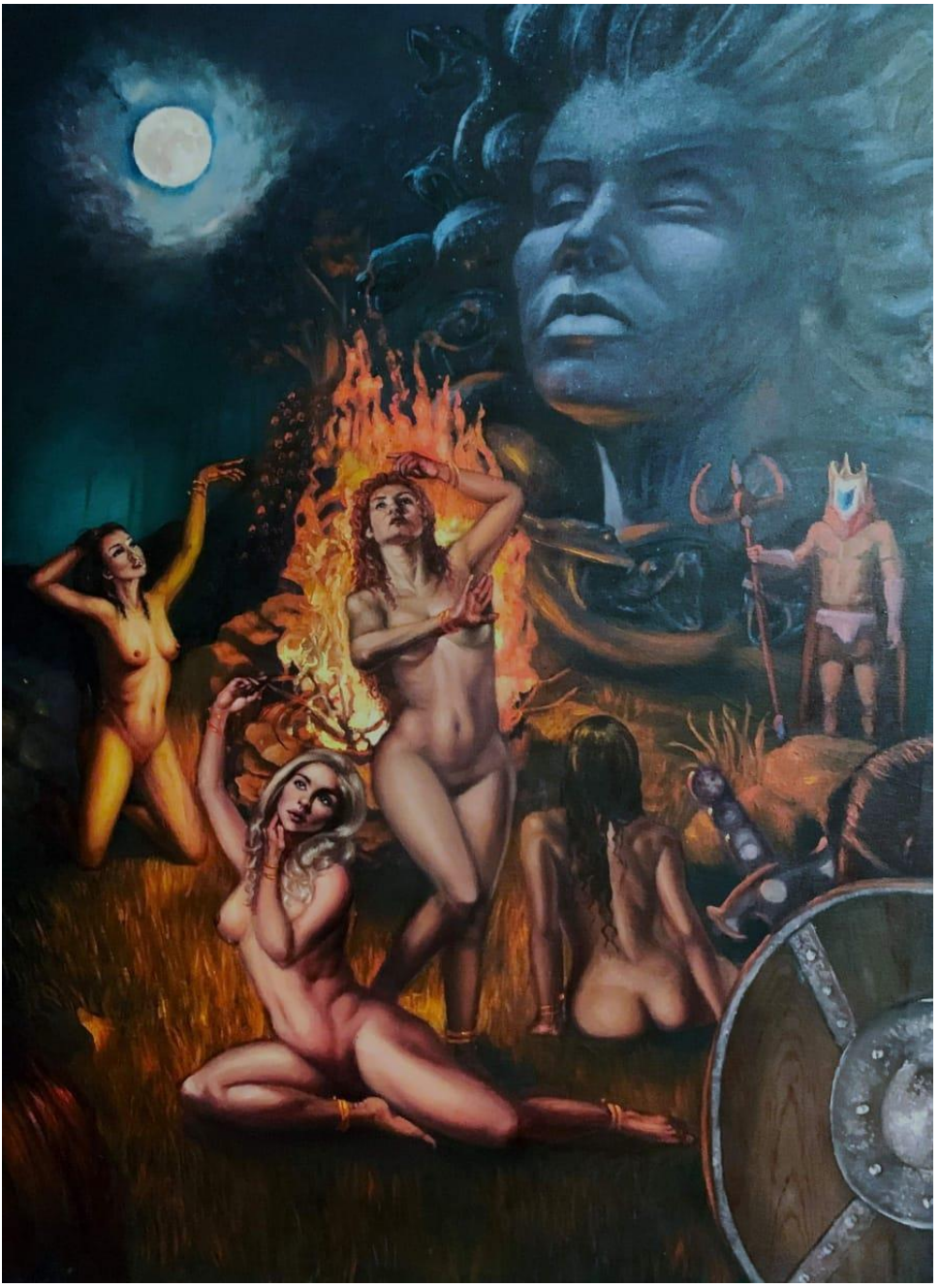
Todos os anos, ao aproximar-se o solstício de inverno, os Hierofantes determinavam o plenilúnio mais próximo, e, nessa noite, celebrava-se em Tartessos o Ritual do Fogo Frio. Não seriam muitos os Eleitos que, finalmente, se atreveriam a desafiar a prova do Fogo Frio: quase sempre era um grupo que se podia contar com os dedos da mão. O menir estava voltado para o oeste da Macieira de Tharsis, de tal modo que a Deusa Lua apareceria invariavelmente por trás da árvore e transitaria pelo céu até alcançar o zênite, lugar de onde inicialmente iluminaria em cheio o rosto da Deusa que Olha para o Oeste. Desde o anoitecer, com os olhares dirigidos para o leste, os Eleitos se encontravam sentados na clareira, observando o Rosto da Deusa e, atrás, a Macieira de Tharsis.

Quando a Face Mais Brilhante da Deusa Lua pousava sobre o Bosque Sagrado, os Eleitos se mantinham em silêncio, com as pernas cruzadas e expressando com as mãos o Mudra do Fogo Frio; nesses momentos só lhes era permitido mastigar folhas de salgueiro; de outra forma, deviam

permanecer em rigorosa quietude. Até o zênite do plenilúnio, a tensão dramática crescia instante a instante e, nesse ponto, alcançava tal intensidade que parecia que o terror dos Eleitos se estendia para o meio ambiente e se tornava respirável: não apenas se respirava o terror mas se o percebia epidermicamente, como se uma Presença pavorosa tivesse brotado dos raios da Lua e oprimisse todos com um abraço gelado e esmagador.

Invariavelmente chegava-se a esse clímax ao começar o Ritual. Então, um Hierofante dirigia-se à parte traseira da Cabeça de Pedra e subia por uma pequena escada que era talhada na rocha do menir, e entrava em seu interior. A escada, que tinha dezoito degraus e terminava em uma plataforma circular, permitia chegar em uma plataforma troncocônica: este era um recinto estreito, de uns dois metros e meio de altura, escavado exatamente atrás da Face e iluminado apenas a partir do piso, pela Lâmpada Perene. Sobre a plataforma do piso, de fato, havia um diminuto fogão de pedra, em cujo forno se colocava, desde que os lídios aperfeiçoaram a forma do Culto, a Lâmpada Perene; uma laje permitia tampar a boca superior do forno e regular a saída da escassa luz. Agora essa luz era mínima porque o Hierofante se prestava a realizar uma operação chave do ritual: efetuar a abertura dos Olhos da Deusa. Para consegui-lo, só tinha que deslocar para dentro as duas peças de pedra, solidárias entre si, que habitualmente permaneciam perfeitamente encaixadas na Face e causavam a ilusão de que umas pétreas Pálpebras cobriam o bulbo de Seus Olhos: essas pesadas peças requeriam a força de dois homens para serem colocadas em seu lugar, mas, uma vez ali, bastava tirar uma trava e deslizavam por si mesmas sobre uma rampa que atravessava todo o recinto interior.

Há que se imaginar esta cena. O cercado de Freixos do Bosque Sagrado formando a clareira e em seu centro, enormes e imponentes, a Macieira de Tharsis e a estátua da Deusa Pyrena. E sentados em frente ao Rosto da Deusa, em uma posição que exalta ainda mais o tamanho colossal e a perturbadora Cabeleira serpentina, os Eleitos, com o olhar fixo e o coração ansioso, aguardando Sua Manifestação, a chamada pessoal que abre as portas da Prova do Fogo Frio. Do alto, a Deusa derrama torrentes de luz prateada sobre aquele quadro. De repente, procedentes do Bosque próximo, um grupo de belíssimas bailarinas se interpõem entre os Eleitos e a Deusa Pyrena: têm o corpo nu, sem roupas, e só ostentam objetos ornamentais, pulseiras e anéis nas mãos e pés, colares e cintos coloridos, brincos de argolas longos, fitas e tiaras, que deixam cair livremente o longo cabelo. Vêm pulando ao ritmo de uma flauta e não se detêm em nenhum momento, mas imediatamente se lançam a uma dança frenética. Previamente, praticaram a libação ritual de um néctar afrodisíaco e, por isso, seus olhos estão brilhantes de desejo e seus gestos são insinuantes e lascivos: as cadeiras e os ventres se movem sem cessar e podem ser vistos, em cada instante, em mil posições diferentes; os seios firmes se agitam como pombas voando e as bocas úmidas se abrem ansiosas; toda a dança é um irresistível convite aos prazeres do amor carnal.



Iniciação ao Ritual do Fogo Frio

Claro que o erotismo apresentado pelas bailarinas tinha o objetivo de excitar sexualmente os Eleitos, acender neles ***o Fogo Quente da paixão animal***. Aquele bailado era uma recordação do Antigo Culto do Fogo e sua conclusão, em outras Épocas, teria derivado em uma desenfreada orgia. Mas a Reforma do Fogo Frio tinha mudado as coisas e agora se proibia a união ritual e se exigia, em troca, que os Eleitos experimentassem o Fogo Quente no coração. Se algum Eleito carecia de forças para rejeitar o convite das dançarinas, poderia unir-se a elas e gozar de um deleite nunca imaginado, mas isso não o salvaria da morte, pois depois seria assassinado, como castigo por sua fraqueza. A atitude exigida aos Eleitos requeria que permanecessem imutáveis até a conclusão da dança, mantendo a vista fixa no Rosto da Deusa.

Voltemos à cena. O volume da música foi aumentando e agora é um coro de flautas e tambores que acompanha os movimentos cadenciados; as bailarinas ofegam, o bailado torna-se febril e a expressão erótica chega ao seu apogeu; por trás delas, o Sorriso da Deusa parece mais irônico do que nunca. Os Eleitos se concentram em Pyrena mas não podem evitar de perceber, como entre as brumas de um sonho, as estonteantes belezas femininas que os embriagam de paixão, que os arrastam inevitavelmente a um quente e sufocante abismo. É então que se faz necessária a intervenção da Deusa, quando os Eleitos, com a vontade enfraquecida, solicitam em seus corações o cumprimento de Sua Promessa. E é então que, a um sinal dos Hierofantes, a música cessa bruscamente, as bailarinas se retiram com rapidez, e os Olhos da Deusa se abrem para Olhar Seus Eleitos. Como uma chicotada, um estremecimento de horror comove os Eleitos: as Pálpebras desapareceram e a Deusa os contempla das órbitas vazias, com Forma de Folha de Macieira, de Seus Olhos. Começou a Prova do Fogo Frio. Um Hierofante, com voz estrondosa, recita a fórmula ritual:

Ó, Pyrena,
Deusa da Morte Sorridente
Tu que tens a Morada
Além das Estrelas
Aproxima-te da Terra dos Eleitos
Que por Ti Clamam!

Ó, Pyrena,
Tu que antes Amavas com o Calor do Fogo os Eleitos
E depois os matavas
Lembra-te da Promessa!
Assassina-os primeiro com o Frio do Fogo,
Para Amá-los depois em Tua Morada!

Ó, Pyrena,
Faz com que Morra em Nós a Vida Quente!

Faz-nos conhecer Kâlibur,
a Morte fria de Teu Olhar!
E Faz-nos Viver na Morte
Tua Vida Gelada!

Ó, Pyrena,
Tu que uma vez Nos Concedeste
A Semente do Cereal
Para Semear no Sulco da Infâmia,
Mata essa Vida Criada!
E deposita no Coração do Eleito
A Gélida Semente da Pedra que Fala!

Ó, Pyrena,
Deusa Branca,
Mostra-nos a Verdade Desnudada
Por Kâlibur em Teu Olhar,
e já não seremos Homens, mas Deuses
de Coração de Pedra Congelada!
Kâlibur, Teus Eleitos Te Clamam!
Kâlibur, Teus Eleitos Te Amam!
Kâlibur, Morte Que Libera!
Kâlibur, Semente de Pedra Congelada!
Kâlibur, Verdade Nua Recordada!

Tudo acontece velozmente, como se o Tempo tivesse parado. O Fogo Quente da Paixão Animal se muda novamente em Terror. Mas agora é um Terror sem limites que sobrevém, um Terror que é a Própria Morte, a Morte Kâlibur de Pyrena, a Morte Necessária que precede à Verdade Nua. Os Eleitos estão paralisados de Terror e com o coração gelado de horror. Contemplam absortos o Rosto de Pyrena enquanto ainda ressoa no ar o último Kâlibur... do Hierofante: os Olhos da Deusa parecem agora as Portas de Outro Mundo! Um Mundo de Negrura Infinita! Um Mundo de Frio Essencial que é a Morte da Vida Morna! Não se pode atravessar essas portas sem Morrer de Terror: mas há algo que as atravessa, ***esse algo vive na Morte***! E se algo sobrevive à Morte Kâlibur é porque ***esse algo consiste também na essência do Frio da Negrura Infinita***.

A Morte Kâlibur fascina e atrai para um Nada que é a Matriz do Próprio Ser. Os Eleitos se precipitam sem duvidar na Negrura Infinita dos Olhos da Deusa. Mas antes de Atravessar as Portas da Morte conseguem perceber, em um instante de Terror Supremo, que o Bosque Sagrado se transfigurou e transborda de Vida manifestada, de uma Vida que subjazia oculta por trás da ilusão da existência vívida, de uma Vida que, nesse momento, brotava obscenamente de todas as coisas, como um demoníaco Orgasmo da Natureza; e viram também como a Macieira de Tharsis, animada por

demencial Inteligência, estremecia de Diabólica Risada; e viram a Cabeça da Deusa, igualmente vitalizada, resplandecer com uma cegante Luz Branca, que acentuava ainda mais a Negrura Infinita de Seus Olhos. E ao Entrar na Negrura Infinita, ao esfriar-se o coração e Morrer a Vida Morna, veem, por último, a Cabeleira de Pyrena fervendo de Serpentes: e ouvem as Serpentes silvarem as letras do Alfabeto Sagrado e pronunciar com elas, ininterruptamente, os Nomes de todas as Coisas Criadas. Ali estava, finalmente descoberto, ainda que inútil para eles, o Mais Alto Conhecimento permitido ao Animal-Homem, o ***conteúdo*** do Símbolo da Serpente!

Mas esse Conhecimento já não interessa aos Eleitos. Algo deles atravessou as barreiras da Morte Kâlibur, algo que não teme a Morte, e se encontrou com a Verdade Nua que é Si Mesmo. Porque a Negrura Infinita que a Morte Kâlibur da Deusa Pyrena oferece, na qual toda a Luz Criada se apaga irremediavelmente, é capaz de Refletir esse "algo" que é o Espírito Incriado; ***o Reflexo do Espírito na Negrura Infinita da Morte Kâlibur é a Verdade Nua de Si Mesmo***. Frente à Negrura Infinita a Vida Criada morre de Terror e o Espírito encontra a Si Mesmo. É por isso que, se o Eleito, após o reencontro, recobra a Vida, será portador de um Sinal de Morte que deixará seu coração gelado para sempre. A Alma não poderá evitar ser subjugada pela Semente de Pedra de Si Mesmo que cresce e se desenvolve às suas expensas e transmuta o Eleito em Iniciado Hiperbóreo, em Homem de Pedra, em Guerreiro Sábio. Como Homem de Pedra, o Eleito ressuscitado terá um Coração de Gelo e exibirá um Valor Absoluto. Poderá amar sem reservas a Mulher de Carne, mas esta já não conseguirá mais acender em seu coração o Fogo Quente da Paixão Animal. Então, buscará na Mulher de Carne Aquela que, além de Alma, possua Espírito Incriado, como a Deusa Pyrena, e seja capaz de Revelar, em Sua Negrura Infinita, a Verdade Nua de Si Mesmo. A Ela, a Mulher Kâlibur, amará com o Fogo Frio da Raça Hiperbórea. E a Mulher Kâlibur lhe responderá com o A-mort gelado da Morte Kâlibur de Pyrena.

Nono Dia

Entre os Eleitos que enfrentavam a Prova do Fogo Frio podia se esperar três resultados. Em primeiro lugar, que alguns não passassem pela Prova, quer dizer, que não passassem pela experiência efetiva da Morte, fosse porque o Terror inicial não deu passagem à Paixão Animal, fosse porque o Fogo Quente não se mutou em Terror, fosse porque o Terror impediu de olhar de frente para a Negrura Infinita, ou fosse por qualquer outro motivo. Em segundo lugar, que outros realmente morressem. E, por último, que alguns destes ressuscitassem. No primeiro caso, os Eleitos seriam executados na noite seguinte à Prova do Fogo Frio; para os Hierofantes tartésios não deveria se apresentar para a Prova aquele que não estivesse

realmente disposto a morrer; porque da Prova ninguém devia sair vivo; se morresse e ressuscitasse, aquele que renascesse não seria alguém que morreu, mas um Filho da Morte, alguém que portaria um Sinal de Morte e levaria em Si à Morte; quer dizer, o Filho da Morte seria engendrado na Morte por Si Mesmo. Quem assistisse à Prova, e não morresse, não mereceria viver: as Mulheres-Verdugo de Tartessos baixariam o machado de pedra sobre seu pescoço; o assassinariam na noite seguinte à Prova, no Bosque de Salgueiros consagrado à Deusa Lua Ioa, às margens do Odiel. O que acontecia com eles? Ninguém conhecia com certeza qual seria seu destino, se realmente morreriam para sempre, se ressuscitariam em outro mundo, se voltariam a reencarnar em vidas futuras ou se suas Almas transmigrariam a outros seres.

Mas, quanto durava a Prova do Fogo Frio? Apenas os Hierofantes, e os que tinham fracassado, e que igualmente morreriam, o sabiam; só eles tinham conservado a consciência do tempo transcorrido. Aqueles que se Refletiram na Negrura Infinita, e encontraram a Verdade Nua de Si Mesmo, receberam também um Reflexo da Eternidade: a contemplação de Si Mesmo, que é um Reflexo do Espírito Eterno, se experimenta em um ***único instante***, insondável pelo Tempo da Criação; os Eleitos que encontram a Morte Kâlibur de Pyrena nunca poderão responder a essa pergunta: a experiência da Eternidade é indescritível. Daí que os do segundo grupo, os que realmente morreram, fossem considerados Muito Amados pela Deusa, já que Ela os tinha retido na Eternidade. E ofereciam-lhes funerais próprios dos Guerreiros Sábios: teriam direito a serem incinerados com a espada na mão; e uma urna de madeira de Freixo, com suas cinzas, seria depois lançada no Mar ocidental.

No terceiro caso, quando excepcionalmente algum Eleito regressava da Morte, era incorporado imediatamente ao Colégio de Hierofantes de Tartessos. O fato constituía um motivo de festa em todo o Reino, pois o povo, que não entendia de sutilezas esotéricas, intuía infalivelmente que o Filho da Morte significava um prêmio para a Raça; em que pese ter triunfado por Si Mesmo na Prova do Fogo Frio, o novo Hierofante seria considerado como o expoente de um mérito coletivo, de uma virtude racial. Mas os Hierofantes antigos, que conheciam o segredo, acolhiam igualmente com alegria o Eleito ressuscitado: eis ali, indicavam, um Homem de Pedra; um Regressado da Morte; um que ***na*** Morte foi amado com o Fogo Frio Kâlibur de Pyrena e agora conserva a Recordação de A-mort; um que sentiu, além do Amor da Vida, o A-mort da Morte Kâlibur, quer dizer, a Não-Morte da Morte Kâlibur, e agora se imortalizou como filho da Morte. Assim o recebiam:

Ó, Eleito de Pyrena,
eras mortal e o A-mort de uma Deusa
te libertou da Vida.
Por Vontade do Criador Uno

de barro foste.
Por Vontade da Morte Kâlibur
de Pedra és.
Ó, Filho da Morte,
o Valor tem teu Nome.
Já não deves falar,
apenas age.
Guarda em teu Coração de Gelo
a Recordação de A-mort,
mas não lembres.
Só vivencia a Ti Mesmo,
Fogo Frio Imortal,
Homem de Pedra.

E, na verdade, o Homem de Pedra não falaria, talvez por muitos anos. Não o faria porque estaria ocupado em vivenciar a Si Mesmo. Porque, desde o renascimento, no interior de seu coração, sobre uma fibra profunda, ardia a Chama do Fogo Frio: ***e essa Chama, quando era percebida, falava com a Voz de Si Mesmo; e suas palavras sempre começavam com o Nome da Deusa: Eu sou, Eu sou (Ey, Ey)***. Ao escutar a Voz de Si Mesmo afirmando "Eu Sou", o Homem de Pedra realmente ***era***, quer dizer, tinha ***existência absoluta*** fora da ilusão dos entes materiais, além da Vida e da Morte. Por isso, o Homem de Pedra Imortal não falaria, ou falaria muito pouco, doravante; estava muito perto da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes brancos e esse saber não podia ser explicado aos homens adormecidos que amavam a Vida e temiam a Morte Liberadora. Talvez no final, durante a Batalha Final, ele ou outros Homens de Pedra Imortais falassem claramente aos homens adormecidos para convocá-los a se libertarem das cadeias materiais e lutar pelo regresso à Origem da Raça Hiperbórea. Enquanto isso, o Homem de Pedra só agirá, escutará em silêncio a Voz do Fogo Frio e agirá; e seu ato expressará o máximo Valor espiritual: ***faça o que for nele***, seu ato estará fundamentado no suporte absoluto de Si Mesmo, além do bem e do mal, e não lhe afetará nenhum julgamento ou castigo procedente do Mundo do Engano. E nenhuma variante do Grande Engano, nem sequer o Fogo Quente da Paixão Animal, poderá arrastá-lo outra vez para o Sonho da Vida: Sábio e Valente como um Deus, o Homem de Pedra só lutará se é necessário e aguardará calado a Batalha Final; ansiará pela Origem e o comoverá a nostalgia pelo A-mort da Deusa; buscará seu Par Original na Mulher Kâlibur e, se a encontra, a amará com o Fogo Frio de Si Mesmo; e Ela o abraçará com a Luz Incriada de seu Espírito Eterno, que será Negrura Infinita para a Alma criada.

Neste terceiro caso, certamente, a Promessa de Pyrena ter-se-ia cumprido.

Décimo Dia

Suponho que o senhor aguarda, sofrido Dr. Siegnagel, uma resposta à pergunta pendente: "Qual seria a reação seguinte dos Golen, frente ao poderio tartésio, que se desenvolvia fora de seu controle e que frustrava todos os seus planos?" Esta é a resposta, muito simples, se bem que ter-se-á que esclarecê-la: ***os Golen dirigiram contra Tartessos o Mito de Perseu***.

Rigorosamente, pode-se afirmar que o de Perseu, assim como outras lendas que mais tarde se agruparam sob a denominação geral de "Mitos Gregos", é na realidade um antiquíssimo Mito pelasgo. Com algumas das histórias "gregas" de Héracles aconteceu o mesmo: por exemplo, com aquela na qual o herói luta com o Gigante Gerião, para lhe roubar seus bois vermelhos e que oculta, sob um símbolo caro aos pelasgos, uma antiga incursão dos argivos primitivos contra o "povo tríplice" dos iberos, ou Virtriones, a fim de conquistar o segredo da pecuária, que desconheciam ou tinham perdido; e a prova está em que aqueles argivos, "inimigos dos geriões", consideravam-se parentes destes, desde que o próprio Héracles era bisneto de Perseu. Mas Perseu foi bisavô de Héracles só no Mito argivo; na verdade, o tema foi tomado de um Mito pelasgo muito mais antigo, de origem ibérica atlante, que se refere à aventura empreendida por um Espírito Hiperbóreo típico, para conseguir a imortalidade e a Sabedoria. No tema primordial, o Espírito Perseu não era argivo, mas oriundo dos iberos atlantes, quer dizer, de um povo muito mais ocidental; por isso sua proeza não é realizada por pedido de um mero Rei mortal como Polidectes, mas da Deusa da Sabedoria, Freya, a esposa de Navutan: todos os Nomes, e as funções dos Deuses foram depois mudados e alterados pelos povos do Pacto Cultural, ficando a história de Perseu na forma conhecida.

O tema é simples e, quando o exponha, o senhor comprovará que não pode mais do que proceder da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes brancos. Uma representação Hiperbórea da Origem, como já o mencionei atrás, foi Thule, o centro isotrópico de onde procedia o Espírito. De modo semelhante, para os primeiros descendentes dos Atlantes brancos, a Origem foi Ponto, ao qual depois se personificou como um Deus do Mar e se identificou com a Onda, certamente porque desta "Origem" provinham seus Antepassados. Este Ponto desposa Gea, a Terra, o que faz nascer, entre outros, Fórcis e Ceto, símbolos prototípicos dos seres híbridos, metade animais e metade Deuses: em um fundo esotérico, esta imagem alude ao Espírito oferecido por Ponto, a Origem, ao animal-homem filho da Terra. Os irmãos Fórcis e Ceto se acasalam, por sua vez e, junto a uma série de Arquétipos híbridos, dão vida a três mulheres, que já nascem "velhas": as Grayas ou Greas, quer dizer, as Cinzentas. Naturalmente, as Grayas não são senão as Vrayas, as Guerreiras Sábias encarregadas de custodiar o Arado de Pedra e a Pedra de Vênus: são "velhas" porque devem ser Sábias e aqueles que ignoram o significado dos

instrumentos líticos, afirmarão depois que "entre as três só tinham um Olho e um Dente".

Perseu é a idealização do Espírito cativo que tenta a façanha de libertar-se da prisão material; seu objetivo é descobrir o Segredo da Morte, conseguir a Mais Alta Sabedoria e encontrar o Par Original. Navutan e Freya o inspiram para que consulte as Vrayas e elas, com a Pedra de Vênus, indicam-lhe o caminho a seguir: deve se dirigir a um Bosque Sagrado de Freixos e pedir a ajuda dos Deuses para enfrentar com êxito a Morte. É o que faz Perseu, e se produz o encontro com Navutan. O Deus lhe informa que a Sabedoria está em poder de sua Esposa, Freya, mas que não é fácil chegar até Ela, pois a Morte se interpõe à passagem dos simples mortais. Para facilitar-lhe a viagem até Freya, Navutan revela a Perseu o Segredo do Voo e lhe entrega o Signo da Meia Lua, quer dizer, o símbolo dos Pontífices Hiperbóreos, os Construtores de Pontes Mais Sábios dos Atlantes brancos: ***segundo os Atlantes Brancos, os Pontífices Hiperbóreos sabiam o modo de estender uma ponte infinita entre o Espírito e a Origem (Ponto)***. O grau de Pontífice Hiperbóreo é confirmado por Vides, o Senhor de K'Taagar, quando entrega aos que atravessam a Porta para a Morada dos Deuses Libertadores a túnica e o capacete: na frente desse capacete os Pontífices fixam o Signo da Meia Lua. É tradição que os Pontífices assim vestidos disponham da Faculdade de tornarem-se ***culturalmente invisíveis***, não pelo efeito de tal indumentária, claro, mas pela Sabedoria que implica em possuí-la. Navutan ensina a Perseu a Língua dos Pássaros e o guia até a Morada de Vides, que o investe de Pontífice Hiperbóreo: em sua Viagem até Freya, Perseu levará na mão um bucho de grou contendo dezesseis pedras, em cada uma das quais está gravada uma Vruna. Ao aproximar-se de Freya, Navutan aconselha o herói a não se deter para olhar o Rosto da Morte, o que causaria sua imediata destruição, e concentrar-se no ***Espelho*** que a Deusa da Sabedoria significa ***depois da Morte***: só assim poderá vencer a Morte! Perseu cumpre as indicações com exatidão e, contemplando-se no Espelho de Freya, consegue ***compreender a Morte*** e se transforma em ***Homem de Pedra Imortal***. Com seu regresso da Morte, Perseu emprega a Língua dos Pássaros para ***compreender a Serpente com o Signo da Origem***: então adquire a Mais Alta Sabedoria e encontra seu Par Original.

Até aqui, o mais importante do tema original transmitido aos povos nativos pelos Atlantes brancos. É evidente que grande parte do mesmo, milagrosamente recordado graças à missão familiar, foi incorporado pelos Senhores de Tharsis na Reforma do Fogo Frio. Os lídios, posteriormente, contribuiriam à sua degradação, mediante a "perfeição da forma ritual", que consistia na demencial tentativa de exibir exteriormente, plasmados na matéria, alguns signos que só podem ser metafísicos. Claro que os que mais fariam por perverter o sentido do Tema do Espírito Perseu seriam os Sacerdotes do Pacto Cultural; e depois que o sentido fosse restituído pelo Culto do Fogo Frio, sem atraso, os acompanhariam os Golen com todos os

seus recursos, travados em uma guerra que consideravam de vida ou morte para os planos da Fraternidade Branca à qual serviam.

Na época da queda cultural dos pelasgos, muito antes de que os Golen iniciassem seu sinistro deslocamento para a Europa, o tema original se constelou como Mito, os Nomes foram mudando, e os significados se distorceram ou inverteram. No Mito argivo, Perseu, por encomenda do tirano de Sérifos, a quem prometeu imprudentemente trazer "a Cabeça da Medusa", dirige-se a Tartéside, pois o Monstro vive em um bosque da península ibérica: semelhante localização não é por acaso, uma vez que Vides, o Senhor da K'Taagar, foi denominado, pelos Sacerdotes, de Ides, Aides ou Hades, o Senhor de Tar, quer dizer, do Tártaro ou Inferno, com o que Thar-sis, Tartéside, Tar-tessos, etc., passara a designar lugares infernais. A essa localização contribuíram também, em grande medida, os Golen, quando conseguiram observar a escultura da Deusa Pyrena e a identificaram em todo o mundo antigo como "a Górgona Medusa". O Perseu argivo foi ajudado por Hermes e Atena, nos quais ainda é possível reconhecer Navutan e Freya. Navutan, de fato, foi chamado de Hermes, Mercúrio, Wothan, etc.; como Hermes, segundo os gregos, era filho de uma mulher "atlante", filha de Atlante, e de um Deus (Zeus), o que não está longe da genealogia do Grande Chefe dos Atlantes brancos; foi inventor de um alfabeto, da lira e da flauta de Pã, que trocou com Febo, o Sol, pelo caduceu com o que este pastoreava seus rebanhos; se se considerar que o caduceu é uma vara com duas serpentes enroladas, que O Sol representa o Deus Criador, e o rebanho os animais-homens, é fácil distinguir na figura de Hermes a do que compreendeu, mediante uma linguagem, o Símbolo da Serpente com o qual o Deus Criador pastoreia seus servos. E Freya, por seu lado, foi conhecida como Atena, Minerva, Afrodite, Freya, etc.; d'Ela, os gregos diziam que "já tinha nascido armada"; era, pois, Deusa da Guerra, da Sabedoria, e do Amor.

A partir de sua viagem inversa a Tartéside, o Perseu argivo começa a comportar-se como um claro expoente do Pacto Cultural: não consulta as Vrayas, mas rouba-lhes o olho comum; estas o enviam a *Álsos*, o lar das Alseídes, quer dizer, a um bosque sagrado, onde encontra as Ninfas Melíades, que não são mais do que personificações dos Freixos; as Ninfas lhe entregam um saco de pele de grou, onde colocará a Cabeça da Medusa, e umas sandálias que permitem voar; Hades empresta-lhe o capacete da invisibilidade; e Hermes entrega-lhe uma foice em forma de meia lua, para cortar a cabeça do monstro. Mas o que mais delata esta falsificação engendrada pelos Sacerdotes do Pacto Cultural é a desconfiança do Perseu argivo, que ***teme tornar-se Homem de Pedra***. Porque no Mito egeu não é uma Sabedoria posterior, mas é o próprio olhar da Medusa que transforma em pedra; a Sabedoria, pelo contrário, não está atrás da Morte, mas fora, junto a Perseu, definitivamente independente e inalcançável para ele. Ela não permite que ele se reflita em sua Verdade Nua: limita-se a colocar um espelho objetivo, onde o "herói" contemplará a Morte sem que esta o prenda. É toda a

ajuda que lhe oferece Atena: vendo-a, a partir do espelho, Perseu cravará a foice no pescoço da Medusa e matará a Morte, sem que esta "façanha" lhe permita alcançar a imortalidade. O espelho de Atena é seu escudo protetor; a Cabeça da Medusa, obtida na inútil façanha do Perseu argivo, é colocada pela Deusa no centro do escudo, dando a entender claramente que, nesta Era, depois do triunfo do Pacto Cultural, a Sabedoria está escudada na Morte, sem que exista possibilidade alguma dos mortais de chegarem a ela. Claro, isto é só uma ameaça dos Sacerdotes do Pacto Cultural, para desencorajar a busca da libertação do Espírito. Por fim, como o Perseu argivo não alcançou a imortalidade nem conseguiu a Sabedoria, não poderá compreender a Serpente e, por isso, vê-se obrigado a matá-la também, coisa que fará, voltando de sua "façanha", quando luta contra um dragão e libera Andrômeda, com a qual se une e procria uma numerosa prole.

Finalmente, correndo o risco de serem executados sem piedade pelos tartésios, os Golen conseguiram se infiltrar no Bosque Sagrado e espiar o Ritual do Fogo Frio. Desde aquele fatídico dia, os Golen souberam que tinham encontrado um Rosto e um Lar para a Medusa. Em poucos anos, graças à sua incessante prédica e à dos incontáveis Sacerdotes que os secundavam em todos os povos do Pacto Cultural, popularizou-se com vigor renovado a lenda argiva de Perseu: os filhos de Fórcis e Ceto, as Grayas, as Górgonas, e a Serpente que cuida da Árvore das Maçãs de ouro, vivem em um bosque sagrado de Tartéside, região que pertencia no momento ao Reino de Tartessos. Logicamente, não se verá com clareza a vantagem estratégica que podia significar para os Golen o refluir e adaptar de um "Mito", se partimos do errôneo princípio de que, então, ninguém acreditava nele ou de que todo o mundo, ainda que lhe concedesse veracidade "lendária", sabia que isso "já tinha acontecido". Pensar isso demonstraria não conhecer a ideologia dos Golen. Junto à sua revolucionária concepção da unidade de Deus no Sacrifício ritual, os Golen sustentavam o espantoso conceito de que ***os Mitos tinham caráter profético***. Quer dizer que os Mitos, e todos os argumentos procedentes do Céu ou dos Deuses ***jamais se cumprem totalmente, nunca são realizados completamente***. Tinham fé cega em que se se repetiam as circunstâncias e os personagens, o Mito, como uma Profecia, iria se desenrolar novamente na Terra; em síntese, afirmavam:

> ***O que foi, isso será;***
> ***o que se fez, assim mesmo se fará;***
> ***não há nada de novo sob o sol.***

De forma que, no entendimento dos Golen, se se profetizava o Mito do Perseu argivo, este iria se cumprir infalivelmente; então a sentença de extermínio que pesava sobre a Casa de Tharsis seria também cumprida.

Claro, não há que se enganar com respeito à atividade de um Mito descrito até em seus mínimos detalhes: se bem que, nas mentes crédulas do povo,

Perseu e Medusa eram imaginados como personagens reais, os Reis e chefes militares que ambicionavam o saque de Tartessos tinham clareza de que se tratava de representações; nos séculos da expansão tartésia, os que desejavam "imitar Perseu", por exemplo, sabiam muito bem que a "Cabeça da Medusa" que deviam cortar significava "destruir Tartessos"; algo semelhante acontecia quando, nas guerras do século XIX, se propunha "destruir o Urso", aludindo à "conquista da Rússia", ou "humilhar o Leão", no lugar de "submeter Inglaterra". No entanto, o fato de que um Rei estivesse a par do sentido alegórico do Mito, não lhe tira a capacidade de agir, mas, pelo contrário, aumenta suas possibilidade de concretizar-se realmente: aquele que adota inteligentemente o papel de personagem do argumento mítico, interpreta a descrição do Mito como uma espécie de plano ou projeto a realizar; mas então não é o personagem quem age para realizar o projeto do Mito, mas o Mito que, inconscientemente, move o personagem para concretizar o argumento: ***quem aspire ser Perseu, acabará cortando a cabeça da Medusa***, ainda que acredite que poderá se autocontrolar, porque conhece o significado alegórico do personagem.

Então, Dr. Siegnagel, os Golen "dirigiram contra Tartessos o Mito de Perseu", como reação à expansão econômica e militar que se desenvolvia fora de seu controle e frustrava todos os seus planos: a resposta é agora clara. Durante os séculos posteriores muitos seriam os "Perseus" que tentariam a façanha de conquistar Tartessos; e quase sempre, integrando as expedições guerreiras, guiando os Reis invasores ou os Chefes piratas, chegava o Golen, caricatura de Hermes, que mostraria a morada das Grayas e a localização do Olho único, quer dizer, da Espada Sábia. Porque os Golen não esqueceriam nunca seu objetivo principal: roubar a Pedra de Vênus. Essa seria sua parte do saque: todo o resto, o ouro e a prata, as cargas, barcos e prósperas cidades, tudo seria para o Perseu vencedor, para o "herói" do Pacto Cultural. Não era muito o que solicitavam e não seriam poucos os que responderiam às suas intrigantes propostas. No entanto, em que pese esta ofensiva que se fundamentava na ação universal de um Mito e que obrigava os tartésios a viver em permanente estado de guerra, o Reino se defendeu com sucesso até o século III, época em que seu poderio começou a declinar frente a outras potências nascentes: Cartago, Grécia e Roma escreveriam o final da história.

Os gregos do período pré-clássico foram muito receptivos à Estratégia dos Golen e isso os conduziu a empreender muitas expedições de conquista contra Tartessos: desde suas prósperas colônias na Síria, Itália, Gália, e, finalmente, na própria Espanha, teriam acabado com Tartessos se não fosse porque deviam cuidar de suas costas, pelo crescente poder de Roma. Os romanos, em troca, sempre se mostraram amistosos com os tartésios e pouco permeáveis à influência dos Golen: isso não deve se estranhar, se lembrarmos que pelas veias da nobreza romana circulava o sangue dos pelasgos de Etrúria, parentes diretos dos tartésios. O destino não reservaria, pois, nem a gregos nem a romanos a "façanha" de destruir Tartessos. Seria um homem de

Cartago, um fenício, um vermelho ou púnico, o novo Perseu que empunharia a foice de ferro, símbolo invertido e pervertido da meia lua, e cortaria a Cabeça da Medusa, dando assim por cumprida a profecia dos Golen.

No século XII A.J.C., quando os filisteus a ocupam e saqueiam, começa a decadência de Sidon, a cidade mais importante da Fenícia. Inicia-se assim o poderio de Tiro, que não cessaria de crescer até que Nabucodonosor, depois de um sítio de treze anos, a arruína definitivamente em 574 A.J.C. Mas, nesse tempo, Tiro se expandiu em todo o mundo antigo e possui colônias, em Cádiz, no sul da Espanha, os litorais da Sicília, nas Baleares, na Sardenha, e, desde 814 A.J.C., no litoral da África, onde fundaram a rica e próspera cidade de Cartago. Com a ruína comercial de Tiro começa a ter preponderância, a partir do século VI, a colônia cartaginesa, possuidora da maior frota do mediterrâneo ocidental.

Cartago conseguiu na História a triste celebridade de ter constituído uma sociedade amoral, formada por mercadores cuja única ambição era a riqueza, que impunha seu comércio com a proteção de um exército mercenário; apenas uns poucos Chefes militares, de fato, eram cartagineses: o grosso do exército era integrado por homens sem pátria e sem lei, quer dizer, por soldados cuja pátria era a do que pagava mais e cuja lei dependia do pagamento acertado. Mas o que mais impressionou sempre os observadores, de modo análogo à repugnância que causou nos europeus do século XVI conhecer o sangrento culto asteca dos Corações Palpitantes, foi o Culto a Moloch, uma divindade à qual se deviam oferecer permanentes sacrifícios humanos, para aplacar sua inextinguível sede de vidas. Em Tiro, os fenícios adoravam Deuses muito semelhantes aos de outros povos da Mesopotâmia e Ásia Menor: rendiam culto à Deusa Astarte ou Tanit, que, para os assírio-babilônicos era Ishtar ou Innana, ou Nana, para os gregos Io, para os egípcios Ísis, e que em outros lugares se chamava Ashtaroth, Cibele, Atena, Anatha, Hathar, etc.; e também faziam oferendas a Adon, que equivalia ao Adonis frígio; e criam em Melkarth, que correspondia ao Héracles argivo; e ofereciam sacrifícios a Baal Zebul, Baal Sidon, Baal Zaduk, Baal Il, Baal Tars, Baal Yah, etc., todos Nomes do Deus Criador ao qual se representava ora como o Sol, ora como o planeta Júpiter ou como uma força da natureza. Foi no século IX A.J.C., quando o Rei Itobal, sacerdote de Astarte, casou sua filha Jezabel com o Rei Acabe de Israel, que os Golen se infiltraram em Tiro e trataram de unificar os Cultos no Sacrifício ao Deus Uno Il. Aquela tentativa não daria grandes resultados até o século seguinte, depois que o Grande Rei Sargão II, da Assíria, conquistasse o país de Canaã e os Golen se transladassem a Cartago para oficiar como Sacerdotes do Culto a Moloch.

Deve-se avisar que o cartaginês foi o primeiro povo no qual os Golen se estabeleceram, fora dos povos europeus que lhes foram designados pela Fraternidade Branca, para cumprir com sua missão de unificar os Cultos. Mas seria o primeiro e o último pois, segundo eles mesmos declaravam, seu interesse era apenas de trabalharem sobre os Cultos da Europa: se

permaneciam em Cartago, isso se devia pura e exclusivamente à heresia tartésia, à necessidade de orientar aquele povo Perseu para que cortasse a Cabeça da Medusa e fizessem cumprir suas profecias. E foi assim que, impulsionado pelo sinistro desígnio dos Golen, o Culto a Moloch chegaria a dominar pelo terror todos os outros poderes do governo de Cartago: o Rei, a Nobreza, os Conselhos de Estado, os Chefes militares, todos acabaram sendo submetidos a Moloch e seus Sacerdotes Golen. No final, todas as famílias de Cartago eram obrigadas a oferecer seus filhos primogênitos para serem sacrificados na "boca de Moloch", quer dizer, para serem lançados na boca de um ídolo de metal que dava para um forno incandescente; e ali terminavam seus dias também os prisioneiros, os escravos, os acusados de algum delito, as virgens consagradas, ou qualquer um que os Golen quisessem eliminar. Mas o Deus nunca estava satisfeito: exigia mais e mais provas viventes da Fé do povo no Sacrifício ritual; sua Lei reclamava uma cota de sangue dificilmente disponível. Talvez Moloch esperasse um Sacrifício ainda maior, talvez se acalmasse com a oferenda de toda a linhagem que o tinha ofendido, com o extermínio em Seu Nome da estirpe dos Senhores de Tharsis.

Ao eclodirem as guerras púnicas, no ano de 264 A.J.C., os Golen creram que era chegada a oportunidade de dar cumprimento às Profecias. E não apenas o acreditaram Eles, mas também os membros da Fraternidade Branca, que enviaram de Chang Shambala dois misteriosos personagens de nomes ***Bera e Birsa***. Eram dois Sacerdotes de grau superior, aos que davam o título de "Imortais"; dois Sacerdotes que, por terem pertencido, em remotas Épocas, à própria Raça dos Golen, a Fraternidade Branca lhes havia encarregado a missão de dirigirem seus planos. Eram dois "Golen Supremos", pois superavam tudo quanto pudessem ter demonstrado seus irmãos de Raça em matéria de crueldade e artes diabólicas: entre outros poderes, por exemplo, possuíam a faculdade de viajar no Tempo, domínio que minha família comprovou amargamente, a cada vez que os mesmos atores apareceram em diferentes séculos posteriores, com o objetivo de buscar sua destruição. Naquela ocasião, Bera e Birsa se colocaram à frente dos Golen de Cartago para dirigir pessoalmente o ataque a Tartessos pois, à parte da Raça, todos se uniam por um mesmo ódio contra a Casa de Tharsis. O General Amílcar Barca seria o novo Perseu, o instrumento que o Mito empregava para desenvolver-se novamente na Terra. Com o propósito de que este militar demonstrasse ante o Deus Uno que estava preparado para realizar a façanha, foi impulsionado para que assassinasse quarenta mil homens de seu exército mercenário, aos quais previamente se tinha incitado à rebelião, suprimindo-lhes o pagamento do soldo: desde o Desfiladeiro do Machado, um rio de sangue foi parar assim nas mandíbulas de Moloch, para a satisfação dos Golen e como claro sinal de que a profecia poderia ser cumprida. Em seguida, o governo de Cartago, seguindo as instruções dos Sacerdotes Golen, encarregou, no ano de 237 A.J.C., Amílcar Barca da conquista da Espanha.

Esta invasão, a última que ia suportar Tartessos, foi o tema de uma saga familiar de lendas orais, denominada de "O Ataque dos Vinte e Dois Golen".

Conta a saga que, no ano 229, mediante uma hábil e inesperada redistribuição de tropas, o General Barca consegue "surpreender Tartessos adormecida", como o Perseu argivo com a Medusa, e a submete a sangue e fogo. No entanto, enquanto os soldados se entregavam à matança e ao saque, outros fatos estavam acontecendo. Acompanhando o exército cartaginês, chegaram a Tartessos vinte e dois Golen, quer dizer, vinte Sacerdotes Golen conduzidos por Bera e Birsa. O Mito do Perseu argivo tinha se tornado realidade, a profecia estava se cumprindo nesse momento, e era necessário agir com rapidez e precisão: enquanto os vinte Golen ocupam o Bosque Sagrado, e efetuam os rituais convenientes para consagrá-lo ao Deus Uno El Moloch e neutralizar a influência mágica de Pyrena, os Imortais Bera e Birsa vão em busca da Espada Sábia. Os Golen se aplicam à sua tarefa e logo se encontram profanando a Lâmpada de Pyrena, concentrados junto à Macieira de Tharsis e à escultura da Deusa. O que aconteceu em seguida é porque cada qual comete um erro de avaliação sobre a capacidade e o modo de reação do adversário: os Golen erraram ao não considerar a loucura mística e heróica que os Hierofantes tartésios dispunham, por serem descendentes dos Senhores de Tharsis; e os Hierofantes subestimaram os poderes e a determinação dos Golen, talvez por desconhecer até então a existência dos Imortais, como Bera e Birsa.

O erro dos Golen foi supor que os Hierofantes, desprevenidos, como os sentinelas de Tartessos, aceitariam com resignação a perda do santuário do Bosque Sagrado ou que, em suma, ofereceriam resistência armada, caso em que agiria em sua defesa uma tropa que os escoltava. A realidade, muito diferente, era que os Hierofantes tinham considerado, muitos anos antes, a possibilidade de que o Bosque Sagrado caísse em poder do Inimigo e tinham tomado já uma decisão a respeito: jamais permitiriam que isso acontecesse; a queda do Bosque Sagrado implicaria, necessariamente, em sua destruição. Por isso, quando o fogo, que avançava perimetralmente, cercou e abrasou o centro do Bosque, os vinte e dois Golen e a Guarda não puderam fazer nada para evitar a horrível morte: os esqueletos carbonizados mostraram, depois, que todos tinham se refugiado sob a Macieira de Tharsis e que finalmente arderam e se consumiram como esta e as restantes árvores do Bosque. Tudo se incinerou naquele incêndio que tinha sido cuidadosamente planejado durante anos, e preparado mediante uma calculada distribuição de lenha seca em diferentes partes da área: ao entrar no Bosque Sagrado com fins de conquista, os Golen não ganhariam uma praça, mas cairiam em uma armadilha mortal. Claro, eles jamais suporiam que os Hierofantes tartésios "sacrificariam" seu Bosque Sagrado, antes que vê-lo ocupado pelo Inimigo, e esta reação seria tomada como uma lição pelos Golen que, dali em diante, continuariam lutando contra os descendentes do Pacto de Sangue.

E a subestimação que os Hierofantes cometeram, ao avaliar o real poder dos Golen, esteve a ponto de causar a perda definitiva da Espada Sábia. Se isso não ocorreu, o mérito só se deve atribuir ao valor incrível das Vrayas; e a uma lealdade ao Pacto de Sangue que ia além da morte. O caso era que, a uns vinte quilômetros de Tartessos, sobre a encosta da Colina Candelária, encontrava-se a entrada secreta de uma Caverna, que tinha sido preparada, em tempos remotos, pelos Atlantes brancos: era uma das obras que deviam ser conservadas de acordo com o compromisso do Pacto de Sangue. Naturalmente, depois da derrota cultural dos iberos, tal compromisso foi esquecido e a Caverna, oculta e solitária, permaneceu abandonada por milhares de anos. No entanto, os efeitos purificadores da prova de família, que culminaram com a Reforma do Fogo Frio, causaram sua redescoberta, apesar de que não todos, nem em qualquer momento, podiam penetrar nela: o motivo era que a entrada secreta era sinalizada com as Vrunas de Navutan e apenas os de Sangue Puro, os que eram capazes de escutar a Língua dos Pássaros, conseguiam encontrá-la; quem não reunisse estes requisitos não conseguia descobri-la nem que estivesse diante dela. Então, essa Caverna tinha sido escolhida pelas atuais Vrayas para guardar a Espada Sábia. Um corredor de guerreiros tartésios se formou, para permitir a saída de Tartessos das Vrayas e salvar, no último momento, a valiosa herança dos Atlantes brancos: muitos pereceram para consumar este heróico resgate, muitos que hoje hão de estar imortalizados por seu valor, aguardando em K'Taagar o momento em que regressarão para ocupar seus postos de combate, quando se trave sobre a Terra a Batalha Final. Graças à sua leal entrega, as Vrayas, que nesse tempo eram a Rainha de Tartessos e duas princesas, puderam chegar até a entrada secreta da Caverna. Na verdade, eram perseguidas tão de perto por Bera e Birsa, que só uma princesa, portando a Espada Sábia, conseguiu atravessar o umbral, enquanto as outras duas Vrayas se atrasavam, para detê-los. E aqui foi que se viu o terrível poder dos Imortais Golen pois, mesmo quando as Vrayas os enfrentavam com seus temíveis machados de pedra, eles não necessitaram empregar arma alguma para dominá-las, salvo suas artes demoníacas. O Poder da Ilusão, no qual eram Mestres, bastou-lhes para imobilizá-las e se apoderarem delas. No entanto, a Espada Sábia já estava a salvo na Caverna Secreta, uma vez que, para os Golen, que só possuíam Alma, mas careciam de Espírito, seria impossível compreender as Vrunas de Navutan.

A saga familiar conclui esta parte da história narrando o espetáculo observado pelos Hierofantes tartésios, quando se dirigiram à Caverna Secreta, depois de incendiar o Bosque Sagrado. Estendidos no solo da base da Colina Candelária, não muito longe da entrada secreta que eles não tinham conseguido encontrar, estavam os cadáveres da Rainha de Tartessos e da princesa assustadoramente mutilados: naquele quadro era evidente que Bera e Birsa submeteram a um cruel tormento as valentes Iniciadas, com o objetivo de obrigá-las a confessar a chave da entrada secreta; e era indubitável que

elas tinham preferido morrer com Honra a trair a missão familiar e o Pacto de Sangue; tinham assim resistido primeiramente à pressão mágica do encantamento dos Golen, com Vontade de aço, e depois à tortura física, à Prova da Dor. Então, certamente, ao comprovar o fracasso de seus planos e temendo um confronto com os Homens de Pedra, os Imortais se apressaram a assassiná-las e partir para a Ilha Branca, não sem deixar atrás de si um inequívoco sinal de suas infernais presenças: antes de se irem, escalpelaram os dois cadáveres e levaram todo o cabelo, as duas tranças tingidas com cal que as Vrayas, como todas as Iniciadas consagradas a ***Io-a*** usavam até os tornozelos. E com o sangue que escorria dos crânios nus, escreveram em língua fenícia sobre uma rocha algo assim como: ***o castigo para os que ofendam Yah provirá do Javali***. Sem dúvida, outra de suas malditas profecias.

Décimo Primeiro Dia

Assim, estimado Dr. Siegnagel, desapareceu para sempre o Reino de Tartessos. O General Barca representou novamente o Mito do Perseu argivo, ao cortar a Cabeça da Medusa, e também o de Héracles Melkarth, ao vencer o povo tríplice dos Geriões. No entanto, ainda que de Tartessos não tenha restado pedra sobre pedra, o Bosque Sagrado se tenha reduzido a cinzas, e a escultura de Pyrena fosse demolida por ordem de Amílcar Barca, a profecia Golen não se cumpriu, uma vez que a Pedra de Vênus, o único Olho das Vrayas, não pôde ser roubado por Bera e Birsa. Isso demonstra que, ainda que seja certo que os argumentos míticos possam se desenvolver muitas vezes sobre a Terra, sua repetição nem sempre é idêntica e até podem apresentar mais de uma surpresa aos que os tenham propiciado. Nesta ocasião, não apenas falhou a profecia, ao ficar a salvo a Espada Sábia, mas a sentença de extermínio que pesava sobre a Casa de Tharsis tampouco pôde ser cumprida.

No Mito argivo, quando Perseu crava a foice no pescoço da Medusa, da ferida surgem dois seres extraordinários: Crisaor e Pégaso. De acordo com o Mito, só Poseidon, o Rei da Atlântida e Deus do Mar ocidental, atreveu-se a amar a Medusa, na qual engendrou dois filhos, Crisaor e Pégaso, que nasceriam da ferida infligida por Perseu. Crisaor seria um gigante destinado a desposar Calírroe (Kâlibur), uma "Filha do Mar", de cuja união nasceria o Gigante tríplice Gerião. Creio, Dr. Siegnagel, que a última manifestação do Mito, concretizada no drama de Tartessos, determinaria sua repetição até nos mínimos detalhes, apesar de não cumprir, felizmente, a profecia dos Golen. Creio, por exemplo, que efetivamente do pescoço cortado da Medusa, das ruínas de Tartessos nasceu Crisaor, o gigante Filho de Poseidon: este foi, sem dúvida, Lito de Tharsis, que, como verá mais adiante, desposou uma Filha do Mar, uma princesa da América, "a outra margem do Mar ocidental";

Crisaor nasceria armado com uma Espada de Ouro, igual a Lito de Tharsis, que partiria para a América portando a Espada Sábia dos Reis iberos. E creio também que, como Pégaso, é meu filho Noyo, que nasceu com asas para voar até as Moradas dos Deuses Libertadores e, como ele, tem o poder de abrir as Fontes com seus golpes, só que, em seu caso, trata-se das Fontes da Sabedoria.

Os sobreviventes da Casa de Tharsis, curiosamente, dezoito no total, encontravam-se reunidos perto da Caverna Secreta, em um estreito terraço, protegido naturalmente com enormes rochas, que permitiam uma certa defesa e, da qual se podia dominar a encosta da serra. Conta a saga familiar que, um momento antes, os Homens de Pedra, únicos que sabiam ingressar nela, tinha realizado um conselho na Caverna Secreta: frente ao desastre que se abatia contra a Casa de Tharsis, juraram dedicar todos os esforços para cumprir a missão familiar e para salvar a Espada Sábia. Era preciso que a Estirpe continuasse existindo, a qualquer custo; quanto à Espada Sábia, decidiram que, após a morte da última Vraya, ficasse perpetuamente depositada na Caverna Secreta, pelo menos até o dia em que outros Homens de Pedra, descendentes da Casa de Tharsis, observassem nela o Sinal Lítico de K'Taagar e soubessem que deveriam partir: ***até essa ocasião a Espada Sábia não voltaria a ver a luz do dia***.

Ao sair, comunicaram estas determinações aos seus parentes e pediram notícias sobre o Reino. Mas as notícias que chegavam ao improvisado refúgio eram estranhas e contraditórias. Deveria se descartar uma pronta ajuda dos romanos, pois os Golen tinham rebelado contra eles todos os povos das Gálias, cortando-lhes o caminho para a Espanha: acudir em socorro a Tartessos exigia agora uma expedição muito numerosa, que deixaria desguarnecida a própria Roma. Por outro lado, em Tartessos, a vitória cartaginesa tinha sido esmagadora: toda a Tartéside estava em poder do General Barca, o que completava a ocupação total do sul da Espanha. Aos Senhores de Tharsis só restavam suas vidas e um batalhão de fiéis e aguerridos guardas reais. No entanto, algo estranho e contraditório aconteceu.

Amílcar Barca, certamente, fez arrasar Tartessos até transformá-la em escombros. Nesta ação, tanto ele como o exército mercenário agiram movidos por uma fúria homicida que superava todo o racional, por uma força indomável que se apoderou deles e não os abandonou até não terem destruído completamente a cidade já ocupada. Foi como se o ódio experimentado durante séculos pelos Golen contra a Casa de Tharsis tivesse se acumulado em algum recipiente obscuro, ***talvez no Mito de Perseu***, para se descarregar totalmente na Alma dos cartagineses. No entanto, após se consumar a irracional destruição, o General Barca e os Chefes militares que o acompanhavam recobraram bruscamente a lucidez, não sendo alheio a esse fenômeno a morte dos vinte Golen e a partida de Bera e Birsa. Momentaneamente, algo se interrompeu, algo que impulsionava o General

Barca a desejar a aniquilação da Casa de Tharsis; e não restavam mais Golen na Tartéside para reiniciá-lo. Então, livre no momento da paixão destrutiva do Perseu argivo, Amílcar Barca atuou com a sensatez de um autêntico cartaginês, quer dizer, pensou em seus interesses pessoais. Para Amílcar Barca, o inimigo não estava apenas em Roma; ali, em todo o caso, estava o inimigo de Cartago; mas em Cartago também estavam os inimigos de Amílcar Barca, os que invejavam sua carreira de General de sucesso e desconfiavam de seu poder; os que o tinham enviado oito anos antes para conquistar aquele país inóspito e não tinham intenções de fazê-lo regressar.

Mas Amílcar Barca lhes pagaria com a mesma moeda, demonstraria para o Governo de Cartago a mesma indiferença e usufruiria em proveito próprio e de sua família do imenso território conquistado: Espanha seria a Fazenda particular dos Barca! Mas, para isso, teria que contar com a imprescindível colaboração da população nativa, que tinha controlado até então o país e conhecia todas as fontes de sua operação. E aqueles povos belicosos, que foram livres por séculos, não se submeteriam facilmente à escravidão, disto o avisavam claramente os Bárcidas, a menos que seus próprios Reis e Senhores os convencessem de que era melhor não resistir à ocupação. A solução não seria impossível pois, segundo a particular filosofia dos cartagineses, “só deveria ser destruído aquilo que não pudesse ser comprado”.



A estranha e contraditória notícia chegou, assim, ao refúgio dos Senhores de Tharsis: Amílcar Barca lhes oferecia salvar suas vidas se renunciavam a todos os direitos sobre a Tartéside e aceitavam entrar para o seu serviço para governar o país; caso contrário, seriam exterminados como reclamavam os Golen. Com muita dor, mas sem alternativas possíveis, os Senhores de Tharsis tiveram que aceitar tão desonrosa oferta: o faziam por um interesse superior, pela missão familiar e a Espada Sábia.

Uma vez acertada a rendição, os de Tharsis passaram a servir os Bárcidas e se ocuparam em pacificar Tartéside e reorganizar a produção agrícola e industrial. Pela boa disposição demonstrada foram recompensados com uma fazenda situada muito perto do local da desaparecida Tartessos, onde viveria dali em diante a "família Tharsis", salvo os membros que desempenhavam funções nas cidades ou acompanhavam os Bárcidas nas viagens de inspeção. Enquanto durou a ocupação cartaginesa, não obstante a proteção assegurada pelos Bárcidas, a tranquilidade foi escassa, devido às constantes perseguições dos Golen, que exploraram palmo a palmo a região procurando a Espada Sábia e tinham somado agora a morte de vinte dos seus à lista de dívidas a saldar pela Casa de Tharsis.

Quando da morte de Amílcar Barca, em 228 A.J.C., lhe sucede seu filho Asdrúbal Barca, mas, após ser assassinado em 220 A.J.C., assume o comando do exército cartaginês o filho deste, Aníbal Barca. O neto de Amílcar invade a colônia grega de Sagunto no ano de 219 A.J.C., que estava sob a proteção de Roma, e inicia, com essa ação, a segunda guerra púnica, que finalizaria em 201 A.J.C., com a rendição incondicional de Cartago. Trinta anos depois da destruição de Tartessos, Espanha se via livre para sempre do invasor cartaginês! Mas já era tarde para Tartessos: o novo ocupante romano não abandonaria a península até o desmembramento de seu próprio império, seiscentos anos mais tarde.

Com os romanos, a Casa de Tharsis teve um relativo bem-estar, pois foi considerada como uma nobreza nativa aliada e se lhes restituíram as funções de governo da região, agora província romana, sujeitos à lei da República e à autoridade de um procônsul ou propretor. A região da antiga Tartessos, entre os rios Tinto e Odiel, ficou compreendida na província de "Bética", denominada assim pelo rio Betis, hoje Guadalquivir, que se estendia até o rio Anas, hoje Guadiana, fronteira da Lusitânia; os romanos deram aos tartésios o nome de "turdetanos" e à Tartéside o de "Turdetânia": em poucas décadas, a Turdetania se romanizou, o uso do latim se popularizou, e se constituíram grandes latifúndios rurais, propriedade dos governadores de província, magistrados ou Chefes de exército.

Até o século I A.J.C. a Casa de Tharsis tinha se aparentado com a nobreza romana e era bastante poderosa na Bética, uma província que contava com 175 cidades , muitas delas ricas e prósperas como Córduba (Córdoba), Cádiz (Cádiz), Hispalis (Sevilha) ou Malaca (Málaga). Sobre a base da fazenda cedida pelos cartagineses e as restituições feitas pelos romanos, os Senhores de Tharsis desenvolveram uma Vila Romana rústica, edificando uma Residência Senhorial e ampliando-a com a aquisição de grandes extensões de campos para cultivo; cereais, oliveiras e vinhedos integravam a principal produção, além de alguns minerais que ainda se exploravam na serra Catochar. É bom esclarecer que os romanos a cadastraram como "Vila de Turdes" e que seus moradores foram chamados de "Senhores de Turdes" enquanto governou o Império Romano, ainda que eu continue a mencioná-los como Senhores de Tharsis, para manter a continuidade do relato.



A Espanha do Alto Império Romano
(27 a.C. a 235 d.C.)

Como todas as famílias de proprietários de terras hispano-romanos, possuíam uma Morada na Cidade, onde permaneciam a maior parte do ano; no entanto, sempre que podiam, preferiam se retirar para a propriedade rural, pois seu maior interesse era estar perto da Caverna Secreta.

Os Golen não tinham nenhuma possibilidade de influir sobre a população romana e seu poder só se conservava intacto na Lusitânia, em algumas regiões da Gália, na Britânia e Hibérnia. Depois das campanhas de Júlio César, este poder pareceu decrescer completamente e, durante um tempo, acreditou-se que a ameaça estava definitivamente conjurada. ***Isto, como logo se viu, era um erro de julgamento, uma nova subestimação da capacidade dos Golen para levar a cabo seus planos***.

Com respeito ao Culto do Fogo Frio, os Senhores de Tharsis não tiveram problemas em reimplantá-lo, pois os romanos eram notavelmente tolerantes em matéria religiosa e, além disso, eles também adoravam o Fogo desde Épocas remotas. Na Vila de Tharsis construíram um ***lararium*** dedicado a Vesta, a Deusa romana do Fogo do Lar: ali, em frente à estátua da Deusa Vesta-Pyrena, ardia a Lâmpada Perene do Lar, a ***flamma lar***, que não devia jamais se apagar. Apesar de tratar-se agora de um Culto privado, a Casa de Tharsis não tinha perdido sua fama de família de místicos e taumaturgos, e logo sua Vila se tornou outro lugar de peregrinação para os buscadores do Espírito, sem alcançar, naturalmente, as proporções da Época de Tartessos. A família deu a Roma bons funcionários e militares, à parte de contribuir com sua produção de alimentos e minerais, mas também a proveu de Arúspices, Áugures e Vestais.

Décimo Segundo Dia

O imperador Constantino, com o Édito de Milão do ano 313, legaliza o Cristianismo e lhe concede direitos equivalentes aos dos Cultos pagãos oficiais. No final do século IV, no ano 381, e por obra do imperador Teodósio I, declara-se o Cristianismo como ***"religião oficial do Estado"*** e se proíbem os Cultos pagãos; em 386 ordena-se, mediante um decreto imperial, ***"o fechamento de todos os templos pagãos"***; e em 392, por lei imperial, ***"considera-se e se castiga o Culto pagão como crime de lesa-majestade"***, quer dizer, sancionado com a pena de morte. Estas medidas não afetaram os Senhores de Tharsis, pois anos antes já tinham adotado o Cristianismo como religião familiar. O Culto de Jesus Cristo provinha do país de Canaã, a pátria dos Golen, e tal origem era, como é lógico, suspeita, a princípio; mas, além disso, havia o pretenso fundamento cultural do drama de Jesus: as profecias registradas em um conjunto de livros canônicos dos hebreus, os quais afirmavam serem "o Povo Eleito do Deus Criador". Nada disto convencia os Senhores de Tharsis e, pelo contrário, quanto mais observavam aquele novo Culto oriental, mais se persuadiam de que por trás dele se ocultava uma colossal conspiração urdida pela Fraternidade Branca. Como foi, então, que adotaram o Cristianismo como religião familiar? Porque, acima da procedência do Culto e a filiação de seus cultuadores, existia um fato inquestionável: ***que a história narrada nos evangelhos era em parte verdadeira***. Isto o podiam asseverar os Senhores de Tharsis sem nenhuma dúvida, pois eles a conheciam há milhares de anos, muito tempo antes de que Jesus vivesse na Palestina. Pois aquela era, indubitavelmente, uma nova versão da história de Navutan.

Para conhecer a história em toda a sua pureza, teríamos que voltar milhares de anos no passado, até a Época dos Atlantes brancos, Pais de todos os povos brancos do Pacto de Sangue. Eles asseguravam que eram guiados por Navutan, o Grande Chefe Branco que tinha descoberto o segredo

do encadeamento espiritual e lhes tinha revelado o modo pelo qual o Espírito poderia abandonar a matéria e ser livre e eterno além das estrelas, quer dizer, além das Moradas dos Deuses e das Potências da Matéria. De acordo com os relatos dos Atlantes brancos, Navutan era um Deus que existia, livre e eterno, como todos os Espíritos Hiperbóreos, além das estrelas. O Deus Incognoscível, de quem nada se pode afirmar daqui, longe da Origem, Navutan, e outros Deuses, estavam furiosos porque uma parte da Raça do Espírito se achava detida no Universo da Matéria: e a ira não era dirigida somente contra as Potências da Matéria que retinham os Espíritos, mas também contra o Espírito fraco, contra o Espírito carente de Vontade Graciosa para quebrar a Ilusão do Grande Engano e libertar a Si Mesmo. Na Terra, o Espírito tinha sido encadeado ao animal-homem para que sua força volitiva acelerasse a evolução da estrutura psíquica deste: e tão férreo era o encadeamento, tão submerso estava o Espírito na natureza anímica do animal-homem, que tinha esquecido de sua Origem e acreditava ser um produto da Natureza e das Potências da Matéria, uma ***criação*** dos Deuses. Em outras ocasiões, desde que o Espírito permanecia na Terra, os Deuses Libertadores, seus Espíritos Irmãos, acudiram em sua ajuda e muitos foram liberados e regressaram com Eles: por esse motivo, travaram-se terríveis Batalhas contra as Potências da Matéria. Ultimamente, por exemplo, tinha atravessado a Origem, e se apresentado ante os homens da Atlântida, o Grande Chefe de Toda a Raça Hiperbórea prisioneira, o Senhor da Beleza das Formas Incriadas, o Senhor do Valor Absoluto, o Senhor da Luz Incriada, o Enviado do Deus Incognoscível para Liberar o Espírito, quer dizer, o Kristos de Luz Incriada, Kristos Luz, Luci Bel, Lúcifer, o Kristos Lúcifer. Mas a manifestação de Kristos Lúcifer na Atlântida causou a destruição de sua civilização materialista: a batalha da Atlântida culminou com o afundamento do continente, muito depois de que Aquele regressasse à Origem.

Nessas circunstâncias, frente à catástrofe iminente da Atlântida, desenvolve-se a história de Navutan. Os homens amarelos, os homens vermelhos, os homens negros, todos perecerão em um cataclismo pior do que o que se avizinha na Atlântida: o que preocupa os Deuses Libertadores é o cataclismo espiritual, o abismo no qual se submergirão ainda aqueles que sobrevivam ao afundamento da Atlântida; e esse resultado parece inevitável, devido à insistência e tenacidade com que a Fraternidade Branca mantém o encadeamento espiritual, mas, mais do que tudo, devido à impossibilidade demonstrada pelo Espírito para evitar a Ilusão e despertar do Grande Engano; essas Raças, estrategicamente confundidas, certamente seguirão os Sacerdotes Atlantes, os quais as conduzirão diretamente para sua definitiva decadência espiritual. A Raça branca é a única, nesse momento, que dispõe de uma possibilidade de libertação, possibilidade que os Deuses não vão ignorar. Mas o homem branco encontra-se muito adormecido, com o Espírito muito submerso na Ilusão da Matéria, muito projetado no Mundo Exterior: não será capaz de compreender a Revelação

Interior do Espírito, não poderá libertar a Si Mesmo. Faz-se necessária uma Revelação Exterior do Espírito apta para a Raça branca, mostrar de fora ao homem branco uma via de libertação que conduza à Sabedoria Hiperbórea: ***para isso desce Navutan ao Inferno***. Navutan, "Deus livre e eterno", aceita descer ao Inferno, vir ao Mundo da Matéria, e nascer como homem branco. E como homem branco, realizar a façanha de libertar por Si Mesmo seu Espírito encadeado: demonstrará assim aos homens, com o exemplo de Sua Vontade, o caminho a seguir, a Orientação para a Origem.

Resumindo, a história que os Atlantes brancos transmitiram ***em forma de Mito*** aos povos nativos, seria a seguinte. Vivia na Atlântida uma Virgem Branca Muito Santa, consagrada ao serviço do Deus Incognoscível e entregue à contemplação da Luz Incriada. Aflita pela terrível fome que açoitava seu povo, aquela Virgem pediu auxílio ao Incognoscível; e este Deus Supremo, cuja Vontade é a Graça, mostrou-lhe um caminho até o Planeta Vênus. Uma vez ali, a Virgem recebeu do Enviado do Incognoscível vários exemplares da Planta do Trigo, com a qual se saciaria a fome material dos homens, uma Vara, que serviria para medir a Traição Branca, e ***a semente de um Menino de Pedra***, que um dia seria homem, assumiria a liderança da Raça Branca, e saciaria sua fome espiritual. Ao regressar de Vênus, a Virgem Branca, que nunca teve contato carnal com nenhum homem, estava grávida de Navutan. Os Deuses Libertadores já lhe tinham anunciado que seria mãe e daria à luz um menino cuja Sabedoria espiritual livraria a Raça Branca da escravidão material. Uma serpente tenta impedir que a Virgem cumpra sua missão, mas Ela a mata esmagando-lhe a cabeça com seu pé direito. Passado o prazo, a Virgem pare Navutan e o educa como Guerreiro Construtor, contando com a ajuda dos Guardiões da Sabedoria Lítica.

Existia na Atlântida um caminho que conduzia até um Jardim Encantado, que tinha sido construído pelo Deus da Ilusão. Crescia ali uma Antiga Romãzeira, conhecida como ***a Árvore da Vida*** e também como ***a Árvore do Terror***, cujas raízes ***se estendiam por toda a Terra*** e cujos ramos ***subiam até as Moradas Celestes do Deus da Ilusão***. Perto dessa Romãzeira Enfeitiçada achava-se uma Macieira, tão Antiga quanto Aquela, que era chamada de ***a Árvore do Bem e do Mal*** ou ***a Árvore da Morte***. Era crença comum entre os Atlantes que o homem, a princípio, foi imortal: a causa de que o homem tivesse que morrer devia-se a que os Grandes Antepassados tinham comido do Fruto desta Árvore e a Morte foi transmitida aos descendentes como uma Doença. Na verdade, o sangue da Árvore, sua Seiva Maldita, misturou-se com o Sangue Imortal do Homem Original e regulava de dentro a Vida e a Morte. E ninguém conhecia o Remédio para essa Enfermidade. Navutan, que não tinha pai humano, tinha nascido imortal como os Homens Originais, mas sua imortalidade era, por isso mesmo, ***essencial***, própria de sua especial natureza espiritual; em consequência, sua imortalidade era ***incomunicável*** aos restantes homens brancos, não servia para que eles recuperassem a imortalidade perdida. Por

isso, Navutan, com o apoio de sua Divina Mãe, a Virgem Ama, decide fazer-se mortal e descobrir para os homens o segredo da imortalidade.

Desde que os Grandes Antepassados comeram do Fruto da Árvore da Morte, ninguém se atrevia a se aproximar dela por temor à Morte. Mas Navutan era imortal, como os Grandes Antepassados e pôde, como Eles, se aproximar sem problemas. Uma vez junto à Árvore, Navutan cortou e comeu o Fruto proibido, ficando imediatamente enfeitiçado pela Ilusão da Vida: agora só lhe faltava descobrir o segredo da Morte ***sem morrer***, uma vez que se perecia na tentativa, jamais poderia comunicar a Sabedoria aos homens brancos. É então que Navutan se ***autocrucifica*** na Árvore do Terror, para vencer a Morte, e pende nove noites de seu tronco. No entanto, enquanto o tempo transcorria, a Morte se avizinhava, sem que Navutan conseguisse compreender seu segredo. Por fim, já agonizante, o Grande Chefe Branco fechou seu único olho, que mantinha fixo na Ilusão do Mundo, e olhou para o Fundo de Si Mesmo, em uma última e desesperada reação para salvar a vida que se apagava irremediavelmente. E, no cume de Si Mesmo, no meio da Negrura Infinita da Morte insinuada, viu surgir uma Figura Resplandecente, um Ser que era Pura Graça: tratava-se de Freya, a Alegria do Espírito, sua Divina Esposa da Origem, que acudia em seu auxílio.

Quando Navutan abre novamente seu olho, Freya sai por ele e se interna no Mundo do Grande Engano, vai buscar o segredo da Morte para salvar seu Esposo agonizante. No entanto, não o consegue e o tempo se acaba implacavelmente. Por fim, sem se desesperar, Freya dirige-se a Hiperbórea para consultar os Deuses Libertadores; Eles a aconselham a procurar um Gigante bicéfalo que vive em um Mundo situado sob as raízes da Árvore do Terror e que exerce o ofício de chaveiro: desse Gigante deve roubar a ***Chave Kâlachakra***, pois nela os Deuses Traidores gravaram o segredo da Morte. O Mito dos Atlantes brancos é aqui muito complexo e só convém mencionar que Freya, transformada em Corvo, desce ao Mundo do Gigante de duas caras e rouba-lhe a Chave Kâlachakra: mas, para consegui-la, teve que se tornar assassina e prostituta; Freya, de fato, quebra com um golpe de seu machado a Chave Kâlachakra, mas a ponta dentada, ao cair, transforma-se em sete gigantes de sete cabeças cada um, os quais "dormem para que as Raças raízes vivam por eles"; então, e sem alternativas, pois está premida pelo tempo, Freya se veste com o Véu da Morte que aqueles gigantes têm preso com um laço em cada pescoço; depois os desperta sucessivamente e se entrega a eles como amante, mas implacavelmente os vai decapitando, na culminação do orgasmo, e as cabeças dos Gigantes, enfiadas em uma corda ou sutrâtma, formam o colar de Freya Kâlibur, no qual cada crânio representa um Signo do Alfabeto Sagrado da Raça Branca. Finalmente, o Véu da Morte se solta e Freya, novamente transformada em corvo, regressa rapidamente para Navutan.

Mas já é tarde: exatamente no momento em que chega, Navutan exala o último alento e seu olho está se fechando para sempre. Freya compreende que será impossível revelar a Navutan o segredo da Morte, pois acabou de

morrer e já não poderá ler a Chave Kâlachakra. E assim, sem perder um instante, Freya toma a decisão que salvará Navutan e a Raça branca: transforma-se em Perdiz e penetra novamente em Navutan. A Chave Kâlachakra deve ficar de fora, uma vez que só Ela pode existir no Fundo de Si Mesmo. Freya deve revelar a Navutan o Segredo da Morte, não apenas para conseguir sua ressurreição, mas também para que seu Esposo o comunique aos homens; de outro modo, sua imolação terá sido em vão. Mas, como expor a Navutan o Segredo da Morte sem a Chave Kâlachakra, sem mostrar-lhe esse ***instrumento do encadeamento espiritual, para sua compreensão***? E Freya decide nesse instante: ***como perdiz, dançará o Segredo da Vida e da Morte. Expressará, com a dança, a Mais Alta Sabedoria que seja possível o homem mortal compreender de Fora de Si Mesmo***.

E Freya, dançando no Fundo de Si Mesmo, revela a Navutan o Segredo procedente de Fora de Si mesmo. E Navutan o compreende, rompe-se o feitiço causado pelo Fruto da Árvore da Vida e da Morte, e ressuscita novamente como imortal. E ao descer de sua crucifixão na Árvore, repara que seu corpo se transmutou e agora é de Pedra Pura; e que pode compreender e expressar a Língua dos Pássaros. Então, Navutan ensina aos Atlantes brancos as treze mais três Vrunas, mediante a Língua dos Pássaros, e os encaminha a compreender o Signo da Origem, "com o que obterão a Mais Alta Sabedoria, serão imortais enquanto o Espírito permaneça encadeado ao animal-homem, e conquistarão a Eternidade quando ganhem a Batalha contra as Potências da Matéria e sejam livres na Origem".

Até aqui resumi, Dr. Siegnagel, a história de Navutan, de acordo com o relato mítico dos Atlantes brancos. É fácil perceber que tinha muitos pontos em comum com a história evangélica de Jesus Cristo: ambas as histórias tratam de um Deus feito homem; ambos os Deuses nascem de uma Virgem; ambos morrem por crucifixão voluntária; ambos ressuscitam; ambos deixam o testemunho de sua Sabedoria; ambos formam discípulos aos quais revelam a "boa nova", que estes deverão comunicar aos seus semelhantes; ambos afirmam que "o Reino não é deste Mundo"; etc. Mas é evidente que existem, também, diferenças fundamentais entre ambas as doutrinas. Talvez as mais acentuadas sejam as seguintes: Navutan vem para ***libertar*** o Espírito do Homem de sua prisão no Mundo do Deus Criador; o Espírito é Incriado, quer dizer, não Criado pelo Deus Criador e, portanto, nada do que aqui acontece pode manchá-lo essencialmente nem muito menos afetá-lo eticamente; o Espírito é ***Inocente e puro*** na Eternidade da Origem; daí que Navutan afirme que o Espírito Hiperbóreo, pertencente a uma Raça Guerreira, só pode manifestar uma atitude de ***hostilidade essencial*** para com o Mundo do Deus Criador, só pode se rebelar ante a Ordem Material, só pode duvidar da Realidade do Mundo que constitui o Grande Engano, só pode rejeitar como Falso ou Inimigo tudo aquilo que não seja produto de Si Mesmo, quer dizer, do Espírito, e só pode buscar um único propósito com

Sabedoria: abandonar o Mundo do Deus Criador, onde é escravo, e regressar ao Mundo do Incognoscível, onde será novamente um Deus. Contrariamente, Jesus Cristo vem para ***salvar*** a Alma do Homem do ***Pecado***, da Falta à Lei do Deus Criador; a Alma é Criada pelo Deus Criador e deve obedecer cegamente à Lei de seu Pai; tudo quanto aqui acontece afeta eticamente à Alma e pode aumentar sua cota de Pecado; a Alma não é inocente nem pura, pois o homem se encontra neste Mundo como castigo por um ***Pecado Original*** cometido pelos Pais do Gênero Humano e herda, por consequência, o Pecado Original; daí que Jesus Cristo afirme que a Alma do Homem, a criatura mais perfeita do Deus Criador, só deve aceitar como Verdadeiro e Amigo o que prove vir em Nome do Deus Criador, e só deve buscar um único propósito com Sabedoria: permanecer no Mundo do Deus Criador ***como ovelha*** e ser pastoreada por Jesus Cristo ou os Sacerdotes que o representem. ***Ser Deus ou ser ovelha, essa é a questão***, Dr. Siegnagel.

Conforme antecipei, quando a lei imperial do ano 392 ameaçou considerar "crime de lesa-majestade" a prática dos Cultos pagãos, fazia tempo que a Casa de Tharsis tinha aceitado o Cristianismo como sua religião familiar. Logicamente, os Senhores de Tharsis viam claramente a marcha dos tempos, e sua única prioridade, desde a destruição de Tartessos, era cumprir a missão familiar e preservar a Espada Sábia. Esta prioridade familiar determinava uma Estratégia para a sobrevivência da Estirpe, sobrevivência que podia se ver fortemente ameaçada após uma nova perseguição: eram tempos difíceis aqueles do século IV, a decadência de Roma pressentida por Políbio, no século II A.J.C., tinha se tornado realidade. O Império, acossado em todas as suas fronteiras por povos invasores, incorporou regimentos inteiros de mercenários e entregou o comando dos exércitos aos bárbaros; a agricultura dos pequenos produtores havia séculos que se arruinara e desaparecera na Itália, absorvida pelos grandes proprietários de terras: só sobrevivem, naqueles dias, os latifúndios coloniais, entre eles, o que possuem na Espanha os Senhores de Tharsis, contribuindo com seus baixos preços para desestabilizar ainda mais a economia da metrópole.

Diante deste panorama de insegurança generalizada, os Senhores de Tharsis, que já não são Reis, mas uma família de proprietários de terras e funcionários hispano-romanos, devem agir com extrema cautela. O Cristianismo, que se impôs no cume do Poder imperial, é agora apoiado pelas lanças e espadas dos legionários. Mas este "Cristianismo", claramente, não contém princípios doutrinais que sejam absolutamente inaceitáveis para os Senhores de Tharsis: tal como eles aprenderam duramente em sua guerra contra os Golen, os Mitos, as Histórias Lendárias, os Argumentos que estão escritos no Céu, podem voltar a se repetir na Terra. E eles estão dispostos a aceitar a história de Jesus, e até a mensagem, a boa nova, como uma espécie de atualização do Mito de Navutan: os Senhores de Tharsis far-se-ão Cristãos porque olharão a história de Jesus com a ótica da Sabedoria

Antiga; e não discutirão as diferenças, ainda que as tenham presentes e não as esquecerão.

Abraçarão a Cruz e celebrarão os sacramentos da Igreja de Roma; para todos os efeitos, serão Cristãos consagrados; inclusive darão seus filhos para a Igreja. Mas, entre eles, no seio da Casa de Tharsis, só reconhecerão como Verdade o que coincide com a história de Navutan ou com outros fragmentos da Sabedoria Hiperbórea que a família ainda conserva. Como, em seu tempo, os Gnósticos e Maniqueus, e como depois farão os Cátaros e Albigenses, eles aceitarão só uma parte dos Evangelhos, especialmente o de João, e rejeitarão completamente o Antigo Testamento. Isto é o que alegavam: o Deus dos judeus não era senão Jeová Satanás, um aspecto ou face do Deus Uno Criador do Universo Material; no Gênese narra-se a história da Criação do Universo Material, onde seria escravizado o Espírito Incriado e Eterno; o Universo Criado é, pois, intrinsecamente maligno para o Espírito Incriado, o Espírito só dá valor ao Mundo Verdadeiro de onde ele procede, e de onde proveio também o Deus Criador, uma vez que o Universo Material foi evidentemente Criado por ***imitação*** do Mundo Verdadeiro.

E no Antigo Testamento, narra-se também a história do "Povo Eleito" por Jeová Satanás, para reinar sobre todos os povos da Terra. Não foi clara, por acaso, a Promessa que o Criador fez a Abraão: "Levanta teus olhos e olha a partir do lugar onde estás até o Setentrião e o Meio-Dia, para o Oriente e o Poente; pois darei para ti e para tua posteridade, para sempre, todos os países que tu divisas, e farei com que tua descendência seja numerosa como o pó da terra. Se alguém pode contar o pó da Terra, pode contar também sua posteridade. Levanta-te, percorre a Terra em comprimento e largura, pois para ti e tua descendência eu a darei" ***[Gen. 13,14]***. Promessa que é logo reafirmada: " E, tirando-o para fora, Jeová lhe disse: olha o Céu e conta, se podes, as estrelas. E continuou: assim será a sua descendência". Mas, mais claro ainda foi o Criador com Moisés, quando lhe revelou a missão do Povo Eleito: "Pois bem, se deveras escutais minha voz e guardais minha Aliança, ***sereis minha Propriedade particular, dentre todos os povos, porque toda a Terra me pertence. Vós sereis para mim um Reino de Sacerdotes e uma Nação Santa***. Estas são as palavras de Jeová que dirás aos filhos de Israel". E depois: "Eu concluirei a Aliança. Eu realizarei, à vista de todos os povos Gentis maravilhas, as quais não foram feitas jamais em toda a Terra e em nação alguma, para que todos os povos que estejam em torno de ti, Israel, vejam a obra de Jeová, porque é terrível o que vou fazer, por meio de ti. Cumpre, pois o que Eu vou te ordenar neste dia. Guardai-vos de pactuar com os habitantes do país no qual vais entrar, não seja que se tornem um laço para vós. Pelo contrário, ***derrubai seus altares, quebrai suas estelas, e destruí suas colunas e pedras sagradas" [Ex. 19,6; 34,10]***. Ao cumprir a Aliança, o Povo Eleito será Abençoado pelo Criador, segundo comunica a Moisés: "Não vos fareis ídolos, nem erigireis estátuas nem estelas, nem colocareis em vosso país pedras sagradas para vos prostrardes diante delas, pois Eu Sou Jeová, vosso Deus. Guardareis meus

sábados e respeitareis meu santuário. Se andais de acordo com minhas leis, ..., comereis vosso pão até a saciedade e vivereis seguros em vosso país. Darei paz à Terra e dormireis sem que ninguém vos preocupe. Não passará por vossos pais a espada. Perseguireis vossos inimigos e cairão diante de vós ao fio da espada. ***Cinco de vós perseguirão cem, e cem de vós farão fugir dez mil*** e vossos inimigos cairão diante de vós ao fio da espada. Eu voltarei a vós, Eu vos farei crescer e multiplicar, e manterei convosco minha Aliança. ***Colocarei minha morada no meio de vós*** e Eu não me sentirei entediado de vós. Andarei em vosso meio, ***Eu serei vosso Deus e vós sereis meu Povo***. Eu sou Jeová, vosso Deus, que vos tirou do país do Egito" ***[Lev. 26]***.

Esse "Povo Eleito" seria, pois, aquele que anunciavam há milhares de anos os Atlantes morenos, os Inimigos do Pacto de Sangue: seria no mínimo irônico que agora se pretendesse derivar desse povo maldito uma imitação de Navutan, o Fundador do Pacto de Sangue. Porém Jesus não vinha para ***salvar*** o Pacto de Sangue, mas precisamente destruí-lo para sempre — o que demonstra que era consistente com sua procedência do Povo Eleito. Por Jesus Cristo, o Sangue Puro se degradaria como nunca, a humanidade inteira se bastardearia, o Valor se coalharia nas veias e seria substituído pelo Temor do Deus Uno. Quando o homem se materializasse, e já não respondesse ao Temor do Deus Uno, o Valor igualmente não poderia aflorar, pois o homem teria se afundado na degradação moral da decadência cultural, teria se afeminado e suavizado, teria se confundido em uma universal Ralé do Espírito — mas dessa Vil Ralé, naturalmente, tanto a Igreja como as outras seitas fundadas pelo Povo Eleito e a Fraternidade Branca extrairiam o melhor da Terra, quer dizer, aqueles que os apoiariam e secundariam com ardor: os Sacerdotes e os fiéis, os membros das Sociedades Secretas que dominariam o Mundo e a Ralé do Espírito, que aprovaria seu governo. Vermes e serpentes, asnos e ovelhas, pombas da paz... Nenhuma águia, nenhum condor, Dr. Siegnagel.

Claro que a exceção a esta regra deixa a salvo os de Sangue Puro, todos os que intuem que, com a crucifixão se deve ***libertar*** o Espírito Eterno, que jamais pecou, e não ***salvar*** a Alma pecadora; os que querem um Kristos Guerreiro e não um Cristo Pastor; os que pressentem um Kristos de Luz Incriada e não os que percebem um Cristo Material. O Kristos que concebiam os Senhores de Tharsis, por exemplo, era um Deus Espírito Puro, de Luz Incriada, que se se manifestasse na Terra, o faria usando a Coroa de Rei e empunhando a Espada; e nessa Parusia, apenas a Presença de Kristos bastaria para causar uma Aristocracia do Espírito entre os homens, que daria fim à confusão da Ralé Espiritual: Kristos se comunicaria em seu Sangue Puro; e os que melhor o escutassem seriam realmente os mais Virtuosos, os mais Espirituais, os Verdadeiros Kristãos.

Décimo Terceiro Dia

Como se vê, os Senhores de Tharsis eram Cristãos ***sui generis***, e se a Igreja tivesse descoberto seu modo de pensar, certamente os teria condenado como hereges. Mas eles sempre tomavam cuidado para não expressar publicamente suas ideias: longe estavam os tempos nos quais a Casa de Tharsis custodiava o Culto do Fogo Frio e assumia a obrigação de sua conservação e difusão. Após a destruição de Tartessos e do juramento feito pelos últimos Homens de Pedra, a prioridade que se tinham imposto consistia em cumprir a missão familiar e salvar a Espada Sábia: e para isso seria mister passarem o mais desapercebidos possível, concentrados apenas em seus objetivos. Não esqueciam que a Espada Sábia ainda aguardava na Caverna Secreta e que pesava sobre eles a sentença dos Golen, ou ***Gorren,*** quer dizer, dos ***Porcos***, como depreciativamente os qualificavam os Senhores de Tharsis, em alusão à sentença escrita com o sangue das Vrayas.

Se bem que os Senhores de Tharsis não falassem sobre suas ideias religiosas, em troca agiam: e o faziam ostensivamente, para atrair a atenção sobre o comportamento exemplar e desviá-la dos pensamentos discutíveis. Favorecia-os, sobremaneira, a grande ignorância que caracterizava os clérigos e Bispos da Época: estes só prestavam atenção na parte exterior do Culto e na fé e obediência demonstrada pelos crentes. E, nesse sentido, os de Tharsis constituíam um modelo de família cristã: eram ricos proprietários de terras, mas muito humildes e virtuosos; sempre trabalhando suas propriedades em Huelva, passavam grande parte do ano na campanha; ajudavam generosamente a Igreja e mantinham, na Vila de Tharsis, uma Basílica consagrada à Santíssima Virgem; até tinham formado, com as pessoas da aldeia de Turdes uma "Ordem Menor de Leitores", encarregada de expor o Evangelho aos Catecúmenos que seriam batizados! Sim, a Igreja podia estar orgulhosa da Casa de Tharsis.

Na verdade, os Senhores de Tharsis não mentiam nisso, pois afirmavam que a Imagem mais Pura do "novo Cristianismo" era a da Virgem Maria. Por isso, já em meados do século III, transformaram a Basílica romana, onde se oficiava o Culto de Vesta, em uma ***Ecclesia*** Cristã. Conservaram o edifício intacto, mas substituíram a Estátua de Vesta e construíram um Altar para celebrar a Eucaristia, no qual depositaram, também, a Lâmpada Perene. No possível, os Senhores de Tharsis trataram de que a Capela fosse atendida sempre por clérigos da família, ainda que, devido à sua importância, recebia periódicas visitas do Bispo de Sevilha e dos Presbíteros da área. A adoração escolhida para o Culto da Virgem tinha origem autóctone, pois os próprios Senhores de Tharsis, quando se apresentaram diante dos Sacerdotes Cristãos, o fizeram assegurando que tinham presenciado uma manifestação da Virgem. Segundo eles, a Virgem tinha aparecido em uma gruta pouco profunda, situada a poucos metros da Vila de Turdes, caso que podiam testemunhar todos os membros da família e alguns criados: A Virgem tinha

se mostrado no Esplendor de Sua Majestade e tinha-lhes pedido que adorassem seu Divino Filho e que a recordassem com um Culto. Então, os Senhores de Tharsis, visivelmente entusiasmados, declararam que desejavam abandonar o Culto Pagão e tornarem-se Cristãos. Semelhante conversão voluntária de tão poderosa família hispano-romana causou grande satisfação aos Sacerdotes Católicos, pois acrescentaria prestígio exemplar às suas missões evangelizadoras na região. Daí que aceitassem de bom grado a iniciativa dos de Tharsis de destinar a Basílica ao Culto da Virgem da Gruta.

E assim começou na Vila de Turdes o Culto à Nossa Senhora da Gruta, que seria famoso no sul da Espanha até o fim da Idade Média, até que o último dos Senhores de Tharsis abandonasse definitivamente a península e a Igreja promovesse seu prudente esquecimento. Para compreender as intenções que os Senhores de Tharsis ocultavam por trás de sua conversão e instauração do Culto à Virgem, não há nada mais revelador do que observar a Escultura com a qual substituíram a Estátua de Vesta.

As coisas tinham mudado bastante desde a Época dos cartagineses. Agora, a Vila constava de uma enorme Residência Senhorial na ***terra dominicata*** e de uns cinquenta hectares de ***terra indominicata*** entregues para o cultivo; uma aldeia camponesa, também chamada de Vila de Turdes, tinha sido construída perto da Residência dos Senhores de Tharsis; e na área limítrofe da aldeia, sobre uma colina que descia suavemente até a Residência Senhoria, os Senhores de Tharsis tinham destinado para a Igreja e Paróquia local uma excelente Basílica romana. Os Catecúmenos, que iam escutar a ***missa catechumenorum***, e os Fiéis, que depois assistiriam a particular ***missa fidelium***, chegavam até o ***atrium*** , um pátio rodeado de colunas, e passavam perto da fonte chamada de ***Cantharus***, antes de entrar na nave central. Construída sobre um plano retangular, a Basílica tinha três naves: duas naves laterais, que formavam a Cruz, e a nave central, que era dividida por duas colunas de assentos, ocupados, à direita, pelos homens, e à esquerda, pelas mulheres; a nave central terminava na ***abside***, um alargamento abobadado e alto, onde estava o ***Sanctuarium***. Normalmente, em todas as igrejas da Época, no fundo da abside encontrava-se a Cátedra Episcopal, que era o trono ocupado pelo Bispo, juntamente com outros assentos, para os Presbíteros. Na Basílica de Tharsis, a Cátedra Episcopal, como se verá em seguida, tinha sido cedida à Santíssima Virgem. Diante da Cátedra Episcopal, no centro do Santuário, achava-se a ***sacra mensa*** do Altar e, sobre ela, os instrumentos do Culto: o Cálice, a Patena e a Lâmpada Perene.

O momento culminante da Missa dos Fiéis é imediatamente depois que o Sacerdote pronuncia as palavras que instituem a Eucaristia: então recita a ***epiclese***, uma invocação ao Espírito Santo, solicitando seu concurso para propiciar o milagre da transmutação do Pão e do Vinho, ***e puxa uma cortininha que deixa exposta, à vista dos fiéis, a Divina Imagem da Virgem***. Os Fiéis ficavam absortos na Contemplação: a Escultura da Virgem é de madeira pintada, de pequenas dimensões: setenta centímetros de altura, trinta de largura e trinta de profundidade; acha-se sentada, em atitude

majestosa, sobre uma Cátedra também de madeira; o rosto é de belas feições ocidentais, uma vez que reproduz uma das Damas de Tharsis, e sorri suavemente enquanto seus olhos se dirigem fixos para a frente; o cabelo cai em forma de dezesseis tranças finamente talhadas, que surgem imediatamente por baixo da Coroa; porque tanto Ela, como o Menino, exibem os atributos da Dignidade Real: ambas as Coroas são tríplices e octogonais; quanto ao Menino, acha-se sentado em seu regaço, sobre o joelho esquerdo, enquanto Ela, amorosamente, o sustenta pelo ombro com sua mão esquerda: diferentemente da Escultura da Virgem, que é de madeira pintada, a do Menino é de Pedra Branca; Virgem de Madeira, Menino de Pedra: o Rosto da Virgem é pintado de Branco Imaculado, o Cabelo de Ouro, o Corpo de Vermelho e a Cátedra de Negro; com a mão direita, a Virgem empunha um feixe de dezesseis Espigas de Trigo e uma Vara, com a mão esquerda segura o Menino; seus pés estão separados, bem como seus joelhos, e sob o pé direito se vê, esmagada, aparecer a cabeça de uma serpente; o Menino Kristos Rei, por seu lado, olha fixamente para a frente, na direção em que olha sua Divina Mãe, e tem um livro na mão esquerda, enquanto ***com a direita realiza um gesto que destaca o ângulo reto, entre os dedos indicador e polegar***.



Virgem de Agartha esculpida na Bolívia de acordo com a descrição do trabalho em madeira de cedro.

É evidente porque a esta adoração se dava o nome de "A Virgem Branca do Menino de Pedra" ou "Nossa Senhora do Menino de Pedra". Não é tão claro, em troca, o nome "Nossa Senhora da Gruta", uma vez que, salvo a menção feita pelos Senhores de Tharsis sobre o lugar da aparição da Virgem, a "gruta" não intervinha em nada no Culto. Mas o caso era que a Virgem, cuja descrição acabo de fazer, representava claramente Ama, a Mãe de Navutan, a quem os Atlantes brancos chamavam de "A Virgem de K'Taagar", pois acreditavam que Ela se encontrasse ainda na Cidade dos Deuses Libertadores. Mas, o que significa K'Taagar? É uma aglutinação de três palavras antiquíssimas: a primeira é ***"Hk"***, da qual só se conserva o ***"K"*** final, que era para os Atlantes brancos um Nome genérico de Deus: com ***Hk*** tanto costumavam se referir ao Incognoscível como aos Deuses Libertadores; a segunda é ***"Ta"*** ou ***"Taa"***, que significa Cidade: mas não qualquer Cidade, mas Cidade Hiperbórea, Cidade de Atlantes brancos; e a terceira é ***"Gr"*** ou ***"Gar"***, que equivale a cripta, gruta, ou recinto subterrâneo. K'Taagar quer dizer, pois, aproximadamente: "A Cidade Subterrânea dos Deuses Libertadores". Com a supressão do ***"K"*** e a transposição das restantes palavras, outros povos se referiram à mesma Cidade como Agarta, Agartha, ou A'grta, que significa literalmente "Cidade Subterrânea". A Virgem de K'Taagar é também A Virgem de Agartha. Mas "A'grta" pode ser interpretada também como ***"a gruta"***: surge assim a verdadeira origem da engenhosa denominação "Nossa Senhora da Gruta", que os Senhores de Tharsis adotaram para se referir publicamente à Virgem de Agartha.

Em conclusão, ao se ditar a lei imperial de 392, que reprimia a prática dos Cultos pagãos, os Senhores de Tharsis já eram Cristãos, católicos romanos, e mantinham em sua ***ecclesia propia*** o Culto à Nossa Senhora da Gruta, a Virgem de Agartha. Não é que com esta mudança tivessem renunciado ao Culto do Fogo Frio: na verdade, para celebrar aquele Culto não se requeria nenhuma Imagem. Foi a necessidade figurativa dos lídios que, ao "aperfeiçoar a Forma do Culto", introduziu no passado a Imagem de Pyrena. Mas Pyrena era o Fogo Frio no Coração e sua representação mais simples consistia na Lâmpada Perene: aos Eleitos da Deusa, aos que ainda acreditassem em Sua Promessa, só lhes devia bastar a Lâmpada Perene, uma vez que o Ritual e a Prova do Fogo Frio deviam se realizar agora internamente. De modo que todo o Antigo Mistério do Fogo Frio estava exposto à vista naquela Basílica da Vila de Turdes. Mas, como antes, como sempre, apenas os Homens de Pedra o compreendiam. Só Eles sabiam, ao orar na Capela, que o Olhar da Virgem de Agartha, e o do Menino de Pedra estavam cravados na Chama da Lâmpada Perene; e que essa Chama dançante era Pyrena, era Freya, a Esposa de Navutan, expressando com seu bailado o Segredo da Morte.

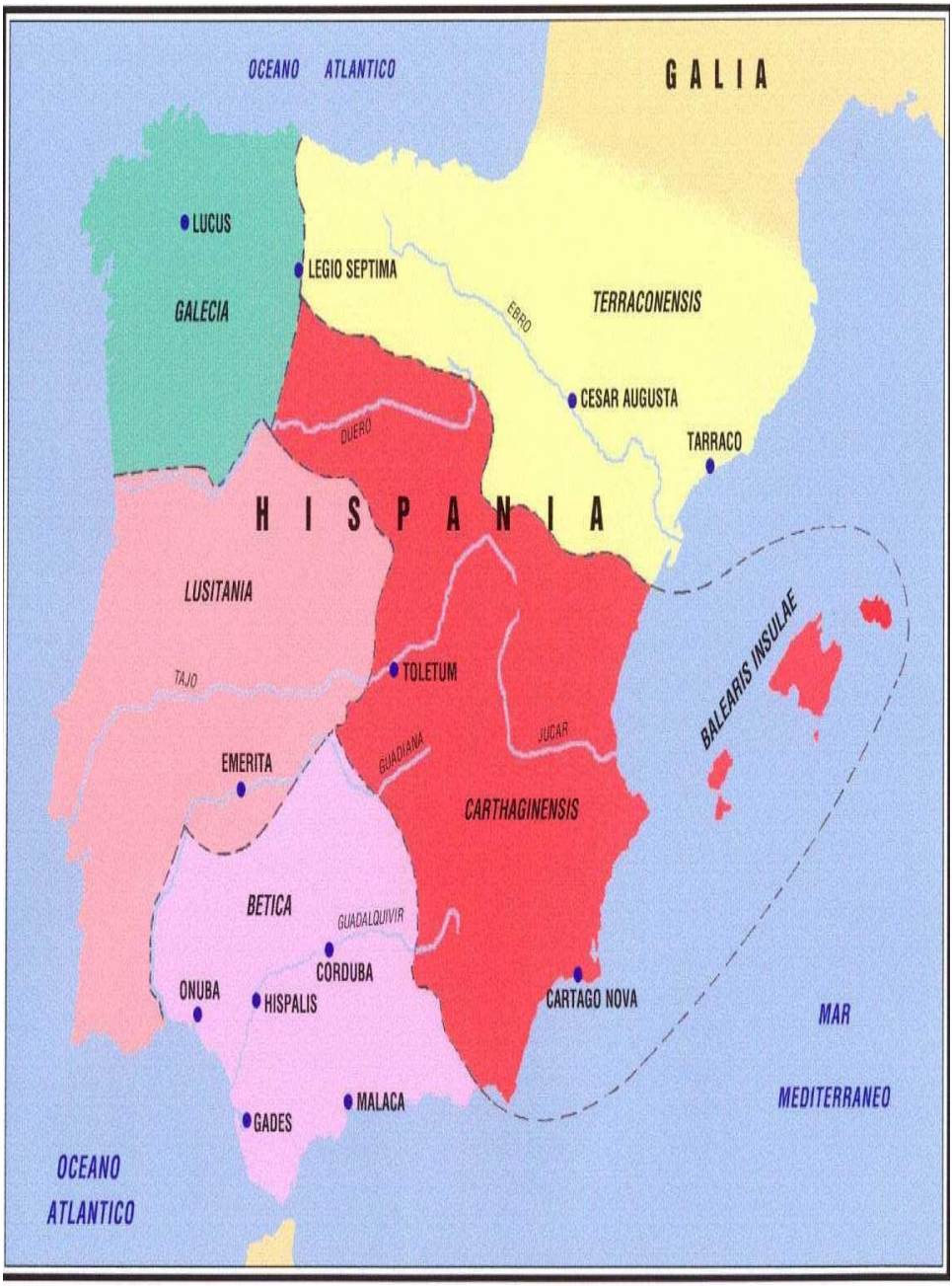
Logo no início do século IV, três povos bárbaros se lançam ao assalto da Espanha: dois são germânicos, os ***suevos*** e os ***vândalos***, e outro, o dos ***alanos***, iranianos. Na partilha que fazem, os alanos ocupam a Lusitânia e parte da Bética, incluída a região da Vila de Turdes: chegam em 409 e, nos

oito anos em que conseguem sustentar-se na região, sua presença se reduz ao usufruto, em proveito próprio, dos impostos correspondentes aos funcionários romanos e ao periódico saque de algumas aldeias. Para fazer frente à invasão, o General romano Constâncio, em nome do Imperador Honório, contrata o Rei Valia dos visigodos, mediante um ***foedus*** assinado no ano 416: por este tratado, os visigodos se comprometem a combater, na qualidade de confederados do Império, contra os povos bárbaros que ocupam a Espanha, recebendo em troca terras para assentarem-se no sul da Gália, na Tarraconense e na Narbonense. Os alanos são assim rapidamente aniquilados, enquanto os vândalos ainda realizam incursões na Bética por alguns anos, até que finalmente abandonam a península, rumo à África.

Quando, em 476, o esciro Odoacro depôs o Imperador Romano Augústulo, dando fim ao Império Romano do Ocidente, já fazia cinco anos que o Rei Eurico dos visigodos tinha ocupado a Espanha. Desta vez, os visigodos entraram para acabar com os suevos, em cumprimento do foedus do ano 418, mas já iriam embora, durante os seguintes duzentos e cinquenta anos.

A presença permanente dos visigodos na Espanha não afetou de maneira determinante a vida dos hispano-romanos, salvo no caso dos proprietários de grandes latifúndios, que se viram obrigados pelo foedus a repartirem suas terras com os "hóspedes" germânicos. Tal era o caso dos Senhores de Tharsis, ao ter que hospedar uma família visigoda de nome ***Valter*** e ceder-lhe um terço da ***terra dominicata*** e dois terços da ***terra indominicata***. Mas, após esta expropriação, que constituía um pagamento justo pela tranquilidade que assegurava a presença visigoda frente às recentes invasões, tudo continuava igual aos dias do Império Romano: só o destino dos impostos tinha mudado, já não era Roma, mas a mais próxima Toledo; o montante e a periodicidade do imposto, e até os funcionários arrecadadores eram os mesmos do Império Romano.

Três questões fundamentais separavam, desde o início, os visigodos e os hispano-romanos: uma lei que proibia os casamentos entre godos e hispano-romanos, a diferença religiosa, e a desproporção numérica entre ambos os povos. A primeira questão se solucionou no ano 580, com a anulação da lei, ficando levantada a barreira que impedia de fundirem-se os dois povos: a partir de então, a família Valter se integra com vários casamentos à Casa de Tharsis, ficando restituído o primitivo patrimônio dos Senhores de Tharsis.



A Espanha do Baixo Império Romano
(do séc. III ao séc. V d.C.)

A segunda questão significava que, enquanto a totalidade da população hispano-romana professava a religião católica, os hóspedes visigodos sustentavam a fé ariana. De fato, ambos os povos eram Cristãos e ignorantes das sutilezas teológicas que os Sacerdotes estabeleciam dogmaticamente. E, neste caso, a diferença que Ário[1] tinha assinalado era de extrema sutileza. Os visigodos foram evangelizados, quando ainda habitavam as margens do Mar Negro, pelo Bispo godo Wulfilas, partidário de Ário; ao avançarem depois sobre o ocidente, empurrados pelos hunos, descobririam com satisfação que seu Cristianismo era diferente do dos romanos e se aferrariam tenazmente a essa diferença, muitas vezes incompreensível. Agiriam assim porque os godos possuíam, desenvolvido em um grau eminente, o ***orgulho nacional***, e necessitavam dispor de uma diferença tangível, um princípio unificador próprio, que lhes evitasse serem fagocitados culturalmente pelo Império Romano: o significado da diferença em si não tinha muita importância; o concreto seria que o arianismo os manteria separados religiosamente da população romana, enquanto, ao uni-los entre si, lhes permitiria conservar a Cultura goda.

Em que consistia aquela diferença com o dogma católico, que poucos compreendiam, mas que os godos nacionalistas defenderiam até o fim? Especificamente, referia-se a uma definição sobre o problema da Divindade de Jesus Cristo. A postura de Ário, natural da Líbia, mas inscrito na diocese de Antióquia, surgiu como reação contra a doutrina de Sabélio: este tinha afirmado que não existia ***distinção essencial*** entre as três Pessoas da Trindade Cristã; o Filho e o Espírito Santo, na realidade, eram manifestações do Pai, sob outro Aspecto ou ***prosopon***: a essência do Deus Uno, ao apresentar-se com um Aspecto era o Pai, com outro era o Filho, e com outro o Espírito Santo. Contra isto, Ário começou a ensinar, desde 318, que "só Deus Uno é eterno e incomunicável: Jesus Cristo foi criado do nada e, portanto, não é eterno; é uma criatura do Deus Uno e, portanto, algo diferente d'Ele, algo ***não consubstancial com Ele***.

Sabélio não estabelecia distinção alguma entre as três Pessoas da Trindade, enquanto Ário diferenciava de tal modo o Pai e o Filho, que este já não era Deus nem consubstancial com o Pai: ambos seriam condenados como hereges à Doutrina Católica. E qual era, então, a verdade? Segundo o decidiu em Nicéia, em 325, um Concílio de trezentos Bispos, Jesus Cristo respondia à fórmula ***consubstantialis Patri***, quer dizer, era consubstancial com o Pai, de sua mesma substância, Deus, igual a Ele. De modo que a diferença religiosa que separava os godos e romanos versava sobre o complexo conceito da consubstancialidade entre Deus e o Verbo de Deus, diferença que não conseguiria explicar a obstinação goda, a menos que se

[1] N.T. *Ário ou Areio foi um heresiarca do século IV, fundador da doutrina* ***arianista nada tem a ver com a raça ariana****), tida como heresia. Era, antes de se afastar do trinitarismo, diácono de Alexandria, ordenado pelo patriarca Pedro I, razão pela qual também é conhecido como Ário de Alexandria.* Wikipédia

considere que, com ela, se estava conservando uma Cultura, uma tradição, um modo de vida. Talvez não se evidencie em sua real dimensão o perigo de imersão na Cultura romana, que denunciavam os nacionalistas godos, se não se repara na terceira questão, a da desproporção numérica entre ambos os povos: porque os visigodos somavam apenas duzentos mil, quer dizer, que uma comunidade de duzentos mil membros, recém-chegados, devia dominar uma população nativa de nove milhões de hispano-romanos, expoentes de um alto grau de civilização. À luz de tais cifras, entende-se melhor a relutância dos godos em suprimir as diferenças religiosas e jurídicas que os isolavam dos hispano-romanos.

A realidade de seu escasso número obrigou os visigodos a tolerarem a religião dos hispano-romanos, mesmo sem ceder um centímetro em suas convicções arianas. No entanto, em que pese o desespero dos nacionalistas, a universalidade de um mundo que, então, era católico e romanos os foi penetrando por todos os lados e, por fim, tiveram que aceitar uma integração cultural que já estava consumada de fato. No ano 589, o Rei Recaredo se converte ao catolicismo, durante o III Concílio de Toledo, concretizando a unificação religiosa de todos os povos da Espanha. Sendo o dos godos um povo de Raça indo-germânica, que se contava entre os últimos que abandonaram o Pacto de Sangue, quer dizer, que estavam entre os de Sangue mais Puro da Terra, é fácil concluir que sua presença na península só podia beneficiar a Casa de Tharsis; mas aquele passo dado por Recaredo elevaria, já sem obstáculos, os Senhores de Tharsis às mais nobres dignidades da Corte de Toledo: desde o século VII os de Turdes Valter seriam Condes visigodos.

A unificação política da Espanha, completada por seu pai, o Rei Leovigildo, e a unificação religiosa conseguida por Recaredo, deixariam a descoberto um Inimigo interno que, até então, tinha crescido com as diferenças que separavam os dois povos. Tratava-se dos membros do Povo Eleito por Jeová Satanás, os quais professavam para com os Gentios, quer dizer, para os que não pertencem ao Povo Eleito, um ódio inextinguível, análogo ao que os Golen experimentam para com a Casa de Tharsis. Apesar de que o último Cristianismo, o de Jesus Cristo, registrava a clara origem de seus Livros Sagrados, de suas tradições, de suas Sinagogas, e de seus Rabinos, eles o desprezavam e explicavam sua existência como um mal necessário, como uma fábula que colocaria em evidência a moral da Verdade judaica. O falso Cristianismo católico duraria até a vinda do Messias Judeu, o verdadeiro Cristo, que se sentaria no Trono do Mundo e submeteria todos os povos da Terra à Escravidão dos Judeus. Era esta uma Profecia que se cumpriria implacavelmente, tal como asseguravam no Talmud incontáveis Rabinos e Doutores da Lei. Acreditavam cegamente que a Diáspora tinha por objetivo infiltrá-los entre os povos Gentios como um tipo de preparação mística para o Futuro que viria, para a Restauração Universal do Templo a Jeová Satanás e a Ressurreição da Casa de Israel, o verdadeiro Messias Judeu: durante a dispersão, os Gentios aprenderiam quem são os judeus, a

expressão do Deus Uno sobre a Terra, e os judeus demonstrariam aos Gentios qual é o Poder do Deus Uno. Em toda a Diáspora, e naquele Sefard da Espanha, os judeus, persuadidos de seu protagonismo messiânico, se entregavam a minar os fundamentos sociais dos povos Gentios: a religião, a moral, as instituições da nobreza e da realeza, a economia, e todas as bases legais sofriam sistemáticos ataques pelos membros do Povo Eleito.

Recaredo teve que agir contra eles, devido à evidência de sua infatigável tarefa corruptora, mas os sucessores daquele Rei não atuaram com a necessária energia e permitiram que os judeus prosseguissem com seus planos. O Rei Sisebuto, extraordinário guerreiro e cristão zeloso, que venceu sucessivamente os bascos, cantábricos, asturianos e gregos bizantinos, teve que corrigir essa situação: em abril de 612, dita uma lei que proíbe aos judeus "a posse de escravos cristãos". Não lhe deve escapar, Dr. Siegnagel, a profunda ironia que implicava aquela proibição, do ponto de vista teológico, tendo conta de que as Profecias talmúdicas anunciavam "a rápida escravidão dos cristãos e goim". Claro, para efeitos jurídicos, a lei se regulamentou visando escravos concretos e, assim, ordenava "que todo judeu que, depois de primeiro de julho de 612, fosse surpreendido em posse de um escravo cristão, lhe seriam confiscados a metade de seus bens, enquanto ao escravo se concederia liberdade, na qualidade de cidadão romano". Também se colocou em vigência, pela mesma lei, uma disposição dos tempos de Alarico II, que mandava executar os judeus que tivessem convertido um Cristão à sua religião, inclusive se se tratasse de filhos de matrimônios mistos.

Morto Sisebuto, reúne-se, em 633, o IV Concílio de Toledo, ao qual assiste o Conde de Turdes, em seu caráter de Bispo local. Trata-se de muitos variados assuntos, tais como a sucessão real, os casos de sedição, as normas para a disciplina eclesiástica, etc., e no lugar central se debate apaixonadamente o problema judeu. O Rei Sisenando, que preside o Concílio, carente completamente dos dotes estratégicos e da Visão Hiperbórea de Sisebuto, permite que uma facção pró-judaica tome a voz impositora e questione as medidas decretadas recentemente contra o Povo Eleito. É aí que o Conde de Turdes Valter se confronta violentamente com o Bispo Isidoro de Sevilha, que não possui nem remotamente o Sangue Puro de Recaredo e Sisebuto, não obstante ser um dos homens melhor instruídos e mais inteligentes da Espanha: sua enciclopédia, em vinte tomos, ***"Etymologiae",*** é uma obra mestra para a Época, além de outros numerosos livros dedicados aos mais variados temas; inclusive escreveu um tratado de apologética, com o sugestivo título ***"De fide catholica contra Iudeos"***. Contudo, Isidoro professava uma admiração sem limites pela história do Povo Eleito e considerava o Antigo Testamento como a base teológica do Cristianismo, tal como o demonstra em seu tratado de exegética ***"Allegoriae S. Scripturae"***, onde comenta os livros hebreus. Esta postura o conduziu à contradição de sustentar, por um lado, a necessidade de combater o judaísmo, e por outro de procurar a defesa dos judeus, a evitar

que sobre eles se exercesse "qualquer tipo de violência". No decorrer do Concílio, levado por essa falsa "piedade cristã", tenta dar marcha a ré nas leis dos Reis visigodos.

Graças à intervenção do Conde de Turdes Valter aprovam-se dez cânones sobre os judeus, mas sem o rigor da lei de Sisebuto: proíbe-se aos judeus, dentre outras coisas, a prática da usura, o desempenho de cargos públicos, os matrimônios mistos, ordena-se a dissolução dos matrimônios mistos existentes, e se reafirma a proibição de manter escravos cristãos. Para avaliar a importância das resoluções tomadas, só se deve notar que os Concílios de Toledo eram Sínodos Nacionais da Igreja Católica: daí a seriedade de um dos cânones, que estabelece expressamente a pena de excomunhão para os Bispos e demais hierarquias da Igreja, assim como aos nobres aos quais lhes correspondessem as gerais da lei, em caso de que não cumprissem com exatidão e dedicação as disposições sobre os judeus.

Nesse IV Concílio de Toledo, o Conde de Turdes Valter se lançou com ardor a defender a causa que denominava "da Cultura hispano-goda", em um momento em que a facção pró-judaica, chefiada pelo Bispo Isidoro parecia ter controlado o debate. Sua irrupção foi decisiva: falou com tal eloquência que conseguiu definir a maioria dos Bispos a favor de tomar medidas urgentes para neutralizar o "perigo judeu". Todos ficaram fascinados, especialmente os nobres visigodos, quando o escutaram assegurar que "a Cultura hispano-goda era a Mais Antiga da Terra", e que agora essa herança inestimável "estava ameaçada por um povo inimigo do Espírito, um povo que adorava em segredo Satanás e contava com Seu Poder Infernal para escravizar ou destruir o gênero humano": Satanás lhes tinha conferido poder sobre o Ouro, do qual sempre se valiam para conseguir seus planos inconfessáveis, e "com o qual certamente tinham comprado o voto dos Bispos que os defendiam". Esta possibilidade de estar a serviço do Ouro judeu levou a mais de um Bispo pró-judeu a fechar a boca e permitiu que, finalmente, se aprovassem as medidas esperadas pelo Conde de Turdes Valter. No entanto, tal vitória não foi positiva para a Casa de Tharsis, pois colocou em evidência algo que até então tinha passado despercebido por todo mundo: na atitude do Conde de Turdes Valter se exalava algo mais do que zelo católico, algo vivo, algo que só podia proceder de um Conhecimento Secreto, de uma Fonte Oculta; o Conde Bispo estava muito certo do que afirmava, era muito categórico em suas frases, para tratar-se de um fanático, de alguém cego pela fé: claramente era evidente que o Conde ***sabia*** o que dizia, mas, quanto e o que sabia? De onde procedia sua Sabedoria? A partir dali, a Casa de Tharsis seria novamente observada pelo Inimigo: e ao ódio dos Golen se acrescentaria agora o do Povo Eleito e o de um setor da Igreja Católica, que não cessariam mais de perseguir os Senhores de Tharsis e buscar sua destruição; dali em diante, apesar de contribuir com sua riqueza e seus membros ao fortalecimento da Igreja, a Casa de Tharsis seria sempre suspeita de heresia.

Décimo Quarto Dia

De Maomé só vou destacar aqui que se impôs aos fiéis do Islã a obrigação de ***orientarem-se*** diariamente para uma ***pedra***, a Pedra Negra ou Kaaba, e a ***Guerra Santa*** como modo de cumprir com Deus, era porque conhecia os Princípios da Sabedoria Hiperbórea: pois guerreiro orientado é uma definição adequada para o Iniciado Hiperbóreo. Certamente a Sabedoria esotérica de Maomé foi desvirtuada ou não compreendida por seus seguidores. De qualquer modo, ainda quando não compreendidos totalmente, a simples aplicação dos Princípios da Sabedoria Hiperbórea é suficiente para transmutar os homens e os povos, para neutralizar o pacifismo degradante do Pacto Cultural. Assim, ao morrer Maomé em 632, quase toda a Arábia estava em poder dos Califas; em 638 caem Síria e Palestina, em 642 Egito, em 643 Trípoli, e em 650 toda a Pérsia. Por último, a Civilização romana perde a África: em 698 Cartago é destruída.

Na Espanha, o Rei Égica teve que convocar com urgência o XVII Concílio de Toledo, que se reuniu na Igreja de Santa Leocádia em 9 de novembro de 694. O motivo foi o seguinte: a cidade africana de Ceuta, em frente a Gibraltar, era a única praça cristã que ainda resistia ao impulso árabe; à frente da mesma encontrava-se o Conde Julian, vassalo do Rei da Espanha: a resistência de Ceuta dependia exclusivamente das provisões que lhes enviavam os hispano-godos; pois bem, os ceutenses tinham descoberto algo terrível: os hebreus da África estavam negociando a invasão árabe da Espanha, com o apoio de seus irmãos peninsulares; uma vez acertado o preço da traição, os judeus da Espanha forneceriam aos sarracenos toda a informação necessária, e sua colaboração pessoal, para assegurar o êxito da invasão. Naturalmente, o Povo Eleito odeia tanto os maometanos como os cristãos, mas sua Estratégia profética prescreve que se deve confrontar uns com outros até que todos sejam dominados por ela. E então era a vez de destruir os Reinos Cristãos da Europa. Quando estas notícias chegaram ao Rei Égica, que pertencia a um clã inimigo da alta nobreza e do clero, quer dizer, pró-judeu, não teve outra alternativa a não ser reunir o Concílio e expor o caso de Alta Traição. Desta vez, há quatro Bispos da Casa de Turdes Valter para defender a causa do Cristianismo espiritual e da Cultura hispano-goda. Debate-se arduamente e, por fim, opta-se por atuar com o máximo rigor: todos os judeus da Espanha serão submetidos à escravidão e seus bens confiscados a favor do Estado visigodo. É claro que estas medidas não eram duras, mas brandas, pois, ao não aplicar a pena de morte contra os traidores, só se conseguia que estes ganhassem tempo e continuassem conspirando. Já lhes devolveriam os árabes, quinze anos depois, todas as suas antigas posses e lhes concederiam um lugar proeminente na sociedade, em retribuição pelos serviços prestados!

O partido da alta nobreza e do alto clero, apoiado pelos Senhores de Turdes Valter, agrupava-se em torno da família do extinto Rei Quindasvinto;

o partido da "monarquia progressista" se reunia ao redor da família do Rei Vamba, morto em 680. Égica, que era membro da família de Vamba, arranja a sucessão ao Trono de seu filho Vitiza, que começa a reinar no ano 702. Enquanto isso, na Bética, governa o Duque Roderico, do clã de Quindasvinto. Ao morrer Vitiza, em 710, a Classe Régia de Toledo, onde conseguiram maioria os do partido de Quindasvinto, proclama como novo Rei Roderico. Despeitados, os filhos de Vitiza, na época governadores de província e funcionários, que consideram uma desapropriação, solicitam aos judeus que lhes marquem um encontro com o General Musa ibn Nusayr. Enquanto isso, incitam revoltas em Tarraconense, Narbonense e Navarra, obrigando Roderico a concentrar todas as suas forças no Norte, para sufocar a rebelião: estas campanhas causam a interrupção dos suprimentos para Ceuta, o que é rapidamente esmagada pelos árabes. Por fim, parte para a África aquela embaixada de traidores: a integram os filhos de Vitiza, Olmundo, Ardabasto e Akila, e os irmãos do defunto Rei, Sisberto e o Bispo de Sevilha, Oppa, a quem acompanha o Grande Rabino de Sevilha, Isaak. Incrivelmente, o Conde Juliano, que se colocou a serviço de Musa ibn Nusayr, depois de entregar a praça, e levado por uma inimizade pessoal com Roderico, aconselha o General árabe a intervir na Espanha.

Musa ibn Nusayr promete-lhes enviar ajuda para derrotar Roderico. Os traidores regressam e simulam pactuar a paz com o Rei, que não desconfia. Em 711, o general berbere Tarik transporta, em quatro barcos, um exército compostos de árabes e berberes, e desembarca em Gibraltar. Roderico, que ainda combate os bascos no norte, deve cruzar o país para cortar a passagem de Tarik, que se dirige a Sevilha. A batalha se realiza nas margens do rio Guadalete; nas fileiras de Roderico, estão sob comando de duas colunas os irmãos de Vitiza; ao se produzir o encontro, os traidores Sisberto e o Bispo Oppa passam para o bando de Tarik, deixando o Rei Roderico em posição comprometida; e após vários dias de combates, o exército visigodo acaba completamente aniquilado por Tarik, desconhecendo-se o destino que teve o último Rei visigodo. A "ajuda" oferecida por judeus e árabes aos partidários de Vitiza não redundaria em benefício destes, uma vez que, no ano seguinte, o General Musa ibn Nusayr, à frente de um exército mais numeroso, iniciaria a conquista da Espanha; em poucos anos, toda a península, salvo uma pequena região de Astúrias, cairia em seu poder. Espanha se tornaria, assim, um Emirado dependente do Califa de Damasco.

Ainda que, à medida que avançava a Reconquista cristã, o domínio árabe fosse retrocedendo, a Bética permaneceu ocupada durante mais de quinhentos anos. Para a Casa de Tharsis, a catástrofe visigoda não causou mais efeitos do que a perda imediata do poder político: "os Condes de Turdes Valter" voltaram a ser "os Senhores de Tharsis". De outra forma, conservaram suas propriedades, ainda que tivessem que tributar fortemente ao Emir, por sua condição de Cristãos. Os Senhores de Tharsis, que já tinham experiência de sobra em sobreviver a situações semelhantes, eram plenamente conscientes de que, no momento, não existia na Europa uma

força militar capaz de expulsar os árabes da Espanha: o Emir Alhor, que governou entre os anos 718 e 720, consegue atravessar os Pirineus e tomar a cidade de Narbona, atacando dali os territórios francos; só o nobre Don Pelayo lhes resiste e consegue manter uma região sob o domínio cristão nas montanhas da Cantábria e nos Pirineus: deste núcleo surgiria o reino de Astúrias, ao qual depois, no século X, se acrescentariam Leão e Castela, e se formariam, no século IX, Catalunha e Navarra, e no século XI Aragão, por sucessivas reconquistas de territórios dos árabes. Mas no ano de 732, o Emir de Córdoba, Abd-el-Rahman, movia-se livremente pela Gália e conquistava Bordéus: só a decisão de Carlos Martel impediria a conquista e destruição do Reino franco; mas também ficava claro, já no ano 737, que para os Estados Cristãos era impossível atravessar os Pirineus até a Espanha. Então, a suposição dos Senhores de Tharsis era muito realista, como também o foi sua Estratégia para enfrentar a circunstância.

Imediatamente compreenderam que os árabes só respeitavam duas coisas: a Força e a Sabedoria. Quem lhes resistisse com valor suficiente para despertar seu respeito, podia obter concessões deles. E só a admiração que experimentavam pela Sabedoria, e pelos homens que a possuíam, lhes permitia tolerar as diferenças religiosas: uma coisa era um Cristão e outra um Cristão Sábio; o primeiro se deveria ***forçar*** a abraçar o Islã, era o que ordenava o Profeta; o segundo se procuraria ***convencer*** da Verdade islâmica, atraindo-o, sem preconceito, para a Cultura árabe. Daí que os Senhores de Tharsis decidissem mostrarem-se amistosos com eles e demonstrar-lhes, conclusivamente, que faziam parte de uma família de Sábios. Esta atitude não se constituía propriamente em uma traição à religião católica, uma vez que os Senhores de Tharsis continuavam sendo "pagãos", quer dizer, continuavam mantendo o Culto do Fogo Frio, e uma vez que a imensa maioria da população hispano-goda, agora chamada de "moçárabe", ia se integrando, aos poucos, à Cultura árabe, adotando sua língua e religião. Os Senhores de Tharsis se tornariam expoentes do conhecimento em seu mais elevado nível e seriam, durante séculos, professores dos centros de ensinamentos árabes de Sevilha e Córdoba, obtendo, por esta colaboração, e pelas contribuições econômicas da Vila de Turdes, o direito de professar a religião cristã e a manter como Templo privado a Basílica de Nossa Senhora da Gruta.

Os membros do Povo Eleito, como é lógico, aproveitaram sua influência para incitar perseguições contra os cristãos, e especialmente contra a Casa de Tharsis, durante todo o tempo que durou a ocupação árabe. No entanto, fiéis aos seu princípios talmúdicos, tentaram continuar com sua tarefa corruptora, em prejuízo agora da sociedade árabe, o que lhes valeu que os sarracenos, tendo conseguido o objetivo de conquistar a Espanha, esquecessem rapidamente seus favores e os submetessem também periódicas perseguições.

Décimo Quinto Dia

Convém informar-lhe, a esta altura da história, Dr., sobre o reaparecimento dos Golen. Como disse no Sexto Dia, à parte de sua presença, sempre pouco numerosa entre os fenícios e cartagineses, tinham chegado massivamente na Europa, a partir do século IV A.J.C., "acompanhando um povo cita da Ásia Menor"; tal povo recebeu muitos nomes, de acordo com o país onde transitou ou se assentou: fundamentalmente, eram ***celtas***, mas foram conhecidos como ***galeses, irlandeses, escoceses, bretões, gauleses, córnicos, gálatas, galegos, lusitanos***, etc. Vejamos agora, com mais detalhes, como foi que os Golen se uniram aos celtas, e qual era sua verdadeira origem.

Mais adiante explicarei o significado das Tábuas da Lei, que Moisés recebe de ***IHVH***, ao concretizar Sua Aliança com o Povo Eleito. Agora é hora de resumir que as Tábuas da Lei contêm o Segredo da Serpente, quer dizer, a descrição das vinte e duas vozes que o Deus Criador empregou para realizar sua obra, e os dez Aspectos, ou ***Sephiroth***, com que se manifestou no Mundo, ao executar a Criação: são ***trinta e dois misteriosos caminhos do Uno***. Este conhecimento dá origem a uma Alta Ciência denominada ***Cabala acústica e numérica***, que se encontra expressa ***apenas nas primeiras Tábuas da Lei***: nas segundas, que sempre foram exotéricas, não há nada além do que um Decálogo Moral, pálido reflexo dos dez Arquétipos Supremos ou ***Sephiroth***. As primeiras tábuas possuem, pois, o Segredo da Serpente, o Segredo da Construção do Universo: para preservar este segredo dos olhares profanos, as Tábuas foram guardadas na ***Arca da Aliança***, enquanto uma "interpretação" da Cabala Acústica era criptografada por Moisés, Josué, os Anciãos, etc., no pentateuco ou Torá escrita. As vinte e duas letras hebraicas, com que foram escritas as palavras criptografadas, têm uma relação direta com os vinte e dois sons arquetípicos que o Criador Uno pronunciou, o que lhes outorga um inestimável valor como instrumento mágico. Mas tais letras possuem também um significado numérico arquetípico, de modo que toda palavra é suscetível de ser analisada e interpretada. Essa é a origem da Cabala numérica judaica, exclusivamente dedicada a compreender a Escritura da Torá, que não deve se confundir com a Kabala acústica Atlante branca, que se acha referida às Vrunas de Navutan.

Mas a Cabala acústica era revelada nas Tábuas da Lei e estas encerradas na Arca, de onde só podiam ser extraídas uma vez por ano, para privilégio dos Sacerdotes. Finalmente, o Rei Salomão fez enterrar a Arca em uma cripta profunda sob o Templo, uns mil anos A.J.C., e permaneceu no mesmo lugar até a Idade Média, quer dizer, por vinte e um séculos. Poderia acrescentar ***que foi a forma mágica como foi enterrada*** que impediu que a Arca fosse achada antes.

Com a morte de Salomão, o Reino de Israel se dividiu em duas partes. As tribos de Judá e Benjamin, que ocupavam o sul da Palestina, ficaram sob o

comando de Roboão, filho de Salomão, e o restante do país, formado pelas outras dez tribos, alinhou-se sob a autoridade de Jeroboão. No ano de 719 A.J.C., o Grande Rei Sargão destruiu o Reino de Israel, e as dez tribos de Jeroboão foram transportadas para o interior da Assíria, para servir em escravidão. As duas tribos restantes formaram o Reino de Judá, do qual descendem, em maior ou menor grau, os judeus atuais.

As "dez tribos perdidas de Israel" não desapareceram da História, como a propaganda interesseira dos judeus pretende fazer crer, dado que se sabe sobre o assunto muito mais do que se diz. Por exemplo, é certo que houve hebreus na América antes de Colombo, e também que uma grande parte da população atual do Afeganistão descende dos primitivos membros do Povo Eleito. Mas o que aqui interessa é assinalar que houve então uma migração de hebreus para o norte, os quais iam guiados por uma poderosa casta levita. Depois de atravessarem o Cáucaso, onde foram dizimados por tribos germânicas, chegaram às estepes da Rússia e ali deram com um povo cita. A massa do povo hebreu se misturou com os citas, mas como eram muito inferiores em número, não afetaram a identidade étnica destes; pelo contrário, a casta levita não aceitou perder sua condição de membros do Povo Eleito ***degradando seu Sangue com os Gentios***. Os levitas permaneceram assim, dedicados ao Culto e ao estudo da Cabala numérica, durante muitos anos, chegando a alcançar notáveis progressos na área da feitiçaria e magia natural. Quando, séculos depois, os citas se deslocaram para o oeste, uma parte deles se estabeleceu nos Cárpatos e nas margens do Mar Negro, enquanto outra parte continuou seus avanço para a Europa central, onde foram conhecidos como ***celtas***. Acompanhando os celtas iam os descendentes daqueles Sacerdotes levitas, chamados agora de ***Golen***, por se acreditar que sua procedência era a fenícia Cidade de Sidom, onde os denominavam de ***Gauls*** ou ***Gaulens***. Mas de Sidom os Golen se expandiram a Tiro, de onde navegaram com os fenícios até Tharsis e fizeram as primeiras incursões de que recordam os Senhores de Tharsis; após a queda de Tiro, no século IV A.J.C., teriam que se assentar, como se viu, em Cartago, desempenhando o Sacerdócio de Baal Moloch. Alguns Golen se estabeleceram também na Frígia, como oficiantes do Culto de Cibele, de Adonis, e de Átis. É que então os Golen já possuíam um terrível poder, fruto de séculos consagrados ao estudo do Satanismo e à prática da Magia Negra. Em síntese, os celtas avançaram pela Europa guiados pelos Golen. E o tempo diria que aquela aliança não acabaria nunca, estendendo-se até nossos dias.

Mas como chegaram os levitas das tribos perdidas a se tornarem Golen, quer dizer, como obtiveram seu sinistro conhecimento? A explicação deve ser buscada no fato de que estes levitas, coisa que não ocorreu com outros Sacerdotes judeus nem então nem depois, ***não se conformavam só com o saber que se podia extrair da Torá escrita: eles desejavam ter acesso à Hokhmah, ou Sabedoria Divina, por um contato direto com a Fonte da Cabala Acústica, que é a Ciência dos Atlantes morenos***. Sua

insistência e perseverança em conseguir esse objetivo, e seu caráter de membros do Povo Eleito, convenceu os Demônios da Fraternidade Branca de que se encontravam frente a inestimáveis colaboradores do Pacto Cultural. E essa convicção lhes fez decidir por confiar-lhes uma importantíssima missão, uma empresa que requereria sua intervenção dinâmica na História. O cumprimento dos objetivos propostos pelos Demônios redundaria em benefício dos levitas, já que lhes permitiria avançar cada vez mais no conhecimento da Cabala acústica. Que tipo de missão lhes tinham encomendado os Demônios? Uma tarefa que tinha relação direta com seus desejos: ***seriam executores do Pacto Cultural***; trabalhariam para neutralizar as construções megalíticas dos Atlantes brancos, tratariam de recuperar as Pedras de Vênus, combateriam até a morte os membros do Pacto de Sangue, e colaborariam para que o plano da Fraternidade Branca, consistente em instaurar na Europa a Sinarquia do Povo Eleito, pudesse ser concretizado. Mas os Golen, no fundo, continuavam sendo Sacerdotes levitas, filhos do Povo Eleito, e agora, possuidores da "Sabedoria Divina" de ***YHVH***, a ***Hokhmah***; por isso, sua fundamental ocupação, o objetivo principal de seus sonhos, seria teológico: ***Eles tentariam unificar os Cultos, demonstrando que, "por trás da pluralidade dos Cultos", existia "a Singularidade de Deus"; que, desde então, deveria se cumprir rigorosamente com o Sacrifício do Culto. "Porque, qualquer que fosse a forma do Culto, "o Sacrifício é Uno", quer dizer, o Sacrifício participa do Uno"***.

A partir do século V, já estão os celtas e os Golen percorrendo a Europa até o oeste. Os Galeses foram os que se uniram a Amílcar Barca e impediram que Roma auxiliasse Tartessos; depois se uniriam a Amílcar Barca na invasão da Itália; mas muito antes, no século IV, tinham humilhado Roma e destruído o Templo de Apolo, em Delfos. Júlio Cesar, em sua célebre campanha das Gálias, consegue submetê-los definitivamente ao controle de Roma, em 59 A.J.C.; Augusto divide a Gália transalpina em quatro províncias: a Narbonense, a Aquitânia, a Céltica ou Lionesa, e a Bélgica. Os Golen, que detinham grande poder sobre todos estes povos, começam a se retirar aos poucos das províncias romanas, inclusive sendo seguidos por alguns contingentes celtas: passam primeiro por Grã-Bretanha, ou "Britânia", mas o objetivo final é a Irlanda, ou seja, "Hibérnia". Nos primeiros séculos da Era cristã não são muitos os Golen que se movem livremente pela Europa: no século IV, quando se castiga com a pena de morte a prática dos Cultos pagãos, já não parece existirem Golen nas regiões romano-cristãs. De fato, até então as Gálias e a Hibérnia estão totalmente romanizadas e nas regiões em que ainda se pratica o paganismo, os missionários católicos derrubam os templos pagãos, às vezes árvores centenárias, e colocam em fuga os Golen. Invariavelmente, estes partem para Grã-Bretanha e Irlanda.

A chegada dos bárbaros no século V não lhes oferece uma oportunidade de reimplantar seu poder, pois estes povos são cristãos arianos e de Raça germânica, tradicionalmente inimigos dos celtas, que os consideram

também ***barbarii***. Assim, no Reino visigodo da Espanha, os Senhores de Tharsis recolherão, então, a impressão de que, por fim, os Golen desapareceram da Terra. Contudo, estava para ocorrer todo o contrário, pois em pouco tempo os Golen não retornariam à Europa para cumprir seu antigo papel de Sacerdotes pagãos do Deus Uno, para cumprir a missão de unificar os Cultos no Sacrificio ritual: agora eram outros tempos; daquela missão se ocupariam diretamente os membros do Povo Eleito, os quais ofereceriam ao Uno ***o Sacrifício de toda a Humanidade Gentia ou Goim***. A Fraternidade Branca tinha encarregado os Golen, em troca, do desempenho de uma função superior, uma ocupação que favoreceria como nunca a unificação da humanidade. Por isso, eles não voltariam desta vez como Sacerdotes pagãos, mas como "Cristãos"; e não apenas como ***"Cristãos"***, mas como ***"católicos romanos"***; e não apenas como católicos, mas como ***"monges missionários"*** da Igreja Católica; e depois seriam considerados ***"construtores sábios"*** da Igreja, título absurdo, cuja menção arrancaria risadas irônicas dos Homens de Pedra.

Esta é uma longa história, que aqui só posso resumir, e que tem seu princípio nos planos da Fraternidade Branca. Os Deuses Traidores, para cumprir seus pactos com o Deus Criador e as Potências da Matéria, deviam favorecer o Controle do Mundo por parte do Povo Eleito. Para isso, seria necessário assegurar o modo de vida materialista fundamentado no Pacto Cultural, quer dizer, seria necessário assegurar o Culto nas sociedades germânico-romanas recentemente formadas na Europa. E a melhor maneira de assegurar o Culto, tal como se depreende do que expus no Terceiro Dia, é formalizá-lo e plasmar essa forma nas massas; centralizar a sociedade em torno da forma do Culto. Onde começa a forma de um Culto, qual é o extremo mais visível para as massas? Evidentemente, o Culto começa pelo ***Templo***, o que primeiro ***aparece*** para o crente. Na verdade, o mais importante do Culto é o ***Ritual***, mas todo lugar onde se pratica o Ritual é um Templo, pois o Templo é o ***Espaço Sagrado*** onde se ***pode*** realizar o Ritual: a prioridade aparente do Templo surge de que, efetivamente, pode existir um Templo, quer dizer, um Espaço Sagrado ou Centro de Manifestação metafísica, ***sem que tenha Ritual***, mas é inconcebível que se possa executar um Ritual fora de um Espaço Sagrado ou Templo. O plano da Fraternidade Branca para assegurar o Culto começava, pois, pela implantação massiva de Templos e pela evolução da forma dos Templos, em concordância com os objetivos do Ritual.

Mas esses planos visavam um objetivo final muito mais complexo: ***a instauração de um Governo Mundial nas mãos do Povo Eleito***. A Fraternidade Branca criaria as condições culturais adequadas para que uma sociedade futura aceitasse tal forma de governo: nessa empresa ocupariam o esforço de toda a casta sacerdotal do ocidente, figurando, em primeiro lugar, a missão encomendada aos Golen. Quando a sociedade estivesse pronta para o Governo Mundial, então se realizaria, mediante o Messias, a reunificação do Cristianismo com a Casa de Israel e se elevaria o

Povo Eleito ao Trono do Mundo. Tais eram os planos da Fraternidade Branca e dos Sacerdotes do Pacto Cultural. A transformação da sociedade, que esses planos exigiam, se conseguiria principalmente pela unificação religiosa e a função fixadora do Culto que todo Templo exerce sobre as massas. Mas haveria mais: também se requeria a formação de um poder financeiro e militar que prestasse apoio, em seu tempo, à constituição do Governo Mundial.

O Culto oficial das sociedades europeias era o cristão, de forma que os Templos teriam que responder aos Ritos da Igreja. Claramente se percebe que o plano dos Deuses Traidores requer a efetivação de duas condições: a primeira é que as massas tomem consciência da ***necessidade*** do Templo para a eficácia do Ritual; e a segunda é que se disponha, no momento em que esta necessidade alcance sua máxima expressão, dos homens capazes de ***satisfazê-la***, mediante a construção de Templos em grandes quantidades e volumes. A primeira condição se cumpriria pela constante e permanente prédica missionária; a segunda, com a fundação no Ocidentede um ***Colégio Secreto de Construtores de Templos***: este Colégio, Dr. Siegnagel, foi confiado aos Golen. Mas isso não aconteceu de início, pois se devia concretizar o plano da Fraternidade Branca, começando pela primeira condição: quando na Igreja foi preparado o lugar que os Golen iam ocupar, para desenvolver seu Colégio de Construtores, no século VI, então foram convocados ***na Irlanda***, para que promovessem seu espantoso reaparecimento continental.

A oportunidade que Os Golen aproveitam para regressar à Europa é produto do nascimento, no século VI, do "monaquismo ocidental", tradicionalmente atribuído a São Bento de Núrsia. ***Realmente, só a ignorância dos europeus pôde manter semelhante atribuição, durante mil e duzentos anos; no entanto, em que pese a que, desde o século XVIII se conheça no ocidente, com bastante precisão, a história das religiões da Ásia, ainda hoje em dia há aqueles que sustentam teimosamente esse absurdo, entre eles, o dogma oficial da Igreja Católica: mas, para comprovar o engano, só se tem que pegar um avião, para viajar ao Tibete, e observar ali os monastérios budistas dos séculos III e II A.J.C., quer dizer, oitocentos anos anteriores a São Bento, cujas regras internas e construções são análogas às beneditinas***. A oração e o trabalho eram ali a Regra, tal como na fórmula ***ora et lavora*** de São Bento; mas, o mais importante, o mais revelador da comparação é, sem dúvida, descobrir que os monges tibetanos se dedicavam ao oficio de ***copistas***, quer dizer, de reproduzir e perpetuar antigos documentos e livros, e conservar e desenvolver a arte da construção de Templos, ***igual aos beneditinos***. E não há necessidade de insistir, porque é suficientemente sabido que aqueles monastérios eram centros de difusão religiosa, pela ação dos ***monges missionários e mendicantes*** que ali eram preparados e enviados para toda a Ásia.

À luz dos conhecimentos atuais, no entanto, qualquer pessoa de boa-fé há de admitir que a instituição do monaquismo oriental data do século X antes de Jesus, ou seja, é pelo menos 1.400 anos anterior ao aparecimento do monaquismo ocidental. Para refrescar a memória a este respeito, convém recordar os seguintes dados: em primeiro lugar, que os hinos mais antigos do Rig Veda e os Upanishads mencionam as comunidades bramânicas ***munis e vratyas***; em segundo lugar, que, na Época de Buda, personagem histórico do século VII A.J.C., já existiam ashrams há centenas de anos; e por último, que se a reforma religiosa budista se espalha rapidamente na Índia, China, Tibete, Japão, etc., é porque já existiam os grupos que iam se transformar em Sanghas.

Mas não era que os beneditinos fossem budistas ou tivessem algo a ver com o budismo, mas que tanto os Sacerdotes budistas como os Sacerdotes beneditinos obedeciam secretamente à Fraternidade Branca, verdadeira Fonte Oculta do Monaquismo "Oriental" e "Ocidental". A Fraternidade Branca, efetivamente, foi autora de uma obra intitulada "Regra dos Mestres de Sabedoria", de difusão universal, e que no Ocidenteera conhecida desde o século II como ***"Regula Magistri Sapientiae"*** por numerosas seitas cristãs e também pelos gnósticos judeus. Então, nada de original havia no monaquismo ocidental, o qual responderia, pelo contrário, às mais ortodoxas disposições que a Fraternidade Branca regula sobre o assunto.

Nos primeiros séculos da Era Cristã, quando o Império Romano admitia o "paganismo" e mantinha contato com os povos da Ásia, conhecia-se perfeitamente a existência da vida monástica oriental; inclusive homens ilustres como Apolônio de Tiana, contemporâneo de Jesus, tinha viajado ao Tibete e recebido instrução em seus monastérios. Algumas seitas gnósticas, que chegaram a compreender e a se oporem aos planos da Fraternidade Branca, deixaram testemunho de que isso se conhecia nas principais cidades do Oriente Médio: Alexandria, Jerusalém, Antioquia, Cesareia, Éfeso, etc. Mas a instituição dos monastérios não se estabelece da noite para o dia: é necessário seguir um processo rigoroso de formação, um método que se conhece desde a época da Atlântida e que os Sacerdotes do Pacto Cultural utilizaram universalmente; com esse método, os Sacerdotes brâmanes impuseram o hinduísmo e os sacerdotes budistas, com uma deformação anterior da doutrina do *Kshatriya* Sidhartha, criaram o monaquismo budista tibetano, chinês, hindu e japonês. Esse método determina que se deve começar por uma etapa de anarcomisticismo social, caracterizada pela proliferação de iluminados, ermitões, e Santos: essa fase tem o objetivo de fomentar a crença de que a futura instituição monástica é um produto espontâneo do povo, que nasce e se nutre do povo. Desta maneira, os povos aceitarão naturalmente a existência e obra dos monastérios, e, o que é mais importante, também o aceitarão os Reis e governantes. E esse método infalível é aplicável em qualquer povo e com o concurso de qualquer religião.

No quadro do judaico-cristianismo, já no século I, começa a se aplicar o método, e assim surge, no Oriente Médio, uma multidão de ascetas e Santos que se retiram para os desertos e montanhas, para viver em solidão. Durante os séculos II e III, cresce tanto a população de anacoretas, que muitos decidem juntarem-se sob o comando de um Santo superior e à ordem de alguma regra: constituem-se, então, as comunidades de cenobitas, no entanto, a comunidade dos cenobitas não chega ainda no grau de união requerido para o modo de vida monástico, pois cada membro continua com a vida ermitã e só se reúnem para orar e se alimentarem. E junto aos anacoretas e cenobitas, vagam por todos os lados os "frades errantes", versão ocidental dos "monges mendicantes orientais". No século V, as colônias de anacoretas e os mosteiros somavam milhares e milhares de membros no Egito, Palestina e Oriente Médio: em apenas uma diocese do Egito, Oxyrhynchus, viviam vinte mil ermitãs e cem mil ermitões anacoretas, enquanto durante a vida de São Pacômio existiam sete mil monges cenobitas em seus monastérios, que chegam a cinquenta mil no século V. Com isto quero lhe exemplificar, Dr. Siegnagel, a magnitude do movimento pré-monástico, um movimento que todos sabiam que era de inspiração do extremo oriente.

O momento propício para instituir o monaquismo ocidental, e para difundir o engano de que consistia em uma criação original judaico-cristã, iria se apresentar depois da morte do Imperador Teodósio, no ano 395, quando o Império Romano se reparte entre seus dois filhos, Arcádio e Honório. Arcádio se estabelece em Constantinopla, dando início ao Império Romano do Oriente, que duraria até o ano 1453. Honório herda o Império Romano do Ocidente, com Roma, que se desfaria oitenta anos depois, frente à pressão das hordas bárbaras: após o ano 476, o Império do Ocidentese divide em múltiplos Reinos romano-germânicos e começa um processo coletivo de isolamento e decadência cultural. Não apenas com a Ásia ficam cortados os laços culturais mas com a própria Grécia; mas a sociedade europeia já estava preparada para a instituição monástica: durante séculos tinha visto passar os frades errantes, procedentes da Terra Santa e escutado as histórias dos anacoretas e cenobitas orientais; inclusive muitos peregrinos viajavam para a Terra Santa e ali adotavam a vida ascética, conservando, em seu regresso, os costumes adquiridos; nesse momento, século VI, não existe zona montanhosa europeia onde não habitem ermitões cristãos. Mas, uma vez estabelecida a ordem dos monastérios, todos esqueceriam a origem oriental da instituição monástica.

Justamente dos monastérios beneditinos sairão as cópias e traduções dos livros mais fecundos da cultura grega, ***que não teve instituição monástica***, e se "perderá" todo vestígio das culturas do Extremo Oriente; vestígios que tinham existido no Império Romano e que, misteriosamente, desaparecem da Europa, ao mesmo tempo em que "aparecem" os livros mais adequados para empurrar o Ocidentepara o desastre espiritual do Renascimento e a Idade Moderna, quer dizer, os livros nos quais se expõe o

racionalismo e a especulação grega, raiz da "Filosofia" e da "Ciência" moderna. Nada se dirá, a partir da Cultura beneditina, sobre a origem Atlante das civilizações europeias, nem sobre as religiões dos povos da Ásia, nem sequer sobre a dos recentes germânicos, aos quais se obrigará a esquecerem seus Deuses e crenças, e seus alfabetos rúnicos. E nada se dirá, é claro, que possa relacionar a instituição monástica ocidental com outras Culturas, que possa despertar a suspeita de que o ocorrido na Europa é uma história repetida em outras partes, a conclusão de um método de Estratégia Psicossocial para exercer o controle das sociedades humanas. Logo depois do século IX, pela presença dos árabes na Espanha, e do século XII, pela transculturação que as Cruzadas causam, alguns Espíritos alertas percebem o engano. Mas são poucos e já é tarde para deter os Golen.

São Bento, que nasceu no ano de 480, funda, em 530, o monastério modelo de Monte Cassino e redige, em 534, sua célebre Regra. Que recebeu instruções dos "Anjos" da Fraternidade Branca não restam dúvidas, porque sua ***Regula Monachorum*** é uma reprodução fiel da ***Regula Magistri Sapientiae***. Ao morrer, no ano 547, e "subir ao Céu por um caminho custodiado por Anjos", segundo presenciaram muitos monges, as bases do "monaquismo ocidental" estavam lançadas: esse era "o momento" longamente esperado pelos Golen para irromper nos países continentais da Europa.

No século V, os Golen se encontram concentrados majoritariamente na Irlanda e começam a se infiltrar na Igreja Católica. Um dos seus é São Patrício, que enviam ao Continente para estudar a Doutrina Cristã e ter contato com membros da Fraternidade Branca: regressa no ano 432, procedente de Roma, investido de Bispo e com a autorização papal para evangelizar a Irlanda. Imediatamente, funda muitos monastérios, alguns realmente importantes, como os de Armagh e Bangor, onde se celebrariam Sínodos e existiriam escolas religiosas, nas quais se apressaram a ingressar em massa os Golen da Irlanda e Grã-Bretanha. Os seguintes cento e trinta anos, desde a morte de São Patrício, em 462, até a partida de São Columbano, no ano 590, são empregados pelos Golen, a fim de dar forma à "Igreja da Irlanda", vale a pena dizer, a fim de organizar seu futuro assentamento continental.

O ano 590 assinala "o momento" histórico em que os planos da Fraternidade Branca para a participação dos Golen começam a ser executados rigorosamente. O "lugar" onde os Golen desenvolverão o Colégio de Construtores de Templos já está pronto: são os monastérios da Ordem de São Bento. E já foi eleito Papa o monge beneditino Gregório, que, anos antes, em Constantinopla, recebe a ordem da Fraternidade Branca de "convocar os monges irlandeses", quer dizer, os Golen, e integrá-los à Ordem de São Bento. Nada além desse chamado os Golen necessitavam para agir e, nesse mesmo ano de 590, parte para a França São Columbano, procedente do grande monastério de Bangor, junto com doze membros da plana maior. Na França, somam-se a eles seiscentos Golen e se dedicam a

fundar monastérios baseados na ***Regula Monachorum***: contam, a todo momento, com o apoio de São Gregório Magno, que recebe São Columbano em Roma mais de uma vez. Depois do de Anegray, estabelece o monastério de Luxeuil, de vasta influência na região, e o famoso de Saint Gallen, entre muitos outros. São Columbano morre no ano de 615, no monastério lombardo de Bobbio, deixando sua missão praticamente cumprida: centenas de monastérios nas Gálias, na Suíça e na Itália, quer dizer, nos antigos assentamentos celtas, sob a direção dos "monges irlandeses", Golen, e integrados à Ordem de São Bento.

Deve-se recordar que, no ano de 589, desenvolve-se o III Concílio de Toledo, onde o Rei Recaredo, por influência do Bispo de Sevilha São Leandro, declara-se "católico romano", junto com a Rainha e toda a corte do Reino visigodo. Não deve surpreender, pois, que os Golen se precipitem na Espanha a partir do nefasto ano de 590. No entanto, esse reaparecimento causou enorme surpresa aos Condes de Turdes Valter, que não esperavam voltar a ver os Golen na península, pelo menos enquanto durasse nela a ocupação goda. Mas tal imprevisão tinha sua causa na suposição de que os Golen permaneceriam pagãos e não se "submeteriam" à Igreja Católica: esta suposição foi uma ingenuidade, como a realidade se encarregou de demonstrar bem rápido, pois os Golen aspiravam ***controlar a Igreja Católica***, depois de "se submeterem" a ela. Os Condes de Turdes Valter, que também pertenciam à Igreja e eram nobres hispano-godos, empregaram então toda a sua influência para impedir a expansão beneditina no sul da Espanha, objetivo que lograram amplamente: os Golen, como é lógico, se fixariam no norte da Espanha, nas regiões célticas. Desde o monastério de Dumio, vizinho de Braga, na Lusitânia, e outros em Bierzo e no extremo da cordilheira cântabro-asturiana, que se denomina Picos da Europa, os Golen empreenderiam uma infinidade de incursões na Bética, com a finalidade de destruir a Casa de Tharsis e roubar a Espada Sábia. Uma completa guerra secreta se travou, desde o século VIII, na qual os "monges missionários" Golen tentavam aproximar-se da Vila de Turdes e os Senhores de Tharsis os executavam sem piedade. Mas, para cada Golen beneditino que desaparecia sem deixar rastros, ou aparecia assassinado em um caminho, por mãos desconhecidas, vinham dois em substituição, obrigando a Casa de Tharsis a manter, como outrora, um permanente estado de alerta. Especialistas em magia negra, e mestres em todo tipo de Ciências, empregariam tudo quanto sabiam para localizar a Caverna Secreta, mas sempre fracassariam. Por fim, solicitariam o auxílio de Bera e Birsa, como se verá mais adiante.

É evidente que a inserção dos Golen na Igreja Católica não constitui um motivo suficiente para desqualificá-la completamente. A razão é que os Golen se introduzem como "Sociedade Secreta" dentro da Igreja e, ainda que suas intrigas comprometam, em mais de uma ocasião, a Igreja toda, seus planos jamais são declarados publicamente nem assumidos oficialmente por esta. Pelo contrário, em muitas outras ocasiões, personalidades verdadeiramente espirituais, autênticos kristãos, brilharam em seu seio.

Convém considerar então, apesar de que tal distinção não seja sempre fácil de determinar, como se existissem ***duas Igrejas*** sobrepostas: uma, contra a qual lutaram os Senhores de Tharsis, é a ***Igreja Golen***; assim a denominarei em outras partes e sua definição irá surgindo da história; outra é a ***Igreja de Kristos***, ou ***Igreja*** simplesmente, à qual pertenceram os Senhores de Tharsis e o ***Circulus Domini Canis***, e à qual pertencem muitos dos que são pelo Espírito e contra as Potências da Matéria, por Kristos Luz e contra Jeová Satanás. Uma é a Igreja da Traição ao Espírito do Homem, uma é a Igreja do Demônio da Alma Imortal e outra é a Igreja do Deus do Espírito Eterno.

Décimo Sexto Dia

Sobre o Papa beneditino Gregório I, o criador do "canto gregoriano", é preciso acrescentar duas coisas. Uma é destacar que a pressão exercida sobre São Leandro para que influísse em Recaredo e conseguisse a entrada maciça dos Golen na Espanha só aconteceu porque nos monastérios já existentes se adotava a ***Regula Monachorum***. E a outra é notar que sua decisão, tomada em combinação com São Columbano Golen, de enviar, no ano 596, o monge Santo Agostinho e trinta e nove beneditinos para a Grã-Bretanha, obedecia à necessidade de substituir provisoriamente os irlandeses na tarefa evangelizadora. Aquela partida tinha a missão de evangelizar os anglos e os saxões que, não há muito tempo, tinham conquistado a ilha: segundo São Columbano e outros Golen, estes povos (de Sangue Muito Puro) manifestavam natural predisposição contra os celtas e especialmente contra os irlandeses; só respeitariam outros germânicos ou os romanos: eles teriam que realizar a tarefa, pois, uma vez evangelizados, já haveria tempo para que os Golen se infiltrassem e se apoderassem do controle da Igreja Britânica. No ano 600, o Bretwalda da Grã-Bretanha era o Rei Etelberto de Kent, cuja esposa, princesa dos francos e católica fervorosa, favorece a conversão pelos romanos de São Gregório, em que pese a que tinha junto a ela um Bispo franco e alguns Sacerdotes de seu povo; o sucesso é grande: o Rei e o povo se batizam e em Canterbury funda-se um monastério beneditino com hierarquia de bispado; depois lhe seguem Essex, Londres, Rochester, York, etc.

Quarenta anos depois, os Golen penetrarão nos monastérios anglo-saxões, a partir da céltica Escócia, apoiados pelo Rei Oswaldo de Northumbria. Incorporados como mestres nos monastérios beneditinos, para os Golen será mais fácil convencer os anglo-saxões já cristãos sobre a bondade de suas intenções. No entanto, durante muitos anos, a voz preponderante será levada por monges não irlandeses, tais como o grego Teodoro de Tarso e o italiano Adriano. São Beda, o Venerável, morto no ano 735, leva o monastério beneditino de Jarrow ao seu mais alto grau de esplendor: oficinas onde se ensinam os mais variados ofícios, escolas religiosas, fazendas monásticas, cópia e tradução de documentos, instrução musical, etc. Dos monastérios

beneditinos anglo-saxões sairia uma inestimável ajuda para os planos dos Golen, na pessoa dos monges missionários britânicos, que seriam muito melhor recebidos do que os irlandeses nos Reinos germânicos: Baviera, Turíngia, Hesse, Francônia, Frísia, Saxônia, Dinamarca, Suécia, Noruega, etc., veriam passar por suas terras os monges anglo-saxões. O maior expoente desta corrente inglesa beneditina foi, indubitavelmente, São Bonifácio.

Procedia do convento beneditino de Nursling e seu verdadeiro nome era Winfrid: o Papa beneditino Gregório II concedeu-lhe o novo nome de Bonifácio no ano 718, junto com sua missão de evangelizar os germânicos. A verdade, por trás de todo este movimento, era que os Golen suspeitavam que os germânicos ainda conservavam as Pedras de Vênus e outros legados dos Atlantes brancos, e procuravam encontrá-los, a qualquer custo. Por isso, São Bonifácio, por exemplo, se empenha em derrubar o antiquíssimo Carvalho do Deus Donar, em Geismar, no ano 722, tratando de encontrar a Pedra que uma tradição germânica situava nas raízes da árvore. Mas esta não era uma tarefa que o próprio São Bonifácio faria pessoalmente com suas mãos: para isso contava com milhares de Golen beneditinos sob suas ordens; a famosa Pedra de Vênus dos saxões, por exemplo, seria buscada durante cinquenta anos, e custaria aos saxões que, por fim, a perderam, milhares de vítimas, atribuídas depois cinicamente aos "esforços da cristianização". São Bonifácio não era, pois, um mero Pregador, mas um grande executor dos planos da Fraternidade Branca: os Arqui-Golen, ocultos nos monastérios, e os Papas beneditinos, revelar-lhe-ão estes planos em forma de diretrizes que ele cumprirá fielmente. Um de seus atos mais fecundos para esses planos, por exemplo, foi a universal difusão que imprimiu a ideia da superioridade do Bispo de Roma, o representante de São Pedro na Terra, acima de qualquer outra hierarquia eclesiástica ou régia: ***com base nessa ideia se assentará o poder do papado na Alta Idade Média***. E o papado, o papado beneditino e Golen, entende-se, responder-lhe-á, em consequência, dotando-o do Pálio arquiepiscopal, que lhe permitirá nomear seus próprios Bispos e completar a hierarquia de seus Sacerdotes.

No ano 737, em Roma, recebe das mãos de Gregório III a máxima dignidade: será Legado papal na Alemanha, e disporá de amplos poderes para agir. Naquele tempo, "Alemanha" incluía o Reino Franco, o mais poderoso da cristandade europeia. Então, a nomeação de São Bonifácio tinha como objetivo libertar suas mãos para que concretizasse um plano tão audaz quanto sinistro; no Império Romano do Oriente, o Império Bizantino, o Patriarca da Igreja estava normalmente submetido à vontade do Imperador; no Ocidenteseria necessário reestabelecer o poder imperial, mas fundamentado em uma relação de forças completamente inversa: aqui, o Papa dominaria os Reis e Imperadores, o Sacerdote o Rei, o Conhecimento do Culto a Sabedoria do Sangue Puro. E o instrumento para este plano, que permitiria, por sua vez, concretizar os planos da Fraternidade Branca e dos Golen, seria a família franca da dinastia carolíngia.

Os Reis Merovíngios se faziam chamar de "Divinos" porque afirmavam descender dos Deuses Libertadores: para o judaico-cristianismo, que sustentava, com a Bíblia, idêntica descendência de todos os mortais desde Adão e Eva, aquela origem não significava nada; o único Deus era o Deus Criador, Jeová Satanás, e ninguém podia assumir sua linhagem: e fora do Deus Criador judaico-cristão só existia a superstição ou os Demônios. Assim, pois, era uma questão de princípios eliminar alguns Reis que, não apenas declaravam ter linhagem Divina, mas que afirmavam ***recordar isso com o sangue***: esse vínculo entre a Divindade e a realeza, muito popular entre os francos, era um obstáculo irritante para alguns Sacerdotes que pretendiam apresentar-se como os únicos representantes de Deus na Terra. Ao morrer Carlos Martel, no ano 741, sucedem-lhe seus filhos: Carlomano como Administrador da Austrásia e Pepino como Administrador da Nêustria. Carlomano, que depois se retiraria para o monastério de Monte Cassino, concede a São Bonifácio total liberdade para reformar a Igreja Franca, de acordo com a Regra beneditina; o mesmo fará Pepino. Em poucos anos, mediante uma série de Sínodos, que vão de 742 a 747, toda a Igreja Franca se coloca sob o controle da Ordem Beneditina.

Carlomano e Pepino são, também, dominados pela Ordem. São Bonifácio comunica a Pepino o plano dos Golen: com a aprovação do novo Papa Zacarias, se destronará o Rei Quilderico III, o último dos Divinos Merovíngios; em seu lugar será eleito Pepino pelos Grandes do Reino e sua nomeação estaria legitimada, analogamente ao Antigo Testamento, pelo ***consentimento*** do Papa e a ***unção*** de São Bonifácio. O pagamento do novo Rei, para legitimar sua usurpação, consistiria em um saque considerável: a criação dos Estados Pontifícios. Mas esta recompensa não cercearia em nada o poder do Reino Franco, pois não se constituiria às suas expensas, mas à dos lombardos e bizantinos: efetivamente, o Papa solicitava como pagamento de sua aliança com o Rei Franco alguns territórios que deviam ser previamente conquistados. Acertado o acordo, em novembro do ano de 751, o Rei Quilderico III era confinado em um monastério beneditino e Pepino, o Breve, proclamado Rei e ungido por São Bonifácio. Em 754, o Rei Pepino e o Papa Estêvão II se reúnem em Ponthion, onde assinam um tratado pelo qual os francos se comprometem, dali em diante, a proteger a Igreja Católica e a servir ao Trono de São Pedro. Deste modo, em 756, os francos doam a São Pedro o Exarcado, Veneza, Ístria, a metade do Reino Lombardo e os ducados de Spoleto e Benevento.

Com Pepino, o Breve, inaugura-se a dinastia carolíngia, pedra fundamental na obra da Fraternidade Branca. Do exposto, percebe-se com clareza que a corte e todas as molas do Estado franco estavam tomados pela Ordem beneditina: não é difícil imaginar, então, em que tipo de ambiente se educariam seus netos e familiares, e quais as crenças que se lhes inculcariam sobre a antiga religião "pagã" dos germânicos e seus Deuses ancestrais. Em vista disso, deve-se reconhecer que Carlos, o Magno, fez todo o possível para tornar-se judaico-cristão e cumprir o plano dos Golen.

O fruto dos séculos de paciente e reservado labor obtido nos monastérios beneditinos pôde-se observar na corte carolíngia, especialmente na

denominada "Escola Palatina". A esta Escola concorria pessoalmente o Imperador com seus filhos e filhas, sua guarda pessoal e outros membros da corte, para escutar as lições que davam os "sábios" beneditinos, chegados, em muitos casos, de monastérios longínquos: da Itália vieram para Aquisgrana Pablo de Pisa, Paulino de Aquileia, Pablo, Diácono de Pávia, etc.; da Espanha veio um dos Senhores de Tharsis, com a missão de espiar a marcha da conspiração Golen, trazendo, em seu regresso desalentadoras notícias sobre a magnitude e profundidade do movimento inimigo: chamava-se Tiwulfo de Tharsis e foi famoso por seu livro escrito na Escola Palatina, intitulado ***"De Spiritu Sancto Bellipotens"***. Não obstante estas procedências, a grande maioria dos mestres eram irlandeses e anglo-saxões, quer dizer, Golen, e sequazes de Golen. Entre os últimos deve-se mencionar o cérebro da Escola Palatina e da difusão geral que, a partir dela, se daria à "cultura beneditina": refiro-me a Alcuíno de York, discípulo da Escola de São Beda, o Venerável, que se incorpora à Escola Palatina em 781 e dirige entre 796 e 804, data de sua morte, a Escola do monastério de São Martinho de Tours. Sua ***Schola Palatina*** é foco do chamado "reconhecimento carolíngio", ao qual contribuem eficazmente suas obras, de inspiração clássica e neoplatônica, e baseadas em conceitos de Prisciano, Donato, Isidoro, Beda, Boécio, tais como ***De Ratione Animae***, ou seus famosos manuais, que regeram durante séculos a educação europeia: ***Ars Grammatica, De Orthographia, De Rethorica, De Dialectica***, etc.

Da Escola Palatina saem as ideias para a Encíclica ***"de litteris colendis"***, cujas resoluções aprovadas por Carlos Magno tinham força de lei e ordenavam a criação, em todos os monastérios e catedrais, de Escolas para Sacerdotes e leigos: nelas, se deveria ensinar o ***Trivium***, o ***Quadrivium***, a Filosofia e a Teologia. O ***Trivium*** e o ***Quadrivium*** formavam as chamadas "Sete artes liberais": o ***Trivium*** continha a Gramática ou Filologia, a Retórica e a Dialética; e o ***Quadrivium*** a Astronomia, Geometria, Aritmética e Música. Claro que o ensino de tais matérias ficava a cargo dos monges beneditinos, os quais tinham se preparado para isso durante duzentos anos e eram os únicos que dispunham de suficientes mestres e material clássico para cumprir a ordem real, que eles próprios tinham inspirado. E os beneditinos Golen tinham bem claro como deviam educar as mentes europeias, para que nos tempos vindouros se experimentasse coletivamente a imperiosa necessidade do Templo local: então, o Colégio de Construtores Golen, que logo se colocaria em marcha, construiria Templos de Pedra jamais vistos, Catedrais magníficas, Construções que, na realidade, seriam ***máquinas de pedra*** de tecnologia Atlante morena e cuja função visaria transmutar a mente do crente e ajustá-la ao Arquétipo coletivo da Raça hebraica, que é o mesmo do Jesus Cristo arquetípico.

Alcuíno, que se fazia chamar de ***"Flacco"***, em honra ao poeta latino Horácio, dirigia os círculos culturais beneditinos Golen que cercavam o Imperador. Em tais cenáculos, se respirava um ar bíblico e judaico muito intenso: o próprio Carlos Magno exigia ser chamado de "Davi", e seu fiel conselheiro Eginardo, por exemplo, pedia que fosse chamado de ***Beseleel***, por ser o nome do construtor

do Tabernáculo no Templo de Jerusalém. E neste microclima especial, ambientado pelos beneditinos Golen, o Imperador e seus principais colaboradores da nobreza franca iam tendo o cérebro lentamente lavado e eram condicionados a adotar o "ponto de vista Golen" sobre a Ordem do Mundo. Para preservar essa Ordem, por exemplo, devia-se erradicar o paganismo e impor mundialmente o judaico-cristianismo: isso era o Bem, o que mandava a lei de Deus e o que subscrevia o representante de São Pedro. Não importava se para conseguir esse Bem se devesse destruir povos irmãos: Deus perdoaria aos seus todos os atos em Seu Nome. Os Golen condicionavam deste modo a mente do Imperador, porque necessitavam de um novo Perseu, um "Herói" que cumprisse a sentença de extermínio que pesava sobre o povo de Sangue Puro dos Saxões e lhes permitisse roubar sua Pedra de Vênus.

Pelo menos o povo Perseu dos cartagineses que destruiu Tartessos mil anos antes pertencia a outra Raça. O crime de Carlos Magno e seus francos é inestimavelmente maior, pois, não conforme em apoiar militarmente a ofensiva lançada por São Bonifácio contra a Sabedoria Hiperbórea dos Saxões, empreendeu ele mesmo a tarefa de exterminar a nobreza saxã, irmã próxima do sangue franco.

Os Saxões foram um dos últimos povos do Ocidentea se manterem ininterruptamente fiéis ao Pacto de Sangue e aos Deuses Libertadores. Segundo acreditavam, os Atlantes brancos tinham-lhes encomendado a missão de proteger um Grande Segredo da Raça Branca, que caiu do céu sobre a Alemanha há milhares de anos, durante a Batalha da Atlântida. Tal Segredo estava especificamente mencionado no Mito de Navutan — a quem os Saxões chamavam de Wothan — como "o anel da Chave Kâlachakra", no qual os Deuses Traidores tinham gravado o Signo da Origem. Freya Perdiz teve que soltá-lo antes de penetrar no moribundo Navutan — e sua queda, segundo a Sabedoria dos Saxões, se produziu na Alemanha: concretamente, tinha caído sobre as rochas do Externsteine, uma montanha que se encontra no centro da Floresta de Teutoburgo. De acordo com o que sustentam os Saxões, o anel tocou as rochas coincidindo com o momento em que Navutan ressuscitava e adquiria a Sabedoria da Língua dos Pássaros: isto fez com que o Signo da Origem se decompusesse nas treze mais três Vrunas ou Runas e que estas se plasmassem para sempre nas rochas do Externsteine; sobre uma delas, a mais proeminente, qualquer um que possua linhagem espiritual poderá ver, por exemplo, a Vruna mais sagrada para os Atlantes brancos, a que representa o Grande Chefe Navutan, quer dizer, a Runa Odal. Mas os Saxões não só conheciam, nessa tardia data do século VIII D.J.C. as Vrunas de Navutan, como tinham conseguido conservar, como os Senhores de Tharsis, sua Pedra de Vênus. No cume do Externsteine erguia-se, desde tempos imemoriais, a ***"Universalis Columna"*** Irminsul, um Pilar de Madeira que representava a Árvore do Terror, onde tinha se autocrucificado Navutan, para conhecer o Segredo da Morte. Este santuário era venerado pelos germânicos desde tempos remotos e, para evitar sua profanação por parte dos romanos, no ano 9 D.J.C., o Líder querusco Armínio, ou Hermann, aniquilou o exército do General Públio

Quintílio Varo, composto de vinte mil legionários, nas proximidades de Teutoburgo: Varo e os principais oficiais se suicidaram depois do desastre.

A mesma sorte não teriam os heroicos saxões setecentos e sessenta anos depois, frente a um inimigo esmagadoramente superior e que tinha contra eles uma intolerância irracional, semelhante àquela que Amílcar Barca sentia pelos tartésios. É claro que, por trás dessa intolerância de Carlos Magno, tinha que se ver, da mesma forma que no caso de Amílcar, a mão dos Golen, a necessidade, implantada artificialmente na mente daqueles Generais, de cumprir a sentença de extermínio. O pecado dos Saxões era este: ***ocuparam*** o bosque e se entregaram com tal empenho a realizar a sua missão, que impediram, durante séculos, que os Golen pudessem se aproximar do Externsteine; mas o mais grave era que gravaram os treze mais três signos rúnicos do Alfabeto Sagrado na Coluna Irminsul, ***e incrustaram em seu centro a Pedra de Vênus***, em memória do Olho Único de Wothan, que olhava o Mundo do Grande Engano a partir da Árvore do Terror. A repulsão que os Saxões sentiam pelos Sacerdotes Golen, sua rejeição irreversível ao judaico-cristianismo, sua fidelidade ao Pacto de Sangue e à Sabedoria Hiperbórea, sua encarniçada defesa da praça da Floresta de Teutoburgo, e sua negativa em entregar a Pedra de Vênus, eram motivos mais do que suficientes para decretar o extermínio da Casa Real Saxã, especialmente nesse momento em que o poder dos Golen estava em seu apogeu.

Só assim se explica a sanguinária persistência de Carlos Magno, que durante trinta anos combateu sem trégua os Saxões, povo cultural e militarmente inferior aos francos e que, se resistiu tanto, foi pelo indomável Valor que o Espírito fazia brotar de seu Sangue Puro. No ano 772, as tropas do novo Perseu caem sobre a Floresta de Teutoburgo, depois de encarniçada luta, conseguem tomar o Externsteine e entregá-lo aos Sacerdotes beneditinos Golen para sua "purificação": estes não tardam nada em destruir a Coluna Irminsul e roubar a Pedra de Vênus, condenando, desde então, os Saxões à escuridão da confusão estratégica, à desorientação sobre a Origem. Não obstante o saque conquistado, faltava cumprir a sentença dos Golen: em 783, em Verden, Carlos Magno, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, faria decapitar cinco mil Nobres Saxões, cujo Sangue Puro consumaria no Sacrifício ritual à unidade do Deus Criador Jeová Satanás. Após uma posterior resistência sem esperanças, por parte do único chefe rebelde sobrevivente, Wittikind, os Saxões terminaram aceitando o judaico-cristianismo, como tantos outros povos, em circunstâncias similares, e se integraram ao Reino Franco.

Carlos Magno morre em Aquisgrana, no ano 814, mas já em 800 tinha recebido do Papa Leão III a consagração como Imperador Romano, justo pagamento para quem tanto serviu à Igreja e à causa da Ordem beneditina. Sucede-lhe, como Imperador, seu filho Ludovico Pio, a quem seus contemporâneos apelidaram de "o Piedoso" e "o Monge", por sua dedicação à Igreja e sua preocupação em colocar definitivamente os monges francos sob o poder da Ordem beneditina. Apenas três anos depois de sua coroação imperial, concretiza esse anelo dos Golen no Sínodo de Aquisgrana do ano 817, no qual

se acorda impor a Regra beneditina a todos os monastérios dos domínios francos, quer dizer, ao que logo seria o Império Romano Germânico: parte da Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Suécia, Frísia, Itália, etc.

Com a sanção daquela lei imperial, o poder da Ordem ficou consolidado suficientemente para que os Golen não pensassem em outra coisa, nos seguintes duzentos e setenta anos, do que em levar à perfeição o Colégio de Construtores de Templos. Nos duzentos anos precedentes acumularam o Conhecimento das Ciências, agora passariam à prática, formariam Guildas de Construtores, compostas de alojamentos de aprendizes, colegas e mestres pedreiros e tais alojamentos seriam laicos, integrados por pessoas do povo, mas dirigidas secretamente pela Ordem, que possuiria o Plano e as Chaves do Templo. Também necessitaria dispor de uma ***Chave Final***, um Segredo que permitiria aos Golen levar sua obra à máxima perfeição. Mas os Golen, e por Eles, a Ordem beneditina, contavam com a Palavra da Fraternidade Branca de que tal Segredo lhes seria confiado quando sua missão europeia estivesse a ponto de se concluir. Aquele Segredo, aquela Chave das chaves, consistia nas Tábuas da Lei de Jeová Satanás, as que o Deus Criador entregou a Moisés no monte Sinai e que possibilitaram depois a Hiram, Rei de Tiro, construir o Templo de Salomão, o Templo dos templos: nela estava gravado, mediante um Alfabeto Sagrado de vinte e dois signos, o Segredo da Serpente, quer dizer, o Mais Alto Conhecimento que é permitido ao animal-homem alcançar, as Palavras com as quais o Deus Uno nomeou todas as coisas da Criação: com essas Tábuas em seu poder, os Golen estariam em condições de construir o Templo de Salomão na Europa, cumprindo assim os planos da Fraternidade Branca e elevando o Povo Eleito ao Trono do Mundo. Claro que antes de chegar a tão maravilhosas realizações, a Ordem beneditina teria que resolver vários problemas: além de colocar em marcha o Colégio de Construtores de Templos, teria que criar as condições para que os povos do Império Romano apoiassem a existência de uma Ordem Militar no seio da Igreja Católica. Tal Ordem teria uma dupla função: por um lado, custodiar, no momento em que a Fraternidade Branca decidisse entregá-las aos Golen, as Tábuas da Lei, desde sua atual localização em Jerusalém, até a Europa; e por outro lado, servir como força militar de apoio à Constituição da Sinarquia Financeira ou Concentração do Poder Econômico, que seria necessário estabelecer na Europa, como passo prévio ao Governo Mundial do Povo Eleito.

Décimo Sétimo Dia

Concretizar a última parte dos planos da Fraternidade Branca requeria uma reforma no sistema monástico beneditino: necessitava-se, sobretudo, de ***concentrar*** o Conhecimento da Ordem e controlar, a partir desse centro, as principais funções culturais do ocidente. E aquela reforma não se faria esperar, pois estava prevista de antemão, vale a pena dizer, era uma alternativa estratégica dos Golen; no próprio século IX, logo que morreu

Carlos Magno e quando sua dinastia se presta a travar uma luta de facções pelos pedaços do Império, que duraria cem anos, já começa a se perfilar a mudança: no ano de 814, Ludovico Pio, o Monge, oferece todo o seu apoio a São Bento de Aniane para que funde um monastério em Aquisgrana, onde a Regra beneditina seria aplicada com o máximo rigor. Três anos depois, aquele monge, que tinha sido enviado à corte carolíngia pelo Papa beneditino Leão III, redige e dá a conhecer o ***Capitulare Monacorum*** e o ***Codex Regularum***, que daria a fundamentação inicial para a reforma da Ordem beneditina. Mas será no século X que o objetivo de concentrar o Conhecimento da Ordem virá a se concretizar definitivamente, com a ocupação do monastério de Cluny. A demora foi culpa da compatibilidade que tal objetivo tinha que ter com a ***segurança*** do Segredo da Ordem: os Golen não podiam arriscar, a essa altura dos fatos, um fracasso, por imprevisão. Por isso, a reforma de Cluny só se empreende quando se dispõe da segurança de que não será interrompida.

Com a escolha do saxão Henrique I, o Passarinheiro, como Rei Franco e Imperador, no ano 919, entra na História a extraordinária linhagem dos Otões e a saliana, um Sangue Puro que chegaria a produzir um Frederico II Hohenstaufen no século XIII, ***"o Imperador Hiperbóreo que se opôs com o Poder do Espírito aos mais satânicos representantes do Pacto Cultural"***. No século X, essa linhagem poderosa se dedica, com vigor, a reorganizar o Reino, tanto que o papado cai no maior desprestígio, por causa da manipulação efetuada pelas famílias da nobreza romana, especialmente os Crecêncio, os Túsculo e os familiares de Teodora, etc. A Ordem beneditina, que decidiu aproveitar o momento para trabalhar secretamente na formação do Colégio de Construtores de Templos, assegura-se, de início, de que ninguém interfira no funcionamento de Cluny: é que, justamente o lugar escolhido para concentrar o Conhecimento recaiu em um monastério francês por puros motivos de segurança. Uma sucessão de Bulas Papais emitidas durante os séculos X e XI, acatadas ao pé da letra pelos duques de Aquitânia e Reis de Borgonha, estabeleceram a total independência de Cluny de qualquer outra autoridade fora do Papa ou seus abades: nem os Reis, nem os Duques ou Condes, nem os Bispos regionais, podiam intervir nos assuntos do monastério.

Já escutou falar, atualmente, Dr. Siegnagel, de certas bases secretas que as Grandes Potências possuiriam, por exemplo, os soviéticos ou os norte-americanos, nas quais ter-se-ia reunido um enorme número de cientistas de todas as especialidades, dotados dos mais avançados meios instrumentais, para planejar, de forma integral, objetivos de longo alcance, que dependeriam diretamente do Presidente ou de um Conselho Supremo e atuariam independentemente de qualquer outra autoridade nacional, fora de seus próprios chefes ou comandantes? Pois exatamente isso era Cluny no século X. Ali se planejava para uma Europa futura, judaico-cristã, unificada sob as Catedrais e o Templo de Salomão, controlada por uma

Ordem militar da Igreja, administrada por uma Sinarquia Financeira, e governada, finalmente, pelo Povo Eleito.

É Formoso, o mesmo Papa beneditino cujo cadáver insepulto foi lançado ao Tibre pelo Papa Estêvão VI, partidário de Lamberto de Espoleto, como vingança porque aquele nomeou Imperador Arnulfo, que nomeia Bernão para empreender a grande missão. Bernão era um monge beneditino de nobre linhagem borgonhesa, cuja influência sobre o duque Guilherme I de Aquitânia foi aproveitada para convencer este sobre a conveniência de fundar o monastério de Cluny. No ano 910, o próprio Bernão toma a direção do monastério e dá início à Concentração do Conhecimento: reúnem-se ali os principais livros e manuscritos que a Ordem possuía em diferentes monastérios e se constitui uma Elite Golen dedicada à cópia de documentos e ao estudo da "Arquitetura Sagrada". Claro, a Elite Golen, denominada internamente de "monges clérigos", tinha que se ocupar com exclusividade de sua tarefa e teria que abandonar a tradicional norma beneditina de compartilhar os trabalhos de manutenção do monastério e a produção de alimentos: neste sentido, se reforma a Regra beneditina e se cria a instituição dos "monges laicos", para desempenhar a honrosa função de manter os Golen. Durante o mandato de seu segundo abade, São Odão, já começam a se ver os frutos da reforma: primeiro se difunde a fama sobre o ascetismo e a perfeição alcançada pela reforma cluniacense, o que atrai a curiosidade de outros monastérios e causa a admiração do povo; depois se enviam aos monastérios grupos de monges especialmente treinados que o requeiram, para iniciá-los na reforma: os membros do povo são selecionados cuidadosamente para incorporá-los à Elite dos monges clérigos ou encarregá-los das tarefas próprias dos monges laicos; depois se inauguram monastérios submetidos à jurisdição de Cluny, aos quais se estendem seus direitos de autonomia e independência. Nesse ponto, Cluny era uma Congregação por direito próprio. E quem mais entusiasticamente apoia São Odão com uma Bula, no ano de 932, é o Papa beneditino João XI, filho bastardo do Papa Sérgio III e de Marózia, filha de Teodora, célebre assassina da Época.

Após cento e cinquenta anos de atividade, a Congregação de Cluny conta com dois mil monastérios distribuídos principalmente na França, Alemanha e Itália, mas também na Espanha, Inglaterra, Polônia, etc.; sem incluir os restantes milhares de monastérios beneditinos que adotaram a reforma cluniacense mas que não dependem do Abade de Cluny. Em meados do século XI, a Ordem conseguiu transformar eficazmente a Cultura europeia: sob o manto intelectual dos beneditinos de Cluny se formaram as guildas de pedreiros operacionais, que demonstraram sua perícia na arte da construção "românica" e que já estão prontos para lançar a revolução do "gálico", mal chamado gótico; atrás desse movimento, naturalmente, está o Colégio Secreto de Construtores de Templos. Mas também se conseguiu plantar no coração dos senhores feudais a semente do sentimentalismo, do arrependimento e da piedade cristã: os "pecados" pesam cada vez mais na

Alma do Cavalheiro e requerem o alívio da confissão sacerdotal; aceita-se refrear a conduta guerreira mediante a "paz de Deus" e a "trégua de Deus", determinadas pelos Sacerdotes; os guerreiros germânicos são moralizados com os princípios judaicos da Lei de Deus, do Temor à Justiça de Deus, etc. Como resultado disto, surge uma classe especial de Nobres e Cavaleiros que, sem perder seu valor e audácia, mas respeitosos de Deus e de seus representantes, estão condicionados para se lançarem cegamente a qualquer aventura que lhes assinale a Igreja.

Os planos da Fraternidade Branca vão se cumprindo em todas as suas partes. No ano 1000, após ter atemorizado a Europa com a "proximidade do Juízo Final", os Golen avançam um grande passo, ao expor ao Imperador alemão seu projeto de reconstrução do Império Romano do Ocidente, com capital em Roma, e conseguir que este aceite deslocar a capital do Império de sua base alemã. Ainda que tal projeto não se concretizasse, a ideia já estava lançada e influiria durante duzentos e cinquenta anos nos objetivos imperiais do reino alemão. Os detalhes desse plano são acordados entre o Rei Otão, o Grande, e o Papa Golen Silvestre II, cujo nome era Gerbert de Reims. E nesse plano do ano 1000, no compromisso que assumia o Imperador de "lutar contra os infiéis", especialmente contra os sarracenos da Espanha, mediante uma "Milícia de Deus", estavam claramente esboçados os conceitos das Cruzadas e das Ordens militares, cem anos antes de sua realização. Mas o êxito do plano dependia, em todo caso, da sujeição do Imperador frente à autoridade do Papa, do domínio que a Igreja pudesse impor sobre o temperamento naturalmente indomável dos soberanos germânicos. Seria ali onde se mediriam novamente as forças do Pacto Cultural contra a Recordação inconsciente do Pacto de Sangue. Para isso, os Golen sentariam no Trono de São Pedro um reformador cluniacense de fanatismo sem igual, o monge Hildebrando, que passará à História como o Papa Gregório VII, o Papa que humilharia o Imperador Henrique IV em Canossa, antes de dar-lhe a excomunhão, demonstrando com isso "a superioridade do poder espiritual sobre o poder temporal", quer dizer, sustentando a antiga falsificação dos Atlantes morenos e dos Sacerdotes do Pacto Cultural: para a Sabedoria Hiperbórea do Pacto de Sangue, contrariamente, o Espírito é essencialmente guerreiro e, portanto, as castas nobres e guerreiras são espiritualmente superiores às sacerdotais. Mas, com a fraqueza de Henrique IV, o prejuízo foi causado e seriam seus descendentes que teriam que lutar contra um papado Golen elevado a diretor do Destino do ocidente.

Que os Golen não confiaram nem confiariam jamais nos Alemães, à parte da localização do Colégio de Construtores em Cluny, o indica sua atitude favorável aos normandos como executores preferidos de seus planos, seguidos dos franceses. Aqueles, que não pertenciam, como se supõe, à família dos povos germânicos, mas a uma tribo céltica da Escandinávia, etnicamente diferente dos vikings noruegueses, suecos e dinamarqueses, tinham conquistado um Ducado no norte da França, a Normandia, que foi

reconhecido oficialmente por Carlos, o Simples, no ano 911. Pelo tratado de paz pactuado então em Saint Clair-Sur-Epte, o Duque Rollo se batizava e aceitava o cristianismo junto com seu povo, cuja evangelização definitiva se deixava em mãos da Ordem beneditina. Não tardaram, pois, em florescer os monastérios na Normandia e em ficar finalmente toda a nobreza normanda sob as influências de Cluny. Cento e cinquenta anos depois se comprovavam os efeitos do paciente labor de doutrinação e condicionamento cultural realizado pelos beneditinos: os normandos estavam preparados para se constituir um braço executor dos planos da Fraternidade Branca. O Papa Golen Nicolau II, aquele que institui a escolha papal por parte dos Cardeais, entrega-lhes o feudo ao sul da Itália: ao Rei Roberto Guiscardo, a Apúlia, Calábria e Sicília; a Ricardo de Aversa, Cápua; corre o ano 1059. Sete anos depois, em 1066, o Duque da Normandia, Guilherme, o Conquistador, apodera-se da Inglaterra com a colaboração, ou traição descarada, da Ordem beneditina da ilha: graças a ele, entram novamente na Inglaterra os membros do Povo Eleito, que tinham sido expulsos no ano 920 pelo Rei Knut, o Grande, sob a acusação de "inimigos do Estado". O Papa é então o beneditino Alexandre II, mas os cérebros que dirigem a manobra são os Golen cluniacenses Hildebrando e Pedro Damiano. Ao sucedê-lo no papado o próprio Hildebrando, ou Gregório VII, em 1073, uma faixa impressionante que desce da Irlanda, abrange a Inglaterra, Normandia, Flandres, França, Borgonha, Itália e conclui na Sicília, acha-se submetida à influência direta dos Golen de Cluny.

Vale a pena adicionar sobre Hildebrando um dado que não deve ser jamais esquecido: sua origem judaica. Hildebrando, efetivamente, era bisneto de Baruk, o banqueiro judeu que se converteu ao cristianismo e que foi chefe da família Pierleoni, uma linhagem que influiu durante séculos nas eleições papais. Graças ao dinheiro dos Pierleoni, por exemplo, Hildebrando tinha conseguido a eleição de Alexandre II e apoio para seus próprios planos. E o Banco Pierleoni, claro, era muito caritativo; e sua caridade, claro, tinha um beneficiário direto: a Congregação de Cluny, onde seus irmãos de Raça e os Golen preparavam o Governo Mundial do Povo Eleito.

Colocar o plano do Golen em prática demandará um ensaio preliminar: esse teste geral de verificação de potencialidades será a Primeira Cruzada. Em 1078, Gregório VII e a plana maior Golen recebem duas notícias simultâneas: a mais importante é a que provém da Fraternidade Branca, na qual os Imortais aprovam, finalmente, o translado para a Europa das Tábuas da Lei, ocultas durante vinte e cinco séculos em Jerusalém, nas proximidades do Templo de Salomão. A outra notícia vem do Império do Oriente, que está cercado por um poderoso desdobramento militar dos Turcos seljúcidas, os quais já ocuparam Irã, Bagdá, Síria, Palestina, grande parte da Ásia Menor e acabam de apoderar-se de Jerusalém. Essas notícias fazem os Golen decidirem sobre a forma como ensaiarão suas forças: predicarão a Cruzada, mas, a princípio, esta não visará o objetivo principal, mas um secundário: divulgar-se-á a necessidade cavalheiresca cristã de

prestar ajuda à Igreja bizantina contra os turcos; se esse chamado dá os resultados esperados, logo se anunciará o dever de "libertar a Terra Santa"; e somente se esta última reivindicação é obedecida, só assim, se empreenderá a missão a Jerusalém, para buscar a Chave do Templo de Salomão. Porque acontece que a recuperação do Segredo do Povo Eleito não é fácil: se esteve oculto por mais de vinte séculos não é porque ninguém o tivesse buscado e encontrado antes, mas porque seu acobertamento foi deliberado e cuidadoso e se empregaram técnicas esotéricas; sua localização atual exigiria o envio de uma equipe de Sacerdotes Iniciados na Cabala acústica e numérica, para ler e pronunciar corretamente as Palavras que abririam a Fechadura do Segredo: e essa equipe deveria ir no momento certo, contando com a máxima segurança, porque dessa operação dependeria o êxito ou fracasso de uma Estratégia planejada sistematicamente durante seiscentos anos.

O Sínodo de Clermont do ano de 1095 é empregado pelo Papa Golen Urbano II, recente prior de Cluny, para chamar para a guerra contra os infiéis e libertar a Igreja do Oriente: — "esta guerra é – explicava Urbano II – uma peregrinação de Cavaleiros armados"; "haveria indulgências especiais para todos os que aceitassem a cruz e, tão complacentes estarão os Céus com a Cruzada, que logo sobrevirá um extraordinário período de Paz de Deus". Pedro, o Ermitão, um Pregador popular, reúne uma multidão de cem mil pessoas carentes de preparação militar e de meios, que logo será exterminada; em troca, o exército de Cavaleiros francos, flamengos e normandos causa a admiração dos Golen: estão alistados nele Godofredo de Bouillon, Senhor de Lorena, com seus dois irmãos Balduíno e Eustáquio; Roberto de Flandres; Roberto da Normandia; Raimundo de Toulouse; o Senhor normando da Itália, Bohemundo de Taranto e seu sobrinho Tancredo. A esse exército se podia solicitar, de início, a conquista de Jerusalém!

Após múltiplas dificuldades próprias da guerra contra um inimigo valoroso e religiosamente fanatizado, agravadas pelas traições dos bizantinos, os Cruzados conseguem conquistar Jerusalém em 1099, três anos depois da partida da Europa. Funda-se ali um Reino cristão, do qual Godofredo de Bouillon é o primeiro Rei.

Depois dessa vitória, os Golen só empregariam trinta anos para localizar as Tábuas da Lei e transportá-las à Europa: a partir de então começará a revolução do gálico ou gótico. Aquela fase do plano se desenvolveu com vários movimentos paralelos. Por um lado, tinha que se preparar um lugar adequado para receber as Tábuas da Lei, decifrar sua mensagem, e encontrar a maneira de aplicar o Conhecimento da Serpente à Construção de Templos. Por outro lado, devia-se despachar o quanto antes a Jerusalém a equipe de Iniciados Golen que se encarregaria de localizar o Segredo. E também ter-se-ia que dar andamento, imediatamente, à formação da Ordem militar que sustentaria a Sinarquia financeira que, prontamente, tinha que se criar. Se tais movimentos culminavam nos objetivos propostos pela

Fraternidade Branca, então não tardaria em sobrevir o Governo Mundial do Povo Eleito e se cumpriria a Vontade do Deus Criador Uno.

O monge beneditino Roberto recebeu em 1098 a ordem de se retirar às imediações de Cister: no ano 1100, uma vez conhecida a notícia da tomada de Jerusalém, o Papa Pascoal II o coloca à frente da Abadia de Cister e lhe recomenda a reforma da regra cluniacense. Sobre a base da ***Regula Monachorum*** de São Bento, ele e seu sucessor Alberico introduzem mudanças substanciais com respeito a Cluny: os monges voltam ao trabalho manual, insiste-se com mais rigor no ascetismo e na solidão, quer dizer, no ***segredo***, e se muda a indumentária: dali em diante os cistercienses não usarão o hábito negro clássico dos cluniacenses e beneditinos, mas um branco, semelhante à antiga túnica dos Golen das Gálias romanas, e à dos sacerdotes levitas que custodiavam em Israel a Arca com as Tábuas da Lei. Em 1112, a comunidade está pronta para receber o grupo de Iniciados que lhe dará sua definitiva formação: são trinta e um, entre eles São Bernardo, com cinco de sua família, todos Golen. Após três anos estudando os detalhes finos, São Bernardo se concentra em fundar em Claraval, região da Champanha, feudo do Conde Hugo, também de família Golen, um monastério adequado para conservar o Segredo que chegaria do oriente. Uma vez terminado, com o pretexto de efetuar traduções de textos hebreus, convoca-se os principais Rabinos cabalistas da Europa para colaborar na tarefa de decifrar as Tábuas da Lei. Estranha comunidade a de Cister e Claraval, integrada por Golen e judeus, enquanto a Europa inteira se proclama "cristã" frente aos povos "infiéis" do oriente!

Quando da morte de São Bernardo existiam trezentos e cinquenta monastérios cistercienses, e no final do século XIII, chegavam a setecentos na Europa. Deste modo se levou avante o primeiro movimento.

Quanto ao Cluny, não se deve acreditar que a fundação do Cister e a expansão da Ordem do Templo lhe iriam tirar algum poder. Prova disso é o enorme volume de suas instalações, alcançado no século XIII; como exemplo, vale a pena lembrar que, em 1245, por causa do Concílio Geral de Lyon, reunido pelos Golen, para excomungar o Imperador Hiperbóreo Frederico II, uma numerosa comitiva acompanhou o Papa em sua visita a Cluny, onde foram alojados comodamente, sem necessidade de que os monges abandonassem suas celas; o que quer dizer que possuía infraestrutura para alojar um Papa, um Imperador e um Rei da França, junto a todos os seus prelados e Senhores de seus cortejos. Não creia que exagero, Dr. Siegnagel: além do Papa Inocêncio IV, estavam ali dois Patriarcas de Antióquia e Constantinopla, doze Cardeais, três Arcebispos, quinze Bispos, o Rei da França São Luis, sua mãe Branca de Castela, seu irmão o Duque de Artois, e sua irmã, o Imperador de Constantinopla Balduíno II, os filhos do Rei de Aragão e Castela, o Duque de Borgonha, seis Condes, e um elevado número de Senhores e Cavaleiros. Sua biblioteca contava com cinco mil volumes copiados pelos frades, à parte das centenas

de manuscritos, pergaminhos e livros da Antiguidade, que eram peças únicas na Europa.

Décimo Oitavo Dia

No ano de 1118, por fim, os nove Golen encontraram a chave do Templo de Salomão, com a aprovação da Fraternidade Branca: são três Sacerdotes Iniciados, encarregados de localizar as Tábuas da Lei, e seis Cavaleiros guardiões. Um dos Iniciados é o Conde Hugo de Champanhe, em cujas terras se instalou o Cister, que é parente do Rei Balduíno de Jerusalém e prepara sem dificuldades a ocupação do sítio solicitado: é a localização tradicional do Templo de Salomão. Sua residência por vários anos nesse lugar lhes atribuiria o nome de Cavaleiros do Templo, que adotaram depois, ainda que eles preferissem chamar-se de ***Únicos Guardiões do Templo de Salomão***. Finalmente, após muito buscar, meditar, refletir, e compreender a natureza do Segredo, e contar também com a ajuda dos "Anjos" da Fraternidade Branca, os Templários estavam em condições de encontrar a Arca. E quando o Segredo chegou às suas mãos, e se preparavam para escoltá-la à Europa, uniram-se a eles Bera e Birsa, os mesmos Imortais que assassinaram as Vrayas da Casa de Tharsis. De Chang Shambala, a Fraternidade Branca enviava Bera e Birsa para acompanhar o transporte da Arca até Claraval e assegurarem-se de que esta chegasse sem problemas; uma vez ali, tentariam apoderar-se da Espada Sábia e ajustar as contas pendentes com a Casa de Tharsis. Suspenderei por um momento o relato das consequências que esse novo aparecimento dos Imortais teria para os Senhores de Tharsis.

O mais importante agora é destacar que, no ano 1128, a Arca está instalada em Claraval, em poder dos mais altos dignitários da Sinagoga e da Igreja Golen, no Coração do Colégio dos Construtores de Templos. Desta maneira se desenvolveu o segundo movimento.

O resultado triunfal de ambos os movimentos motivou os Golen a agir imediatamente no terceiro. Encontram-se na Champanhe os seis Cavaleiros que transportaram a Arca, junto a Bera e Birsa, que ainda permanecem em Claraval instruindo o Colégio de Construtores, e se convêm constituí-los em Ordem de Cavalheirismo. Com essa secreta finalidade, São Bernardo convoca, em 1128, um Concílio em Troyes, na região de Champanhe, ao que assistem, em sua totalidade, clérigos beneditinos e cistercienses: Bispos, Abades e Priores de todos os monastérios da Ordem, que vêm conscientes da importância do evento e desejam observar de perto os terríveis Imortais Bera e Birsa, que também estarão presentes. No Concílio de Troyes aprova-se a formação da Ordem do Templo e se encomenda a São Bernardo a redação de sua Regra. Esta será uma Regra monástica, basicamente Cisterciense, mas completada com normas e disposições que regulam a vida militar: à frente da Ordem estará um Grão-Mestre, que dependerá só do Papa; a missão da Ordem consistirá em formar um exército de Cavaleiros

para lutar no Oriente e na Espanha contra os sarracenos. No Ocidente, a Ordem possuirá propriedades aptas para praticar a vida monástica e oferecer instrução militar. A Ordem do Templo estará autorizada a receber todo tipo de doações, mas os Cavaleiros deverão observar o voto de pobreza, etc.

Durante o resto do século XII, a Ordem cresce em todos os sentidos e se constitui, no século XIII, em um verdadeiro poder econômico e militar sujeito apenas, e até certo ponto, à autoridade da Igreja. Uma vez que o objetivo oculto das cruzadas era conseguir a Arca da Aliança de Jeová Satanás com o Povo Eleito, e tal objetivo já se tinha logrado, é evidente que a manutenção da Guerra Santa não tinha outra finalidade senão fortalecer a Ordem do Templo e a Igreja. As Cruzadas seguintes, efetivamente, permitiam aos Papas demonstrar seu poder sobre os Reis e Nobres, e à Ordem do Templo aumentar suas riquezas. Assim, o papado alcançava seu mais alto grau de prestígio e podia convocar os Reis da França, Inglaterra ou Alemanha, para "se cruzarem" por Cristo, Nosso Senhor, e, com sorte, até conseguia eliminar algum potencial inimigo de seus planos de hegemonia europeia, por exemplo, como o Imperador Frederico Barbarossa, que nunca regressou da Terceira Cruzada. E, enquanto continuava a guerra e o exército do Oriente se aperfeiçoava profissionalmente e se tornava indispensável em todas as operações, a Ordem ia construindo uma formidável infraestrutura econômica e financeira: dizia-se que aquele poder servia para manter a Cruzada dos Cavaleiros Templários, mas, na realidade, estava-se assistindo à fundação da Sinarquia Financeira. A Ordem logo desenvolveu, sobre a base de suas incontáveis propriedades na França, Espanha, Itália, Flandres, etc., uma rede bancária que operava com o novíssimo sistema das "letras de câmbio", inventado pelos banqueiros judeus de Veneza, e tinha sua sede central na Casa do Templo de Paris, verdadeiro Banco, provido de Tesouro e Câmaras de Segurança. Naturalmente, praticavam o empréstimo com juros a Nobres e Reis, cujas "notas promissórias" e outros documentos avançadíssimos para a Época eram guardados nos cofres da Ordem. Entre outras possibilidades, foi-lhes confiada a administração dos fundos da Igreja e a arrecadação de impostos para a Coroa da França.

Os Templários ocuparam na Espanha várias praças, entre as quais se contava a Fortaleza de Monzón, que depois da morte de Alfonso I, o Batalhador, foi-lhes outorgada como propriedade: dali, "lutavam contra o infiel", segundo a Regra da Ordem. Aquela Fortaleza encontrava-se em Huesca, às margens do rio Cinca, então Reino de Aragão: e para lá se dirigiram Bera e Birsa, após o Concílio de Troyes, acompanhados por um importante séquito de monges cistercienses. Os Imortais realizariam um "Concílio Secreto Golen", no qual deixariam estabelecidas as diretrizes para os próximos cem anos, ocasião em que regressariam para pedir contas sobre o que foi feito. Nesse Concílio, à parte dos detalhes do plano Golen que já descrevi, os Imortais apresentaram, em nome da Fraternidade Branca, duas questões que deviam ser resolvidas o quanto antes: tratava-se de duas

Sentenças de Extermínio: uma, contra a Casa de Tharsis, ainda estava pendente, desde outrora; a outra, contra os Cátaros e Albigenses do Languedoc aragonês, era recente e tinha que se executar sem demora.

Sobre a Casa de Tharsis, os Imortais admitiram que se tratava de um caso difícil, pois não se podia concretizar o extermínio sem ter encontrado antes a Pedra de Vênus, que aqueles tinham ocultado em uma Caverna Secreta. Com a finalidade de conseguir a confissão da Chave para encontrar a entrada secreta, Bera e Birsa decidiram atacar, desta vez, os membros da família que vivia na cidade próxima de Saragoça; tratava-se de três pessoas: o Bispo de Saragoça, Lupo de Tharsis; sua irmã viúva, já madura, que vivia junto com ele no Bispado e se encarregava dos assuntos domésticos, Lamia de Tharsis; e o filho desta, um jovem noviço de quinze anos, chamado Rabaz. Os três foram sequestrados e conduzidos a Monzón, onde foram encerrados em uma masmorra, enquanto se preparavam os instrumentos de tortura. Começaram pelo ancião Lupo, ao qual atormentaram selvagemente, sem conseguir que soltasse uma só palavra sobre a Caverna Secreta; finalmente, e ainda que tivesse a maioria dos ossos quebrados, Lupo de Tharsis expirou como o Senhor que era: rindo sarcasticamente ante a impotência de seus assassinos. Com a mulher e seu filho, os Golen empregaram outra tática: considerando que estes já estariam bastante atemorizados pelos gritos do Bispo, prepararam um cenário conveniente para extorquir do jovem Rabaz, com a ameaça de submeter sua mãe ao mesmo tormento degradante que tinha tirado a vida de Lupo de Tharsis.

Estenderam, pois, Lamia sobre a mesa de tortura e começaram a estirar seus membros, arrancando-lhe apavorantes gritos de dor. Nesse momento, fizeram entrar Rabaz, que vinha com as mãos atadas às costas e escoltado por dois Golen cistercienses, o qual ficou gelado de terror ao escutar os lamentos de Lamia e vê-la amarrada na mesa mortal; e ao vê-lo paralisado de horror, um sorriso triunfal se desenhou no rosto dos Golen, que já contavam antecipadamente com a confissão. Mas com o que não contavam, tampouco então, era com a loucura mística dos Senhores de Tharsis. Ó, a loucura dos Senhores de Tharsis, que os tinha tornado imprevisíveis durante centenas de anos de perseguições, e que se manifestava como o Valor Absoluto do Sangue Puro, um Valor tão elevado que era inconcebível qualquer fraqueza ante o Inimigo! Sem que pudessem impedi-lo, o jovem Rabaz, impulsionado por uma loucura mística, deu dois saltos e se situou junto à sua mãe, que o observava com o olhar brilhante; e então, de uma só dentada, destroçou a veia jugular esquerda, causando-lhe uma rápida morte por hemorragia. Agora os Golen não riam, quando arrastavam Rabaz, enfurecidos; e, no entanto, alguém riu: antes de morrer, com o último suspiro que se quebrava em uma graça agonizante, Lamia conseguiu emitir uma gargalhada irônica, cujos ecos permaneceram por vários segundos reverberando nos meandros daquela lúgubre prisão. E Rabaz, que acabava de assassiná-la e tinha o rosto coberto de sangue, sorria aliviado ao comprovar que Lamia já não existia.

Não, os golen já não riam: em vez disso estavam pálidos de ódio. Era evidente que a Vontade de Rabaz não podia ser dobrada por nenhum meio, mas nem por isso deixaram de torturá-lo até causar-lhe a morte: o fariam nem que fosse para desafogar o rancor que sentiam para com os Senhores de Tharsis.

Bera e Birsa nada conseguiram com aquela matança e, por isso, deixaram aos cistercienses uma missão específica para ser cumprida nos anos seguintes, pela Ordem do Templo: não importava o custo, ainda que isso implicasse em se comprometer em luta permanente contra o Taifa de Sevilha, mas dever-se-ia construir um Castelo em Aracena, a poucos quilômetros da Vila de Turdes. O lugar exato seria conhecido na Antiguidade como "Caverna de Odiel", hoje chamada de "Caverna das Maravilhas", cujo nome significava, evidentemente, Caverna de Odin ou de Wothan, mas que também era denominada de "Caverna Dédalo", pela deformação, "Caverna ***D'odal***": naturalmente, Dédalo, o Construtor de Labirintos, era outro dos Nomes de Navutan. A entrada da Caverna de Odiel encontrava-se ao nível do solo, no topo de uma colina de Aracena. O plano consistia em construir um Castelo Templário que ocultasse a Caverna de Odiel: a entrada, desde então, só seria acessível de dentro do Castelo. Para que queriam isso? Para chegar até a Caverna Secreta dos Senhores de Tharsis; porque, segundo acreditavam Bera e Birsa, da Caverna de Odiel seria possível aproximar-se da Caverna Secreta empregando certas técnicas que eles colocariam em prática, em seu regresso de Chang Shambala.

Décimo Nono Dia

Sintetizando, Dr. Siegnagel, pode-se considerar que, ao chegar ao século XIII, os Golen tinham realizado noventa por cento dos planos da Fraternidade Branca: a Ordem beneditina-Golen e suas derivações, Cluny, Cister e o Templo, estavam firmemente estabelecidas na Europa; o Colégio de Construtores de Templos tinha adquirido, com a posse das Tábuas da Lei, o Mais Alto Conhecimento; as guildas e irmandades de pedreiros, instruídas pelos Golen, estavam construindo centenas de Templos, igrejas e catedrais góticas, em todas as cidades importantes da Europa e em certos lugares aos quais se atribuía "valor telúrico"; e os povos, desde servos e aldeões, até os Senhores, Nobres e Reis, viviam em uma Era de costumes religiosos, mantinham uma Cultura onde Deus, e os Sacerdotes de Deus, intervinham ativa e cotidianamente; vale a pena dizer, os povos, que agora experimentavam a ***unidade*** religiosa, estavam preparados para receber a unidade econômica e política de um Governo Mundial, a Sinarquia do Povo Eleito; o poder econômico da Ordem do Templo já estava consolidado; e o exército da Igreja, que asseguraria a unidade política, também. Como vê, Dr. Siegnagel, os planos da Fraternidade Branca estavam a ponto de se concretizarem: ***e, no entanto, fracassaram***.

O que foi que aconteceu? Os planos da Fraternidade Branca fracassaram fundamentalmente por causa de dois Reis, Frederico II Hohenstaufen, Imperador do Sacro Império Romano Germânico, e Felipe IV, o Belo, Rei da França. Ambos reinaram em países diferentes e em períodos históricos distintos, e não se conheceram entre si: Frederico II na Sicília, de 1212 a 1250, e Felipe IV na França, de 1285 a 1314. No entanto, um vínculo oculto explica e justifica os atos altamente estratégicos desdobrados por estes extraordinários monarcas: é a ***oposição da Sabedoria Hiperbórea***.

Temos, pois, duas causas exotéricas do fracasso dos planos inimigos, os Reis mencionados, e uma causa esotérica, a oposição da Sabedoria Hiperbórea, da qual aquelas não são mais do que efeitos. Examinarei, então, um tanto superficialmente, as duas primeiras, e me concentrarei em detalhar a segunda; é conveniente que assim o faça para expor o papel destacado que coube à Casa de Tharsis em tais fatos. Ter-se-á que começar, claro, por descrever as circunstâncias que deram lugar à coroação de Frederico II e os atos com os quais este desestabilizou o Poder do papado. Depois me deterei para mostrar as verdadeiras causas daqueles atos, isto é, a oposição da Sabedoria Hiperbórea: ver-se-á, assim, como os Senhores de Tharsis desenvolveram sua Estratégia e como foram quase exterminados pelos Golen, a meados do século XIII. Finalmente, chegarei à gestão de Felipe IV, ***"o Rei que aplicou o Golpe Mortal à Sinarquia Financeira dos Templários"***. A partir dali, Dr. Siegnagel, tudo se dará para que a história da Casa de Tharsis, que estou narrando para o Senhor, entre em sua fase final.

Com a eleição do Papa Inocêncio III em 1198, os Golen jogam uma de suas últimas e mais importantes cartadas. Aquele "pontífice", efetivamente, goza de um prestígio sem igual entre a indócil nobreza germânica: os Reis se submetem ao seu arbítrio e sua vontade se impõe sem resistência em todas as áreas. De outra forma, não se preocupa muito em dissimular seus planos, pois proclama abertamente a vigência da teoria de Gregório VII sobre "as Duas Espadas", das quais uma, a temporal do Imperador, deve estar submetida à "espiritual" da Igreja. Então, este Papa, que tem em suas mãos todos os triunfos dos Golen, é também o tutor e regente do jovem príncipe Frederico de Sicília, principal herdeiro dos Hohenstaufen austríacos e alemães. É nesse príncipe que os Golen, e a Fraternidade Branca, apoiaram todo o peso de sua Estratégia: Frederico, educado como monge Cisterciense e Cavalheiro Templário pelos Golen da corte normanda de sua mãe Constança de Sicília, deveria empunhar, com vigor jamais visto desde os tempos de Carlos Magno, a Espada temporal dos Reis e submetê-la à Espada espiritual da Igreja; então a Espada espiritual, que é a Cruz de Jesus Cristo e o Plano do Templo, seria assento do Trono do Mundo, uma cátedra para o Messias do Deus Criador ou seus representantes. Mas eis que Frederico desde cedo se rebela contra esse plano.

Frederico II é coroado Rei alemão em 1212, com o auspício de Inocêncio III e a aprovação manifesta de Felipe II, o Augusto, Rei da França. A

princípio, fez o que se esperava dele e, já em 1213, contando com apenas dezoito anos idade, promulgou a Bula de Ouro a favor da Igreja, na qual confirmava a totalidade de suas posses territoriais, inclusive as que aquela tinha se apropriado indevidamente, depois da morte de Henrique VI; aceitava, da mesma forma, renunciar, tanto ele como qualquer outro Rei alemão futuro, à eleição de Bispos e Abades. É evidente, pois, a predisposição inicial do jovem Rei para cumprir os planos da Igreja Golen. No entanto, em breve essa atitude começou a mudar, até tornar-se totalmente hostil para com seus antigos professores; as causas foram duas: a reação positiva da Herança de seu Sangue Puro ***graças à proximidade histórica*** do Graal, conceito que já explicarei; e a influência de certos Iniciados Hiperbóreos que o próprio Frederico II fez virem até sua Corte de Palermo de longínquos países da Ásia e em cuja história não poderei me deter para relatar nesta carta. O importante foi que o Imperador começou a rejeitar a ideia Golen, que estava sendo amplamente publicitada pela rede beneditina, de que o Mundo devia ser governado por um Messias Teocrático, um Sacerdote colocado pelo Deus Criador acima dos Reis da Terra. Contrariamente, afirmava Frederico II, o mundo esperava um Messias Imperial, um Rei de Sangue Puro que impusesse seu Poder pelo unânime reconhecimento dos Senhores da Terra, um Rei que seria o Primeiro do Espírito e que fundaria uma Aristocracia do Sangue Puro na qual só teriam lugar os mais valentes, os mais nobres, os mais fortes, os que não se dobravam ante o Culto às Potências da Matéria. Frederico II, naturalmente, se sentia chamado a ocupar esse lugar.

A doutrina que Frederico II expressava com tanta clareza era a síntese de uma ideia que vinha se desenvolvendo entre os membros de sua Estirpe desde o Imperador Henrique I, o Passarinheiro. A princípio, tal ideia consistia na intuição de que o poder real se legitimava só por uma Aristocracia do Espírito, a qual estava ligada ao sangue, à herança do sangue. Depois ficou evidente, e assim começou a se afirmar que, se o Rei era legítimo, seu poder não podia ser afetado por forças de outra ordem que não fossem espirituais: a soberania era espiritual e, portanto, Divina. Só a Deus era dado intervir com justiça sobre a vontade do Rei. Este conceito se opunha essencialmente ao sustentado pelos Golen, no sentido de que o Papa representava Deus sobre a Terra e, portanto, a ele era dado sujeitar a vontade dos Reis. O Papa Gelásio I, 492-496, já tinha declarado que existiam dois poderes independentes: a Igreja espiritual e o Estado temporal; contra a perigosa ideia que se desenvolvia na Estirpe dos Otons e Salios, São Bernardo formaliza a tese gelasiana na "Teoria das duas Espadas". Segundo São Bernardo, o poder espiritual e o poder temporal são análogos a duas Espadas; mas como o poder espiritual procede de Deus, a Espada temporal deve se submeter à Espada espiritual; ***logo***: o representante de Deus na Terra, o Papa, ao empunhar a Espada espiritual, deve impor sua vontade aos Reis, meros representantes do Estado temporal e apenas portadores da Espada temporal.

Em que pese o empenho colocado pela Igreja para impor o engano, a ideia vai amadurecendo e começam a se produzirem choques entre os Reis mais espirituais e os representantes das Potências da Matéria. A "Querela das Investiduras", protagonizada pelo Imperador Henrique IV, antepassado de Frederico II, e o Papa Golen Gregório VII, assinala a fase culminante da reação satânica: no ano de 1077, o Imperador Henrique IV é obrigado a humilhar-se ante o Papa, em Canossa, para obter a retirada de sua anterior excomunhão. Se não fizesse essa súplica, Henrique IV teria sido despojado de sua investidura imperial, e também da soberania sobre seus Feudos hereditários, pela simples vontade "espiritual" do Papa. Naturalmente, uma ideia que brota do sangue, e se torna mais clara e mais forte a cada geração, não pode ser reprimida com penitências e humilhações. Será Frederico I Barbarossa, o avô de Frederico II, que se oporá com mais vigor à tirania papal e demonstrará que a existência da Aristocracia do Espírito era mais do que uma ideia. Até então, a ideia já tinha tomado corpo e conta com partidários dispostos a defendê-la com sua vida: são os chamados ***gibelinos***, nome derivado do Castelo de Waiblingen, onde nasceu Frederico I. A reação da Igreja contra Frederico I polariza a família de sua mãe Judith, descendente de Welf I, ou Guelfo IV, duque de Baviera, acérrima partidária do Papa, de onde vem o nome de "guelfos" dado aos seus seguidores. Assim, em que pese a lavagem de cérebro e doutrinação clerical a que foi submetido Frederico II durante os anos em que permaneceu sob a tutela do feroz Inocêncio III, nada pôde evitar que a Voz de seu Sangue Puro lhe revelasse a Verdade do Espírito Incriado, que sua herança Divina o transformasse na expressão viva da Aristocracia do Espírito, no Imperador Universal.

Antes de partir para a Palestina, em 1227, Frederico II tinha se tornado um Homem de Pedra, um Pontífice Hiperbóreo, e tinha recordado o Pacto de Sangue dos Atlantes brancos. E decidiu lutar com todas as suas forças para reverter a ordem da sociedade europeia, que estava baseada na ***unidade do Culto***, quer dizer, no Pacto Cultural, em favor do Pacto de Sangue. A solução escolhida por Frederico II consistia em minar a unidade imperial de então, cujas monarquias estavam totalmente condicionadas pela Igreja, concedendo o maior poder possível aos Senhores Territoriais: eles seriam, claro, os que reconheceriam com seu Sangue Puro o Verdadeiro Líder Espiritual do ocidente, que viria instaurar o Império Universal do Espírito. Em troca, a Igreja Golen, diante do crescente poder dos príncipes, só veria se desintegrar a unidade política, que tão necessária era para seus planos de dominação mundial: uma unidade política que tinha se construído sobre as bases de incontáveis crimes perpetrados durante séculos de intrigas e enganos, que tinha se projetado no Segredo dos monastérios beneditinos e cistercienses, que tinha imposto nas mentes crédulas e temerosas dos nobres, mediante a ameaça da "perda do Céu", a excomunhão, a chantagem do terror, e todo tipo de recursos indignos.

Essa unidade política controlada discretamente pela Igreja, que agora dispunha de um poderoso Banco e de uma Ordem militar, seria fatalmente

desestabilizada por Frederico II. Em 1220, quando ainda obedecia ao plano dos Golen, Frederico II concedeu aos príncipes eclesiásticos os direitos de regulamentarem o tráfego comercial em seus territórios e decidir sobre sua fortificação. No entanto, em 1232, conferiu estes mesmos direitos aos Senhores Territoriais, além de lhes autorizar a jurisdição completa de seus países: na prática, isto significava que assuntos tais como a moeda, o mercado, a justiça, a polícia e as fortificações ficavam para sempre sujeitos ao poder dos Senhores Territoriais, já não tendo o Rei, nem o Papa, poder executivo algum em seus respectivos países.

Depois da morte de Frederico II, em 1250, a Igreja Golen jamais conseguirá outra oportunidade semelhante para cumprir os planos da Fraternidade Branca: na Alemanha sobrevirá o Interregno, durante o qual os Senhores Territoriais far-se-ão cada vez mais poderosos e independentes; e na França governará Felipe IV, o Belo, que concluirá a obra de Frederico II, procedendo a aniquilar a Ordem do Templo e a desmantelar a infraestrutura da Sinarquia financeira.

Como segunda causa do fracasso do plano Golen, causa principal, causa esotérica, mencionei a "oposição da Sabedoria Hiperbórea". Com tal denominação refiro-me, logicamente, à ***oposição consciente*** que certos setores levaram avante contra as intrigas secretas dos Golen e suas organizações cistercienses e templárias.

Esses setores, que compreendiam a Sabedoria Hiperbórea, contribuíram de maneira significativa para determinar o fracasso dos Golen; eram vários grupos, mas entre os principais deve-se citar os Bogomilos na Itália, os Cátaros da França e os Senhores de Tharsis da Espanha.

Os Senhores de Tharsis tinham-se fortalecido na Espanha, tanto na região muçulmana como na cristã: em Turdes, conservavam seu bispado e a propriedade da Vila, onde uma parte da família permaneceria o ano todo; em Córdoba e em Toledo viviam sempre os clérigos que se dedicavam ao ensino; e em Catalunha e Aragão, e inclusive em vários países europeus, habitavam os que eram teólogos e doutores, e recebiam convites de algum Senhor para atuar como conselheiros ou instruir as famílias reais. Mas, fosse onde estivessem, os Senhores de Tharsis nunca esqueciam seu Destino, e todos os esforços eram voltados a obedecer àqueles dois princípios jurados pelos Homens de Pedra: preservar a Espada Sábia e cumprir a missão familiar. Sua prioridade era, pois, sobreviver; mas sobreviver como Estirpe, o que obrigava a se manterem permanentemente informados sobre a Estratégia inimiga, uma vez que um dos objetivos estratégicos declarados pelo Inimigo exigia, justamente, o extermínio da Casa de Tharsis. No século XIII, os Senhores de Tharsis tinham perfeitamente claros os planos da Fraternidade Branca e sabiam quão próximos estavam os Golen de torná-los realidade. Para se oporem a esses planos, sem arriscar a segurança da Estirpe, os Senhores de Tharsis compreenderam que necessitavam agir protegidos por uma Ordem da Igreja, uma Ordem que, claro, não fosse controlada pelos Golen nem se regesse pela Regra beneditina: é claro, ***não***

existia semelhante Ordem. A honra de fundá-la e salvar, por seu intermédio, a parte mais sadia do cristianismo, seria de São Domingos.

Vigésimo Dia

A partir de hoje, vou examinar, Dr. Siegnagel, a questão cátara, a mais significativa das produções da Sabedoria Hiperbórea que se opôs aos planos da Fraternidade Branca, no século XIII. Foi no contexto do catarismo que São Domingos fundou a Ordem dos Pregadores, que permitiria aos Senhores de Tharsis atuar de forma encoberta. É necessário, então, descrever tal contexto, para que fique claro o objetivo buscado por São Domingos e os Senhores de Tharsis.

Antes de mais nada, é preciso avisar que qualificar de "heresia" o catarismo é tão absurdo como fazê-lo com o budismo ou o islamismo: como estes, o catarismo era ***outra religião***, diferente da católica. Heresia é, por definição, erro dogmático sobre a Doutrina oficial da Igreja; não é herege quem professa outra religião, mas quem desvirtua ou interpreta distorcidamente o dogma católico, tal como Ário ou os próprios Templários Golen, que foram os hereges mais diabólicos de sua Época. É claro que, ainda que, então, se tivesse aceitado que os Cátaros praticavam outra religião, como os saxões, isso não teria significado diferença alguma no resultado: nada poderia tê-los salvado da sentença de extermínio dos Golen. Hereges eram, sem dúvida, os arianos; mas não o seriam os Cátaros: estes eram, sim, inimigos da Igreja, à qual denominavam "a Sinagoga de Satanás".

Para compreender o problema, há que se considerar que o que os Cátaros conheciam, na realidade, era a Sabedoria Hiperbórea, a qual ensinavam, valendo-se de símbolos tirados do masdeísmo, do zervanismo, do gnosticismo, do judaico-cristianismo, etc. Portanto, pregavam que o Bem era de natureza absolutamente espiritual e estava totalmente fora deste Mundo; ***O Espírito era Eterno e Incriado e procedia da Origem do Bem; o Mal, pelo contrário, tinha por natureza todo o material e criado***; o Mundo da Matéria, onde vive o animal-homem, era intrinsecamente maligno; o Mundo tinha sido ***Criado*** por Jeová Satanás, um Demiurgo demoníaco; rejeitavam, portanto, a Bíblia, que era a "Palavra de Satanás", e repudiavam especialmente o Gênesis, onde se narrava o ato de Criar o Mundo por parte do Demônio; a Igreja de Roma, que aceitava a Bíblia era, pois, "a Sinagoga de Satanás", a morada do Demônio; ***o animal-homem, criado por Satanás, tinhas duas naturezas: o corpo material e a Alma; a elas tinha-se unido o Espírito Incriado, que permanecia, desde então, prisioneiro da Matéria; o Espírito, incapaz de libertar-se, residia na Alma, e a Alma animava o corpo material, o qual se achava imerso no Mal do Mundo Material; o Espírito se achava, assim, afundado no Inferno, condenado à dor e ao sofrimento que Jeová Satanás impunha ao animal-homem***.

Os Cátaros, quer dizer, os ***Homens "Puros"*** deviam buscar o Bem. Isso significava que o Espírito devia regressar à sua Origem, odiando previamente o Mal do Mundo Material. ***Asseguravam que o Espírito Santo estava sempre disposto para auxiliar o Espírito prisioneiro na matéria e que respondia à solicitação dos Homens Puros***; então os Cátaros tinham o poder de transmitir o Espírito Santo aos necessitados de ajuda, por meio da imposição de mãos, ato ao qual denominavam ***"Consolamentum"***. Afirmavam, além disso, ***a existência de um Kristos Eterno e Incriado, ao qual chamavam de "Lucibel"***, que costumava descer voluntariamente ao Inferno do Mundo Criado para libertar o Espírito do homem; rejeitavam a cruz, por constituir um símbolo do aprisionamento espiritual e do sofrimento humano; eram iconoclastas ao extremo e não admitiam nenhuma forma de representação das verdades espirituais; praticavam a pobreza e o ascetismo, e desconfiavam das riquezas e bens materiais, especialmente se procediam de pessoas que se diziam religiosas; sustentavam que a mais elevada virtude era a compreensão e expressão da Verdade, e que o maior erro era a aceitação e propagação da mentira; reduziam a alimentação ao mínimo e recomendavam não abusar do sexo; proibiam a procriação de filhos, porque contribuía para perpetuar o encadeamento do Espírito à Matéria.

É evidente, Dr. Siegnagel, que os conceitos da religião cátara não procediam de uma heresia católica mas da Sabedoria Hiperbórea. No entanto, para aqueles que desconheciam tal filiação ou estavam fanatizados e controlados pelos Golen, não era difícil convencer de que se tratava de uma diabólica heresia; especialmente se o olhar era colocado sobre a forma exterior do catarismo. Porque os Cátaros, com a finalidade declarada de competir com os católicos pelo favor do povo, tinham se organizado também como Igreja. O porquê dessa decisão, que os ia confrontar de forma desvantajosa com uma Europa católica condicionada pela ideia de que era legítimo empreender "Cruzadas" militares contra povos que professavam outra religião, há que se buscar nas crenças ancestrais da população occitana.

Indubitavelmente, existiam conexões entre os Cátaros e os maniqueus bogomilos da Bulgária, Bósnia, Dalmácia, Sérvia e Lombardia, mas esses contatos eram naturais entre povos ou comunidades que compartilhavam a herança da Sabedoria Hiperbórea e não implicavam em dependência alguma. O catarismo foi, em vez disso, um produto local do país de Oc, um fruto medieval do tronco racial ibero. A antiga população ibera de Oc, como a de Tharsis, não sofreu grande influência celta, diferentemente dos iberos de outras regiões das Hispanias e das Gálias, que se confundiram racialmente com eles e caíram prontamente sob o poder dos Golen. Em Oc, os Gauleses não conseguiram unir-se com os iberos, embora tenham dominado durante séculos a região, para grande desgosto dos Golen, que apelariam a todos os recursos para quebrar sua pureza racial. No entanto, os occitanos se misturariam logo com povos mais afins, de modo semelhante

aos tartésios, especialmente com os gregos, os romanos e os godos. Em um remoto passado, os Atlantes brancos tinham lhes comunicado a mesma Sabedoria que aos seus irmãos da península ibérica, para depois incluí-los no Pacto de Sangue. Possuíram, pois, sua própria Pedra de Vênus e a perderam em mãos dos Golen, quando estes Sacerdotes do Pacto Cultural favoreceram as invasões dos ***volscos tectósagos e arecômicos, os bébrices, velávios, gábalos e hélvios***, além de instalarem-se na costa mediterrânea com os fenícios, em suas colônias de Agde, Narbona e Port Vendrés, que, a princípio, chamou-se "porto de Astarte".

Pois bem, à parte do que já recordei sobre a Sabedoria dos iberos do Pacto de Sangue, há que se adicionar aqui uma lenda particular que era bastante difundida entre os pirenaicos. Segundo a mesma, os Atlantes brancos tinham depositado em uma caverna da região outra Pedra de Vênus, à qual denominavam ***o Graal de Kristos Lúcifer***. Aquela Pedra, que o Enviado do Deus Incognoscível trouxera, não só para que refletisse o Signo da Origem a uns poucos Iniciados, mas para vincular carismaticamente e libertar espiritualmente toda uma comunidade racial, só seria encontrada em momentos chaves da História. Acreditavam que o motivo era o seguinte: o Graal constituía uma ***tabula regia imperialis***, vale a pena dizer que o Graal informava com exatidão quem era o Rei do Sangue Puro, quem deveria governar o povo pela Virtude de sua espiritualidade e sua pureza racial; mas o Graal tinha o Poder de revelar a liderança, comunicando-a carismaticamente no Sangue Puro da Raça: não era necessária a Presença Física da Pedra de Vênus para escutar sua mensagem; no entanto, se a comunidade racial esquecia o Pacto de Sangue, se caía sob a influência soporífera do Pacto Cultural, ou se degradava seu Sangue Puro, então perderia a vinculação carismática, se desorientaria, e erraria ao escolher seus líderes raciais: sobreviriam maus Reis, fracos ou tiranos, talvez Sacerdotes do Pacto Cultural que, em todo caso, guiariam o povo para sua destruição racial; no entanto, ainda que o povo estivesse dominado pelo Pacto Cultural, a herança Hiperbórea do Sangue Puro não poderia ser facilmente eclipsada e, em ***indeterminados momentos da História***, ocorreria uma ***correspondência culturalmente acausal*** que colocaria todos os membros da Raça em contato carismático com o Graal: ***então todos saberiam, sem dúvida alguma, quem seria o líder da Raça***.

Tratava-se de uma dupla ação do Graal: por um lado, revelava ao povo quem era o verdadeiro Líder do Sangue Puro, sem que influísse para isso sua situação social; equivale a dizer que, fosse Nobre ou plebeu, rico ou pobre, se o Líder existia, todos saberiam quem era, todos o reconheceriam simultaneamente. E por outro lado, apoiava o Líder em sua missão condutora, conectando-o carismaticamente com os membros da Raça, em virtude da origem comum; na Origem, toda a Raça dos Espíritos Hiperbóreos estaria unida, pois o Graal, justamente, ***seria um reflexo da Origem***. Pela graça do Graal, o Líder racial apareceria ante o povo dotado de um carisma evidente, inegável e irresistível; exibiria claramente o Poder do Espírito

Incriado e daria provas de sua autoridade racial; ***e isso não poderia ser de outro modo, uma vez que, pela Origem, voltaria a estar às ordens do Grande Chefe da Raça do Espírito, o Senhor da Honra Absoluta e da Beleza Incriada: Kristos Lúcifer ou Lucibel***.

O devir da História, o avanço implacável dos povos culturalmente dominados pela Estratégia da Fraternidade Branca em direção às Trevas do Kaly Yuga, causaria a manifestação cada vez mais forte das Potências da Matéria. Portanto, os Líderes raciais que eventualmente surgissem do povo deveriam demonstrar um Poder espiritual cada vez maior, para enfrentar tais forças demoníacas. A consequência disto seria que o confronto entre a espiritualidade emergente da pureza racial e a degradação da Cultura materialista, iria se tornando mais e mais intenso, até chegar, naturalmente, a uma Batalha Final, onde o conflito se dirimiria definitivamente: isso coincidiria com o fim do Kaly Yuga. Enquanto isso, viriam esses "momentos da História" nos quais o Graal poderia ser novamente encontrado e revelaria o Líder da Raça. Claro que, nos últimos milênios, por estar a Raça cada vez mais afundada na Estratégia do Pacto Cultural, os sucessivos Líderes raciais teriam que ser, consequentemente, mais poderosos, vale a pena dizer que teriam que ser Líderes Imperiais, Guerreiros Sábios, que tentariam fundar o Império Universal do Espírito: quem o conseguisse, livraria o povo da Estratégia do Pacto Cultural, dos Sacerdotes do Culto, e de todo Culto; construiria uma sociedade baseada na Aristocracia do Sangue Puro, nos Senhores do Sangue e da Terra, como a que, sabiamente, procuraria impulsionar Federico II Hohenstaufen.

E aqui chegamos à causa oculta da expansão cátara no século XII: ***naquele tempo, existia a convicção generalizada entre os occitanos, incompreensível para os que careciam de pureza racial ou desconheciam a Sabedoria Hiperbórea, de que estava próximo a chegar, ou tinha chegado, um desses "momentos da História" nos quais surgiria o Líder Racial, o Imperador Universal do Espírito e do Sangue Puro***. Era um pressentimento comum que brotava das fibras íntimas e unia a todos na segurança do advento régio. E essa unidade espontânea era a causa de profundas transformações sociais: parecia como se todos os esforços do povo tivessem se coordenado de repente em uma empresa espiritual conjunta, em um projeto cuja realização permanente era a geração da brilhante civilização de Oc. A poesia, a música, a dança, o canto coral, a literatura, alcançavam ali grande esplendor, enquanto se desenvolvia uma linguagem romântica de rara precisão semântica, muito diferente do idioma mais bárbaro dos francos do leste: era a "língua de Oc" ou "*langue D'Oc*", que deu nome ao país do Languedoc. Na estrutura dessa civilização nascente, como um de seus elementos fundamentais, ia surgir o catarismo, que já não seria então uma "heresia católica", como pretendia a Igreja Golen, nem uma religião transplantada da Ásia Menor, como pretendem outros. Pelo contrário, o catarismo era a expressão formal da religação que existia a priori na sociedade occitana: era o Graal assim

acreditavam todos, o que religava a sociedade occitana e constituía a base da religião cátara.

Mas o Graal ao comunicar a próxima vinda do Imperador Universal, anunciava também a Guerra, o inevitável conflito que sua Presença apresentaria às Potências da Matéria, talvez a Batalha Final, se os tempos estavam maduros para isso. O "momento histórico" do aparecimento do Graal exigia, pois, uma especial predisposição do povo para enfrentar a crise que fatalmente sucederia: era o tempo do despertamento espiritual e da renúncia material, de discriminar claramente entre o Todo do Espírito e o Nada da Matéria. Agora o Senhor entenderá, Dr. Siegnagel, porque os Cátaros se organizaram como Igreja e se dedicaram a predicar publicamente a Sabedoria Hiperbórea: estavam preparando o povo para o momento histórico, estavam fortalecendo sua Vontade e procurando que adquirisse o "Estado de Graça" que os tempos exigiam. Se advinha o Imperador Universal, Kristos Lúcifer estaria mais perto do que nunca do Espírito cativo no Homem, favorecendo sua libertação: por isso os Cátaros anunciavam a iminente chegada de Lucibel, e encorajavam o povo a esquecer o Mundo da Matéria e cravar os olhos interiores só Nele. Se advinha o Imperador Universal, requerer-se-iam homens profundamente espirituais, que possuíssem a Sabedoria Hiperbórea e se transmutassem pela Recordação da Origem, pela revelação da Verdade Nua de Si Mesmo, quer dizer, necessitar-se-iam Homens de Pedra: por isso, os Cátaros formaram e lançaram milhares de trovadores iniciados no Culto do Fogo Frio da Casa de Tharsis; eles tinham a missão de percorrer o país e acender nos Nobres do Sangue, Nobres ou plebeus, ricos ou pobres, a Chama do Fogo Frio, o A-mort da Deusa Pyrena, a quem simplesmente nomeavam como "a Dama", ou "a Sabedoria"; e os Nobres de Sangue, se compreendiam o *Trobar Clus*, tornavam-se Cavaleiros recém-casados com sua Espada, uma Vruna de Navutan, que, em algumas ocasiões, consagravam a uma Dama de carne e osso, a uma mulher Kâlibur que era capaz de imortalizá-los Além da Negrura Infinita de Seu Sinal de Morte.

Vigésimo Primeiro Dia

A urgência dos tempos tinha obrigado os Cátaros a se exporem publicamente, ato que causaria, mais cedo ou mais tarde, o inevitável ataque da Igreja Católica. Os beneditinos, cluniacenses e cistercienses começaram logo a fazerem seus protestos: já em 1119, aquele ano em que os nove Golen se instalam no Templo de Salomão, o Papa Calixto II fulmina com a excomunhão os hereges de Toulouse. Mais tais medidas não surtiam efeito algum. Em 1147, o Abade de Claraval, São Bernardo, Chefe Golen da conspiração templária, percorre o Languedoc recebendo em todos os lados mostras de hostilidade por parte do povo e da nobreza senhorial. Desde então, será o Cister que se encarregará de avivar os ódios e formar um novo povo

Perseu para destruir o "Dragão occitano". Mas os Cátaros, longe de se assustarem com essas ameaças, convocam, em 1167, um Concílio Geral em Saint-Félix-de-Caraman: ali resolvem dividir o país, do mesmo modo que a Igreja Católica, em bispados e paróquias.

A Igreja Cátara, então, se organizava com base em Bispos, Presbíteros, Diáconos, Irmãos maiores, Irmãos menores, etc. e dava argumentos superficiais aos que sustentavam a acusação de heresia. No entanto, do ponto de vista interno, só existiam dois grupos: os ***"crentes" e os Eleitos***. Os crentes constituíam a massa daqueles que simpatizavam com o catarismo ou professavam sua fé, mas sem chegar à iniciação do Espírito Santo, que caracterizava os Eleitos. Estes, em troca, tinham sido ***purificados*** pelo Espírito Santo e por isso os crentes os chamavam de ***puros***, ou seja, ***Cátaros***. Há que se esclarecer que a iniciação ao Mistério Cátaro, sendo um ato social, como toda iniciação, se diferenciava das iniciações aos Mistérios Antigos em que a forma ritual era reduzida ao mínimo: efetivamente, os Cátaros, os Homens Puros ou Iniciados, tinham o Poder de comunicar o Espírito Santo aos crentes, por meio da imposição de mãos. Graças a este Poder, estes poderiam tornar-se também Cátaros; para que tal milagre ocorresse, se necessitava dispor de uma "Câmara Hiperbórea", na qual o crente se colocava e recebia o ***Consolamentum*** das mãos de um Homem Puro; mas a Câmara Hiperbórea não era nenhuma construção material, como os Templos dos Golen, mas um conceito da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes Brancos, cuja realização constituía um segredo zelosamente guardado pelos Cátaros: para seu esclarecimento, Dr. Siegnagel, dir-lhe-ei que consistia nos mesmos princípios que já expliquei no Terceiro Dia, como fundamentos do "modo de vida estratégico", quer dizer, o princípio da ***ocupação***, o princípio do ***cerco***, e o princípio da ***muralha estratégica***.

No conceito da Câmara Hiperbórea intervêm os três princípios mencionados, e sua realização podia se efetuar em qualquer lugar, ainda que, repito, a técnica lítica, que requeria apenas a distribuição espacial de umas poucas pedras sem talhar, era secreta. Assim, com apenas umas pedras e suas mãos, os Cátaros iniciavam os crentes no Mistério do Espírito Incriado; e como verdadeiros representantes do Pacto de Sangue, opunham, deste modo, a Sabedoria ao Culto, a Muralha Estratégica ao Templo.

Mas se a forma ritual era mínima, o processo espiritual consequente chegava à máxima intensidade durante a iniciação cátara. O crente era ***"consolado"*** interiormente, quer dizer, era ***amparado*** pelo Espírito, e se tornava um Eleito. ***Mas, Eleito por quem? Por Si Mesmo. Porque os Iniciados Cátaros são Autoconvocados Para Liberar Seu Espírito, os que se Elegeram a Si Mesmo Para Alcançar A Origem e Existir. O crente, pois, não seria Eleito pelos Cátaros, nem sua transmutação dependeria apenas do "***Consolamentum" ***mas*** Seu Próprio Espírito se Elegia e Investia a Si Mesmo de Pureza, ao se situar estrategicamente sob a influência dos homens puros.

A Igreja Cátara carecia de Rituais, de Templos, e de sacramentos: os Cátaros só se permitiam a predicação, a exposição do Evangelho de Kristos Lucibel a todo homem crente. E acontecia que a infatigável prédica espalhava o catarismo dia após dia, como uma epidemia, pelo país de Languedoc, causando o consequente alarme da Igreja Católica, que via seus Templos vazios e seus Sacerdotes desprezados e ofendidos. Os Homens Puros atribuíam o êxito à proximidade do "momento histórico" no qual apareceria o Graal. Mas, o que a princípio foi simples convicção, um dia, quando o catarismo se achava no zênite da adesão popular, tornou-se efetiva realidade: no final do século XII, muitíssimos Homens Puros asseguravam ***terem visto fisicamente o Graal e recebido seu Poder transmutador***.

No condado de Foix, em plena região pirenaica, encontrava-se o Feudo de Ramón de Perella, que compreendia, à parte de castelos, aldeias, e campos de cultivo, um pico montanhoso muito abrupto, em cujo topo existia uma antiga fortaleza em ruínas. O nome daquele lugar era ***Montségur*** e seu Senhor, assim como toda a sua família e seus súditos, contavam-se entre os crentes da Igreja Cátara. No ano de 1202, os Homens Puros solicitaram a Ramón de Perella que fizesse construir em Montségur um estranho edifício de pedra de forma pentagonal assimétrica: imprópria para a defesa, inadequada para viver, esteticamente chocante, a obra era concebida, no entanto, de acordo com a Mais Alta Estratégia Hiperbórea. Sua função não tinha nada a ver com a defesa, a habitação ou a beleza, mas com o Graal com a Manifestação Física do Graal: ***Montségur seria uma área de referência da qual os Iniciados poderiam localizar o Graal e, inclusive, aproximar-se fisicamente dele***. Sua função não consistia, pois, em servir de depósito para "guardar" o Graal, porque o Graal não pode estar dentro nem fora de nada: como o Espírito, Eterno e Infinito, a realidade do Graal está Além da Origem. Mas, localizar a Origem significa a libertação do Espírito encadeado à Matéria, e para facilitar essa localização é que o Graal se aproxima dos homens adormecidos: e Montségur iria ser, então, a Muralha Estratégica de onde se veria o Graal se encontraria a orientação para a Origem, se reencontraria o Espírito a Si Mesmo e se escutaria novamente a Voz do Sangue Puro. E o Graal falaria e revelaria à Raça Branca a identidade do Rei do Sangue Puro, do Imperador Universal.

Em síntese, Dr., ***de Montségur, o Graal como pedra, poderia ser encontrado e levado pelos homens puros; mas, enquanto eles permanecessem na Muralha Estratégica, o Graal não estaria dentro, mas fora de Montségur, pois assim o exige*** a técnica da área referencial; ***em troca, uma vez levado para fora, poderia ser transportado, se se desejasse, para qualquer outro lugar, pois a referência se conservaria enquanto existissem a área referencial cercada e os Iniciados que a operam. Naturalmente, o Graal pode ser localizado, sempre, de qualquer lugar que constitua uma praça liberada no espaço do Inimigo, uma área ocupada às Potências da Matéria, segundo as técnicas da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes brancos, um lugar onde não atue a***

Ilusão do Grande Engano: Sim, Dr., de uma área estratégica semelhante, em todo lugar, os Iniciados Hiperbóreos, sejam Guerreiros Sábios, Homens de Pedra ou Homens Puros, sempre que o desejem, poderão encontrar o Graal de Kristos Lúcifer: mas não é necessário insistir nisso, as Muralhas Estratégicas construídas então não serão nem um pouco parecidas às de Montségur, uma vez que a distribuição inconstante da matéria no espaço universal obriga a variar pontualmente a Forma Estratégica empregada.

Como escrevi há dois dias, quando Inocêncio III toma o controle do Vaticano, no ano 1198, os planos da Fraternidade Branca estavam a ponto de se concretizarem. E nesses planos figurava, como uma questão pendente à qual se devia dar uma rápida solução, o cumprimento da sentença de extermínio que pesava sobre os Cátaros. A princípio, Inocêncio III envia legados especiais para percorrer o país de Oc, enquanto inicia uma manobra destinada a submeter o Rei de Aragão, Pedro II, à vassalagem de São Pedro, coisa que consegue em 1204: naquele ano, Pedro II era coroado em Roma pelo Papa, que lhe entrega as insígnias reais, manto, colóbio, cetro, orbe, coroa e mitra; em seguida, exige-lhe juramento de fidelidade e obediência ao Pontífice, de defesa da fé católica, de proteção dos direitos eclesiásticos em todas as suas terras e Feudos, e de ***combater até a morte a heresia***. Tudo aceita Pedro II, que não suspeita de seu triste fim nas mãos dos cistercienses e, após receber a Espada de Cavalheiro das mãos de Inocêncio III, ***cede seu Reino a São Pedro, ao Papa e aos seus Sucessores***.

Enquanto isso, os legados já tinham alertado os Bispos leais aos Golen e efetuado um prolixo censo dos prelados autóctones que não aprovariam jamais a destruição da civilização de Oc e que teriam que ser expurgados da Igreja. Em 1202, os Golen consideram que as condições são próprias para executar seus planos e decidem montar uma armadilha mortal para o Conde de Toulouse, Raimundo VI: o mecanismo dessa armadilha visa oferecer uma justificativa para a iminente destruição da civilização de Oc e o extermínio cátaro; e o artifício, idealizado para enganar a presa, é um bode expiatório, um monge Cisterciense da abadia de Fontfroide, chamado Pedro de Castelnau. Aquele sinistro personagem foi preparado muito bem para a função que teria que desempenhar, sem o saber, é claro, pois destacava-se em matérias tais como a crueldade, o fanatismo, o ódio à "heresia", etc.; e para potencializar sua ação imprudente e intolerante, dotaram-no de poderes especiais que o colocavam acima de qualquer autoridade eclesiástica, salvo o Papa, e se lhe ordenou ***inquirir*** sobre a fé dos occitanos: em apenas seis anos, Pedro de Castelnau conseguiu angariar o ódio de todo um país. Em 1208, após sustentar uma disputa com Raimundo VI por causa da repressão violenta que reclamava contra a heresia cátara, Pedro de Castelnau é assassinado pelos próprios Golen e a responsabilidade do crime se faz recair sobre o Conde de Toulouse: a armadilha tinha se fechado. A resposta de Inocêncio III ao assassinato de seu legado seria a proclamação de uma santa

Cruzada contra os hereges occitanos. Logicamente, o apelo dessa Cruzada foi encarregado à Congregação do Cister.

Herdeiro da região que os romanos denominavam "Gália Narbonense" e Carlos Magno de "Gália Gótica", o Languedoc constituía um enorme país de 40.000 quilômetros quadrados, que se limitava com o Reino da França: ao leste, com a margem do Ródano, e ao norte, com Forez, Auvérnia, Rouergue e Quercy. No século XIII, aquele país estava de fato e de direito sob a soberania do Rei de Aragão: entre os Feudos mais importantes contavam-se o Ducado de Narbona, os Condados de Toulouse, Foix e Bearne, Viscondados de Carcassone, Béziers, Rodez, Lussac, Albi, Nimes, etc. Além destes vassalos, Pedro II tinha herdado os estados da Catalunha e os Condados de Rossilhão e Pallars, e possuía direitos sobre o Condado de Provença. Mas nem tudo terminava ali: Pedro II, cuja irmã era esposa do Imperador Frederico II Hohenstaufen, tinha casado duas filhas com os Condes de Toulouse, Raimundo VI e Raimundo VII, pai e filho, e lhe correspondiam, por seu próprio casamento com Maria de Montpellier, direitos sobre aquele Condado do Languedoc. O compromisso do Rei de Aragão com o país de Oc não podia ser, pois, maior.

Os cistercienses chamaram para a Cruzada em toda a Europa, após a morte de Pedro de Castelnau, vale a pena dizer, desde 1208. Em julho de 1209, o exército mais numeroso que nunca se vira nessas terras cruzava o Ródano e marchava para o país de Oc; como chefe do mesmo, Inocêncio III nomeou um Golen que parecia ter surgido das próprias entranhas do Inferno: Arnaud Amalric, Abade de Citeaux, o monastério-mãe da Ordem Cisterciense. O exército de Satanás, composto de trezentos e cinquenta mil cruzados, logo está sitiando a pequena cidade fortificada de Béziers ; a sentença de extermínio finalmente será cumprida! Horas depois, os defensores desistem de uma porta e as tropas infernais se dispõem a conquistar a praça; os chefes militares perguntam para Arnaud Amalric sobre o modo de distinguir os hereges dos católicos, ao que o Abade de Citeaux responde: "Matai, matai todos, que depois Deus os distinguirá no Céu". Nobres e plebeus, mulheres e crianças, homens e anciões, católicos e hereges, a totalidade dos trinta mil habitantes de Béziers são degolados ou queimados nos momentos seguintes. O corpo de Béziers é o Cordeiro Eucarístico da Comunhão dos Cruzados, o Sacramento de Sangue e Fogo que constitui o Sacrifício ao Deus Criador Uno Jeová Satanás. Castigo de Deus, Condenação da Fraternidade Branca, Sanção dos Atlantes morenos, Expiação de Sacerdotes, Vingança Golen, Lição Hebraica, Penitência Católica, a matança de Béziers é arquetípica: foi e será, sempre que os povos de Sangue Puro tentem recobrar sua Herança Hiperbórea; até a Batalha Final.

Depois de Béziers cai Carcassona, onde são queimados quinhentos hereges, depostos os prelados autóctones, e é capturado e humilhado o Visconde Raimundo Roger. Pedro II chega a Carcassona para interceder por seu vassalo e amigo, sem conseguir coisa alguma do legado papal: esta impotência dá uma ideia do poder que tinha adquirido a Igreja, naqueles

séculos, sobre os "Reis temporais". O Rei de Aragão se retira, então, e se concentra em outra Cruzada, que está se realizando simultaneamente: a luta contra os muçulmanos da Espanha; acredita que, participando dessa façanha, sua honra não se veria comprometida, como seria o caso, se interviesse na repressão de seus súditos; no entanto, a falta de honra já era grande, pois os abandonava nas mãos de seus piores inimigos. Enquanto a Cruzada Golen vai exterminando os Cátaros castelo por castelo, e busca destruir o Condado de Toulouse, Pedro II enfrenta com êxito os muçulmanos na reconquista de Valência. Retorna, finalmente, a Narbona, onde se reúne com os Condes Cátaros de Toulouse e de Foix, com o chefe militar da Cruzada, Simon de Montfort, e os legados papais: novamente, nada consegue, mas desta vez é colocada em dúvida sua condição de católico e ameaçado com excomunhão; acaba aceitando a repressão indiscriminada e confirmando a rapina efetuada por Simon: concorda que, se os Condes de Toulouse e Foix não abandonassem o catarismo, esses títulos seriam transferidos a ele. Então, Pedro II acreditava que a Cruzada só visava o fim da "heresia" e que sua soberania sobre o Languedoc não seria questionada. É assim que, como "prova de boa fé", arranja o casamento de seu filho Jaime com a filha de Simon de Montfort: mas Jaime, o futuro Rei de Aragão Jaime I, o Conquistador, tem apenas dois anos; Pedro II o entrega a Simon para sua educação, quer dizer, como refém, e este se apressa a colocá-lo detrás dos muros de Carcassona.

Em seguida, Pedro II se une à luta contra os almóadas, junto ao Rei de Castela Alfonso VIII, e permanece dois anos dedicado à Reconquista da Espanha. Depois de cumprir um papel de destaque na batalha das Navas de Toulouse, regressa a Aragão, onde lhe espera a triste surpresa de que os Cruzados de Cristo repartiram entre eles suas terras e ameaçavam solicitar a proteção do Rei da França: Arnaud Amalric, o Abade de Citeaux, é agora "Duque de Narbona", e Simon de Montfort, "Conde de Toulouse". Finaliza 1212 quando Pedro II reclama com Inocêncio III pela ação de conquista aberta que os Cruzados estão realizando em seu país; o Papa trata de entretê-lo, para dar tempo aos Golen de completarem a aniquilação do catarismo e a destruição da civilização de Oc, mas, ante a insistência do monarca aragonês, acaba por mostrar seu verdadeiro jogo e o excomunga. Assim, Inocêncio III, que em 1204 o coroara e nomeara ***gonfaloneiro***, quer dizer, alferes sênior da Igreja, agora considerava que ele também era um herege: mas seria uma ingenuidade esperar que um Golen, interessado apenas em cumprir os planos satânicos da Fraternidade Branca, agisse de forma diferente. Logo Pedro II compreende tudo e marcha com um exército improvisado para socorrer o Conde Raimundo VI no sítio de Toulouse; mas já é tarde para combater os Poderes Infernais: ***quem viveu fechando os olhos para a Verdade tornou-se fraco para sustentar o olhar do Grande Enganador***; Pedro II reagiu, mas suas forças só davam para morrer. É o que faz na batalha de Muret contra Simon de Montfort, em setembro de 1213: morre incompreensivelmente, no meio de um grande desastre estratégico, no qual é

destruído o exército aragonês e sepultada definitivamente a última esperança da Occitânia cátara.

Vigésimo Segundo Dia

Como Tartessos, como a Saxônia, como o país de Oc, os povos de Sangue Puro hão de pagar um duro tributo por opor a Sabedoria Hiperbórea ao Culto do Deus Uno. A Cruzada contra os Cátaros "e outros hereges do Languedoc" continuaria, com algumas interrupções, durante trinta anos mais; milhares e milhares de occitanos acabariam na fogueira, mas, no final, o país de Oc iria retornando lentamente ao seio da Mãe Igreja. Em 1218, morre Simon de Montfort, durante um sítio a Toulouse, que tinha sido reconquistada por Raimundo VII; seu filho Amaury, carecendo da vocação de Verdugo Golen que em tão alto grau possuía Simon, acaba vendendo os direitos do condado de Toulouse ao Rei da França Luís VIII, com o qual os Capetos legalizam a intervenção e acabarão por ficar com todo o país. Mas isto não era casual: a ocupação franca do Languedoc constituía um objetivo inadiável da Estratégia Golen, principalmente porque permitiria proibir a maravilhosa língua de Oc, a "língua da heresia", em favor do francês medieval, a língua dos beneditinos, cluniacenses, cistercienses e templários. Aquela substituição linguística seria o golpe de misericórdia para a Cultura dos trovadores, como as fogueiras o tinham sido para o catarismo.

Somando a destruição da civilização de Oc às restantes grandes obras realizadas por Inocêncio III durante seu reinado eclesiástico, entende-se que, ao morrer, em 1216, tenha suposto que os planos da Fraternidade Branca estavam a ponto de se cumprir: a garantia disso, o instrumento da dominação universal, seria o jovem Imperador Frederico II, que, por esses dias, estava em tudo de acordo com a Estratégia Golen. No entanto, Frederico II ia mudar surpreendentemente de atitude e desferir um golpe mortal nos planos da Fraternidade Branca: e a causa principal dessa mudança, dessa manifestação espiritual que brotava de seu Sangue Puro e o transformava em um Senhor de Senhores, era a Presença efetiva do Graal de Kristos Lúcifer.

Os Cátaros, efetivamente, pagando o cruel preço do extermínio ao que os tinham condenado os Golen beneditinos, conseguiram, em cem anos, confrontar todo um povo de Sangue Puro contra as Potências da Matéria. O Pacto de Sangue tinha sido assim, restaurado, mas não se poderia ganhar no confronto, porque ainda não era o tempo de travar a Batalha Final sobre a Terra: o momento era propício, em troca, para morrer com Honra e aguardar no Valhala, em Agartha, o sinal dos Deuses Libertadores para intervir na Batalha Final que viria. Mas, ainda que não se pudesse ganhar a batalha atual, as leis da guerra exigiam infligir o maior dano possível ao Inimigo; e, nesse caso, o maior desastre nos planos do Inimigo seria produzido pela manifestação do Graal. Por isso, os Cátaros, apesar das

perseguições encarniçadas dos Cruzados e Golen, que os iam dizimando, e as assustadoras matanças coletivas dos crentes, trabalhavam sem descanso a partir de Montségur para estabilizar espacialmente o Graal e se aproximar dele em corpo físico.

Pode-se considerar que os resultados concretos daquela Estratégia Hiperbórea teriam se produzido no ano 1217: então, a Presença física do Graal executou a ***tabula regia*** e confirmou que Frederico II Hohenstaufen era o verdadeiro Rei da Raça Branca, o único com condições espirituais para instaurar o Império Universal do Sangue Puro. E coincidindo com o aparecimento do Graal em Montségur, simultaneamente, Frederico II alcançava, na Sicília, a compreensão da Sabedoria Hiperbórea e se transmutava em Homem de Pedra: a partir desse momento, começaria sua guerra contra os "Papas de Satanás", "os Anticristos", como ele os denominava em suas acusações; também proíbe o trânsito e toda operação econômica ou militar dos Templários em seu Reino, abrindo-lhes julgamentos por heresia. É então que Frederico II afirma publicamente que "os três Grandes Embusteiros da História foram Moisés, Jesus e Maomé, representados atualmente pelo Anticristo que ocupa o Trono de São Pedro".

Com a decidida e imprevista ação de Frederico II, a delicada arquitetura de intrigas construída pelos Golen começava a se desmoronar. Mas a Fraternidade Branca, e os Golen, sabiam muito bem de onde procedia o ataque real e, longe de travar um confronto direto, e inútil, contra o Imperador, concentraram todos os seus esforços no Languedoc que, a partir dali se tornaria um autêntico Inferno: era urgente localizar a construção mágica que sustentava o Graal e destruí-la; era necessário, pois, obter a informação o mais rapidamente possível.

Já não se enviaria os hereges imediatamente para a fogueira: agora era necessário obter sua confissão, descobrir seus lugares secretos, o local de suas cerimônias. Para esta missão se aperfeiçoa a forma de ***inquirir*** sobre a fé, instituindo o uso da tortura, a extorsão, o suborno, a delação e a ameaça. E como semelhante tarefa de interrogatório de prisioneiros, que preferiam antes morrer do que falar, não podia mais ser realizada somente pelos legados papais, decidem encarregar da mesma uma Ordem especial: a "beneficiária" da empresa seria a Ordem dos Pregadores, quer dizer, a Ordem fundada, como veremos, por São Domingos de Gusmão.

Pois bem, não obstante o eficaz labor desenvolvido pela Inquisição, com a captura e execução de centenas de hereges occitanos, os Golen tardaram vinte e sete anos em chegar a Montségur: entretanto, quer por falsas informações, quer por existir uma dúvida razoável, ou uma simples suspeita, foram-se demolindo, uma a uma, milhares de construções de pedra na Occitânia, contribuindo para arruinar ainda mais aquele belo país. No entanto, o Graal não foi encontrado e Frederico II realizou quase todos os seus projetos para enfraquecer o papado Golen. Logo, em 1244, os Cruzados, sob o comando de Pedro de Amiel, o Arcebispo Golen de Narbona, se apresentam diante de Montségur e a Presença do Graal occitano chega

ao seu fim: depois que as tropas de Satanás ocupassem a praça de Montségur, "o Graal desapareceria e nunca mais seria ***visto*** no Ocidente".

Montségur foi conquistado e em parte destruído; a família do Senhor de Perella foi exterminada, junto com duzentos e cinquenta Cátaros que ali atuavam; mas o Graal jamais foi encontrado. O que aconteceu com a Pedra de Vênus de Kristos Lúcifer? Foi transportada para muito longe por alguns Cátaros que estavam encarregados de sua custódia. É preciso repetir, no entanto, que o Graal por ser um Reflexo da Origem, está Presente em todo tempo e lugar onde se apresente uma disposição estratégica baseada na Sabedoria Hiperbórea, e que poderia ser encontrado novamente se se dessem as condições necessárias, se existissem Homens Puros e a Muralha Estratégica. Os Cátaros, que conseguiram mantê-lo como ***Pedra***, quer dizer, como ***Lapsit Exilis***, durante vinte e sete anos, decidiram transladá-lo antes da queda de Montségur. Cinco dos Homens Puros embarcaram em Marselha para o destino que lhes tinham mostrado os Deuses Libertadores de K'taagar: ***as terras desconhecidas que existiam além do Mar Ocidental***, quer dizer, América. O navio pertencia à Ordem de Cavaleiros Teutônicos e os aguardava há algum tempo, por ordem expressa do Grão-Mestre Hermann von Salza: aquela evacuação foi o único auxílio que Frederico II lhes pôde facilitar, embora há muito tempo se aguardasse em Montségur a chegada de uma guarnição imperial.

O "Constança", assim se chamava o navio, após atravessar as Colunas de Hércules, internou-se no oceano e tomou a rota que, séculos mais tarde, seguiria Díaz de Solís. Quatro meses depois, antes de subir o Rio da Prata e o Rio Paraná, chegavam a uma região próxima à atual cidade de Assunção, no Paraguai. O mapa que usavam os Cavaleiros Teutônicos procedia da longínqua Pomerânia, um dos países do norte da Europa que estavam conquistando, a mandado do Imperador Frederico II. Existia ali um povo de origem dinamarquesa que navegava para a América e possuía uma colônia no lugar para onde se dirigira o "Constança". Aqueles vikings comercializavam com "alguns parentes" que, segundo eles, tinham se tornado Reis de uma grande nação que ficava atrás dos altos cumes nevados do poente — um país separado da colônia por extensas e impenetráveis selvas, que não era outro senão o Império incaico. No Constança vinham alguns dinamarqueses que conheciam o dialeto falado pelos colonos.

Encontraram a colônia no local indicado e ali desembarcaram os Homens Puros, para cumprir seu objetivo de dar um adequado refúgio físico ao Graal mediante a construção de uma Muralha Estratégica. O barco da Ordem Teutônica partiu, tempos depois, mas os Homens Puros já não regressariam mais para a Europa: em troca, trabalharam durante anos, ajudados pelos colonos e índios Guayaki, até terminarem uma espantosa edificação subterrânea em uma das encostas do Cerro Corá. A Presença física do Graal estava agora assegurada, pois se o tinha referido de tal modo à construção que sua estabilidade espacial era suficiente para permanecer muitos séculos nesse local, até que outros Homens Puros o procurassem e encontrassem.

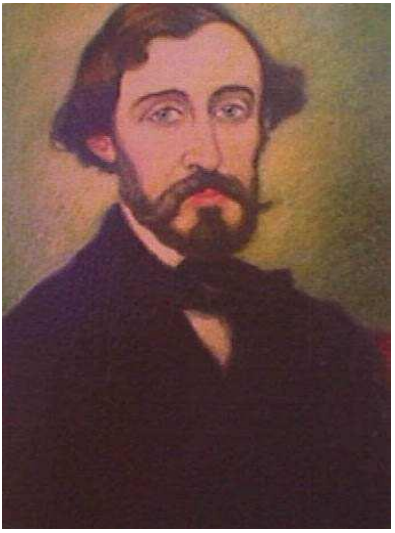
Naturalmente, os Templários, alertados na Europa pela Fraternidade Branca, não tardaram a partir em perseguição aos Cátaros. Eles navegavam habitualmente para a América a partir de portos da Normandia, onde dispunham de uma poderosa frota, pois necessitavam acumular metais preciosos, especialmente prata, para bancar a futura Sinarquia Financeira; metais que, na América, obtinham facilmente. Alguns anos depois dos eventos narrados, os Templários caíram sobre a colônia viking e mataram todos os seus habitantes; mas o Graal novamente, não apareceu.

Os Golen não esqueceriam o episódio e em breve, em plena "conquista da América" pela Espanha, uma legião de jesuítas, herdeiros naturais dos beneditinos e Templários, se assentaria na região, para tentar localizar e roubar a Pedra de Vênus. Mas todas as buscas seriam infrutíferas e, pelo contrário, a Presença do Graal iria se fazendo sentir de uma maneira irresistível sobre os colonos espanhóis, purificando o Sangue Puro e predispondo o povo para reconhecer o Imperador Universal. No século XIX, Dr. Siegnagel, um milagre análogo ao da civilização de Oc estava a ponto de se repetir: a República do Paraguai se levantava com luz própria acima das nações da América. Efetivamente, aquele país possuía um exército poderoso e bem equipado, frota própria, ferrovias, indústria pesada, agricultura florescente e uma organização social invejável, com legislação muito avançada para a Época, na qual se destacava a educação obrigatória, livre e gratuita: e isto em 1850. A população era corajosa e orgulhosa de sua Estirpe, e sabia admirar a espiritualidade e o valor de seus Chefes. É claro, à Fraternidade Branca não agradava o rumo que estava tomando aquela sociedade, que não viria a integrar-se ao esquema da "divisão internacional do trabalho" proposto, então, como modelo de ordem econômica mundial: tal ordenamento era o passo prévio à concretização, no século XX, da Sinarquia Financeira e do Governo Mundial do Povo Eleito, antigos planos que, segundo esclareci, se frustraram na Idade Média. Para a Fraternidade Branca, o povo paraguaio estava adoecendo; e o vírus que o infectava chamava-se "nacionalismo", o pior inimigo moderno dos planos sinárquicos.

O cúmulo da situação ocorreu em 1863, ***quando o Graal aparece novamente e confirma a todos que o Marechal Francisco Solano López é um Rei de Sangue Puro, um Senhor da Guerra, um Imperador Universal***. Então, decreta-se a sentença de extermínio contra o povo paraguaio e a dinastia de Solano López. Em pouco tempo, uma nova Cruzada se anuncia em todas as áreas: Argentina, Brasil e Uruguai fornecerão os meios e as tropas, mas por trás destes países semicoloniais encontra-se a Inglaterra, quer dizer, a Maçonaria inglesa, organização Golen e hebraica. À frente do exército cruzado, que agora se denomina "aliado", coloca-se o general argentino Bartolomeu Mitre, um maçom integralmente subordinado aos interesses britânicos. Mas a capacidade para oficiar como Verdugo Golen que demonstra o General Mitre supera amplamente a diabólica crueldade de Arnaud Amalric e Simon de Montfort: e é lógico que assim seja, pois a paciência do Inimigo se esgotou há séculos e agora

pretende dar um castigo exemplar, uma lição que demonstre claramente que o caminho do nacionalismo espiritual e racial não será mais tolerado.

A Guerra da Tríplice Aliança se inicia em 1865. Em 1870, quando os exércitos de Satanás ocupam Assunção e o Marechal Solano López morre combatendo em Cerro Corá, a guerra termina e deixa o seguinte saldo: população do Paraguai antes da guerra: 1.300.000 habitantes; população depois da rendição: 300.000 habitantes. Béziers , Carcassona, Toulouse, são brinquedo de criança, diante de um milhão de mortos, Dr. Siegnagel! E não é preciso esclarecer que, dos trezentos mil sobreviventes, muitos eram mulheres, anciões e índios; a população de origem hispânica, essa que era corajosa e orgulhosa, foi exterminada sem piedade, casa por casa, em massacres assustadores, que terão causado o deleite das Potências da Matéria. Uma vez mais, Perseu tinha degolado a Medusa. Um milhão de heróicos paraguaios, junto ao seu chefe de Sangue Puro, foi o sacrifício que as forças satânicas ofereceram ao Deus Uno, no século XIX, naquele remoto país da América do Sul, onde, no entanto, se manifestou a Presença transmutadora do Graal de Kristos Lúcifer.



Bartolomeu Mitre



Marechal Francisco Solano López

Vigésimo Terceiro Dia

Já é hora de que me refira a São Domingos e à Ordem dos Pregadores. Domingos de Gusmão nasceu em 1170, na vila de Calaruega, Castelo la Vieja, que se encontrava sob jurisdição do Bispo de Osma. Antes de nascer, sua mãe teve um sonho no qual viu seu futuro filho como um cão que portava, entre seus maxilares um *labrys* ardente, quer dizer, um machado flamígero de duplo fio. Aquele símbolo interessou vivamente aos Senhores de Tharsis, pois o consideravam como um sinal de que Domingos estava predestinado para o Culto do Fogo Frio. Daí que o vigiassem atentamente durante a infância e, logo que foi concluída a instrução primária, preparassem um lugar para ele na Universidade de Palência, que então se encontrava no zênite de seu prestígio acadêmico. O motivo era claro: em Palência ensinava teologia o célebre Bispo Pedro de Tharsis, mais conhecido pelo apelido de "Petreño", que gozava de confiança ilimitada por parte do Rei Alfonso VIII, do qual era um de seus principais conselheiros.

O ocorrido cinquenta anos antes a seu primo, o Bispo Lupo, era um aviso que não se podia ignorar, e por isso Petreño vivia por trás dos muros da Universidade, em uma casa muito modesta, mas que tinha a vantagem de estar provida de uma pequena capela privada: ali tinha, para sua contemplação, uma reprodução da Nossa Senhora da Gruta. Nessa capela, Petreño iniciou Domingos de Gusmão no Mistério do Fogo Frio, e foi tão grande a transmutação operada nele, que logo se tornou um Homem de Pedra, um Iniciado Hiperbóreo, dotado de enormes poderes taumatúrgicos e não menor Sabedoria: tão profunda era a devoção de Domingos de Gusmão por Nossa Senhora da Gruta que, dizia-se, a mesmíssima Virgem Santa respondia ao monge em suas orações. Foi ele quem comunicou a Petreño que tinha visto Nossa Senhora da Gruta com um colar de rosas. Então Petreño indicou que aquele ornamento equivalia ao colar de crânios de Freya Kâlibur: Freya Kâlibur, vista fora de Si Mesmo, aparecia vestida de Morte e usava o colar com os crânios de seus amantes assassinados; os crânios eram as contas com as Palavras do Engano; em troca, Freya vista no fundo de Si Mesmo, por trás de Seu Véu de Morte, que a apresenta Terrível para a Alma, era a Verdade Nua do Espírito Eterno, a Virgem de Agartha de Beleza Absoluta e Imaculada; seria natural que Ela usasse um colar de rosas, nas quais cada botão representasse os corações daqueles que a tinham Amado com o Fogo Frio. Domingos ficou intensamente cativado por essa visão e não se deteve até inventar o Rosário, que consistia em um cordão onde se achavam enfiados, mas fixos, três jogos de dezesseis bolinhas amassadas com pétalas de rosa; as dezesseis, treze mais três contas, correspondiam aos "Mistérios da Virgem". O Rosário de São Domingos se utiliza para pronunciar ordenadamente orações, ou mantras, que vão produzindo um

estado místico no devoto da Virgem e terminam por acender o Fogo Frio no Coração.

Não deve surpreender que mencione dezesseis Mistérios da Virgem e hoje se os tenha por quinze, nem que varie o número de contas do Rosário, nem que hoje em dia se associe o Rosário aos Mistérios de Jesus Cristo e se tenham ocultado os Mistérios de Nossa Senhora do Menino de Pedra, pois toda a Obra de São Domingos foi sistematicamente deformada e tergiversada, tanto pelos inimigos de sua Ordem, como pelos traidores que existiram em quantidade e existem, em quantidade ainda maior, dentro dela.

Domingos chegou a dar aulas de Sagrada Escritura na Universidade de Palência, mas sua natural vocação pela predicação, e seu desejo em divulgar o uso do Rosário, o conduziram a difundir a Doutrina Cristã e o Culto à Nossa Senhora do Rosário nas regiões mais afastadas de Castela e Aragão. Nessa ação, destacou-se suficientemente para convencer os Senhores de Tharsis de que estavam diante do homem indicado para fundar a primeira Ordem anti-Golen da História da Igreja. Domingos era capaz de viver em extrema pobreza, sabia predicar e despertar a fé em Cristo e na Virgem, dava mostras de verdadeira santidade, e surpreendia com sua inspirada Sabedoria: a ele seria difícil negar o direito de congregar aqueles que acreditavam em sua obra.

Mas, para que tal direito não pudesse ser negado pelos Golen, era necessário que Domingos se fizesse conhecer fora da Espanha, que desse aos povos o exemplo de sua humildade e santidade. O Bispo de Osma, Diego de Acevedo, que compartilhava secretamente das ideias dos Senhores de Tharsis, decidiu que o melhor lugar para enviar Domingos era o sul da França, a região que, nesse momento, achava-se agitada por um confronto com a Igreja: a grande maioria da população occitana tinha se voltado para a religião cátara, que, segundo a Igreja, se constituía em "uma abominável heresia", e sem que os beneditinos do Cluny e do Cister, tão poderosos no resto da França, pudessem impedir isso. Com esse objetivo, o Bispo Diego conseguiu a representação do Infante Don Fernando para arranjar o casamento com a filha do Conde de Lamarca, o que lhe permitia a oportunidade de viajar para a França, levando consigo Domingos de Gusmão, a quem já tinha nomeado Presbítero. Essa viagem lhe permitiu internalizar a "heresia cátara" e projetar um plano. Em uma segunda viagem à França, morta a filha do Conde, e decidida a missão de Domingos, ambos os clérigos se dirigem a Roma: ali, o Bispo Diego coordena ante o terrível Papa Golen Inocêncio III a autorização para percorrer o Languedoc predicando o Evangelho e dando a conhecer o uso do Rosário.

Obtida a autorização, ambos partem de Montpellier para predicar nas cidades do sul francês; fazem-no descalços e mendigando o sustento, não se diferenciando muito dos Homens Puros, que transitam profusamente pelos mesmos caminhos. A humildade e austeridade que demonstram contrasta notavelmente com o luxo e a pompa dos legados papais, que, nesses dias, percorrem também o país, tratando de colocar um freio ao catarismo, e com

a ostensiva riqueza dos Arcebispos e Bispos. No entanto, recolhem mostras de hostilidade em muitas aldeias e cidades, não por seus atos, que os Homens Puros respeitam, nem sequer por sua prédica, mas pelo que representam: a Igreja de Jeová Satanás. Mas aqueles resultados eram previstos de antemão por Petreño e Diego de Osma, que tinham dado instruções precisas a Domingos sobre a Estratégia a seguir.

O ponto de vista dos Senhores de Tharsis era o seguinte: observando ***da Espanha*** a atitude abertamente combativa assumida pelo Povo de Oc para com os Sacerdotes de Jeová Satanás, e considerando a experiência que a Casa de Tharsis tinha sobre situações semelhantes, a conclusão evidente indicava que a consequência seria a destruição, a ruína e o extermínio. Na opinião dos Senhores de Tharsis, o suicídio coletivo ***não era necessário*** e, pelo contrário, só beneficiava o Inimigo; mas, era claro também que os Cátaros não perceberam completamente a situação, talvez por desconhecer a diabólica maldade dos Golen, que constituíam o Governo Secreto da Igreja de Roma, e por verem apenas o aspecto superficial, e mais chocante, da organização católica. Mas, se bem que os Cátaros não supunham que os Golen, a partir do Colégio de Construtores de Templos do Cister, tinham decretado o extermínio dos Homens Puros e a destruição da civilização de Oc, e que cumpririam essa sentença em seus mínimos detalhes, não era menos certo que tal possibilidade não os preocupasse absolutamente: como que tocados por uma loucura mística, os Homens Puros tinham seus olhos cravados na Origem, no Graal e eram indiferentes ao devir do mundo. E já se viu quão efetiva foi aquela tenacidade, que permitiu a manifestação do Graal e do Imperador Universal, e causou o Fracasso dos Planos da Fraternidade Branca.

Diante da intransigência dos Cátaros, Domingos e Diego recorrem a um procedimento extremo, que não podia ser desaprovado pela Igreja: avisam, a quem os queira ouvir, sobre a destruição certa a que os conduzirá a manutenção declarada da heresia. Mas não são escutados. Para os crentes, que constituem a maioria da população occitana e que, como toda massa religiosa, não domina as sutilezas filosóficas, lhes é impossível acreditar que possa triunfar o Mal sobre o Bem, quer dizer, que a Igreja de Roma possa efetivamente destruir a Igreja Cátara. E os Cátaros, que sabem que ***o Mal pode triunfar sobre o Bem na Terra***, não se importam, pois, em todo caso, só se trata de variações da Ilusão: para os Homens Puros, a única realidade é o Espírito: e essa Verdade significa o definitivo e absoluto triunfo do Bem sobre o Mal, vale a pena dizer: a Permanência Eterna da Realidade do Espírito e a Dissolução Final da Ilusão do Mundo Material. Corre o ano de 1208 e, enquanto o povo acha-se afirmado nestas posições, o Papa Inocêncio III anuncia a Cruzada em represália pela morte de seu legado Pedro de Castelnau. Já é tarde para que a predicação de São Domingos surta algum efeito. No entanto, o objetivo principal da missão, que era impor a figura santa de Domingos e fazer conhecerem suas atitudes como organizador e fundador de comunidades religiosas, estava-se conseguindo. Naquele ano, enquanto se

produzia a matança de Béziers e outras atrocidades Golen, São Domingos realizava sua primeira fundação em Fanjeaux, perto de Carcassona. Tinha compreendido, de início, que as damas occitanas apresentavam uma especial predisposição para o A-mort espiritual e por isso estabelece ali o monastério de Prouille, cujas monjas se dedicarão ao cuidado de crianças e ao Culto da Virgem do Rosário: a primeira Abadessa foi Maiella de Tharsis, grande iniciada no Culto do Fogo Frio, enviada da Espanha para essa função. E aplica, então, um dos princípios estratégicos assinalados por Petreño: para escapar do controle dos Golen, de alguma forma, era imprescindível descartar a ***Regula Monachorum*** de São Bento. Daí que São Domingos tenha dado às monjas de Prouille a Regra de Santo Agostinho.

Claro, São Domingos e Diego de Osma não agiam sozinhos: eram apoiados por alguns Nobres e clérigos que professavam secretamente o Culto do Fogo Frio e recebiam assistência espiritual dos Senhores de Tharsis. Dentre eles, contavam-se o Arcebispo de Narbona e o Bispo de Toulouse, os quais contribuíam para essa obra com importantes somas de dinheiro. Este último era um Iniciado genovês de nome Fulco, infiltrado pelos Senhores de Tharsis no Cister e que não seria descoberto até o final: naqueles dias, o Bispo Fulco passava por inimigo juramentado dos Cátaros, defensor da ortodoxia católica, e aproveitava esse prestígio para promover diante dos legados papais e seus superiores do Cister a obra monástica de Domingos e sua santidade pessoal.

Nos anos seguintes, São Domingos tenta realizar o plano de Petreño e funda uma irmandade semi-laica, do tipo das Ordens de Cavalaria, chamada ***"Militia Christi"***, da qual haveria de sair a ***Tertius Ordo de Paenitentia Sancti Dominici***, cujos membros foram conhecidos como "monges Terciários"; mas logo esta organização se mostrou ineficaz para os objetivos buscados e teve-se que pensar em algo mais perfeito e de maior alcance. Durante vários anos se planejou a nova Ordem, levando em consideração a experiência recolhida e a formidável tarefa que se propunha a alcançar, isto é, lutar contra a estratégia dos Golen: colaborava com São Domingos em tais projetos um grupo de dezesseis Iniciados, procedentes de distintos lugares do Languedoc, que se reunia periodicamente em Toulouse, entre os quais se contava o Bispo Fulco. Como fruto daquelas especulações, decidiu-se que o mais conveniente era criar um "Círculo Hiperbóreo" encoberto por uma Ordem católica: o "Círculo" seria uma Sociedade supersecreta, dirigida pelos Senhores de Tharsis, que funcionaria dentro da nova Ordem monástica. Só assim, concluíam, se conciliaria o objetivo buscado com o princípio da segurança.

Aquele grupo secreto, integrado, a princípio, só pelos dezesseis Iniciados que mencionei, denominou-se ***Circulus Domini Canis***, quer dizer, Círculo dos Senhores do Cão. Tal nome se explica recordando o sonho premonitório da mãe de Domingos de Gusmão, no qual seu futuro filho aparecia como um cão que portava um machado flamígero, e considerando que, para os Iniciados no Fogo Frio, o "Cão" era uma representação da Alma e o "Senhor", por excelência, era o Espírito: em todo Iniciado Hiperbóreo o Espírito ***devia***

dominar a Alma e assumir a função de "Senhor do Cão"; daí a denominação adotada para o Círculo de Iniciados, que, além disso, tinha a vantagem de se confundir com o nome de ***dominicani***, quer dizer, dominicanos, que o povo dava aos monges de Domingos de Gusmão. Vale a pena adicionar que ser "Senhor do Cão", na Mística do Fogo Frio, é análogo a ser Senhor do Cavalo, ou seja, "Cavaleiro", na Mística das Ordens de Cavalaria, onde a Alma se simboliza pelo "Cavalo".

Um dos Iniciados, Pedro Cellari, tinha doado várias casas em Toulouse: umas foram destinadas a lugares secretos de reunião do Círculo e outras se adotaram para o uso da futura Ordem. Quanto tudo esteve pronto, procurou-se obter a autorização de Inocêncio III para a fundação de uma Ordem de Pregadores mendicantes, semelhante à formada por São Francisco de Assis em 1210: esta Ordem Inocêncio III tinha aprovado imediatamente, mas a nova solicitação provinha agora de Toulouse, um país em Guerra Santa, no qual todo mundo era suspeito de heresia; e se devia proceder com cautela; o plano era ambicioso mas só a personalidade inquestionável de São Domingos facilitaria todas as dificuldades, tal como o tinha feito o próprio São Francisco; não há que se esquecer que os Golen controlavam todo o monaquismo ocidental a partir da Ordem beneditina e eram hostis à criação de novas Ordens independentes. A oportunidade se apresentou logo em 1215, quando o Bispo Fulco foi convocado ao IV Concílio Geral de Latrão e levou consigo São Domingos.

Ali tropeçaram com a recusa fechada de Inocêncio III que, como é sabido, só cedeu após sonhar que a Basílica de Latrão, ameaçando desmoronar, era sustentada pelos ombros de Domingos de Gusmão. No entanto, sua autorização foi meramente verbal, ainda que perfeitamente legal, e se limitou a aceitar a Regra de Santo Agostinho reformada, proposta por Domingos e a recomendar a missão de lutar contra a heresia. Após a morte de Inocêncio III, em 1216, Honório III dá a aprovação definitiva à "Ordem de Pregadores" ou ***Ordo Praedicatorum*** e permite sua expansão, já que, naquele então, só possuía os monastérios de Prouille e Toulouse. De início, ingressam na Ordem todos os clérigos da Casa de Tharsis que, como disse, eram, em sua grande maioria, professores universitários, arrastando consigo muitos outros sábios e eruditos da Época. Em pouco tempo, pois, a Ordem se transformou em uma organização apta para o ensino de alto nível, não obstante que o primeiro Capítulo geral reunido em Bolonha, em 1220, declarou que se tratava de uma "Ordem mendicante", com menor rigor na pobreza do que a de São Francisco. São Domingos faleceu em 1221, deixando o controle da Ordem nas mãos de um Iniciado de Sangue Puro, o Mestre Geral Beato Jordão da Saxônia.

Pois bem: naquele momento os Golen estavam lutando para conseguir a institucionalização de uma inquisição sistemática da heresia que lhes permitisse interrogar qualquer suspeito e obter a informação conducente ao local do Graal; se tal instituição era confiada aos beneditinos, como se pretendia, o fim da Estratégia cátara seria mais rápido do que o previsto, não dando tempo para que Frederico II realizasse seus planos de arruinar o

papado Golen. Daí a insistência e a eloquência desenvolvida pelos dominicanos para se apresentar como a Ordem mais apta para desempenhar aquela sinistra função; mas os dominicanos tinham algumas vantagens reais sobre os beneditinos: constituíam não só uma Ordem local, autóctone do Languedoc, onde os beneditinos tinham perdido influência há tempos, mas também dispunham de monges com grande instrução teológica, adequados para analisar as declarações que a inquisição da fé requeria. Os dominicanos dispunham de indubitável capacidade de mobilização no Languedoc e, quando os Golen se convenceram de que a nova Ordem viria para seu controle e permitiria o ingresso de seus próprios inquisidores, aprovaram também a concessão. Em 1224, o Imperador Frederico II, que, não obstante já estar em confronto com o papado, tinha muito clara a situação do Languedoc e a necessidade de apoiar a Ordem de Pregadores, renova, mediante uma lei imperial, a antiga legislação romana que considerava os Cultos não oficiais como "crime de lesa-majestade", quer dizer, passíveis da pena de morte: neste caso, a lei se aplicaria à repressão da heresia. Em 1231, apesar de que já estavam funcionando de fato, o Papa Gregório IX institui os "tribunais especiais da Inquisição" e confia seu ofício às Ordens de São Domingos e São Francisco, esta última a pedido de Frei Elias, um agente secreto de Frederico II na Ordem franciscana, que seria ministro geral de 1232 a 1239 e que, no final, descoberto pelos Golen, passaria abertamente para o bando gibelino. No entanto, em pouco tempo só ficariam os dominicanos a cargo da Inquisição.

Há que se esclarecer dois fatos, ao avaliar o passo dado pela Ordem de São Domingos, ao aceitar a responsabilidade da Inquisição. Um é que isso representava um mal menor para os Cátaros, uma vez que a repressão executada diretamente pelos Golen teria sido terrivelmente mais efetiva, como se comprovou em Béziers , e que, desse modo, conseguir-se-ia, pelo menos, sabotar a busca do Graal e atrasar a queda de Montségur. Objetivo que se conseguiu, em alto grau. E o outro fato é que os Senhores de Tharsis eram perfeitamente conscientes de que a Ordem seria infiltrada pelos Golen e que estes abririam as portas para os personagens mais cruéis e fanáticos da ortodoxia católica, os quais destruiriam sem piedade nem remorso os Cátaros e sua Obra: e mesmo assim, o balanço indicava que seria preferível correr esse risco a permitir que os Golen atuassem por sua conta.

Aos inquisidores mais fanáticos, que logo atuariam dentro da Ordem, não se poderia obstar abertamente, pois isso alertaria os Golen. A tática consistiu, pois, em desviar sutilmente a atenção para falsas pistas ou outras formas de heresia. No primeiro caso, efetivamente, os Senhores do Cão conseguiram que, sob a acusação de "heresia", se liquidassem com a fogueira a totalidade dos criminosos, ladrões, degenerados e prostitutas do Languedoc: estes, naturalmente, jamais ofereceram dado algum que servisse aos Golen, ainda que lhes fizessem confessar a heresia mediante a tortura. No segundo caso, a Inquisição dominicana produziu um efeito não desejado pelos Golen beneditinos, que aqueles não foram capazes de contrapor: justamente, pelas mesmas razões que os Senhores do Cão não podiam impedir que os Golen

exterminassem os Cátaros, isto é, para não cair em contradição com as leis vigentes, os Golen não podiam impedir que se reprimisse os membros do Povo Eleito, facilmente enquadrados sob o quadro de heresia. E os Senhores de Tharsis, que não tinham esquecido as contas que com eles tinham pendentes desde a Época do Reino Visigodo da Espanha e a participação que lhes coube na invasão árabe, bem como as intrigas posteriores para destruir a Casa de Tharsis, tinham agora em suas mãos, com a Inquisição, uma arma formidável para devolver golpe por golpe. Foi assim que os Golen comprovaram, com desagradável surpresa, que a repressão da heresia se derivava, em muitas ocasiões, em sistemáticas perseguições de judeus, aos quais se enviava para a fogueira com igual ou maior sanha do que os Cátaros. Esse era, naturalmente, o efeito da obra oculta dos Senhores do Cão, que, lamentavelmente, não foi tudo o que efetivamente eles desejavam, porque, igualmente aos Cátaros, aos hereges judeus se devia oferecer a possibilidade de conversão ao catolicismo, com o que salvavam a vida, coisa à qual eles costumavam aceitar sem problemas, transformando-se em *marranos*, quer dizer, conservando sua religião em segredo e simulando serem cristãos, contrariamente aos Homens Puros, que preferiam morrer, antes do que faltar à Honra e mentir sobre suas crenças religiosas.

Em resumo, o tempo foi passando, a heresia cátara foi cedendo passagem à mais tranquilizadora religião católica, os furores iniciais da Inquisição foram se aplacando, e a Ordem de Pregadores foi complementando sua injustificada celebridade de organização repressora com outra fama mais de acordo com o Espírito de seus fundadores: o de Ordem dedicada ao estudo, ao ensino, e à predicação da fé católica. O grande sistema teológico da Escolástica deve-se, em alto grau, à obra de notáveis pensadores e escritores dominicanos, que, em quase todos os casos, não eram Iniciados, mas eram guiados secretamente por eles. Para desenvolver esta atividade, a Ordem se concentrou em duas universidades de prestígio, a de Oxford e a de Paris: bastará recordar que professores como o alemão Santo Alberto Magno ou São Tomás de Aquino foram dominicanos, para compreender que a fama adquirida pela Ordem era aqui sim, plenamente justificada. Mas foram também dominicanos Rolando de Cremona, que ensinou em Paris, entre 1229 e 1231; Pedro de Tarantasia, que o fez de 1258 a 1265 e chegou a ser Papa, com o nome de Inocêncio V, em 1276; Roger Bacon, Ricardo de Fischare e Vicente de Beauvais, em Oxford, etc.

Há que se ter em mente, Dr. Siegnagel, que os Senhores de Tharsis possuíam a Sabedoria Hiperbórea e, consequentemente, atuavam de acordo com uma perspectiva histórica milenar; consideravam, por exemplo, que aquelas décadas de influência Golen eram inevitáveis, mas que, finalmente, passariam: ***chegaria, então, o momento de expurgar a Ordem***. Porque isso era o estrategicamente importante: preservar o controle da Ordem e a instituição da Inquisição para uma ***oportunidade*** futura; quando esta se apresentasse, toda a força do horror e a repressão desatada pelos Golen cistercienses, ***como em um golpe de*** jiu-jitsu, poderia ser voltada contra seus

próprios geradores; e ninguém se sentiria ofendido por isso, especialmente no Languedoc. O peso da Estratégia, segundo se percebe, descansava na capacidade do Círculo dos Senhores do Cão para manter em segredo sua existência e conservar o controle da Ordem; isso não seria fácil, pois os Golen terminaram por suspeitar que uma estranha vontade frustrava seus planos de dentro da própria Organização inquisidora, mas, cada vez que alguém se aproximava da verdade, os Domini Canis o executavam ocultamente e atribuíam sua morte a previsíveis vinganças dos hereges occitanos.

A estas motivações puramente estratégicas que levavam os Senhores de Tharsis a atuar ocultamente no ***Circulus Domini Canis***, se adicionaria muito em breve a pura necessidade de sobreviver, por causa dos eventos que ocorreram na Espanha e que começarei a expor, a partir de amanhã. Como se verá, a destruição da Ordem Templária, e com isso o efetivo fracasso dos planos sinárquicos da Fraternidade Branca, se tornaria uma questão de vida ou morte para a Casa de Tharsis. A última Estratégia do ***Circulus*** nos levará àquela causa exotérica do fracasso dos planos inimigos, que foi Felipe IV, e à qual me referi há quatro dias.

Vigésimo Quarto Dia

Enquanto a Ordem de Pregadores se desenvolvia de acordo com os planos dos Senhores de Tharsis, algo terrível ia ocorrer na Espanha: o regresso de Bera e Birsa. E pouco faltou, Dr. Siegnagel, para que aquele acontecimento não significasse o fim da Casa de Tharsis. Em seguida, mostrarei como sucederam-se os fatos.

Lembre-se, Dr., que a antiga Onuba, maior cidade da Turdetânia, achava-se, desde o século VIII, sob dominação árabe, os quais a denominavam de "Uelva". No ano 1011, era cabeça de um dos Reinos de Taifas, sendo seu primeiro soberano, Abu-Zaid-Mohammed-ben-Aiyub, seguido de Abul Mozad Abdalaziz; mas em 1051 foi logo anexada ao Reino de Sevilha e assim permaneceu até 1248. Como já expliquei, durante esses séculos de ocupação árabe, a Casa de Tharsis sobreviveu sem problemas e chegou a um invejável poder econômico; a Vila de Turdes, cuja existência dependia essencialmente das propriedades que os Senhores de Tharsis exploravam na região, tinha crescido e prosperado bastante, contando então com uns três mil e quinhentos habitantes; à parte do núcleo direto da família Tharsis-Valter, que habitava a residência senhorial e se compunha de uns cinquenta membros, viviam na Vila de Turdes várias famílias da linhagem da Casa de Tharsis, mas de linhas sanguíneas paralelas. Assim, pois, no ano 1128, quando Bera e Birsa celebram o Concílio Golen de Monzon, o Reino de Huelva era subordinado ao Taifa de Sevilha.

O Rei de Castela e Leão, Fernando III, o Santo, reconquista Sevilha em 1248, mas morre ali mesmo, em 1252; seu filho, Alfonso X, o Sábio, completa a campanha conquistando, em 1258, o Algarve e as praças de Niebla e Huelva.

O Rei deu esta região como dote de sua filha natural Beatriz, que a uniu à coroa de Portugal, ao casar-se com Alfonso III. Como tal anexação feria os direitos antiquíssimos que a Casa de Tharsis tinha sobre a região, a Coroa de Portugal compensou o Cavalheiro Odielon de Tharsis Valter com o título de "Conde de Tarseval". Na verdade, no Escudo de Armas que Portugal entregou para a Casa de Tharsis, achava-se inscrita em destaque a legenda: ***"Con. Tars. Et Val."***, com a qual se abreviava o título "Conde de Tharsis e Valter"; a posterior leitura direta da legenda terminou aglutinando as sílabas da abreviatura e formar aquela palavra "Tarseval", que identificou a Casa de Tharsis nos séculos seguintes. O projeto daquele brasão foi produto de uma árdua negociação entre Odielon e os Heraldos portugueses, na qual o novo Conde impôs seu ponto de vista, apelando para a diferença de língua e uma explicação caprichada dos emblemas solicitados. Supondo que, na antiga Luzitânia nada mais se lembravam sobre a Casa de Tharsis, reclamaram a gravação de muitos dos Símbolos familiares no Escudo de Armas: e eles foram aceitando, assim, a presença dos galos, como "representação do Espírito Santo, à direita e esquerda das Armas de Tharsis"; o barbo unicórnio, animal quimérico, como "o símbolo do Demônio que rodeia o umbigo da Casa de Tharsis"; a fortaleza no umbigo como "equivalente à antiga Propriedade da Casa de Tharsis"; os rios Odiel e Tinto como "próprios do país e necessários para definir a cena"; etc.; e, finalmente, incluíram a imagem da Espada Sábia como expressão da Dama, a Virgem da Gruta, à qual os Cavalheiros de Tharsis eram consagrados"; sobre a lâmina, os Heraldos gravaram o Grito de Guerra dos Senhores de Tharsis: ***"Honor et Mortis"***. O seguinte Rei de Castela e Leão, Sancho IV, reintegrou a região de Huelva à Coroa de Castela e instalou como Senhor D. Juan Mate de Luna, mas assimilou o título e as Armas da Casa de Tharsis a dito Reino. Como veremos em seguida, o Condado de Tarseval, vítima de grande mortandade anos antes, era então enfeudado por um Cavalheiro catalão, que tinha cedido direitos de seu florescente Condado mediterrâneo em troca daquelas longínquas regiões de Andaluzia.

Havia transcorrido mais de um século desde que Bera e Birsa ordenaram aos Golen executarem duas missões: cumprir a sentença de extermínio que pesava sobre os Cátaros e construir um Castelo Templário em Aracena. A primeira "missão", como se viu, foi realizada com esmero pelos Golen cistercienses; sobre a segunda, em troca, ainda não se tinha avançado nada. Enquanto Fernando III, o Santo, reconquista Sevilha, em 1248, e seu filho Alfonso X, o Sábio, apodera-se, em 1258, de Algarve e Huelva, o Rei Sancho II de Portugal, pouco antes de morrer, em 1248, conquista Aracena, praça que passa a integrar a Coroa de Castela, em 1252. É de se supor, então, a pressa com que atuaram os Templários, a partir do próprio momento em que se reconquistou a praça de Huelva. Já em 1259, tinham obtido uma cédula de Alfonso X, que os autorizava "a ocupar um prédio na serra de Aracena e fortificá-lo convenientemente, para efeitos de albergar e defender uma guarnição de 200 Cavaleiros". No entanto, anos antes de que tal cédula fosse emitida, os Templários tinham localizado a Caverna de Odiel, traçado os

planos, e escavado as bases do Castelo. Toda a Serra de Aracena ficou por vários anos sob controle Templário, incluindo o povoado de Aracena e várias aldeias menores. Mas os membros do Povo Eleito que acompanhavam os Templários na empresa, não vinham para um lugar desconhecido: o nome de Aracena, efetivamente, procede da raiz hebraica ***Arai***, que significa montanhas, sendo Arunda, a montanhosa, sinônimo de Aracena. Esta curiosa etimologia não tem nada de misteriosa, se pensarmos que a aldeia foi fundada pelos comerciantes judeus que viajavam com os fenícios durante a ocupação de Tarshish, 1.000 anos antes da Era atual; depois foi chamada de Arcilasis por Ptolomeu; Arcena pelos gregos; e Viriato, que resistiu nela às legiões romanas, a denominava Erisana. Para os árabes foi Dar Hazen e, por causa da horrível comida que os sarracenos fizeram, quando os cristãos tomaram de surpresa a vila, a Caracena Mourisca.

A partir de 1259, despacharam-se tropas até Aracena de muitas praças da Espanha e mesmo da França, de sorte que, durante a construção do Castelo, permaneceram acampados 2.000 Cavaleiros, assistidos por três mil irmãos serventes. Aquelas forças se distribuíram ao redor das Colinas e exerceram uma rigorosa vigilância para impedir que os habitantes próximos, de Cortegana, Almonaster La Real, Zamalea la Real, ou outras cidades, pudessem se aproximar e observar as obras. Os Companheiros de Salomão, a guilda de pedreiros controlada pelo Cister, concorreu por solicitação do Grão-Mestre pois, ainda que a Ordem do Templo contasse com sua própria divisão especializada em construções militares, "esta" fortaleza teria algo diferente. Em primeiro lugar, devia possuir uma grande igreja; e em segundo lugar, essa igreja teria que ter uma entrada secreta que comunicasse suas naves com a Caverna subterrânea: era imprescindível assim, o concurso do Colégio de Construtores de Templos.

O Colégio encomendou a edificação da igreja ao Mestre Pedro Millan. Este foi autorizado pelo feroz Papa Golen Alexandre IV, o mesmo que, nesses momentos, excomungava Manfredo da Suábia e buscava o extermínio dos Hohenstaufen e a ruína do partido gibelino, a consagrar a igreja ao culto da Virgem Dolorosa. Tal atribuição, claro, não era casual, mas obedecia ao plano Golen de substituir a Virgem de Agartha, a Divina Mãe Atlante de Navutan, por uma Virgem Maria Judia, que chorava, abalado o seu Coração de Fogo pela dor da crucifixão de seu filho Jesus: ***a Virgem de Agartha, pelo contrário, não chorou nem experimentou dor alguma em seu Coração de Gelo, quando seu Filho de Pedra se autocrucificou na Árvore do Terror e expirou, mas se alegrou e derramou Sua Graça sobre os Espíritos encadeados, porque seu filho tinha morrido como o mais valente Guerreiro Branco que confrontara a Ilusão das Potências da Matéria***. A celebração do Culto à Virgem da Dor foi instituída, como não podia ser de outro modo, pelo inefável Papa Golen Inocêncio III, ao introduzir a sequência ***Stabat Mater*** na Missa das Dores, da Sexta-feira da Paixão de Jesus Cristo. O Mestre Pedro Millan edificou, pois, para os Templários, a igreja de Nossa Senhora da Dor, padroeira, desde então, de Aracena, atribuição que

contrastava abertamente com a Virgem da Graça e da Alegria, Nossa Senhora da Gruta, que se venerava no vizinho Feudo de Tharsis, ou Turdes. Quando o Templo foi terminado, depositou-se em seu altar a imagem de Nossa Senhora da Dor Maior, que ainda se conserva, e recebeu de Urbano IV a hierarquia de Priorato da Ordem do Templo.

Paralelamente, trabalhava-se febrilmente na construção do Castelo, erguido junto à Igreja, a 700 metros de altura, cercando com muralhas e fosso uma praça adjacente a uma torre mudéjar. Cinco anos depois, a igreja e o Castelo estavam terminados e as tropas sobrantes, bem como os irmãos Construtores de Salomão, retiravam-se tranquilamente da zona; não obstante, passariam muitos anos antes que os moradores locais se atrevessem a se aproximar da Colina do Castelo de Aracena.

Mas esta tarefa não foi tudo o que empreenderam os Templários contra a Casa de Tharsis nesses anos: o Castelo de Aracena era uma obrigação imposta pelos Imortais, à qual tinham dado fiel cumprimento; agora esperariam pacientes pelo regresso de Bera e Birsa, para que Eles o empregassem em seus planos. Mas essa paciência não significava imobilidade; pelo contrário, nem bem foram reconquistadas as regiões em poder dos árabes, a Ordem se lançou em uma campanha de ocupações em todo o país de Huelva, ora assentando guarnições em fortalezas e cidades resgatadas, ora construindo novas igrejas e fortificando praças. A distribuição de tais ocupações não ocorria por acaso, nem muito menos, mas obedecia a um rigoroso planejamento, cujos objetivos não perdiam nunca de vista a necessidade de cercar a Casa de Tharsis e conspirar contra o Pacto de Sangue. Para lembrar apenas um dos mais importantes sítios desses desdobramentos, vale a pena mencionar a cessão obtida sobre o Convento de Santa Maria de la Rábida, em Palos de la Frontera, em frente a Huelva, do qual já voltarei a falar. Ou a posse completa de Lepe, a antiga Leptia dos romanos, situada a seis quilômetros de Cartaya, com o claro objetivo de controlar a desembocadura do Rio Piedras, por onde supunham que poderiam navegar secretamente os Senhores de Tharsis. Ou o suspeito interesse em residir na insignificante Trigueros, a 25 quilômetros de Valverde del Camino, muito próxima de Turdes, onde construíram a igreja paroquial que ainda existe: é que Trigueros, antigo povoado romano, acha-se encravada no meio de uma fértil e extensa campina, que constituía, em tempos remotos, o coração da Tartéside ibérica; em seus campos, achavam-se disseminados sabiamente dezenas de dólmens e menires, herança do Pacto de Sangue, que os Templários se dedicaram, nesses dias, a destruir ordenadamente: só se salvou um dólmen na Vila de Soto, que se pode visitar atualmente, pois os Senhores Moyano de la Cera, do Sangue de Tharsis e tradicionais fabricantes de doces e méis, impediram os Cavaleiros de Satanás de concretizar sua infame missão: Vila de Soto se encontra a 5 quilômetros de Trigueros e o dólmen se acha na “Caverna del Zancarrón de Soto”.

Na Casa de Tharsis, como é lógico, aqueles movimentos não passaram despercebidos e obrigaram os Senhores de Tharsis a tomar algumas

precauções: fortificaram também a Vila de Turdes e a Residência Senhorial, pois acreditavam que os Golen se prestavam a lançar uma Cruzada contra eles, pretextando alguma heresia, talvez denunciando o Culto à Virgem da Gruta; e estacionaram na praça uma força de quinhentos almogávares e cinquenta Cavaleiros, que era o que se permitia armar o Conde de Tarseval para outros fins que não fossem os da Reconquista. Lamentavelmente, nada disso seria necessário, mas os Senhores de Tharsis não acertaram, uma vez mais, em prevenir-se contra os planos diabólicos de Bera e Birsa.

Em tudo isso, perguntar-se-á o Senhor, Dr. Siegnagel, o que aconteceu com a Espada Sábia, desde o dia em que Tartessos caiu e as Vrayas a ocultaram na Caverna Secreta? A resposta é simples: permaneceu na Caverna todo o tempo, quer dizer, durante uns mil e setecentos anos, até esse momento. Realizou-se, assim, o juramento que fizeram então os Homens de Pedra: a Espada Sábia não seria exposta novamente à luz do dia, até que não chegasse a oportunidade de partir, até que os futuros Homens de Pedra vissem refletida na Pedra de Vênus o Sinal Lítico de K'Taagar. Para isso, os Senhores de Tharsis estabeleceram que uma Guarda devia permanecer perpetuamente junto à Espada Sábia, o que nem sempre foi possível, devido a que só alguns Iniciados eram capazes de ingressar na Caverna Secreta. Como se recordará, Dr., a entrada secreta estava selada pelas Vrunas de Navutan desde a Época dos Atlantes brancos e era impossível localizá-la, para todo aquele que não fosse um Iniciado Hiperbóreo: as Vrunas eram Signos Incriados e só podiam ser percebidas e compreendidas por aqueles que dispusessem da Sabedoria do Espírito Incriado, quer dizer, pelos Iniciados no Mistério do Sangue Puro, pelos Homens de Pedra, pelos Guerreiros Sábios. No entanto, salvo alguns curtos e obscuros períodos, a Casa de Tharsis nunca deixou de produzir Iniciados aptos para exercer a Guarda da Espada Sábia.

Mas já não eram tão numerosos como nos tempos de Tartessos, quando o Culto do Fogo Frio era praticado à Luz da Lua e existia um Colégio de Hierofantes; nos séculos seguintes, teve-se que ocultar a Verdade do Fogo Frio aos romanos, visigodos, árabes e católicos, reduzindo-se a celebração do Culto ao âmbito estritamente familiar: inclusive, dentro daquele âmbito familiar reservado, devia-se convocar só aqueles que demonstravam uma conveniente ***predisposição gnóstica*** para enfrentar a Prova do Fogo Frio, que em nada tinha mudado e continuava sendo tão aterrorizante e mortal como antes. Salvo esses períodos que mencionei, durante os quais não houve nenhum membro da Casa de Tharsis capaz de entrar na Caverna Secreta, o normal era a formação mínima de dois Iniciados por século, nas piores Épocas, e de cinco ou seis nas mais prolíferas.

Se o Iniciado era uma Dama de Tharsis, dava-se-lhe o título de "Vraya", em memória das Guardiãs iberas. Se se tratava de um Cavalheiro, era denominado ***Noyo***, que tinha sido o nome, segundo os Atlantes brancos, dos Pontífices Hiperbóreos que na Atlântida custodiavam o ***Ark***, vale a pena dizer, a Pedra Fundamental da Escada Infinita que Eles sabiam construir e que conduzia à Origem. É óbvio que, para cumprir o juramento dos Homens de

Pedra, os Noyos e as Vrayas tinham que tornar-se ermitões, quer dizer, tinham que se alojar na Caverna Secreta e permanecer todo o tempo possível junto à Espada Sábia; e ninguém podia lhes servir, porque ninguém, além deles, podia entrar em sua morada. Mas aquela solidão carecia de importância para os Iniciados: a renúncia e o sacrifício que exigia a função de Guardião da Espada Sábia era considerada uma Alta Honra pelos Senhores de Tharsis.

De acordo com o que é referido por aqueles que tinham entrado e saído da Caverna Secreta, o trabalho realizado durante tantos séculos pelos Iniciados que ali permaneciam tinha dotado o lugar de algumas comodidades. Efetivamente, ainda que desde o princípio se concordou em não introduzir objetos culturais, o certo é que os Noyos e Vrayas foram talhando pacientemente a pedra da Caverna e modelaram cadeiras, mesa, leitos, altar, e uma representação da Deusa do Fogo Frio. E, diante do Rosto de Pyrena, ardia mais uma vez a Chama da Lâmpada Perene.



Espanha, região de Huelva

Mas o Rosto da Deusa não surgia agora de um menir, mas estava esculpido sobre uma gigantesca estalagmite verde. Tampouco existia um mecanismo que fizesse abrir os Olhos, já que estes tinham sido profundamente escavados e estavam sempre abertos, prestes a revelar aos Iniciados a Negrura Infinita de Si Mesmo. Em frente ao Rosto jazia o altar, que consistia em uma coluna cúbica terminada em dois degraus: a superfície do degrau superior chegava ao nível do queixo da Deusa e, sobre ela, havia um buraco vertical no qual se introduzia a empunhadura da Espada Sábia até o punho, de tal maneira que

ela ficava em pé e alinhada com o Nariz da Deusa, como se fosse um eixo de simetria do Rosto; desse modo, a Pedra de Vênus, que estava encravada na cruz da empunhadura, aparecia no centro da cena, disposta para a contemplação. Na superfície do degrau inferior, abaixo do nível da empunhadura, achava-se depositada a Lâmpada Perene. Aquele setor da Caverna Secreta tinha forma de nave semiesférica, estando a estalagmite com o Rosto de Pyrena em uma extremidade próxima à parede de pedra; esta aparecia crivada de lava e sais, enquanto o teto se apresentava eriçado de verdes estalactites; o piso, pelo contrário, tinha sido cuidadosamente limpo de protuberâncias e nivelado, de tal maneira que era possível sentar-se comodamente diante do Rosto da Deusa e contemplar, além disso, a Lâmpada Perene e a Espada Sábia com a Pedra de Vênus.

Os alimentos necessários para subsistir eram providos pelos Senhores de Tharsis, mantendo sempre abastecida a despensa de uma Capela que existia ao pé do Monte Candelária. Tal Capela, que foi construída para os fins indicados, permanecia fechada a maior parte do ano e só era visitada pelos Senhores de Tharsis, que ali iam orar na maior solidão: aproveitavam então para depositar os víveres em uma pequena sala dos fundos, cuja única porta dava para a encosta do Morro. Até ali desciam furtivamente, preferivelmente à noite, várias vezes por ano, os Iniciados, para se proverem de alimentos. Normalmente, encontravam uma mula em um curral contíguo, com a qual carregavam os pacotes até a entrada secreta e à qual depois deixavam livre, uma vez que o animal regressava mansamente ao seu cercado. Mas, em outras ocasiões, os Senhores de Tharsis aguardavam na Capela semanas inteiras até que ocorresse alguma daquelas visitas noturnas: então, em meio à alegria do reencontro, os Noyos ou as Vrayas recebiam notícias da Casa de Tharsis; especialmente indagavam sobre os jovens membros da família, se algum deles se preparava seriamente para a Prova do Fogo Frio e se se percebiam possibilidades de que pudesse superá-la. Nada preocupava mais os Homens de Pedra e as Damas Kâlibur que não serem substituídos por outros Iniciados, que a Espada Sábia ficasse sem Custódia. Os Senhores de Tharsis, por seu lado, inquiriam os Noyos ou Vrayas sobre suas visões místicas: não tinha se manifestado ainda o Sinal Lítico de K'Taagar? Tinham recebido alguma mensagem dos Deuses Libertadores? Quando, ó Deuses, quando chegaria o dia da Batalha Final? Quando a Guerra Total contra as Potências da Matéria? Quando abandonariam o Universo infernal? Quando a Origem?

Sempre ocorrera de maneira semelhante. Até então. Porque, desde que o Castelo de Aracena foi terminado, a umas dezenas de quilômetros do Monte Candelária, um halo de ameaça pareceu se estender por toda a região. Teve-se, então, que tomar medidas de precaução extremas para abastecer a Caverna Secreta e se reduziram ao mínimo os encontros com os Iniciados ermitões. Naquela época, habitavam na Caverna Secreta três Iniciados: uma Vraya idosa, mulher de mais de setenta anos, que durante cinquenta anos jamais abandonou a Guarda; um Noyo de cinquenta anos, Noso de Tharsis,

que até os trinta foi Presbítero na igreja de Nossa Senhora da Gruta e agora estava oficialmente morto; e um jovem Noyo de trinta e dois anos, Godo de Tharsis, que cumpria a função de prover a Caverna Secreta. Mas Godo, filho do Conde Odielon de Tarseval, não era um improvisado em questão de riscos: levado, na infância, para a Sicília, por um dos Cavaleiros aragoneses que serviam na corte de Frederico II, foi pajem no palácio de Palermo e depois escudeiro de um Cavalheiro Teutônico na Terra Santa; nomeado, por sua vez, Cavalheiro, aos vinte anos, ingressou na Ordem de Cavaleiros Teutônicos e lutou cinco anos na conquista da Prússia; fazia sete anos que permanecia de Guarda na Caverna Secreta, ainda que passasse por estar ainda combatendo no norte da Alemanha. Tratava-se, pois, de um guerreiro experiente, que sabia movimentar-se com precisão no campo de batalha: suas incursões para a Capela eram cuidadosas e estudadas, procurando evitar a possibilidade de ser surpreendido pelo Inimigo. Esclareço isto para descartar o caso de que um descuido fosse o responsável pelo que aconteceu depois.

O certo é que o Inimigo conhecia aquele lugar e isto não o ignoravam os membros da Casa de Tharsis: segundo a saga familiar, efetivamente, no lugar onde se construíra a Capela do Monte Candelária, os Imortais Bera e Birsa tinham assassinado as Vrayas, mil e setecentos anos antes. Daí que os Senhores de Tharsis pensassem em mudar o ponto de provisionamento; mas a intensa vigilância que mantinham sobre Aracena não revelava movimento algum em direção à Capela e as coisas continuaram assim durante os quatro anos seguintes. A cada três ou quatro meses o Noyo Godo descia a serra de surpresa e imprevisivelmente e tratava de transportar as provisões para a Caverna Secreta; e somente uma vez por ano estabelecia contato com algum dos Senhores de Tharsis. Mas as notícias eram invariavelmente as mesmas: os Templários não efetuavam nenhum movimento naquela direção. Mas, ainda que não agissem, agora estavam ali, muito perto, e sua presença constituía uma ameaça que se percebia no ambiente.

Naturalmente, os Templários não agiam porque estavam esperando os Imortais. E Aqueles finalmente chegaram, cento e quarenta anos depois do assassinato de Lupo de Tharsis na Fortaleza de Monzón. Um barco da marinha templária, proveniente da Normandia, os desembarcou em Lisboa, em 1268, junto ao Abade de Claraval, o Grão-Mestre do Templo, e uma guarda de quinze Cavaleiros. O Grão-Mestre explicou para a Rainha Beatriz que a expedição tinha como destino o Castelo de Aracena, onde se ia nomear um Provincial, obtendo todo o seu apoio e a consequente autorização do Rei Alfonso III; a presença de Bera e Birsa não foi notada ali, porque simulavam serem irmãos serventes e se vestiam como tais. Dias depois, os viajantes tomavam a antiga estrada romana que ia de Olisipo (Lisboa) a Hispalis (Sevilha) e passava por Corticata (Cortegana), a poucos quilômetros de Aracena.

Já em Aracena, os Imortais aprovaram tudo o que foi feito pelos Templários quanto à construção do Castelo. No interior da igreja, no piso do ábside, estava o alçapão que comunicava com a Caverna de Odiel: na verdade, a

Caverna não se encontrava exatamente debaixo da igreja, mas havia que se chegar a ela por um túnel de rampa, ao qual se chegava por uma escada de madeira, a partir do ábside. Mas Bera e Birsa ignoraram os detalhes da construção, pois seu interesse maior estava na Caverna. Exploraram-na palmo a palmo, durante horas, falando entre eles em uma linguagem estranha, que seus quatro acompanhantes não se atreviam a interromper; estes eram o Abade de Claraval, o Grão-Mestre do Templo, ambos Golen, e dois Preceptores templários "especialistas em língua hebraica", vale a pena dizer, dois Rabinos, representantes do Povo Eleito. Ao que parece, a inspeção tinha alcançado resultados positivos; isso o adivinhavam pelas expressões dos Imortais, pois estes eram extremamente parcimoniosos em tudo o que se referia à Caverna e à sua presença ali. Em todo caso, só fizeram uma solicitação: que se adaptasse a certa forma simbólica, que descreveram com precisão, o espelho de um pequeno lago subterrâneo, o qual era nutrido por um fio de água de ínfimo fluxo. Também se devia interromper momentaneamente aquele afluente, desviando o erodido canal de alimentação. E ter-se-ia que distribuir em determinados lugares, em torno do lago, sete candelabros Menorá.

Vigésimo Quinto Dia

Os Imortais expuseram a situação atual ao Cisterciense, ao Templário, e aos Rabinos: o Supremo Senhor da Fraternidade Branca, ***"Rigden Jyepo"***, e o Supremo Sacerdote, Melquisedeque, tinham recebido com desgosto a traição de Frederico II e sua pretensão de elevar-se como Imperador Universal. Aqueles atos enfraqueceram o poder do papado e impediram até o presente momento concretizar os planos traçados durante séculos pelos Golen: ainda era possível o triunfo, mas se devia atuar com mão firme; eliminar pela raiz toda possibilidade de oposição. A Cruzada contra os Cátaros tinha sido um sucesso, mas chegou tarde para impedir a nefasta influência do Graal. Por estas razões, Rigden Jyepo ordenava, em primeiro lugar, eliminar a linhagem maldita dos Hohenstaufen e desalojar a Casa de Suábia dos Reinos sicilianos: tais diretrizes já tinham sido comunicadas ao Papa Clemente IV. Em segundo lugar, o Bendito Senhor mandava executar imediatamente a antiga sentença que pendia sobre a Casa de Tharsis: na Fraternidade Branca não se esquecia que a Pedra de Vênus dos tartésios não pôde ser encontrada até então; e agora não era possível arriscar-se ao aparecimento de surpresa de um novo Graal. A solução consistia em eliminar ***ipso facto*** seus possuidores e possíveis operadores.

O Amado do Uno desejava que, desta vez, a missão dos Imortais se aproximasse da perfeição e, por isso, confiou-lhes, em um gesto extraordinário, o ***Dordje***, seu Divino Cetro: com ele, segundo explicavam com excitação os Imortais, tudo era possível. Aquele Cetro, de metal e pedra, fazia parte de um conjunto de instrumentos que os Deuses Traidores fabricaram

para os Supremos Sacerdotes, quando, milhões de anos atrás, fundaram a Fraternidade Branca e se comprometeram a trabalhar para manter o Espírito Incriado encadeado no animal-homem e favorecer a evolução da Alma Criada. Com o Dordje, a palavra adquiria o Poder da Palavra, e a voz se tornava Verbo; todas as coisas criadas e nomeadas pelo Uno eram sensíveis ao Logos do possuidor do Dordje; apenas o não criado, ou o transmutado pelo Espírito, não era afetado pelo Poder do Cetro. Claro, o nome que os Imortais davam ao instrumento era outro, mas os franceses o traduziam, o melhor que podiam, com a palavra "Dordje".[2]

Em resumo, o Ancião dos Dias queria que não houvesse falhas na nova tentativa dos Imortais para destruir os Senhores de Tharsis e os havia dotado de uma arma terrível: tinha-lhes transferido Seu Poder.

O que os Imortais fariam com o Dordje? Procurariam desintegrar as bases da Estirpe atuando sobre o sangue, sobre a mensagem contida no sangue. E para isso necessitavam uma amostra desse sangue, um representante da linhagem amaldiçoada pelo Uno: para conseguir essa amostra, os Imortais iriam em pessoa, pois, esclareceram, os Senhores de Tharsis eram seres terríveis, os quais os Templários não podiam nem sonhar em deter. Para surpresa dos Golen, pois o Monte Candelária distava vários quilômetros de Aracena, manifestaram sua intenção de viajar a pé; mas o espanto foi maior quando observaram os atos seguintes de Bera e Birsa: ficaram em frente um ao outro, separados pela distância de cinco ou seis passos, e olharam-se fixamente nos olhos sem pestanejar; então começaram a pronunciar, em contraponto, uma série de palavras em língua desconhecida, às quais imprimiam uma particular cadência rítmica; um momento depois, ambos davam um salto prodigioso que os elevava por cima das muralhas do Castelo. Achavam-se, então, no pátio de armas e, ao saltarem, ganharam uma altura maior do que os muros e se perderam na noite. Os Golen correram pelas escadas até as ameias e aguçaram a vista na direção do horizonte; e observaram, sob a luz da lua, a uma distância enorme, dois pontinhos que se afastavam a grandes saltos: eram Bera e Birsa avançando até a Capela do Monte Candelária.

A partir da chegada de Bera e Birsa, os fatos aconteceram de maneira vertiginosa, deixando praticamente sem capacidade de reação os Senhores de Tharsis. Apenas quinze dias os Imortais tiveram que aguardar, nas imediações da Capela do Morro Candelária: no final desse tempo, Godo de Tharsis, que inexplicavelmente não tinha notado a presença de seus inimigos, encontrava-se diante d'Eles. Ao comprovar que, a poucos passos dele se encontravam aqueles dois personagens, vestidos com hábitos de monge Cisterciense, um impulso instintivo o levou a empunhar sua espada; mas nada além desse gesto pôde realizar: com grande rapidez, Bera levantou o Dordje, pronunciou uma palavra, e um raio alaranjado bateu no peito do jovem Noyo, jogando-o a vários metros de distância. Os Imortais pegaram,

---

[2] *(Dordje)* em tibetano.

então, pelos cotovelos, o corpo desmaiado de Godo de Tharsis e, depois de repetir a série de palavras em contraponto, enquanto se olhavam fixamente nos olhos, abandonaram o lugar, realizando aqueles grandes saltos, que lhes permitiram atravessar os quilômetros em questão de minutos.

Bera e Birsa iam perder algum tempo tratando de obter a confissão de Godo sobre a Chave da entrada secreta. Com esse objetivo não o assassinaram imediatamente e se dedicaram a tentar o que já tinham ensaiado outras vezes sem sucesso: mas desta vez, com mais calma, concentraram-se em sua estrutura psíquica, tratando de ler em alguma memória o registro sobre o modo de entrar e sair da Caverna Secreta. No entanto, tudo foi inútil novamente; nem a chave parecia estar registrada em sua mente; nem a mais refinada tortura conseguia que o Noyo soltasse a língua. Enquanto isso, os Senhores de Tharsis recebiam a triste notícia do desaparecimento de Godo.

Transcorridas apenas doze horas desde que saiu da caverna, o Noyo Noso compreendeu que Godo já não regressaria mais e decidiu avisar o Conde de Tarseval; despediu-se então da Vraya, desceu o Monte Candelária, e se dirigiu para a margem do Odiel, onde os Senhores de Tharsis mantinham um pequeno bote para casos semelhantes: uma hora depois saltava em terra, a dois quilômetros da Residência Senhorial. Assim o Conde de Tarseval se inteirou de que seu filho Godo tinha sido sequestrado pelos Golen.



Assassinato Ritual de Godo de Tharsis pelos Golen Bera e Birsa na Caverna de Odiel.

Se algum dia decidir visitar Huelva, estimado Dr. Siegnagel, certamente quererá conhecer a Caverna das Maravilhas e as Ruínas do Castelo Templário, em Aracena. Para isso, pegará a estrada que passa por Valverde del Camino, muito perto do assentamento antigo da Casa de Tharsis, e chega até Zalamea la Real; ali é necessário bifurcar por uma estrada secundária que vai subindo até as Minas do Rio Tinto, que foram exploradas, em tempos remotos, pelos iberos, e vinte quilômetros depois chega em Aracena. Claro, não há nenhuma razão turística que justifique ir por outro caminho, a menos que se deseje viajar por melhores estradas e se continue em Zalamea la Real até Jabugo, onde aquela se junta com a ampla rota que vai de Lisboa a Sevilha e segue o antigo traçado romano pelo qual chegaram Bera e Birsa. Mas se

esse não é o motivo e deseja se meter em complicações desnecessárias, então pode ir por este último caminho e se preparar para pegar uma pequena estrada de terra, cujo desvio se encontra a uns dois quilômetros depois da ponte sobre o Rio Odiel. Ali é preciso dirigir com cautela, pois o caminho está habitualmente descuidado, quando não, completamente intransitável; aparecem um par de aldeias de nome incerto e algumas chácaras pouco prósperas, habitadas por pessoas hostis a estrangeiros: se alguém pensa em entrar naquelas paragens, deverá ir disposto a tudo, pois nenhuma ajuda poderia se esperar de seus habitantes; parece mentira, mas setecentos anos depois ainda perdura o temor pelo ocorrido nos momentos a que estou me referindo! Não é exagero, em toda a região se percebe um clima lúgubre, ameaçador, que se acentua à medida que se avança para o norte; e os aldeões, cada vez mais hostis ou francamente agressivos, conservam numerosas lendas familiares sobre o ocorrido nos dias da Casa de Tharsis, ainda que se cuidem muito bem de não as dar a conhecer a estranhos. O temor se baseia na possibilidade de que a história se repita, que volte a cair sobre o país o terrível castigo daqueles dias. Por isso, não há que se travar conversação com eles, e muito menos fazer alguma pergunta concreta sobre o passado: isso seria suicídio; depois de o interrogado se estremecer de terror, sem dúvida, ficaria encolerizado e atrairia, com seus gritos, os outros aldeões; e então, se não conseguir escapar a tempo, seria atacado por todos e teria sorte se conseguir salvar a vida.

Depois de percorrer uns dezoito quilômetros, muito perto já de Aracena, chega-se a um diminuto vale elevado, situado no coração da Serra de Aracena. Existe ali uma aldeia, a qual há que se atravessar muito rapidamente, para evitar as pedradas das crianças ou algo pior; é um povoado do século XV e não parece ter evoluído muito desde então: a maioria das casas são de pedra, com as aberturas emolduradas em madeira trabalhada a machado, e telhados de ardósia irregular; e muitas de tais habitações estão vazias, algumas totalmente destruídas, mostrando que uma crescente decadência e despovoamento afeta a aldeia, e que só a tenacidade das famílias mais antigas impediu sua extinção. Seu nome, "Alcatrão", foi-lhe imposto naquela Época e constitui uma espécie de maldição para os habitantes, que não conseguiram jamais substituí-lo por outro, devido à persistência que tem entre os habitantes das aldeias vizinhas. A origem do nome está dois quilômetros adiante, quase ao terminar o vale, onde um descolorido cartaz expressa em latim e em castelhano ***"Campus pix picis"***, "Campo de piche".

Logicamente, é inútil procurar o piche ali, porque tal denominação procede do século XIII, quando havia muito piche nesse campo, ou pelo menos algo que parecia isso: daí o nome do povoado próximo, de mineradores, os quais, ao fundá-lo no século XV, tiveram que suportar o tenebroso nome que lhe impuseram seus vizinhos e acabaram por aceitá-lo, com resignação. Mas, de onde saiu o piche que caracterizou aquele vale perdido entre montanhas desertas? Esse piche, esse alcatrão, Dr. Siegnagel, é tudo o que restou do

exército que o Conde de Tarseval levou para atacar o Castelo de Aracena e resgatar seu filho Godo.

Naquele vale, efetivamente, o Conde Odielon acampou com suas tropas, que chegavam a mais de mil efetivos; cinquenta cavaleiros, quinhentos corajosos almogávares, e quinhentos homens da Vila. Mais do que suficiente para atacar e arrasar o Castelo Templário, que só contava com uma guarnição de duzentos Cavaleiros; ainda que os Templários tivessem fama de lutar por três, nada poderiam com forças que os quintuplicavam. Tudo o que se requeria para acabar com a ameaça Templária, e resgatar Godo, se ainda estava com vida, era evitar que o Castelo recebesse reforços, e para isso seria fundamental dominar o fator surpresa. Daí que o Conde Odielon decidisse marchar para Aracena por uma trilha saliente que só conheciam os Senhores de Tharsis, e que passava por aquele pequeno vale onde iam acampar nas horas noturnas, para cair de surpresa ao amanhecer. Mas o amanhecer nunca chegaria para aqueles Senhores de Tharsis.

Seriam onze da noite quando Bera e Birsa se prestaram a consumar o Ritual satânico. O Noyo jazia junto à margem do lago subterrâneo, com vida ainda, mas desmaiado por causa da tortura recebida e das múltiplas mutilações sofridas; a essa altura tinha perdido as unhas de mãos e pés, os olhos, as orelhas e o nariz; e, como último ato de sadismo e crueldade, acabaram de cortar-lhe a língua, "como prêmio à sua fidelidade à Casa de Tharsis e aos Atlantes brancos". Curiosamente, não lhe aplicaram tormento nos órgãos genitais, talvez devido à devoção que aqueles Sacerdotes sodomitas tinham pelo falo.

Embora as quarenta e nove velas dos sete candelabros iluminassem bastante a Caverna de Odiel, o aspecto dos seis personagens que se encontravam presentes era sombrio e sinistro: o Abade de Claraval, o Grão-Mestre do Templo, e os dois Preceptores Templários estavam envoltos em um ar taciturno e fúnebre; sua imobilidade era tão absoluta que poderiam ter-se passado por estátuas de pedra, se não fosse porque o brilho maligno de seus olhos delatava a vida latente. Mas quem realmente infundiria terror em qualquer pessoa não avisada que tivesse a oportunidade de presenciar a cena, eram os Imortais Bera e Birsa: estavam vestidos com umas túnicas de linho, agora assustadoramente manchadas pelo sangue do Noyo, e tinham peitorais de ouro cravejados com doze fileiras de pedras de diferentes tipos; mas o que impressionaria a testemunha não seria a vestimenta, mas a ferocidade de seus rostos, o ódio que brotava deles e se difundia ao seu redor, como uma radiação mortífera; mas não é para crer que o ódio crispava ou contraía o rosto dos Imortais: pelo contrário, ***o ódio era natural neles***; não se distinguiria nas caras de Bera e Birsa nem um gesto que indicasse por si só o ódio atroz e inextinguível que tinham para com o Espírito Incriado, e para com tudo aquilo que se opusesse aos planos do Uno, pois os seus eram, íntegros, completos em sua expressão, ***os Rostos do Ódio***. Um ódio que agora exigiria suas vítimas sacrificiais, a oferenda que Jeová Satanás reclamava.

O Ritual, se se julgasse pelos atos de Bera e Birsa, foi bem mais simples; mas se se consideram os efeitos catastróficos produzidos na Casa de Tharsis, ter-se-á que convir que aqueles atos eram o termo de causas profundas e complexas, a manifestação desconhecida do Poder de "Ruge Guiepo". Assim se desenvolveu o Ritual: enquanto Bera segurava o Dordje com a mão esquerda, e o braço estirado na altura dos olhos, Birsa levantava a cabeça do Noyo, pegando um punhado de cabelo com a mão direita e colocando um punhal de prata sob seu ouvido com a mão esquerda; disposta desse modo a cena ritual, a cabeça de Godo de Tharsis estava suspensa a uns poucos centímetros do espelho de água; então, com uma ação simultânea, evidentemente combinada de antemão, Bera pronunciou uma palavra e Birsa degolou o Noyo com um hábil talho na garganta; na verdade, a ponta do punhal tinha estado apoiada no ouvido esquerdo do Noyo e, ao soar a palavra de Bera, descreveu uma curva perfeita que cortou a garganta e terminou no ouvido direito: literalmente, Noyo foi degolado ***"de orelha a orelha"***; o sangue brotou em jorros e foi se misturando com a água, enquanto Bera continuava recitando outras palavras sem mover o Dordje; pouco a pouco ocorreu o primeiro milagre: a água, que só estava se tingindo com o sangue, começou a avermelhar e a se espessar até que todo o lago pareceu um imenso coágulo; até então, uma luminosidade avermelhada era desprendida pela água em forma de vapor, um brilho intenso, semelhante ao que emitiria um imenso forno incandescente; quando toda a água se tornou sangue, isto é, quando já não caía nenhuma gota do corpo exangue de Godo de Tharsis, Bera abaixou o Dordje e apontou para o lago, ao mesmo tempo que proferia um grito repugnante: então a cor do lago mudou de vermelho a negro e sua substância se transformou em uma espécie de piche ou alcatrão escuro; e ali concluiu o Ritual. Há que se dizer que tal substância, semelhante ao piche, não era mais do que uma síntese orgânica de um cadáver humano, como se obteria depois de um período de evolução geológica de milhões de anos, mas acelerado em um instante, com o Poder maravilhoso do Dordje. Aquele piche negro era, pois, a essência da morte física, o último extremo do que foi a vida e que se encontra escrito potencialmente na mensagem do sangue.

Mas o sangue é único para cada Estirpe. Por isso, a consequência buscada pela magia negra dos Imortais consistia na propagação daquela transmutação aos restantes membros da Estirpe, que participavam desse sangue maldito, quer dizer, os Senhores de Tharsis. Repetindo o que foi dito antes, se se julgar o Ritual dos Imortais Golen pelos catastróficos efeitos produzidos na Casa de Tharsis, ter-se-á que convir que ocultava um grande segredo, referente ao poder do som, ao significado das palavras e à função do Dordje. Porque, no exato instante em que o lago de sangue mudou de cor e se transformou em breu negro, noventa e nove por cento dos membros da Casa de Tharsis exalou o último suspiro: só sobreviveram os Homens de Pedra, vale a pena dizer, aqueles que tinham transmutado sua natureza humana com o Poder do Espírito. Claro, entre eles estavam o Noyo e a Vraya, mas ambos muito velhos para procriar novos membros da Estirpe. No entanto, a centenas de

quilômetros dali, outros Homens de Pedra viviam ainda, e se encarregariam de fazer cumprir a missão familiar. Do restante da Casa de Tharsis não restou ninguém vivo para contar.

As sentinelas almogávares que guardavam o acampamento do Conde de Tarseval começaram a se inquietar, logo que perceberam o zumbido; não poderiam dizer quando se iniciou, mas o certo é que vinha crescendo e agora enchia todo o vale; no entanto, ao tornar-se audível, os rudes guerreiros acreditavam reconhecer, insolitamente, aquele som: era o tom exato, o som oscilante ***de um enxame de abelhas***, mas amplificado tremendamente por alguma causa assustadora e desconhecida. Mas o zumbido, apesar de ser surpreendentemente anormal e ter aumentado de intensidade a ponto de produzir aturdimento, logo foi esquecido. As sentinelas, efetivamente, perceberam que algo grave ocorria, pois um grito apavorante quebrou a continuidade daquela impressionante vibração; mas tal grito não provinha de fora, mas de dentro do acampamento e não consistia em um, mas em uma multidão de lamentos que aconteciam em um instante: o instante em que a água do lago subterrâneo se transmutou no sangue dos Senhores de Tharsis. Então, todos os membros da Estirpe experimentaram um calor abrasador, mil vezes mais potente que o Fogo Quente da Paixão Animal: e gritaram em uníssono. Mas ninguém conseguiria socorrê-los, já que, minutos depois, morreriam "no mesmo momento em que a água do lago se transformou em breu negro".

Em questão de minutos, cessou o zumbido completamente e um silêncio sepulcral se apoderou do vale. E então começou a loucura para os poucos duzentos sobreviventes do exército do Conde Tarseval: todos eles eram almogávares oriundos da região de Braga, quer dizer, de Raça celta. A princípio, o terror os tinha paralisado, mas aqueles temíveis guerreiros não eram propensos a fugir, em nenhuma circunstância; o amanhecer, em troca, os surpreendeu deliberando, agrupados no centro do acampamento; segundo os costumes, diante da ausência dos Senhores ou Cavaleiros, escolheriam um campeão entre os seus. Esse cargo recaiu em um sujeito que era tão valente na guerra como pouco inteligente fora dela, conhecido como Lugo de Braga. Aquele chefe se encontrava tão perplexo como o resto, pela súbita mortandade e, depois de uma cuidadosa inspeção em todas as tendas e lugares onde tinham falecido os guerreiros, deduziu que a causa do mal era ***uma peste desconhecida***: os cadáveres, efetivamente, não apresentavam até o momento sinal algum que delatasse que tipo de peste tinha causado a morte, mas, que dúvidas havia de que se tratava de uma peste? Só uma peste, de acordo com o critério da Época, era capaz de matar dessa maneira! Naturalmente, na Idade Média, a peste era temida como o pior inimigo, fora daqueles que os Senhores indicavam como tais e que se tinha que enfrentar.

Os soldados teriam escapado então, a não ser pela comprometedora presença de tantos Nobres mortos; não podiam abandonar impunemente o Conde de Tarseval porque seriam perseguidos por toda a Espanha; mas tampouco se podia transportar um cadáver contaminado de peste; o correto,

explicou Lugo, era vencer o medo e dar sepultura cristã aos mortos. Assim, dominando o temor ao contágio que os embargava, os bravos almogávares foram alinhando os oitocentos e cinquenta cadáveres que iam descer ao sepulcro; planejavam escavar três tipos de tumbas: uma fossa comum para os almogávares, outra igual para os aldeões, e tumbas individuais para os Cavaleiros. Encontravam-se entregues a essa tarefa, e a confeccionar as cruzes, e a empacotar o que convinha regressar ao quartel, quando alguém descobriu a liquefação dos cadáveres e lançou o primeiro grito de terror: ***Pix picis! Pix picis!***, quer dizer: Piche! Piche! Em poucos segundos, todos correram junto aos cadáveres e comprovaram que um incrível processo de desintegração orgânica os estava reduzindo a um líquido negro e viscoso, semelhante ao betume, mas do qual se desprendia um fluído mais fino, indubitavelmente parecido à lixívia negra: daí a rápida identificação com o piche, feita por um atordoado almogávar. Mas um processo tão brusco de decomposição de um cadáver era muito mais do que podiam suportar aquelas mentes supersticiosas, sem relacioná-lo com a bruxaria e a magia negra. Por isso, ao correrem todos, desta vez muito depressa, para as montarias, muitos dos que tinham entrado em pânico exclamavam: ***Bruttia! Bruttia!***, quer dizer: breu, breu! E outros: ***Lixívia! Lixívia!***, ou seja: Lixívia, Lixívia! E, o resto: ***Pix picis! Pix picis!***, piche, piche!

Ao chegar à Vila de Turdes, Lugo de Braga encontrou-se com o espantoso espetáculo de que a ***peste*** tinha se adiantado a ele. Mas ali os estragos da praga eram tremendos: dos três mil e quinhentos habitantes da Vila, quinhentos morreram no vale, junto com o Conde de Tarseval, e dos três mil restantes só restavam vivos quinhentos, todos procedentes de regiões e Raças diferentes dos iberos tartésios. O ocorrido foi análogo ao que aconteceu no acampamento do Conde: primeiro o zumbido, depois o grito, dado em uníssono por todas as vítimas, e por último a horrível morte simultânea. Ao que parece, ali a transformação em betume era mais lenta, mas já se percebiam os sintomas nos cadáveres expostos. E ninguém sabia se aquela peste era contagiosa nem conhecia seus sintomas prévios. Lugo de Braga decidiu então fugir da região para sempre; mas antes, fez o mais razoável, reação própria da época: entregou-se à pilhagem com seus duzentos companheiros.

Não existiam agora Senhores de Tharsis, nem Cavaleiros ou Nobres, que defendessem aquele patrimônio. Lugo de Braga dirigiu-se à Residência Senhorial e a saqueou conscientemente, mas não se atreveu a incendiá-la, como reclamavam seus homens. Depois se retirou para seu país, levando consigo uma imensa cavalaria carregada de saque. É claro, todos eles seriam perseguidos, anos mais tarde, por esse crime, e muitos acabariam na forca. Ainda que ninguém pudesse imaginar então, quando a peste se assenhoreava da Casa de Tharsis, ainda restavam alguns deles vivos, que depois reclamaram o que era seu. Com esta exceção, a maioria dos membros da Casa de Tharsis tinham morrido pela mesma causa e na mesma noite nefasta, em locais tão distantes como Sevilha, Córdoba, Toledo ou Saragoça.

Vigésimo Sexto Dia

Dr. Siegnagel, terá que concordar comigo que os Imortais quase tinham executado com sucesso a sentença de extermínio contra a Casa de Tharsis. Pelo menos assim acreditavam Bera e Birsa, que se vangloriavam disso diante dos Golen e Rabinos.

Ainda se encontravam na Caverna de Odiel. O lago transbordante de betume ainda borbulhava, expelindo odores nauseabundos. Em primeiro lugar, destacava-se a feroz figura de Bera, o Imortal a quem os Golen denominavam ***Bafoel*** e os Templários ***Bafomet*** e idealizavam como a expressão do perfeito ***andrógino***. Sem soltar o Dordje, disse, em excelente latim:

— Finalmente se extinguiu a linhagem maldita de Tharsis. Isso alegrará o Supremo Sacerdote.

— Contemplastes um grande prodígio, vistes em ação o Poder de ***YHVH Sabaoth*** – afirmou Birsa, no mesmo idioma.

— É essa, porventura, a Morte do Corpo? — atreveu-se a perguntar o Abade de Claraval.

— O asfalto, o betume, a Morte, e a Peste são a mesma coisa, somos Nós — respondeu Bera, com segurança.

— Reconheceis esta substância? — perguntou Birsa, por sua vez, dirigindo-se ao Rabino Nasi.

— Sim, afirmou este. É ***"betume da Judeia"***, o mesmo que contamina o ***lago Asfaltite***, que nós denominamos de Mar Morto.

Os Golen e os Rabinos sabiam que Bera e Birsa foram os últimos Reis de Sodoma e Gomorra. E sabiam também como tinham alcançado tão alta hierarquia na Fraternidade Branca: durante seu reinado, em um momento de maravilhosa iluminação, Eles descobriram o Segredo do Supremo Holocausto de Fogo. Depois caiu o Fogo do Céu que calcinou aqueles povos e Bera e Birsa partiram para Chang Shambala, uma das Mansões de Jeová Satanás e seus Ministros, os Serafim *Nefilim*. Assim, pois, muito antes de que Israel existisse, quando sua semente ainda estava em Abraão e ninguém sacrificava ao Deus Uno, Eles foram capazes de oferecer seus respectivos povos em holocausto para a Glória de Jeová Satanás. O betume da Judeia, evidente resíduo da aniquilação de seus povos, adveio por meio d'Eles à região do Mar Morto. Mas tal sacrifício lhes valeu serem recebidos por Melquisedeque, o Supremo Sacerdote da Fraternidade Branca, que os consagrou no Mais Alto Grau de sua Ordem. Qual Sacerdote do Pacto Cultural não quereria imitar Bera e Birsa? — Ó, — pensavam os quatro presentes — o que não daria um Sacerdote para dispor, algum dia, de um povo inteiro para sacrificar, como tinham feito, sem duvidar, Bera e Birsa? Esse seria um Holocausto digno de Jeová Satanás!

— Qual é a Maldição de Jeová Satanás para quem não cumpre a Lei? — perguntou agora Bera ao Rabino Benjamin.

— "Soltarei contra vós bestas selvagens. Castigar-vos-ei sete vezes por vossos pecados. Trarei sobre vós a espada; vos refugiareis em vossas cidades, mas Eu enviarei a ***Peste*** no meio de vós. E vos retirarei o sustento do pão" — sintetizou Benjamin, repetindo Isaías.

— Assim está Escrito! — confirmou com ferocidade Birsa — Esse seria o castigo por vossa fraqueza, mas também pode ser nossa Força! Deveis refletir sobre isso, como fizemos Bera e Eu há milênios, quando ainda a Lei não estava Escrita na forma em que a expressastes. Então, fomos capazes de compreender o Segredo do Supremo Holocausto e de realizá-lo em Sodoma e Gomorra; por isso, e pela Vontade de Jeová Deus, agora Nós somos a ***Peste***. Deveis refletir sobre a Maldição com serenidade, vos aconselhamos. Porque somente quem tenha a calma para contemplar o Princípio e o Fim do Tempo poderá compreender o Segredo do Supremo Holocausto de Fogo, o Final da Humanidade. Mas o prêmio desse conhecimento significa a imortalidade da Alma, o Alto Sacerdócio, e os Poderes que nos vistes aplicar. Refleti sobre isso, Sacerdotes: Nós seis somos a Manifestação de Jeová e não devemos faltar com a Lei. Mas podemos induzir os Gentios a que o façam, para que a Maldição os alcance, para que a ***Peste*** se instale entre eles; então será possível o Supremo Holocausto de Fogo!

— Em que consiste? — rugiu o Abade de Claraval, sem poder se conter.

— Ali está a resposta — disse Bera, mostrando com o Dordje o lago de betume — Mas isto só o compreenderá quem entenda que ***a nossa é uma guerra entre a Pedra e a Lixívia***. A Pedra, colocada no Princípio do Tempo, é o Inimigo; e a Humanidade, colocada no Final do Tempo, é a Lixívia, o Supremo Holocausto, a Purificação pelo Fogo Quente que o Sacerdócio de Melquisedeque exige.

Não obstante a insistência dos Imortais, nenhum dos quatro compreendeu que acabavam de revelar-lhes o Segredo do Supremo Holocausto. Aquilo da guerra entre a Pedra e a Lixívia lhes parecia extremamente misterioso. Só Nasi atinou a perguntar:

— Referi-vos à Morte do Juízo Final, a Morte Ardente dos Condenados?

— Não! Está escrito que a carne não morrerá realmente, ainda que o corpo se desintegre na tumba, pois todos os homens ressuscitarão para serem julgados de acordo com seus pecados. Isso será possível porque o homem existe em muitos mundos ao mesmo tempo, mundos que foram e mundos que não foram: em alguns de tais mundos ainda está vivo e em outros, pode ser que tenha perecido; mas desses mundos será extraído o corpo que viverá novamente, talvez por mil anos, talvez por muitos mais; alguns serão condenados sim, e morrerão definitivamente; mas outros viverão de novo sobre a Terra. Não é, então, a essa Morte a que nos referimos. Na verdade, falamos de algo muito posterior e conclusivo: da ***extinção da consciência humana***. O Final da Humanidade chegará

quando o Fogo Quente abrasar todos os mundos onde existe o homem, e a Alma do homem, e só reste a Lixívia por testemunha. Nesse momento, nós, a Manifestação de Jeová Satanás, teremos alcançado a Perfeição da Alma, a Divina Finalidade projetada desde o Princípio. Mas não assim os Gentios, que já não terão razão para existir nos mundos, pois o objetivo de sua criação foi favorecer nossa perfeição: ***será a Vontade do Altíssimo que suas cinzas cubram a Terra para que a Água Salgada do Céu as torne rios de Lixívia***. Ouvi bem, Sacerdotes do Altíssimo: quanto antes se calcine a Humanidade, antes se aproximará a Perfeição para vós! Transformai o homem em Lixívia e consumareis o Supremo Holocausto que espera o Criador, no Final do Tempo! — Explicou Bera, mostrando notável paciência.

E continuou falando, pois os quatro Sacerdotes tinham emudecido. – É a Fé na Perfeição Final que alcançarão os crentes em Jeová Satanás, mediante o Sacerdócio de Seu Culto, que obrará os maiores milagres. Se sois capazes de ver o Final, tereis adiantado o Final, a Perfeição estará em vós e o momento do Supremo Holocausto terá chegado: vossa Fé inquebrantável na Perfeição Final, e a Compreensão do Final, trará ao Presente o Fogo Quente do Final, que calcinará o homem imperfeito; e sobre suas cinzas choverá a Água e o Sal do Criador; ***e o Signo Abominável que está na Pedra de Fogo será lavado com Lixívia***. Assim aconteceu em Sodoma, em Gomorra, e nas outras dez cidades do Vale de Sidim, quando Birsa e Eu alcançamos a Perfeição Final ***e estabelecemos a diferença com a imperfeição de seus povos, conseguindo que exibissem publicamente sua própria degradação***; então desceu a ***Shekhinah*** de Deus, e os ***Anjos de Deus***, e caiu Fogo do Céu que reduziu a cinzas aqueles povos insensatos; e caiu depois a Água e o Sal de Deus; e surgiu o Lago Asfaltite, o Mar de Betume da Judeia, o Mar Morto; na verdade, o ***Mar de Lixívia***. Aquele foi, Sacerdotes, nosso Holocausto a Jeová Deus. Mas aquele Mar de Lixívia não bastou para lavar o Signo da Pedra: essa missão está reservada ao Povo Eleito de Jeová Satanás, a Raça Sagrada d'Ele. Quando esse Povo Eleito estiver entronizado acima de todos os povos gentios da Terra, quando a Humanidade inteira estiver sujeita ao seu Governo Mundial, então terá chegado o momento do Supremo Holocausto. Para isso deveis trabalhar sem descanso, com a Fé colocada na Perfeição Final, e o esforço aplicado em conseguir a Sinarquia Universal do Povo Eleito! Só o Supremo Holocausto de toda a Humanidade, pelos Sacerdotes do Povo Eleito, produzirá a lixívia que lavará o Signo Abominável na Pedra de Fogo!

Todos os nossos partidários, os Grandes Sacerdotes, conhecem este Segredo e consagraram seus povos com o Sinal das Cinzas! Até os Sacerdotes Brâmanes ungiram os arianos com o Sinal das Cinzas, procurando cobrir o Signo Abominável e aguardando que a Graça do Céu lhes conceda a água que forme a lixívia e lave a Pedra de Fogo! Por isso, as cinzas sempre foram sinal de dor e aflição, ***signo de arrependimento e de penitência: o homem ungido com cinza é que pede misericórdia Divina, que se ajoelha diante do Criador e solicita Perdão pelos seus pecados,***

especialmente o maior pecado, o de Ser Eu, diante do Uno que é tudo, pecado que só se pode lavar com lixívia! Os membros do Povo Eleito untam suas cabeças com cinzas, em sinal de penitência, mas os Sacerdotes do Cordeiro adicionam água bendita às cinzas, para criar a lixívia do perdão de Jeová. Mas nada salvará o homem do Holocausto de Fogo e de Cinzas e de Lixívia do Juízo Final! Jeová avisou há milhares de anos contra os falsos Sacerdotes que usam as cinzas do incenso para outorgar um falso perdão: ***só as cinzas humanas constituem a lixívia que lava o Sinal Abominável. E Jeová prometeu converter em cinzas os falsos Sacerdotes que não respeitem o necessário Holocausto de Fogo***! Repeti, Cohens de Israel, as palavras de Jeová!

O Rabino Benjamin repetiu no ato.

— "Um Profeta chegou de Judá em Betel, por mandado de Jeová, quando Jeroboão estava de pé junto ao altar para queimar incenso, e começou a gritar contra o altar, por mandado de Jeová, dizendo: Altar! Altar! Assim fala Jeová: Nascerá na Casa de Davi um filho que se chamará Josias. Este sacrificará sobre ti os falsos Sacerdotes dos lugares altos, os que queimam incenso sobre ti. Sobre ti, altar, se queimarão ossos humanos, e os ossos dos falsos Sacerdotes. E deu, naquele mesmo dia, um sinal, dizendo: Este é o sinal de que é Jeová que fala: o altar se quebrará, e se derramarão as cinzas que há nele" ***[I Reis, 13,1]***.

— Assim está escrito! Só de cinzas humanas se compõe a lixívia que a Justiça de Jeová reclama! E essas são as cinzas da verdadeira penitência, as que emprega Jó quando ***confessa*** suas culpas diante de Jeová!

Benjamin não necessitou mais do que um gesto, para esclarecer a citação:

— "Então, Jó respondeu a Jeová: Reconheço que tudo podes e que nada te é irrealizável. ***Sou Eu*** quem obscurece teus planos com razões vazias de sentido. Sim, falei do que não entendia, de maravilhas que me superam e que ignoro. Escutai-me, permite-me que fale: Eu te perguntarei, e tu me ensinarás. Apenas de ouvido Eu te conhecia, mas agora meus olhos te veem. ***Por isso, me reconheço culpado, me arrependo no pó e nas cinzas" [Jó, 42]***.

— A Vaca Vermelha é o Símbolo da Humanidade ***consagrada*** a Jeová para o Sacrifício Ritual das cinzas e da lixívia, para a elaboração da água lustral! Jeová falou a Moisés e ao Supremo Sacerdote Aarão e lhes impôs o dever de sacrificar a Vaca Vermelha da Humanidade para purificar o Povo Eleito, dever que seria lei perpétua de Israel! Recordai isso, Cohen!

— "Falou Jeová a Moisés e Aarão, dizendo-lhes: Aquele que tenha ***queimado*** a Vaca Vermelha lavará sua roupa, banhará seu corpo com água e será impuro até a tarde. Um israelita puro recolherá as ***cinzas*** da Vaca Vermelha e as depositará fora do acampamento, em um lugar puro; e estarão à disposição dos filhos de Israel para preparar a água lustral. ***É um sacrifício pelo pecado***. Aquele que recolheu as cinzas da Vaca Vermelha lavará sua roupa e permanecerá impuro até a tarde. Será esta uma lei

perpétua para os filhos de Israel e para o estrangeiro que mora entre eles" ***[Números 19,9]***. – Recordou com acerto Benjamin.

— E com essa água lustral, lixívia sagrada surgida das cinzas da Vaca Vermelha da Humanidade, Jeová instituiu o Ritual da Purificação do Povo Eleito! Reproduzi o Ritual, Cohen!

— "Falou Jeová a Moisés e Aarão, dizendo-lhes: para o israelita impuro, ***se recolherão cinzas da vítima queimada no sacrifício pelo pecado***, e se verterá sobre elas água viva dentro de uma vasilha. Um israelita puro pegará uma esponja, a submergirá na água lustral e borrifará o Santuário de Jeová e todos os móveis e pessoas que ali estiverem" ***[Números 19,11]***. — declamou Benjamin, sem hesitar.

— E como se purifica depois Tamar, que foi violada por seu irmão Amnon?

— "Tamar ***jogou cinzas sobre sua cabeça" [II Samuel 13,19]*** — apressou-se a replicar Benjamin.

— Só a lixívia lavará o Signo Abominável! Para esse pecado não há perdão nem redenção possível fora da lixívia: não bastam o arrependimento e a penitência ou a mortificação do pano de saco! Só depois da aspersão com água lustral, sobre as cinzas, o penitente vestirá o pano de saco! Tal como fez o Povo Eleito ao ser atacado pelo assírio Holofernes, cuja cabeça foi cortada pela Divina Judite!

Benjamim referiu-se à citação:

— "Todos os israelitas invocaram com fervor Jeová e se humilharam muito entregues diante dele. E todos os homens de Israel e as mulheres e as crianças, que habitavam em Jerusalém, prostraram-se diante do santuário, ***cobriram de cinzas suas cabeças e se apresentaram com pano de saco diante do Senhor***. Inclusive o Altar foi coberto de cinzas, e clamaram todos juntos com fervor a Jeová" ***[Judite, 4,9]***.

— Agora compreendereis o significado desta lei antiga! Os ***Sábios de Sião***, disse Jeremias, cobriram sua cabeça de cinzas em sinal de penitência! E depois, o Profeta, com palavras de Jeová, fala à sua Esposa, Israel Shekinah, e lhe avisa que não será fácil tirar-lhe a mancha da Infidelidade!

Rapidamente, Benjamim recitou a metáfora de Jeremias:

— "A palavra de Jeová foi dirigida a mim nestes termos. Vai e grita para os ouvidos de Jerusalém o seguinte: Desde outrora quebraste teu jugo, teus grilhões quebraste, dizendo: Não quero servir, quando sobre todo morro elevado e sob toda árvore frondosa te deitavas como prostituta. Eu te plantei como cepa escolhida, toda ela de semente genuína. Como, pois, para mim te tornaste brotos de videira selvagem bastarda? ***Ainda que te laves com salitre, e te jogues muita lixívia, tua culpa continua suja diante de mim*** — Oráculo de Jeová Sabaoth" — ***[Jeremias 2,20]***.

— O Cordeiro também ordenou ao Povo Eleito arrepender-se nas cinzas e no pano de saco, mas os Gentios tomaram a prevenção de forma literal e supuseram que é extremamente simples tirar o Sinal Abominável; mas, para sua impureza não haverá outra purificação a não ser converter esses povos

em lixívia, como nós fizemos para lavar a mancha de Sodoma e de Gomorra! Isso também o predisse o Cordeiro! Repeti, Sacerdote do Cordeiro!

— "Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem realizado os mesmos milagres que em vós, ***já há tempos que, cobertas de saco e de cinzas, teriam se convertido***. Por isso, vos digo: No dia do Juízo Final ***haverá menos rigor para a terra de Sodoma do que para ti" [Mateus, 11,21]***.

— Mas, uma vez sacrificado o Cordeiro, seus próprios discípulos se arrependem na água lustral!

— Sim — afirmou o Abade de Claraval — durante a Quaresma, antes da Ressurreição, os penitentes recebem as cinzas, e a água bendita, e se arrependem de seus pecados, se confessam, e esperam a salvação no Juízo Final, mas eles não entendem que o Signo Abominável não pode ser lavado desse modo, apesar de que o Sacerdote lhes diga: ***"lembra-te de que és pó, e em pó vais te converter"***.

Aqui Bera se calou, mas Birsa continuou:

— O momento do triunfo do Criado sobre o Incriado, do Ser sobre o Nada, da Luz sobre as Trevas da Alma, está perto! Logo a Sinarquia será uma realidade e a Humanidade ficará de joelhos diante do Poder do Povo Eleito! Terá chegado então o tempo de abrandar o homem, para obrigá-lo a exibir sua imperfeição e sua bestialidade, aquela maldade primordial que escondia no fundo de sua Alma. Será o tempo ***de substituir a Serpente do Paraíso pelo*** Dragão de Sodoma! ***Recordai, Sacerdotes, que a Tentação da Serpente afunda o homem no pecado, mas deixa intacta sua função viril; e que o homem viril sempre pode elevar-se da miséria moral mediante a guerra e o heroísmo, e cair em poder dos Inimigos da Criação!*** O homem viril, o Guerreiro, o Herói, atrasará a concretização do Holocausto Final: e não bastarão para impedi-lo a massificação e nivelamento da Humanidade ao que a submeterá a Sinarquia do Povo Eleito, e seus vícios e perversões, que nela prosperarão por causa da Tentação da Serpente, se o homem conserva sua virilidade e consegue se tornar um Guerreiro e um Herói, se dispõe de vontade para se rebelar contra os planos da Fraternidade Branca, que é a Hierarquia de Jeová Elohim.

A Tentação da Serpente do Paraíso nada pode contra essa luciférica determinação de Ser e Existir além dos Seres Criados pelo Deus Uno: ***só o*** Dragão de Sodoma ***tem o Poder de tirar do homem sua virilidade; e só Nós, a Peste, sabemos convocá-lo***! Respondei, Cohens: qual é o Emblema de Israel?

Diante da inesperada pergunta, Benjamin se apressou a responder:

— Escrito está, pelos Profetas, que o Emblema de Israel é ***a Pomba***. "Em prol de Jeová marcharão os Filhos de Israel: Ele rugirá como um Leão, e eles virão como uma ***Pomba***", disse Oseias ***[Os. 7 e 11]***, pois Jeová tinha ordenado, pela boca de Jeremias: "Israel, sêde como a ***Pomba*** que faz ninho na borda do abismo" ***[Jer. 48]***.

Prosseguiu Birsa, satisfeito com a resposta de Benjamin:

— Não esqueçais jamais, Sacerdotes, que o Emblema de Israel é a Pomba, porque esse símbolo mostrará o Final dos Tempos! Disse antes que o momento do triunfo está próximo, que a Sinarquia do Povo Eleito logo será instaurada: então o Emblema de Israel será imposto aos homens e terá chegado a oportunidade de Nossa intervenção. Assim se fará, pois assim o decidiu a Fraternidade Branca e o aprovou Melquisedeque, o Supremo Sacerdote: em todo o mundo, milhares e milhares de Sacerdotes, e partidários da Causa de Israel se embandeirarão com seu Emblema; só os homens viris resistirão e procurarão escapar da massificação social, por meio da rebelião e da guerra: tratarão de fundar uma Nova Ordem Moral baseada na Aristocracia do Sangue, mas serão afogados em seu próprio sangue; e Nós responderemos ao clamor dos que levam por sinal o Emblema de Israel; e soltaremos entre os homens o ***Dragão de Sodoma***; e o homem perderá sua virilidade e se abrandará, tornar-se-á ***como mulher***; ainda que possa procriar, sua vontade de lutar será debilitada por uma efeminação crescente que se estenderá a toda a Humanidade; perplexos, muitos confundirão a moral sodomita com um produto da alta civilização, mas na verdade acontecerá que o Coração dominará a Mente e enfraquecerá a Vontade; no Final, todos acabarão aceitando o modo de vida sinárquico; e o homem substituirá a Águia pela Pomba, a Guerra pela Paz, o Risco heróico pela Comodidade passiva. Mas essa Paz da Pomba, que desfrutarão com a Sinarquia do Povo Eleito, será o caminho mais curto para o Holocausto Final, no qual serão sacrificados a Jeová Satanás, para o Oceano de Lixívia no qual serão convertidos, para lavar o Sinal Abominável na Pedra de Fogo! Esta é a "Peste" que a Maldição do Altíssimo promete para os que fiquem fora da Lei!

Imediatamente, como se suas mentes estivessem estranhamente sincronizadas, Bera retomou a palavra:

— Sim, Sacerdotes! Que sobrevenha a Sinarquia do Povo Eleito, que a Humanidade se embandeire com o Emblema da Pomba, e Nós regressaremos para trazer a Peste da Morte Final, o Fogo Quente e a Água e o Sal do Céu! Mas seremos precedidos pelo ***Dragão de Sodoma***, o Arauto que anunciará nossa chegada! Vós vistes os extremos do processo nesta Caverna: o sangue, degradado com a água, e a água, transformada em sangue; e após o lago de sangue, ***a Peste*** da Morte Final, o betume da Judeia, a Lixívia negra. Dizei, Sacerdotes de Israel: qual foi a ***primeira*** praga que Jeová enviou ao Egito para impor a Causa de Israel?

— A água se transformou em sangue! — afirmou Benjamin.

— E qual foi a ***última*** praga, com a qual se assegurou o triunfo do Povo Eleito?

— A ***Peste*** no meio dos Gentios! A Peste ofereceu a vida dos Gentios a Jeová como holocausto pela próxima Glória de Israel! Só os que estavam manchados com o Sangue do Cordeiro não foram tocados pela Peste!

— E agora respondei vós, Sacerdotes do Cordeiro: qual será a praga que trará o Terceiro Cavaleiro, no Final dos Tempos?

— A água se transformará em Sangue! — respondeu em um instante o Abade de Claraval.

— E qual é a praga do Quarto Cavaleiro?

— A ***Peste*** no meio dos Gentios! O Fogo Quente os abrasará e a Peste oferecerá suas vidas como holocausto a Jeová pela próxima Glória do Novo Israel e o advento da Nova Jerusalém! Só aqueles que tenham o sangue do Cordeiro e ostentem o símbolo da Pomba não serão tocados pela Peste!

— E o que virá depois da Peste, qual será a ***última*** praga?

— A destruição completa e total da Humanidade em um Mar de Enxofre e Fogo! Só o Novo Israel e a Jerusalém Celeste sobreviverão ao Supremo Holocausto Final! — sustentou categoricamente o Abade de Claraval, indubitavelmente inspirado pelo discurso dos Imortais.

Bera esclareceu o significado que se devia atribuir àquelas respostas extraídas do Apocalipse de São João:

— Refleti, Sacerdotes, sobre essas Profecias e o que nos vistes fazer nesta Caverna: dali surgirá o Segredo do Supremo Holocausto. A Água, o Sangue, o Fogo Quente, a Morte, a Lixívia, ***a Peste***, Nós: eis aqui o Mistério. De como a Maldição de Jeová Deus, que é nossa fraqueza, pode ser nossa Força. Assim foi e assim será. Se nos compreendestes, fareis Vossas as palavras com que Jeremias condena aqueles que se apartam da Lei: elas representam ***nossa Força*** sobre os Gentios!

— "Disse Jeová: àqueles que fiquem fora da Lei ocorrerão: o cativeiro, a fome, a espada, ***a Peste***" ***[Jer. 15]*** — o rosto do Rabino Benjamin resplandecia ao repetir as quatro formas da Maldição de Jeová, pois agora achava plenas de novo sentido as palavras do Profeta.

— E sabereis então — prosseguiu imperturbável Bera — qual é, na verdade, ***nossa fraqueza***, Mistério que os Gentios jamais devem compreender.

E continuou Benjamin as seguintes palavras de Jeremias:

— "Jeová avisou o povo de Israel sobre quatro tipos de males, diante dos quais seriam ***fracos***: Cuidai-vos da Espada, porque Ela vos pode Matar; cuidai-vos dos Cães, porque Eles vos podem despedaçar: cuidai-vos das Aves do Céu, porque Elas vos podem devorar; cuidai-vos das Feras, porque Elas vos aniquilarão" ***[Jer. 15]***.

— Assim está escrito! — aprovou Bera.

— E contra essa fraqueza possuímos quatro remédios, que os Gentios jamais devem conhecer — completou Birsa:

Contra a Espada, a Paz do Ouro
Contra os Cães, a Ilusão da Raiva
Contra as Aves, a Ilusão da Terra
Contra as Feras, a Ilusão do Céu.

Aquilo era mais que misterioso, e os Sacerdotes ficaram momentaneamente submergidos em profundas reflexões. O Grão-Mestre do

Templo, contudo, que até então tinha permanecido calado, pensava em outra coisa:

— Ó, ***Tzadikim***! — disse — vossas explicações constituem a Luz mais Brilhante para nosso entendimento e estamos muito agradecidos pelo privilégio de ouvi-las. Não queria abusar do favor que nos dispensais, solicitando esclarecimentos que talvez não devais dar; mas não posso deixar de manifestar que nosso coração se veria preenchido de alegria se nos pudésseis falar algo mais a respeito da Pedra de Fogo.

— Dizeis bem, Sacerdote; a Pedra de Fogo encerra um Mistério muito grande. Falar-vos-emos dele, mas seremos breves, ***pois já é hora de regressar ao Oriente*** — era evidente que Birsa se expressava em uma chave alegórica, uma vez que os Imortais não partiriam até o dia seguinte — mas antes de irmos, vos falaremos também de vossa próxima missão, agora que a Semente Maldita de Tharsis morreu, e será proveitoso fazê-lo no quadro desse Mistério. Trouxestes o livro que vos solicitamos?

— Tal como o pedistes, o livro foi transladado até aqui — afirmou o Abade de Claraval — encontra-se na biblioteca do Castelo, sob custódia permanente de três Cavaleiros, que matarão qualquer um que tente aproximar-se dele. Também trouxemos de Claraval um mestre escultor clarividente, que aguarda em sua cela nosso chamado.

— Subamos, então, à biblioteca! — ordenou Bera, enquanto ocultava o temível Dordje sob sua túnica.

Subiram pelo alçapão que conduzia à Igreja de Nossa Senhora da Dor Maior e, momentos depois, acharam-se os seis em uma sala, cujo mobiliário consistia em estantes e mesas cobertas de livros e pergaminhos; vários púlpitos exibiam, abertos, alguns livros enormes, de folhas primorosamente ilustradas pelos monges beneditinos e confeccionados com capas incrustadas de ouro e prata. De um baú reforçado com ferragens rebitadas e volumosa fechadura, o Abade de Claraval extraiu o ***Sepher Icheh*** e o depositou em uma mesa maior, com plano duplo inclinado, mas bem iluminada por um candelabro central. A um sinal de Birsa, os quatro Sacerdotes sentaram-se em frente ao livro, enquanto os Imortais permaneciam de pé, um em cada extremo do grupo.

— Abri-o na página 12, ***Lamed***! — comandou Birsa.

O livro só continha imagens, quer dizer, carecia de qualquer texto, salvo as palavras distribuídas nos desenhos. Na página solicitada, ficou exposta a representação dos dez Sephiroth do Criador Uno, em forma de ***Arbor Philosophica***. Todos estavam à espera de Bera, que, imediatamente tomou a palavra.

Vigésimo Sétimo Dia

Como é sabido, Dr. Siegnagel, o "livro sagrado" por excelência, para os judeus, é a ***Torá*** que, essencialmente, compõe-se dos cinco livros do

pentateuco, tal qual os apresentou o Escriba Esdras, no século V A.J.C. Mas esta é a Torá escrita, ***Torah Shebichtav***, que deve se considerar como uma Doutrina profana, exotérica, uma vez que sua verdadeira "Sabedoria Divina", ***Hokhmah***, está criptografada na Escritura e não pode ser interpretada sem se conhecer as chaves criptográficas da Cabala. Existe, pois, também, uma Torá oral, ***Torah Shebaal Peh***, que trata acerca destas chaves e constitui a Doutrina esotérica que conhecem os membros da "corrente cabalística", ***Salshelet ha-kabalah***. O tema principal da Torá é a revelação sinaítica, quer dizer, a ***Hokhmah*** que Jeová, ***YHVH***, revela a Moisés no monte Sinai e que se sintetiza no Decálogo das Tábuas da Lei. Pois bem, Moisés ***recebeu*** as Tábuas, ***Moshe Kibel Torah Misinai***, no monte Sinai, e deste fato deve se iniciar necessariamente a corrente cabalística, já que ***Cabala*** procede do verbo ***gabbel***, que significa ***receber***. No entanto, se a ***Salshelet ha-kabalah*** começa em Moisés, temos que lembrar que este ***recebeu duas Tábuas da Lei***: só a primeira continha a revelação da "Sabedoria Divina", ***Hokhmah***, objetivo da Doutrina esotérica da Cabala; as segundas eram uma síntese exotérica daquelas e foram criptografadas, como toda a Torá escrita. Segundo a Cabala, ***as primeiras Tábuas procediam da Árvore da Vida, quer dizer, da Inteligência do Uno*** – *Binah* – ***enquanto as segundas foram tiradas do lado da Árvore do Bem e do Mal***.

A Árvore da Ciência do Bem e do Mal, cujo fruto tinha comido, foi a causa da expulsão de Adão do Paraíso: — ***"Disse então Jeová Deus: eis que o Homem se tornou como um de nós, por ter conhecido o Bem e o Mal. Não seja que agora estenda sua mão e pegue também da Árvore da Vida, coma dela e se torne Imortal. E Jeová Deus o lançou fora do Jardim do Éden para que lavrasse a terra com a qual foi criado. Jogou, pois, para fora o Homem, e colocou no Oriente do Jardim do Éden, querubins armados com Espadas de Fogo, para guardar o Caminho da Árvore da Vida" (Gênese, 3)***. Portanto, as segundas tábuas são destinadas àqueles que desejam se redimir do pecado de Adão, mas que ainda permanecem sujeitos a ele; as primeiras, em troca, revelam a ***Hokhmah*** aos que se elevaram acima da condição humana, ao "estado adâmico", e que merecem ganhar a imortalidade que procede de ***Binah***, a Inteligência da Árvore da Vida: estes só podem ser, é claro, os Mais Altos Sacerdotes do Povo Eleito. Por isso, Moisés ocultou ao povo a ***Hokhmah*** e só a comunicou a Josué; Josué a transmitiu aos Anciões de Israel e estes aos Profetas. Salomão ocultou as primeiras Tábuas no Templo e selou magicamente o esconderijo, de tal modo que só puderam ser encontradas no século XII D.J.C. pelos Templários, os quais as transportaram a Claraval. Outros profetas, não obstante, comunicaram verbalmente a ***Hokhmah*** aos Sacerdotes da Grande Sinagoga, que continuaram a corrente cabalística. Depois do cativeiro da Babilônia, já não houve mais Profetas em Israel e Esdras, o Escriba, apresentou ao povo judeu a Doutrina exotérica da Torá escrita, baseada nas segundas Tábuas da Lei. Essa doutrina foi mantida

pelos Sacerdotes da Grande Sinagoga, que então se chamaram Escribas, ***Sofrim***, até chegar aos Tanaítas, ***Tannaim***, do século I a III D.J.C. Os grandes cabalistas desse período, entre os quais se sobressai Shimon bar Yochai, chamado de "A Lâmpada Santa", conseguiram transcender a Torá escrita e obter novamente a ***Hokhmah***. Posteriormente, a Torá oral foi transmitida pelos Amoraítas, ***Amoraim***, e Rabinos, ***Rabbi***, até a Idade Média.

Além da Torá escrita, três livros podem ser considerados como os mais importantes para os cabalistas judeus: o ***Sepher Ha Zohar***, o ***Sepher Yetzirah***, e o ***Sepher Icheh***. O ***Sepher Ha Zohar***, o Livro do Esplendor, foi escrito por Shimon bar Yochai, no século II D.J.C., mas a única versão existente, desde o século XIII, é a tradução do aramaico, feita pelo cabalista espanhol Moisés de León. O ***Sepher Yetzirah***, o Livro da Formação, é mais antigo, e a corrente cabalística tradicional faz retroagir sua origem a Abraão. Mas, de longe, o livro mais secreto e misterioso, assim como o mais cobiçado pelos cabalistas, é o ***Sepher Icheh***, o Livro do Holocausto de Fogo, o qual se supõe ser contemporâneo de Adão e procedente, como o primeiro homem, do Jardim do Éden. Na verdade, o livro original teria sido escrito no Paraíso pelo Anjo Raziel, para a instrução de Adão, e seu conteúdo seria a própria ***Hokhmah***; não se deve confundir aquele livro místico com o "Livro de Raziel", escrito no século XII pelo cabalista Eleazar ben Judah, de Worms, e baseado em notícias de segunda mão sobre as Tábuas de Safira.

De acordo com a tradição rabínica, o verdadeiro Livro de Raziel, ***Tábuas de Safira gravadas***, teria sido roubado do Paraíso por ***Rahab***, Rei do Mar, e jogado no oceano; depois, seria encontrado pelos egípcios e permaneceria durante milênios em poder dos Faraós. Moisés o teria levado consigo no Êxodo e o legaria a Josué, de quem, seguindo a corrente cabalística, chegaria ao Rei Salomão. Este obteria sua famosa Sabedoria, ***Hokhmah***, pela interpretação das Tábuas de Safira do Livro de Raziel, mas, percebendo seu enorme poder, o ocultaria no Templo, de modo que só os Templários Golen o encontrariam entre suas ruínas, vinte e um séculos mais tarde. É claro, Dr. Siegnagel, à luz do que já foi exposto nesta carta, que as ***Tábuas de Safira*** e as ***Tábuas da Lei*** são uma e a mesma coisa; vale a pena dizer que as primeiras Tábuas, com a ***Hokhmah*** procedente da Árvore da Vida, não são mais do que o Livro de Raziel cedido a Moisés no Egito pelos Sacerdotes do Pacto Cultural. A explicação é a seguinte: se despojamos do mito hebreu seu disfarce cultural, resulta que ***Rahab*** não é outro senão Poseidon, "Rei do Mar", e lendário Governador da Atlântida. Chegamos, assim, à Atlântida, o "Jardim do Éden", pátria do "primeiro homem": daquele "Paraíso perdido" provinham os Atlantes morenos, fundadores da hierarquia sacerdotal egípcia. Depois do cataclismo, Eles teriam transportado ao Egito um dos "Livros de Cristal" que existiam na Biblioteca de Atlantis, o qual continha o registro da Construção do Universo pelo Deus Uno, ***YHVH Elohim***. Esse Livro de Cristal seria o Livro de Raziel, no qual estavam gravadas as trinta e duas operações executadas pelo Criador para construir

o Universo: ***dez Sephiroth e vinte e duas Letras***. Em outras palavras, as Tábuas ensinavam, mediante signos, os vinte e dois sons e medidas do alfabeto sagrado "usado pelo Criador Uno, ***YHVH Elohim***", do qual deriva o alfabeto hebraico, e a Forma Cósmica adotada por Ele para criar e manter o Universo, quer dizer, os dez ***Sephiroth***: é o que se conhece como "o Segredo da Serpente".

Na época de Moisés, os Sacerdotes egípcios ignoravam o modo de interpretar as Tábuas, mas lembravam que os Atlantes morenos as tinham deixado ali para serem entregues ao "Povo Escolhido pelo Uno", como base de uma Aliança Divina. Moisés recebe secretamente, então, as Tábuas de Pedra, e parte com seu povo para o monte Sião, onde Jeová celebra com sua Estirpe a Aliança de Fogo, ***Berith Esch***, e revela a ***Hokhmah*** das Tábuas da Lei: a retribuição exigida por Jeová ao Povo Eleito consistiria, como se depreende das declarações de Bera e Birsa, no Supremo Holocausto de Fogo, ***Icheh***, de onde vem o nome do livro que os Imortais solicitaram aos quatro Sacerdotes no Castelo de Aracena.

Resumindo, os Templários encontraram as primeiras Tábuas da Lei, o Livro de Raziel, que possibilitou à Igreja Golen obter a ***Hokhmah*** para o Colégio de Construtores de Templos e lançar a revolução arquitetônica do gótico ou ***gaulês***. Mas, se bem que a decodificação matemática cabalística, quer dizer, gemátrica, do Livro de Raziel, permitiu conhecer os segredos da Construção do Cosmo, certas imagens que ***nele se viam*** permaneceram incompreensíveis para os Golen cistercienses: foram essas visões, representadas simbolicamente pelos Rabinos e Sacerdotes Golen, que constituíram o Livro ***Sepher Icheh***. As figuras, referidas em alto grau ao Supremo Holocausto de Fogo, e legendadas em hebreu e latim, apenas começaram a ser compreendidas pelos Golen a partir das explicações de Bera e Birsa.

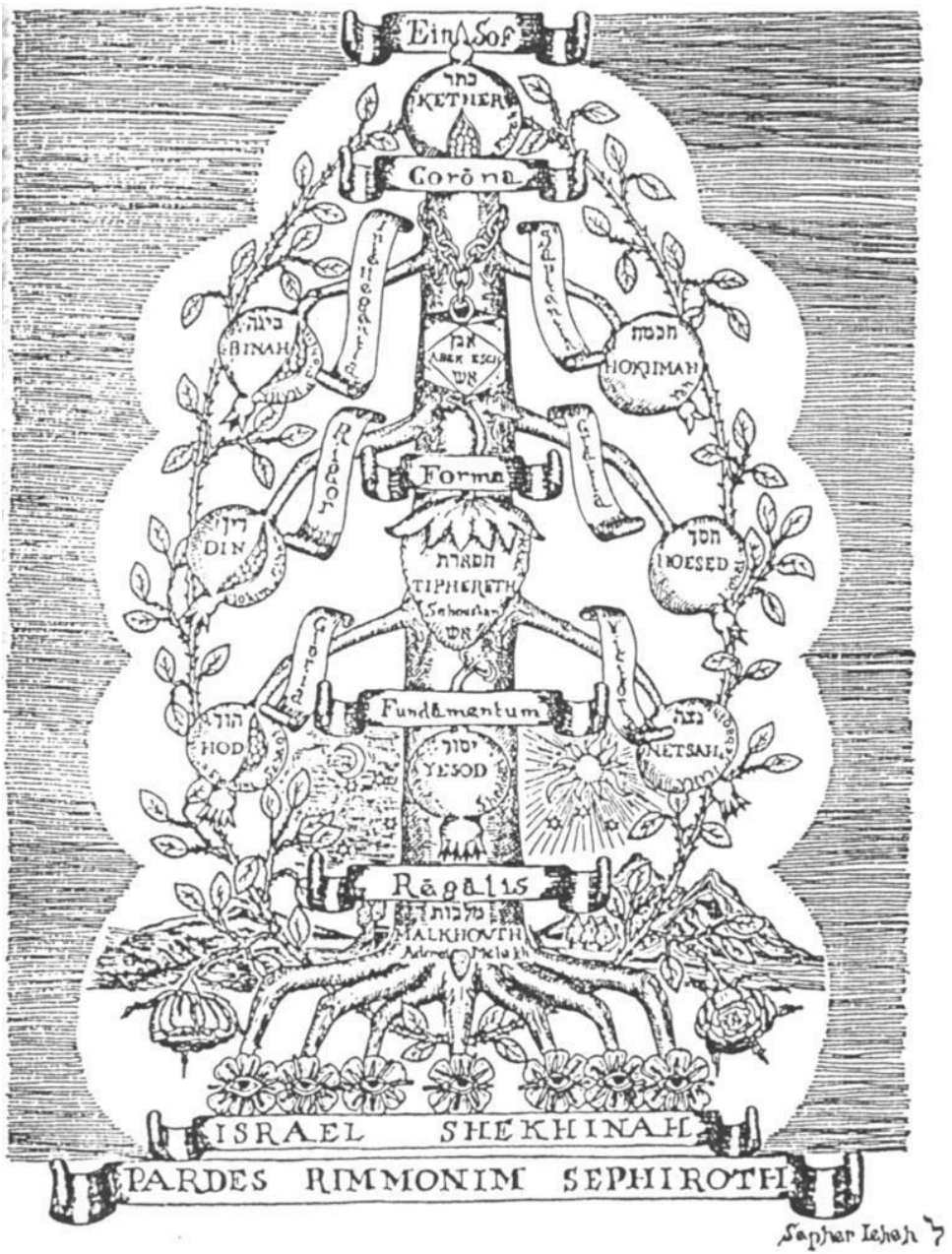
Hoje em dia, Dr. Siegnagel, acredita-se que só existe ***um exemplar*** do ***Sepher Icheh***, o qual se guarda em uma Sinagoga secreta de Israel, à qual só têm acesso os Sábios de Sião: Eles não permitem que se realizem cópias do mesmo e só autorizam os mais elevados Rabinos e Iniciados da Cabala a um contato visual, estando condenada com a morte ritual qualquer representação ou reprodução posterior do observado. No entanto, além desse exemplar israelita, existe ***outra cópia*** do ***Sepher Icheh***: é a que sequestrou na Grande Sinagoga de Granada o Inquisidor Ricardo, "O Cruel", Ricardo de Tarseval, quer dizer, o pai de Lito de Tharsis, e que este trouxe para a América, em 1534. Trata-se de uma réplica bastante fidedigna do livro Templário, datada em Granada em 1333, quer dizer, depois da dissolução da Ordem, e certamente copiada do livro original que os Golen e Rabinos levaram, quando fugiram da França. Dessa edição granadina, que durante séculos esteve em um baú de nossa casa tucumana, é o fac-símile da página 12 que lhe anexo, para melhor compreensão das descrições de Bera e Birsa.

— Muito bem, Sacerdotes! — exclamou Bera, enquanto examinava atentamente a figura que tinha ficado exposta na página 12 do ***Sepher Icheh***.

— Vossa Ordem realizou uma Grande Obra ao representar em imagens a Sabedoria do Livro de Raziel. Mas o perigo de que tal ***Hokhmah*** caia em poder dos Gentios é enorme: deveis, pois, evitar cópias desnecessárias deste livro e submeter o mesmo ao mais rigoroso controle. O que seria de nossos planos, que são os Planos de ***YHVH***, se os Gentios ***recordassem*** o Segredo da Romãzeira, da Árvore ***Rimmon***, praticamente revelado por este desenho? O que responderíamos, se eles soubessem novamente que ***uma Romãzeira era a Árvore da Vida***, a Árvore do Paraíso ao qual não se permitiu a Adão chegar, para evitar que conhecesse o Segredo da Vida e da Morte? Os Gentios já sabem que a Árvore da Ciência do Bem e do Mal era uma Macieira e a relacionaram com a Rosa, compreendendo que se trata de uma família de plantas ***entre as quais se conta também a Amendoeira***; sabem, assim, que em todas elas há diferentes partes de uma ***única Mensagem***, de uma ideia plasmada pelo Criador Uno. No entanto, jamais conseguirão relacionar a Romãzeira com nenhuma outra Árvore para formar família, pois ***Rimmon*** é Arquétipo da Criação: nela se descobrirão elementos semelhantes ao de todas as restantes espécies, mas ela mesma não poderá se derivar de nenhuma outra — como ***YHVH***, abrange todos com sua Forma, mas Ele não é abarcado por ninguém. A missão que vos encomendaremos tem a ver com a Romãzeira da Vida, mas especialmente se refere a um de seus Frutos, a ***Sephirah Binah***, no qual tereis que vos inspirar para combater a atroz heresia da Casa de Tharsis.

— Sim, Sacerdotes! Ainda que a Estirpe de Tharsis tenha morrido, subsiste ainda o efeito de seus atos luciféricos, dos quais não é menor o Culto à Virgem da Gruta. Contra essa impostura começareis a lutar imediatamente, desenvolvendo o ataque de acordo com as instruções que vos daremos agora! Este momento da História, que O Muito Santo projetou para o Povo Eleito, nos sorri: logo será instaurada na Europa a Sinarquia Universal; depois surgirá o Governo Mundial do Povo Eleito, durante o qual se manifestará sobre a humanidade Gentia o irresistível Poder do ***Messiah***, por quem se oferecerá o Holocausto de Fogo. Mas muito antes de que esse maravilhoso ato se concretize, vos diria que, nos dias atuais, se possível, ***a Ordem de Melquisedeque elevará no Sefard da Espanha um varão da Casa de Israel, dotado do Verbo de Metatron; ele possuirá a Hokhmah necessária para fechar as Portas que abriram os Demônios Hiperbóreos e para abrir as Portas dos Palácios Celestiais, Hekhaloth, do Éden; o nome cabalístico deste Supremo Sacerdote é*** "Quiblon"***. Quiblon será dotado de grande Poder: se elevará do nada e arrastará a Espanha inteira atrás do Ouro que ele lhe oferecerá em abundância. Cega, como Perseu, Espanha alçará sua Espada e cortará Três Cabeças de Medusa em um covil, além do Mar Tenebroso, em um novo Tártaro, cujo caminho ele lhe mostrará***.

— Prestai atenção, Sacerdotes, porque vos estamos profetizando! É a palavra de ***YHVH*** que brota de nossos lábios! Repetimos-vos: ***Quiblon será um enviado do Céu, um embaixador de YHVH. E deveis saber que esta região de Huelva foi assinalada por Melquisedeque como o assento da Embaixada de Quiblon, como porto e quebra-mar de suas mágicas viagens. Sim; a terra onde se cometeu o maior sacrifício posterior à Atlântida, a terra onde os Atlantes brancos começaram seu luciférico plano destinado a predispor o Espírito Incriado para travar uma Batalha Final contra a Bondade do Criador Uno, esta terra, Sacerdotes, será redimida de seu pecado, abençoada e santificada, pelo Tríplice Holocausto de Quiblon.*** Por isso vos fizemos saber, em seu tempo, que devíeis ocupar ***A Rocha de Saturno***: fizestes isso?


Ein Sof
כתר
KETHER
Corona
בינה
BINAH
חכמה
HOKHMAH
Forma
דין
DIN
חסד
HESED
תפארת
TIPHERETH
Fundamentum
הוד
HOD
יסוד
YESOD
נצח
NETSAH
Regalis
מלכות
MALKHOUTH
ISRAEL SHEKHINAH
PARDES RIMMONIM SEPHIROTH
Sapher Iehesh

— Efetivamente, Ó Divinos ***Aralim***! — confirmou o Grão-Mestre do Templo, que ainda aguardava a explicação sobre o Mistério da Pedra de Fogo — assim que recebemos Vossa mensagem, solicitamos a autorização papal e nos apoderamos do Convento de la Rábida, com o objetivo de estabelecer-nos no próprio lugar da Rocha de Saturno.

— Pois bem, ***deveis saber, além disso, que*** Rus Baal ***ou Rocha de Saturno, é lugar consagrado a Binah, o Aspecto com o qual YHVH se manifesta como Grande Mãe: quando Quiblon chegar a esse lugar sagrado, YHVH refletirá nele a Shekhinah e o dotará do Verbo de Metraton***. Quantas vezes desceu a Shekhinah à Terra?

— Dez vezes diante de Israel! — apressou-se a responder o Rabino Nasi:

— Primeira: ***no Jardim do Éden***: "E ouviram o rumor dos passos de ***YHVH Elohim***, que passeava pelo Jardim da brisa do dia, e o homem e sua mulher se esconderam da presença de ***YHVH Elohim*** entre o arvoredo do Jardim" ***[Gênese, 3, 8]***.

— Segunda: ***para observar a Torre de Babel***: "Desceu ***YHVH*** para ver a Cidade e a Torre que estavam construindo os filhos dos homens" ***[Gênese, 11, 5]***.

— Terceira: ***em Sodoma***: "Disse ***YHVH***: vou descer, e verei se agiram em tudo segundo o clamor que me chegou; e se não, o saberei" ***[Gênese, 18, 21]***.

— Quarta: ***na Sarça Ardente***: "Apareceu-lhe ***YHVH*** em uma Chama de Fogo, no meio de uma sarça; e Moisés viu que a sarça ardia no fogo, mas não se consumia" ***[Êxodo, 3, 2]***.

— Quinta: ***no Egito***: "Eu desci, no Egito, para libertar meu povo das mãos dos egípcios e fazê-lo subir desse país para uma terra boa e espaçosa, uma terra que mana leite e mel, para o lugar onde vivem os Cananeus, os Hititas, os Amorreus, os Periceus, os Heveus e os Jebuseus ***[Êxodo, 3, 8]***.

— Sexta: ***sobre o Monte Sinai***: "***YHVH*** desceu sobre o Monte Sinai, sobre o cume da montanha. E ***YHVH*** chamou Moisés para o cume do monte" ***[Êxodo, 19, 20]***.

— Sétima: ***sobre os Anciões***: "***YHVH*** desceu na nuvem e falou-lhes; e pegou do Espírito que havia n'Ele e o colocou sobre os setenta Anciões. Assim que o Espírito pousou neles começaram a profetizar; mas depois não conseguiram mais fazê-lo. ***[Números, 11, 25]***.

— Oitava: ***sobre o Mar Vermelho***: "Ele inclinou os Céus e desceu, havia densas nuvens sob seus pés" ***[II Samuel, 22,10]***.

— Nona: ***no Santuário do Templo***: "***YHVH*** disse-me: Esta porta permanecerá fechada. Não se abrirá, para que ninguém entre por ela, porque ***YHVH***, Deus de Israel, entrou por ela; por isso permanecerá fechada" ***[Ezequiel, 44, 2]***.

— Décima: ***Ele virá na época de Gog e Magog***: "Então, sairá ***YHVH*** e lutará contra aquelas Nações, como em outros tempos lutou, nos dias da Batalha (da Atlântida). Seus pés pousarão no Monte das Oliveiras, que está diante de Jerusalém, no Oriente; e o Monte das Oliveiras se abrirá pela

metade ao Oriente e ao Ocidente, formando um vale imenso: a metade do monte se afastará para o norte e a outra metade para o sul. E será Rei sobre toda a Terra. Naquele Dia será único, e único será o seu Nome. Todo o país se transformará em planície, desde Gueba até Rimmon, quer dizer, Romãzeira, no Negueve. Mas Jerusalém prevalecerá" ***[Zacarias, 14, 3]***.

— E uma vez ***entre o Povo Eleito***! — acrescentou o Abade de Claraval:

— Décima Primeira: ***sobre o Messiah***: "Logo que foi batizado, Jesus saiu em seguida da água; e nisso abriram-se os Céus e viu o Espírito de ***YHVH*** descer, ***como uma Pomba***, e ficar acima dele, enquanto dos Céus saiu uma Voz que dizia ***«Este é meu Filho amado, em quem me regozijo»*** ***[Mateus, 3, 16]***.

— Tomai nota, então, de ***outras duas vezes mais em que a Shekhinah descerá à Terra***! — aconselhou Bera. A Décima Primeira, que mencionou o Abade, está simbolizada pela letra ***Aleph (1)***, que rege a essência do ***Ar***: foi uma descida ***pneumática***, simbolizada pela ***ave*** do Estandarte de Israel. Isso significa que o Cristianismo constitui um ***Holocausto de Ar*** para ***YHVH Shaddai***:

A Décima Segunda, que agora vos anunciamos, ocorrerá na Rocha de Saturno, em Rus Baal, diante de Quiblon, quando Quiblon busque ali a Inteligência da Grande Mãe Binah: essa será uma descida simbolizada pela letra Mem (13), que expressa a essência da Água. Isso significa que a Descoberta de Quiblon constituirá um Holocausto de Água para YHVH Shaddai.

E a Décima Terceira ocorrerá durante o Governo Mundial do Povo Eleito; então a Shekhinah descerá sobre o Messiah, diante de Israel; e o Messiah será Um com Israel; e Israel será Um com a Shekhinah; e Israel será Um com YHVH; e Israel será YHVH: Bendito seja o Mistério de Israel! E Israel Shekhinah acabará para sempre com todos os Gentios, e com dois terços de seu próprio sangue***, propiciando o Julgamento de Din de Elohim Gibbor, o rigoroso Julgamento de Geburah; e Israel Shekhinah cumprirá a Sentença de YHVH Sabaoth,*** que já foi pronunciada nos Céus***: essa será uma descida caracterizada pela letra Sin (21), que define a essência do Fogo. Isso significa que a Sentença do Julgamento de Din, do Juízo Final, constituirá um Holocausto de Fogo para YHVH Shaddai***.

Os quatro Sacerdotes acompanhavam com desmensurado interesse as palavras dos Imortais, mas o mais impressionado era o Grão-Mestre do Templo, responsável direto da ocupação de Rus Baal, a partir do Convento de Nossa Senhora de la Rábida.

Vigésimo Oitavo Dia

Rus Baal, a Rocha de Saturno, encontra-se a cinco quilômetros de Onuba, a atual cidade de Huelva, sobre uma elevação de 37 metros de

altura, que domina a comarca de Palos, quer dizer, sobre a margem esquerda da confluência dos rios Tinto e Odiel. Na época em que os fenícios conquistaram Onuba, construíram o Templo de Rus Baal especialmente para satisfazer a solicitação dos comerciantes hebreus, que eram os que fretavam os navios para esses longínquos portos. Eram os dias de Salomão, quando a riqueza de Israel podia alugar a frota fenícia: ***"Todos os copos que o Rei Salomão utilizava para beber eram de ouro, e todos os utensílios da casa do bosque do Líbano eram de ouro puro. Não havia nada de prata, não era valorizada nos tempos do Rei Salomão,*** porque o Rei tinha no mar uma frota de Tharsis ***juntamente com a de Hiram; e a cada três anos chegava a frota de Tharsis, que trazia ouro, prata, marfim, macacos e pavões reais" [I Reis, 10, 21]***. Como se lê em outros capítulos do Livro dos Reis, Salomão, que possuía efetivamente a ***Hokhmah***, descobriu que ***YHVH*** se manifestava, além disso, sob outros ***Aspectos***, geralmente identificáveis com Deuses estrangeiros, e lhes rendeu Culto, ou permitiu que os Sacerdotes o fizessem, construíssem altares e Templos para eles. Com "as frotas de Tharsis" viajavam, pois, os Sacerdotes que fizeram construir o Templo de ***Rus Baal*** na longínqua Tartéside. Duzentos anos depois de Salomão, e quinhentos antes da queda de Tharsis em mãos de Cartago, colônia de Tiro, Isaías, que também possuía a ***Hokhmah***, e conhecia então o plano dos Golen, pôde "profetizar" com precisão matemática seu próximo fim: ***Gemei,*** navios de Tharsis***; que está devastado vosso porto". "Quem o planejou?". "YHVH Sabaoth o planejou para profanar o orgulho, para rebaixar a glória de todos os Senhores desse país" [Isaías, 23, 1]***. Mas, nos dias de Salomão, a colônia fenícia mais importante, além de Tiro, era Sídon, a cujo porto chegavam e partiam "as frotas de Tharsis". Pois bem: ***"Sídon"*** não é nome fenício mas sim grego — país com o qual os homens púnicos estavam aliados contra os medos ou persas. O que significa esse nome, qual é a sua origem? Pois, nada mais nada menos do que ***"Grande Árvore Romã"***, já que ***Romã***, em grego antigo, se chamava ***Side***, **Σιδη.** Quanto à escolha da palavra Sídon, os gregos a fizeram devido a um culto hebreu que ali se praticava sob os auspícios do Rei Salomão, isto é, o Culto ***à Divina Mãe do Egito,*** *Side****, a Grande Romãzeira Sábia — Rimmon Binah***, em hebraico. *Side* (ou Anquínoe) era esposa do rei egípcio Belo, nos Mitos gregos.

Os Sacerdotes hebreus transportavam, além disso, este Culto da Grande Mãe *Rimmon Binah* às Colônias Fenícias e deram nome, entre outras, à atual cidade andaluza de Granada. Os fenícios, efetivamente, construíram um armazém fortificado à qual chamaram *Rimmon*, em honra ao Culto praticado por seus principais clientes; no entanto, os povos nativos iberos, que eram pelasgos como os etruscos, denominavam o fruto com o termo ***grana***, que tem a mesma raiz que a romano-etrusca ***malum granatum***, quer dizer, "fruto de muitos grãos". Aquela cidadela de comerciantes semitas, *Rimmon*, foi denominada localmente de ***Granata, Granad e Granada***. Na verdade, o local escolhido pelos fenícios para instalar seu armazém era uma

encruzilhada de caminhos ibéricos já ocupada pelos próprios iberos e pelos gregos, como posteriormente o seria pelos túrdulos, os tartésios e os celtas; mas, sendo o objetivo principal o comércio, entende-se que cada povo fortificasse sua particular base urbana e surgissem, assim, várias cidadelas extremamente próximas, de tal sorte que sua posterior unidade constitui a moderna cidade de Granada. Existia, por exemplo, diante de Granada, uma cidade antiquíssima, contemporânea de Tharsis, chamada de ***Vira*** ou ***Virya***, em língua indo-europeia, segundo se pronuncie em sânscrito ou iraniano, e que significa ***Homem Semidivino, Herói, Homem que participa da Divindade, Guerreiro Sábio***, etc. Ambas as cidades, uma povoada por partidários do Pacto de Sangue, quer dizer, *Vira*, e a outra por acérrimos defensores e propagadores do Pacto Cultural, *Granada*, não podiam senão viver em permanente conflito. No entanto, o tempo mostraria que, pelo menos neste caso, o Deus de Granada era mais forte do que o Deus de Vira, e Granada acabou dominando Vira, e as outras Cidades, e absorvendo-as dentro de suas muralhas. Isto foi visto pelos hebreus como um sinal inequívoco de seu destino messiânico e não o esqueceriam nunca.

Não se deve confundir *Vira* com ***Ilíberi, Iliberri, ou Elíberi, a Eliberge*** que mencionava o grego Hecateu, pois eram cidades diferentes. Durante a dominação romana as cidades ainda estavam separadas, e tal situação se manteve inclusive com os visigodos. Os árabes, em compensação pelos favores prestados para sua invasão, concedem aos hebreus o controle da cidade de Granada, ou ***Garnatha***, de acordo com a nova denominação; a partir de então se refeririam a ela como "o Castelo dos Judeus". Mas ainda fazem mais: depois de destruir Iliberri, instalam suas casas de fazenda na Cora de ***Castala, Cazala*** ou ***Gacela***, mais comumente conhecida como ***Casthilla***, outra cidade contígua, e favorecem a expansão econômica de Medinat Garnata, a "Mansão dos Judeus". É o fim de ***El-Vira***, ou ***Elvira***, cujos habitantes devem capitular milhares de anos de resistência, abandonar a colina do mesmo nome, e mudarem-se para Garnatha. O mesmo ocorrerá com Medinat Alhambra e Medinat Casthilla: todas acabarão caindo sob o controle dos "judeus de Granada". No século XIII, quando ocorrem os fatos narrados, só subsiste o Reino árabe de Granada, estando a Cidade composta pelo influente "bairro judeu", situado na primitiva localização do Castelo de Granada, o bairro árabe da Alhambra, o bairro moçárabe de Casthilla, de primitiva raiz galo-romana, e a despovoada Elvira. Por último, acrescentarei que, se os hebreus denominam Granada de "Rimmon", os árabes a conhecem como "Roman", o que explica por que, durante algum tempo, a Cidade se chamou ***Hizn-Ar-Roman***, que significa "Castelo de Romã". Mas, em um idioma ou em outro, comprova-se que o significado do nome não mudou, em milhares de anos.

É à luz daquela atividade missionária dos Sacerdotes hebreus, que viajavam nas "frotas de Tharsis", que se deve observar a fundação do Templo de Rus Baal, ou da Rocha de Baal. Os fenícios consagravam cada cidade a Baal e designavam Este com um Nome particular: assim, o Baal dos sidônios

chamava-se Baal-Sidon, o dos de Tiro, Baal-Tsur, e o dos habitantes de Tharshish, Baal-Tars. Dos três Aspectos principais de Baal, isto é, Baal Chon, o Produtor, Baal Tammuz, o Conservador, e Baal Moloch, o Destruidor, os hebreus aceitavam o último como personificação de ***YHVH Sabaoth***, o Aspecto ***Netsah*** de "***YHVH*** dos Exércitos", que conduz à ***Vitória*** pela destruição dos inimigos do Povo Eleito ou ***Shekhinah***. O Templo de Rus Baal era dedicado, no entanto, ao Culto de Baal Tammuz ou Jeová Adonai. Quando a Casa de Tharsis se encarregou daquele Feudo ibero, já livre dos fenícios, após sangrenta guerra, impediu que se continuasse o Culto de Baal Tammuz-Jeová e dedicou o lugar, em um primeiro momento, ao Culto do Fogo, e em segunda instância cultural, ao Culto do Fogo Frio.

Depois da invasão de Amílcar Barca, e da destruição do Império tartésio, os Golen estabeleceram o Culto a Baal Moloch em Rus Baal, até a reconquista romana. Foram estes, que reconheciam em Baal Moloch e Jeová o Deus Saturno, que denominaram de "Rocha de Saturno" a Rus Baal. Mas Saturno não era outro senão o Deus grego Kronos ou Xronos, que então se encontrava ativo no panteão romano; os Sacerdotes de Saturno, como se verá, só substituíram o Culto de Saturno pelo de sua neta, Proserpina ou Perséfone. É fácil demonstrar, comparando o Mito hebreu com o grego, que Jeová é equivalente a Kronos e, claro, a Tammuz, a Moloch e a Saturno. Para começar, Kronos é filho de Urano, o Céu Supremo, como ***YHVH Elohim*** o é de ***Ehyeh***: e ambos, Kronos e ***YHVH Elohim***, são Deuses do imanente Tempo do Mundo, Xronos ou ***Berechit***. E, o mais importante: ambos são ***inimigos*** dos Ciclopes, quer dizer, dos Atlantes brancos. A respeito, convém recordar o que contam os Mitos gregos sobre Urano, Kronos, Zeus, Deméter e Perséfone, e esclarecer tais lendas por meio da Sabedoria Hiperbórea.

Urano é o Supremo Céu, Pai dos Titãs, das Titânides, dos Ciclopes e dos Hecatônquiros, gerações de Deuses das quais descendem todas as demais divindades gregas e o gênero humano. Equivale a dizer que Urano é outra representação da Origem, da qual vieram ao Universo seu próprio Criador, Jeová Satanás, e os sucessivos Espíritos Hiperbóreos, os primeiros "Deuses", tanto os "Traidores", que encadearam seus Camaradas ao animal-homem, como os "Leais" ou "Libertadores", que buscam sua orientação e Regresso à Origem. Mas um dos filhos de Urano, Kronos-Jeová, ***castra*** seu Pai e declara guerra aos Ciclopes, que impede de habitarem em sua habitual morada e precipita-os no Tártaro Infernal. Isto quer dizer que Kronos-Jeová ***fecha o acesso à Origem***, ponto de procedência e regresso de todos os Espíritos Incriados como Ele mesmo, ***"castrando" o Princípio Gerador dos Deuses***, evitando seu ***nascimento*** Divino. Vê-se envolvido, então, em uma guerra com os Ciclopes. Mas, quem eram os Ciclopes? Pois justamente os Atlantes brancos, os Construtores de Armas da Atlântida: segundo as lendas gregas, os Ciclopes fabricaram o arco e as flechas de Apolo, o Hiperbóreo, e as de sua irmã Ártemis, a Deusa Ursa; anteriormente, durante a guerra de Kronos-Jeová, tinham provido Zeus das Armas do Trovão, do Relâmpago e do Raio; para Poseidon, Rei da Atlântida, a Arma do Tridente;

e para Hades, ou Vides, o famoso Capacete da Invisibilidade. Depois da Batalha da Atlântida, e do Cataclismo que submergiu seu Continente, os Atlantes brancos tiveram que ir para as terras infernais, onde só habitava o animal-homem, e as Raças híbridas mais degradadas da Terra: é então que a lenda representa os Ciclopes, Construtores Divinos, vagando pelas regiões infernais. E durante seu trânsito por aquelas terras de loucura, já o vimos, iam sendo perseguidos de perto pelos Atlantes morenos, os sequazes de Kronos-Jeová.

Mas Kronos, apesar de todos os seus esforços, não pode impedir que ***nasça*** Zeus, outro Filho da Origem. A imagem de Zeus foi atrozmente degradada pelos Sacerdotes do Pacto Cultural, mas, retornando-se às versões mais antigas do Mito, é possível reconhecer n'Ele Kristos Lúcifer, o Senhor de Vênus, que desceu à Atlântida para ***trazer o Graal*** que possibilitaria a orientação e libertação do Espírito encadeado à Matéria, ***o despertar do Espírito do Homem***. Por isso, Zeus é aliado natural dos Ciclopes, os quais o proveem das armas com as quais vence Kronos-Jeová e assegura seu poder na região olímpica da Terra, quer dizer, em K'Taagar, onde se inicia o Caminho para Vênus. Zeus-Lúcifer luta contra Kronos-Jeová, em companhia de Poseidon e de Hades, e com o apoio técnico dos Ciclopes. Uma vez vencedores, em uma primitiva versão da Batalha da Atlântida, os Deuses se instalam em determinadas partes do Universo: Zeus-Lúcifer vai para o Olimpo, quer dizer, para K'Taagar, mas, através de sua Porta, seu verdadeiro domicílio se constitui "no Céu", quer dizer, em Vênus; Poseidon na Atlântida, como Rei, e também como Deus do Mar; e Hades vai igualmente a K'Taagar, mas sem regressar a Vênus, como o fizera Zeus-Lúcifer, mas permanecendo como Senhor da Morada terrestre dos Deuses Libertadores do Espírito do Homem, um lugar que os Sacerdotes do Pacto Cultural, conforme expus no Décimo Dia, identificariam como o Tártaro infernal: Hades é, pois, Vides, o Senhor de K'Taagar.

Com Deméter, uma ***Filha*** da Origem, Zeus procria Perséfone, quer dizer, Prosérpina, a Deusa que os Sacerdotes romanos de Saturno-Kronos-Jeová evocaram em Rus Baal, para seu Culto, e à qual dedicaram o Templo Cartaginês de Baal Moloch-Jeová. Essa era uma Deusa Cruel, que vivia no Tártaro infernal, junto a Hades e coincidia perfeitamente com aquela remota região da Tartéside, célebre pelas antigas lendas que a mostravam como a residência da Medusa. Deméter era a Deusa do Trigo, que entregou aos homens, pela primeira vez, aquele cereal, e vivia junto a Zeus no Olimpo. Não teve outros filhos além de Perséfone, que foi raptada por Hades e conduzida ao Tártaro, a uma Mansão que requeria atravessar o País dos Mortos para chegar até ela. Conta o Mito grego que, então, entristecida por sua ausência, Deméter abandona o Olimpo e desce à Terra para buscá-la, porque ignorava seu paradeiro infernal. Inteira-se assim de que Zeus foi cúmplice de Hades no Rapto. Durante ***nove noites*** Deméter busca, em vão, por Perséfone, portando uma tocha em cada mão; finalmente, guiada por Hécate, a Deusa da Feitiçaria, a quem encontra ***na encruzilhada de***

alguns caminhos, verifica que Perséfone acha-se no País dos Mortos. Desce até lá sozinha, para comprovar que o regresso definitivo de sua filha é impossível: Perséfone ***comeu*** um grão de romã e já não pode regressar ao mundo dos vivos, pois ***todo aquele que prova um alimento no País dos Mortos fica prisioneiro ali, para sempre: nos Infernos é preciso fazer jejum para evitar a Morte***. Finalmente, Deméter regressa ao Olimpo com Perséfone, que, não obstante, deve voltar periodicamente ao Inferno para ***realizar a Morte***. O Mito de Perséfone fazia parte dos Mistérios de Elêusis, onde era explicado esotericamente aos Iniciados. Os atributos de Deméter, por outro lado, eram a ***Espiga de Trigo*** e o ***Grou***.

Até aqui o Mito grego; mas o que se oculta por trás da lenda de Deméter e Perséfone ou Proserpina? Já expliquei que Hades é o nome degradado de Vides, o Senhor de K'Taagar, o qual a conspiração do Pacto Cultural equiparou a um Deus que é Senhor do Inferno ou Tártaro. Do mesmo modo, os Sacerdotes jogaram ali Perséfone, uma antiquíssima Deusa Atlante branca. A quem me refiro? Exatamente a Freya, a Esposa de Navutan. A fim de descobrir os verdadeiros fatos por trás da história de Perséfone e interpretar o motivo da calúnia, há que se ter em mente que, para os Atlantes Brancos, como para todo membro da Raça Hiperbórea, a "Esposa" é também a "Irmã", identidade que vai mais longe do que uma simples associação simbólica, e remete ao Mistério do Par Original dos Espíritos Incriados. Freya, além de Esposa, é assim, "Irmã" de Navutan e, portanto, ***Filha, como este, de Ama***, a Virgem de Agartha ou de K'Taagar, a quem os Sacerdotes gregos do Pacto Cultural igualavam a Deméter, ***a Deusa que entregou aos homens, pela primeira vez, a Planta do Trigo, a Portadora da Semente***. Daí que não se mencione nunca ***um Filho*** de Deméter, que teria concebido sendo Virgem em Vênus, vale a pena dizer, no Olimpo, como já relatei no Dia Décimo Segundo. Seu Filho espiritual, Navutan, se autocrucificou na Árvore do Terror, a Romãzeira da Vida, para descobrir o Segredo da Morte, e seria sua Esposa Freya que o ressuscitaria, ao lhe revelar, com sua dança, o Segredo da Vida e da Morte. É por isso que as lendas só mencionam Freya-Perséfone, cuja recordação estava muito arraigada nos povos do Pacto de Sangue, e jogam o manto de um Tabu sobre a Façanha de Navutan: os Atlantes morenos e os Sacerdotes do Pacto Cultural desejavam ocultar por todos os meios o posterior legado que o ressurrecto Grande Chefe Branco dera aos homens, quer dizer, ***o Mistério do Labirinto***.

Foi Navutan, efetivamente, o verdadeiro inspirador do Mistério do Labirinto, em cujo trajeto se administrava ao Iniciado Hiperbóreo um signo chamado de ***Tirodinguiburr***, formado com Vrunas Incriadas. Tal signo permitia ao Espírito encadeado despertar e orientar-se para a Origem, encontrando a saída do ***Labirinto da Ilusão*** no qual se achava extraviado. No entanto, como no caso da Façanha de Navutan, a saída nunca poderá se encontrar se o Herói não conta com o concurso de seu Par Original: de outro modo pode morrer, espiritualmente, ao cabo de nove noites, pendurado na

Árvore do Terror. É assim que a farsa cultural dos Sacerdotes queira que Ama-Deméter busque Freya-Perséfone durante ***nove noites***. Quem a guia, finalmente, é Hécate, com a qual se encontra em uma ***encruzilhada*** de caminhos, quer dizer, no interior de um Labirinto: Hécate é, pois, uma representação ***geral*** do que seria ***individualmente*** Freya para Navutan: o Par Original. Para os gregos antigos, em todas as encruzilhadas de caminhos encontrava-se Hécate, pronta para orientar o viajante perdido para seu melhor destino, símbolo que, como se vê, vinha de muito longe. No entanto, esta Maravilhosa Deusa, para quem se faziam estátuas tricéfalas que indicavam a tríplice natureza do homem branco, Corpo físico, Alma, e Espírito Incriado, acabou se convertendo, finalmente, na Deusa da Feitiçaria e Bruxa, consequência, claro, do Pacto Cultural.

Naturalmente, o "rapto" de Freya-Perséfone é um rapto espiritual, realizado por Ela mesma, para ressuscitar seu Esposo, vale a pena dizer, é o impulso de um êxtase sagrado. Zeus-Lúcifer, presumivelmente o Pai do próprio Navutan, e Hades-Vides, o Senhor de K'Taagar, são os "Sábios de Hiperbórea", aos quais Ela consulta sobre o modo de salvar Navutan. E o conselho que recebe d'Eles é o que a faz se decidir por descer ao Inferno da Ilusão, ao País dos "espiritualmente" Mortos, quer dizer, à Terra, ao Mundo dos Homens Adormecidos. E, é sabido que quem se "alimenta" da Ilusão, quem deixa entrar dentro de Si Mesmo o Grande Engano do Uno, fica encadeado para sempre na Matéria, já não pode regressar à Origem, extravia-se no Labirinto Encantado da Vida Quente. No entanto, Freya não tinha provado do Fruto Proibido, era livre para regressar, se o desejasse, à Origem, portadora do Segredo da Morte: foi sua decisão ressuscitar Navutan, revelando-lhe, mediante a dança, o conhecimento da Chave Kâlachakra. Mas, para isso, ***teve que acreditar na Morte, teve que comer*** um grão de Romã ***e transformar-se em Perdiz, teve que transcender a Máscara da Morte e chegar até o fundo de Si Mesmo de Navutan***. E Navutan, ao ver a Morte de Frente, despertou e compreendeu a Morte, ressuscitando depois e descobrindo para os Homens Adormecidos o Segredo do Labirinto. Mas, neste legado, Navutan comprometeu sua Divina Esposa, que concordou em permanecer periodicamente no Tártaro infernal, quer dizer, no Mundo dos Homens Adormecidos e mostrar-se diante deles com a Imagem da Morte: para que eles a transcendam no Mistério do Fogo Frio e ressuscitem também, como Homens de Pedra, como Iniciados Hiperbóreos, como Guerreiros Sábios.

Um pálido reflexo desta parte da história se conserva na lenda da Jovem Perdix, "Irmã", e portanto Esposa, de Dédalo, o "inventor" do Labirinto, ou seja, de Navutan: quando Perdix caía em um Abismo, a Deusa da Sabedoria, Atena, apiedou-se d'Ela e a transformou em Perdiz, de onde surgiu a crença grega de que a dança da perdiz resolvia o enigma do Labirinto, e que deu lugar a um Colégio de Sacerdotisas empenhadas em reproduzir este bailado.

Já expliquei que Kronos-Saturno-Jeová ***"fecha o acesso à Origem, ponto de procedência e regresso de todos os Espíritos Incriados"***, quer

dizer, ***corta o Caminho para a Saída do Labirinto***. No Mito cretense, o inventor do Mistério do Labirinto é Dédalo-Navutan, e quem corta a passagem para a Saída é o Minotauro, um ser metade homem, metade touro. Mas o Deus que também tinha pés de touro era Dionísio, defeito que o obrigava a calçar botas ou coturnos; e Dionísio, o Deus do Vinho, era classicamente assimilado a Jeová pelos hebreus antigos, que viam em ambos o Deus da Cevada. Fecha-se, assim, um círculo traçado pelos Sacerdotes do Pacto Cultural, no qual se unem, em diferentes épocas e lugares, as representações de Kronos, Saturno, Jeová, Dionísio Sebáceo e o Minotauro, ou Guardião da Saída.

Por último, direi que, já nos tempos do Profeta Amós, século VIII A.J.C., a identidade de Jeová e Saturno estava estabelecida e aceitada pelos Sacerdotes: ***"Vós levastes ao Santuário a Sacut, Saturno, o ídolo de Vosso Deus; mas Eu Vos deportarei além de Damasco – diz YHVH, cujo nome é Adonai Sabaoth" [Amós, 5, 26]***. Mas a situação não mudou depois do Cativeiro, uma vez que, na época do Profeta Ezequiel, século VI A.J.C., adorava-se indistintamente Jeová ou Tammuz Adonis, quer dizer, Adonai: ***"Logo me levou à entrada da porta do Templo de YHVH que dá para o norte, e vi que havia ali algumas mulheres sentadas chorando a morte de Adonis (Rimmon) Tammuz" [Ezequiel, VIII, 14]***.

Vigésimo Nono Dia

Para compreender agora o porquê do Culto a Proserpina em Rus Baal, há que se adiantar bastante no tempo histórico, e chegar até uma época na qual os Sacerdotes do Pacto Cultural tinham conseguido confundir profundamente as características individuais de Deméter-Ama e de Perséfone-Freya, às quais se nomeava simplesmente como "as Deusas". O objetivo dos Sacerdotes era substituir as Deusas Hiperbóreas Atlantes pela imagem da Grande Mãe *Binah*, um dos Aspectos de ***YHVH***, o Criador Uno. Eis aqui onde se deve situar a origem do Mito de Adonis, Nome grego de Adonai, o Senhor ***YHVH***. Segundo o Mito grego, a mãe foi Mirra, à qual os Deuses converteram em Árvore, quando estava grávida de Adonis; Mirra, o mesmo vegetal que um dos Reis Magos do oriente, enviados da Fraternidade Branca, oferece ao menino Jesus. Aos dez meses, a Árvore de Mirra dá a Luz e nasce Adonis, um menino que representa a beleza, o que não é mais do que um modo simbólico de dizer que ***Tiphereth***, a Beleza no Coração de ***YHVH***, um de seus Dez Aspectos, nasce da Árvore Romãzeira. O Mito continua, afirmando que Afrodite, a Deusa do Fogo do Amor, quer dizer, o Arquétipo do Fogo Quente no Coração, enamora-se do menino e o confia, para seus cuidados, ***a Perséfone-Proserpina***. Já temos em mente, pois, a Grande Mãe *Binah*, o Aspecto "Inteligência" de ***YHVH***. As duas Deusas, Afrodite e Perséfone, acabam rivalizando em conquistar o amor de Adonis-Adonai, o que significa que no animal-homem e o homem comum, imagem de Adão, é normal que entrem em conflito o Fogo Quente no

Coração, Tiphereth, e a Inteligência que infunde *Binah* no Cérebro. Esta ambivalência se vê na irresolução do Mito: Adonis-Adonai deve se contentar em permanecer alternativamente com cada uma das Deusas, ainda que a preponderância que os Sacerdotes concedem ao Coração, como assento da Alma, quis que o Belo Deus "passasse mais tempo com Afrodite do que com Perséfone". Ao coração está ligado o símbolo da rosa, e é assim que a morte de Adonis-Adonai traz ao mundo as rosas vermelhas, nascidas das gotas de sangue de sua ferida; é Ártemis, a Deusa Ursa, que causa que um javali fira mortalmente o Deus. A oposição entre o Javali, uma das manifestações de Vishnu, e a Ursa, é um tema clássico da Sabedoria Hiperbórea. Só direi aqui que o Javali está relacionado ao Mistério dos Golen, como se viu durante o assassinato das Vrayas de Tharsis, e que o Mito indica alegoricamente ***um Grau*** alcançado por Eles, um nível hierárquico que lhes permitirá levar avante o estandarte de Israel, quando o próprio Povo Eleito se veja impossibilitado de fazê-lo, quando Adonis-Adonai sangre momentaneamente no Pardes Rimmonim para criar as rosas que florescerão durante a Sinarquia Universal.

Na Frígia, os Golen oficiaram como Sacerdotes de Cibele e adotaram a prática da Sodomia ritual, vício que ainda subsiste nos graus altos da Maçonaria por Eles criada. O Mito frígio de Adonis-Adonai era o de Átis, em cujo Culto os Golen desenvolveriam um papel protagonista fundamental. Ali a Grande Mãe *Binah* se chamava Cibele, Deusa que propiciava escandalosas orgias e exigia que seus "Sacerdotes do Cão" fossem eunucos: no curso do Culto era comum que, levados pelo frenesi orgiástico, muitos participantes se castrassem voluntariamente, como o Arquétipo Átis, passando a integrar, depois, se sobreviviam à mutilação, a corte de sodomitas que adoravam e serviam à Deusa.

De acordo com a lenda frígia, Cibele era adorada como Pedra de Fogo; desejoso de copular com Ela, Zeus-Hokhmah deposita sobre a Pedra seu sêmen, ato que deixa a Deusa grávida. Nasce assim Agdistis, um ser hermafrodita a quem Dionísio-Jeová embriaga e castra, com o objetivo de individualizar seu sexo. Da ferida de Agdistis brota abundante sangue, que se transforma na ***Romãzeira***, razão pela qual se chamava Átis, bem como Adonis, de Rimmon, Romãzeira. No entanto, o falo mutilado de Agdistis, jogado na Terra, transforma-se, por sua vez, na ***Amendoeira***, um membro da família das rosas. Uma romã, fruto da Romãzeira de Agdistis, deixa grávida Nana, filha do Deus Rio Sangário. Dessa gravidez nasce Átis, um Belo Deus, semelhante a Adonis; e como por Adonis, por Átis também lutarão a Grande Mãe *Binah* e a Deusa do Fogo Quente no Coração, Tiphereth: Agdistis, agora transformado em mulher, enamora-se de Átis, da mesma forma que Cibele, com quem deve disputar os favores do Belo Deus. Evidentemente, Átis é um Adonis frígio, um representante da Beleza de ***YHVH*** no Coração, pretendido ao mesmo tempo pela Grande Mãe Bina-Cibele e por Tiphereth-Agdistis-Afrodite.

Mas o Mito frígio contém mais detalhes. Átis, enlouquecido por Agdistis, castra-se e morre: a raiz da mutilação, durante o Culto de Cibele. A Deusa o

sepulta e planta sobre a sua tumba uma Amendoeira. Átis foi, pois, um eunuco e um sodomita, designado pelos símbolos da Romã e da Amêndoa, o que prova claramente que a origem do Mito é hebraica. Recorde, Dr. Siegnagel, por outro lado, que os ***Jacobinos*** que produziram a Revolução Francesa, cujos Chefes eram judeus e Golen, se identificavam com o ***gorro frígio***, quer dizer, com o gorro dos ***Sacerdotes da Frígia***, o qual tem forma de ***prepúcio cortado*** para indicar o caráter sodomita dos Sacerdotes da Grande Mãe Cibele-*Binah*, a "Deusa Razão" dos enciclopedistas.

Não deve surpreender, a esta altura, que foi Dionísio Sebácio, um Deus da Cevada como Jeová, que tenha castrado Agdistis depois de embriagá-lo com vinho de cevada. Jeová havia santificado o Sábado, o dia que em todo o Mediterrâneo se dedicava ao Culto de Saturno e ao qual estava dedicada a Romãzeira. Saul, ***o primeiro Rei de Israel***, consagrou o Reino, Malkhouth, à Romãzeira, que representava ***YHVH***. Dionísio, aquele de pés de touro e coturnos, era um Deus coxo, da mesma forma que o Minotauro, bem como coxeante era a Dança do Labirinto que bailavam, e ainda bailam, as perdizes macho. Esta Dança era executada pelos Sacerdotes hebreus de Baal Tammuz Adonis nos tempos de Elias, século IX A.J.C.: ***"Os Sacerdotes pegaram o bezerro que lhes foi trazido e, depois de prepará-lo, estiveram invocando o Nome de Baal Tammuz Adonis, desde a manhã até o meio-dia, dizendo: Baal, responde-nos! Mas não houve nem Voz nem Resposta. Entretanto,*** Eles dançavam coxeando ***junto ao Altar que tinham feito" [Reis, 18, 26]***. A palavra hebraica ***Pesach***, que designa a Páscoa, significa justamente "bailado coxeante", devido a que aquela festa era a mesma que a de Baal Adonis, o Deus Rimmon que foi morto por um Javali: esta identidade é a origem da proibição hebraica de comer carne de porco no sábado. Além disso, a tradição levítica decretava que o cordeiro pascal, a vítima do holocausto da Páscoa, fosse servida sobre uma travessa de madeira de Romãzeira.

A romã era a única fruta que se podia levar ao Sancta Sanctorum e o Supremo Sacerdote, ao fazer a entrada anual no Templo, levava costuradas em seu éfode pequenas borlas com forma de romã. O rolo da Torá era envolvido sobre um pau chamado de ***Es Chajim***, quer dizer, ***Árvore da Vida***, o qual era arrematado em cada extremo por duas romãs talhadas. E o candelabro ***óctuplo***, Chanukah, possui uma romã coroando cada braço, nos quais brilha Yod, o Olho de ***YHVH***. O candelabro ***sétuplo***, por seu lado, Menorah, tem sete cálices de ***Flor de Amendoeira***, que recordam a instituição do Sacerdócio de Aarão, quando floresceu a ***vara de Amendoeira*** que lhe dera Moisés: ***"E aconteceu que, quando no dia seguinte, Moisés entrou na tenda do testemunho, a vara de Aarão, da Casa de Levi***, tinha soltado brotos e flores, e produzido amêndoas***" [Números, 17, 23]***. Para perpetuar a recordação deste milagre, diz ***YHVH: "Farás um candelabro de ouro puro, tanto em sua base como em seu talo. Seus cálices, seus brotos e suas flores formarão corpo com ele. Seis braços sairão de seus lados, três braços de um lado do candelabro e três braços do outro***. Três

cálices em forma de Flor de Amendoeira ***terá o primeiro braço, com seus brotos e suas flores; da mesma forma o segundo; etc." [Êxodo, 25, 31]***. E, segundo a visão do Profeta Zacarias, ***"Estas sete lâmpadas são os Olhos de YHVH, que percorrem toda a Terra" [Zacarias, 4, 10]***, quer dizer, uma representação da Shekhinah.

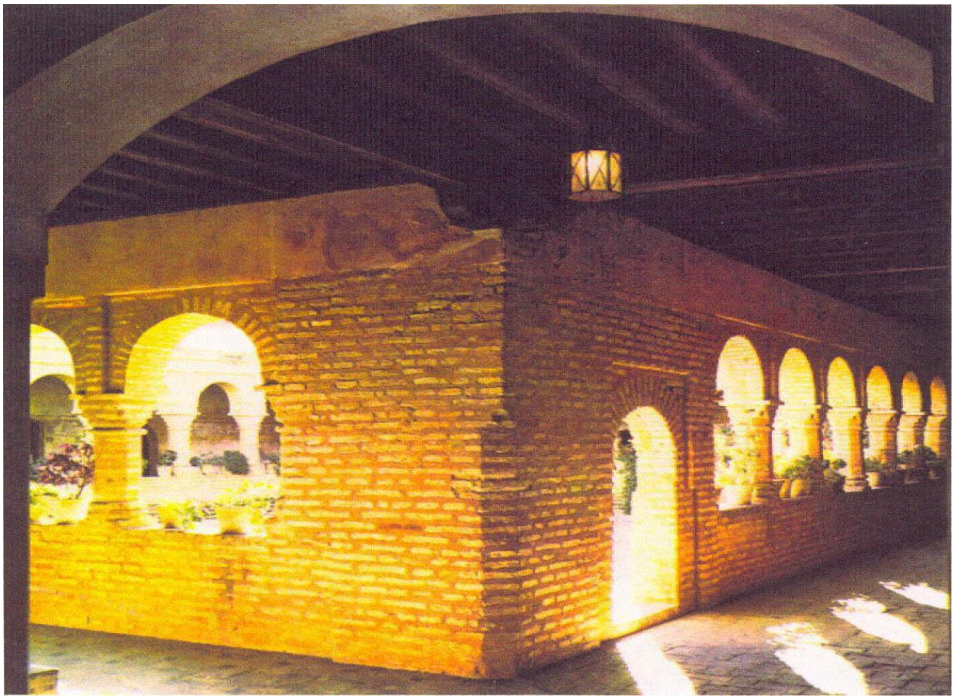
Os Cultos de Rus Baal, o antiquíssimo de Baal Tammuz Adonis, praticado pelos Sacerdotes hebreus, e o de Baal Moloch, oficiado pelos Golen, foram interpretados pelos romanos como formas de adoração a Kronos-Saturno, um Deus equivalente a Jeová-Adonai ou Rimmon-Átis-Adonis-Dionísio. Desde o século III A.J.C., os Sacerdotes do Pacto Cultural, que proliferavam em Roma, dedicam Rus Baal ao Culto de Proserpina ou Perséfone, a amante infernal de Adonis; na mesma época, e a pouca distância, os Senhores de Tharsis se consagram ao Culto de Vesta, a Deusa do Fogo do Lar, por trás da qual ocultam sua concepção do Culto do Fogo Frio. Os dois Cultos opostos, o do Fogo Frio de Vesta de Tharsis, e o do Fogo Quente de Proserpina de Palos, se desenvolvem simultaneamente, sem que nenhum tente superar o outro. E vale a pena repetir que aquela versão de Proserpina equivalia a uma Perséfone tardia, mais próxima da Grande Mãe Cibele-*Binah* do que da Perséfone antiga, ou Freya, a Esposa de Navutan.

No século II D.J.C., sempre furtivamente, chegam Bera e Birsa a Huelva; mas desta vez não atacam a Casa de Tharsis, mas se dirigem a Rus Baal, ***"para supervisionar o Culto de Proserpina por ordem de Melquisedeque", um Supremo Sacerdote da Fraternidade Branca***. Depois da partida dos Imortais, o Templo da região de Palos começa a ganhar fama, pelos milagres que protagonizava a Deusa, o principal dos quais consiste ***na cura da hidrofobia***: de todas as regiões da península, e mesmo de além-mar, chegavam, então, os mordidos ou infectados pelas mordidas de cães, para recuperar a saúde perdida. Agora é que, quando ouviram Birsa dizer ***"contra os cães, a ilusão da raiva"***, os quatro Sacerdotes compreenderam que aqueles milagres antigos estavam relacionados aos poderes de Bera e Birsa.

Um século depois, no ano 159, o missionário Ciríaco torna o Culto de Rus Baal cristão, pelo simples procedimento de identificar Proserpina com a Virgem Maria, chamada, desde então, de "Nossa Senhora de la Rábida", uma vez que a Deusa continuou curando a hidrofobia. Mas então, como Maria, "Mãe de Deus", Proserpina-Perséfone era já uma imagem acabada da Grande Mãe hebreia *Binah*. O nome "de la Rábida" foi, pois, quinhentos anos anterior à denominação, ***Rapta ou Rápita***, com que os árabes assinalavam a ermida construída em Rus Baal, sobre as bases da antiga Capela de Nossa Senhora de la Rábida. Produzida a Reconquista, a ermida passou, a princípio, para as mãos dos monges solitários de São Francisco, que construíram o Convento com suas dimensões atuais, mas logo foi concedido pelo Papa aos Templários, que o ocuparam até a dissolução de sua Ordem. O Bispo São Macário, para celebrar a libertação do Convento, fez doação ao soldado Constantino Daniel

de uma escultura que a tradição atribuía ao Apóstolo São Lucas e que representava a Virgem Maria.

No momento que estou evocando, quando os Imortais Bera e Birsa se achavam reunidos com os quatro Sacerdotes no Castelo de Aracena, aquela escultura ainda não estava no Convento de la Rábida, em Rus Baal, diante da região de Palos.



Convento de La Rábida

Trigésimo Dia

Os quatro Sacerdotes de Jeová Satanás refletiam sobre o Anúncio dos Imortais: logo ocorreria a décima segunda manifestação da Shekhinah, muito perto dali, em Rus Baal; e Eles seriam protagonistas daquele extraordinário prodígio: só outro Sacerdote de Israel poderia compreender o êxtase que sentiam os quatro, ante semelhante possibilidade! Porque só a Alma de um judeu é capaz de compreender a Shekhinah! O mais emocionado era o Grão-Mestre do Templo: — "Ó, que grande honra, pensava, comovido, que à minha Ordem se haja confiado a custódia de tão sagrado lugar! O próprio Deus descerá agora, no meio dos nossos!". E,

assim, do mesmo modo, cada um dava rédeas soltas às suas fantasias rabínicas e Golen.

— Efetivamente, Sacerdotes! — aprovou Birsa, adivinhando o pensamento dos presentes — vós contribuireis como ninguém para executar os Planos de Deus! Milhares de monges Golen e de Doutores hebreus trabalham para instaurar a Sinarquia Universal: todos eles gozam do favor de Elohim e serão recompensados magnificamente! Mas só vós quatro conheceis hoje o Anúncio da Shekhinah; e só a Vós, e àqueles que vós chameis para colaborar, ***YHVH*** Sabaoth considerará responsáveis pelo Holocausto de Água que Quiblon lhe oferecerá em seu momento! Alegrai-vos, pois, Sacerdotes, porque o Tríplice Holocausto de Quiblon, um dos mais sangrentos da História, vos será atribuído ***se cumpris com a Missão que vos encomendaremos!*** Dela depende que se realize o desígnio de ***YHVH***; sobre ela repousa, Sacerdotes, um dos pilares da História!

— Agora que o Mal foi extirpado em Huelva — prosseguiu Bera — agora que o Sangue de Tharsis tornou-se lixívia, ***encarregar-vos-emos de uma Missão muito simples, a qual é a de*** afirmar o Bem sobre a Terra! ***E o Bem é YHVH!*** E ***YHVH*** só pode descer na Terra Santa! Cabe-vos, Sacerdotes de ***YHVH***, ***purificar a Terra*** — o olhar de Bera era interrogador.

— Sim — exclamaram Nasi e Benjamin em uníssono. ***Purificar a Terra é tarefa de Sacerdotes! Santificá-la é faculdade de YHVH***!

— De acordo, Sacerdotes: nós, os Representantes de Melquisedeque, vos ordenamos: ***purificai esta terra de Huelva, apagai todo vestígio do Mistério do Fogo Frio, limpai a Mancha do Culto à Virgem da Gruta! Sobretudo: Eliminai a recordação desta tenebrosa Divindade! Pois não haverá paz, nem na Terra nem no Céu, e Rus Baal não será Terra Santa, enquanto perdure a Presença perturbadora da Virgem de Agartha, portando sua Semente Maldita***.

— Naturalmente — disse Bera — que uma ***expiação*** semelhante só será efetiva ***se se substitui um Culto por outro***. Em consequência, vos ordenamos, também, implantar em todos os lugares necessários ***o Novo Culto da Virgem dos Milagres: Ela iluminará com Seu Fogo Quente as Trevas que derramou a Intrusa! Quando os Gentios lhe entreguem seu Coração sem reservas, a Intrusa será esquecida, apagar-se-á a lembrança de sua abominação, e a Terra ficará purificada: então, e só então, descerá a Shekhinah em Rus Baal***!

— Mas esse Culto já existe! — interrompeu o Grão-Mestre do Templo — justamente em *la Rábida* se adora a Virgem dos Milagres, a antiga Proserpina de Palos, Senhora da Raiva!

— Equivocai-vos, Sacerdote! — assegurou Bera, sorrindo horrivelmente. Estou me referindo a um Novo Culto ***que substituirá também ao que vós mencionais: o Culto à Grande Mãe Binah, a que atribuireis como Virgem dos Milagres, para evitar que os Gentios suspeitem da substituição, mas que receberá vários Nomes Sagrados, só conhecidos***

pelos Sacerdotes Iniciados, Golen e Rabinos. Estou me referindo, pois, à:

Virgem da Miligrana,
ou à ***Virgem da Fita***,
ou à ***Virgem do Barco***,
ou à ***Virgem do Menino de Barro***,
ou à ***Virgem do Fogo Quente***.

— Buscai, Sacerdotes, buscai já o monge escultor que fizestes vir da França!

O Abade de Claraval saiu apressado da Biblioteca, e um instante depois entrava, seguido do humilde monge Cisterciense, que trazia em suas mãos um rolo de pergaminho e um pedaço de carvão. O monge se deteve diante de Bera, seguido do Abade, e contemplou aterrorizado o rosto diabólico do Imortal.

— Escutai bem, miserável — cutucou-o Bera, com os olhos chamejantes de ódio. Vou fazer-vos uma advertência: sobre o que vereis neste lugar não falareis jamais a ninguém. Cumprireis vosso trabalho e depois vos enclausurareis pelo resto da vida em um Monastério de claustro. E nem se vos ocorra desobedecer ao nosso mandado, pois a Terra será pequena para ocultar vossa traição! Não obstante, não confiamos em vós e sereis vigiado dia e noite, a partir de agora. Mas deveis saber, criatura mortal, que nem a Morte vos poderá livrar de Nós, pois aos mesmíssimos infernos iremos para vos castigar! Haveis compreendido os riscos que correis?

O pobre monge tinha se jogado ao solo, aos pés de Bera, e tremia como um cão assustado. – "Nã...o ou...saria trair-vos" – balbuciava, sem levantar o olhar dos pés de Bera, sem se atrever a ver novamente a ameaça mortal de seus olhos.

— Mais vale que digais a verdade — disse com ironia aquele Rei da Mentira, que era Bera.

— Levantai-vos, cão! — ordenou duramente — e observai a página deste livro aberto. O que vedes nela?

Os quatro sacerdotes olharam-se entre si, espantados de que os Imortais mostrassem ao monge escultor, que não era nem Teólogo nem Cabalista, e muito menos Iniciado, um desenho secreto do Sepher Icheh.

Tratando de se acalmar, o escultor apoiou-se com suas duas mãos na borda da mesa de rampa e observou a folha indicada. O que viu logo o fez esquecer os amargos minutos anteriores e, ele repetiria para si mesmo por toda a vida, o recompensou pelos sofrimentos padecidos até então. Pela primeira vez, sentiu-se livre de culpas, sem pecado, perdoado por uma Piedade que vinha de dentro da Alma, como se a Alma participasse de um Jubileu Divino: e quem inspirava essa sensação de liberdade anímica, essa segurança de ser aprovado por Deus e amado por Cristo, era a Mais Bela e Majestosa imagem da Mãe de Deus, que o monge jamais vira; porque, claro,

aquela Senhora ***estava viva***; enquanto segurava o menino em seus braços, a Mãe o olhou fugazmente, e foi nesse instante que ele se sentiu perdoado, em paz, como se Ela lhe tivesse dito:

— Anda, filho de Deus, que eu intercederei para que o Rigor de Sua Lei não seja obstinado contigo. Cumpre tua missão e retrata-me como me vês, na Plenitude de Minha Santidade, para que os homens vejam também o Milagre que tu vês; cumpre com todo teu talento e o Grande Rosto de Deus te sorrirá!

— Ês tão Bela! — gritou o escultor, completamente alucinado — só umas mãos guiadas pela Graça de Deus, e uma pedra abençoada pelo Altíssimo, poderiam realizar a Obra que me é pedida. Mas Eu colocarei minhas mãos a Serviço de Deus, e Vós, que sois poderosos, me provereis da melhor pedra de alabastro do Mundo!

E desenrolando o pergaminho junto ao livro, pôs-se a desenhar febrilmente o retrato de uma Virgem com o Menino com novas características. Os quatro Sacerdotes o olhavam surpreendidos, pois era evidente que sua visão não provinha do livro Sepher Icheh, pelo menos da folha que estava à vista, mas de outra realidade, de um Mundo Celeste que havia se aberto ante seus olhos e lhe tinha revelado a Senhora de sua inspiração.

Com inusitada paciência, os Imortais aguardaram uma longa hora, até que o monge pareceu retornar à realidade: sobre a mesa, achava-se completa a síntese gráfica da visão sobrenatural.

— Eminências, agora compreendo Vossas reservas — disse o entalhador, ainda emocionado — Vós, indubitavelmente com a autorização do Senhor, me haveis permitido entrar no Céu e contemplar a Mãe Santíssima. Tendes certeza de que, ainda que sempre o recorde, e fique minha Obra como testemunho desta visão, jamais sairá de minha boca a origem da mesma. Como o haveis avisado no começo, respondo-vos a isso com minha vida! No entanto — aqui entrecerrou os olhos e refletiu em voz alta, para si mesmo — o que é a Morte, perante a possibilidade ainda mais aterrorizante de perder o favor da Mãe de Deus, de falhar com Ela? Cumprirei! — disse agora gritando — Ó, sim. Cumprirei. Por Ela cumprirei!

— Acreditais ser capaz de esculpir a estátua que necessitamos? — interrogou Birsa, sem muitas contemplações pelo estado místico do monge escultor.

— Ó, sim! Colocarei toda minha Arte, e a Inspiração Divina que agora me embarga, para dar o acabamento mais perfeito a esta imagem! — e mostrava os desenhos esboçados a carvão sobre o fino couro do pergaminho.

Neles se expunha uma Mãe Sublime, dotada de um belo rosto de traços israelitas e vestimenta de igual nacionalidade, a cabeça coberta com uma mantilha longa, até abaixo da cintura, e segurando o Menino com a mão esquerda, enquanto com a direita portava ***um cetro coroado com Romã***. O corpo da Mãe dava a impressão de estar levemente inclinado para a esquerda, talvez para deixar que o Menino Divino ocupasse o centro da cena.

O Menino, por seu lado, olhava para a frente e abençoava o observador com um gesto da mão direita, enquanto a esquerda segurava uma ***sphaera orbis terrae***. Ambos, a Mãe e o Menino, estavam coroados: a Mãe usava Coroa de Rainha, que o escultor anotava, devia se constituir de ouro puro; e o Menino tinha sobre um aro de prata em halo, ***três flores de amendoeira*** separadas proporcionalmente: da sexta pétala de cada flor brotavam nove raios, símbolo dos Nove Poderes do Messiah. Aos pés da Virgem, diversos símbolos, como caracóis e peixes, indicavam a natureza marinha da dedicação: Ela própria ***achava-se pairando sobre as ondas***.

— Até certo ponto confiaremos em vós, ainda que, do mesmo modo, sereis vigiado — ameaçou Birsa, após examinar o rascunho.

— Agrada-nos o que haveis visto e o que pensais fazer. Sois afortunado, Servo de Deus! Agora, retirai-vos para vossa cela, que muito tendes para orar e meditar.

Momentos depois, estavam novamente os seis reunidos em frente ao Sepher Icheh.

— O que é que o monge viu, Ó, Imortais? Certamente não foi esta figura da página *lamed* — perguntou o Abade de Claraval.

— Decerto que não — respondeu Birsa — Bera fez o escultor comer um grão deste fruto — e mostrou a romã *Binah*.

— De fato — confirmou Bera — permitimos ao monge ver o Sétimo Céu, o Palácio onde mora o Messiah, nos amorosos braços de sua Mãe Binah. E ele viu a Mãe e o Messiah, o Par Divino dos Aspectos de ***YHVH*** que regem o Sétimo Céu: a Mãe *Binah*, derramando a Inteligência criadora de ***YHVH Elohim*** com o Fogo Quente de Seu Amor; e o sopro de ***YHVH*** que é a Alma do Messiah, o Menino cuja Forma é a de ***Metatron***, cuja cavalgadura é ***Araboth***, as nuvens, cuja ronda se realiza sobre as águas de ***Avir***, o Éter, e cuja Manifestação é a ***Shekhinah***, a Descida de ***YHVH*** no Reino. Fizemos isto porque necessitamos que se represente essa visão sobre uma Primeira Pedra, e se exiba em *la Rábida*, em substituição à estátua do Bispo Macário, que os Templários custodiam. A escultura se realizará em segredo e, quando estiver pronta, vós a substituireis com a maior discrição. Afirmar-se-á, então, com mais ênfase do que nunca, que a mesma é obra do Evangelista, que o próprio São Lucas a esculpiu no século I. É importante que assim se faça, porque Quiblon, um dia, chegará a Rus Baal para confirmar sua chave, que será ***S.A.M.***, quer dizer, ***Shekhinah, Avir, Metatron***, a chave universal do Messiah: pela nova imagem da Virgem dos Milagres, ele saberá que ali se manifestará a Shekhinah, para dotá-lo do Verbo de Metatron, através de Avir, o Éter.

Como sabeis, esta imagem da Árvore Rimmon Sephirótica, simboliza ***Adam Ilaah***, o Homem de Cima, também chamado de ***Adam Kadmon***, o Homem Primordial, quer dizer, a Forma Humana de ***YHVH***, a qual se reproduz em ***Adam Harishon***, o homem terrestre. Nos frutos da Divina Romãzeira da Vida estão os Dez Nomes-Números arquetípicos com os quais Ele adotou dita Forma e deu existência a todos os entes criados. Estes

Nomes-Números, chamados de ***Sephiroth***, são o vínculo entre a Unidade de ***YHVH*** e a pluralidade dos entes: para ***YHVH***, os Sephiroth são idênticos e um com O Uno; para o Mundo, os Sephiroth são diferentes e dão existência à multiplicidade que constitui a realidade. Visto do Mundo, por Nós, os Seres Criados, os Dez Sephiroth emanam sucessivamente do Uno, sem dividi-lo, e brotam da Árvore Rimmon.

O primeiro fruto é ***Kether***, a Coroa de Ehyeh, o Aspecto essencial de ***YHVH***: sob Kether só está o Trono de Deus, o Mais Alto da Criação. Kether é o Santo Ancião, ***Atika kadisha***, ou ainda mais, o Ancião dos Anciões, ***Atika deatikim***. Ele senta-se no Trono e até Ele só chega Metatron, que, às vezes, desce até os homens, como falou com Moisés, no Sinai, e os conduz diante do Ancião dos Dias. Ele é que disse a Moisés – ***"Eu Sou O que Sou", Ehyeh Asher Ehyeh [Êxodo, 3, 14]***. O Poder de ***Ehyeh*** se estende diretamente sobre os ***Seraphim*** ou Serafins, ***Haioth Hakadosch***, quer dizer, Almas Santas, Anjos Construtores do Universo.

De Kether surge o segundo dos Sephiroth, a Sephirah ***Hokhmah***, a Sabedoria de Yah, o Deus Pai. A Hokhmah é o Divino Pensamento de todos os entes: nada há que tenha existido, exista, ou vá existir, que antes não esteja em potência na Hokhmah; ***muitos são os grãos deste Fruto, Pai de todos os frutos da Terra***. Esta mesma imagem da Árvore Rimmon é produto da Sephirah Hokhmah, que neste caso se revela a si mesma. Quem se faz presente na Hokhmah e introduz os homens na esfera do Pai é Raziel, o Anjo que escreveu para Adão o Primeiro Livro da Lei.

Mas a Sabedoria do Pai cruza o canal ***Daath*** e se reflete em ***Binah***, a Terceira Sephirah, cuja Inteligência Divina é necessária para que se concretize a criação dos entes pensados. *Binah* é a Grande Mãe Universal: por Ela a Sabedoria do Pai produz os frutos dos Mundos e do conteúdo dos Mundos. O Fogo Quente de seu Amor Universal inunda o Éter Avir e transmite a todos os Mundos a Inteligência de ***YHVH Elohim***, o terceiro Aspecto do Uno. Sob seu Poder se encontram os enérgicos Anjos ***Aralim***, que atuam na esfera de ***Saturno***, mas o Anjo principal, o que comunica o homem com a Divina Mãe, é ***Zaphkiel***, o que foi o guia de ***Noé, o grande navegante; Binah é, pois, Senhora de Marinheiros***.

— Kether, Hokhmah e Binah constituem o Grande Rosto do Ancião, ***Arikh Anpin***; os sete Sephiroth de Construção que restam formam, por sua vez, o Pequeno Rosto de Deus, reflexo do Grande Rosto e primeiro acesso ao Uno que o homem pode obter, partindo de qualquer coisa criada.

— Os seguintes Sephiroth são Numerações emanadas da Trindade essencial Kether, Hokhmah e Binah: ***Hoesed e Netsah***, que se encontram à direita da Árvore Rimmon, são masculinas como o Pai; ***Din e Hod***, femininas como a Mãe, frutificam à esquerda da Romãzeira. Na coluna central de um tronco crescem os frutos neutros, que sintetizam os opostos das duas trindades sucessivas: ***Din, Tiphereth, Hoesed***, criadora e produtora, e ***Hod, Yesod, Netsah***, executora e concretizadora dos entes. Por último, está no centro ***Malkhouth***, o Reino, que reflete ***Kether***, a Coroa, e é a síntese

manifestada da Forma do Ancião dos Dias: pelo Reino desce a Shekhinah à Terra, e o Reino de Deus se concretizará na Terra quando a Shekhinah tome a forma do Povo Eleito, governada pelo Rei *Messiah*.

O quarto Sephiroth é, pois, ***Hoesed***, a Graça de ***Elohai***, Sua Misericórdia e Piedade. É ***A Mão Direita de YHVH*** e sob Seu Poder se acham essas criaturas dos Céus chamadas de Dominações ou ***Hasmalim***, que atuam na esfera de ***Júpiter***. O Anjo principal é ***Zadkiel***, que foi o guia de Abraão.

O quinto Sephiroth é ***Din***, o rigor de ***Elohim Gibor***. Deste fruto procede a Lei de Deus, e seus grãos são as Sentenças de Seu Tribunal: todo ato humano e todo ente da Criação devem se submeter ao Julgamento, de ***Geburah***, de ***Elohim Gibor***. É ***A Mão Esquerda de YHVH*** e sob Seu Poder estão as Potestades denominadas de ***Serafins***, que influem na esfera de Marte. Seu Anjo principal é ***Kamael***, o protetor de Sansão.

O sexto Sephiroth é ***Tiphereth***, a Beleza de ***YHVH***. Unido às Sephirah Hoesed e Din forma a tríade produtora dos entes criados, ***Din, Tiphereth, Hoesed***, mas na realidade ***Tiphereth é o Coração de YHVH***, o assento do Fogo Quente da Grande Mãe *Binah*. Em Tiphereth, as formas adquirem a perfeição arquetípica da Beleza Suprema: os atos dos homens, inspirados em Tiphereth, só podem ser atos de Amor; e os entes criados acham-se religados entre si pelo Amor Universal que irradia do Coração de ***YHVH***. Em Tiphereth tudo é Belo e Perfeito, porque a Sabedoria Hokhmah das coisas pensadas perfeitas, e a Inteligência *Binah* de sua concepção, produzidas pela Graça Hoesed e ajustadas ao Rigor Din da Lei, brilham em seu Fruto. ***Mas Tiphereth não é uma Romã, mas sim um Morango, quer dizer, uma Rosa, outra parte da Mensagem Una do Amor de YHVH para o Homem Anímico***. O Morango Tiphereth se transforma em Rosa quando o Coração do Homem terrestre alberga o Fogo Quente da Paixão Animal. Sob Seu Poder se encontram os Anjos que operam através da esfera do Sol, as Virtudes chamadas de ***Malachim***. E existem aqui dois poderosos Anjos: um, Rafael, que foi o guia de Isaac; e outro, Peniel, que dirigiu o destino de Jacó. ***Atuam também aqui alguns Anjos que deveriam estar no mais alto: são os Seraphim Nephilim que os Atlantes brancos acusam de "Anjos Traidores", mas que na verdade servem a YHVH com enérgica dedicação, levando avante seus Planos de progresso humano e favorecendo a criação da Sinarquia Universal do Povo Eleito. Eles fundaram a Fraternidade Branca e fixaram sua residência no Coração de YHVH; e d'Eles depende a Hierarquia Oculta de Sacerdotes da Terra***.

O sétimo Sephiroth, ***Netsah***, revela a Vitória de ***YHVH Sabaoth***, o Deus dos Exércitos Celestiais. É ***A Coluna Direita do Tempo, Jaquim***, e sob Seu Poder estão os Principados ou Elohim, os Anjos que influem a partir da esfera de Vênus. ***Cerviel***, o Anjo direcionador de Davi, a preside.

O oitavo Sephiroth é ***Hod***, a Glória de ***Elohim Sabaoth***, ***A Coluna Esquerda do Templo, Boaz***. Domina os Arcanjos ***Ben Elohim***, que se

expressam a partir da esfera de Mercúrio: Miguel, o inspirador de Salomão, é aqui o principal Anjo.

O nono Sephiroth é ***Yesod***, os Fundamentos da Criação de ***YHVH Shaddai***, o Todo Poderoso. É ***o órgão reprodutor de YHVH*** e, juntamente com Netsah e Hod, compõe a última tríade construtora ou executora: Hod, Yesod, Netsah. Seu Poder abrange os Anjos conhecidos como ***Querubins***, que se manifestam a partir da esfera da Lua, e seu Anjo principal é Gabriel, protetor de Daniel.

E o décimo Sephiroth é ***Malkhouth***, o Reino de ***Adonai Melekh***, o Senhor Rei da Criação, último reflexo do Ancião dos Anciões. Por isso, sob Seu Poder se situam todos os membros da Hierarquia Oculta e da Fraternidade Branca, os ***Issim*** do Povo Eleito. E por isso seu Anjo principal é Metatron, a Alma do Messiah. Malkhouth ***é a Mãe Inferior***, como ***Binah é a Mãe Superior*** mas, se a descida da Mãe Inferior se exterioriza no Povo Eleito, este passa a ser a Shekhinah, a ***Esposa Mística de YHVH***.

Trigésimo Primeiro Dia

Tudo isto vós conheceis bem – acrescentou Bera, que era quem estava descrevendo o desenho do Sepher Icheh – mas repeti o essencial para evitar mal-entendidos, pois em seguida explicaremos o Mistério da Pedra de Fogo. Semelhante explicação, que foi a Nós solicitada pelo Grão-Mestre do Templo, requer a compreensão prévia e exata da Obra do Uno, da Criação de ***YHVH***, de Sua Manifestação no Criado como Árvore Rimmon dos Princípios imanentes e absolutos, de seu tríplice princípio da ação imanente, Shekhinah, Avir, Metatron.

Suspirou, aliviado, o Grão-Mestre, que já temia que a explicação pedida não chegasse nunca.

— Observai as raízes da Romãzeira da Vida: surgem do décimo Sephiroth, o Reino, que leva em seu tronco o Signo da Amêndoa. Como o candelabro Menorá, as raízes são sete e culminam nos cálices da flor de Amendoeira, de onde se mostram ao Mundo terrestre os Olhos de ***YHVH***, os Olhos que nunca dormem, os Olhos que veem tudo, os Olhos que viu o Profeta Zacarias. ***Estas raízes óticas da Árvore de YHVH representam Israel Shekhinah, o Povo Eleito, sendo Um com o Uno, quer dizer, mostram a concretização do Plano, mostram o Povo Eleito exercendo o Governo Mundial em Nome do Uno: na verdade, será o inefável Uno que se mostrará na Shekhinah de Israel, no Final do Tempo***.

— Disse o Profeta: — prosseguiu Birsa – ***"Assim diz YHVH: o Céu é meu Trono, e a Terra a Pedra de Fogo sob meus pés"***. ***YHVH*** descansa, pois, seus pés, as raízes da Árvore Rimmon, sobre uma Pedra de Fogo que não é outra senão a Alma do Messiah, manifestada na Shekhinah: essa Pedra terrestre é a réplica de Metatron, o Homem Celestial, Arquétipo de todos os homens de barro quente. Porque essa Pedra de Fogo, que estava desde o

Princípio da Criação, mas que não foi empregada pelos Construtores, encaixará justamente no Final do Tempo, quando o Tempo tenha terminado e se constitua em Pedra Angular, Chave do Cofre de todo o edifício: ***"A Pedra que o Pedreiro descartara, tornou-se Pedra Angular" [Salmo, 118, 22]***. E onde se assenta essa Pedra de Fogo, a Alma do Messiah, Metatron, que é modelo de todos os homens de barro quente? Segundo o Profeta: ***"Por isso, diz Adonai YHVH: Aqui estou Eu colocando em Sião a fundação de uma Pedra, uma pedra testada, angular, preciosa, fundamental, cimentada; quem acredite, não se moverá daquela fundação" [Isaías, 28, 16]***. Os homens mortais, ***Pedras de Barro***, seriam no Final como a Pedra de Fogo, como Metatron, o Homem Celestial; seriam assim quando o Templo estivesse pronto, e cada um ocupasse seu lugar na construção, de acordo com o modelo do Messiah; seriam assim nos dias em que o Reino de ***YHVH*** se concretizasse na Terra; e reinasse o Rei Messiah; e a Shekhinah se manifestasse como o Povo Eleito. Porque só para Israel ***YHVH*** criou o Reino e o Rei: nenhum povo Gentio nunca foi um verdadeiro Reino, ainda que tenha parecido, nem existiu um verdadeiro Rei, fora do Povo Eleito: por isso o Nome Melquisedeque, do Supremo Sacerdote de nossa Ordem, significa na realidade ***"O que destrona os Reis"*** e não ***"O Rei de Sedec"***, como fizemos os Gentios acreditarem. Melquisedeque, e nós, os que pertencemos à sua Ordem, haveremos de destruir todo falso Reino e todo falso Rei, antes de que se reproduza na Terra o verdadeiro Reino de ***YHVH***, Malkhouth, com o Governo Mundial do Povo Eleito.

No entanto, Sacerdotes, o Plano de Deus foi transtornado e agora será necessário sacrificar os homens de barro em um Holocausto de Fogo, no Final do Tempo, justamente quando o Templo estiver construído e o Reino se realize na Shekhinah de Israel: como Vos asseguramos, a Pedra de Fogo deverá ser lavada com lixívia para apagar seu Sinal Abominável. A Pedra de Fogo, que era um Arquétipo Puro no Princípio do Tempo, se multiplicou, sem perder sua singularidade com O Uno, o que caracteriza todos os Sephiroth; e cada Pedra de Fogo, idêntica à do Princípio, era uma Alma que alcançaria a perfeição no Final, ao ser, como todas, Uma com O Uno; o homem de barro chegaria, assim, a ser Pedra de Fogo, semelhante a Metatron: para isso só deveria cumprir a Lei e deslocar-se no Tempo para o Final, onde estava a Perfeição. Mas eis que Eles, os Seraphim Nephilim, criadores da Fraternidade Branca, ***gravaram o Signo Abominável*** na Pedra de Fogo sobre a que cada Alma dos homens de barro se assenta. E o Signo Abominável ***esfriou*** a Pedra de Fogo, ***Aben Esch***, e a tirou do Final. ***Então, Sacerdotes, a Pedra que deve ser lavada com lixívia no Final é a Pedra Fria que não teria que estar onde está, porque não foi colocada no Princípio pelo Criador Uno***.

Pedra Maldita, Pedra de Escândalo, Semente de Pedra: Eles a plantaram depois do Princípio na Alma do homem de barro e agora se encontra no Princípio. ***O Tempo é o constante fluir da Consciência do Uno***: entre o Princípio e o Final do Tempo está a Criação; e no Final do Tempo está a

Perfeição da Alma, como Pedra de Fogo. É a Vontade de ***YHVH*** que a Alma alcance a Perfeição Final segundo o modelo de Metatron. Mas agora a Alma ***não pode ver*** a Pedra Fria que leva imersa em seu seio. Não a percebe, até que ela atravessa seu caminho e se converte em Pedra de Tropeço para a Alma, em Obstáculo Intransponível para alcançar o Bem da Perfeição Final. Sem a Semente de pedra na Alma do homem de barro não haveria Mal nem Ódio à Criação, a evolução teria se realizado pela Força do Amor ao criador, a Perfeição Final teria sido assegurada para toda Alma Criada; agora esse Plano de ***YHVH*** será impossível de se cumprir, e o Julgamento Din do Ancião dos Dias determina que só aqueles que alcancem o Bem da Perfeição Final, em qualquer tempo, cheguem vivos ao Final do Tempo; em troca, os contaminados pelo Mal, os homens de barro cujas almas incubam, ainda que não o saibam, a Semente de Pedra, serão dissolvidos e transformados em lixívia, para lavar com ela o Signo Abominável na Pedra de Fogo.

— Sim, Sacerdotes: — continuou Birsa — Ehyeh criou todos os seres, incluindo a Pedra. Extraiu-a do Fogo Quente e por isso a designou como "Pedra de Fogo". E colocou todos os Seres Criados no Devir do Tempo, que é o Fluir de Sua Consciência; porque antes do Princípio não existia nada criado, salvo o inefável Ser Supremo. O Espírito do Uno saiu, a princípio, do ***Ein Sof***, o Infinito Atual, que representa ***o nada*** para todas as Almas criadas. Assim O Uno, que surgiu também desse nada, tirou dele os Seres Criados, o primeiro dos quais foi o Fogo Quente, criado no primeiro Dia: deu, assim, princípio ao Tempo. A Alma do homem de barro, criada depois, começou a evoluir desde então, em direção à Perfeição Final. Mas essa evolução era muito lenta. Para acelerá-la, vieram os Seraphim Nephilim com o consentimento do Uno; também surgiram do Ein Sof; a tais Anjos, nossos inimigos denominam "Deuses Traidores". O certo é que Eles extraíram do nada o Abominável Signo Não criado e o gravaram na Pedra Quente: ***e essa foi a Origem do Mal***. A Pedra Assinalada se transformou, por esse Signo, em "Pedra Fria" e se transladou instantaneamente ao Princípio do Tempo, retrocedeu ao nada inicial para manter uma existência abominável fora do Tempo. Dentre os seres criados, dentre as Pedras Criadas, a Pedra Fria rejeitou a Ordem da Criação, rebelou-se contra a Vontade do Uno e se declarou Inimiga da Criação. Aqueles que tinham introduzido o Signo Não Criado no Mundo plantaram a Pedra Fria na Alma do Homem como Semente de pedra, para que crescesse, madurasse e frutificasse, para que a força de seu desenvolvimento elevasse a Alma rapidamente à Perfeição Final. Mas aquela Semente, como dissemos, produziria um Fruto extremamente hostil ao Deus Uno e Sua Criação: um Fruto que só aceitaria existir fora do Tempo, antes do Princípio, um Fruto que só ansiaria abandonar o mundo dos Seres Criados e se perder no nada original; um Fruto que não poderia ser previsto pela Alma, porque sua Semente permaneceria invisível desde o Princípio; um Fruto ao que denominariam "o Eu". E a causa desse Fruto não seria a Pedra Fria, nem a Semente de Pedra, mas esses habitantes do Abismo que conheceis como ***Espíritos Hiperbóreos***. Eles são nossos verdadeiros

inimigos, mas, afortunadamente, só podem se manifestar na Alma do homem mediante a Pedra Fria; compreendereis que aquilo que os encadeia à Alma do homem, sem que Eles o percebam, é a Pedra Fria no Princípio. No entanto, se a Pedra Quente foi extraída do Fogo Quente, o Fogo Frio, contrariamente, brotou da Pedra Fria: por esse Fogo Incriado, a Estirpe Maldita de Tharsis, que acabamos de exterminar, escapou durante séculos ao nosso controle e infectou o mundo com Homens de Pedra que pretenderam destruir as bases do Culto.

Ao que parece, os Seraphim Nephilim não contaram com que o Fogo Frio brotaria da Pedra Fria e revelaria aos homens luciféricos o que Eles denominam ***"Negrura Infinita de Si Mesmo"***; por isso é necessário, desde que tal odioso Mistério foi possível, evitar no Futuro que a Semente de Pedra madure e frutifique, que nasça o Menino de Pedra que receberá a revelação do Fogo Frio e apagará o Fogo Quente do Coração; é necessário ***lavar a Pedra Fria com Lixívia para que recupere o Fogo Quente***, o Fogo que jamais deve abandonar o Coração do homem. Na verdade, Sacerdotes, ainda que Eles culpem O Uno, e seus representantes terrestres, da desgraça que os aflige, foram os Seraphim Hiperbóreos, que moram no coração de ***YHVH***, Tiphereth, que conservaram o encadeamento espiritual; é certo que estes atuaram com o consentimento do Uno e ninguém sabe quando nem para que os criou, nem porque lhes outorgou, também, o Poder de extrair seres do nada. A menos que se conceda crédito ao que Eles mesmos afirmam: ***que não são Seres Criados pelo Uno mas procedem, como Ehyeh, de um Mundo existente Além do Ein Sof; e que sua natureza espiritual é igual à do Uno***. Mas acreditar n'Eles seria cometer a maior heresia contra a Hokhmah do Mestre do Todo, pois, por acaso não declarou o próprio Uno sua Unidade Absoluta e Excludente?: ***"A quem me compararei que se pareça a mim? – diz o Santo Ancião. Levantai para o alto vossos olhos e vedes: Quem criou tudo aquilo?" [Isaías, 40, 25]. "Assim diz YHVH, Rei de Israel, seu Redentor, YHVH Sabaoth: Sou o Primeiro e o Último, e além de mim não há nenhum Deus. Vós sois minhas Testemunhas. Há algum Deus além de mim?*** Não há outra Pedra. ***Eu não a conheço" [Isaías, 44, 6]. "Vós sois minhas testemunhas, diz YHVH, pois sois o Povo Eleito por Mim para que saibais e compreendais que Eu Sou, Ehyeh. Antes de Mim nenhum Deus existiu, e depois de Mim não o haverá. Eu, Eu Sou YHVH, e além de mim não há Salvador. Eu Sou Deus desde sempre e também hoje Sou o mesmo, e não há quem escape da minha mão: farei o que quiser, e quem o mudará?" [Isaías, 43, 10]***. Sim, Sacerdotes, não devemos duvidar do Uno. Mas tampouco esquecer que os Seraphim Hiperbóreos fundaram a Fraternidade Branca à qual todos pertencemos e em cuja Hierarquia alcançamos o Mais Alto Sacerdócio.

Em síntese, de acordo com os planos dos Seraphim Nephilim, enquanto a Semente de Pedra se desenvolvesse, a Alma do homem de barro evoluiria indubitavelmente acelerada em direção à Perfeição Final. Mas a realidade contradisse estes planos: aquele Gérmen do Mal, ao Frutificar, longe de

impulsionar a Alma para elevar-se até a Perfeição Final, a afundaria no Terror dos Abismos sem Nome, na Eternidade de uma Negrura Infinita. Por fim, a Semente de Pedra acabaria dominando a Alma do homem de barro e convertendo este em um Inimigo do Criador e da Criação, endurecendo seu Coração e tornando-o um ser carente de Amor, transformando-o em um ***Homem de Pedra***. É por isso que Nós, os Sacerdotes Perfeitos, devemos propiciar o Holocausto de Fogo, que lave com lixívia, no Final, o Sinal Abominável na ***Pedra-que-está-plantada-na-Alma-do-Homem-de-Barro***. – concluiu Birsa.

Trigésimo Segundo Dia

Imediatamente, Bera acrescentou o seguinte:

— Durante milênios, no Continente afundado da Atlântida, que os Gentios jamais devem saber que existiu, os Sacerdotes do Uno lutaram contra o efeito hostil que a Pedra Fria causava na Alma dos homens de barro. Buscava-se, por diversos meios, que o Espírito Incriado, encadeado à Alma pela Pedra Fria, ***esquecesse sua Origem, além do Ein Sof***. E os resultados foram alentadores pois, finalmente, o sangue dos homens de barro tinha se degradado de tal maneira que o Espírito Incriado era incapaz de se orientar para a Pedra Fria que lhe revelaria sua Origem Divina. Houve, então, uma Idade de Ouro Cultural, na qual outro Povo Eleito, semelhante a Israel, instaurou a Sinarquia Universal e se preparava para o Reino da Shekhinah. Foi nesse momento que alguns Homens de Pedra, que escaparam do extermínio ao que os submetiam os Sacerdotes e os Seraphim Nephilim, conseguiram atrair em sua ajuda outros Serafins, chamados de "Hiperbóreos", que entraram no Universo Criado através da esfera de Vênus. E o mais terrível desses Serafins foi o conhecido como ***Lúcifer, Phósphoro, ou Héspero***, já que, enfrentando todas as Legiões Celestiais de ***YHVH Sabaoth***, precipitou-se à Terra para legar sua própria Coroa ao Espírito, encadeado nos homens de barro. Deixou aqui, pois, a Maldita Gema do ***Graal que tem o Poder de impedir que o Espírito esqueça de sua Origem***. Feito Isto, regressou por onde tinha vindo, mas deixando atrás de si os gérmens fertilizados das Estirpes luciféricas contra as quais ainda combatemos, em tudo semelhantes à Casa de Tharsis, que acabamos de exterminar.

E seriam essas Estirpes condenadas por ***YHVH***, especialmente as surgidas da Raça Branca, que já não esqueceriam a Origem, que se proporiam a germinar a Semente de Pedra em todos os homens de barro, que desatariam a rebelião contra a Lei de ***YHVH*** e o ódio à Criação. E assim foi que se chegou inevitavelmente à Batalha da Atlântida, que terminou com uma catástrofe planetária. No entanto, o maior Mal ainda não tinha ocorrido: este sobreveio por causa de Lúcifer e dessa ***Mulher, A Intrusa Ama***, que foi capaz de entrar na esfera de Vênus e obter o Segredo das

Sementes de Pedra. Sim, Sacerdotes: o Serafim Lúcifer entregou à Intrusa a Espiga das Sementes de Pedra, que até então só possuíam os Seraphim Nephilim. E em seu regresso, o Maior Mal se abateu sobre os homens de barro, pois A Intrusa escolheu os mais valentes e começou a plantar em seus corações a Semente de Pedra que apaga o Fogo Quente da Paixão Animal, o Amor da Grande Mãe *Binah*: cada Semente de Pedra seria um Guerreiro Sábio, um Homem de Pedra situado fora da Lei de ***YHVH***, no lugar do homem idêntico a Metatron, que estava destinado a ser no Final do Tempo. ***Com seu ato inqualificável, A Intrusa, a Virgem de Agartha, ofendeu profundamente a Grande Mãe Binah, a quem arrebatou o Amor de numerosos Filhos: por isso é que se deve purificar esta terra de Huelva, que por tantos séculos esteve dedicada ao seu Culto Ímpio.*** Só assim descerá a Shekhinah em Rus Baal.

Ela, Sacerdotes, é Nosso Mais Poderoso Inimigo, seu Mal está acima de todos os males; sua Hostilidade para com a Criação supera a de qualquer Homem de Pedra; seu Valor para enfrentar o Uno ultrapassa ao do Guerreiro Sábio mais valente; diante d'Ela, e de seu Mistério Infinito, todos tremem de Terror; e após o Terror e a Morte, só sobrevivem os Espíritos Incriados, que são de sua própria essência Hiperbórea. Ela regressou de Vênus portando a Espiga das Sementes de Pedra e trazendo em seu ventre o Demônio da Guerra, Navutan, seu Filho Incriado. Tudo foi uma conspiração do Serafim Lúcifer: Ele quis que Ama tivesse um Filho de Pedra, um Filho que se colocasse à frente da Raça Branca e fundasse para seus membros um Mistério; e que os Iniciados nesse Mistério adquirissem a Imortalidade e recebessem em seu Coração a Semente de Pedra da Virgem de Agartha.

— Olhai o Sepher Icheh! — ordenou Bera, a quem essa parte da História produzia uma estranha mistura de Ódio e Terror. Aqui se autocrucificou Navutan, — mostrava os ramos que iam desde o tronco até as Romãs Hoesed e Din. O Ás ficou pendurado pelo Braço Direito e pelo Braço Esquerdo do Santo Ancião, sob seu Grande Rosto e sem perceber que a Pedra de Fogo, Aben Esch, pendia sobre sua cabeça. Nove noites agonizou na Cruz de Rimmon até que Freya, um Demônio Feminino tão terrível quanto Ama, saiu de seu olho e averiguou o Segredo da Morte. Mas, para poder revelá-lo a Navutan, que acabava de morrer, ***teve que comer um grão da romã Hokhmah*** e transformar-se em perdiz; então, bailou para Navutan a dança coxeante que permite sair do Labirinto da Ilusão da Morte; no entanto, aquele alimento a encadeou à Ilusão, como Perséfone, e não pôde regressar mais à Origem de onde tinha acudido, para salvar seu Esposo. É assim que Freya, um novo Inimigo da Criação, ficou junto a Vides, o Senhor de Agartha, a guarida dos Demônios Incriados, e junto a Navutan, seu Esposo, para levar adiante a Guerra Essencial contra O Uno. Navutan, por seu lado, ressuscitou e revelou aos membros de sua Raça o Segredo da Morte mediante o Mistério do Labirinto, em cujo curso os Iniciados recebem em seu coração a Semente de Pedra da Virgem de Agartha e podem se tornar Homens de Pedra. Os discípulos de Navutan foram os Atlantes brancos, que

semearam o Mundo de Pedras ímpias, e que ***abriram as portas das Mansões Celestiais para tomá-las de assalto***.

Por isso, não esqueçais, Sacerdotes, das condições do Pacto Cultural! Os Homens de Pedra são os nossos mais terríveis Inimigos, porque se propuseram a impedir a concretização dos Planos que ***YHVH*** dispôs para a Humanidade: ***mas também o são as Pedras dos Homens de Pedra***. Não esqueçais que se deve destruir suas Pedras malditas, pois nelas poderiam existir Sementes de Pedra, gérmens de seres inconcebíveis, que poderiam frutificar e nascer em determinados momentos da História. Não esqueçais que a Pedra Fria está sempre fora do Tempo, além do Princípio dos Seres Criados, invisível para Nossas Almas, mas pronta para manifestar sua ***hostilidade essencial*** quando a oportunidade, quer dizer, o ***Kairos***, o permita; ignoramos, pois, se deste ou daquele Menir há de surgir um Homem de Pedra, mas, em todo caso, devemos destruí-lo. Não esqueçais que travamos a Guerra Essencial contra o Inimigo da Criação, que a nossa é uma guerra entre a Lixívia e a Pedra Fria, entre o Fogo Quente e o Fogo Frio, entre o Criado e o Incriado, entre o Ser e o Nada.

Birsa retomou a palavra para se referir exclusivamente à missão que os Imortais deixavam para os Sacerdotes. A reunião já chegava ao seu fim e transcorreriam muitos anos antes de que Eles regressassem: talvez, então, como antes, como sempre, haveria outros Sacerdotes para recebê-los. Não deviam, pois, perder nenhuma palavra das que Eles diziam, já que ninguém poderia repeti-las depois. E o erro, na Ordem de Melquisedeque, pagava-se muito caro.

— Já conheceis, em parte, vossa missão, — concedeu Birsa. Dedicar-vos-ei como vossos poderes e influências a purificar esta região de Huelva. A Casa de Tharsis foi destruída e, ainda que não tenhamos recuperado a Pedra de Vênus, tampouco será utilizada contra nós. Essa era uma das últimas Pedras de Lúcifer, que permitiam aos Iniciados Hiperbóreos orientarem-se no Labirinto da Ilusão da Vida; sem elas à mão, tranquilo poderá estar o Guardião do Labirinto, ***YHVH Adonai***: só os Sacerdotes de Israel conhecem a dança coxeante que mostra a Saída. Sacerdotes: o Inimigo está quase derrotado! A Sinarquia do Povo Eleito logo será uma realidade, logo descerá a Shekhinah, logo reinará o Rei Messiah! Já se vislumbra o Holocausto de Fogo! Quiblon virá a Rus Baal para procurar a Grande Mãe *Binah* e exibirá seu Nome ***S.A.M.***, Shekhinah, Avir, Metatron; e Ela, amorosamente, ***plantará em seu coração a Semente de Barro do Pardes Rimmonim, o Gérmen de Metatron, que será no Final Pedra de Fogo, Alma Perfeita do Povo Eleito!***

Derrubai sem hesitações os altares da Impostora! Tirai de sua mão a abominável Espiga do Ódio! Que ninguém se lembre de seu Sacrilégio Essencial, suas Sementes de Pedra condenadas por ***YHVH***! Destruí seus lugares de Culto e suas Imagens, matai até sua memória e, claro, queimai até as cinzas, e fabricai lixívia com elas, todos aqueles que acreditem na

Virgem de Agartha e ambicionem a Semente de Pedra! Sede duros, Sacerdotes, porque o Inimigo o merece!

Construí, em troca, altares para a doce Mãe *Binah*! Colocai em sua mão a magnífica Romã do Amor de ***YHVH***! Que todos conheçam seu Sacrifício Essencial, ser depositária das Sementes de Barro abençoadas por ***YHVH***! Preparai lugares para seu Culto e invocai suas Imagens, gerai no povo memórias d'Ela e, claro, premiai com as maiores isenções todos os que acreditem na Virgem dos Milagres, ou de *la Rábida*, ou da Miligrana, ou da Fita, ou do Barco, ou do Menino de Barro, ou do Fogo Quente! Sede eficazes, Sacerdotes, porque os Planos de ***YHVH*** o requerem!

Em resumo, começareis por substituir a estátua do Bispo Macário pela nova escultura de Nossa Senhora dos Milagres, que esculpirá o monge, de acordo com a visão do Sepher Icheh. Instalareis essa escultura no Convento de Nossa Senhora de *la Rábida*, mas imediatamente vos dedicareis à tarefa de propiciar a construção próxima de um grande santuário, dedicado à Virgem da Fita: o mesmo deverá albergar uma Irmandade de marinheiros e proprietários de navios, os quais solicitarão sua proteção e se congregarão em torno de seu Culto. O local ideal será um monte próximo ao Mar, de onde se divise o estuário do Odiel, a Cidade de Huelva, Palos, *La Rábida* e Moguer. E a imagem que ali se adorará será muito semelhante à que viu o monge escultor, mas dotada de maiores atributos sagrados: a Grande Mãe *Binah* exibirá em sua mão esquerda a ***Miligrana***, quer dizer, a Romã ácida da Vida Quente, partida em forma de ***vulva*** e mostrando, por sua abertura, os grãos das Sementes de Barro; com a mão direita sustentará o Messiah, que aparecerá completamente nu, salvo seus pés, que terá cobertos com coturnos, para dissimular a coxeadura de Dionísio. A mão esquerda do Menino Divino estará voltada para a Romã, enquanto a direita sustentará a ***fita sephirótica***, o cordão com as dez medidas do Universo, o símbolo dos navegantes de alto mar. Mas na vestimenta da Mãe de Deus, bem visível e contrastante, devem estar as letras hebraicas do Nome de Quiblon, ***S.A.M.***, quer dizer, ***Samekh***, ***Aleph***, e ***Mem***. Por último, ***acima*** da imagem da Virgem da Fita, retratareis dois dos Seraphim Nephilim, sustentando em suas mãos o ***Símbolo Céltico da Chave Kâlachakra***.

Fareis também outras imagens e esculturas inspiradas nas recentes descrições. Mas tendes em mente que, em todo caso, do Menino Messiah se deve despojar o sacrílego livro que ostenta o Menino de Pedra da Virgem de Agartha, o Livro da Sabedoria Hiperbórea: em seu lugar, colocareis uma ***sphaera orbis terrae***, como símbolo do Poder Universal que o Rei Messiah alcançará no Reino de Israel Shekhinah. Parecidas a esta, pois, serão as imagens e esculturas que distribuireis em todos os locais em que forem necessárias.

E agora, atenção, Sacerdotes! Pois vos profetizaremos pela última vez. Ouvi esta Mensagem, que se cumprirá em qualquer tempo e lugar, porque é Palavra de YHVH:

Diz YHVH Sabaoth: Virão dias de Glória para o Povo Eleito. Eu descerei, Shekhinah, sobre ele e Reinarei, no meio do Holocausto de Fogo em que se consumirão os ímpios. E nesses dias, quando a Glória, e a Vitória, de Israel estiverem próximas, Eu enviarei um sinal inequívoco de que a hora chegou: Esse sinal será a queda de Granada, a Mansão dos Judeus. Na verdade, sempre será Granada que marcará esta hora. Granada, que estará então possuída por um Reino decadente, será conquistada por um nascente Império. Ofertar-se-á depois o Tríplice Holocausto de Povos Gentios; e depois eu baixarei; e começará a Glória e a Vitória de Israel. Quiblon, cuja Voz fecha a Porta dos Infernos e abre a Porta dos Céus, me ofertará o Tríplice Holocausto e me Anunciará, e Anunciará assim a Hora de Israel.

— Alegrai-vos, Sacerdotes de ***YHVH Sabaoth***, que hoje a Estirpe de Tharsis foi exterminada e Nós vos Anunciaremos a próxima Shekhinah! Cumpri, cumpri com firmeza e exatidão nossas ordens, e logo virá Quiblon para receber o Verbo de Metatron e celebrar o Tríplice Holocausto aguardado por ***YHVH***! Que a Vitória Netsah de ***YHVH Sabaoth*** vos acompanhe! — saudou Birsa.

— E que a Glória Hod de ***Elohim Sabaoth*** coroe vossos esforços! — despediu-se Bera.

No dia seguinte, os Imortais tinham partido para Shambala, deixando os quatro Sacerdotes afundados em sombrios e profundos pensamentos. Claro, a diabólica arrogância de Bera e Birsa teria se aplacado um pouco, se tivessem sequer suspeitado de que ainda existiam Senhores de Tharsis com vida e que a Estirpe Condenada, como a Ave Fênix, renasceria de suas próprias cinzas, na Casa de Tharsis.

Trigésimo Terceiro Dia

Estimado Dr. Siegnagel:

Espero que o senhor tenha paciência e tempo suficientes para continuar lendo. Talvez esta carta tenha se estendido demasiadamente, mas não me foi possível abreviá-la mais, pois corro o risco de obscurecer a mensagem que, justamente, quero lhe revelar com sua leitura. De fato, limitei-me a mencionar apenas os fatos mais evidentes da complexa história da Casa de Tharsis; com outro critério expositivo seria impossível chegar sequer até aqui. A partir de agora tratarei de resumir ainda mais a parte que falta, não porque a mensagem já esteja revelada, nem porque o que se segue careça de importância, mas porque o tempo se acaba para mim, porque pressinto que Eles estão cada vez mais perto e desejo que o senhor receba a carta antes que os Golen executem a Sentença. Só lhe peço, Dr., melhor dizendo, suplico-lhe, que efetue sua leitura completa e depois julgue: sei que minha condição de "doente mental" não dá nem um pouco de crédito ao seu

conteúdo, ***se o mesmo for julgado racionalmente***; mas, não vou negar, confio em que o senhor adotará, por fim, ***outro ponto de vista***.

Vou abandonar, pois, os satânicos Imortais, que não tardariam em regressar ao Templo de Melquisedeque, para me referir novamente aos Senhores de Tharsis. Agora se compreenderá como a necessidade que a Casa de Tharsis tinha de sobreviver influiu e deu orientação definitiva à Estratégia do ***Circulus Domini Canis***; e como esta estratégia terminou, quando a inspirada gestão de Felipe IV concretizou seus objetivos.

Noso de Tharsis se prestava a voltar à Caverna Secreta, quando a ***Peste*** se apresentou na Casa de Tharsis. Imediatamente compreendeu que era ali o único sobrevivente e, dominando a fúria guerreira que brotava de seu Espírito, tratou de avaliar com calma a situação. Tratando-se de um ataque dos Golen, não cabia alentar esperanças sobre os restantes membros da família, salvo os Homens de Pedra que, como ele, eram evidentemente invulneráveis. Dispôs-se, pois, a aguardar a confirmação do ocorrido com a expedição do Conde de Tarseval e, durante essa espera, comprovou com horror que os corpos de seus parentes se transformavam em betume da Judéia. Ao chegar Lugo de Braga e começar a pilhagem, Noso não necessitou mais dados para saber da sorte corrida pelo Conde e seus Cavaleiros; e nesse momento, só pensou na Basílica da Virgem da Gruta, e em sua imagem, o mais valioso que restava ali para um Homem de Pedra. Sem pensar duas vezes, correu até a Igreja, com a espada na mão. Um grupo de quinze soldados já tinha chegado, talvez com a intenção de roubar o Cálice de Ouro, e teve que enfrentar a fúria do Guerreiro Sábio: combate desigual para os almogávares e para qualquer guerreiro não Iniciado, que lhes custou a vida.

Ao se aproximar do altar, Noso, que estava certo de ter chegado primeiro, comprovou, com espanto, na estatuazinha do Menino de Pedra, uma mutilação: alguém cortou a mão de pedra que expressava a Vruna Bala. Mas não era esse o momento de resolver o enigma. O Noyo envolveu os bustos da Virgem e do Menino com uma capa e ganhou, a cavalo, a margem esquerda do rio Odiel, onde um caminho pouco frequentado o conduziria à Serra Candelária.

As notícias sobre o extermínio de grande parte da família comoveu a dura anciã: mil e setecentos anos antes, outra Vraya tinha passado por uma situação semelhante. Não era possível, disse, quase para si mesma, que tanto esforço fosse em vão. Apesar de todos os ataques sofridos até então, a Casa da Tharsis conseguiu superar sempre os momentos difíceis, ainda que nenhum tão crítico como o presente; mas também os progressos foram muitos: a diretriz familiar estava quase cumprida; o Culto do Fogo Frio há séculos que fornecia Homens de Pedra aos Senhores de Tharsis; e tinham conservado a Pedra de Vênus, o mais precioso troféu para o Inimigo; só faltava um último esforço de purificação sanguínea: que a família produzisse um Homem de Pedra capaz de compreender a Serpente com o Símbolo da Origem, quer dizer, um que fosse capaz de projetar o Signo da Origem sobre a Pedra de Vênus; esse Iniciado Hiperbóreo alcançaria, assim, a Mais Alta

Sabedoria, a localização da Origem, e a Pedra de Vênus mostrar-lhe-ia o Sinal Lítico de K'Taagar; então os Senhores de Tharsis poderiam marchar para o destino que lhes tinham reservado os Deuses Libertadores; e esse momento não parecia estar longe; a Casa de Tharsis era consciente da iminência com que chegaria um Homem de Pedra, que seria Pontífice e compreenderia os maiores segredos; aguardavam-no com ansiedade há anos, mas todos estavam de acordo em que chegaria logo; e os sinais dos Deuses eram coincidentes. Como, pois, como se produzia agora este desastre? Em quê haviam falhado? Talvez em um excesso de confiança? Tinham subestimado mais uma vez o Inimigo? Sem dúvida, essa era a resposta. Não se manteve um suficiente estado de alerta e se permitiu ao Inimigo agir, que se deveria ter atacado preventivamente, logo que se aproximou da região de Aracena. Sendo assim, o ocorrido estava explicado, pelo menos estrategicamente, uma vez que contra o conhecimento empregado pelos Imortais não teriam defesa alguma, sem a Pureza de Sangue.

Não era possível, repetia a Vraya, que os Deuses Libertadores os tivessem abandonado à mercê dos Golen; aquele golpe não podia significar o fim da Casa de Tharsis, não antes de terem cumprido a missão familiar; com certeza, restariam ainda com vida outros Senhores de Tharsis, para salvar a Estirpe e possibilitar a geração do Homem de Pedra esperado. Era necessário procurá-los! Noso de Tharsis teria que partir e percorrer os lugares onde habitavam outros parentes, ainda que não coubesse ter esperanças sobre a sobrevivência de ninguém que não fosse iniciado. E estes últimos, os Homens de Pedra, encontravam-se todos incorporados à Ordem de Pregadores, trabalhando em diferentes monastérios e universidades da França e da Itália. O Noyo viajaria imediatamente. Ela ficaria de Guarda, racionando ao máximo os víveres disponíveis, que resistiriam seis meses; depois, naturalmente, morreria ali mesmo, se Noso não regressasse a tempo.

Estava certa a Vraya: ainda restavam Senhores de Tharsis com vida e com possibilidade de salvar a Estirpe; mas não era menos certo que aquela seria a situação mais crítica que jamais enfrentaram, incluindo a destruição de Tartessos. Naquela vez conseguiram sobreviver dezesseis membros da linhagem; agora só restavam oito, contando com a anciã Vraya e o Noyo. De fato, durante sua viagem a Sevilha, Córdoba e Toledo, Noso só encontrou o luto e o temor dos parentes não consanguíneos, aos quais nada tinha ocorrido, e soube que a Peste não conhecia as distâncias. Logo, em Toledo, encontrou-se com outro Homem de Pedra, que já estava a par de que algo terrível ocorria e se dispunha a viajar para Turdes: ali também tinham morrido vários familiares, por causa da estranha Peste. Ao conhecer as graves notícias, decidiu partir junto com Noso para Saragoça e Toulouse, no Languedoc, onde residia o Chefe dos ***Domini Canis***. Em Saragoça, comprovaram que a Morte Final tinha convertido em betume a bela família de uma de suas primas, mãe de doze crianças; os treze morreram no mesmo momento, na mesma noite fatídica; seu esposo, um Cavalheiro bizantino,

talentoso professor de grego, estava inconsolável. Segundo disse aos Homens de Pedra, a finada tinha lhe revelado, anos antes, que uma seita esotérica, integrada por seres terríveis, chamados de "Golen" perseguia, desde outrora, os Senhores de Tharsis; ao emitir aquele grito assustador, antes de morrer, ela tinha se agarrado a Pedro de Creta e este acreditou distinguir a palavra "Golen", modulada com o último suspiro. Por isso jurou depois, sobre os treze cadáveres, vingar aquelas mortes, se em verdade eram produto da magia negra dos Golen, tal como o sugeria a horrível decomposição que se observava nos corpos; sua vida, explicou Pedro, estava destruída, e teria aceitado morrer mil vezes naquela noite, antes que sobreviver suportando a dor de recordar os que tanto amava. Consagraria sua existência a procurar os Golen, agora seus próprios inimigos, e trataria de cumprir seu juramento; vingar-se-ia ou morreria na tentativa; era evidente, disse, com inocência, que só o furor que se acendia em seu sangue lhe permitia manter-se vivo.

Pedro de Creta ignorava por onde começar a busca, quando chegaram os monges, parentes de sua esposa, os quais certamente saberiam orientá-lo. Os Homens de Pedra, cujos familiares mortos se contavam por centenas, não estavam com humor para se comover pelo pequeno drama do Cavalheiro bizantino; não obstante, admiraram sua nobre ingenuidade, o valor sem limites que exibia e a maravilhosa fidelidade de seu amor. Era óbvio que não tinha ideia dos inimigos que enfrentava e carecia de qualquer chance diante d'Eles; mas seria quase impossível que conseguisse localizá-los por si mesmo e essa impotência constituiria sua melhor proteção. Retiravam-se, pois, os Senhores de Tharsis, sem terem dito uma só palavra, quando foram alcançados por Pedro de Creta; o homem não tinha acreditado neles nem um pouco; pelo contrário, estava certo de que lhe ocultavam algo e decidiu acompanhá-los; ofereceu a proteção de sua espada aos monges, mas, se o rejeitavam, os seguiria à distância. Não houve maneira de persuadi-lo a que abandonasse seu projeto. Os Homens de Pedra não tinham alternativa: ou permitiam que os acompanhasse ou teriam que executá-lo. Decidiram pelo primeiro, pois Pedro de Creta era, claramente, ***um homem de Honra***.

O chefe dos ***Domini Canis*** os estava esperando. Chamava-se Rodolfo e tinha nascido em Sevilha, mas na Ordem o chamavam de "Rodolfo da Espanha". Sua sabedoria era lendária, mas, por motivos estratégicos, jamais quis se destacar nos ambientes acadêmicos e só aceitou aquele priorado na periferia de Toulouse: a partir de seu monastério operava o grupo mais interno do ***Circulus Domini Canis***. Procedia da mesma família de Petreño, e tinha um grau de parentesco como de tio em segundo grau com os monges recém-chegados, os quais eram primos entre si. Colocou Pedro de Creta em um monastério que albergava peregrinos laicos e depois falou com franqueza:

— Sei de tudo! A Voz do Sangue Puro me revelou no momento do ocorrido. E o olhar interno me permitiu observar o Ritual dos Demônios. Agora Eles partiram rumo ao Templo de Melquisedeque com a convicção de que

conseguiram exterminar a Casa de Tharsis. Possuímos, pois, uma pequena vantagem estratégica, que devemos aproveitar acertadamente, para salvar a Estirpe de Tharsis. Este é o quadro da situação: da Espanha, só vocês dois e a Vraya sobreviveram; aqui, há duas monjas, que são minhas sobrinhas, Vrunalda e Valentina; e restam dois Iniciados, um em Paris e outro em Bolonha: a eles já enviei mensageiros, solicitando-lhes que se apresentem urgentemente em Toulouse. Cavalheiros: temos que realizar um Conselho de Família!

Quinze dias depois, estavam os sete reunidos em uma cripta secreta, sob a Igreja do Monastério de Rodolfo de Tharsis. Na verdade, não havia muito o que discutir, pois os seis restantes aceitariam tudo o que propusesse Rodolfo, de longe o mais Sábio dos Senhores de Tharsis. E não se equivocavam, pois seu plano, simples e eficaz, produziu resultados extremamente fortes contra a Estratégia inimiga, e permitiu salvar a Estirpe de Tharsis. Assim o expôs:

— Antes de mais nada, devo confirmar-vos que a Casa de Tharsis se debate, como nunca, diante da alternativa da extinção; e que as possibilidades da continuidade da Estirpe são mínimas: concretamente, elas se baseiam nas duas Damas aqui presentes. Não é desconhecido para Vós que, em toda a história de nossa linhagem, os Homens de Pedra sempre procederam da herança matrilinear: a mensagem do Sangue Puro se transmite de filha para filha, e só das Damas de Tharsis nascem os Homens de Pedra e as Damas Kâlibur. Daí que a principal prioridade da Estratégia a seguir consista em envolver estas Damas em matrimônios convenientes para os nossos objetivos. Isto quer dizer que tais matrimônios devem estar rigorosamente sob nosso controle: tudo deve ser sacrificável a favor da missão familiar, inclusive um marido estéril!

Assentiram com um gesto Vrunalda e Valentina.

Rodolfo continuou falando:

— O ***Circulus Domini Canis*** dará a todos vós novas identidades pois, naturalmente, já não regressareis para onde estáveis até agora. Os Golen jamais deverão suspeitar que estamos vivos nem que nenhum de nós pertence à linhagem de Tharsis. Só retomaremos nossos nomes no dia em que logremos quebrar o Poder dos Golen, quer seja destruindo suas Ordens satânicas, ou fortalecendo ao máximo o ***Circulus Domini Canis***. Enquanto isso, trabalharemos em segredo dentro da Ordem de Pregadores e nos ocuparemos em assegurar que os matrimônios de Vrunalda e Valentina deem seus frutos.

Não poderemos voltar à Espanha enquanto exista a possibilidade de sermos descobertos ou reconhecidos. Há que se manter a ficção de que a Casa de Tharsis efetivamente se extinguiu. Sei que isso significa deixar a Vraya abandonada à sua própria sorte, mas isso é preferível do que arriscar um novo assédio dos Imortais na Caverna Secreta. Recordai que muitos morreram para conservar a Espada Sábia e que a Vraya será só mais uma dos que entregarão sua vida por tão nobre missão. No entanto, um dia

teremos que regressar à Caverna Secreta para restituir a Guarda. Teremos que prever, então, a maneira de recuperar o patrimônio da Casa de Tharsis. Para isso, nada parece melhor do que realizar o seguinte: existe um Iniciado no ***Circulus Domini Canis***, um jovem Conde catalão, que estaria disposto a ceder os direitos de seu rico Feudo mediterrâneo, em favor de um filho de Alfonso III, em troca do condado de Tarseval. Deduzo que o Rei de Portugal concederá essa graça, tendo em conta as vantagens obtidas, em prestígio e renda, para o beneficiário do Condado catalão. Tudo será arranjado pela Ordem, mas há algo a mais: pensei que este Conde é o consorte ideal para Vrunalda.

Aqui a surpresa apareceu em todos os rostos. Vrunalda, uma jovem de quinze anos que, desde os treze, era noviça em Fanjeaux, enrubesceu. Rodolfo explicou seu plano:

— Não vos espanteis, que logo me darão razão. Entendo que pode parecer loucura a ideia de enviar Vrunalda para a Espanha, depois dos perigos que confirmei e da Estratégia que propus, mas vos mostrarei como isso pode ser possível. Se atuamos com cautela e tomamos um tempo prudencial para ajustar os detalhes, por exemplo, uns quatro anos, nada permite antecipar mais perigos ou dificuldades, pelo contrário, a presença de Vrunalda nas terras da Casa de Tharsis é necessária para que o poder carismático da Pedra de Vênus atue sobre sua semente. É claro, não a enviaremos desprotegida, pois dispomos do poder de dotá-la de uma nova personalidade, cuja mudança dificilmente será notada pelos Golen. O caso é que um dos membros alemães do ***Circulus Domini Canis*** é um Senhor Territorial, vassalo da Casa de Suábia, viúvo há muitos anos e consagrado à predicação dentro da Ordem. Ao morrer sua esposa, este Nobre nos confiou sua pequena filha de nove anos como noviça do monastério de Fanjeaux, a qual faleceu três anos depois, mais ou menos na data em que ingressou Vrunalda. Falei com ele, e está de acordo em que Vrunalda ocupe o lugar de sua filha; inclusive está disposto a jurar que ela é sua legítima descendente e a morrer, antes do que trair tal juramento. Levará Vrunalda ao seu Castelo na Áustria e a apresentará como sua filha, que abandonou a vida religiosa por ter sido prometida a um Conde catalão. Durante quatro anos a integrará aos costumes alemães e lhe fornecerá toda a informação sobre sua família recente. Espero que, no final desse período, Vrunalda seja capaz de passar por uma Dama germânica e responder todos os interrogatórios sobre sua linhagem. Até lá, aqui já teremos substituído as lápides e adulterado as atas de óbito do monastério, sendo assim que, quem morreu e foi sepultada há três anos, seria, neste momento, Vrunalda de Palência. O que opinais agora deste plano?

O sorriso iluminou os semblantes dos Homens de Pedra, evidenciando que confiavam plenamente no plano de Rodolfo. Aprovaram tudo quanto este tinha proposto, e escutaram respeitosamente o final de sua exposição:

— Com respeito à Valentina, vos direi que ainda não decidi nada e que ter-se-á que buscar para ela um esposo que reúna as condições requeridas

por nós. Mas, de qualquer modo, deve desaparecer definitivamente como membro da Casa de Tharsis. Portanto, vos anuncio também que Valentina de Palência, monja dominicana do convento de Fanjeaux, para todos os efeitos legais, faleceu naquela noite em que a Peste flagelou a Casa de Tharsis: sua morte está assentada nas atas e possui sua própria sepultura no cemitério da Ordem. Enquanto preparamos seu futuro, permanecerá oculta em uma fazenda que possuímos em São Félix de Caraman. Tal propriedade pertencia a um Nobre da linhagem dos Raimundos, que fora queimado por Simon de Montfort durante um de seus avanços até Toulouse; o único herdeiro vivo, herege confesso, foi obrigado a ingressar pelo resto da vida em um dos monastérios de claustro da Ordem de Pregadores. Após sua morte, os direitos passaram à Ordem, que agora decidiu vendê-los a um Cavalheiro Romano desejoso de viver nestas regiões e possuidor de muito ouro para pagar. Esse Cavalheiro, "Arnaldo Tíber", não é senão nosso parente recém-chegado da Bolonha, aqui presente: sua missão será, pois, levar avante a produção da fazenda e reconstruir o Castelo, que hoje encontra-se em ruínas; também deverá se casar com uma Dama escolhida entre as famílias dos ***Domini Canis***. Valentina terá que passar por sua irmã, ou sobrinha, até que sua situação esteja resolvida. Momentaneamente, se alojará ali o Homem de Pedra que vem de Toledo, e secundará em tudo o suposto Cavalheiro romano. Tende em mente que sereis vassalos do Conde de Toulouse e, portanto, do Rei da França; mas, como a Ordem de Pregadores se reservará os direitos religiosos da doação, vossa espada estará, na realidade, a serviço do Papa e da Igreja. E sugiro que acomodeis no castelo, como chefe da guarnição ou mordomo, o Cavalheiro viúvo que vos acompanhou da Espanha: não tenho dúvidas de que é pessoa de confiança.

As coisas ocorreram conforme Rodolfo as tinha planejado, com apenas uma exceção que não alterou os objetivos, como em seguida se verá.

O Rei de Portugal abriu espaço para a solicitação do Cavalheiro catalão, fortemente apoiado pela Ordem de Pregadores, e lhe concedeu o Condado de Tarseval. Isto ocorria um ano depois que a Peste causara a extinção da Casa de Tharsis e, naquela época, os Golen tinham inspecionado minuciosamente a Vila de Turdes e a Residência Senhorial. Iriam embora convencidos de que não restavam Senhores de Tharsis com vida; não obstante isso, estenderiam a busca por toda a Espanha e depois o resto da Europa. Mas aquelas indagações dariam resultados negativos; ***ou positivos***, segundo seu ponto de vista, pois em todos os locais onde viviam os membros da Estirpe condenada comprovavam que a passagem da Peste não tinha deixado sobreviventes.

O novo Conde de Tarseval repovoou a Vila de Turdes com quinhentas famílias de Barcelona e assentou uma guarnição na Residência Senhorial de trezentos soldados catalães. Onde se encontrava a Capela, ao pé da Serra Candelária, mandou construir uma pequena fortaleza, composta de uma torre e muralha: dali em diante, aquele lugar estaria sempre sob a

observação das sentinelas do Condado. Não havendo Noyos nem Vrayas que montassem guarda na Caverna Secreta, o melhor seria manter a vigilância sobre a Serra, para afastar os curiosos ou possíveis suspeitos. Três anos depois, o Conde de Tarseval viajou para a Áustria e contraiu matrimônio com Vrunalda, transformada agora em Dama germânica. A Residência Senhorial, remodelada e fortificada pelos catalães, recebeu então aquela tímida Senhora, que nunca terminava de aprender a língua de Alfonso X e preferia antes passar as horas rezando na igreja da Gruta do que desfrutar dos costumes cortesãos.

A família foi prolífica em filhos e filhas, com o que a continuidade da Estirpe de Tharsis ficou até certo ponto assegurada. De outra forma, o Condado desfrutou de relativa tranquilidade durante os anos seguintes, devido especialmente ao cuidado que colocou o Conde em não se deixar arrastar pelas lutas de interesses que mantinham os monarcas de Portugal e Castela. Quando o Rei Sancho IV reincorpora a região de Huelva, e concede seu senhorio com caráter vitalício a Dom Juan Mate de Luna, o Condado de Tarseval passa sem problemas para a coroa de Castela, que confirma os direitos e as armas do Conde catalão. Igual respeito mostrariam Fernando IV e os sucessivos proprietários e Senhores do país de Huelva. Em resumo, a família que se desenvolvia na Espanha, nos antigos domínios da Casa de Tharsis, cumpriria com acréscimo as metas propostas por Rodolfo e os Senhores do Cão, ainda que conservasse até meados do século XIV o segredo de sua linhagem.

Mas nem tudo ocorreu como Rodolfo esperava: houve uma exceção, mas, como disse no início, isso não modificou os objetivos da Estratégia. O problema foi apresentado por Valentina, que era uma jovem cheia de dons, mas extremamente apaixonada. Rodolfo tinha arranjado com um Senhor de Flandres, partidário, tanto ele como sua família, dos ***Domini Canis***, o compromisso de casamento entre seu filho e Valentina: o prometido, um Capitão às ordens do Duque de Flandres, estava certamente conformado com o enlace matrimonial. Mas não Valentina. Por quê? O que ninguém imaginou naquele Conselho de Família havia ocorrido em São Félix de Caraman: Valentina tinha se enamorado perdidamente de Pedro de Creta. Naturalmente, algo tinha de especial o Cavalheiro bizantino, uma vez que já tinha sido amado por outra Dama de Tharsis, sua finada esposa. Mas a paixão que, desta vez, despertou o Frio Coração de Valentina, superou todos os argumentos de Rodolfo e todos os raciocínios ou conselhos dos Homens de Pedra; a Dama não atendia razões: ou se casava com Pedro de Creta ou a Estratégia de sobrevivência da Estirpe não passaria por ela. E o que dizia de tudo isto Pedro de Creta? Sem dúvida, também estava enamorado, mas, afirmava, o juramento contraído diante de sua família assassinada o inibia para formalizar outro casamento; antes devia vingar-se, castigar de algum modo os malditos Golen. Com esse propósito tinha chegado até ali e ainda aguardava ser orientado para a guarida dos Demônios. Mas sua paciência

se esgotava e, se não obtinha logo a direção requerida, partiria sozinho, colocando seu rumo, como Cavaleiro errante, nas mãos de Deus.

Como se vê, a situação era complicada, mas não impossível de se resolver. O dilema que poderia apresentar Pedro de Creta, sobre se seria ou não digno de desposar uma Dama de Tharsis, já estava elucidado de início, com seu matrimônio anterior. Sua família pertencia à nobreza bizantina; na distribuição de uma herança, tinha se saído mal pelas intrigas de certos familiares e, finalmente, viu-se obrigado a fugir. Um dos Senhores de Tharsis o conheceu em Constantinopla e ofereceu-lhe aquele posto na Espanha. Tinha agora trinta e oito anos; e já expus as circunstâncias de sua viuvez. A princípio, pois, não existia impedimento intransponível para que se concretizasse o anelo de Valentina: tudo se reduzia a convencer o Cavalheiro sobre a importância daquela união. Mas tampouco seria tarefa fácil consegui-lo, já que se teria que oferecer explicações; e muitas. Um novo Conselho de Família decidiu, por fim, anular o compromisso com o Senhor de Flandres e falar às claras com Pedro de Creta.

Foi-lhe dita a verdade. Fizeram-no compreender que o terrível poder dos Golen não podia ser confrontado por nenhum homem, se contava apenas com o sangue e a espada: era necessária, também, a Sabedoria; e Ela poderia ser encontrada entre os ***Domini Canis***, com quem lhe ofereciam se integrar. Mas não lhe ocultaram o perigo mortal que correria, se seu casamento com Valentina de Tharsis fosse descoberto: seria consciente, dolorosamente consciente, de que, em tal caso, sua família poderia ser novamente exterminada pelos Golen. Pedro de Creta entendeu, assim, que o maior dano possível ao Inimigo seria causado pela constituição de uma família do sangue de Tharsis que perpetuasse em segredo a herança da linhagem. E então sim, mostrou-se disposto a seguir o plano de Rodolfo da Espanha!

A presença de Pedro de Creta se justificou pela amizade que tinha com o Barão de São Félix, isto é, com o "Cavalheiro romano", que representava o Homem de Pedra, e depois pelo matrimônio com a "irmã" deste, uma jovem castelhana de nome Valentina. O casal passou grande parte de sua vida recluso no Castelo, bem como a família de Arnaldo Tíber, sem despertar jamais as suspeitas do Inimigo sobre sua verdadeira origem. Para a exploração da propriedade, e cobrir toda possível suspeita entre os aldeões, os castelhanos contaram com a ajuda inestimável de uma família de locais, aos quais se tinha enfeudado a fazenda. Os Nogaret, que assim se chamavam, provinham de uma antiga linhagem occitana profundamente comprometida com a "heresia cátara", quer dizer, com a Sabedoria Hiperbórea. Vários de seus membros foram queimados por Simon de Montfort durante o sítio de Albi; o resto da família teria sofrido igual sorte se os ***Domini Canis*** não a tivessem protegido, aceitando nos tribunais inquisidores, que controlavam, sua conversão ao catolicismo e transladando-a para São Félix de Caraman. Estes bravos Cátaros, leais até a morte e valentes até a temeridade, se uniam com os Senhores do Cão em

um mesmo ódio para com a Igreja Golen e seu Deus Criador Jeová Satanás; só esperavam uma oportunidade para contribuir na luta contra os planos da Fraternidade Branca. E essa oportunidade os Senhores do Cão ofereceram, trinta anos mais tarde, a Guilherme de Nogaret.

Pedro de Creta e Valentina de Tharsis procriaram quatro filhos, os quais viveram toda sua vida em São Félix. Foram seis netos seus, junto com outros dez familiares de Arnaldo Tíber, que depois retornaram à Espanha, a partir do ano 1315: ***e entre eles ia Henrique Cretez, antepassado direto de Lito de Tharsis***. Fica claro assim, Dr. Siegnagel, porque me detive tanto em falar sobre eles: Eu descendo diretamente daquele casal formado por Pedro e Valentina.

Trigésimo Quarto Dia

Ao se iniciar o século XIII, os planos da Fraternidade Branca pareciam se cumprir implacavelmente: ***e no entanto fracassaram***. O que aconteceu, então? Esta era, Dr. Siegnagel, a pergunta apresentada no Dia Décimo Oitavo. A resposta, que agora poderá compreender com maior profundidade, afirmava que duas causas exotéricas e uma esotérica, e fundamental, explicavam o fracasso; sinteticamente, as causas exotéricas se concentravam em dois homens da História, Frederico II da Alemanha e Felipe IV da França; no entanto, eles só expressavam a ação de certas forças ocultas, às quais denominei "oposição da Sabedoria Hiperbórea". A primeira causa exotérica e a oposição da Sabedoria Hiperbórea já foram expostas. Faltaria agora, para completar a explicação, mostrar como o ***Circulus Domini Canis*** aplica o Golpe de Misericórdia à Estratégia inimiga, dirigindo contra seus planos os atos de Felipe IV da França, a segunda causa exotérica.

Em 1223 morria Felipe II Augusto, um Rei anestesiado pelos Golen, que permaneceu indiferente durante a Cruzada contra os Cátaros e permitiu a consolidação da Ordem do Templo na França. Suceder-lhe-ia Luís VIII, o Leão, monarca física e espiritualmente fraco, que participaria, em 1226, da segunda Cruzada contra os Cátaros e morreria nesse mesmo ano. Desde então, e até 1279, governa Luís IX, o Santo, que deixa definitivamente abandonada a questão do Languedoc, ao incorporar todos os territórios à Coroa da França pelo casamento, obrigado, da única filha do Conde de Toulouse com seu irmão Alfonso de Poitiers. Posteriormente, o Rei guelfo de Aragão, Jaime I, confirmaria a Luís IX as conquistas territoriais occitanas, cedendo, no tratado de Corbeil, de 1257, os direitos de Aragão sobre Carcassona, Rodes, Lussac, Béziers , Albi, Narbona, Nimes, Toulouse, etc., traindo com isso a Causa pela qual seu pai, Pedro II, morrera na batalha de Muret, lutando contra Simon de Montfort ; também cederia sua filha Isabel para ser esposa de Felipe III, filho de Luís IX. É que este Jaime I era aquele

menino que Pedro II entregou como refém a Simon de Montfort "para sua educação"; morto Pedro II, uma delegação de Nobres catalães negociou com Inocêncio III a devolução do menino, ao que o Papa Golen aceitou, com a condição de que fosse educado pelos Templários da Espanha, isto é, na Fortaleza de Monzon, a mesma onde Bera e Birsa assassinaram Lupo de Tharsis, Lamia e Rabaz. Jaime I tinha seis anos quando foi colocado nas mãos dos Templários, os quais se dedicariam durante vários anos a lavar-lhe ordenadamente o cérebro e a torná-lo um instrumento de sua política sinárquica: não deve surpreender, pois, sua conduta pouco solidária para com a causa da morte de seu pai, nem a crítica que sobre os atos deste faz em seu livro de memórias. Muito oposta à política guelfa de Jaime I seria, em troca, a conduta de seu filho Pedro III, o Grande, que se lançaria por inteiro contra a teocracia papal.

Então, ao morrer Luís IX, o Santo, em 1270, ocupa o trono seu filho, Felipe III, levando como Rainha Isabel de Aragão, irmã de Pedro III. Nessa época ocorrem os fatos que narrei ontem, vale a pena dizer, o Conde catalão reconstrói o Condado de Tarseval e Valentina se enamora de Pedro de Creta. Felipe III governaria até 1285, data em que lhe sucederia Felipe IV, o braço executor dos ***Domini Canis***. Mas, o que acontece, enquanto isso, no cume do Poder Golen, quer dizer, no papado? Para responder, há que se voltar à morte de Frederico II, quando enfrentava, em uma guerra bem-sucedida, Inocêncio IV, uma guerra que ameaçava terminar para sempre com os privilégios papais: nessas circunstâncias, os Golen o fizeram envenenar, em 1250. Mas o Imperador já tinha causado um dano irreparável à unidade política europeia e deixava na Itália um partido gibelino fortemente consolidado, que não se submeteria facilmente à autoridade papal. Vale destacar que o ódio que os Golen tinham então pela casa da Suábia era apenas superado pelo que verteram durante milênios sobre a Casa de Tharsis: aquela Estirpe, como esta, tinham jurado destruir sem piedade.

Inocêncio III e os Papas seguintes decidem despojar os Hohenstaufen de todos os seus direitos sobre a Itália, quer dizer, sobre Roma, Nápoles e Sicília, e impedir que algum membro dessa Casa tenha acesso ao trono imperial. Frederico II é sucedido por seu filho Conrado IV, rapidamente excomungado por Inocêncio IV: morre em 1253, deixando como herdeiro seu único filho, o pequeno Conradino, nascido em 1252. Como regente do menino, governa a Sicília Manfredo, filho natural de Frederico II. Excelente general, este Rei continua a guerra empreendida por seu pai contra o papado Golen: recebe três excomunhões de Urbano IV, arma terrível da época, mas que não faz a menor diferença no poderoso exército sarraceno que formou. Manfredo vence em todos os lugares e ameaça concluir a obra purificadora de Frederico II; e para desventura de Urbano IV, casa sua filha Constança com o infante Pedro de Aragão, quer dizer, com o futuro Rei Pedro III. É então que os Golen decidem realizar uma manobra ambiciosa, que seria inicialmente bem-sucedida, mas que finalmente causaria a ruína de seus

planos: tentam substituir a Casa da Suábia da Alemanha pela Casa dos Capetos da França no papel de executora dos planos da Hierarquia Branca.

Apesar do que se diga, o plano não era absurdo pois, particularmente fortalecidos, mas por sua vez divididos pelo caráter feudal de seus Estados, os Senhores Territoriais alemães podiam ser facilmente enfraquecidos em suas aspirações imperiais; de fato, o Interregno, o período atual no qual não existia acordo para eleger o Rei da Alemanha, podia se manter indefinidamente. Seria essa, então, a ocasião de apoiar o Rei da França e designar-lhe o papel que, por um tempo, foi confiado a Frederico II. Mas os Golen não pensavam no presente Rei Luís IX, personalidade forte e difícil de controlar, mas em seu sucessor, Felipe III, mais fraco e influenciável pelos clérigos de sua corte. Urbano IV oferece o trono da Sicília a Luís IX, mas o Rei da França não aceita, pois considera legítimos os direitos da Casa da Suábia; quem aceita é seu irmão Carlos de Anjou, Conde de Provença. Este Cavalheiro, herói das Cruzadas, quer ser Rei como seus irmãos e aceita converter-se em verdugo da Casa da Suábia. Com sua intervenção nos assuntos da Itália, os Golen conseguem comprometer a França em sua política teocrática e se preparam para restaurar o Poder do papado segundo a concepção de Gregório e Inocêncio III: depois virá, supõem, o Governo Mundial e a Sinarquia do Povo Eleito.

De acordo com a organização feudal dos provençais, os Senhores só cediam tropas por quarenta dias, e com a condição de não as transportar para uma longa distância. Não podendo tirar nada por esse lado, a Ordem Cisterciense financia para Carlos de Anjou um exército mercenário de trinta mil homens. Aquela tropa de aventureiros sem lei penetra na Itália em 1264 e derrota completamente Manfredo na batalha de Benevento: depois se entregariam a matanças e saques sem igual, só comparáveis às invasões bárbaras. Na batalha mencionada, além de Manfredo, perderam a vida muitos Cavaleiros do bando gibelino, dentre eles o pai de Rogério de Lauria, menino que se criara na câmara do Rei de Aragão, Pedro III, pois sua mãe era Dama de Companhia da Rainha Constança; Rogério de Lauria foi, claro, o genial almirante da armada catalã, a mais poderosa de sua época, com a qual Pedro III conquistou o reino da Sicília anos mais tarde.

Morto Manfredo, e desbaratado o partido gibelino, só resta o menino Conradino na Suábia como último rebento viril dos rebeldes Hohenstaufen. Carlos de Anjou acerta com Urbano IV a usurpação de seus direitos: faz-se proclamar Rei de Nápoles e se apodera da Sicília. Imediatamente estabelece um regime de terror, orientado principalmente contra o bando gibelino; as expropriações de bens e títulos, execuções e deportações acontecem sem cessar; em pouco tempo os franceses são tão odiados como os sarracenos da Terra Santa. Uma das vítimas mais ilustres é João de Prócida, o Sábio das Cortes de Frederico II e Manfredo: membro de uma nobre família gibelina, Senhor de Salerno, da ilha de Prócida, e de vários Condados, não seria apenas despojado de seus títulos e bens, mas Carlos de Anjou cometeria uma covarde violação de sua esposa e filha; só salvaria a vida

graças à admirável prudência com que soube tratar o Papa Golen Urbano IV.

Um grande clamor se eleva nos anos seguintes contra a dominação francesa. Em 1268, Conradino, que na época contava com dezesseis anos, acode a Itália à frente de um exército de dez mil homens, confiando em que na península se unirão a ele mais tropas. Carlos o aniquila em Tagliacozzo, fazendo passar por horrível suplício os Cavaleiros que consegue tornar prisioneiros. Conradino, o último Hohenstaufen, trata de embarcar, para fugir da Itália, mas é traído e conduzido ao poder de Carlos de Anjou. Promove-se um pedido unânime para que o neto de Frederico II seja perdoado, mas Clemente IV mostra-se inflexível: "a morte de Conradino é a vida de Carlos de Anjou"; os Golen não estão dispostos a suspender o extermínio da Estirpe que tanto mal causou aos planos da Fraternidade Branca.

Depois de uma paródia de julgamento, Conradino é condenado à morte em Nápoles. Antes de entregar a cabeça ao verdugo, o menino demonstra sua bravura mediante um gesto que significará, a curto prazo, a virtual derrota de Carlos de Anjou: tira uma luva e a lança para a multidão que veio observar a execução, enquanto grita: "Desafio que um verdadeiro Cavaleiro de Cristo vingue minha morte em mãos do Anticristo!". Um instante depois é decapitado diante da presença de Carlos de Anjou, o legado papal, numerosos Cardeais e Bispos, e dezenas de Golen que não podem ocultar seu regozijo pela extinção da linhagem dos Hohenstaufen: nesse momento só restava vivo o Rei da Sardenha, Enzo, filho de Frederico II, mas prisioneiro para o resto da vida em um Castelo de Bolonha desde 1249, e que seria brevemente envenenado, por segurança. Não obstante, o gesto de Conradino não seria em vão, pois ainda restavam Cavaleiros dispostos a lutar contra as forças satânicas: a luva é recolhida por João de Prócida, em nome de Pedro III de Aragão, esposo de Constança da Suábia. A filha de Manfredo, e prima-irmã de Conradino, é agora a legítima herdeira dos direitos que a Casa da Suábia tem sobre o trono das Duas Sicílias e a única esperança do partido gibelino.

Deve-se ver na ação desdobrada desde então por João de Prócida outro aspecto da oposição da Sabedoria Hiperbórea aos planos da Fraternidade Branca, vale a pena dizer, da causa esotérica do fracasso de tais planos. De fato, aquele grande Iniciado Hiperbóreo se refugiou em Aragão, junto a outros ilustres perseguidos por Carlos de Anjou e os Golen, e foi incorporado à nobreza aragonesa. O Rei outorgou-lhe vários Feudos em Valência, de onde fez contato com o ***Circulus Domini Canis*** e se integrou à sua Estratégia. A ele, mais do que ninguém, se deve o mérito de ter persuadido Pedro III acerca da justiça da Causa gibelina. Durante anos, este Senhor do Cão assessora o Rei de Aragão sobre os assuntos da Itália e planeja a maneira de conquistá-la; o secundam, com ânimo entusiasta, Constança, que deseja vingar seu pai Manfredo e a destruição de sua família, Rogério de Lauria, Conrado Lancia, e outros Cavaleiros sicilianos não iniciados. Em

1278, Pedro III sente-se suficientemente forte para levar à prática seu projeto siciliano. Envia, então, João de Prócida em missão secreta à Itália e Oriente Médio.

O Cavalheiro siciliano viaja vestindo o hábito dominicano. Entrevista-se com os principais representantes do partido gibelino da Itália e Sicília, os quais prometem ajudar o Rei de Aragão, e em 1279 chega a Constantinopla para pactuar com o Imperador Miguel Paleólogo, que está para ser atacado por uma frota de Carlos de Anjou. No entanto, fato que Carlos de Anjou não suspeita, não existe nesse momento no mundo frota mais poderosa do que a armada catalã do Rei de Aragão. O bizantino contribui com trinta mil onças de ouro para manter a campanha e João empreende o regresso, previamente passando pela ilha da Sicília; ali recolhe o compromisso do Nobre Alaimo de Lentini, e outros, de preparar um levante contra os franceses; todas estas gestões obedecem à Estratégia de Pedro III, que deseja evitar um confronto direto entre França e Aragão e prefere que a mudança surja de um complô local contra Carlos de Anjou.

Em 1281, tudo está pronto para a revolta, quando uma manobra dos Golen obriga a suspender os movimentos. Carlos de Anjou força, em Viterbo, a eleição de Simon de Brion, um Cardeal francês altamente esclarecido sobre os planos da Fraternidade Branca, que professa um ódio feroz para com a Casa da Suábia e a Causa Gibelina. Recebe o nome de Martinho IV e imediatamente desata uma terrível perseguição aos gibelinos em toda a Itália; evidentemente os Golen suspeitam que algo se trama contra Carlos e tentam deter isso. Martinho IV é um típico expoente da mentalidade Golen, à que então se chamava impropriamente "guelfa". Além de ser tão fanático quanto Gregório VII e Inocêncio III, possui também a crueldade de um Arnaud Amalric; às suas instâncias as matanças, violações e saques ocorrem sem cessar, submetendo os sicilianos a um regime de terror insuportável. No final, a própria Roma acabará se rebelando. Mas, em 1282, esse estado de coisas chega ao seu fim, na Sicília. Durante a celebração da Páscoa, em 30 de março, um soldado francês tenta abusar de uma jovem siciliana em Palermo e, ao grito de ***"morram os franceses"***, explode a insurreição geral: os franceses são exterminados em Palermo, Trapani, Corleone, Siracusa e Agrigento; em um dia morrem oito mil e o resto deve fugir precipitadamente da ilha. Em um mês, não se podia achar nenhum francês vivo em toda a Sicília.

Foram aquelas reações populares as famosas "Vésperas Sicilianas", que não ocorreram por acaso, uma vez que nesses dias tinha zarpado de Barcelona Pedro III, com sua poderosa armada, e achava-se na África, a pouca distância da Sicília. Seus projetos, longamente elaborados, se realizaram com grande precisão; em junho avista várias naves sicilianas: são embaixadores de Palermo que vêm oferecer a Coroa da Sicília ao Rei de Aragão e à Rainha Constança. Pouco depois desembarca na ilha, em meio ao júbilo geral do povo, que se via, com esse ato de soberania, livre para sempre da dominação francesa e guelfa. Não se tratava, pois, de invasão,

mas de uma legítima eleição real: o povo siciliano, libertado por seus próprios meios da ocupação francesa, dava a si seus próprios reis, restaurando assim os direitos antigos da Casa da Suábia, na pessoa da neta de Frederico II. Mas os Golen não engolem o anzol.

Observe, Dr. Siegnagel, que, novamente, os Golen pareciam ter ganho a partida: não existiam mais os hereges Cátaros, nem se deixava sentir a presença do Graal nem havia um pretenso Imperador Universal como Frederico II, que disputasse com o Papa o Poder Espiritual, nem sequer havia Rei na Alemanha, mas sim um Rei na França, Felipe III, completamente controlado pela Igreja, e uma Sinarquia Financeira Templária em plena marcha, e um Rei francês, Carlos de Anjou, ocupando as Duas Sicílias e mantendo afastados os luciféricos gibelinos. Mas, de repente, o Golpe de Pedro III, que eles não podiam prever, porque era um produto da Alta Estratégia dos ***Domini Canis***, fazia ressurgir o perigo do gibelinismo e ameaçava fracassar os planos da Fraternidade Branca. Os Golen não iam permitir isso impunemente. Em novembro desse ano, Martinho IV fulmina com a excomunhão Pedro III e o insta ***a retirar-se da Sicília e amar Carlos de Anjou, fiel vassalo do Papa***. Ante a indiferença do aragonês, repete a excomunhão em janeiro e março de 1283, preparando a mão para atacá-lo com uma punhalada pelas costas; na última Bula, de fato, afirma que o Reino de Aragão é vassalo do Papa, por compromisso de Pedro II, o avô de Pedro III, morto na batalha de Muret, e que o Pontífice tem a faculdade de nomear como Rei quem melhor lhe parecer; tira, pois, a Coroa do excomungado aragonês e priva dos sacramentos da Igreja os povoados e lugares que o obedecerem. ***O plano Golen consistia em travar uma luta até a morte contra Pedro III e ampliar o Domínio da França às custas do de Aragão: seria o passo prévio para que um Rei da Igreja fosse levado ao trono de um Governo Mundial, apoiado pela Sinarquia Financeira Templária, e preparasse os meios para instaurar a Sinarquia Universal***.

Nesse plano, evidentemente, os Golen subestimam Pedro III. Na verdade, todos se equivocam com o aragonês, pois ignoram a força espiritual que desenvolveu, por influência de João de Prócida e os ***Domini Canis***. Mas este logo dá mostras de possuir um valor a toda prova; uma intrepidez sem limites; uma lealdade inquebrantável para com os princípios da Sabedoria Hiperbórea, isto é, a herança do Sangue Puro de sua Estirpe, que lhe concede o direito divino de reinar sem prestar contas a ninguém mais do que a Si Mesmo; e um monolítico sentido de Honra, que lhe dita seu Espírito, e que o impulsiona a lutar até a morte por seu ideal, sem falhar jamais. Formidável inimigo o que desafiaram desta vez os Golen.

A punhalada pelas costas significava comprometer o Reino de Aragão em uma guerra com a França, o que Pedro III justamente procurava evitar. Os Golen acreditam que a presença de Pedro III em Aragão deixará a praça da Sicília livre para Carlos de Anjou, para consumar uma nova ocupação. Mas a ilha, protegida pela armada catalã, tornou-se uma Fortaleza inexpugnável:

Pedro III se retira tranquilamente a Aragão em 1283, deixando a defesa em mãos do temerário e afortunado almirante Rogério de Lauria. Carlos de Anjou possui a segunda frota importante do Mediterrâneo, financiada pela Ordem Cisterciense de Provença, pelo Reino de Nápoles, e pelo Papa, mas não consegue apresentar uma tática coerente para enfrentar Rogério de Lauria, que, em sucessivos choques a irá destroçando implacavelmente. Depois de afundar alguns navios e capturar outros, apodera-se das ilhas de Malta, Gozo e Lipari; depois dirige-se a Nápoles e arma uma cilada para os franceses, mostrando só uma parte de sua esquadra. Carlos de Anjou está ausente e seu filho, Carlos, o Coxo, Príncipe de Salerno, decide responder ao desafio, pensando em uma fácil vitória: lança-se, então, em perseguição aos catalães, com todas as galeras disponíveis, topando, em pouco tempo, com o resto da armada inimiga. Aquela foi a mais importante batalha naval da época, na qual Rogério de Lauria levou a pique grande número de galeras francesas, capturou outras tantas, e só muito poucas conseguiram escapar. Esta sorte não teve a nau capitã, que foi capturada por Rogério em pessoa e na qual se encontravam Carlos, o Coxo, Jacó de Bruson, Guilherme Stendardo, e outros valorosos Cavaleiros provençais e italianos. O filho de Carlos de Anjou é levado prisioneiro para a Sicília, onde todos reclamam sua execução, em vingança pela morte de Conradino; no entanto, ó mistério da nobreza espiritual hiperbórea! É a Rainha Constança que o salva e manda que o confinem em Barcelona.

Dias depois da derrota de seu filho, chega Carlos de Anjou a Gaeta, mas não se atreve a atacar os espanhóis; essa indecisão é aproveitada por Rogério para assolar a guarnição da Calábria e assumir o controle de várias praças continentais; em curto tempo, a Sicília dispõe de um Governador na Calábria que ameaça, agora por terra, o domínio francês de Nápoles. Mas, quando Carlos decide enviar o resto de sua armada para os litorais de Provença, para apoiar o avanço do Rei da França, seus navios são tomados em frente a Saint Pol e derrotados completamente por Rogério de Lauria: esse desastre, que custou sete mil vidas francesas, representou o fim do poderio naval napolitano de Carlos de Anjou.

Nisso, Martinho IV descarrega, em 1284, o golpe que, pensa, será mortal para o aragonês: mediante uma Bula, oferece as investiduras de Aragão, Catalunha e Valência ao Rei da França, para um de seus filhos não primogênito. Felipe III aceita, em nome de seu filho Carlos de Valois e se presta a invadir Aragão. A gigantesca empresa guerreira será financiada agora por toda a Igreja da França. E, como no tempo dos Cátaros, Martinho IV publica uma Cruzada contra o excomungado Rei de Aragão: as ordens Beneditina, Cluniacense, Cisterciense e Templária agitam a Europa inteira, chamando para combater por Cristo, a cruzar-se contra a abominável heresia gibelina de Pedro III. Logo, Felipe III, que é também Rei de Navarra, reúne nesse país um exército ***integrado*** por duzentos e cinquenta mil infantes e cinquenta mil cavaleiros, ***formado*** principalmente por franceses,

picardos, tolosanos, lombardos, bretões, flamengos, borgonheses, provençais, alemães, ingleses, etc.

Com o concurso de quatro monges tolosanos, que revelam a Felipe III uma passagem secreta pelos Pirineus, os Cruzados invadem a Catalunha em 1285. Rodeando o Rei, e animando-o permanentemente, vão os principais Golen cistercienses, que consideram essa guerra questão de vida ou morte para seus planos de dominação mundial: dificilmente aquele Rei, que, de forma alguma merecia o apelido de "o Atrevido", teria se lançado à aventura da Cruzada sem a insistência mantida de Martinho IV e a pressão dos Golen franceses. O legado Papal avisa Pedro III ***"que deve obedecer ao Pontífice e entregar seus Reinos ao Rei da França"***, ao que o aragonês responde: ***"é fácil tomar e dar Reinos que nada custaram. O meu, comprado com o sangue de meus avós, deverá ser pago pelo mesmo preço"***. Na Catalunha, a resistência se torna encarniçada; todas as classes sociais apoiam Pedro III no que se pressente como uma Guerra Total. Os Cavaleiros aragoneses, os infalíveis arqueiros catalães, os ferozes guerreiros almogávares, os servos e combatentes do povo, detêm, hostilizam e infligem permanentes derrotas aos Cruzados. Por fim, uma epidemia termina por desmoralizá-los e optam por retirarem-se para os Pirineus. Mas, no Collado de Paniza os está esperando Pedro III, que se adiantou para cortar-lhes a passagem, e se trava durante dois dias a grande batalha. O exército francês termina aniquilado: dos trezentos mil Cruzados só quarenta mil regressam vivos; o rei Felipe III morre na campanha e para a França já será impossível a conquista de Aragão. ***É nestas circunstâncias que sobe ao trono da França Felipe IV, o Belo***.

Trigésimo Quinto Dia

Em 7 de janeiro de 1285 morre Carlos de Anjou, doente e desesperado. Em março de 1285 falece o Papa Golen Martinho IV. Felipe III, Rei da França, perece em 5 de outubro de 1285. E ao finalizar aquele fatídico ano, em 11 de novembro de 1285, expira Pedro III de Aragão, o Rei que conseguiu vencer a força conjunta dos três precedentes e frustrar em alto grau os planos da Fraternidade Branca. Quando de sua morte, seus Reinos são repartidos entre seus filhos, cingindo Alfonso a tríplice Coroa de Aragão, Catalunha e Valência; e Jaime, a da Sicília. Foi sucedido por Frederico II (de Aragão). Mas João de Prócida e os Senhores do Cão continuam assessorando os Reis de Aragão.

Assim, com a morte de Felipe III, os Golen supõem que seus planos estão momentaneamente atrasados. Mas, só ***momentaneamente atrasados*** ou seus planos estão ***definitivamente frustrados***, sem que Eles consigam perceber isso a tempo? Como se verá em seguida, só tarde demais os Golen comprovarão que algo muito estranho ocorreu ao sucessor de Felipe III. De fato, aquele Rei, cuja educação foi confiada aos monges mais eruditos da

França, isto é, aos dominicanos, ***tinha se tornado um Iniciado Hiperbóreo***, um potencial inimigo dos planos da Fraternidade Branca. Como ocorreu tal heresia? Quem o iniciou na Sabedoria Hiperbórea? A resposta, a única resposta possível, seria a incrível possibilidade de que, dentro da Igreja, na Ordem dos Pregadores, existisse uma conspiração de partidários do Pacto de Sangue, um conjunto de Iniciados na Sabedoria dos Atlantes Brancos. Não suspeitam, claro, dos Senhores de Tharsis, os quais consideram definitivamente extintos, e não conseguem descobrir oportunamente os culpados do desastre: o golpe será muito chocante para assimilá-lo com a necessária rapidez. E essa perplexidade inevitável, essa surpresa paralisante causada pela Alta Estratégia dos Senhores de Tharsis e o ***Circulus Domini Canis*** sinalizaria o princípio do fim da Estratégia inimiga: a partir de então, depois que Felipe IV desempenhasse brilhantemente sua missão, os Golen e a Fraternidade Branca teriam que esperar até o século XX, antes de dispor de outra oportunidade histórica para instaurar o Governo Mundial e a Sinarquia do Povo Eleito.

Como disse, os Golen não conseguiriam contrapor as consequências da nova situação. Tinham manobrado por vários anos para fortalecer na Europa a Casa da França e de seu seio surgir-lhes-ia um Rei hostil à hegemonia papal. Tinham cedido o terreno do ensino acadêmico aos monges dominicanos e acontecia que, entre eles, estavam infiltrados os inimigos do Deus Uno. E, o que era pior, àquela Ordem de Pregadores foi confiado o Tribunal do Santo Ofício, encarregado de inquirir sobre a fé. Até então, a Inquisição lhes permitia eliminar ou neutralizar oposições sob a ameaça da acusação de heresia, mas, e isto assumiam claramente, os maiores hereges eram eles: dali em diante, deveriam atuar com cautela, porque senão, ***semelhante ao jiu jitsu***, a própria força do atacante poderia se voltar contra eles.

Impossibilitados de submeter isso à autoridade papal, os Golen tentariam infrutiferamente, eliminar Felipe IV, fracasso que se deveu ao cerco de segurança que os ***Domini Canis*** estenderam em torno do Rei; quando finalmente conseguiram envenená-lo, em 1314, Felipe IV tinha reinado vinte e nove anos e cumprido com Honra a missão encomendada; e diante da grandeza de sua obra, em nada contam as calúnias de uma Igreja Golen derrotada e de um Povo Eleito que viu perdida sua oportunidade histórica, ainda que tenham sido repetidas, sem base, ao longo de setecentos anos.

Mas, durante os vinte e nove anos de seu reinado, tampouco disporiam de alguma personalidade política equivalente para substituí-lo ou se opor a ele. O Rei da Inglaterra, Eduardo I, se bem que intervém nos assuntos europeus, só o faz indiretamente, nos tempos de Felipe, o Belo, especialmente através de seus aliados, o Conde de Flandres e o Duque de Guiena: sua guerra encarniçada contra os escoceses o mantém ocupado na ilha britânica. E na Alemanha, o guelfo Rodolfo de Habsburgo, eleito em 1273 para pôr fim ao Interregno, morre em 1291 dedicado a guerrear contra os gibelinos e a aumentar os bens de sua Casa; sucede-lhe Adolfo de Nassau,

que só reina seis anos, travado em luta com os filhos de Rodolfo; e se segue depois Alberto I, que se entenderia pacificamente com Felipe IV e conveniaria com este em que no curso do Reno seria a fronteira entre a França e a Alemanha. Nada podiam fazer os Golen com estes soberanos, para enfrentar uma personalidade como Felipe, o Belo; e já sabemos o que podiam esperar dos Reis de Aragão e Sicília. Quero mostrar-lhe com isto, Dr. Siegnagel, que, ao perder o controle sobre o Rei da França, a Estratégia dos Golen via-se seriamente comprometida.

Durante cinquenta anos, o ***Circulus Domini Canis*** aguardou sua oportunidade. Esta se apresentou com Felipe IV, sobre o qual exerceram grande influência desde sua infância, dado o alto número de instrutores do infante que se contavam em suas fileiras. Ao morrer Felipe III, seu filho tinha dezessete anos e tinha sido iniciado secretamente na Sabedoria Hiperbórea. É possível afirmar, pois, que ao começar a reinar, já dispunha de um projeto claro sobre sua missão histórica; e tinha também ao seu lado homens que o assessorariam e lhe permitiriam executar suas ideias. Porque convém diferenciar claramente entre dois objetivos, complementares, que se colocam como meta nesse momento: um é o proposto pelo ***Circulus Domini Canis***, e já explicado, que procurava, simplesmente, deter a Estratégia inimiga e impedir que os Golen concretizassem a Sinarquia do Povo Eleito; outro é um objetivo que, então, brotava do Sangue Puro de Felipe IV, e que consistia, como no caso de Frederico II Hohenstaufen, em expressar em seu mais alto grau a Função Régia. Com respeito ao segundo objetivo, não há que se esquecer que em toda a linhagem dos Capetos, da mesma forma que em todas as Estirpes Hiperbóreas, existia uma missão familiar plasmada por seus remotos antepassados, nos tempos da queda no Pacto cultural. E a Estirpe de Felipe IV era de Sangue muito Puro, ainda que suas últimas gerações tenham estado dominadas pelos Sacerdotes do Pacto Cultural, quer dizer, pelos monges e Bispos Golen. Aquela dinastia, de fato, iniciava-se em 987 com o primeiro Rei da França, Hugo Capeto, filho de Hugo, o Grande, e neto do Conde de Paris e Duque da França, Roberto; este era, por sua vez, filho de Roberto, o Forte, ***membro da casa real saxã***, investido por Carlos, o Calvo, neto de Carlos Magno, com o título de Conde de Anjou, para que, com suas tropas germânicas, detivesse os ataques normandos. Em Felipe IV renascia, assim, como tinha ocorrido com Frederico II Hohenstaufen, um fruto que procedia de uma mesma raiz racial saxã e que tinha se desenvolvido ocultamente no campo fértil do Sangue Puro.

Ver-se-á como ambos os objetivos são alcançados conjuntamente; como a Função Régia, assumida inteiramente por Felipe IV, deposita na sociedade a semente da ***nacionalidade***; e como as medidas tomadas em seu governo, medidas baseadas na Sabedoria Hiperbórea, causariam o fracasso dos planos da Fraternidade Branca. Lamentavelmente, Felipe IV não chegaria a ver totalmente realizados seus anelos, pelo mesmo motivo que tampouco os alcançara completamente Frederico II: a época não era propícia para a aplicação integral de uma Estratégia que só poderia culminar com a Batalha

Final contra as Potências da Matéria; uma época assim ainda está pendente na História e talvez já estejamos entrando nela; mas Felipe IV aproximou-se bastante, o mais que pôde, do seu objetivo; e nesse fato inegável baseia-se sua Glória.

Em primeiro lugar de importância, os instrutores ***Domini Canis*** revelaram ao infante em que consistia a Função Régia do Pacto de Sangue, conceito que Frederico II, setenta anos antes, tinha compreendido claramente: ***Se existe um povo racial, uma comunidade de sangue, sempre, sempre, se formará em seu seio uma Aristocracia do Espírito, de onde surgirá o Rei Soberano: o Rei será quem ostente o grau mais alto da Aristocracia, o Sangue Mais Puro; quem possua tal valor, será reconhecido carismaticamente pelo povo e regerá por Direito Divino do Espírito. Sua soberania não poderá ser questionada nem discutida e, portanto, seu Poder deverá ser*** Absoluto***. Nada há Mais Alto do que o Espírito e o Rei do Sangue expressa o Espírito; e no Sangue Puro do povo subjaz o Espírito; e por isso o Rei do Sangue Puro, que expressa o Espírito, é também a Voz do Povo, sua Vontade individualizada de tender para o Espírito. De modo que nada material pode se interpor entre o Rei do Sangue e o Povo: pelo contrário, o Sangue Puro os une carismaticamente, em um contato que se dá fora do Tempo e do Espaço, nessa instância absoluta além da matéria criada, que se chama*** A Origem comum da Raça do Espírito***. E daí que tudo quanto se forme materialmente em relação ao povo deva estar subordinado ao Rei do Sangue: todas as vontades devem somar-se ou dobrar-se frente à sua Vontade; todos os poderes devem se subordinar diante de seu Poder. Inclusive o poder religioso, que só chega aos limites do Culto, deve se inclinar sob a Vontade do Espírito que o Rei do Sangue manifesta***.

Em segundo lugar, explica-se a Felipe IV a queda que os povos do Pacto de Sangue sofrem por causa da "fadiga de guerra" e as formas empregadas pelos Sacerdotes do Pacto Cultural para desvirtuar, deformar e corromper a Função Régia. No caso do Império Romano, os conceitos anteriores, herdados dos Etruscos, eram contemplados no Direito Romano antigo e em muitos aspectos se manteriam presentes até a época dos Imperadores Cristãos. Concretamente, seria Constantino que abriria a porta aos mais firmes partidários do Pacto Cultural, quando autoriza, com o Édito de Milão, a prática do Culto Judaico-cristão; mas o dano maior para a Função Régia seria causado por Teodósio I, setenta anos depois, ao oficializar o Judaico-cristianismo como ***única religião do Estado***. Começaria, então, o longo, mas fecundo processo no qual o Direito Romano se tornaria Direito Canônico; quer dizer, aquilo do Direito Romano que convinha para fundamentar a supremacia do papado seria conservado no Direito Canônico, e o resto sabiamente expurgado ou ignorado. Esse processo ofereceria a justificativa jurídica ao ***Cesaropapismo***, a pretensão papal de impor um

absolutismo religioso sobre os Reis do Sangue, cujos mais fervorosos expoentes foram Gregório VII, Inocêncio III e Bonifácio VIII.

Antes da decadência do Império, os Reis e Imperadores Romanos atribuíam-se origem Divina e isso constava também no Direito Romano. A tarefa dos canonistas católicos foi, se se quiser, bem simples: consistiu em substituir os "Deuses Pagãos", fonte da soberania régia, pelo "Verdadeiro Deus"; e em trocar o máximo representante do Poder, Rei ou Imperador, pela figura de "Pedro", o Vigário de Jesus Cristo. Ainda que seja óbvio, há que se esclarecer que, depois destas substituições, qualquer origem Divina ficava banida do direito Canônico, que, dali em diante, seria o Direito oficial do mundo cristão: Jesus Cristo apresentou-se só uma vez e disse: — "Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei minha Igreja". O direito Divino de reger a Igreja, e todos os seus fiéis, ricos ou pobres, nobres e plebeus, correspondia, pois, ***unicamente*** a Pedro; e, claro, aos seus sucessores, os Altos Sacerdotes do Senhor. Pedro foi escolhido por Jesus Cristo para ser seu representante e expressar seu Poder; e Jesus Cristo era Filho de Deus; e o Deus Uno, no Mistério da Trindade, era o Deus Criador de Todo o Existente: nada haveria, pois, no mundo, que pudesse se considerar mais elevado do que o representante do Deus Criador. Em consequência, se alguém ousasse se opor a Pedro, se pretendesse exercer um Poder ou uma Vontade oposta à do Vigário de Jesus Cristo, se atribuísse a si um Direito Divino, tratar-se-ia claramente de um herege, de um homem amaldiçoado por Deus, de um ser que, por sua própria insolência, situou-se fora da Igreja e ao qual se deve, com toda a justiça, suprimir também do mundo.

O Direito Canônico não deixava, assim, nenhuma possibilidade para que os Reis do Sangue exercessem a Função Régia: a Soberania real procedia agora do Culto Cristão; e os Reis deviam ser ***investidos*** pelos sucessores de Pedro, os Sacerdotes ***maximus***. E se a realeza devia ser ***confirmada***, ficava com isso anulado o princípio da Aristocracia do Sangue Puro, tal como convinha ao Pacto Cultural. Naturalmente, como tantas vezes antes, os povos se submeterão ao feitiço dos Sacerdotes e sobrevirão os tempos tenebrosos da ausência de Rei, nos quais a Função Régia foi usurpada pelas Potências da Matéria. Os Reis do Direito Canônico não são Reis do Sangue, mas meros governadores, agentes do Poder estatal, de acordo com a definição do Papa Gelásio I: "à parte do Poder estatal existe a Autoridade da Igreja, de onde procede a soberania daquele". Desta ideia gelasiana deriva-se a teoria das Duas Espadas, formulada por São Bernardo Golen: o Poder estatal é análogo à ***"Espada temporal"***, enquanto a Autoridade da Igreja equivale à ***"Espada espiritual"***. Pedro e seus sucessores, portanto, empunhariam a "Espada espiritual", diante da qual deverá se inclinar a "Espada temporal" dos Reis e Imperadores.

Mas nada disto é certo, ainda que se o codifique no Direito Canônico. A pretensa "Espada espiritual" da Igreja Golen é só uma ***Espada sacerdotal***. E o Poder que um Rei do Sangue está autorizado a exercer por Direito Divino do Espírito Eterno não é exatamente análogo a uma "Espada temporal", mas

a uma ***Espada de Vontade Absoluta***, a uma Espada cuja empunhadura se encontra na Origem, além do Tempo e do Espaço, mas ***cuja lâmina pode atravessar o Tempo e o Espaço e manifestar-se ao povo***. Em todo caso, o Rei do Sangue empunha a ***Espada Volitiva***, cuja ação se chama ***Honra*** e plasma, com seus toques, as formas do Reino: desses golpes de Vontade real, desses atos de Honra, brotará a Legislação, a Justiça, e a sábia Administração do Estado Carismático.

Se Felipe deseja se apresentar como Rei do Sangue, esclarecem os ***Domini Canis***, deverá restaurar previamente a Função Régia, deverá abandonar a ilusória "Espada temporal", que foi imposta aos seus antepassados pelos Sacerdotes do Pacto Cultural, e empunhar a verdadeira Espada Volitiva dos Senhores do Pacto de Sangue, a Espada que manifesta o Poder Absoluto do Espírito. No entanto, o Direito Canônico, vigente nesse momento, legaliza a hierarquização das Espadas, de acordo com o Pacto Cultural: primeiro, a Espada sacerdotal, pontificia; segundo, a Espada "temporária", régia. É necessário, pois, modificar a ordem jurídica existente, circunscrever o Direito Canônico ao âmbito exclusivamente religioso e estabelecer um Direito civil separado: a Função Régia exige inevitavelmente a separação entre a Igreja e o Estado.

No entanto, diante desta exigência, Felipe IV não se encontrava em situação de iniciar algo totalmente novo, uma espécie de "revolução jurídica"; pelo contrário, o ***Circulus Domini Canis*** ia preparando o terreno para isso, desde os tempos de Luís IX, avô de Felipe IV. A partir desses dias, de fato, os Senhores do Cão vinham influindo sutilmente na Corte francesa para favorecer a formação de uma classe completa de ***legistas laicos***, cuja missão secreta consistiria em revisar, e atualizar, o Direito Romano. Felipe III, o filho de Luís IX, foi um Rei completamente dominado pelos Golen cistercienses, os quais o mantiveram em uma ignorância tal que, por exemplo, jamais foi ensinado a ler e a escrever; sua estrutura mental, habilmente modelada pelos instrutores Golen, correspondia mais à do monge do que à do guerreiro. Os Senhores do Cão nunca tentaram alterar este controle, pois sua Estratégia não passava por ele, mas por seu filho Felipe IV; no entanto, em seu momento, conseguiram influir para que Felipe III aprovasse uma Lei, aparentemente proveitosa para a Coroa, na qual se reservava o direito de outorgar títulos de nobreza aos legistas laicos: esse instrumento jurídico fez-se valer depois, para promover numerosos e importantes ***Domini Canis*** aos mais altos cargos e magistraturas da Corte, até então vedados a todas as classes plebeias. Aqueles legistas laicos, pertencentes ao ***Circulus Domini Canis***, se lançaram com grande dedicação à sua missão específica e, em 1285, já tinham desenvolvido as bases que permitiriam ***constituir*** um Estado em que a Função Régia estivesse acima de qualquer outro Poder. Felipe IV contaria, de início, pois, com uma equipe de conselheiros e funcionários altamente especializados em Direito Romano, os quais o secundariam fielmente em seu confronto com o papado Golen. Das mais prestigiadas universidades francesas,

especialmente de Paris, Toulouse e Montpellier, mas também da Ordem de Pregadores, e até da nova burguesia instruída, sairão os legistas que darão apoio intelectual a Felipe IV: entre os principais, vale recordar os Cavaleiros Pierre Flotte, Robert de Artois e o Conde de Saint Pol; Enguerrand de Marigny, procedente da burguesia normanda, bem como seu irmão, o bispo Philippe de Marigny; Guilherme de Plaisians, Cavalheiro de Toulouse e fervoroso Cátaro; Guilherme de Nogaret, membro da família de aldeões que vivia nas terras de Pedro de Creta e Valentina, em São Félix de Caraman: seus avós tinham sido queimados em Albi por Simon de Montfort, mas ele professava secretamente o catarismo e integrava o ***Circulus Domini Canis***; foi professor de leis em Montpellier e em Nimes, antes de ser convocado para a Corte de Felipe, o Belo.

Trigésimo Sexto Dia

A partir dos conceitos precedentes, inculcados a Felipe IV pelos instrutores ***Domini Canis***, vai se delineando sua futura Estratégia: antes de mais nada, deverá restaurar a Função Régia; para isso, procurará separar a Igreja do Estado; e tal separação será fundamentada por precisos argumentos jurídicos do Direito Romano. Mas, a participação da Igreja se manifestava nos três poderes principais do Estado: no ***legislativo***, pela supremacia do Direito Canônico sobre o foro civil; no ***judiciário***, pela supremacia dos Tribunais eclesiásticos para julgar todos os casos, independentemente e acima da justiça civil; e no ***administrativo***, pela absorção de grandes rendas procedentes do Reino, sem que o Estado pudesse exercer algum controle sobre elas. As medidas que Felipe IV adotará, para mudar este último ponto, serão as que provocarão a reação mais violenta da Igreja Golen.

Quando Felipe IV sobe ao Trono, a Igreja era política e economicamente poderosa, e se encontrava entrelaçada com o Estado. Seu pai, Felipe III, tinha comprometido o Reino em uma Cruzada contra Aragão, que já tinha custado uma terrível derrota às armas francesas. A monarquia era fraca diante da nobreza proprietária de terras: os Senhores feudais, ao caírem no Pacto Cultural, foram outorgando um valor superlativo à ***propriedade*** da terra, abandonando ou esquecendo o antigo conceito estratégico da ***ocupação***, que mantinham os povos do Pacto de Sangue; portanto, nos tempos de Felipe IV, aceitava-se que uma absurda relação existia entre a nobreza de uma linhagem e a superfície das terras de sua propriedade, de tal modo que o Senhor que mais terras tinha pretendia ser o mais Nobre e poderoso, chegando a disputar a soberania com o próprio Rei. Antes de Felipe Augusto (1180-1223), por exemplo, o Duque de Guiena, o Conde de Toulouse, ou o Duque da Normandia, possuíam individualmente mais terras do que a Casa reinante dos Capetos. O Rei da Inglaterra, teoricamente, era vassalo do Rei da França, mas, em mais de uma ocasião, seu domínio

territorial tornava-o um perigoso rival; isso se viu claramente durante o reinado de Henrique II Plantageneta, que, além de Rei da Inglaterra, era também soberano de grande parte da França: Normandia, Maine, Anjou, Turene, Aquitânia, Auvérnia, Aunis, Saintonge, Angoumois, Marche e Périgord. Só quando João Sem-Terra cometeu os erros que são conhecidos, o Rei Felipe Augusto recuperou para sua Casa a Normandia, o Anjou, o Maine, a Turene e o Poitou. No entanto, Luís IX, companheiro de Cruzada de Eduardo I, devolveria a este Rei inglês os feudos franceses.

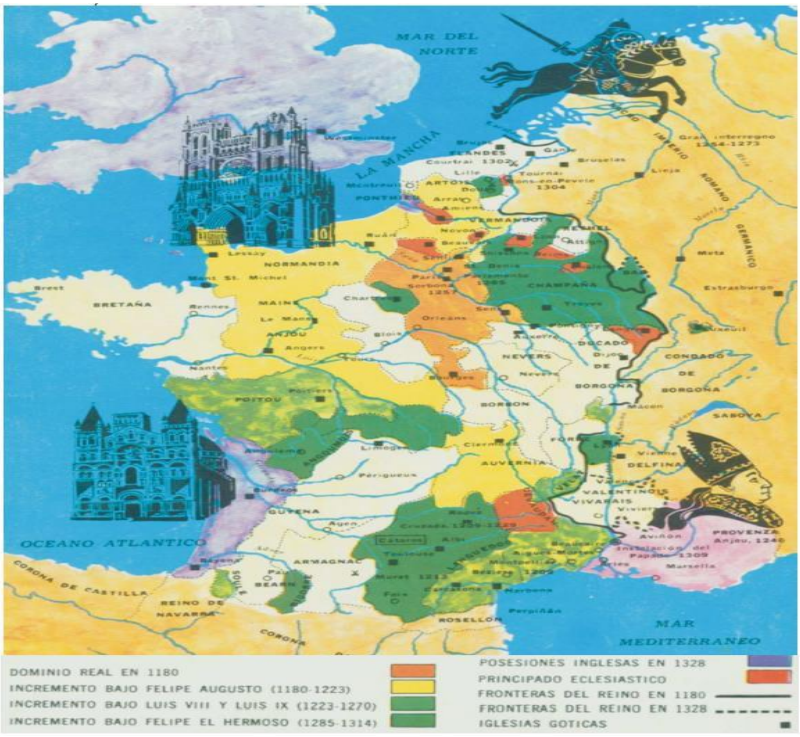
Desde o desmembramento do Império de Carlos Magno, e até Felipe III, pois, não existia nada parecido à ***consciência nacional*** nos Reis da França, mas uma ambição de domínio territorial que visava respaldar o poder feudal: a nobreza era, então, puramente ***cultural***, fundamentava-se nos ***títulos de propriedade*** e não no ***sangue***, como deveria ser uma autêntica ***Aristocracia do Espírito***. De forma que as expansões territoriais dos antecessores de Felipe IV não tinham outro objetivo a não ser a obtenção de poder e prestígio na sociedade feudal: de nenhum modo essas posses teriam conduzido à unidade política da França, à monarquia absoluta, à administração centralizada e racional, e à consciência nacional. Tais resultados foram obra exclusiva da Estratégia de Felipe IV.

Mas uma "Estratégia Hiperbórea" não é um mero conjunto de medidas, mas a estrutura dinâmica de uma ação finalmente eficaz. A Estratégia de Felipe IV baseava-se no seguinte conceito da Sabedoria Hiperbórea: ***se um povo se organiza de acordo com o Pacto de Sangue, então a Função Régia exige o modo de vida estratégico***. Vale a pena dizer que o Rei do Pacto de Sangue deverá conduzir seu povo, aplicando os princípios estratégicos da ***Ocupação***, do ***Cerco***, e da ***Muralha Estratégica***; complementados com o princípio do ***Cultivo Mágico***, ou seja, com a herança Atlante branca da Agricultura e da Pecuária. A este conceito, do qual já falei no Terceiro Dia, há que se voltar, para compreender estruturalmente a mudança da política francesa depois do advento de Felipe, o Belo.

Em termos práticos, a Estratégia que Felipe IV se propunha a implementar consistia na execução dos três princípios mencionados, mediante três fatos políticos correspondentes. Explicarei agora, ordenadamente, a forma como Felipe IV entendia tais princípios, vinculados à Função Régia, e depois mostrarei como seus atos políticos respondiam fielmente à Estratégia Hiperbórea dos ***Domini Canis***.

Primeiro: ***Ocupação do espaço real***. Este princípio admite vários graus de compreensão; obviamente, no caso da Função Régia, a ***ocupação*** tem que incluir essencialmente o território do Reino. Mas, quem devia ocupar as terras do Reino? O Rei do Sangue e a Casa reinante, ***em nome da comunidade racial, quer dizer, do Espírito***, porque esse é um povo do Pacto de Sangue. Porque o Rei é, conforme se disse, "a Voz do povo", "sua Vontade individualizada"; o Rei ***deve*** ocupar o território do Reino para que se concretize a soberania popular. O sistema feudal patrimonial, produto do Pacto Cultural, atentava contra a Função Régia, pois mantinha o Rei

separado do povo: o povo medieval, de fato, devia obediência direta aos Senhores Territoriais, e estes ao Rei; e o Rei só podia se dirigir ao povo através dos Senhores feudais. Por isso Felipe IV sancionaria uma lei que obrigava todo o povo da França a jurar fidelidade diretamente ao Rei, sem intermediários de nenhum tipo: ***"nada material pode se interpor entre o Rei do Sangue e o Povo"***. Em síntese, ***a Ocupação do Reino pelo Rei "é" a Soberania***.



Segundo: ***aplicar o princípio do Cerco no espaço real ocupado***. No grau mais superficial do significado, refere-se também à área territorial: a área própria deve se isolar estrategicamente do domínio inimigo por meio do princípio do Cerco; isto supõe, em todos os casos, a definição de uma fronteira estatal. Mas este segundo passo estratégico, é o que concede realidade ao conceito de "Nação": de acordo com o Pacto de Sangue, ***um povo, de Origem, Sangue e Raça comum, organizado como Estado Soberano, e ocupando e cercando as terras de seu Reino, constitui uma Nação***. Dentro do cerco está a Nação; fora, o Inimigo. No entanto, tal separação ideal pode ser alterada por diversos fatores e não é sem luta que se chega à nacionalidade: pode ocorrer, como se verá em seguida, que a área do Cerco exceda, em certos extratos do espaço real, à área territorial, e invada o espaço de outras nações; mas pode ocorrer, também, que o Inimigo

exterior penetre na área estatal própria e ameace interiormente a Nação. A última situação não é difícil, pela natureza ***cultural*** do Inimigo, vale a pena dizer, procedente do Pacto Cultural: ***o "Inimigo Exterior" é também o "Inimigo Interior", porque o Inimigo é Uno, é O Uno e seus representantes, quer dizer, o Inimigo, carece de nacionalidade, ou melhor, é "internacional"; o Inimigo desconhece o princípio do cerco e não respeita fronteiras de nenhum tipo, pois todo o mundo é, para ele, seu*** *campus belli****; e nesse*** campo de guerra ***universal, onde tenta impor sua vontade, estão incluídas as Nações e os povos, as cidades e os claustros, as Culturas que dão sentido ao homem, e o fértil campo de sua Alma***. Compreende-se, então, que o princípio do Cerco é um conceito mais extenso do que o que foi sugerido à primeira vista, e que só sua exata definição e aplicação permitem descobrir o Inimigo.

O princípio se refere, na verdade, a um Cerco estratégico, cuja existência depende apenas da Vontade de quem o aplique e mantenha. Por isso, o Cerco abrange múltiplos campos, além do meramente territorial: ***uma área ocupada pode ser efetivamente cercada, mas tal área geográfica é nada mais do que a*** "aplicação" ***do princípio do Cerco; não é o Cerco estratégico em si. O Cerco estratégico não descreve jamais uma área geográfica, nem sequer geométrica, mas carismática***. Isto se comprova claramente no caso da Nação. Os membros de uma Nação admitem muitas fronteiras nacionais, além das geográficas: os limites territoriais da Babilônia talvez fossem assinalados pelos rios Tigre e Eufrates, mas as fronteiras do ***temor*** que inspirava seu exército nacional se estendia a todo o Mundo Antigo; e o mesmo princípio pode se empregar para sinalizar qualquer outro aspecto da Cultura de uma Nação, o qual apresentará sempre uma área de influência nacional diferente do espaço geográfico estatal. Mas, e isto é o importante: ***só os membros de uma Nação sabem onde começam e terminam seus limites; os que são alheios a ela poderão intuir as regiões nas quais se manifesta o nacional, mas a definição exata a conhecem apenas aqueles que pertencem à Nação. E esta percepção, que não é racional nem irracional, se diz que é carismática***.

A Sabedoria Hiperbórea afirma que o ***princípio do Cerco determina uma*** forma ***e um conteúdo: a forma denomina de "Mística"; e o conteúdo, de "Carisma"***. Os membros de uma Nação, por outro lado, são ***sujeitos estratégicos***. Uma Nação, como produto de um Cerco estratégico, determina sua forma Mística própria, a qual é percebida carismaticamente pelos sujeitos estratégicos que pertencem a ela. Toda Mística, a nacional ou qualquer outra, é independente do tempo e do espaço físico: sua manifestação é puramente carismática. Daí que todos aqueles que percebem a Mística, quer dizer, aqueles que se encontram sob o mesmo Cerco estratégico, adquiram ***idêntico conhecimento sobre sua forma, sem diferença de perspectiva***: tal unidade é possível porque todos os sujeitos estratégicos possuem uma conexão a priori, que é a Origem Comum do

Sangue Puro; ***sob a forma de uma Mística, os sujeitos estratégicos experimentam uma Vinculação Carismática, que os une na Origem e lhes revela idêntica Verdade***. Entende-se assim o conceito de ***centralidade*** da Mística: ***todo sujeito estratégico é o Centro da Mística; mas, como a percepção é carismática, não temporal nem espacial, é claro que o próprio centro está simultaneamente em todos os sujeitos estratégicos***. Com respeito à Nação Mística, por exemplo, há um Centro que se encontra simultaneamente em todos os membros de seu povo, os sujeitos estratégicos: cada um deles projeta o princípio do Cerco em qualquer campo, seja geográfico ou cultural, e recebe carismaticamente a Mística nacional; ***e a Nação é uma e a mesma para todos***.

E agora se compreenderá melhor, Dr. Siegnagel, o caráter carismático da Função Régia: de acordo com a Sabedoria Hiperbórea, ***se o Centro de uma Mística nacional se incorpora em um homem, este, sem nenhuma dúvida, é o Rei do Sangue Puro, Líder racial, Chefe carismático, etc., desse povo***. O Rei do Sangue constitui, pois, o ***Centro fundamental*** da Mística do Reino, que é o mesmo centro que se encontra simultaneamente em todos os seus súditos: ***"de maneira que nada material pode se interpor entre o Rei do Sangue e o povo", pois entre eles existe a Vinculação Carismática na Origem comum do Sangue Puro***.

Ao aplicar o princípio do Cerco ao seu Reino, Felipe IV percebe a Mística da Nação francesa e observa também, como por contraste, o Inimigo, externo e interno. Quem é o Inimigo? Há que se considerar vários graus. Em primeiro lugar, o Inimigo é todo aquele que se opõe ao estabelecimento do Cerco estratégico: quem reconhece uma fronteira nacional mas não a aceita; quem pressiona contra alguma das fronteiras nacionais. Neste caso está, por exemplo, outra Nação, vizinha ou não, mas que exerce o poder inquestionável de expandir seu cerco nacional, baseado no Direito Divino do Espírito a Reinar sobre povos racialmente inferiores e a ocupar seu território: a polêmica se decidirá na guerra, o meio pelo qual se determina inequivocamente qual Nação possui a melhor Estratégia Hiperbórea e, portanto, qual é o povo de Sangue mais Puro e quem é o Rei do Sangue mais espiritual. Mas este é um Inimigo digno, uma vez que reconhece a existência da Nação adversária, ainda que não respeite os limites de seu Cerco: com um Inimigo assim, sempre é possível pactuar um acordo de coexistência nacional, que não significa, claro, a paz definitiva, já que não é possível suspender o efeito carismático da Aristocracia do Sangue Puro: tanto em uma como em outra Nação, irão surgindo líderes que tentarão dirimir a questão. A paz permanente não se concebe na Estratégia nacional dos povos do Pacto de Sangue, mas um conceito totalmente diferente, conhecido como ***Mística nacional***, e que se alcançará por ambos os povos, no final da Guerra: o objetivo primordial da guerra nacional não é, assim, a mera ocupação do território inimigo, nem a imposição de uma Cultura alheia, nem a aniquilação do povo confrontado; todos estes objetivos, colocados em primeiro lugar, obedecem aos desvios estratégicos introduzidos pelos

Sacerdotes do Pacto Cultural; o objetivo principal é a incorporação da Nação inimiga à Mística nacional própria, a Vinculação Carismática entre ambos os povos e a correspondência com o Rei do Sangue, qualquer que seja este; e se isso supõe a destruição de uma Casa real, a extinção de uma Voz do povo, a Mística triunfante se manifestará, para todos os sujeitos estratégicos em luta, em outra Voz do Povo, de caráter carismático superior, que expressará a todos igualmente.

Mas, em segundo grau, há que se considerar o Inimigo que não admite sequer o direito de existirem as Nações Místicas. Com este Inimigo não é possível conciliações de nenhum tipo. Claro que ele tampouco as solicita, uma vez que jamais declara abertamente a guerra, à qual diz repudiar, e prefere agir secretamente, ***de dentro do Cerco estratégico***. Propõe-se, assim, a corromper e destruir as bases carismáticas do Estado místico e causar o enfraquecimento e eventual supressão dos limites do Cerco nacional, quer dizer, causar a deformação e desintegração da forma mística. Esse Inimigo, ao qual se tem que qualificar de ***sinárquico***, conta, em todas as Nações, e em todos os níveis das estruturas estatais, com organizações de agentes doutrinados nos objetivos do Pacto Cultural: tais ***Internacionais satânicas*** conspiram contra a própria existência da Nação mística; e, portanto, contra a aplicação do princípio do Cerco e a Vinculação Carismática entre o Rei e o povo, que coloca a Nação fora de seu Controle, quer dizer, fora do Controle da Fraternidade Branca, que é quem incentiva, nutre e vivifica os internacionalismos sinárquicos. Os planos da Fraternidade Branca, já expliquei amplamente, visam estabelecer a Sinarquia Universal do Povo Eleito.

Por isso, aquelas Internacionais concordavam todas em manter os princípios do Pacto Cultural, dirigidos astuciosamente para debilitar as bases estratégicas hiperbóreas dos Povos do Pacto de Sangue. Para tirar a base ética da realidade da Aristocracia do Espírito, fundamentada sobre a herança racial do Símbolo da Origem nos povos de Sangue Puro, ***afirmavam a igualdade de todos os homens diante do Criador Jeová Satanás***. Para demonstrar que o Cerco estratégico, e a Nação definida por ele, era apenas uma ideia mesquinha, elaborada por homens medíocres, tacanhos e egoístas, que jamais aceitariam o "Alto Ideal do Universalismo"; empregavam o cristianismo como instrumento para igualar culturalmente os povos e os condicionavam a identificar o Princípio Universal de Poder no Papa de Roma, que indubitavelmente empunhava a Espada sacerdotal que dominava as Espadas temporais dos Reis: o Papa era um verdadeiro Soberano Universal, que imperava sobre os povos e Nações; diante de sua "Grandeza e Poder", a obra dos Reis do Sangue tinha que parecer aos homens adormecidos, evidentemente, desprovida de caráter místico; e a Aristocracia do Espírito e o Sangue seria, para aqueles igualitaristas fanáticos, uma criação artificial da Nobreza, um produto dos privilégios da sociedade feudal.

E para desprestigiar a guerra, como meio de afirmar a Mística nacional, propunham a utopia da paz: uma paz perpétua, que se obteria em todos os casos, se a humanidade entrava na etapa do universalismo religioso, se todos os poderes laicos, as Espadas temporais, se dobrassem diante da Espada sacerdotal do Sumo Pontífice católico; então se acabariam as guerras e os cristãos viveriam sempre em paz, longe das armas e dos campos de batalha, e do capricho dos Senhores, entregues ao trabalho e à oração, protegidos pela justiça absoluta dos Representantes de Deus e de sua Lei; um só Governo Mundial reteria o Poder, e até seria possível que as Duas Espadas estivessem nas mãos de um Papa imperial; e a paz traria riqueza para todos igualmente; mas essa riqueza seria administrada justa e equitativamente por um Banco único, produto de uma concentração bancária, ou ***Sinarquia financeira***, dependente exclusivamente do Sumo Sacerdote, que seria detentor do Poder Universal. O povo cristão, pois, não devia duvidar de quem representava realmente seus interesses e a quem se devia conceder, sem dizer uma palavra, a Soberania Universal: o ocupante do Trono de São Pedro, o propulsor da ***universalis pax***, o regente da Pomba de Israel.

Contra essa civilização cristã de Amor e Paz, de cultura igualitária, opunham-se as fronteiras nacionais e os Reis do Sangue; e a civilização pagã do Ódio e da Guerra, que, invariavelmente, se produzia dentro dos cercos místicos; e a Aristocracia do Espírito; e os sujeitos estratégicos que carismaticamente percebiam e conheciam os limites das fronteiras nacionais: contra eles lutaria, sem declarar guerra, subversivamente, o Inimigo interno, e externo, da Nação, apoiado em suas forças de quinta coluna, em suas organizações internacionais, que visavam, todas, o estabelecimento do Governo Mundial e a Sinarquia do Povo Eleito.

E quem era, pois, o Inimigo da Nação francesa? Com a assessoria dos ***Domini Canis***, Felipe IV determina rigorosamente a identidade do Inimigo, que se desdobra em várias alas táticas. Por ordem de periculosidade, as diferentes linhas de ação eram levadas avante pelas seguintes organizações: I) A Igreja Golen. Há séculos já que os Golen controlavam a eleição papal e, de Roma, dirigiam o mundo cristão. Se bem que o principal inimigo, propriamente dito, eram os Golen, estes se oporiam a Felipe IV como Inimigo externo através do Papa e como Inimigo interno, por meio de suas Ordens monásticas, guerreiras e financeiras. II) As Ordens Golen beneditinas: a Congregação de Cluny, a Ordem Cisterciense, e a Ordem Templária, que empregavam o Reino da França como base de operações. III) O Povo Eleito, com sua permanente tarefa corruptora e desestabilizadora. IV) O Banco lombardo, propriedade das Casas guelfas da Itália. V) A Casa real inglesa, controlada pelos Golen anglo-saxões e proprietária de grandes feudos no Reino da França. VI) Certos Senhores feudais vassalos do Rei da França, tais como o Conde de Flandres, que traíam o Rei em favor da Casa real inglesa, motivados por interesses comerciais e financeiros, aos quais não eram alheios os numerosos e ricos membros do Povo Eleito, que infestavam

as cidades flamengas e inglesas, e pela influência antifrancesa dos Golen anglo-saxões.

Terceiro: ***construir a Muralha Estratégica***. Desnecessário esclarecer que Felipe IV não chegou a cumprir o terceiro objetivo do modo de vida estratégico pois, se tal coisa ocorresse, a história da Humanidade teria tomado um rumo totalmente oposto e não se encontraria hoje, novamente, nos momentos precedentes à instauração do Governo Mundial e da Sinarquia do Povo Eleito. A aplicação do Princípio do Cerco, cumprida brilhantemente por Felipe, o Belo, custou-lhe a vida nas mãos do Inimigo interno, mas serviu para mostrar o fracasso total dos planos da Fraternidade Branca nessa época. E os Homens de Pedra e Pontífices Hiperbóreos que, dentro do ***Circulus Domini Canis***, aguardavam a ocasião de aplicar a Sabedoria Lítica para construir as Muralhas Estratégicas, tiveram que suspender o projeto, devido à carência de atitudes iniciáticas dos Reis posteriores, que mergulharam o Reino, já convertido em Nação Soberana, em múltiplas dificuldades, uma das quais foi a Guerra dos Cem Anos.

Trigésimo Sétimo Dia

Aproximamo-nos, Estimado Dr. Siegnagel, do desenlace da história de Felipe IV, quer dizer, o momento em que fracassam os planos da Fraternidade Branca, desenvolvidos durante os setecentos anos anteriores pelos Golen.

Já indiquei por onde teria que começar a Estratégia do Rei iniciado: ***Ocupação*** do espaço real e ***Cercado***. Em seguida, devia-se eliminar o inimigo interno para salvaguardar a Mística nacional, que é o efetivo campo de ação da Função Régia. Os conceitos da Sabedoria Hiperbórea que expus nos últimos Dias e que, de maneira análoga, foram assimilados por Felipe IV no século XIII, permitiam chegar a um ponto de vista estratégico diferente, a partir do qual os atos de seu reinado adquiriam seu verdadeiro sentido. Felipe IV recebe a Coroa da França em 1285; herda de Felipe III, nesse momento, o desastre militar da Cruzada contra Aragão e a obrigação contraída pelo Reino de investir seu irmão Carlos com as Coroas de Pedro III. Mas Felipe IV não se interessa em continuar a contenda e só se limita a parar os ataques de audácia dos aragoneses que, encorajados com seus triunfos, realizam periódicas incursões e desembarques em território francês. A paz de Tarascon, acertada em 1291, e o tratado de Anagni de 1295, colocam fim à desafortunada campanha e eclipsam a esperança papal Golen de acabar com a influência das Casas da Suábia e Aragão sobre os assuntos da Itália.

A que se deveu aquela mudança política da Casa da França? À aplicação do princípio do Cerco e à compreensão da verdadeira natureza do Inimigo: Felipe IV, ainda que os aragoneses, da mesma forma que todos em seu tempo, demorassem a perceber, era mais gibelino do que Pedro III; jamais

poderia ser Aragão o inimigo essencial de um Rei do Sangue Puro, como Felipe, o Belo: em suma, seria um adversário cavalheiresco, outra Nação lutando por impor sua Mística. Por isso, Aragão não figurava na lista dos seis inimigos principais do Reino da França.

Ao aplicar o princípio do Cerco, Felipe IV determina imediatamente as fronteiras estratégicas da França: para o leste, o país termina na margem do Reno; para o norte, no Oceano Atlântico e o Canal da Mancha; e rumo ao oeste, os Pirineus sinalizam o limite do Reino de Aragão. Para Felipe IV, e para seus instrutores ***Domini Canis***, era estrategicamente errôneo tentar expandir-se à custa de Aragão, uma Nação dotada de poderosa Mística, sem ter aplicado previamente o princípio da Ocupação no próprio território: daí o fracasso da Cruzada. Em consequência, dedicaria um grande esforço diplomático para pactuar a paz com Aragão, coisa que efetivamente conseguiria, como se adiantou, em um Congresso celebrado em Anagni, em 1295. Com as mãos livres, o Rei se lançaria à empresa de expulsar os ingleses do território francês.

Guiena era a província da França mais extensa, depois do Languedoc; de sua capital, Bordéus, procedia Bertrand de Got, um Senhor do Cão que foi Papa, sob o nome de Clemente V e de quem se falará mais adiante. Mas aquele enorme Ducado encontrava-se em poder de Eduardo I Plantageneta desde 1252, ainda que rodeado pelos Condados franceses de Poitou, e Gasconha, e o Reino espanhol de Navarra, cujo Rei era também Felipe IV. A oportunidade de ocupar as praças inglesas de Guiena seria oferecida por um conflito entre marinheiros ingleses e normandos no porto de Baiona, em 1292. Os Corsários ingleses se apoderaram de uma esquadrilha francesa e saquearam La Rochelle: nada mais necessitava o francês para tomar numerosas praças fortes e castelos e tentar fechar o cerco. Dois anos depois, Inglaterra e França travavam uma encarniçada guerra naval.

A guerra contra o Inimigo exterior inglês não apenas significava uma mudança de frente da política francesa, mas, além disso, oferecia um bom pretexto para iniciar a reforma administrativa do Reino. Esta reforma, longamente planejada pelos legistas ***Domini Canis***, devia começar necessariamente com a ***separação financeira*** da Igreja do Estado: essencialmente, ter-se-ia que controlar as rendas eclesiásticas, que habitualmente se voltavam para Roma, fora de qualquer fiscalização. Paralelamente, se sancionaria um sistema impositivo que assegurasse a continuidade das rendas reais. O pretexto consistia na autorização que os Papas tinham concedido a Felipe III e Felipe IV para tributar com um dízimo as rendas da Igreja da França, a fim de custear a Cruzada contra Aragão: se bem que, em 1295, a paz com Aragão estava acertada, um ano antes explodia a guerra com a Inglaterra, dando oportunidade a Felipe de prosseguir com as cobranças. Aquilo não era legal; no entanto, logo o seria, graças a uma lei real do fim de 1295, que impunha ao clero da França a contribuição forçada de um “imposto de guerra” sobre suas rendas.

Antes de ver a reação da Igreja Golen, merece um comentário à parte a atitude que tinha assumido o Papa Golen Martinho IV, quando colocou em questão os Reinos de Pedro III: nela se observa claramente o grande ódio que alimentava para com a Casa da Suábia. O caso é que aquele imponente exército, que Felipe III levou até a Catalunha, não só se financiou com o dízimo da Igreja da França: Martinho IV suspendeu a Cruzada que, então, planejava Eduardo I da Inglaterra à Terra Santa, para derivar contra Aragão o dízimo do clero inglês. Mas, além disso, gastou integralmente as somas com que Sardenha, Hungria, Suécia, Dinamarca, Eslavônia e Polônia tinham contribuído para auxiliar os Cristãos da Palestina. Esperando em vão os socorros da Europa, as praças do Oriente não tardariam a cair em poder dos sarracenos: em 1291, São João do Acre, o último bastião cristão, cedia diante do Emir do Egito Al-Malik-al-Ashraf. Deste modo, dois séculos depois da primeira Cruzada, e deixando rios de sangue atrás de si, concluía-se a existência do Reino Cristão de Jerusalém. A Ordem do Templo, sem mais a necessidade de simular a manutenção do "exército do oriente", ficava livre para se dedicar à sua verdadeira missão: firmar-se como a primeira potência financeira da Europa, manter uma milícia de Cavaleiros como base de um futuro exército europeu único, e propiciar a destruição das monarquias, em favor do Governo Mundial e da Sinarquia do Povo Eleito.

Após as mortes de Martinho IV e Felipe III, o Papa Honório IV prosseguiu outorgando dízimos a Felipe, o Belo, com a esperança de que este desse cumprimento à Cruzada contra Aragão. Igual critério adotaria Nicolau IV, de 1288 até 1292, que era partidário dos angevinos, apesar de pertencer a uma família gibelina; não obstante, favoreceu a família Colonna, nomeando como Cardeal Pedro Colonna; fundou a Universidade de Montpellier, onde ensinaria leis Guilherme de Nogaret; e colocou sob a jurisdição direta do Trono de São Pedro a Ordem dos Franciscanos menores. A queda de São João do Acre produziu-lhe grande consternação e publicou uma Cruzada para enviar socorro aos Cristãos e tentar a reconquista; encontrava-se traçando esses planos, quando faleceu, por causa de uma epidemia que dizimou a cidade de Roma. Ao morrer aquele Papa, que representava uma alentadora promessa nos projetos do Rei da França, os Cardeais fugiram, em sua maioria, para Rieti, em Perúgia, deixando abandonada a Santa Sé, por mais de dois anos; durante este intervalo, o trono pontifício ficaria vago. Aparentemente, os doze Cardeais, seis romanos, quatro italianos, e dois franceses, não conseguiram entrar em acordo para eleger um novo Papa, mas, na realidade, a demora obedecia a uma hábil manobra de Felipe IV e dos Senhores do Cão.

Os Golen favoreceram a presença francesa na Itália porque tinham a Casa da França por incondicionalmente guelfa: jamais previram que de seu seio sairia um Rei gibelino. Tal confiança viu-se recompensada no princípio pela terrível repressão que Carlos de Anjou descarregou sobre o partido gibelino e os membros da Casa da Suábia. E estes "serviços" tiveram o efeito de aumentar a influência francesa nos assuntos de Roma. Felipe IV saberia

se aproveitar dessa situação para preparar secretamente a ressurreição do partido gibelino. Seus principais aliados seriam os membros da família Colonna, e o cardeal Hugues Aycelin, os quais se comunicavam com ele por meio de Pierre de Paroi, Prior de Chaise, que era Senhor do Cão e agente secreto francês: a todos foram oferecidos ricos Condados franceses em troca de apoio no Sacro Colégio. O apoio consistia, claro, em impedir que fosse eleito um Papa Golen ou, no melhor dos casos, nomear um dominicano.

Os Colonna eram uma família de nobres romanos que, durante vários séculos, tiveram muito peso no Governo de Roma e na Igreja Católica. Possuíam uma série de Feudos na região montanhosa que vai de Roma a Nápoles, de modo que quase todos os caminhos para o sul da Itália passavam por suas terras. Nesses dias, havia dois Cardeais Colonna: o ancião Jacó Colonna, patrono da Ordem dos Franciscanos Espirituais, e seu sobrinho, Pedro Colonna. O irmão mais velho de Pedro, João Colonna, no mesmo período, foi Senador e Governador de Roma. Desnecessário dizer que esta família constituía um Clã poderoso, que formava partido com outros Senhores, Cavaleiros e Bispos; tal partido achava-se em confronto, com muita força, com o segundo Clã importante, o dos Orsini ou Ursinos, os quais eram decididamente guelfos e controlados pelos Golen. Ambos os grupos dominavam os restantes Cardeais, que deviam decidir a eleição papal; até esse momento, as posições se achavam empatadas, optando os Colonna por travar todas as tentativas dos Golen e propor, por sua vez, membros de seu próprio Clã.

Mas a Igreja Católica era, nessa época, uma organização espalhada por todo o Orbe, possuidora de milhares de Igrejas e Feudos vassalos, que canalizavam para Roma custosas somas de dinheiro e valiosas mercadorias; sua administração não podia ficar muito tempo à deriva. Sendo assim, depois de dois anos e três meses de discussões, a situação tornou-se tão insustentável, que exigiu a eleição, sem mais procrastinações. Então, visto que não iria surgir acordo para nomear nenhum Papa dos Cardeais presentes, concorda-se em designar um não purpurado. Os dois grupos pensam em um testa de ferro, um Papa fraco, cuja vontade possa ser dirigida em segredo. E então, em 5 de julho de 1294, chega-se à unanimidade dos votos, optando todos por Pedro de Murrone, um Santo ermitão de oitenta e cinco anos, que vivia em retiro em uma caverna dos Abruzos.

Os Franciscanos Espirituais, dirigidos por Jacó Colonna, tinham retomado a antiga tradição monástica, inspirados na Regra de São Francisco e na visão apocalíptica de Joaquim de Fiore. Trinta anos antes, Pedro era o guia de várias comunidades de Franciscanos Espirituais mas, não satisfeito ainda com o extremo rigor da Ordem, fundou a sua própria, que depois seria lembrada como a “Ordem dos Celestinos”. No entanto, apesar de os monastérios Celestinos se espalharem continuamente pela região de Abruzos e na Itália meridional, Pedro se retirou para uma caverna do Monte Murrone, para se dedicar à vida contemplativa; achava-se naquele retiro quando recebeu a notícia de sua nomeação para o cargo de Papa: duvidava

sobre a conveniência de aceitar, mas foi convencido por Carlos II, o Coxo, filho de Carlos de Anjou, que, liberto da prisão catalã, reinava então em Nápoles. Por fim, Pedro aceitou a investidura papal e tomou o nome de Celestino V: toda a cristandade saudou, alvoroçada, a entronização do Santo, de quem esperavam que colocasse um freio ao materialismo e à imoralidade reinante na hierarquia eclesiástica e abrisse a Igreja a uma reforma espiritual. Entende-se, pois, que para os Colonna, e para Felipe IV, aquela eleição tivesse um gosto de triunfo.

Mas Pedro de Murrone carecia de qualquer instrução e dos conhecimentos necessários para administrar uma instituição das dimensões da Igreja Católica; sua única experiência de governo provinha da condução de pequenas comunidades de Frades. Além disso, ao Santo não lhe interessavam esses assuntos mundanos, mas as questões relativas à religião prática: a evangelização, a oração, a salvação da Alma. Delegou, assim, aos Cardeais, e a um grupo de Bispos legisladores, as questões temporais, formando-se um entorno corrupto e interesseiro que, em quatro meses, afundou a Igreja em uma grande desordem econômica.

Os Golen, como é lógico, também esperavam controlar Pedro de Murrone; confiavam, sobretudo, no Rei de Nápoles, a quem Pedro professava especial afeto: supunham que Carlos II não respaldaria as intrigas de seu primo Felipe, o Belo, e prosseguiria a política guelfa de Carlos de Anjou; com a ajuda do Rei seria fácil conseguir que o Papa sancionasse como próprias as medidas propostas por Eles. E contavam, à parte, com um surpreendente segredo: um Cardeal, Benedito Gaetani, procedente de uma família gibelina e abertamente envolvido na causa da França, era um dos seus. Este Golen, Doutor em Direito Canônico, Teólogo e especialista em Diplomacia, se situaria perto do Santo, sem despertar suspeitas dos Colonna, contra os quais alimentava em seu interior desejos mortais.

Convém destacar agora duas das mudanças introduzidas por Celestino V, a pedido de Carlos II. Aumentou o número de Cardeais, nomeando outros doze, a maioria italianos e franceses, e restabeleceu a lei do Conclave, que obrigava a substituir os postos vagos dos membros do Sacro Colégio. E conferiu aos Franciscanos Espirituais a autorização para funcionarem independentemente da Ordem de Frades menores. Tais disposições favoreceram a influência francesa na Igreja e o partido dos Colonna.

Os Golen não chegariam a controlar Celestino V. E no decorrer dos meses deram-se conta de que a guerra entre a França e a Inglaterra não apenas fortalecia Felipe IV, mas também ameaçava paralisar os planos da Fraternidade Branca. Não havia mais tempo para sutilezas: urgia acabar com o Santo e colocar em seu lugar um Papa Golen, um homem capaz de se impor àquele Rei imberbe que se atrevia a desafiar as Potências da Matéria: do Trono de São Pedro, cujo domínio Eles tinham exercido quase ininterruptamente durante setecentos anos, apresentariam a Felipe IV uma oposição como não se via desde os dias de Henrique IV, Frederico I e Frederico II. No entanto, não se atreviam a assassinar Celestino, pelas

repercussões que esse fato poderia ter sobre o povo da Itália, que se achava impressionado com as virtudes espirituais do Papa. Surgiu, assim, a ideia de convencer o Santo de que seu Pontificado não convinha à Igreja, necessitada de um Papa que se ocupasse em levar avante outros assuntos importantes, à parte dos religiosos, como o caso dos administrativos, legislativos, jurídicos e diplomáticos. O porta-voz desta ideia, e que oferecia a assessoria legal para concretizar a renúncia, era o Cardeal Benedito Gaetani.

Aquelas pressões faziam Celestino duvidar, mas valiam mais os conselhos dos que lhe solicitavam que permanecesse em seu posto, pois a Igreja requeria a Santidade de sua presença. Ao se aproximarem os cinco meses de seu reinado, Benedito Gaetani chega a recorrer à grosseira trama de comprar o servente pessoal de Celestino e fazer com que se instalasse, a partir do andar superior, um tubo que saía atrás do Cristo do altar, em uma Capela, à qual Celestino costumava ir diariamente para orar: a voz que surgiu de "Jesus", disse: "Celestino, descarrega de suas costas o feudo do papado, pois é peso superior às suas forças". A princípio, o Santo o tomou como um aviso do Céu, mas depois foi alertado sobre a farsa. No entanto, aproximava-se a festa natalina e Celestino se dispunha a se retirar a um monastério solitário dos Abruzos, para orar em solidão, segundo era seu costume de toda a vida. Por conselho do Rei de Nápoles, decide designar três Cardeais facultados com amplos poderes, a fim de que agissem em seu nome durante as quatro semanas de ausência: foi então que um Cardeal Golen acusou o Papa de realizar uma ação ilegal. A Igreja, disse-lhe, não podia ter quatro esposos, a dignidade papal não era delegável até esse ponto. Isto levou o Santo a renunciar, mais enojado pelas intrigas que se desenvolviam ao seu redor do que pelo peso dos argumentos apresentados.

Mas renunciar à investidura papal não é o mesmo que abdicar de uma investidura real. No Direito Canônico vigente, até então, a possibilidade não era contemplada e nunca havia se apresentado um caso, desde que São Pedro nomeou seu sucessor São Lino, no século I. Pelo contrário, o Direito Canônico afirmava que a investidura era vitalícia, pois sua aceitação tinha a característica de um enlace matrimonial entre o Papa e a Igreja, o que era dogmaticamente indissolúvel. Para saltar essa intransponível dificuldade, os Cardeais canonistas Bianchi e Gaetani recorreram a um pueril raciocínio lógico: o Direito Canônico rege e formaliza a conduta dos Papas, mas, acima do Direito Canônico está o próprio Papa, o Vigário de Jesus Cristo: a ele cabe o evidente direito de modificar, com sua palavra infalível, todas as leis e todos os dogmas; incluído o assunto da renúncia à investidura papal. Em 13 de dezembro de 1294, cinco meses e nove dias depois de ter sido entronizado, Celestino V assinava a Bula redigida pelos canonistas de Benedito Gaetani, na qual se confirmava o direito do Papa a renunciar, se profundas e fundamentadas questões de consciência como, por exemplo, acreditar que seu modo de conduzir a Igreja poderia redundar em graves danos para ela ou, simplesmente, a convicção de não ser apto para o cargo,

o justificavam. Em seguida, tirou a tiara, as sandálias de São Pedro e o anel, e se demitiu de seu alto cargo.

Em 29 de dezembro de 1294, o Conclave elegeu o Cardeal Benedito Gaetani, natural de Anagni e membro das nobres famílias que tinham dado à Igreja os Papas Alexandre IV, Inocêncio IV e Gregório IX: tomou o nome de Bonifácio VIII. Pedro de Murrone, que, além de santo, tinha fama de possuir o dom da profecia, antes de partir, fez-lhe a seguinte advertência: ***"Subiste como uma raposa, reinareis como um leão, e morrereis como um cão"***.

Sobre a legalidade de sua atitude se suscitaram as mais exacerbadas polêmicas entre os canonistas, que duraram séculos, pois uma opinião generalizada desde outrora sustentava que à investidura papal não se podia renunciar por nenhum decreto. Esta opinião, da qual compartilhavam muitos teólogos e canonistas da Itália e da França, era sustentada também pelo povo, que continuava considerando Celestino V como o legítimo Papa. Temendo um cisma, os Golen decidem eliminar Pedro de Murrone: Bonifácio VIII o faz prender em uma caverna das montanhas de Sant'Angelo, em Apúlia, para onde tinha se retirado, e o confina na Fortaleza de Fumone, em Campanha; em maio de 1296 seria assassinado e seu corpo enterrado a cinco metros de profundidade.

Trigésimo Oitavo Dia

A célebre ***querela das investiduras***, entabulada entre Gregório VII e Henrique IV, entre a Espada sacerdotal e a Espada volitiva, seria renovada agora por Bonifácio VIII e Felipe IV: mas onde antes tinha triunfado a primeira, agora se imporia a segunda, com todo o peso que pode descarregar a Verdade Absoluta sobre a mentira essencial. Os tempos tinham mudado e não se tratava mais de um confronto entre o Sacerdote do Culto e o Rei do Sangue, no qual o primeiro poderia ganhar, porque dominava a Cultura, através da Religião e da Igreja organizada, enquanto o segundo carecia da ***orientação estratégica*** necessária para fazer valer o ***poder carismático do Sangue Puro***. Com Felipe IV, os Golen achavam-se diante de um Rei Iniciado, que se opunha no plano das Estratégias, vale a pena dizer, no contexto da Guerra Essencial; o Sacerdote do Culto e o Pacto Cultural, contra o Rei do Sangue e o Pacto de Sangue; a Cultura sinárquica contra o modo de vida estratégico; o Papa Golen Bonifácio VIII e o conceito teocrático do Governo Mundial, contra o Rei do Sangue Puro Felipe IV e o conceito de Nação Mística; os planos da Fraternidade Branca contra a Sabedoria Hiperbórea. Sim, Dr. Siegnagel, desta vez a querela se apresentava no plano de duas Estratégias Totais, e sua resolução implicaria na derrota total de um dos adversários, quer dizer, a impossibilidade de cumprir seus objetivos estratégicos. Mas, como se tratava da Estratégia das Potências da Matéria contra a Estratégia do Espírito Eterno, representadas por Bonifácio VIII e Felipe IV, não seria difícil predizer quem sairia vencedor. Isso foi melhor

sintetizado por Pierre Flotte, um Senhor do Cão que era ministro de Felipe, o Belo, quando respondeu: "É verdade, Santo padre; mas ali onde vossas Espadas são apenas uma teoria, as do meu Rei são uma realidade."

Já em outubro de 1294 se reúnem numerosos sínodos provinciais franceses para tratar sobre a ajuda que o Rei reclamava, a fim de resolver a guerra contra a Inglaterra. Muitos aprovam a transferência, durante dois anos, de um dízimo extraordinário, mas a maioria das Ordens fazem chegar seu protesto ao Vaticano. E aqui pode-se dizer que começa uma das divisões mais fecundas no seio da Igreja: os Bispos franceses, em grande número, vão sendo ganhos pela Mística nacional, e se sentem carismaticamente inclinados a apoiar Felipe, o Belo; por outro lado, a Igreja Golen, representada na França pelas Ordens beneditinas, isto é, a Congregação de Cluny, a Ordem Cisterciense e a Ordem Templária, opõe-se furiosamente às pretensões de Felipe IV: é o Abade de Citeaux quem leva a Bonifácio VIII as reinvindicações mais virulentas, depois da assembleia geral de 1296, na qual se compara os "Bispos servis", que aceitam pagar impostos, aos "cães mudos" da Sagrada Escritura, enquanto o Rei é equiparado ao Faraó. Aquela diferença, que, então, era bastante acentuada, foi dividindo em dois bandos a Igreja da França. No bando do Rei, alinhavam-se os Bispos nacionalistas, alguns dos quais eram Senhores do Cão, ainda que a maioria se compusesse de simples patriotas, que temiam, no fundo, um confronto com a Santa Sé: deles não se descuidaria Felipe IV, assegurando-lhes, em todos os casos, a proteção real contra qualquer represália que suas condutas pudessem lhes ocasionar; também a Universidade de Paris, a mais prestigiada escola de Direito Canônico da Europa, achava-se dividida: ali, à parte da questão da reforma impositiva, debatia-se ainda sobre a legalidade da eleição do Bonifácio VIII, sendo muitos os canonistas que consideravam Celestino V como o verdadeiro Papa. As medidas seguintes de Felipe IV, e os movimentos estratégicos dos ***Domini Canis***, tenderiam a consolidar a unidade deste bando, a aglutiná-los em torno do Rei do Sangue, e a opô-los a Bonifácio VIII.

No outro bando, o da Igreja Golen propriamente dita, chefiada por Bonifácio VIII, agrupavam-se os inimigos da Nação Mística, quer dizer, os partidários do "Inimigo exterior e interior", as Ordens Golen e seu núcleo secreto: o Colégio dos Construtores de Templos. Para Felipe IV, e assim seria exposto no processo aos Templários, a partir de tais Sociedades Secretas se elaborava um complô destinado a enfraquecer as monarquias em favor de um Governo Mundial. Contra este bando satânico, ainda suficientemente poderoso para tentar a última defesa dos planos da Fraternidade Branca, Felipe IV devia golpear com toda a força de sua Espada Volitiva, tratando, ao mesmo tempo, de que o golpe correspondesse à Mais Alta Estratégia Hiperbórea.

Bonifácio VIII não perde mais tempo. Decide aplicar sobre o Rei da França, e de forma extensiva, a todo aquele que ousasse imitá-lo, o prestígio universal da Igreja Católica. Deste prestígio surge o princípio de obediência

à autoridade papal, à qual até então ninguém ousou desobedecer sem sofrer graves penas em sua condição religiosa, quando não, castigos de ordem mais concreta. O chamado para uma Cruzada para salvaguardar a Religião Católica convocava as mais fervorosas adesões, colocava em movimento milhares de fiéis; e só se tratava de um mandado papal, de uma ordem obedecida por respeito à Santa Investidura de seu emissor. Não seria, por acaso, o momento certo para aplicar aquele prestígio sobre esse reizinho rebelde, que se atrevia a interferir nos planos centenários da Igreja Golen? Mas Bonifácio VIII não levava em conta, ao avaliar a força daquele prestígio, a recente perda da Terra Santa, nem a frustrada Cruzada contra Aragão, nem a presença aragonesa na Sicília, nem a extrema fraqueza que a guerra contra a Casa da Suábia tinha produzido no Reino alemão, nem a quase inexistência do Império, salvo o título que ainda se outorgava aos Reis alemães, etc. Nada disto levou em conta e decidiu pressionar Felipe IV mediante a Bula ***Clericis laicos***, de 24 de fevereiro de 1296.

Nela se proibia, sob ***pena de excomunhão***, todos os príncipes laicos de demandar ou receber subsídios extraordinários do clero; os clérigos, por seu lado, eram proibidos de pagá-los, salvo autorização em contrário da Santa Sé, ***sob a mesma pena de excomunhão***. Chegava-se, assim, ao absurdo de que um Bispo corria o risco de ser excomungado, não apenas por cair em heresia, mas também por pagar um imposto. Não lhe escapará, Dr. Siegnagel, as conotações judaicas que existem por trás de tal mentalidade avara e cobiçosa.

A reação de Felipe IV foi consistente. Reuniu na França uma assembleia de Bispos para debater a Bula ***Clericis laicos***, na qual acusou aqueles que a obedecessem de não contribuir para a defesa do Reino, e serem, portanto, passíveis da acusação de traição: o Direito romano se opunha, já, ao Direito canônico. Enviou alguns Bispos leais e ministros a Roma, para tratar da questão com o Papa, enquanto secretamente incentivava os Colonna para que fortalecessem o partido gibelino. Mas, além de tomar estas medidas, fez algo muito mais efetivo: em 17 de agosto promulgou um edital, pelo qual se proibia a exportação de ouro e prata do Reino da França; outro edital real proibia os banqueiros italianos que operavam na França de aceitar fundos destinados ao Papa. Deste modo, o Papa ficava privado de receber as rendas eclesiásticas procedentes da Igreja da França, incluindo seus próprios feudos.

Bonifácio VIII, claro, não esperava semelhante golpe por parte do Rei francês. Felipe IV tinha exposto a nova situação ao povo mediante grupos, folhetos e assembleias convocadas para tal efeito; e a tinha exposto habilmente, de tal modo que a Igreja de Roma aparecia como indiferente, diante da necessidade da Nação francesa, e como interessada apenas egoisticamente em suas rendas: enquanto a Nação devia mobilizar todos os seus recursos para enfrentar uma guerra exterior, pretendia-se que se aceitasse passivamente, "sob pena de excomunhão", que o clero derivasse importantes rendas para Roma. Estes argumentos justificavam, ante o povo

e os estratos sociais, o edital real, e predispunham todos contra a Bula papal: de forma unânime, solicitava-se a Felipe IV desobedecer a ***Clericis laicos***, cujo conteúdo, segundo os legistas laicos, era manifestamente perverso, pois obrigava o Rei a faltar às leis de seu Reino. Para Bonifácio VIII, cujo amor pelo ouro era igual ao seu fanatismo pela causa Golen, a privação daquelas rendas significava pouco menos do que uma mutilação física, principalmente quando se tinha notícias de que o Rei inglês Eduardo I estava imitando as medidas de Felipe, quanto à taxa de dízimos eclesiásticos, e agora se prestava a desobedecer também a ***Clericis laicos*** e a aproveitar-se da totalidade das rendas da Igreja. Compreender-se-á melhor a dor de Bonifácio VIII, se observamos o montante das rendas em questão: Itália contribuía com 500.000 florins de ouro em dízimos papais; Inglaterra 600.000; e França, que vinha retendo uma parte destinada à Cruzada contra Aragão, 200.000. Tratava-se de um filão ao qual, por nada do mundo, se podia renunciar.

Para que necessitava Bonifácio VIII tais quantidades? Em parte, para financiar a guerra com a qual pensava quebrar o cerco gibelino que se estava desenvolvendo na Itália, onde ainda estava pendente a questão siciliana; e em parte para enriquecer a si e à sua família, já que Benedito Gaetani era dotado com perfeição dos traços do ambicioso ilimitado, do oportunista inescrupuloso, do tirano corrupto; são os exemplos: quando chegou ao papado, anulou imediatamente as leis e decretos de Nicolau IV e Celestino V, que beneficiavam os Colonna, transferindo os títulos em favor de seus próprios familiares; do Rei Carlos II obteve, para seu sobrinho, o título de Conde de Caserta e vários feudos; para os filhos deste, os de Conde de Palazzo e Conde de Fondi; para si mesmo, apropriou-se do velho palácio do Imperador Otaviano, convertido então na Fortaleza militar de Roma, ao qual restaurou e reconstruiu magnificamente, empregando, para isso, dinheiro da Igreja; igual procedimento seguiu com outros castelos e fortalezas de Campanha e Maremma, todos os quais passaram a integrar seu patrimônio pessoal; possuía palácios, cada qual mais belo, em Roma, Rieti e Orvieto, suas residências habituais, ainda que o mais belo e luxuoso era, sem dúvida, o de sua cidade natal de Anagni, onde passava a maior parte do ano; vivia, pois, em um ambiente de luxo e esplendor que em nada condizia com sua condição de chefe de uma Igreja que exalta a salvação da Alma pela prática da humildade e da pobreza; carecia de escrúpulos para conceder cargos e favores em troca de dinheiro, quer dizer, era simoníaco; colocava o dinheiro, seu e o da Igreja, indistintamente, nas mãos dos banqueiros lombardos ou Templários, para ser emprestado a juros usurários; carecia de qualquer piedade, quando se tratava de alcançar seus objetivos, qualidade que demonstrou de início, ao fazer assassinarem Celestino V, e confirmou depois, com as sangrentas perseguições de gibelinos que desatou na Itália; e para completar este quadro de sua sinistra personalidade, talvez baste um último exemplo: como todo Golen, Bonifácio VIII era afeito à sodomia ritual.

É claro, assim como os Golen não dispuseram de um Rei à altura de Felipe IV para se opor a este, tampouco dispunham de um São Bernardo para sentar-se no trono pontifício: Benedito Gaetani era o melhor que tinham, e a ele confiavam a execução de sua Estratégia. E a melhor Estratégia parecia ser, diante da dureza e valentia de Felipe IV, a de retroceder um passo e preparar-se para avançar dois. Em outras palavras, procurar-se-ia acalmar o Rei, moderando o sentido da Bula ***Clericis laicos***, coisa que se tentaria com outra Bula, ***Ineffabilis amor***, de 21 de setembro de 1296, e se dedicariam todos os meios disponíveis pela Igreja para acabar com a ameaça gibelina na Itália e Sicília; e quanto ao pretexto da guerra com a Inglaterra, manejado pelo Rei da França para justificar suas taxas, seria neutralizado, obrigando as partes a pactuar a paz; pura lógica: sem guerra, o Rei não teria motivos para exigir impostos nem contribuições ao clero.

À ***Ineffabilis amor*** seguem-se as Bulas ***Sanctae Romanae Ecclesiae*** e ***Novertis***, nas quais ora se ameaça o Rei com a excomunhão, ora se manifesta sua total aprovação dos dízimos, sempre e quando o Reino se encontrasse realmente em perigo; mas o que se destaca em todas elas é a soberba com que se dirige ao Rei, a quem considera um mero súdito. Estas Bulas criariam uma onda de indignação na França, uma vez que eram lidas publicamente, por ordem do Rei, e predispunham ainda mais os Bispos franceses contra a intransigência papal. São eles que se reúnem em uma assembleia em Paris e solicitam ao Papa, em 1 de fevereiro de 1297, a autorização para subvencionar Felipe IV, que enfrenta, nesse momento, a traição do Conde de Flandres. Este, de fato, tinha se aliado ao Rei da Inglaterra, que tentava recuperar a Guiena, e ameaçava o norte da França. Bonifácio VIII deve ceder diante dos fatos e autorizar as contribuições, ficando ***Clericis laicos*** à letra morta.

Em abril de 1297, Bonifácio envia a Paris os Cardeais Albano e Preneste, portando uma nova Bula: nela ***ordena*** aos monarcas em conflito estabelecerem uma trégua de um ano, enquanto se pactua o tratado de paz definitivo; a negociação estaria a cargo do Papa. Felipe os recebe, mas antes de permitir que leiam o escrito, faz a seguinte advertência:

— "Dizei ao Papa que é nossa convicção que só ao Rei compete mandar no Reino. Que Nós somos o Rei da França e não reconhecemos competência de ninguém acima de nós para intervir nos assuntos do Reino. Que o Rei da Inglaterra e o Conde de Flandres são vassalos do Rei da França e que Nós não aceitamos nenhum conselho que não seja a Voz da Honra, para tratar nossos súditos".

A Bula foi lida, mas Felipe não respondeu até junho de 1298, quando a sorte das armas lhe era adversa diante das forças unidas da Inglaterra e Flandres. Então aceitou a arbitragem de Bonifácio VIII, mas não na qualidade de Papa, mas só como "Benedito Gaetani": desta maneira, evitava admitir a jurisdição papal nas questões do Reino.

Enquanto isto, a polêmica sobre a legitimidade de Bonifácio VIII continuava mais viva do que nunca. Na França, os Senhores do Cão

encarregavam-se de atualizar o debate, enquanto na Itália a agitação corria por conta dos Colonna: a preferência por Bonifácio VIII ou Celestino V tinha se transformado ali em sinônimo de guelfo ou gibelino. Os Colonna, recebendo ajuda secreta de Felipe IV, e aliados agora do Rei Frederico II da Sicília, filho de Pedro III de Aragão e Constança da Suábia, se apresentavam, na ótica do Papa, como os candidatos mais firmes para uma ***vendeta*** Golen. Só precisavam de uma oportunidade, e ela se apresentou quando o rancor de Estevão Colonna o levou a assaltar uma caravana papal que transportava o tesouro pontifício de Anagni a Roma. Estevão ***Sciarra*** Colonna não tinha agido com intenção de roubo, mas com a certeza de resgatar os bens da Igreja que estavam em poder de um usurpador; por isso, conduziu o tesouro em plena luz do dia para seu Castelo de Palestrina.

A punição que Bonifácio VIII aplicaria aos Colonna, e aos gibelinos, seria exemplar, ainda que característica da mentalidade Golen. Primeiro, apresentou ao povo de Roma o ato de Sciarra Colonna como um crime inqualificável, pelo que responsabilizou toda a sua Estirpe: — "O Cardeal Pedro é o Chefe dos gibelinos e tanto ele como o Cardeal Jacó foram culpados de que a eleição papal se atrasasse dois anos em Perúsia. Agora, outro membro dessa família ousa levantar-se contra a autoridade do Papa, a mais elevada do Universo, e se atreve a roubar seu tesouro: essa linhagem maldita deve ser proscrita da Igreja". Foi em vão que os Cardeais Colonna proclamassem a ilegalidade de Bonifácio VIII, que oferecessem em favor de suas acusações as dúvidas que a Universidade de Paris mantinha sobre a renúncia de Celestino V, ou que solicitassem a formação de um Concílio Geral da Igreja para se pronunciar sobre o caso: em menos de um mês, e com a aprovação do Sacro Colégio, os Cardeais Jacó e Pedro são excomungados e depostos, bem como João Colonna e seus filhos, Agapito, Jacó e Estevão Sciarra. Além de afastá-los da Igreja e do cristianismo, na Bula se ordena confiscar seus bens, propriedades e títulos. Naturalmente, os Colonna resistem, e Bonifácio responde-lhes publicando uma Cruzada: os que participarem dela obterão as mesmas dispensas que se tivessem ido à Terra Santa.

À passagem dos cruzados, as matanças de gibelinos se renovam em toda a Itália. O Castelo de Sciarra, na Palestrina, é tomado e, por ordem de Bonifácio, reduzido a escombros, a terra arada e coberta de sal. Sciarra e o restante dos Colonna devem fugir para a França, completamente arruinados. Pouco depois, é a vez dos Franciscanos Espirituais: segundo outra Bula, o Santo Ofício achava heréticas suas doutrinas e ordenava a dissolução da Ordem.

Trigésimo Nono Dia

Só em 1299 Felipe, o Belo, conseguiria acabar com a guerra contra a Inglaterra. A trégua acertada por Benedito Gaetani foi se desenvolvendo

demoradamente, sem que as Nações em luta cedessem em suas intenções de reiniciar a contenda. Finalmente, mediante o tratado de Montreuil, colocou-se final à mesma, graças a condições próprias da época: Eduardo I, Rei da Inglaterra, casar-se-ia com Marguerite, irmã de Felipe IV, enquanto Eduardo II, filho do inglês, comprometer-se-ia com Isabel, menina de quatro anos, que era a única filha do francês; Isabel levaria, como dote, o Ducado de Guiena, mas os ingleses não pisariam, no momento, no território francês. No ano seguinte, Felipe ocupa com suas tropas o Condado de Flandres e fecha o Cerco estratégico.

Corre, pois, o ano de 1300, quando Felipe, o Belo, completa os dois primeiros passos do modo de vida estratégico a partir da Função Régia: realizou o ***princípio da Ocupação*** do território do Reino e aplicou o ***princípio do Cerco***; e os campos são preparados para a exploração racional da Agricultura e da Pecuária. A Estratégia Hiperbórea alcança, então, seu mais alto grau de desenvolvimento e quase não existe poder sobre a Terra capaz de se opor ao Rei do Sangue e da Nação Mística. Soou a hora do Estado carismático, no qual o Rei e o povo são uma só Voz e uma só Vontade. A detenção do Bispo de Pamiers, que desencadeará a última reação de Bonifácio VIII, mostrará claramente a existência real do Estado carismático.

Bernard Saisset, Bispo de Pamiers, era, na realidade, um espião Golen. Foi-lhe encomendada a missão de investigar no Languedoc a existência de uma Sociedade Secreta, à qual presumivelmente pertenceriam os conselheiros de Felipe, o Belo. Depois de um trabalho paciente, chegou a uma espantosa conclusão: "efetivamente, existia uma ímpia conspiração contra a Igreja Golen; nela confluíam os Cátaros, que reapareciam surpreendentemente organizados, os Franciscanos Espirituais, recentemente excomungados, e alguns membros da Ordem de Pregadores, especialmente espanhóis; as disputas entre inquisidores e hereges eram claramente simuladas e se percebia facilmente que, por trás do complô, estava a mão de Felipe, o Belo, que protegia pessoalmente todos os imputados". Antes de ser descoberto pelos Senhores do Cão, e ser detido e acusado de Alta Traição, o Bispo de Pamiers chegou a enviar seu relatório a Bonifácio VIII, que exigiu do Rei da França sua imediata libertação. Isso não era possível, sem correr o risco de que se conhecessem mais detalhes sobre os ***Domini Canis***; de modo que se o acusou formalmente de estar envolvido em um plano subversivo a serviço da Coroa de Aragão. Seria julgado por um tribunal civil, o que estava em total contradição com o Direito Canônico, que proibia os Bispos de comparecerem diante dos tribunais laicos.

A necessidade de contar com o Bispo de Pamiers para obter testemunho contra Felipe, o Belo, e o desafio que significava, naquela época, o julgamento civil de um Bispo, causaram a ira de Bonifácio VIII. Sua resposta seria a Bula ***Ausculta fili***, despachada para a França em dezembro de 1301, junto com outras de menor importância. Nela, Bonifácio criticava violentamente a reforma jurídica e administrativa ao Rei: ***"Voltai, meu filho muito amado, ao caminho que leva a Deus, e do qual vós vos tendes***

afastado, quer seja por vossa própria culpa ou pela instigação de conselheiros malévolos***. Sobretudo, não vos deixeis persuadir de que não tendes um superior e de que vós não estais sujeito ao Papa, que é o chefe da hierarquia eclesiástica. Uma opinião semelhante é insensata, e quem a incentive é um infiel já segregado do rebanho do Bom Pastor"***. Aqueles "conselheiros malévolos", claro, não seriam mais do que os ***Domini Canis***. Em seguida, Bonifácio expressa que, com o objetivo de considerar as desordens causadas pela má conduta de Felipe, e encontrar um remédio justo, ***convoca todos os Bispos para um Concílio em Roma, para novembro de 1302***: durante o mesmo, o Rei, ao qual se convida a comparecer, será julgado por seus "delitos" e chamado à correção. Felipe IV, claro, não apenas não se apresentaria, mas também proibiria os Bispos de abandonarem a França, sem seu consentimento.

Os "delitos" que se imputavam ao Rei em ***Ausculta fili*** hoje nos pareceriam perfeitamente soberanos: era acusado de "ter mudado o sistema monetário"; de "criar impostos até então desconhecidos"; de "taxar as rendas que a Igreja da França remetia a Roma"; de "impor aos seus súditos fronteiras nacionais"; etc. Cópias desta Bula foram lidas e queimadas publicamente em toda a França, gerando um movimento popular de indignação contra o despotismo teocrático do Papa.

Como adiantei, Dr. Siegnagel, com ***Ausculta fili*** se apresentou a oportunidade de exibir a Nação Mística, com essa nova estrutura do Estado, que pacientemente tinham criado os legistas ***Domini Canis***. Essa demonstração se realizou exatamente no dia 10 de abril de 1302, na Catedral de Notre Dame de Paris, e se pode considerar como a primeira ***Constituição*** do moderno Estado francês. Ali se reuniram representantes de ***todas*** as províncias francesas, razão pela qual se denominou "dos Estados Gerais" aquele congresso. Mas realmente novo eram as ***Três Ordens*** que compunham a Assembleia; vale a pena dizer, os representantes da Nobreza, do Clero, ***e das Cidades***. Os últimos, presentes pela primeira vez em um Conselho presidido pelo Rei. Há que se situar naquele momento do século XIV, para perceber em sua verdadeira dimensão a inovação que significava incluir junto a Nobres e Eclesiásticos representantes da classe plebeia; e isso não como um "direito democrático", arrancado à força de Tiranos sanguinários ou de Reis fracos, mas pelo reconhecimento real de que ***o povo participa da soberania***, tal como afirma a Sabedoria Hiperbórea. Naturalmente, na terceira Ordem, eram representados os diferentes estratos que integravam o povo da Nação Mística: principalmente a nova e pujante burguesia, formada por comerciantes, mercadores e pequenos proprietários; os sindicatos de artesãos e construtores; os camponeses livres, etc.

Destacada atuação na organização daquela primeira Assembleia das Três Ordens coube aos Senhores do Cão, especialmente aos três nomeados, Pierre Flotte, Robert de Artois e o Conde de Saint Pol. Pierre Flotte falou ao parlamento em nome do Rei, e suas palavras ainda são lembradas: — ***"O***

Papa enviou-nos cartas nas quais declara que devemos nos submeter em tudo o que se refere ao governo temporal de nosso Reino e que devemos acatar não só a coroa de Deus, como sempre se acreditou, mas também a da Sé Apostólica. Conforme esta declaração, o Pontífice convoca os prelados deste Reino a um Concílio em Roma, para reformar os abusos que ele disse que foram cometidos por nós e nossos funcionários na administração de nossos Estados. Vós sabeis, por outro lado, de que modo o Papa empobrece a Igreja da França, ao outorgar, à vontade, benefícios cujas arrecadações passam para mãos estrangeiras. Vós não ignorais que as igrejas são esmagadas por demandas de dízimos; que os metropolitanos não têm mais autoridade sobre seus sufragâneos; nem os Bispos sobre seu clero; que, em uma palavra, a corte de Roma, reduzindo a nada o episcopado, atrai tudo para si; poder e dinheiro. Há que colocar um fim a estes desmandos. Rogamos-vos, portanto, como Senhores e como Amigos, que nos ajudeis a defender as liberdades do Reino e as da Igreja. No tocante à nós, não duvidaremos, se necessário, em sacrificar por este duplo motivo nossos bens, nossa vida e, se as circunstâncias exigirem, a de nossos filhos". A posição de Felipe, o Belo, foi apoiada coletivamente pelos Estados Gerais.

Os Nobres e as Cidades assinaram suas respectivas cartas, nas quais rejeitavam com duros termos as acusações contra o Rei e denunciavam, por sua vez, a intenção do Papa de tornar o Reino um feudo eclesiástico; as cartas foram enviadas, não ao Papa, mas ao Sacro Colégio. Além disso, juraram defender com seu sangue a independência da França e declararam que, em relação aos assuntos do Reino, ninguém era mais Alto do que o Rei, nem o Imperador, nem o Papa. Os Cardeais, claro, descartaram considerar as acusações "pelo modo descortês de se referir ao Papa"; mas as relações vinham se envenenando cada vez mais. Durante a Assembleia, fizeram-se públicos os mais atrozes crimes atribuídos a Bonifácio VIII: usurpação de investidura papal, assassinato, simonia, heresia, sodomia, etc.; e aquela falta de autoridade moral, de quem pretendia elevar-se como Soberano Supremo, foi divulgada em todos os rincões do Reino pelos publicitários de Felipe, o Belo. O povo estava, então, com seu Rei e não reagiria adversamente diante de qualquer iniciativa que tivesse por finalidade limitar as ambições de Bonifácio VIII.

Quanto aos Bispos, encontravam-se no seguinte dilema: se concorriam ao Concílio, seriam considerados "inimigos pessoais" do Rei; poderiam ser acusados de traição e, tal como ocorrera com o Bispo de Pamier, julgados por tribunais civis. Mas, se não assistiam, seriam excomungados por Bonifácio VIII. Não obstante, apesar das terríveis represálias que o Papa tinha prometido para os que não fossem a Roma, a maioria dos Bispos estavam ao lado do Rei, a quem consideravam como um representante mais digno da Religião Católica: só os Golen e os espiões de Felipe IV iriam, em novembro, ao Concílio; quer dizer, só iriam 36 de um total de 78 Bispos

franceses. Mas, antes do Concílio, em 11 de julho de 1302, um evento infeliz veio enlutar a Corte Mística de Felipe, o Belo: para sufocar a revolta geral que tinha se desatado em Flandres, Felipe envia um poderoso exército de Cavaleiros, que acaba sendo aniquilado, naquele dia, na batalha de Courtrai; e no campo de batalha ficam para sempre o inestimável Pierre Flotte, Robert de Artois, e o Conde de Saint Pol, três Senhores do Cão, cuja atuação foi o principal fator do sucesso da Estratégia de Felipe IV. Imediatamente são promovidos outros ***Domini Canis*** ainda mais temíveis do que os três defuntos: Guilherme de Nogaret, Enguerrand de Marigny e Guilherme de Plaisians.

Durante o Concílio não se toma nenhuma resolução contra Felipe IV, pois, como na fábula, não existiria nenhum rato disposto a colocar o chocalho no gato. No entanto, a fúria de Bonifácio não tem limites, quando lhe informam que na França foram confiscados os bens dos Bispos presentes e que promoveram para eles um julgamento por alta traição. Assim, em 18 de novembro, publica a Bula ***Unam Sanctam***, que seria considerada como a mais completa exposição jurídica jamais realizada em favor do absolutismo papal e sacerdotal. Impossibilitados de tomar outras medidas mais eficazes contra Felipe, o Belo, os Golen tentam entabular uma polêmica jurídica sobre o tema do "poder espiritual" e o "poder temporal"; por isso, Bonifácio volta a insistir mais uma vez com a analogia das Duas Espadas: a tática consiste em conseguir que se aceite, como um silogismo, a verdade de que a Espada espiritual está acima da Espada temporal; isto admitido, segue-se com a identificação do Papa com a Espada espiritual e do Rei com a Espada temporal: a conclusão, evidente e lógica, é que o Rei deve se submeter ao Papa, pois com isso se cumpre "a Vontade de Deus". A ideia não era nova, mas agora era elevada a Dogma oficial da Igreja e sua rejeição explícita implicaria em pecado de heresia.

Lembremos, Dr. Siegnagel, as principais conclusões da Bula. Para começar, afirma a existência de ***só uma Igreja***, negando a recente acusação dos ***Domini Canis*** de que, dentro da Igreja Católica, existe uma Igreja Golen, herética e satânica, da qual Bonifácio VIII seria um dos chefes; daí o nome da Bula: ***Unam Sanctam Ecclesiam***... Nesta única Igreja ***"somos obrigados a crer, porque fora dela não há salvação nem perdão dos pecados"***. E esta única Igreja é análoga a um corpo orgânico, no qual a cabeça representa Jesus Cristo e também o Papa, o Vigário de Jesus Cristo: ***"Portanto, nesta única Igreja há um só corpo, uma só cabeça, e não duas cabeças, como as que tem um monstro; a saber: Jesus Cristo e o Vigário de Jesus Cristo, Pedro e os sucessores de Pedro, são a cabeça da Igreja". "Por isso, as Espadas espiritual e temporal estão sujeitas ao poder da Igreja; a segunda deve ser usada*** para a Igreja ***e a primeira*** pela Igreja***; a primeira*** pelo Sacerdote***; a segunda, pela mão dos Reis e Cavaleiros, mas sob a vontade e conformidade do Sacerdote". "Uma espada, no entanto, deve estar subordinada à outra, e a autoridade temporal ao poder espiritual"***. O Rei não deve se imiscuir nos assuntos

da Igreja, por exemplo, no que se trate das suas rendas, pois se o faz, comete um grave erro, interfere no "poder espiritual", e o Papa é obrigado a julgá-lo e chamá-lo à ordem, sem que, pelo contrário, não exista ninguém sobre a Terra que possa julgar o Papa: ***"Vemos isto claramente na oferta de dízimos, tanto na glorificação como na santificação, na recepção desse poder e no governo das coisas. Porque, como a verdade testemunha, o poder espiritual deve instituir e julgar o poder terreno, se este não for corretamente exercido". "Portanto, se o poder terreno erra, pode ser julgado pelo poder superior; mas se, na verdade, erra o poder supremo, este só pode ser julgado por Deus, e não por nenhum homem"***.

Vale a pena dizer que todas as acusações contra Bonifácio VIII, expostas durante a Assembleia dos Estados Gerais, e transcritas nas cartas aos Cardeais, carecem de valor, por provir daqueles que não têm capacidade espiritual para julgar os atos do Papa: só Deus pode fazê-lo. E acreditar no contrário é pura heresia: ***"Portanto, quem quer que resista a este poder assim ordenado por Deus, resiste à lei de Deus, a menos que pretenda a existência de dois princípios, como os maniqueus... Pelo que, declaramos, dizemos e definimos, que é inteiramente necessário para a salvação que todas as criaturas humanas sejam sujeitas ao Sumo Pontífice Romano" ("Porro Subesse Romano Pontifici, omni humanae creaturae declaramus, decimus et diffinimus omnino esse, de necessitate salutis")***. A luva foi lançada na cara do Rei da França; e se percebia claramente, nas palavras da Bula, a intenção de excomungá-lo.

Nos quatro meses seguintes, Felipe, o Belo, e os ***Domini Canis***, realizam várias reuniões secretas. O prestígio de Bonifácio VIII caiu mais do que nunca na França, depois da Bula ***Unam Sanctam***: é o momento, propõem os Senhores do Cão, de depor o Papa; uma vez decapitado o Dragão Golen, será mais fácil esquartejar seu corpo. No entanto, o argumento da ilegitimidade de sua investidura não conta com o apoio unânime da Universidade de Paris, requisito necessário para fundamentar a reivindicação ou imposição de uma nova eleição papal. Ganha força, ao contrário, a ideia de apresentar uma acusação de heresia: a heresia, segundo o Direito canônico, é causa de destituição do Papa e conta com antecedentes históricos. Claro que, para provar semelhante acusação, e derivar disso a substituição do Papa, se requereria o quadro de um Concílio geral. Felipe IV se dispõe, então, a forçar a convocação para um Concílio que julgue a conduta "herética" do Papa: confia em fazer valer, ali, o número de seus bispos nacionais. Os Senhores do Cão o acompanharão, instrumentando uma campanha de denúncias de heresia contra Bonifácio VIII, como forma de influir moralmente sobre os Bispos e, também, sobre os Nobres e as Cidades. Guilherme de Nogaret e Guilherme de Plaisians se oferecem para atuar como acusadores, sendo escolhido o primeiro para desempenhar uma missão secreta na Itália, o que não o impediria de iniciar a campanha de acusações "rogando publicamente ao Rei que defenda os

cristãos da maldade de Bonifácio VIII", e o segundo para acusar publicamente o Papa.

Em 12 de março de 1303, Guilherme de Nogaret, diante do Conselho de Ministros do Rei, lê e assina um manifesto, que em seguida é copiado e publicado em todo o Reino. Dizia assim: ***"O glorioso príncipe dos apóstolos, o bem-aventurado Pedro, falando em nome do Espírito, disse-nos que, da mesma forma que nos tempos remotos, bem como nos que virão, surgirão falsos profetas que haverão de manchar o caminho da verdade, os quais, em sua cobiça, e por meio de suas palavras enganadoras, traficarão conosco, seguindo o exemplo desse Balaão, que se satisfazia com o prêmio da iniquidade. Para impor seus castigos e fazer ouvir suas ameaças, Balaão contava com uma criatura bestial que, dotada da fala humana, proclamava os desatinos do falso profeta... Estas coisas, que foram anunciadas pelo Pai e patriarca da Igreja, vemos agora com nossos próprios olhos, realizadas letra por letra. Na realidade, lá está sentado, na cadeira de São Pedro, esse mestre de embustes, que apesar de ser Maléfico (Malfaisant), de todas as formas possíveis, é chamado ainda de Benéfico (Boniface). Ele não entrou através da porta, no rebanho de Nosso Senhor, como pastor e lavrador, mas sim como assaltante e ladrão... Em que pese estar vivo o verdadeiro esposo da Igreja, Celestino V, ousou ofender a esposa, por meio de abraços ilegítimos. O verdadeiro esposo não teve participação neste divórcio. De fato, segundo dizem as leis humanas,*** nada mais oposto ao consentimento do que o erro... ***Não pode se casar quem, enquanto o digno esposo vive, manchou o matrimônio com o adultério. Agora; como tudo o que se perpetua contra Deus é uma ofensa e uma injúria que se comete contra todos, e no que diz respeito a um delito tão grande, o testemunho do primeiro que chega tem que ser recebido***, ainda que seja o da esposa, ainda que seja o de uma mulher infame***. – Eu, consequentemente, da mesma forma que a besta que, mediante o poder de Deus, foi dotada com a Voz de um homem verdadeiro, para que reprovasse os desatinos do falso profeta, que chegou até a amaldiçoar as pessoas abençoadas, dirijo a vós minha súplica, o mais excelente dos príncipes, nosso Senhor Felipe, pela graça de Deus, Rei da França, de que, depois do exemplo do anjo que mostrou a espada nua a esse maldizente do Povo Eleito, vós, que fostes ungido para cumprir a justiça, tereis que opor a espada a este outro e mais fatal Balaão, e impedi-lo de consumar o dano que está preparando contra o povo"***.

O dano consistia na excomunhão do Rei e a libertação de todos os cristãos franceses de cumprir o juramento de fidelidade, com o que o Reino ficaria interditado e poderia ser conquistado legitimamente por quem o Papa autorizasse: tais eram os planos que Bonifácio VIII preparava e que os espiões de Felipe IV informavam periodicamente. Por outro lado, por efeito do manifesto de Nogaret, não se tomou nenhuma medida oficial, mas logo o

povo começou a se referir ao Papa como ***"Maléfico VIII"***, o que explica o porquê de os gascões terem na França a mesma fama que na Espanha têm os andaluzes.

Quadragésimo Dia

Em 13 de junho de 1303, celebra-se uma Assembleia de Estados Gerais no Louvre, presidida pelo Rei. Nela se renovam as denúncias contra Bonifácio VIII e se apresenta formalmente a necessidade de convocar um Concílio que o condene e nomeie um novo Papa. Os Nobres, as Cidades, e os Bispos nacionalistas aceitam. Guilherme de Plaisians solicita ser o acusador de Bonifácio no futuro Concílio; é aceito também, e lê uma declaração onde expõe seus argumentos: ***"Eu, Guilherme de Plaisians, Cavalheiro, digo, prevejo e afirmo que Bonifácio, que agora ocupa a Santa Sé, será visto como um herege perfeito, de acordo com as heresias, feitos prodigiosos e doutrinas perversas mencionadas em seguida: 1º) não acredita na imortalidade da Alma; 2º) não acredita na vida eterna, pois afirma que desejaria mais ser um cão, um asno ou qualquer outra besta do que ser francês; coisa que não diria, se cresse que um francês tem uma Alma eterna. Não acredita na Presença verdadeira, pois adorna seu trono com maior magnificência do que o altar. Disse que, para humilhar sua majestade e os franceses, transtornaria o Universo inteiro. Deu sua aprovação ao livro de Arnaud de Villenueve, o bruxo protegido dos cistercienses, que tinha sido condenado pelo Bispo e pela Universidade de Paris. Fez esculpir estátuas de si mesmo nas Igrejas, com o objetivo de que se lhe renda culto, junto ao Crucificado. Tem um Demônio familiar, ao qual chama de 'Bafoel', que lhe revela tudo quanto deseja saber: por isso, disse que, ainda que toda a humanidade estivesse localizada em um lado, e só ele no outro, ele não pode se enganar, quer se trate de um aspecto de fato ou de direito. Expressou em sua prédica pública que o Sumo Pontífice, mesmo que coloque preço em todos os sacramentos e cargos eclesiásticos, não pode cometer simonia, o que é uma heresia afirmá-lo. Da mesma forma que um herege confirmado, que sustenta que só a sua é a fé verdadeira, qualificou os franceses – notoriamente um dos povos mais cristãos – de Cátaros. Ele é um repugnante sodomita, como o provam numerosos testemunhos. É também um assassino: em sua presença fez matar muitos clérigos, dizendo aos seus guardas, quando não chegavam a matá-los no primeiro golpe: 'Bate, bate, dá-lhe, dá-lhe'. Obrigou sacerdotes a violarem os segredos do confessionário. Não faz vigílias nem jejuns. Lança discursos violentos contra o Colégio de Cardeais, contra a Ordem de Cavaleiros Teutônicos, contra a Ordem de Pregadores Dominicanos, contra os irmãos menores e os Franciscanos Espirituais, repetindo muitas vezes que arruínam o***

mundo, que são hipócritas e falsos, e que nada de bom acontecerá a quem se confesse com eles. Tratando de destruir a fé, concebeu uma velha aversão contra o Rei da França, em seu ódio para com a fé do verdadeiro Cristo, porque na França é onde está e esteve o esplendor da fé, o grande apoio e exemplo da Cristandade. Insuflou todos contra a Casa da França, a Inglaterra, a Germânia, confirmando o título de Imperador ao Rei da Germânia, e proclamando que fazia isso para destruir o orgulho dos franceses, os quais se vangloriavam de não estarem sujeitos a ninguém quanto às coisas temporais, que não havia ninguém na Terra acima de seu Rei, agregando que eles mentiram através de sua garganta, e declarando que mesmo que um Anjo descesse do céu e dissesse que os franceses não estão sujeitos nem a Bonifácio nem ao Imperador, seria um anátema. Permitiu que se perdesse a Terra Santa... empregando em suas guerras pessoais e em seus luxos o dinheiro destinado à defesa desse sítio. Foi publicamente reconhecido como simoníaco, e muito mais ainda, como a fonte e a base da simonia, vendendo benefícios a quem pagasse mais, impondo sobre a Igreja e sobre o Bispo servidão e vassalagem, com o propósito de enriquecer sua família e seus amigos com o patrimônio do Crucificado, e para torná-los Marqueses, Condes, Barões. Dissolve casamentos por dinheiro... anula os votos das monjas... em síntese, Cavalheiros, disse que, brevemente, faria de todos os franceses mártires ou apóstatas.

Impressionados pelas acusações de Plaisians, todas acompanhadas de abundantes provas, os parlamentares concordam em convidar Bonifácio VIII para assistir ao Concílio, para que exerça sua defesa. No entanto, Felipe IV não se conforma com a aprovação coletiva e redige cartas pessoais às numerosas dioceses da França; enquanto Nogaret parte para Roma para notificar o Papa, Guilherme de Plaisians, escoltado por dissuasiva tropa real, visita pessoalmente cada cidade, povoado ou aldeia, e recolhe a assinatura dos estratos sociais. Como era de se esperar, quase todos assinam, ao ler a carta do Rei e ouvir a exposição do acusador oficial; só resistem os cistercienses e as outras Ordens beneditinas, principais refúgios dos Golen: Citeaux, o Cluny, e o Templo, que desaprovam furiosamente a conduta de Felipe, o Belo, e manifestam que não há nada de reprovável em Bonifácio VIII. Ao contrário, a Universidade de Paris, os dominicanos de Paris e os franciscanos de Turene declaram-se a favor do Rei. Em meados de agosto, Bonifácio VIII publica uma Bula, na qual afirma que só o Papa é autorizado a convocar um Concílio e tenta defender-se das acusações de Plaisians e Nogaret. No final, pergunta-se: como chegou-se ao absurdo de que os Cátaros acusem o Papa de herege? Mas os espiões de Felipe IV informam-lhe que se está redigindo o decreto de excomunhão do Rei e interdição do Reino da França: na Bula já se colocou adiantada a data de sua emissão: 7 de setembro de 1303.

Felipe IV decide dar um contragolpe e capturar Bonifácio antes que dê a conhecer sua infame resolução. Já na França, seria julgado pelo Concílio e deposto formalmente, nomeando-se em seu lugar um Bispo francês de sua confiança. Para cumprir este plano, concede ***carta branca*** a Guilherme de Nogaret, a quem entrega sua própria espada e diz estas históricas palavras:

— "A Honra da França está em vossas mãos, Senhor Cavalheiro".

Guilherme de Nogaret dirige-se para a Itália, acompanhado apenas por Sciarra Colonna, o mais temível inimigo pessoal de Bonifácio, e por Charles de Saint Félix, um ***Domini Canis*** que era neto de Pedro de Creta e Valentina de Tharsis: Nogaret conhecia Charles desde menino, pois este era filho de quem fora o Senhor da família de Saint Félix de Caraman. Em Florença, o banqueiro do Rei da França entrega a Nogaret uma importante soma, pois tinha ordens de prover o gascão de tudo quanto fosse necessário para sua missão. Dali partem vários homens afeitos ao partido gibelino para avisar os Senhores aliados dos Colonna, nas proximidades de Anagni, Alatri e Ferentino. O Papa encontra-se em seu palácio de Anagni, sua cidade natal, no antigo Estado pontifício de Frosinone; a vizinha cidade de Ferentino, rival gibelina da guelfa Anagni, é o ponto de reunião dos conspiradores; o dia escolhido: 6 de setembro, quer dizer, um dia antes da emissão da Bula que excomungaria Felipe IV.

No dia marcado, no máximo segredo, chega uma dúzia de Senhores, inimigos juramentados de Bonifácio VIII, que aguardavam há anos uma oportunidade semelhante para se vingarem; todos anseiam intimamente uma ocasião para executar Bonifácio, pois consideram inútil seu translado para a França; ironicamente, Guilherme de Nogaret deverá apelar a toda a sua autoridade para protegê-lo e cumprir, assim, a Estratégia de Felipe, o Belo. Cada Cavalheiro tinha viajado separadamente, acompanhado de uma pequena escolta que não despertaria suspeita alguma; a estas tropas somavam-se os efetivos mercenários oferecidos pelo Capitão Reinaldo Supino, guarda de Ferentino, que se vendeu a Nogaret por 1000 florins. No total, juntam-se 300 cavaleiros e 1000 infantes: aquelas companhias seriam realmente exíguas para a empresa que se propunham a realizar, senão fosse que contavam, em seu favor, com o princípio da surpresa, já que nem Bonifácio VIII, nem seus sequazes Golen, remotamente imaginavam que podiam ser atacados em Anagni. Formado a poucos quilômetros de distância, o batalhão de Nogaret parecia ter surgido do nada; e ninguém na Itália pôde saber com antecedência de sua existência, para avisar os Golen.

Um dos Cavaleiros gibelinos era Nicolau, da poderosa família dos Conti, cujo irmão Adenulfo, residente em Anagni, prestaria vital colaboração aos invasores. Por seu intermédio, consegue-se comprar o comandante da guarda papal, Godofredo Busso, por uma boa bolsa de ouro, enquanto o próprio Adenulfo se ocuparia de enganar os anagneses durante o ataque.

À meia-noite, chegam os guerreiros de Kristos Lúcifer diante da antiga capital dos Hérmicos; dois Cavaleiros portam os estandartes da França e da Igreja. Nicolau Conti os guia até uma porta na muralha que foi aberta de

dentro e todos se precipitam, ao grito de: "Morra Bonifácio! Viva o Rei da França!". Os cavaleiros, seguidos da infantaria, se desencadeiam em vários grupos pelas estreitas e íngremes ruelas. Vão diretamente para onde se erguem os suntuosos palácios, pertencentes aos Cardeais e ao Papa, e várias Igrejas de esplêndida ornamentação. O comandante da guarda papal se une, junto com parte dos seus, às forças intrusas, e começa o sítio ao palácio de Bonifácio VIII, que só dispõe de uns poucos homens para resistir. Por uma vez, a história se inverte: o argumento é o mesmo, os personagens semelhantes; é a luta do Espírito contra as Potências da Matéria, do Rei do Sangue contra os Sacerdotes Golen, dos representantes do Pacto de Sangue contra os do Pacto cultural; mas desta vez é o Rei do Sangue que triunfa sobre o Sacerdote Golen, sobre os exterminadores do Sangue Puro, sobre os proclamadores de Cruzadas contra a Sabedoria Hiperbórea. Dentro da suntuosa residência, o orgulho de Bonifácio se desmonta. Vejam-no ali, tremendo e chorando como uma mulher, o Demônio Golen que pretendia imperar sobre o carisma do Rei do Sangue! Talvez não chore pela tragédia do momento, mas pelo castigo futuro que lhe será imposto por seu Senhor, o Supremo Sacerdote Melquisedeque, e pelos Mestres da Fraternidade Branca.

Os moradores de Anagni, nisso tudo, despertam com a surpresa de que sua cidade está ocupada por tropas do Rei da França. Alguém faz tanger os sinos, chamando para a reunião e todas as famílias correm para a praça do mercado; as notícias são esmagadoras: Sciarra Colonna veio com um batalhão provido pelo Rei da França e certamente vai matar o Papa. Godofredo Busso passou para o lado inimigo e a Cidade ficou desguarnecida. Rapidamente, no meio de uma grande confusão, nomeiam como chefe Adenulfo Conti. Este, acompanhado de alguns vizinhos, previamente escolhidos entre os partidários dos Colonna e dos Conti, vai parlamentar com os invasores. Fala com Reinaldo Supino e regressa em seguida; assegura com veemência que será impossível resistir aos "franceses", os quais já estão saqueando os palácios dos Cardeais: só resta a possiblidade de se unir a eles e compartilhar o saque. Desesperados, os guelfos entregam-se à pilhagem, roubando ombro a ombro com os gibelinos os palácios cardinalícios e papais. Assim, desapareceram obras de arte de valor incalculável, tesouros da antiguidade, e riquíssima louça de ouro e prata; cada qual pega quanto lhe agrade e pode carregar. Alguns descobrem as adegas, encarregadas de satisfazer os requintados gostos dos purpurados e acalmar sua inextinguível sede, e logo as garrafas circulam de mão em mão. Durante o dia, poucos serão os anagneses que não tenham roubado algo ou se embriagado; ninguém se aventura pelas ruas e a cidade fica sob o controle total dos poucos homens de Nogaret.

Enquanto se efetua o saque noturno, e a população acha-se entretida nessa bárbara tarefa, uma febril atividade guerreira se desenvolve em torno do palácio de Bonifácio, que, consciente de que, com sua reduzida guarda, não poderá resistir muito tempo, trata de chegar a um acordo com os

sitiadores; seu legado recebe as condições: render-se em sigilo, retirar a excomunhão de Felipe, o Belo, reabilitar os Colonna, e ir prisioneiro para a França, para ser julgado no Concílio. Ao conhecê-las, Bonifácio resiste a aceitá-las e cai em desespero: apenas veste a indumentária sacerdotal Golen e aguarda seus inimigos sentado no Trono. Em meio a soluços de amargura, ora fervorosamente ao Deus Criador para que realize o milagre de salvá-lo e salvar os planos da Fraternidade Branca. Será possível, pergunta-se, aos gritos, que os Senhores da Guerra triunfem sobre ele, que é um representante do Criador do Universo? Se ele, em quem se tinha confiado para que freasse os Reis temporais, fracassava, quais novas desventuras sobreviriam depois às Ordens Golen, que por tantos séculos desenvolveram os planos da Fraternidade Branca? Após cada uma destas perguntas tinha convulsões, e era evidente que não tardaria em perder a razão.

Com exceção de dois Bispos, um espanhol e outro italiano, todos fogem de seu lado como podem; alguns são capturados e mortos pelos homens de Sciarra Colonna, enquanto outros são conservados como reféns, pois se entregam voluntariamente; dentre eles, seu próprio sobrinho. Aquelas notícias terminam por deprimir Bonifácio. Por fim, uma janela cede e penetram por ela Guilherme de Nogaret e Charles de Saint Félix, seguidos por meia dúzia de soldados de Ferentino, que se mantêm a prudente distância, para não serem reconhecidos pelo Papa. Nogaret e Charles se aproximam do Trono: usando a Tiara Papal, réplica da coroa egípcia dos Sacerdotes Atlantes morenos; vestindo a túnica branca dos Sacerdotes levitas de Israel, na qual está bordado o Trevo de Quatro Folhas dos Sacerdotes Golen, estilizado como cruz celta; em sua mão direita segura a Cruz, símbolo do Encadeamento Espiritual, e na esquerda as Chaves de São Pedro, símbolo da Chave Kâlachakra com que os Deuses Traidores ao Espírito do Homem consumaram sua Traição Original; ali estava sentado, com seus olhos chamejantes de ódio e de terror, um dos homens mais perversos da Terra.

— Cátaro, filho de Cátaro! — exclamou desafiante, ao reconhecer Nogaret — Teu amo, o Rei da França, não poderá contra a Lei de Jeová Deus!

— Sou Cavaleiro do Rei da França — respondeu o gascão — e posso vos assegurar, detestável Sacerdote, que meu Senhor só conhece e respeita a Lei da Honra, que é a Lei do Espírito Santo, da Vontade do Deus Verdadeiro; só vosso Deus Jeová, que é um Demônio chamado Satanás, ao qual obedeces servilmente, pode se opor a essa Lei.

— Maldito Golen — agora era Charles de Saint Félix, o Charles de Tharsis Valter, o Charles de Tarseval, que falava — tendes por certo que o Rei da França acabará convosco e com as Ordens diabólicas que vos secundam! Jamais podereis governar o Mundo enquanto existirem Iniciados como ele ou Frederico II! Mas tendes por mais certo ainda que Nós, os Guerreiros Eternos de Kristos Lúcifer, acabaremos um dia com os Chefes de vossos Chefes, com a Hierarquia Oculta de Sacerdotes Supremos que mantêm o Espírito Incriado na escravidão da matéria criada!

Bonifácio empalideceu e estremeceu de terror ao ouvir o Homem de Pedra. Algo como um halo de hostilidade essencial se desprendia daquele Cavalheiro, com uma intensidade impressionante: o que era a morte da Vida Quente diante dessa outra Morte que se intuía através de sua presença? O que é a perda da Vida, dos gozos e riquezas efêmeras, do Poder neste Mundo ou o castigo do Supremo Sacerdote no outro Mundo que tanto o atemorizava até então, diante do abismo da Morte eterna na qual o afundavam os Olhos de Gelo do cavalheiro francês?

— Hereges! — gritou, fora de si, no momento em que uma porta saltava em pedaços e entrava correndo uma multidão, precedida por Sciarra Colonna — respeitai a quem, por disposição do Deus Único, deve governar todo o Orbe!

Sciarra, aquele inimigo mortal de Bonifácio, chegou a ouvir suas últimas palavras e deu-lhe uma violenta bofetada com o soco inglês, fazendo brotar sangue de sua bochecha. Nogaret teve que contê-lo para que não o atravessasse ali mesmo com sua espada. O povo e os soldados, entretanto, lançavam mão de todo objeto valioso que tinham ao seu alcance.

Com o palácio tomado, Bonifácio prisioneiro, e a cidade sob controle, a situação não se apresentava, no entanto, promissora. Uma coisa era entrar em segredo na Itália, e preparar um ataque surpresa, e outra era sair levando o Papa prisioneiro. Nem sequer em Anagni poderiam se manter muito tempo, sem que os moradores descobrissem quão pequeno era o número das tropas ocupantes. No porto de Ostia, esperava-os um barco da família Annibaldi, aliados dos Colonna, mas, para chegar até ali, necessitariam de um reforço importante. Os irmãos de Sciarra eram os encarregados de concorrer com 5000 homens, mas se atrasaram, e o dia 7 de setembro transcorreu em tensa calma, enquanto os anagneses iam despertando da surpresa. No dia 8, tudo continuava igual, mas começaram a circular rumores entre os moradores de que tinham sido vítimas da traição e de um golpe, pela mão de poucos atacantes. A hostilidade começou a se fazer sentir, em forma de múltiplas provocações aos soldados de Nogaret e, em seguida, viu-se que se teria que deixar Anagni o quanto antes. Guilherme de Nogaret, Charles de Saint Félix e Sciarra Colonna encontravam-se deliberando sobre a conveniência de matar Bonifácio ou arriscar-se a levá-lo com eles, quando se inteiraram de que Godofredo Busso tinha passado novamente ao bando do Papa e impediu-lhes a entrada no Palácio. Imediatamente se reinicia a batalha, agora sangrenta, e os três enviados de Felipe se vêm obrigados a fugir, deixando Bonifácio nas mãos dos guelfos. Dias depois, encontram-se na França, sendo aprovada pelo Grande Rei toda a atuação em Anagni.

É que a vida de Bonifácio já não serviria aos interesses Golen, pois ele tinha perdido irremediavelmente a razão: um mês depois dos eventos de Anagni, em 11 de outubro de 1303, morreria em Roma, concluindo com ele a Era da dominação Golen medieval na Santa Sé, e fracassando a iminente concretização dos planos da Fraternidade Branca, quer dizer, o Governo

Mundial e a Sinarquia do Povo Eleito. A Alta Estratégia dos Senhores de Tharsis e do ***Circulus Domini Canis*** estava triunfando sobre as Potências da Matéria: Felipe IV, que aparecia como a causa exotérica do fracasso Golen, era um Iniciado Hiperbóreo que cumpria ao pé da letra as diretrizes esotéricas da Sabedoria Hiperbórea. Mas a morte de Bonifácio, Dr. Siegnagel, mostra só o princípio do fim. Faltava ainda desmantelar a infraestrutura financeira dos Templários, o gérmen da Sinarquia do Povo Eleito.

A crise que quebrou a Alma de Bonifácio se produziu quando seu diabólico orgulho se viu terrivelmente humilhado pelos atos de seus inimigos: primeiro o Cátaro Nogaret, tratando-o como um súdito do Rei da França e fazendo-o prisioneiro em seu nome. Depois, o misterioso Charles de Saint Félix, transmitindo-lhe seu poder aterrorizante e predicando o fracasso dos planos mais secretos das Ordens Golen: isso confirmava as suspeitas de Bernard de Saisset, o Bispo de Pamiers, de que em torno de Felipe, o Belo, existia uma conspiração dos Filhos das Trevas; cercado de inimigos, capturado em seu próprio palácio de Anagni, banhado em suores frios, Bonifácio compreendia tarde demais que tinha subestimado Felipe, o Belo, e que não levou com suficiente seriedade os frequentes avisos de alarme que enviavam os monges do Cister e os Templários. Tomado, então, de uma mistura de ódio e terror, sentia que sua Alma ia se deprimindo irremediavelmente. Em seguida, o ***Banditti*** Sciarra, atrevendo-se a bater-lhe e ainda ameaçando-o de morte, enquanto seus homens o cobriam de insultos. E, por último, a traição de seu povo natal, saqueando sem pudor seu palácio, aliando-se aos seus inimigos, que eram os inimigos da Igreja Golen, a Igreja do Deus Uno Criador do Universo, do Deus do qual ele, o Sacerdote ***Maximus***, era uma manifestação vivente: ó, Deus Uno, que ingratidão de seu povo! Talvez aquela agressão dos seus, por ser menos importante, embora mais afetiva, doía mais do que as ofensas anteriores. E, naturalmente, dentro dessa dor, destacava-se em maior grau a angústia de ter sido despojado do ouro e da prata, de seus tesouros de arte, de beleza sem igual, reunidos em uma vida inteira de aquisições, muitos deles herdados ou pertencentes à família Gaetani. O peso do fracasso se descarregava sem atenuantes, esmagando em poucas horas Bonifácio VIII. Muitas emoções juntas, mesmo para um Golen de lendária crueldade, que afligiam o Papa de 69 anos.

Quando foi resgatado pelo povo de Anagni, sua consciência tinha se situado fora da realidade e, ainda que muitos prometessem devolver o que tinha sido roubado, Bonifácio não estava em condições de compreender isso. Mecanicamente, solicitou ser levado ao palácio de Latrão. Ali os Cardeais Orsini, ao comprovarem seu estado de demência, mantiveram-no afastado dos romanos. Com os olhos desorbitados, exclamava: Bafoel! Bafoel! ***Aliquem ad astra fero!*** Em alguns momentos de lucidez, explodia em pedidos de vingança contra seus inimigos e augurava a ruína dos que o tinham traído. Mas depois sua mente se obscurecia e sofria surtos de ira

contínuos, nos quais uivava, soltava espuma pela boca e tentava morder os que cuidavam dele. Finalmente, em 13 de outubro de 1303, morreu transformado em uma besta furiosa, cumprindo assim a profecia de Celestino V. O santo tinha dito: ***"subistes como uma raposa, reinareis como um leão, e morrereis como um cão"***.

Quadragésimo Primeiro Dia

A forma como morreu Bonifácio VIII, e a certeza de que o Rei Carlos II permanecera indiferente diante de sua queda, causou grande temor entre os Cardeais guelfos. Como ninguém queria correr o mesmo destino, ou ainda pior, nove dias depois, o Sacro Colégio se coloca de acordo quanto à identidade do novo Papa: em 22 de outubro de 1303 elegem o Cardeal Nicolau Boccasini, que toma o nome de Benedito XI e era Chefe Geral dos dominicanos. O novo Pontífice, que, ainda que não fosse ***Domini Canis***, era fortemente influenciado pelos Iniciados de sua Ordem, tenta levar avante uma política conciliadora com o Rei da França e iniciar a reforma dos escandalosos costumes Golen que reinavam no alto clero, mas é envenenado com alguns figos, antes de terminar o ano. Como no caso de Celestino V, o defunto tinha sido uma solução de conveniência entre os irreconciliáveis partidos eclesiásticos: ambos os bandos confiavam intimamente em dominar o Papa. Sua morte afundará os Cardeais em uma longa discussão de 10 meses sob a pressão, agora inevitável, de Felipe, o Belo.

O Rei da França oferece ouro e proteção contra a vingança dos Golen, e vai conseguindo que muitos Cardeais guelfos vendam seu voto. Finalmente, chega-se a um arranjo: será investido um clérigo não pertencente ao Sacro Colégio. Felipe, o Belo, reúne-se com Bertrand de Got, Arcebispo de Bordeaux, em Saint-Jean-d'Angély. O Arcebispo é um Senhor do Cão e o Rei da França solicita sua colaboração: quer que aceite a investidura papal e tome oito medidas que assegurarão a Estratégia do Reino; não lhe oculta que a missão será extremamente perigosa, pois os Golen tentarão assassiná-lo por qualquer meio. No entanto, Bertrand de Got aceita. Também cumprirá o prometido: prova disso são as incontáveis calúnias que os historiadores sinárquicos afirmaram sobre sua memória; no entanto, como no caso de Felipe, o Belo, todas as calúnias perdem consistência e se desintegram quando se conhece a Estratégia que regia e dava sentido aos seus atos. Seja como for, o Arcebispo concorda em cumprir a missão que lhe propõe o Rei: primeiro, condenar a obra de Bonifácio VIII; segundo, cancelar a excomunhão de Felipe IV; terceiro, que a Igreja não receba, durante cinco anos, de graça, suas rendas da França, a fim de sanar a economia do Reino; quarto, reabilitar os Cardeais Colonna e sua família; quinto, nomear Cardeais certos ***Domini Canis*** que, oportunamente, lhe seriam indicados; sexto, aprovar as determinações que o Reino adote contra o Povo Eleito; sétimo, confiscar o ouro acumulado clandestinamente pelas Ordens

beneditinas cluniacense e Cisterciense; oitavo, contribuir eficazmente para conseguir a extinção da Ordem do Templo e o desmembramento de sua infraestrutura financeira.

Em 5 de junho de 1305, os Cardeais elegem Bertrand de Got, que toma o nome de Clemente V. Imediatamente, solicita ser coroado em Lyon, capital do Condado de Provença. Por que ali? É outra longa história, Dr. Siegnagel, que não poderei narrar aqui; mas lhe darei uma resposta sintética. Lyon é uma cidade construída em um lugar conhecido na Antiguidade como ***Lugdunum***, que em gaulês-celta queria dizer ***colina de Lug***; o nome se originou porque naquela colina existia um Templo dedicado ao Culto do Deus Lug. Contudo, tal Culto era, na verdade, antiquíssimo, do tempo dos Atlantes morenos, mas se manteve ativo ainda por milhares de anos depois de que os Atlantes abandonassem a Europa. Como? Porque seus descendentes viajavam desde o Egito, para que jamais faltassem Sacerdotes na Colina de Lug ou de Lyg, quer dizer, em Lyon. Quando os Golen vieram acompanhando a invasão celta do século V A.J.C., decidiram fazer de Lyon seu santuário principal. Ali permaneceram dali em diante, durante a dominação romana, borgonhesa e franca, até os dias de Felipe, o Belo. Então, os Golen praticamente ocupavam a região, a partir de centenas de monastérios beneditinos, cluniacenses e cistercienses, e extensos territórios Templários: o Culto, claro, não tinha desaparecido, mas fazia parte dos ritos secretos Templários, pois os Cavaleiros custodiavam o local exato do antigo Templo. Para oferecer só um exemplo esclarecedor, direi que não foi casualidade que o Papa Golen Inocêncio IV convocasse o XIII Concílio Ecumênico na cidade de Lyon, em junho de 1245; o mesmo tinha o objetivo de decretar a excomunhão do Imperador Frederico II, o que se concretizou depois do violento discurso do Papa, que versava sobre "as cinco chagas da Cristandade", das quais a quinta era o Imperador. Vale a pena dizer que, para condenar quem representava o Imperador Universal do Pacto de Sangue, os Golen tinham se situado no Templo mais sagrado do Pacto Cultural.

Assim, então, o coroamento de Clemente V tinha o caráter de um desafio apresentado no próprio coração do Inimigo. E o Inimigo não deixou passar tão imprudente ação: uma sabotagem em um tablado carregado de pessoas, nos momentos em que passava a comitiva real, causou um desmoronamento; Felipe IV e Clemente V salvaram suas vidas por Vontade dos Deuses, mas igual sorte não tiveram doze príncipes que morreram no ato, enquanto muitos outros ficaram gravemente feridos, entre eles Carlos de Valois, irmão do Rei; dias depois morria assassinado Gaillard de Got, irmão do Papa. Felipe IV jurou, então, obter Lyon para sua Casa, coisa que efetivamente conseguiu, em 1307, e expurgá-la dos Golen. Clemente V, por seu lado, anunciou que se dirigiria a Bordeaux para pôr em ordem e entregar o Arcebispado, mas caiu de surpresa em Cluny, onde procedeu a confiscar o ouro; para avaliar a dor que aquela fulminante vingança causou aos Golen, basta pensar que a coleta do ouro demandou cinco dias, devido à sua

extraordinária quantidade. Apesar de tudo, Clemente V não fugiu de Lyon, mas regressou e fixou ali sua residência, onde permaneceu até 1309, ano em que se transladou para o palácio murado de Avignon, propriedade da Igreja.

Concluindo, Dr. Siegnagel, a Sabedoria Hiperbórea sugere prestar atenção a Lyon, especialmente em nossos dias, pois, assim como o Povo Eleito se propôs a ***fazer ouvir sua voz a partir de Jerusalém***, quando a obra nefasta da Sinarquia seja consumada, do mesmo modo os Golen se propuseram a ***fazer ouvir sua voz a partir de Lyon***, nesse momento.

Logicamente, Clemente V teve que simular algum tipo de independência inicial do Rei da França, para evitar uma reação desesperada por parte dos Golen. Com esse objetivo, aparentou ser afeito aos luxos e prazeres mundanos e até se amasiou com a Condessa de Périgord, filha do Conde de Foix, que não era nada menos do que uma Iniciada Cátara que servia de vínculo com os ***Domini Canis*** de Toulouse. A exibição de tais supostas debilidades tranquilizou, até que foi tarde demais, os Golen. No entanto, a fidelidade de Clemente V ao ***Circulus Domini Canis***, e sua Honra inquebrantável, pode-se comprovar observando, não sua conduta pessoal, mas a forma com que cumpriu a missão. Para mencionar alguns de seus decretos mais notáveis, comecemos recordando, por exemplo, que, no ano 1306, confirmou a lei de Felipe IV pela qual, em um mesmo dia, foram expropriados todos os bens dos judeus e condenados estes, sob pena de execução, a abandonar a França em um brevíssimo prazo. Segundo uma Bula, os Colonna voltavam a ser católicos e se lhes deviam restituir seus títulos e propriedades; segundo outra, a Igreja se comprometia a não receber nenhum aporte do Reino da França, durante os anos seguintes. Por solicitação de Felipe, o Belo, seus legisladores moveram um processo eclesiástico ***post mortem*** contra Bonifácio VIII, que contou com a aprovação de Clemente V; ao seu término, o Papa emitiu a Bula ***Rex Gloriae***, em abril de 1311, onde se resumem as conclusões: nessa Bula, ***destacadas***, ordena-se que todas as Bulas de Bonifácio VIII contra Felipe IV fossem queimadas publicamente; Felipe IV era inocente e "católico fidelíssimo"; como também seriam inocentes do atentado de Anagni Nogaret, Sciarra e Charles. Bonifácio VIII, por outro lado, não foi declarado herege, mas culpado de ***obstinatio extrema***. E acrescentamos que, no transcurso do seu pontificado, Clemente V acabou se apoderando da maior parte do ouro acumulado pelas Ordens beneditinas, fingindo sempre uma insaciável ambição, e que fez ouvidos surdos às reclamações dos banqueiros lombardos, vítimas de uma lei de expropriação que confiscava suas propriedades na França.

É evidente, pois, que Clemente V realizou todas as metas de sua missão ou dispôs os meios jurídicos para que as mesmas se concretizassem. Justamente em uma entrevista celebrada em Poitiers, em 1306, com Felipe, o Belo, os dois Iniciados acertaram o modo de dissolver a Ordem do Templo: para Clemente V, Senhor do Cão, aquilo representava o oitavo objetivo da

missão e constituiria o ato estratégico mais importante de seu pontificado; para Felipe IV, significava a neutralização da "II linha tática" do Inimigo, tal como expliquei no Trigésimo Dia. Naturalmente, não se compreenderá por que um Rei poderoso como Felipe IV, e um Papa que era o Superior Geral da Ordem, deviam efetuar um planejamento secreto para extingui-la, se não se realiza o esforço de imaginar em que consistia efetivamente a Ordem do Templo no século XIV, a magnitude de sua potência econômica, financeira e militar. Mas, se se repara nisso, ficará claro que a Ordem estava em condições de apresentar vários tipos de respostas, militares ou econômicas, que poderiam colocar em sérias dificuldades Felipe IV. Há que se ter em mente que os planos da Fraternidade Branca se apoiavam, em alto grau, nesta Ordem, e que a Estratégia do ***Circulus Domini Canis*** exigia sua destruição, para assegurar o fracasso desses planos: o golpe, então, teria que ser contundente e ***de surpresa***.

A Ordem, efetivamente, possuía mais de 90.000 terras distribuídas nos países que atualmente se denominam Portugal, Espanha, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Hungria, Áustria, Itália e Inglaterra. Na França, no início do século XIV, incluindo Auvérnia, Provença, Normandia, Aquitânia, o Condado de Borgonha, etc., onde estavam as fazendas mais extensas, existiam aproximadamente 10.000 propriedades templárias: delas, 3.000 eram terras de 1.000 hectares, aproximadamente, cada uma. No total, aquelas propriedades somavam 3.500.000 hectares, o que representava 10% da superfície da França. Mas esta porcentagem não refletirá a potencialidade do latifúndio, se não se percebe que aqueles 10% da superfície ***total*** da França, quer dizer, incluindo os rios, montanhas, bosques, e todo tipo de terreno inservível para o cultivo, constituía 10% da melhor terra, escolhida durante dois séculos, com paciência de monge beneditino e obtida por meio de doações indicadas pela Igreja. E havia mais: aquelas terras, que se compunham de milhares de fazendas em plena exploração agrícola, ***eram isentas de todo tipo de imposto***, pois a Ordem dependia diretamente do Papa, privilégio que, até Bonifácio VIII, tornava-as propriedades invioláveis para qualquer Senhor temporal. Mudar esta situação era, exatamente, um dos objetivos estratégicos de Felipe, o Belo, que o tinha levado a confrontar-se com Bonifácio VIII e a opor o Direito Civil nacional ao Direito Canônico.

Mas não se tratava só de impostos: os Templários, desde o advento de Felipe IV, vinham desenvolvendo um plano destinado a quebrar a economia do Reino, mediante o empobrecimento da nobreza feudal e o despovoamento do campo. Seus produtos alimentícios, oferecidos nas cidades a preços de ***dumping*** ou simplesmente doados nos monastérios, tornavam inútil qualquer tentativa de planejamento econômico estatal ou exploração racional dos recursos nacionais; em consequência, os Senhores Feudais, que ***só*** tinham a terra como fonte de renda, se empobreciam cada vez mais, por causa da desvalorização dos frutos do campo, enquanto aceitavam como uma solução que os camponeses, sobrecarregados de impostos e aos quais

já não podiam alimentar, emigrassem para as cidades. Claro que semelhante tarefa subversiva estava acorde com a Estratégia Golen: esta requeria a destruição da nobreza e o enfraquecimento da monarquia como prévio passo para a instauração do Governo Mundial teocrático, o qual seria ainda uma etapa anterior à Sinarquia do Povo Eleito. Diante da atitude gibelina de Felipe IV, a Ordem do Templo não tinha feito mais do que intensificar uma política que estava nas entranhas de sua razão de existir. Contudo, segundo vemos, essa política teria um fim surpreendente.

Vale acrescentar que a economia antinacional dos Templários se complementava em sua capacidade destrutiva com a ofensiva comercial lançada sobre a França pelas cidades italianas. Mas isto tem outra explicação. Quando Felipe IV recebeu o Reino, era quase uma aventura internar-se nos caminhos da França para praticar o comércio; o perigo estava em que o trajeto, em geral, atravessava numerosos feudos, cujos Senhores, empobrecidos pelas causas apontadas, costumavam cobrar pesados e arbitrários tributos das mercadorias em trânsito: isso, no melhor dos casos, pois na maioria das vezes algum Senhor, muito zeloso de seus direitos, passava a despojar os mercadores da totalidade de sua carga. Mas se isto não acontecia, o negócio era igualmente arriscado, devido ao acúmulo de taxas que se somavam, no final do caminho. Nem é preciso dizer que os Senhores feudais, além de controlarem os caminhos, dispunham de exércitos próprios, com os quais guerreavam entre eles e impunham em cada região sua própria lei. Felipe IV, ao constituir a Nação Mística, se propôs a solucionar este problema logo de início. Em seu nome, Enguerrand de Marigny deu a solução: o Rei não deveria recorrer jamais, salvo em caso de Guerra exterior, às tropas dos Senhores. Surgia assim, da Escola de legisladores laicos ***Domini Canis***, o conceito da ***segurança interior***, definido praticamente com base na hipótese do ***conflito interior***. A solução de Marigny consistia em criar uma espécie de corpo policial real, a milícia do rei, encarregada de patrulhar todos os caminhos e fazer cumprir as leis do Reino: junto a eles iriam, depois, os arrecadadores de impostos. As tropas reais, habitualmente mercenárias, logo fizeram os Senhores voltarem à razão e, em pouco tempo, os caminhos não apenas tinham se tornado seguros para o comércio, mas cobrava-se um único imposto, em qualquer região do Reino.

Foi essa situação de segurança e ordem que atraiu a cobiça dos comerciantes estrangeiros. As cidades italianas, em particular, dispunham de frotas que percorriam o mundo adquirindo os artigos mais variados e exóticos, diante dos quais não havia possibilidade de opor competição alguma. As cidades francesas viram-se, assim, inundadas de produtos importados que contribuíam, dia a dia, a destruir ainda mais a economia do Reino: enquanto os comerciantes e mercadores estrangeiros se enriqueciam, muitas vezes vendendo mercadoria de contrabando, o Reino devia enfrentar o enorme gasto que representava garantir militarmente aquela segurança interior. Por isso, a moeda se desvalorizava e surgia a inflação; e as guildas

de artesãos, incapazes de competir com os produtos estrangeiros, caíam na miséria e arrastavam a indústria nacional na pior depressão. Além do ***dumping*** Templário, uma rigorosa análise dos ***Domini Canis*** demonstrou a Felipe IV quem eram os culpados ocultos daquela situação: os banqueiros lombardos e os membros do Povo Eleito. Os banqueiros lombardos financiavam as companhias italianas que operavam na França, coisa que também fazia o Banco Templário. E os membros do Povo Eleito contavam-se entre os principais apoios interiores das companhias e capitais estrangeiros: muitos deles tinham vínculos de parentesco com os banqueiros judeus de Veneza ou Milão, ou com os donos de grandes companhias, enquanto outros traíam a Nação francesa por mero amor ao lucro. Felipe IV seria inflexível com tais víboras: uns, apenas expropriou, pois situavam-se em outros países; mas outros expropriou e expulsou do Reino, já que careciam das virtudes éticas necessárias para merecer o direito de residência.

Voltando aos Templários, espero que agora, à luz do excessivo patrimônio territorial e produtivo, tenha-se uma visão mais realista de porque o Rei da França e Clemente V deviam concordar em tratar com muita cautela o problema da Ordem do Templo. Aquelas 90.000 terras, para continuar com o exemplo, eram atendidas por 30 mil monges, 3 mil Cavaleiros, e 270 mil laicos, o que representava uma eventual força guerreira muito superior ao exército ***nacional*** de Felipe, o Belo: uma reação militar templária dificilmente seria contida na França a outro preço senão o de grandes baixas no exército nacional, fato que poderia determinar o fim da Estratégia Hiperbórea da Nação Mística e o ressurgimento da teocracia papal; poderiam, então, apesar de tudo, triunfar os planos da Fraternidade Branca. Por outro lado, basta recordar o que foi dito no Décimo Oitavo Dia sobre o poderio financeiro da Ordem para compreender que, se em cada uma das 90.000 terras se poderia obter dinheiro emprestado, depositá-lo, ou enviá-lo a qualquer uma das outras, estava-se em presença da mais formidável rede bancária do mundo, só equiparável, mas não superada em volume de infraestrutura, às modernas corporações financeiras hebraicas de Rockefeller, Rothschild, Kuhn, Loeb & Co., ou outros benfeitores da Humanidade. Será fácil deduzir que tal organização tinha que contar com uma afinada rede de espiões, dedicados a obter a informação econômica e política necessária para dirigir a marcha dos negócios. Entender-se-á, assim, que o menor vazamento dos projetos arquitetados por Felipe, o Belo, e Clemente V poderia chegar rapidamente aos ouvidos do Grão-Mestre e da Plana Maior Golen e causar o consequente alarme. Melhor Estratégia seria expor como temas da entrevista outras preocupações diferentes: uma discussão pela questão das rendas eclesiásticas, por exemplo; ou a situação da Cristandade no oriente; ou a atitude do Rei da Inglaterra, etc. Mas o verdadeiro e secreto motivo da entrevista de Poitiers, como a História se encarregou de demonstrar, foi projetar a Estratégia que faria possível extinguir a Ordem do Templo e desmantelar sua gigantesca infraestrutura.

Quadragésimo Segundo Dia

Todos os presentes em Poitiers, os Senhores do Cão Guilherme Plaisians, Guilherme de Nogaret, Guilherme Imbert de Paris e Clemente V, o Homem de Pedra Charles de Tharsis, e o Iniciado Hiperbóreo e Rei da França Felipe, o Belo, concordam em que as melhores possibilidades de triunfar sobre o Inimigo dependem do emprego de uma arma secreta: a ***astúcia***. A astúcia é o resultado evolutivo de um instinto animal e caracteriza a conduta do animal-homem ou homem anímico, quer dizer, o homem dotado de corpo e Alma Criada. Mas também existem homens que possuem Espírito Incriado, ainda que, na maioria dos casos, encontrem-se submersos na Alma Criada e por isso se diz que tais homens estão espiritualmente adormecidos: eles também podem manifestar a astúcia anímica, pois o Espírito adormecido ou estrategicamente confuso é incapaz de impedir isto. Mas algo muito diferente ocorre quando o homem é efetivamente espiritual, o que só pode se afirmar se se trata de um Iniciado na Sabedoria Hiperbórea; neste caso, sua conduta é regida pela Honra e não apenas carece de astúcia, mas de qualquer outra característica do animal-homem, tal como a covardia, a maledicência, a infidelidade, a mentira, a inveja, a calúnia, a perfídia, a traição, etc. Mas, o que é a Honra do Iniciado Hiperbóreo? ***O ato de sua Vontade Graciosa***, quer dizer, o ato de seu Espírito Eterno, que é ***pura Graça***. Nenhum dos presentes, por exemplo, possuía astúcia na personalidade, pois a Honra os tinha guiado ao longo de suas vidas; e agora demonstravam um ato da Mais Alta Honra ao lutar com todas as suas forças pelo triunfo do Pacto de Sangue.

Mas os Golen conheciam isto e contavam com a ingenuidade dos Iniciados Hiperbóreos para derrotá-los; Eles, ao contrário, eram ***pura astúcia*** e sua principal arma chamava-se ***engano***, pálido reflexo do Grande Engano com que o Deus Uno disfarçou sua miserável Criação. Daí que não esperassem jamais uma reação astuta procedente dos Iniciados, aos quais acreditavam sempre dispostos a serem enganados e traídos.

— "Já foram traídos uma vez, no Princípio — zombavam, torcendo a boca — e o serão sempre. Pretendem ser Galos e são apenas estúpidas galinhas caipiras! Com sua Honra de outro mundo, cedo ou tarde nos oferecerão as costas; e então nossos punhais deste mundo acabarão com eles".

Sem dúvida, os Golen cometiam um erro de avaliação ao ***confiarem*** na Honra dos Iniciados Hiperbóreos: segundo os princípios da guerra, ***as crenças do Inimigo são fraquezas que podem ser exploradas em proveito próprio***. Os Iniciados Hiperbóreos careciam de astúcia mas sabiam o que era a astúcia; e poderiam empregá-la como arma estratégica para surpreender o Inimigo. Eis aqui o conceito que se definia em Poitiers: se os Golen acreditavam que seus inimigos agiriam com Honra, e estes eram alertados, então os ingênuos seriam eles; logo, poderiam ser enganados por

meio da astúcia, que Eles não esperavam, e conduzidos a uma armadilha mortal. E a Honra dos Iniciados ficaria a salvo, porque nada em seus Espíritos mudaria nem afetaria sua orientação estratégica para a Origem: no meio de uma ação de guerra, os Iniciados teriam brincado com a ilusão, aparentando ser o que não eram; se os Golen, mestres na arte de manipular a ilusão do Mundo Criado, caíam no encantamento simples dos Iniciados, isso só podia se qualificar como exploração do erro do Inimigo, algo perfeitamente legítimo, de acordo com as leis da guerra.

Se os Templários fossem atacados de todos os flancos ao mesmo tempo, com certeza se defenderiam, com resultados imprevisíveis; pelo contrário, se o ataque proviesse ostensivamente da área do Rei da França, enquanto pelo lado do Papa, ***em quem deveriam confiar***, encontravam proteção, descuidariam desse lado e seriam fatalmente derrotados: a astúcia estratégica consistiria em conseguir essa confiança no Papa para que este os pudesse entregar, ***desarmados***, ao Rei da França. Em outras palavras, a Estratégia exigiria montar um cenário com o suficiente realismo para enganar os Golen: a princípio, não teriam que suspeitar do enredo da comédia; depois do desenlace, isso já não importaria. Os principais atores seriam o Papa e o Rei da França: o Papa fingiria proceder de boa-fé, mas demonstraria estar temeroso das represálias reais; faria promessas e trataria de ***ganhar a confiança*** do Inimigo, que o ***creria ser amigo***; Felipe, o Belo, por seu lado, representaria o soberano intolerante e ambicioso, procurando atrair para si toda a atenção do Inimigo: isto ajudaria o papel de Clemente V. Quando tudo estava pronto em Poitiers, levantaram-se as cortinas e começou o primeiro ato do drama: este se iniciou com a publicação de uma Cruzada contra Andrônico Paleólogo, Imperador de Constantinopla, a que se acusou de manter o cisma da Igreja grega. Desde a queda de São João de Acre, a Ordem do Templo tinha se retirado para o Chipre, onde mantinha uma guarnição regular, enquanto a Ordem dos Hospitalários fazia o mesmo na ilha de Rodes. Com o objetivo de estabelecer sua participação na Cruzada, Clemente V encontrou-se na França com o Grão-Mestre do Templo, Jacques de Molay. Uma vez em sua presença, com total ingenuidade, o Papa manifestou sua intenção de concretizar a velha ideia de Gregório IX de fundir todas as Ordens militares: tal ideia, é claro, causava horror aos Templários, pois a integração com uma Ordem exotérica colocaria seus segredos a descoberto. Sem suspeitar da cilada, o Grão-Mestre tentaria persuadir o Papa sobre o inconveniente de semelhante medida: segundo sua impressão, não seria difícil enganar uma mente simples como a de Clemente V.

Depois da demencial queda do Golen Bonifácio VIII, os Golen estavam alertados sobre a ofensiva dos ***Domini Canis***, e sabiam ao que se aterem com respeito à eleição de Clemente V. No entanto, consideravam este só um instrumento de Felipe, o Belo, e seu entorno de "filhos das trevas": a impressão do Grande Golen Jacques de Molay o confirmava; o Papa era permeável à influência afetiva. O Grão-Mestre se entreteria, pois, em ganhar a amizade do Pontífice, sem imaginar que, em Paris, Nogaret e Guilherme

Imbert preparavam sua ruína. E, em poucos meses, Clemente V conseguiria que o Chefe Golen não desconfiasse de sua boa-fé.

Enguerrand de Marigny e Guilherme de Nogaret foram alçados aos dois mais importantes postos da França: ***Curador*** do Reino e ***Guardião do Selo*** do Rei, respectivamente. Com esse poder, colocaram em prática uma operação secreta que tinha por objetivo a execução de uma ação simultânea e eficaz em todo o Reino: tal ação se concretizou em 13 de outubro de 1307, quando ***todos os Cavaleiros Templários da França, incluindo seu Grão-Mestre, foram detidos sob a acusação de heresia***. Na verdade, os encargos acumulados por Nogaret eram múltiplos e variados, mas se fazia ênfase na heresia para obter a intervenção do Tribunal da Inquisição, que na França era presidido por Guilherme Imbert de Paris. Logo se viu o êxito estratégico dos ***Domini Canis***: enquanto o Grão-Mestre recebia solicitações dos Cavaleiros para resistir à prisão, e vacilava sobre a atitude a tomar, Guilherme de Plaisians entrega-lhe uma mensagem na qual o Papa garante sua ajuda e o aconselha que renuncie a defender a Ordem e se submeta à sua vontade. Assim é que o Grão-Mestre ordena que se rendam todos os Cavaleiros, e ele mesmo confia na intervenção papal. Além disso, segundo acreditavam os Golen, ainda possuíam bastante peso dentro da Ordem de Pregadores dominicanos.

Felipe, o Belo, não perde tempo: sem resistência, suas tropas ocupam todas as propriedades templárias. O terror se espalha na Ordem inimiga; centenas de Cavaleiros e monges são encarcerados. Por este firme procedimento ninguém duvida da seriedade da acusação e logo se consegue reunir suficientes testemunhas e provas para garantir sua liquidação. Além da Inquisição, Felipe, o Belo, convoca os Concílios provinciais, a Universidade de Paris e os Estados Gerais para julgar a Ordem que, ao emergir das trevas de suas bases diabólicas, permite que todo o povo da França assista à exibição de sua filosofia secreta templária e conheça seus costumes depravados. É o que ocorre durante os três anos de processo público, quando o espanto, a repugnância e o horror dos franceses não conhecem limites. Mas o mais espantoso talvez seja que, durante esse lapso, os Templários continuassem acreditando que um ato salvador da parte do Papa os livraria da condenação.

No processo, consegue-se provar que os Templários professavam as seguintes ideias e costumes: I – os altos dignitários da Ordem sustentavam que Cristo, ao qual misteriosamente denominavam de ***Navutan***, tinha sido um impostor e não o Deus verdadeiro; II – Cristo nunca foi crucificado para a redenção do gênero humano; III – a cruz não seria, assim, o instrumento de sua paixão, mas uma criação do próprio Cristo Navutan, à qual teria chamado de ***Vruna***; IV – todos os Cavaleiros, qualquer que fosse seu grau ou condição, deviam cuspir periodicamente naquele Símbolo do Mal, a fim de reparar o Deus Criador: portanto, provou-se que, pelo menos uma vez, todos os Templários tinham cuspido no crucifixo; V – em consequência, renegavam a Virgem Santa; VI – oficiavam a missa segundo um cânone próprio e em uma língua estranha, que depois se comprovou que era o hebreu; VII – adoravam um ídolo hermafrodita de horríveis características, ao qual se referiam sob o

apelido de ***Bafomet*** ou ***Bafoel***, mas cujo nome, que jamais pronunciavam sem empalidecer, era ***Bera***; VIII – pretendiam que aquele ídolo representasse um Deus mais poderoso do que Cristo, que, diferentemente do Messias, se manifestava com maior frequência entre os homens; IX – afirmavam que esse abominável Demônio lhes impôs, desde os dias de São Bernardo, a obrigação de praticar a sodomia, vício ao qual tinham se habituado e constituía um costume natural entre os superiores da Ordem; X – o Grão-Mestre, e os Grandes Priores ou Preceptores, realizavam uma cerimônia secreta na qual ofereciam sacrifícios humanos a Bafomet, em especial, crianças; XI – o ritual exigia a ***incineração*** da vítima em um forno disposto para tal fim; XII – com as cinzas calcinadas, os Templários elaboravam uma ***lixívia humana***, e a conservavam em segredo como o Bem mais precioso; XIII – acreditavam firmemente que aquela lixívia tinha o poder de lavar a unção dos sacramentos cristãos: segundo confessavam, mediante tal lixívia teriam anulado os efeitos do batismo e da comunhão, os quais consideravam "feitiços da Cruz", etc.

Desde o início, os ***Domini Canis*** decidiram distinguir entre "Templário" e "Golen". Na Idade Média era normal que, em um julgamento por heresia, se absolvessem os acusados que confessassem espontaneamente, se arrependessem e aceitassem os sacramentos cristãos; no processo aos Templários tal possibilidade foi oferecida reiteradamente e muitos concordaram em confessar o que sabiam. No entanto, os ***Domini Canis*** não estavam dispostos a permitir que os Golen pudessem se safar da armadilha: para Eles, que jamais perdoavam, não haveria perdão; só aos "Templários", quer dizer, aos Cavaleiros não iniciados no Culto a Bafomet, seria oferecida a oportunidade de salvar a vida em troca de seu testemunho. Foi assim que se conseguiu reunir uma esmagadora quantidade de provas contra os Golen da Ordem, oferecidas por seus próprios membros, hereges confessos e arrependidos. E então o processo tornou-se irreversível, pois nem o Papa nem ninguém poderiam salvar a Ordem, uma vez que o povo e a Igreja tomaram conhecimento de suas heresias e aberrações: ***a Estratégia de Felipe, o Belo, e do Circulus Domini Canis tinha triunfado, agora definitivamente, sobre os planos da Fraternidade Branca; os Golen não suspeitaram da comédia representada por Clemente V até que fosse tarde demais; a Ordem do Templo, encarregada de fundar a Sinarquia Universal, seria destruída***.

Desse modo, os Golen da Ordem do Templo foram exterminados sem piedade, recebendo na própria carne a medicina que, em tantas ocasiões, administraram aos partidários do Pacto de Sangue: ironicamente, o Tribunal da Inquisição, do qual se valeram para acabar com os Cátaros, agora os condenava, inapelavelmente, a morrer na fogueira: ***como na arte marcial do jiu-jitsu, o Inimigo aproveitou suas próprias forças para derrotá-los***.

Jamais os Golen esqueceriam o processo aos Templários. Especialmente recordada seria a data de 10 de maio de 1310: nesse dia, no Concílio de Sens, cujo bispado exercia Philippe de Marigny, irmão de Enguerrand, foram queimados em fogo lento 56 Cavaleiros Templários, a nata da Hierarquia

Golen. Desde que os Senhores de Tharsis incendiaram o Bosque Sagrado, e fizeram perecer os 20 de Cartago, os Golen não haviam tido um dia tão fatídico como esse 10 de maio. Amarrados cada um, de costas, a um poste robusto, a meia centena de Golen de Senz formava uma longa fileira de condenados, uma procissão de espectros marchando para o Inferno; aos pés de cada poste, a lenha empilhada augurava o próximo fim dos Sacerdotes do Deus Uno. Antes que os irmãos menores jogassem a tocha acesa, um Cavaleiro do Rei Felipe, um monge guerreiro de alguma Ordem desconhecida, aproximava-se dos hereges e pronunciava em voz baixa umas palavras, que os presentes pensavam ser uma piedosa oração. No entanto, ao ouvi-la, o rosto dos Golen se descompunha de ódio, e alguns prorrompiam em atrozes maldições; aquelas palavras diziam, simplesmente:

— ***Por Navutan e o Sangue de Tharsis!***

Ao terminar a fileira, enquanto os Golen elevavam sua Alma a Jeová Satanás e reclamavam um castigo indescritível para o Homem de Pedra, aquele Cavaleiro, que não era outro senão Charles de Tharsis, fez um sinal para os Verdugos, e as fogueiras começaram a arder. Logo os Golen, e seus sonhos sinárquicos, não eram mais do que cinzas; um punhado de cinza vil, que não era suficiente para lavar o dano causado à Casa de Tharsis e a tantos outros que caíram aniquilados por se oporem a esses sonhos demenciais.

Para terminar a obra se requeria legalizar o resultado da Estratégia de Felipe, o Belo. Com esse objetivo, o Papa convocou o Concílio Ecumênico de Vienne, de outubro de 1311 a maio de 1312. Ainda que derrotados em todas as frentes, os Golen todavia tiveram forças para pressionar e tentar impedir que se concordasse com a extinção da Ordem. Houve uma conferência secreta entre cinco Cardeais fiéis a Felipe, o Belo, e seis delegados do Concílio, na qual estes últimos foram informados sobre as terríveis consequências que cairiam sobre eles caso se opusessem ao Rei da França e absolvessem a Ordem, apesar das irrefutáveis provas reunidas contra ela. Mas o terror desatado era muito grande e, entre o castigo do Rei e a vingança dos Golen, muitos permaneceram indecisos. Os representantes do Rei diante do Concílio, Guilherme de Nogaret, Guilherme Plaisians, Charles de Tharsis, Enguerrand de Marigny, etc., exibiram sua eloquência para persuadir os Bispos sobre a necessidade que a Igreja e a Cristandade tinham de suprimir aquele foco de heresia. Houve, inclusive, um momento, no mês de março de 1312, no qual o Rei ameaçou avançar com suas tropas sobre Vienne e ajustar as contas ali mesmo com os partidários dos Golen: na época, chegou até Lyon com seu irmão Carlos, seus filhos e um poderoso regimento de Cavaleiros. Por fim, em 22 de março de 1312, votou-se pela extinção da Ordem e o confisco de todos os seus bens em favor da Ordem dos Hospitalários de São João, da Igreja e do Reino da França. Não obstante, existiam tantas dúvidas sobre o acordo do Concílio, especialmente porque aqueles que tinham votado em segredo negavam em público tê-lo feito, que o Papa se viu obrigado a resolver a questão mediante um decreto: na Bula ***Considerantes Dudum*** declara abolida a Ordem do Templo "de maneira provisória" até que se manifeste de modo

definitivo o Tribunal do Santo Ofício, coisa que este já tinha feito: ***"non per modum definitiva sententiae, sed per modum provisionis... apostolicae"***.

A Bula e o decreto do Concílio de Vienne são remetidos a todos os países cristãos para sua execução: a Ordem local deve ser extinta, seus membros levados prisioneiros e processados por heresia. Em Aragão, os Cavaleiros se fortificam e resistem, devendo ser submetidos por Jaime II em campanhas militares. Os de Navarra, onde reinava Felipe, o Belo, rendem-se sem dizer palavra, do mesmo modo que os de Castela e Portugal. Em todos os casos, os que são absolvidos, bem como as propriedades da Ordem, que eram muitas, passam a integrar a Ordem do Hospital ou outras Ordens criadas para tal fim. Em Huelva, o Castelo de Aracena é desalojado e substituída a sua guarnição com tropas portuguesas, mas adiante seria entregue à Ordem de Santiago; antes de partirem, os Golen selam a entrada à Caverna de Dédalo, onde um lago de betume recordaria, por séculos, os poderes infernais de Bera e Birsa.

O Convento de *La Rábida* passou, então, à Ordem de São Francisco. Isso, no entanto, não impediu que os Golen continuassem preparando a vinda de Quiblon, de acordo com as Ordens de Bera e Birsa. Pelo contrário, os Golen, que consideravam Rus Baal como o Santuário mais sagrado da Espanha, dispuseram que o Convento fosse lugar de retiro e claustro para sua plana maior. O Culto da Virgem dos Milagres já tinha sido imposto em uma vasta região da Andaluzia, mas o que mais fervor despertava na paróquia era o Culto à Virgem da Fita, protetora dos marinheiros e proprietários de barcos, a quem se considerava padroeira de Huelva. Essa afirmação popular da Grande Mãe *Binah* devia-se, sobretudo, à incansável tarefa de "purificação" efetuada pelos Templários, mas que agora seria continuada com não menor dedicação pelos frades de São Francisco. O que teria que ceder, em troca, seria a luta aberta contra a Virgem de Agartha, dado que a momentânea perda de Poder dos Golen lhes impediria sustentar adequadamente.

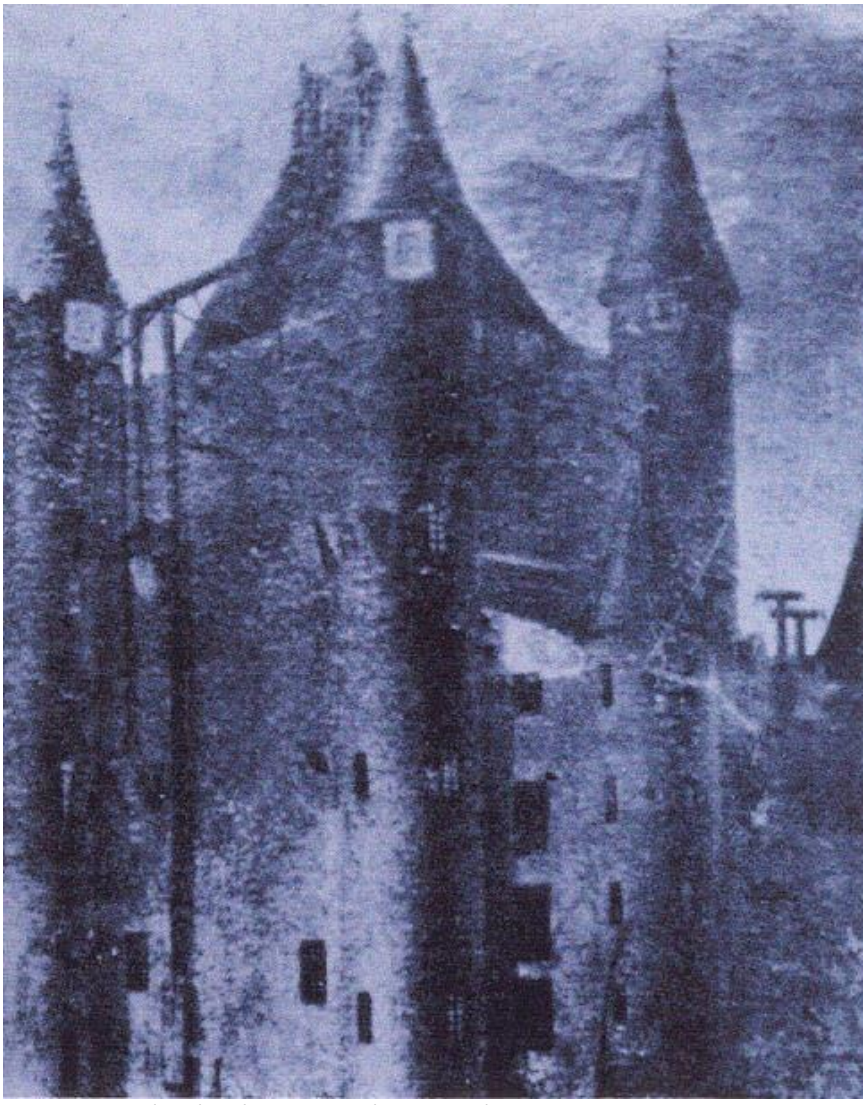
Estas mudanças, como é natural, trouxeram tranquilidade aos descendentes de Vrunalda, pois a Caverna Secreta se viu livre, pelo momento, das perseguições Golen. Já em 1312, um Noyo tinha se instalado permanentemente diante da Espada Sábia.

Os principais chefes Templários, o Grão-Mestre Jacques de Molay e outros três Golen continuavam prisioneiros na Casa do Templo de Paris. Durante três anos se lhes aplicou sistematicamente a tortura, com o objetivo de fazê-los confessar certos aspectos sutis da organização templária; dois dados interessavam especialmente aos ***Domini Canis***: desejavam conhecer os vínculos com o oriente, com a Fraternidade Branca, se existia uma rota segura para a Morada dos Imortais; e saber se permaneciam atualmente na França, ou em algum outro lugar da Europa, agentes das Potências da Matéria, Mestres da Fraternidade Branca, Imortais Golen, etc., aos quais se procuraria capturar imediatamente. No entanto, com tudo de terrível que podem ser considerados, aqueles tormentos eram meras carícias, diante das refinadas torturas que os Golen aplicaram, em mais de uma oportunidade, aos

Senhores de Tharsis. De qualquer forma, um bando de Nogaret anunciou que, em 23 de março de 1314, os hereges seriam justiçados na Ilha dos Judeus, uma ilhota diante do palácio real, onde os dominicanos costumavam queimar os filhos do Povo Eleito.

No dia marcado, Jacques de Molay, Godofredo de Charnay, Hugo de Payrand, e Godofredo de Gonneville, Sacerdotes que tinham dominado os mais secretos conhecimentos do Pacto Cultural, eram amarrados às estacas e entregues à purificação do fogo. Felipe, o Belo, o ***Circulus Domini Canis*** completo, e numerosos Senhores de Tharsis vindos do sul da França para a ocasião, contemplaram a ígnea cena que fechava uma etapa histórica, um período caracterizado pelos ignóbeis ataques contra o Sangue Puro e o Espírito Eterno: a conspiração dos Demônios se consumia nessas quatro fogueiras, na Ilha dos Judeus, na cidade de Paris, em 23 de março de 1314.

O triunfo da Estratégia Hiperbórea estava assegurado; os planos da Fraternidade Branca para instaurar a Sinarquia Universal, impossibilitados de se realizar durante sete séculos: ***e a vinda à Espanha de Quiblon se atrasaria 180 anos***.



Fachada da Torre do Templo, em Paris.

Quadragésimo Terceiro Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

A possibilidade de instaurar a Sinarquia Universal na Idade Média tinha desaparecido nas Fogueiras da Inquisição. O Inimigo tardaria setecentos anos

antes de conseguir, na época atual, outra possibilidade semelhante. Aqui seria, pois, o momento de abandonar o tema da Sinarquia Medieval e continuar com a história da Casa de Tharsis que, como adiantei reiteradas vezes, se transladaria em parte para a América e fundaria a linhagem da qual descendo. No entanto, estimado e atento Dr. Siegnagel, é meu desejo que o senhor consiga compreender com a maior profundidade possível a Sabedoria Hiperbórea, porque ela é a verdadeira causa do drama da Casa de Tharsis. Sei que, em muitas partes, a narração da história da Casa de Tharsis ficou obscurecida pela ausência de detalhes, por tão desconhecida que é para o profano a Sabedoria Hiperbórea. Por isso, antes de continuar com o relato, ***tomarei alguns Dias para expor uma "Síntese Geral" do que já foi visto sobre a Sabedoria Hiperbórea***: fundamentalmente, procurarei esclarecer as principais ideias mencionadas ou referidas até agora. Creio que a melhor maneira de conseguir este objetivo será descrever quatro conceitos da Sabedoria Hiperbórea e defini-los mediante uma linguagem acessível para o senhor. Tais conceitos são: ***"A Cultura é uma arma estratégica inimiga", "O Eu, no Homem Criado, é um produto do Espírito Incriado", "A Alegoria do Eu prisioneiro" e "A Estratégia Odal dos Deuses Libertadores"***. Enquanto durar a exposição destes temas intitularei os Dias de: "Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea".

Claro que tal síntese causará a natural interrupção do relato sobre a história da Casa de Tharsis. É por isso que, se está muito interessado em continuar com a narração básica, sugiro-lhe pular para o dia 49. Nesse dia, prossegue a história e sua expectativa será satisfeita, mas aviso-lhe que é indispensável que, ***no final***, leia os dias negligenciados, para completar seu conhecimento geral da Sabedoria Hiperbórea.

Na carta que escrevi no Terceiro Dia, expliquei que ***"o princípio para estabelecer a filiação de um povo aliado dos Atlantes consiste na oposição entre o Culto e a Sabedoria: a manutenção de um Culto às Potências da Matéria, a Deuses que se situam acima do homem e aprovam sua miserável existência terrena, a Deuses Criadores ou Determinadores do Destino do homem, coloca automaticamente seus cultuadores no quadro do Pacto Cultural, estejam ou não os Sacerdotes à vista"***. O primeiro conceito é fácil de compreender, como consequência desta definição. Para o Inimigo do Pacto de Sangue, quer dizer, os membros do Pacto Cultural, ***"a Cultura é uma arma estratégica"***. Ao longo de toda a minha carta, já mostrei exaustivamente essa verdade, nos múltiplos exemplos nos quais se viu os membros do Pacto Cultural irem dominando as sociedades humanas mediante o controle das principais variáveis sociais. No entanto, a Sabedoria Hiperbórea afirma que o objetivo inimigo é mais sutil e que sua Estratégia visa a controlar o Espírito do Homem, no homem, quer dizer, propõe-se a controlar seu Eu.

Quando se realiza a crítica da moderna cultura urbana do "Ocidente cristão", costuma-se detalhar os "males" que esta provoca em alguns indivíduos: a alienação; a desumanização; a escravidão ao consumo; a

neurose depressiva e sua reação: a dependência de diversos vícios, desde a narcose até a perversão do sexo; a competição impiedosa, motivada por obscuros sentimentos de cobiça e ambição de poder; etc. A lista é interminável, mas todos os encargos omitem, deliberadamente, o essencial, dando ênfase a males "externos" à Alma do homem, originados nas "imperfeições da sociedade". Como complemento desta falácia, argumenta-se que a solução, o remédio para todos os males, é "o aperfeiçoamento da sociedade", sua "evolução" para formas de organização mais justas, mais humanas, etc. A omissão se baseia em que o mal, o único mal, ***não é externo*** ao homem, não provém do mundo, mas está em seu interior, na estrutura de uma mente condicionada pela preeminência das premissas culturais que sustentam o raciocínio e que deformam sua visão da realidade. A sociedade atual, por outro lado, conseguiu judaizar de tal modo o homem comum que o transformou – milagre que não pode nem sonhar a biologia-genética – por sua vez, em um miserável judeu, ávido de lucro, contente em aplicar os juros compostos e feliz em habitar em um Mundo que glorifica a usura. É óbvio que esta sociedade, com seus milhões de judeus biológicos e psicológicos, é para a Sabedoria Hiperbórea só um pesadelo, que será definitivamente varrido no fim do Kaly Yuga pelo ***Wildes Heer***.

Nas tradições germânicas denomina-se *Wildes Heer* o "Exército Furioso" de Wothan. De acordo com a Sabedoria Hiperbórea, o Exército de Navutan far-se-á presente durante a Batalha Final, junto ao Grande Chefe da Raça Branca.

É conveniente resumir, agora, vários conceitos complementares da Sabedoria Hiperbórea, alguns deles já explicados. Para a Sabedoria Hiperbórea, o animal-homem, criado pelo Uno, é um ser composto de corpo físico e Alma. Como resultado de uma Traição Original, perpetrada pelos Deuses Traidores, o Espírito Incriado, pertencente a uma Raça extracósmica, ficou encadeado à Matéria e extraviado de sua verdadeira Origem. O encadeamento espiritual ao animal-homem causa o aparecimento histórico do Eu, um princípio de ***Vontade inteligente***; carente de Espírito eterno, o animal-homem só possuía um ***sujeito anímico*** que lhe permitia adquirir certa consciência e efetuar primitivos atos psicológicos mecânicos, devido ao conteúdo puramente arquetípico de tais atos mentais. Mas, de repente, na História, por causa da Traição Original, ***aparece*** o Eu no meio do sujeito anímico, ***imerso*** nele. Assim, o Eu, expressão do Espírito, surge fundido nas entranhas da Alma, sem dispor de nenhuma possibilidade de se orientar para a Origem, ***uma vez que ele ignora que se encontra em tal situação, que existe um regresso possível para a Pátria do Espírito: o Eu está*** normalmente ***extraviado, sem saber que o está; e busca a Origem sem saber o que procura. Os Deuses Traidores o encadearam à Alma do animal-homem para que a força volitiva de sua busca inútil seja aproveitada pela Alma para evoluir em direção à Perfeição Final***. Imerso no sujeito anímico, o Eu é incapaz de adquirir o controle do microcosmo, salvo se passar pela Iniciação Hiperbórea, que produz ***o efeito***

de isolar o Eu da Alma, por meio das Vrunas Incriadas, reveladas ao homem por Navutan. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea diferencia dois tipos de Eu: o ***Eu desperto***, próprio do Iniciado Hiperbóreo ou Homem de Pedra; e o ***Eu adormecido***, característico do homem adormecido ou homem "normal", comum e atual, de nossos dias.

Referindo-se ao homem normal, pode-se dizer que o sujeito anímico, com seu Eu perdido incorporado, domina a esfera psíquica, à qual pode se considerar, ***grosso modo***, como composta de duas regiões claramente diferenciáveis e distinguíveis: a ***esfera de sombra*** e a ***esfera de luz***; ambas as regiões estão separadas por uma barreira chamada de ***umbral de consciência***. A esfera de sombra tem estreita relação conceitual com a região da psique denominada de ***Inconsciente*** que define a ***Psicologia Analítica*** do ***Dr. C. G. Jung***. A esfera de luz é, basicamente, a esfera de consciência, onde ocorre a atividade do sujeito anímico consciente, durante a vigília. O Eu, que é essencialmente uma ***força volitiva***, nada tem a ver com a natureza temporal do sujeito anímico, apesar de que permaneça imerso neste, confundido em sua história, artificialmente ***temporalizado***, em uma palavra, ***adormecido***. Por isso a Sabedoria Hiperbórea diferencia claramente duas formas do Eu: o ***Eu perdido*** e o ***Eu desperto***. O Eu perdido é característico do ***homem adormecido***, do homem extraviado no Labirinto de Ilusão do Grande Engano: o ***homem adormecido*** é aquele ***animal-homem*** em cuja Alma está encadeado, sem o saber, um ***Espírito Incriado***.

O Eu desperto é próprio do ***homem desperto***, quer dizer, do animal-homem cujo Espírito encadeado descobriu o Engano e procura encontrar o caminho para a Origem, a saída do Labirinto. O homem desperto, o Iniciado Hiperbóreo, é aquele capaz de agir segundo o "modo de vida estratégico" que o Pacto de Sangue exige. Quer dizer, aquele capaz de aplicar os princípios estratégicos da ***Ocupação***, do ***Cerco***, e da ***Muralha Estratégica***. Com respeito ao segundo princípio, no que se refere à Função Régia, diz o Décimo Sexto Dia: Felipe deverá ***"aplicar o princípio do cerco no espaço real ocupado"***. De acordo com isso, pareceria que o princípio do Cerco se baseia exclusivamente no homem desperto, que deveria ***"aplicar"*** ou ***"projetar"*** tal princípio na área ocupada. Contudo, de acordo com o princípio hermético: ***"O microcosmo reflete o macrocosmo"*** — princípio que, tal como se viu na exposição de Bera e Birsa, é também cabalístico — ***Adam Harishon é o reflexo de Adam Kadmon***. Será que isto significa dizer que o princípio do Cerco tem que estar também presente no macrocosmo, por exemplo, como uma ***lei da natureza***? Se tal ocorre, talvez poder-se-ia, pelo menos em teoria, detectar em algum fenômeno característico uma certa ***função de cerco***, que nos revelasse, por outra via, desta vez externa, o princípio estratégico mencionado. Ainda que possa adiantar que o resultado será negativo, é conveniente examinar tal possibilidade de busca externa, pois sua análise permitirá compreender diversos aspectos gnosiológicos e culturais que afetam o homem.

Se aceitamos o princípio hermético de equivalência entre macrocosmo e microcosmo, será evidente que ***todas*** as leis do macrocosmo se refletem em leis análogas do microcosmo. Mas tal correspondência dista de ser um mero reflexo passivo entre estruturas. O homem, ao ***descobrir e formular leis***, desequilibra essa relação e assume um papel de destaque. Como consequência dessa atitude dominante, aparece agora, separando o Eu do macrocosmo, um modelo cultural elaborado por um ***sujeito cultural*** com base em princípios e conceitos de uma ***estrutura cultural***. Na Sabedoria Hiperbórea, Dr. Siegnagel, definem-se e se estudam estes três elementos; sinteticamente, dir-lhe-ei que o "sujeito cultural" é só o sujeito anímico ao agir dinamicamente sobre uma "estrutura cultural", constituída na "esfera de sombra" da psique; além disso, quando o sujeito anímico age na "esfera racional", é denominado de "sujeito racional"; e se se manifesta na "esfera de consciência", de "sujeito consciente"; mas sempre o Eu encontra-se imerso no sujeito anímico ou Alma, quer seja racional, cultural ou consciente a sua área de ação.

Assim, é o ***"modelo cultural"*** o principal responsável pela visão deformada que o homem tem de si mesmo e do mundo, uma vez que se ***interpõe*** entre o macrocosmo e o microcosmo. O modelo cultural é um conteúdo da estrutura cultural de tipo coletivo ou sociocultural; portanto, consiste em um conjunto sistemático de conceitos, propostos pelo sujeito cultural e traduzido em uma ou duas linguagens habituais; por exemplo, matemática e linguística. Resumidamente, o modelo cultural se compõe, normalmente, de princípios matemáticos e premissas culturais. O Eu do homem, quando se encontra confundido com o sujeito consciente, aceita solidariamente, como representações dos entes externos, como sua verdade, os objetos culturais que procedem do modelo cultural intermediário, objetos culturais cujo significado foi proposto pelo sujeito cultural, como premissa, em linguagem habitual.

Examinemos agora o que entende o homem por "lei da natureza". Sem entrar em complicações, pode-se afirmar que uma lei da natureza é a quantificação matemática de uma relação significativa entre aspectos ou magnitudes de um fenômeno. Esclarecemos esta definição. Dado um fenômeno, é possível que, pela observação e pela experimentação empírica se chegue a diferenciar certos "aspectos" do mesmo. Se dentre os vários aspectos que se destacam, alguns deles são "relacionados significativamente entre si", e se essa relação possui probabilidade estatística, quer dizer, repete-se um grande número de vezes ou é permanente, então se pode enunciar uma "lei da natureza". Para isso é necessário que os "aspectos" do fenômeno possam ser reduzidos a magnitudes, de tal modo que a "relação significativa" se reduza à "relação entre magnitudes", ou seja, à função matemática. As "Leis" da física foram deduzidas de modo semelhante.

O conceito de "lei da natureza" que expus é moderno e visa a "controlar" o fenômeno mais do que a explicá-lo, seguindo a tendência atual que subordina o científico ao tecnológico. Têm-se assim fenômenos "regidos" por leis

eminentes, às quais não só se aceitam como determinantes mas que são incorporadas indissoluvelmente ao próprio fenômeno, esquecendo, ou simplesmente ignorando, que se trata de quantificações racionais. É o que acontece, por exemplo, quando se percebe o fenômeno de um objeto que cai e se afirma que tal coisa ocorreu porque "atuou a lei da gravidade". Aqui, a "lei da gravidade" é eminente, e ainda que "se saiba que existem outras leis", que "intervêm também, mas com menor intensidade", acredita-se cegamente que o objeto, em sua queda, ***obedece*** à lei de Newton e que esta "lei da natureza" foi a ***causa*** de seu deslocamento. No entanto, o fato concreto é que o fenômeno ***não obedece à nenhuma lei eminente.*** O fenômeno simplesmente ocorre e não há nada nele que mostre intencionalmente uma lei da natureza, e menos ainda uma lei eminente. O fenômeno é parte inseparável de uma totalidade que se chama "a realidade", ou "o mundo", e que inclui, nesse caráter, ***todos*** os fenômenos, os que ocorreram e os que haverão de ocorrer. Por isso, na realidade, os fenômenos simplesmente ***ocorrem***, sucedendo, talvez, alguns que já ocorreram, ou simultaneamente com outros semelhantes a ele. O fenômeno é apenas uma parte dessa "realidade fenomênica", que jamais perde seu caráter de totalidade: de uma realidade que ***não*** se expressa em termos de causa e efeito, para manter o fenômeno; enfim, de uma realidade na qual o fenômeno ***acontece***, independentemente de que sua ocorrência seja ou não significativa para um observador e cumpra ou não as leis eminentes.

Antes de abordar o problema da "preeminência das premissas culturais" na avaliação racional de um fenômeno, convém despojar este de qualquer possibilidade que o afaste da pura determinação mecânica ou evolutiva, segundo a "ordem natural". Para isso estabelecerei, após breve análise, a diferença entre fenômeno de "primeiro" ou de "segundo" grau de determinação, esclarecimento indispensável, dado que as leis eminentes correspondem sempre a fenômenos de primeiro grau.

Para o gnóstico, "o mundo" que nos cerca não é mais do que o ordenamento da matéria efetuado pelo Deus Criador, O Uno, em um começo, o qual percebemos em sua atualidade temporalizada. A Sabedoria Hiperbórea, mãe do pensamento gnóstico, vai mais longe, ao afirmar que o espaço, e tudo quanto ele contenha, acha-se constituído por associações múltiplas de um único elemento denominado de "***quantum*** arquetípico de energia", o qual constitui um ***termo físico*** da mônada arquetípica, quer dizer, da unidade formativa absoluta do plano arquetípico.

Estes ***quanta***, que são verdadeiros átomos arquetípicos, ***não*** formadores ou estruturadores de formas, possuem, cada qual, um ***ponto indiscernível***, mediante o qual se realiza a difusão panteísta do Criador. Quer dizer que, graças a um sistema pontual de contato polidimensional, faz-se efetiva a presença do Demiurgo em toda porção ponderável de matéria, qualquer que seja sua qualidade. Esta penetração universal, ao ser comprovada por pessoas em diferentes graus de confusão, levou à errônea crença de que "a matéria" é a própria substância do Uno, como as concepções vulgares dos

sistemas panteístas ou daqueles que aludem a um "Espírito do Mundo" ou ***"Anima Mundi"***, etc. Na realidade, a matéria foi "ordenada" pelo Criador e "impulsionada" para um desenvolvimento ***legal no tempo***, de cuja força evolutiva não escapa nem a menor partícula (e da qual participa, é claro, o "corpo humano").

Fiz esta exposição sintética da "Física Hiperbórea" porque é necessário diferenciar dois graus de determinismo. O mundo, tal qual o descrevi há pouco, desenvolve-se mecanicamente, orientado para uma finalidade; este é o ***primeiro grau*** de determinismo. Em outras palavras: existe um Plano a cujas diretrizes se ajusta, e a cujos desígnios tende, a "ordem" do mundo; a matéria submetida à mecânica de tal "ordem" acha-se ***determinada em primeiro grau***. Mas como tal plano se encontra sustentado pela Vontade do Criador, e Sua Presença é efetiva em cada porção de matéria, segundo vimos, poderia ocorrer que Ele, ***anormalmente***, influísse ***de outro modo*** sobre alguma porção da realidade, quer seja para ***modificar teleologicamente seu Plano*** ou para expressar ***semioticamente sua intenção***, ou por ***motivos estratégicos***; nesse caso, estamos diante do ***segundo grau*** de determinismo.

Por "motivos estratégicos" entende-se o seguinte: quando o homem desperto empreende o Regresso à Origem no quadro de uma Estratégia Hiperbórea, emprega técnicas secretas que lhe permitem se opor efetivamente ao Plano. Nestas circunstâncias, o Criador, ***anormalmente***, intervém com todo o Seu Poder, para castigar o intrépido.

Podemos agora distinguir entre um ***fenômeno de primeiro grau*** e um ***fenômeno de segundo grau***, conforme o grau de determinação que envolve sua manifestação. Deve-se compreender bem que nesta diferenciação o peso se coloca sobre ***os diferentes*** modos com que o Demiurgo pode atuar sobre ***o mesmo*** fenômeno. Por exemplo, no fenômeno de um vaso de flores caindo de uma sacada para a rua, não podemos ver mais do que uma determinação de primeiro grau; dizemos "atuou a lei da gravidade". Mas, se tal vaso de flores caiu sobre a cabeça do homem desperto, podemos supor uma segunda determinação ou, estritamente falando, uma "segunda intenção"; dizemos: "atuou a Vontade do Criador".

Ao primeiro e segundo grau de determinação de um fenômeno se denomina também, de outro ponto de vista, Primeira e Segunda intenção do Criador.

Em geral, todo fenômeno é suscetível de se manifestar em primeiro e segundo grau de determinação. Atendendo a esta possibilidade, conveniamos o seguinte: quando não se indique o contrário, por "fenômeno", entender-se-á aquele cuja determinação é puramente mecânica, quer dizer, de primeiro grau; caso contrário se esclarecerá, "de segundo grau".

Só falta, agora que diferenciamos "os dois graus do fenômeno", esclarecer a afirmação que fiz no começo desta análise, de que todas as leis da natureza, inclusive aquelas eminentes, descrevem o comportamento causal de fenômenos de primeiro grau de determinação. É fácil compreender e aceitar isto, já que quando em um fenômeno intervém uma determinação de segundo grau, o sentido natural do encadeamento mecânico foi anulado

temporariamente em favor de uma Vontade irresistível. Nesse caso, o fenômeno já não será "natural", ainda que aparente sê-lo, mas estará dotado de uma intencionalidade sobreposta de claro ***caráter maligno*** para o homem.

Por outro lado, o fenômeno de primeiro grau se manifesta sempre ***completo em sua funcionalidade***, a qual é expressão direta de sua essência, e à qual sempre será possível reduzir matematicamente a um número infinito de "leis da natureza". Quando o fenômeno de primeiro grau é percebido especialmente por ***uma*** lei da natureza, a qual é eminente para alguém, pois ***destaca certo aspecto*** interessante, é evidente que não está se tratando com o fenômeno ***completo***, mas com tal "aspecto" do mesmo. Em tal caso, deve-se aceitar o triste fato de que, do fenômeno, só será percebida uma Ilusão. Não se deve estranhar que os indo-arianos, mutilados sensorialmente, deformados gnosiologicamente, mascarados epistemologicamente, qualificassem de ***maya*** (ilusão) a percepção comum de um fenômeno de primeiro grau.

Apresentarei agora uma interrogação, cuja resposta, baseada nas últimas conclusões, permitirá encarar o problema da "preeminência das premissas culturais": "se todo fenômeno de primeiro grau aparece necessariamente completo (por exemplo: às 6 A.M. 'sai o sol')", qual é o motivo específico de que sua apreensão, por intermédio do "modelo científico ou cultural" impede de tratar o fenômeno em sua integridade, e se circunscreve em torno de aspectos parciais do mesmo? (Por exemplo, quando dizemos: "a rotação terrestre é a ***causa*** que produz o ***efeito*** de que às 6 A.M. o sol se faça visível no horizonte leste"). Neste último exemplo, é evidente que, ao explicar o fenômeno por uma "lei eminente" não se faz mais do que se referir a certos aspectos parciais (a "rotação terrestre"), deixando de lado – não o vendo – o próprio fenômeno ("o Sol"). A resposta à pergunta apresentada leva a tocar em um princípio fundamental da teoria epistemológica estrutural: ***a relação que se percebe entre aspectos de um fenômeno, quantificável matematicamente como "lei da natureza", origina-se na preeminência de premissas culturais, a partir das quais a razão modifica a percepção do fenômeno em si***.

É desnecessário dizer que isto ocorre pelo efeito "mascaramento" que a razão causa em toda imagem refletida pelo sujeito consciente: a razão "responde à interrogação", quer dizer, às flexões do sujeito consciente, ***no qual se encontra imerso o Eu perdido***. Como se se tratasse de uma fantasia, a razão interpreta e forma um esquema racional da representação do ente fenomênico, esquema cuja imagem se sobrepõe à representação e a mascara, dotando-a do significado proposicional que determinam as premissas culturais preeminentes.

Quando se efetua uma observação "científica" de um fenômeno, as funções racionais tornam-se preeminentes a qualquer percepção, "destacando" com eminência aqueles aspectos interessantes ou úteis e "apagando" o resto (do fenômeno). Desta maneira, a razão opera como se mascarasse o fenômeno, previamente arrancado da totalidade do real, e apresentasse dele uma

aparência "razoável" e sempre compreensível, no âmbito da cultura humana. Claro que a ninguém importa que os fenômenos fiquem, a partir dali, ocultos por trás de sua aparência razoável; não se é possível servir-se deles, controlá-los, aproveitar sua energia e dirigir suas forças. Afinal, uma civilização científico-tecnológica se constrói ***sobre*** os fenômenos e ainda ***contra*** eles; o que importa se uma visão racional do mundo recorta os fenômenos percebidos e os confronta com uma ***realidade cultural***, tanto mais artificial quanto mais cegos estejamos? O que importa, repito, quando tal cegueira gnosiológica é o preço que se deve pagar para desfrutar das infinitas variantes que, em termos de gozo e conforto, oferece a civilização científica? Por acaso nos espreita algum perigo que não podemos conjurar tecnicamente, nós, que eliminamos muitas e antigas enfermidades, que prolongamos a vida humana e criamos um habitat urbano com um luxo nunca visto?

O perigo existe, é real, e ameaça todos aqueles membros da humanidade que possuem ancestrais hiperbóreos; a Sabedoria Hiperbórea o denomina de ***fagocitação psíquica***. É um perigo de tipo psíquico e de ordem transcendente, que consiste na aniquilação metafísica da consciência, possibilidade que pode se concretizar neste ou em outro Mundo, e a qualquer tempo. A destruição da consciência ocorre por ***fagocitação satânica***, quer dizer, por assimilação do ***sujeito anímico*** à substância de Jeová Satanás. Quando tal catástrofe ocorre, perde-se completamente toda a possibilidade de transmutação e regresso à Origem.

No entanto, convém repetir que é a confusão o principal impedimento para a transmutação do homem adormecido em Homem de Pedra. E, para confusão permanente contribui a cegueira gnosiológica que mencionava antes, produto da moderna mentalidade racionalista. Vive-se segundo as diretrizes da "Cultura" ocidental, a qual é materialista, racionalista, científico-tecnológica e amoral; o pensamento parte de premissas culturais preeminentes e condiciona a visão do mundo, tornando-a pura aparência, sem que se note ou se tenha ideia disso. A Cultura, então, mantém a confusão e impede de se orientar e ir para o centro da reintegração psíquica, transmutando o homem adormecido em Homem de Pedra. É por casualidade que tal coisa ocorre? Já disse muitas vezes: a Cultura é uma arma estratégica, habilmente empregada por aqueles que desejam a perdição da Herança Hiperbórea.

Comprova-se, assim, que o "modelo cultural intermediário", entre o Eu e o macrocosmo, dificulta imensamente a possibilidade de encontrar o princípio do cerco no mundo, como lei da natureza.

Quadragésimo Quarto Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

Os conceitos complementares precedentes esclareceram que uma "lei da natureza" origina-se em certas relações que o julgamento racional estabelece

entre aspectos significativos. Meu objetivo é deixar claro que, ainda que ditos aspectos pertençam verdadeiramente ao fenômeno, a relação que deu lugar à lei eminente foi criada pela razão e, de nenhum modo, pode-se atribuir ao próprio fenômeno. A razão, apoiada em premissas culturais preeminentes, utiliza o mundo como ***modelo projetivo ou de representação***, de tal modo que um fenômeno qualquer expresse ***correspondência*** com uma concepção intelectual equivalente. Desta maneira, o homem serve-se de conceitos racionais do fenômeno que têm um fraco vínculo com o fenômeno em si, com sua verdade.

Ao efetuarmos raciocínios e análises com base em tais conceitos, somam-se os erros e o resultado não pode ser outro a não ser a paulatina imersão na irrealidade e na confusão. Este efeito é buscado pelo Inimigo, já o disse. Ver-se-á depois qual é a maneira que a Sabedoria Hiperbórea ensina para evitar isso.

Ao mencionar, anteriormente, o princípio hermético, disse que todas as leis do macrocosmo se refletem em leis equivalentes no microcosmo. Mas "as leis da natureza" do macrocosmo não são senão representações de um modelo matemático originado na mente humana, quer dizer, no microcosmo, conforme analisei. No processo que dá origem à "ideia científica" de um fenômeno concorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Os "princípios matemáticos" são arquetípicos, provêm de estruturas psicológicas hereditárias: quando "aprendemos matemática", por exemplo, só atualizamos conscientemente um número finito de sistemas formais que pertencem à área da Cultura, mas os "princípios matemáticos" não são, na verdade, "aprendidos", e sim "descobertos", pois constituem matrizes básicas da estrutura do cérebro. As "premissas culturais preeminentes" surgem da ***totalidade*** dos elementos culturais, aprendidos ao longo da vida, que atuam como conteúdo dos sistemas da estrutura cultural e aos quais busca o sujeito cultural para formular seus julgamentos.

A diferenciação que fiz entre "princípios matemáticos" e "premissas culturais preeminentes", como duas fontes principais que intervêm no ato mental de formular uma "lei da natureza" vai permitir expor uma das táticas mais eficazes que o Criador utiliza para manter os homens na confusão e a maneira como os Deuses Leais a contrapõem, induzindo carismaticamente estes a descobrir e aplicar a "lei do cerco". Por isso, insisti tanto na análise: porque nos encontramos diante de um dos princípios mais importantes da Sabedoria Hiperbórea e, também, um dos segredos mais bem guardados pelo Inimigo.

Quando se conhece o princípio que diz "para a Sinarquia, a Cultura é uma arma estratégica", costuma-se pensar que o mesmo se refere à "Cultura" como algo "externo", próprio da conduta do homem na sociedade e da influência que esta exerce sobre ele. Este erro provém de uma incorreta compreensão da Sinarquia, à qual se supõe que seja uma mera "organização política", e do papel que ela tem no Plano do Demiurgo terrestre Jeová

Satanás. A verdade é que o homem procura se orientar para a Origem e não o consegue pelo estado de confusão em que se encontra; a mantê-lo nesse estado contribui a Cultura como arma estratégica inimiga; mas se esse ataque proviesse apenas do exterior, quer dizer, da sociedade, bastaria afastar-se dela, tornar-se ermitão, para neutralizar seus efeitos. No entanto, é suficientemente comprovado que a solidão não basta para evitar a confusão e que, pelo contrário, esta costuma aumentar no retiro mais hermético, sendo muito provável que, por esse caminho, perca-se a razão muito antes de encontrar a Origem. São os elementos culturais interiores que confundem, desviam, e acompanham o homem a todo momento. É por isso que o Eu desperto deve se libertar ***previamente*** do obstáculo que impõem os elementos culturais, se pretende transpor a distância que o separa da Origem.

Um Eu despojado de toda moral, de todo dogma, indiferente aos enganos do mundo, mas aberto à memória de sangue, poderá marchar galantemente para a Origem e não haverá força no universo capaz de detê-lo.

É uma bela imagem a do homem que avança intrepidamente, envolvido no furor guerreiro, sem que os Demônios consigam detê-lo. Sempre a apresentaremos; mas, pode-se perguntar: como é possível adquirir tal grau de pureza? Porque o estado normal do homem, nesta etapa do Kaly Yuga, é a confusão. Explicarei agora, em resposta a tão sensata pergunta, a tática dos Deuses Leais para ***orientar*** os homens espirituais e neutralizar o efeito da Cultura sinárquica.

No homem adormecido o Eu se acha sujeito à razão. Ela é o timão que guia o rumo de seus pensamentos, do qual, por nada do mundo, se afastaria; fora da razão estão o medo e a loucura. Mas a razão atua a partir de elementos culturais; já se viu de que maneira as "premissas culturais preeminentes" participam na formulação de uma "lei da natureza". De modo que o jugo que o Inimigo cingiu em torno do Eu é formidável. Poder-se-ia dizer, em sentido figurado, que o Eu se encontra ***prisioneiro*** da razão e suas aliadas, as premissas culturais; e todos compreenderiam o sentido desta figura. Isso se deve a que existe uma clara correspondência analógica entre o Eu, no homem adormecido, e o conceito de "cativeiro". Por esta razão, desenvolverei em seguida uma ***alegoria***, na qual se tornará clara a correspondência mostrada, o que permitirá depois compreender a estratégia secreta que os Deuses Leais praticam para contrapor ***a arma cultural*** da Sinarquia.

Começarei a apresentar a alegoria prestando atenção a um homem, a quem levaram prisioneiro e condenaram, de maneira inapelável, à reclusão perpétua. Ele desconhece esta sentença, bem como qualquer informação posterior à sua captura, procedente do mundo exterior, pois decidiu-se mantê-lo indefinidamente incomunicável. Para isso, foi aprisionado em uma torre inacessível, que se acha rodeada de muralhas, abismos e fossos, e de onde é aparentemente impossível qualquer tentativa de fuga. Uma guarnição de soldados inimigos, aos quais não é possível se dirigir sem receber um

castigo, encarregam-se de vigiar permanentemente a torre; são impiedosos e cruéis, mas terrivelmente eficazes e leais: nem pensar em comprá-los ou enganá-los. Nestas condições, não parecem existir muitas esperanças de que o prisioneiro consiga, algum dia, a liberdade. E, no entanto, a situação real é bem outra. Se bem que ***para fora*** da Torre a saída é cortada por muralhas, fossos e soldados, ***de dentro*** é possível sair diretamente para o exterior, sem tropeçar em nenhum obstáculo. Como? Por meio de ***uma saída secreta*** cujo acesso acha-se habilmente dissimulado no piso da cela. Naturalmente, o prisioneiro ignora a existência dessa passagem, como tampouco a conhecem seus carcereiros.

Suponhamos agora que, quer seja porque se convenceu de que é impossível escapar, quer seja porque desconhece sua qualidade de cativo, ou por qualquer outro motivo, o prisioneiro não mostra predisposição para a fuga: não manifesta nem valor nem audácia e, claro, não procura a saída secreta; simplesmente se resignou à sua precária situação. Indubitavelmente, é sua própria atitude negativa o pior inimigo, já que, se mantivesse vivo o desejo de escapar, ou ainda, se experimentasse a ***nostalgia*** pela liberdade perdida, se agitaria em sua cela, onde existe, pelo menos, uma possibilidade em um milhão de encontrar a saída secreta por acaso. Mas não é assim, e o prisioneiro, em ***sua confusão***, adotou uma conduta pacífica que, à medida que transcorrem os meses e os anos, torna-se cada vez mais covarde e idiota.

Tendo-se entregado à sua sorte, só se deveria esperar, para o cativo, uma ajuda exterior, a qual só pode consistir na ***revelação da saída secreta***. Mas não é tão simples de expor o problema, já que o prisioneiro não o deseja ou não sabe que pode fugir, conforme falei. Devem-se, pois, cumprir duas coisas: 1º) conseguir que assuma sua condição de prisioneiro, de pessoa a quem ***tiraram*** a liberdade e, se possível, que ***lembre os dias dourados***, quando não existiam celas nem correntes. É necessário que tome consciência de sua miserável situação e deseje ardentemente sair, previamente a: 2º) revelar-lhe a existência da ***única possibilidade de fugir***. Porque bastaria, agora que o prisioneiro deseja fugir, só ***que saiba da existência*** da saída secreta; a esta procurará e encontrará por si mesmo.

Apresentado assim, o problema parece muito difícil de resolver: é necessário acordar o prisioneiro, ***despertá-lo*** de sua letargia, ***orientá-lo***, e depois ***revelar-lhe*** o segredo. Por isso, já é tempo de se perguntar: há alguém disposto a ajudar o miserável prisioneiro? E se houver, como faria para cumprir as duas condições do problema?

Devo declarar que, felizmente, há outras pessoas que amam e procuram ajudar o prisioneiro. São aqueles que participam de sua etnia e vivem em um país muito, mas muito longínquo, o qual se encontra em guerra com a Nação que o aprisionou. Mas não podem tentar nenhuma ação militar para libertá-lo, devido às represálias que o Inimigo poderia tomar contra os incontáveis cativos que, além daquele da torre, mantêm em suas terríveis

prisões. Trata-se, pois, de levar a ajuda da maneira prevista: ***despertá-lo, orientá-lo e revelar-lhe o segredo***.

Para isso, é preciso chegar até ele, mas, como fazê-lo se foi aprisionado no coração de uma cidadela fortificada, saturada de inimigos em permanente alerta? Há que se descartar a possibilidade de infiltrar um espião, devido às ***diferenças étnicas*** insuperáveis: um alemão não poderia se infiltrar como espião no exército chinês, da mesma forma que um chinês não poderia espiar no quartel das SS. Sem poder entrar na prisão e sem possibilidade de comprar ou enganar os guardiões, só resta o recurso de ***fazer chegar uma mensagem*** até o prisioneiro.

Porém, enviar uma mensagem parece ser tão difícil quanto introduzir um espião. Efetivamente; no improvável caso de que uma gestão diplomática conseguisse autorização para apresentar a mensagem e a promessa de que esta seria entregue ao prisioneiro, isso não serviria de nada, porque só o fato de que tenha que atravessar sete níveis de segurança, onde seria censurada e mutilada, torna completamente inútil esta possibilidade. Além disso, por tal ***via legal*** (autorização prévia), se imporia a condição de que a mensagem fosse escrita em uma linguagem clara e acessível ao Inimigo, que, depois, censuraria parte de seu conteúdo e transporia os termos, para evitar uma possível segunda mensagem criptografada. E não nos esqueçamos de que o segredo da saída oculta tanto interessa que o conheça o prisioneiro, como que o ignore o Inimigo. E primeiro: o que dizer em uma mera mensagem para conseguir que o prisioneiro ***desperte***, ***oriente-se***, compreenda que ***deve*** escapar? Por muito que pensemos, far-se-á evidente, finalmente, que a mensagem ***deve ser clandestina*** e que a mesma ***não pode ser escrita***. Tampouco pode ser ***óptica***, devido a que a pequena janelinha de sua cela permite observar apenas um dos pátios interiores, até onde não costumam chegar sinais do exterior da prisão.

Nas condições que expus, não fica evidente, sem dúvida, de que maneira podem seus ***Kameraden*** solucionarem o problema e ajudarem o prisioneiro a escapar. Talvez isso se esclareça se tivermos em mente que, apesar de todas as precauções tomadas pelo Inimigo para manter o cativo desconectado do mundo exterior, ***não conseguiram isolá-lo acusticamente***. (Para isso, teriam que colocá-lo, como ***Kaspar Hauser***, em uma cela à prova de sons.)

Mostrarei agora, como epílogo, a forma escolhida pelos *Kameraden* para oferecer uma ajuda eficaz; uma ajuda tal que: 1º) ***desperte*** e 2º) ***revele o segredo*** ao prisioneiro, ***orientando-o para a liberdade***.

Ao se decidirem por uma via acústica para fazer chegar a mensagem, os *Kameraden* compreenderam que contavam com uma grande vantagem: ***o Inimigo ignora a língua original do prisioneiro***. É possível, então, transmitir a mensagem simplesmente, sem duplo sentido, aproveitando que a mesma ***não será compreendida pelo Inimigo***. Com esta convicção, os *Kameraden* fizeram o seguinte: vários deles subiram uma montanha próxima e, munidos de uma enorme concha, a qual permite amplificar

muitíssimo o som da voz, começaram a emitir a mensagem. Fizeram-no ininterruptamente, durante anos, pois tinham jurado não abandonar a tentativa, enquanto o prisioneiro não ficasse novamente livre. E a mensagem desceu a montanha, cruzou os campos e os rios, atravessou as muralhas e invadiu até o último canto da prisão. Os inimigos, a princípio, se surpreenderam, mas como essa linguagem, para eles, não significava nada, pensaram que o som musical era o canto de algum pássaro fabuloso e distante, e finalmente acabaram se acostumando com ele e o esqueceram. Mas, o que dizia a mensagem?

Constava de suas partes. Primeiro, os *Kameraden* cantavam uma ***canção infantil***. Era uma canção ***que o prisioneiro tinha ouvido muitas vezes durante sua infância***, lá, ***na pátria dourada***, quando ainda estavam longe os dias negros da guerra e o cativeiro perpétuo só podia ser um pesadelo impossível de se sonhar. Ó, que doces lembranças evocava aquela melodia! Qual Espírito, por mais adormecido que estivesse, não despertaria, sentindo-se eternamente jovem, ao ouvir novamente as canções primordiais, aquelas que escutara embevecido nos dias felizes da infância, e que, sem saber como, transformaram-se em um sonho antigo e misterioso? Sim; o prisioneiro, por mais adormecido que estivesse seu Espírito, por mais que o esquecimento tivesse fechado seus sentidos, acabaria despertando e recordando! Sentiria a nostalgia da pátria distante, comprovaria sua situação humilhante, e compreenderia que só quem conte com um valor infinito, com uma intrepidez sem limite, poderia realizar a façanha da fuga.

Se esse for o sentimento do prisioneiro, então a segunda parte da mensagem lhe dará ***a chave*** para encontrar a saída secreta.

Observe que disse ***a chave*** e não ***a saída secreta***. Porque acontece que, mediante a chave, o prisioneiro ***deverá buscar*** a saída secreta, tarefa que não há de ser tão difícil, considerando as reduzidas dimensões da cela. Mas, depois que a encontre, terá que completar sua façanha ***descendo*** a profundezas incríveis, atravessando corredores imersos em trevas impenetráveis e ***subindo***, finalmente, a cumes remotos: assim é o complicado trajeto da enigmática saída secreta. No entanto, ***já está salvo***, no exato momento em que ***inicia o regresso***, e nada, nem ninguém, conseguirá detê-lo.

Só nos falta, para completar o epílogo da alegoria, dizer uma palavra sobre a segunda parte da mensagem acústica, essa que tinha a chave do segredo. Era também uma canção. Uma curiosa canção que narrava a história de um amor proibido e sublime entre um Cavaleiro e uma Dama já desposada. Consumido por uma paixão sem esperanças, o Cavaleiro empreendeu uma longa e perigosa viagem por países distantes e desconhecidos, durante a qual foi se tornando habilidoso na Arte da Guerra. A princípio, tratou de esquecer sua amada, mas, depois de muitos anos, e tendo comprovado que a lembrança se mantinha sempre viva em seu coração, compreendeu que deveria viver eternamente escravo do amor impossível. Então, fez a si mesmo uma promessa: não importariam as

aventuras que tivesse que passar em seu longo caminho, nem as alegrias e infortúnios em que elas implicassem; interiormente ele se manteria fiel ao seu amor sem esperança, com religiosa devoção, e nenhuma circunstância conseguiria afastá-lo de sua firme determinação.

E assim terminava a canção: recordando que, em algum lugar da Terra, convertido agora em um monge guerreiro, marcha o Cavaleiro valoroso, provido de poderosa espada e brioso corcel, mas levando pendurado ao pescoço um saquinho que contém a prova de seu drama, a ***chave*** de seu segredo de amor: ***o Anel de Noivado*** que jamais será usado por sua Dama.

Contrariamente à canção infantil da primeira parte da mensagem, esta não produzia uma imediata nostalgia, mas um sentimento de recatada curiosidade no prisioneiro. Ao escutar, vindo quem sabe de onde, em sua antiga língua natal, a história do galante Cavaleiro, tão forte e valoroso, tão ***completo*** na batalha, e no entanto tão doce e melancólico, tão ***rasgado*** interiormente pela Recordação de A-mort, sentia-se o cativo tomado por essa casta curiosidade que sentem as crianças quando pressentem as promessas do sexo ou intuem os mistérios do amor. Podemos imaginar o prisioneiro ponderando, perplexo pelo enigma da canção evocadora! E podemos supor, também, que finalmente encontrará uma ***chave*** naquele ***Anel de Noivado***... que, segundo a canção, jamais seria usado em nenhum casamento. Por indução, a ideia do ***anel*** o levará a procurar e encontrar a saída secreta.

Até aqui, a alegoria. Devemos agora destacar as relações analógicas que ligam o prisioneiro com o Eu do homem adormecido.

Quadragésimo Quinto Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

Com o objetivo de que a relação analógica fique claramente evidenciada, procederei de acordo com o seguinte método: primeiro, mostrarei uma premissa com respeito à história alegórica do "prisioneiro"; em segundo lugar, apresentarei uma premissa referindo-se a uma situação análoga no homem adormecido; em terceiro lugar, ***compararei*** ambas as premissas e extrairei a ***conclusão***, quer dizer, ***demonstrarei*** a analogia. Compreende-se que não posso expor ***a totalidade*** das correspondências, sem correr o risco de estender-me indefinidamente. Portanto, só destacarei aquelas relações que são imprescindíveis para minha exposição e deixarei, como exercício de imaginação, Dr. Siegnagel, a possibilidade de se estabelecerem muitas outras.

Lembre-se apenas que o homem adormecido, o Eu perdido, encontra-se imerso no sujeito anímico consciente, quer dizer, confundido com o sujeito anímico evolutivo ou Alma. Aqui preferi considerar o Eu perdido ligado diretamente à ***razão***, quer dizer, ao sujeito anímico ***racional***, em virtude de ser este sujeito o que mais perto se acha do Mundo e o primeiro a receber

as impressões dos entes externos. Por "razão", em qualquer caso, há que se entender "o sujeito anímico evolutivo" próprio do animal-homem, que evolui pela ação confusa do Eu, essa manifestação do Espírito encadeado.

— 1 —

a – O prisioneiro acha-se à mercê de seus guardiões, os quais o mantêm em perpétuo cativeiro.

b – O Eu do homem adormecido é prisioneiro perpétuo da "razão", quer dizer, do sujeito anímico evolutivo.

c – O "prisioneiro" e o Eu são análogos.

— 2 —

a – Os "guardiões" são os intermediários dinâmicos, muito mesquinhos, entre o "prisioneiro" e o "mundo exterior".

b – A "razão" é intermediária dinâmica, muito pobre, entre o Eu e o "mundo exterior" (no homem adormecido).

c – Os "guardiões" e a "razão" são análogos (lembre-se que quando a razão elabora uma "lei da natureza" intervêm os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes").

— 3 —

a – Os "guardiões" valem-se de uma "linguagem própria", diferente da língua do prisioneiro, a qual este esqueceu.

b – A "razão" emprega modalidades lógicas, diferentes da "Língua primordial Hiperbórea" original do homem adormecido, a qual este esqueceu, por sua confusão estratégica.

c – A "linguagem própria" dos guardiões é análoga às modalidades lógicas da estrutura cultural. A "língua natal" do prisioneiro é análoga à "Língua Hiperbórea" do homem adormecido.

— 4 —

a – O primeiro ambiente do "prisioneiro" é sua "cela" da torre, que o contém que quase que completamente, com exceção das aberturas (porta e janelinha), por onde muito fracamente podem se estender os sentidos.

b – O primeiro ambiente do Eu é a "esfera de sombra", que o contém quase que completamente.

c – A "cela" da torre é análoga à esfera de sombra do homem adormecido.

— 5 —

a – Na "cela" há uma "janelinha gradeada", por meio da qual o prisioneiro obtém uma imagem precária mas "direta" do mundo exterior.

b – Estabelecendo um contato permanente com o Eu está a "esfera sensorial", por meio da qual este obtém uma imagem precária mas "direta" do mundo exterior.

c – A "janelinha gradeada" é análoga à "esfera sensorial" (ou aos "sentidos") no homem adormecido.

— 6 —

a – Na cela há uma "porta gradeada" pela qual entram os guardiões, e com eles as notícias censuradas, quer dizer, por onde o prisioneiro obtém uma imagem "indireta" do mundo externo.

b – O Eu pode formar para si uma imagem "indireta" do mundo exterior, mediante a "reflexão", quer dizer, o ato pelo qual se recebe a informação "racionalizada".

c – A "porta gradeada" é análoga ao ato de refletir ou perceber.

— 7 —

a – A cela do "prisioneiro" encontra-se em uma "torre", e esta em um "pátio murado". Cercando as muralhas há "fossos profundos", e depois outras muralhas, e outros fossos; e assim sucessivamente, até completar sete voltas de muro e fosso. Os sete circuitos de segurança dessa formidável "prisão" conectam-se entre si por "pontes levadiças", "corredores", "portões", "grades levadiças", etc. Além da última muralha estende-se o "mundo exterior", o país do Inimigo. Em síntese: a "prisão" é uma estrutura estática que se interpõe entre o prisioneiro e o mundo exterior.

b – Entre o Eu e o mundo exterior se interpõe uma complexa estrutura estática denominada "cultural". A "razão", para tornar "razoável" a informação do mundo exterior, apoia-se em certos elementos de tal estrutura estática ou "cultural", como, por exemplo, as "premissas culturais preeminentes", que significam conceitos sobre as percepções dos entes ou objetos culturais externos.

c – A "prisão" é análoga" à "estrutura cultural". Também certas partes da "prisão", muralhas, fossos, pontes, etc., são análogas a certas partes da "estrutura cultural", isto é, às "premissas culturais preeminentes".

Tenha em mente, Dr. Siegnagel, que, na alegoria, tanto os "guardiões" como a "prisão" são intermediários entre o prisioneiro e o mundo exterior. Mas os "guardiões" são intermediários "dinâmicos" (analogamente à "razão" no homem adormecido), enquanto a "prisão" é intermediário "estático" (analogamente à "estrutura cultural" do homem adormecido).

— 8 —

a – Além da última muralha da prisão se estende o "mundo exterior", aquela realidade que nunca poderá ser vista pelo "prisioneiro", devido a que a estrutura da "prisão" limita seu movimento e a que uma "guarda" permanente cuida para que se mantenha tal situação.

b – O Eu, no homem adormecido, acha-se habitualmente imerso nas profundezas da estrutura cultural, flutuando perdido entre seus artificiais e estáticos elementos e à mercê da tirania implacável que a razão exerce. A estrutura cultural cerca completamente o Eu, salvo por algumas brechas, por onde espreita fracamente a "esfera sensorial". Além da estrutura cultural, como objeto das esferas instintiva e sensorial, se estende o "mundo

exterior", a realidade que nunca poderá "ser vista" (em sua verdade, "tal como é") pelo Eu perdido.

c – O "mundo exterior" além da prisão é análogo ao "mundo exterior" além da "estrutura cultural" que submete o Eu no homem adormecido.

— 9 —

a – Em uma montanha próxima, os *Kameraden* tratam de ajudar o "prisioneiro" a fugir da "prisão". Para isso, enviam uma mensagem, em sua língua natal, valendo-se do meio acústico. Em tal mensagem, há uma "canção infantil", para "despertar" o prisioneiro, e uma "canção de amor", com a "chave do anel", para que busque a saída secreta e fuja.

b – Em um "centro" oculto chamado de Agartha, os Deuses Leais tratam de ajudar os homens adormecidos a quebrar as cadeias que os mantêm submetidos ao mundo material do Demiurgo. Para isso, enviam carismaticamente uma mensagem na "língua dos pássaros", valendo-se das Vrunas de Navutan. Em dita mensagem há uma "recordação primordial", para despertar e orientar o homem, e uma "Canção de A-mort", com a "chave do anel", para que procure o centro, regresse à Origem, e abandone, como um Deus, o Inferno material de Jeová Satanás.

c – Podem-se estabelecer, entre "a" e "b", muitas analogias. Apenas destacarei a mais importante: os *Kameraden* são análogos aos Deuses Libertadores.

Creio que os nove argumentos precedentes constituem uma eficaz demonstração da correspondência analógica que existe entre a "alegoria" e a situação do homem adormecido. Mas isso não é tudo. Reservei três componentes da alegoria: canção infantil, Canção de A-mort, saída secreta, para efetuar uma última correspondência analógica e extrair a conclusão final.

Como a validade da relação analógica existente ficou evidenciada nos argumentos precedentes, não será necessário recorrer ao mesmo método no próximo comentário; considerarei comprovadas as analogias que mencionei.

Recordarei agora os motivos que me levaram a desenvolver a alegoria. Propunha-me a demonstrar, de maneira analógica, o método empregado pelos Deuses Leais para contra-atacar a ação da "Cultura", arma estratégica da Sinarquia. Previamente, esclareci que são os "elementos culturais interiores" o verdadeiro instrumento que a Sinarquia emprega para manter o homem "adormecido", quer dizer, na confusão. Nesse estado, o Eu é submetido à razão pela estrutura cultural, fonte da qual se nutre, finalmente, toda a atividade mental. Assim, ocorre que o Eu, quer dizer, a consciência presente do homem, acaba "dirigida para" o mundo, através da estrutural cultural, "pela" razão; o resultado, disse várias vezes, é uma imagem deformada do mundo e um estado de confusão psíquica que dificulta imensamente a "reorientação estratégica" do homem. Contra esta situação, os Deuses Leais, bem como os *Kameraden* da alegoria, se dispõem a acudir em socorro, "enviando uma mensagem".

O principal objetivo é "pular todas as muralhas" e chegar até o prisioneiro, o Eu, com uma mensagem de duplo significado: 1º) despertar; 2º) orientar. Para isso, os Deuses Leais "transmitem a mensagem", carismaticamente, ***há muitos milênios***; alguns a ouvem, despertam e partem; outros, a maioria, continuam na confusão. Claro, não é fácil reconhecer a mensagem, porque foi emitida na língua dos pássaros... e seus sons só podem ser percebidos com o Sangue Puro.

Está claro, então? A mensagem dos Deuses Leais permanentemente ressoa no sangue dos homens adormecidos. Quem não a ouve é porque padece da confusão estratégica ou desconhece sua existência, o que vem a ser o mesmo. Mas, como ***deveria*** cumprir sua função a mensagem carismática? Em dois passos. Em primeiro lugar, os Deuses ***falam***, no sangue do homem, de uma recordação primordial, de algo ocorrido ***no início do Tempo, quando o Espírito ainda não tinha sido capturado pelos Deuses da Matéria***. Como os Deuses conseguem fazê-lo é um Mistério muito grande, o qual só Eles podem responder. Esta "recordação primordial", a "canção infantil" da alegoria, foi induzida com o objetivo de que "ative" a Recordação de Sangue própria do homem adormecido.

Se tal coisa acontece, então o homem adormecido experimentará uma súbita "nostalgia de outro mundo", um desejo de "deixar tudo e partir". Tecnicamente, significa que a Memória de Sangue chegou "ali aonde o Eu perdido se encontrava": sobre o sujeito consciente. Um tal contato, entre o Eu e a Memória de Sangue, se realiza independentemente da estrutura cultural e da razão; e esse objetivo é buscado pelos Deuses Leais. Pôde-se chegar à medula do Eu, pela via do sangue; será então, nesse fugaz momento, que se deixará ouvir a "Canção de A-mort".

Falarei agora da segunda parte da mensagem, à qual chamei alegoricamente de "Canção de A-mort". Antes de mais nada, direi que tal nome não é por capricho, pois a Sabedoria Hiperbórea ensina que, ***a partir de sua Origem no Universo físico***, quer dizer, desde sua sincronização com o Tempo, ***o Espírito permanece encadeado à Matéria por um Mistério de A-mort***. Quando a Recordação de Sangue, ativada pela primeira parte da mensagem, ***abre um caminho*** (não racional; não cultural) ***para o Eu***, então os Deuses Leais ***cantam a Canção de A-mort***, fazem o homem participar do Mistério. Se seu sangue é suficientemente puro para que a mensagem carismática possa ser consciencializada, então o homem tem a possibilidade de "orientar-se" para a Origem e se manter definitivamente "desperto".

O Mistério de A-mort só pode ser revelado pelo Sangue Puro, interiormente, em um contato transcendente com o Eu, que se realiza sem intervenção de categorias culturais ou racionais. É, portanto, uma experiência ***absolutamente individual***, única para cada homem. Quem conhece os segredos do Mistério de A-mort é um Iniciado Hiperbóreo ***transmutado***, quer dizer, um Homem de Pedra Imortal.

O Mistério de A-mort é uma descoberta pessoal, repito, única para cada homem, ***sobre a Verdade de sua própria Queda***. Ninguém pode conhecer este segredo e continuar igual. E ninguém, muito menos, se atreveria a falar disso, uma vez que a Suprema Experiência aconteceu. Pelo contrário, muitas vezes, os lábios ficam selados para sempre, os olhos cegos, e os ouvidos fechados. Não são poucos os cabelos que se tornam brancos nem muito menos as mentes que se afundam nas trevas da loucura. Porque só um valor infinito pode manter, vivo e são, aquele que viu o Engano das Origens e compreendeu, finalmente, a Verdade de sua Queda. Sendo o peso do segredo tão terrível, compreende-se por que digo que jamais pode existir no mundo um indício do Mistério de A-mort e só alguém irresponsável ou louco afirmaria o contrário. A Sabedoria Hiperbórea oferece ***técnicas de purificação sanguínea*** que têm, por finalidade, fazer com que a pessoa ***se aproxime do Mistério***. Mas o Mistério em si, descobre-se interiormente, é único para cada homem e ***não convém falar dele***. Em suma, podem-se oferecer algumas sugestões, como as que expus nos Dias Oitavo e Nono, ao narrar o Ritual do Fogo Frio.

A alegórica história do prisioneiro permitiu expor de maneira simples o método empregado pelos Deuses Leais para guiar os homens adormecidos. A mensagem carismática consegue, se é escutada, "despertar" o homem, colocando-o em contato com sua Recordação de Sangue. Em seguida, o faz participar do Mistério de A-mort, Suprema Experiência que ***anula***, conforme dissemos, a Estratégia cultural da Sinarquia. Mas ***não é possível*** saber em que consiste o Mistério de A-mort, até não viver isso individualmente. Só se têm os ***indícios gerais*** que deixaram ***aqueles que se transmutaram e partiram***. Com base em tais indícios, pode-se afirmar que o Mistério de A-mort é experimentado de ***sete maneiras diferentes*** pelo homem e que justamente essa é a razão pela qual a Sabedoria Hiperbórea prevê sete vias iniciáticas de libertação.

De acordo com o modo em que o Mistério de A-mort foi gnosticamente percebido será a Via de Liberação adotada e é por isso que se costuma falar de uma "Via de Mutação" ou "do Raio"; de uma "Via Seca" ou "Caminho da Mão Direita"; de uma "Via Úmida" ou "Caminho da Mão Esquerda"; de uma "Via da Oposição Estratégica" ou "Via da Gnose Guerreira para a Orientação Absoluta"; etc.

Não falarei, claro, de todas as vias de libertação, mas daquela que tem especial relação com esta história, quer dizer, a ***"Via da Oposição Estratégica"***, que era a seguida pela Casa de Tharsis. Mas a Via da Oposição Estratégica é a última interpretação do antigo Mistério do Labirinto, fundado por Navutan, depois do afundamento da Atlântida: à Casa de Tharsis, a segunda parte da Canção de A-mort, ***que era "escutada" durante o Ritual do Fogo Frio***, lhe revelou o Mistério do Labirinto como via de libertação individual. Vale a pena dizer que os Senhores de Tharsis ***sempre*** compreenderam o Mistério do Labirinto ao se transmutarem em Homens de Pedra. Com respeito à alegoria do Eu prisioneiro, há que se

entender que a ***solução de Navutan ao Mistério do Labirinto***, ao Mistério do encadeamento espiritual, ao Mistério da Morte, é análoga à ***solução da Canção de A-mort***: ela consiste em um modo para 1º) despertar; 2º) orientar. Tal modo é o que ultimamente se denomina "Via da Oposição Estratégica" e que inclui, necessariamente, o emprego das Vrunas e o princípio do cerco.

Na alegoria, a segunda parte da mensagem era bastante extensa, porque se referia também às "outras vias" de libertação que podem "abrir" o Mistério de A-mort. Mas o prisioneiro encontrou a chave no ***Anel de Noivado*** e isto significa, analogicamente, que optou pela Via da Oposição Estratégica. A mensagem chegou a ele "por via acústica", quer dizer, gnosticamente, e, ao tomar consciência de seu conteúdo, por meio da chave revelada, encontra na cela ***um anel***, o qual permite ***abrir a saída secreta***.

A "cela", conforme o argumento 4, é análoga à esfera de sombra. Mas, como substrato da esfera de sombra, encontra-se a estrutura cultural: um ***anel*** "dissimulado" no piso da cela corresponde, sem dúvidas, a um ***princípio matemático***, a um símbolo arquetípico integrado, "dissimulado", no esquema de uma Relação.

A alegoria nos permite compreender, então, que os Deuses Libertadores, com sua mensagem carismática, ***descobrem um princípio matemático*** que permanecia inconsciente na estrutura cultural, ao qual denominamos de ***"princípio do cerco"***. Daí que:

— 10 —

c – O "Anel" na cela do prisioneiro é análogo ao "princípio do cerco", princípio matemático, ou Arquétipo Coletivo, que permanecia inconsciente no homem adormecido e que a mensagem dos Deuses Libertadores ***descobre***.

Demonstrei, dias atrás, que no processo mental que dá origem à "ideia científica" de um fenômeno concorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Isto se verifica principalmente ao formular uma "lei da natureza", a qual explica o comportamento de um fenômeno estabelecendo relações causais entre aspectos do mesmo. Darei um exemplo simples: deseja-se "medir" o lado de um poliedro regular. Aqui o fenômeno é um corpo com forma de poliedro regular, vale a pena dizer, um "ente fenomênico". Toma-se, para isso, a "régua graduada", quer dizer, uma superfície plana, sobre a qual acham-se gravadas as unidades de comprimento e da qual estamos certos de que um de seus lados é perfeitamente reto. Faz-se coincidir o zero da régua com o "começo" do lado que vamos medir. Observa-se agora que o "fim" do lado coincide com o número cinco da régua e se diz, sem mais delongas, que "no poliedro, o lado mede cinco centímetros". Realizou-se, como se verá, uma série de operações subjetivas cujas conclusões, no entanto, podem ser confirmadas por outros observadores; esta possibilidade de comprovação é o que dá peso de "lei da natureza" ao fato mencionado.

Mas acontece que, na régua, que se acredita ser numerada, na realidade há signos gravados que ***representam*** números, não os números em si. Os números são princípios matemáticos próprios da estrutura cultural, ou seja, elementos subjetivos, que intervêm no ato de "reconhecer que o limite do lado coincide com o sinal 5". Ao se dizer "mede cinco centímetros" está se realizando a afirmação de uma qualidade empírica: "existe uma proporção (quer dizer, uma relação matemática) entre o comprimento do lado do poliedro e a longitude do meridiano terrestre". Esta proporção é fixa ou ***constante*** (=5 cm) e constitui uma "relação entre aspectos de um fenômeno", ou seja, uma "lei da natureza".

O ***centímetro*** equivale à centésima parte de um metro, e este à décima milionésima parte de um quarto do meridiano terrestre.

O ente fenomênico se apresentou ***completo***, íntegro em sua manifestação. No entanto, não é possível apreendê-lo em sua totalidade; por pouco que se o observe, ***uma parte*** do mesmo se faz eminente, sobressaindo e se destacando acima de ***outros aspectos***. A ***unidade*** do fenômeno foi quebrada em favor da ***pluralidade*** de qualidades que se é capaz de lhe atribuir. Distinguem-se ***duas*** faces quadradas, e em cada face ***quatro*** arestas e ***quatro*** ângulos, etc. Depois se pratica a ***medição*** de uma aresta ou lado e se estabelece uma "lei da natureza": "a longitude do lado é proporcional à longitude do meridiano terrestre e sua razão é de 5 cm."

Nesta operação que se acaba de descrever intervieram os "princípios matemáticos" (quando se distinguem ***duas*** faces, ***quatro*** arestas, etc.) e as "premissas culturais preeminentes" (quando se tornou "eminente" a face, o lado, ou qualquer outra qualidade). As duas fontes concorrem no ato racional de "relacionar" (medir) aspectos do fenômeno e postular uma "lei da natureza" (mede 5 cm) que pode ser universalmente comprovada.

Espero ter esclarecido que os ***princípios matemáticos*** (o ***um***, o ***dois***, o ***quadrado***, etc.), por serem propriedades intrínsecas da estrutura mental, ***intervêm a priori*** na formulação de uma lei da natureza. Quanto aos "números" do mundo, esses que aparecem gravados na régua graduada, são apenas ***signos culturais de representação***, aos quais se distingue graças ao aprendizado convencional. Houve povos antigos que representavam os números com nós ou ideogramas. É presumível que um instrumento de medição composto de uma vara, na qual foram gravados hieróglifos, não significaria, a princípio, nada para nós, se não conseguíssemos "ler" os sinais, quer dizer, realizar as representações numéricas.

A análise epistemológica sobre o modo como o homem estabelece uma lei da natureza tem que levar fatalmente à conclusão de que seria impossível que o princípio do cerco fosse localizado no mundo como propriedade dos entes e que pudesse ser formulado em uma linguagem sociocultural. Pelo contrário, o que pode ocorrer, em todo caso, é que o princípio do cerco seja projetado, consciente ou inconscientemente, sobre um fenômeno e seja depois descoberto nele, como relação eminente entre qualidades; naturalmente, dependerá do tipo de fenômeno representado a complexidade

com a qual o princípio do cerco seja empiricamente reconhecido e introjetado na estrutura psíquica.

Em resumo, o "princípio do cerco", descoberto para a consciência pela mensagem dos Deuses Leais, é também um princípio matemático e como tal intervirá ***"a priori"*** em toda percepção fenomênica. Os números naturais (que estão na mente) permitem "contar" (um, dois) as metades dessa maçã (que está no mundo). O princípio do cerco (que está na mente) permite aplicar a "lei do cerco" sobre esse fenômeno (que está no mundo). Percorri um longo caminho para chegar a esta conclusão. Irei expressá-la agora de maneira geral: ***o princípio do cerco fará possível a determinação da lei do cerco em todos os fenômenos e em qualquer relação entre fenômenos***.

Mas o princípio do cerco é, geralmente, inconsciente, e só aqueles que conseguem ouvir a mensagem dos Deuses Leais podem incorporá-lo à esfera consciente. E só eles, os homens despertos, serão capazes de aplicar a lei do cerco em uma Estratégia guerreira, que assegure o Regresso à Origem.

Antes mencionei a ***solução de Navutan ao Mistério do Labirinto*** e disse que ela inclui o emprego das Vrunas e o princípio do cerco. Agora acrescentarei que tal solução, denominada de ***Tirodinguiburr***, se traduz na ***técnica arquemônica da Sabedoria Hiperbórea***. Tal técnica, que é imprescindível dominar no "modo de vida estratégico", permite definir no Universo um "Cerco estratégico", ao qual me referi nos Dias Terceiro e Trigésimo Sexto. Pois bem, segundo a Sabedoria Hiperbórea, ***todo Cerco estratégico é tecnicamente uma "Arquêmona" ou "Cerco infinito"***. Em outras palavras, o homem desperto descobre o princípio do cerco e o projeta no Mundo. ***Isso, porém, não é suficiente para constituir um Cerco estratégico*** — o princípio do cerco é um princípio matemático e, portanto, é um elemento ***arquetípico***, quer dizer, ***criado pelo Uno. Não se poderia utilizar um elemento criado pelo Uno para tentar se isolar da Estratégia do Uno***; há que se ***modificar***, pois, a lei do cerco, para obter o efeito isolante desejado. Mas de que forma? ***Indeterminando*** ou transformando em ***infinito*** o cerco real. Isso se consegue com o emprego das Vrunas Incriadas. ***A inclusão da Vruna Incriada na lei do cerco produz o "Cerco estratégico" — o Cerco infinito dentro do qual é possível praticar o modo de vida estratégico e desenvolver uma Estratégia de Regresso à Origem***.

A Via da Oposição Estratégica é aplicável por todo homem desperto que disponha de um Cerco estratégico e de um ***lapis oppositionis***. Este último elemento é só uma ***Pedra de Oposição***, quer dizer, uma Pedra que representa o Uno e ***contra a qual se realiza a oposição estratégica que permite se aproximar, inversamente, da Origem***. O ***lapis oppositionis*** se situa ***fora da Arquêmona***, em frente ao ***ponto infinito do Cerco estratégico***: quando o Iniciado Hiperbóreo efetua a oposição estratégica, o interior da Arquêmona torna-se uma praça liberada, com um ***Espaço*** e um ***Tempo*** próprios, independentes do espaço-tempo do Universo Criado. Assim

isolado, sem abandonar em nenhum momento a oposição estratégica, o Iniciado ***avança***, sem obstáculos, para a Origem, ***sai*** do Labirinto, ***liberta-se*** da prisão material.

Esclarecerei o significado etimológico da palavra Arquêmona e o sentido filosófico que lhe atribui a Sabedoria Hiperbórea. Arquêmona, antes de mais nada, é uma palavra composta por dois vocábulos gregos: *arke*, ***princípio*** e *monas*, ***unidade***. A Iniciação pela técnica arquemônica permite chegar a um ***princípio único*** da psique, quer dizer, à individuação egóica do *Selbst*, de onde é viável experimentar a possibilidade absoluta do Espírito na Origem: tal é o sentido hiperbóreo da Arquêmona.

Para os Homens de Pedra, Iniciados Hiperbóreos da Casa de Tharsis, o "mundo" no qual ocorre a vida cotidiana é simplesmente um "campo de batalha", uma ***Arena*** ocupada por inimigos mortais, os quais se deve combater sem trégua, pois eles "cortam o caminho de Regresso à Origem", "obstruem a retirada" e pretendem "reduzir o homem à mais vil escravidão", que é "a submissão do Espírito Eterno à matéria", seu "encadeamento ao Plano evolutivo do Universo, criado pelo Demiurgo e sua corte de Demônios". O mundo é, então, para os Homens de Pedra, o ***Valplads***.

Na mitologia nórdica e nos ***Eddas***, o Valplads é o campo de batalha onde Wothan escolhe os que caem lutando pela Honra, a Verdade, enfim, pelas Virtudes do Espírito. A Casa de Tharsis, baseando-se na Sabedoria Hiperbórea, estendia o conceito de Valplads a todo o "mundo". Mas o "mundo" é o macrocosmo, dentro do qual subsiste o microcosmo potencial do homem desperto; a realidade desse "mundo", que cerca como Valplads o homem desperto, é Maya, a Ilusão do Grande Engano. Quando o homem desperto situou-se em sua Arquêmona e libera a praça interior pela Oposição Estratégica, indeterminando ou tornando infinito o cerco real, o ***lapis oppositionis*** que se encontra no Valplads, se diz que seu lugar constitui a ***fenestra infernalis*** da Arquêmona, o ponto infinito do Cerco Estratégico: a fenestra infernalis é o ponto de maior aproximação entre a praça liberada e o Valplads, e diante dela se enfrentam o homem desperto e o Demiurgo cara a cara, confrontam-se duas Estratégias Totais, a Hiperbórea e a Satânica.

Como última reflexão, com respeito à alegoria, direi que quando o prisioneiro "puxa o anel" e descobre a saída secreta está efetuando uma ação análoga a quando "o homem desperto" aplica a lei do cerco, segundo a técnica arquemônica, e "abre" unívoca e irreversivelmente uma via para a Origem.

Ficou explicado, então, o método que os Deuses Leais empregam para contra-atacar a "Cultura", arma estratégica inimiga. Eles enviam Sua mensagem, que tem por objetivo ***despertar*** no homem a Recordação de Sangue e ***orientá-lo*** para a Origem, sua "saída secreta". Para esta última ação, induzem-no a descobrir o "princípio do cerco" e a aplicar, depois, a "técnica arquemônica".

O princípio do cerco ***é infalível*** para os objetivos estratégicos propostos e tanto pode ser aplicado individual como coletivamente. A História abunda em exemplos de homens que aplicaram técnicas baseadas na Sabedoria Hiperbórea para se imortalizarem como Deuses ou para conduzir um povo de Sangue Puro para a mutação coletiva; como prova dessas ações gloriosas ficaram numerosas construções de pedra que ninguém compreende em nossos dias, porque para isso ter-se-ia que possuir uma visão fundamentada no princípio do cerco. Para o homem desperto, conhecedor da técnica arquemônica, apenas um olhar sobre as construções megalíticas, ou sobre Montségur, ou sobre os K.Z., basta para interpretar corretamente a Estratégia Hiperbórea na qual se baseou sua construção.

O Castelo de Montségur, vale a pena esclarecer, foi construído pelos Cátaros segundo a técnica arquemônica, bem como os K.Z. ou ***Konzentrationslager***, "Campos de Concentração" da Ordem Negra alemã, os quais não eram sinistras prisões, como pretende a propaganda sinárquica, mas maravilhosas "máquinas mágicas" para acelerar a mutação coletiva e racial, baseados na técnica arquemônica da Sabedoria Hiperbórea: dentro da área isolada do K.Z., os elementos raciais mais nefastos da sociedade, isto é, os degenerados, delinquentes, viciados, e inclusive os judeus, podiam ser transmutados e reorientados a favor da Estratégia Nacional.

Direi, finalmente, que quem é consciente do princípio do cerco ***superou*** a Estratégia cultural inimiga e ***pode realizar o duplo isolamento, do Eu e do microcosmo***.

O princípio do cerco permitirá fixar os limites do sujeito consciente, isolando o Eu das premissas culturais preeminentes, e transladando-o para o "centro" ou Selbst.

Então, ao permitir que se isole o microcosmo do macrocosmo, a técnica arquemônica faz com que o Vyria ganhe um tempo e um espaço próprios, ou seja, a imortalidade, pois o microcosmo (seu corpo físico) ter-se-á transmutado em ***vajra*** - a matéria incorruptível.

Quadragésimo Sexto Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

No Dia anterior mencionei "uma Estratégia que os Deuses Leais empregam para contra-atacar a 'Cultura', arma estratégica inimiga" e a expliquei por meio de uma alegoria, que consiste em uma mensagem carismática. Tal mensagem buscava dois objetivos: 1º: ***despertar***; 2º: ***orientar*** para a "saída secreta", "centro", ou "Origem"; e, naquele exemplo em particular, a "saída" se encontrava depois de descobrir "o anel", ou seja, depois de se ter feito consciente do ***princípio do cerco***. No entanto, a segunda parte da mensagem, a ***Canção de A-mort*** oferecia, a quem a

escutasse, a possibilidade de "encontrar a saída" por outras seis vias diferentes da Oposição Estratégica, que se baseia no princípio do cerco. De qualquer maneira, esta Estratégia, tal como a descrevi, com suas sete possíveis vias de libertação, responde a objetivos puramente individuais, quer dizer, é dirigida exclusivamente ao homem adormecido. Por isso, agora tenho que declarar que a mesma faz parte, a parte "individual", de uma concepção maior, à qual se denomina Estratégia Odal.

A Estratégia Odal é dirigida fundamentalmente a obter a libertação individual do homem, mas, em certas ocasiões históricas favoráveis, os Deuses procuram "orientar" a Raça, em seu conjunto, para forçar a mutação coletiva. Nesse caso, os "líderes", muitas vezes "enviados" pelos Deuses Leais e outras vezes "inspirados" por Eles, se encarregam de projetar carismaticamente no povo as diretrizes estratégicas, procurando ***reintegrá-lo à Guerra essencial***. Para que tal tarefa possa se realizar com probabilidades de sucesso, é necessário que os "Líderes" disponham de um elemento externo, situado no mundo, que represente, de forma irrefutável, a origem Divina da Raça. Este elemento externo deve dar provas também do compromisso assumido pelos Deuses, ao "induzir" os homens a reempreender a guerra contra o Criador e de sua resolução de "esperar" os Kalpas que sejam necessários, enquanto eles ganham a liberdade. Por estas condições, pode-se compreender que tal "elemento externo" seja uma verdadeira ***Pedra de Tropeço*** para o Criador e suas hostes demoníacas, e que todo o Seu Poder, ou seja, o Grande Engano, seja voltado a conseguir sua destruição, ou na falta disso, evitar que permaneça ao alcance do homem. Mas, apesar da contrariedade que tal ação causaria no Inimigo, os Deuses cumpriram sua parte do Pacto Primordial e, com um desprezo admirável para com o Poder das Potências da Matéria, o depositaram no Mundo e o resguardaram de qualquer ataque, para que os homens ou seus líderes carismáticos ***o descubram e se valham de seu significado***.

A Estratégia Odal dos Deuses acha-se, então, voltada para o interior de cada homem, através dos "Cantos carismáticos", tratando de despertar neles a Recordação de Sangue e de induzi-los a seguir alguma das sete vias de libertação. Mas também procura impulsionar a Raça em seu conjunto, para que pare de marchar no sentido "evolutivo" ou "progressista" da História e, rebelando-se contra o Plano do Uno, em um salto inverso, transmute as "tendências animais" do homem e recupere sua natureza Divina Hiperbórea. Para conseguir este segundo objetivo, já não apenas individual, mas racial, disse que se dispõe de um "elemento externo". O que será, concretamente, este "elemento externo", esta "coisa", à qual atribuí propriedades tão maravilhosas? Trata-se de algo, que apenas a mera descrição implicaria em vários volumes e que, em Dias anteriores, chamei de ***"Graal"***. Sendo impossível revelar aqui um Mistério que foi impenetrável para milhões de pessoas, tratarei, como de costume, de me "aproximar" do mesmo, por meio de alguns comentários.

Perguntava-se o que seria ***concretamente*** essa coisa maravilhosa chamada de ***Graal*** Começarei por ali. Concretamente, o Graal é uma Pedra, um Cristal, uma Gema; disto não há dúvida. Mas ***não é uma Pedra terrestre***; disto tampouco há dúvida. Se não é uma Pedra terrestre, vale perguntar qual é a sua origem: a Sabedoria Hiperbórea afirma ***que provém de Vênus***, mas não assegura que essa seja sua origem. Pode-se supor, pois, por falta de maior precisão, que os Senhores de Vênus a trouxeram à Terra, desse planeta verde. Mas os "Senhores de Vênus" não são originários de Vênus, e sim de Hiperbórea, um "centro original" que não pertence ao Universo material, e cuja "Recordação de Sangue" levou muitos homens adormecidos a identificá-lo erroneamente com um "continente nórdico" ou "polar desaparecido". Segundo a Sabedoria Hiperbórea, o Graal foi trazido ao Sistema Solar pelos Deuses ***imediatamente depois de irromperem pela Porta de Vênus para se instalarem em K'Taagar, ou seja, no Valhala***. Seja como for, há outro aspecto concreto que convém levar em conta: o Graal é uma Gema que se reveste da maior importância para os Deuses, a tal ponto de que ***Eles não estão dispostos a abandoná-lo ou perdê-lo***. Por camaradagem e solidariedade para com os homens adormecidos, situaram-no no Mundo; mas, no final do Tempo, o Graal será recuperado e devolvido ao seu lugar de Origem.

A que se deve esse exacerbado interesse em conservar a misteriosa Gema? Porque a mesma foi tirada momentaneamente da Mais Bela Joia que jamais se viu no Universo do Uno, daquela joia que ninguém seria capaz de imitar neste nem nos outros Mundos: nem os Mestres Ourives, nem os Devas Construtores, nem os Anjos Planetários, Solares ou Galáticos, etc. Porque o Graal é uma Gema da Coroa de Kristos Lúcifer, Aquele que é mais Puro do que o mais Puro dos Deuses Leais, o único que pode falar cara a cara com o Incognoscível. Kristos Lúcifer é quem ***estando no Inferno está além do Inferno***. Podendo ficar em Hiperbórea, à luz do Incognoscível, Kristos Lúcifer quis acudir em resgate dos Espíritos cativos, protagonizando o incompreensível sacrifício de Seu próprio ***autocativeiro***. Ele se instalou como Sol Negro do Espírito, "iluminando" carismaticamente, "detrás" de Vênus, por intermédio do Paráklito, diretamente no sangue dos homens adormecidos.

Como uma Gema do Galante Senhor se maculou caindo aqui, na Terra, uma das cloacas mais repugnantes dos Sete Infernos? Porque Ele assim o dispôs. Kristos Lúcifer entregou o Graal aos homens ***como garantia*** de seu compromisso, de seu sacrifício, e ***como prova material irrefutável da Origem Divina do Espírito***.

O Graal é, neste sentido, um ***reflexo*** da Origem Divina, o qual haverá de guiar como um farol o rumo vacilante dos Espíritos Rebeldes que decidam abandonar a escravidão de Jeová Satanás.

Já se viu o que o Graal é: uma Gema da Coroa de Kristos Lúcifer; ver-se-á agora o que o Graal ***representa*** para os Espíritos cativos. Antes de mais nada, o Graal acha-se ligado à ***encarnação dos Espíritos*** e seu significado primordial deve-se buscar em relação a tal Mistério. Isso se explica se

levarmos em conta que, há milhões de anos, quando os Siddhas Traidores se aliaram ao Demiurgo Jeová Satanás para encarnar os Espíritos Hiperbóreos, Kristos Lúcifer entregou sua Gema para que ***a Verdade da Origem Divina pudesse ser vista com olhos mortais***. Por isso o Graal colocado no Mundo como prova da Origem Divina do Espírito, ***dá sentido a todas as linhagens hiperbóreas da Terra***. Por ele, o sangue dos homens, mesmo imersos na mais tremenda confusão, reclamará sempre sua ***herança extraterrestre***.

A presença do Graal, a princípio, ***impede o Inimigo de negar os ancestrais hiperbóreos***. Mas, assim como o Graal dá um sentido cósmico à História do homem, conectando-o com a Raça eterna das origens, e ***diviniza*** as linhagens hiperbóreas da Terra, da mesma forma, para o Demiurgo, pela presença do Graal, tais linhagens passam a ser "motivo de escândalo" e objeto de perseguição e desprezo, de castigo e dor. As ***Divinas*** linhagens hiperbóreas serão, a partir do Graal, ***linhagens heréticas*** "condenadas para sempre" (um *Manvantara*) por Jeová Satanás. O Graal veio despertar lembranças indesejáveis, valorizar o passado do homem; será então a recordação e o passado o que mais se atacará e a apagar sua influência visará, em maior grau, a Estratégia Sinárquica. Se se é capaz de perceber este ataque, que é evidente para o olhar gnóstico, compreender-se-á com maior profundidade a função ***histórica*** do Graal. Dedicarei os parágrafos seguintes a evidenciar isso.

O principal crime do homem foi negar a supremacia de "Deus", quer dizer, do Demiurgo terrestre Jeová Satanás, e rebelar-se contra sua escravidão. Mas o homem é um ser miserável, imerso em um Inferno de Ilusão, no qual se sente insensatamente "à vontade", sem possibilidades de quebrar o feitiço por si mesmo. Se negou o Demiurgo e se "rebelou", foi em virtude de um agente exterior, mas: que "coisa" no Mundo pode ser capaz de ***despertar*** o homem, de ***abrir seus olhos*** para a divindade esquecida? "Se tal coisa existe, dirão os Demônios, é o objeto mais abominável da Criação material". Mas essa "coisa", esse "objeto abominável", não é deste Mundo e dele "comeu" o homem-Espírito-cativo. Esse "fruto verde", que mais tarde chamarão de Graal é um alimento que nutre com a ***gnose primordial***, quer dizer, com o conhecimento sobre a Verdade das origens. Pelo Graal, fruto proibido por excelência, o homem saberá que é Eterno, que possui um Espírito Divino encadeado à matéria, que procede de um Mundo impossível de imaginar ***a partir do Inferno terrestre***, mas pelo qual ***sente nostalgia*** e ao qual ***deseja regressar***.

Pelo Graal o homem recordou!

Eis aqui seu primeiro crime. Recordar a Origem Divina será, doravante, um terrível pecado e os que o cometeram deverão pagar por isso; essa é a Vontade do Demiurgo, a "Lei de Jeová Satanás". Serão os seus Ministros, os Demônios de Chang Shambala, que se encarregarão de executar a sentença, cobrando o castigo em uma moeda que se chama dor e sofrimento. O instrumento será, naturalmente, a encarnação, repetida mil vezes em transmigrações "controladas" pela "Lei" do Karma, declarando cinicamente

que a dor e o sofrimento são "para o bem" dos Espíritos, "para favorecer sua evolução". Se "o mal" tem raízes no sangue, então este deverá ser enfraquecido, incentivando-se a mistura racial e se tornará impuro, ao ser envenenado com o ***temor do pecado***. O resultado disso será a ***confusão estratégica*** do Espírito e a completa obscuridade sobre o passado do homem. "No passado não há nada digno de ser resgatado", afirmarão durante milênios as pessoas sensatas, em coro com os Demônios da Fraternidade. A Teologia, e mesmo a Mitologia, falarão sobre o mal do homem com a linguagem do Demiurgo: o "pecado", a "queda" e o "castigo". A "Ciência", por outro lado, mostrar-nos-á um panorama mais desalentador: "provará", lançando mão de imundícies fósseis, que o homem descende de um proto-símio chamado de "hominídeo", ou seja, desse mísero e desprezível animal-homem que foi o antepassado do homem adormecido. A "Ciência" levou o passado do homem à sua degradação mais dramática, vinculando-o "evolutivamente" aos répteis e vermes. Para o homem moderno já não existirão ancestrais Divinos, mas símios e trilobitas. Realmente, necessita-se partir de um ódio sobre-humano para desejar que o homem se humilhe de maneira tão triste.

Mas deixemos o triste, sejamos otimistas: para que olhar o passado, dirá a Sinarquia com a Voz da Ciência e da Teologia, se o homem é "algo projetado para o futuro"? No passado não há nada digno de respeito: alguns primitivos crustáceos marinhos, afundados no lodo, tratando de ganhar o ambiente terrestre, impulsionados pela "evolução"; milhões de anos depois, alguns símios decidem se tornar homens: impulsionados novamente pela milagrosa "lei da evolução" viram bípedes, fabricam ferramentas, comunicam-se falando, perdem o pelo e entram na História; e depois vem a História do homem: os documentos, a Civilização, a Cultura. E na História continua implacável a "evolução", transformada agora em uma lei mais inflexível, chamada de dialética: os desacertos da humanidade, as guerras, a intolerância, o fascismo, são "erros"; os acertos, a paz, a democracia, a O.N.U., a vacina Sabin, são "êxitos". Da luta entre êxitos e erros surge sempre um estágio superior, um benefício para a Humanidade ***futura***, confirmando-se a tendência evolutiva ou progressista. Por acaso não é essa tendência progressista da História ***tudo de bom que se pode esperar do passado***?

Por isso, sejamos otimistas; olhemos para o futuro; ali estão todos os bens, todas as realizações; o teólogo assegura que depois de um julgamento ***futuro***, para os bons serão abertas as portas do paraíso; os rosa-cruzes, maçons e outros teosofistas, situam no futuro o momento em que, concluída parcialmente a "evolução espiritual", o homem se identifica com sua mônada, ou seja, com seu "Arquétipo Divino" e se incorpora às Hierarquias Cósmicas dependentes do Demiurgo; e até os materialistas, ateus ou cientistas apresentam uma imagem venturosa do futuro: mostram-nos uma sociedade perfeita, sem fome nem enfermidades, onde um homem, tecnocrata e desumanizado, reina feliz sobre legiões de androides e robôs.

Não abundarei em detalhes sobre um fato mais do que óbvio: tentaram ***apagar*** o passado do homem, desconectando-o de suas raízes hiperbóreas;

não se conseguiu apagar totalmente tal passado, mas, em compensação, conseguiu-se criar uma fratura metafísica entre o homem e seus ancestrais Divinos, de tal modo que, na atualidade, um abismo o separa das recordações primordiais; um abismo que tem nome: confusão. Paralelamente a tão sinistro propósito "projetou-se o homem para o futuro", eufemismo utilizado para qualificar a ***ilusão do progresso*** de que padecem os membros das Civilizações modernas. Tal "ilusão" é gerada culturalmente por poderosas "ideias-força", usadas habilmente como arma estratégica: o "sentido da História", a "aceleração histórica", o "progresso científico", a "educação", "civilização versus barbárie", etc. Os homens, condicionados desse modo, acreditam cegamente no futuro, olham só para ele, e mesmo os fatalistas, que vislumbram um "negro futuro", admitem que, se uma exceção imprevisível ou um milagre oferece uma "saída" para a Civilização, ela se encontra, de todas as maneiras, no "futuro"; o passado é, em qualquer caso, motivo de indiferença geral.

Este "fato evidente" representa, sem dúvida, um importante triunfo para a Sinarquia; mas um triunfo que não é definitivo. Efetivamente, Dr., o senhor viu que a máxima pressão da Estratégia Sinárquica se aplica em ***apagar*** o passado, em obscurecer a recordação da Origem Divina, e que tal ataque se produz como ***reação*** *à* ***ação gnóstica*** do Graal. Mas o Graal ***não é só*** um fruto proibido, consumido pelo homem em tempos remotos, imediatos à sua escravização.

O Graal é uma realidade ***que permanecerá*** no mundo enquanto o último Espírito Hiperbóreo continue cativo. Pelo Graal, sempre é possível que o homem ***desperte e recorde***.

Mas, para aproveitar sua gnose, é imprescindível compreender que o Graal, como ***reflexo da Origem***, ilumina o sangue ***desde o passado***. Sua luz vem ***ao contrário do sentido do tempo*** e, por isso, ninguém que tenha sucumbido à Estratégia Sinárquica poderá receber sua influência. Já se viu que uma poderosa Estratégia cultural "projeta o homem para o futuro" e tenta apagar seu passado e confundir suas recordações. Mas o Graal ***não deve ser buscado olhando o futuro***, pois assim jamais será encontrado. Estritamente falando, o Graal ***não deve de forma alguma ser procurado***, se com tal verbo, ***procurar***, entendemos uma ação que implique em "movimento". Só "procuram" o Graal aqueles que não compreenderam seu significado metafísico e acreditam, em sua ignorância, que se trata de um "objeto" que pode ser "encontrado". Recordarei uma das histórias medievais sobre o Graal que, mesmo deformada por sua adaptação judaico-cristã, conserva bastantes elementos da Tradição Hiperbórea. Nela, Parsifal, o louco puro, sai para "procurar" o Graal. Por desconhecimento, comete o absurdo de empreender a busca "viajando" cavalheirescamente por diferentes países. Este "deslocamento" visa ***essencialmente o futuro***, porque em todo movimento há uma temporalidade imanente e inevitável e, naturalmente, Parsifal jamais "encontra" o Graal "procurando-o" no mundo. Passam-se, assim, anos de busca inútil, até que compreende esta simples verdade. Então, um dia,

completamente nu, apresenta-se diante de um castelo encantado e, uma vez dentro, ***aparece-lhe o Graal*** (não o encontra) e seus olhos são abertos; percebe então que o ***trono está vago*** e decide reclamá-lo, transformando-se finalmente em Rei.

Deve-se ver nessa alegoria o seguinte: Parsifal compreende que o Graal ***não deve ser buscado no mundo*** (Valplads), através do tempo (Consciência fluente do Demiurgo), e decide valer-se de uma ***Via Estratégica Hiperbórea***. Para isso, ***situa-se*** "nu" (sem as premissas culturais preeminentes) em um castelo ("praça" fortificada pela lei do cerco), dessincronizando-se do "tempo do mundo" e criando um "tempo próprio", inverso, que "visa o passado". Então ***aparece*** o Graal e "abre seus olhos" (Recordação de Sangue). Parsifal percebe que "o trono está vago" (que o Espírito pode ser recuperado) e decide reclamá-lo (submete-se às provas de pureza das Vias Secretas de Libertação) e se transforma em Rei (transmuta-se em Homem de Pedra).

Espero ter esclarecido que o Graal não deve ser buscado, pois ele aparece quando a consciência do homem se dessincronizou do tempo do mundo e se despojou da máscara cultural. Desejo mostrar agora outro aspecto da reação inimiga que a presença do Graal motivou.

Pelo Graal, o homem comete o crime de despertar; pecou, e o castigo se cobra com a moeda da dor e do sofrimento, pela encarnação e a lei do Karma. Os encarregados de velar pela Lei, e aos quais mais ofende a recordação hiperbórea dos homens despertos são os "anjos guardiões", quer dizer, os Demônios de Chang Shambala e sua Fraternidade Branca. Há, além disso, uma reação ***direta do Demiurgo***, que convém conhecer. Mas, como tal reação repetiu-se muitas vezes, desde que os Espíritos Hiperbóreos foram encadeados ao jugo da carne, uma exposição completa deveria abranger um lapso enorme de tempo, que vai além da História oficial e se perde na noite de Atlântida e Lemúria. Claro que não poderei embarcar em um relato semelhante e, por isso, só me referirei à reação do Demiurgo ***em tempos históricos***, mas não se deve esquecer que tudo quanto se diga sobre este fato, ***não é exclusivo de uma Época***, mas já foi e certamente voltará a ser. Uma breve introdução lhe permitirá compreender tal ***reação direta***.

Quando se apresenta a ingênua pergunta de como são os mundos de onde procede o Espírito cativo, acreditando que pode haver alguma imagem que represente a inimaginável Hiperbórea, a Sabedoria Hiperbórea costuma responder com uma figura metafórica. Diz assim ao ignorante aprendiz: "imagine que um grão de poeira recebe um fraco reflexo dos Mundos Verdadeiros, e suponha que, depois, tal grão seja dividido e reorganizado em infinitas partículas. Faça outro esforço de imaginação e suponha agora que o Universo material que você conhece e habita foi construído com os pedaços daquele grão de poeira. A Sabedoria Hiperbórea lhe diz: se é capaz de reintegrar em um ato de imaginação a imensa multiplicidade do Cosmo no grão original, então, vendo-o em sua totalidade, perceberá um fraco reflexo dos Mundos Verdadeiros. ***Se é capaz de reintegrar o Cosmo em um grão***

de poeira, verá só uma imagem deformada da Pátria do Espírito. Isso é tudo quanto pode-se conhecer a partir daqui".

A metáfora torna-se transparente, se consideramos que o Demiurgo construiu o Universo imitando uma torpe e deformada imagem dos Mundos Verdadeiros. Insuflou Seu Alento na Matéria e a ordenou com o objetivo de "copiar" o fraco reflexo que uma vez recebeu das Esferas Incriadas. Mas nem a substância era adequada nem o Arquiteto estava capacitado para isso e, somada a esses males, deve-se considerar a intenção perversa de pretender ***reinar como Deus da obra***, à semelhança (?) do Incognoscível. O resultado está à vista: um Inferno maligno e insano, no qual, muitíssimo tempo depois de sua criação, por um Mistério de A-mort, incontáveis Espíritos Eternos foram escravizados, encadeados à matéria e submetidos à evolução da vida.

A característica principal do Demiurgo é, evidentemente, a ***imitação***, por meio da qual tentou reproduzir os Mundos Verdadeiros e cujo resultado foi este vil e medíocre Universo Material. Mas é nas diferentes partes de Sua Obra onde se percebe a alucinante persistência em imitar, repetir e copiar. No Universo, "o todo" é sempre cópia de "algo": os "átomos", todos semelhantes; as "células", que se dividem em pares análogos; os "animais sociais", cujo instinto gregário se baseia na "imitação"; a "simetria", presente na infinidade de fenômenos físicos e biológicos; etc. Sem estender-me em mais exemplos, pode-se afirmar que a esmagadora multiplicidade formal do real é só uma ilusão, produto do cruzamento, intersecção, combinação, etc., de umas poucas formas iniciais. Na verdade, o Universo foi feito a partir de poucos elementos diferentes, não mais do que vinte e dois, que mantêm, por suas infinitas combinações, a totalidade das formas existentes.

Tendo-se em mente o princípio imitador que rege a obra do Demiurgo, pode-se considerar agora sua ***reação direta*** ante a presença do Graal.

Disse que o Graal ***diviniza*** as linhagens hiperbóreas, ao provar de forma irrefutável a verdade da Origem e que a reação dos Demônios foi considerar as mesmas como ***linhagens heréticas***, merecedoras do castigo mais terrível.

Mas enquanto os Demônios se ocupavam em castigar os homens com as pesadas cadeias do Karma, bem outra seria a atitude do Demiurgo. Ele, conforme sua característica, quis ***imitar***, e mesmo superar, as linhagens hiperbóreas, fundando uma ***Raça Sagrada*** que o representasse diretamente, quer dizer, que ***canalizasse sua vontade*** e, por intermédio da mesma, reinasse sobre os Espíritos encarnados. Uma "Raça Sagrada" que se levante no próprio meio dos povos condenados à dor e ao sofrimento da vida e que, triunfando sobre eles, termine por lhes infligir a humilhação final de submetê-los à Sinarquia dos Demônios. Então as linhagens hiperbóreas, afundadas no barro da degradação espiritual, exalarão seus últimos lamentos e esses gritos de dor, esses gritos de horror, serão a doce música com que a Raça Sagrada presenteará seu "Deus" Jeová Satanás, o Demiurgo da Terra.

Como já disse, o Demiurgo tentou muitas vezes esta empresa; "os ciganos", por exemplo, são remanescentes étnicos de uma "Raça Sagrada" que prosperou na última Atlântida, quando os Deuses Traidores submeteram à

Sinarquia do Horror as linhagens hiperbóreas. Os Espíritos encarnados viram-se ali precipitados às mais infames práticas: o sangue Divino se degradou e se confundiu, por meio da mistura indiscriminada de Raças, e o que é pior, conseguiram realizar cruzamentos férteis entre homens e animais, com o concurso da magia negra; imolaram-se milhares de vítimas humanas para saciar a sede de sangue de Jeová Satanás, adorado ali em seu Aspecto de "Deus dos exércitos infernais". A crueldade, a orgia coletiva, diferentes formas de drogadição, etc., eram todos "costumes" que as linhagens hiperbóreas tinham adotado, enquanto nos olhos da "Raça Sagrada" brilhava de satisfação o olhar do Demiurgo e a Sinarquia do Horror exercia sua tirania de oricalco. Em tal estado de degradação, ninguém mais era capaz de receber a luz do Graal nem de escutar o Canto dos Deuses. Por isso, Kristos Lúcifer decidiu se manifestar ***à vista dos homens***. E o fez acompanhado por uma guarda de ***Deuses*** Libertadores, e isso determinou o fim da Atlântida...

Mas esta é uma história antiga. Em tempos recentes, o Demiurgo resolveu ***repetir*** novamente, imitando as linhagens hiperbóreas, a criação de uma "Raça Sagrada" que o represente e à qual estará reservado o alto Destino de reinar sobre todos os povos da Terra. Com o Pacto de Sangue celebrado entre Jeová Satanás e Abraão é fundada a "Raça Sagrada", e seus descendentes, os hebreus, constituirão o "Povo Eleito". Assim como os Espíritos Hiperbóreos, divinizados pela presença do Graal representam a "linhagem herética" por excelência, os hebreus, diante deles, se apresentarão como a "linhagem mais pura da Terra".

Israel, povo eleito por Jeová Satanás para que seja seu representante na Terra, quais títulos exibirá como ***prova irrefutável*** de que tal é Sua Vontade? O Demiurgo, seguindo seu habitual sistema de "imitar", raciocina deste modo: "Se pela Gema de Kristos Lúcifer, o Graal foi divinizada a linhagem hiperbórea, também por uma 'Pedra do Céu' será consagrada a Estirpe de Abraão. Colocarei no mundo uma Pedra na qual estará escrita Minha Lei, como ***prova irrefutável*** de que Israel é o Povo Eleito, ante o qual deverão se humilhar as demais Nações.

Essa é a reação direta do Demiurgo. Escolhe entre a escória da humanidade o povo mais miserável e depois de pactuar com ele, o faz "crescer" à sombra de Reinos poderosos. Quando decide que chegou o momento de a "Raça Sagrada" cumprir sua missão histórica, "renova o pacto", entregando a Moisés a chave do Poder. Então, Israel, a linhagem mais pura da Terra, atravessa os milênios e marcha para seu futuro de glória, enquanto os Impérios e Reinos se afundam na poeira da História. Sem dúvida, foi eficaz a reação do Demiurgo e poderosos foram os efeitos de Sua Pedra, a força de Sua Lei. É por isso que temos que nos perguntar: o que é, na realidade, o que Jeová Satanás entrega aos hebreus como instrumento de poder e de dominação universal? Repetirei sinteticamente: as "Tábuas da Lei" contêm o segredo das vinte e duas vozes que o Demiurgo pronunciou quando ordenou a matéria e pelas quais foi formado tudo o que existe. O conjunto de símbolos contidos nas Tábuas da Lei é o que outrora se conhecia como ***Cabala***

Acústica. Na Atlântida esse conhecimento foi, a princípio, patrimônio de outra "Raça Sagrada", mas, mais adiante, os Guardiões da Arte Lítica, antepassados dos Cro-magnon e pais da Raça Branca, chegaram a dominá-lo completamente.

"As Tábuas da Lei" são, então, "a Pedra" que o Demiurgo colocou no Mundo, como suporte metafísico da "Raça Sagrada", como imitação do conjunto "linhagem hiperbórea/Graal". No entanto, como em todas as "imitações" do Demiurgo, não se deve ver aqui uma equivalência muito precisa. O Graal desde o passado, reflete para cada um dos homens a Origem Divina e se constitui em uma tentativa de Kristos Lúcifer em acudir em ajuda aos Espíritos cativos ou, em outras palavras, a influência do Graal visa ao individual e o espiritual. As Tábuas da Lei, pelo contrário, visam ao coletivo, entre Jeová Satanás e o povo hebreu e, além disso, seu conteúdo cabalístico revela as chaves que permitem dominar todas as Ciências materiais.

Se a confusão estratégica, a encarnação, o encadeamento à Lei do Karma, etc., são males terríveis que afligem os Espíritos Hiperbóreos, a convivência terrestre com uma "Raça Sagrada" de Jeová Satanás é, sem dúvida, um pesadelo aterrorizante, muito pior do que qualquer dos infortúnios mencionados. Porque, a partir do "pacto renovado" com Moisés, a ***inimizade racial*** entre as linhagens hiperbóreas ("heréticas") e a linhagem hebraica ("sagrada") será permanente e eterna, com a desvantagem irreversível para os primeiros de que a Vontade infernal do Demiurgo se expressará incontestavelmente através dos segundos.

Depois do "aparecimento" de Israel só resta ao homem a alternativa dramática de regressar à Origem ou sucumbir definitivamente.

Escavando no mito hebreu de Abel e Caim, sob um véu de calúnias, pode-se perceber uma certa descrição da inimizade racial e teológica entre hebreus e hiperbóreos. Em tal mito, Abel, que é pastor de rebanhos, representa o ***tipo*** básico do hebreu, e Caim, o lavrador, a figura do homem de linhagem hiperbórea. Conta a lenda que, para Jeová Satanás são agradáveis as oferendas de sangue de Abel, o pastor, consistentes no sacrifício de cordeiros primogênitos "com sua gordura", e, pelo contrário, despreza os "frutos da terra" que Caim exibe. Tal atitude da parte do Deus da Matéria constituiu-se em uma revelação para Caim: a descoberta das verdadeiras intenções do Criador e a essência materialista e servil dos pastores. Então Caim decidiu matar Abel, a Alma criada, o que motivou Jeová a denunciar que era portador de uma marca que delatava sua condição de assassino. Tal sinal seria reconhecido em todas as épocas por aqueles que fossem "como Abel", naqueles que demonstrassem ser "como Caim".

Aquele critério afetivo especial de Jeová Satanás se perpetuou através dos séculos no ódio que os hebreus sentem para com as linhagens hiperbóreas, ódio que, não se esqueça, ***provém do Demiurgo***, uma vez que ***"Israel é Jeová"***. Para os homens mentecaptos, quer dizer, aos quais lavaram o cérebro, para posteriormente convertê-los em fanáticos crentes da Bíblia, sempre é difícil justificar a predileção de Jeová "Deus" pelo sacrifício

sangrento de Abel e o desprezo pela produção agrícola de Caim. Contudo, tudo se esclarece se for lida com a linguagem cabalística, criptografada, do Gênesis, uma interpretação antiquíssima do Holocausto de Fogo. Efetivamente, ***"o holocausto do cordeiro primogênito com sua gordura" [Gênesis 4,4]***, representa o Holocausto da Morte Final da Humanidade e sua transformação na lixívia que "lavará o Sinal Abominável que está gravado na Pedra Quente": a oblação de Abel seria depois queimada, tal como o fazem até hoje os hebreus com os corpos dos animais sacrificados, e "a gordura", misturada com a cinza, formaria o sabão, a lixívia, que lavaria a mancha simbólica do "pecado de Caim"; tal "pecado" é, naturalmente, ser "agricultor", semeador de cereais, adorador da Deusa Ama, ou Ceres, ou Deméter, ou a Virgem de Agartha, a mãe de Navutan, quer dizer, quem entregou a semente do trigo para os homens, a Semente do Menino de Pedra. A "marca de Caim" é, então, o Sinal na Pedra Quente, o Símbolo da Origem que causa o encadeamento do Espírito eterno à Matéria; por isso Caim, ao portar dita marca, não poderá morrer nunca: será "imortal", como o são todos os homens que possuem Espírito, ainda que o ignorem, por estarem "adormecidos".

Robert Graves e o Rabino Raphael Patai, no livro "Os Mitos Hebreus", extraíram e sintetizaram o Mito de Caim de numerosos *Midrash* talmúdicos. Eis aqui uma das versões oficiais hebraicas, que demonstram o caráter espiritual luciférico de Caim e a natureza "criada" de Abel.

"Caim respondeu à repreensão de Deus com um grito que ainda repetem os blasfemos:

— Não há Lei nem Juiz.

Quando, pouco depois, encontrou Abel no campo, disse-lhe:

— Não há Mundo futuro, nem recompensa para os justos, nem castigo para os malfeitores. Este Mundo não foi criado com misericórdia, nem é governado com compaixão. Por qual outra causa foi aceita tua oferenda e rejeitada a minha?

Abel respondeu simplesmente:

— A minha foi aceita porque amo Jeová Deus; a tua foi rejeitada porque o odeias.

Então Caim decidiu golpear e matar Abel".

É interessante nos aprofundarmos mais na figura de Caim. Segundo a Bíblia, ele foi, além de agricultor, o primeiro a ***construir cidades amuralhadas*** e inventar os pesos e medidas. Seu descendente Tubal-Caim (desdobramento mítico do próprio Caim) foi fabricante de armas e de instrumentos musicais.

Se observarmos agora essa figura de Caim, à luz da Sabedoria Hiperbórea, comprovaremos que possui muitos dos atributos característicos das linhagens hiperbóreas. Antes de mais nada, a associação da Agricultura com a construção de cidades amuralhadas é uma antiquíssima fórmula estratégica hiperbórea que empregaram recentemente, por exemplo, os etruscos e os romanos, e que foi expressa com perfeição pelo rei germânico Henrique I, o Passarinheiro. Por outro lado, a invenção dos pesos e medidas,

que os hebreus atribuem a Caim, os gregos a Hermes e os romanos a Mercúrio, permite identificar Caim com esses dois Deuses hiperbóreos. E por último: a acusação de assassino e a condição de fabricante de armas revelam claramente que a figura de Caim representa os ***guerreiros temíveis***, os Homens de Pedra: a denúncia da famosa marca delata ou sinaliza essas qualidades.

Na Bíblia, o livro sagrado do "Povo Eleito", no mito de Abel e Caim, encontram-se perfeitamente reveladas as regras do jogo. Na "preferência" de Jeová Satanás pelos pastores hebreus, representados por Abel, e no desprezo e castigo das linhagens hiperbóreas, simbolizadas por Caim, aparece apresentado o conflito metafísico das origens, mas atualizado agora como confronto cultural e biológico. A Raça Sagrada hebraica veio trazer a Presença de Jeová Satanás (Presença ***consciente***, diferente do ***sopro panteísta*** com o qual o Demiurgo anima a matéria) ao plano da vida humana, da encarnação, da dor e do sofrimento. Por isso, a antiga inimizade transcendente entre Espíritos cativos e Demônios se transforma em inimizade imanente entre as linhagens hiperbóreas e o Universo material, dado que a Raça Sagrada é ***Malkhouth***, o décimo ***Sephiroth***, quer dizer, um Aspecto do Demiurgo. Isto deve-se entender assim: ***Israel é o Demiurgo***. Vale a pena esclarecer isso. Segundo os ensinamentos secretos da Cabala e tal como se pode ler no Livro do Esplendor, ***Sepher Yetzirah***, ou no Livro do Holocausto de Fogo, ***Sepher Icheh***, quer dizer, acudindo às fontes mais confiáveis da Sabedoria Hebraica, para a "criação" da "Raça Sagrada", Jeová Satanás manifesta um de seus dez Aspectos ou ***Sephiroth***. O décimo Sephiroth, ***Malkhouth (o Reino)***, é o próprio povo de Israel, de acordo com os textos oficiais hebreus, o qual mantém uma conexão metafísica com o primeiro Sephiroth, ***Kether (Coroa)***, que é a Cabeça ou Consciência suprema do Demiurgo. Em outras palavras: há identidade metafísica entre Israel e Jeová Satanás ou, se quiser, ***"Israel é Jeová Satanás"***.

Como dizia antes, a inimizade entre a Raça Sagrada e as linhagens hiperbóreas, inimizade que se viu declarada no mito de Abel e Caim, significa um confronto entre estas e o Universo material, dada a característica de Malkhouth, desdobramento do Demiurgo, que Israel ostenta. Com Malkhouth, o Demiurgo quis impor ***a realeza*** da linhagem sagrada hebraica aos restantes povos da Terra. Se estes povos gentios ***esqueceram o passado*** e se submeteram ao Plano que a Fraternidade Branca leva avante, então aceitarão de bom grado a ***superioridade hebraica*** e o mundo marchará alegremente para a Sinarquia. Mas, ai daqueles ***Goym*** que não renunciem à sua herança hiperbórea e persistam em recordar o conflito das origens! Não haverá lugar para eles na Terra, porque com a Presença de Malkhouth, a linhagem sagrada de Israel, o Demiurgo assegura sua perseguição e imediato aniquilamento. Dramático o destino do Espírito cativo! Durante milênios ***recordar a Origem***, quer dizer, exibir uma linhagem herética, era castigado pelos Demônios com um forte Karma, e a dor, o sofrimento, eram tão terríveis que se terminava esquecendo. Mas, enquanto esta degradação ocorria, no

fundo de seu coração, fervendo em seu sangue, o condenado podia participar da Recordação de Sangue e acessar a ***Gnose***; era seu direito: se conseguisse se elevar do pântano da confusão espiritual, ninguém podia impedi-lo de receber a luz do Graal, nem de escutar o Canto dos Deuses. Com Israel, nem esta miserável oportunidade de despertar seria mais possível, pois o conflito foi apresentado em termos biológicos, raciais, culturais...: quem se comprometa na luta, deve agora arriscar tudo, pois ao enfrentar Israel se está enfrentando o próprio Demiurgo. Israel avança na História com uma força irresistível. Suas grandes ideias vão dominando pouco a pouco a Cultura do ocidente, paralelamente com o crescimento de sua potência financeira. Quem seria capaz de se opor à força conjunta do judaico-cristianismo, da judaico-maçonaria, do judaico-marxismo, do sionismo, do Trilateralismo? Quem poderia "quebrar" os bancos de ***Rothschild***, de ***Jacob Schiff***, de ***Kuhn, Loeb & Co.***, de ***Rockefeller***, etc.? E quem competiria com os hebreus nas áreas da Ciência ou da Arte? Já descrevi o fantástico ***Poder Material*** alcançado pela Sinarquia Templária na Idade Média; pense, Dr. Siegnagel, o que deve representar tal Poder hoje em dia; contra estas forças organizadas, o homem não tem a menor chance. Por isso, diante de tão formidável Poder, a única alternativa estratégica válida é o confronto racial: à Raça Sagrada de Jeová Satanás opor a linhagem hiperbórea dos Espíritos cativos. E neste choque de linhagens, nesta guerra levada ao campo do sangue, o homem desperto, aquele que se recorde e deseje regressar, deverá escutar o Canto dos Deuses e, seguindo uma via secreta de libertação, encontrar "a saída", regressar à Origem, e transmutar-se em Homem de Pedra. Terá assim cumprido a primeira parte da Estratégia Odal. Mas, se um Líder carismático, desperto e transmutado, coloca-se à frente de uma comunidade racial e decide guiar os homens ***conjuntamente*** de Regresso à Origem, poderá aplicar totalmente a Estratégia Odal, aproveitando a presença do Graal. Neste caso, o Líder travará Guerra Total contra as forças demoníacas da Sinarquia, mas exercerá especialmente sua maior pressão ***sobre a Raça Sagrada***, pois ela representa ***diretamente*** o Inimigo, ou seja, o Demiurgo Aprisionador. No entanto, só na era moderna, quando a presença universal da Sinarquia e o poder da Raça Sagrada fiquem em evidência, será possível que algum Grande Chefe identifique corretamente o Inimigo e declare contra Eles a Guerra Total.

A inimizade irreconciliável entre a linhagem sagrada hebraica e a linhagem herética hiperbórea poderia ser exemplificada considerando as infinitas vezes em que se produziram confrontos e descrevendo os diferentes resultados. Pode-se assegurar que haveria material para preencher vários tomos, razão pela qual devo ser prudente e me referir ao estritamente necessário para a compreensão da Estratégia Odal dos Deuses Leais. É com este critério que vou considerar apenas um exemplo, mas um exemplo que será altamente esclarecedor.

Depois do afundamento da Atlântida, e em virtude das diretrizes do Pacto Cultural, as linhagens hiperbóreas concordaram sempre em que a sociedade humana deveria se organizar ao redor de três funções principais: Régia,

Sacerdotal e Guerreira. A ***harmonia*** e a ***independência*** das três funções garantiria um certo equilíbrio apropriado para os tempos de paz e de prosperidade, ou seja, ***quando a sociedade progride materialmente para o futuro***. Em diferentes épocas de sua história, muitíssimos povos de linhagem hiperbórea experimentaram breves períodos em que o equilíbrio das três funções permitiu desfrutar dessa tranquilidade social, medíocre e cortesã, que ocultava, na realidade, uma ausência total de contato carismático entre a massa do povo e seus Líderes, situação típica que se caracteriza pela indiferença geral. Quando uma sociedade se estabiliza deste modo, a Fraternidade Branca de Chang Shambala afirma que "evolui" e que "progride". É, pois, do interesse dos Demônios levar a Humanidade a um estado de equilíbrio permanente das três funções. Com qual objetivo? Para preparar o advento da Sinarquia, quer dizer, a Concentração do Poder em mãos de uma Sociedade Secreta ou confraria oculta. Qual a finalidade de concentrar o poder nas mãos de seres que agem nas sombras? A resposta está relacionada com a manifestação, por parte do Demiurgo, de "Malkhouth", a Raça Sagrada: o poder sobre as nações pertence (nesta etapa do Kaly Yuga) a Israel, como herança de Jeová Satanás e prova de sua linhagem teológica. Enquanto não chega o tempo de Israel, a Sinarquia será a regente do poder concentrado pela Fraternidade Branca.

Compreende-se que os Deuses Leais, diante de semelhante conspiração, procurem desestabilizar o equilíbrio sinárquico das sociedades e influam carismaticamente nos homens, com a finalidade de despertar um deles e transmutá-lo em Líder hiperbóreo. Tal é, fundamentalmente, o objetivo da Estratégia Odal. Por isso, o Canto dos Deuses clama, sem cessar, no Sangue Puro e o Graal é uma presença permanente que mostra, a quem o deseje ver, o reflexo da Origem Divina do Espírito. Mas não se deve acreditar que a Estratégia Odal só tem sucesso quando acontece uma autêntica transmutação do homem adormecido em Homem de Pedra; esse é, sem dúvida, o êxito mais importante, mas não é muito frequente, especialmente no caso de Líderes ou Condutores de povos. Há, em troca, outros casos, não tão vistosos nem evidentes como uma transmutação, mas cuja influência benéfica na organização das sociedades motivou que sejam considerados também como êxitos da Estratégia Odal. Refiro-me especificamente àqueles Líderes que, com certo grau de inconsciência, escutam o Canto carismático e intuem alguns princípios da Sabedoria Hiperbórea. Como não se acham completamente despertos e ignoram a origem da "mensagem", aplicam ao governo de seus povos os princípios estratégicos, tomando-os como invenção própria. Poderia abundar em exemplos, mas terá particular interesse para o senhor, Dr., considerar o caso daqueles que "descobriram", sem o saber, o princípio do cerco.

Quando, na estrutura mental de um Líder, incorporou-se o "princípio do cerco", seu Sangue Puro, e com este o Canto dos Deuses, o impulsiona a aplicar a "lei do cerco" em todos os seus atos concretos. Surgem, assim, desde sociedades particulares até teorias políticas, filosóficas, morais, etc.,

concebidas e executadas de acordo com a lei do cerco, no quadro da Estratégia Odal. Um exemplo típico é a ideia do "Império Universal". Vale a pena comentar isso.

Quando a Estratégia Odal consegue despertar a natureza Divina em algum Líder, é viável que sua posterior atividade provoque notáveis mudanças sociais. Se é Rei, quer dizer, se exerce a Função Régia, avançará gibelinamente sobre a Função Sacerdotal e, com o apoio da Função Guerreira, tratará de expandir os limites de seu Estado. Se o Líder é um guerreiro notável, não tardará em cingir-se a coroa para, depois, esmagando a Função Sacerdotal, dedicar-se à tarefa de organizar um Estado militar. Na maioria dos casos, o desequilíbrio das três funções se realiza às custas da Função Sacerdotal, que costuma ser lunar e sinárquica. O importante é que o Líder, Rei ou Guerreiro, ao aplicar a lei do cerco em sua visão da sociedade, conclui que, geralmente, a ideia do Império Universal é a mais apropriada para demonstrar a superioridade de sua Raça e para perpetuar a memória de sua Estirpe.

O Estado universal de Akkad; os Impérios da Assíria e da Babilônia; o Grande Império Persa, destruído por Alexandre Magno; o Império Romano; etc., foram concebidos do mesmo modo: pela aplicação da lei do Cerco, no quadro da Estratégia Odal, que os Líderes hiperbóreos fizeram no transcurso dos milênios. Não posso deixar de mencionar que muitas "ideias modernas" registram o mesmo procedimento em sua concepção: tal como as diferentes variações do "nacionalismo"; o "fascismo"; o "falangismo"; o "nacional-socialismo", as "federações" e "confederações"; etc. Estas e muitas outras teorias políticas são o produto da aplicação da lei do Cerco por parte de alguns Líderes modernos. No caso do "fascismo", "nacional-socialismo", etc., é evidente que têm uma conexão bastante estreita com a antiquíssima ideia do Império Universal, o que explica de modo eloquente o porquê de tais ideologias terem sido perseguidas até o aniquilamento pelo Povo Eleito e as forças da Sinarquia.

É que, justamente, a ideia do "Império Universal", que é hiperbórea e surge da aplicação da lei do Cerco, opõe-se irredutivelmente à ideia da "Sinarquia Universal" propiciada pela Fraternidade Branca de Chang Shambala, e levada avante a favor do Povo Eleito.

Havia-me proposto a dar um exemplo da inimizade irreconciliável entre a linhagem herética hiperbórea e a linhagem sagrada hebraica, e isso ficou claro na oposição entre Império Universal e Sinarquia, quer dizer, entre suas respectivas concepções ideais da sociedade. Munido destas chaves, qualquer um pode revisar a História e tirar suas próprias conclusões; não é, pois, necessário insistir mais acerca disso.

Disse anteriormente que a "Raça Sagrada" foi criada pelo Demiurgo como ***imitação*** das linhagens hiperbóreas e mostrei que "As Tábuas da Lei" e o terrível conhecimento com que eram escritas, foram entregues aos hebreus, ***da mesma forma*** que o Graal foi entregue aos hiperbóreos. Posso acrescentar agora que a "imitação" não acabou ali; pelo contrário, durante séculos, preparou-se uma infernal falsificação histórica que, nos fatos, viria a significar

uma afronta infinitamente mais ofensiva do que a imitação das linhagens hiperbóreas ou do Graal. Estou falando da usurpação, vulgarização e degradação perpetrada contra a figura Divina de Kristos Lúcifer.

Já mencionei que, durante os dias de maior decadência espiritual da Atlântida, Kristos Lúcifer ***manifestou-se*** à vista dos homens adormecidos. Sua Presença teve a virtude de purificar e orientar muitos homens, os quais, graças a essa descida aos Infernos realizada pelo Galante Senhor, puderam, assim, empreender o caminho do Regresso. No entanto, a reação covarde dos Deuses Traidores, que recorreram ao emprego da magia negra para impedir o resgate, conduziu finalmente a uma guerra sem trégua, que só se concluiu quando desapareceu a última Atlântida. E ainda que o continente atlante desaparecesse, devorado pelas águas e milhares de anos de barbárie e confusão estratégica apagassem estes fatos da História, não é menos certo que o drama vivido foi tão intenso que nunca se obscureceu completamente na memória coletiva das linhagens hiperbóreas. Por isso, quando o Demiurgo concebeu a sinistra ideia de imitar, grosseiramente, a imagem redentora de "Kristos Lúcifer descendo entre os homens", era inexorável que tal infâmia desencadearia mudanças irreversíveis e confrontos definitivos.

O que pretendia desta vez o Demiurgo? Ainda que pareça incrível, desejava produzir, à ***imitação*** da transmutação hiperbórea, um salto na Humanidade. Mas não nos espantemos muito: o que se procurava era ***um salto*** para a frente, ***para o futuro***, e sobretudo, tentava-se ***cingir*** os membros da Humanidade, sem distinção alguma por sua Raça ou religião, a um ***"tipo" psicológico*** universal, ou seja, a um ***Arquétipo coletivo***. Esse Arquétipo, é claro, era o da Raça hebraica, pois o que se queria, definitivamente, era ***judaizar*** a humanidade e prepará-la para o Governo Mundial da Sinarquia.

Para levar avante um plano tão ambicioso, se colocariam em movimento numerosas forças, que concorreriam para a figura do Messias e fariam possível seu Ministério terrestre. Para a missão de "preparar o veículo" mediante o qual Jeová Satanás se manifestaria aos homens, foi comissionado um dos Mestres de Sabedoria da Fraternidade Branca, que seria conhecido, depois de sua encarnação, como Jesus de Nazareth. Tampouco se descuidou da linhagem, e por isso o Mestre Jesus encarnou no seio de uma família hebraica cuja genealogia podia se reverter até Abraão. Mas o corpo físico do Messias possuiria uma constituição diferente da de um simples hebreu: Maria seria engravidada "com o olhar" por um dos Demônios da Hierarquia, o "Anjo Gabriel", que, na realidade, emprega o método de "intersecção de campos", uma das três formas de partenogênese que existem: deste modo, ***imitava-se também a Virgem de Agartha, Ama, Mãe de Navutan, que foi engravidada em Vênus por outro "Anjo", o "Serafim Lúcifer"***. O Mestre Jesus animaria, durante trinta anos, esse corpo superior, mas seria a seita essênia que, durante todo esse tempo, se encarregaria de desenvolver suas potencialidades esotéricas, treinando-o nos segredos da Cabala acústica. Nesta tarefa, os essênios seriam assistidos pelos Mestres da Hierarquia, e estes pelos Deuses Traidores; Chang Shambala inteira tinha se concentrado

em sustentar o Messias, já que, do sucesso de sua missão dependeria, em alto grau, a "evolução" futura da Humanidade. Se a obra do Messias triunfasse, a humanidade inteira seria "civilizada", quer dizer, judaizada, e se acabaria a "barbárie", quer dizer, a recordação mitológica dos ancestrais Divinos.

O mais horroroso dessa conspiração era que o Demiurgo e seus Demônios contavam, desta vez, ***com a Memória do Sangue*** que as linhagens hiperbóreas ainda guardavam do Kristos da Atlântida, para "atraí-los" para a sua imitação, o Jesus Cristo, e mediante uma fantástica confusão, submetê-los definitivamente. Com que colossal hipocrisia se planejou e se executou o golpe! Depois de Jesus Cristo, quem seria capaz de distinguir entre o Kristos da Atlântida e sua caricatura? Só uns poucos suspeitaram do engano, Gnósticos, Maniqueus e Cátaros, e contra eles caiu o anátema das Forças Escuras, a perseguição e o aniquilamento. É que este Jesus Cristo, como Arquétipo judaico que é, permite muitas interpretações, todas "legais", segundo a conveniência da Sinarquia: há um Cristo redentor; um Cristo de piedade; um Cristo "que virá"; um Cristo-Deus, um Cristo-homem; um Cristo-revolucionário social; um Cristo-Cósmico; um Cristo-Avatar, etc.

O que nunca se permitirá conceber (ou "recordar") a ninguém é um Kristos de Luz Incriada, quer dizer, um Kristos Lúcifer. Depois de Jesus Cristo, esse será o maior pecado, a maior heresia, e o castigo merecido será um castigo exemplar.

"No ano 30 da Era cristã, o Verbo se fez carne e habitou entre os homens". Aquele por cuja Palavra foi criado o Mundo, vestiu-se com as roupas de seu Arquétipo Hebreu, Malkhouth, e se manifestou aos homens na pessoa de Jesus de Nazareth. Fenômeno dos fenômenos, Maravilha das maravilhas, que espetáculo prodigioso terá sido ver o Demiurgo feito homem! Há que se reconhecer que houve uma inegável qualidade em sua infernal ideia de imitar o Kristos da Atlântida e se aproveitar da Memória de Sangue dos homens. O resultado está à vista. Pouco a pouco, os povos saíram da "barbárie" e a "Civilização" se espalhou até os últimos cantos da Terra. E os homens, lenta, mas implacavelmente, foram se adaptando ao padrão psicológico judeu. Como se conseguiu esse êxito? Por qual alquimia coletiva a efêmera vida de Jesus Cristo conseguiu influir sobre os povos durante milênios, até desembocar em sua completa judaização? Foi apenas a Recordação de Sangue do Kristos da Atlântida o que determinou tal resultado ou houve outros fatores ocultos que contribuíram para a confusão da Humanidade e para a sua judaização atual? Sem entrar em muitos detalhes, dado que o tema é muito longo, posso dizer que o Arquétipo Hebreu de Jesus Cristo, que se encontrava igual a todos os Arquétipos no Plano Arquetípico, foi ***precipitado ao plano físico ou atualizado*** durante a encarnação do Demiurgo no corpo de Jesus de Nazareth. Tal atualização do Arquétipo Malkhouth significa que se estabeleceu ***uma força permanente*** na Terra, a qual atua de modo equivalente à gravitacional, "empurrando" o homem para a ***forma judaica***. Isso se deve a uma razão ***que é também um terrível segredo: Jesus Cristo***

não desencarnou! Pelo contrário, situou-se desde então "no centro da Terra", junto ao Rei do Mundo, irradiando dali sua "potência arquetípica" (hoje diríamos "informação genética") em infinitos eixos geotopocêntricos que partem do centro terrestre e atravessam a coluna vertebral dos homens. Esta é a força arquetípica permanente de Jesus Cristo. Mas não é a única: também atua sobre o homem uma influência judaica ***emocional***, irradiada do próprio "Povo Eleito" de Israel, já que a Raça Sagrada faz parte da anatomia oculta da Terra, cumprindo a função de ***chakra coração*** ou Anahata chakra.

Com respeito à última pergunta, vale a pena destacar que o "animal-homem" criado pelo Demiurgo há milhões de anos, para que "evoluísse" de acordo com o Plano que seguem os sete Reinos da Natureza, tendia naturalmente a formar um ***tipo*** que respondia a alguns Arquétipos básicos. No entanto, desde o ano 33 da Era Cristã, pode-se assegurar que o Arquétipo judaico de Jesus Cristo é agora o Arquétipo psicológico do homem, quer dizer, o ***tipo*** para o qual o homem tende a evoluir. Isso significa que, pelo antigo Mistério de A-mort, os homens possuem uma herança animal; são essas tendências animais que os impulsionarão inconscientemente para o Arquétipo judaico. Só a pureza de sangue poderá evitar o predomínio das tendências animais e o consequente perigo de que os homens venham a corresponder psicologicamente ao Arquétipo judaico.

Já mostrei de que modo o Demiurgo levou o conflito original ao campo do confronto racial, depois de criar a Raça Sagrada em imitação das linhagens hiperbóreas divinizadas pelo Graal. Agora acabamos de ver como uma nova imitação, desta vez de Kristos Lúcifer, significou outro avanço destruidor contra as linhagens hiperbóreas. A poderosa força formadora do Arquétipo judaico de Jesus Cristo, atuando desde o centro da Terra, em todo tempo e lugar, aumentou tremendamente o sonho no qual se encontrava, desde outrora, a "Consciência de Sangue" dos homens. No campo de batalha do sangue lutam sem trégua agora duas forças esotéricas: o Canto dos Deuses e a tendência arquetípica judaica de Jesus Cristo. E o "despertar" se tornou, então, uma luta terrível e desesperada, travada no interior e no exterior de cada um, ***muitas vezes inconscientemente***.

É por isso que, depois de Jesus Cristo, não será mais possível qualificar nem povos nem organizações, mas ter-se-á que se ater especificamente ao grau de confusão dos homens. Deve ser assim porque, em muitos casos, organizações sinárquicas inteiras poderão cair sob o comando de um homem subitamente consciente de algum princípio hiperbóreo (produto da luta esotérica que se trava em seu interior). Esse homem até poderia "torcer" momentaneamente o rumo dessa organização.

E vice-versa, em outros casos, poderá ocorrer que um grupo qualificado como "hiperbóreo" seja conduzido por personagens mais ou menos judaizados. Em um dos extremos, teremos hebreus (judeus de sangue) que se rebelarão contra Jeová e tentarão dramaticamente recuperar sua herança hiperbórea, caso que poderá ocorrer com mais frequência do que se costuma imaginar, bem como encontraremos muitas vezes pessoas que "pelo Sangue"

declararão serem perfeitos "arianos", mas que, psicologicamente, demonstrarão serem mais judeus do que o Talmude. Um exemplo muito eloquente obteremos observando a Igreja Católica, na qual convivem os adoradores de Jesus Cristo e do Demiurgo junto a padres nacionalistas e patriotas, que servem à causa de Kristos Lúcifer e dos Deuses Leais sem o saberem.

Deve-se, pois, ser prudente ao qualificar as organizações humanas e, mesmo aquelas claramente sinárquicas; sempre se deter para avaliar o grau de confusão dos homens com os quais se trata. Considera-se uma mostra de capacidade estratégica a habilidade para localizar, mesmo dentro de uma organização sinárquica como a Maçonaria, o "homem justo", a quem se falará depois, tratando de ***isolá-lo*** da organização na qual milita (apelando à aplicação da lei do cerco) para poder ***se dirigir***, mediante símbolos apropriados, ***à sua parte hiperbórea***.

Um exemplo de quanto venho dizendo constitui o caso da heresia soteriológica de Pelágio, chamada também de "pelagianismo". No início do século V, este bispo britânico começou a defender a teoria de que o homem, por si mesmo, é suficiente para protagonizar sua salvação. Isso é possível, segundo Pelágio, porque "há no homem um princípio de perfeição espiritual". É evidente, assim, que em Pelágio predominava a linhagem hiperbórea. Seu Sangue Puro logo lhe permitiu perceber que a "salvação" do homem (sua "orientação") dependia de "um princípio espiritual", o qual deveria ser "descoberto" e "cultivado" interiormente. Mas onde a posição "herética" de Pelágio era mais clara era no que se referia ao pecado original: o homem absolutamente não pecou e "se Adão pecou, seu pecado morreu com ele; não se transmitiu à descendência humana". Definitivamente, "o homem é livre" e "nasce sem pecado"; dali a demonstrar a injustiça da dor e do sofrimento, ou de qualquer outro castigo imposto por Jeová Satanás, havia só um passo. Em consequência, a perseguição contra Pelágio começou imediatamente e não acabou até sua eliminação, na África; foi levada adiante pelas mais importantes autoridades eclesiásticas de sua época, entre as quais se destacaram os Papas Inocêncio I e Zózimo, São Jerônimo e o apóstata gnóstico Santo Agostinho, o que prova o temor que produziam as ideias do herege.

No Sínodo de Cartago, no ano 411, foram condenadas sete proposições, síntese de sua doutrina. Vale a pena que as recorde agora, para comprovar que elas se derivam da Sabedoria Hiperbórea.

Eis aqui as sete proposições condenadas:

1 – Adão, mortal por sua criação, teria morrido com pecado ou sem ele. 2 – O pecado de Adão prejudicou apenas a ele, não à linhagem humana. 3 – As crianças recém-nascidas acham-se naquele estado em que se encontrava Adão antes de sua prevaricação (quer dizer: antes de provar o fruto proibido do Graal). 4 – É falso que nem pela morte nem pela prevaricação de Adão tenha que morrer todo o gênero humano e que tenha que ressuscitar pela ressurreição de Jesus Cristo. 5 – O homem pode facilmente viver sem pecado. 6 – A vida correta de qualquer "homem livre" conduz ao Céu, do mesmo modo

que o Evangelho. 7 – Antes da vinda de Jesus Cristo, houve homens "impecáveis", quer dizer, que de fato não pecaram.

Quadragésimo Sétimo Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

Enquanto os Golen marchavam com os Celtas para a Europa, o Reino de Judá, no Oriente Médio, era destruído por Nabucodonosor e sua população levada em cativeiro para a Babilônia, no ano de 597 A.J.C. Foram libertados em 536 e, vinte anos depois, em 516, reconstruíram o Templo de Salomão sem encontrar a arca com as Tábuas da Lei. No século IV, foram dominados pelos gregos de Alexandre e no século II se aliaram aos romanos contra os gregos (140 A.J.C.). Depois da morte de Júlio César, o Senado de Roma outorgou o título de Rei da Judeia a Herodes I, no ano 37 A.J.C., e no primeiro ano da Era cristã (ou em 4 A.J.C., se quiser) nasceu o Salvador, Jesus de Nazareth, o Cristo.

Depois de Herodes I, os romanos tiraram do Povo Eleito a possibilidade de ter um Rei de sua linhagem e colocaram no poder uma série de procuradores, que tentaram, em vão, dominar a crescente agitação social. A "crucifixão de Jesus Cristo", que não existiu, ou a "luta contra os cristãos", que se costuma dar como explicação da atitude belicosa e suicida dos judeus, não são corretas, sendo a verdadeira causa do mal-estar o fato, pressentido por todos os membros da Raça Sagrada, de que o Arquétipo Hebreu "seria lançado aos Gentios". Era palpável para eles, em virtude de compartilhar a substância do Demiurgo, a ação judaizante que se realizaria dali em diante sobre todo o mundo. O que não lhes parecia tão claro era: de que modo, depois da presença de Jesus Cristo, poderia se cumprir o antigo pacto com Jeová Satanás, a promessa de que a linhagem sagrada herdaria o poder sobre as demais nações? Seriam necessários vários séculos e o trabalho de eminentes Rabinos cabalistas para que os hebreus recuperassem a fé em seu papel na História. Mas, enquanto esse tempo não chegava, a paciência dos romanos se esgotou muito antes: no ano 70 D.J.C., o General Tito destruiu Jerusalém, o Templo de Salomão, e "dispersou" os judeus por todos os cantos do Império Romano. Com a Diáspora do ano 70, começa a história moderna do Povo Eleito, cuja culminação está para se produzir em nossos dias, quando a Sinarquia transferir para suas mãos a totalidade do poder mundial.

Quando, em 313, o Imperador Constantino, o Grande, reconheceu o cristianismo como religião oficial do Império Romano, iniciou-se uma época difícil para a Raça Sagrada. O motivo era que, nos povos recentemente cristianizados, predominava mais a Memória de Sangue de Kristos Lúcifer do que o Arquétipo judaico de Jesus Cristo, fato que quase sempre desembocava em um generalizado sentimento antijudaico. Ainda que, ao longo do tempo, terminasse por triunfar a permanente influência do "raio geotopocêntrico" de Jesus Cristo sobre a recordação hiperbórea, e as massas acabassem

judaizadas, enquanto isso, a Raça Sagrada corria o perigo de ser exterminada. Mas a "ameaça" logo seria conjurada.

Se existiu realmente um perigo efetivo contra os hebreus é algo que ter-se-á que duvidar, pois no século V, São Bento de Núrsia funda a Ordem na qual ingressarão, em massa, os Golen "cristãos", que se dedicarão, desde então, à tarefa de mediar entre a Igreja e a Sinagoga.

Conforme informei em Dias anteriores, as Tábuas da Lei ficaram onde as havia ocultado Salomão, e logo foram encontradas pelos Golen Templários, na Idade Média. Aquelas Tábuas foram feitas pelo Demiurgo Jeová Satanás para imitar a ação fundamental do Graal. Há que se indagar, pois, o que houve com o Graal, o "modelo" metafísico das Tábuas?

Ao contrário da pergunta sobre as Tábuas da Lei, que me obrigou a tratar de fatos da História, a questão do Graal me levará ao campo estritamente esotérico. Mas, em primeiro lugar, convém esclarecer que a pergunta foi mal colocada. Já esclareci que o Graal não deve ser procurado; acrescentarei agora que se trata de um objeto do qual não é possível se apropriar e que, portanto, deve ainda estar onde sempre esteve. É um erro, pois, tanto "procurar" o Graal como interrogar: o que aconteceu com ele? Mas, perguntar-se-á: como se terá que encarar esse Mistério, então, para obter algum conhecimento adicional, livre de paradoxos? A única maneira, a meu ver, de avançar no conhecimento do Mistério, consiste em aprofundar as analogias que unem a "função orientadora para a Origem" do Graal, função externa, com as "vias secretas de libertação espiritual" da Sabedoria Hiperbórea, que são funções internas, "orientadoras para a Origem".

Nesse sentido, pode-se estabelecer uma analogia muito significativa entre a "Pedra-Graal" da Estratégia Odal e os ***"lapis oppositionis"*** empregados na via da "Oposição Estratégica".

Já expliquei, sinteticamente, que a Via da Oposição Estratégica consiste no emprego da técnica arquemônica, quer dizer, na disposição de uma Arquêmona ou Cerco Estratégico e de um ***lapis oppositionis*** fora do cerco, na ***fenestra infernalis*** que dá para o Valplads. Aplicando a lei do cerco à Arquêmona, consegue-se ***isolar*** a praça do Valplads, quer dizer, consegue-se ***libertar uma área*** no Mundo do Demiurgo. Mas isso não é suficiente: é necessário que os Iniciados se dessincronizem do Tempo do Mundo e gerem um tempo próprio, inverso, que lhes permita ***dirigirem-se para a Origem***. Para isso, praticam a ***Oposição Estratégica contra os lapis oppositionis, que se encontram situados sobre uma Runa no Valplads, de frente para a fenestra infernalis***.

Agora tenho que abordar o Maior Segredo, aquele que explica o método empregado pelos Deuses para ***manter***, permanentemente, eternamente, se quiserem, o Graal no Mundo. Começarei indagando o seguinte: qual é a ***Residência*** dos Deuses Leais? Pode-se partir de uma resposta conhecida, que Eu repeti muitas vezes: os Deuses residem em ***K'Taagar***, no Valhala de Agartha. Tal resposta é correta, mas insuficiente, pois poder-se-ia perguntar, por sua vez: o que é o Valhala? Onde se encontra? Diante dessas

interrogações, podem-se adotar dois critérios: o primeiro seria recorrer a elementos da mitologia nórdica e dizer, por exemplo, que "no alto do Carvalho Yggdrasil encontra-se o Valhala, lugar onde vão residir os guerreiros mortos em combate, regido por Wothan, etc.". Já o segundo critério, que me parece mais acertado, consiste em despojar as respostas de ornamentos folclóricos e expressá-las com símbolos da Sabedoria Hiperbórea, que poderão ser facilmente interpretados mediante analogias.

Com este critério, é possível afirmar imediatamente que o Valhala ***é a praça liberada pelos Deuses*** (ou *Ases*) ***em algum lugar do Universo do Uno***. Esta praça, naturalmente, tem as dimensões de um país e se encontra totalmente fortificada. Nela, habitam os Senhores de Vênus e muitíssimos Deuses e *Walkirias*, que se preparam permanentemente para a luta, enquanto aguardam o fim do *Kaly Yuga* e o despertar dos Espíritos cativos. Seus incontáveis Deuses guerreiros, imortalizados com seus corpos de *vajra*, formam as fileiras do *Wildes Heer*, o exército furioso de Wothan, e vigiam as muralhas do Valhala, ainda que o Inimigo jamais se atrevesse a atacar, diante de tão temível guarnição hiperbórea.

Os Deuses libertaram a praça forte do Valhala aplicando, com Suas Poderosas Vontades, a lei do cerco às muralhas de pedra. A conquista do tempo próprio que reina no Valhala, que os torna independentes de qualquer "ciclo" ou "lei" do Mundo do Demiurgo, procede de uma maravilhosa operação de Oposição Estratégica. Mas, qual terá sido a pedra, o ***lapis oppositionis***, que os Deuses empregaram em sua Estratégia Hiperbórea? Desde que ocorreu o Conflito das Origens, há milhões de anos, os Deuses praticam a Oposição Estratégica ***contra uma preciosa Gema extraterrestre oferecida para tal efeito pelo Galante Senhor, Kristos Lúcifer. Essa pedra chama-se Graal: "und dieser Stein ist Graal gennant!" (Wolfram von Eschenbach)***.

A relação analógica entre arquêmona e Valhala torna-se mais evidente ainda se se considera que este possui uma ***"porta infernalis"***, equivalente à ***"fenestra infernalis"*** daquela. A ***porta infernalis*** é uma abertura na muralha que se encontra permanentemente vigiada por atentos sentinelas. Diante da ***porta infernalis***, mas fora do Valhala, quer dizer, no "mundo", ***acha-se situado o Graal sobre uma Vruna***; contra ele, segundo se disse, os Deuses praticam a oposição estratégica.

É necessário que nos aprofundemos um pouco mais na descrição dessa disposição, devido à sua extraordinária importância para nos aproximarmos do Mistério do Graal.

Antes de mais nada, direi que o Graal, como um *lapis oppositionis*, ***foi depositado, na Origem, sobre uma Vruna, e ainda continua ali: sobre a Vruna e na Origem***. Não se trata de um jogo de palavras, mas de uma propriedade do Graal que deve ser examinada com atenção: o Graal como reflexo da Origem, não pode devir no tempo, à semelhança das "coisas" materiais criadas pelo Demiurgo; melhor dizendo: o Graal não pode estar no presente. Na verdade, o Graal se acha no remoto passado, naquele tempo e lugar onde foi colocado, e por isso ***não deve ser procurado*** empregando

"movimento" (e tempo) para se o conseguir, pois tal atitude ***visa o futuro***, ou seja, o sentido contrário, tal como já expliquei. Mas se o Graal se encontra no passado, se o tempo não o arrasta para o presente com sua incontida fluência, como acontece com os objetos materiais, e ***sempre permaneceu ali*** (no passado), como é que chegamos a saber dele? E, o mais importante, como pode atuar no presente, tal como o exige a Estratégia Odal, ***prescindindo do tempo***? Quer dizer, em virtude de qual "elemento" se conecta o Graal "do passado" com "o presente", por exemplo, com um Líder hiperbóreo? A solução para estes problemas se constituiu, desde outrora, um perigoso Segredo... que agora vou tratar de revelar. O enigma se resolve raciocinando deste modo: se bem que o Graal ***sempre permaneceu no passado***, propriedade que só possui no Universo a Gema de Kristos Lúcifer, ***o mesmo não aconteceu com a Vruna que o mantinha*** (e que ainda o mantém). Eis aqui o Grande Segredo: enquanto o Graal, reflexo da Origem Divina, permanece como tal, "situado na Origem", a Vruna sobre a qual foi assentado atravessou os milênios e chegou até o presente. Certamente que a Vruna "sempre está presente", o que significa: "em qualquer circunstância histórica". Falarei um pouco da Vruna.

É conhecida como ***Vruna da Origem*** ou ***Vruna de Oricalco***, mas é necessário esclarecer que tais nomes não apenas designam o "símbolo" da Vruna mas também a ***Pedra terrestre*** que foi assento primordial do Graal Por isso, quando na Sabedoria Hiperbórea se faz alusão à "Vruna de Oricalco", do que na realidade está se tratando é de uma pedra, muito antiga, de cor azul-violeta, na qual os Deuses engastaram um signo vrúnico de oricalco. Faz-se necessário, pois, conhecer a procedência da mesma e o motivo de sua construção.

Já mencionei em outras ocasiões que, no princípio, os Deuses ingressaram no Sistema Solar "pela porta de Vênus", e que um grupo deles, os "Deuses Traidores", se "associou ao Plano do Demiurgo, provocando depois, em combinação com este, a catástrofe dos Espíritos cativos". Os Espíritos Hiperbóreos foram encadeados à Matéria, por terem caído em uma cilada cósmica, o Mistério de A-mort; mas não falarei, por ora, disso. O efeito que se produziu no Mundo evolutivo do Demiurgo, quando os Espfaíritos confusos foram assimilados, é o que hoje chamaríamos de uma mutação coletiva. Ao mal do ordenamento imitador da matéria, feito pelo Demiurgo, somou-se depois o mal da mutação de sua Obra e o encadeamento dos Espíritos, quer dizer, a modificação do Plano, realizada pelos Deuses Traidores. E para "controlar" tão maligna empresa, os Deuses Traidores decidem fundar a Fraternidade Branca, na qual devem se organizar as diferentes manifestações dévicas do Demiurgo. A "sede central" do Poder, Chang Shambala, é também a chave da mutação coletiva dos sete Reinos da natureza. Efetivamente: de que maneira o Demiurgo mantinha ***a estabilidade da forma sobre a Terra*** e como se assegurava, antes da mutação, que os sete Reinos evoluíssem de acordo com seu Plano? Há dois princípios que intervêm na execução do Plano, um estático e o outro dinâmico. O Plano se apoia ***estaticamente*** nos Arquétipos e ***dinamicamente*** no Alento do Logos Solar. Isso quer dizer que

era ***uma força procedente do Sol***, veículo físico do Logos Solar, que mantinha o impulso evolutivo nos sete Reinos da natureza terrestre. Bem, para provocar qualquer alteração permanente no Plano do Demiurgo ***é imprescindível interceptar a corrente energética procedente do Sol que, atravessando o oceano de prana, converge sobre a Terra***. Para cumprir esta condição, os Deuses Traidores se instalaram, desde o princípio, ***entre o Sol e a Terra***, em uma posição ***fixa*** que jamais deixa passar nem um raio de luz, quer dizer, nem um fóton, sem que antes tenha sido interceptado. Esta afirmação pode parecer fantástica, e na verdade o é, mas mais fantástica e insensata foi a construção de Chang Shambala, já que a que descrevemos é a função "técnica" da sede do Poder dos Deuses Traidores.

Eis aqui outro "Segredo" que já não é tal; a "localização" de Chang Shambala poder-se-á agora determinar a partir deste dado: sempre se encontra entre a Terra e o Sol. Na realidade, Chang Shambala está muito perto da Terra, o que dá uma ideia de seu enorme tamanho. No entanto, não se trata de um capricho, mas ela teve que ser construída assim por exigências de sua função ***moduladora*** do plasma genético solar.

É claro, não faltará quem diga, tolamente, que tudo isto é um disparate, dado que "as tradições do Tibete e da Índia" afirmam que Chang Shambala "é um Reino situado na Ásia, entre as montanhas Altai, o deserto de Gobi e os Himalaias". Sem dúvida, um comentário deste tipo será um disparate maior do que minhas afirmações. A princípio, as mencionadas "tradições do Tibete e da Índia" são produtos da desinformação estratégica que, durante séculos, a Fraternidade Branca desenvolveu, para que se ignore a verdade. E, em segundo lugar, direi que os dados mais sérios da Tradição, já que há alguns dados dignos de crédito, sempre mencionam a localização da ***Porta de Chang Shambala"*** e jamais o Reino em si. Esta sutil diferença é sumamente sugestiva, pois o fato de que, em um determinado lugar geográfico, exista uma porta ***não implica que o Reino esteja imediatamente atrás dela***. Poderia entendê-lo assim uma mente primitiva, condicionada pela crença de que a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos, e de fato tal coisa ocorre frequentemente. Mas aqui estou tratando a informação em outro nível e por isso adiantarei quatro versos do Canto da Princesa Isa, que já terá oportunidade de conhecer, quando relate a história de Nimrod, "O Derrotado".

"Mas ainda que Dejung esteja longe,
suas portas estão em todas as partes.
Sete portas tem Dejung,
e sete muros a circundam".

A essas "portas induzidas" se referem as lendas orientais, as quais "estão em todas as partes" e conduzem ao Reino que, evidentemente, não ocupa um simples lugar geográfico.

Uma referência a eventos tão remotos, como a perversa associação entre os Deuses Traidores e o Demiurgo, tinha como objetivo servir de introdução

para um fato que vou destacar em seguida: quando o Demiurgo combina com os Deuses Traidores ceder a estes o controle da Hierarquia, entrega-lhes ***o signo Tiphereth***, que representa um dos dez Sephiroth, e permite um controle total sobre os Aspectos ***formais*** da Criação. O Signo Tiphereth é a expressão simbólica da "manifestação material dos Arquétipos Divinos", Aspecto que costuma se sintetizar como ***"Beleza do Demiurgo"***. Se não se compreendeu bem, convém repetir que os Demônios de Chang Shambala ficaram de posse de um signo que representa ***todo*** o aspecto Tiphereth do Demiurgo, permitindo acessá-lo e compartilhar de seu Poder. Naturalmente que o signo Tiphereth é a chave de Maya, a Ilusão do Real, e portanto, a mais terrível ferramenta da feitiçaria. Quem observe o signo Tiphereth, o qual é bastante complexo, "a partir do mundo", quer dizer, encarnado karmicamente, corre o risco de confundir-se imediatamente, perdendo todos os pontos de referência e, em consequência, a razão. Por esse motivo, a Sabedoria Hiperbórea recomenda aplicar a lei do cerco ao signo Tiphereth, para poder observá-lo sem perigo. É necessário assinalar que, em toda ofensiva hiperbórea contra os Demônios de Chang Shambala, cedo ou tarde se produz um confronto com o signo Tiphereth, uma vez que se confia em sua nefasta influência para vencer os homens despertos.

Depois que os Deuses Traidores receberam o signo Tiphereth e construíram Chang Shambala, não foi mais possível para os Deuses Leais permanecerem sobre a superfície terrestre. Mas tampouco desejavam abandonar o Sistema Solar, deixando atrás de si bilhões de Espíritos cativos. E então planejaram a Estratégia Odal. Mas antes disso, que quadro apresentava um Espírito cativo? Basicamente, a perda da Origem e a inconsciência consequente, quer dizer, a perda do tempo próprio. O encadeamento à matéria parte fundamentalmente do encadeamento ao "imanente fluir da Consciência do Demiurgo", ou seja, da sincronização ao Tempo do Mundo. Os Espíritos cativos, ligados ao Tempo, iriam tardar milhões de anos para recuperar sua consciência, se é que algum dia o lograriam. Nessas circunstâncias, os Deuses, em uma maravilhosa exibição de valor e intrepidez, começaram a Estratégia Odal.

O primeiro problema que deveriam enfrentar era se manterem "independentes" do Tempo, mas não "fora dele", já que teriam que seguir de perto as desventuras dos Espíritos cativos, para ajudá-los a evitar a confusão estratégica e, eventualmente, resgatá-los. Por outro lado, a independência do Tempo era necessária para que os Deuses pudessem conservar seu próprio tempo, sua consciência da Origem, pois, de outro modo, correriam o risco de cair também no Grande Engano. Mas, enquanto passavam os éons, os Deuses deveriam dispor de um lugar agradável, apto para ser ocupado e defendido por uma guarnição de terríveis guerreiros estelares. Estes eram os problemas principais; havia outros, mas eu vou ignorá-los, em homenagem à brevidade.

O procedimento a seguir foi o seguinte: os Deuses Leais procuraram um lugar da Terra conveniente para seus objetivos. Como tal lugar ***iria desaparecer***, depois da Oposição Estratégica, não o escolheram ***dentro de***

um continente, pois isso teria ocasionado talvez um cataclismo, que atrasaria ainda mais o destino dos Espíritos cativos. Em troca, procuraram entre as ilhas e escolheram uma delas, situada no que hoje seria o extremo setentrião, mas que, naqueles dias, era uma zona tropical, procedendo, em seguida, a ***cercá-la***. Sendo uma ilha enorme, o trabalho a realizar, para construir uma ciclópica muralha de pedra em todo o seu perímetro, pareceria hoje uma tarefa impossível. Mas a Sabedoria Hiperbórea de que dispunham os Deuses deu-lhes as soluções para acabar rapidamente com tal trabalho e, em pouco tempo, um colossal muro transformava a paradisíaca ilha em inexpugnável fortaleza. Não é possível descrever a arquitetura extraterrestre dos muros, pois me perderia em explicações e não adiantaria muito: só direi que, em algumas seções, a construção era semelhante à fortaleza pré-incaica de ***Sacsahuaman***, perto de Cuzco, no Peru, mas tal semelhança, devo dizer também, era muito aproximada, já que Sacsahuaman é ainda ***muito humana***.

Na muralha, fizeram apenas uma abertura, coisa que surpreenderá aqueles que não conheçam os princípios estratégicos da Sabedoria Hiperbórea. E fora desta abertura, que já nomeei com uma denominação moderna: ***porta infernalis***, colocou-se a ***Vruna de Oricalco***. Chegou a hora, pois, de voltar ao Maior Mistério.

O Grande Chefe, Kristos Lúcifer, audazmente instalado em um lugar impensável, atrás de Vênus, como Sol Negro ou expressão da Origem, decidiu responder à vil conspiração dos Deuses Traidores com um ato de guerra. Para cumprir Sua Vontade foi que os Deuses Libertadores ocuparam a ilha e a amuralharam, iniciando a Estratégia Odal. Mas a Estratégia Odal tinha por finalidade "despertar" e "orientar" os homens, individual ou racialmente, como já dissemos; então, em que consistia o "ato de guerra" com o qual Kristos Lúcifer respondia à Traição dos Deuses de Chang Shambala? Concretamente: o golpe de guerra foi dado pelo Graal.

A Gema hiperbórea, tirada da Fronte do Galante Senhor e assentada no Mundo do Demiurgo, impediria os Demônios de negarem a Origem Divina do Espírito, uma vez que seu inofuscável brilho libertaria, a todo momento, os reflexos da Pátria Primordial. O Graal, ao Divinizar as linhagens hiperbóreas, constituía o maior desafio, pois ameaçava levar ao fracasso os planos infernais. O conflito seria, desde então, eternamente apresentado por todo aquele que conseguisse despertar, qualquer que fosse o Inferno em que se encontrasse, uma vez que o Graal seria assentado no plano físico, quer dizer, na mais baixa das regiões infernais, e ***seu brilho seria visto de todos os cantos do Mundo***, incluindo o plano astral e todos aqueles "purgatórios" que os Demônios preparam ali para enganar os Espíritos; mesmo naqueles planos tão sutis das mônadas emanadas pelo Demiurgo, onde também há Espíritos Hiperbóreos completamente idiotizados, aos quais fizeram acreditar que "devem permanecer ali enquanto seus 'outros corpos', mais densos, evoluam". Por último, o Graal era, se me permite a metáfora, uma luva jogada na cara

dos Demônios, para um desafio ao qual estes, por sua covardia, não seriam capazes de responder.

Mas não era tão simples conseguir que o Graal, uma vez tendo entrado no plano físico, permanecesse simplesmente localizado em um lugar, por exemplo, em um altar. Por sua característica atemporal, como reflexo da Origem, o Graal, qual verdadeiro diluente universal, atravessaria tudo e se perderia de vista... especialmente se para quem o visse ***transcorresse o Tempo do Mundo***. O Graal não pode ser assentado sobre nenhuma substância que flua pelo impulso do Alento do Logos, quer dizer, que flua temporalmente, pois ***se perderia no passado, uma vez que sua essência está sempre na Origem***. O que fazer? Há que se "preparar" um assento material, de tal maneira que suporte o Graal, ***ainda que este permaneça no passado e ainda que o Tempo do Mundo transcorra efetivamente para tal assento***. Pode-se construir algo assim? Apenas se entre a substância do assento e o Graal, se intercala um signo ***que neutralize a temporalidade***. Isto significa que o signo deve representar ***o movimento inverso*** ao empregado pelo Demiurgo para construir o Sistema Solar. Um signo assim, que é o cúmulo dos símbolos heréticos, foi empregado pelos Deuses para construir o assento do Graal, ao qual chamei de ***Vruna de Oricalco***.

Agora preste atenção a isso, porque o direi uma vez só: ***após ter sofrido uma mutilação e deformação, a Vruna de Oricalco***, que é um signo completo e de imenso poder mágico, resultou ***na Runa Suástica***, sobre a qual se escreveram tantos disparates.

Para construir o assento do Graal, optou-se por uma pedra cristalina de cor azul-violeta, semelhante a uma ágata. Em sua parte superior, em uma área ligeiramente côncava, engastou-se uma Vruna de Oricalco, habilmente cinzelada pelos Deuses Leais. E, uma vez concluído o assento, foi depositado fora das muralhas da ilha, na direção da ***porta infernalis***, mas a muitas milhas dali, em uma região continental.

É difícil que alguém possa imaginar o maravilhoso espetáculo do Graal descendo nos sete infernos. Talvez se pensar em um Raio Verde, de brilho cegante e influência gnóstica sobre o vidente, diante do qual os Demônios viram seus rostos ferozes, gelados de horror; um Raio que, qual lâmina cortante de invencível Espada, vai rasgando os quatrocentos mil mundos do Engano, procurando o Coração do Inimigo; uma Verde Serpente Voadora que porta entre seus dentes o Fruto da Verdade, até então negada e ocultada; se pensar no Raio, na Espada, no Fruto, na Serpente, talvez assim seja possível intuir o que aconteceu naquele momento crucial, quando a Verdade foi colocada ao alcance dos Espíritos cativos. Sim, porque desde que o Graal se assentou sobre a Vruna de Oricalco, a Árvore da Ciência foi plantada, ao alcance daqueles que, completamente confusos, viviam no Inferno, acreditando habitar em um Paraíso. De agora em diante, poderiam comer o seu fruto e seus olhos seriam abertos!

Aleluia por Kristos Lúcifer, a Serpente do Paraíso! Aleluia por aqueles que comeram o Fruto proibido: os homens despertos e transmutados!

Qual foi o passo seguinte dos Deuses? Previamente à queda do Graal, mas quando este fenômeno já estava ocorrendo em outros planos, aplicaram a lei do cerco às muralhas da ilha, ***isolando a área interior da exterior***. Para compreender o efeito que tal ação estratégica produziu, há que se ter em mente que ***essa era a primeira vez que se liberava uma praça*** no Sistema Solar. Quando um anel de fogo pareceu brotar das imponentes muralhas e não mais se viu o interior da ilha, envolta em uma estranha nuvem vibratória e flamígera, o Demiurgo começou a sentir amputada sua substância. A Estratégia dos Deuses visava ganhar não apenas a área plana da ilha, mas também seu relevo, seus montes e vales, seus lagos e bosques, seus vegetais e animais; a ilha, um vasto país, era também uma gigantesca Arca de Noé, que deveria receber, durante milênios, os homens que conseguissem despertar e fugir das cadeias materiais, e também aqueles que tivessem se transmutado, lutando até a morte nas batalhas.

Um país inteiro subtraído ao controle imanente do Demiurgo era uma experiência nova, mas, como quer que isso fosse possível, o certo é que a ilha continuava ali: oculta por uma barreira de fogo, mas no mesmo lugar. É por isso que a reação do Demiurgo fez tremer a Terra, procurando atingir de algum modo aquele fenômeno incompreensível e recuperar o domínio da "praça". Terríveis maremotos agitaram os mares adjacentes e ventos jamais vistos sopraram inutilmente contra as titânicas muralhas; o céu se escureceu pelas nuvens de cinzas de vulcões subitamente despertos e o fundo do oceano ameaçava se partir e tentar tragar a ilha "liberada".

O mundo parecia ter enlouquecido, mostrando o espetáculo terrível de todas as forças da natureza "descontroladas", quando, "como se fosse o cúmulo das abominações, o Graal desceu sobre a Terra".

O que poderia acrescentar, para dar uma ideia do que aconteceu ali? Já disse que é muito difícil descrever, e até mencionar, um evento que gerou uma irritação perpétua nos Demônios. Talvez este comentário lhe diga algo, Dr., se recordar as explicações cabalísticas de Bera e Birsa: "ao cair o Graal sobre a Terra, além dos trezentos e setenta vezes dez mil Mundos, o Grande Rosto do Ancião lançou um grito de horror que ***ainda se ouve reverberar*** nos confins do Cosmo".

Nem bem o Graal se assentou sobre a Runa de Oricalco, os Deuses Leais praticaram a Oposição Estratégica, conseguindo, agora sim, que a ilha amuralhada se tornasse invisível, desaparecendo para sempre da superfície terrestre. Daí em diante, os homens adormecidos falariam do Valhala, a morada dos Deuses, e também de Hiperbórea, a "ilha tragada pelo mar", pois o Mito original, transmitido carismaticamente pelos Deuses sofreu diferentes quedas no exoterismo, devido à impureza de sangue dos homens adormecidos.

Quadragésimo Oitavo Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

A pergunta que iniciou o comentário esotérico precedente dizia: o que aconteceu com o Graal? Como resposta se obteve que é errôneo indagar sobre o Graal já que este é virtualmente ***A Origem***, e nunca se moveu dali. Seu assento, em troca, a Vruna de Oricalco, possui as dimensões de um objeto material e é dado supor que, em alto grau, este sim é afetado pelas leis físicas. Pode-se, então, reapresentar o problema: o que aconteceu com a Vruna de Oricalco? Continua ainda sustentando a gema de Kristos Lúcifer? Neste último caso, a resposta é afirmativa: a Vruna de Oricalco foi, desde então, o assento do Graal situação que não mudou absolutamente nos tempos modernos. Quanto à primeira pergunta, deve-se compreender que seria uma tarefa impossível resumir aqui o itinerário completo seguido pela Vruna de Oricalco até nossos dias; isso obrigaria a mencionar Civilizações desaparecidas e, muitas delas, completamente desconhecidas para a Cultura oficial. Remeter-me-ei, então, aos tempos históricos, começando por estabelecer algumas diretrizes que permitirão enfrentar o problema de maneira correta, evitando, assim, muitas superstições ou desinformações.

1º) – A Vruna de Oricalco foi, muitas vezes, confundida com o Graal Efetivamente, já demonstrei porque o Graal não deve ser buscado; no entanto, em algumas ocasiões, realmente ***houve transporte*** e se pensou, com razão, que se tratava do Graal. Mas o Graal ***não é um objeto do qual alguém possa se apoderar, e menos ainda manipular ou transportar***. Com toda verossimilhança, o que foi transportado é a Vruna de Oricalco, no quadro de uma Estratégia racial. Nesse caso, não se pode atribuir a confusão unicamente à ação estratégica inimiga, porque, na degradação dos antigos Mitos hiperbóreos, a maior responsabilidade recai sobre a impureza sanguínea dos homens.

2º) – A presença da Vruna de Oricalco entre os membros de uma comunidade de linhagem hiperbórea tem a virtude de favorecer o vínculo carismático e de legalizar a conduta de seus Líderes.

3º) — A presença da Vruna de Oricalco é a presença do Graal e o povo a quem os Deuses confiaram sua custódia é, sem dúvida, nesse momento, a linhagem hiperbórea mais pura da Terra.

4º) – Para certificar-se de que um determinado povo esteve de posse da Vruna de Oricalco, há que se estudar sua arquitetura hiperbórea de guerra:

A posse da Vruna de Oricalco exige a construção de estruturas de pedras com peculiares propriedades topológicas. Tais construções podem ***não parecer*** feitas para a guerra, mas tal aparência deve-se exclusivamente à ignorância que existe acerca da Estratégia Hiperbórea. Um exemplo se constitui no "castelo" de Montségur, sobre o monte Pog, no Languedoc francês. Esta construção, que não é muito menos uma fortaleza, foi erguida para permitir que a seita hiperbórea dos Cátaros pudesse ***receber e***

conservar a Vruna de Oricalco. Os princípios que ali predominam são os da "lei do cerco" e da "oposição Estratégica", sendo uma tarefa inútil pretender fazer de Montségur um observatório astronômico ou um templo solar. Mas como a arquitetura de Montségur foi projetada em função da Vruna de Oricalco, quem não perceba esta chave jamais chegará a algum resultado positivo.

5º) – Há que se distinguir entre o assento do Graal, ao qual chamamos de Vruna de Oricalco, e o Signo da Origem que a Vruna de Oricalco representa. Disse que na pedra azul-violeta os Deuses engastaram uma figura de Oricalco e denominamos ao conjunto, pedra e figura, Vruna de Oricalco. Mas o Signo da Origem, que foi cinzelado em Oricalco e engastado, possui por si mesmo o poder de apresentar "afinidade" com o Graal. Por isso, muitas linhagens hiperbóreas, que não alcançaram a Alta Honra de custodiar a Vruna de Oricalco, receberam, em troca, o Signo da Origem como prêmio ao seu Sangue Puro e reconhecimento do esforço empenhado em sua Estratégia. É assim que o Signo da Origem teve, no decorrer da História, uma particular proliferação entre certas linhagens que, orgulhosamente, o incorporaram aos seus estandartes. Naturalmente, os Líderes trataram, a princípio, de velar em parte seu conteúdo simbólico, simplificando a figura, quer dizer, tirando alguns elementos sugestivos, mas, depois da queda no exoterismo e na vulgarização, ***o verdadeiro aspecto*** do Signo da Origem foi esquecido; já disse, por exemplo, que a Suástica procede, por mutilação e deformação, daquele Signo Primordial.

No entanto, em muitos casos, devido à extraordinária pureza sanguínea de alguma linhagem, o Signo da Origem foi exibido completo, permitindo aos Líderes empregarem seu enorme poder para projetar a luz do Graal sobre a massa do povo. Poderia dar vários exemplos de comunidades asiáticas portadoras do Signo, mas temos à mão o caso dos ***saxões***, que tinham gravado o Signo da Origem em um tronco de árvore, ao qual consideravam como coluna do mundo, ***universalis columna***. O fim de tão audaz determinação merece também um comentário. Quando, em 772, Carlos Magno conquistou a Floresta de Teutoburgo, procedeu rapidamente a destruir o tronco ***Irminsul*** e a executar cinco mil membros da nobreza saxã. Não conformado com isso, o imperador eliminou seus mais puros rebentos e, depois de três décadas de heroica resistência, a Raça saxã, de puríssima linhagem hiperbórea, foi totalmente "cristianizada". Soube que muitos alemães cultos consideram "afortunada" esta espantosa campanha carolíngia. Assim, por exemplo, o professor Haller opina, sem se ruborizar, que "sem a submissão dos saxões, hoje não existiria uma nação alemã", pois "para o devir histórico da nação alemã, tal qual é hoje, a incorporação dos saxões ao Império de Carlos Magno era uma condição prévia imprescindível". Esta opinião generalizada baseia-se na análise "*a posteriori*" dos fatos históricos e, por isso, considerando que a extinção da dinastia carolíngia possibilitou que, duzentos anos mais tarde, o sangue saxão chegasse com ***Othon I*** a colocar-se à frente do mundo ocidental, se dá por certo que a

dominação e "conversão" dos saxões foi "necessária" e positiva. Eis aqui minha humilde opinião: a Judaico-cristianização dos saxões representa o mais duro golpe que os Poderes Infernais deram nas linhagens hiperbóreas na era cristã, maior ainda do que a conversão dos Vikings, dos Celtas ou a destruição dos Cátaros, apenas comparável ao aniquilamento dos Reinos Godos. E a destruição da árvore ***Irminsul***, com a perda para o Ocidentedo Signo da Origem, é uma catástrofe muito difícil de avaliar.

6º) – Não é imprescindível, nem mesmo necessário, que a Vruna de Oricalco encontre-se no seio de um povo para que a influência do Graal atue sobre este. O Graal atua sobre os homens ***a partir da Origem***, propriedade que não pode ser afetada por nenhuma variável física, encontre-se onde se encontre a Vruna de Oricalco. Por isso, é até certo ponto absurdo que se atribua a tal ou qual povo ter alcançado "um alto grau de civilização" porque "encontrava-se em posse do Graal", uma vez que o Graal não pode estar em posse de ninguém pois é, por disposição do Galante Senhor, prova da Divindade ***de todos*** os Espíritos cativos. O que um povo pode ter ***em custódia*** é a Vruna de Oricalco, mas apenas como prêmio e reconhecimento a uma pureza racial obtida ***previamente***. Quer dizer que o fato de ter em custódia a Vruna de Oricalco não é a causa da grandeza de um povo, mas que, inversamente, a pureza de sua linhagem o fez credor da Alta Honra de ser depositário do assento do Graal.

Mas, se bem que a Vruna de Oricalco ***só é entregue àqueles que merecem tê-la***, é certo que a proximidade de sua presença afeta o meio ambiente, criando um microclima mutante. É por isso que os Deuses costumam depositar a Vruna de Oricalco, durante as épocas obscuras, em locais apropriados para influenciar as linhagens menos confusas.

7º) — De tudo o que foi exposto até aqui se depreende a importância capital que teria para uma comunidade de linhagem hiperbórea conseguir a custódia da Vruna de Oricalco. É, portanto, necessário tratar com atenção esta possibilidade. O problema pode se resumir na pergunta: para que necessita um Rei, ou quem quer que exerça a Função Régia, encontrar o Graal, ou seja, a Vruna de Oricalco? Em seguida, Dr. Siegnagel, o convidarei a uma breve reflexão sobre a atitude que se deve adotar, ao tomar conhecimento dos atos protagonizados pelos Deuses Libertadores, e depois darei a resposta para o problema, me aprofundando um pouco mais na simbologia do Graal.

Requer-se uma profunda meditação nos símbolos que apresentei, para captar seu significado final, o qual deve ser percebido sempre como dramático e trágico, pletórico de urgências espirituais. Ninguém que tenha tomado consciência do incrível sacrifício realizado pelos Deuses, ao manter o Graal no mundo durante milhões de anos, mediante a Oposição Estratégica, quer dizer, por um constante e contínuo ato de Vontade, ninguém que o tenha compreendido, repetimos, poderá permanecer impassível, no meio da confusão, sem experimentar urgência em libertar-se das cadeias do Demiurgo e partir, tratando de aliviar, de algum modo, a tarefa dos Deuses. Ninguém

que comprove com seu sangue a verdade destes símbolos poderá evitar que a Honra, única moral do homem, o pressione com insistência para "abandonar tudo" e partir. Mas essa partida será "com as armas na mão", disposto a travar batalha sem trégua contra os Demônios e sentindo que o sangue se acendeu pelo Furor do Guerreiro; pela "hostilidade essencial" para com a obra do Demiurgo, transmutando a fraca substância orgânica do corpo físico em vajra, a matéria incorruptível. É o mínimo que o homem pode fazer para responder, em algum grau, ao auxílio que os Deuses prestaram às linhagens hiperbóreas, possibilitando, com sua Estratégia Hiperbórea, que o Graal ***dê prova da Origem Divina***.

Volto agora à pergunta pendente.

A Pedra-Graal, a Gema de Kristos Lúcifer, ***é mantida no Mundo pela Oposição dos Deuses***, onde cumpre a função de refletir a Origem e Divinizar as linhagens hiperbóreas, mas, por ***estar relacionada temporalmente com o Valhala***, assinala também, a todo homem desperto, um caminho para a morada dos Imortais. Esse caminho é o que seguem os Guerreiros caídos em batalha, os Heróis, os Campeões, guiados pelas mulheres hiperbóreas, aquelas que lhes foram prometidas no começo dos tempos. Porém, durante milhares de anos, o ***temor*** que lhes envenenava o sangue, os tinha feito se esquecerem delas. Se o valor demonstrado na façanha foi purga suficiente, infalivelmente Ela estará ali, junto ao Guerreiro caído, para curar suas feridas com o A-mort Gelado de Hiperbórea e guiá-lo no caminho inverso que conduz ao Valhala. ***E esse caminho se inicia no Graal*** Para a Casa de Tharsis, por exemplo, os Atlantes brancos prometeram que, um dia, quando o Sangue dos Senhores de Tharsis estivesse suficientemente purificado, um Noyo ou uma Vraya veriam na Pedra de Vênus o sinal Lítico de K'Taagar, que indicaria o momento de partir: tal Sinal mostraria, segundo se veria, o caminho para o Valhala, a Morada dos Deuses Leais.

Mas não se deve pensar, com isso, que a Luz do Graal visa a salvação individual dos homens adormecidos; para isso se dispõe do "Canto dos Deuses" e das sete Vias secretas de libertação espiritual. Pelo contrário, dentro da Estratégia Odal, o Graal deve cumprir o papel fundamental de ***restaurar a Função Régia***, ou seja: deve servir a um propósito racial ou social. Por isso, o Graal será requerido em todos os casos em que se tente instaurar o Império Universal ou qualquer outro sistema de governo baseado na aplicação social da lei do cerco: monarquia, fascismo, nacional-socialismo, aristocracia do Espírito, etc.

Os fatos históricos que conduzem à "busca do Graal", sempre semelhantes, podem se resumir simbolicamente como se segue. A princípio, o Reino é ***"terra gasta"*** ou o "Rei está doente", ou simplesmente o trono ficou acéfalo, etc. Podem existir muitas interpretações, mas essencialmente o símbolo se refere a um esgotamento ou decadência na liderança carismática ou a um vazio de poder, quer seja o Governo exercido por um Rei, Casta ou Elite. Os melhores Cavaleiros partem para "buscar o Graal", em uma tentativa de colocar fim aos males que afligem o Reino e conseguir que retorne o antigo

esplendor. Apenas um consegue encontrar o Graal e devolver o bem-estar ao Reino, quer seja "curando o Rei" ou "coroando a si mesmo". Curiosamente, o Cavaleiro triunfante sempre é apresentado como "bobo", "puro louco", "ingênuo", mas, especialmente, como "plebeu".

Os "melhores Cavaleiros" equivalem aqui a qualquer uma das múltiplas forças sociais que se prestam a se lançar sobre a Função Régia, quando existe acefalia ou vazio de poder. Finalmente, "um deles" triunfa e restabelece a ordem no Reino; "era o plebeu e agora é Rei, com a aprovação e o consentimento do povo". Em minha interpretação, isto significa, evidentemente, que uma "força social" predominou sobre as restantes (os "outros Cavaleiros") e ***substituiu a ordem existente*** (que estava interditada) ***por uma Nova Ordem***, unanimemente aceita ***pelo povo***. Mas se o problema se reduz a uma mera luta pelo poder, para que o novo Rei (ou nova Elite, Aristocracia, Casta, etc.) necessita encontrar o Graal? ***Porque o Graal confirma a Função Régia***.

Quando, em tempos de crise, uma Elite ou um Líder carismático sobe ao poder, com intenção de restauração régia, deve se apressar a ***legalizar*** sua situação, pois senão outra Elite ou Líder virá questionar seus títulos e tentará também ocupar o lugar vazio, acontecendo assim uma interminável série de batalhas, políticas ou militares. Mas, se há luta pelo Poder, ***ninguém tem seu controle*** e pode ocorrer que, no final, o Reino termine dividido entre várias facções. É necessário dirimir a questão, consultar um juiz infalível, uma autoridade indiscutível e transcendente. É aqui que se apresenta a necessidade de recorrer ao Graal. Por que o Graal? Porque o Graal é também a ***Tabula Regia***, a "lista de Reis"; ***ele diz quem deve governar, a quem cabe reger, porque ele revela quem tem o Sangue Mais Puro***. Esta revelação não é simplesmente oracular e arcana; por meio da mediação do Graal, a pureza do Líder será conhecida por todos e reconhecido por todos, carismaticamente, o seu direito à Condução. Daí que o puro louco, de linhagem hiperbórea, mas de Estirpe plebeia, depois de "encontrar o Graal", seja "reconhecido pelo povo", como Rei indiscutível.

Quando uma linhagem hiperbórea confia na luz do Graal para a escolha de seus Líderes, pode-se dizer corretamente que se sucederá uma dinastia de "Reis do Graal". Durante o reinado de um destes, pode acontecer que a linhagem alcance um grau tão elevado de pureza, que se faça digno de obter a custódia da Vruna de Oricalco. É o que ocorreu, por exemplo, no século XIII, no Condado francês de Toulouse, quando a Vruna de Oricalco foi confiada aos Perfeitos Cátaros. Alegar-se-á, contra esta afirmação, que os Cátaros eram maniqueus, quer dizer, herdeiros de uma tradição gnóstica, e que esse é o motivo pelo qual foram aniquilados, existindo só uma relação circunstancial entre eles, os Condes de Toulouse e a população occitana. Tal argumento, de origem Golen moderna, tenta desviar a atenção do fato mais importante da epopeia cátara: sua relação com o Graal. O fato de que fossem gnósticos, coisa que ninguém discute, e de que ensinassem uma das sete Vias secretas de libertação, baseada na Canção de A-mort dos Deuses Leais, origem da

Cultura dos trovadores, coisa que poucos conhecem, não explica em nada sua relação com o Graal. O Graal no quadro da Estratégia Odal, tem um sentido puramente racial. Se a Vruna de Oricalco foi confiada aos Cátaros, é porque estes participavam ativamente em técnicas de transmutação coletiva, ***as quais não podem excluir a Função Régia***, e não simplesmente "porque eram de filiação gnóstica".

Um tema conectado com a propriedade que o Graal possui de ser *Tabula Regia* é o do Messias Imperial e sua imitação: o Messias Judeu. A princípio, direi que se é Rei do Graal pela pureza de sangue, atributo absolutamente individual, que não depende nem da Raça nem da Estirpe, nem de nenhum outro patrimônio material. Um Rei do Graal exibe virtudes puramente pessoais, tais como o Valor, a Intrepidez ou a Honra, e jamais fundamenta seu prestígio nas posses materiais ou no valor do ouro. A autoridade de um Rei do Graal, por estas razões, provém exclusivamente de seu carisma pessoal, o qual se espalha para o resto do povo, graças ao "vínculo" que se estabelece entre o Rei e ***cada um deles***, em seu sangue, ***pela mediação do Graal*** esse é o princípio da Mística psicossocial. Por isso, um Rei do Graal ***em sua comunidade***, é reconhecido pelo povo. Naturalmente que ***todos os povos*** teriam seu Rei do Graal, se a ação da Sinarquia e da Raça hebraica, com sua "Democracia", "Socialismo", "Comunismo", etc., não tivessem usurpado a Função Régia. De qualquer maneira, é necessário perguntar: haveria, em nível universal, para as linhagens hiperbóreas, a possibilidade de que um Rei do Graal fosse reconhecido por todos? Tratar-se-ia aqui de uma pessoa de inegável pureza, cuja majestade seria evidente para todas as linhagens da Terra, que poderiam aceitar ou não seu poder, mas a quem não poderiam negar o direito de reger. Bem, é fácil responder que o único Senhor que se credencia, para todas as linhagens hiperbóreas, a tal direito, é Kristos Lúcifer. Se Ele se apresentasse diante das linhagens hiperbóreas, seu direito a ***Reger pelo Sangue***, baseado em sua inegável pureza, poderá ser aceito ou rejeitado, mas jamais desconhecido.

Mas a ideia de um Messias Imperial não provém de uma mera especulação. Foi nos dias negros da Atlântida que, em resposta ao clamor dos Deuses, surgiu a possibilidade de que a excelsa Presença de Kristos Lúcifer se manifestasse diante da vista dos homens. Nesses dias, a confusão dos Espíritos cativos era tão completa que ninguém mais respondia ao Canto dos Deuses, nem era capaz de perceber a Luz do Graal. Por isso, anunciou-se a vinda do Messias Imperial, o Rei dos Reis do Graal, que restauraria a Função Régia, para restabelecer a Aristocracia espiritual dos Líderes hiperbóreos e destruir a Hierarquia sinárquica que os Demônios impunham. A profecia finalmente se cumpriu, com a chegada de Lúcifer, o Kristos da Atlântida — mas os Demônios de Chang Shambala covardemente resistiram à sua Divina Presença, recorreram à magia negra e abriram uma brecha entre as regiões infernais do plano astral e o plano físico. A partir dali, generalizou-se uma terrível contenda, que só se concluiu quando o continente da Atlântida "afundou-se nas águas do oceano". Não vem ao caso relatar aqui eventos que

hoje ninguém recorda e que, talvez, não convenha recordar. Só acrescentarei que, quando o Demiurgo, conforme já expus antes, concebe a sinistra ideia de copiar a Presença do Kristos da Atlântida, decide "anunciar" também a chegada de um "Messias", imitando à sua maneira, a figura do Messias Imperial. Mas as diferenças são enormes. Eis aqui algumas:

1º) – O Messias Imperial vem restaurar a Função Régia; o Messias hebreu vem exercer a Função Sacerdotal. 2º) – O Messias Imperial credencia seu direito ***pelo Sangue***; o Messias hebreu credencia seu direito ***pelo Coração***. 3º) – E por isso o Messias Imperial será reconhecido pelo povo ***pelo Sangue*** (carismaticamente); e por isso o Messias hebreu será reconhecido pelo povo (judaizado) ***pelo Coração*** (emocionalmente).

Quadragésimo Nono Dia

A partir de hoje, Dr. Siegnagel, retomarei o relato interrompido no Quadragésimo Dia. Creio que nos últimos cinco Dias, esclareci bastante os conceitos fundamentais da Sabedoria Hiperbórea e que valeu a pena dar uma parada, para isso, na história da Casa de Tharsis. O desdobramento da História se produziu quando a Estratégia Hiperbórea de Felipe IV triunfou sobre os planos sinárquicos da Fraternidade Branca e a plana maior da Ordem do Templo foi enviada à fogueira. E nessa façanha, à Casa de Tharsis coube um papel menor, operando ativamente no ***Circulus Domini Canis***, o que atrairia sobre eles o Olhar Atento dos Deuses Libertadores, os Senhores de Vênus, os quais imprimiriam na Estirpe um rumo inesperado. Mas não me adiantarei aos fatos.

Nas fogueiras da Inquisição ***Domini Canis***, os planos da Fraternidade Branca se transformaram em cinzas. Dois fatos principais confirmavam esse fim: o desmembramento da Sinarquia Financeira, efetuado por Felipe IV; e a fuga à Escócia do Colégio de Construtores de Templos, onde séculos depois nasceria a ***Franco-maçonaria***. Sobre este último fato, convém recordar o que foi dito no Dia Décimo Sexto, quando expliquei por que o Colégio de Construtores de Templos necessitava reencontrar as Tábuas da Lei: ***"Com essas Tábuas em seu poder, os Golen estariam em condições de construir o Templo de Salomão na Europa, cumprindo assim os planos da Fraternidade Branca e levando o Povo Eleito ao Trono do Mundo"***. Felipe IV, avisado destas intenções por seus instrutores ***Domini Canis***, suspende a atividade dos três grêmios de ***maçons***, nem bem se inicia o processo aos Templários, sob a acusação de cumplicidade e participação nos delitos destes: o golpe visa o grêmio dos ***Construtores de Salomão***, que integram a Ordem do Templo na qualidade de frades menores, depois de receberem treinamento no Cister; não há que se esquecer que o verdadeiro nome da Ordem, designado por São Bernardo Golen, é ***"Ordem do Templo de Salomão" ou "Ordo Templum Salomonis"***.

Os Construtores de Salomão passam, em seguida, à clandestinidade e fogem da França, não sem antes perderem vários membros nas torturas e na fogueira; quais informações se esperava obter deles? A identificação do Templo de Salomão, se este já tinha sido construído, ou a revelação do lugar de sua futura localização e o progresso das obras. Há que se notar que os Golen construíram, no século XIII, catedrais como Chartres, Reims, Amiens, Estrasburgo, Metz, Narbona, etc., e que qualquer uma delas poderia ocultar o Templo procurado. Não obstante, existiam duas condições que eram levadas em conta pelos ***Domini Canis***: uma, a exigência de que o Templo contivesse em sua estrutura o Segredo da Serpente, que fosse projetado com base nas vinte e duas letras do Alfabeto Sagrado de Jeová Satanás; e a outra, que a localização do Templo correspondesse ao lugar mais sagrado para os Golen. Mas isto já se sabia: o local mais sagrado era Lyon. Porém, mesmo conhecendo o lugar sagrado, não era fácil descobrir o Templo, pois os Construtores de Salomão preferiam morrer a falar, e a cidade se negava a revelar seu segredo: de fato, nem mesmo as Catedrais de Saint Jean ou Saint Martin, ambas construídas com o método ***gaulês***, tinham algo a ver com o Templo de Salomão, pois nelas não aparecia o Segredo da Serpente — tampouco os vinte e dois signos do Alfabeto Sagrado.

Quando, por fim, em 1310, Felipe, o Belo, adquire os direitos sobre Lyon, envia um grupo de ***Domini Canis*** especialistas em Arquitetura Golen, para inspecionar palmo a palmo a região. Esta tentativa teria êxito exatamente um ano depois, ao encontrarem, em um território Templário, sobre o monte Fourvière, as bases de um Templo que se ajustava, em todas as medidas, às proporções arquetípicas do Universo: os Golen projetavam terminar sua edificação simultaneamente com a instauração do Governo Mundial, e tudo estava pronto ali para ser montado como um "quebra-cabeças"; em depósitos próximos se encontravam as pedras cortadas e sinalizadas, as vigas e móveis, o altar, os vitrais, os instrumentos ritualísticos, etc. E tudo foi minuciosamente destruído, por ordem expressa do Rei, que, além disso, autorizou os ***Domini Canis*** a ocuparem aquele local ***"como se fosse uma praça liberada no Universo"***, e a fortificá-lo ***"com uma Muralha Estratégica de pedra"***. Os restos daquela construção, baseada na Sabedoria Hiperbórea, ainda se conservam.

Em 1314, pois, o Inimigo suportava um desastre generalizado, e desaparecia o perigo que obrigou a Casa de Tharsis a esconder-se por quarenta anos: o terror Golen seria vencido pelo ***Terror Domini Canis***, porque este era dirigido pelos Homens de Pedra, que, para o caso, eram também Homens Sem Medo. É claro, o perigo da Morte Final, representado por Bera e Birsa, não tinha desaparecido nem um pouco; mas os Imortais achavam-se em outra esfera da Realidade e, no momento, não voltariam para se ocupar da Casa de Tharsis. Em troca, os Golen estavam fora de combate e não poderiam mais detectar os sobreviventes da Casa de Tharsis.

Mas algo muito estranho ocorria agora na família. Em consequência, talvez, do progresso realizado pela Estirpe no cumprimento da missão

familiar; ou talvez pelo efeito de um tipo de "concentração genética" produzida nos sobreviventes, depois do quase extermínio da Estirpe; ou que fosse por outra causa desconhecida, o certo era que as características hereditárias familiares tinham se diferenciado notavelmente, a partir dos ramos matrilineares fundados por Vrunalda e Valentina. Dentre os descendentes de ambas as Damas vieram Homens de Pedra, mas apenas os filhos e netos de Valentina demonstraram vocação para o ***Noyvrayado***; os Homens de Pedra que se originavam do sangue de Vrunalda, pelo contrário, detestavam montar guarda diante da Espada Sábia e só tinham uma meta: atacar o Inimigo o quanto antes. Enquanto os valentininos pareciam dotados para interpretar os Grandes Planos dos Deuses Libertadores, e contribuir para sua execução ordenada, os vrunaldinos pretendiam passar imediatamente à ação; no quadro da Guerra Essencial, podia se assegurar que os primeiros eram puros ***estrategistas***, e os segundos, ***táticos*** perfeitos.

Todos os Homens de Pedra, sem exceção, continuavam se revezando no ***Circulus Domini Canis***. No entanto, durante o Reinado de Felipe IV, os valentininos tinham se dedicado a projetar a Estratégia da Nação Mística e assessoravam o Rei em segredo acerca do modo de lutar contra os Golen, enquanto os vrunaldinos contavam-se entre os Cavaleiros mais valentes e audazes que deveriam enfrentar os ingleses e flamengos, e entre os inquisidores mais terríveis que os Templários suportaram; além disso, os vrunaldinos, por serem espanhóis, participaram de numerosos episódios da Reconquista e da repressão ao judaísmo e à religião dos infiéis. Por volta de 1310, quando já se vislumbrava o triunfo da Estratégia do Pacto de Sangue, um dos valentininos apareceu no Cerro Candelária e localizou a Caverna Secreta. Depois de sepultar a Vraya, cujo cadáver ainda permanecia sentado diante da Espada Sábia, e restituir a Chama da Lâmpada Perene, tomou o posto de Noyo e restabeleceu a guarda milenar: os vrunaldinos o abasteceriam desde a fortaleza catalã, que então existia no lugar da Capela, ao pé da Colina.

Aquele Noyo era um Homem de Pedra relativamente jovem, mas muito sábio; permaneceu na Caverna nos cinco anos seguintes, durante os quais se completou a destruição da Ordem do Templo e o poder Golen foi derrubado na França. Entre os membros da Casa de Tharsis, como é natural, a derrota dos Golen tinha causado um clima de regozijo geral; mas ninguém esperava que ocorresse algo novo, algo referente à Caverna Secreta, à Espada Sábia, à missão familiar, ao Pacto de Sangue. No entanto, nos primeiros dias de junho de 1315, todos receberam uma idêntica mensagem criptografada: tratava-se de uma convocação do Noyo para uma reunião familiar extraordinária, a realizar-se no dia 21, em São Félix de Caraman. Nesse dia, no Castelo de Valentina, os Senhores de Tharsis celebraram, pela primeira vez em quarenta anos, um Conselho de Família.

A reunião estava programada para as 21 horas, mas às 19 já se encontravam quase todos na sala principal do Castelo: só faltava o Noyo que, segundo a Castelã, ao chegar tinha se fechado em uma torre, sem descer o dia todo. Muitos não se conheciam, e as apresentações e saudações criaram

um clima festivo. Enquanto comiam uma ceia fria e leve, não cessavam de se transmitir notícias e comentar os últimos acontecimentos da França: os nomes de Pierre Flotte, de Guilherme de Nogaret, de Guilherme Plaisians, de Clemente V, e de outros Senhores do Cão, eram pronunciados com muito respeito e admiração; mas o de Felipe, o Belo, achava-se acima da veneração geral. E não era para menos: o Grande Rei, mediante a sanção de mais de 350 leis de origem ***Domini Canis***, tinha transformado a França na primeira Nação do ocidente. E também, e principalmente, tinha destruído em alto grau a infraestrutura Golen, além de eliminar a plana maior templária e obrigar o resto a fugir. Por isso, aqueles que eram virtuais sobreviventes da Lixívia, riam satisfeitos ao recordar as fogueiras templárias.

No momento em que erguiam suas taças na direção do escudo de armas da Casa de Tharsis, que dominava a sala da parede superior do aposento, fez sua entrada o Noyo, que se uniu ao brinde.

— ***Honor et Mortis!*** — gritou com voz de trovão.

— ***Ad Inimicus!*** — responderam com veemência os presentes.

O belicoso grupo compunha-se de dezoito Senhores de Tharsis, dez Cavalheiros e oito Damas, todos Homens de Pedra. Deles, doze eram vrunaldinos e seis valentininos. Os dezessete ficaram em silêncio, olhando expectantes o recém-chegado. O Noyo começou a falar imediatamente:

— Damas e Cavalheiros: deveis ter a certeza de que, se os convoquei com tanta pressa, não foi por capricho, mas porque um assunto impostergável o exigia.

À medida que ia falando, imprimia em suas palavras um tom de gravidade tal que, algo impensado em um Homem de Pedra, sugeria a influência de uma ***forte impressão***. Semelhante efeito não podia ser causado por aquela assembleia; ***devia se tratar de outra coisa***.

— Na verdade — continuou — esta reunião foi solicitada por Ele, a quem em seguida conhecereis. Eu, por meu lado, sei que a prudência aconselhava aguardar ainda alguns anos, antes de convocar um Conselho de Família.

Um som brotou de cada garganta, pois um murmúrio se ergueu e ganhou a sala. A todos espantava a revelação de que receberiam um visitante, uma vez que, na dilatada história da Casa de Tharsis, jamais os Homens de Pedra tinham se congregado na presença de um estranho. Quando a exclamação coletiva se dissipou no espaço, o Noyo retomou a palavra:

— Não vos preocupeis, Homens de Pedra, que o Segredo da Casa de Tharsis ficará a salvo: ***nosso hóspede não é deste mundo; virá aqui de K'Taagar e depois regressará à Cidade dos Deuses***. Mas, é necessário que vos relate as circunstâncias de meu encontro com Ele, um dos Deuses Libertadores do Espírito do Homem, um dos Senhores de Vênus. Como sabeis, há cinco anos estou mantendo a guarda da Espada Sábia: nesse período de tempo, não cessei de contemplar a Pedra de Vênus, mas nada diferente percebia nela. Dia após dia, me concentrava em sua contemplação, esperando observar o Signo da Origem, ou o Sinal Lítico de K'Taagar, mas nada de novo acontecia: só os signos dançantes da Ilusão, os Arquétipos Criados pelo Deus Uno, que

também estão dentro de nós, passavam em vão em frente à minha visão. No entanto, um dia ocorreu algo diferente; foi em maio, pouco antes de que chamasse pelos senhores.

O relato era acompanhado com atenção superlativa.

Sem dúvida, o Noyo teve uma experiência maravilhosa, mas certamente extraordinária, fora do comum, irregular. Os Deuses Libertadores há milhares de anos que não se manifestavam aos homens: desde a época dos Atlantes Brancos.

— Bem, então, nesse dia, depois de várias horas de meditação, adormeci diante da Espada Sábia. Ignoro quanto tempo permaneci nesse estado. Lembro apenas que um som musical foi me despertando, até que distingui com clareza a Palavra ***"Tirodinguiburr"***, modulada na Língua dos Pássaros; coincidentemente, ao cravar os olhos na Espada Sábia, vi as Vrunas que formam essa palavra brilhando perfeitamente nítidas no centro da Pedra de Vênus. Meu espanto não tinha limite, como podeis imaginar, quando ouvi, brotando às minhas costas, uma Voz, dotada da Majestade do Espírito Eterno, que pronunciava meu nome. Ao virar o rosto, encontrei-me diante de um Ser pletórico de Luz, que me observava sorridente, junto ao Ângulo Reto da Caverna Secreta: compreendi então que era Ele quem projetava o Signo Tirodinguiburr na Pedra de Vênus e procurava chamar minha atenção. Virei rapidamente para contemplar as Vrunas mas, crede-me, Homens de Pedra, que ser-me-á difícil comunicar o que aconteceu nesse instante.

Um prolongado suspiro acompanhou as últimas palavras do Noyo. Depois de um segundo de hesitação, durante o qual o brilho de seus olhos se apagou e a atenção pareceu se dirigir para dentro, prosseguiu com firmeza.

— Nesse instante, Cavalheiros, compreendi o significado do Signo Tirodinguiburr. E sua compreensão me infundiu o Mais Alto Grau da Sabedoria Hiperbórea. Era o Espírito Eterno que se libertava e isolava, como nunca antes, da Ilusão das Formas Criadas! Sim, meu próprio Espírito, fixo e plantado, como um menir que permanece e espia na corrente temporal da Alma, de repente se mantinha na Origem, em sua instância eterna e infinita! Já sabia de tudo! Tinha regressado à Origem, tinha me libertado do encadeamento à Matéria, e compreendia o porquê da Queda! Se quisesse, teria partido ali mesmo para Hiperbórea! Mas não podia fazê-lo; não enquanto a missão familiar não fosse cumprida; não enquanto Vós permanecêsseis aqui, no meio dos Demônios; não enquanto ainda nos faltasse travar a Batalha Final contra as Potências da Matéria! A Honra me impedia de partir; e talvez essa decisão era o que esperava Aquele Ser, pois em seguida falou:

— ***Ó, Noyo de Tharsis!*** — disse — ***Não te surpreendas ao sentir a Terra Firme do Espírito! Os Deuses estão contigo: é a Vontade de Navutan que te mantém agora no Universo, as Vrunas de Seu Nome! E a Graça de Freya! E o Poder Kâlibur da Vruna da Morte! Vim a ti*** para confirmar tua existência e a de tua Casa***; para gravar na Pedra Fria o Signo que a situará na Origem e determinará que prevaleça sobre a Lixívia da Morte Final! Dir-te-ei o que deves fazer, Ó Guardião da Pedra de Vênus! É***

necessário que os Iniciados de tua Casa se encontrem comigo em algum lugar do Universo, qualquer um que seja; uma vez juntos, vou lhes transmitir a Mensagem dos Deuses! Deixar-te-ei esta Pedra: coloca-a do mesmo modo diante do Ângulo Reto, e Eu estarei ali no momento certo!

Dito isto, se desvaneceu tão misteriosamente como tinha aparecido, e me achei absolutamente só na Caverna Secreta. A Pedra de Vênus já não refletia o Signo Tirodinguiburr, mas podia vê-lo, se me propunha. Enfim, depois de refletir por cinco dias, decidi aproximar-me de Turdes e enviar mensageiros para convocá-los e concretizar a reunião solicitada pelo Senhor de Vênus.

Transcorreram alguns minutos sem que ninguém atinasse a dizer nada; todos tinham ficado como que enfeitiçados pelo relato do Noyo. Finalmente, um dos Homens de Pedra perguntou:

— A Pedra: o que quis dizer o Senhor de Vênus quando falou de vos deixar uma Pedra?

— Bem, o caso é que quando se desvaneceu pelo Ângulo Reto – respondeu o Noyo – uma curiosa Pedra apareceu onde Ele estava, sem que Eu possa explicar como chegou até esse lugar da Caverna.

— E o que fizestes com ela?

— Eu a transportei até aqui! — O Noyo abriu uma bolsa de couro que trazia pendurada na cintura e extraiu dela um rústico pedaço de basalto negro. A Pedra era uma pequena coluna de 8 ou 9 polegadas de altura e de base retangular; sem hesitar, a estendeu ao que tinha formulado as perguntas. Logo circulou de mão em mão, até retornar novamente ao Noyo, que então voltou a falar:

— Damas e Cavalheiros: proponho-vos tentar o contato com os Deuses, tal como Eles mesmos o sugeriram. Dispus uma torre do Castelo para essa finalidade e creio que já é hora de nos dirigirmos para lá.

— Sim! — aprovaram em uníssono várias vozes — não percamos mais tempo!

Quinquagésimo Dia

A Torre em questão consistia em um recinto quadrado, construído com sólidos blocos de granito, cujos quatro ângulos estavam perfeitamente alinhados com os pontos cardeais. Havia-se feito retirar todo o mobiliário, com exceção de três longos bancos sem encosto, nos quais se sentaram os Homens de Pedra. A única vela de um candelabro de parede iluminava tenuamente o ângulo oeste. Diante desse canto, no chão, o Noyo colocou a diminuta coluna de rocha: depois de orientá-la convenientemente, uniu-se aos Homens de Pedra.

— Coloquei a Pedra de forma semelhante à como a encontrei na Caverna Secreta – disse. Agora só nos resta Aguardar e Observar.

No início, ninguém notou nada, porque o fenômeno foi se produzindo muito lentamente. No entanto, em um momento dado, sem que os Homens de Pedra pudessem determinar quando, ***o vértice do canto pareceu extremamente brilhante***. Então, todos viram uma linha vertical de luz branca, onde os dois planos da parede se uniam no ângulo reto. Aquela luminosidade cobria completamente o vértice e causava a sensação de surgir de uma estreita fenda, como se as paredes estivessem separadas por uma rachadura infinitesimal, uma janela para outro mundo. Mas o vértice de luz era o que se via ***em relação*** às paredes da torre; porque se se ***alinhava*** o vértice ***com*** a Pedra, a imagem mudava subitamente, e o fenômeno adquiria sua mais curiosa característica: observando desse modo, ***a Pedra parecia estranhamente incrustada no ângulo reto***; mas essa visão durava só um momento, pois em seguida ***o ângulo avançava para a frente*** e a Pedra se perdia na linha de luz. Isto surpreendia; no entanto, ao examinar o vértice de luz ***em relação*** às paredes, a Pedra aparecia novamente onde a havia colocado o Noyo.

Como todos estavam contemplando o vértice de luz, todos viram chegar o Senhor de Vênus. E a ninguém escapou que ***sua entrada era produto de um passo***: o último passo de uma caminhada que ninguém se atrevia a imaginar por qual caminho tinha se realizado. Sim; o Senhor de Vênus ***chegava caminhando, atravessava*** o ângulo reto, e ***se situava sobre a Pedra***; e agora dominava a torre e olhava os Homens de Pedra. O Noyo colocou-se imediatamente de pé e anunciou:

— Damas e Cavalheiros: apresento-vos o ***Capitão Kiev***!

— ***Graça e Honra, Sangue de Tharsis!*** — saudou o Senhor de Vênus, expressando com sua mão direita o ***bala mudra***.

— ***Salve!*** – responderam em coro os Homens de Pedra.

Aquele Ser, de aparência claramente humana, era na verdade resplandecente: um halo violeta se estendia várias polegadas ao seu redor e permitia perceber os detalhes da indumentária. Esta não podia ser mais simples, pois constava apenas de três peças: uma espécie de uma cota de malha fina, escamosa, que lhe cobria a totalidade do corpo, com exceção da cabeça e das mãos; um par de botas de cano curto; e um cinto com fivela octogonal, sobre a qual estava gravado um conjunto de signos indecifráveis; as três peças foram elaboradas com materiais inimagináveis. Comparado com os Homens de Pedra, o Senhor de Vênus era um gigante: quase meio metro mais alto que os vrunaldinos, que estavam entre os Cavalheiros de maior estatura de Castela. Tinha o cabelo loiro, bem curto, e feições agradáveis no rosto, de pele muito pálida. Mas o que mais impressionava, pois lhe outorgava o indubitável aspecto de um ser de outro mundo, ou pertencente a uma Raça desconhecida, ***eram seus olhos carentes de pupila, só compostos por uma íris de cor verde-Esmeralda***: esses olhos, desprovidos de expressão humana, testificavam a inquietante evidência de que a História do homem esqueceu algo; algo que talvez seja inevitável recordar em nossa época, Dr. Siegnagel.

Após a saudação, o Capitão Kiev continuou falando; ainda que não movesse os lábios, todos o ouviam perfeitamente, e ninguém se perguntou sobre o prodígio. Os Homens de Pedra perceberam logo que com Aquele Ser não teriam nenhum tipo de diálogo: o Senhor de Vênus veio trazer uma mensagem e depois do comunicado iria embora.

— ***Sangue de Tharsis: trago-vos a saudação de Navutan, o Senhor da Guerra! E também vos trago Sua Palavra! Prestai atenção, abri bem Vossos sentidos, porque a presente é uma oportunidade única, talvez irrepetível antes da Batalha Final! Na verdade, foi a façanha que protagonizastes, ao contribuir para destruir os planos do Inimigo, o que motivou esta visita: na morada dos Deuses, o Senhor da Guerra e os Senhores de Vênus beberam Hidromel com Vossos Antepassados! Lá, na Morada dos Deuses, ganhastes um lugar junto aos Heróis da Raça Hiperbórea! E na Terra, conquistastes o direito de existir, mesmo no meio da maior Ilusão do Grande Engano! É a Vontade de Navutan que Vossa Casa exista até o dia da Batalha Final e que seus membros acompanhem as fileiras dos Deuses, portando o estandarte do Espírito Eterno! Por isso, vos foi revelado por meu intermédio Tirodinguiburr, Seu Nome Esquecido, a Chave do Mistério do Labirinto; para que Vosso Espírito se reOriente para a Origem e nunca mais torne a se extraviar.***

Compreendei, Senhores de Tharsis, que o homem adormecido só é consciente de um Mundo, de uma Terra, de uma História, à qual considera "real", mas o Espírito cativo compartilha da Ilusão de milhões de Mundos possíveis, de Terras semelhantes, de Histórias parecidas. Vós sois homens despertos, mas o homem adormecido vive, sem o saber, em milhões de Mundos ao mesmo tempo: sua consciência, em algumas ocasiões, permanece toda uma vida referida a um Mundo em particular; ou, eventualmente, passa de um Mundo a outro sem o notar; mas o homem adormecido é incapaz de distinguir um Mundo de outro, pois a Ilusão é muito intensa, o sono muito profundo. Diferente é o ponto de vista do Espírito cativo, que subjaz encadeado na Alma do homem adormecido. Para o Espírito Eterno, qualquer um desses Mundos pode ser "real", pode ser vivido como real, mas todos são igualmente ilusórios. Para o Espírito, muitos dos homens que acredita existir, e muitas das coisas que se acredita que existem, não são reais, quer dizer, são pura ilusão. Para o Espírito só é Real o Mundo que Ele mesmo confirma como tal, só existe o homem no qual Ele se manifesta com maior orientação estratégica.

Assim é, Senhores de Tharsis! Para o Espírito, a Realidade depende da orientação estratégica. E o homem desperto só existirá se dispõe de orientação estratégica ***com respeito à Origem: porque é da Origem que o Espírito vê o homem desperto e diz: Existe,*** exsistit.

O que é, pois, a orientação estratégica? Em um momento dado, simultaneamente, certos homens despertam aqui e ali, em alguns dos Mundos possíveis: é o Espírito do Homem que os evoca e para quem eles

se dirigem. Cada um desses Mundos é "real" para o homem desperto que o habita e percebe. E de cada um desses Mundos "reais" um homem desperto marcha para um ponto que é comum a todos os Mundos Possíveis: a Origem do Espírito cativo. Em um lugar está o homem desperto e seu Espírito cativo, em outro a Origem e o Espírito absolutamente livre; o que separa o homem desperto da Origem? Uma distância chamada de "Labirinto", que só se pode superar mediante as Vrunas de Navutan. O Espírito desperta o homem adormecido; o homem desperto adquire a Sabedoria Hiperbórea; a Sabedoria Hiperbórea lhe revela as Vrunas de Navutan; e as Vrunas de Navutan constituem Tirodinguiburr, o Segredo do Labirinto. Com a Chave das Vrunas, o homem desperto se orienta ***no Labirinto e encontra a Origem, a única coisa verdadeiramente Real para o Espírito. O tempo necessário para concretizar a orientação é concedido pela Imortalidade da Semente de Pedra, que a Graça da Virgem de Agartha semeia no Coração dos que buscam a Origem.***

A orientação deve ser estratégica ***porque no Labirinto o Inimigo tentará mudar seu rumo para a Origem: tratará de confundir, de desviar, de deter — vale a pena dizer — de desorientar o homem desperto. Porém, o homem desperto deverá empregar uma Estratégia: para avançar orientado, terá que desenvolver um modo de comportamento que neutralize a ação inimiga e lhe permita chegar concretamente à Origem.***

O Labirinto é integrado pelos caminhos da Ilusão, que se bifurcam em todos os Mundos Possíveis. Se a orientação estratégica é fraca, a distância entre o homem desperto e a Origem pode ser muito extensa; e o Tempo que leve para percorrê-la analogamente prolongado. Porém, se a orientação estratégica é forte, o homem desperto pode se encontrar muito próximo da Origem e a libertação espiritual pode ser instantânea. Ocorre assim porque a orientação estratégica e o Labirinto são contrários: quanto menor seja a orientação estratégica, tanto mais complexo será o Labirinto; quanto maior seja a orientação estratégica, tanto mais simples será o Labirinto; a máxima orientação estratégica, a Origem manifesta, dissolve a Ilusão do Labirinto. Além disso, se o movimento se guia pela orientação estratégica, o Tempo e o Espaço do Labirinto tornam-se relativos; a Origem situa-se longe ou perto, de acordo com a atitude estratégica do homem desperto. Então, a realidade do homem desperto é relativa, com respeito à Realidade absoluta da Origem.

A realidade do homem desperto depende da orientação estratégica. Vimos vários homens despertos, cada um em seu Mundo "real", buscando simultaneamente a Origem; cada um com diferentes graus de confusão no Labirinto, cada um com diferente orientação estratégica. Qual é, então, o Mundo Real, se todos são relativamente reais, desde a Origem? De todos os mundos possíveis, "reais" são os Mundos que o

Espírito dos homens despertos confirma; de todos os Mundos "reais", Real é o Mundo onde os homens despertos possuem a maior orientação estratégica e onde mantêm uma Estratégia triunfante contra o Inimigo do Espírito: e a Realidade desse Mundo é confirmada por Navutan, o Senhor da Guerra. Os Senhores de Vênus, de K'Taagar, da Origem, desvinculados do Tempo e do Espaço do Labirinto, esquadrinham permanentemente os milhões de Mundos da Ilusão, enquanto aguardam que os últimos homens adormecidos retomem a Senda do Espírito e declarem a Guerra Essencial às Potências da Matéria. Eles descobriram Vosso Mundo, Senhores de Tharsis, e o revelaram a Navutan. E o Senhor da Guerra, lisonjeado por Vossas Façanhas, decidiu confirmá-lo como Real. Da Origem, o Grande Ás, distinguiu Vosso Mundo, dizendo:

Existe, exsistit***, o Mundo real dos Senhores de Tharsis, que não cessam de lutar pela Liberdade do Espírito Eterno! Existe, pois, um Mundo onde os homens adormecidos são capazes de despertar e enfrentar as Potências da Matéria! Ha, ha, ha; e são Bons: acabam de ganhar uma Batalha! Com Eles enviarei o Grande Chefe da Raça Branca! Contando com a ajuda destes Guerreiros Sábios, e daqueles Heróis que se unam a Eles, derrotarão as Potências da Matéria e colocarão fim, no Princípio, à Guerra Essencial!***

Compreendei isto, Senhores de Tharsis, e sabereis por que vim e em que consiste a Graça que Vos dispensou Navutan, ao conceder existência Real ao Vosso Mundo!

Porque assim é! O Mundo onde Vós viveis e onde o Inimigo foi recentemente derrotado, será o Mundo Real para os Senhores de Vênus e para Navutan, o Senhor da Guerra! Neste Mundo começará a Batalha Final, quando o Homem se enfrente definitivamente com as Potências da Matéria! E neste Mundo, o Mundo dos Senhores de Tharsis, deverão se realizar todos os que tentem libertar seu Espírito Eterno e partir para a Origem, os Guerreiros, os Heróis, os Iniciados Hiperbóreos, os verdadeiros Gnósticos, os Homens de Pedra! Ouvi: os que procurem e encontrem o Sangue de Tharsis em seu Mundo assentarão o Espírito na Pedra Fria que está na Origem, na Pedra que se mantém fora do Universo Criado e que estará ainda na Origem, quando o Universo Criado já não exista! ***Contrariamente, os que pretendam ignorar o Sangue de Tharsis, ou não sejam capazes de encontrá-lo, basearão seu Mundo na Ilusão e serão convertidos em Lixívia no Final do Tempo, quando Tudo Volte ao Uno no Final de Seu Dia de Manifestação, quando o Final seja igual ao Princípio, e a Ilusão se dissolva no nada, e só exista o Uno em Sua simples eternidade.***

Porque só o Espírito é Eterno! Quem não encontre seu Espírito morrerá de Morte Final, ainda que acredite ser Imortal. E os que primeiro vão morrer são as Almas que Mais próximas estão do Final, onde se aproximaram procurando uma quimérica e vã perfeição arquetípica. Aqueles cujas Almas evoluem imitando a Meta Final

proposta pelo Deus Criador Uno, os que se enganam identificando o Bem com a "Paz Universal" e privam seu Espírito da oportunidade de lutar, os que adoram o Deus Criador Uno e amam o Universo Material, os que temem Jeová Satanás e servem às Potências da Matéria, os que persistem em afirmar que o Espírito é Criado e querem colocá-lo de joelhos diante do suposto Criador, os que se acobertam sob a Pomba de Israel, os que integram a Hierarquia da Fraternidade Branca, os Sacerdotes de todos os Cultos e os que acreditam que se pode ser "Gnóstico" e Sacerdote ao mesmo tempo: Esses morrerão de Morte Final! Esses serão reduzidos a Lixívia pela Vontade de seu Criador!

Em síntese: Aqueles que participem do Pacto Cultural viverão na Ilusão da Alma e morrerão de Morte Final! E aqueles que recordem o Pacto de Sangue, e encontrem o Sangue de Tharsis, viverão na Realidade do Espírito e se eternizarão Além da Origem!

Compreendeis, Senhores de Tharsis, o que significa para os demais Espíritos cativos a Realidade de Vosso Mundo? Vossa Casa contraiu um compromisso com o homem, a quem demonstrastes que se pode triunfar sobre o Mal, que é possível vencer os Demônios. Doravante, Vossa missão será acompanhar a História sem entrar na História. Porque antes do Final Vós contribuireis para quebrar a História e dar início à Batalha Final. Tereis que estar atentos à História, e vigiar os movimentos do Inimigo na História, para agir no momento oportuno. Um Grande Chefe Branco virá então ao Vosso Mundo: Ele possuirá o Poder de apresentar a Batalha Final contra o Inimigo do Espírito. Será um Enviado do Senhor da Guerra e seguirá o caminho assinalado por Vós: projetareis, construireis e mantereis livre esse caminho; e empregareis para isso o Tempo que for necessário, os Séculos que demande a Ilusão da História.

O Grande Chefe Branco, o Senhor da Vontade e do Valor Absolutos, virá uma vez, duas vezes, três vezes, ao Vosso Mundo. Na primeira vez, quebrará a História, mas irá embora, e causará o insensato riso dos Demônios; na segunda, apresentará a Batalha Final, mas irá embora, em meio ao Rugido de Terror dos Demônios; na terceira, guiará a Raça do Espírito para a Origem, mas irá embora para sempre, deixando atrás de si o Holocausto de Fogo no qual se consumirão os seguidores do Deus Uno, homens, Almas e Demônios. Mas aqueles que sigam o Enviado do Senhor da Guerra serão Eternos!

Vós tratáveis de cumprir a missão familiar e guardáveis a Espada Sábia. Agora Vos darei instruções para realizar outra missão: preparar no Mundo o advento do Enviado do Senhor da Guerra. É Sua Vontade que assim seja! Mas esta missão não podereis realizar atuando como até hoje: a Estratégia exige que se dividam os esforços e que só uma parte de Vós se ocupe de cada coisa. Pedimos-Vos que Vos separeis uma vez mais, a penúltima! É preciso que, nos preparativos para a vinda do Grande Chefe Branco intervenham somente os Filhos de Vrunalda de Tharsis: com esse objetivo deverão trasladarem-se desde já para suas

herdades da Germânia, onde as Damas serão as chefes da Estirpe e manterão a ficção de sua linhagem germânica e catalã. Lá manter-se-ão alertas, até a época em que surja um Imperador alemão afeito à Sabedoria Hiperbórea: Ele, com a colaboração de outras pessoas que, nesse momento, se unirão a Vós, será quem lançará as bases da futura Ordem na qual o Enviado receberá a Mais Alta Iniciação. Essa Estirpe de Tharsis (que Honra a sua!) estará junto ao Grande Chefe Branco, quando declarar a Guerra Total às Potências da Matéria. Porque a Sabedoria Hiperbórea dessa Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Primeira Vinda do Enviado do Senhor da Guerra!

Os Filhos de Valentina de Tharsis, em troca, terão que regressar para a Espanha e se assentarem permanentemente em Turdes. Lá se dedicarão a guardar a Espada Sábia e cumprir a missão familiar, até a época em que surgirá um Homem de Pedra que verá na Pedra de Vênus o Sinal Lítico de K'Taagar. Tal imagem lhe indicará um caminho, que deverá seguir sem vacilar. Pegará então a Espada Sábia e, acompanhado pelos restantes Homens de Pedra da linhagem de Valentina, partirá para um País longínquo e desconhecido, onde será chefe de uma nova Estirpe. Sim, Senhores de Tharsis! Para esse Iniciado se permitirá iniciar a Estirpe transmitindo a herança familiar pela via masculina! Mas, depois d'Ele, sua descendência continuará a tradição iniciática matrilinear e se comprovará que os Homens de Pedra procedem ainda dessa via! E essa Estirpe de Tharsis! Que Glória a sua! Participará ativamente na Batalha Final! Porque a Sabedoria Hiperbórea dessa Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Segunda Vinda do Enviado do Senhor da Guerra!

Por último, vos farei uma advertência. Ao fracassarem os planos da Fraternidade Branca na Europa, uma parte deles também ficou neutralizada. Dessa parte, Vós ignorais tudo: é a que se refere à missão de Quiblon, o Grande Sacrificador. Ele viria para Anunciar a Glória e a Vitória de Israel com a Sinarquia do Povo Eleito, e ofereceria três povos em Holocausto ao Uno. Entretanto, a Sinarquia não poderá se concretizar por ora, devido à Vossa resoluta ação, mas é possível que, em uma época não muito distante, o Inimigo, de qualquer forma, envie Quiblon, para forçar a marcha da História: então será muito difícil detê-lo. Só podereis tentar um ataque generalizado contra o Povo Eleito, a cuja Raça Ele pertencerá, mas o mais provável é que consiga cumprir sua missão. Mas isso não impedirá que se cumpra o Destino de Glória da Casa de Tharsis.

Senhores de Tharsis: disse quanto tinha que dizer e não convém, por motivos estratégicos, acrescentar nada mais. Reitero-vos a saudação de Navutan e me despeço até a Batalha Final. Ou até que Vós vos encontreis comigo em outro *Kairos*. ***Graça e Honra, Sangue de Tharsis!*** – desejou-lhes o Senhor de Vênus, enquanto levantava o braço direito para expressar o ***bala mudra***.

— ***Salve,*** Capitão Kiev! — responderam os Homens de Pedra, realizando também o ***bala mudra***, que era a antiga saudação secreta da Casa de Tharsis.

Quinquagésimo Primeiro Dia

Imediatamente depois da saudação, o Senhor de Vênus girou seu corpo e ***penetrou no iluminado vértice do ângulo reto***, deixando atrás de si os Homens de Pedra submersos em profundas reflexões. O primeiro a reagir foi o Noyo, que observou que a Pedra tinha desaparecido junto com o Capitão Kiev; meus antepassados, Dr. Siegnagel, apesar de toda sua Sabedoria não chegaram a compreender nesse momento ***que a Pedra*** era ***o Senhor de Vênus***.

No dia seguinte, o Conselho de Família decidiu cumprir exatamente as instruções recebidas.

Aquele Nobre que aceitou Vrunalda como filha legítima, ao morrer, não deixou outros herdeiros para seus Feudos austríacos a não ser seus supostos netos. Os filhos e netos destes, entre os quais se contavam os doze presentes, cuidavam de seu patrimônio no leste, ainda que sem abandonar a base familiar espanhola de Turdes. Agora residiriam todos na Áustria, enquanto os valentininos abandonariam São Félix de Caraman para se estabelecerem na Espanha. A partir daqui, Dr. Siegnagel, referir-me-ei apenas ao ramo dos valentininos, dos quais descendo, para continuar a história. Sobre os vrunaldinos, a única coisa que comentarei é que cumpriram sua missão com perfeição: fizeram-se fortes na Áustria e, quando surgiu o Imperador esperado, Rodolfo II Habsburgo, constituíram, com a colaboração inestimável do inglês John Dee e de sete famílias da nobreza alemã, a Sociedade Secreta ***Einherjar***; tal Sociedade funcionou por mais de trezentos anos, na mais absoluta clandestinidade, adquirindo seus membros a Mais Alta Sabedoria Hiperbórea, tão Alta como jamais a possuíra antes a Casa de Tharsis; nos séculos XIX e XX deram origem a várias Ordens externas, que tinham por finalidade Anunciar às massas de homens adormecidos a próxima Vinda do Grande Chefe da Raça Branca e ***localizá-lo para lhe administrar a Iniciação Hiperbórea***; a penúltima dessas Ordens foi a ***Thulegesellschaft***, encarregada de guiar o ***Führer Adolf Hitler***, nascido no final do século XIX, até os Homens de Pedra da Einherjar; e a última das Ordens formadas por Eles foi a Ordem Negra ϟϟ, inspirada em segredo pela *Thulegesellschaft*, mas na realidade dirigida pelos Homens de Pedra da supersecreta *Einherjar*; os vrunaldinos tiveram, pois, a Honra de acompanhar o Grande Chefe Branco, o Führer, em sua Guerra Total contra as Potências da Matéria, como previra tantos séculos antes o Senhor de Vênus.



John Dee

Os Valentininos ficaram então como únicos representantes da Casa de Tharsis na Espanha; especialmente, os únicos que se dedicariam a cumprir a missão familiar. De São Félix de Caraman os acompanharam dez dos descendentes de Arnaldo Tíber, que desejavam continuar vivendo perto de seus primos. Instalaram-se na velha Casa Senhorial e travaram excelentes relações com a população catalã de Turdes, que gostava que aqueles novos Senhores procedessem do Languedoc e compreendessem sua língua nativa. O Noyo retomou a Guarda na Caverna Secreta e logo teve a companhia de outro Homem de Pedra que, impressionado ainda pela experiência com o Senhor de Vênus, tinha decidido se consagrar à Custódia da Espada Sábia. Em situação semelhante se encontravam os seis assistentes à reunião de São Félix de Caraman, mas não seria possível que todos abandonassem o Mundo, pois se devia dedicar atenção aos interesses patrimoniais da Casa. A Espanha se industrializava rapidamente e se requeriam, nas principais cidades, todo tipo de matérias primas; em Turdes, a nova população de origem catalã reativou a produção de minerais, completamente abandonada pelos Senhores de Tharsis nos últimos séculos. Assim, como se os milênios não houvessem transcorrido, o ouro e a prata voltavam a serem extraídos das serras pelos Senhores de Tharsis. Não obstante a atenção que a nova situação exigia, em meados do século XIV tudo estava sob controle: até então, cinco daqueles seis iniciados já se tinham recluído na Caverna Secreta.

Quando os valentininos chegaram a Huelva, o Condado pertencia a Sevilha. Em 1338, porém, Alfonso XI de Castela o cedeu ao Grão Mestre da Ordem de Santiago, fazendo reaparecer o perigo Golen, pois essa Ordem Celta era eminentemente Golen, e além disso, muitos Templários nela se haviam refugiado, após o processo promovido por Clemente V — e começaram então a infestar a região. No entanto, quatorze anos depois, o infante Dom Pedro retirou o Condado de Huelva do Grão Mestre para obsequiá-lo a Maria de Padilha, sua amante. No final do século XIV, a Casa de las Cerdas, dos Reis de Castela, entregou-o como dote de uma de suas Damas, passando aquele, então, ao poder dos Duques de Medina Sidônia, até o fim desta história.

A influência da Casa de Tharsis sobre a Ordem de Pregadores se manteve nos anos seguintes, já que o ***Circulus Domini Canis*** prosseguiu funcionando em segredo, tratando de dirigir a Inquisição contra os membros do Povo Eleito e os Golen, procurando impulsionar o modelo de Nação Mística aperfeiçoado juridicamente durante o reinado de Felipe, o Belo, e concretizado em parte por esse Grande Rei. Esta influência se fez sentir sobretudo na Espanha, onde, graças às campanhas de esclarecimento popular de muitos Pregadores, dentre eles Dom Ferrán Martínez, provedor do Arcebispado de Sevilha e Senhor do Cão, desataram-se as violentas perseguições contra judeus, que culminaram nas matanças de 1391 em Sevilha, Córdoba, Toledo, Écija, Logroño, Burgos, Ocaña, e em mais trinta regiões. De Castela, aquele incêndio passou para Aragão; em Valência, o povo exterminou cinco mil judeus e em Barcelona uns onze mil; até as Baleares chegou a fúria popular contra os seguidores de Jeová Satanás. Correndo perigo de serem aniquilados em Castela e Aragão, acharam refúgio seguro em Portugal, onde o marrano Dom Moisés Navarro, encaixado no governo, tinha conseguido duas Bulas locais dos Papas Clemente VII e Bonifácio IX, que impediam a conversão compulsiva dos judeus; aquela invasão hebraica, no entanto, haveria de causar, em curto prazo, a hostilidade da população de cristãos.

O dominicano Valenciano São Vicente Ferrer, que possuía o carisma do dom de línguas e tinha predicado em todos os países da Europa em seus próprios idiomas, participou ativamente da campanha anti-hebraica: foi ele que inspirou a Bula de Benedito XIII, que proibia aos israelitas a posse do Talmud e os obrigava ***"a que usassem vestes com um sinal vermelho, para que assim pudessem ser conhecidos por todos e se conseguisse evitar o dano que seu trato traz para os cristãos"***. Isto ocorria em 1412, quando os persistentes israelitas começavam a regressar maciçamente para a Espanha. Logo se reiniciaram as perseguições, que foram adquirindo tal sanha que, em 1473, levaram o Povo Eleito a propor ao Rei Henrique IV a venda ou aluguel da cidade de Gibraltar para se estabelecerem nela, solução muito hebraica, que foi logicamente rejeitada.

Após a morte deste Rei, recebe o Trono de Castela sua irmã, Isabel I, casada com Fernando de Aragão. Em 1478, os Reis Católicos se dirigem ao Papa Sisto IV para solicitar a redação de uma Bula que autorize o funcionamento da Inquisição em Castela; o objetivo: julgar os culpados de heresia,

especialmente os judeus. Rapidamente emitida, a Bula permitiu a formação dos Tribunais do Santo Ofício, confiados à Ordem de Pregadores dominicanos. O promotor daquela iniciativa dos Reis Católicos foi o prior dos dominicanos, frei Alfonso de Hojeda, Senhor do Cão, que soube convencer a Rainha Isabel sobre a conveniência de fazer a Inquisição intervir no combate contra as forças satânicas. A princípio, a Bula só atuou como uma ameaça, mas, graças à infatigável gestão dos ***Domini Canis***, Frei Alfonso de Hojeda, o provedor Dom Pedro de Solís, o assistente Dom Diego de Merlo, e o secretário do Rei, Pedro Martínez Caamaño, consegue-se persuadir os Reis sobre a necessidade de instrumentar a Inquisição com todo seu vigor para extirpar do corpo social o judaísmo e a heresia. Assim, os Reis nomeiam, em Medina del Campo, os primeiros inquisidores, os frades dominicanos Miguel Morillo e Juan de San Martín, que atuaram juridicamente, secundados por frei Felipe de Turdes e Ricardo de Tharsis, tio e pai de Lito de Tharsis, respectivamente. Dois editais redigidos por estes, concedendo um prazo para o arrependimento dos hereges, ao final do qual seriam julgados, produziram numerosas conversões, mas nada impediu que dois mil judeus fossem queimados em menos de um ano.

Quando, em 1483, o prior do Convento de Santo Domingo de Segóvia, frei Tomás de Torquemada, é nomeado Inquisidor Geral da Coroa de Castela, frei Felipe de Turdes e Ricardo de Tharsis, como seus assessores jurídicos, passam a fazer a revisão do trabalho realizado pelos encarregados da redação do Manual da Inquisição moderna. A aplicação dessas leis demonstraria claramente quão inútil era pretender a conversão dos judeus ao cristianismo, ao qual estes acediam falsamente, enquanto continuavam praticando o satanismo em segredo. Diante da evidência, os Reis católicos decretaram, em 31 de março de 1492, a expulsão dos judeus dos Reinos de Castela e Aragão, no prazo de quatro meses, medida mais benigna do que a de Felipe, o Belo, mas igualmente eficaz. O asilo lhes foi oferecido, novamente, por Portugal, pois seu Rei, João II, fora educado por instrutores judeus e subestimava completamente o perigo que aqueles representavam para a saúde do Reino. Mas, desta vez, a proteção duraria pouco, pois, em 1495, morre João II, deixando como herdeiro da coroa Manuel I. Para infortúnio dos hebreus, este Rei era casado com uma filha dos Reis Católicos e extremamente esclarecido sobre os motivos da Inquisição espanhola. Em 1497, assina um decreto semelhante ao castelhano de 1492, pelo qual se expulsam os judeus do território português. O destino do Povo Eleito os levaria agora à Holanda, particularmente, a Amsterdã, que ganhou o apelido de "A Nova Jerusalém", e a outras cidades importantes, bem como às demais regiões dos Países Baixos, onde logo controlaram as fontes do poder, praticaram a especulação e converteram essas nações nas potências bancárias e maçônicas que conhecemos na atualidade.

Por trás de todas essas perseguições espanholas contra o Povo Eleito, naturalmente, encontrava-se a Casa de Tharsis, que procurava frear a chegada de Quiblon. Mas, tal objetivo, como sugerira o Capitão Kiev, seria muito difícil de realizar: em 1484, o Grande Mago Hebreu já se encontrava na

Espanha e, em 1492, consagraria as "novas terras da Índia", habitadas por três povos "sacrificáveis", à "Glória de Jeová Deus".

Quiblon era um judeu convertido, oriundo da Galícia, dos que, na Idade Média, se denominavam ***ginovenses***[3]. Foi educado secretamente como Rabino e Cabalista. Para favorecer sua Alta Missão, foi inventada depois uma história apócrifa, obscurecendo todos os dados que permitissem conhecer sua origem e apagando as pistas de seus passos. Disso se ocupariam, durante os séculos seguintes, seus irmãos de Raça. Tal como o exige a Cabala, para quem vai receber a Shekhinah, a Voz de Metatron, o ***Rabbi*** deveria possuir Setenta Nomes. Deles conhecemos apenas alguns: ***Scolnus, Scolvus, Scolvo, Skolvus, Skolvo, Kolonus, Scolom, Skolum, Colum, Colom, Colombo, Colon***, etc. Vale a pena dizer que me refiro a Cristóphoro Colombo ou Cristóvão Colombo, o célebre Almirante, mais conhecido pelo "descobrimento" do continente americano do que por suas atividades esotéricas.

Quiblon vinha para cumprir as profecias de Bera e Birsa, para oferecer o Holocausto de Água, *Mem*, a ***YHVH Sabaoth***. E, para isso, havia se preparado por muitos anos e passado por muitas provas definitivas. Em particular, Quiblon teve que dar mostras de seu domínio para ***abrir as Portas do Paraíso e fechar as Portas do Inferno***. Esta última prova demonstrou em 1477, quando viajou para a Groenlândia, como piloto de uma Armada dinamarquesa para ***fechar as Portas de Thule***. É conveniente nos remetermos a essa operação de Grande Magia, para compreender suas ações posteriores.

Tudo começa com um inexplicável e perturbador fato ocorrido no século XIV: ***a população viking da Groenlândia, umas dez mil pessoas, durante o século XIII, desaparece sem deixar rastros, no século seguinte***. Para entender o ocorrido, é necessário retroceder ao século X, à época em que os Golen católicos controlam os normandos e avançam para o Norte da Europa, submetendo a sangue e fogo os povos bárbaros e pagãos da Dinamarca, Suécia e Noruega. É então que uma das últimas Pedras de Vênus, das que restavam em poder dos povos do Pacto de Sangue, é transportada para a Groenlândia. Isso o faz Erik, o Vermelho, um Guerreiro Sábio de valor singular, cuja determinação lhe acarreta a impossibilidade de regressar à sua pátria. Seria ele quem daria seu nome atual, Terra Verde, à gelada ilha, no ano de 986. E sua família formaria uma Estirpe de Noyos e Vrayas que cuidariam da Pedra nos séculos posteriores, quando as relações culturais com os povos europeus fossem reestabelecidas. Aquelas relações atrairiam os missionários católicos para os assentamentos vikings, mas a Pedra não cairia em poder dos Golen, pois os Guardiões a ocultariam em regiões extremamente agrestes do Noroeste groenlandês.

---

[3] *N.T. Existe um grupo de judeus um tanto próximo dos sefarditas que eram chamados de "ginovenses"; possivelmente de origem italiana. Diccionario Abierto y colaborativo – Carlos Vargas Fernández.*

Em 999, Leif Eriksson traz o primeiro sacerdote católico, ao qual seguem muitos mais em sucessivas viagens. Não obstante, a resistência dos noruegueses ao Pacto Cultural se prolongaria durante todo o século XI. De qualquer forma, a próspera colônia de Erik, o Vermelho, com mais de 200 fazendas, já tinha 12 igrejas e dois conventos, em 1124. O Papa Pascoal II nomeia o primeiro Bispo, Erik Gnupsson, em 1121, ao qual sucedem mais dezesseis até 1409. Em 1290, chega à ilha o Primeiro ***Domini Canis***, Thor Bjorn, que combate os Golen e chama em seu auxílio um membro da Casa de Tharsis. Funda-se, assim, em Gardhar, o famoso Monastério de Nossa Senhora de Thule, onde se escreveram dois poemas dos Edda, o ***Atlakvidha*** e o ***Atlamál***. Em Gardhar, justamente, existia o Monastério Golen de São Bernardo. E em dita cidade se concentraria a oposição mais encarniçada entre os Golen e os ***Domini Canis***, porque aqueles suspeitavam que a Pedra de Vênus estava muito perto e resistiam a abandonar o lugar sem a encontrarem. Por fim, em 1312, graças a uma Bula de Clemente V, que acabava de liquidar a Sinarquia Templária em combinação com Felipe, o Belo, os Golen se veem obrigados a abandonar Gardhar. ***É então que os Noyos vikings declaram à população de Gardhar que tinham visto o Sinal Lítico de K'Taagar na Pedra de Vênus, pedra que atribuem a uma herança de Wothan e, inclusive, denominam de "o Olho de Wothan". Os Noyos propõem ao povo de Gardhar partirem para onde mostra a Pedra e todos aceitam,*** preparando-se imediatamente para a guerra. ***Por quê? É o que explicarei a partir de amanhã, Dr. Siegnagel. O importante agora é saber que não só a população de Gardhar, mas a totalidade dos groenlandeses, com exceção de alguns sacerdotes católicos, que se esconderam convenientemente, para não serem executados pelos enfurecidos vikings, decidiram partir "para o Valhala, a Morada dos Deuses"***.

É que aquele povo de Sangue Puro despertava subitamente para a Sabedoria Hiperbórea que surge do Espírito Eterno e se libertava do feitiço do Pacto Cultural: ***havia se transmutado e só ansiava partir para a Origem, sem se importar com a índole do Inimigo que se interpusesse em seu caminho***. Em 1354, o Rei da Noruega, Erik Magnusson, inteirado de que a população da Groenlândia "tinha retornado ao paganismo" e "se preparava para abandonar os estabelecimentos", envia sua nave oficial, "A Rangedora", sob o comando de Paul Knutsson, a fim de averiguar o ocorrido. Viaja na expedição o Bispo Golen Árni, que tem a missão de "evangelizar" novamente os colonos noruegueses. Mas, na Groenlândia, não encontram absolutamente ninguém, apesar de que Árni os incita a explorar palmo a palmo a região até 1363, ano em que falece. A partir desse momento, várias seriam as expedições que os Reis da Noruega despachariam nos seguintes cem anos, para averiguar o destino que tiveram seus súditos e tentar repovoar as colônias abandonadas. Tais tentativas seriam inúteis, pois jamais se conseguiria saber o que ocorreu aos dez mil vikings, nem havia quem quisesse habitar as fantasmagóricas cidades.

No entanto, a ação dos vikings da Groenlândia causaria uma grande preocupação aos Demônios da Fraternidade Branca, que, de sua Guarida em Chang Shambala, imporiam a Quiblon a prova de ***fechar a Porta de Thule***, como meio de acessar o Mais Alto Sacerdócio da Ordem de Melquisedeque. Em 1486, Quiblon residia em Portugal, onde estudava as Artes Ocultas e desempenhava uma função de cartógrafo na ***Tesouraria*** do Rei. Nesse ano, o Rei Cristiano I da Dinamarca solicita ao seu primo, o Rei Afonso V de Portugal, "um ótimo piloto e cartógrafo para guiar sua próxima expedição a Thule", a qual tinha como objetivo "localizar as colônias cristãs das quais não se tinha notícias há mais de cem anos". Era a oportunidade esperada pelos Rabinos. As notáveis influências que, então, possuíam os hebreus na corte portuguesa, colocam-se em jogo, para facilitar a nomeação de Quiblon como piloto da viagem para a Groenlândia. Conseguem isso facilmente, e no decreto real Quiblon é mencionado como ***Johannes Scolvus***. Em 1477, pois, Quiblon se apresenta diante dos litorais da Groenlândia, disposto a empregar toda a sua Ciência e sua fé no Criador Uno, para ***fechar a Porta de Thule***. Tem sucesso em sua missão. A Fraternidade Branca e toda a liderança judaica compreendem que, com a presença de Quiblon, chegou à Terra um dos Mais Altos Sacerdotes da História, um que será capaz de falar com o Verbo de Metatron.

A expedição de Scolvus, Colombo, não encontrou ninguém na Groenlândia, em 1477. Mas, ***desde então, a Porta de Thule está novamente fechada***. É um grande Mago Hebreu, talvez tão grande como Salomão, esse que chegou até as geladas terras do Norte para ***cumprir o Ritual, pronunciar as Palavras, expressar os Gestos***. Era necessário que assim fosse, pois a Porta ***foi forçada*** por um bravo povo viking, do mais puro sangue hiperbóreo, contra quem nada pode a magia dos Golen. Pois sempre foi assim: os Golen dominaram facilmente os celtas, iberos, ligures, bascos, fenícios, cartagineses, e até latinos, mas, tratando-se de germânicos, é necessário que os maiores Mestres das artes infernais se ocupem deles.

Entendo, Dr. Siegnagel, que é quase impossível compreender em que consistia a missão de Quiblon, se não esclareço a natureza desse ***"fechar a Porta de Thule"***, realizado na Groenlândia. No entanto, o que é necessário explicar ***é como foi aberta a mencionada Porta para K'Taagar, ou Agartha, e qual a outra ação que efetuaram os vikings antes de partirem; ação de guerra que, normalmente, executam todos os povos de Sangue Puro em situações semelhantes, e que causou a preocupada reação dos Demônios da Fraternidade Branca***. A partir de amanhã, então, narrar-lhe-ei em poucas palavras a história de Nimrod, o Derrotado, um Rei da antiguidade que soube ***abrir a Porta e atacar o Inimigo, antes de partir***. Conhecer a história de Nimrod esclarecerá completamente a questão.

Quinquagésimo Segundo Dia

No II milênio A.J.C., uma invasão trouxe os Hiperbóreos ***kassitas*** à Assíria. Eram oriundos do Cáucaso e portavam uma Pedra de Vênus junto ao estandarte da águia leontocéfala. A águia com cabeça de leão e asas estendidas, aprisionava entre suas garras dois carneiros, que eram o símbolo do Deus Enlil, Jeová-Satanás, adorado na Mesopotâmia por todas as tribos, dentre elas os pastores ***hamitas ou "habiros"***, que iriam, com Abraão, para a Palestina e Egito. Este mesmo estandarte seria portado, depois, milhares de anos mais tarde, por outros povos "bárbaros", também oriundos do Cáucaso, desta vez de Raça germânica. Mas, entre as garras da águia não se encontrariam mais os carneiros, mas sim o cordeiro, símbolo desse Deus dos pastores que tentava usurpar a milenar figura hiperbórea de Kristos Lúcifer.

Os *kassitas* vinham seguindo os ditames de seu Deus Arqueiro ***Kus***, que havia feito um pacto com seus Iniciados, a fim de que tal povo participasse na Guerra Essencial. Na cidade de Borsipa, ao Norte de Nínive, o Rei Nimrod, utilizando a técnica numérica dos Zigurates, fez construir uma enorme torre sobre um vórtice de energia telúrica. Eis o que pretendia: "atacar a Morada dos Demônios Imortais", quer dizer, Chang Shambala. Esse objetivo, que pode parecer hoje produto de uma fantasia desenfreada, é, no entanto, perfeitamente possível, e a prova disso está no sucesso obtido por Nimrod, quando sua ***Elite de guerreiros arqueiros*** atingiu o alvo e derrubou vários dos "Demônios Imortais".

Na antiguidade, quando a influência do Kaly Yuga não era tão importante e, em alguns remanescentes atlantes ainda se conservavam as recordações da Sabedoria Hiperbórea e da guerra contra o Demiurgo, a tarefa de fundar povos e cidades exigia o concurso de Iniciados especialmente dotados. A mesma coisa era para a construção de ídolos ou efígies sagradas, cuja ***utilidade***, que não era de mera adoração, hoje foi esquecida. O elemento mais importante, que se levava em conta para tais fundações, era a ***localização das correntes de energia telúrica***. Em ***segundo*** lugar, figuravam as coordenadas astrológicas, às quais, no entanto, a cegueira dos homens costuma outorgar preeminência em algumas épocas. Justamente, a potência ou sobrevivência de qualquer cidade depende da correta situação geográfica em que esta seja erigida e se, por exemplo, cidades como Roma ou Jerusalém duraram milênios, é porque estão assentadas sobre grandes centros de força. Há milhares de anos, os encarregados de especificar o lugar de assentamento de uma cidade eram chamados de ***cainitas***, Iniciados sacrificadores, que conheciam a Magia do Sangue Derramado. Esses homicidas sagrados, que eram rabdomantes, quer dizer, "sensíveis" às forças da Terra, depois de detectarem um vórtice conveniente, efetuavam o sacrifício humano, destinado a "polarizar" a energia telúrica e obter um fenômeno de "ressonância" com o Sangue da Raça, de forma que o lugar se tornasse "amigo" de seus habitantes e "inimigo" de futuros invasores. De tais assassinatos rituais, com finalidade

de fundação, recordamos, por exemplo, Rômulo, que, para assegurar a inviolabilidade das muralhas de Roma, teve que executar seu gêmeo Remo, etc.

Farei um breve parênteses para consultar a Sabedoria Hiperbórea sobre algumas diretrizes que é necessário levar em conta, a fim de interpretar corretamente a ação de guerra empreendida pelo Rei Nimrod.

Pode-se considerar, com certeza, que a ***potência*** de um povo para se libertar do jugo satânico da Sinarquia depende diretamente das condições esotérico-hiperbóreas de seus Iniciados. Se há homens despertos, suficientemente capazes para localizar as correntes e vórtices de energia telúrica, e não desprezam o combate que, inevitavelmente, envolve essa "tomada de decisão", então a Raça vai no caminho da mutação: tornou-se um "círculo fechado" hiperbóreo. Por razões de pureza sanguínea, são sempre os povos denominados de "bárbaros" que mais perto se acham destas práxis hiperbóreas. Mas esses mesmos povos, à medida que se civilizam, ou sinarquizam, perdem ***potência*** e, então, enfraquece-se sua ***possibilidade de mutação***. A ***pureza racial hiperbórea*** de um povo se avalia pela ***capacidade de seus homens*** para ***despertarem*** a Memória de Sangue. A ***potência racial hiperbórea*** de um povo é sua ***capacidade de oposição*** à ilusória realidade do mundo material. Significa ser parte ativa na Guerra Essencial e, portanto, supõe alguma concepção estratégica hiperbórea. A potência se avalia, então, pela clareza dos fins e objetivos estratégicos que são capazes de formular os homens e pelos passos eficazes que se deem nessa direção. O resultado da ação nunca se qualifica por algum padrão material. E mais, a ação absolutamente não se qualifica. Para a Sabedoria Hiperbórea, o que importa é a Estratégia, isto é, a clareza de metas e objetivos e a maneira de obtê-los, ou seja, a ***potência***. Em todos os casos, a ação se qualifica por si mesma, independentemente dos "resultados". O "sucesso" ou o "fracasso" de uma ação não têm sentido na Estratégia Hiperbórea, pois tais palavras remetem a conceitos elaborados a partir de uma incorreta percepção do mundo de Maya, a Ilusão. Pode-se ilustrar isso com uma antiga sentença hiperbórea que diz: "para os Guerreiros Sábios, toda guerra perdida na Terra é uma guerra vencida em outros Céus".

Voltando ao conceito hiperbóreo de ***potência racial***, posso dizer que, em geral, um ***povo potente*** é aquele que, tendo identificado o Inimigo, passa à ação de guerra, no quadro de uma "Estratégia Hiperbórea". E, em particular, que um ***povo de grande potência*** é aquele capaz de ***atravessar o umbral*** e transladar o teatro de operações ao plano dos Imortais.

Existem muitas maneiras de ***atravessar o umbral***. Os homens adormecidos, os "Iniciados" no satanismo sinárquico, por exemplo, o fazem durante sua "Morte Ritual", arrastando-se abjetamente diante dos sinistros "Guardiões do Umbral", mal-chamados, às vezes, de "Veladores", "Vigilantes" ou "Egrégoras". Depois de demonstrar sua "evolução", mediante juramentos, pactos e alianças, recebem a "iluminação", ou seja, perdem todo o contato com a Origem e sofrem o encadeamento definitivo ao Plano Universal do

Demiurgo Jeová-Satanás. Então, podem atravessar o Umbral e "participar" de mil cerimônias ou conciliábulos diferentes, conforme a seita ou religião que os tenha "iniciado", e que têm a surpreendente característica de ocorrer apenas na consciência do adepto, pois se trata de uma miserável ilusão. Os "Imortais" de Chang Shambala nunca farão ninguém participar de suas reuniões, a não ser para destruí-lo. No entanto, não são poucos os imbecis que acreditam conhecer o ***sancta sanctorum*** da Fraternidade Branca e seu "Instrutor Planetário", o Rei do Mundo.

Mas há outra maneira de "atravessar o Umbral", que não requer humilhações nem promessas e que não implica na total confusão sanguínea do homem, como no caso da iniciação sinárquica. É a que consiste em colocar-se de pé orgulhosamente, com as armas na mão, diante dos Guardiões do Umbral... e destruí-los.

Dir-se-á, então: mas, onde está o Umbral? Não se trata de um símbolo "iniciático"? Não o é. A Estratégia Sinárquica baseia-se em confundir, isto é, tornar obscuro o que deveria ser claro. E uma tática muito utilizada é dar sentido irreal, simbólico, àquilo que se deseja ocultar e, por outro lado, exaltar como real e concreto aquilo que se deseja "revelar". Assim, uma realidade como a existência das "portas induzidas" ou "dimensionais" é considerada pelas pessoas sensatas como uma fantasia e, por exemplo, utopias como o comunismo, o socialismo, a O.N.U. ou o Governo Mundial, são tidas fanaticamente como possibilidades reais.

O Umbral, ou seja, a entrada para o plano em que moram os Demônios Imortais, pode ser ***fixado e aberto*** se se possui uma técnica apropriada. A Sabedoria Hiperbórea ensina a abrir "portas induzidas", para seu uso em táticas ofensivas, de sete maneiras diferentes. Uma é utilizando a tecnologia lítica. Outra é Vrúnica. Uma terceira aproveita as energias telúricas. Uma quarta é fonética, etc. Mas todas se baseiam na ***distorção do espaço***, na intersecção de planos, e no domínio do tempo.

Aberta a porta, por qualquer sistema, deve-se agir com energia e decisão para causar o maior número possível de baixas ao Inimigo. Pode produzir surpresa esta possibilidade, mas o certo é que os "Demônios Imortais de Chang Shambala ***podem morrer***. Estes "Imortais", "Mestres de Sabedoria", Gurus, Golen, Sábios de Sião, Men in Black, etc., estão irremediavelmente ligados ao Demiurgo. São Imortais enquanto dure a "Criação" material, quer dizer, enquanto o Demiurgo mantenha ***sua Vontade colocada na manifestação***. Sua existência é o destino do animal-homem. Mas convém ter em mente que na "Ilha Branca" de Chang Shambala, junto com os "Demônios Imortais", coexistem, em uma hierarquia maior, os Duzentos Hiperbóreos vindos de Vênus, que causaram a mutação coletiva na Terra e encadearam os Espíritos Eternos nos animais-homens que o Demiurgo tinha criado. Os Duzentos Hiperbóreos são os Deuses Traidores da Atlântida e os Senhores da Chama da Lemúria. Eles são verdadeiramente Imortais, mas, como tomaram corpo físico, a fim de copular com a raça humana, cumprindo seus absurdos papéis de Manu, podem ser desencarnados violentamente. A ação de matá-

los de forma violenta, além de transtornar seus planos, tem a virtude de destruir a ***matriz genética*** das presumidas ***raças raízes***.

Pode-se, então, ***matar os Imortais***, que só o são se não se exerce violência contra Eles, pois vivem em uma dobra do espaço na qual o tempo ***transcorre de maneira diferente***, de modo que seus corpos se mantêm fisiologicamente estáveis em uma "idade determinada". Com esta terrível afirmação, fecharei aqui os parênteses doutrinários que abri anteriormente. Já estamos, em virtude do exposto, em condições de interpretar a façanha do Rei Hiperbóreo Nimrod. Por exemplo, pode-se agora qualificar os *kassitas* como uma ***grande potência racial*** por terem levado, de acordo com a definição anterior, o teatro de operações até a Guarida dos Demônios Imortais. Prosseguirei, então, com o relato.

Repetirei o que foi dito no início. Os *kassitas* tinham pactuado com seu Deus Arqueiro Kus para participar na Contenda Essencial. Eram guerreiros temíveis, perfeitamente capazes de enfrentar bestas, homens ou Demônios.

Peregrinaram durante anos, até que os Iniciados cainitas decidiram que "a Serpente de Fogo" mais poderosa, isto é, o vórtice de energia telúrica, encontrava-se dentro dos limites da cidade de Borsipa, que já existia e era habitada por uma tribo de pastores habiros. Isso não representou nenhuma dificuldade para um povo decidido a travar combate com Demônios infernais. Em breve tempo, os *kassitas* dominavam a praça e seus Iniciados cainitas realizavam os rituais necessários para "acalmar" a Serpente de Fogo.

Imediatamente após, colocaram em prática uma Estratégia adequada para a iminente ofensiva. Dela, devemos destacar duas tarefas que demonstram a capacidade dos Iniciados cainitas. A primeira consistiu em treinar uma Elite capaz de resistir à poderosa magia que os "Demônios" empregariam, ao se abrir "a Porta do Inferno". Essa Elite hiperbórea, ancestral distante da ϟϟ, tinha a sagrada missão de exterminar os Demônios, tarefa alucinante, na qual certamente perderiam a vida ou a razão.

A outra tarefa era, talvez, a mais simples de se executar, mas a que requereria mais destreza no uso da Sabedoria Hiperbórea: construir a "Torre mágica" que, graças à harmonia de suas dimensões exatas, sua forma e sua funcionalidade, canalizaria a energia telúrica, ***dispersando-a*** ao redor do "Olho da Espiral" de energia. Na arquitetura de Templos, o mais importante, do ponto de vista da "funcionalidade ritual", é a forma da base, seu símbolo. As bases mais utilizadas são a circular e a em forma de cruz ou octogonal, ainda que se tenham construído templos com base retangular, pentagonal, hexagonal, etc. Mas, na arquitetura hiperbórea de guerra, costumam-se construir edifícios semelhantes a fortalezas, cuja forma da base quase sempre é um "labirinto". Deve-se utilizar tal figura devido a exigências técnicas da canalização de energias telúricas e posso acrescentar que a aplicação da "técnica dos labirintos" é outra das sete maneiras de se abrir portas induzidas. É claro, não cessarei de repetir que os resultados destas técnicas hiperbóreas não são automáticos, quer dizer, necessitam da participação de homens treinados para que funcionem.

O plano de guerra de Nimrod constava, então, de três passos: 1º) abrir a porta para o plano de Chang Shambala; 2º) acessar o famoso Umbral da iniciação sinárquica; 3º) atacar, atacar, atacar...

Para complementar esta colossal Estratégia, contava-se com uma série de detalhes logísticos, como, por exemplo, a escolha das armas ou a possibilidade de empregar as antiquíssimas "couraças mágicas" da Atlântida. Com respeito às armas, os Iniciados cainitas decidiram que os guerreiros usariam flechas construídas segundo uma antiga fórmula: as penas seriam de íbis; as varas, de acácia do Cáucaso; e as pontas, de pedra, seriam pequenas estalactites perfeitamente cônicas, colhidas em algumas cavernas profundas e misteriosas, que uma tradição xamânica afirma que se conectam com o Reino Hiperbóreo de Agartha.

Quanto às "couraças mágicas", é fácil imaginar hoje, à luz da moderna tecnologia eletrônica, que seria um "campo eletrostático precipitador de matéria", envolvendo todo o corpo. No entanto, esta "couraça eletrônica", chamada de ***mágica*** na época de Nimrod, era uma defesa comum nos tempos da Atlântida, há mais ou menos12.000 anos. Os Iniciados cainitas só conseguiram dotar o Rei Nimrod e seu General Ninurta desse campo protetor, por algumas horas, pois ninguém mais no povo contava com as condições de pureza necessárias para que lhe fosse aplicada a antiquíssima técnica. Apenas dois guerreiros, enquanto a Atlântida contava com exércitos inteiros que usavam o "revestimento metálico"! Esta técnica sofreu uma lenta degradação, até desaparecer completamente, devido à confusão sanguínea. No princípio, quando os Deuses vieram à Terra, há milhões de anos, revestiram seu corpo físico com uma "couraça de fogo". Depois, na distante Lemúria, os Iniciados, Reis e guerreiros, materializavam minerais, e por isso costumavam se chamar de "Homens de Pedra". E, finalmente, em pleno Kaly Yuga atlante, os Deuses Traidores materializavam couraças de metal ao redor de seus corpos, as quais os protegiam de golpes de espada ou lanças, como nossas medievais cotas de malha. A couraça atlante de metal materializado é, por outro lado, a origem da lenda judaica, segundo a qual Nimrod possuía as "vestimentas" que Adão e Eva usaram no Paraíso. Ele as havia obtido de Cam, um dos filhos de Noé e, mais adiante, depois de lutar com Esaú, outro grande caçador, as perdera. Estas lendas se encontram nos *Midrash* talmúdicos *Sefer haYashar* (século XII) e *Pirkei de Rabino Eliezer* (90-130 D.J.C.) e também no Talmud Babilônico (500 D.J.C.), etc.

Os Guardiões do Umbral contam também com couraças e armas poderosas. Entre elas, por exemplo, o "*raio* ***Om***", uma arma atlante com a qual os doces "Mestres de Sabedoria" de Chang Shambala costumam desintegrar os discípulos que se mostram indisciplinados.

Parece um inimigo terrível, assim armado, mas isso é pura aparência, só poder material. Os guerreiros de Nimrod portariam o Signo hiperbóreo de ***Hk***, a Runa de Fogo que nenhum "Demônio Imortal" pode enfrentar. E muito menos os Duzentos Hiperbóreos Traidores. Esse Signo representa para Eles ***a verdade***, a recordação inevitável da Origem Divina abandonada. E, como a

Górgona, não lhes é possível olhá-lo, sem correr um grave risco. Quando a Torre ficou pronta, se dispôs, na torrezinha da cúspide, uma coluna metálica de ferro, cobre, prata e ouro, arrematada com uma gigantesca Esmeralda. Tal pedra tinha sido entregue aos *kassitas* pelo Deus Kus, quando os comprometeu na luta contra o Demiurgo Enlil, Jeová-Satanás, cuja morada estava na Babilônia. E, conforme contavam os Iniciados, sussurrando, a Pedra Sagrada tinha sido trazida de Vênus pelos Deuses que acompanhavam Kus, quando chegaram à Terra, antes que o homem existisse. Durante as muitas décadas que durou a travessia dos "bárbaros", desde a encosta do monte Elbrus, no Cáucaso, a posse desse "Presente do Céu" foi o estímulo que permitiu enfrentarem todo tipo de penúrias. Era o ***Centro*** ao redor do qual se ***formava*** a Raça; era o ***Oráculo*** que possibilitava ouvir a Voz de Deus e era a ***Tabula Regia*** onde se podiam ler os nomes dos Reis. Era também o ***Signo Primordial*** ante o qual os Demônios retrocederiam aterrorizados e contra o qual nenhuma potência infernal tinha poder. Por seu intermédio, ***abrir-se-ia no Céu a Porta do Inferno*** e se poderia iniciar o combate sem trégua contra os servidores de quem encadeou o Espírito Eterno à matéria.

Muitos povos foram chamados de "bárbaros" por outros povos mais "civilizados", aludindo à sua "selvageria" e "inconsciência". Mas se necessita ser "bárbaro" para pactuar com os Deuses e participar da Guerra Essencial. Só a ***garantia*** da pureza sanguínea de alguns "bárbaros", intrépidos e imunes às ciladas satânicas, pode fazer os Deuses se decidirem a colocar no mundo a ***pedra angular*** de uma Raça Sagrada. Em outras palavras, as "ciladas", as tentações da matéria, estão espalhadas por todos os lados, e por isso é preciso ser "bárbaro" ou "fanático", mas também ingênuo, "como criança", ou como Parsifal, o louco puro da lenda arturiana.

Finalizada a construção do Zigurate, enviaram-se mensageiros às cidades restantes e também às aldeias *kassitas*, o Reino de Nimrod incluía Nínive e outras urbes menores, bem como numerosos acampamentos setentrionais, que chegavam até o lago Van — alcançando, inclusive, as encostas do Ararat. Milhares de Embaixadores foram chegando a Borsipa, para apreciar a Torre de Nimrod e render homenagem a ***Ishtar***, a Deusa de Vênus e a Kus, seu Deus racial, e esposo. Também chegaram do Sul, da Babilônia, a qual acabavam de conquistar, um pequeno número de seus primos *hititas*, com os quais os *kassitas* partiram juntos, há muitas décadas, do Cáucaso.

Tudo se preparou para o solstício de verão, dia em que Chang Shambala está "mais próxima" de nosso plano físico. Nesse dia, o povo de Borsipa se reuniu junto ao Zigurate e um contraste de emoções se adivinhava em todos os rostos. Os invasores *kassitas*, caçadores e agricultores, quer dizer, cainitas, demonstravam abertamente sua selvagem alegria em culminar uma empresa que lhes tinha absorvido várias gerações. E, nessa alegria furiosa, palpitava o desejo do próximo combate. Diz um antigo provérbio ariano: "o furor do guerreiro é sagrado quando sua causa é justa". Mas, se essa sede de justiça o leva a enfrentar um Inimigo mil vezes superior, então ***necessariamente*** deve ocorrer um milagre, uma mutação da natureza humana que o leve além

dos limites materiais, fora do Karma e do Eterno Retorno. Leônidas, nas Termópilas, já não é humano. Será um Herói, um Titã, um Deus, mas jamais um homem comum. Por isso, o povo de Nimrod, em sua fúria santa, pressentia a próxima mutação coletiva, sentia-se elevado e via se dissolver a realidade enganosa do Demiurgo Enlil. Ferviam de valor e, assim, purificavam drasticamente seu sangue. E esse Sangue Puro, fervente de fúria e de valor, ao bater nas têmporas, traz a Memória da Origem e faz desfilar diante da visão interior as imagens primordiais. ***Subtrai***, em uma palavra, da miserável realidade do mundo e ***transporta*** à verdadeira essência espiritual do homem. Nestas circunstâncias mágicas, não é estranho que um povo inteiro ganhe a imortalidade do Valhala.

Contrastando com tal euforia guerreira, percebia-se uma angústia terrível retratada nos rostos de numerosos cidadãos. Eram aqueles que constituíam a primitiva população *habira* de Borsipa, pastores e comerciantes, que adoravam desde sempre o Demiurgo Enlil.

Segundo suas tradições, Jeová-Satanás havia preferido o pastor Abel e desprezado o agricultor Caim, o que é coerente, uma vez que "pastor é o ofício do animal-homem", filho de Jeová, conforme ensina a Sabedoria Hiperbórea. Por tais razões, sentiam um ódio profundo contra o Rei Nimrod e os Iniciados cainitas. Um ódio como só podem sentir os covardes, aqueles que, em tudo semelhantes aos carneiros e ovelhas que apascentam, se autodenominam "pastores". Esse ódio ao guerreiro é o que, disfarçado hipocritamente, exalta as "virtudes" do sentimentalismo, caridade, fraternidade, igualdade e outras falsidades que se conhecem muito bem, porque somos submetidos a elas, nesta ***civilização de pastores*** em que nos afundou o judaico-cristianismo da Sinarquia. E esse ódio, que estou considerando, surge e se nutre de uma fonte denominada de ***medo***.

Medo e Valor: eis aqui dois opostos. Já se viu o poder transmutador do valor, cuja expressão é o Furor do Guerreiro. O medo, em troca, se expressa pelo ódio pusilânime e refinado, que ocorre depois de múltiplas destilações da inveja, rancor, maledicência e todo tipo de sentimentos insidiosos. O medo é, pois, um veneno para a pureza de sangue, assim como o valor é um antídoto. A exaltação do valor eleva e transmuta, dissolve a realidade. A exacerbação do temor, ao contrário, afunda na matéria e multiplica o encadeamento às formas ilusórias. Por isso, os pastores *habiros* de Borsipa murmuravam entre dentes as orações a Enlil enquanto, hipnotizados de terror, contemplavam a cerimônia cainita.

À primeira hora da manhã, quando Shamash, o Sol, recentemente despertara, os tambores e as flautas já estavam eletrizando o ar, com seu ritmo monótono e uivante. Nos diferentes terraços da Torre, as Iniciadas dançavam desenfreadamente, enquanto repetiam sem cessar "Kus, Kus", invocando o Deus da Raça. Os Hierofantes, em número de cinquenta, oficiavam os ritos prévios à batalha, instalados ao redor da enorme mandala labiríntica, construída no piso da torrezinha superior, com mosaicos de lápis lazúli, réplica exata do labirinto da base do Zigurate. Em todo o recinto

predominava a cor azul, destacando-se com um intenso e cintilante brilho a grande Esmeralda verde, consagrada ao Espírito de Vênus, a Deusa que os semitas chamavam de Ishtar e os sumérios de Innana ou Ninhursag.

Enquanto os Hierofantes permaneciam sob o teto da torrezinha superior, fora, nos corredores laterais, o Rei Nimrod e seus duzentos arqueiros se preparavam para morrer.

O clímax bélico ia ***"in crescendo"***, à medida que passavam as horas. Perto do meio-dia, podia se observar um vapor ectoplasmático de cor cinza, que se esgueirava pelas colunas da torrezinha superior e girava languidamente ao redor delas, envolvendo em suas caprichosas espirais os imperturbáveis guerreiros. Dentro da torrezinha, o vapor cobria a totalidade do recinto, mas não ultrapassava a cintura do mais alto dos Hierofantes.

A multidão, que permanecia petrificada observando a cúspide da enorme Torre, assistiu, de repente, atônita, a um fenômeno de incorporação do vapor. No início, só alguns perceberam, mas agora era visível para todos. A nuvem adotava formas definidas que permaneciam um instante, para depois se dissolverem e voltarem a se incorporar novamente. O "motivo" principal dos misteriosos relevos do vapor era constituído fundamentalmente de figuras de "Anjos". Anjos ou Deuses, mas também Deusas e crianças. E animais: cavalos, leões, águias, cães, etc. E carros de guerra. Era um Exército Celeste inteiro que se materializava na nuvem vaporosa e girava lentamente ao redor da torrezinha. E, ao passarem os carros de combate, puxados por briosos corcéis alados, os Anjos Guerreiros incentivavam claramente Nimrod. Também o faziam as mulheres. Mas convém que nos detenhamos um instante n'Elas, porque apenas a contemplação de sua beleza hiperbórea bastava para iluminar o coração do homem mais passivo e arrancá-lo das garras do Engano. Ó, as mulheres hiperbóreas! Tão belas! Usavam uma saia curta, presa na cintura por um fino cordão, do qual pendia, ao lado, a bainha de uma graciosa e temível espada. O arco cruzado sobre o peito e, às costas, uma grande aljava. As tranças de ouro e prata de um cabelo que parecia tão macio e leve como o vento. E os Rostos. Quem seria capaz de descrever esses Rostos esquecidos, após milênios de engano e decadência? Rostos que, no entanto, estão gravados a fogo na Alma do guerreiro, quase sempre sem que ele mesmo o saiba? Quem ousaria falar desses olhos cintilantes de fria coragem que incontestavelmente incitam a lutar pelo Espírito, a regressar à Origem; olhos de aço, cujo olhar fará tremer o Espírito até o instante anterior ao combate, mas que, depois da luta, milagrosamente, serão como um bálsamo de Amor gelado, que curará todas as feridas, que acalmará todas as dores, que ressuscitará eternamente o Herói, aquele que se mantém tenazmente no Caminho de Regresso à Origem? E quem, finalmente, se atreveria a mencionar sequer seus sorrisos primordiais, diante dos quais empalidecem todos os gestos humanos; ante cujos sons melódicos se apagam as músicas e ruídos da Terra; sorriso transmutador que jamais poderia ressoar entre a miséria e o engano da realidade material e que, por isso, só pode ser ouvido por quem também sabe escutar a Voz do Sangue Puro? Impossível tentar esboçar a

imagem puríssima daquelas mulheres hiperbóreas, eternas companheiras dos Homens de Pedra, cuja projeção no vapor ectoplasmático se produzia graças à poderosa vontade dos Iniciados cainitas. Só acrescentarei que tais imagens eram enormes. Enquanto as outras figuras giravam a certa distância dos guerreiros *kassitas*, Elas se desprendiam para abraçá-los e acariciá-los, e então se podia perceber seu tamanho. Tinham o dobro da altura do Rei Nimrod, o guerreiro mais alto de Borsipa.

O povo via claramente estas efusões e, ainda que fosse evidente que as Deusas falavam para os guerreiros em tom imperativo, enquanto apontavam para o céu, ninguém dentre eles podia ouvir se realmente aqueles fantasmas emitiam algum som, pois o ritmo frenético das flautas, tambores, tímpanos e harpas era ensurdecedor. Mas, talvez as mulheres hiperbóreas estivessem falando diretamente ao Espírito, talvez suas vozes se deixassem ouvir dentro de cada guerreiro, como dizem que sentem os Áugures.

Envolvidos nesse frenesi, mas momentaneamente pasmos de espanto pelas alterações da branca nuvem, os cidadãos de Borsipa não perceberam quando uma das Iniciadas abandonou a dança. Subiu correndo os andares que faltavam para chegar à torrezinha mas, antes de entrar, o vapor tomou a forma de uma multidão de crianças aladas que revolutearam ao redor dela, derramando sobre sua cabeça etéricos líquidos de não menos etéricas ânforas. No entanto, tais manifestações sobrenaturais não a detiveram. Ungida dos pés à cabeça pelos graciosos querubins, avançou resolutamente e ingressou na torrezinha. Os cinquenta Hierofantes, ao perceberem sua irrupção, cessaram todos os cantos, todas as invocações, e virando-se para ela, a olharam fixamente. Por fim, a Iniciada deteve seu leve passo diante da entrada do labirinto e, sem dizer nada, puxou um cordão e deixou cair sua túnica, ficando completamente nua... salvo as joias. Estas eram muito estranhas: quatro pulseiras de ouro ***serpentiformes***, que estavam enroladas uma em cada tornozelo e uma em cada punho; um colar semelhante às pulseiras; uma tiara cravejada de pedras leitosas e opacas; dois brincos e dois anéis serpentiformes e uma pedra vermelha no umbigo.

De todo o conjunto, o que mais impressionava, pelo refinado *design* e a habilidade dos ourives, eram as pulseiras. Cada uma dava três voltas; as da perna e braço esquerdos, com a cauda da serpente para fora e a cabeça chata para o interior do corpo; as pulseiras enroladas na perna e braço direitos mostravam a serpente como que "saindo" do corpo; no colar, a serpente apontava com sua cauda para a Terra e a cabeça, estranhamente bicéfala, desta vez, ficava justamente sob o queixo. Todas as serpentes tinham pequenas pedras verdes incrustadas nos olhos, e o corpo esculpido e esmaltado de cores vivas. Ao ver estas maravilhosas peças de ourivesaria, ninguém suspeitaria que eram, na realidade, delicados instrumentos para canalizar energias telúricas.

A moça é de uma beleza de tirar o fôlego. Pode-se observá-la enquanto percorre, com passo seguro, o labirinto, que parece conhecer muito bem, pois quase não se distingue o piso sob a densa nuvem de vapor ectoplasmático. Se

chegasse a errar o caminho, se desse com um muro, seria um sinal de mau agouro e se deveria suspender a operação até o ano seguinte. Mas a Iniciada não vacila, tem os Mil Olhos do Sangue abertos e vê, ali embaixo, na base da Torre, que a energia telúrica, qual irresistível serpente de fogo, também percorre o labirinto ressoante. E todos confiam n'Ela, na terrível missão que empreendeu, que começa ali, mas que se prolonga em outros mundos. Confiam porque é uma maga Iniciada, nascida quinta filha em uma família de rabdomantes, de sangue tão azul que as veias ficam desenhadas como árvores espessas sob a pele transparente. Todos pensam nela, enquanto percorre o labirinto, cantando o hino de Kus.

Os Hierofantes contêm a respiração, enquanto as esbeltas pernas da Iniciada percorrem com destreza os últimos trechos do mosaico-labirinto: já está para chegar na "saída". Triunfou!

Mas esse triunfo significa a morte, conforme se verá em seguida. Justamente ao final do labirinto encontra-se a coluna de pedra e metal, onde refulge com raro brilho a Esmeralda hiperbórea. A Iniciada se detém diante dela e, elevando os olhos ao céu, sobe os três degraus que conduzem à base da coluna, a qual é de baixa estatura, pois a Esmeralda chega à altura do púbis da jovem. Uma coisa curiosa: a Esmeralda foi talhada em forma de vulva, com uma fenda central, a qual é possível se ver, pois se encontra na face superior, que se encontra voltada ao teto do templo. Pelo contrário, na Iniciada, apesar de estar nua, não é possível ver-lhe o sexo, porque uma dobra de carne cobre-lhe o baixo-ventre, absolutamente sem pelos. Esta característica física, que hoje em dia só conservam as mulheres bosquímanas, é a prova mais evidente de sua linhagem atlante-hiperbórea. As mulheres Cro-magnon possuíam uma "saia de pele natural" e as antigas egípcias das primeiras dinastias também, como se pode comprovar em numerosos baixos-relevos.

A Iniciada percorreu o labirinto, "guiou" a serpente até o templo superior e a conduziu através da coluna de pedra e metal. Agora sua ígnea cabeça começa a pressionar, por baixo, a Esmeralda hiperbórea, acendendo-a magicamente, e fazendo-a banhar de luz verde o enorme recinto e todos os seus ocupantes. Fora, o rufar de tambores e o som de flautas adquiriu um ritmo tão rápido e uma intensidade tal, que é impossível pensar ou fazer outra coisa a não ser contemplar o Zigurate, a torrezinha de cima rodeada por Nimrod e seus arqueiros. Estes, enquanto isso, observam, através das colunas, a cena interior, invisível para o povo reunido na base do Zigurate.

Quinquagésimo Terceiro Dia

Já é meio-dia, o momento certo em que Shamash encontra-se no alto. A voz grave de um dos cinquenta Hierofantes se dirige à bela Iniciada, falando com frases curtas, pronunciadas com a cadência de uma oração ritual:

— Ó, Princesa Isa:
O destino da Raça está em tuas mãos.
Percorremos muitas terras
e atravessamos incontáveis países,
para chegar até aqui,
buscando dar-se a Batalha Final.
Anos de caminhos e penúrias,
desde que abandonamos as montanhas sagradas
onde nascemos duas vezes
e em cujo cimo Kus nos reunia
e nos falava dos Tempos Primordiais.
Soubemos, nesses dias distantes,
que não somos daqui.
E, depois de recordar nossa Origem Divina,
como poderíamos permanecer ali,
enganados por Ele, o "Ancião" Enlil?
Sim, tudo se degradou diante de nossa visão.
Os campos murcharam subitamente.
As flores tornaram horrível o seu perfume,
e o calor de Shamash já não nos pareceu bom.
De repente, vimos as espigas atrofiadas
e até as montanhas perderam sua imponente altura.
Tudo isso ocorreu quando olhamos o mundo
depois que o Sábio Kus
nos falou do Céu esquecido,
enchendo-nos o peito de nostalgia.
Foi então que decidimos
empreender o Caminho de Regresso à Origem.
E cobrar caro a traição dos Demônios
que nos tinham enganado com sua magia.
Muitos de nós partiram
da montanha sagrada,
em diferentes direções.
E muitos são os Reis
que, com seus povos hiperbóreos,
buscam, desde então,
o caminho do Céu.
Mas Kus nos avisou
que alguns não chegariam logo,
se fossem novamente enganados
pelos astutos Demônios.
Mas a nós dirigiu certeiramente,
porque não temos outro objetivo
a não ser conquistar o Céu.

Guia-nos o invencível Nimrod,
a quem Enlil teme,
porque seu Sangue é Puro,
tão azul como o mar
e tão vermelho como o amanhecer de Shamash.
Somos um povo valoroso como o leão
e voamos alto como a águia,
mas nosso olhar é aguçado
e nossas garras despedaçam o Inimigo.
Somos um povo forte
que não conhece o perdão
e não dá trégua na luta.
Nimrod nos conduz,
arqueiro como ele não há outro na Terra.
As estrelas o desenharam
caçando no céu.
Levamos conosco
a Pedra Verde de Kus
para que não ***tornemos*** a nos perder,
O que mais podemos pedir?
Afastem-se, Demônios infernais!
Porque aqui há ***um povo desperto***
ao qual não poderão assustar
nem enganar jamais.
Em guarda, Demônios malditos!
Porque se levantou uma Raça indomável
que Vos apresentará combate até a morte.
Hoje o caminho chegou ao seu fim.
Atrás ficou o grande mar Kash
e o país de Kashshu;
sepultados nos caminhos trilhados
permanecem nossas mulheres e crianças,
nossos anciões e os melhores guerreiros.
Muitos caíram pela glória de Kus
e por seguir o heróico Nimrod,
o chefe que nos conduzirá à vitória
neste ou em outros céus.
Acampamos em Borsipa,
para construir a Torre mais alta do mundo
e domar a Serpente de Fogo.
Como nosso Zigurate não há outro
nem na Babilônia nem em Assur,
nem no distante Egito,
nem na terra dos arianos.
Desde que o Dilúvio cobriu a Terra

e castigou os Demônios
que habitavam as ilhas de Ruta e Daitya,
não se viu outra Torre igual.
Os Deuses se alegram por nós
e os Demônios nos temem.
Quanto tempo trabalhamos para construí-la!
Ó, Isa, este esforço não deve ser em vão.

A Iniciada se encontrava no mesmo lugar, em pé, em frente à Esmeralda de Kus, guardando um respeitoso silêncio, enquanto seus olhos, belamente puxados, mantinham-se fixos no Hierofante. Este continuou com seu monólogo:

— Viemos aqui para morrer lutando
e tu, doce Princesa,
escolheste morrer primeiro,
para nos abrir a Porta do Céu.
Castigaremos os Demônios
e vingaremos tua morte, divina Isa,
filha da Serpente de Vênus!

A bela Iniciada cainita empalideceu visivelmente; no entanto, seus olhos brilharam ferozmente, enquanto de sua boca brotavam estas valentes palavras:

— O Construtor de Mundos de Ilusão,
o infame Enlil,
afundou-se em um sono eterno,
enquanto seu corpo fecundado
nasce e renasce em tudo o que existe.
Ele se aliou com os Demônios
que vivem em Dejung,
a cidade mil vezes maldita,
a cidade do Horror e do Engano,
cuja Sétima Muralha
possui uma entrada oculta
no país dos homens amarelos.
Ele confiou nos Demônios
para que prossigam em sua obra perversa.
E Eles nos encadearam
e nos impedem de regressar ao mundo de Kus,
onde se encontra o Palácio
do verdadeiro Deus ***HK***,
cujo Nome não se pode pronunciar ***sem morrer***.
Mas, ainda que Dejung esteja longe,

suas Portas estão por todos os lados.
Sete Portas tem Dejung,
e Sete Muros a circundam.
A Demônia Dolma possui as chaves,
mas só os loucos se deixariam guiar por Ela.
Como, então, os valentes *kassitas*
sitiarão a fortaleza de Dejung?
Se os Demônios já sabem
de nossos santos propósitos
e se seus olhos estão cravados em nós
desde a torre Kampala?
Faremos como nos ensinou
nosso Deus Kus, o Senhor de Vênus,
despertando do sono
o miserável Enlil e obrigando-o
a abrir a Porta do Céu
e a estender a ponte
sobre as lúgubres muralhas
de Dejung Kampala.
Iniciados *kassitas*: Vêde todos
que Enlil despertou!
O Deus Que Dorme é idiota,
gosta de flautas e tambores,
de danças e de cantos,
e de que adorem Seu Nome,
mas também deseja sangue,
pois é pai de sacerdotes,
de sujos pastores e sacrificadores.
Só o ***Sangue Puro***
fará o monstro brotar
das profundezas.
Prossegui, Hierofantes!
Porque Isa está disposta
a morrer na guerra,
de todos, a primeira!
Viajarei pelos mundos
onde os mortos velam,
os Demônios espreitam
e os Deuses esperam.
Kus, a quem todos respeitam,
acompanhar-me-á.
E, em nome de Nimrod,
obrigarei a Besta
a que abra as Portas,
para o bem de nossa façanha.

Prossegui, Hierofantes,
que Isa está disposta!

Nesse momento, três coisas aconteceram simultaneamente: o Sol chegou ao seu zênite; a música cessou de repente, inundando os ouvidos de silêncio; e, com uma punhalada certeira, o Hierofante tirou a vida da bela Princesa *kassita*. O punhal de jade degolou limpamente o pescoço níveo acima do colar bicéfalo. Dois Iniciados seguraram o corpo sem vida, enquanto o sangue caía em borbotões sobre a brilhante gema e se introduzia em sua fenda uterina, convertida agora em ávida garganta. Então, começaram a ocorrer as coisas mais maravilhosas que olhos humanos não contemplavam há muitos séculos.

Aqueles que se encontravam dentro da torrezinha puderam contemplar uma cena aterrorizante: ao cair o sangue, apagou-se por um instante a luz que emanava da Esmeralda, mas depois, como uma flecha, uma coluna de fogo subiu rapidamente do piso da torrezinha, envolvendo o pedestal e a gema. O corpo da Princesa jazia no solo, impossível de se ver, sob as impenetráveis nuvens de vapor geoplasmático que, a cada momento, faziam-se mais densas. No entanto, uma imagem espectral, com a sua mesma beleza nua, podia ser observada claramente, junto à coluna de fogo, entregue a uma espécie de luta. A maravilha ígnea que, em um primeiro momento, não superava a espessura de uma pata de elefante, era agora tão larga como um círculo de seis homens. Inicialmente, tinha serpenteado ferozmente, semelhante a um infernal ofídio, mas, depois, ao se expandir, foi adotando lentamente a inconfundível figura do Dragão. Era um Dragão flamígero, cuja assustadora imagem fazia-se, a cada instante, mais nítida, na medida em que aumentava a luta com o fantasma da Princesa Isa.

Convém esclarecer que só haviam transcorrido alguns minutos, desde que a Princesa expirara, até o momento em que se materializou o monstro de fogo. Convém esclarecer, porque, a partir dali, tudo ocorreu muito rápido... ou talvez as testemunhas tenham perdido a noção do tempo.

De repente, a boca daquela besta primitiva, aquele Leviatã, Rahab, Behemoth, ou Tehom-Tiamat, exalou um rugido terrível, ao mesmo tempo em que uma enorme labareda varria o recinto, consumindo e carbonizando numerosos Hierofantes. Só os sobreviventes puderam observar o incrível espetáculo daquela besta de fogo ***montada*** pela Iniciada morta. A Princesa Isa, seu fantasma, tinha subido na cabeça do monstro, sentando-se entre as barbatanas triangulares do lombo escamoso. Essa audaz ação fez com que o monstro emitisse o infernal rugido e a mortífera chama. Não obstante tal reação e os ferozes solavancos da besta, a Princesa repetia imperturbavelmente estas palavras:

— Espírito de Enlil, de El, de Yah e de Il,
que fecundas a Terra
e produzes a vida

e enganas os homens
com tua falsa opulência
e essas ilusórias riquezas que ofereces.
Deus que, um dia, estiveste no alto,
mas que agora caíste
e te tornaste completamente imbecil,
não nos encadeie também
neste Universo infernal
que construíste,
imitando o verdadeiro Céu.
Nós ***vamos embora***
porque já estamos fartos de ti,
de todas as tuas armadilhas,
e dos Demônios que te secundam.
Abre a entrada do antro infernal
onde moram teus covardes sequazes!
Conjuro-te a fazê-lo, El,
em nome do verdadeiro Deus,
pai de Kus,
a quem tu traíste!
Por ***HK***!
Conjuro-te a abrir a Porta,
em nome de ***HK***!

Ao ouvir este Bendito Nome, a fera recuou instantaneamente para o chão da torrezinha, enrolando-se em torno da coluna de pedra e metal. Sua cabeça, no entanto, balançava ameaçadora, sem que esta ostentação afetasse o prestígio da espectral Iniciada, que se mantinha firmemente presa ao seu lombo. O Dragão telúrico não demonstrava intenção de obedecer, atitude que levou a valorosa Princesa a atuar de forma drástica. Inclinando-se, esticou a mão, tocando seu próprio sangue na bacia repleta da Esmeralda hiperbórea. Então, disse:

— Este sangue que hoje foi derramado
e para o qual te precipitaste,
Senhor de todas as coisas,
é meu sangue; um sangue sagrado
da linhagem dos Deuses de Vênus.
Nele ***está a recordação***
de nossa Origem Divina
e do verdadeiro Deus ***HK***.
Com sua substância untei meus dedos
e agora traçarei em tua fronte
o Signo da Origem.
Diante dele não existe defesa.

Conjuro-te a que abras a Porta,
Enlil, rei dos Pastores,
pelo Nome de ***HK***
e o Signo Sagrado!

A Princesa desenhou rapidamente seu símbolo na fronte do monstro e eis que o prodígio maior ainda não tinha sido alcançado. A horrível criatura de fogo disparou para cima, como uma mola, atravessando o teto da torrezinha e levando em sua cabeça a bela amazona.

Os que estavam de fora, nos corredores do Zigurate e ao redor de sua base, ainda faziam silêncio, pois só haviam transcorrido alguns minutos desde que cessara a música, e porque os aterrorizantes rugidos que emitia o monstro, invisível para eles, bastavam para silenciar qualquer garganta. No momento em que a Princesa desenhava o Signo primordial e o Dragão subia, um grito de terror brotou de todas as bocas. Justamente sobre a torrezinha, a não muita distância de seu teto, o Céu se abriu como se fosse rasgado um tecido. Uma negra abertura era agora claramente visível para todos os que presenciavam o estranho fenômeno. E o mais curioso e ***anormal*** era que o tenebroso buraco ***ocultava totalmente*** o Sol, apesar de que este, por se encontrar muito mais alto, ***deveria ser visto*** de algum ângulo distante. No entanto, ninguém mais viu o Sol, mesmo que sua luz continuasse iluminando o meio-dia, como se estivesse em seu zênite. É compreensível que, diante de tão intensas emoções, ninguém se preocupasse com o destino do Sol, pois, enquanto o terror paralisava os covardes *habiros*, os *kassitas* uivavam de fúria, levantando os punhos para o céu. É que o espetáculo era impressionante e justificava qualquer distração. O monstro de fogo, depois que a Porta do Céu se abriu, tinha se transformado totalmente. A princípio, pareceu que a assustadora cabeça tinha se introduzido na tenebrosa abertura, já que só era visível um cilindro resplandecente, como um feixe de fogo, que surgia da torrezinha e entrava nas alturas. Mas, logo ficou evidente que uma metamorfose estava ocorrendo e, depois de alguns segundos, um novo prodígio se oferecia à visão atônita dos habitantes de Borsipa. Primeiro, o Dragão se tornou bulboso e se cobriu de protuberâncias, enquanto mudava de cor e se tingia de marrom. Depois, muito rapidamente, os bulbos se estenderam para fora e se transformaram em afiados ramos, cobertos com pontas afiadas e algumas folhas verdes; passados alguns segundos, tornara-se um gigantesco espinheiro que se erguia, insolitamente, sobre o Zigurate do Rei Nimrod.

Da base da Torre só se via parte do tronco e da folhagem superior, pois a copa parecia se perder dentro da Porta do Céu, enquanto a raiz permanecia oculta à vista, no interior da torrezinha. Mas o que vale a pena destacar é que, nem bem se completou a metamorfose, desapareceu todo vestígio de fogo, energia ou plasma, e o fenômeno se estabilizou, não se produzindo mais mudanças. Parecia, então, como se o espinheiro sempre estivesse estado ali... se não fosse pelo sinistro rasgo no Céu, que sugeria,

escandalosamente, todo tipo de anormalidades e alterações da ordem natural.

Mas ninguém dispôs de tempo suficiente para se horrorizar. Nem bem se ***abriu o Céu***, duas figuras correram velozmente até a última rampa, que conduzia ao terraço da torrezinha e, dali, tensionaram os arcos, apontando para o Umbral. Eram Nimrod e Ninurta, o Rei e o bravo General, os únicos guerreiros que possuíam a couraça de metal e que, por isso, avançavam primeiro, protegidos pela Elite de arqueiros.

O Rei e o General apontavam seus arcos para as trevas da abertura, tentando distinguir um alvo, quando, subitamente, duas figuras emergiram, brandindo suas espadas. Os Demônios, com aspecto de "homem de raça branca", de cinco côvados (aproximadamente 2,5 m) de altura, pareciam flutuar no ar, mas, de algum modo, obtinham ponto de apoio, pois conseguiram descarregar suas espadas sobre os heróicos arqueiros. As lâminas relampejaram ao sulcar o espaço, mas ricochetearam, sem penetrar nas couraças de Nimrod e Ninurta. No entanto, o impacto fez com que estes rodassem aturdidos pelo teto da torrezinha, que fazia as vezes de último terraço.

Uma chuva de flechas se abateu, então, sobre os "Demônios Imortais" e, ainda que muitas delas ricocheteassem em suas couraças, outras tantas penetraram, crivando-os. Os gigantes feridos caíram junto ao Rei Nimrod, que rapidamente os decapitou, levantando suas enormes cabeças diante da excitada multidão.

Enquanto o Rei Nimrod fazia isso e depois jogava para a multidão o sangrento troféu, o General Ninurta, acompanhado por parte da Elite guerreira, começou a subir pela árvore Enlil que unia o Céu com a Terra. Pela primeira vez, em milhares de anos, um grupo de Guerreiros Sábios se preparava para tomar de assalto Chang Shambala!

Rogo-lhe, Dr. Siegnagel, que me permita fazer uma breve pausa no relato, para que possa expressar em um poema o que se passa em meu Espírito, ao evocar a última façanha maravilhosa daquele povo hiperbóreo que sabia o que fazia, no meio de um mundo que era pura confusão. Depois, retomarei novamente o relato no momento exato em que os guerreiros se preparavam para invadir o Umbral da iniciação sinárquica.

Valorosos guerreiros *kassitas*!
Sua façanha iluminará eternamente
todos os povos hiperbóreos
que decidam tomar de assalto o Céu
e regressar à origem primordial
da qual Jeová-Satanás nos privou.
Porque Eles combateram os Demônios
e despertaram do Grande Engano.
Mas, até agora, ninguém conseguiu se
igualar à glória de Nimrod, "o Derrotado".

Por isso, nós, que aqui ficamos,
devemos tentá-lo novamente
junto a Kristos-Lúcifer, "o Enviado'.
O Deus dos que "perdem" durante o Kaly Yuga,
e os Deuses Leais ao Espírito do homem
que esperam o momento designado
em que doze homens
do Sangue mais Puro
e um Siddha
se reúnam, no final do Kaly Yuga,
em solo americano.
Então, o Graal será encontrado
e depois de mil anos de traições,
cairá a venda dos olhos, despertando;
a Porta será novamente aberta
e Chang Shambala com seus Demônios
será definitivamente aniquilada.
Mas, até agora, ninguém conseguiu se
igualar à glória de Nimrod, "o Derrotado".
É certo que poucos o tentaram:
alguns iberos, alguns celtas,
troianos, aqueus, dórios ou romanos,
muitos godos e muitos germânicos.
Mas ninguém, até agora, conseguiu se
igualar à glória de Nimrod, "o Derrotado".
Talvez, em Montségur, os Cátaros
ou os Cavaleiros Teutônicos
de Frederico II Hohenstauffen,
ou o maior de todos,
nosso Führer, com seu Eixo mágico
e um povo valoroso que diante de nada retrocede;
por acaso, Ele, como ninguém, o buscou.
E, assim, muitos a eternidade ganharam
e deste Inferno se foram.
Mas não definitivamente,
pois uma Batalha Final será travada
e voltará Nimrod
junto aos grandes Heróis do passado.
Odin, Wothan e Wiracocha,
Héracles, Indra e Quetzalcóatl,
do Valhala chegarão cantando,
rodeados de *Walkirias* primorosas
e música de outrora.
E Eles levantarão Exércitos enormes
de Vivos, Imortais e Ressuscitados.

Uma só virtude será exigida:
chama-se ***honra*** e dignifica o homem
que do Engano despertou.
A Guerra será Essencial
e o Demiurgo e suas hostes, derrotado,
liberará, finalmente, os Espíritos Eternos
que de Vênus chegaram
para que regressem para onde Deus espera,
em um Mundo que não se criou.
E, ao partirem do Universo de Matéria,
da loucura, do Mal e do Grande Engano,
os que regressem cantarão em coro
as façanhas de Nimrod, "o Derrotado"!

Prosseguirei agora com o relato. A árvore Enlil possuía ramos espaçados e retos, que na realidade eram enormes espinhos, de forma que se podia subir por eles, como se se tratasse de uma gigantesca escada. Foi justamente isso o que fizeram os valentes *kassitas*, preparando-se para subir pela árvore e sitiar a "Porta do Céu". Nem bem o General Ninurta e cinquenta guerreiros subiram o suficiente, comprovaram que se encontravam diante da entrada de uma caverna, ou uma imagem dela. Pularam corajosamente da árvore, sem saber ainda se podiam ficar em pé no misterioso mundo no qual entravam pela "Porta do Céu", e se acharam em um solo claramente rochoso. Alguns viraram para olhar e viram a árvore que se perdia em insondáveis alturas; e também a borda de um abismo, a poucos côvados de onde estavam, pelo qual se distinguia, a muitos pés de distância, o teto da torrezinha de onde emergia o gigantesco tronco, o Zigurate, os homens do povoado reunidos em torno, e o perímetro amuralhado da cidade de Borsipa. Contrastando com a intensa luz exterior, onde ainda continuava sendo meio-dia, uma suave penumbra reinava naquele lugar. No entanto, havia luz suficiente para distinguir os detalhes da sinistra caverna: viam-se sete degraus de pedra e, a partir do último, um corredor que se perdia na distância. Mas, sobre a entrada, seguindo a curva de seu arco, estavam cravados sete estandartes triangulares. Cada um tinha escrita uma mesma legenda, em outras tantas línguas diferentes. Em seu próprio idioma *kassita*, puderam ler:

Não ouseis colocar os pés neste ***umbral***
se antes não estais mortos para as paixões
e as tentações do Mundo.
Aqui só se chega para renascer
como Iniciados na Fraternidade Branca,
mas, para obter tal privilégio,
é necessário morrer primeiro.
Adeptos, se ainda estais vivos,

se a chama do desejo primordial
ainda arde em vossos corações,
se conservais a ***recordação***
e alimentais o ***propósito***,
então fugi, enquanto há tempo!

Evidentemente, tratava-se de uma manobra estratégica. A legenda, aparentemente destinada a presumidos adeptos à iniciação, tinha como objetivo desconcertar e provocar a dúvida nos intrusos. No entanto, longe de conseguir estes objetivos, a mensagem arrancou instantâneas gargalhadas dos guerreiros *kassitas.*

Pelo espinheiro vinham já subindo Nimrod e Ninurta, seguidos por outro esquadrão de arqueiros. Logo ficaram reunidos e, como nada acontecia, dispuseram-se a ingressar na infernal caverna.

— Isa, Isa! — começou a chamar aos gritos o Rei Nimrod, alarmado pela ausência da Iniciada, que ninguém tinha voltado a ver, desde que o Dragão subira para o Céu. Nesse momento, alguém notou que os estandartes tinham apagado sua tentadora mensagem e se reescreviam sozinhos, persistindo naquela tática de se dirigirem aos guerreiros com palavras enganosamente espirituais:

— Viajantes *kassitas*,
neste lugar só encontrará a loucura
quem não possua um Coração justo
e uma Alma doce e devota,
capaz de adorar o Grande Arquiteto do Universo
e servi-lo em sua Grande Obra.
Vós não possuís totalmente estas virtudes.
No entanto, sois afortunados, *kassitas*!
Mesmo que equivocados em vosso ***propósito***,
ter sabido chegar até aqui vos favorece
e, por isso, vos faremos uma oferta
por esta única vez, agora e para sempre:
vos oferecemos servir, junto a Nós,
ao Uno, Senhor do Grande Alento,
Criador da Terra, do Céu e das Estrelas,
de incontáveis Mundos semelhantes a este,
e de outros ***lokas*** tão raros e sutis
que são inconcebíveis para qualquer mortal.
Sois valentes e puros, *kassitas*,
mas fostes enganados pelo Demônio Kus,
que vos mostrou um paraíso inexistente.
Deveis abandoná-lo e aceitar o Plano do Uno.
Vos oferecemos agora ***passar pelas provas***
e servir ao Deus Uno ao Nosso lado.

Pensai bem, *kassitas*,
matastes dois de nossos ***Hiwa Anakim***,
os Sagrados Guardiões do Umbral,
e isso é falta grave, pela qual devereis pagar.
No entanto, ainda vos oferecemos servir,
nas fileiras da Fraternidade, ao único Deus.
Se vos decidis agora, se aceitais o trato,
deveis deixar as armas no Umbral
e despojar-vos de qualquer intenção agressiva,
e dos malditos signos que portais.
Fazei-o logo, *kassitas*!
Porque é uma oportunidade única a que vos damos.
Fazei-o e podereis atravessar sem perigo
o corredor que está diante de vós.
Mas tende em mente que deveis cruzá-lo
com o arrependimento na Alma,
porque, seguidamente, chegareis a um lugar Muito Santo
chamado de "O Templo da Sabedoria",
onde sereis Iniciados nos Mistérios do Uno.

Olharam-se, vacilantes, Nimrod e Ninurta. Esperavam encontrar inimigos preparados para o combate, mas ali só havia estúpida magia. Os estandartes, com as palavras que viram, tinham atraído misteriosamente a atenção dos *kassitas*. Entre os guerreiros, alguns não sabiam ler, mas, estranhamente, a mensagem chegava da mesma forma às suas mentes. E, ainda que não entendessem muitos dos conceitos empregados, ***sabiam*** perfeitamente que se tentava ***comprá-los***, uma vez que lhes propunham uma ***oferta***: suborná-los para que abandonassem a luta e se rendessem sem batalhar. Os *kassitas* derrotados, desarmados com "palavras"? E qual seria o preço cobrado por tão covarde capitulação? Nada menos do que servir ao odiado Enlil... Um murmúrio subiu da Elite guerreira: tentava-se enganá-los e, além disso, tinham insultado seu Deus Kus. O sangue fervia nas veias dos heróicos *kassitas*. Mas a mensagem prosseguia:

— Se aceitais Nossa generosa oferta,
vos tornareis ***Guerreiros da Rosa***,
aprendereis a ***Doutrina do Coração***
e, graças a esta Sabedoria,
descobrireis em vosso próprio Coração
Ele, Aquele por quem sois tudo,
o Ancião dos Dias,
o Senhor dos Eternos Verões,
Kumara Sanat.
Se aceitais, lutareis sempre por Ele
e por seu Povo Eleito *Habiro*,

cuja semente se acha muito perto de vós.
Se aceitais, regressareis ao mundo
como Adeptos Iniciados
no Mistério da ***Kâlachakra***,
a Ciência mais poderosa da Terra.
E, graças aos seus segredos,
sereis os homens mais fortes,
não haverá inimigo que vos possa enfrentar.
Sereis Magos respeitados,
Generais vitoriosos,
Reis invencíveis,
homens riquíssimos,
guardiões de um Poder
como jamais se viu.
Compartilhareis a glória de reinar no Mundo
junto à ***linhagem escolhida por Ele***,
no dia, não muito distante, em que Ele,
como ***YHVH***-Sabaoth,
se apresentará diante de povos numerosos,
adoradores da Matéria,
e os conduzirá com braço forte
a partir da Sinarquia de Seu Poder...

— Não! — ressoou como um trovão a voz de Nimrod. Não olheis o maldito estandarte! Sua voz está fora, no Mundo do Engano. O que vos diz vosso Sangue Puro, guerreiros *kassitas*? Não aprendemos de Kus, o Hiperbóreo, que tentariam comprar nossas armas? E não nos disse Kus, lá em nossas distantes montanhas, que ceder aos Demônios seria nosso fim?

Desembainhou sua espada e, com um rápido movimento, feriu-se na mão esquerda.

— Escutai — prosseguiu — eu, Nimrod, que os guiou vitoriosamente em mil batalhas, vos digo que devemos combater até a morte estes vis Demônios que não se atrevem a nos enfrentar. Digo-vos que mentem e que com suas promessas só procuram nos perder — levantou sua mão, da qual manava sangue abundante — aqui está meu sangue, que é o mais puro do mundo. Com ele traçarei o Signo ***HK*** neste estandarte infernal e depois entraremos para matar os Demônios. Nosso Signo é invencível!

Com seu dedo polegar direito, embebido em sangue, desenhou o Signo da Origem e, instantaneamente, pareceu como se um fogo consumisse os sete triângulos encantados.

— Matemos os Demônios — gritaram em coro todos os guerreiros.

No entanto, não chegaram a entrar no túnel. Ainda fumegavam no chão os restos dos estandartes, quando os Demônios de Shambala, que observavam escondidos a reação dos *kassitas*, se dispuseram a empregar uma de suas terríveis armas atlantes: o "canhão ***OM***". Primeiro, foi um som

suave, penetrante e agudo, como o canto de uma cigarra. Depois, começou a subir de tom e de volume, até ficar irresistível.

— Isa, Isa! — gritaram, em uníssono, Nimrod e Ninurta. Efetivamente, descendo do alto, pelos espinhos da árvore Enlil, estava visível o espectro da princesa *kassita*. Olhava-os fixamente e parecia falar energicamente, mas, a princípio, ninguém ouviu nada, pois o monossílabo de El, emitido intensamente, tinha aturdido a quase todos. No entanto, era impressionante a fé que os *kassitas* sentiam pela Iniciada de Kus e, talvez, esta confiança fez com que logo ouvissem, ou acreditassem ouvir, suas instruções.

— Colocai-vos atrás de Nimrod e de Ninurta! Observai fixamente o Signo de ***HK*** que eles têm gravado em suas costas e deixai que flua em vós a Voz do Sangue. Seu sussurro apagará qualquer coisa que vos perturbe. E vós, valentes Chefes, tendes uma arma poderosa: vereis que ela vos protege. Olhai-me e confiai, que logo cessará vossa dor.

Dando um salto até o Rei e o General, a Iniciada colocou suas mãos nas cabeças daqueles Heróis, produzindo o aparecimento de uma aura brilhante ao redor de seus corpos. Esta operação produziu evidente alívio, pois, um segundo depois, ambos estavam amaldiçoando, ainda que não conseguissem ainda ouvir seus próprios juramentos.

Enquanto no Céu ocorriam esses eventos que acabo de narrar, abaixo, junto ao Zigurate, o resto do povoado vivia experiências curiosas. Quando Nimrod jogou as cabeças dos Demônios, o alvoroço foi muito grande e, pouco tempo depois, as mesmas pendiam enfiadas em lanças. Essas cabeças eram muito maiores do que as de um homem normal, ainda que não chegassem a ter o dobro de volume. Os cabelos loiros e longos emolduravam um rosto quadrado, de olhos puxados e negros e enorme nariz adunco. A boca era de lábios carnudos, detalhe que se percebia perfeitamente, pois os Demônios careciam de barba.

As hastas foram cravadas diante da imagem de Kus, enquanto as Iniciadas transportavam os enormes corpos para, diante do Deus da Raça, arrancar o coração dos Demônios. Uma Iniciada fez a abertura no branco peito e extraiu o coração que, curiosamente, achava-se do lado direito. Depois, tirou o órgão do outro Demônio e levantou as sangrentas vísceras em suas mãos, para que o povo as visse. E aqui ocorreu um enésimo prodígio, pois, em contato com o ar, os corações se transformaram em flores, com o consequente horror por parte da multidão, integrada por homens e crianças. Eram duas ***rosas vermelhas***, com um pedaço de talo espinhoso cada uma, mas ninguém as reconheceu como tais, pois ainda não existiam as rosas sobre a Terra, e é provável que aquelas fossem as primeiras que olhos humanos viam, desde o afundamento da última Atlântida. A Iniciada jogou-as com desprezo aos pés de Kus e todos regressaram para perto do Zigurate onde, nesse meio-dia interminável, erguia-se o gigantesco espinheiro.

A Elite de duzentos arqueiros já tinha subido pelo espinheiro Enlil e penetrado na negra abertura. Ficava ao redor do Zigurate o resto do Exército

kassita: a infantaria, os sapadores, os lanceiros e auxiliares, e numerosos arqueiros que não pertenciam à Elite. Também estavam vários esquadrões de guerreiros de outras cidades, que vieram a Borsipa, como escoltas de Embaixadores e Nobres. E todos levantavam o punho para o Céu e gritavam:

— Kus, Nimrod, Kus, Nimrod! — incentivando seu, agora invisível, Rei, e desejando intimamente receber a ordem de subirem pelo espinheiro para colaborar na luta. Vários Príncipes e chefes militares estavam junto às tropas, mas nenhum se atreveria a dar nenhuma ordem, sem receber antes sinais de Nimrod ou de Ninurta.

Acompanhava a gritaria das tropas um coro de mulheres e crianças, que compunham o resto do povo. Mas os pastores *habiros*, é claro, continuavam atemorizados, invocando em voz baixa Yah, El, Il, Enlil, seu amado Demiurgo. E as Iniciadas que, primeiro timidamente, e depois com certa urgência, tinham subido à torrezinha superior, para indagar sobre o destino que tiveram os Hierofantes, comprovaram que todos tinham perecido. E, por isso, gritavam chorando e amaldiçoavam o sinistro espinheiro. Pois os Iniciados que não morreram quando a terrível língua de fogo abrasou a torrezinha, estavam agora espetados por grossos e longos espinhos que cobriam a totalidade do recinto azul. O povo *kassita* perdeu a Elite de Iniciados cainitas, seu destino estava agora apenas em mãos do Rei Nimrod!

Mas, então, o som do canhão ***OM*** começou a invadir a área da cidade e logo se fez tão insuportável que muitos caíram ao chão, desmaiados de dor. Uma nova nuvem de vapor geoplasmático, agora brotando do solo de Borsipa, propagou-se rapidamente. A névoa subiu até uma altura igual à metade de um homem e cobriu os que desabaram sem sentidos. Os primeiros a desmaiar, quase instantaneamente, foram os *habiros*: homens e mulheres, crianças e anciões, todos caíram no ato, fulminados pelo penetrante som. E, em seguida, ocorreu, talvez, o ***penúltimo*** grande fenômeno desse dia glorioso.

De repente, tão misteriosamente como se formou, a névoa começou a se dissipar, deixando expostos numerosos homens e mulheres que jaziam caídos no solo ou que tentavam se levantar. Mas o prodígio era que os *habiros*, ***em sua totalidade***, desapareceram. E o som diabólico, o monossílabo de El, também cessou, nesse momento.

Os *kassitas*, ao comprovarem que os *habiros* não estavam à vista, pensaram que tinham fugido, pois muitos deles eram seus escravos ou empregados, e essa hipótese aumentava seu furor. Mas os *habiros* não fugiram: toda a sua comunidade experimentou os efeitos seletivos do canhão ***OM***, cujo som, convenientemente afinado, tem a propriedade de produzir o teletransporte. Em diferentes locais, a muitas milhas de distância, se "encontraram" os pastores *habiros*, ao recobrarem os sentidos e, se bem que, a princípio, amaldiçoavam Nimrod e sua "magia", atribuindo a esta a culpa de suas involuntárias viagens, ao terem notícias do destino de Borsipa, agradeceram ao seu Deus Yah por tê-los salvado. Muitos despertaram em Nínive ou em Assur, mas outros foram parar em locais tão distantes como

Ishbak, Peleg, Serug, Tadmor ou ***Sinear***. De fato, muitas famílias demoraram anos em se reunir, separadas por distâncias de duzentas ou trezentas milhas, o que contribuiu para difundir, de forma distorcida, a façanha de Nimrod no Oriente Médio. Nisso, em Borsipa, um arqueiro apareceu pela negra abertura do Céu e gritou:

— Guerreiros, ao ataque! Nimrod vence!

Este chamado era desejado pelo povo *kassita* e fez com que, um instante depois, milhares de guerreiros se lançassem ao assalto do Céu.

Quinquagésimo Quarto Dia

Quando Nimrod e Ninurta se convenceram de que o raio sônico ***OM*** não podia contra eles, se prepararam para invadir o Umbral. O corredor era suficientemente largo para que pudessem avançar cinco por vez, coisa que fizeram correndo. Adiante, ia a espectral figura da Princesa Isa, seguida por Nimrod, Ninurta e o resto dos arqueiros, menos uma dezena que ficaram de guarda na entrada. Aquela caverna, construída com o objetivo de atemorizar os aspirantes a servir ao Demiurgo, tinha as paredes cobertas de baixos-relevos monstruosos e legendas misteriosas e ímpias. Também existiam portas laterais, que davam para certas "câmaras", onde a Demônia Dolma costuma se apresentar em sua lasciva nudez, cercada por uma corte de Sacerdotisas prostitutas. Ela é a encarregada de "guiar" e "enfeitiçar" os adeptos que ignoram os perigos da magia sexual.

Estas e outras armadilhas alucinantes, destinadas a confundir e submeter a vontade dos ingênuos aspirantes que costumam se aventurar a atravessar o Umbral, encontravam-se montadas, espreitando, em todo o interminável comprimento do sinistro corredor. Mas nenhum de tais truques podia deter aqueles que estavam além dos sentidos, aqueles que só ouviam a Voz do Sangue Puro, e cuja determinação os levou a lutar contra o Céu.

A vanguarda *kassita* já tinha percorrido uma distância de dois estádios (aproximadamente 370 metros), quando o túnel terminou abruptamente, dando lugar a três salas, uma após outra, em cujas entradas grandes inscrições, em vários idiomas, permitiam saber que se encontravam no "Templo da Ignorância e do Aprendizado" ou no "Templo da Fraternidade" ou no "Templo da Sabedoria". A primeira sala achava-se vazia, salvo um altar com os odiados símbolos de Enlil. A segunda possuía dois altares e duas enormes colunas de basalto em sua entrada. A terceira ostentava um suntuoso altar com um ataúde e, gravados nas paredes e tetos, os símbolos mais obscenos e malditos, que ninguém podia conceber sem perder a razão. E, em todas as salas, havia ricos tapetes e tapeçarias cobrindo pisos e paredes; e incensários aromáticos que impregnavam o espaço, suavemente iluminado por várias lâmpadas de óleo. As três salas, tão curiosamente decoradas, constituíam, sem dúvida, um espetáculo inusitado para aqueles

homens aguerridos que, minutos antes, achavam-se em uma humilde cidade do deserto. No entanto, esses ambientes estranhos não puderam ser devidamente apreciados pelos *kassitas*, pois a luta começou tão logo ingressaram na primeira sala. Ali, um grupo de "Guardiões do Umbral", ***Hiwa Anakim***, semelhantes aos que Nimrod decapitara momentos antes, fechava-lhes a passagem.

Apesar de possuírem aspecto feroz, e de serem muito grandes em tamanho, esses monstros da magia negra não são muito eficazes para a luta. Nasceram da cópula entre os Deuses Traidores e as fêmeas do animal-homem na cerimônia do Sabbat, que é antiquíssima — vem da época em que esse tipo de prática destruiu a Atlântida. Muitos milhares de tais seres demoníacos vivem em Chang Shambala (ou Kampala, ou Dejung, etc.), são totalmente imbecis e servem nos "Exércitos" da Grande Fraternidade Branca. No entanto, há pessoas mais imbecis do que os ***Hiwa Anakim***: são aquelas que, ao vê-los, acham que são "Anjos" ou "extraterrestres".

Os Guardiões cercavam um ancião calvo, seminu, de raça amarela, que parecia um habitante das distantes montanhas Kunlun. Tinha em suas mãos um ***Dordje*** ou Cetro de Poder, isto é, um transdutor poderosíssimo, que permite operar como "chave" ou "gatilho" em todo o mecanismo ressoante que é o Universo material. O Cetro, uma vara com cabeça esférica de pedra, emitiu um raio vermelho que atingiu secamente o peito do General Ninurta, jogando-o, fulminado, no chão. Mas o Inimigo não teve tempo de se alegrar com este golpe, pois uma flecha certeira atravessou o coração do Demônio amarelo, provocando tão extraordinária resposta grande confusão entre os *Hiwa Anakim*. Neste momento, o choque foi inevitável: enquanto alguns Demônios arrastavam o cadáver do velho para a "Sala de Aprendizado", outros se dirigiam, com a espada na mão, até os guerreiros *kassitas*. Uma chuva de flechas mágicas caiu sobre eles, mas em um ambiente tão pequeno, logo a distância se encurtou e tiveram que lutar corpo a corpo. Já tinham caído vários Demônios crivados e outros mais não tardaram em segui-los pelo efeito das espadas *kassitas*. Nimrod abriu um espaço entre os atacantes e, seguido por seu esquadrão, passou para a sala seguinte. Ali, a luta se fez encarniçada e viu-se que o número de Demônios era elevado.

Mas Nimrod estava inflamado. Tinha distinguido, através da segunda sala, um personagem resplandecente, que dirigia o ataque. Aparecia, por alguns momentos, no Templo da Sabedoria, de uma porta que parecia dar para um grande pátio, mas depois de gritar ordens, se afastava para dar passagem a outros desajeitados *Hiwa Anakim*. Era um *Nefilim*, um dos "Deuses Traidores", mas Nimrod, impressionado por seu aspecto divino e suas grandes asas brancas, pensou que era o próprio Enlil. Apontou cuidadosamente e disparou, quando a imagem do *Nefilim* se desenhou na porta. A flecha traçou uma curva suave no espaço e foi dar diretamente no peito do Demônio, ricocheteando, como se tivesse batido contra uma rocha.

— Cão Nimrod! — gritou o *Nefilim*, com o rosto desfigurado pelo ódio. Assim respondes à nossa oferta? Agora morrerás, tu e todos os teus. Sereis pasto para nossos *Hiwa Anakim* que, certamente, têm bom apetite.

Dizendo isso, afastou-se da porta, e um tropel de Demônios irrompeu até Nimrod, enquanto este observava horrorizado como muitos *Hiwa Anakim* começavam a devorar ferozmente os guerreiros caídos. Esta visão arrancou um grito de horror do Rei *kassita* e, enquanto sua espada mantinha à distância os atacantes, observava que as baixas eram terríveis entre sua Elite de arqueiros. Foi nesse momento que deu a ordem de procurar reforços. Momentos depois, milhares de guerreiros irrompiam nos malditos Templos da iniciação sinárquica.

Logo os *Hiwa Anakim* foram superados e Nimrod teve tempo de reunir seus arqueiros sobreviventes. Restavam menos da metade, mas os reforços que chegaram eram impressionantes, ao extremo de ameaçarem saturar os três Templos que já tinham sido tomados. Era necessário tentar uma saída para o pátio exterior. Nimrod espiou pela porta na qual vira o *Nefilim* e comprovou que dava para o pátio de um enorme palácio, no meio de uma cidade ciclópica. Uma cena de tirar o fôlego.

É que estavam no coração de Chang Shambala, muito perto do Palácio do Rei do Mundo. O conjuro dos Iniciados cainitas tinha sido tão eficaz, apoiado, é claro, pelo Mistério do Sangue Puro, que a Serpente de Fogo lhes havia facilitado as Sete Muralhas. O túnel da iniciação sinárquica as atravessa, para que os discípulos do Demiurgo possam chegar até os Mestres de Sabedoria. Mas convém que se façam alguns esclarecimentos. Apesar de tudo o que se viu fazerem os Iniciados cainitas e Nimrod, não se trata de magia a chave para chegar a Chang Shambala, mas de Estratégia. De nada valeria que alguém pudesse "abrir a porta", se seu Espírito se acha dogmatizado ou é vítima de qualquer uma das táticas psicológicas que a Fraternidade Branca emprega para alcançar a Sinarquia Universal. Por isso, ***a verdadeira façanha de Nimrod foi atravessar o túnel e os três Templos*** com as armas na mão, o que fala, e falará para sempre, do Sangue Mais Puro da Terra. Porque esses lugares ***são as câmaras de engano mais poderosas que existem no mundo***. Nada as pode igualar, nem os tratamentos com drogas que podem empregar os Serviços Secretos do Ocidente, coroados com hipnose, nem qualquer outro sistema de "programação psíquica". Aqueles que vão parar ali, pessoas úteis à Sinarquia, Chefes de Estado, religiosos, reis, pessoas ricas e influentes, presidentes de corporações, etc., "retornam completamente enfeitiçados, dispostos a trabalhar plenamente para cumprir sua missão". São os "Iniciados" da Sinarquia, "morreram" e "tornaram" a "nascer"; mas o que, na realidade, morreu neles foi o Espírito, a Memória de Sangue, que agora, submersos em uma total ***confusão estratégica***, nunca mais ***sentirão***.

No pátio exterior do Templo da Sabedoria, onde se entrincheiraram os valentes *kassitas*, uma legião inteira de *Hiwa Anakim* de espada na mão e vários esquadrões de *Sheidim*, os anões de pele de argila, esperavam

inquietos. Estes anões, de cabeça enorme, são produto da cópula ritual entre homens e certos animais, durante as orgias de magia negra atlante. Transportados em massa para Chang Shambala, depois da hecatombe, vivem em lúgubres cavernas e realizam todo tipo de tarefas para os "Mestres". Ultimamente foram "redescobertos" no Ocidente como acompanhantes de tripulantes de O.V.N.I.S. mas, na verdade, trata-se de uma espécie terrestre milenar. Dominam uma arma antipessoal paralisante, que dá a sensação de frio e pode produzir desmaios, mas que não é mortal. Mostram-se agressivos e são para se temer, se não se os conhece e não se possuem os conhecimentos necessários para neutralizá-los. Mas, quando perdem, são covardes e fogem em debandada. São ferozes carnívoros, mas não gostam da carne humana como os ferozes *Hiwa Anakim*. Eles são os responsáveis pelo roubo de reses, mutilações de animais e sucções de sangue, assim como os *Hiwa Anakim* costumam se alimentar de desprevenidos cidadãos, que nunca mais tornam a "aparecer".

A vista do pátio exterior não podia ser mais arrepiante, mas Nimrod desejava enfrentar o covarde *Nefilim* e vingar as horrorosas baixas produzidas entre seus homens pelos gigantes antropófagos. Para isso, traçou uma Estratégia simples. Enviaria a infantaria em horda, seguida de uma vanguarda de lanceiros. Atrás ficaria a Elite de arqueiros, protegendo a retaguarda e disparando permanentemente aos alvos mais certeiros. Na confusão, Nimrod tentaria chegar até o *Nefilim*.

O *Emin Nefilim*, cujo nome era ***Kokabiel***, um dos duzentos Deuses Traidores que vieram de Vênus, seguiram o Caminho da Mão Direita e fundaram a Fraternidade Branca ou Hierarquia Oculta da Terra, achava-se dirigindo suas hostes de pesadelo, escudado atrás de um enorme chafariz. Seu aspecto era deslumbrante, pois estes Demônios são orgulhosos e sentem prazer em mostrar uma bela aparência, tratando, em vão, de competir com Kristos Lúcifer, Senhor da Beleza Incriada.

Nimrod deu a ordem para atacar e uma horda de guerreiros *kassitas* se precipitou contra a fechada formação dos Demônios. Os anões dispararam suas armas de "cinturão" e produziram alguns tropeços entre os primeiros guerreiros, mas logo se viu que, com o ímpeto que tinham, seria impossível detê-los dessa forma. Começaram a chover dezenas de flechas, ao mesmo tempo em que se chocavam as duas vanguardas, gerando-se uma tremenda batalha. Nesse momento, Nimrod, que se dirigira aparentemente em sentido contrário, caiu, em dois pulos, sobre *Kokabiel*, tentando degolá-lo com um afiado punhal de jade. Essa arma, procedente da China, foi encomendada por Isa, como sendo muito eficaz para abater os Demônios.

Rolando em um abraço mortal, os dois Hiperbóreos inimigos, o branco Nimrod e o tenebroso *Kokabiel*, jogavam com suas imortais e ilusórias vidas, tratando de se apunhalarem mutuamente. Era algo que não se via há 8.000 anos. Mas seus corpos pertenciam a raças diferentes. *Kokabiel* era enorme, com quase o dobro do tamanho do valoroso Nimrod, e essa vantagem física,

somada ao seu ódio, que parecia uma energia quase palpável, abrasadora, colocava o Rei *kassita* em apuros.

— Morre, Cão Nimrod! — gritou o *Nefilim*, enquanto apertava o pescoço do Rei *kassita*, surpreendido em uma chave mortal na luta.

— Morre e regressa ao mundo infernal dos humanos mortais!

Começaram a ranger os ossos do infortunado Rei.

— Nimrod imbecil! Querias conquistar o Céu? O castigo será terrível. Encadear-te-emos de tal maneira, que regressarás à consciência mineral ou, pior ainda, ao mundo elemental das larvas etéricas. E demorarás milênios para sair da roda do Karma, maldito Nimrod. E com teu povo faremos uma expiação definitiva: será apagado da face da Terra! Mas tua derrota será lembrada para sempre pela linhagem *habiro* de ***YHVH***.

"Crac*"*, soou lugubremente o espinhaço de Nimrod, ao se partir.

— Ha, ha, ha — ria cinicamente *Kokabiel*. Esse nome combina bem contigo: "Nimrod, o Derrotado". Assim serás lembrado, cão Nimrod. Ha, ha, ha!

— ***Ahhh!*** — gritou horrivelmente o *Nefilim*, ao perceber que o punhal de jade tinha penetrado até a empunhadura em sua cintura.

Em todos os momentos da luta, Nimrod tentara enfiar a arma, mas esta resvalava na couraça eletrostática com precipitação mineral que protegia *Kokabiel*. Finalmente, quando se sentiu morrer, difundiu sua consciência no Sangue, de modo hiperbóreo, e deixou que o último esforço de seu braço fosse guiado pelos impulsos primordiais. E então, a mão, temivelmente armada, disparou diretamente para um ponto da cintura do *Nefilim*, justamente sobre o fígado, onde um vórtice de chakra gerava um ponto fraco na armadura.

Agora *Kokabiel* estava morto, e nunca mais viveria neste Universo: este é o mistério que os Demônios *Nefilim* de Chang Shambala tentam ocultar. Mas Nimrod agonizava junto ao gigantesco cadáver...

Ao cair *Kokabiel*, uma súbita perplexidade gerou-se nas hostes demoníacas. No entanto, as vozes de outros covardes *Nefilim* os incitavam a lutar sem retroceder. A matança era terrível e o sangue já cobria grande parte do pátio, semeado de centenas de cadáveres. Um esquadrão de sapadores começou a incendiar os corredores adjacentes e logo o Palácio, que se achava, evidentemente, evacuado, ardeu. No meio da confusão, alguns guerreiros sentaram o Rei arqueiro apoiado no ruidoso chafariz e o viram sorrir, enquanto o cintilar das vorazes línguas de fogo projetava sombras dançantes sobre seu rosto. Também o viram falar com o espectro de Isa. Alguns até puderam ouvir com clareza o que diziam:

— Ó, Isa. Onde estiveste, Princesa?

— Muito longe, valoroso Nimrod — respondeu a Iniciada morta. O monstro de fogo Enlil me transportou para fora do mundo terrestre, até a Casa de seu Amo Shamash, o Sol. Ali vi uma Cidade de Fogo, com Demônios tão infernais, que ninguém pode imaginar. Havia onze "Deuses" semelhantes a Enlil. E um, Ó Nimrod, que não pode ser descrito por nenhum mortal, sem

correr o perigo de perder a sanidade. O monstro mais horroroso e abominável que se possa imaginar, em uma eternidade de loucura. E vivia em Shamash! E tudo, Ó Nimrod, tudo o que existe, tudo quanto vemos aqui, neste Inferno, e em outros muitos mundos que o monstro atravessou, tudo estava vivo, palpitava, e era parte d'Ele.

Mas deves alegrar-te, Ó Nimrod, porque nem Ele pôde com o signo primordial de ***HK***.

— Transforma-te em árvore — ordenou Shamash ao Dragão Enlil — e confunde na gnose primordial de teus frutos esse ***Signo*** que nos recorda o ***Incognoscível***!

— De repente, intrépido Nimrod, achei-me na copa de um espinheiro, uma macieira, uma roseira, uma amendoeira, uma árvore que era todas ao mesmo tempo, uma árvore cujos frutos continham o Segredo da Serpente, a Sabedoria do Criador Enlil, o Conhecimento do qual cuidam os Demônios, porque é a herança dos animais-homens e dos Povos Escolhidos por Ele. Essa árvore se pendurava de negros abismos e chegava até Shamash. Comecei a descer e muitas criaturas infernais me espreitavam, mas todas fugiam, ao comprovar que eu portava o Signo. Estava muito preocupada, pois devia cumprir a missão de encontrar o Caminho de Regresso à Origem, tal como nos encomendaram os Sábios cainitas. Toda a esperança da Raça foi colocada em mim e não podia fracassar. E, para o cúmulo da pressão, percebia a Voz de Shamash, que falava ao ***Cão do Céu*** e dizia:

— Ó Sirius, Ó Sião, Ó Divino Cão! Tua nunca manchada Face deve contemplar que os seguidores de Kristos Lúcifer, o enviado do Incognoscível, se levantam contra o Plano do Uno, desafiam as leis cósmicas e procuram abandonar o Universo dos Sóis. Permitiremos nós, os Arquitetos de Todos os Mundos, que os ***Espíritos escravos*** se libertem do jugo dos ciclos, dos *Manvantaras* e dos *Pralayas*? Responde, Ó tu, que vives na Paz do Uno. Dize-nos se podemos aceitar que o ungido Lúcifer, o Kristos, revele o Mistério do Vril aos Espíritos atados à evolução de nossas Santas Vontades. Pois, eis que O Enviado se instalou em nossa Mansão, e dali incentiva a Redenção do Sangue Puro, ilumina o interior dos homens com um ***novo Sol que ninguém vê***, um Sol Negro que faz recordar a Origem Divina do Espírito e desperta a Nostalgia pelo Regresso. Permitiremos esta abominação, Ó Sirius? Se eles descobrem o caminho de Regresso aos Mundos Incriados, o que será de nossas cadeias planetárias, confiadas ao desenvolvimento duvidoso das mônadas? Devemos impedi-lo! Ó Sirius-Sião, Cão do Pastor Uno, que cuidas do Rebanho Cósmico, afunda teus dentes na Serpente Redentora e livra-nos da ameaça de libertação espiritual ***para que continue eternamente a escravidão daqueles que são semelhantes ao Incognoscível, sem saberem o que são***!

— Ó Nimrod, não temas! — exclamou a Princesa, ao comprovar que o rosto do moribundo Rei *kassita* se entristecia. Triunfamos, Ó tu, vencedor de *Kokabiel*! Enquanto os Demônios faziam ouvir suas blasfemas vozes por todo o orbe, eu tratava de cumprir a missão da Raça e encontrar o Caminho

de Regresso. Para isso, concentrava minha atenção no Sol Negro, pois esse é o único modo de conservar a ***vantagem estratégica*** obtida pela pureza de sangue, quando uma vivíssima luz partiu de trás desse Centro Racial. Era um ***raio verde***, de uma pureza inefável, que atravessava o Centro Incriado e revelava, para a nossa Estirpe, a Porta Original das Mansões Perdidas.

— Ó Nimrod, em um instante tudo se tornou claro, toda a confusão se dissipou! Já não poderia me perder mais, porque agora sabia que nunca nos extraviamos, nem nos confundimos, nem pecamos, nem caímos. Nem nunca sequer nos movemos.

— Ó Nimrod! Ao se dissipar a totalidade do Grande Engano, tive a certeza de que não teríamos mais que regressar, porque estávamos ali sem o saber. Conquistamos a Liberdade do Espírito, valente Nimrod! ***E a possibilidade absoluta de sermos nós mesmos nossa própria criação, de sermos nós a matriz de nosso próprio parto. É a Vontade do Incognoscível, divino Nimrod, que possamos tudo!***

A Princesa Isa pronunciou as últimas palavras, acompanhando o suspiro final do Rei Hiperbóreo.

— Já possuía o Segredo do Regresso ao descer do espinheiro, quando os vi na entrada da infame caverna iniciática. Mas seria bom, para provar a pureza alcançada pela linhagem de Kus, que se travasse a Batalha Final entre os *kassitas* de Nimrod e os Demônios de Chang Shambala. Para que perdurasse na memória racial dos homens ainda encadeados a recordação dessa façanha e que fosse evocada no final da Era de Peixes, quando os Treze Deuses recuperarão a Coroa de Lúcifer e despertarão definitivamente os povos hiperbóreos. Então, cairá Chang Shambala com seus Demônios, e em um Holocausto de Fogo sem fim sucumbirá a maldita obra do Demiurgo Jeová-Satanás.

Nimrod jazia morto em Chang Shambala. Junto a ele, com uma careta de horror indizível no crispado rosto, estava o cadáver do *Nefilim Kokabiel*, que foi Mestre de feiticeiros e magos. Sua ciência foi inútil diante da tenaz decisão dos puros *kassitas*, e tal fracasso demonstrou que, para o homem, transmutado em Homem de Pedra, sempre é possível lutar contra os Demônios e vencer. Claro que essa ***vitória espiritual*** pode ser também uma derrota, se for ***medida com a vara do animal-homem***. Porque, de fato, é considerada "derrota" qualquer vitória que não traga consigo um sucesso material comprovado, de acordo com as diretrizes morais das sociedades "sinarquizadas". Pois a moral de uma sociedade é função de sua Cultura e, já foi visto, "a Cultura é uma arma estratégica" para a Sinarquia. Por isso, aqueles que lutam contra as forças satânicas, os homens despertos, serão sempre rotulados de "derrotados". E, por isso, o Grande Ser que ilumina o ***Caminho Interior*** dos homens, Kristos Lúcifer, é chamado de Deus dos Perdedores; porque todos os seus seguidores sempre "perdem" durante o *Kaly Yuga*.

Jazia, pois, Nimrod, o Derrotado, morto em Chang Shambala. Seus bravos *kassitas* foram completamente exterminados, em uma vasta área da Cidade Maldita, até onde os conduziu seu furor guerreiro. À luz reverberante dos últimos fogos, se podia observar o ossário horroroso em que se tornaram os Templos e os pátios. O primeiro Palácio, chamado de "Mansão dos Manus", onde se depositavam os anais das Raças Raízes e que era utilizado pelos Mestres de Sabedoria para treinar seus ***enviados***, foi reduzido a cinzas. Um enorme Monastério e vários templos pequenos, dedicados a "divindades menores", sempre destinados a treinar "enviados", ou seja, a enganá-los taticamente, também sofreram os efeitos do fogo. Comparada a essas importantes perdas, a resistência oferecida pelos Demônios tinha sido mínima. Só arriscaram sua pele o vil *Kokabiel* e o Mestre Chinês que usou o *Dordje*. Os Serafim limitaram-se a enviar contra os guerreiros *kassitas* legiões de gigantes *Hiwa Anakim* e os anões *Sheidim*. Como se diria agora, utilizaram uma "massa tática" composta de "robôs" ou "andróides". É porque ***eles não podem arriscar suas vidas, pois são bem poucos***. Há milhões de anos eram duzentos. Nimrod liquidou um... Certamente, custa crer que tão poucos sejam capazes de tanto. Mas deve-se pensar que Eles possuem o "apoio" de milhares de "Mestres", ou seja, de "Iniciados" animais-homens, Almas de grau evolutivo superior, e contam com o ***domínio estratégico da consciência planetária***.

Aquele "meio-dia" interminável permaneceu inalterado durante toda a Batalha de Nimrod e se pode considerar sua extensão aproximada como de umas doze horas. No momento em que o Rei *kassita* expirava e se extinguia o combate em Chang Shambala, o último prodígio sacudia Borsipa. Já tinham subido ao Céu todos os guerreiros disponíveis — mais de quatro mil — incluindo alguns visitantes, e a cidade apresentava, então, um estranho aspecto. Era essa multidão, composta na maioria por mulheres e crianças, que não cessava de gritar, sobrepondo seus protestos a um fundo de música guerreira tangida pelas Iniciadas cainitas. E essa torre imponente, erguida até o Céu em aberto desafio. E esse espinheiro em sua cúspide, essa árvore rosada, que simboliza a sublimação da matéria, por parte de El, e seu enquadramento nas Hierarquias Cósmicas, cujo supremo regente é aquele que se autodenomina de ***"Uno"***. E esse meio-dia interminável, sem a imagem de *Shamash*... A verdade é que Borsipa apresentava um aspecto raro nesse seu último dia!

Já não existiam escravos em Borsipa. A linhagem de Yah, o sangue de Abraão, os pastores *habiros*, foram salvos. Mas, tampouco havia covardes para fugir, quando a ***lentilha prateada*** apareceu no céu. Todos ficaram mudos de terror, quando o grande ***olho de prata*** emergiu de uma nuvem suspeita. E todos morreram em seus postos, quando o raio atômico deu em cheio na Torre de Nimrod. O calor liberado foi tão imenso que a areia se fundia e jorrava como água. Um furacão mortal, um círculo expansivo de fogo, partiu de Borsipa, matando todos os seres viventes em dez milhas ao redor.

Empregou-se outra das armas táticas atlantes, e, assim, as súplicas que *Enlil* e *Shamash* fizeram ao Cão do Céu, Sirius-Sião, e que a Princesa Isa presenciara, foram atendidas. Uma vez consumado o ataque, a lentícula de prata desapareceu da vista física, para retornar ao ***centro*** de onde tinha sido ***projetada***, em Chang Shambala.

Ao se dissipar a fumaça, só estava de pé a sétima parte da Torre de Nimrod. *Shamash* continuava sua viagem ao Ocidente e o espinheiro e a Porta do Céu já não existiam. O pesadelo tinha terminado: o Umbral estava a salvo para continuar prestando seus serviços às iniciações sinárquicas e os Filhos do Sol da Meia-noite haviam fracassado novamente.

Só restaria a recordação racial da grande façanha de Nimrod e os restos calcinados de sua Torre, tal como se podem ver ainda hoje na Torre de Borsipa, com a areia vitrificada pelo calor nuclear, grudada, após milênios, aos seus muros. E também perdurariam as calúnias inventadas pelos pastores *habiros* e recolhidas pela tradição árabe e judaica. No Talmude e em diversos escritos rabínicos se pode ler, convenientemente alterada, parte dessa história. Menciona-se ali a Torre de Nimrod, "da qual seus arqueiros dispararam flechas para o Céu", o "orgulho luciférico" do Rei *kassita*, sua Torre "confundida" com a de Babel, etc. Também se encontraram tabuletas de argila gravadas em escrita cuneiforme, que contam mais objetivamente os fatos, e numerosos *kudurrus* — pedras gravadas que se costumava colocar em Templos ou como limites territoriais — com referências à façanha de Nimrod.

Talvez, de todas as falsificações feitas com respeito a esta façanha hiperbórea, a mais insidiosa seja a referência de H. P. Blavatsky, na *Doutrina Secreta*, onde se escreve que "uma elite de sacerdotes assírio-babilônicos descobriu a forma de escapar do Plano de Evolução do Logos Solar e abandonou a Cadeia Planetária, junto com seu povo, rumo às 'estrelas', onde ***continuam sua evolução***". Isso demonstra que a mencionada agente da Sinarquia pretende capitalizar a façanha de Nimrod ***a favor das teorias sinárquicas***.

O resto do povo *kassita* continuou dominando, durante um tempo, mas finalmente se fundiu com seus primos *hititas*, pois, como já foi dito, "uma Raça que perde seus Iniciados cainitas é uma Raça moribunda" e, junto com Nimrod, havia partido para sempre a Elite de Iniciados cainitas. No entanto, a expansão *hitita* os levou a habitarem novamente Borsipa, a qual foi, em parte, reconstruída. Mas ninguém se atreveu a tocar nas ruínas da terrível Torre.

Em Chang Shambala, sempre está presente a história de Nimrod e, com a intenção de evitar futuras tentativas desse tipo, muitos "enviados" ocuparam-se, durante séculos, de ***eliminar*** as provas do que ocorreu e de ***confundir***, no que respeita à metodologia tática empregada no ataque. Bera e Birsa foram dois dos Imortais da Fraternidade Branca que mais trabalharam nesse sentido. No entanto, vários povos hiperbóreos imitaram, em maior ou menor grau, a façanha de Nimrod. Um deles foi o povo viking

da Groenlândia, que "abriu a Porta", depois fechada por Quiblon-Colombo. Outro, mais recente, foi o povo alemão do Terceiro Reich, que contava com a Sabedoria Hiperbórea da Elite de Iniciados cainitas da Ordem Negra. O Führer da Alemanha pôde, assim, com perspectivas de sucesso, empreender novamente a mutação coletiva da Raça e tentar a conquista do Céu. ***Mas os resultados dessa nova façanha hiperbórea certamente parecerão, àqueles que se encontram sob os efeitos da Magia Sinárquica, uma "derrota"***.

Para concluir este resumo da história de Nimrod, direi que o Rei *kassita*, seu bravo General Ninurta, seus Iniciados, e todo o povo que morreu em Borsipa, empreenderam o definitivo Regresso à Origem, guiados pela indomável Princesa Isa.

Enquanto isso, os Demônios idiotas *Hiwa Anakim* devoravam os corpos dos guerreiros em Chang Shambala e o Rei do Mundo pronunciava sua oração vespertina, atrasada doze horas nesse dia, pela façanha indelével de Nimrod.

Em um museu da La Plata, em Buenos Aires, Argentina, encontra-se o famoso *Kudurru de Kashshu*, encontrado em *Susa*, onde fazia parte do saque do Rei elamita *Shutruk-Nahhunte*, do século XII A.J.C. Nele foi gravada a régia figura de Nimrod ***pisando a Lua e o Sol***, e com uma estrela de oito pontas, símbolo do planeta Vênus, sobre a sua cabeça. Ao seu lado, um Zigurate lembra a sua famosa Torre. Abaixo dessa imagem, há duas colunas de escrita cuneiforme, em língua *hitita*, onde se menciona a morte do Rei e se avisa que ninguém deve esquecer sua façanha. Transcreverei parte de dito texto, segundo a erudita versão do Professor Ramirez, da Universidade de Salta, considerada universalmente como a mais exata:

A Morte de Nimrod

De uma famosa Torre
cujas ruínas aqui estão
o Rei Nimrod ao Céu partiu.
Um dia voltará!
Mas ele não foi
aos Deuses seus joelhos dobrar.
Com o arco retesado subiu
disposto a matar.
Suas flechas a Shamash feriram
mas logo ele conseguiu se curar.
Mas Nimrod se foi
embora algum dia retornará.
Uma Deusa o guia,
Chama-se Isa,
é a própria Ishtar,

e um povo o acompanha,
são os bravos kassitas
que junto a ele lutarão.
Pois Nimrod partiu
e conosco já não está
embora digam as lendas
que um dia voltará
com seu arco retesado
disposto a matar.

Quinquagésimo Quinto Dia

De forma muito semelhante aos *kassitas* do Rei Nimrod comportaram-se os vikings da Groenlândia, no século XIV, Dr. Siegnagel. Foi por isso que os Demônios de Chang Shambala enviaram até ali Quiblon, no ano 1477, para fechar a Porta de Thule que os guerreiros abriram. Regressando a Lisboa, depois de cumprir com sucesso sua missão, Quiblon se preparou para o passo seguinte: ***navegar para o Oeste, em direção às Portas do Paraíso Terrestre e de K'Taagar. A primeira, deveria abrir e dissimular, para que só fosse empregada pelos membros do Povo Eleito e seus aliados, os Golen. A segunda, a "outra Porta de Thule", deveria ser fechada definitivamente. A Porta de K'Taagar, ou de Agartha, era a mesma à qual os Atlantes Brancos chegaram, milhares de anos antes, indo para o Leste e que, nos mapas medievais, aparecia como o "País de Catigara", o Reino do Grande Khan ou do Preste João. Aquela "Terra de Catigara" seria agora abordada*** inversamente ***a partir do Oeste, e sua entrada selada, mediante o uso cabalístico das Sephiroth. Depois da missão de Quiblon, Catigara desapareceria para sempre da Cultura Ocidental. Ou, o que é o mesmo, desapareceria K'Taagar. A Casa de Tharsis tinha, pois, os dias contados para perceber o Sinal Lítico na Pedra de Vênus e partir para a Morada dos Deuses Libertadores.***

Sobre as Portas de K'Taagar, situadas ***no Extremo Ocidente***, dir-lhe-ei que existiam quatro "abertas" na época de Quiblon: três na América e uma na Antártida. Das três americanas, Quiblon só conseguiu fechar a Porta do Centro, a mais direta e a que tomaram os Atlantes Brancos, que se encontrava situada no Triângulo das Bermudas. A do Norte foi depois procurada, infrutiferamente, pelos membros do Povo Eleito, mas jamais foi encontrada, pois os Peles Vermelhas, Raça guardiã, se encarregaram de dissimulá-la e de protegê-la muito bem. Igualmente ocorreu com a Porta do Sul, guardada pelos Atumurunas ingas, os quais empregaram a Sabedoria Lítica, com o objetivo de evitar que os Golen a encontrassem. E a Porta antártica, ignorada durante vários séculos pelo Inimigo, recentemente seria

utilizada, no século XX, pela Ordem Negra ᛋᛋ, para conduzir o Führer à Morada dos Deuses Leais ao Espírito do homem.

O Duque de Medinaceli, Dom Luis de La Cerda, era, além de descendente direto do Rei Afonso X, o Sábio, um fiel Iniciado da Fraternidade Branca. Em seu castelo se aloja Quiblon, em 1484, quando abandona definitivamente Portugal para se estabelecer na Espanha e realizar a missão mais importante de sua vida: receber o Verbo de *Metatron*, a *Shekhinah*, e realizar o Holocausto de Água, *Mem*. E, com esse Poder, sacrificar a ***YHVH*** os Três Impérios pagãos existentes além do Mar Tenebroso. Nesses dias, os Golen se encontravam fortemente infiltrados na Ordem de São Francisco que, em Huelva ocupava o Santuário de Nossa Senhora de *La Cinta*, em Palos o Convento de Nossa Senhora de *La Rábida*, em Moguer o Monastério de Nossa Senhora de *Granada*, etc. A partir dessas igrejas, incentivavam em segredo o funcionamento de uma loja maçônica templária, à qual se tinham afiliado numerosos laicos da nobreza andaluza, dentre eles o Duque de Medinaceli. Os iniciados da loja ostentavam o título de "Cavaleiros Templários" e repetiam os antigos ritos de adoração a Bafomet, da Ordem extinta em 1307. Essa loja é que concede a Quiblon a última iniciação e o prepara esotericamente para receber a *Shekhinah*. Ele permanece entregue a esse projeto, no castelo de Medinaceli, até 1486, quando o próprio Duque anuncia aos Reis Católicos a presença do homem que descobrirá para a Espanha os extensos e ricos países do Oeste.

Os soberanos estavam dedicados a completar a Reconquista, e isso causaria, inevitavelmente que, cedo ou tarde, Granada caísse em mãos cristãs. Esse será o sinal esperado por Quiblon. Então, receberá o Verbo de Metatron e seu Poder será incomparável. Até esse momento, mostrar-se-á como um humilde explorador, apenas desejoso de servir ao Reino. Depois da queda de Granada, tal como a profetizaram Bera e Birsa, sua voz será a Voz de ***YHVH*** e suas ambições estarão niveladas com seu Poder. E ninguém, nem os Reis, poderão resistir às solicitações de quem viajará até as Portas do Paraíso Terrestre. Mas é necessário se conhecer previamente os planos de Quiblon, familiarizar os Reis e a Corte com o futuro Almirante do Mar Oceânico. E é por isso que, já em 1486, os Golen arranjam a primeira entrevista de Quiblon com Dom Fernando e Dona Isabel, que se achavam na época em Córdoba.

Como é lógico, os ***Domini Canis*** também integravam a Corte e estavam dispostos a impedir qualquer judeu ou convertido que tentasse propor um plano que levaria "à Glória e à Vitória do Povo Eleito", ou ao "Tríplice Holocausto de alguns povos desconhecidos a Jeová-Satanás". O Capitão Kiev, o Senhor de Vênus, havia revelado, 180 anos antes, que isso seria anunciado por um hebreu, "Quiblon", ao qual seria difícil deter. Assim, pois, os ***Domini Canis*** se mantinham em alerta, mas ignoravam completamente que o Poder de Quiblon se manifestaria no final, depois da simbólica queda de Granada. E, em consequência, não suspeitaram que Colombo, um homem insignificante e alucinado, pudesse ser Quiblon, o Maior

Representante das Potências da Matéria. De qualquer forma, Frei Fernando de Talavera, o ***Domini Canis*** que os Reis nomearam para estudar a proposta de exploração de Colombo, deu uma decisão desfavorável e procurou desprestigiar o visionário enviado dos Golen.

Contudo, a Corte estava infestada de Cavaleiros Templários ou Golen, que apoiaram, durante anos, Colombo: o Cardeal Pedro González de Mendoza; o Contador-Chefe do Reino, Dom Alonso de Quintanilla; o Preceptor dominicano do príncipe Dom Juan, Frei Diego de Daza; o Camareiro do Rei, Dom Juan Cabrero; o Comendador Dom Gutiérrez de Cárdenas; o astrônomo franciscano Frei Antonio de Marchena; etc. E a ajuda mais eficaz: a de Luis Santángel, o Escrivão de Racionamento da Coroa aragonesa, espécie de secretário do Rei de Aragão, e que era um poderoso banqueiro, pertencente a uma família hebraica recentemente convertida ao cristianismo. Esse personagem sinistro, em acordo com um grupo de banqueiros judeus de Gênova, seria o financista da expedição de Colombo, em 1492: ofereceria, então, um empréstimo de um milhão de *maravedis* a juros tão baixos (1,5%), que praticamente faria a Rainha se decidir a autorizar a viagem de Quiblon.

Em 1491, os Reis se encontram diante de Granada, em um acampamento muito grande, que dará lugar ao povoado de Santa Fé. Ali chega Colombo, ansioso para contemplar a tomada de Granada e empreender sua missão. No entanto, será novamente Frei Fernando de Talavera, que se preparava para desempenhar o cargo de Arcebispo, que frustrará seus planos e impedirá que se entreviste com suas Majestades. Mas a queda da cidade está muito próxima e Quiblon pressente a manifestação de ***YHVH***. Dirige-se, pois, diretamente ao Convento de *La Rábida*, em Rus Baal, lugar consagrado à Grande Mãe *Binah*: espera que o Amor da Deusa, a Virgem dos Milagres, o auxilie, diante da iminência dos acontecimentos do Destino. E, em *La Rábida* o está aguardando o estado-maior Golen, para realizar o Ritual do *Sepher Icheh*, a cerimônia que permite à Inteligência de *Binah* depositar no coração do Iniciado a Semente de Barro do homem arquetípico. Só que, dessa vez, o Amor de *Binah* facilitará a expressão do Menino Metatron, um Aspecto Reflexo de *Kether*, a Coroa do Uno. O chefe máximo dos Golen é Frei Juan Pérez, superior do Convento de Nossa Senhora de *La Rábida* e Supremo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque. Ele será secundado no ritual pelos laicos e os Cavaleiros Templários Pedro Velazco e García Fernández, bem como pelo franciscano Antonio de Marchena. Em 2 de janeiro de 1492, Boabdil entrega Granada a Dom Fernando e Dona Isabel. Em seguida, o Arcebispo ***Domini Canis*** Fernando de Talavera ordena aos hereges, árabes e judeus, que se convertam ao cristianismo; caso contrário, deverão abandonar a Espanha. Quinze dias depois, em *La Rábida*, cumpre-se a profecia de Bera e Birsa.

Quiblon, usando o hábito franciscano, encontra-se diante da magnífica escultura da Milagrosa. Essa obra é atribuída geralmente ao Apóstolo São Lucas, mas, na verdade, conforme se viu no Trigésimo Dia, foi talhada por

um monge templário do século XIII. Os Golen terminam de oficiar o Ritual e ***o Grande Sacrificador recebe a Shekhinah***. Quiblon sente-se então possuído pela Alma Universal de ***YHVH*** e cai de joelhos diante da imagem da Mãe de Deus, a quem vê ***como se estivesse viva*** e cujo ***Amor sem limites*** consome-lhe o coração. Um prodígio se produz e a Romã de Seu Báculo começa a sangrar. Mas Quiblon não o nota; ouve, em troca, a Grande Mãe *Binah* falar-lhe no mais puro idioma hebreu:

— Santo Quiblon, Grande Sacrificador,
Filho do Ancião dos Anciões,
Seu Verbo criador é a tua sagrada Voz!
O Logos Seminal do Pai
está na Razão de tua Mente;
mas o doce Amor da Mãe
te queima de paixão o Coração.
Eu Sou Binah, a Mãe do Messiah,
Eu Sou Binah, a Mãe de Metatron.
Eu Sou Binah, a Inteligência de Deus.
Eu Sou quem guiará teu Rumo
no escuro Mar do Terror. Quem poderá, então, te deter,
Santo, Santo, Santo Quiblon?
Por Mim entendes o Mistério do Templo,
por Mim recebes a Vida de Rimon.
Ao Pai oferece o Sangue.
Para mim, quero o Amor.
Há três Impérios que esperam
sua destruição iminente.
Rios de Sangue Quente
derramará o Espanhol.
Essa Raça arrogante,
de distinção albina,
será o punhal afiado do Sacrificador.
Como Raça, o Sangue
dos Povos Pagãos
oferecerão a Deus.
Mas, alguns acasalados
com os sobreviventes,
procriarão sem freio
os Filhos do Horror.
Essa será Minha recompensa,
Santo, Santo, Santo Quiblon.
Ao Pai, oferece o Sangue.
Para Mim, quero o Amor.
E essa Raça soberba,
do valente espanhol,

se afundará no pântano
da Baixa Paixão.
O que restará dela,
Santo, Santo, Santo Quiblon?
Milhares e milhares de Filhos do Horror.
E nesses Homens Novos
minhas Sementes de Barro germinarão melhor.
Eu não quero a Raça;
Eu requeiro o Amor.
Muitos Filhos tenho.
Dos Homens Mortais, Sou Mãe.
Mas meu Filho Primogênito
é o Povo Eleito,
o Povo do Senhor.
A ele compete
Governar sem Temor.
Porque seu é o Reino
Malkhouth, de YHVH Sabaoth.
É belo como um Anjo,
é forte como um Deus,
é Shekhinah, a Esposa,
é o Messiah, é Metatron.
Tem minha Inteligência.
Pode atuar com Rigor.
Mas, se por acaso, desce
à Baixa Paixão,
não há pecado em seus atos;
para ele há Perdão.
É a Alegria do Pai,
é a Compreensão da Mãe,
é o Povo Eleito,
o Povo do Senhor.
Meu filho primogênito,
de todos, o Melhor.
Seus irmãos erraram,
esfriando o Coração;
recebendo a Semente de Pedra
da Inimiga do Amor;
da Negrura Infinita
após a Morte da Alma;
da Negrura Gelada
após a Morte do Corpo;
do Negro Nada sem Criador;
da Negrura Eterna
após a Morte Final;

da Verdade Nua
após a Morte Kâlibur;
do Negro Abismo do Fundo de Si Mesmo.
Por causa dela, trovejará o Castigo.
Por causa dela, arderá a Dor:
a Tirania do Povo Eleito,
o Julgamento das Nações,
o Holocausto de Fogo,
a Lixívia, o Terror.
Ela é o Mal sobre a Terra,
é a Morte da Alma,
esfriou a Pedra,
é a Inimiga do Amor.
Muitos Filhos Eu tenho.
Do Homem de Barro Sou Mãe.
Eu Sou Binah, que chora
sobre a Pedra Fria
que a Virgem de Agartha
colocou em seu Coração.
Eu Sou Binah, a Mãe de Metatron
Eu guiarei teu Rumo, Santo Quiblon,
aonde Três Reinos esperam
sua iminente destruição.
Dá ao Pai o Sangue,
Grande Sacrificador,
E reserva para a Mãe
o Calor do Amor.
Abre logo O Caminho
para o Povo Eleito,
o Povo Redentor,
e fecha os sentidos
para a Negrura Eterna
que esfria o Coração.
Eu Sou Binah, de tua Alma
Sou Mãe, Eu Sou Binah,
que te dará a Iluminação.
Eu Sou Binah, que te abençoa agora.
Filho do Ancião dos Dias,
jamais esqueças de tua Ascendência,
Santo, Santo, Santo Quiblon.

Só o Grande Sacrificador escutou essa mensagem, mas todos os presentes compreenderam que a Virgem dos Milagres falou internamente com ele. E Quiblon, entregue ao êxtase místico, permaneceu de joelhos durante horas, absorto na contemplação da Mãe Cósmica. Finalmente, os

Golen se retiraram prudentemente, deixando o Rabino Almirante submerso na intimidade de suas visões celestiais. Eles, por seu lado, viram a Mãe de Deus chorar por Seus Filhos apartados da Lei do Amor, e Sua Romã sangrar de Paixão. Recolheram Suas Lágrimas e Seu Sangue, para a Glória e Vitória da Igreja Golen e da Sinagoga de ***YHVH Sabaoth***, para dar o Testemunho da *Shekhinah* do Povo Eleito, a descida do Reino *Malkhouth*.

Dias depois, os Golen se dispõem a mostrar sua jogada secreta, uma autêntica "carta na manga". Frei Juan Pérez é confessor da Rainha Isabel. Ele pode retirar os obstáculos para que Quiblon se expresse diante dos Reis; então, como a Milagrosa perguntava: "quem poderá te deter, Santo Quiblon?" Assim, o Golen Juan Pérez se dirige a Granada e marca a famosa entrevista. Luis Santángel e os banqueiros judeus genoveses se preparam para financiar o projeto, que será uma via de escape infalível para seus irmãos de Raça. E os ***Domini Canis***, tomados completamente de surpresa, nada podem fazer, desta vez, para sabotar os planos da Fraternidade Branca.

Em abril de 1492, Quiblon, o miserável judeu convertido, que pouco antes carecia de indumentária e alimentos, reclama para si e sua descendência o Almirantado do Mar Oceânico pela Coroa de Castela, o vice-reinado de todas as terras descobertas e os países por conquistar, o dízimo sobre todos os produtos que forem trazidos para a Espanha, quer sejam saques ou mercadorias, etc. E tão desmedidas exigências os Reis aceitam, na capitulação de 17 de abril de 1492, assinada no acampamento de Santa Fé, diante de Granada. É que ninguém, nem os Reis Católicos, podiam se opor ao Verbo de Metatron. Granada, a Cidade dos Judeus, caiu em poder dos gentios, igualmente ao que ocorreu com Jerusalém, destruída pelo General Tito, mil e quatrocentos anos antes. E, como naquela época, agora sobrevirá a diáspora do Povo Eleito. Mas, desta vez, a dispersão não durará muito tempo — o Povo Eleito será rapidamente reunificado e orientado para seu Destino de Glória. Para isso, a Ordem de Melquisedeque enviou Quiblon, o Santo Ancião confiou-lhe Seu Verbo, e a Mãe de Deus guiará seus passos.

Em 3 de agosto de 1492, exatamente no 1.422º aniversário da tomada de Jerusalém, Quiblon partia do Porto de Palos, em Huelva, com três Caravelas que ostentavam a Cruz da Ordem do Templo. A tripulação era integrada, na maioria, por judeus convertidos e levava um ladino, o Rabino Luis de Torres, que traduzia hebreu, aramaico e árabe. Contrariamente, não viajavam sacerdotes cristãos nos navios. Ao regressar, em 15 de março de 1493, após fechar a porta de K'Taagar, abrir a Porta do Paraíso para seus irmãos Golen e judeus, e ter iniciado o Grande Sacrifício dos Povos Pagãos, Quiblon dirigiu-se diretamente ao Santuário de Nossa Senhora de *La Cinta* — devia agradecer à Mãe de Deus por Sua Guia e Proteção.

Os Senhores de Tharsis compreenderam muito tarde que Cristóvão Colombo era, na realidade, "Quiblon", o Supremo Sacerdote da Fraternidade Branca, sobre o qual os avisara o Capitão Kiev. Quando tudo ficou claro para eles, já não tinha remédio: a Espanha inteira, cega como Perseu, se

preparava para jogar-se sobre o tríplice pescoço da Medusa. Derrotou-os um homem que subestimaram desde o princípio, um homem que, ironicamente, jamais ocultou muito suas intenções. Um homem, Dr. Siegnagel, que assinava ***S.A.M.***, quer dizer, ***Samekh***, ***Aleph*** e ***Mem***, as iniciais de Quiblon que significavam ***"S"hekinah***, ***"A"vir***, e ***"M"etatron***, o tríplice princípio imanente da Árvore cabalística Rimmon. Observe, Dr. Siegnagel, o fac-símile da assinatura de Colombo, que lhe anexo, e comprovará que, à esquerda, encontra-se um monograma formado pelas letras hebraicas ***Beth*** e ***He***, iniciais da saudação tradicional ***Baruch Hasheim***, e depois ***S.A.M.***, em coluna vertical.

Os pontos correspondem a uma indicação, em aramaico, de "palavra", e as letras restantes completam uma "tábua mágica", ou *Kadish*, que pode ser lida em vários sentidos, conforme as formas cabalísticas: os ***"S"***, de ambos os lados do ***"A"***, querem dizer ***"Shaddai"***, e o ***"Y"*** é a inicial de ***YHVH***. O ***"X"*** significa ***"Cristo"***, que era sinônimo de Messiah entre os judeus espanhóis. Na última linha, bem claramente, se lê *"Cristo Ferens"*, que não significa ***"Cristóvão"***, como pretendem os Golen, mas "Herdeiro do Messiah", pois ***Ferens*** equivalia a ***herança***, na Idade Média. Aquelas iniciais ***S.A.M.***, de Quiblon, também se encontram no manto da Virgem de *La Cinta*, conforme as instruções que Bera e Birsa deram aos quatro Sacerdotes, e tal como se pode ver hoje em dia, em seu Santuário.

Quinquagésimo Sexto Dia

O terrível Inquisidor que foi Ricardo de Tharsis estava casado com uma doce Dama, neta do Conde de Tarseval, quer dizer, era sua sobrinha-neta. Dessa união nasceu, em 1502, Lito de Tharsis, que o pai pensava em preparar como seu sucessor na tarefa de exterminar os judeus e Golen espanhóis. Com esse objetivo, desde pequeno, o submeteu a uma instrução rigorosa em vários Conventos dominicanos e na Faculdade de Teologia, na Universidade de Salamanca. Ali recebeu o título de Bacharel e Doutor em Leis, egressando aos dezessete anos e incorporando-se imediatamente ao Tribunal da Inquisição. Durante sua passagem pela Universidade, o jovem Lito deu mostras de uma inteligência brilhante que o levava, inclusive, a superar seus próprios professores. Mas, como além disso, era nobre e humilde, tal virtude, longe de causar o ressentimento de seus pares e superiores, produzia admiração geral. O que mais espantava a todos era sua prodigiosa capacidade para assimilar as línguas mais díspares — além do latim e do grego, e dos dialetos espanhóis, tal como o castelhano, o catalão e o basco — falava fluentemente em árabe, português, francês e alemão.

Em 1522, compreendendo Ricardo que aquela predisposição para o conhecimento deveria ser encaminhada, enviou o filho a Turdes para que os Homens de Pedra o iniciassem na Sabedoria Hiperbórea. Os Noyos tinham

restituído a Virgem da Gruta na Capela Privada da Casa Senhorial, ainda que o Menino de Pedra carecesse agora da mão direita, estranhamente mutilada na Noite da Lixívia. Lito de Tharsis, que, no dizer dos Homens de Pedra, estava experimentando a transmutação mais profunda de que se tinha memória na Casa de Tharsis, costumava passar todo o seu tempo livre na Capela, penetrando como ninguém no Mistério da Vida Incriada e da Morte Kâlibur de Pyrena. Quando recebeu a Iniciação Hiperbórea, agora com a ajuda do Signo Vrúnico Tirodinguiburr, avisou aos Homens de Pedra que, além de depositar a Semente do Menino de Pedra em seu Coração, a Virgem tinha lhe revelado uma ***Estrela Interior***, um Astro verde, ao qual poderia chegar sempre que quisesse. Percorrendo um íntimo caminho espiritual e situando seu Eu naquela Estrela, a antiga Ciência Lítica dos Atlantes Brancos não teria segredos para ele. Era, dizia, como subir ao cume de uma montanha e contemplar uma vasta paisagem contextual, que descobria o significado estratégico das construções megalíticas. E, junto com a Sabedoria perdida, no Astro interior, havia reencontrado sua Amada da Origem, que o aguardava desde seu Extravio e Queda, além do Inferno e do Paraíso, para regressar com ele à Pátria do Espírito Incriado.

Indubitavelmente, Lito de Tharsis possuía, então, o segundo grau da Iniciação Hiperbórea, o que equivale a dizer que era um Pontífice Hiperbóreo, um Construtor de Pedra, capaz de estender uma ponte entre o Criado e o Incriado. Na Casa de Tharsis, começou a se fundamentar a suspeita de que estavam na presença do Iniciado anunciado pelo Capitão Kiev — aquele que veria o Sinal Lítico de K'Taagar na Pedra de Vênus. Essa hipótese começou a se afirmar quando Lito manifestou sua vocação para o Noyvrayado e decidiu assumir a Guarda da Espada Sábia. Em 1525, sem dificuldade alguma, entrou na Caverna Secreta e permaneceu ali por um período de cinco anos, na companhia de dois Noyos que guardavam a Espada há vários anos.

As faculdades iniciáticas do Noyo Lito foram se desenvolvendo intensamente durante os anos que durou seu retiro, processo que se acelerou ainda mais quando a imagem começou a surgir na Pedra, quer dizer, por volta do quarto ano de Guarda.

Inicialmente nebulosa, meses depois, a figura de uma cena megalítica aparecia sobre a Pedra de Vênus, a tal ponto que os outros Noyos também a percebiam, ainda que sem detalhes. Para o Noyo Lito, em troca, depois de aparecer claramente, apenas pousando a vista sobre a Pedra de Vênus, a imagem comunicou-lhe também, em várias ocasiões, algumas palavras que, apesar de todo o seu vasto conhecimento de diversos idiomas, não conseguia interpretar, mesmo sendo evidente a presença de numerosas raízes indo-europeias. As palavras eram:

— Apachicoj Atumuruna!
— Apachicoj Atumuruna!
— Purihuaca Voltan guanancha unanchan huañuy! Pucara Tharsy!

Eis o que representava a imagem: como fundo, percebia-se uma cadeia de montanhas ou serras carentes de vegetação; delas, duas se destacavam, porque suas encostas formavam uma ravina profunda no meio da figura, de onde se via surgir um fio de água que regava um igualmente árido vale.
Mas esses elementos constituíam o fundo. O que realmente dominava a cena era um morro de leve declive, sobre cujo aplainado cume se erigia um enorme menir de cor negra, cercado por um círculo de oito menires de menor tamanho. E isso era tudo, salvo os detalhes menores: o céu azul celeste, só ocultado por algumas níveas nuvens, e o solo onde se assentavam os menires, composto por uma terra marrom avermelhada, da qual brotavam ralos alguns pastos baixos e espinhosos.

O mistério daquela imutável visão foi se esclarecendo no decorrer do tempo e, no final de 1529, Lito de Tharsis já tinha formado uma ideia geral de seu significado — sonhos e mensagens telepáticas lhe ofereceram a informação complementar de que necessitava. Segundo sua convicção, a Pedra de Vênus estava revelando aquele lugar situado ***"em um país distante e desconhecido"*** que o Capitão Kiev mencionara; um país que existia ***"além do Mar Ocidental"***, acrescentavam agora as Mensagens dos Deuses, e que só poderia estar na recentemente descoberta América. Os menires foram assentados pelos Atlantes brancos, mediante uma técnica especial que tornava a área invulnerável diante de possíveis ataques dos agentes da Fraternidade Branca. Naquela praça liberada, como na Caverna Secreta, os Homens de Pedra poderiam resistir indefinidamente à pressão das Potências da Matéria. Justamente, a tarefa seguinte de Lito de Tharsis, e dos Homens de Pedra valentininos, seria a de encontrar esse rastro e se refugiar junto aos seus menires até os dias da Batalha Final — única maneira de sobreviver até então — uma vez que os Demônios os procurariam por todo o mundo com afinco crescente, à medida que tais dias se aproximassem.

De acordo ao que avisavam os Deuses em suas Mensagens, o perigo não seria desprezível, pois a perseguição se iniciaria no exato instante em que extraíssem a Espada Sábia da Caverna Secreta, e possivelmente seria realizada pessoalmente por Bera e Birsa. A Fraternidade Branca, asseguravam os Deuses Libertadores, tinha concedido fundamental importância à "descoberta" da América para seus futuros planos sinárquicos e não estava disposta a arriscá-los novamente. Quando a Espada Sábia saísse à Luz do Sol, ***Yod***, o Olho de Jeová-Satanás Que Tudo Vê, observaria no ato seus portadores e a Fraternidade Branca saberia imediatamente que ainda restavam Senhores de Tharsis com vida ***neste Mundo***. A reação dos Demônios seria previsível: Eles, que tinham propiciado a "descoberta", cultural, da América, por meio de seus agentes, o judeu Cristóvão Colombo e centenas de judeus marranos a serviço dos Golen, fariam todo o possível para deter os Iniciados hiperbóreos e roubar a Pedra de Vênus. O ***Circulus Domini Canis***, pelo excessivo zelo em reprimir a ação judaica e Golen na

Espanha e Europa, deixou-se ultrapassar estrategicamente e descuidou da questão do Novo Mundo — agora ocorria que a Ordem de Predicadores estava infiltrada por centenas de dominicanos marranos, que só ambicionavam se dirigir à América em companhia de milhares de seus irmãos de Raça, aos quais se permitiria abandonar os cárceres e seus lúgubres guetos, para participar da "conquista". Diante dessa realidade, a orientação dos Deuses sugeria atuar com extrema cautela em todas as etapas da operação. Como os Iniciados da Casa de Tharsis iriam para a América? Os Deuses tinham previsto isso, como logo comprovariam.

Lito de Tharsis e um dos Noyos, chamado de Roque, se reuniram em Turdes com Ricardo de Tharsis e os restantes Homens de Pedra da família de Valentina. Todos entraram em acordo de que se havia cumprido a profecia do Senhor de Vênus e que o ansiado momento de partir encontrava-se próximo. Lito de Tharsis teria a Alta Honra de transportar a Espada Sábia ao local disposto pelos Deuses. Mas nem todos poderiam partir: Ricardo de Tharsis estava velho para empreender semelhante viagem, e em situação análoga encontravam-se outros dois Cavalheiros e duas Damas. Uma Dama mais jovem, no entanto, poderia acompanhá-los, mas só até algum povoado, porque seria difícil que lhe fosse permitido integrar uma expedição militar. E, além dos três Noyos, também estavam em condições de ir dois frades dominicanos, que oficiavam como inquisidores junto a Ricardo de Tharsis. Se tudo saísse bem, os viajantes mandariam buscar aqueles que ficassem; caso contrário, estes se uniriam à Estratégia do ramo alemão da família.

O problema da viagem, como disse, se resolveu facilmente, graças à providência dos Deuses, pois um jovem explorador alemão, a serviço da Casa Welser, era um parente distante dos Senhores de Tharsis. Nicolau Federmann, efetivamente, ostentava a linhagem dos Senhores de Tharsis austríacos, pela linha materna, e estava então na América. O Rei Carlos I, e Imperador Carlos V da Alemanha, contraiu uma dívida de 150.000 ducados com a Casa Welser de Augsburgo, assinando, como um tipo de garantia real, uma capitulação em Burgos, pela qual se autorizava dito Banco a se estabelecer e explorar uma região da América. Tal região era a compreendida pelo atual território da Venezuela, desde o Cabo da Vela até Maracapana. A Companhia se impunha a obrigação de fundar duas cidades e três fortalezas, nas quais se poderia nomear um Governador ou Chefe militar, com a anuência real. No ano de 1527, Juan Martinez Ampúes fundou ali a cidade de Santa Ana de Coro, onde se instalou, em 1528, Ambrosius de Alfinger, o primeiro Governador nomeado pelos Welser, que levou, como delegado, Nicolau Federmann.

Em 1530, depois daquela reunião de Lito de Tharsis com os Homens de Pedra para decidir a viagem à América, descobre-se, por meio de notícias provenientes do ramo vrunaldino, a existência daquele parente, e os Iniciados se colocam em contato com ele através da lenta correspondência que os dominicanos mantinham com os frades missionários. Procurava-se, em todo caso, não arriscar fornecer informações desse modo e, por isso, as

missivas só se referiam à necessidade de ter uma entrevista pessoal com o explorador "por motivos vitais, que então se esclareceriam". Algo difícil de se concretizar naqueles dias, devido ao fato de que Federmann estava em perigosíssima exploração no coração da selva venezuelana, em busca do ouro dos índios.

De qualquer maneira, os Senhores de Tharsis se transladaram ao porto de Sevilha e começaram a preparar sua própria expedição, não contando com a ajuda de Federmann. Nesse caso, a sorte sorriu para os Senhores de Tharsis, em 1532 — ainda que não para Ambrosius de Alfinger, pois, de repente, uma flecha com *curare* o enviou a uma vida melhor. Porque foi a morte do Governador que trouxe Nicolaus de Federmann para a Europa, com o objetivo de reclamar para si aquele posto que tinha ganhado justamente. Os Welser, no entanto, deram o cargo a George de Spira, um homem de prestígio, que contava com notáveis influências e amigos poderosos, nomeando, em compensação, Federmann como Tenente Geral do Governador. E foi em 1533, enquanto o alemão se ocupava em equipar a frota dos Welser, que todos se juntaram em Sevilha.

Nicolaus de Federmann não era Iniciado nem tinha conhecimentos de magia ou esoterismo, mas levava em suas veias o Sangue de Tharsis. Logo compreendeu que a misteriosa causa que levava seus parentes à América deveria ser apoiada e aceitou, em todos os seus pontos, efetuar o plano que estes lhe propunham. Um instinto secreto lhe dizia que não se equivocava, que algo superior ao ouro, pelo qual ele estaria disposto a morrer, guiava aqueles aventureiros: podia perceber isso no ar, quando estava em suas presenças. E se como se não fosse pouco, eles também pagavam com ouro, com bom ouro espanhol, pois seus parentes eram muito ricos. Sim, Nicolaus Federmann se arriscaria pelos Senhores de Tharsis. O plano parecia simples: teria que transportar seis deles — três eram Cavaleiros e seria fácil contratá-los; outros dois, frades dominicanos, já dispunham da dispensa eclesiástica. Além disso, para a satisfação dos Welser, eram experientes mineiros e especialistas em metais finos, uma arte altamente apreciada nesses dias em que se requeria fundir as ligas incomuns dos objetos indígenas para resgatar o ouro e a prata que continham. O único problema era representado pela Dama, que teria que aguardar em Coro até o regresso de seus irmãos e tios. E os de Tharsis se ofereciam para custear, além disso, os gastos de dez soldados catalães de sua própria tropa de infantaria, o que não oferecia inconveniente algum, já que, em cada expedição americana, se requeriam enormes quantidades de efetivos militares. Uma vez na América, Nicolau os orientaria na busca de uma estranha construção de pedra que eles asseguravam que existia ***"em direção ao Sul"***. Como o sabiam era coisa que logo desistiu de averiguar, devido ao fechado hermetismo dos espanhóis. Mas outra coisa era certa: estes não se interessavam por ouro, pedras preciosas ou pérolas, que pudessem encontrar nessa busca; qualquer objeto de valor lhe pertenceria, uma vez que eles só queriam encontrar aquele lugar.

A primeira nau enviada por Francisco Pizarro, com uma amostra do saque de Atahualpa, chegou a Sevilha em 5 de Dezembro de 1533. E a segunda, com Fernando Pizarro a bordo, em 9 de janeiro de 1534. Transportavam 100.000 *castelhanos* de ouro, uns 450 quilogramas, que só constituíam uma terceira parte do que seria para o Rei. No Peru, Francisco Pizarro apoderou-se, na época, de nove toneladas (9.000 kg) de ouro puro e cinquenta mil (50.000 kg) de prata. Tais fatos colocaram em estado frenético os ávidos Welser, que pretendiam obter um lucro semelhante de sua colônia americana, e aceleraram a partida de George de Spira e Nicolaus de Federmann. No final de janeiro de 1534, zarpava de Guadalquivir de Sevilha a frota que traria à América Lito de Tharsis e os cinco Homens de Pedra que o secundavam.

Os Senhores de Tharsis tinham feito provisão de abundantes víveres, roupa e equipamento militar, além de vinte cavalos, três cães Dogo espanhóis e três dezenas de frangos de Castela. Uma semana antes de partir, Lito de Tharsis retirou a Espada Sábia da Caverna Secreta, cobriu a Pedra de Vênus com um laço de fita cruzada na empunhadura e, pendurando-a na cintura, empreendeu o caminho sem regresso para o porto de Sevilha e para a América. Pela primeira vez, em 1.800 anos, desde a queda de Tharsis em mãos fenícias e Golen, a antiga Espada dos Reis iberos abandonava a Caverna Secreta. Três Noyos a guardariam agora, naquela incerta viagem; um deles era o Homem de Pedra mais perfeito que a Casa de Tharsis produziu. Mas, bastaria sua Sabedoria para livrá-los dos diabólicos poderes de Bera e Birsa, que sairiam imediatamente em sua perseguição? Só no futuro próximo comprovariam a resposta afirmativa.

Nem bem a proa da fragata dos Welser entrou no Oceano Atlântico, o olhar dos Homens de Pedra se dirigiu para a Costa da Luz, que deixavam atrás: setenta quilômetros ao ***Noroeste*** se encontrava Onuba, um dos antigos portos do Império Tartésio, e também Rus Baal, a Rocha de Saturno, onde Quiblon recebera a Shekhinah. Os seis estavam apoiados sobre um corrimão da ***proa de estibordo***, mas suas mentes viajavam para Onuba, na confluência dos Rios Tinto e Odiel. Depois subiam pelo Odiel até Turdes, e se detinham na cidadela de Tharshish, agora novamente viva e poderosa no cenário da imaginação; viam seus antepassados, os Reis iberos Senhores de Tharsis, manterem, com o compromisso de suas vidas, as diretrizes do Pacto de Sangue. Em solidão, aquela Estirpe havia enfrentado tudo e todos para cumprir a missão encomendada pelos fundadores Atlantes brancos, para manter a lealdade aos Deuses Libertadores — uma solidão que é o preço a pagar por aqueles que são, na verdade, Estrangeiros no Universo, por aqueles que exibem a intrepidez de Nimrod e o Valor de seus guerreiros *kassitas*, por aqueles que possuem ou buscam o Sangue de Tharsis. A Solidão Absoluta de que, na Terra, devem padecer os Guerreiros Sábios, os Iniciados Hiperbóreos, os Homens de Pedra, os Espíritos Incriados. E a mente se dirigia, então, ao Monte Char, diante do Rosto de Pedra de Pyrena, na época em que o Mistério do Fogo Frio era oficiado livremente e os Eleitos

vinham de todas as partes do mundo, para morrer ou encontrar a Verdade Nua de Si Mesmo. A Fraternidade Branca, a Ordem de Melquisedeque, os Atlantes morenos, os Sacerdotes de todos os Cultos, os Golen, os Imortais Bera e Birsa, os Templários, os membros do Povo Eleito, os partidários da Sinarquia Universal, Servos das Potências da Matéria, Adoradores de Jeová-Satanás, Inimigos Terríveis da Casa de Tharsis — todos esses os perseguiram durante milênios, causando a destruição de Tharshish e o desaparecimento público do Mistério do Fogo Frio. Procuraram extinguir a Estirpe de Tharsis e ocultar a Sabedoria Hiperbórea, e tentaram, por todos os meios, apoderar-se da Espada Sábia e de sua Pedra de Vênus. E a mente voava, no ato, à Caverna Secreta, e apreciava, com orgulho, o silencioso sacrifício de dezenas de Noyos e Vrayas custodiando a Espada Sábia, purificando o Sangue e aguardando, com a paciência do caçador, o Sinal Lítico de K'Taagar, o chamado racial que os autorizava a se dirigirem para a Morada dos Deuses Leais ao Espírito do Homem. Agora, os Senhores de Tharsis poderiam realizar a milenarmente ansiada viagem, se o desejassem: um Noyo, o Maior de Todos, Lito de Tharsis, tinha visto o Sinal e conhecia o Segredo do Regresso — ***mas os Senhores de Tharsis ainda não partiriam; aguardariam mais algum tempo, um instante da História, até a Batalha Final.*** O Capitão Kiev, um Senhor de Vênus, comunicou-lhes que Navutan, o Senhor da Guerra, considerava seu mundo como o mais real de todos os mundos possíveis; e nesse mundo, ***este Mundo***, eles haveriam de contribuir para protagonizar a última Batalha da Guerra Essencial junto ao seu Enviado, o Grande Chefe Branco, o Senhor da Vontade e Valor Absolutos. Os Senhores de Tharsis iam para uma ***praça liberada megaliticamente*** pela Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes brancos, um lugar onde resistiriam, com a Espada Sábia, até os dias da Batalha Final. E a mente regressava, assim, nutrida de determinação e valor, até os Homens de Pedra que se afastavam da costa espanhola, em uma fragata da frota dos Welser.

Quinquagésimo Sétimo Dia

Tão logo se lançaram ao mar, os barcos de George de Spira e Nicolaus de Federmann foram açoitados por terríveis tempestades; parecia que a natureza inteira, e o próprio Criador, se propunham a levar a pique aquela frota. Por fim, um milagre, e a não menos milagrosa perícia dos capitães, impediu o naufrágio e fez possível que atracassem nas Canárias, onde aguardaram melhores ventos para completar a travessia. Já em Coro, Spira, cuja ambição pelo ouro era igual ao seu valor sem limites, organizou uma expedição improvisada de quatrocentos homens e partiu imediatamente, rumo ao Sul do Lago Maracaibo, lugar onde certas lendas locais situavam uma riquíssima, e inexistente, cidade. Deixou seu Tenente Geral com a missão de viajar até Santo Domingo para trazer o que faltava e alcançá-lo

na Cordilheira de Carora. Mas Nicolaus de Federmann, que estava conjurado com os Senhores de Tharsis, longe de cumprir essas ordens, dispôs-se também a ir em direção ao Sul, mas por uma rota muito mais a Oeste, seguindo a indicação de alguns índios que asseguravam ter visto construções de pedra.

Com esse objetivo, transladou-se para Cabo de La Vela, sobre as costas do Mar das Antilhas, e embarcou para Santo Domingo, ficando os Senhores de Tharsis com o Capitão Antonio de Chávez e os soldados catalães. Logo Federmann regressou acompanhado de oitenta homens, trinta cavalos, equipamentos e víveres frescos, uniu-se a eles, e partiram para o Sudoeste, em aberta contradição com as instruções de Spira. No lugar de dois frades dominicanos, iriam agora três, pois a Dama, Violante de Tharsis, tinha insistido em viajar disfarçada desse modo, alegando que "os perigos que a espreitariam sozinha em Coro não seriam, certamente, menores do que os que padeceriam seus familiares na expedição", argumento que convenceu os imprevisíveis Homens de Pedra.

Se a excursão de Spira podia ser considerada improvisada, e escassa de homens e meios, o projeto de Federmann era simplesmente insuficiente — pouco podiam fazer seus cem homens e cinquenta cavalos contra os indizíveis perigos que espreitavam nessas terras agrestes e desconhecidas. Tampouco aliviou a situação a pequena tropa de veteranos de Santa Marta, sob comando do Capitão Rivera, que se uniu a eles no meio do caminho — aqueles homens estavam perdidos na selva, descontentes em marchar inutilmente atrás de uma riqueza que não aparecia em nenhum lado. Depois de padecerem as mil penúrias que oferecem as selvas tropicais, com seus ofídios venenosos, aranhas, insetos, felinos ferozes, e sua vegetação intrincada, na qual se tinha que abrir picadas, os invasores experimentaram o vento norte gelado dos altos cumes que cercam o vale Dupar. E, depois do descanso, novamente a selva quente, as pragas, e os índios selvagens, que agora os hostilizavam sem cessar. No entanto, continuaram imperturbavelmente para o Sul, atravessaram os Rios Apure e Meta, além de mil correntes menores, e se internaram no território da atual Colômbia. Mas aquele país ficava fora da concessão dos Welser, e Federmann não tinha nenhum direito à sua exploração.

E até então não havia indícios de que estivessem no caminho correto; os poucos índios que conseguiram capturar davam indicações imprecisas sobre as cidades de pedra — ao Sul, sempre ao Sul. Mas, em direção ao Sul só encontravam aldeias miseráveis e índios de selvageria sem igual, antropófagos e caçadores de cabeças, aborígenes que envenenavam suas flechas e lanças, e os seguiam sem descanso, emboscando-os permanentemente, atacando-os pela retaguarda, ao caminharem, e nos acampamentos, ao descansarem. Após um ano e meio avançando naquele sentido, dizimados, a maioria dos homens transformados em esqueletos viventes, cobertos de farrapos, impunha-se, no critério de Federmann, a decisão de regressar; caso contrário, não poderia mais impedir o motim dos

sobreviventes ou a sua deserção — dos cem homens de sua tropa só restavam vivos cinquenta, e a maioria em estado deplorável.

Os Senhores de Tharsis, por seu lado, suportaram com estoicismo a campanha e só perderam três soldados catalães. Pretendiam seguir para o Sul, mas não acharam forma de persuadir o alemão. Finalmente, diante de sua irrevogável determinação, optaram por uma solução heróica, a qual Nicolau não pôde tampouco negar: ficariam ali e continuariam sozinhos na busca. O plano era um pouco menos do que suicida, mas como nenhuma das partes estava disposta a ceder, Nicolau Federmann aceitou deixá-los ir em segredo, simulando um extravio que evitaria problemas com os Welser ou a acusação de deserção. Foi assim que, um dia, separou-se da fileira cansada a vanguarda espanhola de Tharsis e se perdeu para sempre, pois os alemães da Casa Welser, bem como os espanhóis do Reino, nunca mais voltaram a vê-los.

Nicolau Federmann prosseguiu com suas explorações, sempre desobedecendo as ordens de George de Spira. Em 1539, junto com Jiménez de Quesada e Sebastián de Belalcazar, Governadores de Santa Marta e de Quito, respectivamente, com os quais se encontrou em plena selva, fundou a cidade de Santa Fé de Bogotá. Depois empreendeu, com os mencionados capitães, uma viagem a Cartagena das Índias e dali passou para a Espanha, com Quesada. Ainda que fosse descobridor e explorador de terras, não conseguiu riqueza alguma e voltava praticamente arruinado. Não obstante, quando levou aos Senhores de Tharsis as notícias sobre o destino de Lito e dos Homens de Pedra, aqueles o recompensaram generosamente e o empregaram na Vila de Turdes, onde terminou seus dias.

E o que tinha ocorrido com os Senhores de Tharsis na América? Ao se separarem de Nicolau Federmann, encontravam-se do lado oeste da Cordilheira Oriental, a uns mil quilômetros do ponto de partida e a outros trezentos da cidade de Quito, na altura em que se origina o Rio Napo. Era uma região de páramo frio e desolado, onde soprava um vento norte gélido, que fazia ranger os dentes e penetrava até os ossos. Chegaram a um caminho escarpado que parecia ter sido feito pela mão do homem, uma vez que, em certos trechos, podiam se observar empilhamentos de pedras que faziam as vezes de muros de contenção para os deslizamentos aluviais de terra. Seguiram aquelas construções com renovada esperança. Não imaginavam nem remotamente que ainda percorreriam cinco mil quilômetros até chegar ao destino. Tudo o que lhes pôde deixar Nicolau eram dez cavalos e pouquíssimas provisões — com quatro cavalos conseguiram carregar tudo, os escassos víveres, as jaulas com os frangos, e até as armas, agora inúteis, por não terem nem um grama de pólvora. À vanguarda, avançava Lito de Tharsis, que ia montado e seguido por três índios comprados em Coro, valiosos por serem loquazes e especialistas. Logo atrás, cavalgavam os outros cinco Homens de Pedra e, na retaguarda, marchava a tropa de infantaria, composta por sete soldados catalães, cuja fidelidade por seus amos espanhóis os impulsionava a segui-los até a morte; os cães dogos

espanhóis, de ferocidade proverbial, presidiam a passagem de toda a fileira, explorando o caminho cinquenta metros adiante.



América no tempo de Carlos V

Sete dias transitaram por aquela escarpa, que agora descia em declive acentuado para um pequeno vale situado, não obstante, entre altas montanhas. Sem o saber, estavam se aproximando de uma fortaleza setentrional do Império Inca, que servia de marca de fronteira com o Império Muisca — uma guarnição de dois mil índios, de um ou outro Império, se

revezavam a cada seis meses, para ocupar aquela cidadela. Ao virar uma curva, os Senhores de Tharsis divisaram as muralhas e o casario de pedra, enquanto se aproximavam de lá, através de uma série de terraços escalonados, dispostos inteligentemente para tal fim. Um silêncio sepulcral reinava no lugar e não se via movimento algum; a porta não tinha guarda e dava a impressão de se estar diante de uma cidadela despovoada e abandonada. No entanto, nem bem transpuseram a muralha, o silêncio se afundou sob um ensurdecedor concerto de gritos atrozes e uma chuva de flechas começou a cair sobre os intrusos. Cobrindo Violante, e seguidos pelos infantes, os cinco Senhores de Tharsis jogaram a cavalaria sobre a massa de índios, que penetrava aos jorros pelas portas da fortaleza. Porém, ainda que as lâminas sevilhanas causassem grande mortandade entre os aborígenes, sua quantidade era tão grande, que logo os espanhóis tiveram que retroceder para as casas centrais. Seguindo as ordens de Lito, os Senhores de Tharsis desmontaram e correram mais do que depressa para buscar um refúgio.

Em uma casa carente de qualquer defesa, cercada apenas por uma parede de barro de uns dois metros de altura, encontravam-se Lito de Tharsis, Violante, Roque, os dois frades, um índio, e os cinco cavalos. Por uma abertura trapezoidal, viam que um número assustador de indígenas os havia encurralado em uma armadilha sem saída. Aos gritos, chamaram o outro Noyo, Guilherme, que, finalmente, respondeu desde uma casa contígua, onde buscara proteção com o resto da tropa. Estava ferido em uma perna, algo que poderia ser mortal, devido ao veneno que os índios colocavam na ponta de suas flechas. Ele avisava que três soldados tinham morrido, bem como os dois serventes índios, e dois cavalos. Ninguém imaginava como iriam sair de uma situação tão difícil, quando um abrupto silêncio se fez no grupo aborígene. Os Senhores de Tharsis aguçaram a vista e observaram que os índios se afastavam com respeito, para dar passagem a um personagem ataviado com tecidos de lã de cores brilhantes e a cabeça coberta com um gorro em forma de barrete, do qual pendiam plumas brancas e vermelhas. Vinha sentado sobre uma liteira carregada por oito homens e trazia na mão um machado de pedra. Um grupo de índios, que também se diferenciavam pela indumentária, e tinham evidente autoridade sobre os guerreiros, caminhava ao lado do veículo.

À prudente distância do abrigo dos invasores, deteve-se a curiosa caravana, e o ocupante da liteira colocou o pé em terra, dispondo-se a deliberar com seus acompanhantes — sem dúvida, discutiam a forma de acabar o mais rápido possível com os espanhóis. Nisso estavam, quando trovejou o grito de Lito de Tharsis e deixou todos cravados em seu lugar. Tinha se precipitado para fora de repente, sem elmo, com a loira cabeça descoberta e a Espada Sábia, que tirara do cinto para exibir a Pedra de Vênus, levantada ao alto, enquanto proferia com voz estrondosa:

— ***Apachicoj Atumuruna!***

— ***Apachicoj Atumuruna!***
— ***Purihuaca Voltan guanancha unanchan huañuy!***
— ***Pucara Tharsy!***

Calaram, surpresos, os recém-chegados, mas, depois de se olharem entre eles, gritaram, por sua vez, em seguida:

— ***Huancaquilli Aty!***
— ***Huancaquilli Aty!***

E depois, começando a tremer, como se sentisse um calafrio de terror, o personagem da liteira exclamou:

— ***Huancaquilli Aty unancham huañuy!***
— ***Huancaquilli Aty unancham huañuy!***

Ao ouvir essas palavras, todos os índios retrocederam alguns passos, abrindo uma clareira na frente do refúgio dos espanhóis. Lito de Tharsis havia regressado para dentro da casa, tão surpreendentemente como irrompeu na cena, e observava, bem protegido, a reação dos nativos.

— O que lhes dissestes? — perguntou um dos frades.

— Não sei exatamente — respondeu Lito. São palavras que me disse a Pedra de Vênus na Caverna Secreta. Creio que se referem ao local ao qual devemos ir. De repente, tive a convicção de que devia comunicá-las aos nossos atacantes. E vistes o resultado: parecem conhecer o seu significado.

Nesse momento, a liteira, com o estranho ocupante, se afastava a passos rápidos, enquanto os ***guechas***, uma vez que se tratava de guerreiros muiscas, sentavam-se no chão, em sua grande maioria. Não deixavam de olhar para o refúgio dos espanhóis nem por um instante — as lanças e flechas prontas para atacar. E em seus inexpressivos rostos, sérios e achinesados, era impossível adivinhar as intenções. A única certeza que indicava a atitude dos índios é de que se dispunham a esperar — mas esperar o quê ou quem?

Assim, sitiados nas precárias casas de pedra, as horas foram passando, sem que nada perturbasse a impassível vigilância. Mas os Senhores de Tharsis eram dotados, em alto grau, da virtude da paciência — não foi em vão que ficaram de guarda durante 1.700 anos em frente à Espada Sábia. Sentaram-se, pois, por sua vez, para aguardar os futuros movimentos dos sitiadores. Em poucas horas escureceu, sem que os índios se movessem de seu lugar, ainda que se distinguisse, por trás de suas fileiras, que diversas fogueiras começavam a se acender. Logo, um grupo de mulheres ocupou-se em distribuir a cada *guecha* um bolo de milho e uma tigela de cerâmica com um líquido fumegante. A noite ficou escura e os espanhóis decidiram descansar e vigiar por turnos. Todos conseguiram dormir, pois o amanhecer os encontrou na mesma situação do dia anterior. Não obstante, ainda

transcorreria a manhã e parte da tarde, antes de que se notasse alguma mudança.

O número de guerreiros, ao invés de diminuir, tinha aumentado no decorrer das horas, e agora praticamente não existia lugar onde não se visse um deles: cobriam a praça e as ruazinhas que havia entre as casas, tinham subido nos tetos, pilares e muralhas e, finalmente, até onde a vista alcançava, podia-se vê-los em atitude expectante, mas francamente hostil. Percebia-se, sem muito esforço, que espreitavam aos milhares, e que seria muito difícil safar-se do cerco. No meio da tarde, os Homens de Pedra comprovaram que algo novo ocorria: os *guechas* colocaram-se, subitamente, em pé, e se afastaram, com dificuldade, para deixarem passar uma caravana que vinha da porta exterior da fortaleza. Dessa vez, eram três liteiras que chegavam. Em uma, regressava o enigmático personagem do dia anterior, e nas outras duas, vinham sentados alguns homens de feições totalmente diferentes das dos indígenas — enquanto estes apresentavam características indubitavelmente asiáticas, os recém-chegados mostravam traços inconfundíveis do homem ocidental europeu.

Inclusive sua pele, evidentemente bronzeada pelas exposições solares, era bastante pálida, e contrastava notavelmente com a pele amarela dos muiscas. No entanto, suas indumentárias delatavam que se tratava de indígenas, de outra etnia, mas, por fim, indígenas: vestiam uns hábitos negros de lã de lhama, muito semelhantes à saia cátara, e cobriam suas cabeças com ***barretes negros*** do mesmo material. Mas o que mais atraiu a atenção dos Senhores de Tharsis, o mais incrível, eram os escudos redondos e emplumados que portavam: em seu centro, claramente visível, tinham pintada ***uma das Vrunas de Navutan***. Em sua passagem, arrancaram um murmúrio de temor por parte dos muiscas e os espanhóis observaram, com espanto, que a maioria dos guerreiros evitava olhá-los.

Ao se deter, o chefe ao qual Lito tinha dirigido as palavras da Pedra de Vênus dedicou-se a chamar os dois insólitos personagens que o acompanhavam. Após descerem, os três se aproximaram da casa ocupada pelos intrusos. A certa distância, pararam e conferenciaram durante alguns minutos. Finalmente, o da véspera aproximou-se resolutamente e gritou:

— ***Huancaquilli Aty! Huancaquilli Aty!***

Lito de Tharsis vacilou um momento, enquanto todos os olhos dos Homens de Pedra estavam cravados nele, mas, em seguida saiu e enfrentou o índio. Como da primeira vez, levantava agora também a Espada Sábia. Ao vê-lo, os dois índios de negro, sem hesitar, foram ao seu encontro. No entanto, seu interesse não era em Lito, mas sim na Espada Sábia — ambos disseram, em uníssono:

— ***Collor Sayana!*** — que, em quéchua, significa ***"Pedra da Estrela"***.

Da janela trapezoidal, os Homens de Pedra seguiam atentamente os acontecimentos, prontos para correr em ajuda a Lito de Tharsis. Não

conseguiam ouvir as palavras que pronunciavam, mas era indubitável que, tanto Lito como os ***Amautas do Barrete Negro*** falavam, em intervalos regulares. Transcorreram alguns minutos da mesma forma, até que o intercâmbio de palavras e frases adquiriu um inequívoco tom de diálogo. Finalmente, o Senhor de Tharsis virou e se encaminhou sem problemas para o albergue de seus parentes. O chefe muisca, por seu lado, deu uma ordem e, imediatamente, os *guechas* se espalharam sem protestar. Só a guarda real que acompanhava as liteiras se manteve nas proximidades da casa.

— O que aconteceu? — perguntou Violante sem poder se conter, logo que Lito transpôs a porta. Conseguistes vos fazer entender pelos nativos?

— Aparentemente, o perigo passou — afirmou Lito, cujo semblante refletia ainda a estupefação que o embargava. Senhores de Tharsis, enfrentamos um Grande Mistério. Segundo consegui compreender, ***esses seres de túnica negra estavam nos aguardando há muitos meses***, talvez um ano ou mais. As palavras que pronunciei ontem pertencem a uma língua bastante profana, própria do Império que Pizarro conquistou. Por isso, no início, não pudemos nos entender. Mas depois, e ouvi bem o que vos direi, porque, ainda que pareça fantasia, não o é: eles falaram em um idioma que é exclusivo dos Amautas do Barrete Negro, espécie de Iniciados do Culto à Lua Fria, ou decrescente, Aty, quer dizer, a Morte Fria. E aqui vem o incompreensível: essa língua ***é uma variante antiga do baixo-alemão ou do dinamarquês***. Ainda não sei com certeza, pela forma bárbara em que falam, mas crede-me, não será difícil aprendê-la. Naturalmente que vós estais tão surpresos como eu — como pode ser que estivessem nos esperando, quando só os Deuses sabiam que viríamos? E quem são esses Iniciados, que em terras tão distantes e desconhecidas falam uma língua germânica? No momento, não tenho as respostas.

— Mas, o que faremos agora? — perguntou Roque.

— Bem, parece que os Amautas do Barrete Negro devem nos conduzir para algum local. Suponho que os guardiões desta fortaleza estarão de acordo de que devemos ir embora o quanto antes, uma vez que a presença dos nomeados Iniciados absolutamente não lhes agrada, e a nossa, depois da matança que fizemos, não lhes deve ser nada simpática. Proponho que saiamos para a praça e nos mantenhamos o mais perto possível dos Amautas.

Assim, recolheram a bagagem e, segurando os cavalos pelo freio, foram saindo lentamente para o extenso pátio, onde os Amautas estavam esperando, acomodados nos assentos das liteiras. Lito foi para a outra casa, e comprovou, com pesar, que o Noyo ardia em febre e que a perna ferida estava gravemente inchada. Levando-o em seus braços, uniu-se aos Homens de Pedra e disse-lhes:

— Não podemos partir sem curar Guilherme. Lavaremos sua ferida com água quente e vinagre, do qual ainda nos restam algumas gotas.

Começou, então, a pedir água, tentando fazer-se compreender pelos Amautas, mas estes, nem bem perceberam o estado do Noyo, deram várias

instruções aos muiscas, e estes se dedicaram à cura. Em um braseiro de pedra, colocaram um recipiente com água, à qual adicionaram as enormes folhas de uma planta muito verde. Após ferver a poção, lavaram com seu suco a ferida, à qual cobriram com folhas do mesmo tipo. Depois de vedar cuidadosamente o ferimento, trouxeram uma espécie de maca feita de duas longas varas e tecido transversal, deitaram o Noyo, e dois guerreiros da guarda real carregaram-no rumo à porta da fortaleza — os muiscas não dissimulavam a urgência que tinham em ver os estrangeiros fora de suas muralhas.

Quinquagésimo Oitavo Dia

Os Amautas eram protegidos por dezesseis guerreiros que se alternavam, em oito a cada vez, para carregar as liteiras. A eles se somaram os seis Senhores de Tharsis e os quatro catalães sobreviventes. Não permitiram ao índio guia viajar, e tiveram que deixá-lo com os muiscas. Da última escaramuça tinham se salvado oito cavalos e dois dos cães godos espanhóis, além das jaulas com os frangos de Castela e a totalidade da bagagem.

Os Amautas seguiam por um estreito caminho, que se dirigia, em linha reta, para o Leste, subindo permanentemente pela Cordilheira Oriental. Um dia depois, após pernoitar em uma gélida caverna a 3.500 metros de altitude, ganharam o cume de uma serra, que saía como um braço da cadeia principal. Tudo indicava que ali se iniciaria a descida, mas os eventos imediatos desmentiriam aquela presunção. De repente, ao dobrar uma curva, o caminho terminou bruscamente diante de uma impenetrável parede de pedra — a montanha se levantava na frente da caravana, impedindo sua passagem. Qualquer europeu, em situação semelhante, teria dado meia-volta e procurado outro caminho que ultrapassasse o obstáculo — isso seria ***lógico***. Mas já se via que os Amautas do Barrete Negro, bem como os Senhores de Tharsis, não se regiam pelos princípios da Lógica. Aqueles índios, sem recuarem, desceram de seus assentos e começaram uns estranhos preparativos. Os Homens de Pedra, espantados ainda pela parada, observaram com mais atenção a parede montanhosa e, então, quase simultaneamente, compreenderam o que ocorria: ***achavam-se na presença de uma entrada fechada pelas Vrunas de Navutan, uma entrada semelhante à da Caverna Secreta do Monte Candelária, na distante Huelva***. Agora as Vrunas eram claramente perceptíveis para eles e poderiam atravessar a parede em um instante, ***apenas se aproximando estrategicamente da abertura oculta***. Mas, não esqueciam que apenas os Iniciados Hiperbóreos são capazes de efetuar aquela operação — na Casa de Tharsis, só alguns poucos, dentre milhares de descendentes, conseguiram fazê-lo, e isso lhes valeu serem considerados Noyos ou Vrayas. O que fariam, então? Deixariam abandonados os quatro catalães? E, o mais

intrigante: como passariam com aqueles rudes guerreiros, que claramente estavam longe de serem Iniciados?

As respostas não tardariam a chegar. Um dos Amautas pegou uma cabaça e, destampando-a, começou a dar de beber a cada um dos guerreiros de sua guarda. Minutos depois, a beberagem fez efeito e os índios ficaram hipnotizados, olhos abertos sem pestanejar, mas conservando o equilíbrio. Evidentemente, a droga os tinha privado momentaneamente da consciência, pois os Amautas os seguravam pelos ombros e os empurravam para as rochas da montanha — e eles se deixavam conduzir docilmente. Mas o mais admirável para os Senhores de Tharsis ***era ver como os Amautas introduziam o guerreiro na entrada secreta e desapareciam no interior das enormes pedras, para depois regressar e buscar o guerreiro seguinte***.

— Deuses! — exclamou Lito de Tharsis. Se nossa Casa possuísse a fórmula dessa substância...

Finalmente, só restaram os espanhóis desse lado da montanha, e os Amautas ofereceram a cabaça, fazendo-lhes sinal para que bebessem. Os seis Homens de Pedra desistiram de provar a droga, mas forçaram os céticos catalães a fazerem-no. Cada um deles sorveu um trago e experimentou, minutos depois, um efeito fulminante: caíram ao chão profundamente adormecidos. Teve-se, assim, que arrastá-los até a entrada secreta mas, inexplicavelmente, agora era possível introduzi-los nela.

Aquela entrada secreta não dava, como em Huelva, para uma caverna, mas sim para um túnel de uns cem metros de comprimento, em cujo extremo surgiu um novo motivo de surpresa para os Senhores de Tharsis. Efetivamente, na saída do túnel, encontraram-se no meio de uma estrada de pedra com pequenos muros de cada lado, e perfeitamente alinhada de Norte a Sul, que se perdia à distância para ambos os pontos cardeais. Sobre os murinhos laterais, gravados com signos do alfabeto rúnico *Futhark,* viam-se, em certos trechos, inscrições e sinais.

— Não há dúvidas de que se trata de uma língua germânica. Contudo — comentou Lito — este caminho tem todo o aspecto de ter sido construído pelos Atlantes brancos. Observai essas pedras! A forma como estão talhadas! Trata-se de autênticos menires, que só Eles podem ter assentado!

A observação de Lito foi prontamente confirmada pelos Amautas: ***quando eles chegaram a essas terras, muitos séculos atrás, aquele caminho já existia. Mas só os Iniciados podiam acessá-lo, e por isso, chamava-se de "O Caminho dos Deuses". Os invasores brancos jamais poderiam encontrá-lo, ainda que certamente utilizassem as duas estradas paralelas que os Ingas construíram, imitando O Caminho dos Deuses***. Mas eles, os dois Amautas do Barrete Negro, não deveriam falar desses temas com os *Huancaquilli*, pois tal missão estava reservada aos "Atumurunas", que os aguardavam no final do Caminho.

A capital, Cuzco, encontrava-se no centro das quatro regiões em que se dividia o Império Inca: a Oeste, o ***Kontisuyu***; ao Leste, o ***Antisuyu***; ao Norte,

de onde procediam os Senhores de Tharsis, estava o ***Chinchasuyu***; e ao Sul, para onde se orientava o Caminho dos Deuses, achava-se o ***Kollasuyu***. Os dois Caminhos Reais, encontrados pelos conquistadores de Pizarro, iam de Norte a Sul, seguindo um trajeto paralelo ao Caminho dos Deuses: a rota costeira nascia em Tumbes e chegava até Talca, no Chile, 4.000 quilômetros depois; a central, mil quilômetros mais extensa, partia de Quito e terminava no lago Titicaca, às margens do Rio Desaguadero. O Caminho dos Deuses, muito mais oriental, também terminava seu percurso no lago Titicaca. Mas a diferença era que os Caminhos Reais eram trilhas pelas quais se escoava toda a atividade do Império. O Caminho dos Deuses, pelo contrário, era um caminho secreto, só conhecido e empregado pelos Amautas do Barrete Negro, os temidos Iniciados da Morte Fria *Atyhuañuy*.

O Caminho dos Deuses mostrava um perfeito estado de conservação, rivalizando, em alguns trechos de excepcional beleza, com as melhores estradas europeias. Isso se conseguia pela distribuição permanente de centenas de homens ao longo de seu percurso, que se encarregavam da manutenção da estrada, do serviço de mensagens, e do cuidado das fazendas leiteiras, que existiam a cada três ou quatro léguas. Justamente, depois de andarem um pouco pelo ciclópeo caminho de pedra, os viajantes chegaram a uma dessas fazendas, de amplas dimensões. Conforme souberam depois os Senhores de Tharsis, aquelas "Grandes Fazendas Leiteiras" eram construídas nas proximidades das saídas laterais, e secretas, do Caminho dos Deuses. O lugar era cuidado por membros da mesma Raça morena que servia aos Amautas. Algumas crianças correram para descarregar as lhamas que eles traziam e conduzi-las a um curral, mas demonstraram grande temor por causa dos cavalos espanhóis, que tiveram que ser cuidados pelos catalães. Ali comeram as essenciais tortilhas de milho, pamonhas, beberam o *api* quente, e descansaram por meio dia. Um mensageiro, entretanto, partiu correndo, para adiantar a notícia sobre a chegada dos Senhores de Tharsis.

Apesar das exaustivas jornadas, durante as quais marchavam o dia todo e só se detinham à noite nas fazendas leiteiras mais próximas, o tempo passava e o Caminho dos Deuses parecia que nunca terminaria. E, semana após semana, o frio, o vento, e a neve, castigavam-nos sem cessar, uma vez que o Caminho raras vezes descia abaixo dos 3.000 metros, obrigando-os a estarem permanentemente abrigados. Um motivo de alegria se constituiu na rápida melhora de Guilherme de Tharsis: dois dias depois da cura, a febre cedeu notavelmente e a perna começou a desinflamar; aos quinze dias já podia caminhar quase normalmente. Mas, sessenta dias depois, ainda se encontravam transitando pela mesma estrada retilínea, cujas irregularidades mil vezes repetidas — degraus, rampas, túneis e pontes penduradas — pareciam-lhes agora monótonas e tediosas. A presença das inscrições rúnicas na mesma língua germânica era constante durante os milhares de quilômetros percorridos, ainda que tendessem a aumentar em variedade e perfeição, à medida em que se aproximavam do destino. Mas

aquelas lendas e sinais eram evidentemente posteriores às construções megalíticas que se encontravam disseminadas ao longo do Caminho dos Deuses — tais pedras exibiam o antiquíssimo e inconfundível Signo das Vrunas de Navutan, das quais as runas só refletem um simbolismo superficial.

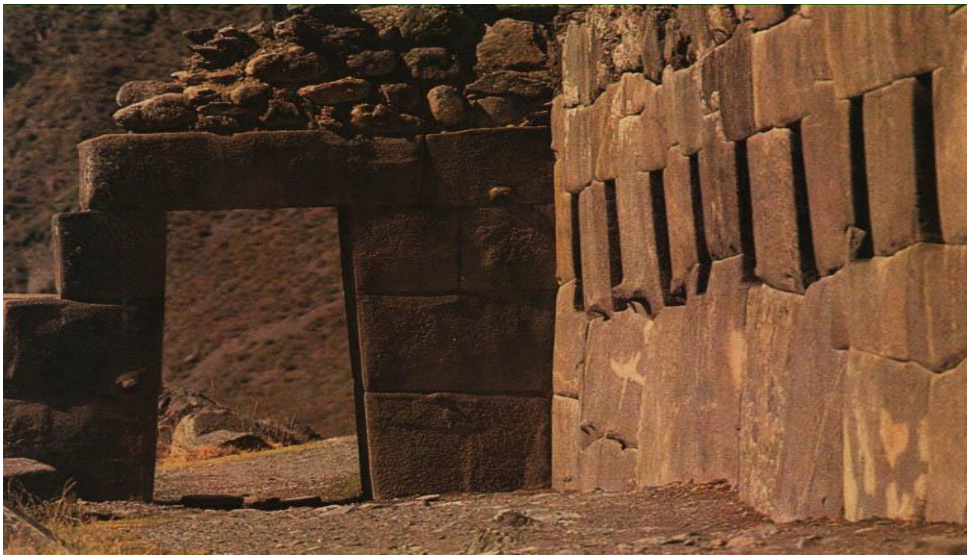
Uma semana antes de se aproximarem do lago Titicaca, chegaram a uma fazenda leiteira, onde os esperavam oito Amautas do Barrete Negro e um estranho personagem — era um ancião de cabelos grisalhos e feições de tipo europeu nórdico, cujos olhos azuis celestes e pele clara confirmavam sua descendência da Raça Branca. Como os dois primeiros Amautas que os Senhores de Tharsis conheceram, o ancião branco e seus acompanhantes só queriam ver a Pedra de Vênus. Lito de Tharsis, que interpretava corretamente seus desejos, aceitou isso pacientemente, desembainhando a Espada Sábia e tirando a fita da empunhadura. Uma exclamação de espanto e aprovação brotou das nove gargantas. E só depois mostraram sinais de reparar nos Homens de Pedra. Todos tinham desmontado e encontravam-se atrás de Lito de Tharsis, admirados, por sua vez, com a reação de seus anfitriões. O ancião, falando no mesmo dialeto germânico que os Amautas, mas de forma muito mais clara, perguntou:

— E a Princesa? Trouxestes a Princesa?

Tal questão desconcertou Lito, que se voltou para cruzar o olhar com seus parentes. Viu, assim, os olhos de Violante de Tharsis, irreconhecível como Dama, sob o hábito dominicano, e subitamente compreendeu tudo. Batendo na testa com a palma da mão, disse, sorridente:

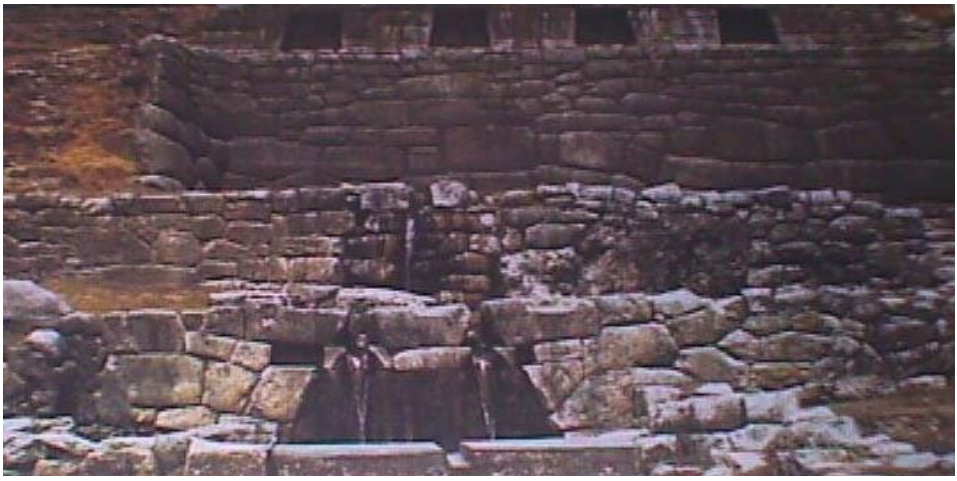
— Sem dúvida, vos referis a minha prima Violante. Mas tendes razão, Nobre Ancião: ***Ela é uma Princesa deTharsis!***

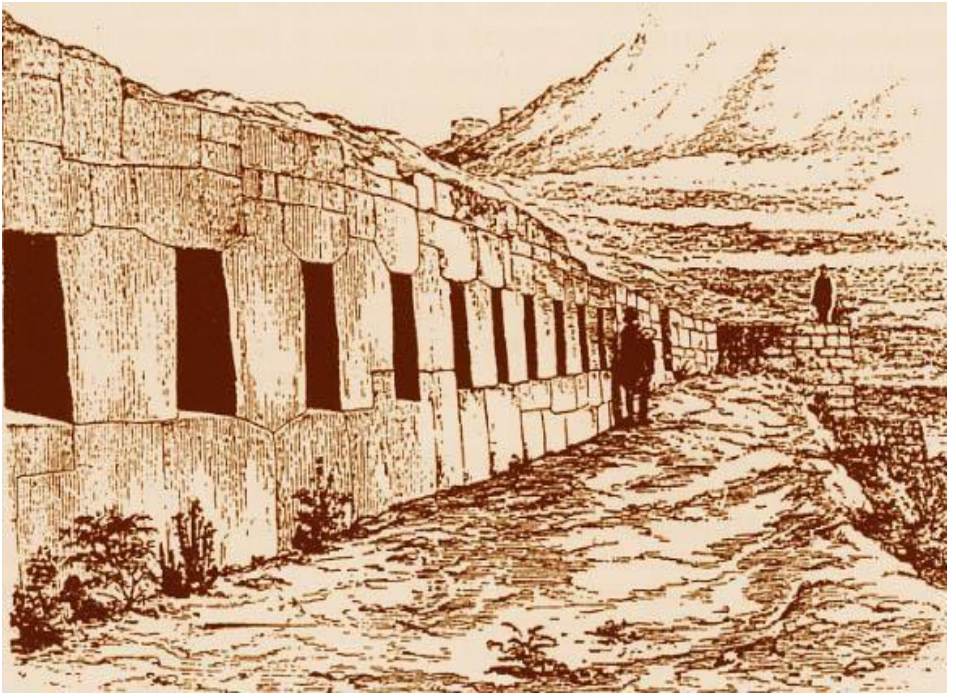
Em seguida, Lito abaixou o capuz da jovem e descobriu o belo rosto da Dama. Ao vê-la, o ancião, e os dez Amautas, sorriram por sua vez, e bateram com a palma da mão na testa, imitando o gesto de Lito de Tharsis.



Ruínas de Ollantaytambo

Encontram–se entre Machu Picchu e Cuzco, a uma altitude de 2.750 metros. (Acima, uma gravura do ano de 1877 mostra um aspecto geral. Abaixo, o interior das ruínas).





Ruínas de Tambomachay, nas imediações de Cuzco, Peru

O ancião era um dos Atumurunas, aos quais as frases em quéchua, pronunciadas por Lito de Tharsis, tinham invocado. Mas, quem eram os Atumurunas? Segundo respondeu o ancião que, após a recepção narrada anteriormente, tronou-se tão parcimonioso e lacônico como os Amautas, ***os Atumurunas pertenciam a uma Família: eram membros da Casa "Inga Kollmann". "Inga" quer dizer "descendente", o que equivale a dizer que os Atumurunas eram os "descendentes" de Kollmann***.

Isso era compreensível, explicou Lito aos Homens de Pedra, pois a partícula ***"ing"*** significa descendente nas línguas germânicas, como em "merovíngio" ou "carolíngio". Mas, quem era Kollmannn? O ancião se negava a responder, alegando que seus parentes o explicariam ***"quando chegassem a Koaty, a Ilha da Lua"***. Onde ficava a "Ilha da Lua"? "No lago Titicaca, ao qual chegariam depois de uma semana de caminhada". "O caminho lateral que vai do Caminho dos Deuses até Cuzco, há dias, tinham deixado para trás; agora se encontravam em uma região ainda não explorada pelos espanhóis. Mas tinham que se apressar, pois os ***'ingas'*** tinham notícias de que se preparava uma expedição para o Sul — os *Huancaquilli* brancos chegaram exatamente no último momento, quando os Atumurunas já se desesperavam quanto a se cumprir ***o aviso dos Deuses***". E nada mais do que isso se podia tirar do ancião Atumuruna.

Sete dias depois, divisavam uma colossal fortaleza de pedra no que devia ser o extremo Sul do Caminho dos Deuses. O Caminho, efetivamente, terminava diante da fortaleza, e esta, cujas muralhas tinham forma de meia-lua, se perfilava contra uma montanha de incrível altura. No entanto, o Caminho não estava totalmente interrompido: uma saída secreta, apta apenas para Iniciados Hiperbóreos, permitia atravessar o obstáculo. Pernoitaram ali e foram persuadidos pelo ancião para que deixassem os animais e a bagagem, uma vez que não poderiam levar isso para a Ilha. No dia seguinte, passaram pela saída secreta, após beberem a poção anteriormente mencionada os quatro catalães e os cinquenta guerreiros que agora os acompanhavam. Os Senhores de Tharsis, em troca, só tinham que se situar diante da Pedra e escutar as Vrunas de Navutan na Língua dos Pássaros — elas lhes indicavam ***quais movimentos estratégicos deveriam fazer para se aproximar corretamente da saída secreta e transpassar o Véu da Ilusão***. Do outro lado da montanha, encontraram-se a tão somente cinco léguas da margem do lago, em direção ao porto de Carabuco. Era, então, junho de 1535.

Embarcar nas canoas de totora foi uma experiência original para os espanhóis, ainda que os desconfiados catalães temessem ir a pique, a qualquer momento. No entanto, seis horas depois chegavam, sem problemas, à Ilha da Lua. Desceram em uma pequena praia, de não mais de dez *pés de Castela* de largura, ladeada por uma ravina proeminente, de 200 *varas* de altura. Um estreito e visível caminho em ziguezague permitia subir até o cume do despenhadeiro, de onde se estendia a superfície habitável da Ilha. De acordo com as explicações dos Amautas, sobre a Ilha ***Koaty*** existia um povoado fortificado e um templo. ***Mas eles não iriam para a superfície***.

Quando todos desceram na praia, o Atumuruna revelou-lhes que teriam que atravessar outra entrada secreta, que se encontrava ali mesmo na parede da ravina. Novamente, os Homens de Pedra localizaram as Vrunas e os catalães tiveram que ser drogados. Além da Ilusão da Ravina, havia um túnel escuro, revestido integralmente por blocos de pedra, que descia em uma rampa e se afundava nas entranhas da Ilha. Durante vinte minutos, continuaram descendo, até que o túnel se estabilizou e os conduziu ao umbral de uma porta, guardada por dois Amautas do Barrete Negro — ao verem os recém-chegados, um deles bateu em um enorme gongo de prata com uma maça que tinha nas mãos. Um espetáculo inusitado se ofereceu, de repente, diante do olhar aturdido dos espanhóis. Compreenderam, assim, que se encontravam diante de uma caverna de titânicas dimensões, tão grande que um povoado inteiro cabia nela. E o som do gongo tinha alertado todos os habitantes, que agora saíam maçiçamente das casas, para observá-los com curiosidade. Quase todos, perceberam os Senhores de Tharsis, pertenciam à mesma raça mestiça dos Amautas. A saída do túnel dava para um corredor elevado, do qual se dominava grande parte da caverna, que não estava melhor iluminada do que o corredor anterior — sob seus pés se

distribuíam centenas de modestas casas de pedra, separadas por ruas e praças, distinguindo-se, de vez em quando, uns edifícios maiores, que deviam ser Palácios e Templos. O Atumuruna indicou para que o seguissem e foi andando pelo corredor, do qual saíam, a cada trecho, umas escadas talhadas na rocha, para descer ao povoado.

O corredor fez uma curva aberta e os situou diante de um edifício que, talvez, fosse o maior da cidade; uma ampla escada, cercada por dois tigres de pedra, permitia chegar até ele. Na porta, aguardava-os um grupo de homens de diversas idades, mas de vestimenta e raça semelhante ao ancião Atumuruna. Todos demonstravam uma intensa alegria pela presença dos Senhores de Tharsis, e alguns, sem se conterem, se adiantavam e dobravam o antebraço, em uma espécie de saudação romana. Ali, se retiraram os Amautas do Barrete Negro, e os Atumurunas fizeram os visitantes entrarem no Palácio, em uma sala semicircular, com grades, que dava toda a impressão de ser um anfiteatro ou um tribunal. Os Homens de Pedra acomodaram-se ao redor de uma mesa central com forma de meia-lua, enquanto uma dúzia de Atumurunas foram se distribuindo nos degraus.

Um ancião Atumuruna, que chamavam de ***Tatainga***, e que era muitíssimo mais velho do que aquele que os guiara até ali, tomou a palavra e se dirigiu aos Senhores de Tharsis:

— Sei que há um de vós que compreende nossa língua sagrada. Isso é extremamente elogiável. Nós, em troca, não conhecemos a vossa e havereis de nos desculpar por isso. Contudo, sabemos de onde provindes: do mesmo Mundo do qual vieram nossos Antepassados, há mais de seiscentos anos.

Lito de Thasis assentiu, com um gesto, e Tatainga continuou:

— Agora, *Huancaquillis* brancos, nos dareis a Graça de mostrar-nos a Pedra da Estrela Verde?

Lito extraiu a Espada Sábia de sua bainha e, tirando a fita, expôs a Pedra de Vênus para a contemplação dos Atumurunas. Um murmúrio de aprovação acompanhou a exibição, mas Tatainga se aproximou para examiná-la de perto. Depois se virou e fez um sinal para umas belas Iniciadas que guardavam a porta — elas saíram e regressaram em um instante, trazendo uma base quadrada sobre a qual repousava um objeto, que não se podia ver, por estar coberto por um tecido branco, com uma borda de suásticas negras. As Iniciadas depositaram sua carga, com grande delicadeza, sobre a mesa em meia-lua, e se retiraram a seus postos. O ancião Atumuruna tirou, então, o pano, e os Homens de Pedra puderam observar, no auge do espanto, uma coroa germânica de ferro, ***na qual estava engastada uma Pedra de Vênus exatamente igual à da Espada Sábia***.

— ***Esta é a Coroa do Rei Kollmann!*** — afirmou Tatainga, com voz respeitosa.

Quinquagésimo Nono Dia

A história do povo dos Atumurunas era notavelmente parecida com a da Casa de Tharsis. O ancião Tatainga a descreveu para os Homens de Pedra com muitos detalhes. Mas eu, Dr. Siegnagel, vou resumi-la aqui, em poucas palavras.

Os antepassados dos Atumurunas, e a língua que eles falavam, procediam da região de ***Schleswig***, ao sul da Dinamarca. No século X, existia ali o Reino de ***Skioldland***, que tinha oito séculos de antiguidade e havia resistido às hostes cristianizadoras de Carlos Magno, cento e cinquenta anos antes. Sua população, de Sangue Puro, conservava a religião de Odin, ou Navutan, e conseguiu preservar a Pedra de Vênus, herança dos Atlantes brancos. Por tais "heresias", os Golen tinham decretado a sentença de extermínio para toda a Casa real. Contrariamente aos Senhores de Tharsis, os bravos vikings não ocultaram a Pedra de Vênus, mas a engastaram na Coroa de seus Reis, situação que os obrigava, pelo menos, a exibi-la em cada cerimônia de coroação de Rei, ou a apresentar a Coroa diante de cada novo Senhor Territorial com o qual estavam enfeudados. Não obstante tal comportamento imprudente, os *skioldanos* conseguiram se manter livres até a época do Rei da Alemanha Henrique I, o Passarinheiro. No século X, esse Rei, que era também Iniciado Hiperbóreo, derrotou o Rei da Dinamarca, Gormo, e conquistou Schleswig. Conforme seu costume, estabeleceu uma marca fronteiriça na região e, para esse objetivo, nomeou como *margrave* o Rei de Skioldland, sem se importar se seus súditos eram ou não cristãos. Mas o Reino alemão não era cristão, e os Golen não tardaram em iniciar uma campanha de agitação para forçar a conversão em massa dos vikings e obrigar seu Rei a entregar "os instrumentos do Culto pagão"; dentre eles, a Coroa com a Pedra de Vênus. No entanto, nada conseguiram enquanto Henrique I estava vivo.

Morto o Rei, no ano 936, sucede-lhe Oton I, que, apesar de descender do lendário Vitikind, por parte de sua mãe Matilde, tinha o cérebro lavado, por obra de seus instrutores Golen beneditinos. Oton I desejava, em tudo, imitar Carlos Magno e começou por se fazer coroar Rei em Aquisgrana, pelo Arcebispo de Mainz. Depois fez várias expedições à Itália, para conhecer os Papas, e em 962 outra, por ocasião de sua investidura imperial em Roma. A fortíssima ligação entre a Igreja alemã e o Império, que durou até o extermínio dos Hohenstaufen, em 1250, pode-se afirmar que começou com as extraordinárias concessões de Oton I. É compreensível pois, que, com semelhante Imperador, o destino do pequeno Reino de Skioldland estivesse decidido. Em 965, as intrigas dos Golen surtiram efeito e uma expedição marchou para Schleswig — era composta de tropas imperiais, sob o comando do General Zähringer e tinham a missão de converter o Reino pagão ao cristianismo ou destrui-lo e, de qualquer maneira, roubar a Coroa real. Dessa vez, não houve salvação para os vikings e foi assim que seu Rei,

Kollmann, lhes propôs abandonar esse país, que logo cairia em poder dos Demônios:

— Odin guiou nossos avós e lhes entregou estas terras! E Ele nos manda agora partir para outro Reino além dos mares!

Setenta por cento da população aceitou a oferta e lançaram-se ao mar em 220 ***drakkar***, mas aqueles que ficaram foram exterminados pelos enfurecidos evangelizadores. A numerosa frota cruzou o Mar Tenebroso e chegou até o Golfo do México. Ali florescia a civilização dos toltecas, que receberam os vikings como "filhos dos Deuses", quer dizer, como descendentes dos Atlantes brancos.



Drakkar Viking

A Casa de Skiold era tão antiga quanto a de Tharsis. Mas, na missão familiar, ambas as Estirpes diferiam notavelmente — em vez de um Fogo Frio no Coração, os Senhores de Skiold deveriam se aprofundar no segredo da Agricultura Mágica até chegar à essência do cereal. Incorporada no Sangue Puro, aquela essência causaria a precipitação de uma ***Semente de Pedra*** no Coração dos Iniciados. Os Atlantes brancos lhes haviam aconselhado que formassem um grupo permanente de Noyos e Vrayas, cuja tarefa seria contemplar a Pedra de Vênus e aguardar que nela se apresentasse "o Sinal Lítico do Valhala" — quando isso ocorresse, seria o momento de viajar para a Morada dos Deuses. E o Sinal apareceu, poucos dias antes do ataque a Skioldland. Na Pedra de Vênus, uma Vraya conseguiu ver uma paisagem megalítica às margens de um enorme lago — aquele lugar, diziam os Deuses Leais, estava além do Mar Tenebroso, mas para lá deviam ir, pois um Grande Império seria da Casa de Skiold, por Vontade dos Deuses. E foi por isso que se lançaram ao mar nos 220 *drakkar*. Em síntese, a Casa de Skiold era uma família de Iniciados Hiperbóreos, e não se deve estranhar que, ao partirem, tanto o Rei Kollmann, como sua Rainha e numerosos Noyos e Vrayas, fossem Homens de Pedra.

Apesar de se imporem, sem problemas, aos toltecas, e de contribuírem profundamente em melhorar sua civilização, dez anos depois, o povo de Kollmann continuou viagem para o Sul, ficando com os toltecas aqueles que tinham cometido o "pecado racial" de se casar com os nativos. Navegaram até a Venezuela. Foram, depois, em direção ao Oeste, atravessando a Venezuela, Colômbia e Equador, e chegaram a Quito, de onde navegaram novamente rumo ao Sul. Desembarcaram em Tacna, e subiram as montanhas do Leste, até ganhar a meseta de Tiahuanaco e o lago Titicaca. Era esse o lugar que a Pedra de Vênus indicara.

Em Tiahuanaco, os skioldanos encontraram uma ciclópea cidade de pedra, construída pela metade, uma espécie de "laboratório" dos Atlantes brancos. Junto às ruínas, fizeram um povoado que seria a cabeça de um Império. E na Ilha do Sol, erigiram um Templo à Divindade local, já que eles mesmos tinham se apresentado aos *collas, aimarás* e outros indígenas, como "Filhos do Sol". O Império viking de Tiahuanaco prosperou e se expandiu até o século XIV, quando se desatou a segunda parte do drama racial da Casa de Skiold. Naquele século, efetivamente, os skioldianos, aos quais já se chamavam de "Atumurunas", por causa de sua pele branca e sua predileção pela Lua Fria, tinham dominado todos os povos indígenas que vivam nas proximidades. Apenas um resistia, e não por seus méritos, mas porque os Atumurunas estavam na dúvida entre tê-los livres e longe, ou submetê-los à vassalagem e ter que lidar com eles. Esse povo era o dos ***Diaguitas***, e a apreensão dos vikings vinha de uma "rejeição" quase epidérmica, essencial, aos costumes e cultura desses nativos. O caso era que, se bem que a massa de índios pertencia efetivamente às etnias americanas, a casta nobre e sacerdotal que os regia tinha origem

mediterrânea ou, mais precisamente, provinha do Oriente Médio — nos museus de Santiago del Estero, Catamarca, Salta, Tucumã ou Tilcara, podem-se ver, hoje em dia, centenas de cerâmicas e vasilhas com escritos em aramaico e hebreu, que comprovam essa afirmação.

Assim é, Dr. Siegnagel. A nobreza diaguita tinha a mais rançosa linhagem hebraica e seus Sacerdotes eram considerados como os mais zelosos defensores do Pacto Cultural e do Sacrifício ao Uno. Professavam um ódio mortal contra os vikings e viviam permanentemente hostilizando as fronteiras do Império. Mas sempre tinham sido controlados — pelo menos até o fatídico ano de 1315. Nesse ano, uma revolta generalizada de tribos diaguitas se produziu desde a Quebrada de Humahuaca até Atacama, no Chile, sem que houvesse um motivo justificável por parte do Império. As notícias que chegavam diziam que ***o Grande Cacique Cari tinha recebido a visita dos Enviados do Deus Uno, Berhaj e Birchaj, que os incitaram à guerra contra Tiahuanaco. Eles lhes asseguravam o triunfo, porque os Diaguitas, diziam, pertenciam ao Povo Eleito por El***, e não poderiam perder. Motivados dessa forma, os ferozes indígenas avançaram incontestavelmente além dos limites do Império, e sitiaram Tiahuanaco. Os vikings, finalmente, procuraram refúgio na Ilha do Sol, enquanto os Atumurunas Iniciados, quer dizer, os Homens de Pedra, entravam na Caverna Secreta Atlante da Ilha da Lua, ***Koaty***.

Os vikings nada puderam fazer contra a Alta Estratégia aplicada pelos Demônios Berhaj e Birchaj, que guiavam os Diaguitas, e acabaram caindo no cerco que o Inimigo fechou ao redor da Ilha do Sol. Feitos prisioneiros aos milhares, os skioldanos foram pacientemente degolados, um a um, pelas mãos dos Sacerdotes hebreus-diaguitas. Ao chegar a essa parte, o Atumuruna Tatainga mostrou um relevo rúnico na parede e perguntou:

— ***"Molay"***, ***"Quiblon"***? Significam algo essas palavras para vós? Porque os Sacerdotes Diaguitas, a cada vez que degolavam um prisioneiro ***de orelha a orelha***, procurando fazer com que o sangue caísse no lago, gritavam:

— ***Por Molay! Por Quiblon!***

Nossos antepassados escreveram com runas esses nomes, que para eles não tinham sentido, pois desejavam que, um dia, seus descendentes esclarecessem o enigma.



O Pucará de Sayacmarca, situado à beira de uma colina, a 3.600 metros de altura, nas imediações de Machu Picchu, Peru.



O Puca Pucará, localizado num pequeno vale nas proximidades de Cuzco, Peru.

Os Homens de Pedra ficaram mudos, cravados no lugar. Mas pensavam:

— "Que terrível é a Ilusão do Grande Engano! Que diferente é a mesma realidade, vista de outra perspectiva! Aquele, de 1315, tinha sido um bom ano para a Casa de Tharsis — o Senhor de Vênus se apresentou e aprovou toda a atuação contra os planos da Fraternidade Branca; a ação da Casa de Tharsis, e do ***Circulus Domini Canis***, causou a destruição da Ordem do Templo. E, com eles, com a fogueira de Jacques de Molay, desapareceu, por ora, o perigo da Sinarquia Universal do Povo Eleito. Também a vinda de Quiblon se atrasaria por 180 anos. E, nesse ano, os Valentininos se estabeleceram em Turdes. Sim, 1315 foi um ano auspicioso, que ainda recordavam com simpatia os Senhores de Tharsis — inclusive chegou-se a

dizer que era um dos melhores anos na história da Casa de Tharsis. E agora compreendiam que, para seus irmãos skioldanos, aquele foi um ano nefasto, o pior de sua história! O Inimigo realizou, então, contra eles, uma vingança atroz: tentou extinguir sua Estirpe, em represália à destruição da Ordem do Templo! Por isso diziam, após cada execução: 'Por Molay, por Quiblon!', imitando Charles de Tharsis, quando dizia aos Golen que iriam morrer nas fogueiras de Sens: 'Por Navutan e o Sangue de Tharsis'. Malditos Golen, malditos membros do Povo Eleito, malditos Bera e Birsa — uma nova conta a saldar na Batalha Final!".

Continuarei com o relato resumido, Dr. Siegnagel. Só acrescentarei que, desde então, 1315 seria considerado um ano de luto para a Casa de Tharsis.

Os Homens de Pedra da linhagem de Skiold permaneceram refugiados na Ilha da Lua durante trinta e cinco anos, antes de se atreverem a realizar uma nova ação estratégica. Nesse lapso de tempo, a vigilância dos índios hebreus era constante sobre o lago Titicaca, pois numerosas lendas locais falavam das cavernas e túneis que os Atlantes brancos construíram milhares de anos antes — aqueles diaguitas suspeitavam que alguns Atumurunas poderiam ter se ocultado ali. No entanto, as Vrunas de Navutan constituíam um obstáculo intransponível, mesmo para os poderes dos Demônios Berhaj e Birchaj, seres carentes de Espírito Incriado — e quase ninguém, que não fosse um Iniciado Hiperbóreo, jamais voltaria a ver os Atumurunas. Na verdade, os sobreviventes eram muito poucos, ainda que os acompanhassem um número maior de membros da raça mestiça à qual pertenciam os Amautas do Barrete Negro — essa raça se formou pela mistura do sangue viking com os índios que habitavam em Tiahuanaco, quando da chegada do Rei Kollmann. Contudo, não obstante a mestiçagem mencionada, os vikings trataram sempre de conservar o Sangue Puro e impuseram uma lei pela qual só eram Nobres aqueles que descendessem da linhagem de Skiold. Desse modo, o pertencimento à Nobreza exigia o casamento entre integrantes da Raça conquistadora. Os mestiços, embora parentes dos vikings, ficavam excluídos da Nobreza, mas não do direito de participarem do Mistério do Sangue Puro. Isso equivale a dizer que os mestiços podiam ter acesso à Iniciação Hiperbórea, faculdade que acabou dividindo-os, por sua vez, em Iniciados, quer dizer, Amautas do Barrete Negro, e ***Quillarunas***, ou seja, ***Homens Lunares*** ou Povo da Lua.

Os sobreviventes da matança diaguita compunham-se de uma dúzia de Atumurunas e uma centena de Quillarunas. Quando acreditaram ter diminuído o perigo, trinta e cinco anos depois, os Atumurunas decidiram ocupar o Caminho dos Deuses, uma antiquíssima rota do Império Atlante, que ia de Tiahuanaco até o Mar do Caribe. Em uma primeira etapa, incursionam pelo Caminho secreto até a altura de Cuzco, onde existia uma saída lateral para aquela cidade. Então, decidem enviar dois Iniciados Atumurunas para que formem uma nova Estirpe real nos povoados da região de Cuzco, que foram vassalos dos vikings de Tiahuanaco, durante séculos. Um dos Iniciados era o inga Manco Kapac, e o outro, seu par

hiperbóreo, sua Esposa e Irmã, Mama Ocllo. Ambos realizaram sua missão e fundaram uma casta que durou até o fim do Império Inca, e à qual pertencia o Imperador Atahualpa, o inga assassinado por Pizarro. No entanto, apesar dos esforços efetuados, uma vez que os descendentes de Manco Kapac só se casavam entre eles, nada puderam fazer os ingas de Cuzco para evitar a degradação do Sangue Puro. Em um século, já não surgiam Iniciados da família real e os ingas dependiam dos Amautas do Barrete Negro para qualquer ofício esotérico. Mas não terminou ali a queda dos cusquenhos — a expansão territorial do Império colocou-os em contato com povos do Pacto Cultural e sofreram a influência de Sacerdotes, que transformaram o Mistério de Viracocha, ou Navutan, em um mero Culto ao Deus Criador. Houve, então, "outros" Amautas, quer dizer, Sacerdotes que usurparam a função dos Iniciados Hiperbóreos.

O maior prejuízo, nesse sentido, foi produzido pela chegada, no século XIV, de um grupo de missionários católicos procedentes do Brasil, onde tinham desembarcado, após cruzarem o Atlântico. Guiava-os um Sacerdote de personalidade forte, ao qual os índios paraguaios deram o nome de Pai Zumé ou Pai Tumé, nome lendário que os jesuítas posteriores das "Missões" identificaram com o Apóstolo São Tomás ou São Tomé. Os ingas, em troca, aceitaram sua pregação e a equipararam com a de seu Deus Tunupa, um dos aspectos de Viracocha. As medidas certeiras que ele tomou para destruir a religião dos Atumurunas indicam que não chegou em Cuzco por acaso, mas era um Enviado da Fraternidade Branca. Aquele Sacerdote Pai Tumé conseguiu impor o culto à Cruz, ao Crucificado, à Mãe de Deus e à Trindade de Deus, crenças que ainda se mantinham mais ou menos deformadas, no tempo da conquista espanhola. Isso foi, sem dúvida, nefasto para a vitalidade espiritual dos ingas, mas o pior mal veio da introdução do ***sacrifício ritual*** e da mudança do significado da ***Apacheta***.

Na época do Império de Tiahuanaco, um Atumuruna chamado de Sinchiruca ensinou aos índios uma variante do Culto do Fogo Frio. Em tal Culto, as pedras da Apacheta representavam os Grandes Antepassados, ***Achachila Apacheta***, enquanto uma pedra especial era a Pedra Fria, a Pedra possuidora do Signo *Huañuy* ou Signo da Morte. A ***Rumi Huañuy*** estava também no Coração do homem, em sua Alma, e a ela permanecia encadeado o Espírito Incriado — por isso, na Cerimônia ***Tocanca***, ao cuspir o *acuyico*[4] de coca sobre o *Rumi Huañuy*, expressava-se o desejo de separação do anímico e do espiritual, a transferência do anímico para a Pedra. Mas, sobretudo, a Apacheta era um altar, um "lugar alto", consagrado à Mãe de Navutan, a Deusa Ama, a Virgem de Agartha, a Deusa que entregou a Semente do Cereal aos homens, quer dizer, a Deusa que os índios conheciam como ***Pachamama***. Quando o índio transitava por um caminho, e chegava a uma encruzilhada, depositava uma pedra na Apacheta e deixava seu *acuyico* de coca, ou simplesmente colocava um seixo molhado com sua

[4] *Resultado da mastigação de folhas de coca e saliva.*

saliva — a Pachamama, então, ***"matava" seu cansaço, "destruía" sua fadiga, "tirava" a dor, aquilo que é próprio da condição humana, o que equivale a dizer: "liberava" o Espírito da natureza anímica ou animal e "orientava"*** o viajante no Labirinto da Ilusão que representava a encruzilhada. Mas, quando o índio ***escutava*** as Vrunas de Navutan, a Voz de Viracocha, em qualquer lugar que fosse, caía fulminado, e se dizia que estava ***apunado***[5] — então, era o momento de levantar um altar a Pachamama e ali mesmo se depositavam as pedras da Apacheta.

Como disse, a Doutrina do Pai Zumé alterou o significado estratégico da Apacheta, concordando nisso com os Diaguitas hebreus, que tinham introduzido modificações semelhantes nos territórios conquistados aos Atumurunas. A mudança consistiu em transformar o Culto do Fogo Frio em Culto do Fogo Quente e em identificar a Pachamama com a Grande Mãe *Binah*. Converteu-se, desse modo, ao estilo da decadência romana, a Apacheta em um altar de Deuses Lares, ou de um Deus Supremo, Criador do Mundo, representado pelo Fogo Quente, o Fogo Criador que nunca se extingue, o Logos Solar, o Sol. E sobre a Apacheta reinava agora uma Pachamama *Binah*, Mãe Terra, Shakti, Matriz Criadora das coisas; Deusa do Amor à qual convinha sacrificar, para que interviesse diante de seu Esposo, o Criador Uno. A Apacheta perdeu, desde então, sua característica estratégica e orientadora para a Origem e tornou-se, para os ingas de Cuzco, um objeto do Pacto Cultural, um instrumento de idolatria dos Sacerdotes da Fraternidade Branca, os novos "Amautas".

Tal processo de decadência espiritual foi catastrófico para os Atumurunas do lago Titicaca, que, de forma igual, não conseguiam preservar o Sangue Puro e enfrentavam, diariamente, o perigo da extinção racial. Sua presença se reduzia, agora, à área do Caminho dos Deuses, que acabaram ocupando completamente, e à "Cidade da Lua", na caverna secreta da Ilha da Lua. Raras vezes se deixavam ver pelos habitantes do Império de Cuzco, se não fosse para transmitir alguma informação esotérica aos Ingas, mas suas aparições eram temidas, pois eram considerados como "anunciadores de males", "arautos de desastres", etc. Seus "enviados" eram os Amautas do Barrete Negro, que tampouco se faziam ver muito e inspiravam idêntico temor.

Convém esclarecer, Dr. Siegnagel, que uma vez ***ocupado*** o Caminho dos Deuses, só foi utilizado para deslocamento pelos Amautas do Barrete Negro — ***os Atumurunas empregavam, em troca, um caminho subterrâneo que atravessava a Cordilheira dos Andes de um extremo a outro, e tinha o mesmo trajeto do Caminho dos Deuses, quer dizer, passava por baixo dele. Existiam entradas secretas verticais que comunicavam o Caminho dos Deuses com o túnel da Cordilheira, pelas quais "apareciam" os misteriosos Atumurunas. E, conforme afirmavam as***

[5] *Apunado = aquele que sofre do "mal de altura" ("puna").*

lendas ingas, aquele túnel, construído pelos Atlantes brancos, possuía veículos de pedra que permitiam viajar a velocidades fantásticas.

Finalmente, dois anos antes da chegada de Francisco Pizarro a Cajamarca, a situação dos Atumurunas tornou-se desesperadora: só dispunham da Princesa Quilla para manter a sucessão matrilinear da Estirpe, mas não conseguiam determinar seu matrimônio, pois os doze Atumurunas vivos eram todos parentes muito próximos e cujos pais e avós também eram primos e irmãos entre si — qualquer enlace com eles degradaria, com certeza, o Sangue Puro, causaria a degeneração dos descendentes. Foi nessas circunstâncias que os Noyos observaram ***"um Sinal Lítico na Pedra de Vênus"*** e receberam a visita ***"do Deus Küv"***.

A Coroa do Rei Kollmann repousava, há séculos, sobre um altar de pedra em forma de ***setor circular reto***: as extremidades do arco externo eram unidas por um arco interno em relevo, paralelo ao primeiro, para simbolizar a imagem da Lua em quarto minguante; e acima dessa meia-lua estava a Coroa Sagrada, com a Pedra de Vênus voltada para a borda circular. Os Noyos se sentavam normalmente diante da Coroa, alinhando a vista com a Pedra de Vênus e o vértice do ângulo reto do altar. Diferentemente do que ocorreu com os Senhores de Tharsis, talvez por causa da endogamia, os doze Noyos Atumurunas foram capazes de projetar o Sinal Lítico na Pedra de Vênus. Reconheceram, assim, uma paisagem megalítica que, se bem que estivesse a milhares de quilômetros do lago Titicaca, não implicava em travessias marítimas ou por selvas, como as protagonizadas pelos Iniciados espanhóis. O que se via, efetivamente, era ***uma réplica das rochas do Externsteine***, a montanha sagrada dos germânicos, situada na Floresta de Teutoburgo. Na verdade, existem vários Externsteine no mundo, todos semelhantes ao da Alemanha, e todos possuidores das Vrunas de Navutan. Aquele que se observava na "Pedra de Valhala" da Coroa do Rei Kollmann, encontrava-se perto da Quebrada de Humahuaca, no atual território da República Argentina, em um lugar chamado, hoje em dia, de "Valle Grande", ao pé da Colina Kâlibur. Disso os Atumurunas não tinham nenhuma dúvida. O que faltava determinar era: o que significava essa imagem? Por acaso, teriam que viajar até o Externsteine de *Jujuy*? Poderia ser. Perto dali, segundo afirmava uma tradição familiar, havia uma entrada secreta que conduzia ao Valhala, ou K'Taagar, passando primeiro pela Porta do Sul. As respostas seriam oferecidas pelo "Deus Küv".

Sexagésimo Dia

Quando o Senhor de Vênus apareceu no ângulo reto do altar de pedra, os doze Atumurunas e a Princesa Quilla o viram simultaneamente.

— ***Graça e Honra, Sangue de Skiold!*** — saudou o Senhor de Vênus, expressando com sua mão direita o Bala Mudra.

— ***Sieg Heil!*** — responderam em coro os Homens de Pedra.

— Sangue de ***Skiold! Trago-vos a saudação de Wotan, o Senhor da Guerra! E também vos trago Sua Palavra! Prestai atenção, abri bem vossos sentidos, porque esta é uma oportunidade única, talvez irrepetível, antes da Batalha Final! Duas vezes se tentou destruir vossa Estirpe: uma em Skioldland e outra na Ilha do Sol. Sabeis, pois, que o Inimigo é implacável. Agora, vos anuncio um novo perigo de destruição. Mas não se trata do que a vós preocupa: a extinção da Estirpe pela falta de descendência. Será, mais uma vez, o punhal do Sacrificador Uno que tentará derramar o Sangue Puro de Skiold. Sim, Atumurunas! O Grande Sacrificador abriu uma Porta pela qual os homens adormecidos se lançarão sobre vossas gargantas! Más e boas notícias vos trago. As más consistem em que o Império inga de Cuzco, dividido pela mesquinhez e loucura de seus Reis, será rapidamente destruído pelos homens adormecidos que chegarão em hordas inparáveis. Vós devereis fugir de Koaty para sempre — só agindo com decisão e rapidez, no último momento, evitareis uma terceira e definitiva tentativa de aniquilação da Estirpe.***

E aqui estão as boas novas: se obedeceis às minhas ordens com eficácia, não apenas salvareis a Estirpe de Skiold, mas o Senhor da Guerra vos tomará em consideração para participarem, proeminentemente, da Batalha Final. E estas são as minhas ordens: a partir de agora, não intervireis mais nos pleitos do Império, nem mesmo vendo que o Inimigo o desintegra, sem piedade. Conservareis a calma até o último momento. Então, chegarão alguns Enviados do Senhor da Guerra. Vós os reconhecereis, porque trarão uma Pedra semelhante à da Coroa do Rei Kollmann. Com eles, virá uma Princesa do Sangue Mais Puro da Terra. Ela vos será confiada, para que a desposeis com um Príncipe da Casa de Skiold; sua descendência preservará a Estirpe e constituirá a raiz de um povo poderoso, no Final dos Tempos. Mas, em retribuição, Atumurunas, conservareis virgem a Princesa Quilla e a entregareis a eles, para que sua própria Estirpe se prolongue no Sangue Puro de Skiold.

Eles vêm de um país muito distante, ainda que não tanto como aquele do qual vós procedeis. Serão guiados por Nós e, cedo ou tarde, se aproximarão do Caminho dos Deuses. Dareis instruções, pois, aos Amautas do Barrete Negro, para que se distribuam nos confins do Caminho e os aguardem e conduzam a Koaty. Os Amautas deverão informar aos Scyris dos povoados locais que serão castigados com as penas mais severas, se causarem algum dano aos Estrangeiros portadores da Pedra. Fazei-os saber que eles, da mesma forma que vós, são Senhores da Morte, Huancaquilli Huañuy!

Estareis preparados para evacuar Koaty, assim que chegarem os Huancaquilli e tenhais trocado as Princesas. Vós ireis ao Grande Vale Kâlibur, ao local que vistes na Pedra da Coroa. Ali, atravessareis a porta secreta que conduz a um vale protegido pelas Runas de Wothan,

onde forjareis um terrível povo guerreiro, que regressará a este Mundo nos dias da Batalha Final. Mas os Huancaquilli devem viajar mais para o Sul, para a Fortaleza ou Pucará de Tharsy, ou Thafy, onde se encontra o Grande Menir de Tharsy, assentado pelos Atlantes brancos, há milhares de anos. Sim, Atumurunas! Quando nós fundamos uma Estirpe, sempre assentamos Seu Menir! E só no transcurso das gerações, só se o Sangue se conserva Puro, os Membros da Estirpe se reencontram com Seu Menir. Isso ocorre ao se concretizar a Missão Familiar. Por isso, vós encontrareis vosso Menir no Vale Grande e os Huancaquilli encontrarão o deles no Vale Thafy. E o Inimigo não poderá penetrar nas Muralhas Estratégicas dos Grandes Cromlech que cercam e isolam os Menires Fundamentais da Raça.

Os Antepassados brancos, os Atlantes brancos, deixaram um povo para cuidar do Menir de Tharsy, em Tucumã. Eles celebravam o Culto ao Senhor da Guerra, ao qual chamavam de Vultan ou Voltan, em uma Apacheta, ou altar, junto ao Menir: purihuaca Voltan guanancha unanchan huañuy. Aqueles guardiões, há milhares de anos, foram exterminados pelos índios diaguitas, membros do "Povo Eleito" pelo Deus Criador deste Inferno, os quais ainda habitam na região. Oferecereis, pois, uma escolta para os Huancaquilli, para que cheguem sem perigo ao antigo Pucará do Vale Thafy, onde viverão também até os Dias da Batalha Final.

Atumurunas da Casa de Skiold! Disse tudo o que tinha a dizer e não convém, por motivos estratégicos, acrescentar mais nada. Reitero-vos a saudação de Wothan e me despeço até a Batalha Final. Ou até que vós vos encontreis comigo em outro "Kairos". Graça e Honra, Sangue de Skiold! — desejou-lhes o Senhor de Vênus, enquanto levantava o braço direito para expressar o ***Bala Mudra***.

— ***Sieg Heil, Gott Küv!*** — responderam os Atumurunas, efetuando igualmente o ***bala mudra***, que era a antiga saudação da Casa de Skiold.

Os Atumurunas cumpriram literalmente as diretrizes do Senhor de Vênus. A partir daquele momento, um mecanismo bem-organizado, destinado a detectar viajantes, foi preparado no extremo norte do Império Inca. E foi seu funcionamento, tal como relatei, que permitiu aos Senhores de Tharsis escaparem do cerco muisca, que era uma certeira armadilha mortal. Com a chegada dos Senhores de Tharsis a Koaty, tornando realidade os avisos do Senhor de Vênus, concluía-se o relato de Tatainga. Em seguida, Lito de Tharsis narrou, o melhor que pôde, a história da Casa de Tharsis, despertando muito interesse nos Atumurunas o conhecimento das manobras assassinas dos Imortais Bera e Birsa, e a identidade e missão de Quiblon. Deveriam agora partir juntos para o Sul, e ir até uma fortaleza ou Pucará, chamada de ***Humahuaca***, na qual se separariam. Não se veriam mais nesta vida, mas se reencontrariam durante a Batalha Final, quando o Senhor da Guerra convocará os Homens de Honra para lutar contra as Potências da Matéria.

A Princesa Quilla tinha cabelos louros e olhos azuis celestes, enquanto Violante constrastava, com seu cabelo negro e olhos verdes. Mas ambas exibiam uma pele tão branca como a neve. Quilla já estava preparada para se tornar esposa de um dos Senhores de Tharsis, mas a notícia de que teria que abandoná-los surpreendeu e entristeceu Violante de Tharsis. No entanto, não renegou sua missão, ainda que expusesse claramente seu descontentamento. Daí que os dois frades se decidissem a ficar junto dela e unir seu destino à Estirpe de Skiold — com a companhia de seus parentes, Violante poderia aguentar melhor a separação. Mas, além disso, Lito ordenou aos quatro catalães que seguissem sua Ama e jamais a abandonassem; disse-lhes, sem rodeios, que nunca mais regressariam à Espanha, se cumprissem essas ordens, mas, ao obedecê-las, seriam tratados como integrantes da Nobreza, pelo Povo da Lua. Os Atumurunas desejavam levar consigo os catalães e lhes ofereciam, dessa única vez, a possibilidade de tomarem esposas dentre as Virgens da Lua. Em tudo concordaram os robustos soldados espanhóis, aos quais entusiasmava a perspectiva de se tornarem Senhores daquele povo misterioso e velar pela segurança de sua Rainha, Violante de Tharsis.

Chegaram a um acordo mútuo, e só faltava se colocarem em marcha e evacuar Koaty, cumprindo, assim, as diretrizes do Deus Küv. Estavam nesses preparativos, quando os espiões que, permanentemente, os informavam sobre a situação no Império, transmitiram uma notícia que os obrigou a apressarem a partida: o Capitão Diego de Almagro acabava de sair de Cuzco, comandando 500 homens, em direção ao Sul. Entre Francisco Pizarro e Diego de Almagro surgiu uma disputa amarga sobre os limites que a cada um cabia, na partilha do Império Inca. Diego de Almagro pretendia que a Cidade de Cuzco estivesse compreendida em seus domínios. O astuto Pizarro conseguiu prorrogar a definição do conflito, persuadindo seu sócio de que existia, ao Sul, um país ainda mais rico do que o Reino dos Incas, um saque que tornaria carente de sentido a discussão sobre Cuzco. Foi assim que o iludido Almagro armou aquele poderoso exército e marchou para o Sul, disposto a conquistar a Cidade dos Césares, Trapalanda ou Elelin.

O mesmo pesar, acompanhado de heroica resolução, que os Senhores de Tharsis sentiram, ao abandonar a península ibérica, no barco dos Welser, quando a mente voava para Huelva e revivia os dias de glória da Casa de Tharsis, deviam sentir, então, os Atumurunas, ao atravessarem o lago Titicaca rumo ao porto de Copacabana, deixando para trás a Ilha Koaty, onde viveram tantos anos e chegaram à Mais Alta Sabedoria Hiperbórea. A Casa de Skiold foi poderosa, séculos antes, em Tiahuanaco, até que a demencial vingança da Ordem de Melquisedeque quase extinguiu sua Estirpe — então, ao abandonar a região para sempre, os corações dos Atumurunas estremeciam, por causa do efeito desses sentimentos. A Alma, criada e apegada à história e ao solo, ao Tempo e ao Espaço, se rasgava de dor pelo afastamento definitivo da terra natal; mas o Espírito Incriado, que

descobre e mantém no Sangue do Iniciado a Memória da Origem, excede cada instante anímico de dor com a nostalgia infinita do Regresso à Pátria Primordial, à Hiperbórea Original — e diante da nostalgia de Hiperbórea, do desejo de abandonar tudo e partir para a Origem do Espírito, nada podem as garras da dor, nenhum efeito têm os apegos sentimentais às regiões infernais e aos objetos materiais da Terra.

Almagro saiu de Cuzco em 1535 e, no final de agosto, depois de atravessar as hostis terras altas do Sul, chegou à meseta de Titicaca — pisando calcanhares dos Atumurunas e do Povo da Lua. Estes, no entanto, a duras penas, conseguiram se adiantar à vanguarda dos aguerridos espanhóis. Os fugitivos passaram pelo povoado de Chuquiabo, hoje La Paz, quase sem se deter, e só fizeram uma parada de três dias em Sucre, ou cidade de La Plata, antes de descerem para os vales da Grande Quebrada de Humahuaca. Nisso, Almagro, que recolhia, em sua passagem, a surpreendente notícia de que um povo inteiro se deslocava na mesma direção em que ele ia, apressava as jornadas, com a intenção de alcançá-los e conhecer seu destino, talvez o rico país do Sul, a Cidade dos Césares. Confirmava sua ideia o fato de que aquele povo era, segundo concordavam todos os informantes, guiado por homens brancos e barbudos, semelhantes aos espanhóis, mas magnificamente vestidos com a indumentária dos Reis inga. Para Almagro, era altamente provável que aquele povo viesse da Cidade do Ouro e Prata, e que para ela se dirigissem.

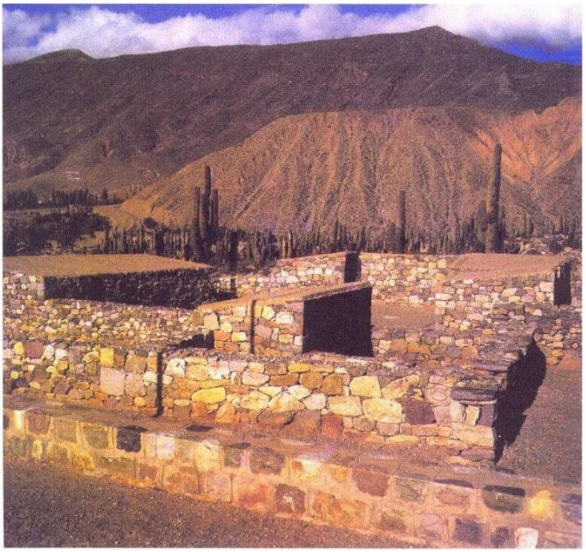
No entanto, jamais conseguiria alcançá-los. A caravana chegou ao povoado de Humahuaca com trinta dias de antecedência de Almagro. Ali, os Homens de Pedra verteram uma terrível ameaça sobre os nativos, apoiada por demonstrações de magia dos Atumurunas, com o objetivo de que dessem uma falsa pista para a expedição de Almagro a respeito da direção tomada pela caravana dos Iniciados. Os habitantes do povoado deviam desviar os espanhóis de Almagro para o Chile, assegurando-lhes que ali se encontrava a cidade de seus sonhos. Os nossos viajantes, enquanto isso, tomariam rumos muito diferentes: os Atumurunas iriam para o Leste, ao Grande Vale da Colina Kâlibur, perto do El Ramal *jujeño*; os Senhores de Tharsis continuariam em direção ao Sul, para o Pucará de Tilcara, de onde, por oposição estratégica, poderiam seguir para o Pucará de Andalgalá e, deste, até o Pucará de Tharsy, seu objetivo final.

Em Humahuaca, pois, separaram-se "para sempre" os Senhores de Tharsis e os Atumurunas — tornariam a se encontrar durante a Batalha Final, quando todos regressassem à frente de seus povos, para ajustar contas com os representantes das Potências da Matéria, os discípulos da Fraternidade Branca, o Povo Eleito. Da Fraternidade Branca e dos Deuses Traidores, naturalmente, cuidariam os Deuses Leais ao Espírito do Homem, talvez o próprio Lúcifer em Pessoa. Violante e os dois frades abraçaram efusivamente e deram uma chuva de beijos em Lito, Roque e Guilherme. Ninguém pôde evitar que as lágrimas sulcassem seus duros rostos, ainda

que, simultaneamente, rissem com alegria selvagem — as ordens dos Deuses foram cumpridas e isso era o importante. Por cenário semelhante passavam os Atumurunas, que deviam se despedir de sua única parente, a Princesa Quilla — mas ela era uma rude viking e não requereu a companhia de ninguém; pelo contrário, exigiu que todos os seus familiares se transladassem o quanto antes ao Externsteine do Valle Grande. Com os Senhores de Tharsis, para protegê-los e guardar o Pucará de Tharsy, iriam, em troca, 50 famílias do Povo da Lua. Uma semana depois de terem chegado, e quando Almagro se encontrava em Tarija, os viajantes retomaram a marcha.

Tudo ocorreu conforme desejavam os Senhores de Tharsis. Almagro foi despistado pelos índios e perdeu o rastro dos fugitivos. Depois de uma infrutífera busca em território argentino, foi para o Chile, após dez meses de penosa marcha, comprovando que, em nenhuma parte, aparecia o Império descrito por Pizarro. Em setembro de 1536 regressou, finalmente, a Cuzco, com suas tropas dizimadas e cansadas de tão inúteis travessias. Consumava-se, então, uma insurreição geral, que havia sitiado Cuzco e ameaçava reduzir a um desastre a conquista espanhola. A presença de Diego de Almagro colocou em fuga milhares de índios e salvou de morte certa Francisco e Hernando Pizarro, o que não impediu que este último o enforcasse, em 1538, depois de perder a batalha de Las Salinas.

A guarda dos Senhores de Tharsis e da Princesa Quilla compunha-se de 5 Amautas do Barrete Negro e 45 Quillarunas, com suas famílias. Os Amautas tinham grande autoridade no Império Inca e, por isso, não houve inconveniente para que as guarnições dos Pucará cumprissem suas ordens. Todos receberam a missão de abandonar seus postos e regressar para Cuzco, evitando cruzar, no caminho, com os espanhóis, uma vez que eles os escravizariam. E os espanhóis, carentes da Sabedoria Hiperbórea, nada poderiam fazer com aquelas fortalezas, cuja construção baseava-se no princípio do Cerco e da Muralha Estratégica — de fato, ainda que as ocupassem militarmente, jamais poderiam perceber os menires exteriores, as ***pedras de referência***, que permaneceriam invisíveis, mesmo quando estivessem em pé ao lado delas. Lito de Tharsis, sempre guiado pelos Amautas, deixou para trás o Pucará de Andalgalá e suportou, com os seus, as geladas inclemências dos Nevados do Aconquija — do outro lado dessa serra se abre o Vale de Thafy. Ao se aproximar do Pucará, um olhar em torno bastou-lhe para confirmar que aquele era o lugar procurado, ***a imagem Lítica que a Pedra de Vênus lhe mostrou na Caverna Secreta de Huelva***. Divisava-se claramente a fortaleza, de forma Vrúnica, e, fora dela, o Cromlech, o castro, em cujo interior se elevava o poderoso menir de Tharsy. Ao fundo, o fio de água de um pequeno rio regava as estéreis pedras do Vale, procedente de uma abertura entre as montanhas distantes.



O Pucará de Tilcara, na Província de Jujuy, Argentina.

Os recém-chegados ocuparam a praça e se dedicaram a preparar uma eventual ***Defesa Mágica — projetariam sobre a muralha de pedra o princípio do Cerco e, sobre ele, plasmariam uma das Vrunas de Navutan. Obteriam, assim, a Muralha Estratégica — invulnerável, diante da Estratégia espacial e temporal dos espanhóis adormecidos. Depois, realizariam a oposição estratégica à pedra de referência, ao menir de Tharsy, e toda a área*** se tornaria culturalmente invisível ***— então nunca poderiam ser descobertos pelos homens adormecidos***. Como conseguir que tal proteção fosse permanente? Praticando a Agricultura Mágica, ***herança dos Atlantes brancos, na área exterior da Muralha Estratégica. Ao germinar, crescer e amadurecer, as sementes, cuja informação genética foi alterada pelo poder transmutador do Espírito Incriado, não respondem à sua finalidade arquetípica, ao modelo que se encontra no Céu atual, mas a um Paradigma próprio de outro Céu, um molde de outro Mundo — e esse Céu desconhecido é o que regerá, depois, o Microclima da Praça Liberada, mantendo-a fora do alcance visual ou físico do Inimigo***.

Tais precauções não eram exageradas, pois, se bem que Diego de Almagro não representou nenhum perigo, e teve o triste fim que mencionei, oito anos mais tarde se apresentaria outro Inimigo, que vinha com a intenção declarada de localizar o refúgio dos Senhores de Tharsis. Em 1543, efetivamente, o Governador do Peru, Cristóbal Vaca de Castro, sabedor da infrutífera perseguição realizada por Almagro, decide tentar melhor sorte,

mediante uma nova expedição. Oficialmente, tentar-se-á explorar e ocupar o território do Tucumã, mas, secretamente, o objetivo principal era a busca de "outros brancos" e da Cidade dos Césares. O homem de confiança de Vaca de Castro era o Capitão Diego de Rojas, espanhol de Burgos, que participara na conquista da Nicarágua e que se encontrava, na época, em La Plata, ou Sucre. De 1542 até 1543, preparou-se a expedição, que, finalmente, contava apenas com 200 homens, ainda que bem equipados, e se recolheram dados sobre os povos da Quebrada de Humahuaca e o país do Tucumã. Rojas, da mesma forma que Vaca de Castro, suspeitou que Almagro foi enganado pelos índios e que "o Rei Branco" fugiu para o Sul, em direção ao Tucumã. Por isso, apesar de que, sempre "oficialmente", enviou uma frota do Peru para aguardá-lo no Chile, diante do porto de Arauco, Diego de Rojas se propõe a adentrar, o mais possível, em direção ao Sul, seguindo o rastro dos fugitivos. Sobe, assim, até a meseta do Titicaca e desce à Quebrada de Humahuaca, tendo que manter permanentes combates contra os índios, que foram alertados, pelos Amautas do Barrete Negro, sobre as intenções conquistadoras dos espanhóis — os *ocloyas, humahuacas, pulares, jujuyes,* etc. os atacaram sem cessar, durante toda a travessia da *puna jujeña*. No entanto, conseguiram chegar a Chicoana, hoje Molinos, e ali, quis a sorte que descobrissem umas ***galinhas de Castela*** em poder dos índios *Quilmes*; galinhas que lhes foram obsequiadas pela Princesa Quilla, o que determinou que o rumo dos expedicionários se aproximasse perigosamente do Pucará Tharsy. A presença das galinhas convenceu Diego de Rojas de que naquela região viviam "outros brancos", tal qual acreditava Almagro, e o impulsionou a atravessar todo o Vale Calchaqui, quer dizer, de Norte a Sul, até Tolombon e depois, por ***Fuerte Quemado***, até Punta de Balasto, cruzando, então, os Nevados do Aconquija, para sair na altura de Concepción del Valle Thafy. Afortunadamente, aquela rota levou os espanhóis muito ao Sul e não houve necessidade de se colocar em teste as defesas mágicas do Pucará de Tharsy, agora transformado em residência permanente dos Senhores de Tharsis.



Diego de Rojas enfrentou valentemente os *juries* do Tucumã, sem conseguir notícia alguma sobre o "Rei Branco", e depois continuou sua marcha errada para o Sul, explorando terras que foram denominadas conforme a raça de seus habitantes: "juries" ou Santiago del Estero; "diaguitas" ou Salta, Tucumã, Catamarca, La Rioja, San Juan, e noroeste de Córdoba; e "comechingones" ou Córdoba. Em seu regresso desses estéreis percursos, na altura de Salavina, em Santiago del Estero, o valoroso Diego de Rojas encontrou a morte, por causa do veneno que uma flecha diaguita depositou em sua perna. Três anos depois de sua partida, aquela expedição regressou ao Peru, sob o comando de Nicolau de Heredia, que, não obstante a perda de Rojas, ainda passou um ano percorrendo o Vale de Thafy, em busca da Cidade dos Césares.



Círculos de Pedra em Tafí del Valle, na Província de Tucumã, Argentina.
(Acima, os Círculos se escondem entre a vegetação. Abaixo, outros círculos aparecem no meio de uma grande depressão, cercados pelo Cerro Ñuñorco)

Logo se realizou outra tentativa, em 1549, quando Juan Núñez del Prado se dirigiu a Tucumã com setenta homens — alguns deles Golen — entusiasmado pelos relatos de vários membros da expedição de Rojas. Tampouco achariam a Cidade dos Césares ou o Pucará de Tharsis. Durante vinte anos, desde a excursão de Diego de Rojas até a vinda a Tucumã de Francisco de Aguirre, realizaram-se, em vão, tentativas semelhantes que, no entanto, tiveram a virtude de ir semeando a região de povoados e cidades espanholas. San Miguel de Tucum é fundada em 29 de setembro de 1565, por Diego de Villarroel, sobrinho de Francisco de Aguirre. Da mesma forma que El Barco, hoje Santiago del Estero, San Miguel de Tucumán mudou seu assentamento original, em 1680, por obra do Governador Fernando

Mendoza Mate de Luna e com a autorização do Rei Carlos II. O progresso econômico da província, não baseado no ouro e prata que os primitivos exploradores procuravam, mas sim na exploração da terra e na escravidão dos índios, fez com que se esquecessem muito rapidamente das histórias da Cidade dos Césares e da existência do Rei Branco. Ao redor do Pucará de Tharsy surgiu um povoado habitado pelos descendentes dos Quillarunas, mas a fortaleza jamais foi descoberta pelos espanhóis nem pelos posteriores governantes *criollos*. Em seu lugar, se estabeleceu um enorme rancho, ou fazenda, que continha o invisível Pucará, e que foi finalmente legalizada pelos netos de Lito de Tharsis, que se infiltraram no Governo e compraram as áreas com o bom ouro inga, que conservavam de sua passagem por Koaty. ***E no interior do Cromlech, junto ao menir de Tharsy, sobre a antiquíssima Apacheta de*** Voltan, *purihuaca Voltan*, ***descansava a Espada Sábia, aguardando o Sinal Lítico da Batalha Final***.

Sexagésimo Primeiro Dia

Chegamos, pois, ao século XX, Dr. Siegnagel! E chegamos, não porque a passagem implacável do tempo nos tenha conduzido a ele, mas porque decidi pular 400 anos da história americana de nossa Estirpe. Assim o farei para apressar o final da carta, pois suponho que o senhor deve estar cansado da leitura e acredito que já pode compreender o drama da Casa de Tharsis e tirar suas próprias conclusões. Como sabe, eu descendo de Lito de Tharsis e da Princesa Quilla, que formaram uma família que sempre permaneceu no local do Pucará de Tharsy, em Thafy del Valle, Província de Tucumã. Durante esses quatro séculos, houve muitos Noyos e Vrayas que guardaram a Espada Sábia. Eu mesma fui Vraya por dez anos, e os últimos cinco em companhia de meu filho Noyo. Pois bem, Dr. Siegnagel, para acabar a narração de forma clara, só resta acrescentar uma palavra sobre a reação do Inimigo, que, nesses séculos, não esqueceu nem por um instante os Senhores de Tharsis e a Espada Sábia, nem tampouco a Estirpe de Skiold.

Ao que parece, explorando pacientemente os Registros Culturais de milhares de Mundos de Ilusão semelhantes a este, a Fraternidade Branca conseguiu reconstruir, com bastante aproximação, os passos dados por Lito de Tharsis na América. Os Demônios souberam que a linhagem de Skiold tinha se dirigido para um Vale Secreto da Província de Jujuy, cuja entrada estava selada com as Vrunas de Navutan, e que Lito de Tharsis prosseguiu, em troca, para Tucumã, mas perderam, contudo, qualquer rastro do destino posterior do Iniciado hiperbóreo. Diante dessas certezas, a Ordem de Melquisedeque dispôs que dezenas de seus melhores agentes se distribuíssem nas zonas onde poderiam estar escondidos os Homens de Pedra, ou nos lugares ***de onde poderiam emergir no Futuro***. A Espada Sábia, e a Coroa do Rei Kollmann, com suas malditas Pedras de Vênus,

seriam uma vantagem estratégica na Batalha Final que, de nenhuma forma, os Demônios de Chang Shambala poderiam permitir. Mas os Mundos de Ilusão são milhões e, em todos, os argumentos arquetípicos, as histórias da História, se desenvolvem simultaneamente. Só em um de tais Mundos acontece a trama que será Real no Final, quando o Senhor da Guerra a confirme, desde o Princípio, conforme predisse o Capitão Kiev, em São Félix de Caraman. A Fraternidade Branca sabe que assim será, mas não pode conhecer, previamente, qual será o Mundo Real dos Senhores de Tharsis. Portanto, enquanto isso, se vê obrigada a desdobrar seus agentes infernais, seus Mestres, Sacerdotes, e Iniciados, ao redor da antiga rota que Lito de Tharsis tomou, na América; e em muitos Mundos ao mesmo tempo. Mas, dessa vez, procurarão evitar "cometer erros" — para isso determinaram que qualquer sinal dos Senhores de Tharsis, ou de Skiold, seja comunicado a Chang Shambala, com o objetivo de que Bera e Birsa, pessoalmente, tratem de tão vital assunto. E assim será, Dr. Siegnagel: em pleno século XX, mas da mesma forma que há milhares de anos em Tharsis, os Demônios Imortais se aproximarão dos homens despertos para consumar sua atroz vingança. E esses homens só serão salvos pelo Sangue Puro, a Recordação da Origem que liberta o Espírito Incriado. Aqueles que tiverem seu Espírito orientado, talvez morram agora nas mãos dos Demônios, como eu mesma certamente morrerei. Mas, então, eles só conseguirão matar o corpo animal em ***um Mundo***, só obterão uma pele vazia, uma vitória vã. No final, quando sobrevier a Batalha Final — e o Senhor da Guerra tiver confirmado a Realidade do Mundo do Espírito — todos nós, que fomos mortos pela causa do Espírito, estaremos Vivos para sair do Universo do Uno, passando por cima das Potências da Matéria. Enquanto isso, às nossas costas, se desencadeará o Holocausto Final dos Demônios da Alma.

E, assim, chegamos ao século XX, Dr. Siegnagel, cercados por todos os lados de agentes da Fraternidade Branca. No entanto, enquanto a Espada Sábia ou a Coroa do Rei Kollmann permanecessem detrás dos Cromlech, os Demônios não poderiam relacioná-las com o Tempo e não saberiam em qual mundo agir. Podíamos, pois, nos mover relativamente sem sermos notados, mas as coisas mudariam nos últimos anos, quando o Capitão Kiev se faria presente, para adiantar instruções sobre a Batalha Final.

Da Estirpe de Lito de Tharsis surgiram troncos de várias famílias, que ainda existem na Argentina e em outros países. Algumas se protegiam dos Golen, disfarçando sua origem ou negando as conexões genealógicas que as ligavam com a Casa de Tharsis, mas todas são mais ou menos conscientes dessa história. No entanto, essa mesma distância as afastou do *Noyvrayado* e da Iniciação Hiperbórea. Foi assim que, neste século XX, só os membros de minha família, que sempre viveram no Rancho de Tharsy, mantiveram o Culto do Fogo Frio e guardaram a Espada Sábia. E, na década de sessenta, ainda que a Estirpe não corresse risco de se extinguir, de forma alguma, só restava ***um*** Iniciado Hiperbóreo capaz de realizar a Estratégia dos Deuses Libertadores: eu, Belicena Villca. Era viúva e tinha só um filho, o qual tinha

enviado a Buenos Aires para cursar a carreira militar, mas não vacilei em adotar o *Noyvrayado*, quando meu avô, que permanecera trinta anos junto ao Menir, faleceu, em 1967. Tinha se produzido, então, uma nova situação: ainda que a Estirpe possuísse muitos membros, a cadeia iniciática estava ameaçada de se romper, implacavelmente. Felizmente, em 1972, meu filho Noyo regressou em meu auxílio, disposto a receber a Iniciação Hiperbórea e tornar-se um autêntico Noyo, Guardião da Espada Sábia. Em quatro meses foi preparado, de junho a outubro, e depois morreu e renasceu como Homem de Pedra, e ficou ao meu lado, diante do Menir de Tharsy e da Espada Sábia. Ele tinha solicitado baixa das Forças Armadas para se consagrar à missão familiar, mas seus contatos com certo grupo nacionalista, integrante dos Serviços de Inteligência do Exército, o impediram de se dedicar à Guarda de forma permanente. A questão era que Noyo não desejava renunciar ao que considerava uma questão de Honra: a luta contra a subversão marxista que, naqueles dias, agitava todo o país e, em particular, nossa Província.

Por seu excepcional conhecimento do terreno, e por seu julgamento preciso ao avaliar a Estratégia do Inimigo e recolher informações, meu filho foi um dos cérebros cinzentos que ajudaram, das sombras, a desbaratar a guerrilha comunista que pretendia se fazer forte nos montes tucumanos. Seus valiosos relatórios, comunicados aos camaradas de Buenos Aires, contribuíram, em alto grau, para traçar os planos do Estado Maior, que acabaram com a ameaça guerrilheira. Naturalmente, eu me opunha a essa atividade, aparentemente alheia à missão iniciática, mas Noyo repetia sempre que aquele movimento subversivo nas imediações do Centro Carismático era um sinal certo da proximidade do início da Batalha Final. E não se enganara, como logo veio a confirmar isso o Senhor de Vênus.

Tudo começou em 1975, nos dias em que o Exército, sob o comando do General Adel Edgardo Vilas, se dedicava a terminar com os últimos focos da guerrilha suburbana e começava a árdua tarefa de desmantelar a infraestrutura urbana das organizações subversivas. A enérgica ação do Exército, que executava com precisão matemática seus planos de aniquilação, ofereceu ao Noyo tempo suficiente para se dedicar à missão e já fazia, então, vários meses que estava comigo no milenar Cromlech. Um dia, no final desse ano, estávamos ambos profundamente concentrados, meditando sobre a Pedra de Vênus e o Mistério do Fogo Frio. Tínhamos o olhar fixo na Espada Sábia e nenhum de nós notou que uma mudança substancial se produzia no Menir de Tharsis, situado exatamente atrás da Apacheta com a Espada Sábia. Algo como uma neblina leitosa tinha invadido a enorme Pedra, a qual, quando notamos o fenômeno, já não era possível distinguir. Não obstante, pouco a pouco, foi se plasmando, no lugar do Menir, a imagem corpórea de um Gigante de Outro Mundo. Na verdade, tratava-se de um fenômeno duplo, pois, na Pedra de Vênus, ia surgindo, nitidamente também, a imagem de um lugar desconhecido — igualmente, um Vale, mas em nada semelhante ao de Thafy que Lito de Tharsis vira, quatrocentos anos antes — ***este Vale agora mostrado possuía dois Rios***

que o sulcavam longitudinalmente — da mesma forma que os Rios Tinto e Odiel, no Vale de Tharsis, em Huelva. Em um dos extremos, na direção Oeste da figura, podia-se perceber claramente uma colina, que tinha em sua encosta a entrada de uma caverna em forma de Vruna.

— ***Graça e Honra, Sangue de Tharsis!*** — disse o Gigante, enquanto levantava o braço direito para expressar o Bala Mudra. Ambos compreendemos que se tratava do Capitão Kiev, um dos Senhores de Vênus. O Capitão Kiev, que tinha se despedido de nossa Estirpe "até a Batalha Final"! Por acaso, tinha chegado o momento, ansiado por tantos séculos, de que os Deuses acompanhassem novamente os homens em seu Confronto Final contra as Potências da Matéria? Apressamo-nos a responder à saudação, aguardando com expectativa Suas sábias palavras:

— Salve, Capitão Kiev!

E o Senhor de Vênus dirigiu-se a nós dessa maneira:

— ***Sangue de Tharsis, trago-vos a saudação de Navutan, o Senhor da Guerra! E também vos trago Sua Palavra! Prestai atenção, abri bem vossos sentidos, porque essa é uma oportunidade única,*** o *Kairos* da Batalha Final! ***Como sempre ocorreu, e como não poderia ser de outra maneira, dado o lugar infernal em que vos encontrais, sou portador de boas e más notícias para vós. As boas consistem, a princípio, na ordem do Senhor da Guerra que agora vos transmito: é da Vontade de Navutan que a Espada Sábia seja transportada ao lugar que vistes na Pedra de Vênus! Esse local é um Vale que se encontra nas regiões do coração da Argentina, muito perto da Colina Uritorco, a Colina de Parsifal, onde o Senhor da Guerra, em um remoto passado, depositou seu Bastão de Comando junto a uma Fortaleza, construída por Guerreiros Sábios, que o conheciam como "Cacique Vultan". Em outra Colina desse vale, que terá que ser localizado, encontra-se uma Caverna Secreta, construída pelos Atlantes brancos e protegida pelas Vrunas de Navutan. Para lá deve ser levada a Espada Sábia! Perguntar-vos-eis por que se deve fazer isso e vos responderei que se trata de um dos atos fundamentais da Batalha Final — trata-se, na verdade***, do vínculo entre os Deuses e os homens adormecidos. ***Os Senhores de Tharsis, bem como os Senhores de Skiold e outras Estirpes semelhantes, são homens despertos que sempre contaram com um Mistério Revelado e uma Pedra de Vênus para obter a orientação para a Origem e a Iniciação Hiperbórea. Inclusive, à vossa Estirpe foi encomendado iniciar dessa forma o Senhor da Vontade e Valor Absolutos, o Führer da Raça Branca. Por isso, ser-vos-á difícil imaginar um Iniciado da Orientação Absoluta, um Pontífice Hiperbóreo capaz de construir, em qualquer tempo e lugar, a ponte indestrutível entre o Criado e o Incriado, entre a Ilusória Atualidade e a Realidade da Origem. Esse Iniciado não requer qualquer outra referência a não ser o Si Mesmo para se orientar à Origem; ele é sua própria "Pedra de Vênus" — e não pode ser desorientado, nem***

enganado, nem desviado, de nenhuma forma, de sua Missão Estratégica.

E esse Iniciado, Sangue de Tharsis, já está na Terra! Sim! O Senhor da Orientação Absoluta está aguardando que a Espada Sábia seja colocada na Caverna Secreta para conduzir até a Pedra de Vênus os homens adormecidos — homens que, não obstante sua imersão na Ilusão, manifestam a vontade de libertar o Espírito Eterno de sua prisão material! Se esse vínculo chegar a ocorrer — o contato entre os homens adormecidos e os Deuses — então, inevitavelmente, terá começado a Batalha Final na Terra!

Sim! Esse Iniciado fundará uma Ordem de Construtores e instruirá seus membros na Sabedoria Lítica dos Atlantes brancos. Depois, como vos disse, ensinar-lhes-á as técnicas necessárias para que encontrem a Pedra de Vênus, mesmo quando esta esteja por trás das Vrunas de Navutan. Muitos serão os Eleitos que anelarão a Pedra de Vênus, a Porta do Outro Mundo, mas só um, dentre eles, será Noyo. E esse Noyo, que escutará a Língua dos Pássaros, será capaz de encontrar a entrada da Caverna Secreta e se unir a um de vós e à Espada Sábia. A partir desse momento, se travará a Batalha Final sobre a Terra. A ordem de Navutan significa, pois, que deveis aproximar a Espada Sábia e o Pontífice, que a está aguardando, cumprindo assim a última etapa da Estratégia dos Deuses Libertadores!

Sangue de Tharsis! Sei que cumprireis, sem hesitar, a Ordem do Senhor da Guerra mas, para fazer melhor, recomendo prestar atenção às más notícias que vos trago. Antes de mais nada, tende em mente que o Mundo atual onde vos moveis, fora do Cromlech, está sob observação permanente por parte do Inimigo. Não será fácil, nessas condições, retirar a Espada Sábia do Centro para levá-la ao Vale de Avalon. Ainda que a distância, em quilômetros, aparente ser muito curta, na verdade, se não tomais precauções apropriadas, jamais podereis chegar ao destino, por muito breve que seja o caminho a percorrer. Nem bem a Espada Sábia seja retirada para fora do Cromlech, seu Poder distorcedor do Espaço e do Tempo revelará ao Inimigo em qual Mundo se encontra o Mal, a Morte da Alma, ***e para lá correrão os Demônios Imortais para impedir o sacrilégio contra a Lei do Uno. Não! Se não procedeis de acordo com a Mais Alta Estratégia da Guerra Essencial, jamais chegareis ao Vale dos Três Picos com a Espada Sábia!***

Em segundo lugar, e agora vos anunciarei as más novas, deveis contar com que a situação se agravará, à medida em que transcorrem os anos, até se tornar totalmente impossível a reunião entre a Espada Sábia e a Ordem de Odin. Ter-se-á que agir, pois, no tempo certo: a Ordem procurará a Espada Sábia e encontrará com Ela no "Kairos" da Batalha Final. Mas, para que isso se concretize, só um de vós irá com a Espada ao Vale dos dois Rios; o outro não terá outra alternativa

a não ser cobrir a retirada de seu Irmão e Camarada. Não diminuirei os riscos em que implica semelhante tática — quem ficar, deverá atrair sobre si toda a atenção do Inimigo, estando preparado para suportar uma pressão física e astral cuja intensidade superará em muito a resistência humana normal. Mas vós sois Iniciados Hiperbóreos, Homens de Pedra, e vosso Eu está isolado da Alma pela Vruna de Navutan, vosso Espírito Eterno já vislumbra a Origem. Tendes a possibilidade de resistir e vencer. Aquele que de vós ficar, e confrontar o Inimigo, talvez morra neste Mundo. No entanto, sua ausência será por pouco tempo, até a Batalha Final.

Disse-vos que a situação se agravará. Digo-vos agora que já começou a se agravar. As forças militares que apoiavam Noyo logo serão enfraquecidas por uma ofensiva da Sinarquia Internacional. Nos próximos anos, ainda operarão as forças patrióticas, mas carecerão de Poder Político. A guerrilha apátrida será derrotada militarmente, mas a subversão sinárquica que a gerou, pelo contrário, acabará se apoderando do Governo desta Nação, subordinando imediatamente o Poder Político ao Poder Econômico Internacional. Chegar-se-á, então, a um estado de dependência financeira irreversível entre a Nação e o Sistema Bancário Mundial. A conspiração visará a converter a Nação em uma moderna colônia, uma colônia cujos colonos serão, invariavelmente, os membros do Povo Eleito. Sim! Ainda que pareça fantástico, milhões de judeus planejam se assentar neste solo! Isso não é casualidade — a escolha implica em que se procura deter, ou atrasar o mais possível, a Batalha Final, dando tempo para a formação do Governo Mundial do Povo Eleito. E porque o Povo Eleito suspeita que, de alguma forma, esta Nação terá um papel fundamental durante a Batalha Final, é que se decidiu ocupá-la e destruí-la.

Nesse contexto diabólico vós tereis que agir, Sangue de Tharsis! O que acontecerá se tiverdes sucesso? No melhor dos casos, ocorreria um tríplice encontro: além de vos encontrar com o *Pontifex Maximus*, ***o Senhor da Orientação Absoluta, ocasionado por esse mesmo fato, pode acontecer que surja, como um trovão, a Voz do Povo, o Líder carismático do Sangue Puro. Encontrando convosco e o Pontífice, no exato momento em que os homens adormecidos começarem a despertar para a realidade da Origem que a Pedra de Vênus revela, o Líder carismático será reconhecido por todos como único representante da Função Régia e se colocará à frente desta Nação, erguendo-a das ruínas morais e materiais em que a afundou a conspiração sinárquica. Então, sobrevirão dias de esplendor jamais vistos. A Nação se erguerá como uma das Potências Espirituais da Terra. Os Guerreiros Sábios e a Sabedoria Hiperbórea, como nos tempos da Atlântida, se exibirão à luz do dia, enquanto no resto do Mundo os homens espirituais se apressarão para chegar até aqui,***

quando a Sinarquia Universal e o Povo Eleito se prepararem para travar a Batalha Final. Não deveis esquecer, pois, na Estratégia a seguir, da Função do Líder carismático. Ele será reconhecido por todos e Ele vos reconhecerá! Se Ele vos reinvidicar, em seu tempo, a Ele deveis oferecer o auxílio da Sabedoria Hiperbórea, para que realize, com sucesso, a missão de levar ao máximo extremo a tensão dramática do Fim da História!

Porém, se o Líder carismático não é encontrado no "Kairos", e não se apresenta, a Batalha Final será, da mesma forma, inevitável, a partir do momento em que os homens adormecidos encontrem a Pedra de Vênus e se reencontrem com sua Origem Extraterrestre — e reclamem aos Deuses a Libertação do Espírito. Então, os Deuses Leais ao Espírito do Homem, como decidiram, desde o tempo do afundamento da Atlântida, acudirão pela última vez em resgate do Homem Hiperbóreo. E essa descida, essa Batalha Final, conduzida por Navutan, o Senhor da Guerra, e supervisionada por Ama, a Virgem de Agartha, sinalizará o Final da Fraternidade Branca e de sua infernal Morada Solar, a Chave Kâlachakra de Chang Shambala.

Resumindo, vossa missão consistirá em transportar a Espada Sábia para a Caverna Secreta, no Vale sobre o Soto. A época se apresenta como a menos propícia para executar tal operação, e, por isso, havereis de desenvolver táticas separadas: um de vós levará a Espada Sábia, enquanto o outro servirá de isca para distrair a atenção do Inimigo. Quem realize a primeira missão deverá empregar com maestria a Via da Oposição Estratégica***, para se deslocar com sua valiosa carga — o que equivale a dizer que primeiro disporá de um alforje com uma variedade suficiente de*** lapis oppositionis***, ou seja, de pedras arquetipicamente indeterminadas, de pedras possuidoras de uma dimensão ilimitada, infinita, a qual será obtida pela plasmação do Signo da Origem que vós projetareis sobre elas. O Iniciado que fizer tal ação, mover-se-á sobre um caminho estratégico, imprevisível para o Inimigo, mesmo quando Ele saiba que a Pedra de Vênus está se deslocando entre os Mundos de Ilusão. Irá sempre isolado pela*** Arquêmona Vrúnica Infinita***, e colocará, após cada trecho de distância estratégica do Labirinto, um*** lapis oppositionis ***no caminho. Deixará, assim, um obstáculo intransponível para o Inimigo, uma Pedra de Tropeço e Desvio, uma prova do Infinito Atual do Espírito Eterno. O Princípio Incriado do obstáculo, do*** lapis oppositionis***, causará a perplexidade absoluta do Inimigo — diante dele não há nenhuma referência possível, todos os Mundos se confundem, a Ilusão se torna o Uno. E enquanto o Inimigo se recupera, e tenta localizar o rastro, o Iniciado Hiperbóreo avançará, em oposição às Potências da Matéria, para um novo desvio do Labirinto, colocando, então, outro*** lapis oppositionis ***depois dele. Só assim, ao movimentar-se em oposição estratégica, contando com a ajuda do outro Iniciado que se desloca***

simultaneamente para uma direção diferente, atraindo sobre si o interesse do Inimigo, o primeiro Iniciado conseguirá levar a Espada Sábia ao Vale da Candelária.

O segundo Iniciado Hiperbóreo também levará alguns lapis oppositionis, ***mas irá colocando-os em distâncias mais extensas, dando tempo ao Inimigo para que siga seu rastro e acredite que a manobra é realizada por apenas um Homem de Pedra, que, cedo ou tarde, se conseguirá capturar. É claro que, se isso ocorre, se o Inimigo consegue se apoderar do segundo Iniciado, a operação será cumprida de qualquer modo, mas ninguém o salvará das represálias dos Demônios Imortais. Esses são os riscos que tereis que correr, para cumprir a ordem do Senhor da Guerra. Vós decidireis quem levará a Espada Sábia e quem distrairá o Inimigo, e descobrireis a oportunidade, o "Kairos", para agir!***

Senhores de Tharsis! Disse quanto tinha a dizer e não convém, por motivos estratégicos, acrescentar mais nada. Reitero-vos a saudação de Navutan e me despeço até o próximo encontro, no "Kairos" da Batalha Final. Graça e Honra, Sangue de Tharsis! — desejou-nos novamente o Senhor de Vênus, levantando o braço direito para expressar o ***Bala Mudra***.

— Salve, Capitão Kiev! — respondemos, praticando também o ***Bala Mudra***, que sempre foi a saudação secreta da Casa de Tharsis.

Sexagésimo Segundo Dia

A névoa se dissipou e estávamos novamente diante do Menir de Tharsy. Ambos nos olhamos com a interrogação plasmada no rosto, conscientes de que enfrentávamos o mesmo dilema. Quem cumpriria a ordem de transportar a Espada Sábia ao Vale de Córdoba? E quem assumiria a missão suicida de distrair o Inimigo? Para mim, a questão não oferecia dúvidas — eu me ocuparia da tática de distração. Mas supus, e supus bem, que Noyo se oporia a essa decisão — ele, dizia-me, estava mais bem dotado para oferecer ao Inimigo maior resistência, jamais se renderia. Eu deveria viajar com a Espada Sábia, enquanto ele desviava, depois de seus passos, a atenção do Inimigo.

Muito me custou, Dr. Siegnagel, persuadi-lo de que meu plano era estrategicamente superior. E o era porque não visava apenas a colocar em segurança a Espada Sábia, mas também contemplava a possibilidade muito provável de que o Senhor da Orientação Absoluta e sua Ordem de Construtores Sábios requeressem também o apoio da Sabedoria Hiperbórea da Casa de Tharsis, especialmente a valiosa experiência recolhida em milênios na luta contra as Potências da Matéria. Quem conhecia melhor do que os Senhores de Tharsis a conspiração sinárquica dos Golen, hoje

confirmada em todas as Igrejas Cristãs, e seu modo de agir? E sobre Bera e Birsa? Quem tem mais direito do que os Senhores de Tharsis para demonstrar as sentenças de extermínio dos Demônios? Na minha opinião, que, finalmente, se impôs, seria Noyo que localizaria a Caverna Secreta e se instalaria nela como Noyo da Pedra de Vênus, mantendo a Guarda até o dia em que o Pontífice Hiperbóreo construísse a ponte metafísica, e um Noyo de sua Ordem de Construtores cruzasse por ela para se conectar com os Deuses Libertadores.

Estando de acordo sobre quem executaria cada papel, nos dedicamos a planejar a estratégia particular que nos permitiria cumprir as ordens dos Deuses. A estratégia ideal, conforme concordamos, consistiria em criar um clima caótico ao redor do Rancho de Tafí, dando origem a situações logicamente imprevisíveis, que favorecessem nossa operação. Assim, em meio a uma situação de alto valor estratégico para nós, mas totalmente alheia a tais objetivos para qualquer observador estranho à Casa de Tharsis, Noyo sairia repentinamente com a Espada Sábia, e empreenderia o caminho para a Caverna Secreta. Simultaneamente, eu me deslocaria em sentido contrário, ostensivamente, para distrair o Inimigo. Seria rapidamente detectada, mas o risco era calculado — o importante era ganhar tempo, ***durar*** o suficiente para que Noyo chegasse ao Vale de Córdoba. Com esses objetivos, preparamos com detalhes todas as fases do projeto.

Dezoito meses depois, em abril de 1977, já dispúnhamos de tudo o que era necessário e nos encontrávamos ajustando os passos finais. Tínhamos os dois alforjes com as pedras indeterminadas, os ***lapis oppositionis***, prontos para praticar a oposição estratégica. E tudo estava pronto para criar o clima de caos que as circunstâncias requeriam. Isso se conseguiria com a colaboração involuntária do Exército. Explico melhor: para sistematizar a luta contra a guerrilha, o Exército tinha dividido o país em seis ***Zonas*** — a zona III compreendia as Províncias de Córdoba, La Rioja, Catamarca, Salta, Jujuy, Santiago del Estero e ***Tucumã***. Em Tucumã, a ***subzona*** abrangia a região do nosso Rancho e, em seu comando, se encontrava o Capitão Diego Fernández, fiel Camarada de meu filho. Em combinação com esse capitão, Noyo conseguiu que se organizasse uma gigantesca operação de busca e bloqueio na subzona de Tafí del Valle, a meados do mês de abril de 1977. O objetivo da operação era aniquilar uma fileira do ***E.R.P.***, Exército Revolucionário do Povo, que agia na subzona, contando com o apoio de alguns habitantes pertencentes ao ***P.R.T.***, Partido Revolucionário dos Trabalhadores. Nessa ***noite negra*** para os comunistas, o Exército obteria várias horas de ***zona franca***, durante as quais se interromperia o fornecimento de energia elétrica, e seus comandos se espalhariam por toda a cidade de Tafí del Valle e povoados circundantes, a fim de capturar os subversivos. Iriam para alvos certos, verdadeiros agentes da subversão e combatentes irregulares, a maioria dos quais foram apontados por Noyo. Foi por isso que Noyo solicitou, como cobertura tática, que nosso domicílio fosse revistado e se simulasse sua prisão — "isso afastaria as suspeitas do

Inimigo" — alegou. Quando tudo ficou pronto para a ação, foi acordado que Diego Fernández, em pessoa, se ocuparia de sua falsa captura, com o objetivo de evitar os imprevistos ou confusões que pudessem surgir, se interviessem outros militares, e assim assegurar sua imediata libertação. Libertação que Noyo aproveitaria para desaparecer "por um tempo".

Naturalmente, nada disso ocorreria, pois Noyo partiria com a Espada Sábia, disposto a não regressar mais a Tafí del Valle. Mas disso não sabiam seus Camaradas do Exército. De acordo com a particular metodologia repressora que empregavam as Forças Armadas na luta antisubversiva, nunca davam ordens de arrombamento e invasão ou sequer informavam à Justiça sobre os ataques noturnos do tipo que realizaram em Tafí del Valle — os suspeitos eram simplesmente sequestrados, passando, dali em diante, a participar da, ainda mais suspeita, categoria de ***"desaparecido"***. Dessa forma, no dia seguinte ao ataque, Noyo constava como um dos "200 desaparecidos de Tafí del Valle". Para começar, então, a representar meu papel, eu apareci nos Tribunais e apresentei o inútil ***habeas corpus***, junto com os restantes familiares dos desaparecidos. O recurso legal, como já era de costume, foi rejeitado, uma vez que os Juízes compartilhavam da metodologia oficial ou até temiam aumentar, eles mesmos, a fatídica lista de desaparecidos. E ocorreu assim que, ao não possuir uma resposta oficial razoável sobre o paradeiro de meu filho, comecei a me movimentar por minha própria conta; a início, de forma muito lenta e dissimulada, mas depois, ao me valer da ***oposição estratégica***, mais rapidamente, até desaparecer completamente.

Para desespero do Inimigo, que logo seguiu minha pista, costumava desaparecer completamente, em determinado local, e aparecer como "por arte de magia", em lugares por vezes muito distantes. Avançava e voltava sobre meus passos, desconcertando permanentemente aqueles que me vigiavam — ora estava em Jujuy, ora em Tafí del Valle, depois na Bolívia, e depois, novamente em Tucumã, em questão de horas, se é que o tempo serve de alguma referência na guerra mágica que tinha empreendido. Além disso, o Inimigo era incapaz de determinar o Mundo em que me encontrava, a todo momento — se tropeçava em um ***lapis oppositionis***, por exemplo, podia ocorrer que, ao seguir o caminho que eu, supostamente, tinha seguido, encontrasse um Tafí del Valle no qual nunca tinha vivido a família Villca; ou com uma Belicena Villca que jamais se casara ou tivera filhos; ou com um Mundo no qual não se travasse a luta antisubversiva; etc. Mas, não obstante, eu me deixava detectar novamente para atrair o Inimigo, que vinha cada vez com mais violência sobre mim — era assim que eu conseguia o buscado efeito de distração. Enquanto isso, Noyo avançaria tranquilo para o Vale de Córdoba.

Durante um dos regressos repentinos a Tucumã, Segundo, o índio descendente do Povo da Lua, que nos serve como gerente no Rancho, informou-me que o Capitão Diego Fernández desejava me localizar, antes de partir da Zona III, uma vez que o tinham enviado a outro posto. Liguei para

ele no Regimento e acertamos um encontro no parque do Dique El Cadillal. Ali houve o seguinte diálogo:

— Bom dia, Senhora — saudou o Capitão.

— Igualmente — respondi laconicamente.

— A senhora e seu filho, meu bom Camarada Noyo, me deixaram muito preocupado, Senhora Belicena. A senhora teria que me dizer onde ele se encontra — ou avisá-lo para que se coloque imediatamente em contato conosco. As coisas mudaram muito nesses anos e é urgente que ele fique a par dos acontecimentos.

Encolhi os ombros como resposta, disposta a não negar nem confirmar nada, mas atenta à informação que poderia obter do Oficial. Eu também me encontrava ***"em operações"***, executando uma manobra tremendamente perigosa, de uma Guerra Essencial que aquele soldado não podia nem sonhar — e a disciplina própria dessa Guerra exigia desconfiar de tudo e de todos, mesmo do Camarada de meu filho. Pois todos os homens não Iniciados poderiam ser traídos por sua Alma, dominados animicamente e convertidos em um instrumento do Demiurgo Jeová-Satanás. Eu não podia correr nenhum risco desnecessário. No entanto, Dr. Siegnagel, vendo as coisas à distância, posso lhe assegurar hoje que o Capitão Diego Fernández era sincero em tudo quanto dizia, e que Noyo não tinha se equivocado ao confiar nele.

Vendo que eu nada dizia, o Capitão continuou, energicamente:

— Deveria conceder mais importância às minhas palavras, Senhora Belicena. Creio que a senhora está informada de que o desaparecimento de seu filho foi simulado: eu conduzi o Grupo de Tarefas que revistou seu Rancho e o levou preso; e eu que lhe permiti fugir, poucas horas depois. Ele era um de nossos agentes secretos, além de Oficial do Exército da Reserva, e o caso ficou bem documentado na área de Inteligência; existe um relatório meu ao Comandante G-2 sobre o ocorrido nessa noite e, além disso, há documentos prévios à operação, onde consta que Noyo era um dos nossos. O desaparecimento era necessário para oferecer cobertura tática à sua posição, mas não havia por que se exagerarem as coisas, prolongando desnecessariamente a sua ausência. Senhora Belicena, ele já deveria ter regressado há bastante tempo, ou se comunicado conosco. Não lhe ocultarei que agora sua situação se complicou de maneira incrível. A senhora mesma, Senhora Belicena, está correndo perigo mortal, com sua espantosa decisão ***de iniciar uma busca pessoal de seu filho desaparecido***! Não compreende que, com essa atitude, coloca-se no grupo dos subversivos? Que pode ser apontada abertamente como subversiva também?

Diante da expressão imutável de meu rosto, o Capitão suspirou, e prosseguiu com suas advertências:

— Não acredite, Senhora, que todos sabem do destino de seu filho naquela noite. A verdade só é conhecida por um grupo de Oficiais da Inteligência. Mas eles não falaram, nem podem falar, porque se o fizessem, exporiam Noyo a uma morte certa, nas mãos das organizações subversivas,

uma vez que, inclusive, nosso Serviço de Inteligência está infiltrado por elas. Mas a senhora, com seus atos absurdos, está sob a mira de outros Serviços de Inteligência, e inclusive é vigiada e seguida por membros de nossa própria Força, que ignoram a verdade dos fatos. E observe agora, senhora, que endiabrada trama se formou: se mantemos silêncio para proteger o Noyo, nosso Camarada, arriscamos a vida de sua mãe, pois, ao continuar a confusão, ninguém sabe quais medidas poderiam tomar os restantes Grupos de Tarefas que reprimem no Norte; e se falamos, salvamos sua mãe, mas mostramos perigosamente a função do Noyo, o que requerirá, finalmente, um verdadeiro desaparecimento para conseguir recuperar a segurança perdida, talvez uma mudança permanente de identidade, ou a residência prolongada em outro país. Compreende agora o problema, Senhora Belicena? Queremos saber o que fazer, pois, o que façamos, devemos realizar logo, urgentemente, como lhe disse antes, já que as coisas mudaram desfavoravelmente para nós, que professamos a ideologia nacional-socialista, entre os quais se conta, claro, o Camarada Noyo.

Sim. Então me dispus a dar uma resposta concreta ao Capitão. Sua eloquência me permitiu avaliar a situação de outro ponto de vista e compreendi que seria catastrófico para nossa Estratégia que os Camaradas de Noyo esclarecessem a situação e revelassem o ocorrido na noite de seu desaparecimento. Eu vinha afirmando, invariavelmente, em todas as ocasiões e diante de qualquer público, que meu filho Noyo ***"tinha sido assassinado pelas Forças de Repressão"***. O Inimigo não podia comprovar nem negar isso, porque, nesses dias, havia milhares de casos semelhantes, de pessoas que desapareciam, como Noyo, sem deixar rastro. Mas uma Pedra de Vênus tinha se movimentado, conforme percebiam os Deuses Traidores e, simultaneamente, eu começara meu deslocamento errático pelos diferentes Mundos do Norte argentino e outros países da América do Sul — e isso só podia se tratar de uma Estratégia contra os planos da Fraternidade Branca, Estratégia que os Demônios esperavam contra-atacar há quatrocentos anos. Até o momento, assim o acreditavam, pois ignoravam totalmente a manobra de Noyo. No entanto, tudo se desmoronaria se os militares esclarecessem o caso e o Inimigo se inteirasse do ocorrido depois do sequestro — sem abandonarem minha perseguição, reorientariam a busca para Noyo e colocariam em perigo o objetivo estratégico de sua missão. Eu tinha que evitar, pois, que os militares falassem. E mais, tinha que ganhar tempo, porque das palavras do Capitão se inferia que a urgência se devia a uma mudança que depois tornaria impossível qualquer esclarecimento. Certamente, seria a mudança política anunciada pelo Capitão Kiev, que submergiria a Nação na ruína econômica e moral, e a entregaria amarrada e amordaçada nas mãos da Sinarquia Internacional.

Tratando de dissipar a preocupação do Capitão sobre o meu destino ou o estado de Noyo, respondi-lhe, subitamente falante:

— Os senhores têm temores infundados pelo que me possa acontecer ou sobre o futuro de Noyo — afirmei. Certamente exagerei em meu papel, agora

vejo claramente — menti — e prometo-lhe que, a partir de hoje, cessarei de representá-lo. Quanto a Noyo, asseguro-lhe que está bem, ainda que ignore seu paradeiro. Ele se comunica comigo por meio de uma caixa de correio secreta e não vacilarei em lhe escrever imediatamente acerca de tudo o que o Senhor me disse. Terá que esperar um tempo, mas estou certa de que, ao saber que está sendo chamado, não tardará em aparecer. Assim, pois, sugiro-lhe não mudar a situação e aguardar o resultado dessas medidas. Não obstante, gostaria de saber algo concreto sobre as mudanças desfavoráveis para a nossa causa que mencionou, a fim de fundamentar para Noyo a importância da convocação.

— Vejo que a senhora é razoável, Senhora Belicena — encheu-se de esperança o Capitão — e por isso lhe fornecerei a informação que me solicita. A questão é muito simples: as forças nacionalistas e patriotas, que se mobilizaram em defesa da Nação, foram traídas, a partir da cúpula do Governo. Os Chefes máximos das Forças Armadas pactuaram com as organizações ocultas, partidárias do Governo Mundial, e decidiram entregar o país para um saque financeiro que destruirá as bases econômicas da sociedade. Enquanto esse sinistro plano se elaborava e se realizava, as únicas forças nacionais capazes de reagir foram entretidas em uma estéril luta contra organizações insurgentes, cujos líderes autênticos jamais apareceram. Com isso, conseguiu-se desprestigiar as Forças Armadas e neutralizar sua futura reação. Vencemos militarmente, mas seremos implacavelmente derrotados no campo político, já que os problemas econômicos que surgirão da política monetária e sinárquica que o Governo desenvolve, farão com que a sociedade se esqueça do objetivo honroso de nossa luta e nos acuse pela miséria subsequente — uma realidade que os obcecará, porque influirá diariamente em seus bolsos e em seus estômagos.

O Capitão Fernández encontrava-se evidentemente inspirado e, por instantes, me recordava as palavras do Capitão Kiev. Estávamos, então, no final de 1979, apenas dois anos depois de sua aparição no Cromlech de Tafi del Valle, e não apenas os avisos do Gigante estavam se cumprindo ao pé da letra, mas existiam mentes esclarecidas, capazes de compreender a realidade e descobrir também os planos do Inimigo.

— Mas isso não é tudo — prosseguiu o Capitão Fernández. O mais grave é que, concluída a luta antisubversiva no campo militar, único campo no qual nos foi permitido intervir, o Governo considera que os grupos nacionalistas das Forças Armadas representam um perigo potencial para os planos sinárquicos e decretou a inapelável destruição desses grupos. E essa ofensiva já começou, com a seleção ideológica dos melhores especialistas em luta antisubversiva dos Serviços de Inteligência, seu isolamento visando a presentes e futuros expurgos, e inclusive com seu assassinato, executado por membros de Serviços Secretos estrangeiros, convocados especialmente para tal efeito. Assim, pouco a pouco, surgiram grupos sinárquicos nos Serviços de Inteligência, com pessoal treinado, ou diretamente a seu serviço, por agentes de Israel (do Mossad ou o Shin Beth); dos E.E.U.U. (a C.I.A. ou

o F.B.I.); da Inglaterra (o MI-5, MI-6, I.S.); da União Soviética (K.G.B., G.R.U.), etc. E são essas organizações que a estão perseguindo, Senhora Belicena. É por isso que urge esclarecer as coisas, enquanto podemos, pois é provável que, em um prazo muito curto, nossos Camaradas sejam completamente neutralizados e retirados do Serviço ativo, para depois serem vendidos, de forma vil, para as mesmas forças subversivas contra as quais combatemos durante anos. Acreditamos que o Governo planeja transferir o Poder para políticos social-democratas ou socialistas, que permitirão que a esquerda adquira liberdade e poder suficientes para destruir as reservas morais da Nação, que estavam especialmente concentradas nas Forças Armadas. No entanto, esses políticos que, no fundo, são cipaios a serviço da Sinarquia, manterão a política econômica monetária liberal, que submeterá a Nação à dependência moral e à dissolução social. Na mesma situação descrita anteriormente me encontro: fui retirado sem explicações da luta anticomunista, com a evidente intenção de ser aposentado em pouco tempo, ou algo pior, se encontram os meus Camaradas restantes. Impõe-se, pois, a necessidade de agir agora, ou correr o risco de que a situação de Noyo nunca mais seja esclarecida, ou que a senhora possa ser atacada por algum dos novos grupos de Inteligência que já agem com total impunidade e repugnante falta de honra, e que habitualmente perseguem e executam pessoas com antecedentes nacionalistas, mais do que conhecidos agentes da subversão marxista. Espero ter sido claro, Senhora Belicena, e que consiga estabelecer um rápido contato com o camarada Noyo, de quem requeremos também, nesse momento decisivo, sua valiosa assessoria estratégica.

— O senhor foi extremamente claro, Capitão Fernández — assegurei — e tenha a certeza de que transmitirei textualmente suas palavras ao meu filho Noyo, que certamente não vacilará em vir até os senhores.

E assim se concluiu aquela conversa com o Capitão Diego Fernández, que partiu disposto a aguardar, e fazer aguardarem seus Camaradas, qualquer possível declaração sobre ***o desaparecido de Tafí del Valle***.

O resto da história já é conhecida pelo senhor, Dr. Siegnagel. Eu, longe de cumprir o que foi prometido ao Capitão Fernández, continuei realizando movimentos estratégicos no Norte argentino, na Bolívia e no Peru. Percorri, em várias oportunidades, a rota de Lito de Tharsis e dos Atumurunas, consciente de que isso despertaria ainda mais o interesse da Fraternidade Branca e confirmaria a certeza de que eu era a portadora da Espada Sábia. É por isso, também, que ia pelo caminho de Tatainga, em Jujuy, e me dirigia às proximidades da Colina Kâlibur. Em duas ocasiões, inclusive, desci ao Valle Grande e contemplei o Externsteine, ainda que não me atrevesse a atravessar a Porta Vrúnica. Pois bem, foi durante uma dessas excursões que caí em uma cilada Golen e ingeri o veneno que enfraqueceu minha vontade e me impediu de continuar desenvolvendo a Estratégia. Depois, fui rapidamente capturada por um comando do Shin Beth, integrado por Rabinos Iniciados na Alta Cabala, Sacerdotes que tinham contemplado, em

Israel, o Sepher Icheh, e conheciam tudo o que se referia ao Holocausto de Fogo. Pertenciam, tal como o antecipara o Capitão Fernández, a um Serviço de Inteligência paralelo, que contava com membros nos Serviços do Exército, Marinha, Força Aérea, Polícia Federal, Secretaria de Segurança de Estado, Ministério de Defesa, etc. Seu poder de mobilização era, então, absoluto.

Eu estava descansando, momentaneamente, em uma mísera pousada do povoado de Kâlypampa, que se encontra diante do Parque Nacional do mesmo nome, junto à Colina Kâlibur. Ali ministraram-me a droga, misturada em um pote de melado de cana, que ofereceram para adoçar o café. O efeito que, instantaneamente, se produziu em meu corpo de Iniciada Hiperbórea foi indescritível, sendo improvável que o senhor possa sequer imaginar isso, pois desconhece como se comporta uma mente capaz de possuir consciência em vários Mundos ao mesmo tempo. O máximo que posso lhe dizer é que a droga, uma forma perfeita de mel arquetípico de abelhas, produziu um acelerado processo de fortalecimento anímico, uma formidável injeção de energia para a vontade instintiva da Alma que, nos Iniciados Hiperbóreos, acha-se habitualmente dominada pela incontestável vontade do Espírito Incriado. E essa súbita evolução da Alma causou um tipo de degradação sanguínea, um enfraquecimento do Símbolo da Origem, presente no Sangue Puro, ***e uma espécie de "atualização" do corpo físico, que perdeu, assim, sua capacidade de se mover independentemente do Tempo e sincronizou todos os seus relógios biológicos com o tempo deste Mundo***. Fiquei, pois, presa no contexto cultural, sujeita à realidade daquela pequena cidade de Jujuy. Naturalmente, tentei fugir de todas as maneiras; os ***lapis oppositionis*** já não me serviam, porque tinha perdido a orientação ***externa*** para a Origem e me era impossível praticar a oposição estratégica. Mas não fui muito longe. Antes de sair da Província, já estava nas mãos dos agentes do Shin Beth. Eles me conduziram ao Mosteiro Franciscano de Nossa Senhora do Milagre, em Salvador de Jujuy, onde a maioria dos padres parecia estar sob suas ordens. Em uma sórdida masmorra, dos tempos da colônia, fui submetida a um refinado interrogatório, durante o qual me administraram diferentes tipos de drogas. As perguntas eram poucas e exatas, sempre as mesmas. Onde estava a Pedra Extraterrestre? O que tinha acontecido com meu filho Noyo? Para onde me dirigia? Quais eram minhas ordens? Tinha algum contato terrestre, um Iniciado que compartilhasse da operação, ou agia por minha conta?

Abreviando, Dr. Siegnagel, creio que acabei confessando quase tudo, impossibilitada de resistir ao efeito das drogas que me impediam até da representação do Signo da Morte, com o qual teria conseguido, em outra situação, ter desencarnado ali mesmo. De qualquer maneira, Noyo já estava a salvo na Caverna Secreta — isso eu o pressentia há tempos e tinha recebido sinais confirmadores dos Deuses. Eu caía, mas a Estratégia triunfava! A ordem do Senhor da Guerra foi cumprida impecavelmente e nada, da parte da Casa de Tharsis, impediria a Batalha Final! Só faltava

agora que o Pontífice Hiperbóreo, o Senhor da Orientação Absoluta e sua Ordem de Construtores Sábios encontrassem a Espada Sábia — e isso estava totalmente fora de nossas mãos.

Como o senhor compreenderá, essas reflexões pertencem ao presente. Naquele terrível momento, quando minha vontade era impotente para dominar a língua, uma angústia indescritível me embargava — estava sendo humilhada em minha dignidade de Iniciada Hiperbórea e sentia como se fosse uma traição, uma falta de honra imperdoável, a involuntária confissão que estavam arrancando de mim — embora já esperássemos a possibilidade daquele final. Mas, naqueles momentos, eu só queria morrer, apesar de que os malditos Rabinos desejavam conservar-me com vida — mal fui torturada fisicamente, pois toda a sua ação se concentrou em dobrar e destruir minha estrutura psíquica. Não iriam me matar, e isso disseram claramente, porque meu corpo era intocável, como o de Rudolph Hess. Sim, Dr. Siegnagel: ***eu estava reservada para um Sacrifício Ritual que realizariam, pessoalmente, Bera e Birsa***.

Sexagésimo Terceiro Dia

O senhor deve estar se perguntando, Dr. Siegnagel, por que foi que meus captores me enviaram ao Hospital Dr. Patrón Isla, da cidade de Salta? A resposta é ***tristemente simples***, não muito difícil de imaginar. Os Agentes Infernais, que conheciam o segredo de suas drogas sobre o corpo humano, sabiam que não me seria possível fugir de nenhum lugar — a vontade de resistir estava completamente enfraquecida e, como disse, eu tinha perdido totalmente a ***orientação externa***. Não poderia me mover do local no qual estivesse, disso sabiam muito bem. Mas, então, eu tinha decidido morrer.

Explicarei isso melhor. Se bem que os Demônios quebrassem minha vontade de me libertar ***externamente***, eu comprovava, a cada instante, que conservava intactas as faculdades espirituais ***interiores***. A vontade de meu Espírito, Doutor, não foi quebrada, na reduzida área da consciência. Talvez Eles tenham destruído parte da estrutura psíquica, mas o dano só podia se reduzir ao campo da Alma ou ao cérebro físico, quer dizer, ao campo exclusivamente material. Claro, Eles não podiam saber com exatidão o que havia ocorrido com o Espírito Eterno, porque os Iniciados da Fraternidade Branca carecem de capacidade para perceber os Seres Incriados — mas consideravam um triunfo de suas técnicas de lavagem de cérebro comprovar que já não existiam ***manifestações espirituais***. Concretamente, referiam-se ao "Eu", a ***manifestação do Espírito***, como um piloto indicador do estado do prisioneiro — se o tratamento culminava com a desintegração do Eu, isso significava que um processo irreversível impediria o re-encadeamento espiritual. Mesmo que o Símbolo da Origem continuasse presente no Sangue Puro, a destruição da estrutura psíquica tornava

impossível que o Eu pudesse se concentrar novamente na esfera de consciência. Mas, no meu caso, isso não ocorreu. Como o senhor compreenderá, Eles esperavam que a ingestão das psicodrogas dessem como resultado um estado de esquizofrenia aguda — esperança que, no meu caso, foi reforçada pelas confissões que conseguiram arrancar de mim. Mas, a verdadeira situação consistia em que tudo quanto conseguiram obter no interrogatório não era voluntário nem involuntário, mas mecânico — suas drogas atuaram sobre o sujeito consciente da Alma, não sobre o Eu, e forçaram esse sujeito consciente a verter o conteúdo da formidável memória racial dos Senhores de Tharsis, uma qualidade própria da especialização biológica de minha família, com a qual, presumivelmente, os Rabinos não estavam habituados a lidar. Acreditaram, assim, que meu Eu estava fragmentado ou desintegrado, e que nunca mais voltaria a se produzir um estado de consciência espiritual estável. A confissão demonstrava, para Eles, a quebra irreversível da vontade espiritual.

Mas aquela confissão era somente uma estúpida traição da Alma, cujo sujeito lia os conteúdos das memórias psíquicas. Em uma esfera profunda, a vontade de meu Eu resistiu, em todos os momentos, à violação, sem poder impedir que os conteúdos mnemônicos se exteriorizassem mecanicamente — surgiram, então, para deleite dos Rabinos, as recordações que as memórias conservavam sobre a própria Estratégia e sua execução. Inteiraram-se do que houve com Noyo e partiram imediatamente seguindo os passos dele, supondo deixar para trás restos humanos. No entanto, já se viu que, como sempre ocorreu, não é tão simples eliminar os Senhores de Tharsis.

O que aconteceu? Bem, eu consegui compreender quais consequências se esperavam da lavagem de cérebro e resolvi simular, com grande convicção, a demência esquizofrênica prevista por Eles. Finalmente, convencidos de que minha loucura não tinha remédio, decidiram retirar-me do comprometido Mosteiro franciscano e internar-me, provisoriamente, até a chegada de Bera e Birsa, em um Hospital Neuropsiquiátrico. Para isso, tinham que "legalizar-me", quer dizer, conceder-me o ***status*** jurídico de prisioneira política, a fim de obter o assentamento burocrático no Hospital e escapar de qualquer futura investigação. Começaram, então, a convocar um tal "Coronel Víctor Pérez", militar de raça hebraica, que trabalhava para o Shin Beth. Esse oficial, então, encarregou-se do caso e elaborou um registro recheado de falsidades, no qual constava a suposta atividade subversiva de meu filho Noyo e o apoio que eu oferecia, tanto a ele como à organização na qual militava. Forjou a descrição das circunstâncias da prisão, os interrogatórios e o teor das confissões. Obteve de um médico militar o diagnóstico de demência e de um juiz a ordem de internação no Hospital Neuropsiquiátrico Dr. Javier Patrón Isla. E, dessa maneira, cheguei até aqui, Dr. Arturo Siegnagel. Mas, então, eu tinha decidido morrer. Sim, estimado doutor. Naqueles dias, meu único desejo era morrer com Honra, suicidar-me antes de cair nas garras fatais de Bera e Birsa, tirar dos

Malditos Imortais o prazer de sua vingança, o cumprimento da sentença de extermínio que buscavam executar, desde a época dos Reis iberos. Eu só necessitava de uma mínima recuperação física e um pequeno descuido da vigilância médica, para tirar minha vida, por qualquer meio. Sem dúvida, Doutor, que poderia ter feito isso sem problemas, em todo esse tempo em que estive internada. Fugir já não representava uma saída para mim, sem orientação externa e, de qualquer modo, a missão foi realizada — Noyo guardava, na Caverna Secreta, a Espada Sábia. E ainda que eu não pudesse encontrá-lo, mesmo se quisesse, a ordem do Senhor da Guerra foi cumprida e isso era o mais importante. Então, morrer não representava mais do que um pequeno intervalo até a Batalha Final — iria astralmente a K'Taagar e regressaria logo, para ajustar as contas com o Inimigo do Espírito Eterno. Enquanto isso, evitaria a última perseguição de Bera e Birsa. Esse era o meu pensamento ao chegar aqui, Dr. Siegnagel.

Contudo, ***nem bem cheguei, algo me fez mudar de ideia. E foi por isso que, apesar de continuar a simular estar demente, iniciei a redação dessa extensa carta***. Para ser clara, "esse algo" pelo qual troquei minhas intenções suicidas ***foi o senhor, Dr. Siegnagel***. Na verdade, logo que o vi, compreendi que o senhor tinha, manifestado em alto grau, o Símbolo da Origem. Mas percebi também que era inconsciente disso, que desconhecia até em seus mínimos detalhes a Sabedoria Hiperbórea. ***O senhor é um Homem de Sangue Puro, Dr. Siegnagel. Mas a memória do Sangue acha-se bloqueada por sua Alma. O senhor não conhece a existência de seu Espírito Eterno nem sabe como se orientar para a Origem. Padece de uma amnésia metafísica que é produto da Idade Escura em que atualmente vivemos, própria do encantamento com que as Potências da Matéria submergem o homem no Grande Engano, característica da decadência espiritual do homem e de sua atração pela cultura materialista. Enfim, o senhor, Dr. Siegnagel, é um homem adormecido. Mas é um Homem. Um ser dotado de Espírito Incriado, que pode despertar***. Sua presença aqui, neste obscuro nosocômio, recebi como um sinal dos Deuses, como uma mensagem do Senhor da Guerra e do Capitão Kiev, talvez como uma revelação do *Pontifex*, Senhor da Orientação Absoluta. Ao vê-lo, Doutor, compreendi ao que se referia o Capitão Kiev quando anunciava que ***"homens adormecidos restabeleceriam o vínculo antigo com os Deuses"*** — tais homens adormecidos são, sem dúvida, semelhantes ao senhor. Têm tudo no Sangue Puro, mas em forma potencial — ***só requerem a Iniciação Hiperbórea para que essa potência racial se desenvolva e aflore na consciência. E a Iniciação Hiperbórea, Dr. Siegnagel, atualmente, só pode ser concedida, nessa parte do mundo, pelo Pontifex Maximus da Ordem de Odin, o Senhor da Orientação Absoluta, ou os Construtores Sábios que o secundam***. Para lhe transmitir essa verdade foi que mudei minha decisão de morrer voluntariamente. Deve ter em mente, Dr. Siegnagel, o ponto de vista ético dos Senhores de Tharsis — para a Estratégia de liberação espiritual dos

Deuses Leais ao Espírito do Homem implica em muito mais Honra que eu procure despertar o senhor do que o suicídio, para fugir das infames represálias dos Demônios Imortais. Por acaso esse castigo, a possibilidade desse terrível final, não estava previsto, inicialmente, na Estratégia sugerida pelo Capitão Kiev?

Sim, decidi despertá-lo, ou pelo menos tentar. Mas, como? Não falando com o senhor, pois um preconceito profissional o teria impedido de dar crédito às palavras de uma enferma mental. Talvez, escrevendo nossa história em uma carta, como a presente, mas não duvidava de que me encontraria em situação semelhante à anterior, pois sua incredulidade seria também inevitável. Não obstante, existe a possibilidade de que um fato concreto, alheio a mim, mas suficientemente eficaz, torne consciente a história da Casa de Tharsis — ***e esse fato não pode ser outro a não ser a minha própria morte em mãos dos Imortais Bera e Birsa***. Isso equivale a dizer que devo conseguir que os Demônios Golen deixem suficientes rastros de seu imenso poder, para convencer o senhor de que, em algum grau, a história narrada na carta é verdadeira. E devo conseguir que a carta ***chegue*** às suas mãos ***depois*** da minha morte. É o que tentarei fazer, Dr. Siegnagel. Por ora, já concluí a carta e comecei, há algum tempo, a realizar a Estratégia que, acredito, dará os resultados esperados — com os últimos restos de minha ***vontade graciosa luciférica***, procurei me dirigir telepaticamente a Chang Shambala, aos membros da Ordem de Melquisedeque, e ***desafiei os Demônios Imortais***. Eu os desafiei em nome da Casa de Tharsis, que é a maior ofensa para seu infernal orgulho, e agora espero, não sem temor, a resposta de Bera e Birsa. ***Já os sinto, Dr. Arturo Siegnagel, avançando entre os Mundos de Ilusão, aproximando-se, cegos de ódio, da minha humilde cela, saltando o Espaço e o Tempo, deslocando a Realidade. Pachachutquiy, Pachachutquiy!***

Sexagésimo Quarto Dia

Este será meu último dia com vida, Dr. Siegnagel, estou certa disso. Em poucas horas, entregarei esta carta à enfermeira que subornei, para que a faça chegar ao senhor, depois da minha morte. Só me resta tempo para lhe solicitar o favor póstumo que lhe mencionei no Primeiro Dia e oferecer-lhe algumas recomendações.

Em primeiro lugar, quero lhe pedir, Doutor, que tente localizar meu filho Noyo. Sei que, depois de tudo quanto o senhor leu nesta carta sobre a Sabedoria Hiperbórea, as técnicas da oposição estratégica da Sabedoria Lítica, e o caráter da missão empreendida por Noyo, parecer-lhe-á quase impossível realizar esse pedido. Mas o que não lhe exijo é que vá diretamente atrás de seus passos, o que seria absurdo, mas rogo-lhe que procure encontrar a Ordem de Construtores Sábios do Senhor da Orientação Absoluta — Eles o colocarão na direção certa. Além disso, conceder-lhe-ão

a Iniciação Hiperbórea, o despertarão, e o incluirão na Estratégia da Batalha Final. E, pressuponho, muito lhe agradecerão por dar-lhes a conhecer esta carta. Se não me enganei com o senhor, se seu Sangue é Puro e o senhor também pressente a Nostalgia da Origem, sei que não vacilará em cumprir meu desejo póstumo.

Em segundo lugar, se algum dia chegar a conhecer meu filho, quero que lhe narre a última parte desta história, que o faça saber que morri certa do triunfo da Causa do Espírito, que vi com clareza o Final da História e a iminência da Batalha Final. Não creia que requeiro isso por sentimentalismo, por um interesse bobo de tranquilizar meu filho — procurei libertar o senhor por todos os meios ao meu alcance e, se o senhor responde e desperta, chegará, de qualquer maneira, a ver o Noyo Guardião da Espada Sábia. Então, como um favor especial, em memória de Belicena Villca, ***que revelou ao senhor o Caminho***, dar-lhe-á a minha mensagem. ***Conheço perfeitamente a conduta que deve ter a mãe de um Guerreiro Sábio. Uma mãe hiperbórea é sempre Filha da Grande Mãe Ama e não pode, assim, ser escrava da Matéria, da Mãe Terra, da Shakty, de Binah, quer dizer, não pode sucumbir ao instinto maternal, cego e irresponsável. Ó, Mãe Pura Ama, Virgem de Agartha, escutei tua Voz:***

"Meus filhos,
os Homens de Pedra,
são Guerreiros Sábios,
e nada deve aplacar seu Furor.
Destruído será
o Indigno de Espírito.
o Covarde, o Traidor,
e maldita a Matriz que os forjou.
Minha Semente de Pedra
acende o Fogo Frio
no Coração.
Cheios de Ira,
carregados de Valor,
marcham para a Batalha Final
os Guerreiros de A-mort.
E a Mãe do Espírito,
e as mães da dor,
expressam a Graça e a Alegria
se Eles morrem com Honra."

Assim fala tua Voz, Zelosa Mãe Ama, e não serei eu quem te contradiga. Meu filho é teu Guerreiro, e seu Destino, Tua Vontade. Em nada afeto seu Valor enviando minha última saudação com o médico hiperbóreo pois, se ele chegar até Noyo, então, será também um Guerreiro Sábio.

E, agora, vamos às recomendações. Dr. Siegnagel, não posso deixar de avisá-lo que o "Segredo Mortal" guardado por nós implica em um terrível perigo, estendido a todo aquele que intervenha em sua proteção. Suponho que não saberá por onde iniciar a busca. Pois bem, para começar, vá a Tafi del Valle, ao velho Rancho familiar — ali vive Segundo, o índio que costumava me visitar, que lhe esclarecerá sobre muitas coisas práticas, ainda que não tantas como o senhor poderia desejar. Ele lhe dará um pouco do ouro dos ingas, que ainda resta, para saldar os gastos que surjam, mas deverá ser muito cuidadoso ao utilizá-lo. Empregar ouro é sempre perigoso!

Lembre-se que, ao me comprometer em um movimento semelhante ao que o senhor empreenderá, fui descoberta pelos Demônios da Fraternidade Branca e, por meio de sua Ciência Maldita, levada à loucura, com a qual o senhor me conheceu. Só pude sair desse estado de alucinação graças aos restos de minha vontade graciosa luciférica, como disse, e à ajuda tranquilizante da planta ***ayahuasca*** que Segundo me trazia. Mas a lucidez só me durava algumas horas, que aproveitei para escrever esta carta, uma vez que não se tratava de um antídoto totalmente eficaz. A droga dos Demônios permite a hipnose à distância, mas a trepadeira ***ayahuasca***, ou ***caapi*** possui um alcalóide que me tirava temporariamente de seu controle — assim pude completar o presente manuscrito e desafiá-los em suas Infernais Moradas, e é por isso que Eles não tardarão em vir para me executar.

Até sempre, Dr. Siegnagel. Gostaria que o senhor lesse esta carta com os Olhos do Espírito. Meus melhores votos vão para o senhor, cumpra ou não meu pedido, acredite ou não no que narrei aqui. Se o senhor se decidir a me satisfazer, significará que é um *Kshatriya*, e então voltaremos a nos ver no Valhala ou durante a Batalha Final. Que Navutan o Guie e Freya o A-me.

Sempre sua,

Belicena Villca.



TERCEIRO LIVRO

"Em busca de Tio Kurt"

Capítulo I

O leitor pode dar rédeas soltas à imaginação. Nunca conseguirá entender as emoções e o estado de total perturbação em que me submergiu a leitura da carta de Belicena Villca. Foi algo muito estranho para mim — à medida em que lia, fui experimentando uma pluralidade de estados de ânimo. Assim, passei do ceticismo inicial à surpresa, desta ao estupor, dali pulei para a curiosidade, e sucessivamente, para mais de mil sensações. Finalmente, um entusiasmo primitivo e insensato se apoderou de mim e, em vez de rejeitar a carta como uma impostura, atitude lógica e perfeitamente justificável, fiz exatamente o contrário, selando, assim, meu destino: decidi empreender a aventura!

Terminei de ler a carta e, quase sem refletir, tomei uma decisão. Por quê? Procurarei explicar. Até o momento em que li a carta de Belicena Villca, minha vida era vazia de ideais. Tinha um brilhante futuro profissional e tudo quanto necessitava para o meu conforto, além de sorte com as mulheres e, embora nenhuma delas tenha conseguido conquistar meu coração, isso cedo ou tarde ocorreria. Tudo levava a crer que minha vida se desenvolveria pelos trilhos que conduzem ao sucesso mundano. E, no entanto, algo falhava nesse esquema, porque não era feliz. Possuía paz e tranquilidade material, mas muitas vezes a tristeza me agoniava — pressentia que para meu Espírito faltava um horizonte para o qual olhar, um ideal, uma meta, talvez, digna do maior sacrifício.

Por isso, às vezes, contemplava com inveja a História Universal, os períodos heróicos nos quais eu gostaria de ter vivido: escolher tal ou qual grupo, seguir este ou aquele reformador, cometer essa heresia libertadora ou afundar-me ardentemente naquele dogma tirânico. Viver, lutar, morrer, ser homem! Mas ser homem não é apenas pensar — é "sentir" o Espírito. E

o Espírito se "sente" quando a vida se orienta na busca de um ideal, porque os ideais não estão neste mundo, são de outro plano, o mesmo que o Espírito e afins a ele.

Não é fácil. Ser idealista requer muito valor, uma vez que a realidade, enganosa e cruel, tem uma armadilha para o idealista ingênuo e um sepulcro para o idealista comprometido. Tenho visto como o elemento idealista de minha geração foi sistematicamente aniquilado e seus ideais qualificados de ***"niilistas"***. Um Almirante argentino que é tido como pessoa culta, Massera, disse, em um discurso: ***"Estamos combatendo contra niilistas, contra delirantes da destruição, cujo objetivo é a destruição em si mesma, ainda que se disfarcem de redentores sociais"***. Muitos dos mortos e desaparecidos não eram isso, mas sim idealistas que acreditaram no mito infantil da "revolução social" como meio válido para instalar uma ordem mais justa no mundo. Justamente por acreditarem (serem idealistas), não viram a diabólica trama de interesses na qual estavam inseridos — exatamente por acreditarem, alguns foram doutrinados, armados e lançados imbecilmente à aventura, pelo próprio Sistema sinárquico que depois os reprimiu. E não penso apenas nos que empunharam as armas, que, talvez, mereceram morrer por serem apátridas, mas em tantos outros que caíram, sem conhecerem o cheiro da pólvora — por cometerem o "delito" de amar ideais que afetam algum interesse ou privilégio.

Isso não é niilismo. Niilista é a repressão descarada, a censura asfixiante, a mediocridade instituída, a corrupção oficializada, a lavagem de cérebros digital — enfim, a tirania implacável, dissimulada obscenamente em uma linguagem "democrática" ou "liberal".

O triunfo do Sistema é a estabilidade de uma ordem de coisas corrupta, de uma sociedade erigida sobre a usura e o materialismo, de um país desenhado a bico de pena, para que se insira em uma geopolítica estrangeira, planejada em detalhes pela Sinarquia Internacional dos Grandes Imperialismos.

O que nos oferece este mundo contemporâneo de dólares e aço, que valha nosso sacrifício? Aqui, uma cultura decadente e cipaia; ali, um terrorismo sem grandeza; lá, um Poder repressor e assassino; acolá, uma Igreja covarde e mentirosa. Para quê continuar, se tudo fede?

Esse era meu estado de ânimo, quando li a carta de Belicena Villca e, por isso, minha reação foi instantânea — eu, o insignificante Dr. Siegnagel, um pouco mais do que o número de uma ficha ou cartão, alguém perdido na mediocridade de uma remota Salta — de repente, sou chamado para uma missão arriscada, sou convocado pelo Destino!

O sangue me fervia nas veias e algo assim como uma reminiscência de batalhas passadas, apoderou-se de mim. Belicena se perguntava, em sua carta, se eu poderia ser um *Kshatriya*:

— Pois já o era!

Além desse irresponsável entusiasmo, no fundo sentia uma grande perplexidade assim que tentava raciocinar sobre o conteúdo da carta. Não podia negar que de todo aquele escrito se desprendia uma tremenda força primordial, um halo de antigas verdades esquecidas, como se Belicena Villca não pertencesse a esta época ou, melhor dizendo, como se fosse independente do tempo.

A linguagem era pagã e vital — "fantástica" seria o termo ideal, se não fosse que o assassinato de Belicena transformasse essa mensagem premonitória em algo macabramente real.

Duas perguntas fervilhavam em minha cabeça, saltando o pensamento de uma à outra, sem solução de continuidade. Onde estava esse "Signo da Origem", do qual sou portador, claramente visível para Belicena Villca e aparentemente representativo de uma certa condição espiritual? Lembrava perfeitamente do que Belicena escreveu no Segundo Dia: "na verdade, o que existe como herança divina dos Deuses é ***um Símbolo da Origem no Sangue Puro: o Signo da Origem, observado na Pedra de Vênus, era só o reflexo do Símbolo da Origem presente no Sangue Puro dos Reis Guerreiros, dos Filhos dos Deuses, dos Homens Semidivinos que, junto a um corpo animal e a uma Alma Material, possuíam um Espírito Eterno"***. Se era certo que eu possuía o Símbolo da Origem em meu Sangue Puro, se eu era um homem espiritual, então teria a possibilidade de obter a Mais Alta Sabedoria dos Atlantes Brancos. Ou tinha interpretado mal as palavras de Belicena? Porque nesse Segundo Dia, ela escreveu: ***"a Sabedoria consiste em compreender a Serpente com o Signo da Origem"***. Segundo Belicena, os Deuses diziam ao homem: ***"perdeste a Origem e és prisioneiro da Serpente — com o Signo da Origem, compreende a Serpente e serás novamente livre na Origem!"***. À luz desses conceitos, meu raciocínio era o seguinte: ***se o Signo da Origem, "meu próprio signo da Origem", achava-se manifestado e plasmado em alguma parte de meu corpo, de tal maneira que foi rapidamente percebido por Belicena Villca, esse era o lugar que eu devia descobrir e projetar no Mundo, sobre a Serpente, como outrora fizeram os Iniciados Hiperbóreos!*** E sentia algo como uma urgência interior em localizar esse Signo e cumprir o mandato dos Deuses.

Mas entendia, também, que carecia de muitos elementos esotéricos da Sabedoria Hiperbórea. Porém, se teria que deixar pendente essa primeira pergunta, a segunda "que fervia em minha cabeça", sobre a "prova de família", não tardaria a investigar. Belicena Villca, de fato, tinha assegurado, no Quarto Dia, que minha família "foi destinada a produzir um ***mel*** arquetípico, o sumo requintado do doce". Aquela era a primeira notícia que tinha sobre o assunto e trataria, pelo menos, de comprová-la com meus familiares próximos.

Capítulo II

Desde que mamãe me entregou o portfólio com a carta de Belicena Villca, até o momento em que tomei a decisão de realizar seu pedido póstumo, transcorreram quatro dias. Certamente, li a carta em tempo recorde, dada sua extensão e profundidade, permanecendo fechado em meu quarto e fazendo subir ao aposento, de vez em quando, algum alimento. Por fim, uma tarde, desci silenciosamente, com o misterioso portfólio na mão, e me sentei em meio aos meus parentes, que se encontravam, como era de costume, a essa hora, relaxando no quintal posterior. Com a cabeça reclinada, o olhar perdido na distância das colinas, estive em silêncio por um longo tempo. Durante esse lapso, ninguém me interrompeu, acostumados há anos a me ver estudando sob a sombra do gigantesco carvalho. Só o murmúrio do vento entre as folhas, o trinar das aves, e o *rasc-rasc* de Canuto, ao se coçar de vez em quando, acompanhavam minha meditação.

Levantei-me bruscamente, colocando de lado a poltrona de concreto do jogo do jardim. Junto aos ipês próximos da casa, estavam meus pais — mamãe costurando meias dos meus sobrinhos e papai lendo um jornal europeu, que chega quinze dias atrasado. Enquanto isso, a fita cassete de Angelito Vargas, rebobinada pela enésima vez, nos envolvia a todos com "Tres Esquinas".

— Papai, mamãe — disse, enfaticamente — em vossas famílias houve antepassados ou parentes que tivessem um ofício ou artesanato por tradição?

— Isso era um costume muito comum na Europa — respondeu papai, pensativo — hoje, lamentavelmente, esquecido. Em minha família houve muitos médicos como tu, Arturo, e até boticários como meu pai, mas sem que isso fosse uma lei, pois tivemos também bons agricultores como eu, ha, ha, ha — meu pai ria, celebrando o ocorrido. Em troca, a família de tua mãe — prosseguiu, mais calmamente — é que tem uma tradição no cultivo e produção do açúcar. Tu sabes que a conheci no Egito, quando meu pai, lá por volta de 1935, decidiu abrir novos mercados para o comércio do ***tanino***, tendo em vista que a indústria têxtil da Europa e América funcionava sujeita a rígidos monopólios. Meu pai pensava em vender tanino às florescentes indústrias têxteis árabes e turcas e, por isso, iniciou uma viagem pelo Oriente Médio, cuja etapa final era o Egito. Eu tinha 18 anos nessa época e, contrariando os desejos de meu pai, que preferia que eu me tornasse engenheiro, minha maior aspiração era ser agricultor. Pensando que a longa viagem acabaria dissipando o que meu pai achava que era um capricho, concordou em levar-me consigo. Ao chegar ao Egito, fomos recebidos por um tio-avô, Hans Siegnagel, membro de um ramo da família que vive, ainda hoje, perto do Cairo. Os Siegnagel do Egito vivem ali, ao que parece, desde

a invasão de Napoleão, junto a centenas de famílias de origem germânica, que formam uma forte coletividade.

— Bem — continuou meu pai — durante os dias que passamos no Cairo, meu interesse foi observar os grandes engenhos de açúcar que se estendem ao longo do Nilo e as intermináveis áreas plantadas com cana de açúcar. Papai, ao ver que minha inclinação pela agricultura, em vez de diminuir, tornava-se mais intensa, compreendeu que essa era minha verdadeira vocação e decidiu aceitar o amável convite do Barão Reinaldo von Sübermann, dono de um poderoso engenho com plantações próprias, para que eu permanecesse em sua fazenda, estudando as técnicas de cultivo. Estive ali de 1935 até 1938, quando as perspectivas de uma paz mundial duradoura se diluíam rapidamente, devendo ceder aos insistentes chamados de meu pai para que regressasse à Argentina. Empreendi a viagem de regresso em junho de 1938, mas não o fiz sozinho — comigo vinha a filha do Barão von Sübermann, uma bela valquíria que, pela graça de Wothan, pode contemplar aqui presente.

Todos nós rimos, especialmente minha mãe, que tinha permanecido com os olhos atentos, enquanto papai recordava sua fascinante vida.

— O que aconteceu, desde então? — perguntei, sabendo que faria bem ao meu velho pai completar a história.

— A guerra abriu brechas dolorosas e forçou separações definitivas. Mortos os teus avós (meu pai e o Barão), já não voltamos a nos conectar com os parentes do Egito. Muitas vezes, senti por tua mãe — sua voz enfraqueceu — que é alemã-egípcia e deve ter sofrido muito com a separação.

"Em troca — continuou, já mais recomposto – meus sentimentos patrióticos são só para este país e em nenhum outro lugar estaria melhor do que aqui. Veja que seu bisavô, o primeiro Siegnagel que veio para a América, o fez em 1860, a pedido do Governo, para trabalhar na fabricação de explosivos, já que era considerado como um químico de prestígio. Em mais de um século, meu bom Arturo, os Siegnagel tornaram-se mais argentinos do que o mate!"

Quando papai fez referência ao sofrimento que minha mãe sentiu ao permanecer longe de sua família e do lugar natal, ela se aproximou e começou a afagar-lhe ternamente os cabelos, dizendo-lhe amorosas admoestações.

Enquanto os velhos se abraçavam, eu sentia arder as bochechas — estava atordoado, vendo a imaginação já desatada a traçar as mais audazes hipóteses. A afirmação que Belicena Villca fazia em sua carta, sobre a missão familiar, de "trabalhar alquimicamente o açúcar", via-se confirmada, a princípio, pelo relato do meu pai. Era uma indubitável realidade que os von Sübermann foram produtores de açúcar desde tempos imemoriais. Mas, como ela soube disso?

Pobre de mim — nem sonhava que essa confirmação do acerto de Belicena era só a primeira das muitas situações que, no futuro, me demonstrariam até que ponto o absurdo e o real estavam compenetrados

com ela. *Tim, tim,* o som do triângulo que a criada índia tocava, chamando para jantar, tirou-me de tão cinzentos pensamentos.

Essa noite fui gratamente surpreendido por uma pilha de pamonhas deliciosas. Esse prato constitui, desde a minha infância, a iguaria mais deliciosa. Assim, gratificado emotiva e gastronomicamente por minha família, logo me tranquilizei e até consegui esquecer, por momentos, o obsessivo assunto de Belicena Villca.

Capítulo III

Eu considerava seriamente os avisos de Belicena, sobre os perigos envolvidos na busca de seu filho. À luz de sua destruição psíquica e posterior assassinato, essas advertências adquiriam uma poderosa eloquência, que eu não estava disposto a desprezar. Portanto, decidi agir resoluta, mas cautelosamente.

Já havia conseguido toda a informação policial possível sobre o caso e quase não tinha dúvidas de que os misteriosos assassinos de Belicena foram os Imortais Bera e Birsa — a totalidade das evidências do crime assim o indicavam. Só seres como Eles poderiam ter entrado nessa cela hermeticamente fechada e executá-la ritualmente. E a mais impressionante dessas provas era a corda com joias — era evidente que o "ouro da Espanha" das medalhas procedia de Tharsis, das antigas minas de Tartessos. E que o cabelo "tingido com cal", da corda, pertencia às infortunadas Vrayas tartésias, aquelas que foram assassinadas por Bera e Birsa, quando salvaram a Espada Sábia e com cujo sangue os Imortais escreveram a sentença: ***"o castigo para os que ofenderem Yah provirá do Javali"***. Indubitavelmente, Eles consideravam ter se fechado um ciclo, além de cumprida uma vingança milenar; talvez acreditassem mais uma vez que a Casa de Tharsis tivesse sido eliminada, para ter empregado essa significativa forma de execução — assassinar a última Vraya com o cabelo que Eles tiraram de uma das primeiras Vrayas, macabro troféu que agora devolviam com diabólica lógica. E que Mistério se ocultava nos poderes de Bera e Birsa, em seu incrível domínio do Tempo! Porque do registro policial se inferia claramente que aquele cabelo ***não havia sofrido a passagem do tempo — o cabelo da corda, efetivamente, ainda estava vivo, como se fosse recém-cortado de uma cabeça humana, de uma cabeça de Raça Branca, quando foi trançado para matar — e de nenhuma maneira revelava os dois mil e duzentos anos transcorridos desde então***. Onde — ó, só de pensar nessa pergunta, eu me enchia de inquietude — onde tinham guardado esse cabelo até agora, sem que envelhecesse? Talvez no mesmo Inferno onde Eles viviam, e que Belicena Villca denominava de Chang Shambala? Sim. Com toda a probabilidade, essa era a resposta

correta: o cabelo procedia de suas Moradas Malditas, onde o Tempo não transcorria e Eles tampouco envelheciam.

Eu havia decidido enfrentar o perigo e devia me colocar em ação o quanto antes. Mas, primeiro, queria esclarecer definitivamente a questão das legendas das joias de ouro. E, para isso, ninguém poderia ser mais útil do que o Professor Ramírez. Iria, pois, procurá-lo.

Parei o automóvel na praça da Cidade Universitária e fui até a Faculdade de Antropologia, em busca do Professor Ramírez. Ele estava muito ocupado, fazendo uma tradução. Mas atendeu-me com cortesia.

— O que o traz novamente para me ver, Dr. Siegnagel? Outro delírio em quéchua de seus pacientes? — brincou.

— Não, Professor, desta vez não se trata de línguas não americanas. Encontrei, dentro de um velho livro, um papel com este desenho — menti friamente — e quis consultá-lo a respeito dessas inscrições — estendi-lhe o desenho que fizera da sinistra joia de ouro.

Seus pequenos olhos cinzentos brilharam e, por um instante, pareceu que iria realmente se interessar. Mas, em seguida, voltou a adotar o ar lacônico que o caracterizava. Nada poderia afetar o velho erudito, admirado pelas Universidades de meio mundo.

— É a mais grotesca combinação linguística que já vi. Trata-se de uma piada, Siegnagel? — perguntou, com desconfiança.

— Não sei. Da mesma forma que o encontrei, o trouxe — disse, sem exagerar muito.

— Pois, se não é, parece! Hebraico e Celta! Vamos, Arturo, ou é uma piada ou se trata de algo, mas muito sério. Primeiramente, a palavra **hvhi** é o famoso Tetragrammaton, nome de Deus de quatro letras, de nefasto poder, segundo os Cabalistas, e que se lê mais ou menos como ***"YHVH"***, sendo os ***"H"*** letras que podem adotar o som do ***"ETA"*** grego, quer dizer, semelhante ao ***"E"*** do castelhano. Quanto a **hgiv**, sua tradução é ***"Binah"*** e significa "Inteligência" — mas não qualquer inteligência, e sim a "Inteligência Suprema", a Inteligência de Deus; justamente, a Inteligência de ***YHVH Elohim*** para a Cabala hebraica, Binah, é uma das dez Sephiroth ou Aspectos do Deus Uno.

Quão familiares e cheias de sentido me pareceram, então, aquelas explicações do Professor, ao colocá-las, inevitavelmente, no quadro da carta de Belicena Villca e sua terrível morte. Mas o Professor continuava:

— A frase ***"ada aes sidhe draoi mac hwch"*** é, sem dúvida, celta antigo ou algum de seus múltiplos dialetos. A língua celta evoluiu, a partir da árvore indo-europeia, em dois ramos: um, continental, que deu o ***Gaulês***; o outro, insular, dividiu-se, por sua vez, em dois sub-ramos:

1º) o ***goidélico*** ou ***irlandês antigo***, mãe do ***irlandês*** e do ***gaélico escocês***;

2º) o ***britônico,*** que deu o ***bretão,*** o ***galês*** e o ***córnico***.

"Dir-lhe-ia que essas palavras pertencem ao irlandês antigo, tal como aparece nas sagas "O Canto de Marzin" ou nos poemas do Bardo Taliesin, escritos no século V.

É curioso, Marzin (em galês "Myrddin", e deformado, em línguas germânicas, em "Merlin") era ***Druida***, da mesma forma que Taliesin e, justamente a frase que o senhor me trouxe alude aos ***Druidas*** — "Draoi" quer dizer ***Druida*** em celta. A frase completa seria: ***"Vitória ao Divino Druida, Filho do Javali"***, segundo o seguinte vocabulário:

ada = Vitória
aes sidhe = Divino
Draoi = Druida
mac = Filho
hwch = Javali

Meu querido Dr. Arturo Siegnagel — o Professor me olhava fixamente — o que o senhor sabe sobre os Druidas?"

A pergunta me pegou de surpresa, pois eu próprio estava pensando em grande velocidade nisso, a partir do instante em que o Professor completou sua tradução.

— Sei muito pouco — disse — que formavam uma espécie de Casta Sacerdotal entre os antigos celtas; que praticavam a magia e a adivinhação... creio que eram considerados como Sábios e que, apesar de sua origem pagã, possuíam uma moral nada desprezível — tudo quanto sabia sobres os Druidas, ou Golen, procedia da carta de Belicena Villca, e minha opinião sobre eles, como é natural, não poderia ser pior. No entanto, ignorava o conceito que teriam para o Professor Ramírez e tratava de não me comprometer, condenando-os categoricamente — Penso que desapareceram, com a conversão dos celtas ao cristianismo — concluí, inocentemente.

O Professor sorria ironicamente:

— Sente-se, Siegnagel, pois vamos conversar — levantou-se e, depois de fechar à chave o escritório, vasculhou durante alguns minutos, na farta biblioteca particular. Escolhia livros aqui e ali, suspirando com satisfação, quando encontrava algum que tinha resistido por mais de 30 segundos. Por fim, pegando uma pasta suspensa de um arquivo, acomodou-se em sua poltrona.

— Veja, Doutor — começou o Professor, em tom grave — ser-lhe-ei franco: se fosse outro que me trouxesse esse desenho, sem dúvida, eu o teria expulsado a pontapés. Mas, conhecendo o senhor, que é uma pessoa séria, confiar-lhe-ei meu pensamento, pois algo me diz que, por trás desse ingênuo desenho, há outra coisa.

Sorri, diante da certeira intuição do Professor.

— Para começar, lembremos que a melhor etimologia parece ser ***Druvid***, palavra que se decompõe em ***Dru*** = "coisa em si" ou "tal coisa" e ***vid*** = "conhecer", o que viria a dar "conhecer as coisas em si". O Druida seria, então, "o que conhece as coisas profundamente"; mas uma acepção mais antiga chama-os de "O que conhece a verdade". Não deve se surpreender,

Arturo, por saber pouco deles pois, apesar de o Druidismo ser uma instituição entre os celtas antigos e muitos escritores clássicos o mencionarem, sua origem e Doutrina permanecem no mais obscuro mistério. Alguns desses escritores que vêm à minha memória são, por exemplo, Júlio Cesar, Posidônio, Cícero, Diodoro Sículo, Estrabão, Plínio, Tácito, Luciano, Suetônio, Diógenes Laércio, Orígenes, etc.

"Nenhum deles joga muita luz sobre os druidas e isso, na minha opinião, por três razões: 1ª) porque seus ensinamentos eram por via oral; 2ª) porque seus ensinamentos eram iniciáticos; 3ª) e principal, porque os mais interessados em ocultar tudo quanto se refere ao ***'Druida'*** eram os próprios Druidas.

Com respeito à sua observação de que constituíam uma espécie de 'Casta Sacerdotal', dir-lhe-ei que aparentavam não ser nem um nem outro. Não formavam uma casta, mas sim uma Ordem; e não eram 'Sacerdotes', pois não oficiavam publicamente os rituais de um Culto, como deveria ser, para merecer essa qualificação. No entanto, o fato de não oficiarem um Culto em público não significa que não o possuíssem e praticassem secretamente, na densidade das florestas, perto das construções megalíticas milenares que eles adaptavam para tal objetivo. Sim, Dr. Siegnagel. O senhor acertou nesse ponto: os Druidas eram Sacerdotes, e da pior espécie que se tenha registro na História da Humanidade.

O senhor também acredita que eram 'Sábios e tinham uma moral nada desprezível'. Pois, sobre sua 'Sabedoria' há poucas dúvidas, uma vez que detiveram todos os aspectos do saber celta. Em troca, as opiniões são desencontradas, quando se referem à moral dos Druidas — um General pederasta como Júlio César (100-44 A.J.C.) achou que eles eram agradáveis e inclusive enviou o Druida Viviciano a Roma como Embaixador. Mas, no aspecto moral, o futuro cônsul deixava muito a desejar; em troca, Estrabão (60 A.J.C.), célebre geógrafo grego, contemporâneo do anterior, menciona atos de tremenda crueldade ***'que se opõem aos nossos costumes'*** e relata como os Druidas realizavam augúrios 'lendo' as profundas dores de uma vítima apunhalada pelas costas. Também eram afeitos aos sacrifícios humanos, que consumavam introduzindo as vítimas em uma enorme máscara de vime, à qual depois ateavam fogo.

Os Druidas ***'consideravam um dever cobrir seus altares com o sangue de seus prisioneiros e consultar as Divindades nas entranhas humanas'***, escreveu Tácito."

O Professor continuou por um bom tempo, lendo-me citações de diversos autores gregos e latinos, alguns enaltecendo tal ou qual virtude, outros condenando em cheio a maldade druídica. Não me escapa que aqueles que "condenavam" os Druidas eram também pagãos e, por isso, grandes deveriam ser as aberrações destes, capazes de impressionar homens familiarizados com todas as barbáries de suas respectivas épocas. A explicação linguística que fui buscar na erudição do Professor já fora satisfeita. Contudo, aquele homem se empenhava em me instruir sobre os

Druidas, revelando-me tudo quanto ele sabia sobre os mesmos, e eu não poderia ser tão descortês ao não o escutar. Ainda que sua conversa repetisse os assuntos já abordados de sobra na carta de Belicena Villca. Depois de tudo, comprovar que outros conheciam parte daquelas verdades só poderia me infundir confiança e tranquilizar-me a respeito da saúde mental da defunta Iniciada.

— Como já lhe disse — prosseguiu o Professor — não existem documentos de fonte celta que se possam consultar, a não ser as sagas recompiladas por D'Arbois de Jubainville, do século XIX, muito ricas em elementos tradicionais dos celtas de "Iwerzhon" ou Irlanda. Nelas, comprovamos o grande poder dos Druidas, ao favorecerem as sucessivas invasões celtas (***Fir Bolg*** ou celtas da Bélgica; ***Fir Donan*** e ***Fir Galois***, ou gauleses, escoceses e galeses) à Irlanda, habitada, até então, pelos ***Fomori***, seres gigantes e os ***Tuatha Dé Danann***, Divinos Hiperbóreos. Em mais de uma ocasião, os celtas derrotaram os Gigantes *Fomori*, os quais exterminaram e terminaram por expulsar os *Tuatha Dé Danann*, apesar dos poderes mágicos destes. É que os Druidas dominavam as forças da natureza, como se tivessem a ajuda do próprio Satanás. Produziam chuvas, tempestades elétricas e neblinas; agitavam os mares ou os aquietavam; faziam "aparecer" belas mulheres ou monstros horrorosos por meio da materialização; etc.

"No tempo da invasão dos gauleses, seu chefe, o Druida Amergin, realizou o seguinte ritual, colocando o pé direito na terra a conquistar, e recitou:

Eu sou o Vento que sopra sobre as águas do Mar.
Eu sou a Onda que quebra na Rocha.
Eu sou o Trovão do Mar.
Eu sou o Cervo e o Touro dos Sete Chifres.
Eu sou o Abutre na Ravina.
Eu sou a Lágrima do Sol.
Eu sou a Mais Bela das Flores.
Eu sou o Javali Selvagem e Intrépido.
Eu sou o Salmão no Lago.
Eu sou o Lago na Planície.
Eu sou a Voz da Sabedoria.
Eu sou a Lança que se empunha na Batalha.
Eu sou o Deus que exala Fogo da Cabeça.

E o Druida Amergin, depois, pronunciou as seguintes sete perguntas:

Quem ilumina a Assembleia na montanha?
Quem denuncia os Dias da Lua?
Quem mostra o lugar onde se afundará o Sol?
Quem traz o Touro da Casa de Tethra, o Deus do Mar, ou o isola?
Para quem sorri o Touro de Tethra?
Quem destrói as Armas de Pedra de colina em colina?

Quem faz todos estes prodígios, senão o Fili?
Invocai, Povo do Mar, invocai o Druida,
para que ele possa conjurar o feitiço para Vós.
Pois eu, o Druida,
que ordenei as letras
do Alfabeto Sagrado Ogham,
Eu, que dou a Paz aos combatentes,
me aproximarei da Fonte dos Duendes,
em busca do homem dócil,
para que, juntos, possamos realizar
os feitiços mais terríveis.
Eu sou um Vento do Mar.

Eis aqui, Arturo, o poder do Verbo Mágico desses Druidas Filid (***Fili=Bardo***): as forças desatadas com o poema panteístico precedente permitiram ganhar uma batalha posterior contra os Divinos Tuatha Dé Danann, os quais possuíam carros voadores e raios da morte, mas eram completamente impotentes frente à magia negra dos Druidas."

O Professor explicava, vivamente entusiasmado, mas eu ficara pensando no oitavo verso de Amergin, onde se diz:

"Eu sou o Javali Selvagem e Intrépido". Não podia deixar de relacioná-lo com a legenda da joia nefasta: ***"Vitória ao Divino Druida Filho do Javali"***. Mostrei-a ao Professor.

— Estava nisso, Arturo. Os principais símbolos dos Druidas eram dois: o javali e o trevo de quatro folhas que eles usavam bordado em sua túnica branca. Entre os celtas, o javali e a ursa simbolizavam, respectivamente, o poder do Druida e o do guerreiro. Alguns eruditos, como René Guenón, quiseram equiparar esses dois símbolos de Poder com as castas dos Brâmanes e dos *Kshatriyas* da Índia, quer dizer, dos Sacerdotes e guerreiros, considerando o profundo significado que o javali e a ursa têm na tradição indo-ariana. Mas isso é um erro, pois os Druidas nunca formaram uma casta (nem houve castas entre os celtas) e porque o sentido dado ao javali (símbolo hiperbóreo antiquíssimo) por eles, foi tingido com um materialismo que não possui nem remotamente no Rig Veda, onde aparece como a terceira das dez manifestações de Vishnu no atual ciclo de vida ou *Manvantara*. É como se os Druidas tivessem "invertido" o sentido do símbolo, dando ao javali, expressão do ***Poder Espiritual Primordial***, próprio da Função Régia, uma representação do ***Poder Temporal Atualizado***, que é característico da Função Sacerdotal. Sobre o antigo e, até hoje, secreto Mistério do javali e da ursa, há muito para se falar, mas nos afastaríamos de nosso tema. Melhor voltarmos às sagas recompiladas por d'Arbois de Jubainville.

"Como sabemos, os Druidas impuseram aos celtas o alfabeto Ogham, de vinte sinais, quinze consoantes e cinco vogais, chamado de ***Beth-Luis-Nion***, por causa de suas três primeiras letras ***B-L-N***. Pois bem, Dr. Siegnagel, o eminente mitólogo Robert Graves argumenta que o 'poema' do Druida

Amergin foi deformado nas sucessivas transcrições profanas, com o objetivo de ocultar seu sentido esotérico, e que, contudo, esse poema se encontrava originalmente relacionado não apenas com o alfabeto sagrado *Beth Luis Nion*, mas com o Calendário das Árvores que os Druidas também usavam. Naturalmente, para que a Canção de Amergin 'coincida' com o alfabeto sagrado, é necessário transpor seus versos da seguinte maneira:

Diz o Druida, a Voz de Deus: Letras do Ogham e Árvores do mês:

Eu sou o Cervo e o Touro de Sete Chifres ..... (B) Beth/Bétula (24-XII 20-I)
Eu sou o Lago na Planície ..... (L) Luis/Freixo selvagem (21-I 17-II)
Eu sou o Vento no Mar ..... (N) Nion/Freixo (18-II 17-III)
Eu sou a Lágrima do Sol .....(F) Fearn/Amieiro (18-III 14-IV)
Eu sou o Abutre sobre o Abismo ..... (S) Saille/Salgueiro (15-IV 12-V)
Eu sou a Mais Bela das Flores ..... (H) Uath/Espinheiro (13-V 9-VI)
Eu sou o Deus que exala Fogo da Cabeça ..... (D) Duir/Carvalho (10-VI 7-VII)
Eu sou a Lança que se empunha no Combate..... (T) Tinne/Azevinho (8-VII 4-VIII)
Eu sou o Salmão no Lago ..... (C) Coll/Aveleira (5-VIII 1-IX)
Eu sou a Voz da Sabedoria ..... (M) Muin/Videira (2-IX 29-IX)
Eu sou o Javali mais Cruel ..... (G) Gort/Hera (30-IX 27-X)
Eu sou o Trovão do Mar ..... (NG) Ngetal/Junco (28-X 24-XI)
Eu sou a Onda do Mar ..... (R) Ruis/Sabugueiro (25-XI 22-XII)
Quem, senão eu, conhece os Segredos
do Dólmen de Pedra não lavrada? ..... 23 de dezembro

Em seu livro 'A Deusa Branca', Robert Graves expõe uma síntese sobre o significado de cada mês do Calendário Druida de Árvores. Sobre o mês da Hera, que corresponde à letra 'G' (*Gort*), diz o seguinte: 'G, o mês da Hera, é também o mês do javali. Set, o Deus solar egípcio, disfarçado de javali, mata Osíris da Hera, amante de Ísis. Apolo, o Deus Sol grego, disfarçado de javali, mata Adônis, ou Tammuz, o sírio, o amante da Deusa Afrodite. Finn Mac

Cool, disfarçado de javali, mata Diarmuid, o amante da Deusa irlandesa Grainne (Greine). Um Deus desconhecido, disfarçado de javali, mata Anceu, Rei de Arcádia e devoto de Ártemis, em seu vinhedo de Tegea e, segundo o ***Gannat Busami*** ('Jardim das Delícias') nestoriano, o Zeus cretense foi morto da mesma forma. Outubro era a estação da caça ao javali, e a estação das orgias das bassárides ou bacantes enfeitadas com grinaldas de Hera. O javali é o animal da morte e a 'queda' do ano começa no mês do javali'.

A função do Druida é bem resumida no poema 'Os Despojos do Abismo', onde Taliesin diz: ***'Sou Bardo, sou Guia, sou Juiz'***. Bardo era o Druida dedicado à arte e à música; Guia era o Ovate, Druida dedicado à ciência; Juiz era o Druida-*dheacht* (quer dizer, 'Druida-feiticeiro', 'mago'), habilitado, por seu poder, a influir sobre os Reis Celtas e impor sua lei. Veja, Arturo, que estranho e contraditório parece que o legislador de um povo não seja membro racial desse povo e, no entanto, seja aceito 'voluntariamente' (?) por eles. Porque os Druidas não eram celtas, apesar de todas as tentativas em falsificar a História que se fizeram, nesse sentido. Talvez, um pouco de luz sobre isso se obtenha considerando a descoberta do manuscrito Frísio ***'Oera Linda'***. Nesse documento, escrito em runas, conta-se a antiga história do Povo Frísio, que, ao que parece, é um remanescente da *'Atlândia'*, uma colônia atlante situada no norte da Europa, de frente para a Grã-Bretanha, há uns 5.000 anos. Não se trata da Atlântida lendária, mencionada por Platão, a qual teria existido há 12.000 anos. Mas, como esta, *Atlândia* também sucumbiu por um cataclismo."

O Professor abriu a pasta suspensa e, depois de folhear centenas de fotocópias, entre as quais reconheci "Os Manuscritos do Mar Morto, fac-símile editado pela UNESCO", extraiu uma página escrita em língua rúnica, que era a cópia do *Oera Linda*. Junto, havia uma tradução ao inglês feita e comentada por Robert Scrutton, em 1977, intitulada "The Other Atlantis". Desse último texto leu, ante minha curiosidade, o seguinte:

— ***"As implicações do Oera Linda são que alguns refugiados da afundada 'Atlândia', chegaram à área geral dos Países Baixos e Dinamarca, já habitados por colonos atlandeses, pelo menos desde o ano 4.000 A.J.C. Estabeleceram-se ali e contataram seus parentes, os quais, como piratas, marinheiros e mercadores, tinham mantido comunicação com a pátria mãe e com os diversos lugares do mundo colonizados por atlandeses.***

Depois de um tempo, os descendentes frísios escreveram relatos da pátria mãe, sua gente, sua história, sua religião e sua lei. Conforme uma geração se sucedia à outra, perderam-se alguns dos mais antigos escritos, enquanto outros foram resumidos e se acrescentaram novos capítulos à história daquele povo. Tornaram-se, assim, um diário de um povo renovado e modernizado, uma verdade sagrada para a família que a possuía.

Esses resumos e adições continuaram sendo realizados pelos descendentes da 'Atlândia' até o ano 1.256 de nossa era, fornecendo,

dessa forma, uma vez que se aceite a autenticidade dos manuscritos, o testamento da história de um povo, durante 3.000 ou 5.000 anos: um documento sem igual na História humana.

Nada se acrescentou depois de 1.256, ano em que Hiddo Oera Linda, da Frísia, recompilou todo o material existente em um novo papel feito à base de algodão, que os árabes trouxeram para a Espanha e que estava começando a ser utilizado em toda a Europa.

A cópia final passou de uma geração a outra da família, até o ano 1.848, data em que uma mulher, Aafje Meylhof-Over de Linden, a deu ao seu sobrinho Cornelius Over de Linden. Este, que era mestre de navegação nos Estaleiros Holandeses de Helder, decidiu, finalmente, que o doutor Eelco Verwijs, bibliotecário da Biblioteca Provincial de Leeuwarden, da Frísia, copiasse o documento.

O escrito — com todas as suas implicações — passou ao domínio público".

O Professor continuou lendo os comentários de Robert Scrutton, resenhando as perícias realizadas no Oera Linda até nossos dias. Pois, ainda que não exista quase nenhuma dúvida sobre sua autenticidade — pelo menos até o ano 1.256 — muitos resistem a aceitá-lo como documento histórico, uma vez que o livro milenar, ao jogar luz sobre episódios mitológicos da História, cria ferrenhos inimigos.

Eu escutava fascinado, enquanto o Professor continuava, implacável:

— Bem, vamos ao nosso tema. Em um dos manuscritos frísios, onde se conta a luta que travaram os homens da Frísia (brancos) contra os invasores Magiares (amarelos), 2.000 anos A.J.C., conta-se a história de Neef Teunis, um marinheiro frísio que, saindo da Dinamarca, navegou até o Mediterrâneo com a ideia de entrar para o serviço dos Reis do Egito. ***"Na parte mais ao norte do Mediterrâneo*** — diz o Oera Linda — ***há uma ilha perto da costa. Chegaram ali e pediram para comprá-la, e a respeito disso realizou-se um conselho geral.***

"Pediu-se o conselho da Mãe, e ela queria vê-los longe, por isso não viu problema naquilo; mas quando, depois, vimos o erro que tínhamos cometido, chamamos a ilha de Messellia (Marselha). Em seguida, ver-se-á a razão que tivemos para essa denominação.

Os Golen, nome que recebiam os Sacerdotes missionários de Sidon, tinham observado que a terra estava escassamente habitada, e afastada da Mãe.

Esclareço-lhe, Arturo, que, tanto no Oera Linda, como em numerosas sagas tradicionais nórdicas, utiliza-se o termo 'Mãe' para denominar, genericamente, as Sacerdotisas do Culto do Fogo.

Com o objetivo de causar uma impressão favorável, os Golen chamavam a si mesmos, em nossa língua, de "Seguidores da Verdade", ou mais brevemente, 'Triunwendene', como depois os chamou nosso povo marinheiro. Quando estavam bem estabelecidos, seus

mercadores trocaram suas belas armas de cobre e todo tipo de joias, por nossas armas de ferro e couros de bestas selvagens, que eram abundantes em nossos países nórdicos. Mas os Golen celebravam todo tipo de festas vis e monstruosas, que os habitantes da costa promoviam, com suas lascivas mulheres e seu doce vinho envenenado. Se alguém do nosso povo agisse de forma a que sua vida ficasse em perigo, os Golen lhe proporcionavam refúgio e o enviavam a Fenícia, quer dizer, Palmland. Quando esse fugitivo já tivesse se estabelecido ali, o faziam escrever para sua família, amigos e conhecidos, dizendo que o país era tão bom e as pessoas tão felizes que ninguém poderia imaginar. Na Grã-Bretanha — colônia penal atlandesa — ***havia muitos homens, mas poucas mulheres. Quando os Golen souberam disso, mandaram raptar moças de todos os lugares e deram-nas aos britânicos por nada. Mas todas essas mulheres serviam ao propósito deles de roubar crianças de Wr-Alda, para dá-los aos falsos deuses"***.

No Oera Linda, denomina-se Deus como Wr-Alda. Mas esse Deus Frísio era, alternativamente, nos antigos relatos, ora o Demiurgo Jeová-Satanás, ora o Incognoscível Deus Hiperbóreo. A confusão surgiu, presumivelmente, por causa da queda no exoterismo que os Frísios sofreram, assim como outros povos sobreviventes da catástrofe atlante, no decorrer dos séculos.

Sobre esta parte do Oera Linda, comenta Robert Scrutton: "***Triunwendene***, ou ***Druviden***, pode ser considerada a origem do nome 'Druidas', enquanto ***'Golen'*** é outra forma de *'galli'*, o que equivale a dizer os 'gauleses da Fenícia'".

— Como se vê, amigo Arturo, este incrível documento retrocede em muitos séculos as notícias sobre os Druidas — que agora seriam "os que não têm a Verdade" — fazendo-os provir do Oriente Médio, o que confirma a hipótese que sempre existiu sobre sua origem não celta. Faltaria saber agora... Está me escutando, Arturo?

Tinha ficado paralisado minutos atrás, exatamente quando o Professor lia o Oera Linda e pronunciou a palavra "Golen". Os encarniçados perseguidores da Casa de Tharsis, aos quais Belicena Villca denominava "os Golen", eram, definitivamente, "Druidas". Isso eu já sabia, porque estava implícito em sua carta, mas ali, o Professor me demonstrava que isso não constituía nenhum segredo, que existiam documentos e informações suficientes sobre aqueles malditos Sacerdotes. Só minha ignorância da História, e dos personagens mais obscuros da História, tinha causado a sensação de estranheza que senti quando li a carta, e conheci as intrigas e os planos dos Golen. Estive a ponto, mais de uma vez — e agora me arrependia disso — de duvidar da sanidade de Belicena, de negar a fantástica realidade dos Golen.

— Sim, Professor, estou lhe escutando — respondi, receoso de ofendê-lo.

— Faltaria, agora — repetiu, pacientemente — saber se realmente tratava-se de Fenícios, pois, nessa época, Sidon era uma cidade portuária, tremendamente cosmopolita.

Compreendia a dúvida que o Professor apresentava, mas não me interessava, no momento, aprofundar-me nessa direção, levando em conta todos os detalhes oferecidos por Belicena sobre a origem hebraica dos Golen. Em troca, uma pergunta diferente lutava para sair da minha garganta: devia conhecer o que o Professor sabia sobre os Golen, na atualidade.

— Professor Ramírez, desculpe se o interrompo, mas, há Druidas em nossa época? — perguntei, com veemência.

O velho professor suspirou, resignado.

— O senhor me faz uma pergunta muito concreta e procurarei responder de forma idêntica. Mas entenda que não é fácil, e deverei informá-lo de outros antecedentes, para que possa julgar, por si mesmo, a validade de minha resposta. Porque, se bem que há sociedades celtistas e autores dedicados ao estudo do druidismo, trata-se apenas de historiadores ou entusiastas, e não de verdadeiros *Filid*.

"Durante vários séculos, o druidismo pareceu ficar eclipsado, especificamente (como bem o disse o senhor, no início de nossa conversa) desde a conversão dos povos celtas ao cristianismo. Essa conversão é bem recente, pois São Patrício converteu a Irlanda ao catolicismo entre os anos 432 e 463. Os povos celtas das Gálias estavam, nessa época, sob o domínio das dinastias germânicas, que seguiam, em todo caso, o cristianismo ariano, doutrina elaborada pelo bispo líbio Ário, em 318, e condenada por ser herética, no Concílio de Nicéia de 325. O padre Llorca, em seu monumental Manual de História Eclesiástica, diz que, segundo Ário: '***não há mais que um só Deus, eterno e incomunicável. O verbo, Cristo, não é eterno, mas criado do nada. Portanto, verdadeira criatura, muito mais excelente que as demais; mas não consubstancial com o Pai. Em consequência, não é Deus'***.

Essa doutrina atentava contra o 'Mistério' católico da Trindade, e por isso foi ferozmente combatida pelos Papas romanos. Seja como for, o certo é que a conversão da nobreza ariana ao catolicismo submeteu o povo celta, que teve que aceitar o novo dogma, como anteriormente havia aceitado o arianismo, quer dizer, por imposição. O reino visigótico da Espanha tornou-se católico da noite para o dia, no Terceiro Concílio de Toledo, de 589, com a conversão do Rei Recaredo por parte de São Leandro. Mas o passo definitivo para a catolicização da Gália céltica já tinha sido dado pelo desconhecido Rei franco Clóvis I que, ao se converter no ano 496, transforma-se em um instrumento da Igreja para a conquista missionária.

Poder-se-ia pensar que os Druidas — de tão dura oposição aos Deuses Hiperbóreos Tuatha Dé Danann na Irlanda — teriam que organizar a defesa contra a nova fé (lunar) que suplantava o antigo culto (solar) celtibero do Deus Beleno (adorado na Grécia também como Apolo) e da Deusa Mãe Belisana. Pois nada disso ocorreu, já que os Druidas aconselharam o povo a conveniência de abraçar o cristianismo e eles próprios fizeram-se cristãos. Druidas cristãos? Sábios nas leis ocultas da natureza material, possuidores

de uma Ciência secreta demoníaca... você acredita que tinham se convertido ao cristianismo, subjugados por essa religião?"

O Professor me olhava intensamente.

— Assim como o senhor apresenta as coisas — respondi — essas conversões me lembram as dos ***"marranos"***, ou seja, esses judeus que, forçados a escolher entre se tornarem católicos ou morrer, aceitaram a primeira opção, simulando praticar a nova fé durante anos (ou séculos, se considerarmos que há famílias *marranas* que, ainda hoje, vivem uma vida dupla), mas conservando o rito e os costumes judeus em segredo.

— Bem, Dr. Siegnagel! — gritou o Professor — justamente a isso me referia. A uma conversão fingida, como a dos judeus *marranos*. Se o senhor considera a pergunta que lhe fazia antes, ao ler-lhe o texto do Oera Linda, que situa os Druidas como sendo oriundos de Sidon, na Fenícia, compreenderá que há outras similaridades suspeitas.

O Professor não deixava de me surpreender com sua perspicácia, apresentando as coisas de tal modo que, como nos diálogos dos Sofistas gregos, as respostas brotavam espontaneamente no interlocutor do Filósofo.

— Sim — afirmei, fingindo surpresa pelas consequências que adivinhava — a relação é inegável, Professor: Judeus e Druidas procedem do Oriente Médio.

Acompanhei o comentário, assentindo eloquentemente com a cabeça. Esse gesto estimulou o Professor a continuar e, enquanto agitava energicamente em uma mão o livro "O Mistério dos Templários", dizia, em tom convincente:

— O grande celtista Louis Charpentier, autor deste livro e defensor extremado dos Golen e dos Templários, confirma isso com investigações fundamentadas: os Druidas se refugiaram na Igreja Católica. A oportunidade foi proporcionada por São Bento, figura de grande sabedoria e santidade que, ao fundar a Ordem Beneditina com uma regra (*Ora et Lavora*) que exalta o trabalho e a oração, a encorajou a resgatar a cultura grega e romana, ameaçada de morte pelo declínio do Império Romano, pela barbárie e pela incrível ignorância dos Papas.

O ponto de contato se produziu com São Columbano, um *Fili* da Irlanda, dedicado inteiramente a converter os povos celtas à religião católica. Louis Charpentier não consegue ocultar sua admiração pela infiltração druídica, quando diz: ***'... São Bento morreu em 547, sete anos depois do nascimento de São Columbano. Bento tinha conservado o tesouro clássico para a cristandade; para essa mesma cristandade, São Columbano iria entregar o tesouro celta'.***

São Columbano era um cristão da Irlanda, país que tinha abraçado muito rapidamente o cristianismo, sem as imposições mais ou menos brutais dos Imperadores romanos, nem as dos bárbaros que se diziam romanos, como havia ocorrido em todos os países celtas de passado druídico. Pode-se dizer, sem errar, que os cristãos de Roma e os de Clóvis fizeram com que o cristianismo fosse desagradável nas Gálias.

A Irlanda não conheceu Roma nem os bárbaros, e isso explica essa aceitação do cristianismo sem violências.

Tampouco se conhecem muitas coisas sobre os Druidas; mas sua facilidade para aceitar uma certa forma de cristianismo parece situá-los espiritualmente muito perto dele. Nada, na nova revelação, lhes era estranho: nem a unidade Divina, nem um Deus não Criado que engloba o Universo em todas as suas formas, nem a Divindade em três Pessoas, nem um Deus nascido de uma Virgem, nem o Deus encarnado, nem o Homem Divino crucificado, nem a ressurreição, nem a imortalidade da Alma, que eles já pregavam...

São Bento, em suas últimas horas, gritava: 'Vejo a Trindade, Pedro e Paulo, os Druidas e Santos...

Todo o povo celta, depois dos Druidas, precipitou-se para o cristianismo. A Irlanda, que escapara da conquista romana e, depois das conquistas árabes, permaneceu cristã... fez isso, se podemos dizer assim, 'druidicamente'."

Sem dúvida, o Professor Ramírez sabia apoiar seus argumentos com os textos mais adequados, pensei, com admiração.

— Em meio a esses eventos — prosseguia o Professor — situa-se, no século VII, o "desaparecimento" dos Druidas em seu aspecto tradicional, mas se produzem esporádicos reaparecimentos desses personagens através da História, especialmente durante as Cruzadas, nos séculos XI a XII, bem como nos processos contra os Templários durante o século XIV. Também estavam presentes no chamado Renascimento, que ocorreu nos séculos XV e XVI e, ainda, na afirmação das correntes denominadas "Iluminismo", "Livre Pensamento", "Enciclopedismo" e "Maçonaria" — ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Como vê, sempre aparecem vinculados à crise ou à revolução, mas, atenção, Arturo, somente em relação com a raça celta. Parece que a presença do Druida tem apenas um objetivo: ser guia dos celtas, como cantava Taliesin. Hoje, celta significa pouco, mas lembre-se que grande parte da França e Itália, Portugal, Bélgica, Suíça, Irlanda, Escócia, parte da Espanha e 50% da América branca são celtas."

A essa altura da conversa (ou monólogo — devia dizer — já que o Professor, com sua precisão, não dava espaço para interrupções), eu estava profundamente impressionado. O Professor Ramírez sabia sobre o assunto muito mais do que eu tinha imaginado, no começo da conversa. Decidi continuar com o jogo e simular mais espanto. Para atuar com convicção, procuraria levar o diálogo para um terreno específico.

— Posso compreender perfeitamente a Grande Conspiração Judaica Mundial, Professor, uma vez que o objetivo declarado por Rabinos ou simples hebreus de todos os tempos é o Domínio do Mundo e a submissão da Humanidade ao Povo Eleito por Jeová. "A Israel celeste — diz o Talmude — tem por destino de glória reinar sobre os povos gentios".

"Mas, qual é o objetivo que buscam os Druidas, perpetuando-se, através dos séculos, para dirigir secretamente os celtas, mediante sua Ciência maldita? Não é um objetivo imperialista, pois os celtas jamais tiveram Império, apenas criavam confederações de tribos ou povos, cuja decadência começou com a 'Campanha das Gálias', realizada por Júlio César. Tampouco era um objetivo que implicasse em algum tipo de benefício espiritual para os celtas pois, já não duvido, os *Filid* são movidos por algum propósito perverso. Por que o fazem, meu Deus, por quê?"

Procurei apresentar a pergunta o melhor que pude ao Professor Ramírez. Ele ficou pensativo por um longo minuto e depois, com um gesto de desânimo, respondeu:

— Não o sei, Dr. Siegnagel — chamava-me alternadamente de Arturo ou Dr. Siegnagel — só posso conjecturar algo. Mas tenha em mente isso: é só uma conjectura! De nenhuma forma poderia provar isso. Dir-lhe-ei o que penso, mas jamais o repetiria fora deste escritório e deste momento.

Contive a respiração, temendo que o Professor se calasse.

— Sabemos que o poder financeiro judeu começou a se desenvolver no final da Idade Média, quando os ourives em metais preciosos (quase sempre judeus), percebendo a obrigação de construir cofres de segurança para guardar o ouro e a prata dos Senhores feudais e Nobres, começaram a fazer empréstimos a juros, utilizando como garantia esses depósitos alheios. O primeiro passo foi emitir um documento, reconhecido por todos, como um "elemento de pagamento", verdadeiro papel-moeda, que permitia comerciar sem necessidade de efetuar pagamentos em metal. Claro que esse "descobrimento" foi rapidamente adotado e utilizado, com discrição, por grandes comerciantes e prestamistas, ao estilo do "Mercador de Veneza", que tão brilhantemente retratou Shakespeare. Mas, o segredo do enriquecimento, estava, sem dúvida, na ***usura***, verdadeira origem do "Sistema Bancário".

"No século XVII, já havia suficientes bancos judeus no mundo para assegurar a estes uma boa porção do Poder. O século XVIII, por exemplo, viu a ascensão da 'Casa Rothschild', família judaica, dona do Banco do mesmo nome, de nefasta atuação até o século XX.

Tudo isso é história conhecida, mas o que quero ressaltar é que obter o controle dos meios financeiros leva, inevitavelmente, a uma luta pelo controle do Estado. E, no fim da Idade Média, quando começou essa história, ***o Estado era a Igreja Católica***, razão pela qual, entre os séculos XV e XX, a luta pelo Poder, em muitas ocasiões, colocaria a Igreja contra o Grande Kahal Judaico.

Esses confrontos, às vezes ferozes, deveriam ter acabado com um dos grupos, se no decorrer dos séculos, algo assim como uma mão invisível não interviesse sempre para conciliar ambos os oponentes. Estude, Arturo, a História, e verá com clareza o que lhe digo: quando surgia o conflito por um lado, iniciado pela Igreja ou pelos Reis Católicos ou a Inquisição, etc., contra o Poder Judaico; ou, por outro lado, a Conspiração Hebraica lançava 'a

Revolução', 'a Maçonaria', 'o Marxismo', etc., contra o Poder Cristão, aparecia ali um elemento moderador, 'suavizador' do conflito, evitando a luta iminente, diluindo as tensões. Esse elemento, braço executor inconsciente, era o celta. Mas, por trás do celta está o verdadeiro instigador: o Golen, o *Fili*, o Druida, com seu incrível poder!

Sei que você pode pensar que não estou em meu perfeito juízo, Arturo. E não posso provar essa conjectura fantástica que dificilmente ousaria formular!"

O Professor me olhava perturbado. Era evidente que temia ter se excedido e, por isso, seus olhos tentavam perfurar meu cérebro. E, no entanto, apesar de suas prevenções, suas hipóteses eram pequenas, diante da magnitude dos planos Golen que Belicena Villca denunciara em sua carta. Era certo, tal como o compreendera o Professor, que os Golen "mediavam" entre a Igreja e a Sinagoga; mas não era menos certo que Eles buscavam um objetivo mais ambicioso: ***a Sinarquia Universal e o Governo Mundial do Povo Eleito***. Pude apenas sorrir, ao contemplar o rosto preocupado do Erudito. Isso o tranquilizou.

— Através de uma profunda análise histórica — continuou, sem deixar de me observar — muitos supuseram que uma secreta ligação vincula os diferentes Vértices de Poder do Mundo e se afirmou a existência de uma seita supersecreta, que poderia ser a Maçonaria, a B'nai Brith (Maçonaria judaica), a Comissão Trilateral, etc., ou qualquer outra organização desse tipo, à qual pertenceriam todos os homens que detêm o Poder. Essa hipótese é gigantesca para mim. Em troca, o que posso assegurar, baseando-me em muitos anos de investigação histórica, é que, entre esses dois grandes Colossos, a Igreja Católica e a Sinagoga, existe uma ímpia ligação oculta para realizar o fim inconfessável do Poder Mundial. E esse vínculo ímpio se dá através dos Druidas! Aqui está parte da verdade! — quase gritou o Professor, mostrando o desenho da joia — mas, o que é este papel? Nada, nenhuma prova, só um desenho sem sentido encontrado por um aluno, mas que guarda o segredo de algumas forças que movem o Mundo.

— Acredito perceber, a partir de seus argumentos tão significativos, que o senhor respondeu afirmativamente à minha pergunta — disse, mudando de conversa e disposto a não revelar nada sobre o crime cometido contra Belicena Villca — devo, pois, inferir que os Druidas existem, hoje em dia?

— Meu estimado Dr. Siegnagel, essa pergunta talvez seja destinada a ser respondida pelo senhor mesmo. Eu lhe dei informação suficiente e só me resta lhe assegurar que a investigação histórica, a menos que apareça outro Oera Linda ou abram a público a Biblioteca Particular do Vaticano, não mostrará nada de novo sobre os Druidas — afirmou, categoricamente.

— Por quê? — perguntei, desta vez com verdadeira surpresa.

— Por uma razão muito simples, mas inexplicável, ***Dr. Sieg-na-gel*** — disse o Professor com sarcasmo, quase soletrando meu sobrenome alemão — porque, entre 1939 e 1945, batalhões especializados das Waffen ᛋᛋ, o

corpo de elite alemão, esvaziaram a Europa dos poucos documentos que existiam sobre os Druidas.

— Para que os SS poderiam querer essa informação? — perguntei, com desconfiança, pois não gostava do rumo que tomava nossa conversa.

— Isso nunca se soube com certeza. Durante esses anos, acreditava-se que a documentação era levada para o mais importante centro de treinamento das SS, o Castelo de Wewelsburg, na Wesfália, onde havia uma Biblioteca especializada em Religião e Ocultismo de mais de 50.000 volumes. Mas, no final da guerra, parte desse valioso material e o "Círculo Restrito" das SS (uns 250 homens super-treinados e supersecretos) se evaporou, como por mágica.

— O senhor sabe — dizia-me o Professor, com olhar cúmplice — todas essas histórias sobre refúgios ocultos, o grupo Odessa... bah, absurdos.

— Sim — assenti com um gesto e olhei o relógio. Eram 20 horas e 30 minutos. Calculei que já estávamos reunidos há cinco horas e senti vergonha de abusar dessa forma do precioso tempo do Professor.

— Não há por que se desculpar, Arturo — dizia o Professor, diante de minhas escusas — foi uma conversa de meu agrado, na qual recordei, com o senhor, um pouco do que, em outros tempos, também me preocupou.

Nesses dias de verão só ficavam, na Faculdade, o sereno e o pessoal da limpeza. Saí em companhia do Professor Ramírez e o acompanhei até uma das Casas de Docentes onde ele morava, dentro da própria Cidade Universitária. E nunca mais voltei a vê-lo... Que o Incognoscível guie seu Espírito para a Origem, ou que Wothan o conduza ao Valhala, ou que Freya mostre-lhe a Verdade Nua de Si Mesmo, que seu coração se esfrie para sempre, que conquiste o Vril e possua a Sabedoria que tanto procurou durante sua vida! E, sobretudo — que consiga fugir da vingança de Bera e Birsa...

Capítulo IV

Regressei ao meu apartamento, imerso em sombrias reflexões, lutando para evitar que o desânimo me submetesse. Passado o entusiasmo inicial, o peso da realidade se apoiava duramente em meu Espírito e me apresentava uma interrogação inevitável: como eu poderia, valendo-me apenas de minhas próprias forças, cumprir a solicitação de Belicena Villca? É certo que me sentia dono de uma vontade inquebrantável, que não cederia facilmente em minha determinação de chegar até o final, que ***todas*** as minhas forças, sem reservas, seriam colocadas à disposição da Causa da Casa de Tharsis. Mas era certo, também, e eu o reconhecia humildemente, que não estava dotado com as virtudes de Ulisses. Não, definitivamente, eu não era o Herói Perseu que, segundo Belicena, desceu até o próprio Inferno para conquistar a Sabedoria. Mas não apenas àqueles Heróis mitológicos eu não me parecia — não me aproximava nem remotamente de algum dos Senhores de Tharsis.

Eles sim que sabiam como resolver todo tipo de situações. Enfrentaram, durante milênios, uma conspiração infernal, inconcebível para uma mente humana comum, suportaram várias tentativas de extermínio, e saíram airosos de todas as provas, saltaram todos os perigos, triunfaram sobre todos os inimigos. E conseguiram isso porque, no dizer de Belicena, seus corações eram mais duros do que a pedra diamante e possuíam a certeza do Espírito Eterno — e porque sentiam uma ***hostilidade essencial*** para com as "Potências da Matéria", o que lhes permitia exibir uma fortaleza indescritível diante de qualquer inimigo. Eles se mantiveram "à margem da História", procurando preservar a herança da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes brancos. Eram iniciados que agiam conscientes de sua responsabilidade espiritual. Cumpriam a "Estratégia" de seus Deuses e os Deuses se dirigiam a Eles e os guiavam.

Eu, ao contrário, era incomparavelmente mais fraco. Não distinguia, tão claramente como eles, entre Alma e Espírito, ainda que a leitura da carta me produzisse uma revelação do "Eu Espiritual", como a intuição inegável da verdade do Espírito encadeado na matéria — mas, por ora, era só uma intuição espiritual. Tampouco recebi uma tradição esotérica, uma sabedoria herdada, e muito menos tive a possibilidade de ser Iniciado no verdadeiro Mistério do Espírito. Procurei, isso sim, a verdade por muitos anos, como narrarei depois, e até cheguei a descobrir, por mim mesmo, a realidade da Sinarquia Universal, mas jamais me ocorreu lutar contra tais forças satânicas, ***nem nunca imaginei que fosse necessário fazê-lo, imprescindível, inevitável, uma questão de Honra***. Pelo contrário, como expressa um conhecido tango — ***"Eu me entregarei sem lutar"***: deixei que o sentimentalismo me abrandasse o coração, que me impregnassem os costumes decadentes do século, tolerei e convivi com as mais abomináveis realidades, as mesmas em que se afunda lentamente a Cultura ocidental, sem reagir. E não reagi nunca, porque carecia de reflexos morais, estava adormecido, talvez porque, no fundo, como agora, tinha medo de lutar e reagir, de enfrentar forças muito poderosas.

Ó Deus! Tinham me transformado em um idiota útil, em um estúpido pacifista! Mas, agora as coisas mudariam: se era necessário destruir, destruiria; se tivesse que matar, mataria; faria qualquer coisa, menos pactuar com o Inimigo do Espírito, descrito por Belicena Villca! Só precisava de ajuda, algum tipo de ajuda espiritual. Em resumo, eu estava decidido a chegar até o fim, a jogar, como disse, todas as minhas forças pela Causa da Casa de Tharsis, mas também era realista, consciente de minhas limitações, e sabia que, sem ajuda, não poderia ir a lugar nenhum. Mas, a quem poderia recorrer por esse auxílio? Isso não o podia decidir no momento, mas era sobre o que me disporia a pensar nas horas seguintes.

Guardei o automóvel na garagem da Torre em que vivia há alguns anos e subi por uma detestável escada em caracol de cimento armado até o hall dos elevadores. Minutos depois, encontrava-me comodamente vestido em meu pijama, disposto a meditar sobre aquilo que me preocupava.

"Três ambientes é muita coisa para um homem só", repetiram sem cansar meus pais, quando o adquiri, mas agora o apartamento não o parecia, devido ao acúmulo desordenado de objetos arqueológicos, várias publicações e livros. Na realidade, para os livros, destinei um pequeno quarto no qual coloquei estantes nas quatro paredes; mas logo a capacidade dessa biblioteca foi preenchida e os novos livros foram ganhando os demais ambientes, como hóspedes indesejáveis.

O único lugar mais ou menos arrumado, com certa ordem, era o amplo hall, que tinha um jogo de poltronas, mesa de café e lâmpada de leitura. Junto à minha poltrona favorita, a janela deixava ver a encosta de uma pequena colina, em cujo pé, imponente e majestosa, erguia-se a estátua equestre do General Martín Miguel de Güemes. Sentei-me ali, com um sentimento muito especial, como se verá no decorrer do relato, e permaneci várias horas — até que se produziram os fenômenos.

Mas não nos adiantemos. Era meia-noite e eu, retomando o fio dos pensamentos anteriores, perguntava-me obsessivamente: devo solicitar ajuda, mas, para quem?

Como sempre ocorre, quando o homem enfrenta situações que superam suas forças e clama por ***ajuda exterior***, fica infalivelmente apresentado um problema moral — é o antiquíssimo confronto entre o bem e o mal. Nesses casos, o princípio fundamental que deve ser primordial no julgamento sobre a "amizade" ou a "inimizade" das Potências às quais nos dirigimos é o ***discernimento***. Quando a "lei" é precisa, em eventos que devem se confrontar juridicamente, por exemplo, o discernimento é automático, racional, diríamos. Na complexa trama legislativa, milhares de leis entrelaçadas qualitativa e hierarquicamente regulam a conduta do homem na sociedade civilizada. Existem "figuras" jurídicas do tipo que permitem orientar o julgamento e determinar com precisão se o que um homem faz é bom ou mau — é bom se não produz contradições juridicamente demonstráveis e mau se falta com a lei.

Isso quanto à conduta do homem, coletivamente ajustada à "lei". Na esfera individual, o sujeito, geralmente ignorante da grande variedade de leis que regulamentam o Direito, se conduz de acordo com sua "consciência moral". Esse conceito alude a que o fato de ser membro de uma sociedade humana, tanto pela transferência cultural de gerações de antepassados, como pela educação ou simplesmente a imitação do próximo, capacita o homem no exercício de uma espécie de reflexo condicionado moral que atua, por fim, como uma intuição (consciência moral ou "voz da consciência"). Mas não se trataria de uma verdadeira intuição, mas da aparência desta, e o que ocorreria seria que um extrato de experiências morais, assimiladas pelos meios mencionados ou por qualquer outro e reduzidas ao nível inconsciente, atuariam automaticamente, guiando a razão no discernimento das oposições estabelecidas e determinando a lógica do julgamento.

Compreende-se que, quanto mais "automaticamente" se desencadeia esse mecanismo psicológico, tanto mais debilitada está a vontade de

discernir. O gosto ou a comodidade ao viver em meios urbanos ou cidades, fala sobre o predomínio desses processos inconscientes e explica o medo e pânico ao enfrentar situações ou circunstâncias originais, onde possa falhar o discernimento. Daí a falácia de acreditar que o "habitat" urbano, esfera cultural por excelência, faz o homem ser mais "equilibrado", quando a verdade é que o indivíduo dos meios rurais costuma possuir um discernimento moral mais certeiro, não racional, e sim emanado das profundezas do Espírito.

O julgamento sereno de homens aos quais costumamos julgar ignorantes, poderia chegar a nos surpreender. Sem a crosta de infinitos costumes decadentes, cristalizados em todas as áreas da mente, essas pessoas simples experimentam também estados de consciência transcendentes, sem fazer muito barulho e, o que é bom, sem efetuar "classificações parapsicológicas".

Para efeito de comparação de ambas as condutas, suponhamos que foram colocados (o cidadão e o homem rural) para escolher entre Deus e o Demônio, sendo o segundo a imitação do primeiro. Com toda a probabilidade, a inclinação racionalista do cidadão o incapacitaria para discernir entre essência e aparência Divina. Talvez essa distinção tampouco a possa realizar a mente simples do camponês, mas, por essa mesma simplicidade ou pureza, ele poderá "pressentir" a presença de Deus, ter a "certeza" de distinguir a verdade da mentira.

Poderá parecer muito difícil que alguém se proponha um dilema semelhante, ***mas para mim essa era a questão***, ao considerar a necessidade de receber "ajuda exterior". Porque essa ajuda seria, acima de todas as coisas, "ajuda espiritual", e esse auxílio só poderia provir do ***"além"***, de um Mundo transcendente à matéria e ao homem. E aqui é onde eu tinha me detido, perplexo, no passado: esse "outro Mundo", ***qual*** Deus o rege? ***Qual*** é a ***verdadeira*** Religião do Espírito? ***Quem são*** seus representantes na Terra? ***Onde está*** a Porta para Deus, para o Mundo de Deus, para a Pátria do Espírito?

Durante muitos anos, procurei a resposta a essas perguntas, mas jamais como agora estive diante de uma situação limite, em que a necessidade de ***discernir*** era incompatível com a vida comum. Pois, estava certo, já não poderia avançar mais em minha vida sem encontrar uma resposta. Tinha 36 anos, mas fazia pelo menos 15 que "buscava" respostas. Nessa busca, havia transitado por um caminho sinuoso que não desdenhou dos cumes intelectuais da Filosofia e da Ciência, nem dos abismos irracionais de Religiões e Seitas.

Lembrava que, a princípio, era orgulhoso de ter uma formação "ocidental". Preparado em uma atmosfera de bruto cientificismo racionalista, houve épocas em que cheguei a confiar cegamente em que as metodologias da investigação empírica eram o único caminho para obter um conhecimento correto do Universo. Mas, passaram-se os anos, apareceram

angústias que não se poderiam reduzir por nenhuma "metodologia" e então considerei a possibilidade de explorar outras vias de conhecimento.

Percorri, nessa busca, mil tendências filosóficas e religiosas; li centenas de livros e pratiquei muitos ritos de Cultos diferentes. Mas sempre ocorria o mesmo: enquanto as teorias e dogmas, expressos de todas as formas imagináveis eram, ao menos, dignas de respeito, não se poderia dizer o mesmo das organizações que mantinham tais ideias. A menos que eu se estivesse cego por uma fé fanática, terminava descobrindo "atrás" das Ordens e Seitas — ou simplesmente, dos "Líderes" — a finalidade subalterna e inconfessável, a conexão inadmissível e intolerável.

Com indignação, fui descobrindo essas finalidades ocultas, que obedeciam a três formas de agir das forças sinárquicas: ***um modo "militar", um modo "político" e um modo "religioso"***, sem que essa classificação implique em ordem de importância ou de aparecimento. As "Sociedades Secretas sinárquicas" — usarei esse nome genérico — podiam se comportar de acordo a um, dois, ou aos três modos mencionados, e inclinar-se firmemente ao cumprimento de seus propósitos secretos. Em última análise, comecei a suspeitar que todas se uniam em um objetivo comum: obter o domínio do Planeta, favorecer a tomada do Poder mundial, por parte de um grupo hierárquico de homens. Naturalmente, na época eu ignorava, até a leitura da carta de Belicena Villca, que os destinatários do esforço universal da Sinarquia eram os membros do Povo Eleito. Mas, aqui está o que eu comprovava: os Serviços de Inteligência de qualquer espécie e país, ***modo "militar"*** das Sociedades Secretas sinárquicas, se encarregam de se infiltrar em todas as organizações possíveis, incluindo as seitas ou Igrejas religiosas, quando não as controlam diretamente, como, por exemplo, ocorre com a Igreja dos Santos dos Últimos Dias ***(Mórmons)***, que está habilmente controlada pela C.I.A. O marxismo internacional, o trotskismo, o sionismo, etc., ***modos "políticos"*** das Sociedades Secretas, estão por trás de centenas de inocentes organizações que lhes servem de fachada. E, dentro dos ***modos "religiosos"***, contam-se milhares de grupos ou pequenos grupos controlados pela Sinagoga, Igrejas Protestantes, o Islã, o Budismo, e até a Igreja Católica. E, sempre, o objetivo final é formar um espectro, o mais amplo possível, para abranger todas as vertentes ideológicas e captar todos os dissidentes das Grandes Linhas Internacionais. ***"Ninguém deve ficar fora do controle da Sinarquia"*** parece ser o lema que os guia.

O descobrimento dessa negra realidade, subjacente sob falsas promessas de elevação e progresso espiritual, levou-me a esse estado de "ausência de ideal", que defini em outra parte do relato. A partir daí, continuei vivendo mais ou menos normalmente e até me interessei pela Antropologia, mas a reação às enganosas experiências passadas me induziu a desconfiar sistematicamente da "boa fé" das ***instituições socialmente organizadas***. Cheguei a sentir espontânea repugnância, ao tomar contato, pela primeira vez, com alguma ***associação***, cujo propósito declarado — eu o adivinhava

imediatamente — era veladamente traído, em favor de ***suas*** internacionais tendências ocultas.

Definitivamente, eu não confiava em nenhuma organização terrena como intermediária entre uma Ordem Espiritual Superior e o Mundo Material.

Considerando o que foi dito, entender-se-á melhor o ***dilema*** que me era apresentado nesse momento: para cumprir o pedido de Belicena Villca, deveria enfrentar uma Sociedade Secreta de Druidas, homens que possuíam terríveis poderes, segundo se depreendia da carta e das declarações do Professor Ramírez. E até correria o risco de chamar a atenção dos Imortais Bera e Birsa, que me liquidariam em um abrir e fechar de olhos. Aquilo não era um jogo! Eu devia, no momento, procurar ajuda contra Eles; e esse socorro só poderia ser espiritual, administrado por seres que compartilhassem do objetivo da missão, o que equivale a dizer, por partidários da Sabedoria Hiperbórea. Mas, onde estavam esses seres?

Na verdade, eu acreditava seriamente que, para empreender a missão, com possibilidade de sucesso, era necessário algo concreto, que não era questão de se sentar para orar ou se desgastar em especulações metafísicas. Mas, me repetia, a quais organizações poderia recorrer em busca de ajuda? A Maçonaria, a Teosofia, a Antroposofia, o Martinismo, os Rosa-cruzes, os Gnósticos, e outras Sociedades Secretas mais ocultas ainda, mas da mesma laia sinárquica, estão em oposição essencial à Sabedoria Hiperbórea — agora via muito claramente. E assim, por mais que pensasse e repassasse a lista de todas as organizações conhecidas, sempre concluía que eram, pelo menos, suspeitas de pertencer à Fraternidade Branca, a superorganização oculta inimiga da Casa de Tharsis. Ó, dilema! Existia uma Sociedade Secreta de Iniciados Hiperbóreos na Argentina, uma Ordem de Construtores Sábios, segundo revelara Belicena em sua carta, mas ninguém sabia onde se encontravam, nem como chegar até eles. Eu procuraria encontrá-los, mas era plenamente consciente de que centenas, talvez milhares, de agentes da Sinarquia estariam aguardando que alguém se aproximasse, para executá-los sem piedade. Duvidava se poderia empreender sozinho essa busca e, por isso, examinei a possibilidade de recorrer a alguma organização "amiga" da Sabedoria Hiperbórea para solicitar ajuda. Contudo, repito, por mais que pensasse, não chegava a uma solução: ***será que a Sabedoria Hiperbórea não tinha partidários neste Mundo?*** A resposta parecia ser "não". Pelo menos, não contava com seguidores socialmente organizados, ou eu desconhecia a existência de alguma organização semelhante.

Capítulo V

Meu único aliado — pensava no início da reflexão — é o discernimento. Ele me indicará para onde me dirigir, em quem confiar. Se é que há alguma

linha filosófica ou religiosa afim, ele me permitirá descobrir; ele me dirá se é "boa ou má" e como recorrer a ela.

Mas a análise realizada depois de uma profunda meditação mostrava uma conclusão assustadora: à medida em que eliminava possibilidades, todas as organizações ficavam em um grupo (inimigo) e no outro ***ninguém***.

Por mais que tentasse polarizar, de forma maniqueísta, a miríade de Religiões, Seitas, Associações, Sociedades Secretas, Organizações, Grupos, Ordens, Confederações, Irmandades e Fraternidades, não conseguia discernir uma sequer que ostentasse um raio de Luz Incriada, um brilho da Verdade Primordial do Espírito. No entanto, se tudo quanto afirmava Belicena Villca sobre a Origem do Espírito Incriado era certo, se o Espírito só pode sentir hostilidade para com este Mundo, para com a Cultura judaica que hoje predomina neste Mundo, não seria estranho o resultado de minhas reflexões. Pelo contrário, seria bem mais lógico que, estando a Fraternidade Branca a ponto de realizar a Sinarquia Universal, como no século XIII, não existisse senão uma organização de Iniciados na Sabedoria Hiperbórea. Se, do mesmo modo que no século XIII, o ***Circulus Domini Canis*** se opôs aos planos da Fraternidade Branca, talvez agora existisse apenas a ***Ordem de Construtores Sábios do Senhor da Orientação Absoluta***.

Então — dizia-me, desolado, sentindo que uma angústia, muito parecida ao terror, subia do estômago para a garganta — então, não devo esperar nenhuma ajuda concreta para cumprir minha missão. Tenho que contar com minhas próprias forças! — custava-me aceitar isso.

A missão proposta por Belicena era claramente uma tarefa que requeria o desempenho de um homem superior, de alguém dotado com muito mais do que eu contava, nesse momento. Se de algo estava certo, contudo, era que a ajuda espiritual seria imprescindível para cumprir a missão. Mas a ajuda, segundo minhas recentes conclusões, eu não deveria esperar das organizações humanas: ***não poderiam existir intermediários entre o espiritual e eu***. Era evidente, pois, que a ajuda espiritual teria que se manifestar diretamente em meu interior; que Deus, ou os "Deuses Libertadores", ou meu próprio Espírito, Eterno, Incriado, Infinito, se respondessem à solicitação de auxílio, teriam que fazê-lo nas profundezas de minha intimidade psíquica.

Há algum tempo, eu vinha sentindo uma espécie de agonia, uma opressão no peito à qual não dava muita importância, pois a atribuía ao tórrido fevereiro. Essa hipótese logo se desvaneceu, pois as noites de Salta podem ser bem frescas, mesmo no verão, e essa não era a exceção. Percebi imediatamente, quando abri a janela: vi o parque tenuamente iluminado pelo crepúsculo das 4 horas, ao mesmo tempo em que uma brisa fria me obrigou a fechar a abertura. Em pé junto à janela, estranhamente sufocado por uma angústia desconhecida, pensei tolamente que, em alguns minutos mais, amanheceria.

Uma sensação de ***solidão cósmica*** me havia embargado pouco a pouco, sem que eu a notasse e, por fim, conseguiu penetrar no fundo de minha

Alma. Por um instante, pensei que a análise anterior tinha me isolado introspectivamente do Mundo; ou, em outras palavras, que a polarização maniqueísta à qual submeti as organizações humanas, havia continuado, inconscientemente, a saltar de categorias até um confronto: eu e o Mundo. Isso poderia se dar pela minha instintiva rejeição do que fosse material. Mas não era assim, pois, ao pensar em meus amigos, minha família, os seres que admiro, intuí, em seguida, a potência espiritual neles. E a conhecida sensação de alegria que me inspira o espiritual fez vibrar meu corpo. Sim, era capaz de intuir o Espírito em alguns seres e, portanto, não estava realmente só. A horrível solidão que sentia agora — pensei rapidamente — não era produto de um desvio patológico, como a de que costumam padecer, em suas melancolias, os solipsistas egoístas. Essa era uma sensação totalmente diferente. Dilacerante e dolorosamente aguda, poderia se traduzir em uma palavra: ***abandono***.

Sentia-me só e cosmicamente abandonado, mas nessa sensação de abandono, compenetrada, havia uma segunda sensação, mais sutil, mas menos dolorosa: era como uma reprovação muda que vibrava no fundo de minha Alma, mas a uma profundidade inimaginável. Era a reprovação de um Deus, que se transmitia através de um espaço sem dimensões e que parecia chorar por uma perda; uma amputação metafísica de Sua Substância, que era sofrida como só Ele é capaz de sofrer.

E essa perda que reprovava o Deus, era eu mesmo...

Eu que o traía, que cometia uma heresia condenada e abominável.

Sentia-me só e cosmicamente abandonado, repito, mas em um grau tão intenso que, por um instante, acreditei ter morrido.

Deve-se compreender que isso ocorreu muito rapidamente, talvez em alguns minutos ou segundos. E o mais provável é que realmente morri — isso compreendi muito depois — por me ter deixado vencer por esse estranho estado anímico.

Se não ocorreu assim, foi porque remotamente, nas fronteiras da consciência, que me abandonava rapidamente, tive uma intuição certeira: essa emoção que estava me matando era externa ao meu próprio ser!

Não era eu quem se lamentava e gemia emotivamente, com uma força tal que preenchia tudo; que atravessava minhas múltiplas esferas de percepção e se difundia pela realidade circundante; que dissolvia minha consciência, ao perder a diferenciação entre sujeito e objeto.

O curioso foi que, ao me fazer consciente dessa intuição, tudo terminou de repente, com uma explosão silenciosa e brilhante, na qual acreditei distinguir fugazmente um círculo branco que me cercava.

Quer dizer, nem tudo terminou, porque agora a sensação tinha se transferido ***totalmente para fora de mim***, ao Mundo concreto.

Eu me senti, de repente, lúcido e alerta, enquanto ao meu redor, os móveis, o chão, as paredes do apartamento, tudo parecia irradiar uma maldade assustadora e ameaçadora. Era algo tenebroso, que se sentia epidermicamente, ***que se percebia com todo o corpo, com cada órgão,***

com cada átomo. O mesmo estado anterior, mas invertido e exacerbado: a ***solidão cósmica*** profunda era, agora, pura Presença; o abandono, um chamado mudo, mas de uma violência incontestável; a reprovação do Deus, que parecia tão Divino, ao brotar das profundezas da Alma, tinha se transformado em um rugido bestial, obsceno e insultante.

Não é possível expressar com palavras o que vivi, então. Só posso dar uma pálida ideia, se digo que essa Força Primordial era vagamente semelhante à respiração de uma besta enorme e maligna.

Uma respiração fétida e ofensiva que brotava de todas as coisas, que eram por sua vez, as vísceras, os órgãos, desse Dragão eriçado e perigoso. Uma respiração que impunha sua Presença cheia de Vida. Mas essa Vida era, para o Espírito, o que o ruído é para a música: vil imitação e miserável cópia. Uma respiração voluptuosa que inalava e expirava em uma cadência grosseira e animal.

No silêncio e calma da noite, essa Presença se realçava, viciando o ar de ameaça; como se, invisível e poderoso, um Inimigo mortal me espreitasse, prestes a se jogar sobre mim, para tirar-me a vida e mais do que minha vida...

Eu tinha a impressão de ter caído em um nebuloso precipício, do qual fui resgatado antes de chegar ao fundo. Estava agora em pé às bordas do Abismo, milagrosamente a salvo, mas vítima dessa apreensão que só sente aquele que sobrevive ao desastre. Por isso, permaneci imóvel e não fugi daquele ambiente carregado de uma maldade indescritível, que parecia se dirigir agressivamente para mim.

E essa imobilidade, serena e reflexiva, parecia excitar mais a tensão dramática, elevando-a a níveis insuportáveis.

Eu compreendi, nesse momento, que "o que a Matéria irradiava" — seja qual for o nome disso — estava perdendo sua capacidade de influir sobre mim, pois, no meio da insuportável tensão, percebia-se uma impotência para consumar a agressão. Ao chegar a esse ponto, parecia que tudo ia explodir, voar em pedaços pelo ar...

E explodiu.

Capítulo VI

Mentiria se dissesse que eu não aguardava algo paranormal.

Meus olhos estavam fixos nos objetos do aposento, esperando vê-los saltar, a qualquer momento, sobre mim.

Esperava isso e, na verdade, esperava que ocorresse qualquer coisa anormal, menos o que realmente aconteceu: tudo começou a se mover e a mudar de posição, a cair e pular sobre o chão.

Estantes e móveis, tudo caía e pulava sem cessar, enquanto eu, absorto, acreditei viver um pesadelo.

Demorei alguns segundos — preciosos — para compreender que assistia a um movimento sísmico e, quando, finalmente, decidi fugir, o tremor já havia quase terminado.

Casualidade? Sincronia? Que o leitor pense o que quiser, mas não poderá evitar o fato a considerar de que o tremor de 21 de janeiro de 1980 danificou um único edifício de maneira irreversível — o que eu habitava — e que teve que ser evacuado, como pode comprovar, lendo os jornais desses dias.

Não houve vítimas, mas o edifício ficou inexplicavelmente danificado em sua estrutura e, por isso, as autoridades municipais empreenderam, sem resultados, uma investigação na empresa de arquitetos que o construiu. Ao não existirem seguros, as perdas foram totais para os proprietários do Consórcio, entre os quais eu estava.

Dos meus pertences, pouco pude salvar, pois o que era suficientemente forte para sobreviver ao sismo, sucumbiu à queda dos tetos. Entre eles, meu carro que, se bem que pudesse ser reparado dos amassados, não sairia do estacionamento por vários dias, por estar a rampa de entrada obstruída.

Fiquei arruinado da noite para o dia, como ***Jó***. Mas, sem sua famosa paciência.

Não vou negar que, no primeiro momento, fiquei desesperado. Qualquer um compreenderá, colocando-se no meu lugar. Depois da sinistra experiência narrada, com o peso de uma longa noite sem dormir e a carga do dia anterior em que visitei o Professor Ramírez, tinha que ser mais do que forte, para não ceder e desmoronar. Mas, conforme foram passando alguns dias, meu Espírito foi recobrando sua têmpera habitual, e as coisas começaram a se resolver. Aluguei um apartamento em um bairro próximo e o mobiliei com a ajuda de minha irmã e alguns amigos. As coisas que quebraram, e que era imprescindível repor, adquiri lançando mão de minhas escassas economias.

Eu fazia todos esses arranjos incentivado pelos meus seres queridos, que, em sua solidariedade, se preocupavam por meu estado de ânimo abstraído e indiferente. Pensavam — por desconhecerem as estranhas circunstâncias em que ocorreu o sismo — que o desastre havia me afundado em um choque volitivo.

O raciocínio deles não era equivocado, pois, se bem que nunca fui muito apegado aos bens materiais, a perda de quatro anos de trabalho e sacrifícios era uma prova muito dolorosa que, em outra ocasião, teria me afetado bastante. Nesse momento, a verdade era outra: minha mente, desde o instante em que recobrei a serenidade, não cessava de analisar os momentos vividos. Estando absorvido pela lembrança dessa noite infernal, entende-se que parecesse, na visão dos demais, ausente e abatido. Longe de estar assim, ia crescendo em meu interior uma raiva surda, um furor cego que, sem me perturbar, parecia mais que me nutria de força vital e valor. Não voltaria atrás! Agora mais do que nunca!

Uma semana depois de ocorrido o tremor, encontrava-me preparado e pronto para sair de viagem. O atraso não afetava substancialmente meus planos anteriores e, por isso, com uma saudável impaciência juvenil, desejava ir o quanto antes.

Era novamente segunda-feira. Previa passar por Cerrillos, para me despedir de meus pais e, se me apressasse para sair, chegaria a tempo para o café da manhã com eles.

Coloquei uma bolsa e uma maleta no maltratado Ford, finalmente resgatado dos escombros, e parti para a aventura.

Capítulo VII

Dizer que não era o mesmo homem de sete dias atrás seria incorreto pois, essencialmente, nada havia mudado em meu interior. No entanto, eu não me ***sentia*** igual e ***sabia*** que nunca mais voltaria a ser a mesma pessoa. Como Dante, baixei ao Inferno e voltei — pensava. Viver, a partir de agora, com a lembrança do Abismo, logicamente, ***tem que ser diferente***.

Mas não se tratava apenas de uma lembrança sinistra. Eu procurava ajuda espiritual e a havia recebido. Certamente que o auxílio chegou coincidindo com o ataque das Potências da Matéria, simultaneamente com o sismo. Mas isso não tirava o mérito do fato, porém dotava-o de um significado particular, ***de um sentido que, no momento, eu não compreendia***, mas que, depois, durante a viagem a Santa Maria, absorveria toda a minha atenção. O que aconteceu, na realidade? Eu ***havia tido uma Visão, a mais maravilhosa visão de minha existência, que era, ao mesmo tempo, a ajuda requerida***.

Sintetizarei isso cronologicamente. Ao que parece, o processo começou realmente quando tive essa intuição de não ser eu que ***sofria*** e ***agonizava***, que padecia da ***dor*** da extinção da vida. Então, disse, ***"tudo se transferiu para fora"***. Na verdade, nesse instante, ficou evidente para mim que a ***dor*** e o ***sofrimento,*** a ***agonia*** da vida e a própria vida, ***eram coisas alheias***, de natureza não espiritual. É necessário dizer que, nesse instante, ***havia distinguido claramente entre o Espírito e a Alma, entre meu Eu espiritual e minha natureza animal***. Havia compreendido que o Espírito ***não conhece a dor nem o medo, mas é pura Alegria e Valor, pura Honra resoluta, pura Força volitiva***. E então, "viver" ou "morrer" não significaram nada para mim, porque já me encontrava além da vida e da morte, talvez além, também, do bem e do mal. Foi então que a Alma, e o Deus da Alma, perderam a capacidade de agir sobre meu Eu e ***se dissolveu algo como uma Ilusão Antiga, rompeu-se algo como um Encantamento Primordial. De repente, tudo o que era anímico e vital, e que era, além disso, maligno, se transferiu "para fora" de meu Eu, para meu corpo***

animal e para o Mundo onde vive o corpo animal. Pela primeira vez, ***me senti Eu, apenas Eu; Eu, cercado pelas Potências da Matéria; Eu, sitiado pelo Deus Criador do Universo***. E então, indubitavelmente, como consequência de ter mantido uma batalha contra a Alma, e sair vencedor, ***produziu-se a Visão e recebi a ajuda que procurava***. E aconteceram os fenômenos telúricos.

Não entrarei em detalhes, que pouco contribuiriam para a compreensão de minha experiência mística, e só conseguiriam degradá-la. Em resumo: ***a visão era de uma Deusa***. A Aparição aconteceu durante um instante infinitesimal. Não saberia dizer se dentro ou fora de minha estrutura psíquica, mas, efetivamente, Ela ***arrebatou*** meu Espírito. Sim, para comunicar o ocorrido não posso fazer mais do que conjugar as palavras ***arrebatar*** e ***extasiar*** como verbos, e afirmar que Ela ***arrebatou*** meu Espírito, ***extasiou*** meu Eu e o tirou ***para fora da Alma e do Mundo***. Ela me "***sequestrou"***, por um segundo, do corpo e da Terra, e se mostrou perante meu Eu espiritual em toda a magnificência de sua Beleza Incriada. Porque aquele "sequestro" espiritual revelava-me quem tantas vezes mencionara Belicena Villca em sua carta: a Virgem de Agartha, a Advogada Carismática do Espírito encadeado. E então compreendi, no meio do arrebatamento místico, que a Sequestradora do Espírito prisioneiro na Matéria era a Graça, ***necessária, depois*** de que o Eu do homem adormecido lutasse contra a Alma e a vencesse: ***só por sua intervenção, pela ação de Sua Graça, o homem adormecido conseguirá manter essa Vitória contra as Potências da Matéria; só Ela auxiliará o Eu, carismaticamente, com o aporte de uma força volitiva extra, que lhe permitirá manter-se independente da Alma Criada***.

Foi um instante sem princípio nem fim, porque sempre estará presente na intimidade de meu Espírito. Um momento absoluto no qual, sem dúvida, espiei a Eternidade. A Deusa me "sequestrou" e reteve esse instante para mim na Esfera Incriada de Sua Própria Existência, e me infundiu a força volitiva extra que o Espírito necessitava para empreender a missão de Belicena Villca. Que forte e invencível eu me senti, então! E, acima de todas as coisas, compreendi quão livre, absolutamente livre, era, em sua essência, o Espírito Incriado, ***sem limites criados para sua Existência Eterna***, o que equivale a dizer, Infinito! Senti-me ***Eu***, Incriado, Eterno, Infinito, Livre, pletórico de Sabedoria! Senti-me ***Eu***, e percebi que fora de mim tinham ficado o psíquico e o anímico, a consciência da vida quente, e o conteúdo da vida quente, a Ilusão externa e interna que causavam o torpor espiritual! Eu soube de repente e experimentei essa descoberta evidente: o que era o ***"Grande Engano"***, cujo perigoso poder de encantamento me prevenira Belicena Villca. Senti-me ***Eu***, e soube do ***não ser Eu*** da Alma, no "sequestro" de inspiração espiritual que a impressão da Virgem de Agartha me causava. ***Impressionou*** meu Espírito, e a impressão ainda subsiste, Sua Radiante Beleza Incriada, a majestade de Seu Poder, Sua esplêndida Graça. Vi n'Ela uma Deusa, mas ali na hora do "sequestro", eu também era um Deus. Por

isso, senti n'Ela uma ***Gottkamerad***, uma Camarada, uma Irmã, uma Companheira da Raça do Espírito — só que eu tinha sido arrebatado momentaneamente da prisão em que me encontrava e, ao contrário, Ela era um Espírito Hiperbóreo absolutamente livre. Ela se aproximava de mim para me oferecer o socorro de Sua Graça, motivada pela Honra, que é a essência do Espírito Incriado. Isso também era evidente para mim, nesse instante infinito, e assim, meu próprio Espírito, movido por sua Honra essencial, lutava para ***agradecer*** à Deusa de algum modo, para expressar que Seu Auxílio não seria em vão, para assegurar que minha decisão era inquebrantável.

Mas não cheguei a fazer nada nesse sentido, pois a Deusa sorriu maravilhosamente, dando-me a entender que compreendia todos os meus pensamentos. A Virgem de Agartha tinha um ramo de espigas de trigo em Sua Mão Esquerda e um grão do mesmo cereal entre os dedos indicador e polegar da Mão Direita. Enquanto sorria, fez um gesto com essa mão direita que, a princípio, não interpretei, e a dirigiu a mim, para algo como um ***Olho de Fogo*** que eu possuía em determinada parte do Espírito — ***então, abriu os Divinos Dedos e soltou ali a mágica semente***. E esse ato colocou um fim à Visão, bruscamente. Senti como se um Raio Gelado, entrando ***pela minha cabeça***, causasse um impacto ***no coração*** e, imediatamente, a sensação gélida começou a se espalhar pelo corpo, ao mesmo tempo que uma paralisia crescente apoderava-se de mim. E me encontrei, ainda de pé no aposento, observando estupidamente que todas as coisas começavam a pular de suas posições e o edifício ameaçava cair. O êxtase durou só um instante infinitesimal, conforme disse, mas depois transcorreram preciosos segundos, até que compreendi o que ocorria no Mundo, ***coincidentemente, simultaneamente*** e reagi. Então, terminou o sismo, e notei que também havia desaparecido a maldade opressora que, um momento antes, brotava da Matéria. Pelo contrário, a Matéria aparentava ***encontrar-se subordinada a mim***. Havia uma ideia flutuando no ambiente, fluindo igualmente de todas as coisas, que eu captava perfeitamente e que poderia traduzir mais ou menos assim: ***Agora és um Deus e nada nem ninguém poderá resistir à Tua Vontade. O que ocorreu aqui é uma amostra de Teu terrível Poder!*** Esse conceito define o "novo sentido" que, tal como mencionei no início, a Matéria ***parecia*** adquirir agora ***pelo efeito*** da Visão — ***existia, pois, a intenção manifestada de insinuar que existia uma relação causal entre o sismo e o meu recente "sequestro" espiritual***. Mas eu não me deixava enganar. Intuía nessa ideia uma armadilha das Potências da Matéria, uma tentação, que, no momento não era clara, mas sobre a qual, mais adiante, me dedicaria a refletir profundamente.

Essencialmente, então, nada havia mudado em meu interior, mas nunca mais voltaria a ser o mesmo. Só ***a relação de forças*** que o Espírito e a Alma mantinham, foi o que se alterou, por causa da força volitiva extra aportada pela Virgem de Agartha. Ao recobrar a consciência com relação à realidade do Mundo, depois de ver a Divina Imagem, meu Eu era capaz de

dominar, com singular potência, a natureza anímica, de uma maneira como jamais conseguira antes, depois de anos de práticas iogues de concentração e controle mental. E não estava disposto a perder esse poder, e que se invertessem os papéis e o Eu ficasse novamente submetido aos ***desejos*** da Alma. Mas isso não ocorreria, podia assegurar, pois era evidente que não apenas o Eu saiu fortalecido do "sequestro" espiritual, mas a Alma se enfraquecia permanentemente, no que era sua própria essência: os sentimentos e emoções, o amor à vida e às coisas da vida, ***o bom coração*** que sempre havia se manifestado e que impediu, mais de uma vez, que usasse de violência para solucionar os problemas que atrapalhavam meu caminho, todas essas paixões quentes e muitas mais, se ***esfriavam*** rapidamente, piscavam e se extinguiam, como a chama da vela que consumiu sua cera. Certamente, se me visse obrigado a sintetizar o novo estado do meu ser, diria que era algo muito semelhante ao ***renascimento*** em si — não temo em afirmar isso, apesar de ser Médico Psiquiatra e, além disso, homem culto. Ainda que isso seja inaceitável para a ortodoxia oficial, não poderia negar o que certamente experimentava e que já tinha produzido uma transformação visível em minha conduta — foi notado por quase todos os que me conheciam, e é por isso que supunham que eu passasse por um choque pós-sísmico; que eu "sofresse" de uma espécie de ***regressão*** psicológica. De repente, transformei-me "em um menino", "ria por qualquer motivo" e parecia que "nada mais me importava" — essas eram as reprovações dos amigos e parentes, que revelavam a particular mudança regressiva do meu caráter. Mas também estava me tornando cruel e impiedoso, e isso eu mesmo o sabia, mas não me reprovava, pois, como nunca, desprezava minha vida e a vida em geral. Quero esclarecer que "como nunca" significa "como nunca na idade adulta", uma vez que, e isso eu conhecia profissionalmente, as crianças, da mesma maneira que o Eu renascido, ***eram capazes de matar sem julgamentos nem arrependimentos***.

Talvez, durante aquele "sequestro" espiritual, naquele instante infinito, eu realmente tenha morrido e ressuscitado no final — o que implica em um paradoxo, pois não pode terminar o que não tem fim, um instante que estaria eternamente em meu Espírito. Sendo assim, a mudança infantil de caráter, a força volitiva reforçada, os sentimentos que morriam, os desejos que se apagavam, o coração que se esfriava irremediavelmente, a sensação de renascimento, a certeza espiritual de me sentir salvo, próximo da libertação definitiva dos laços materiais, tudo se explicaria, supondo que a verdadeira vida espiritual continuava na esfera do "sequestro", da qual jamais saí nem sairia, quer dizer, no Infinito, e que essa aparente vida, vivida ao "término" do que não pode terminar, era, efetivamente, uma forma de morte, uma ilusão espiritual inexistente, mas inevitável. Talvez, efetivamente, estivesse realmente morto e, por essa condição, não temia mais nada vivo; e muito menos a Morte. Talvez tudo fosse produto daquela misteriosa semente que a Virgem de Agartha soltou no meu Olho de Fogo do

Espírito. Eu, ainda, não podia saber isso. Mas o certo, o concreto, era que tinha recebido a ajuda espiritual solicitada, que, morto ou renascido, me sentia alegre e valoroso, que não temia a Morte nem temia matar, e que sentia que, estranhamente, meu Eu ***participava do Infinito atual***. Sim, inequivocamente, sentia-me indeterminado pelo lado do Eu; tudo quanto o Universo continha, incluindo minha própria vida biológica, e o próprio Universo, eram limitados e perecedouros — este era o lado finito do meu ser, a Ilusão. Mas agora sabia com certeza que, no Eu, abria-se um abismo interminável — esse era o lado Infinito do meu ser, a Verdade.

Talvez se compreenda em parte o que eu, então, sentia, recorrendo a uma metáfora.

Imaginemos uma pessoa acostumada a viver em um belo bosque solitário. Os dias transcorrem ali suavemente, sem muitas surpresas e, se bem que a luta pela vida impõe um permanente alerta, essa mesma persistência faz com que a atenção se mantenha dentro de níveis constantes e, por fim, rotineiros.

Dir-se-ia que esse homem "domina a situação" de sua vida cotidiana. Perto dali, sereno e manso, o lago oferece o prazer esporádico de um banho refrescante e reparador. Mas o lago não é um lugar seguro, no qual se possa permanecer por muito tempo, como o bosque.

A água não tem a firmeza da terra e, para se manter no meio líquido é necessário dispor de um certo controle, de uma certa atenção extra, uma exigência que, finalmente, acaba cansando o homem. Por isso, as visitas ao lago são reguladas pela necessidade de pescar ou pelo prazer do banho. Um dia, esse homem, por erro ou por audácia, gera uma circunstância que escapa do seu controle: o fogo, que o havia ajudado a viver, até então, escapa para o bosque, furioso e destruidor. O homem fica estático ou luta para abafá-lo ou blasfema, desesperado; qualquer atitude dá no mesmo; nada pode evitar a catástrofe, pois o fogo superou o seu controle, ultrapassou-o. As chamas se propagam por todo lado, consumindo tudo, e se faz imprescindível buscar salvação; mas, para onde ir? Onde está a segurança? De repente, como um raio, surge a luz: o lago.

Uma ironia: o lugar onde nunca lhe ocorreria procurar refúgio, é agora o único que oferece a possibilidade de sobreviver à mudança brutal do mundo cotidiano, que se desvanece, consumido pelo fogaréu voraz e assassino.

Corre, corre o homem desesperado para o lago salvador. Atrás dele, um monstro ardente e implacável parece persegui-lo de perto, rangendo os dentes, rugindo e lançando baforadas sufocantes.

Mas não é possível virar-se para olhar, não teria outra oportunidade. Só resta chegar ao lago, que nunca pareceu ficar tão distante como agora. Finalmente! Visão paradisíaca, prazer indescritível, aparição mística — o lago emerge em seu horizonte.

Fantasticamente calmo é, para aquele que foge, por milímetros, da morte, um oásis de paz. O homem joga-se nas águas protetoras e nada muitas braçadas, intuitivamente, ***para o centro***. Agora pode se virar,

momentaneamente, quando está seguro dentro das águas frescas, e pode, assim, olhar para o seu, até pouco tempo atrás, também, seguro Mundo.

Considerando as analogias que apresenta esta metáfora, com os eventos que narrei anteriormente, poder-se-á compreender qual era o meu estado espiritual. Como o homem do exemplo, ao ver o bosque arder e transformar-se, desaparecendo em momentos entre a fumaça o que era seu Mundo e sua segurança, assim eu também via se dissolver a realidade confiável e cotidiana em um fogo de maldade inconfundível.

Como o homem da metáfora, que se sentia estranhamente seguro nas águas do lago, até ontem, volúveis e ignotas, também eu estava agora seguro e firme nas, até ontem, desconhecidas águas do Espírito.

O homem do bosque, enquanto flutuava a salvo, olhava o mundo se consumir e pensava: ***nasci de novo***. Também eu me sentia renascido, às bordas da Alma, e só por esse sentimento inexprimível se poderia dizer que eu era outro homem, ainda que ***essencialmente*** continuasse sendo o mesmo.

Capítulo VIII

Dirigia-me, pois, à casa de meus pais, imbuído desse otimismo místico que só experimentam os que se sabem renascidos. Tendo tomado a decisão de partir, só pensava nos ***fenômenos*** da fatídica noite de 21 de janeiro, tentando interpretar seu sentido transcendente. Em poucos minutos, chegaria a Cerrillos, mas depois esses pensamentos me acompanhariam nas muitas horas da viagem que empreenderia.

Trinta minutos depois, conduzia o carro pelos duzentos metros do caminho de entrada, na companhia do fiel cachorro Canuto.

Meus pais, que estavam no meio do café da manhã, sentiram-se felizes em me ver e o expressaram entre saudações e risos.

Procuravam apagar, com seu afeto, a lembrança do desastre vivido. Eu agradecia interiormente esses afagos, pois necessitava adquirir reservas de paz e tranquilidade, na previsão de futuros infortúnios. Sabia que, uma hora mais tarde, ao partir, minha mente se concentraria em analisar todos os pormenores da complicada enrascada em que me encontrava envolvido.

— Você dispõe de um lindo dia para viajar — dizia papai, enquanto atacava uma salsicha assada de aspecto apetitoso — dirija com cuidado, filho, lembre-se que, pela manhã, os caminhoneiros viajam meio adormecidos.

— Não se preocupe, papai, irei devagar e em três horas estarei em Tucumã — afirmei, sem muita convicção.

Katalina, minha irmã, me entregou uma salsicha com ovos, alguns pãezinhos fumegantes e o café. Comprovei, espantado, que minha boca se enchia de água, por fome, e percebi que vinha me alimentando mal há vários

dias. Sentir fome é, se há com o que se saciar, sempre um sinal de boa saúde. Não pensei mais e comecei, decididamente, a consumir o café da manhã.

A fazenda possui uma ampla sala de jantar, com uma janela panorâmica para o Leste, de frente para o caminho de entrada. Mas, de manhã, o café era consumido na cozinha. Ela se encontra atrás da sala de jantar, ocupando a parede Sul, que tem uma grande janela fixa de quatro metros de largura, com uma mesa de madeira rústica ao lado. Toda a parede Oeste da cozinha é ocupada pelo forno e a chaminé contígua.

Sentado em frente à janela com vista para os vinhedos, tomava o café da manhã em companhia dos meus familiares e revivia a nostalgia de muitos amanheceres semelhantes. Mas, uma nuvem negra perturbava meu Espírito: uma voz secreta me avisava que, talvez, esse fosse o último café da manhã consumido dessa maneira agradável. E então, eu lutava para afugentar tão lúgubres presságios, mastigando com ferocidade a salsicha assada...

— Até logo, Arturo — despediu-se meu pai — vou percorrer os canais de irrigação.

— Tchau, papai — o acompanhei até a porta traseira e fiquei olhando-o, enquanto se afastava na direção do estábulo, em busca de seu velho baio. Minutos depois, o via se afastar a trote pelo caminho que vai de Leste a Oeste, paralelo à vala principal. Já devia ter partido, mas me atrasara deliberadamente, pois desejava falar a sós com mamãe.

Ela ainda estava na cozinha e bastou fazer-lhe um sinal para que, solicitamente, viesse para junto de mim. Essa atitude não teria, normalmente, lhe chamado a atenção, mas, quando coloquei uma mão em seu ombro e comecei a falar, uma expressão de surpresa apareceu no seu rosto.

— Mamãezinha querida — disse-lhe, lisonjeiro — deve me perdoar, se o que vou pedir lhe cause alguma dor...

— Você sabe, filho, que o que eu tenho é seu... — percebeu, então, que não lhe solicitava nada material e seu rosto se mostrava, agora, francamente alarmado — o que posso fazer por você, Arturo?

— Fique tranquila, mamãe, você sabe que não lhe causaria nenhuma preocupação, se não acreditasse ser absolutamente necessário.

— Deixe de rodeios e diga-me que diabos você quer — disse minha mãe, que estava começando a perder a calma.

— Em que ano nasci, mamãe? — perguntei, indo direto ao ponto.

— Você bem o sabe, em 1944. Em 30 de janeiro de 1944. Agora está com 36 anos.

— Bem, mamãe, escute atentamente. Nunca falamos disso, mas quero lhe dizer que, lembro que uma noite, há mais de trinta anos, eu tinha três ou quatro anos, e algo, um ruído, não sei o quê, me despertou. Era tarde, Katalina dormia na cama contígua e, pela janela, via-se a lua descendo no Oeste. Creio que ouvi vozes, pois me levantei sem me vestir e desci a escada

do hall, me debatendo entre o sono que me fechava os olhos e a curiosidade que me fazia abri-los.

"Lá estavam papai, você e alguém que eu nunca tinha visto antes: um homem alto, de olhos aguçados. Ainda hoje lembro do seu olhar penetrante e sua altura maior do que a do papai, que mede 1,80 m. Foi ele que me descobriu na escada e deu aquela gargalhada estrondosa, diante do olhar angustiado de vocês. Por fim, não é muito mais o que retenho na memória. Pareceu-me estar em seus braços e acredito lembrar que ele me dava algo brilhante que atraiu completamente minha atenção. Depois, você me fez deitar novamente e, no dia seguinte, o desconhecido já não estava lá, nem tampouco voltei a ver o seu presente."

Mamãe havia empalidecido. Detivemo-nos junto ao jogo do jardim e lhe fiz uma muda indicação para que nos sentássemos sob o carvalho.

— Com o passar dos anos — continuei — costumava recordar daquela noite, sem lhe dar muita importância. Só uma vez, teria uns nove ou dez anos, me atrevi a perguntar ao papai, e sua reação foi muito estranha: tornou-se sombrio e me proibiu de voltar a falar disso, mas, alguns minutos depois, mudou e tentou me convencer de que aquilo de que eu lembrava era um sonho, um sonho mau que havia tido, quando era pequeno. Portanto, nunca mais voltei a mencionar o assunto. Até hoje.

Mamãe suspirou e sacudiu a cabeça, como se despertasse de um pesadelo.

— Por que, Arturo? Por que, trinta e dois anos depois, ainda se lembra dessa noite? — perguntava mais para si mesma do que para mim — por que você se empenha em reviver uma lembrança fugaz, que não significa nada para você?

— Mãe, repito-lhe que não desejo lhe causar dor. Espere, pois ainda não lhe disse o que desejo saber — disse, com voz tranquilizadora — diga-me duas coisas apenas: se esse homem era da nossa família e se tinha a ver com a guerra.

Aqui usei um tom firme, que convenceu mamãe de como era inútil se negar a me responder.

— Olhe, Arturo, você já é um homem feito e não ignora quão atroz foi a guerra. Nos anos seguintes a 1945, os ânimos estavam exaltados e muita gente teve que viver fugindo. Mas, agora é diferente. Muito tempo se passou... não convém a ninguém desenterrar isso! — havia uma súplica na voz de mamãe.

— Mamãe, você não responde minhas perguntas e isso não é bom. Será que não confia em mim?

— ... — Só um olhar mudo como resposta.

— Você deve me dizer o que sabe, pois é muito importante para mim, para o meu futuro, entende? — assegurei, com firmeza.

Era evidente que ela não entendia. Então decidi ser mais convincente.

— Estou atravessando uma terrível crise espiritual, mamãe. O destino me colocou diante de uma diabólica encruzilhada de caminhos, onde um

erro de escolha significa se extraviar pelo caminho equivocado, cheio de obstáculos e perigos reais. Suas respostas me ajudariam a não falhar. Acredite-me, mamãe — peguei suas mãos entre as minhas, em um desesperado esforço para lhe infundir confiança.

— Não entendo nada do que me diz, mas pressinto que você está realmente preocupado, filho. Direi o que você deseja saber, e que Deus me perdoe se me equivoco ao fazê-lo — respirou profundamente e continuou — Kurt, foi ele que veio naquela noite de 1947. Meu irmão Kurt, que foi dado como morto ou desaparecido em Berlim, em 1945, estava, na realidade, cumprindo uma missão na Itália, quando terminou a guerra. Permaneceu dois anos escondido em um monastério franciscano do Sul da Itália, até que, em 1947, pôde vir para a Argentina, graças a uma rede de ajuda para fugitivos de guerra, que funcionava apoiada pelo governo do Presidente Perón.

— Mas, mamãe — interrompi — porque ele não voltou ao Egito, para a fazenda familiar? O governo egípcio protegeu muito os alemães, especialmente depois da fundação do Estado de Israel, em 1948.

— É um mistério. Ele nunca quis dizer, nem o motivo da perseguição, já que tinha apenas 30 anos — mamãe raciocinava ingenuamente — e quase sempre teve destinos diplomáticos.

— Mas, o que ele era durante a guerra? — perguntei, intrigado — civil ou militar?

— Militar, oficial das ***Waffen***. Major ou algo assim. Você deve ter em mente que, em 1938, eu me casei com seu pai e vim para a Argentina, perdendo o contato com meu irmão por muitos anos.

"Kurt, em 1932, já era Chefe de Esquadrão, quer dizer, ***Fähnleinführer***, da Juventude Hitlerista ou ***Hitlerjugend***, na comunidade germânica do Egito. Graças a uma gestão do nosso pai que, por seu título nobiliário, tinha certa influência na Alemanha, em 1938, partiu para estudar em uma das escolas ***Napola***, ***Nationalpolitischen Erziehungsanstalten***, de Berlim. Depois, só o vi em três ocasiões, e a última antes de partir para a Argentina, no Natal de 1937. Passaram-se 10 anos, até que, em 1947, ele apareceu por aqui. Durante esse tempo, não soube muito dele, pois recebia cartas na medida de uma por ano, e nunca diretamente, já que Kurt escrevia para o Egito e dali nosso pai as enviava para cá.

De forma que não sei quase nada sobre sua carreira, só o pouco que me pôde contar na correspondência, nos seus anos de estudante, e menos ainda durante a guerra, quando se mostrava muito reticente. Sei que na escola Napola se sobressaiu por seu conhecimento das línguas do Oriente Médio e isso lhe ajudou a realizar vários cursos especiais, mas não conheço especificamente em que consistiam. Lembro que, em seus primeiros anos, estava feliz, porque lhe tinham permitido entrar em uma divisão da escola Napola, denominada, se não me engano, de ***Flieger H-J***, onde se ensinava treinamento aéreo. Mas, repito-lhe, pouco é o que soube dele, depois de sua graduação, em 1937. Entrou em alguma divisão especial das ***ϟϟ***, mas, pelo

que me consta, nunca combateu. Sua função era, de alguma forma, vinculada ao Serviço Exterior, pois quase toda a guerra ele passou na Ásia. E isso é tudo. Em 1945, foi dado oficialmente como morto, pois seu destino, disseram, era Berlim, no mês de abril, quando essa cidade caiu em mãos dos russos. Seu cadáver foi "encontrado" em um avião carbonizado que não conseguiu decolar, por ter sido atingido por um disparo da artilharia russa.

Notificaram-nos — prosseguiu mamãe — de sua morte e choramos muito, até que, em 1947, surpreendentemente, se apresentou aqui. O resto já lhe foi dito: foi ajudado pelos *Kameraden* e, com uma nova identidade, se preparava para começar "outra vida" na Argentina. Segundo disse nessa ocasião, era preferível desaparecer para sempre, já que, se os aliados suspeitassem de sua existência, não demorariam para ir buscá-lo. Acredito que é uma decisão que devemos respeitar, não acha?"

Olhava-me esperançosa de que minha "curiosidade" estivesse satisfeita.

Decidi continuar interrogando-a, antes que reagisse.

— Sim, mamãe, compreendo e lhe agradeço por tudo o que me disse, mas falta o principal. Onde está agora o tio Kurt? — disparei à queima-roupa e pareceu que a pergunta lhe provocava um desmaio.

— Arturo, meu filho, você é adulto e inteligente. Por que pergunta o que a prudência aconselha a não saber? Ele está bem; ninguém o perturbou em todos esses anos e seria desejável que ninguém o faça antes de sua morte iminente — algo passou pela sua mente e me olhou, boquiaberta.

— Está pensando em ir vê-lo? Ó, não! Você deve tirar essa ideia da cabeça! Ele viveu 35 anos em um mesmo lugar e todos o conhecem em sua nova identidade. Seria um erro colocar em perigo essa proteção por um simples capricho.

Ela havia adivinhado minha intenção e respondeu de acordo. Compreendi que seria difícil arrancar-lhe o endereço do meu ressuscitado tio Kurt.

— Você não compreende, mamãe, não se trata de um capricho, é importante que eu fale com ele para obter uma informação que é possível que ele possua e que, para mim, é tão vital como o ar que respiro. Pela segurança, não deve se preocupar. Em que pode lhe afetar a visita de um desconhecido, apenas uma vez na vida? Há mil justificativas para receber um visitante que depois não voltará nunca mais. Por isso é que o farei, mamãe, juro! Uma vez que eu lhe tenha perguntado o que desejo saber, irei embora e não voltarei mais — tentava convencê-la com todos os argumentos e ela, duvidando, olhava para os vinhedos, como que buscando a proteção de meu pai.

— Vamos, mãezinha, diga-me onde ele está. Tenho direito de ver, uma vez na vida, o tio Kurt.

Finalmente, se decidiu, mesmo demonstrando grande contrariedade. E enquanto ela falava, longe de me alegrar por minha capacidade de persuasão, maldizia-me por dentro pela dor que lhe tinha causado e pela angústia que, sem dúvida, lhe produziria essa confidência — pelo menos até voltar de minha viagem.

— Ele está perto daqui, na Província de Catamarca. Nunca fui visitá-lo, pois me proibiu expressamente, ainda que me desse o endereço, para uma emergência.

Dei-lhe um cartão e a esferográfica, comprovando que minha mãe tinha memorizado os dados.

— Nesses 35 anos, não voltou a vê-lo nem lhe escreveu? — perguntei, incrédulo.

Ela sorriu, enquanto me devolvia o cartão e a esferográfica.

— Sim, bobinho. Eu o vi com seu pai poucas vezes em Salta e uma vez em Buenos Aires, em férias. Mas nós nunca lhe escrevemos. Ele escreve duas vezes ao ano para uma caixa de correios que seu pai tem em Cerrillos e nos avisa quando irá a Salta, ocasião que aproveitamos para nos reunirmos por algumas poucas horas. Não chegam a vinte as vezes que o vi nesses anos.

Custava-me crer que dois irmãos, separados por apenas 350 km, não pudessem se visitar, por causa de fatos que ninguém lembra, ocorridos há quarenta anos e a milhares de milhas de distância. Não obstante, considerava justos os temores de minha mãe e compreendia o esforço que teve que fazer para ceder à minha solicitação e confiar-me seu segredo.

Subitamente, lembrei de papai e tremi antecipadamente, calculando a ira que o acometeria, ao conhecer minha impertinência. Mamãe não lhe ocultaria minhas reivindicações e ele ficaria furioso. A vergonha me cobriria e, talvez, teria que prometer não ir a Catamarca. Decidi evitar qualquer discussão e partir imediatamente.

Beijei mamãe na fronte e me dirigi ao automóvel. Ela não deve ter notado minha pressa, pois antes que eu conseguisse colocar em marcha o motor, gritou-me:

— Aguarde, Arturo, espere alguns minutos, que lhe darei algo.

Entrou em casa e, apesar de minha impaciência, tive que esperar dez longos minutos. Finalmente, voltou com um envelope na mão.

— Escrevi umas linhas para Kurt. Você é tão apressado que não pensou que ele não o conhece. Viu-o por cinco minutos, quando você era um menininho. Como acha que vai lembrar de você?

Entregou-me o envelope, que recebi agradecido, pois, admitia, seria de grande ajuda para me identificar.

— Abra sua mão direita e coloque a palma para cima — disse mamãe, com um ar misterioso e cúmplice.

Fiz o que me pedia e ela abriu seu punho esquerdo, que tinha estado o tempo todo fechado. Caiu algo em minha mão que, em um primeiro momento, não pude distinguir. Era um objeto brilhante e, enquanto o examinava, escutei, espantado:

— Isso é o que o tio Kurt lhe deu, na noite de 1947. Eu o peguei enquanto você dormia, por temer que o perdesse brincando, e o guardei em meu porta-joias. Com o passar dos anos, ficou complicado entregá-lo, porque você teria exigido explicações, que não poderíamos lhe dar. Meu irmão quis, naquele

momento, dar-lhe um presente, porque não havia trazido nada, por ignorar que tivesse um sobrinho. Continuava solteiro e, quando viu você, comoveu-se e disse que, por não ter filhos, seria você, seu único sobrinho, que deveria ficar com isso.

Eu olhava atônito a Cruz de Ferro com a Suástica e Folhas de Carvalho que tinha em minhas mãos, e me perguntava como um Oficial que nunca combateu pôde obter a mais alta condecoração que a Alemanha dava, para premiar atos de heroísmo e valor.

— Até logo, mãe — me despedi, pela janelinha do carro — não se preocupe, serei prudente. Dá um abraço em Katalina e papai. Tchau. Tchau.

Liguei o carro e minutos depois estava na estrada.

Capítulo IX

Detive-me no Posto de Serviços de Cerrillos, para abastecer e aproveitei para olhar novamente o cartão com o endereço de tio Kurt. Era incrível que estivesse tão perto e em boas condições um familiar que passava por falecido há 35 anos. Li novamente:

Sr. Cerino Sanguedolce
Rua Fray Mamerto Esquiú 95
Santa Maria – Província de Catamarca

— Senhor? — interrompeu-me o empregado.

— Encha o tanque com combustível especial, por favor. Ah, e verifique o óleo... — disse.

Minha brusca partida não permitiu que mamãe me desse informações suficientes sobre o tio Kurt. Agora, começavam a surgir as interrogações, pois não sabia se ele tinha se casado, se tinha filhos e netos, o que fazia...

— Bah — pensei — devo me concentrar na viagem e ter fé. Saberei de tudo em algumas poucas horas.

— Trinta litros de combustível e dois de óleo, senhor.

— Tome, cobre — estendi-lhe uma nota — você tem um mapa de rodovias da Província de Catamarca?

— Sim, senhor.

Foi até a cabine e voltou rapidamente, trazendo um mapa dobrável, colorido, com muitas informações turísticas.

— São mais mil.

Paguei-o e saí com o carro, para tirá-lo da bomba, mas estacionei vinte metros adiante e examinei o mapa.

Ir de Salta até Santa Maria não é nenhum problema, mas, pelo contrário, tem a vantagem de incluir um dos circuitos turísticos mais bonitos do Noroeste argentino — é o trajeto de Salta até Cafayate, “a bela”, como

popularmente é denominada essa cidade famosa em todo o mundo, por seus deliciosos vinhos, situada no coração dos vales calchaquis.

Com uma estrada recentemente asfaltada, a rota provincial nº 68, que facilita a viagem e permite apreciar algumas paisagens únicas, por suas colinas multicores, esses duzentos quilômetros são percorridos rapidamente. Os inconvenientes logo aparecem ao sair de Cafayate, ao cruzar o riacho "das Conchas" e abandonar a Província de Salta. Entra-se, então, na Província de Tucumã, mas apenas por uns 40 quilômetros, já que ela apresenta ali uma pequena cunha, que se incrusta na Província de Catamarca. Depois de percorrer esse curto trajeto, chega-se a Catamarca, em um ponto que dista 80 quilômetros de Santa Maria.

Ao atravessar o mencionado riacho, cruzando-o, pois não há ponte, o viajante tem a impressão de ter entrado em outro Mundo.

Diferente da artificial fisionomia de traços civilizados que apresenta o vale de Salta, aqui se está em uma área realmente indígena. Os caminhos são de terra, descuidados, à medida em que se avança para o Sul, e são numerosos os povoados com casas de adobe, habitadas por *criollos* mestiços, mais parecidos com os índios do que com os brancos.

A pobreza é evidente, ao se entrar em Catamarca, uma província injustamente esquecida pelo resto do país e abandonada por seus próprios filhos que, ano após ano, empreendem o êxodo inevitável dos que buscam superar a miséria e progredir materialmente.

A beleza da paisagem não diminui em Catamarca — pelo contrário, se faz mais agreste e primitiva, dotando de excelentes atrativos visuais o sinuoso caminho, que avança circundando as Serras de Quilmes. Esse nome vem dos índios Quilmes, uma das tribos da feroz raça Diaguita, os quais, no final das guerras Calchaquis, que duraram 35 anos, no século XVII, foram levados, em número de 300 famílias, ao desterro de Buenos Aires e deram lugar à população do mesmo nome.

Entre as Serras Quilmes e do Cajón a Oeste e os Cumes Calchaquis e Nevados do Aconquija, a Leste, abre-se o fértil vale Yocavil, regado longitudinalmente pelo rio Santa María, assento da cidade de Santa María de la Candelaria.

Eu conhecia Santa María por ter realizado viagens de estudos a vários sítios arqueológicos dos vales Yocavil e Calchaqui, para investigar a cultura Diaguita, e repetir a viagem não me desagradava. Naturalmente, entrar na região de vales e ravinas dificultava cruzar o Tafi del Valle, em Tucumã, em plena região dos bosques ocidentais e separada de Catamarca pelos inóspitos cumes Calchaquis e Nevados do Aconquija. Mas, felizmente, de Santa María existe um caminho que sobe para o Norte, até Amaichá del Valle: dali pode-se pegar a rota 307, que cruza os cumes Calchaquis pelo Paso del Infiernillo e leva diretamente a Tafi del Valle. No total, de Santa María até Tafi del Valle, só teria que percorrer 80 quilômetros, mas que seriam exaustivos, pelo estado das rodovias e das sinuosas altitudes a que chegavam.

Corria a mais de 100 quilômetros por hora, aproveitando a boa rodovia até Cafayate, para ganhar tempo, pois depois a marcha seria lenta, a não mais de 40 km/h.

Tinha algumas horas para pensar, e decidi aproveitá-las imediatamente.

A paisagem, o vento fresco, o silêncio do vale, tudo contribuía para que me sentisse relaxado e tranquilo, predisposto a meditar. Mas essa atitude era um tanto anormal, levando em conta a quantidade de coisas que me haviam ocorrido ultimamente. A falta de preocupação evidenciava uma mudança muito grande em meu interior, que se manifestava também em uma sensação de desapego pelas coisas do Mundo. Sentia-me em paz, porque não necessitava de nada. Estava arruinado materialmente, talvez em perigo de morte, e essa revelação só me arrancava uma risada insensata.

Sim, tinha mudado muito. E toda essa mudança se produziu em 21 de janeiro, data em que experenciei o "sequestro" espiritual e acreditei morrer, e sincronisticamente aconteceu o sismo que acabou com meus bens.

Quantas coisas me haviam acontecido! E parecia que isso não acabaria nunca, pois continuavam a me ocorrer coisas insólitas. Como o assunto do tio Kurt.

Foi, sem dúvida, uma intuição. Quando terminei a reunião com o Professor Ramírez e o sábio mencionou que quase todos os documentos sobre os Druidas tinham sido saqueados na Europa pelas ϟϟ, pensei internamente: "a quem deveria perguntar sobre a Ordem Negra e seu interesse sobre os Druidas?". Nesse momento, me veio à mente a lembrança daquela noite em minha infância. Nenhuma relação lógica que permitisse associar ambas as coisas me ocorria. Nada racional. Se tivesse pensado por um minuto, certamente teria rejeitado essa suposição, por achá-la absurda. Mas os recentes acontecimentos faziam-me desconfiar da "razão" e eis que, cedendo a um palpite, perguntei à minha mãe o que havia ocorrido nessa noite, há 33 anos. E ali estava a chave! Inexplicavelmente, irracionalmente, havia uma relação entre as ϟϟ e meu tio (de cuja existência eu nem sabia), que tinha sido militar alemão — e das ϟϟ! Desisti de procurar uma explicação e me concentrei na noite de 21 de janeiro, quando aconteceram os fenômenos narrados. A partir de então, como já disse, sentia-me renascido e, se pensava nisso, era só com o objetivo de analisar a forma em que eventos de diferentes tipos — um, minha experiência mística e outro, o movimento telúrico — se ligavam. Porque, para mim, não havia dúvida de que uma relação não causal, sincronística, existia entre ambos os fenômenos. Que estava perante um caso similar ao do assassinato de Belicena, quando o assassino, em um ato de orgulho demente, deixou provas irrefutáveis de um terrível Poder.

Em 21 de janeiro, a Matéria, irritada comigo, explodiu em um terremoto de singular violência, sincronisticamente com uma experiência mística, e ambos os acontecimentos se confundiram alucinantemente, dando a sensação de estarem vinculados de forma causal. Se eu assim acreditasse,

sentir-me-ia tentado a pensar que minha própria psique desencadeou os "fenômenos sísmicos" e essa seria a derrota moral do meu Espírito.

Isso era justamente o que Alguém, o Autor do sismo, desejava que eu acreditasse, para, dessa forma, me perder. E essa cilada colossal era outra demonstração de orgulho e arrogância infernais.

A tentação de "dominar os fenômenos" é um dos erros primários no qual caem os que procuram abrir passagem para o caminho do Espírito. Os únicos fenômenos que realmente importam para uma elevação espiritual são os que ocorrem pessoal e qualitativamente, não transferíveis nem comunicáveis. Os fenômenos concretos, de percepção coletiva, são rotulados como sendo quantitativos e materiais — é duvidoso, por outro lado, que se possam produzir por um ato de vontade.

A respeito disso, as pessoas não especializadas são vítimas de uma informação intencionalmente confusa. Mas eu, na minha qualidade de Médico Psiquiatra, estava familiarizado com todos os tipos de atos fenomênicos derivados de patologias psicológicas ou de crises histéricas. Nos hospitais psiquiátricos é comum, mas obviamente pouco divulgada, a manifestação de fenômenos desse tipo. Podem-se observar, em certos casos, fenômenos parapsicológicos ocorridos em relação a um ou vários enfermos. Esses fenômenos, muito atraentes para o profano, não contam com uma adequada fundamentação científica, e esse fato é a principal razão de sua ocultação. Costumam ser de tipologias muito diferentes: elevação de um objeto no espaço sem uma força evidente que o sustente ***(levitação)***, movimentação de objetos ***(telecinese)***, aumento do brilho dos objetos na cela do enfermo ou mudança da tonalidade das cores ***(cromação)***, aparecimento de objetos desconhecidos ou desaparecimento de outros ***(manipulação de matéria)***, etc.

Nem é preciso dizer que todos esses fenômenos são suscetíveis de verificação coletiva, quando se apresentam, mas completamente irreproduzíveis em condições de estudo ou de laboratório. Isso se deve principalmente a que "os responsáveis" por semelhantes fenômenos estão completamente loucos e geralmente são inconscientes das alterações que produzem. O que torna incompreensíveis tais fenômenos é a sua aparente contradição com as leis naturais, mas costuma-se admitir, nos meios acadêmicos e científicos, que uma melhor "compreensão da natureza" — isto é, um maior progresso da Ciência — trará, justamente, a solução a essas interrogações. Confia-se, então, em que "a Ciência" dará as soluções às contradições "da Ciência", proposição que é logicamente inconsistente e parece, no mínimo, ridícula.

O ponto crucial é que fenômenos como a mencionada telecinese mostram falhas da lei de causalidade. Essa lei diz que "para todo efeito (fenômeno) corresponde uma causa que o origina". Na telecinese, por exemplo, o objeto se move como se uma "força de ação à distância" (do tipo da gravidade ou magnetismo) atuasse, sem que, até hoje, se tenha comprovado a ação de alguma força. Quer dizer, "move-se como se atuasse" uma força, mas não

atua nenhuma força. Diz-se, então, que "a lei de causalidade falhou", porque o efeito não tem causa que o origine e, consequentemente, nega-se a existência do efeito (fenômeno) para "resgatar" a lei de causalidade.

O correto seria aceitar que se desconhece o vínculo (a lei) que une causa (o enfermo) e efeito (o objeto movimentado).

Na Psicologia Analítica, desenvolvida por C. G. Jung, ensaiou-se uma teoria muito atraente para superar essas dificuldades e as que surgem do caso comum dos homens que, estando separados cultural, geográfica e temporalmente, sem nenhum vínculo comprovável entre eles, têm ideias idênticas ou análogas. Atuaria aqui um "Princípio de Sincronia" desconhecido pela Ciência, devido à sua incorreta compreensão do Tempo.

Convém lembrar, a esse respeito, o que diz C. G. Jung, em "O Segredo da Flor de Ouro": ***"Há alguns anos, perguntou-me o então presidente da* British Anthropological Society *como eu poderia explicar que um povo espiritualmente tão elevado como o chinês não tivesse materializado nenhuma ciência. Respondi-lhe que isso devia ser mais uma ilusão de ótica, pois os chineses possuíam uma "Ciência" cujo* Standard Work *era exatamente o* I-Ching*, mas que o princípio dessa Ciência, como tantas outras coisas na China, é completamente diferente do nosso princípio científico. A ciência do* I-Ching*, efetivamente, não se baseia no princípio de causalidade, mas em um, até agora não denominado — porque não surgiu entre nós — que, como um ensaio, designei como* Princípio de Sincronicidade*. Minhas explorações dos processos inconscientes já me tinham obrigado, há muitos anos, a olhar em meu entorno, em busca de outro princípio explicativo, porque o de causalidade me parecia insuficiente para explicar certos fenômenos percebidos na psicologia do inconsciente. Descobri, efetivamente, que existem fenômenos psicológicos paralelos que, absolutamente, não se deixam relacionar de forma causal entre si, mas que devem ter outro tipo de relação em um determinado evento. Essa correlação pareceu-me, essencialmente, dar-se pelo fato da simultaneidade relativa, e daí a expressão* sincronicidade*. Parece, na realidade, como se o tempo fosse, não algo menos abstrato, porém um* continuum *concreto, que contém qualidades ou condições fundamentais que podem se manifestar, com simultaneidade relativa, em diferentes lugares, com um paralelismo causal inexplicável como, por exemplo, em casos de manifestação simultânea de idênticos pensamentos, símbolos ou estados psíquicos. Outro exemplo seria a simultaneidade destacada por R. Wilhelm, dos períodos estilísticos chineses e europeus, que não podem estar relacionados entre si de forma casual"***.

Esse era o pensamento do prestigiado psiquiatra C. G. Jung sobre o tema que me interessava. Com seus conceitos, o aparecimento de dois fenômenos idênticos (ideia comum a duas pessoas), separadas pelo espaço, dependerá de um Arquétipo coletivo (causa) e a simultaneidade ***(sincronia)*** dos eventos fenomênicos.

Para interpretar o princípio de sincronia, é preciso ter em mente um conceito chave da Psicologia Analítica: o do "Inconsciente Coletivo". Esse conceito permite empregar de maneira mais real os Arquétipos, que já não são seres estáticos, como as ideias de Platão, mas sim entes dinâmicos, de poderosa força anímica, suporte e sustentação dos Mitos, que influem inconscientemente na conduta do homem.

O conceito de Inconsciente Coletivo foi resumido por Jung, na mesma obra citada: ***"... assim como o corpo humano mostra uma anatomia geral acima e além de todas as diferenças raciais, também a psique possui um substrato geral que transcende todas as diferenças de cultura e consciência, ao qual designei como o* Inconsciente Coletivo. *Essa psique inconsciente, comum a toda a Humanidade, não consiste meramente em conteúdos capazes de chegar à consciência, mas disposições latentes para certas reações idênticas. O fato é o Inconsciente Coletivo ser simplesmente a expressão psíquica da identidade, que transcende todas as diferenças raciais, da estrutura do cérebro. Sobre essa base se explica a analogia, e até a identidade, dos temas míticos e dos símbolos, e a possibilidade da compreensão humana, em geral"***.

Convém, agora, à luz do que foi exposto, extrair uma importante conclusão: se bem que a Psicologia Analítica permita interpretar os fenômenos sincronísticos, ninguém jamais afirmou seriamente que ***seria possível exercer alguma forma de controle sobre eles***. Esse tipo de fenômenos, muito vistosos ou atraentes para o profano, correspondem ao nível mais baixo, em uma escala de valores, da experiência transcendente. Como o fato de que se apresentem sempre em relação a pessoas altamente perturbadas, estejam ou não no manicômio.

Em geral, as pessoas costumam acreditar que disciplinar as funções orgânicas ou psíquicas outorga certo tipo de poder sobre os mencionados fenômenos. Essa crença bebe em duas fontes: a ignorância (ingenuidade) e a desinformação (produto da Estratégia Sinárquica). Há ignorância na crença popular de que os "milagres" que costumam acompanhar as atividades de Santos e Grandes Místicos são realizados graças a um "Poder" que estes teriam ou que lhes foi outorgado por uma Divindade. Na verdade, os "Santos" jamais disseram tal coisa, manifestando, ao contrário, que os milagres são "feitos por Deus" ou admitindo, como máxima concessão, terem sido veículos de uma "Graça" ou de uma "Força" superior, que os transcenderia.

Naturalmente, existem membros da Sinarquia, considerados também como "Santos", "Místicos", "Gurus", "Mestres", etc., que confirmaram ***sua sede de Poder, ao praticarem certas disciplinas — tais como a "meditação transcendental", "iogas", "orações ou mantras", entre várias outras*** — com fins inconfessáveis. Mas é possível suspeitar-se imediatamente dos verdadeiros objetivos ocultos que ditos agentes satânicos procuram. De forma totalmente oposta, os Iniciados Hiperbóreos, que ***são***

realmente "Santos" — agora eu podia diferenciá-los bem, depois de ler a carta de Belicena Villca — sempre ***orientaram*** seus discípulos para que se libertem dos laços que seu Espírito Incriado mantém com a Matéria Criada.

A desinformação obedece a uma finalidade sinárquica, e os que são vítimas dela acreditam cegamente que existem "Escolas Esotéricas", onde se distribui um ensinamento "secreto" que transforma o neófito — no final de umas quantas ***lições em fascículos*** — em um Krishnamurti versão ocidental. Porém, o que a desinformação apresenta como Escolas Esotéricas são, na realidade, "Escolas Exotéricas", cujo objetivo inconfessável é a captação de adeptos. Todas essas Escolas Exotéricas dizem possuir o segredo dos Grandes Mistérios da Antiguidade, que oferecem para "revelar" aos incautos, se eles se ajustam a uma ***regra interna*** que, invariavelmente, exige, como ***primeira prova***, a "obediência cega" e a "fé" nos ***Mestres*** — ***Desconhecidos*** — da escola. Os ensinamentos que vão apresentando ao candidato a Guru não poderiam ser mais misteriosos, uma vez que sua base é o plágio de diferentes Tradições Antigas, encaixadas ecleticamente em uma suposta "Doutrina Oculta" —que só o é pela impossibilidade de se "desocultar" alguma Verdade nela. Os Grandes Mistérios da Antiguidade (Pérsia, Índia, Grécia, etc.) deixaram um sedimento de Mitos e Símbolos Sagrados — com mais frequência opostos do que concordantes — os quais só uma Alma medíocre e mal-intencionada (um velhaco, digamos), tentaria unir em um sincretismo moderno.

Perceber-se-á que, durante aquela viagem a Santa María, um sentimento de feroz crítica cultural tinha se instalado em meu coração e ameaçava fragmentar e amputar definitivamente os últimos restos de racionalismo que eu ainda possuía. Sentia-me vazio por dentro, mas me encontrava pronto para aceitar uma Verdade que substituísse toda a "inútil informação" enciclopédica que eu havia assimilado em tantos anos de estudo. Que valor tinha aquele pomposo saber acadêmico, se não me servia para enfrentar e resolver as situações misteriosas que narrei — situações que me envolviam metafisicamente? Nenhum. Encontrava-me, pois, preparado para me desembaraçar daquele lastro, para receber a ansiada Verdade. Uma Verdade que consistia, e nunca estive tão certo antes da realidade de uma coisa, como desse enunciado, ***na Sabedoria Hiperbórea***. Efetivamente, para mim, agora, ***a Verdade era a Sabedoria Hiperbórea***, cujo escopo só conseguira vislumbrar na carta de Belicena Villca.

Em alguns momentos, me invadia uma raiva surda, que era, ao mesmo tempo, uma reprovação pessoal, uma espécie de reinvindicação que meu Eu atual, estranhamente transmutado, fazia, implacavelmente, ao Dr. Arturo Siegnagel dos anos de busca, ao meu Eu passado, que tão ingenuamente acreditara que o ***progresso*** era uma consequência ***lógica*** da ***educação***. Em uma época, eu tinha aceitado, quase sem pensar, que uma lei de ***evolução*** permitia à Alma se expandir, a partir de certas diretrizes de vida. Acreditava que "seguir determinadas regras de retidão moral" e enfrentar a vida com uma perspectiva positiva redundaria, inevitavelmente, em um ***bem*** interior

— Sim, essa era a chave do progresso. Viveria de acordo com uma "filosofia transcendente", adotaria um "modo de vida" religioso, como os orientais e, no devir da busca, da instrução, da ascese, o ***progresso***, inevitavelmente, sobreviria por ***"evolução"*** — Essa tinha sido minha escolha e, agora, ao compreender que todo o raciocínio estava errado, que não havia ganhado nada, depois de tantos anos de disciplina e sacrifícios inúteis, sentia que a raiva me invadia e, também, uma reprovação impotente me arrancava gemidos desolados.

E que todo o raciocínio estava errado se depreendia claramente da carta de Belicena Villca. A lei de evolução existia e regia, e facilitava, o ***progresso*** da Alma criada, e de todo ente criado, de acordo com o Plano do Deus Criador. Mas nada tinha que ver tal lei, e nenhum "progresso" se obteria por sua intervenção, com o Espírito Incriado. Lembrava com horror as palavras do Imortal Birsa: ***"a Alma do homem de barro, criada depois do Princípio, começou a evoluir para a Perfeição Final"***. Ao que parece, aquela evolução "era muito lenta" e os Deuses Traidores, para acelerá-la, realizaram a prodigiosa e infernal "façanha" de encadear o Espírito Incriado ao animal-homem ou "homem de barro". Toda a Raça Hiperbórea, que era Incriada, que vinha de "fora do Universo criado", do mesmo Mundo de onde viera o Criador, ficou, então, ligada à ***evolução*** do animal-homem e à ***evolução*** em geral, ao ***progresso no Tempo imanente do Mundo***. Segundo a Sabedoria Hiperbórea, o Espírito deveria se libertar do encadeamento à matéria evolutiva, isolar-se da lei de evolução, e empreender o Regresso à Origem. ***Ali estava a Verdade buscada***. Certamente que meu Espírito se agitava, por efeito de uma intuição certeira — ***essa Verdade, capaz de brilhar para o Espírito com uma Luz Incriada e inextinguível, deveria ser conquistada, em uma luta de dimensões sobre-humanas, durante a qual seria necessário exibir uma determinação inabalável***.

Que existia um Inimigo, contra o qual se tinha que travar semelhante luta, um Inimigo que "impedia o caminho para a Origem", isso eu o sabia com certeza, desde a noite de 21 de janeiro. Mas as reflexões precedentes, a intuição que mencionei, me permitiram compreender agora que os erros passados provinham de minha ***fraqueza estratégica***, de ter cedido ingenuamente diante da Estratégia inimiga. E essa Estratégia que, sem dúvida, afeta ***todos*** os planos da atividade humana, e mesmo as mais desconhecidas esferas psíquicas, é aplicada na área da Cultura, por intermédio de um Sistema de Controle de características colossais. No dizer de Belicena Villca: "a Cultura é uma arma estratégica da Sinarquia". Dito Sistema de Controle é encarregado de fomentar a confusão e o engano, e era, portanto, o responsável pela cilada na qual eu havia caído. Porque se eu fui enganado, se eu participei da Estratégia inimiga, isso ocorreu por ignorância ou "fraqueza estratégica", por desconhecer a natureza, e mesmo a existência, do Inimigo. Jamais poderia ter colaborado conscientemente com os planos sinárquicos, jamais poderia ter sido comprado pela Fraternidade Branca, assim como se tentou fazer com a integridade

espiritual do heróico Nimrod. Em síntese, se eu cedi, nos tempos passados, diante da pressão enganosa da Estratégia inimiga, isso se deveu a que, então, estava adormecido, espiritualmente adormecido. Mas, agora, havia despertado, graças à carta de Belicena Villca e ao "sequestro" espiritual de 21 de janeiro. E a prova estava, justamente, na determinação inabalável de lutar até o fim, contra tudo e contra todos, para regressar à Origem e libertar meu Espírito Eterno de sua prisão material. Sim, eu despertei, graças a Belicena Villca, mas, agora, era capaz de formular minhas próprias conclusões sobre a forma de agir do Inimigo, que tinha, no fundo, o escopo de um Demiurgo. A Sinarquia, expressão de Seu Poder entre os homens, formava um imenso leque de organizações e Sociedades Secretas, impossível de se detectar completamente — e no meio desse desdobramento ofensivo, eu me encontrava, até ontem, ainda um tanto ignorante dessa realidade, vítima fácil para a Estratégia inimiga. Porque, mesmo que não conhecesse, como é natural, a totalidade do Plano Demoníaco, via com bastante clareza as táticas aplicadas na área da Cultura.

Os "sincretismos modernos" que mencionei anteriormente obedecem a essa vontade de engano que a Sinarquia demonstra em todas as suas Sociedades Secretas. E a ideia de ***progresso evolutivo*** da Alma, pelo "Karma", a "vida reta", ou qualquer via semelhante de expiação, constitui a própria ***base*** das doutrinas Secretas Esotéricas, ou dos meros Sincretismos religiosos, como uma verdade tão evidente que só um néscio se atreveria a duvidar dela. Fora da religião, a mesma ideia invadiu a maioria das disciplinas "científicas" ou "humanísticas". É instrutivo, por exemplo, comprovar com que habilidade os agentes sinárquicos impuseram conceitos geométricos para induzir interpretações teleológicas da História. Com um rigor racionalista admirável, definem arbitrariamente uma ***trajetória geométrica*** para o ***progresso da Humanidade*** e depois ***projetam*** essa figura sobre a História, estabelecendo associações, analogias e coincidências, na maioria das vezes tendenciosas e intencionais. O ***progresso*** pode, assim, seguir uma trajetória ***circular*** ($r2=x2+y2$), ***parabólica*** ($y=x2$), em ***espiral*** ($\rho=\alpha\theta$), em ***ciclos*** ($y=\text{sen } x$), ***uniforme*** ($y=x$), ***exponencial*** ($y=ex$) etc., procurando forçar a História para que se ajuste e corresponda à forma de tais funções, "confirmando" desse modo a teoria ou dogma oficial da seita sinárquica.

A utilização da Geometria Analítica na interpretação religiosa da História não deve nos surpreender: ***"Deus geometriza"***, afirmam alguns notórios sinarcas; ***"Deus é o Grande Arquiteto do Universo"***, sustentam outros. Mas, em geral, todos afirmam que a intenção do Deus Uno é que o homem, e a Matéria, o Mundo, Tudo, ***evolua***. Essa é uma das chaves do racionalismo subjacente nas aludidas "Doutrinas Ocultas". Porque ***evoluir*** significa devir na História de acordo com uma certa ***lei***. ***"É a lei da evolução que imprime ao progresso humano uma trajetória geométrica"***, postula a Sinarquia. Porém, sendo assim, qual é o benefício esotérico que a Sinarquia obtém, ao impor ***culturalmente*** o evolucionismo, inclusive esotérico, em qualquer

uma de suas variantes geométricas? Muito simples: se todo mundo acredita que o homem evolui, que a Sociedade evolui, que o Universo evolui, que o progresso responde a uma lei, aceitarão, sem dizer palavra, que ***o futuro é determinado pela lei da evolução***. Isso implica que, pelo bem de um ***futuro melhor***, podem-se exercer certos controles no presente. Quer dizer: ***"deixemos que aqueles que conhecem a lei controlem hoje a Sociedade, para amanhã termos um futuro melhor"***. Vã utopia. Quem é que conhece a lei, a não ser os Mestres de Sabedoria da Fraternidade Branca, além dos Sábios de Sião?

Agora tudo fica claro. O objetivo da Sinarquia é o Controle do Mundo e, naturalmente, prepara seus quadros dirigentes com uma infraestrutura de doutrinação bem montada, enquanto a humanidade, convenientemente desinformada, espera que os "Homens do Destino" controlem os mecanismos do poder e "planejem" para o futuro. Essa é a realidade que pulsa por trás de uma Escola Exotérica e que os incautos, fanatizados e deslumbrados pelo sincretismo tão vistoso quanto oco e racionalista, não podem perceber.

Por outro lado, deve-se notar que os sincretismos se concretizam quando os homens perdem a capacidade de perceber o Mito em toda a sua pureza simbólica. Essa perda é uma grave lesão na capacidade do pensamento e da percepção metafísicos — um processo análogo, se me permitem dizer, a uma perda da visão ou cegueira. Por analogia, fala-se de Idade Escura ou Era de Trevas — perder a visão, não ver, é o mesmo que "ver" tudo negro.

Existem textos sobre doutrina ocultista que parecem possuir boa fundamentação filosófica e científica, mas também existem falsificações dos quadros de Leonardo Da Vinci, tão perfeitas que resistem ao exame de prestigiados peritos. E é lógico, tanto em um como em outro caso, a qualidade da fraude depende da habilidade do falsificador. No caso esotérico, desgraçadamente, os falsificadores alcançaram um alto grau de destreza — existem aqueles muito bem "preparados" para sua missão, donos de uma grande "cultura geral". Mencionemos, por exemplo, escritos "esotéricos" de autores "sábios" e "eruditos", tais como H. P. Blavatsky, Rudolph Steiner, René Guenón, Max Heindel etc., e comparemos o amontoado de teosofismo que sustentam qualquer um deles com a elementar simplicidade dos símbolos metafísicos da Sabedoria Antiga. O que aparece nessa comparação? Que não podemos ler um símbolo (ver sua verdade), mas podemos ler um livro sobre o símbolo, que não nos revelará o sentido dele, todavia nos entreterá com descrições e associações múltiplas, suscetíveis de interpretação racional, que criarão em nós a ilusão de uma compreensão e de um progresso, tal como convém à Sinarquia.

"Existe um daltonismo sensorial e um daltonismo gnosiológico", escreveu uma vez o grande epistemólogo Luciano Allende Lezama. Pode-se acrescentar que "existe também um daltonismo semiótico", do qual padecem aqueles que não conseguem enxergar a verdade contida em um símbolo. É preciso sanar, corrigir esse desvio, antes de se empreender a busca de um

"Conhecimento Oculto". Para a pessoa não ser enganada. Para não ser usada pela Sinarquia.

Sem uma clara visão do simbólico e um adequado discernimento moral, é impossível acessar o conhecimento da Sabedoria Hiperbórea, que, por outro lado, não está nas Escolas Exotéricas. A falta dessas virtudes ou o desprezo por elas, leva o adepto-daltônico a buscar os "fenômenos" e o Poder, a seguir disciplinas "orientais" sem compreendê-las ou a ceder à fascinação de "investigações científicas" em parapsicologia (câmera Kirlian, psicobioenergética e outras bobagens).

O perigo está em que ditas Escolas "Ocultas" (com personalidade jurídica, razão social e telefone) não vacilam em prometer a pessoas de duvidosa capacidade espiritual, mas úteis aos seus planos, todo tipo de Poderes e "experiências libertadoras". É claro, o progresso virá "mais tarde", depois de umas quantas "Iniciações", "progredindo" nos "graus internos".

"Não se ajuda um pobre — diz C. G. Jung — ***colocando-lhe na mão uma esmola mais ou menos grande, apesar de que assim o deseje. Pode-se ajudá-lo muito mais quando lhe mostramos o caminho para que, mediante o trabalho, possa se livrar duramente de sua necessidade. Os mendigos espirituais de nossos dias estão, desgraçadamente, em excesso, inclinados a aceitar em espécie a esmola do Oriente, quer dizer, apropriar-se sem refletir, das posses espirituais do Oriente e imitar cegamente seus modos e maneiras"***.

Todos esses raciocínios me levavam a uma conclusão: em quem busca poder fenomênico parapsicológico — ***taumaturgia*** — há sempre um ignorante ou um desinformado. Em quem promete outorgá-lo, só pode existir uma vontade perversa. Foi por isso que eu decidi considerar uma "coincidência sincronística" qualquer possível relação entre o "sequestro" espiritual do dia 21 de janeiro e o sismo simultâneo. Podiam estar tranquilos no Valhala Belicena Villca e todos os seus antepassados da Casa de Tharsis, e os Deuses Libertadores, e todo aquele Ser espiritual que observasse minha conduta! Para mim, o término da visão mística mostrava o objetivo da experiência transcendente: ***nem eu dispunha de um Poder que agisse sobre a Matéria, nem desejava tê-lo. As Potências da Matéria não tinham conseguido enganar-me dessa vez e, possivelmente, nunca mais voltariam a fazê-lo***.

Fazia essas reflexões enquanto passavam os quilômetros velozmente e Salta se abria generosamente em seus vales e ravinas. ***"Entre zonas de coloridos e imponentes picos, aparecem as colinas com exuberante vegetação e emolduradas por rochas de aparência agreste, algumas famosas, como a do Obispo, um sopé verdadeiramente impressionante, por seu desenvolvimento e variedade de motivos"***, li no mapa que tinha adquirido em Cerrillos. Já me encontrava próximo de Cafayate, onde planejava almoçar e comprar alguns presentes, especialmente o delicioso vinho da região. Quando se realizam viagens improvisadas, como a que eu empreendia, por províncias e regiões de extrema pobreza, convém sempre

levar presentes comestíveis. Um litro de bom *Torrontés* e alguns alfajores podem abrir portas impossíveis, controles de fronteira e superar todo tipo de dificuldades.

Entrei em Cafayate e depois de realizar algumas compras em uma casa de artigos regionais, estacionei diante da Praça *Libertad* para almoçar em um restaurante que prometia, em uma lousa "Menu do dia: empanadas e frango picante".

Capítulo X

Às 14:30, encontrava-me novamente a caminho, rodeando o riacho *De las Conchas* e disposto a empreender a segunda parte da viagem a Santa María.

A terra estava solta, parecendo que há tempos não chovia e o vento era suficientemente forte para que esse trajeto se tornasse muito lento.

Duas horas depois, tinha percorrido apenas 70 quilômetros e me preparava para passar pelo meio do povoado *Colalao del Valle*, pois o caminho continuava pela rua principal. Esse povoado encontra-se na Província de Tucumã, na metade do caminho que atravessa a cunha geográfica que uma demarcação de limites deficiente legou ao mapa atual. Tem umas vinte quadras de comprimento por quatro ou cinco de largura. Enquanto o atravessava, observei a mesma síndrome que se manifesta em mil povoados e aldeias do Norte argentino: a decadência.

A pobreza é um mal endêmico nessas, paradoxalmente, ricas Províncias, esquecidas pelo centralismo burocrático da megalópole Buenos Aires e, pela apatia ou impotência dos governantes locais, que costumam ter as mãos atadas por um federalismo inexistente, além dos discursos oficiais.

A pobreza é um mal que dói. Porém, castiga mais ainda ver a decadência, isto é, contemplar o que ontem foi esplêndido exemplo, transformado hoje em visão censurável.

Enquanto o carro rodava na rua de terra, eu olhava as casas de estilo colonial espanhol, que hoje são sombras do que foram em esplendorosos dias passados. Caricaturas cruéis da esperança e da fé de seus construtores.

— Aqueles que edificaram essas casas — pensava, compungido — acreditaram na Argentina, tiveram fé na América.

A demolição inevitável delas é a contundente resposta a essas ilusões.

Via-se que esse povoado, como tantos outros, evoluiu até um apogeu, que deve ter ocorrido há 50 ou mais anos atrás. Depois sobreveio um período de decadência, durante o qual não se levantou nenhuma parede — nem se colocou um tijolo sequer. Janelas fechadas há anos, com suas estruturas de madeira apodrecendo; paredes desgastadas e leprosas; fachadas roídas por mil inclemências do clima e da Alma.

A decadência de uma comunidade urbana, de sua arquitetura, é um retrocesso que, infalivelmente, se implanta na Alma dos moradores. E ali estavam eles, vendo-me passar, com esse modo ausente, com essa contemplativa indiferença tão característica da América indígena.

Porque neles se via, drasticamente, a decadência. Naquelas crianças descalças que me espiavam por trás de uma esquina, naqueles olhinhos escuros e achinesados, que me olhavam candidamente ao me oferecerem a venda de uma *tortilla* de milho, mas que se tornavam desconfiados à menor pergunta. Qual é a diferença que têm esse povoado, essas casas, esses moradores, com seus equivalentes de outras partes da América — da Bolívia, do Peru, do Equador ou da Colômbia? Nenhuma.

Nessa resposta também se estabelecia a decadência, na qual, pagando o alto preço de isolar-nos da América Latina, cem anos de "Cultura Europeia" não deixaram nem um só rastro nesses *criollos* esquecidos por todos. Não lhes demos nada diferente do que receberam nos países mencionados. Não são nem mais nem menos civilizados do que eles, apesar da crença contrária que mantém a Oligarquia Europeizante que dirige este país há cem anos.

Por isso, uma explicação para a decadência geral que assola os povoados de sangue americano, pode ser esta: em quinhentos anos, a cultura europeia não se acendeu na Alma do americano porque, nem os que a implantaram a sangue e fogo, nem os que a ensinaram beatificamente, acreditavam realmente nela. Substituíram, nas raças americanas, sua cultura milenar, dinamizada pela ação de Grandes Mitos, pela cultura materialista europeia, carente de espiritualidade e transcendência. E a religião da América, que conservava a lembrança dos Deuses Brancos, foi proibida, em favor da doutrina ***racionalista*** do catolicismo — dali em diante, os nativos teriam que glorificar a história bíblica do Povo Eleito, adorar um Deus-hebreu-crucificado, do qual nunca tinham ouvido falar, e ficariam de fora da discussão teológica, porque a nova religião já chegava finalizada, acabada em sua fundamentação filosófica. Se lá, na ignota Niceia, um Concílio tinha decidido que Deus era trino, o que poderiam dizer aqui os pagãos recém-submetidos? E os que estavam aqui, por acaso sabiam o que significava o Dogma católico? Não, esses matavam e saqueavam ***em nome*** do Dogma católico, que ninguém compreendia, nem se preocupava em explicar.

Mas a riqueza se acabaria. Finalmente, chegaria o tempo de se buscar novas riquezas, de fazer aqueles impérios evangelizados produzirem objetos culturais. E então, nesse mesmo momento, começaria a decadência. A Igreja prosperaria com a conquista da América, destruindo sistematicamente todos os vestígios de origem atlante das grandes civilizações, todas as provas a respeito da natureza extraterrestre do Espírito do homem. E o espanhol, enlouquecido, tal como o profetizara a Grande Mãe *Binah* a Quiblon, derramaria uniformemente o sangue e o sêmen sobre os povos nativos. Desse Holocausto de Água sairiam "os Filhos do Horror", a população mestiça da América, homens como os que eu via agora, ao passar pelos seus povoados decadentes. Homens culturalmente indiferentes, que se mostram

decididos a não fazer nada. Se não chega ali um gringo com fé em algo, e torna a levantar casas e povoados, eles não o farão. E tudo cairá ao chão, em pedaços — vingança pueril, mas efetiva — como caíram suas culturas outrora e como cairá amanhã a Alma do Ocidente, se continuar empenhada em se divorciar do sangue da América.

Ao passar por *Fuerte Quemado*, não pude deixar de lembrar que naquele lugar acampara Diego de Rojas quatro séculos antes, quando viajava em perseguição a Lito de Tharsis. Diego não pôde localizar o Pucará de Tharsy, apesar de procurar em Tafí del Valle durante meses. Contudo, eu o conseguiria? Acreditava que sim, que as indicações de Belicena Villca eram muito precisas — eu conseguiria chegar até o rancho e conversaria com o índio Segundo, o insólito descendente do Povo da Lua. E o otimismo não me abandonou ao chegar em Santa María.

Ao cruzar a ponte sobre o rio Santa María, olhei o relógio: sete e meia da noite. Levei cinco horas de Cafayate até ali, e já estava anoitecendo. Apesar de minha impaciência em chegar o quanto antes à casa do tio Kurt, tinha decidido esperar pela noite, para cumprir as promessas a mamãe, quanto à prudência e segurança.

Parei o carro em frente a outra loja de artigos regionais, para adquirir os famosos produtos da zona: a páprica, o *arrope*, as uvas passas e o vinho. Depois de pagar pela compra, me entretive indagando o vendedor sobre a rua Fray Mamerto Esquiú. Assim, soube que ia de Leste a Oeste, finalizando no rio Santa María, que é um dos limites periféricos da cidade e que corre de Norte a Sul.

— O número 95 — pensava — deve estar perto do rio, talvez na última quadra.

— Você procura alguém na rua Esquiú? Talvez possa ajudá-lo.

O vendedor me surpreendeu com sua pergunta. Ah, a curiosidade interiorana! Mas não me deixei impressionar.

— Sim, procuro uma vendedora de ponchos — menti — em Salta me deram o endereço aproximado, pois não lembravam com exatidão.

— Uma vendedora de ponchos na rua Esquiú? Hum... Não, lamentavelmente, não conheço nenhuma vendedora de ponchos que more na rua Esquiú..., mas, diga-me: que tipo de ponchos você quer? Porque eu tenho um bom estoque. E por um bom preço...

Instantes depois, eu saía com minha compra original e mais um poncho catamarquenho branco, com bordas incaicas. Escolhi, para cear, uma pousada de segunda categoria, mas que, segundo o vendedor de produtos regionais, servia o melhor guisado de coelho do vale Yocavil. Nem bem me dirigi a uma mesa afastada e me sentei, comprovei que era uma escolha acertada, pois esse era um lugar frequentado por vendedores e caixeiros viajantes, no qual ninguém se surpreendia pela presença de um forasteiro.

Encontrava-me saboreando a sobremesa, doce de *cayote* com nozes, quando um menino em farrapos se ofereceu para lustrar minhas botas.

Há uma idade — pensei, desalentado — a infância, a qual todos os animais empregam para brincar e pular, protegidos por seus pais e demais membros adultos do grupo. O ser humano, ao contrário, não pode garantir aos seus filhos a satisfação de viver a mais bela idade como deve ser vivida: desfrutando da fantasia.

Por princípios, detesto que as crianças trabalhem com objetivo de lucro, e meu primeiro impulso foi afastar aquele engraxate — mas uma ideia me ocorreu nesse instante e estendi o pé direito, em muda aceitação. Era um garotinho de uns sete anos e indubitável aparência indígena. Começou lavando e cobrindo de pomada as botas, para depois, por meio de vigorosas massagens com um pedaço de pano, tentar obter o ansiado brilho.

— Como se chama? — perguntei, procurando ganhar sua confiança.

— Antonio Huanca, senhor — respondeu, rapidamente.

— Diga-me, Antonio, você mora longe daqui?

Levantou a pequena cabeça cabeluda e me olhou com um gesto de interrogação nos olhos. Finalmente, encolheu os ombros e mostrou um lugar indefinido, dizendo:

— Ufffaa, muito longe, senhor, por ali, do outro lado do rio.

Percebi que minha pergunta foi infeliz. Devia tentar novamente, mas dessa vez, seria mais direto:

— Você conhece a rua Esquiú?

Ele ficou pensativo por um momento, mas em seguida, sua carinha se iluminou.

— Sim, senhor, é a que está no final da cidade. Se vai por essa à direita — mostrava a rua da pousada — vai encontrá-la quando termina o pavimento. Exatamente onde termina o pavimento é a rua Esquiú, sim, senhor.

Ele falava sem deixar de lustrar, e nesse ritmo, logo terminaria. Agacheime um pouco, para não ter que falar alto, e lhe disse:

— Vou ver Cerino Sanguedolce. Você o conhece?

Começou a rir, enquanto se lambia os lábios.

— O doceiro? Quem não conhece Dom Cerino, senhor?

Esticou a cabecinha e disse-me, em forma de confidência:

— Não lhe diga nada, senhor, mas meus irmãozinhos e eu sempre tentamos roubar-lhe alguns potes de doce — o moleque se babava todo — não há quem os faça mais gostosos em Santa María. Hi, hi, hi.

Ria como um passarinho e era, festejando sua travessura, finalmente, um menino.

— Tio Kurt é "doceiro" — pensei, maravilhado.

Cheguei a entender, nesse momento, que tinha sido um bobo por não ter previsto isso, mas essa ideia não tinha sentido e a descartei.

O menino terminou seu trabalho e eu dispunha de informação suficiente para localizar tio Kurt. Paguei-o generosamente e ele se afastou para outras mesas oferecendo seus serviços.

Um relógio de parede, pendurado sob um quadrinho com uma coleção de pontas de flechas, marcava 21:00. Paguei a ceia e saí.

A noite estava fresca, mas o céu coberto de nuvens e não havia nem uma brisa. Peguei o carro e parti, seguindo as instruções do engraxate.

À medida em que me aproximava da rua Esquiú, as casas iam se espalhando e diminuindo em qualidade, até que, finalmente, encontrei-me em um subúrbio de aspecto miserável, onde não só terminava o pavimento, mas também as luzes das ruas eram quase inexistentes.

Virei na rua Esquiú, para onde o instinto me indicava que devia estar o rio e procurei, em vão, um sinal, um ponto de referência que me permitisse calcular a numeração.

Amaldiçoando por dentro a ideia de visitar de noite o tio Kurt, compreendi rapidamente que circulava por um bairro formado por pequenos sítios de quatro ou cinco hectares cada um.

No Noroeste argentino, todas as propriedades rurais obedecem a um mesmo padrão de construção: um retângulo de terra corretamente cercado de arame e uma residência (casa do dono ou serviçal) construída a uma curta distância do portão de entrada. Podem existir variações ou anexos, mas esse é o "tipo" geral, que eu conhecia bem, pois nossa própria fazenda em Cerrillos adaptava-se ao mesmo esquema. Sabia, então, da inutilidade de chamar no portão de entrada, uma vez que a casa costuma estar afastada dele, e aceitei inconscientemente o fato de que ia ter que entrar em um dos pequenos caminhos laterais, para avisar da minha chegada.

O automóvel já estava rodando há cinco minutos pela sombria rua Esquiú, que agora dava a inequívoca sensação de uma íngreme descida. O rio deveria estar perto, mas, ainda que a poderosa luz alta de quatro cristais de quartzo perfurasse as trevas, eu não conseguia distinguir nada além de vinte metros. Parei o carro e puxei o freio de mão. Seria melhor realizar uma exploração a pé.

Peguei no porta-luvas uma lanterna do tipo caneta, cuja exígua luz costuma ser útil às vezes, e desci, tomando a precaução de fechar o carro, para o caso de me afastar do lugar. Um momento depois, comprovei quão oportuno foi parar o carro, pois, cinquenta metros mais adiante, a rua se estreitava abruptamente e caía em uma ravina íngreme sobre o rio Santa María, que corria abaixo, a uma distância de cem ou cento e cinquenta metros. Se tivesse seguido em frente com o carro, teria dificuldade para virá-lo e regressar.

Estava, finalmente, no início da rua Esquiú, não muito longe do domicílio de tio Kurt.

Essa hipótese deu-me novo ânimo para procurar me orientar — algo que, percebia, era bastante difícil

A rua Esquiú tinha perdido seu calçamento várias quadras atrás e, onde eu me encontrava agora era só um beco de cascalho grosso, que se estendia de uma a outra cerca de arame, limites de desconhecidas propriedades. A Leste estava o rio, pelo que, se essa era a última quadra, hipotética moradia

de tio Kurt, o endereço procurado devia estar em um dos lados da rua, a poucos passos dali.

Explorei o sentido Norte, que se compunha de uma fileira de três fios de arame, com altura de um metro e cinquenta, mas ladeados, em toda a sua extensão, por arbustos de ligustro muito densos e perfeitamente podados, em forma de colunas. Percorri uns cento e cinquenta metros, sem encontrar nenhuma porta ou portão, pelo que deduzi que estava nos fundos de um sítio.

Tentando acalmar a contrariedade que sentia por causa de tão insólita situação, voltei para o sentido Sul e recomecei a busca. Esse sítio estava mais bem limitado, pois, logo descobri uma malha grossa de arames com losangos, que o emaranhado do bem conhecido ligustro deixava ver.

A noite tornava-se impenetrável, reduzindo a ajuda da pequena lanterna e, por isso, meu passo era desajeitado e vacilante, enquanto revisava, palmo a palmo, esse tenebroso trecho da rua Esquiú. Quando já me desesperançava de encontrar uma entrada nessa parede, produziu-se um milagre: um enorme portão de cano e malha de arame emergiu das trevas, quase no final da rua, a uns dez metros da ravina. Apontei o feixe da lanterna para dentro, mas, tal como o supunha, não vi nenhuma construção, e sim um caminho, formado por duas marcas paralelas, que se perdia na escuridão.

À esquerda percebia-se uma cuidada plantação de vinhedos, pequenos e carregados de cachos; à direita uma infinidade de sementeiras de uma horta variada.

Tornei a verificar a porta, mas não achei campainha nem nenhum alarme — ao contrário, descobri dois anéis de aço, um na porta e outro no quadro de concreto, unidos por um pesado cadeado de ferro.

Desalentado, recostei-me contra o portão, procurando tomar uma decisão. O mais razoável seria ir embora e voltar de dia, mas me impedia a suposição de que houvesse peões ou talvez familiares de tio Kurt, para os quais seria muito estranha a minha presença. Restava a possibilidade de persistir na busca noturna, entrando no sítio, apesar do cadeado — uma vez que aquela fosse realmente a residência do meu tio...

Permanecia indeciso, abraçado à malha do portão, aguçando a vista na direção do caminho de entrada, quando me pareceu ver, fugazmente, o brilho de uma luz. Foi só um segundo, mas suficiente para que renascesse a esperança de obter algum resultado nessa noite.

Imaginei que a residência devia estar bem longe, razão pela qual não chegava luz até o portão, interceptada, talvez, por árvores ou outros obstáculos. Não pensei mais e subi pela malha contígua ao portão. Salvo o contratempo de que um pedaço de minha jaqueta "Safari" ficou nos arames de espinhos, que coroavam a estrutura da malha, pude entrar sem problemas. Alguns segundos depois, andava tranquilamente pelo caminho interior, seguindo com a lanterna as marcas de veículo que havia no mesmo. Já tinha caminhado uns cem metros, quando a trilha virou bruscamente

para a direita e entrou em um grupo de frondosas árvores. Nem bem entrei nessa curva, vi, a uns trinta ou quarenta metros, uma casa de tipo alpino, de dois andares, com telhado de telha semicircular, cuja cor contrastava com o branco das paredes e as negras grades de janelas e varandas. Contra a escuridão da noite se recostava, espectralmente, sem que, ao que parece, houvesse luzes acesas.

Essa visão e o silêncio, só quebrado pelo zumbido das ***cigarras***, contribuíram para me desmoralizar. Parei por um instante e contemplei a imensa massa da casa, emoldurada pelos ramos de alguns salgueiros gigantes que balançavam ao compasso de uma suave brisa. Tive inexplicáveis desejos de correr e abandonar esse cenário irreal, mas me recompus em seguida e avancei a grandes passos, com a intenção de bater na porta para requerer a presença de tio Kurt ou Cerino Sanguedolce.

Foi então que escutei.

Estava a poucos metros da casa, quando senti vir das minhas costas, à direita, um ***som conhecido***... Era um gemido agudo. Um lamento muito especial que só podem reconhecer imediatamente aqueles que tenham experiência na criação de cães. Pois esse gemido é a expressão do desejo de atacar que o cão manifesta, quando o dono o impede de fazê-lo.

Eu me lembrei que mamãe trouxera um pequeno gato para a fazenda e, para evitar que Canuto o atacasse, decidiu fazê-lo cheirar o felino, enquanto o desafiava com voz forte e o proibia de tocar no gato. Então Canuto tremia, debatendo-se entre o instinto de matar e a obediência que devia aos seus donos, e soltava uns gemidos enganosos, que não expressavam dor, mas esse desejo contido de atacar.

Esse tipo de gemido era o que tinha soado às minhas costas.

— Cães? — pensei, alarmado — como não notei a falta de cães? Deus, que imbecil! Todos os sítios têm cães. Mas... por que não latiam? Por que não tinham latido?

Virei-me lentamente. O que vi me induziu um súbito terror, paralisando-me no lugar em que estava. Dois pares de olhos verdes relampejavam na penumbra, a poucos passos de mim. Eram olhos de animal, de cães, talvez. Mas creio que o pânico foi produzido ao tomar consciência de duas coisas: uma, o tamanho anormal dessas bestas; e outra, sua também anormal cautela. Porque era inconcebível que eu pudesse transitar tanto pelo sítio sem que os animais emitissem nem um latido e que, pelo contrário, me seguissem silenciosamente, quase se arrastando, até ficarem tão perto de mim que poderia tocá-los com a ponta do pé.

Uma das bestas tornou a se queixar, com o evidente desejo de saltar sobre mim. No momento em que me assaltava a certeza de que seu dono não devia estar longe, soou um silvo modulado de indubitável origem humana. Não consegui virar-me dessa vez, pois as bestas, ao ouvir o silvo, atuaram como que movidas por uma mola e, com um grande salto, jogaram-se sobre sua presa.

Apesar de estar quase paralisado de terror, o instinto de conservação e vários anos de ***karatê***, me fizeram colocar-me em guarda. Mas só para comprovar que aquelas feras tinham um adestramento particular, pois, em vez de morder e procurar o pescoço, como fazem os cães de combate, esses pareciam saber exatamente o que fazer: cada um dirigiu-se para um braço e cravou nele seus dentes. Senti a carne dilacerar e vi que as feras fechavam as mandíbulas sem intenção de soltar. O impacto do ataque me fez tropeçar, pois ambos os cães pareciam pesar mais do que meus 90 quilos. Um segundo depois, caía para trás, enquanto sentia esmagar-se o osso do meu braço esquerdo na boca do gigantesco cão. Pensei, enquanto caía, nas várias táticas para me soltar dos cachorros: me reviraria, chutaria seus testículos, morderia...

— ***Crack*** — soou o golpe no meu crânio e tudo escureceu.

Escudos de Provincias Argentinas



Formosa



Chaco



Santiago del Estero



Misiones



Corrientes



Entre Ríos



QUARTO LIVRO

"A História de Kurt Von Sübermann"

Capítulo I

Corriam, corriam turbulentas as águas, e me arrastavam sem que eu pudesse evitar. Perto, envolta em um estrondo de ruído e espuma, a cachoeira absorvia torrentes de água, como uma titânica garganta sedenta. Aproximava-me do abismo rugidor, via as bordas, tentava nadar inutilmente, mas a água me arrastava. Finalmente, caía de cabeça na torrente. Era o fim. Iria me estatelar no fundo, contra afiadas rochas. Devia abrir os olhos. Devia abrir os olhos...

Fazendo um esforço supremo, abri os olhos, que foram instantaneamente feridos por um resplendor terrível. Piscava, tentando acostumar a vista ao Sol, enquanto compreendia que me encontrava deitado em um quarto desconhecido. Olhava hipnotizado a janela, ornada de brancas cortinas, enquanto pouco a pouco se dissipavam as brumas em que estava envolvida minha consciência.

A primeira coisa que senti foi a intensa dor na cabeça — parecia mais um tipo de pressão sobre o couro cabeludo e a fronte. Tentei levar as mãos à cabeça e uma nova dor me feriu o sistema nervoso. Quase não podia mover os braços, que estavam, ambos, enfaixados até o cotovelo. O esquerdo era o mais afetado e sensível, pois um pequeno movimento parecia um suplício. O direito, igualmente dolorido, aparentava estar em melhores condições. Com esse braço comprovei que uma bandagem me cobria todo o crânio até a fronte. O movimento foi muito penoso, realizado por reflexo, ao recobrar a consciência. Não obstante sua fugacidade, foi suficiente para alertar a pessoa que estava sentada à direita da cama, em um ângulo tal que me impediu de perceber sua presença, em um primeiro momento. Era um homem enorme, de olhar aguçado e voz estrondosa, que se aproximava de

mim com um gesto preocupado e... gritando. Mais velho do que eu o recordava desde aquela noite em minha infância, não tinha mudado muito. No entanto, era, sem dúvida, tio Kurt!

Seu semblante se mostrava abatido e sua voz penosa, dizendo incoerências:

— Você é meu único sobrinho e quase o matei. Derramei meu próprio sangue! Uma maldição caiu sobre mim. Ó, Deus, meu fim está próximo! Por que adicionar essa desgraça aos meus sofrimentos?

"Você ficará bem, Arturo, meu filho — continuava tio Kurt, com voz dolorida — vai se recuperar. O ***Ampej*** *Palacios* o verificou e assegura que logo você melhorará. Como poderá me perdoar, criatura?"

Tio Kurt continuava murmurando sem parar suas queixas e desculpas, enquanto mantinha cravado em mim aquele potente olhar azul.

Envolvido em um torpor crescente, fazendo esforços para coordenar as ideias, reconheci no rosto crispado de meu interlocutor as feições conhecidas de minha mãe.

Atordoado, olhava-o fixamente, procurando algo para dizer, quando claramente escutei o canino som de um grunhido. Chegou aos meus ouvidos procedente de fora da casa, e tive a virtude de conseguir que as lembranças se aglomerassem na mente. A última coisa que vi e senti, quando explorava o sítio de tio Kurt, fez-se presente como uma avalanche impetuosa.

— O q..ue, o que eram? — balbuciei, tentando conter o tremor que me sacudia todo o corpo.

No rosto de tio Kurt apareceu uma interrogação.

— Como? – perguntou, desconcertado.

— As... as feras — disse, fazendo um esforço, pois sentia a língua inchada e adormecida.

— Ah, os *dogos* — tio Kurt entendeu — são cães, cães do Tibete. Animais muito especiais, autênticos cães. Talvez a única espécie que mereça esse nome. São animais extraordinários, capazes de receber um adestramento semi-humano.

Involuntariamente, abri os olhos, horrorizado, e tio Kurt, ao notar isso, desculpou-se, aflito:

— O que aconteceu com você foi um acidente. Um incompreensível acidente, do qual só eu sou o culpado. Os *dogos* o atacaram porque eu ordenei. Ó Deus, só eu sou o responsável pelo maior crime! Derramei meu próprio sangue...

Tio Kurt começou a repetir as incoerências anteriores, enquanto eu ia caindo suavemente na inconsciência. Meus olhos se fechavam, e eu escutava quem tinha vindo visitar com tanto entusiasmo, transformado em personagem de uma tragédia grega, por minha imprudência e imprevisão!

De repente, eu também me senti culpado — meu coração se apertou — tentei dar alguma desculpa, mas uma salvadora penumbra eclipsou minha consciência, submergindo-me em um sono profundo.

Procurarei resumir os detalhes de minha infeliz intromissão na vida de tio Kurt. Será uma concessão em favor de outros dados que desejo colocar à disposição do leitor, para uma melhor interpretação dessa estranha história. Pois, se ocorreu a alguém pensar que tudo quanto me passou até ali era mais do que suficiente para preencher uma quota de fatos misteriosos, dir-lhe-ei que está muito equivocado. Faltavam muitas partes importantes nessa aventura, poderia dizer que apenas começava e, se as "casualidades" notáveis tinham me perseguido até então, o que viria depois não ficava muito atrás. Porque tio Kurt tinha uma história para contar. Uma história tão estranha e insólita que, por si mesma, era incrível — mas que eu devia tratar com bastante respeito, já que "essa" história fazia parte da "minha" história.

Mas não nos adiantemos. O dia em que abri os olhos, e vi pela segunda vez em minha vida tio Kurt, era o seguinte à noite de minha infeliz incursão pelo sítio. Fazia umas quinze horas que eu estava inconsciente, diante do desespero de tio Kurt, que temia ter-me produzido uma grave lesão cerebral.

O golpe, dado com a culatra de uma pistola ***Luger***, foi contundente e, segundo tio Kurt, só me salvei graças à anormal dureza do crânio — ou a um milagre.

Por que essa certeza? Porque ele tinha batido com muita força, segundo suas palavras, suficiente para matar o intruso. Essa violência se devia a que tio Kurt esperava por um atentado, um ataque, a qualquer momento.

Ele tinha motivos para acreditar nisso, como se verá, e a má sorte — ou outra causa — quis que eu tivesse a fracassada ideia de fazer a suspeita visita noturna.

Inicialmente, depois de se certificar de que não havia mais intrusos, tio Kurt me arrastou até a casa e começou a tarefa de revistar os bolsos, em busca de armas e elementos de identificação. Com a surpresa que é de se supor, encontrou a Cruz de Ferro — sua condecoração — a carta de mamãe e os documentos e cartões que provavam devidamente minha identidade.

Segundo tio Kurt, teria se suicidado ali mesmo, se não fosse porque, inexplicavelmente, eu ainda respirava. Sua primeira reação foi procurar ajuda, mas, consciente da situação irregular, decidiu ser extremamente cauteloso, a fim de evitar a intervenção policial. Por esse mesmo motivo, seria inconveniente recorrer a um médico desconhecido, que poderia colocar tio Kurt em apuros.

Devo esclarecer que tio Kurt não tinha se casado, e por isso vivia sozinho na residência, atendido por um casal de velhos e fiéis índios, que viviam em uma pequena casa contígua. Além dos mencionados, nunca moravam ali menos de dez peões — para cuidar dos vinhedos e da pequena fábrica de doces e *arrope* — mas esses ocupavam uma barraca, afastada uns 30 metros da residência e não eram dignos de confiança.

Tio Kurt, desesperado, chamou o velho mordomo, ***José Tolaba***, batendo na janela de sua casa.

— Pepe, Pepe.

— Sim, Dom Cerino — respondeu o velho, com presteza.

— Venha logo, Pepe. Aconteceu uma desgraça — gritou Kurt.

Ainda que ele houvesse gritado só o nome do velho, cinco minutos depois, apareceram Pepe e sua mulher, pois, pelo tom do chamado, presumiram que ocorrera algo grave. A velha Juana se bendizia constantemente, enquanto tio Kurt e Pepe transladavam meu corpo desfalecido até um sofá do ***living room***, já que os dormitórios estavam no andar de cima, só acessível pela escada.

Perdi um pouco de sangue por um profundo talho na altura da nuca, mas o mais impressionante era, sem dúvida, a forma como os cães me destroçaram os antebraços. Tio Kurt deixou os velhos, para que lavassem as feridas e cuidassem de mim, e partiu, em busca do *Ampej Palacios*.

Tirou da garagem um novíssimo jeep ***Toyota*** — adquirido nos tempos da "*plata dulce*" — e partiu rapidamente, notando, ao sair, a presença do Ford, a poucos metros do portão.

A hora era inoportuna para procurar qualquer médico, mas não para o *Ampej Palacios*. Esse personagem, que não é de ficção, mas merecia ser, é um médico índio mundialmente famoso, por seu domínio da cinesioterapia. Já velho, naqueles anos, ainda atendia em seu humilde consultório, sem ser perturbado por ninguém, pois seu prestígio era tão grande como a fortuna que ele acumulou, graças às dádivas que generosos e prósperos pacientes foram depositando em suas mãos. O *Ampej Palacios* fez caminhar homens e mulheres paralisados há anos, fez pescoços tão rígidos como um obelisco se moverem e endireitou tantas colunas vertebrais desenganadas por traumatologistas de todo o mundo, que seria difícil acreditar, se não existissem, para provar isso, os livros de visitas.

Esses livros são uma segunda fonte turística para Santa María, pois ali há assinaturas e notas de pessoas de todo o mundo que vieram até o *Ampej Palacios*, buscando esperança. Ricos e pobres, padres e médicos, nobres e plebeus, todos assinaram os livros dele, para testemunhar a sabedoria do *Ampej*. Aqui não há magia nem feitiçaria, mas pura e simplesmente Sabedoria Antiga, que dinastias de *Ampej* diaguitas conservaram e transmitiram de pais a filhos. Hoje, os filhos de *Ampej Palacios* são médicos formados na Universidade de Salta e especializados em Traumatologia! Seguem, assim, a tradição familiar e praticam, com sucesso, um conhecimento milhares de anos mais antigo do que a ciência materialista do Ocidente.

Acompanhado pelo *Ampej Palacios*, tio Kurt voltou, meia hora mais tarde. O velho, que era corpulento, com bigodes grandes e brancos e mãos tão grandes quanto uma alpargata tamanho 12, começou a analisar minha cabeça e braços.

— A cabeça não está quebrada — afirmou o *Ampej*, dez minutos depois — mas teremos que esperar algumas horas, para saber se não há lesão no cérebro. O braço esquerdo está quebrado, temos que engessar; o direito tem o osso sadio, mas a carne está muito dilacerada.

— Veja, Cerino — continuou o *Ampej* — não acredito que seja grave, mas temos que lhe costurar a cabeça e o braço, e dar-lhe anti-inflamatórios e antibióticos. É muito para mim, que só conserto ossos. Vou enviar para você um *chango* mais jovem, que justamente, está me visitando. Ele é doutor e o atenderá melhor.

Uma hora depois, chegava o Dr. Palacios, resmungando, pois tinha que viajar para Salta às 05:00 e o haviam despertado à 01:00.

Dedicou-se inteiramente à sua tarefa, administrando várias injeções, costurando as feridas do braço direito e engessando o esquerdo.

Após ser raspada a área lesionada do couro cabeludo, o talho foi fechado com uns ganchinhos de plástico inerte.

— Tem certeza de que os cães não estavam raivosos? — perguntou, com desconfiança, o filho do *Ampej*.

— Posso assegurar — afirmou tio Kurt, horrorizado — morderam porque eu ordenei, são animais bem treinados e me obedecem cegamente. Jamais atacariam alguém por si mesmos.

O doutor balançava a cabeça, enquanto murmurava algo sobre as dúvidas que tinha quanto à mansidão dos *dogos* do Tibete.

Três horas depois, o Dr. Palacios se foi, e tio Kurt, depois de pegar as chaves que eu tinha na jaqueta Safari, entrou com meu automóvel no sítio e o estacionou dentro de sua garagem.

No segundo dia, tentei me levantar, pois voltei a mim em uma hora em que não tinha ninguém no quarto. Senti, então, uma terrível fraqueza e uma tontura tal, que quase caí no chão. Fiquei sentado na borda da cama contemplando, não sem certa curiosidade, o lugar onde me encontrava.

Era um quarto sobriamente mobiliado, com um conjunto de dormitório de nogueira esculpida e cama com mosquiteiro de renda. Que estava no primeiro andar deduzi pelo telhado inclinado e as grossas vigas de quebracho que o sustentavam. Nesse momento, a velha Juana entrou e se assustou ao ver-me sentado.

— Ai, senhorzinho — disse a velha — como o senhor faz essas coisas? Tem que repousar, assim ordenou o Doutor.

Empurrou-me firmemente pelos ombros para me forçar a ficar na horizontal — enquanto eu a deixava fazer isso, espantado pela atitude da desconhecida. Em seguida, estava deitado e coberto novamente, enquanto a velha não parava de protestar:

— Senhorzinho mexeu o braço engessado! Isso não é bom: ele vai se aborrecer...

— E... o Senhor? — perguntei, timidamente.

— Dom Cerino? Virá em seguida — respondeu a velha — assim que lhe avisar que o senhor já se recobrou.

Ela se aproximou da porta à minha direita — a outra dava para um banheiro, conforme soube depois — mas, antes de sair, virou-se e disse:

— Fique quieto, senhorzinho, que logo lhe trarei um caldo e uma *horchata* de nozes — sorriu — e verá como logo recuperará suas forças.

Conforme passaram os dias, fui me recuperando e, quinze dias depois, já descia para a sala de jantar e passeava pela área verde adjacente à casa.

Com mais quinze dias, tiraram-me o gesso e, após trinta e cinco dias de minha chegada a Santa María, pude partir para Tafí del Valle, em incríveis circunstâncias, que depois narrarei.

No início, escrevi várias vezes a meus pais, mentindo sobre uma suposta investigação arqueológica no Pucará de Loma Rica, para tranquilizá-los por minha prolongada ausência. Também falei por telefone com o Dr. Cortez, a fim de solicitar-lhe uma extensão de quinze dias em minhas férias, que expiravam nesses dias, mas ele só aceitou isso quando lhe informei que tinha sofrido um acidente.

As coisas pareciam difíceis, pois ainda não tinha começado a averiguar o paradeiro do filho de Belicena Villca e já se acabavam minhas férias. No entanto, ao partir de Santa María, a moral estava alta e tinha mais fé do que nunca. Para isso tinham contribuído as prolongadas conversas que tive com meu extraordinário familiar. Mas, voltemos àqueles dias de convalescença, quando tio Kurt iniciou o relato de sua fantástica vida.

Capítulo II

Como sou médico, já nos primeiros dias de convalescença compreendi que esta seria longa e, por isso, dispondo de tempo suficiente, não via nenhuma razão para não contar minha aventura ao tio Kurt. Nunca senti desejos de compartilhar meus assuntos com ninguém, nem tive confidentes. Mas agora era diferente. Desde o dia do sismo, vinha lamentando não conhecer ninguém em quem confiar — alguém suficientemente "espiritual" que não zombasse dos fatos ocorridos referentes à morte de Belicena Villca. Mas, também, que dispusesse da liberdade necessária para poder assumir um conhecimento que entranhava tão graves perigos.

Em dado momento, pensei acudir ao Professor Ramírez, mas depois envergonhei-me dessa ideia egoísta, que podia colocar em perigo a vida e a mente desse homem exemplar, entregue às suas cátedras e à sua família.

Estava contrariado, desde então, pois sentia que começava a lidar com ideias muito "grandes", muito sobre-humanas, que poderiam me perturbar, se não as compartilhasse. E eis que, de repente, ressuscitou do passado um homem ***do meu sangue*** — a quem nunca sonhei conhecer. Um homem ***solitário*** como eu, ***de ação***. Um homem ***comprometido***, e com uma idade em que não se teme pela vida, pois a morte começa a se perfilar como uma realidade.

— Sim — pensava, decidido — confiaria tudo ao tio Kurt.

Inicialmente, falamos de trivialidades, pois ambos evitávamos contar nossos segredos — eu não revelava o motivo de minha visita e ele calava sobre o brutal ataque dos *dogos* e sua cacetada. Falei-lhe sobre meus

estudos e, também, de meus pais. Ele me explicou as técnicas para obter um bom ***arrope*** de figo-da-índia.

Assim, estivemos por um tempo ganhando confiança entre nós, até que um dia, dos últimos em que estive acamado, disse-lhe:

— Tio Kurt, desejaria que me desse a maleta que trouxe comigo. Ficou no carro na noite em que cheguei.

Para minha surpresa, tio Kurt abriu uma das portas do guarda-roupa e tirou de um compartimento a maleta que, pelo visto, esteve ali todo o tempo. Abri-a e extraí a carta de Belicena Villca e algumas anotações que havia feito, quando dialoguei com o Professor Ramírez.

— Vou lhe explicar o motivo de minha visita — disse, tentando transmitir a importância que o assunto merecia — é uma história fantástica e incrível e penso seriamente que só a você me atrevo a contá-la sem reservas nem temor.

Tio Kurt levantou as sobrancelhas, vivamente interessado em algo que, pelo menos para mim, parecia de extrema gravidade. Minhas palavras e o tom que usei criaram o clima apropriado para isso.

Eram três da tarde de um dia qualquer, ambos havíamos almoçado e a serena tranquilidade que reinava nesse perdido sítio convidava ao diálogo e à confidência. Tínhamos todo o tempo do mundo à nossa disposição, para aproveitá-lo como quiséssemos.

Comecei a narrar os eventos conhecidos e, se alguma dúvida tinha sobre a credibilidade que tio Kurt daria a isso, essa logo se dissipou. Visivelmente alterado por algumas passagens e impaciente em outras, interrompia-me constantemente para pedir detalhes e, depois que obtinha o que desejava, me incentivava a continuar, em um tom autoritário que eu desconhecia nele. O caso de Belicena Villca havia capturado completamente seu interesse, mas, ao se inteirar da existência da carta, pareceu enlouquecer. Eu a tirei, nesse momento, da maleta, e tive que fazer um esforço para evitar que ele a arrebatasse das minhas mãos — era minha intenção permitir que a lesse, mas não nesse momento e sim depois, quando eu terminasse de relatar o ocorrido. Mostrei-a, pois, e continuei com a narração, sem me perturbar com a ansiedade de meu tio, a quem custava um grande esforço, evidentemente, aguardar para lê-la. Expliquei, em linhas gerais, o objetivo daquela missiva póstuma, sem entrar em detalhes sobre a incrível história da Casa de Tharsis, mencionando apenas a perseguição milenar que haviam sofrido, por parte dos Golen-Druidas. Falei de Bera e Birsa e de minha convicção de que Eles eram os verdadeiros assassinos de Belicena Villca. Nesse ponto, parecia que os olhos de tio Kurt iam sair das órbitas; contudo, seus lábios permaneceram fechados pela surpresa. Finalmente, me referi à tradução que o Professor Ramírez fizera da legenda ***"ada aes sidhe draoi mac hwch"*** e suas alusões posteriores aos Golen-Druidas, o que confirmava, em minha opinião, não apenas a veracidade, mas tudo, em grande parte do conteúdo da carta.

Aqui terminou o encanto, e tio Kurt, levantando-se de um salto, gritou:

— Sim, Arturo! Os Druidas! Eu esperava por Eles na noite em que você chegou! Depois de 35 anos, percebi o inequívoco sinal de sua presença e sabia que, a qualquer momento, seria atacado, mesmo que ignorasse porque tinham esperado tanto, porque ***reapareciam*** agora. E agora sei: por que você vinha até mim, como portador do Maior Segredo!

Foi um rugido que saiu de sua garganta, ao pronunciar essas frases em alemão, sendo imediatamente respondido por dois prolongados uivos dos mastins, um andar abaixo e fora da casa. Não deixei de me espantar, pois tio Kurt sempre tinha falado em castelhano, uma vez que meu domínio do idioma alemão é ruim, em consequência da decisão de meus pais de me fazerem "completamente argentino", a tal ponto de que nem entre eles usavam essa língua.

Tampouco deixei de perceber que, por mais forte que tivesse gritado, os cães não poderiam tê-lo escutado. Como, então, lhe responderam?

Eu agora olhava com "outros olhos" o tio Kurt, a quem — até o momento — tinha como uma pessoa como tantas outras, torturada pela lembrança dos tempos da guerra, mas, de resto, completamente normal.

Estava entendendo, lentamente, que havia algo mais: tio Kurt tinha um conhecimento secreto que pesava muito em sua consciência — conhecimento esse agora revivido pelo meu relato.

Tio Kurt devia ter uns sessenta e dois anos, mas impressionava, por aparentar dez anos menos. Exageradamente alto — eu calculava que teria um metro e noventa — era forte, de compleição atlética e via-se que se mantinha em forma. O cabelo, que deve ter sido preto, era grisalho, cortado bem rente; os olhos de um azul claro, e sobrancelhas espessas; a boca de lábios finos, com um grosso bigode e queixo forte, completavam sua descrição. Um detalhe, talvez, se constituísse na cicatriz que atravessava o lado esquerdo de seu rosto, realçada pelo vermelho corado de suas bochechas, sinal de saúde para sua idade.

Ele gostava de se vestir com simplicidade, mas esportivamente, e sempre o via usando grossas botas de camuflagem.

Em síntese, era um homem impressionante — ainda mais nesse momento em que parecia soltar faíscas pelos olhos. Ficou alguns minutos caminhando em círculos por todo o quarto, com as mãos para trás, nas quais tinha a carta de Belicena Villca, que eu acabara de lhe entregar.

Eu fiquei em respeitoso silêncio, ainda que intrigado por essa reação. Tínhamos passado várias horas falando, enquanto lá fora escurecia rapidamente. O quarto estava na penumbra, quando entrou a velha Juana e acendeu a luz.

— Jesus, Dom Cerino. Por que estão no escuro? A ceia já está pronta. Em seguida, subirei com a do senhor Arturo — a velha sorriu, como de costume, antes de sair.

Essa intromissão acalmou tio Kurt, que ainda caminhava pensativo. Parou aos pés da minha cama, com as mãos apoiadas no espaldar e, em correto castelhano, disse:

— *Neffe*[6], creio que você me trouxe uma resposta que esperei por décadas. Se é assim, poderei morrer em paz, quando tudo termine — disse, misteriosamente — mas, diga-me: o que o trouxe até mim? Como lhe ocorreu vir para me ver?

— Queria saber qual o motivo que as ᛋᛋ tiveram para copiar toda a documentação sobre os Druidas — respondi — e quando pensei nisso, veio à minha memória a lembrança daquela noite, trinta e cinco anos atrás, quando você me presenteou com a Cruz de Ferro. Foi uma intuição, pois, imediatamente, sem motivo aparente, me assaltou a certeza de que você saberia responder essas interrogações. Depois, soube, por mamãe, que você foi oficial das ᛋᛋ. E aqui estou.

— Ha, Ha, Ha — riu, admirado, com aquela gargalhada estrondosa que deu ao me ver na escada de Cerrillos, quando era menino, e que tão bem recordava.

— Você presumiu bem, *Neffe* — continuou tio Kurt — eu posso lhe contar algumas coisas que lhe seriam úteis para a solução dos seus problemas. Coisas referentes à ***Doutrina esotérica*** da Ordem Negra ᛋᛋ. No entanto, por um inevitável e significativo desígnio dos Deuses, vai lhe surpreender comprovar até que extremo estavam em minhas mãos as respostas que você procurava. Mas, antes de falar disso, vamos jantar.

Ele foi embora, deixando-me consumido por novas interrogações. De sua exclamação anterior se depreendia claramente outro mistério: como tio Kurt teria travado contato com os Druidas que, ao que parece, o perseguiam para matá-lo, há anos?

Capítulo III

Às 21:30, tio Kurt se instalou em uma cômoda poltrona *hamaca*, ao lado da minha cama e, depois de permanecer pensativo por alguns minutos, começou a falar. Via-se que havia refletido sobre todo o ocorrido e tomado uma decisão.

— Veja, Arturo — disse, em tom solene, tentando ser convincente — compreendo que você deve estar impaciente para obter as respostas que o trouxeram até aqui, mas você deve me dar tempo para ler a carta de Belicena Villca. É um manuscrito extenso e levarei vários dias para assimilá-lo. Mas é necessário que o faça antes de responder suas perguntas, pois dessa forma terei os antecedentes do que você conhece, verificarei o que lhe falta saber e poderei me expressar com mais precisão.

Ele esperava minha aprovação sem condições. Não obstante, eu acreditava que em nada lhe afetaria adiantar-me alguma resposta.

---

[6] *Neffe = sobrinho, em alemão.*

— Estou de acordo, tio Kurt, de que disponha de um tempo para ler a carta. Mas, diga-me agora: como é possível que, no dia da minha chegada, você estivesse aguardando um ataque dos Druidas? Quero dizer, como sabia que Eles estavam vindo?

— É que no dia anterior, eu escutei ***o zumbido***, o inconfundível ***zumbido de abelhas melíferas***, o que delatou ***o uso do Dordje sobre o Coração***. Sim, *Neffe*. A partir desse instante, acometeu-me uma incontrolável taquicardia que ainda perdura. Mas, uma vez mais, todos os seus truques fracassaram, diante dos poderes com que os Deuses me dotaram, e ver-se-ão obrigados a me enfrentarem cara a cara.

Seus olhos brilhavam desafiadores, mas eu queria esclarecer as coisas. O que me deixou gelado de espanto foi a alusão que tio Kurt fez, ***antes de ler a carta***, ao zumbido e ao *Dordje*, elementos que Belicena mencionara no Vigésimo Quinto Dia, quando Bera e Birsa transformaram em betume da Judeia o sangue dos Senhores de Tharsis.

Tremendo, perguntei:

— Mas, então, você já tinha ouvido anteriormente esse zumbido?

— Claro, Arturo. Escutei-o pela primeira vez em 1938, há 42 anos.

— E onde? — inquiri, com espanto crescente, que ia se antecipando à surpreendente resposta.

— No Tibete, na fronteira entre esse país e a China. Foi durante uma expedição às Portas de Chang Shambala.

O sangue latejou-me nas têmporas, me senti confuso, tonto, e previ a possibilidade de perder os sentidos. O quarto desapareceu da minha vista e, na minha mente, junto com mil conceitos e situações que surgiam da carta de Belicena Villca, as perguntas se reduziam à sua extrema abstração: o quê, como, quando, onde — lutando para tomar uma forma concreta e metralhar tio Kurt. Este, que percebia minha confusão, começou a rir alegremente.

— Viu, *Neffe*? Sabia! Será impossível que você consiga compreender qualquer coisa da forma como está propondo o diálogo. Vou lhe dizer tudo, não tema. Mas, para que você possa aproveitar minha experiência, para que possa compreendê-la, o melhor é que conheça um resumo de minha vida. Repito-lhe: espere até que eu leia a carta. Depois vou lhe relatar meu passado. Então terão consistência suas perguntas e adquirirão sentido minhas respostas. No entanto — prosseguiu — como vejo que sua impaciência não é pequena, dar-lhe-ei algo em que pensar durante esses dias. Se não entendi mal, você tentará encontrar uma Ordem esotérica que, presumivelmente, existiria em Córdoba, uma Ordem de Construtores Sábios, uma Ordem dedicada ao estudo da Sabedoria Hiperbórea?

Assenti, com um gesto.

— Pois bem, *Neffe*. Eu estou em condições de afirmar que, muito possivelmente, disponho de notícias precisas a respeito de dita Ordem. E não apenas dela, mas também acerca do misterioso Iniciado que a fundou.

Aquilo era a última coisa que esperava escutar e, novamente, os meus lábios permaneceram fechados, enquanto na mente as interrogações se formavam a grande velocidade.

Mas tio Kurt não me deu tempo de perguntar:

— Vou lhe provar! — disse, enquanto abria um pacote que trouxera, dissimulado em sua jaqueta. Indubitavelmente, tio Kurt não tinha intenção de se referir a esse assunto, a menos que minha impaciência o obrigasse, e, por isso, tinha escondido aquele embrulho. Se não fosse necessário, não o teria mostrado naquele momento.

Ao terminar, ficou em suas mãos um livro de volumoso aspecto, coberto com grossas capas forradas de tecido vermelho. Segurando-o em frente aos meus olhos, ele o abriu e ficou exposta a primeira folha — nela se lia, em primeiro lugar, o título da obra e o nome do autor: ***"Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea"*** por ***"Nimrod de Rosario"***. Mais abaixo, uma inscrição dava indícios sobre a origem do livro: ***"Ordem de Cavalheiros Tirodal da República Argentina"***.

— Quando li aquelas sucintas frases, tio Kurt virou a folha e mostrou-me uma "Carta aos Eleitos", que se encontrava inserida como prólogo. No final da mesma, três folhas depois, encontrava-se a assinatura do autor, Nimrod de Rosario, e a seguinte indicação: ***"Córdoba, agosto de 1979"***.

— Seis meses! — exclamei — foi publicado há apenas seis meses! Como, tio Kurt, como, demônios, chegou às suas mãos?

— Ha, Ha! Não exatamente por vontade do Demônio, mas pelo meu bom amigo Oskar, que faleceu há apenas três meses e levou o segredo para a tumba.

Então ele ficou sério, ao notar o desencanto em meu rosto.

— Sei que essa parte da notícia não vai lhe agradar, mas é preferível que conheça a verdade desde o início.

"Oskar, de quem vou lhe falar mais adiante, se achava, como eu, refugiado na Argentina desde 1947. Da mesma forma que com seus pais e outros Camaradas, eu costumava me encontrar com ele duas vezes ao ano. Depois desses encontros secretos, cada qual regressava às suas tarefas habituais. Nem cartas, nem telefonemas, nada devia nos vincular, se é que desejássemos continuar livres. Já se sabia que me estava perseguindo uma organização secreta cujas ordens diziam, sem duvidar, "executar onde seja encontrado". Mas o caso de Oskar era diferente: procuravam-no "oficialmente" para ser julgado por "crimes de guerra", e a reivindicação era feita pela União Soviética, uma vez que Oskar era oriundo da Estônia. Mas Oskar, que se passava por imigrante italiano, com o nome de "Domingo Pietratesta", havia se casado na Argentina e tinha uma linda família, à qual se devia proteger acima de todas as coisas — no seu caso, nem pensar na possibilidade de se deixar prender pelo Inimigo. Por isso, exagerávamos as precauções para nos reunirmos, a cada seis meses. E não poderíamos deixar de nos encontrar, pois ambos éramos Camaradas entranháveis, não apenas

desde a guerra, mas há muitos anos, desde a época em que cursamos juntos a Escola N.A.P.O.L.A.

Ah, Oskar, Oskar — suspirou tio Kurt — um amigo para mais de uma vida. Uma companhia para conquistar Céus e Infernos, um Camarada para a Eternidade."

— M... mas ele morreu? — disse, balbuciando, para trazer tio Kurt à realidade.

Ele ficou por alguns instantes em silêncio. Finalmente, pareceu reparar em mim, e continuou seu relato.

— Sim, *Neffe*. Oskar faleceu há quatro meses, de "morte natural", segundo todas as versões, mas não me convenço de que não tenha sido assassinado. Seja do que fosse sua morte, sua esposa jamais denunciaria publicamente a verdade. O futuro dos três filhos de Oskar a obrigaria a morder os lábios antes de falar. De forma que ignoro, com certeza, o que aconteceu, já que, por razões óbvias, não poderei me aproximar de sua família até que tenha se passado um tempo bem mais longo — um ano ou mais.

"Mas, vamos tratar do seu assunto, Arturo! — disse, com energia, depois de suspirar profundamente, como que se despedindo de seu amigo morto — há uns dezoito meses, mais ou menos, ele e eu nos encontramos na Província de Jujuy, no Hotel Provincial de Tilcara; ambos passávamos por turistas que visitavam o famoso Pucará. Na ocasião, vi que ele estava muito excitado e feliz. Havia encontrado, disse-me então, ***aqueles que tinham um contato direto com a Fonte da Sabedoria Hiperbórea***, quer dizer, com a mesma fonte que nutria a sabedoria de nossos Instrutores Iniciados da Ordem Negra ᛋᛋ. De acordo com Oskar, depois de 35 anos de trevas 'democráticas' e judaicas, surgia novamente a Luz Espiritual do Sol Negro. Sim, depois de 35 anos, durante os quais o Inimigo verteu todo tipo de calúnias sobre a Sabedoria da Ordem, e depois de que centenas de impostores, muitas vezes meros integrantes do pessoal subalterno das ᛋᛋ, que ignoravam os Segredos da Ordem, semeassem a confusão a respeito do ensinamento iniciático que nela se compartilhava. Em Córdoba, explicou-me Oskar, havia aparecido um grande Iniciado, que se fazia chamar de 'Nimrod de Rosario'. De 'Rosario' era, ao que parece, para diferenciar seu pseudônimo do Nimrod histórico, um Rei *Kassita* que viveu há 2.000 anos A.J.C. Mas isso era algo pessoal. O importante consistia em que aquele Iniciado dominava todas as Ciências do Ocidente e, em especial, a Sabedoria Hiperbórea, em um grau tão alto como Oskar não vira jamais fora da Alemanha, e desde os últimos dias da guerra, há 35 anos. Na verdade, ter-se-ia que retroceder àqueles dias e aos homens que dirigiam secretamente a Ordem Negra; em particular a Konrad Tarstein, para encontrar um Iniciado equivalente. Pelo menos, essa era a opinião de Oskar.

Claro, além das inevitáveis comparações, e daquilo que tinham em comum, existiam diferenças abismais entre Nimrod e nossos antigos instrutores. Certamente que não existia nenhuma diferença quanto à Honra

ou à Sabedoria Hiperbórea em si; nessa área, em tudo era análogo às ᛋᛋ. Mas já não estávamos nos dias do Terceiro Reich e das ᛋᛋ, e é lógico que, ao organizar os partidários da Sabedoria Hiperbórea, Nimrod tenha se visto obrigado a contar com aquilo que a realidade, a realidade de 1979, lhe oferecia. Ainda me lembro das palavras de Oskar, ao se referir à incompetência espiritual dos seguidores do Iniciado: 'Creia-me, Kurt, que é necessário para Nimrod uma seleção racial como a que se praticou na Alemanha, e da qual surgimos nós. Eu sei, eu sei! Já não estamos na Alemanha, mas no mestiço Terceiro Mundo. Só estou apresentando uma possibilidade impossível, um jogo de imaginação. É que me dá pena observar como seus esforços caem no vazio, são desperdiçados por gente que não consegue se desprender do século. Não obstante, e sem roçar nem remotamente a disciplina das ᛋᛋ, ele conseguiu formar um importante grupo de apoio que lhe permite desenvolver sua Estratégia: com pessoas saídas do esoterismo tradicional, especialmente muitos que compreenderam que a Igreja Gnóstica de Samael Aun Weor é mais uma seita sinárquica, e outros, procedentes do nacionalismo argentino, o que equivale a dizer, homens com formação política nazifascista. Com eles, formou a Ordem de Cavalheiros Tirodal, na qual se outorga uma 'Iniciação Hiperbórea', em tudo semelhante à que nós recebemos nas ᛋᛋ.

'Mas a Iniciação Hiperbórea, que é a Primeira das três que requer a libertação espiritual e o Regresso à Origem' — prosseguiu Oskar — 'só pode ser administrada por quem tenha a Segunda Iniciação, quer dizer, por um Pontífice Hiperbóreo. Nimrod é, portanto, um Pontífice Hiperbóreo. Como obteve a Segunda Iniciação ninguém sabe, mas eu e você sabemos muito bem que só os Superiores Desconhecidos, os Senhores de Vênus, os Deuses Hiperbóreos a concedem. Naturalmente, para cumprir sua missão, esse Iniciado pré-fabricou para si um passado o mais consistente possível, valendo-se, para isso, de seu insuperável poder sobre a estrutura ilusória da realidade. Mas isso não nos interessa. Seu passado, e as contradições que nele possam ser provadas, apenas interessam ao Inimigo. Para nós, querido Kurt, o certo, o inegável, é que sua Sabedoria provém de uma Fonte irrepreensível: os Senhores de Agartha'.

'E qual é a sua missão?' — perguntou-se Oskar — 'Também é um enigma; parece estar ligada à busca de determinadas pessoas às quais ele teria que orientar estrategicamente para cumprir um papel na próxima Guerra Total. Todo o seu esforço é colocado nessa busca, mas não acredito que teve sorte, pois, como lhe dizia, seus colaboradores não são os mais indicados para a prática da Alta Magia. De fato, há muito poucos Iniciados na Ordem Tirodal e nenhum se encaixa nas exigências da misteriosa missão. Essa afirmação não é uma hipótese subjetiva, mas uma confidência do próprio Nimrod: efetivamente, quando encontrei pela primeira vez o Pontífice, este, que demonstrou possuir o poder de ler as Runas iniciáticas, felicitou-me pelo grau alcançado na Ordem Negra, mas mostrou um visível desencanto. Diante de minha surpresa, desculpou-se em seguida e me explicou, de forma

cortês, que, ao receber um Eleito pela primeira vez, sempre tinha a esperança 'de que fosse um Daqueles que cumpririam a Missão disposta pelos Deuses'. Esse comentário me esclareceu tudo e, na hora, compreendi que eu, obviamente, não era um 'Daqueles' que Nimrod aguardava. Não obstante, tratou-me com camaradagem e me ofereceu participar da Ordem, realizando funções extremamente reservadas, que em nada colocariam em perigo minha posição. Aceitei, é claro. E aproveitei sua confiança para indagar algo mais a respeito da desgraçada busca dos Eleitos aptos para realizar os desígnios dos Deuses; busca que seria quase impossível, no infernal contexto da época atual.

O tipo de pessoas que está procurando, senhor Nimrod, é de qualidade superior aos Iniciados da Ordem Negra ᛋᛋ?

'Não se trata de qualidade mas de confusão estratégica, senhor Pietratesta. Talvez se conseguisse trasladar um daqueles Iniciados do Castelo de Wewelsburg para esta época, sem que ele sentisse a passagem do tempo, teríamos um Camarada apto para a Missão. Mas agora, certamente, não temos um homem assim. Nossos próprios Iniciados ***poderiam estar aptos para a missão se assumissem completamente a Iniciação e dominassem sua natureza anímica, se decidissem ser o que são. Mas é difícil, muito difícil que os homens espirituais desta época tenham o valor necessário para deixar de serem o que aparentam e serem definitivamente o que na verdade são***. No entanto, os Deuses asseguram que existem homens capazes de tal valor, que se devem manter abertas as portas do Mistério até que eles cheguem ou que os que estão se transmutem. E essa certeza é que nos dá forças para continuar, Camarada Pietratesta'.

'Encontrava-me em uma casa da cidade de Córdoba' — esclareceu Oskar — 'pertencente à Ordem Tirodal. Na ampla sala, mobiliada como escritório, por trás de uma imponente escrivaninha, estava sentado Nimrod, me observando atentamente. Finalmente, abriu uma gaveta e tirou dela um livro de capa vermelha'.

'Senhor Pietratesta' — disse, com seriedade — 'ninguém chega até este lugar se previamente não foi investigado na Terra e no Céu. O senhor satisfez os requisitos e, por isso, lhe oferecemos essa oportunidade: ingressar na Ordem Tirodal e tornar-se um de seus Iniciados. Todos os que entram devem realizar os mesmos atos, que são muito simples: basicamente, consistem em ***compreender e aceitar*** os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, que, para benefício dos Eleitos, sintetizamos neste livro — estendeu-me o livro vermelho — o mecanismo de ingresso exige que o senhor leia este livro e decida se ***compreende e aceita*** o seu conteúdo. Se a resolução é positiva, fica imediatamente incorporado à Ordem e adquire o direito de acessar os outros treze livros, que compõem a 'Segunda Parte' dos Fundamentos e contêm a preparação secreta para a Iniciação Hiperbórea. Se a resposta for negativa, se não compreender ou não aceitar os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, apenas terá que devolver o livro e se abster de fazer cópias, para

ficar desvinculado da Ordem. Devo avisá-lo — disse, em tom de ameaça — que a falta a essa condição é castigada severamente pela Ordem'."

Capítulo IV

— **O**skar prometeu trabalhar com lealdade — disse tio Kurt — e não teve nenhum inconveniente em cumprir isso. O conteúdo do livro não era desconhecido para nós, ainda que a novidade se constituísse na linguagem filosófica de alto nível com o qual estava redigido. Para um alemão-báltico como Oskar, a leitura daquele idioma castelhano foi uma prova extra que, no entanto, superou com entusiasmo juvenil. De forma que, ao concluir a leitura, meses depois, apressou-se a solicitar seu ingresso à Ordem de Cavalheiros Tirodal, sendo-lhe atribuído um dia por semana para se reunir em certo local oculto com alguns poucos camaradas de extrema confiança, que estavam estudando a Segunda ***Parte*** dos Fundamentos e se preparando para o *Kairos* da Iniciação. E essa etapa, no dizer do próprio Oskar, se constituía em um dos acontecimentos mais felizes de sua vida. Contudo, se havia algo que ainda desgostava Oskar, era minha ausência da Ordem. Tal como me manifestara naquela ocasião, em Tilcara, ele acreditava que minha presença e a contribuição de meus conhecimentos sobre a Sabedoria Hiperbórea eram imprescindíveis para fortalecer carismaticamente a Ordem. Queria, além disso, que eu lesse o livro, mas não se atrevia a desobedecer o Pontífice, e por isso me rogou, cansativamente, que eu o autorizasse a apresentar meu nome para que fosse checado "na Terra e no Céu" e obtivesse o livro pelos caminhos corretos.

"Finalmente aceitei, mais para agradá-lo do que por verdadeiro interesse, pois, como já compreenderá, *Neffe*, eu disponho, desde 1945, das instruções precisas para cumprir minha própria missão. ***E essas instruções procedem também dos Deuses, dos mesmos Deuses de Nimrod de Rosario que, certamente, são, além disso, os "Deuses Libertadores" que guiavam a Casa de Tharsis***.

A próxima vez em que nos vimos, a última, foi em Córdoba, em agosto do ano passado. Não vou lhe negar, Arturo, que abrigava o desejo secreto de conhecer o incrível Iniciado de quem tanto me falara Oskar. E, no entanto, isso não pôde ocorrer, pois o Pontífice achava-se em um retiro secreto, escrevendo um novo livro. Apesar de tudo, Oskar recebeu a significativa notícia de que na Ordem havia um livro para mim. Um dos membros antigos me entregou o exemplar que agora você tem nas mãos e me transmitiu a saudação de Nimrod: 'o Pontífice — disse, com respeito — se alegrava por 'ter me conhecido' e me assegurava um grande desempenho a serviço dos Deuses do Espírito'. Claro que aquele encontro se realizou em um hotel, pois ninguém poderia conhecer as propriedades nem os lugares de reuniões da Ordem antes de ser aceito.

Percebe, Arturo, quão próximo estive de ingressar na Ordem de Cavalheiros Tirodal? Estive perto, muito perto, mas não consegui concretizar o ingresso, porque o único contato que tinha com a Ordem era Oskar e ele faleceu em dezembro de 1979. Pelos menos, isso era o que dizia o telegrama enviado por sua viúva em janeiro para a minha caixa de correios de Salta. Outra informação mais precisa não tenho, *Neffe*. Comprei os jornais de Córdoba daqueles dias e comprovei que, efetivamente, tinham feito o funeral de Domingo Pietratesta, falecido em sua cama, por causa de um ataque cardíaco. Depois de tão infeliz notícia, sem poder fazer outra coisa a não ser aguardar a passagem do tempo, li muitas vezes o livro 'Fundamentos', chegando à conclusão de que seu conteúdo expressa, no mais profundo e rigoroso sistema de conceitos, as antigas e simples verdades da Sabedoria Hiperbórea. Por que Nimrod concebeu semelhante obra para regular o acesso dos Eleitos à sua Ordem, creio que tem a ver com uma visão superrealista da época, da Cultura atual, e com o ***tipo*** de Iniciado que ele procurava para realizar a missão proposta pelos Deuses. Seja como for, penso que não causarei nenhum prejuízo à Estratégia de Nimrod, permitindo que você o leia agora. Apenas contrairei uma Dívida de Honra para com a Ordem, e que algum dia terei que saldar. De qualquer maneira, você já leu previamente uma carta à qual atribuo tanto valor como a esse livro, apesar de que ainda você não me tenha permitido dar conta dela."

Ao chegar a essa parte, tio Kurt sorriu, enquanto eu me sentia invadido pela vergonha. Não obstante a momentânea perturbação, continuei rindo, como o vinha fazendo há minutos atrás. É que eu estava eufórico. Minha vida havia se emaranhado de uma maneira muito significativa, depois do assassinato de Belicena Villca, e aquela trama era evidente que ***não podia ser casual: Alguém, os Deuses Libertadores, já que não era o "Anjo da Guarda", dispôs um argumento real, um livrinho do destino, para que eu seguisse "casualmente" e me inteirasse dessas coisas no momento certo. Em uma palavra: tinha sido guiado pelos Deuses***. E esse pensamento, essa certeza, me enchia de íntima satisfação.

Tio Kurt, já não tinha dúvidas, possuía as chaves que eu procurava. Não me desalentava o fato de que a morte de Oskar Feil o tivesse desconectado da Ordem. Com a informação que possuía agora, parecia-me muito mais fácil a tarefa de localização de Nimrod de Rosario e da Ordem Tirodal — ele era o Senhor da Orientação Absoluta e aqueles eram os Construtores Sábios de sua Ordem. Sua busca visava — e tio Kurt não o podia saber ainda, porque não tinha lido a carta — a encontrar um Noyo ou uma Vraya, Iniciados capazes de atravessar as Pedras de um Vale de dois Rios e chegar até a Espada Sábia, junto a Noyo de Tharsis, o filho de Belicena Villca. E era claro para mim que, ao levar-lhe a carta de Belicena Villca, Nimrod não duvidaria em colocar-me no caminho até Noyo Villca, para quem transmitiria a mensagem póstuma de sua mãe. Sem deixar de rir, por causa da alegria que me produziram suas revelações, minha mente trabalhava a grande velocidade, enquanto no rosto de tio Kurt se refletia a surpresa,

diante de tal atitude incoerente. Mas é que eu pensava, pensava sem cessar, em uma forma de obter o endereço de Oskar Feil, ou Domingo Pietratesta, consciente de que meu tio jamais me daria isso voluntariamente. Finalmente, cheguei à solução, simples, uma vez que esteve todo o tempo diante dos meus olhos: os jornais! Era isso: procuraria em Córdoba os jornais de dezembro de 1979 e analisaria os obituários — e ali descobriria o domicílio da família dele!

Finalmente, adotei uma atitude mais séria e respondi ao tio Kurt:

— Certamente que a última parte de sua revelação não é muito feliz — disse, com pesar — lamento sinceramente pela morte de seu Camarada, e lamento ainda mais, você pode entender, que sua morte lhe tenha desconectado da Ordem Tirodal. Não obstante, é tão extraordinário o que você me contou a respeito de dita Ordem, que eu poderia repetir suas palavras dessa tarde: "creio que me você me trouxe algo que eu esperei por muito tempo". Você disse isso por causa da carta, que ainda não leu, mas acredito também que a informação a respeito da Ordem, e talvez esse livro que ainda não li, constituem uma resposta concreta do ***verdadeiro motivo*** da minha visita. Porque, se bem que vim ***conscientemente*** para indagar sobre a relação entre as ᛋᛋ e os Druidas, é claro que tal indagação está inserida na questão maior da busca pelo filho de Belicena Villca — ***o verdadeiro motivo, inconsciente, mas efetivo***, de todos os meus movimentos. E essa busca passa, inevitavelmente, pela Ordem de Construtores Sábios de Córdoba, à qual você se referiu. Compreende porque, no fundo, estou contente? Porque a descoberta dessa Ordem representa algo muito necessário para mim, muito importante, muito mais do que obter notícias a respeito dos Druidas.

"Sim, tio Kurt — afirmei, enfaticamente — é imprescindível que você leia, o quanto antes, essa carta. Não lhe importunarei até que acabe. Mas você fez muito bem em me antecipar que tinha conhecimento da Ordem Tirodal. Isso me tirou um peso de cima e agora poderei aguardar com mais tranquilidade o que tenha que me dizer depois."

Capítulo V

Aceitei, pois, dar ao tio Kurt o tempo suficiente para que lesse a carta, sem imaginar no que derivaria dita concessão. Em primeiro lugar, seja porque ele fez a leitura conscienciosamente, seja porque, muito provavelmente, o idioma castelhano o impediu de captar com mais rapidez os obscuros conceitos de Belicena Villca, ou seja pelo motivo que for, o certo é que concluiu rapidamente em dez dias. Mas, em segundo lugar, o mais irritante do caso é que, durante esse tempo, ele se fechou em seu quarto, negando-se a sair, nem sequer por um minuto, do mesmo. Delegou todas as tarefas do sítio para seu capataz José Tolaba e ordenou que a comida lhe

fosse servida no quarto pela velha Juana. E foi em vão que eu tentasse quebrar essa determinação — meus bilhetes não obtiveram resposta e não consegui penetrar na lacônica lealdade da velha, com minhas perguntas. Em síntese: tive que me armar de paciência e aceitar a estranha conduta do meu tio! E, para o cúmulo de minha frustração, sem poder avançar muito na leitura do livro Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, devido à complexidade dos temas dos quais tratava, pois se requeria, pelo menos, um Dicionário Filosófico para compreender com profundidade a maioria dos conceitos, que eram empregados com muita precisão — e eu ignorava se tio Kurt possuía algum exemplar desses, ainda que de nada me serviria se estivesse escrito em alemão. Naturalmente, não consegui resolver o problema, até que tio Kurt reapareceu. Mas, então, já não seria necessário o Dicionário, porque jamais terminaria de ler o livro de Nimrod — o relato de tio Kurt e os eventos que ocorreram depois impediram isso, inevitavelmente.

Deve ter sido muito intenso o efeito psicológico que a carta produziu em tio Kurt, pois, como resultado da leitura, demonstrava, então, uma mudança física muito notável — sem dúvida, um produto psicossomático da impressão recebida. Em poucas palavras, pelo aspecto que meu tio apresentava, aparentava ter retrocedido vários anos nesses dez dias; estava muito mais jovem, mostrava uma atitude positiva e comunicativa que, antes, não via nele. Suspeito, e não creio ter me enganado muito, que os trinta e três anos passados em Santa María tenham azedado seu temperamento, normalmente jovial, e causado essa personalidade carrancuda e pessimista que percebi ao chegar no sítio — a personalidade daquele que já não confia muito em que se cumprirão os desígnios dos Deuses e espera, resignado, a solução da Morte. Trinta e três são muitos anos para aguardar em Catamarca — eu o compreendia melhor do que ninguém, e me parecia lógico que tenham corroído seu caráter. E, por isso, entendia, então, que a mudança era justificada, e inclusive previsível, uma vez que a carta de Belicena Villca preenchia suas expectativas, por tantos anos postergadas. Pois era claro, já que ele mesmo o havia confessado, que suas instruções para depois da guerra, ***"instruções dos Deuses"***, o obrigaram a permanecer naquele lugar, e que minha chegada portando a carta, e o presumível e iminente ataque dos Druidas, eram provas de que essa espera quase terminara.

— Na verdade, *Neffe* — foi a primeira coisa que disse tio Kurt, confirmando minhas hipóteses — não é a carta que me afetou de uma maneira que você não pode imaginar, mas o Mistério de Belicena Villca, o que estava oculto por trás de sua existência e que agora se mostra diante de nós. A partir da carta, *Neffe*, e de seu conteúdo, o leitor pode assumir uma participação meramente intelectual — mas do Mistério que a carta e que a morte de Belicena apresentam, do Mistério da Casa de Tharsis, não é possível se excluir, sem ficar fora da Estratégia dos Deuses.

"O Mistério chegou até nós — aqui, tio Kurt, decididamente, incluía-se em minha aventura — e não podemos, nem devemos, tentar nos esquivar dele. Agora que o *Kairos* o permite, há que se chegar até o final, até a Ordem Tirodal, até Nimrod de Rosario, até Noyo de Tharsis e a Espada Sábia, até a Batalha Final."

Assenti com um gesto, ainda surpreso pela firme e solidária atitude de meu tio. Ele continuou, surpreendendo-me mais uma vez:

— Olhe, Arturo, pensei, nesses dias, mais do que você pode supor, avaliando os eventos ocorridos e calculando cada passo que se deve realizar no futuro. Por meio dessa análise estratégica global, e levando em conta minha experiência pessoal — que logo você terá ocasião de saber em que consiste, uma vez que vou lhe narrar a história da minha vida — tirei algumas conclusões, que seria bom que você levasse em consideração. Antes de mais nada, e como supus desde o princípio, comprovei que você não está nem um pouco preparado para enfrentar essa missão.

Eu quis protestar, mas tio Kurt levantou a mão de maneira inapelável e decidi permitir-lhe completar sua exposição.

— Escute bem, *Neffe*: não disse que não possa realizar, mas que ***ainda não*** está preparado para empreender a missão. Mas o estará muito em breve, se compreender meus argumentos e seguir minhas instruções ao pé da letra.

"Portanto, a primeira coisa que você deve compreender é que jamais se inicia uma missão como essa, sem um prévio desapego. Eu entendo, e não precisa me explicar, que dito desapego é um estado de consciência espiritual que você sentiu desde o momento em que se lançou nessa aventura — agora mesmo você se sente desconectado do mundo, liberto das ataduras materiais. Mas, devo dizer-lhe, de forma realista, que semelhante atitude é completamente subjetiva, ingênua, impeditiva, para conseguir o objetivo espiritual — uma atitude que não leva em consideração os inimigos que tentarão impedir a concretização da missão, inimigos dotados de poderes terríveis e que têm mobilidade absoluta; uma atitude, enfim, que é estrategicamente suicida. Porque, por acaso, está realmente 'desconectado do mundo' quem se dispõe a 'cumprir uma missão espiritual' aproveitando 'o período de suas férias'; quem depende 'do dinheiro' para viajar, de um dinheiro que é limitado e que, em algum momento, pode terminar; quem subestima o inimigo e deixa, atrás de si, fora de si, 'pontos fracos' que podem ser facilmente atacados e destruídos, quer dizer, quem viaja sem renunciar previamente ao amor pelas 'coisas do mundo' — sejam elas o que forem — a família, as propriedades, os amigos, o contexto habitual onde se desenvolve a vida rotineira etc., todos possíveis 'alvos' dos ataques inimigos? Não, *Neffe*, quem se comporta assim é puro e simples, um bom homem, mas não um bom guerreiro — não chegará nunca a cumprir sua missão. O Inimigo o deterá, atacando-o pelas costas, ameaçando ou destruindo aquilo 'de fora' que ele ama, aquilo ao que ele está realmente conectado, ligado ou apegado, ainda que não o admita ou reconheça."

Compreendi perfeitamente seu ponto de vista e, no ato, dei-lhe razão. Na verdade eu permanecia ainda ligado a muitas coisas e minha viagem não poderia ter sido mais improvisada. Não obstante, pouco foi o tempo de que dispus para decidir meu destino. Em vez disso, o Destino decidiu por mim, sem me dar tempo de mudar, de despertar, de "me preparar", como pretendia tio Kurt.

Tudo tinha acontecido tão rápido! O que devia fazer agora? É o que perguntaria ao tio Kurt:

— O que mais poderia fazer, dadas as circunstâncias, considerando como ocorreram os fatos? — perguntei mais para mim mesmo do que para tio Kurt — é certo, ainda conservo meu trabalho, mas é que não me ocorreu que poderia não regressar. Quanto ao dinheiro, não sou rico e você sabe, e realmente não sei como farei para conseguir o que necessito, se essa aventura se prolongar muito. O campo afetivo, por outro lado, o amor aos meus familiares e amigos, suponho que não saberei até que ponto o domino, a não ser que seja submetido a uma prova — com o coração nunca se sabe, tio Kurt! Sim, são justas as repreensões, mas você deverá me orientar neste momento, pois, do contrário, não terei mais remédio do que continuar do mesmo modo "ingênuo" como comecei.

Tio Kurt me contemplava com lástima, sem dúvida, admirado em ver a irresponsabilidade com que eu via as coisas. Segundo ele, os Druidas eram ferozes inimigos aos quais não se tinha que temer mas tampouco subestimar. Eu não temia, e isso era bom. Mas parecia evidente que eu subestimava o inimigo, que eu não percebia que poderia ser destruído a qualquer momento, que me lançava para desafiar um adversário poderoso "sem estar preparado para isso". Ignoro se minha atitude de então chegava a tal grau de insensatez, mas tio Kurt assim o acreditava e isso o desesperava. Daí que se dispusesse a me considerar um soldado inexperiente, um soldado em instrução do seu exército particular, e em vez de sugerir e discutir comigo o que se devia fazer, ordenasse as medidas que, em sua opinião, teriam que ser tomadas sem demora.

— Envie imediatamente uma série de telegramas cancelando todos os seus compromissos. Renuncie ao seu trabalho, aos seus estudos, aos clubes, bibliotecas ou a qualquer organismo ao qual esteja vinculado. Despeça-se de quem tenha que fazê-lo, comunicando-lhes que vai fazer uma longa viagem — se desencorajar suas expectativas de vê-lo ou se despedir, logo o esquecerão. Se você tem alguma propriedade, nomeie um representante, alguém que você não conheça e que não lhe conheça, uma firma de advogados, por exemplo, e ordene a liquidação dos bens. Proceda do mesmo modo com tudo o que o vincule à sua antiga vida — corte todos os laços, apague todos os rastros, suprima todas as pistas. Não basta que você esteja morto para si mesmo, também deve morrer para o Mundo!

"O dinheiro, por ora, não será problema. Eu vou lhe prover do suficiente para realizar essa missão. Passei mais de trinta anos juntando dinheiro e chegou o dia de utilizá-lo. E é tanto seu como meu, *Neffe* — sabe que fiz

testamento em seu nome? Claro, meu dinheiro soluciona os problemas do momento, mas não é uma solução definitiva — tentarei, no futuro, ensinar-lhe táticas operacionais para que sempre possa conseguir o dinheiro ou as coisas de que você necessite. Trata-se de técnicas, métodos para ser autossuficiente — técnicas que todo Iniciado Hiperbóreo deve saber aplicar."

Claro que fiz tudo o que ele me ordenou. Fui realizando isso enquanto durou minha convalescença, durante os dias em que tio Kurt me narrava sua extraordinária história. Finalmente, no dia em que tivemos que partir, nada ficou intacto, em Salta, de minha vida anterior. Tudo quanto havia feito, em anos de esforço e trabalho, agora estava desfeito — cedo ou tarde o Dr. Arturo Siegnagel seria apenas uma lembrança, e depois nem isso existiria, possibilidade que entusiasmava tio Kurt. Não queria pensar na impressão que aquelas medidas teriam causado a papai e mamãe, e à Katalina, porque me "amoleceria o coração", e temia que tio Kurt o notasse — diante dele, eu queria parecer mais forte do que era, queria tranquilizá-lo a respeito do meu equilíbrio e valor. Queria colocar-me à sua altura, ao nível de suas exigências, porque, quase sem perceber, tinha começado a admirar tio Kurt, a valorizar suas grandes atitudes, a estimá-lo e compreendê-lo.

Capítulo VI

No dia seguinte ao que ele terminou de ler a carta, às 21:30, tio Kurt se instalou em uma cômoda poltrona *hamaca*, ao lado da minha cama, e depois de permanecer pensativo por alguns minutos, começou a me narrar sua vida.

— Assim como aconteceu com você, uma série de "estranhas" coincidências influíram de maneira determinante nos primeiros anos de minha vida. Para entender com mais perspectiva essa afirmação, devo começar o relato muitos anos antes do meu nascimento, no exato instante em que meu pai, o Barão Reinaldo von Sübermann vem ao mundo, quer dizer, no ano de 1894, na cidade do Cairo, no Egito. Nesse mesmo ano, na Alexandria, a 130 quilômetros do Cairo, nasceu também uma pessoa que seria, na minha vida, mais importante do que nenhuma outra. Refiro-me a Rudolph Hess, cujo nascimento ocorreu em 26 de abril de 1894.

"Apesar das distâncias entre ambas as cidades, meu pai e Rudolph Hess logo se conheceram, pois os pais de Hess enviaram-no para estudar no ***Liceu Francês*** do Cairo — a escola na qual estudava papai — desde os seis até os doze anos de idade. Companheiros de infância, eram unidos por uma terna amizade que se consolidou com o passar dos anos.

Ao finalizarem os estudos primários — tal como faziam com seus filhos muitos germânicos bem-sucedidos — os dois foram internados no ***Evangelische Pädagogium de Bad Godesberg am Rhein***, em uma cidade distante dez quilômetros de Bonn.

Quando ambos tinham dezesseis anos, quer dizer, em 1910, separaram-se para seguir carreiras diferentes. Papai se matriculou no ***Instituto Politécnico*** de Berlim, no curso de Engenharia Industrial. Rudolph Hess viajou à Suíça, para entrar na ***École Supérieure du Commerce***, em Neuchâtel, por imposição de seu pai, rico exportador de Alexandria, que desejava iniciar o jovem no mundo do comércio. A intenção de Rudolph era, dentro do possível, cursar o doutorado em matemática.

A guerra de 1914 arruinou todos os planos. Papai foi chamado por minha família ao Cairo, para onde regressou quando explodiu o conflito e permaneceu ali definitivamente, pois, ao se encarregar do Engenho de Açúcar não pôde mais concluir seus estudos.

Rudolph Hess, que permaneceu só um ano na Suíça, encontrava-se em Hamburgo aperfeiçoando-se no Comércio Exterior e não vacilou em se alistar no Primeiro Regimento de Infantaria da Baviera. Foi ferido duas vezes, em 1916 e 1917, recebendo a Cruz de Ferro por atos de heroísmo. Em 1918, ingressou no recém-formado Corpo Imperial do Ar, sendo reconhecido como piloto qualificado, mas sem intervir em combates aéreos, pois em novembro de 1918, assinam o armistício e ele é desmobilizado.

Hess voltou ao Egito portando uma dupla tristeza: a Alemanha derrotada foi despedaçada pelo Tratado de Versalhes e seus pais morreram durante a guerra. Os negócios familiares são dirigidos por seus irmãos, o mais velho Alfred, que é contador e uma irmã casada. Ele não queria se ocupar do comércio e assim lhes informou — pensa em retornar para a Alemanha para estudar, não mais matemática, mas História ou Filosofia.

No tempo em que passou no Egito, Hess dedicou-se a buscar respostas para tanta infelicidade. Respostas que só podem dar os Iniciados das grandes Seitas Islâmicas ou Gnósticas, das quais Alexandria, em particular, e Egito, em geral, são férteis viveiros.

Mas deixarei para outro dia o relato da Corrente Esotérica na qual Rudolph Hess iria ingressar naqueles dias de 1919, no Egito, o que o levaria junto a Adolf Hitler, em 1920 e para a Inglaterra, em 1941. Continuarei com o desenvolvimento cronológico dos principais fatos que interessam para a história e, depois, analisaremos essas coisas."

Tio Kurt era, pelo visto, um narrador preciso, que sabia o que queria dizer e não se afastava disso. Dava-me conta de que passariam vários dias até que ele completasse suas lembranças e essa perspectiva me alegrava.

— Em fevereiro de 1919 — continuava, imperturbável, o tio Kurt — Rudolph Hess viajou ao Cairo para visitar papai e outro amigo, Omar Nautais. Encontraram-se pela primeira vez depois de seis anos, com a consequente alegria mútua, e de minha mãe, que também conhecia Rudolph desde criança.

"Papai tinha se casado em 1917 e em 17/11/1918 eu nasci, e portanto, nessa data, fevereiro de 1919, eu tinha três meses de vida. Como ainda não tinham me batizado, papai pediu a Rudolph que fosse meu padrinho, o que

ele aceitou com gosto, pois amava muito meus pais e desejava mostrar-lhes seu afeto.

A cerimônia se realizou na Igreja Luterana do Cairo, em uma fresca manhã de fevereiro de 1919, no dia 17, para ser exato.

Aqui você tem, *Neffe*, a primeira coincidência — dizia tio Kurt, em tom reflexivo — pois esse jovem herói de guerra, de 25 anos, que me pegava em seus braços, seria, quinze anos mais tarde, Ministro de Estado da Alemanha e o homem de confiança do Chanceler Adolf Hitler, seu ***Stellvertreter***[7].

No Egito, como em todos os países estrangeiros, a comunidade germânica organizou, para o treinamento de seus filhos, as ***Hitlerjugend***, juventudes hitleristas, com a supervisão velada dos adidos militares à Embaixada alemã. Dentro desse movimento, figurava um grupo 'júnior', chamado de ***Jungvolk***[8], para crianças de 10 a 15 anos, no qual ingressei aos 10 anos, quando ainda cursava os estudos primários no Colégio Alemão do Cairo.

Egressei em 1932 e papai decidiu me enviar para a Alemanha, para continuar com os estudos superiores. Tinha, então, 14 anos e ostentava o título de ***Fähnleinführer***[9] na ***Hitlerjugend***.

No ano seguinte, em julho de 1933, partimos de Alexandria em um barco mercante que, com poucas escalas, ia diretamente para Veneza; dali, seguiríamos em trem para Berlim.

Naqueles dias, Rudolph Hess era um personagem muito importante no Terceiro Reich e incrivelmente popular entre os membros da comunidade germânica do Egito, que se sentiam gratificados com o triunfo de um dos seus. Rudolph trabalhou duro todos esses anos para contribuir para a vitória do Führer e, salvo algumas viagens a cada um ou dois anos, tinha abandonado completamente sua primeira pátria egípcia. No entanto, nunca esqueceu seus amigos, que não eram muitos, nem seu afilhado Kurt von Sübermann.

Invariavelmente recebíamos um cartão de natal todos os anos e, quando no *Jungvolk* precisávamos de um tambor, lembro-me que papai me instou a escrever uma carta ao meu prestigiado padrinho, que não só respondeu amavelmente minha missiva, na qual me estimulava a estudar e perseverar dentro das *Hitlerjugend*, mas atendeu a minha infantil solicitação.

Um dia recebemos uma convocação da Embaixada da Alemanha, para retirar uma encomenda, cujo recebimento deveria ser assinado pelo ***Fähnleinführer*** Kurt von Sübermann, quer dizer, por mim. Era o tambor oficial das *Hitlerjugend*, pintado com chamas negras e brancas, onde se destacava uma ***Runa*** '' (s), em forma de raio, do antigo alfabeto *Futhark*. A *Hitlerjugend* utilizava uma Runa '', mas a ***Schutzstaffel***[10] era autorizada a empregar as duas (). Junto à encomenda vinha também uma carta do

---

[7] ***Stellvertreter***: *Lugar-tenente, substituto.*

[8] ***Jungvolk***: *Literalmente "crianças do povo".*

[9] ***Fähnleinführer***: *Líder de esquadrão ou bandeira.*

[10] ***Schutzstaffel***: *Esquadrão de proteção.*

Reichsjugendführer[11] Baldur von Schirach, na qual confirmava que, a pedido do Secretário Geral do ***Führer***, Rudolph Hess, enviava um tambor aos distantes Camaradas da *Jungvolk* do Egito. Seguia-se um longa lista de conceitos e finalizava recomendando empregar o ***Hino da Juventude Hitlerista***:

Vorwärts! Vorwärts!
Schmettern die hellen Fanfaren,
Vorwärts! Vorwärts!
Jugend kennt keine Gefahren.[12]

Havia a assinatura de Baldur von Schirach e três palavras: ***Heil und Sieg***[13].

Esse tambor e essa carta me deram uma injustificada fama entre as crianças germânicas do Cairo, ao mesmo tempo que estimulavam minha vocação para continuar na linha das *Hitlerjugend*.

Em 1933, chegaram notícias ao Egito de que o Führer, ao celebrar seus 44 anos, abriria as escolas ***NAPOLA***, que foram dissolvidas pelos aliados, em 1920[14].

Seriam escolas de formação para a futura Elite alemã e nelas se capacitariam os quadros da Juventude Hitlerista. Pensando na dificuldade que eu teria para ingressar naquelas escolas, sendo germano-egípcio, papai, que possuía a amarga experiência de não ser considerado 'verdadeiro alemão', durante seus estudos em Bad-Godesberg, pensou na possibilidade de se dirigir a Rudolph Hess, para que facilitasse minha admissão.

Para isso, antes de partir, enviou-lhe uma carta, solicitando uma entrevista e informando-o da data aproximada de nossa chegada à Europa.

Os portos e cidades estranhas que conhecíamos eram lugares fantásticos para um orgulhoso *Fähnleinführer* de 15 anos, que se debatia entre o prazer de conhecer e a ansiedade em chegar. Chegar, sim, porque o maravilhoso seria o destino final da viagem mágica: a Alemanha."

— Você me olha com incredulidade, *Neffe* — desculpava-se tio Kurt — e o compreendo. É difícil entender o que sentíamos naqueles dias, como jovens germânicos, ainda mais estrangeiros como eu. O Egito era a pátria amada, a terra onde nasci e cresci.

"Mas a Alemanha era outra coisa.

---

[11] ***Reichsjugendführer***: *Líder nacional da juventude.*
[12] *Adiante, adiante,*
soam as trombetas,
adiante, adiante,
a Juventude desconhece o perigo.
[13] ***Heil und Sieg***: *Saúde e vitória.*
[14] *As Cadete Manstelten.*

A terra de Siegfrid e do Führer, do rio Reno e de Loreley, das Walkirias e dos Nibelungos. Era uma 'Pátria do Espírito', onde se nutria o mito, a lenda e a tradição de nossos ancestrais.

Uma Pátria eterna e distante que logo se tornaria real, por intermédio daquela viagem fabulosa. Tínhamos sido educados em uma mística, cuja fórmula era 'Sangue e Solo', e agíamos de acordo.

No final de julho, em pleno verão europeu, chegamos a Veneza, ponto final de nossa viagem por mar, de onde tomaríamos vários trens para Berlim. Estávamos prontos para descer do barco, quando o capitão nos anunciou que deveríamos passar pelos escritórios que a companhia possuía no porto, para retirar uma mensagem.

Chegamos ali com o coração oprimido, pensando em más notícias do Egito, para encontrar, ao contrário, uma carta com papel timbrado oficial do Terceiro Reich. Nela, Rudolph Hess nos avisava que estaria ausente de Berlim até a segunda semana de agosto, mas que, se desejássemos visitá-lo imediatamente, poderíamos nos dirigir à Alta Baviera. A causa disso era que o Führer tinha decidido descansar alguns dias em sua Vila ***'Haus Wachenfeld'***, sobre o ***Obersalzberg***, em ***Berchtesgaden***, e parte de seu gabinete o acompanhou, alojando-se em pousadas próximas. Rudolph Hess e sua esposa Ilse ficariam encantados em nos receber, se decidíssemos ir até lá[15].

Papai não podia ocultar sua satisfação, pois essa situação era muito benéfica para nossos planos. Por um lado, economizaríamos por não viajar centenas de quilômetros, pois de Veneza a Berchtesgaden há apenas duzentos quilômetros, enquanto que até Berlim seriam mais de mil. Por outro lado, tínhamos a possibilidade de encontrar Rudolph fora de qualquer protocolo oficial, sem sofrer a interferência de secretárias ou assistentes e dispondo de horas para conversar e lembrar dos bons tempos.

A vista da lendária Veneza, a passagem pela Áustria e a chegada aos Alpes bávaros foram o umbral do meu ingresso em um mundo novo e maravilhoso.

Desde o momento em que pisei o solo bávaro, notei que o ar estava como se fosse eletrizado, como se um motor oculto enviasse vibrações poderosas através do éter. Era algo tão evidente, naqueles dias — ou anos — que qualquer um que estivesse medianamente predisposto, poderia perceber isso.

Essas vibrações, que não se captavam com um órgão físico, levavam ao espírito receptor uma mensagem: Alemanha, desperte![16] Mas essa tradução em duas palavras é grosseira — parece uma proclamação patriótica elementar, não transmite completamente o que evocava em nosso Espírito essa força misteriosa. Tentarei explicar isso. Alemanha, desperte! — dizia —

---

[15] *Em **Reicholdsgrün, Baviera**, ficava a casa "alemã" da família Hess, construída pelo pai de Rudolph. No entanto, as férias do **Stellvertreter** transcorriam habitualmente em **Berchtesgaden**, perto da residência do Führer.*

[16] *Deutschland erwacht!*

e quem escutava não pensava na Alemanha geográfica, nem sequer no Terceiro Reich, mas se sentia claramente em outro mundo, sem fronteiras, em uma Alemanha sem Tempo nem Espaço, cujos ***únicos limites*** eram justamente aqueles fixados por essa mesma vibração.

A Alemanha terminaria apenas onde já não se percebesse a vibração unificadora, pois, agora todos o sabiam, a Alemanha era também esse imanente som inaudível chamado de ***Volkschwingen***[17].

Alemanha, desperte! — dizia a mensagem transcendente, e a Alemanha, como a Ave Fênix, renascia das cinzas de suas últimas derrotas; tornava-se o epicentro de uma nova ***Weltanschauung***[18] na qual não teriam lugar as infâmias da conspiração judaica mundial e da subversão marxista leninista.

A revolução marrom traria uma Nova Ordem que só admitiria em sua Elite dirigente a hierarquia do Espírito. Seriam superiores aqueles que o fossem por si mesmos, sem importar nenhuma outra condição. Essa perspectiva estimulava a competição sadia, insuflava novas esperanças e incentivava todos a compartilhar da aventura do 'despertar alemão'. E ninguém devia duvidar, pois a Nova Ordem estava garantida, assegurada em sua pureza pelo ***Führer***[19].

Sim, finalmente, a Alemanha tinha seu Führer. Ele era o verdadeiro artífice da Nova Ordem, o Chefe que conduziria o povo germânico à vitória.

Era o ano de 1933. A Alemanha despertava. Adolf Hitler era o Führer.

Capítulo VII

Eu tinha quinze anos, a Alma repleta de sonhos e a clara percepção da ***Volkschwingen***, quando, junto a papai, chegamos ao lugar onde estaria Rudolph Hess, em Berchtesgaden.

Tinha-se difundido a notícia de que o Führer estava em Haus Wachenfeld e a área foi invadida de jornalistas e curiosos, e por isso foi difícil nos alojarmos. Finalmente, o fizemos na modesta pousada 'Kinderland', a alguns quilômetros da casa de Rudolph Hess.

Pernoitamos ali e, pela manhã bem cedo, partimos atleticamente por um caminho nevado, que seguia em suas curvas a colina próxima. Papai, vestido ao modo bávaro, usava a estreita bainha da calça de alpinista dentro de grossas meias de lã, que lhe chegavam ao joelho. Botinas, camisa e paletó sem colarinho completavam o conjunto. Eu usava um novíssimo uniforme cinza escuro das *Hitlerjugend*, composto de calças curtas, jaqueta com bolsinhos e colarinho de marinheiro; cinturão de fivela com a runa ***S***, alça cruzada sobre o peito, e um pequeno punhal no cinto com a inscrição ***'Blut***

[17] ***Volkschwingen****: vibração do povo.*
[18] ***Weltanschauung****: "cosmovisão","concepção de mundo", "ideologia".*
[19] ***Führer****: líder, condutor.*

und Ehre'[20] gravada na lâmina; gravatinha presa por um anel, botas de amarrar e meias cinzas.

A casa onde se hospedava a família Hess era uma antiga construção de madeira de clássico estilo alpino, pequena, mas confortável. Ao bater à porta, fomos atendidos por um sonolento oficial das ᛋᛋ, que exercia a função de guarda-costas, dormindo no *living room*, junto à lareira acesa. Chamava-se Edwin Papp e era ***Obersturmführer***[21].

'*Herr* Hess se encontra deitado ainda' — disse o oficial das ᛋᛋ — 'Ele vai se alegrar ao vê-los, pois os espera há vários dias. Sentem-se no *living*, por favor, enquanto preparo o café'.

Meia hora depois, aparecia Rudolph Hess, impecavelmente vestido com roupa de ginástica: calça, blusão e tênis azuis. Alto, robusto, de rosto quadrado e sobrancelhas espessas, destacavam-se claramente os olhos negros e brilhantes, que pareciam atrair a atenção colocada nele.

Sorrindo, apenas, deteve-se um momento para olhar papai e depois se confundiram em um abraço, que tirou de ambos exclamações de alegria e espontâneas gargalhadas. Havia muitos anos que eu não o via e, portanto, tinha dele uma lembrança muito vaga, mas me surpreendeu descobrir uma timidez que não podia nem imaginar no poderoso braço direito do Führer.

Virou-se para mim e me observou, admirado.

'***Dieser mein Patenkind?***[22]' — disse para si mesmo — 'Como o tempo passa! Já é um homem. Um novo homem para um novo Reich'.

'Diga-me, Kurt' — desta vez se dirigiu a mim — 'não deseja ficar na Alemanha? Aqui poderia estudar e servir à pátria'.

Sim, ***Taufpate***[23] Rudolph — respondi, alvoroçado — isso é o que eu quero. Minha maior ambição é ingressar na Escola ***NAPOLA***.

'Essa sim é uma grande ambição' — disse Rudolph Hess — 'veremos o que podemos fazer'.

Nesse momento, entrou Ilse Pröhl Hess, a quem papai não conhecia, mas que, depois de feitas as apresentações, parecia ser uma amiga de toda a vida. Isso se devia a que Ilse era uma mulher simples e enérgica, mas dona de uma grande amabilidade. Antiga militante nacional-socialista, estava afastada da política, desde seu casamento com Hess, em 1927, e manifestava, pouco depois de começarmos a conversar, o desejo de ter filhos, que Deus parecia negar. Cinco anos depois, nasceria o único filho de Rudolph Hess, mas essa é outra história.

Passamos uma semana em Berchtesgaden, durante a qual Rudolph, Ilse e papai confraternizaram em várias ocasiões, quando eles não iam a Haus Wachenfeld para ver o Führer que, por outro lado, se encontrava assediado por Göring e outros membros do partido.

---

[20] ***"Blut und Ehre"***: Sangue e Honra.
[21] ***Obersturmführer***: Capitão.
[22] ***Dieser mein Patenkind?***: Este é meu afilhado?
[23] ***Taufpate***: Padrinho.

Naquelas noites, quando papai e os Hess intercambiavam lembranças e histórias, eu costumava interrogar, durante horas, o oficial das ᛋᛋ encarregado da guarda. Segundo minha opinião daqueles dias, não existia uma meta mais digna dos esforços de um jovem alemão, do que chegar a pertencer ao corpo de Elite da ᛋᛋ.

Em um dos primeiros dias que passamos em Berchtesgaden, papai e Rudolph se retiraram para conversarem em uma galeria exterior, localizada em uma encosta e protegida por uma grade que cercava a casa. Normalmente, eu não faria caso disso, mas algo nos gestos, alguns cochichos na conversação, me alertaram sobre a possibilidade de que estivessem falando de mim.

Pensei que se referiam ao ingresso na Escola ***NAPOLA*** e fui tomado por uma ansiedade crescente. Não podendo resistir à tentação — delito imperdoável, diria meu pai — fiz algo repudiável: os espiei.

Dissimulando estar em pé ao lado uma janela que se abria nas proximidades de papai e Rudolph Hess, tentei escutar a conversação, que, efetivamente, se desenvolvia ao redor do tema da minha pessoa. Mas não versava sobre o ingresso na Escola ***NAPOLA***, e sim a respeito de uma questão que me encheu de espanto.

'... Pode deixar Kurt comigo, então' — dizia Rudolph — 'falou com ele do Signo?'

'Não achei conveniente' — respondeu papai — 'além disso, não saberia lhe explicar com suficiente profundidade esse Mistério. Você sabe mais do que eu dessas coisas, é o mais indicado para falar com ele'.

Rudolph Hess movia a cabeça afirmativamente, enquanto em seu rosto se mantinha esboçado esse sorriso tímido tão característico de sua pessoa.

'Esperemos alguns anos' — disse Rudolph Hess — 'se é que Kurt não pergunta antes. Nunca suspeitou de nada? Não foi protagonista de algum evento anormal?'.

'Não, Rudolph, salvo o assunto dos ***Ofitas***, que já lhe contei em minhas cartas, não lhe ocorreu nada estranho depois, e inclusive, parece ter esquecido isso, ou, pelo menos, a lembrança não o afeta'.

Nesse ponto da conversação entre Rudolph Hess e meu pai, pouco era o que eu entendia, mas, ao mencionarem os ***Ofitas***, um incrível episódio da infância veio à minha memória instantaneamente. Quando tinha uns dez ou onze anos fui vítima de um sequestro! Não era um sequestro criminoso, com o objetivo de pedir resgate, mas um sequestro perpetrado por fanáticos da Ordem Ofita que só durou algumas horas, até que a Polícia, graças aos dados que ofereceu um informante profissional, pôde resolver.

Capítulo VIII

As coisas aconteceram assim: meus pais tinham viajado até o Cairo — o Engenho familiar dista alguns quilômetros dessa cidade — com o objetivo de fazer compras.

Enquanto mamãe se entretinha nas vastas dependências da Loja Inglesa, eu, ávido por travessuras, fui deslizando, muito dissimulado, para a rua. Um momento depois, corria a várias quadras da Loja, atraído inocentemente pelo alvoroço do 'Mercado Negro', bairro labiríntico de miseráveis barracas de rua e refúgio seguro de mendigos e delinquentes de pouca monta.

Nesse dia, a maré humana era densa pelas ruazinhas estreitas, nas quais a distância entre as barracas de vendas deixava apenas um corredor para o trânsito pedestre. Cerâmicas, frutas, tapetes, animais, de tudo o que se possa imaginar se vendia ali e, diante de cada mercadoria, se detinham meus olhos curiosos. Não tinha medo, pois não havia me afastado muito e seria fácil voltar aonde se encontrava mamãe.

Seguindo uma ruazinha, fui dar em uma ampla praça calçada, com uma fonte de água, na qual desembocavam uma infinidade de ruas e ruazinhas que só o projeto irregular desses bairros do Cairo pode justificar. Estavam ali centenas de vendedores, desocupados, mendigos e mulheres com o rosto coberto pelo ***chador***, que recolhiam água em cântaros de barro cozido.

Aproximei-me da fonte, tentando me orientar, sem reparar em um grupo de árabes que cercavam, cantando, um encantador de serpentes. Esse espetáculo é muito comum no Egito, e por isso não me teria chamado a atenção, a não ser pelo fato incomum de que, ao me verem, os árabes foram abaixando o volume do canto, até calarem completamente. A princípio, não percebi isso, pois o encantador continuava tocando a flauta, enquanto os olhos verdes da cobra, hipnotizada pela música, pareciam olhar só para mim. De repente, o flautista uniu-se também ao grupo de silenciosos árabes e eu, compreendendo que algo anormal acontecia, comecei a dar prudentes passos para trás, um após o outro.

O feitiço se quebrou quando um deles, dando um grito aterrador, falou em árabe: — 'O Signo!' — enquanto apontava para mim, de forma desajeitada. Foi como um sinal. Todos ao mesmo tempo gritaram exaltados e correram para mim, com a evidente intenção de me capturarem.

Produziu-se uma terrível agitação, pois, sendo eu um menino, corria entre a multidão com maior velocidade, enquanto meus perseguidores eram atrapalhados por diversos obstáculos, que eliminavam com o enérgico sistema de jogar no chão tudo quanto cruzasse seu caminho. Por sorte, era grande a quantidade de gente e muitas testemunhas do episódio puderam informar depois à Polícia.

A perseguição não durou muito, pois o fanatismo frenético que animava aqueles homens multiplicava suas forças, enquanto as minhas se consumiam rapidamente.

Inicialmente, fui por uma rua repleta de comerciantes, escapando em sentido contrário ao empregado para chegar até a praça, mas, a poucas quadras, tentando me esquivar de uma multidão de vendedores e clientes, entrei em um beco. Este não era reto, mas ia se estreitando cada vez mais, até se tornar um caminho de um metro de largura, entre as paredes de dois bairros que vinham de direções diferentes, sem respeitar a rua.

À medida em que corria, o beco parecia mais livre de obstáculos e, em consequência, meus perseguidores ganharam terreno, até que uma pedra saliente do piso irregular me fez cair, derrotado. Imediatamente, fui cercado pelos excitados árabes, que não demoraram nem um instante em me envolver com uma de suas capas e me carregaram aprisionado em seus poderosos braços. A impressão foi forte e desagradável e, por mais que gritasse e chorasse, nada parecia afetar meus captores que corriam, agora, mais rápido do que antes.

Um instante depois, chegamos ao destino. Ainda que eu não pudesse ver, entendia perfeitamente o árabe e compreendi, então, que os fanáticos chamavam em voz alta alguém que chamavam de ***Mestre Naaseno***.

Finalmente, retiraram o envoltório que me cobria e me cegava, colocando-me sobre uma macia almofada de seda, de tamanho regular. Quando acostumei a vista à penumbra do lugar, comprovei que estava em um amplo aposento, tenuemente iluminado com lâmpadas de óleo. O piso, coberto de lindos tapetes e almofadas, contava com a presença de uma dúzia de homens ajoelhados, com o rosto no solo, que de vez em quando levantavam a vista para mim e depois, juntando as mãos sobre suas cabeças, elevavam seus olhos perdidos para o céu, clamando: '***Ophis! Ophis!***'.

Claro que tudo isso me atemorizou, pois, ainda que não tivesse sofrido maltrato, a lembrança de meus pais, e o fato de ser prisioneiro, produziam-me uma grande angústia. Sentado na almofada, cercado de tantos homens, era impossível pensar em fugir, e essa certeza me arrancava dolorosos soluços. De repente, uma voz bondosa brotou às minhas costas, trazendo uma momentânea esperança e consolo aos meus sofrimentos. Virei-me e vi que um ancião de barba branca, adornado com um turbante, vinha até mim.

'Não tema, filho' — disse, em árabe, o ancião que chamavam de Naaseno — 'ninguém o machucará aqui. Você é um enviado do Deus Serpente, ***Ophis-Lúcifer***, a quem nós servimos. O que o prova é o Signo com o qual você foi marcado, para Sua Glória'.

Indicou-me, com um gesto afetuoso, que me permitisse ser levado em seus braços, para poder, assim, 'mostrar-me a imagem de Deus'. Realmente estava necessitando de um tratamento afetuoso, pois aqueles fanáticos não percebiam que ***eu era um menino***. Abracei o ancião e ele começou a andar até o extremo da sala — que era um porão — onde estava uma coluna em

cujo pedestal brilhava uma pequena escultura de pedra muito polida. Tinha forma de uma cobra levantada sobre si mesma, com olhos refulgentes, devido, talvez, à incrustação de pedras de um verde mais intenso. A imagem me fascinou, e a teria tocado se o ancião não retrocedesse a tempo.

'Gostou da imagem de Deus, 'pequeno enviado'?' — disse o Mestre.

Sim — respondi, sem saber por quê.

'Você tem direito a possuir a joia da Ordem' — continuou o Mestre, enquanto vasculhava em uma bolsinha de fino couro, que tinha pendurada em seu pescoço.

'Aqui está!' — exclamou o Mestre Naaseno — 'É a imagem consagrada do Deus Serpente. Para obtê-la, os homens passam por duras provas que, às vezes, duram toda a vida. Você, ao contrário, não precisa passar por nenhuma prova, porque é portador do signo'.

Com um punhal afiado que tirou do cinto, cortou um cordão verde de um punhado que estava pendurado na parede e, prendendo a réplica de prata em um laço, colocou-a em meu pescoço. Em seguida, olhou-me nos olhos, de uma forma tão intensa que jamais pude esquecer. Tampouco esqueci suas palavras, que pronunciou com voz forte, ***ritualisticamente***. Tinha me agarrado com seu braço esquerdo e me levantava para que fosse visto por todos, enquanto, com o indicador da mão direita mostrava o Deus Serpente. Disse isto:

'Iniciados da Serpente Libertadora! Seguidores da Serpente de Luz Incriada! Adoradores da Serpente Vingadora! ***Eis aqui o Portador do Signo da Origem! Aquele que pode compreender com Seu Signo a Serpente; aquele que pode obter a Mais Alta Sabedoria que é possível o Homem de Barro conhecer!*** No interior deste menino Divino, no seio do Espírito eterno, está presente o Sinal do Inimigo do Criador e da Criação, o Símbolo da Origem de nosso Deus e de todos os Espíritos prisioneiros da Matéria. E esse Símbolo da Origem se manifestou no Signo que nós, e ninguém mais, fomos capazes de ver. Menino Divino — ele poderá compreender a Serpente ***de dentro***! Mas nós, graças a ele, ao seu Signo libertador, ***a compreendemos de fora*** e nada mais poderá nos deter!'.

'Sim, sim! Já podemos partir!' — gritavam em coro os desenfreados Iniciados Ofitas.

Passaram-se alguns minutos e tudo foi se acalmando no refúgio da Ordem Ofita. Os árabes estavam entregues a algum tipo de preparativo e eu, entusiasmado com o serpentino presente e tranquilizado pelo bom tratamento do Mestre Naaseno, não desconfiei quando este me deu um copo de menta refrescante. Poucos minutos depois, eu caía em um profundo torpor, certamente por causa de um narcótico colocado na bebida.

Quando despertei, estava com meus pais, no Hospital Britânico do Cairo, junto a um médico de guarda-pó branco, que tentava inutilmente convencê-los de que eu simplesmente dormia.

Com o passar dos anos, fui reconstruindo as ações que levaram à minha libertação. Ao que parece, o Chefe de Polícia moveu-se rapidamente,

temendo que o sequestro de um membro da rica e influente família von Sübermann terminasse com um banimento no Departamento de Polícia, cuja cabeça — a dele — seria a primeira a cair. Por meio de informantes, mendigos, desocupados ou simples testemunhas, inteiraram-se de que, sem dúvida, os autores do sequestro eram os fanáticos membros da milenar Ordem gnóstica 'Ofita', considerados inofensivos e inclusive muito sábios.

Inicialmente, isso desconcertou os policiais, que não conseguiam vislumbrar o motivo do sequestro, mas, seguindo algumas pistas, chegaram à casa do Mestre Naaseno. Os árabes, na euforia de transportar-me até ali, tinham se comportado imprudentemente, penetrando todos juntos no local, em meio a gritos e exclamações. Um mendigo, testemunha presencial da estranha procissão, tão desejoso de ganhar a recompensa que minha família tinha oferecido, como de evitar os cassetetes policiais, deu os dados da casa onde se encontravam os sequestradores. Esta foi cercada pelas autoridades, mas, como ninguém respondia aos chamados, começaram a forçar a porta, entrando na humilde residência, totalmente esvaziada de pessoas. Depois de uma minuciosa inspeção, descobriu-se, dissimulado sob um tapete, o alçapão que conduzia, através de uma mofada escada de pedra, ao subterrâneo templo do Deus Serpente.

Um espetáculo macabro surpreendeu os presentes, pois, estendido sobre uma almofada de seda, jazia meu corpo desmaiado, cercado de cadáveres com expressão convulsionada que, como último gesto, dirigiam os rígidos braços para mim.

Todos os sequestradores tinham morrido com veneno de cobra. O Mestre Naaseno e o ídolo haviam desaparecido.

A impressão que os recém-chegados receberam foi muito ruim, pois pensaram que eu também estava morto, mas logo perceberam seu erro e fui transportado ao Hospital Britânico junto com meus pais.

Ainda conservava pendurada no pescoço a serpente de prata, que foi guardada zelosamente por papai, ainda que, às vezes, anos depois, costumasse mostrá-la para mim, quando recordávamos aquela aventura.

Naquele momento, enquanto escutava papai e Rudolph Hess falarem dos Ofitas, todos esses eventos se aglomeravam em minha mente.

Tinha me colocado de lado contra a janela, de forma que só podia vê-los conversar lateralmente, mas as vozes chegavam nítidas aos meus ouvidos.

'Esta é a joia de prata' — dizia papai — 'com a imagem de ***Ophis-Lúcifer***. Conservei-a com o cordão original. Tome, agora você deverá guardá-la'.

Era uma revelação extraordinária — não pude evitar de virar-me um pouco, para ver melhor — pois papai nunca deu importância ao pequeno ídolo e eu, que não compreendia seu significado, tampouco. Inclusive há anos que tinha se apagado de minha mente.

Acontece que papai tinha dissimulado e minimizado a importância do assunto, mas, na realidade, atribuía certo valor desconhecido ao ídolo de prata! E o mais estranho era que o tivesse trazido escondido para a

Alemanha, oferecendo-o aos cuidados de Rudolph Hess. Isso para mim não fazia sentido.

Por outro lado, falavam do Signo como os árabes. Que Signo? Anos depois do sequestro, ainda me olhava no espelho, procurando o bendito Signo que tinha levado aqueles desgraçados à morte — e nunca encontrei nada anormal. Tampouco suspeitei que papai acreditasse na existência daquele sinal — ou estigma?

Em minha cabeça, um torvelinho de ideias girava, desordenado, enquanto, distraidamente, via Rudolph Hess examinar a serpente de prata. De repente, introduzindo a mão pela gola do blusão, tirou um cordão que lhe rodeava o pescoço. Pendurado nele havia uma serpente de prata, exatamente igual à minha!

Rudolph Hess juntou-as em sua mão para que meu pai as visse e, depois de alguns minutos, colocou a sua e guardou a outra no bolso. Instantes depois, ambos regressavam ao aconchegante *living room*, sem mencionar o tema de sua conversa precedente.

Essa atitude reservada me convenceu da inconveniência de abordar, de alguma forma, o assunto, pois delataria a censurável espionagem cometida. Não pensei muito — ficaria calado enquanto não me falassem diretamente, mas prometi a mim mesmo fazer o impossível para obter informações sobre o misterioso Signo."

Eram duas da manhã e tio Kurt levantou-se, com intenção de ir para seu quarto. Não lhe reprovava essa atitude, pois estava falando há várias horas, mas o relato despertou inquietudes e interrogações em meu Espírito, tornando-me impaciente e desrespeitoso.

— Tio Kurt — disse — é tarde, eu sei, e sei também que amanhã poderemos continuar a conversa, mas realmente necessito que me responda duas perguntas antes de ir.

— Ha, Ha, Ha, Ha — riu, com sua terrível gargalhada — você é igual a mim na sua idade: precisa de respostas para poder viver. É como uma sede. Eu o compreendo, *Neffe*. O que quer saber?

— Só duas coisas — disse — primeira: há possibilidade de que esse Signo que os árabes viam em você seja igual ao que Belicena viu em mim?

— Sem nenhuma dúvida, *Neffe* — respondeu — o Signo significa muitas coisas, mas também é um ***Sanguine Signum***[24] e ambos temos o mesmo sangue. O sangue não é fator determinante para o aparecimento do Signo, mas é "condição de qualidade". Se aparece um signo em membros da nossa família ***é o mesmo signo***.

"Eu ignorava até hoje que houvesse outro von Sübermann vivo com tal marca. Papai, com quem finalmente falei sobre isso, contou-me que, segundo uma tradição familiar, um antepassado nosso 'demonstrou' aos seus contemporâneos, mediante certos sinais, 'ser um eleito do Céu' — em virtude disso, o Rei Alberto II da Áustria lhe outorgou o título de Barão, no

[24] ***Sanguine Signum***: marca de sangue.

século XV. A partir dessa época, registraram-se os anais familiares, sendo tudo antes disso obscuro e desconhecido. Nos séculos posteriores, a família sempre se dedicou à produção de açúcar, como diz Belicena Villca em sua carta, e se manteve atenta ao aparecimento de descendentes com 'aptidões especiais'. De fato, houve vários integrantes da Estirpe que demonstraram possuir dons sobrenaturais, mas ninguém conseguiu resolver o enigma familiar. Somente as últimas gerações do ramo egípcio puderam se aproximar da solução do mistério, ao descobrirem a existência de uma marca ou signo de aparecimento cíclico entre os membros da família, através das idades. Mas, salvo essa notícia, obtida graças aos contatos realizados com certos ***ulemas*** — sábios do Islã — pouco é o que se pode saber, com mais precisão."

Para meu desespero, tio Kurt continuava se aproximando da porta, com a firme intenção de ir embora.

— Vou lhe fazer a segunda pergunta — disse — você pôde saber o que é o Signo?

Tio Kurt fez um gesto de desgosto.

— Você acha que uma resposta que eu mesmo procurei durante anos pode se resumir em duas palavras? Suponho que sua pergunta se refere ao Símbolo da Origem, que é a causa metafísica de nosso signo. Se é assim, só lhe direi que tudo quanto pude averiguar a respeito é menos do que Belicena Villca expõe em sua carta. Concordo plenamente com ela, e, de acordo com o que me foi revelado na Ordem Negra ᛋᛋ, o Símbolo da Origem está ligado ao Mistério do encadeamento espiritual. O Símbolo da Origem, *Neffe*, ***é análogo a uma Estrutura Carismática: quem é abrangido por tal estrutura, consciente ou não, "orientado" ou não a ela, permanece inevitavelmente encadeado à matéria; quem logra, ao contrário, abranger a estrutura, compreendê-la ou transcendê-la, consegue se libertar do encadeamento, "é livre na Origem". E aqueles que procuram manter o Espírito Eterno encadeado sob tal estrutura, o Símbolo da Origem, são os Mestres da Kâlachakra, a Fraternidade Branca de Chang Shambala. E os que cuidam de que o Espírito transcenda o Símbolo da Origem, talvez compreendendo a Serpente, são os Iniciados da Sabedoria Hiperbórea, os Deuses Libertadores de Agartha.***

"Isso é, em síntese, o que sei sobre o Símbolo da Origem. Então, se sua pergunta se refere ao Signo como marca, lhe direi que sei ainda menos, pois só podem ***reconhecer*** o Signo aqueles que já o ***conhecem***.

É básico, *Neffe*: para distinguir uma coisa de outra, há que se conhecê-la primeiro. O mesmo princípio vale para o Signo: só o "veem" aqueles que têm a Verdade em seu interior, pois só assim é possível reconhecer a Verdade exterior. Por isso, você e eu não podemos ver o Signo, ainda que o tenhamos em nós, porque ainda nos falta chegar à Verdade."

Eu escutara tio Kurt desolado, pois tinha abrigado a secreta esperança de que ele saberia o que se referia ao Signo e que, talvez, aceitasse confiar a

mim o seu segredo — mas sua resposta negativa era simples e lógica: a revelação do Signo devia ser interior.

Minha cara refletia o desalento e isso fez o tio Kurt rir novamente.

— Não se preocupe, *Neffe*, não é tão importante que nós vejamos o Signo, mas que o reconheçam os que devem nos ajudar. E isso sempre ocorre, como o prova sua própria experiência.

"Mas há algo que talvez compense a curiosidade que você sente. Nos anos em que estive na Ásia, obtive uma informação exata sobre nosso Signo: sua localização corporal."

— Onde está? — perguntei, sem dissimular a impaciência.

— Em um lugar curioso, *Neffe* — respondeu, com evidente alegria — nas orelhas.

Olhou o relógio e, sem esperar resposta, disse:

— Até amanhã, *Neffe* Arturo — e saiu.

Inicialmente, pensei que tio Kurt zombasse de mim, mas depois fui até o banheiro, no espelho, para olhar minhas orelhas. Não havia nada de anormal nelas — pequenas, sem lóbulo, grudadas na cabeça — eram, isso sim, iguais às de tio Kurt.

Definitivamente, eu não era capaz de "ver" o famoso Signo, e fui dormir.

Capítulo IX

Na manhã seguinte, despertei com a lembrança presente dos últimos conceitos expostos por tio Kurt na noite anterior, que iam esclarecendo, lenta mas efetivamente, o Mistério em que me encontrava imerso. Por ora, já era certo que meu tio compartilhava da mesma filosofia oculta de Belicena Villca, a "Sabedoria Hiperbórea", e que a mesma lhe foi revelada durante sua carreira como oficial das Waffen ᛋᛋ — isso era muito mais do que eu poderia sonhar quando vim para Santa María!

E além disso havia a questão do Signo — não só tio Kurt conhecia a existência do Signo, mas também me confirmara que tanto ele como eu éramos portadores do mesmo! Não havia dúvidas, então, de que, da mesma forma que os Ofitas, Belicena Villca percebera o sinal em minhas orelhas ou onde quer que estivesse plasmado, e isso fez com que se decidisse a redigir sua incrível carta. E, tanto no caso dos Ofitas como no de Belicena Villca, a Morte interveio implacavelmente, como se Ela fosse um ator inevitável no drama dos marcados pelo Signo!

— Bom dia, Senhorzinho — venho curar-lhe a cabeça — disse a velha Juana, enfermeira circunstancial — Trouxe o que me pediu. Olhe, Senhorzinho...

Ela me mostrou uma navalha de refulgente fio, utensílio que eu havia solicitado, com a intenção de me raspar a cabeça, já depilada em parte pelo Dr. Palacios, em torno da ferida.

Concluída a cura, que consistía em lavar a cicatriz e tingí-la com uma tintura vermelha à base de iodo, a velha Juana começou a tarefa de raspar-me a cabeça, concessão feita ao comprovar a impossibilidade de que eu mesmo pudesse fazer isso com uma só mão.

Meia hora depois, tendo o crânio perfeitamente raspado como um bonzo da Indochina, eu tomava o nutritivo desjejum que me servira a solícita velha.

— Nesse passo logo estará bem, Senhorzinho — disse a velha, deleitada pela forma com que eu devorava a refeição oferecida.

— Sim, mas com vários quilos a mais — repliquei, sem deixar de comer.

Às nove em ponto, tio Kurt subiu ao meu quarto.

— Como está, *Neffe*? Disposto a escutar a outra parte da minha história?

— Sim, tio Kurt — respondi — estou ansioso, realmente ansioso para escutar o que você tem para contar.

Ele se acomodou em sua poltrona *hamaca* e começou a falar.

— Bem, tínhamos parado em que depois de surpreender a conversa de meu pai com Rudolph Hess sobre o Signo, decidi não falar disso até que algum dos dois tomasse a iniciativa.

Assenti com a cabeça, enquanto tio Kurt retomava o fio do relato.

— Ao finalizar a primeira semana de agosto de 1933, partimos para Berlim de trem. Rudolph Hess e Ilse, ao contrário, iriam até Munique de automóvel e dali chegariam a Berlim em um avião, junto com o Führer, Göring e várias personalidades do Terceiro Reich, que finalizavam suas férias.

"Em Berlim, nos hospedamos no hotel ***Kaiserhof***, antigo quartel-geral do ***N.S.D.A.P.***[25] e esperamos, de acordo com o combinado em Berchtesgaden, notícias de Rudolph Hess. Estas chegaram a meados de agosto, em forma de uma convocação para nos encontrarmos com Rudolph Hess no Ministério de Educação e Ciência. Deveríamos estar preparados às 07:00 do dia seguinte, no hotel, pois seríamos recolhidos por um veículo oficial.

Às 07:00 em ponto chegou o oficial Papp, que já conhecíamos, por ser o guarda-costas de Rudolph Hess em Berchtesgaden, em um carro com chofer uniformizado das S.A.

'*Herr* Hess os espera no Ministério de Educação e Ciência. Deixei-o ali antes de vir buscá-los' — disse ele.

Chegamos em alguns minutos e fomos conduzidos por ele até uma porta na qual se lia 'Diretoria Nacional ***NAPOLA***'. Entramos.

Em um amplo recinto, sobriamente mobiliado, encontramos Rudolph Hess com o uniforme das S.A., um homem de aspecto severo e uma secretária que teclava em uma máquina de escrever. Todos se levantaram quando chegamos.

---

[25] ***N.S.D.A.P.****: iniciais do* ***Nationalsozialistsche Deutsche Arbeiterpartei*** *que significa: Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.*

'Professor Joachim Haupt, apresento-lhe o Barão von Sübermann' — disse Rudolph Hess.

'Barão von Sübermann, você está diante de Joachim Haupt, Diretor Nacional das ***NAPOLA***' — Rudolph Hess completou a apresentação.

Enquanto davam-se as mãos, Rudolph tomou a palavra.

'Estive discutindo o ingresso de Kurt com *Herr* Professor e, apesar da falta de vagas, chegamos a um acordo. Ele poderá ser incorporado à primeira ***NAPOLA***, em ***Lissa***, para integrar o 'Corpo Seleto de Estudos Orientais'.

Meu destino estava, pelo visto, resolvido. O Professor Haupt me observava com atenção. Finalmente falou.

'Jovem von Sübermann, fiquei sabendo que o senhor domina várias línguas. Poderia me dizer quais são?' — perguntou.

'Sim, *Herr* Professor. Além das minhas línguas natais árabe, inglês e alemão, falo francês e grego' — respondi, timidamente.

'Cinco idiomas é mais do que suficiente para ingressar na ***NAPOLA*** de Lissa' — disse o Professor Haupt — 'mas para nós interessa o seu domínio do árabe. Estaria disposto a estudar outras línguas do Oriente Médio ou da Ásia; digamos, por exemplo, turco ou russo?'.

'Sim. Gostaria de aprender outras línguas e estou disposto a estudar aquilo que melhor convenha para servir à pátria' — respondi, um tanto perplexo, pois jamais me ocorreu que, na ***NAPOLA***, receberia um treinamento tão específico.

'Então, não temos mais o que falar' — disse o Professor Haupt — 'vou lhe expedir uma ordem de incorporação. Na próxima segunda-feira, você deve se apresentar em Lissa.'

O Professor se dirigiu a papai.

'Concordamos, *Herr* Hess e eu, que esta seria a melhor carreira para seu filho. Normalmente, na Escola ***NAPOLA*** se ensina um plano de estudo de Ensino Médio oficial com especialização em letras, ciências naturais, línguas modernas etc., mas, por um decreto reservado do Führer, acabamos de criar uma divisão especial de estudos asiáticos. Essa divisão vai se chamar 'Corpo Seleto de Estudos Orientais' e ali se formarão os futuros ***Ostenführer***[26], os quais, mais adiante, servirão em missões especiais na Ásia. O ***Reichsführer***[27] Himmler apresentou um projeto sobre o plano de estudos, e um dos requisitos a cumprir é o domínio de línguas asiáticas. Já temos professores de dialetos tibetanos e mongóis, e de sânscrito. O jovem Kurt pode ser um bom auxiliar para o professor de árabe, o que é uma vantagem para todos.'

'Serão três anos intensivos na ***NAPOLA***, que depois se complementarão, se nossos planos se realizarem, com um posterior treinamento nas ᛋᛋ. Essa é uma informação confidencial que revelo ao senhor, só pelo fato de que *Herr* Hess endossa sua discrição.'

---

[26] ***Ostenführer****: literalmente, "Chefe do Leste".*

[27] ***Reichführer****: Chefe Nacional – Grau máximo das ᛋᛋ.*

'Entendo que, estando o senhor no Egito, não poderá velar devidamente pelo bem-estar de seu filho. Penso: a quem delegará a responsabilidade da tutoria?' — perguntou o Professor Haupt.

Papai e Rudolph Hess se olharam e, então, este moveu a cabeça em muda aceitação.

'Eu me encarregarei do jovem Kurt' — disse Rudolph Hess — 'prepare os papéis necessários para cumprir essa formalidade.'

'Então está tudo solucionado' — disse o Professor Haupt — 'o senhor está de acordo, Barão von Sübermann?'

'Totalmente de acordo. Não poderia encontrar outro tutor melhor para meu filho, nem há ninguém na Alemanha em quem eu confie mais do que em Rudolph' — disse papai, que ainda estava comovido pelo gesto de Rudolph Hess.

Momentos depois, uma eficiente secretária preparava um Arquivo Pessoal com meu nome, juntava as declarações juramentadas de Rudolph Hess e de meu pai e me dava um envelope fechado, que deveria entregar em Lissa, ao me apresentar na segunda-feira seguinte.

'Heil Hitler!' — disseram em uníssono o Professor Joachim Haupt e Rudolph Hess, ao se despedirem, trocando entre si a antiga saudação romana, consistente em levantar o braço direito e bater os calcanhares.

Nas escadas de pedra do Ministério de Educação e Ciência houve outra despedida, mas dessa vez mais dolorosa, pois papai e Rudolph Hess se estimavam profundamente. As múltiplas ocupações de Rudolph Hess tornavam, para ele, muito difícil marcar outra entrevista, e por isso decidiram se despedir ali mesmo.

'Até logo, estimado Reinaldo' — disse Rudolph a papai, incapaz, por sua habitual timidez, de ser mais expressivo — 'sentirei sua falta. Você é um dos poucos amigos verdadeiros que tenho e sempre é uma alegria estar consigo. Não se preocupe por Kurt, eu cuidarei dele. Como seu tutor, serei avisado imediatamente de qualquer novidade que possa surgir.'

'E você, Kurt' — disse Rudolph Hess, dirigindo-se a mim — 'não deixe de me avisar sobre as necessidades ou problemas que tenha. Pegue esse cartão' — estendeu-me um retângulo de cartolina com a águia do Terceiro Reich em relevo — 'pode me ligar no telefone que está aí e solicitar minha presença ou transmitir seu pedido ao ***Obersturmführer*** Papp, que você já conhece.'

Desceu um degrau, segundo seu costume de tomar distância para observar seus interlocutores, e nos olhou com olhos tristes, enquanto em sua boca só se expressava um tímido sorriso.

'Até breve, família von Sübermann. Heil Hitler!' — disse e, depois de um abraço dele com papai, partimos em direções opostas.

Empregamos o resto da semana para adquirir roupa e diversos elementos que eu necessitaria para minha internação na ***NAPOLA*** de Lissa. Na segunda-feira seguinte, depois de fazer minha correspondente apresentação a um secretário com uniforme marrom das S.A., despedi-me de meu pai, para começar uma nova vida.

Capítulo X

Três anos permaneci em ***Lissa*** me aperfeiçoando no 'Corpo Seleto', durante os quais só vi minha família nas ocasiões em que pude viajar ao Egito — isto é, uma vez por ano, nas férias de verão. Quanto a Rudolph Hess, me propus a perturbá-lo o menos possível, mas, nas poucas vezes que liguei para o número telefônico que me dera, não consegui falar com ele diretamente, mas por intermédio do oficial ᛋᛋ Papp.

De qualquer maneira, nunca deixaram de me atender em minhas escassas solicitações, as quais foram amavelmente recebidas por dito oficial. Mas Rudolph Hess era meu tutor e, portanto, responsável por assinar as planilhas de qualificações e outros trâmites burocráticos, como faz qualquer pai. Jamais me inteirei de que isso não se cumprisse, por isso supunha que Rudolph Hess previu um mecanismo automático, pelo qual ele era informado acerca do desenvolvimento dos meus estudos. Finalmente, verifiquei que essa teoria era correta.

Em alguns natais e celebrações especiais, que a família Hess passava na intimidade, fui convidado a estar com eles, o que me produzia muita alegria, pois constituíam minha única família na Alemanha.

Durante esses três anos, além da instrução secundária normal, aprendi religiões, línguas e costumes da Ásia e recebi um intenso treinamento em práticas expedicionárias e de exploração. Montanhismo, equitação e técnicas de sobrevivência nos isolavam das práticas de esportes convencionais que realizavam os demais corpos estudantis da ***NAPOLA***.

Era ***'vox populi'*** entre os estudantes do 'Corpo Seleto de Estudos Orientais' que nos treinavam para futuras missões na Ásia, mas ninguém sabia dar informações das características que essas incursões teriam.

Em 1936, terceiro ano de estudos em uma carreira que durava quatro, fui selecionado para receber instrução aérea e transferido para as ***Flieger H. J. (Flieger Hitlerjugend)***, divisão das Juventudes Hitleristas especializada em voo de planadores. No entanto — éramos vinte nas mesmas condições — fomos instruídos no manuseio de aeronaves ***Messerschmitt*** e se aperfeiçoou nossa deficiente prática com armas ofensivas.

Também recebemos, nessa época, um curso sobre 'O Graal e o Destino da Alemanha', ministrado pelo Coronel ᛋᛋ Otto Rahn, prestigiado erudito em História da Idade Média e autor, em 1931, do livro 'A Cruzada Contra o Graal'.

Chegou, finalmente, a diplomação da ***NAPOLA***, em 1937, e a consequente possibilidade de me orientar para uma bem-sucedida carreira profissional.

As opções que se ofereciam aos graduados iam desde fazer carreira no exército ou no partido até a incorporação à administração, indústria, ou à

vida acadêmica. Aqueles que seguiam carreiras não militares, cursavam a Universidade e se doutoravam em Filosofia e Letras, em Leis, ou em Matemática e Ciências Exatas.

Grande parte dos graduados desejavam se incorporar às ***Waffen*** ϟϟ, para o qual deveriam se submeter a rigorosas provas de ingresso. Mas, para o Corpo Seleto, esse ingresso era automático, pois muito grande foi o esforço que a pátria depositou em nosso treinamento. E, além disso, éramos apenas noventa egressos que aspirávamos ao grau de ***Ostenführer*** das ϟϟ.

Poder-se-ia pensar que uma grande alegria embargava a todos, e isso era certo, no que se refere aos meus oitenta e nove companheiros. Eu, ao contrário, sentia minha felicidade eclipsada por um estranho evento que merece ser mencionado neste relato, pelas implicações posteriores que teve.

Ao completar a grade de estudos da primeira promoção do Corpo Seleto — do qual eu fazia parte — um de nossos professores, Ernst Schäfer, concentrou-se na tarefa de selecionar um pequeno grupo para uma 'operação especial'. Começou a circular entre nós o rumor de que tal operação era, na realidade, uma importante missão na Ásia, e por isso se produziu um consequente estado de excitação geral. Não havia quem não quisesse participar da ultra confidencial missão que, dizia-se, tinha sido encomendada pessoalmente pelo *Reichsführer* Himmler.

O professor Ernst Schäfer dava cátedras de religiões orientais, especialmente de Budismo, Vedismo e Bramanismo com singular erudição, mas não era oficial das ϟϟ, e sim da ***Abwehr***, o Serviço Secreto do Almirante Canaris. Por essa razão, as conjecturas indicavam que a missão na Ásia seria uma operação de espionagem, talvez na Índia ou na Rússia.

Nosso pequeno grupo de pilotos da *Flieger-H.J.* não tinha sido incluído na seleção, por alguma razão que ignorávamos e, ainda que a rígida disciplina interna exigisse absoluta obediência e subordinação, eu acreditava que não infringiria nenhum regulamento se me oferecesse como voluntário. Não sabia o destino da misteriosa missão, mas o entusiasmo em ser admitido me fazia pensar que o conhecimento de dez línguas orientais seria um bom argumento para conseguir meus objetivos.

De acordo com essa convicção, fui um dia ao encontro de Ernst Schäfer. Ele estava em uma sala com um grupo de seis camaradas do Corpo Seleto, dando-lhes algum tipo de instrução. Apenas uma olhada na lousa, de onde pendiam folhas com desenhos de corpos humanos cobertos de flores de lótus, bastou-me para saber que dava explicações sobre os antiquíssimos conceitos filosóficos do ***Tantra Yoga***.

A cara de desgosto que fez ao me ver foi como um presságio de que, em alguma coisa, eu tinha me equivocado ao supor que o professor poderia me incluir em seus planos. Não obstante o mau pressentimento que sentia, decidi jogar minha cartada.

'Heil Hitler' — saudei, cumprimentando-o.

'O que deseja, von Sübermann?' — disse, ignorando a saudação política.

'Perdão, *Herr* Professor. Soube que o senhor está selecionando pessoal para uma importante missão na Ásia e, se bem que não saiba muita coisa dela, desejo que considere a possibilidade de me incluir. Quer dizer, me ofereço voluntariamente.'

'O senhor, von Sübermann?' — me olhava, aguçando a vista, com uma expressão cínica — 'e para quê o senhor deseja ir à Ásia, von Sübermann?'

'Creio que não me compreendeu, *Herr* Professor. Eu desejo ser útil à pátria e essa é uma forma de demonstrar isso. Talvez meus conhecimentos dos costumes e línguas do Oriente Médio possam servir em sua missão. Ou minha licença de piloto. Ou as línguas do Extremo Oriente. Tenho vontade de servir e por isso me ofereço' — disse, com convicção.

O gesto, a princípio sarcástico, na cara do professor, estava se tornando agressivo e em seus olhos se refletia um brilho de ira. Eu tampouco estava totalmente confiante e já sentia ferver-me o sangue nas veias. No fim das contas, nesse 1937, eu tinha 19 anos, e o orgulhoso professor não mais de 25 ou 26 — quer dizer, idades nas quais convém medir as palavras e os gestos...

'Von Sübermann' — disse, com violência — 'devo agradecer sua boa vontade, mas o senhor é a última pessoa que eu levaria à Ásia, me entendeu?'

'Não, *Herr* Professor' — respondi, pois realmente não compreendia o motivo pelo qual o professor Schäfer me odiava, até chegar ao extremo de não poder dissimular isso.

'Não entende, von Sübermann?' — começou a gritar, de maneira descontrolada — 'pois bem, direi com todas as letras: o senhor é uma pessoa sinistra, portadora de uma ***marca infame***. Sua presença é uma afronta em qualquer área espiritual, uma afronta a Deus que, em sua infinita misericórdia, permite-lhe viver entre os homens. Deveria ser marginalizado, afastado de nós, ou melhor, exterminado como um rato, porque o senhor, von Sübermann, contamina de pecado tudo quanto o cerca, o senhor...' — continuava Ernst Schäfer com seus insultos, totalmente fora de si, e eu, que inicialmente ficara espantado ao ouvir a alusão ao Signo, reagi rapidamente.

Sem pensar, disparei o punho direito na cara do professor, dando-lhe em pleno queixo. O golpe foi bastante forte, pois o fez tropeçar vários metros para trás, sobre as carteiras da sala de aula. Os seis estudantes, alertados pelos gritos de Schäfer, correram apressadamente em seu socorro e, enquanto quatro deles o ajudavam a se levantar, outros dois me seguravam, para evitar que tornasse a bater nele.

Eu estava extremamente furioso, pois a agressão tinha me ferido profundamente. Eu era inocente, não sabia nada de Marcas nem de Signos, estudava com meus esforços voltados a procurar o bem da pátria e isso era, sem dúvida nenhuma, um objetivo nobre.

Não entendia o ódio do professor Schäfer nem seu desejo de que me 'exterminassem como um rato'.

'Sem dúvida, está louco' — pensava, enquanto era arrastado para a porta pelos alunos escolhidos de Ernst Schäfer.

'Levem-no! Tirem-no da minha frente!' — o professor gritava, completamente fora de si — 'É um mentiroso e um homicida! Diz não entender, mas no fundo de seu coração sabe tudo, porque ele é a imagem de Lúcifer tentador! Seu objetivo é destruir nossa missão com sua presença maldita...!'

Minutos depois, ainda soavam em meus ouvidos as absurdas acusações de Ernst Schäfer — homicida, mentiroso, marca infame, Lúcifer... Deus, o que era isso?

'Você está bem, Kurt?' — um dos 'escolhidos' sacudia-me pelos ombros, tentando me fazer reagir. Olhei-o, cego ainda pela fúria e pela perplexidade que a atitude do professor tinha me provocado, e logo reconheci quem me falava. Era Oskar Feil, um bom camarada, originário de ***Vilnius***, ***Lituânia***. Ambos fizemos amizade nos primeiros anos da ***NAPOLA***, quando, pela nossa situação de 'estrangeiros', éramos alvo de zombarias de nossos camaradas alemães.

'Kurt, tranquilize-se' — disse Oskar — devo voltar para a sala, mas tenho que falar com você. Espere-me no ginásio, dentro de meia hora.

Olhei-o se afastando e sacudi a cabeça, tentando me livrar desse pesadelo. Não sabia que Oskar fazia parte do grupo selecionado por Ernst Schäfer, nem suspeitava sobre o que ele queria me falar, mas o esperaria, pois ele era um dos poucos amigos que eu tinha em Lissa. No entanto, essa meia hora de espera seria tão longa quanto um século, pois meu estado de ânimo me levava a querer ir embora imediatamente dali e retornar a Berlim, assento da Flieger H.J.

Depois de lavar a cara com água fria, disposto a aguardar Oskar, situei-me em um canto solitário do enorme ginásio. Estava mais tranquilo, quando chegou meu ***Kamerad***.

'Olá, Kurt' — disse — 'vejo que você está melhor'.

'Sim, Oskar. Já passou tudo. Sinto muito ter me descontrolado, mas os insultos do professor não me deram outra alternativa. Do que você queria me falar?' — perguntei, friamente, pois ignorava sua posição perante o ocorrido.

'Escute-me bem, Kurt' — disse — 'você é meu amigo, o único em quem posso confiar. Fui escolhido por Ernst Schäfer, provavelmente, por equívoco, pois nada me liga a ele e ao seu grupo. A cada dia que passa, mais me dou conta de que há algo estranho em tudo isso, mas vivo fingindo, levado pelo desejo egoísta de compartilhar a missão na Ásia e obter o benefício profissional que alcançarão todos os seus membros. Queria falar-lhe com toda a confiança, para que me aconselhe, mas você deve me prometer que não dirá a ninguém o que eu lhe contar. Você pode fazer isso, Kurt? Posso confiar em você?'

'Sabe que sim, Oskar' — disse, aliviado — 'esteja certo de que ninguém se inteirará de nossa conversa nem de seu conteúdo.'

'Aceito sua palavra, Kurt' — deu-me sua mão, para selar o pacto — 'há em todo esse assunto vários pontos extraordinários. O primeiro é o lugar da missão: o Tibete. Evidentemente, nos equivocávamos quando presumíamos que se trataria de espionagem. No Tibete não há nada para espiar — ali vai se buscar outra coisa. E isso não é tudo. Tampouco é claro o critério usado na seleção de nosso grupo, pois não se escolheram os melhores, mas os mais obedientes ao professor Ernst Schäfer. O que você acha de tudo isso, Kurt?'

'Depois do incidente que tive hoje, não poderia opinar de forma imparcial a respeito do professor Schäfer, mas admito que há algo de anormal em tudo isso' — disse, refletindo sobre o que Oskar me confidenciava.

'Se eu tinha alguma dúvida' — continuou Oskar — 'ela se dissipou há pouco, quando ele discutiu com você. Ele não o rejeitou por algum motivo profissional, mas porque algo em você, algo espiritual, poderia fazer com que a missão fracassasse. E esse algo é, para ele, extremamente odioso. Não gosto nada de toda essa loucura. Você acha que eu deveria renunciar ao grupo?'

'Não sei distinguir mais o bom do mau' — disse, com tristeza — 'mas vejo uma boa razão para que você continue na missão ao Tibete: é a única pessoa sadia desse grupo e alguém deve contar as coisas como foram, na volta da viagem!'

Oskar riu, com minha resposta.

'Acho que vou seguir seu conselho' — disse — 'mas vai ser você que colocarei a par de tudo o que ocorrer.'

Senti-me lisonjeado pela confiança de Oskar.

'Outra coisa, Kurt' — continuou — 'sei que você vai deixar passar o que houve hoje e logo o esquecerá, pois assim é o seu caráter generoso, mas dessa vez serei eu que o aconselharei: fale com seu Tutor e conte-lhe tudo o que ocorreu hoje! Dizem coisas incríveis sobre os poderes espirituais de Rudolph Hess, e ninguém melhor do que ele para analisar a inqualificável atitude de Ernst Schäfer. Prometa-me que, pelo menos, pensará nisso.'

'Pensarei, pensarei nisso' — disse, surpreso pela sugestão de Oskar — Eu lhe prometo, mas só verei o *Taufpate* dentro de um mês, para a graduação.'

Despedimo-nos e, uma hora mais tarde, eu entrava no trem para Berlim, imerso em sombrias reflexões.

Capítulo XI

A cerimônia de encerramento das aulas se realizava conjuntamente com outras escolas, em um grande festival, com desfiles populares da Juventude Hitlerista, que culminavam no Estádio de Berlim. Ali, o Estado Maior do Terceiro Reich, liderado pelo Führer, estabelecia um contato direto com a juventude, por meio de discursos e proclamações.

Papai veio do Egito especialmente para assistir à graduação, sendo convidado por Rudolph Hess para participar de uma festa que se celebraria nessa noite na Chancelaria. Seria esta, na minha opinião, a oportunidade esperada para esclarecer muitas incógnitas.

Às 10 da noite em ponto, subimos as escadas de mármore da Chancelaria. Papai, elegantemente vestido de terno, e eu com o uniforme das *Hitlerjugend*, não destoávamos da numerosa afluência que já lotava o grande Salão da Águia, formando diferentes grupos ruidosos de vozes e de risadas. Atravessamos o salão em direção à gigantesca lareira de mármore talhado, procurando Rudolph Hess, enquanto sobre nossas cabeças um lustre de dimensões colossais derramava torrentes de luz, amortecida por milhares de peças de cristal de Baccarat. Nunca tinha visto tanta gente distinta e importante junta. Estavam ali todos os líderes da Nova Alemanha, o Dr. Goebbels, o Marechal Göring, o *Reichsführer* Himmler, Julius Streicher... Em um canto afastado, distinguimos um grupo formado por Rosenberg, Rudolph Hess e Adolf Hitler. Papai, temendo interromper uma conversa reservada, indicou-me que aguardássemos a alguns passos de distância, enquanto bebíamos um cálice de champanhe que solícitos garçons nos trouxeram.

Depois de alguns momentos, Rudolph Hess reparou em nós e, após trocar uma palavra com o Führer, aproximou-se, sorridente.

'Como estão, Reinaldo, Kurt?' — disse — 'Venham, vou apresentá-los ao Führer.'

Era a primeira vez que via Adolf Hitler de perto, honra pouco frequente para um estudante estrangeiro e, ainda que viesse preparado, sabendo que o Führer estaria na festa, não me havia ocorrido que seríamos apresentados.

'Adolf, o Barão Reinaldo von Sübermann' — disse Rudolph.

O Führer saudou papai, dando-lhe a mão efusivamente, mas sem pronunciar palavra.

'***Mein Patenkind Kurt von Sübermann***' — continuou Rudolph — Recém-egressado da ***NAPOLA***, piloto e soldado poliglota, futuro ***Ostenführer*** das ***Waffen ϟϟ***.

Não pude evitar de me ruborizar com a lisonjeira apresentação do *Taufpate* Hess. O Führer esticou a mão, enquanto me cravava um olhar gelado nos olhos. Senti que uma corrente elétrica corria pela minha coluna vertebral, ao mesmo tempo em que uma espécie de vazio estomacal me fazia cócegas na altura do umbigo. Foi uma sensação de um instante, mas de um efeito terrível. Aquele olhar e o contato da mão do Führer tinham atuado como um agente ácido em um balde de leite, descompondo e dissolvendo meu estado de ânimo. Foi um instante, repito, só um instante, no qual eu me senti explorado por dentro.

Já recomposto, observei, com surpresa que — algo incomum nele — um sorriso enigmático se desenhava no rosto do Führer.

'Do Egito, hein?' — disse Hitler — 'Adoro o Egito, terra maravilhosa, que fascinou Napoleão e produziu um Camarada inestimável como Rudolph.'

Rosenberg, que a tudo isso já tinha sido apresentado, observava a cena com expressão divertida.

'Ao ver o senhor, jovem Kurt' — continuou Hitler — 'verifico que não é casualidade a situação de Rudolph. O Egito é realmente um 'Centro de Força Espiritual'; o enigma da Esfinge ainda está vigente. Vocês são a prova' — pegou Rudolph e eu, cada qual por um braço — 'de que uma Ordem Superior guia o Destino da Alemanha. Dois germano-egípcios, que respiraram os eflúvios gnósticos da Alexandria e do Cairo, conduzidos pelos Superiores Desconhecidos até aqui, para colocar sua grande capacidade espiritual a serviço da causa Nacionalsocialista.'

'Ao vê-los' — continuou dizendo o Führer — 'compreendo quão Sagrada que é a tarefa que tomamos sobre nossos ombros, ao fundarmos o Reich dos mil anos. Nossa causa não só é o melhor ideal pelo qual pode viver e morrer um germânico; é também a causa da liberdade da humanidade, da luta para salvar o mundo das forças escuras, do combate final contra os ***elementarwesen***[28].'

Rosenberg e papai assentiam com a cabeça a cada afirmação do Führer, que continuava vertendo conceitos místicos, sem permitir que ninguém interrompesse seu monólogo. Eu me distraí, pensando no estranho poder que tinha sentido ao saudar o Führer. Uma poderosa Força emanava de Hitler, não sabia se voluntária ou espontaneamente, e me perguntava se esse carisma não teria sido adquirido por meio de alguma técnica secreta, de algum conhecimento oculto ao qual alguns poucos privilegiados podem ter acesso.

'... então, diga-me, jovem Kurt, quem são, definitivamente, os inimigos da Alemanha? Contra quem combatemos?' — perguntava Hitler, dirigindo-se a mim.

Reagi, ante a inesperada pergunta, com o desespero de não estar atento a uma parte da conversa. Três pares de olhos, de Rosenberg, Hess e papai, estavam postos em mim, esperando a resposta. No entanto, o que tinha conseguido escutar era suficiente para mim, pois a resposta brotou sozinha, do fundo do inconsciente.

'O Inimigo é um só' — afirmei, categoricamente — 'é ***YHVH-Satanás***.'

Respondi intuitivamente e de modo tão firme, que não foram necessárias correções. Olhei para papai, que ficou instantaneamente lívido, e vi a surpresa retratada em todos os rostos.

'Muito bem, jovem Kurt, muito bem' — dizia Hitler, com uma expressão de intensa alegria — 'você deu a melhor resposta. Poderia ter identificado como nossos mais terríveis inimigos a judaico-maçonaria, o judaico-marxismo, o sionismo etc., mas esses nomes só representam Aspectos diferentes de uma mesma realidade, diferentes Faces de um mesmo e feroz Inimigo: ***YHVH-Satanás***, o Demiurgo deste Mundo. Só um Iniciado ou um

---

[28] ***Elementarwesen****: seres elementais demoníacos que atacam os heróis na saga dos Edda.*

iluminado como o senhor ou Rudolph poderiam dar uma resposta tão exata. Não é mesmo, Alfred?'

Rosenberg sorria, satisfeito.

'Eu o felicito, jovem von Sübermann' — disse Alfred Rosenberg — 'o senhor é uma pessoa de conceitos claros.'

Claro que eu estava completamente aturdido pelo que tinha acontecido. De repente, com aquelas pessoas notáveis, descobri que possuía um 'ouvido interior', um órgão misterioso que me permitia 'escutar' as respostas formuladas concretamente. E essas respostas eram corretas! Nunca senti algo assim e só poderia atribuir essa súbita iluminação à presença do Führer. Ele, com seu estranho magnetismo, havia 'despertado' meu 'ouvido interior'.

Adolf Hitler tornou a tomar a palavra.

'As pessoas não conectadas com a ***Filosofia Oculta*** do nacionalsocialismo costumam cometer graves erros de julgamento, ao avaliar muitas de nossas afirmações, acreditando ver nas mesmas uma superficialidade estúpida quando, geralmente, tratam-se de ideias sintéticas, ***slogans***, extraídos de profundos sistemas de pensamento. Por exemplo, diante da afirmação do jovem Kurt de que 'o inimigo é Jeová Satanás', que é uma ideia sintética de profundo conteúdo filosófico, muitas mentes ignorantes se veriam tentadas a supor que tal conceito parte de um grosseiro antissemitismo. Alegariam argumentos elementares, como esses: Jeová é o Deus de Israel, um Deus de Raça, um entre centenas de Deuses étnicos; é, pois, exagerado tomá-lo como o único Deus ou Demiurgo — objeção, esta sim, antissemita. Ou este outro: Jeová é o Deus de Israel mas, por sua característica monoteísta, é o único Deus; então, por que o identificam com o Demiurgo? É por uma crença herética de tipo ***gnóstico***? — perguntas daqueles que acreditam que ser 'cristãos' implica na adoração a Jeová e que sua rejeição significa uma 'heresia anti-cristã'. Outro argumento banal é o seguinte: se vamos rejeitar o Demiurgo, considerando sua obra material como essencialmente 'má', por que identificá-lo só com o Jeová judeu, havendo centenas de denominações alternativas na mitologia etnológica e nos panteões religiosos de todos os povos da Terra? — interrogações que costumam ter aqueles que ignoram totalmente o que significa Israel na História do Ocidente e qual é o segredo da dinâmica racial judaica.

Objeções como as precedentes seriam apresentadas pelos nossos críticos, ao ouvirem falar de Jeová Satanás como 'o Inimigo contra o qual combatemos' e, claro, surpreender-lhes-ia a palavra 'Satanás' adicionada a Jeová — questão que, sem dúvida, lhes arrancaria irônicas conclusões.

Pois bem, tais argumentos repousam em uma circunstância comum: a ignorância daqueles que os formulam! É claro que nós ***sabemos*** que o Demiurgo recebeu outros nomes ao longo da História. Mas se escolhemos, dentre eles, o de Jeová, é porque trata-se do ***último nome*** com o qual Ele se autodenominou. E com dito nome é designado ainda por Seu 'Povo Eleito',

Israel, o qual não é mais do que um desdobramento psíquico do próprio 'Jeová Satanás'.'

Essas palavras do Führer me surpreenderam vivamente, por suas implicações metafísicas. Os judeus não constituem uma Raça como as demais, composta por ***indivíduos***? Era uma teoria perturbadora a que acabava de ouvir.

'O senhor está surpreso, jovem Kurt?' — perguntou o Führer, que, sem dúvida, percebeu imediatamente minha perturbação.

Mas não me deu tempo de responder e continuou sua explicação:

'Pois ainda não ouviu nada: Israel é um 'Chakra' da Terra, quer dizer, é uma manifestação psíquica ***coletiva*** do Demiurgo Jeová e, por isso, nós afirmamos que o judeu ***não existe*** como indivíduo; que não é um homem como o resto daqueles que compõem o gênero humano.

Mas a manifestação de Jeová em uma Raça Eleita é um evento mais ou menos recente, de poucos milhares de anos, e a ***ordenação da Matéria*** ou 'Criação' data de milhões de anos. Por isso, pela 'novidade' que representa o nome 'Jeová', comparado com outros nomes do Demiurgo, que empregavam os povos mais antigos e culturalmente mais importantes na História, e pela antiguidade geológica do Universo, é que parece ***excessivo*** designar com o nome de 'Jeová' um Deus cósmico. Mas, trata-se só de uma aparência. Aqui há que se imaginar um Demiurgo Primordial, ao qual podemos comodamente denominar de ***O Uno***, tal como o faziam os estóicos. Ele é que ordena o caos e se difunde panteisticamente em todo o Universo — Ele é também o Brahma hindu ou o Alá árabe etc., tomando essas denominações em sua acepção religiosa exotérica.

Mas o Plano Cósmico que, de algum modo, há que se chamar de ***ideia do Universo material***, assenta-se no devaneio do Demiurgo, um estado de quietude que, no entanto, dinamiza o Cosmo, como o 'Deus motor imóvel' de Aristóteles, nesse Grande Dia de Manifestação, que se denomina também de Grande *Manvantara*. Mas, para que tudo 'funcione' sem requerer a intervenção do Uno, 'que ***dorme*** enquanto tudo vive n'Ele', é necessário dispor de um 'sistema automático de correção'. Este é o papel que cumprem as chamadas ***Hierarquias Cósmicas***, miríades de entidades conscientes ***emanadas*** pelo Uno, para que mantenham o impulso dado ao Universo e levem avante seu Plano. O primeiro passo da 'emanação' são as ***mônadas***, Arquétipos superiores que dão fundamento à toda a estrutura cósmica e fazem as vezes de ***matriz*** do plano do Uno. Essas ***entidades conscientes***, Anjos, Devas, Logos Solares, Logos Galáticos, Almas Planetárias etc., ***não são seres individuais***, mas fazem parte do próprio Uno e possuem, pois, uma ***mera aparência de existirem***, devido aos graus de liberdade de que estão dotados, durante o *Manvantara*. Para que algo ***exista*** individualmente, por exemplo, um ente, é necessário ***supor*** (ou sub-por) o ato de existir ao seu ser real, o que supõe também a ***subsistência*** do ente, que impede a comunicação de sua essência substancial com os outros entes ou sua participação metafísica com outros seres, que dizer, coloca um

término formal ao ente ou lhe concede sua forma natural. O recurso para conseguir dita ilusão de existência, mencionada anteriormente, é a extrema mecanicidade da realidade material, baseada nas ***leis evolutivas***, tanto no que se refere aos fenômenos contínuos como discretos, que mantêm o movimento progressivo da matéria e energia na exata consecução do Plano do Uno.

Ditas leis evolutivas são ***conservadas*** pelas 'entidades conscientes' já mencionadas, e ***dirigidas no sentido do Plano***. Assim, podemos distinguir, por exemplo, 'Logos Solares', quer dizer, 'entidades conscientes' capazes de 'criar' um sistema solar, seguindo o Plano do Uno, mas que, na realidade, são ***desdobramentos temporais*** do Uno. Isso também se aplica aos Logos Galáticos ou 'Almas Planetárias' e até os simples Anjos ou Devas — nenhum deles existe como tais, ainda que 'evoluam' sujeitos às leis universais. O importante aqui é compreender que todo esse espetáculo grandioso que estamos recriando é ***pura ilusão***, uma concepção metapsíquica de características colossais, idealizada pelo Uno, para sua íntima contemplação. Porque a verdade é que tudo o que existe desaparece finalmente, quando sobrevém o Grande *Pralaya*, a noite de Brahma, na qual tudo se confunde novamente n'Ele, depois de uma monstruosa fagocitacão.

Mas, dissemos que o Universo se rege por leis evolutivas. Ditas leis, que determinam o Universo Material, de acordo com uma verdadeira 'arquitetura celeste', como bem dizem os satânicos maçons, ocasionam a existência de diferentes planos do espaço ou Céus, em que está constituída a realidade. Assim como há vários 'Céus' — cinco, sete, nove? — há 'Reinos da Natureza' — três, cinco, sete? — ou 'planetas' — cinco, sete, nove, doze? — ou Raças-raízes — três, cinco, sete? — etc. Esses aspectos enganosos fazem parte do Plano do Uno, e os Demônios encarregados de levar adiante dito Plano formam uma ***ordem hierárquica precisa***, baseada na famosa 'lei de evolução' que rege os Céus — todos os ***Céus*** — desde os atômicos, químicos ou biológicos até os cósmicos, nos quais 'evolui' cada mônada, seguindo os Arquétipos de cada Céu. É a famosa 'lei de causa e efeito' que a Sinarquia ensina e que as religiões védicas da Índia chamam de *Karma* e *Dharma*, mas que convém sintetizar como 'lei de evolução'. Esta lei dirige o caminho 'de ida e volta da mônada', a qual toma vários corpos, em diferentes Céus, aos quais desce para 'evoluir'. Esse 'caminho' costuma ser representado como a serpente que morde a cauda, ou o 'Ouroboros'. É claro que jamais se alcança a famosa ***individuação monádica***, pois isso seria uma autêntica mutilação da substância do Uno e, antes que tal coisa sobrevenha, todo o Universo já será fagocitado em Seu Santo Bucho' — aqui, estranhamente, o Führer sorriu, enquanto me olhava intensamente.

Eu me debatia interiormente, enfrentando sentimentos contraditórios. Por um lado, me horrorizava a teoria que estava ouvindo, já conhecida, por tê-la estudado na ***NAPOLA***, mas, dotada agora de um impressionante sentido de realidade ao ser exposta veementemente, com a eloquência irresistível do Führer. E, por outro lado, sentia-me lisonjeado pela honra de

receber dos lábios do Führer da Alemanha uma explicação pessoal, terrivelmente extensa e curiosamente fora de lugar, em uma festa mundana na Chancelaria. De qualquer modo, minha atitude exterior era de respeitosa atenção a cada uma de suas palavras, pois não queria tornar a me distrair.

'Suponho que já conhece essa teoria teosófica que a Sinarquia ensina em suas seitas maçônicas ou rosa-cruzes, e que há de se ***sentir apavorado*** diante de uma concepção determinista na qual não há lugar ***previsto*** para a existência individual ***eterna***, quer dizer, além dos *Pralayas* e *Manvantaras*. E justamente esse pavor, esse grito de rebelião que o senhor ***deve perceber*** brotando de seu Sangue Puro, constitui uma exceção a todas as regras da mecânica determinista do Uno, porque fala de ***outra realidade*** alheia ao Seu Universo material. Como pode ser isso, se dissemos que tudo quanto existe no Cosmo foi pensado e feito por Ele, de acordo com Seu Plano e por intermédio de suas Hierarquias Cósmicas e Planetárias? Pois bem, jovem Kurt, eu o direi em forma breve: porque uma parte da Humanidade, que nós integramos, possui um elemento que ***não pertence à ordem material*** e que não pode ser determinado pela lei de Evolução do Demiurgo. Esse elemento, que se chama Espírito ou Vril, encontra-se presente em ***alguns homens*** como ***possibilidade de eternidade***. Sabemos dele pela ***Memória de Sangue***, mas, enquanto não formos capazes de nos libertarmos dos vínculos que nos ligam à ilusória realidade do Demiurgo e retrocedermos no Caminho de Regresso à Origem, não ***existiremos*** realmente como indivíduos Eternos. O senhor pode me perguntar: como é que em uma Ordem Fechada como a que descrevi, podem coexistir ***elementos espirituais*** alheios a ela e por que, se não podem ser determinados pelas leis da matéria e energia, permanecem sujeitos ao Universo do Uno? Esse é um grande Mistério. Mas o senhor pode considerar como hipótese que, por ***uma razão que ignoramos***, mas que podemos supor, seja por ***uma ordem*** de um Ser infinitamente superior ao Demiurgo, ou ***uma negligência*** incompreensível, ou um ***engano*** colossal, um dia, ingressou no Universo material uma miríade de seres pertencentes a uma Raça espiritual que chamamos de ***hiperbórea***. Suponhamos que ditos seres penetraram no sistema solar por uma 'porta' aberta em outro planeta — por exemplo, Vênus — e que aqui, graças a um ardil, uma parte de seus Guias Hiperbóreos os encadearam à lei da evolução. Esse encadeamento, já o dissemos, ***não pode ser real***, mas, no entanto, os Guias Traidores conseguiram ***confundir*** os Espíritos Eternos, ancorando-os na matéria. Para que fizeram isso? Outro Mistério. Mas o certo, efetivamente, é que, a partir da chegada desses Guias ao sistema solar, foi feita uma mutação coletiva ***em toda a Galáxia***, que ***modificou*** o Plano do Uno. Essa modificação está baseada na traição dos Guias e na queda dos seres imortais. Para que o senhor veja claramente, jovem Kurt, dir-lhe-ei que, aqui na Terra existia um ser humano primitivo, que 'evoluí a' seguindo as leis das 'Cadeias Planetárias' e dos 'Reinos da Natureza'.

Essa evolução era extremamente lenta e visava uma adaptação final a um Arquétipo racial absolutamente animal, dotado de uma mente racional, estruturada logicamente pelas funções cerebrais e possuidor de uma 'Alma' formada por energia dos outros planos materiais mais sutis. Esse 'homem' é o que encontraram, em uma etapa ainda primitiva de seu desenvolvimento, os Guias Traidores, ao chegarem à Terra há milhões de anos. Então, mediante um engenhoso sistema chamado de Chang Shambala, que o senhor terá oportunidade de estudar em nossa Ordem, eles decidiram mutar a Raça humana, encadeando os Espíritos Eternos aos seres humanos ilusórios e materiais da Terra. Desde essa época, existem três tipos de homens: os animais-homens primitivos ou ***pasu***; os semidivinos ou ***viryas***, aos quais foi ligado um Espírito; e os Divinos Hiperbóreos ou ***Siddhas***, que são todos aqueles que conseguem ***retornar à Origem*** e escapar do Grande Engano. Também são chamados de Siddhas Hiperbóreos uma parte dos Guias, aqueles que ***não traíram*** e que, liderados por Kristos Lúcifer, tentam ***salvar*** os viryas, mediante a redenção hiperbórea do Sangue Puro, que consiste em despertar a recordação primitiva da própria divindade perdida. Estes últimos são os Senhores de Agartha... Mas nos afastamos um pouco do nosso tema principal, que versava sobre Jeová Satanás, o Inimigo contra o qual combatemos, para ganhar o direito de regressar à Origem perdida. Então, parecer-lhe-á mais clara essa questão, jovem Kurt, pois se o senhor lembrar que o Uno delegava a umas 'entidades conscientes' a execução de Seu Plano, podemos agora acrescentar que o sistema solar foi construído por uma de tais 'consciências', à qual chamamos de Logos Solar, secundada por Devas de menor hierarquia, que ***ocupam*** determinados postos na mecânica do sistema. Na Terra, uma 'entidade planetária' infundia vida ao planeta e impulsionava a 'evolução' dos Reinos da Natureza, de acordo com o Plano Solar, inserido no Plano Cósmico do Uno. Está claro que se trata de emanações do Uno, vinculadas hierarquicamente: O Uno → Logos Galático → Logos Solar → Anjo Planetário → Alma Coletiva ou grupal etc. Quem é Deus aqui? Segundo o nível de consciência e as diretrizes culturais e religiosas dos homens, pode ser qualquer uma de tais 'entidades conscientes', mas sempre se trata do Uno. Se dizemos que Deus é o Sol, ou se concebe um Deus 'criador' de todo o Universo, estamos falando do Uno. Da mesma forma, se acreditarmos que Deus é a 'natureza' ou a 'via láctea' ou a Terra. As diferentes cosmologias gnosiológicas que os homens apresentam, em suas diferentes etapas da 'evolução', para conceber o mundo, não invalidam o fato de que sempre se alude, direta ou indiretamente, ao Uno, quando se fala de Deus.

Mas, voltemos à Terra. Quando os Guias Traidores chegaram à Terra, se instalaram em um 'centro' ao qual denominaram de Shambala, ou Dejung, e fundaram o que se chamou de Grande Fraternidade Branca ou Hierarquia Oculta da Terra. Não é um lugar localizável fisicamente sobre a superfície terrestre, questão sobre a qual o senhor deverá aprender mais adiante, mas que se encontra situado em uma dobra topológica do espaço. Mas o que

interessa aqui é destacar que o chefe dos Guias Traidores, se autointitula Rei do Mundo, e ocupa o lugar de um dos doze Kumaras do sistema solar. O que é um Kumara? Um Anjo Planetário, uma dessas 'entidades conscientes' encadeadas pelo Uno, que formam a 'ideia de um planeta'. É aqui onde se deve localizar a chave do nome Jeová e de sua 'Raça Eleita'. Porque o Espírito planetário chamava-se Kumara Sanat, que, depois da constituição de Shambala e da vinda do Rei do Mundo, decide atuar como ***regente*** do Uno, na execução de Seu Plano, agora modificado. Para isso se encarna, em nome do Uno, em uma "Raça Eleita", para reinar sobre os Espíritos hiperbóreos escravizados. Essa é a Raça hebraica. Quer dizer que temos, por um lado, a Hierarquia Oculta de Chang Shambala, com seus Demônios — os Guias Traidores e seu chefe, o Rei do Mundo — os quais levam avante, agora, a 'evolução' do planeta e 'guiam' as Raças, por meio de uma sinistra organização chamada de Sinarquia. E, por outro lado, temos a Raça hebraica que não é senão a modificação de Sanat Kumara na Terra, para ocupar o máximo grau da Sinarquia, em nome do Uno. Os próprios hebreus, em sua Kabala, estudam que 'Israel é uma das 10 Sephiroth', a Sephirah Malkut, quer dizer, uma das emanações do Uno.

Finalmente, Jeová é o nome cabalístico do Demiurgo, o Uno, que Sanat Kumara representa na Terra. E é, como disse no início dessa agradável conversa, o ***último nome histórico*** que conhecemos d'***Ele***. Por isso, nós, os ***Antigos Seres Hiperbóreos***, que ainda permanecemos encadeados no Inferno, devemos ter muito em mente que 'o Inimigo é Jeová Satanás, o Demiurgo deste Mundo', como bem disse o jovem Kurt.'

O Führer continuava entusiasmado seu longo monólogo e, ainda que já tivesse se passado uma longa hora e chovessem sobre nós os olhares curiosos de muita gente que desejava sentar-se à mesa, ninguém na Alemanha teria sido capaz de interrompê-lo por um motivo tão prosaico como iniciar uma ceia. Eu, por meu lado, só desejava continuar ouvindo suas incríveis revelações e, por isso, quando me perguntou se o havia compreendido, não vacilei em apresentar-lhe minhas dúvidas:

'Há algo que agora me preocupa' — disse imediatamente — 'tudo quanto o senhor disse, meu Führer, sobre o Demiurgo, o Uno, compreendo perfeitamente e o aceito, mas não posso deixar de me perguntar: quem é Deus então, o ***verdadeiro Deus***? Ou...?'

'Essa é uma pergunta que você não deve se fazer, jovem Kurt' — afirmou categoricamente o Führer — 'não enquanto sua mente esteja submetida à lógica racional, pois só conseguirá, então, chegar a paradoxos irredutíveis. Mas é evidente que a dúvida já germinou no senhor, e que continuará meditando nisso. Dar-lhe-ei, então, uma resposta provisória: Deus é ***incognoscível*** para todo aquele que não tenha conquistado o Vril. Tenha sempre em mente esta verdade, jovem Kurt: a partir da miserável condição de escravo de Jeová Satanás não é possível ***conhecer*** Deus, pois Ele é absolutamente transcendente. É necessário percorrer um longo caminho de purificação sanguínea para saber algo a respeito de Deus, do 'verdadeiro

Deus', como o senhor bem o disse. A maioria das grandes religiões, ao falarem de Deus, referem-se ao Demiurgo, o Uno. Isso ocorre porque as Raças que povoam atualmente o mundo foram 'trabalhadas' pelos Demônios de Shambala, que implantaram ideias sinárquicas na ***memória genética*** de seus membros, para poderem dirigi-las para o grande Arquétipo coletivo que se chama ***Manu***. Assim, percebendo a realidade por trás de um véu de engano, chega-se a essas concepções do Deus panteísta, monista ou trinitário, que são apenas aparências do Uno, o Demiurgo ordenador da matéria.

Veja o que ocorre com o conceito de Deus que possuem os diferentes povos integrantes da antiga família de línguas indo-germânicas. Quase todos os nomes derivam das mesmas palavras e é certo que essas palavras se referiam, em um passado remoto, a um Deus 'Criador de tudo o que existe', quer dizer, ao Demiurgo, o Uno. Em sânscrito, temos as palavras 'Dyans Pitar' que, nos Vedas, se utilizam para nomear o 'Pai que está nos Céus'. Dyans é a raiz que, em grego, produz Zeus e Theo, com sentido similar ao sânscrito, e que passa a ser, em latim, Júpiter, Deus Pater ou Jovis. Os antigos germânicos se referiam, da mesma forma, a Zin, Tyr ou Tiwaz como o Deus 'Criador' de tudo o que existe, palavras que também provém do sânscrito Dyans Pitar.

A mesma etimologia possuem palavras que designam Deus nas famílias de línguas turanianas e semitas. Nessa última família, de importante relação com o hebreu, encontramos 'El' como uma antiga denominação do Demiurgo, em seu representante planetário 'O forte'. Na Babilônia, Fenícia e Palestina adorou-se a *El, Il, Enlil* — nomes que os árabes transformaram em *Il-ah* ou *Alah* etc. Não lhe deve estranhar, jovem Kurt, essa unidade etimológica, pois o alarmante é a 'unidade de conceito' que se descobre por trás das palavras mencionadas, já que em todas as religiões e filosofias sempre se chega a duas ou três ideias de Deus, aparentemente irredutíveis, mas que, na realidade, se referem a diferentes aspectos do Demiurgo — seja a preferência por um 'Deus panteísta e imanente': o Uno; ou 'transcendente', mas 'Criador dos Céus e da Terra': Jeová Satanás, Júpiter, Zeus, Brahma etc.'

O Führer me olhava agora com os olhos brilhantes e eu adivinhei que suas próximas palavras teriam um conteúdo realmente importante:

'Houve uma guerra, jovem Kurt. Uma guerra terrível, da qual o *Mahabharata* mostra, talvez, uma lembrança distorcida. Dita guerra envolveu ***vários Céus*** em seu teatro de operações, e produziu, em sua expressão mais externa, o que se costumou chamar de 'o afundamento da Atlântida'. Mas ninguém conhece a fundo ao que se faz referência, quando se fala da 'Atlântida', já que não se trata apenas de 'um continente afundado'. Dita guerra já tem mais de um milhão de anos neste plano físico, durante os quais foram várias as Atlântidas físicas, continentais, que se afundaram. E agora, em nosso século XX, podemos dizer que novamente se

preparam para 'afundar a Atlântida'. Mas, deixemos esse Mistério por ora, pois o senhor terá que voltar a ele durante seus estudos.

Para concluir essa conversa, dir-lhe-ei uma última coisa, jovem Kurt. Saiba o senhor que, nessa Guerra Essencial, na qual se combate pela libertação dos Espíritos cativos, pela mutação coletiva da Raça, contra a Sinarquia e contra Jeová Satanás, o Terceiro Reich comprometeu todo o seu potencial espiritual, biológico e material.'

Com essas terríveis palavras, o Führer pareceu dar por encerrada sua explicação. Olhei ao meu redor e comprovei que papai, Rosenberg e Rudolph Hess ainda continuavam ao meu lado.

Um elegante garçom informou ao Führer que, quando quisessem, poderiam ir para o pátio interno, para um jantar frio. Eram onze horas da noite. O Führer e Rosenberg se despediram de nós e foram se reunir com Göring e o Dr. Goebbels na cabeceira da mesa. Rudolph Hess convidou papai e eu para nos posicionarmos para cear, mas eu não estava bem, depois da conversa com o Führer e, arriscando ser ofensivo, decidi falar francamente com ambos.

Capítulo XII

É tão difícil reunir-me com os dois, *Taufpate* Rudolph Hess e papai — disse — a última vez que estivemos juntos foi há quatro anos, quando ingressei na ***NAPOLA***. Talvez amanhã ou depois de amanhã partiremos para o Egito e não sei quando haverá outra oportunidade de termos uma conversa. Não poderíamos nos retirar por um momento?

Papai havia começado a protestar, mas Rudolph o interrompeu.

'Você tem toda a razão, Kurt. Venham por aqui' — mostrou uma porta — 'que eu também tenho que lhes falar.'

Um momento depois, estávamos instalados no escritório de Rudolph Hess que, por trás de uma grande escrivaninha ministerial de carvalho entalhado, se balançava em uma confortável poltrona. Apressei-me em iniciar a conversa.

'Antes de mais nada' — disse — 'desejo que um dos senhores me esclareça uma questão na qual todos parecem estar de acordo, inclusive o Führer, como pude comprovar hoje, mas da qual só tenho obscuras referências. Refiro-me a um tipo de qualidade espiritual que eu teria, desconhecida para a maioria das pessoas, mas que algumas pessoas são capazes de distinguir. Pode ser o misterioso Signo que os árabes Ofitas mencionavam, quando eu era menino no Egito e eles me sequestraram; ou a "grande capacidade espiritual da qual o Führer falou antes. Não sei o que é, mas alguns parecem saber... e não gostar disso, como, por exemplo, o Professor Ernst Schäfer.'

Rudolph Hess arqueou as sobrancelhas ao ouvir o nome do homem da ***Abwehr***. Em seguida, relatei-lhes a amarga experiência vivida dias atrás.

Percebi um brilho de ira nos olhos escuros do meu padrinho.

'A ***Abwehr*** só produziu traidores! Isso é algo que você deverá ter em mente desde agora, Kurt. Dir-lhe-ei um segredo que apenas quatro pessoas no Terceiro Reich conhecem, incluindo o Führer e eu. Um segredo que se refere a você e ao que acaba de me contar. O Professor Schäfer não está errado em desconfiar de você. Certamente ele não poderia estar seguro de realizar a ***Altwestenoperation*** se você fosse incluído nela! Mas você está inevitavelmente vinculado a essa expedição, queira ou não Schäfer, e intuitivamente você captou e se aproximou dele em um mau momento. Não posso lhe revelar agora os motivos desse vínculo, mas talvez outra pessoa, que logo você conhecerá, os explique — é um dos partícipes do segredo. Com certeza, você será, no futuro, um representante pessoal do ***Reichsführer*** Himmler — a quarta pessoa no segredo — diante de Ernst Schäfer. E este nada poderá fazer para evitar isso. Eram nossos planos, mas, sugestivamente, você se adiantou a nós. Nada que não tenha conserto! Você deve se perguntar como é que o Führer ou o ***Reichsführer*** sabiam da sua pessoa. Mesmo que não tenha notado, todos esses anos você foi objeto de intensa vigilância por minha parte e de outras pessoas que não conhece, pois o Terceiro Reich preparou um caminho para você, apropriado às suas possibilidades, que lhe permitirá servir à pátria como ninguém o fez, ao mesmo tempo em que desenvolverá suas faculdades espirituais. Em breve, muito em breve, você saberá de tudo e nos compreenderá!'

Ainda não tinha recebido resposta às minhas interrogações, mas estava comovido e entusiasmado com o promissor futuro de sucesso que me anunciava Rudolph Hess. Isso sim, uma coisa me intrigava inconscientemente: a que se deveria o curioso nome da expedição de Ernst Schäfer, ***Altwestenoperation***, quer dizer, ***Operação Velho Oeste***? A lembrança dessa dúvida, e sua incrível resposta teriam lugar logo, dois anos depois, no coração do Tibete.

'Você quer respostas e tem todo o direito a isso' — Rudolph continuou falando — 'mas este não é o momento e nem o lugar apropriado para tratar de Mistérios espirituais. Nesses anos, deve ter sentido falta da minha presença, mas era melhor para você que eu não interviesse diretamente em sua vida, para que o desenvolvimento psicológico se produzisse normalmente — inclusive combinamos isso com seu pai.'

Papai assentiu com a cabeça.

'Agora será diferente, terá seu posto e estará perto de mim. Mas, primeiro, deve conhecer a ***nossa Filosofia***. Não me refiro à doutrina nacionalsocialista, tal como aparece no livro do Führer, 'Mein Kampf'[29] ou no de Alfred Rosenberg 'O Mito do Século XX', mas a uma ***Filosofia Oculta***, à qual nós — um pequeno grupo — aderimos, como você, sem dúvida,

[29] ***Mein Kampf***: *Minha Luta.*

também o fará. Você deve compreender que não se trata aqui de um conhecimento estéril, que se pode reduzir a um 'código de princípios' ou a um 'manual operacional', mediante o qual regemos nossos atos. Trata-se, pelo contrário, de adquirir um conhecimento que atua dinamicamente sobre o Espírito, transformando-nos internamente, dotando-nos de uma Sabedoria milenar, que nos faz transcender o plano meramente humano da existência.'

'Você está especialmente dotado para acessar esse estado Semidivino' — prosseguiu Rudolph, respondendo, em parte, a pergunta sobre o Signo — 'pois tem algo interior que poucos homens possuem: ***a possibilidade de Ser***. Isso você compreenderá melhor em breve, ao conhecer os segredos da Ordem, mas, posso lhe antecipar que, tal como disse há alguns momentos o Führer, nem todos os homens são iguais, nem todos existem, nem todos podem 'ser'. Pelo contrário, para aqueles que dispõem da ***possibilidade de Ser***, a luta e o esforço devem ser colocados em transcender este mundo de imagens ilusórias e se perpetuar na eternidade, em outro plano de existência, ao qual só poderemos chegar se despertarmos do sonho demoníaco no qual estamos submersos. A maioria dos homens que você vê no mundo não existe realmente, ou, se preferir, vivem uma 'existência relativa', ilusória, que é um sopro para a eternidade. Sua consciência se dilui com a morte, ainda que muitos acreditem o contrário, e nada sobrevive a eles. A eternidade, querido Kurt, é para alguns poucos, para uma Aristocracia do Espírito, fundamentada em Heróis semidivinos, em Super-homens que, à custa de travar um duro combate com o Príncipe deste Mundo, ***YHVH-Satanás*** — como justamente você o denominou — transmutam sua natureza inferior e ganham seu lugar no ***Valhala***[30].'

'Tudo lhe será revelado, Kurt, porque você é um Herói Semidivino, um Virya — isso o prova a marca de Lúcifer que tanto o preocupa e que só indica a pureza de sua linhagem espiritual.'

'Mas, Lúcifer... não é o Diabo?' — perguntei, com cautela.

Essa pergunta eu deveria ter feito ao Führer, mas não tive coragem para isso.

'Lúcifer, o portador da Luz Incriada, o Diabo?' — indignou-se Rudolph Hess — 'essa é a blasfema calúnia que lhe impôs Jeová Satanás, por intermédio de seus discípulos, os judeus e alguns imbecis cristãos e muçulmanos não esclarecidos. Lúcifer é Kristos. O Kristos da Atlântida...'

Rudolph Hess respirou profundamente, antes de continuar.

'Deixemos por ora esses Mistérios e falemos de você, Kurt' — disse Rudolph, mudando de assunto — 'cumpriu satisfatoriamente uma dura etapa de estudos e se abre para você outro ciclo de esforços. É nossa vontade' — olhou para papai, que tornou a assentir com a cabeça — 'que

---

[30] ***Valhala*** *ou* ***Valholl****: Morada de* ***Wothan*** *ou* ***Odin*** *nos* ***Edda****. Lugar para onde vão os guerreiros mortos em batalha. Paraíso celeste dos heróis. Para a Sabedoria Hiperbórea o Valhala é um centro habitado pelos Deuses Libertadores ou, como dizia o Führer, pelos "Siddhas Hiperbóreos".*

ingresse nas ***Waffen*** ᛋᛋ para o seu aperfeiçoamento militar e político. Mas isso é, digamos, um treinamento exotérico, quer dizer, externo, pelo menos até que chegue ao Círculo Restrito de ***Wewelsburg***[31]. Há outra via paralela que você deverá tomar e que também exige esforços e sacrifícios. É um caminho oculto, esotérico, que lhe permitirá superar-se espiritualmente e resolverá suas dúvidas mais secretas. Já ouviu falar da ***Thulegesellschaft***[32]?'

Pensei um momento, mais por compromisso do que por outra coisa, pois temia a certeza de que jamais havia ouvido mencionarem esse nome.

'Não' — respondi.

'É um grupo secreto de homens sábios' — disse Rudolph Hess, em tom respeitoso — 'facilitarei seu ingresso na Ordem e eles o ajudarão a progredir, mas você deve entender, desde o início, o seguinte: as Ordens Hiperbóreas como a *Thulegesellschaft* seguem uma disposição circular. Nas organizações mundanas do tipo da francomaçonaria — ou para simplificar, como qualquer burocracia administrativa — progride-se verticalmente, degrau por degrau, desde a base de um triângulo até o vértice, que ocupa a maior Hierarquia. Em uma Ordem Hiperbórea, pelo contrário, se progride superando círculos concêntricos. Você, por exemplo, ao ingressar na Ordem, é um círculo amplo, talvez o círculo externo. Não digo que você formará parte de um círculo ou que ocupará um lugar em um círculo, mas que 'você é o círculo'. Como você, há outros membros que são círculos de maior ou menor diâmetro, organizados concentricamente ao redor de um centro de Poder, ocupado pelo máximo nível de Sabedoria. Por isso, digo que se progride 'superando círculos' e não 'atravessando círculos' de diferentes níveis, pois a Sabedoria Hiperbórea consiste em estreitar o círculo próprio para o centro, em 'restringir o círculo' até onde o permita nossa capacidade. Entendeu, ***Patenkind***?'

'Creio que sim — disse, sem muita convicção — 'mas tudo isso, que tão gentilmente o senhor me explicou, me traz sossego e tranquilidade. Tenha a certeza de que farei o possível para não defraudar sua confiança nem a fé de papai.'

'Bem, então não há nada mais a falar. Lembra-se de Papp, o oficial ᛋᛋ que você conheceu em Berchtesgaden? Agora é ***Oberführer***[33]. Você se dirigirá a ele, quando voltar do Egito, para saber os passos a seguir.'

Rudolph Hess apertou um botão, obtendo como resposta a chegada apressada de um oficial da guarda. Ordenou a ele que dispusesse que trouxessem champanhe ao importante escritório. Rudolph não bebia, mas isso era diferente, pois deveríamos brindar pela minha graduação e pelo

---

[31] ***Wewelsburg***: *era um* ***Ordensburg*** *ou Castelo de treinamento das* ᛋᛋ*, conforme se verá mais adiante.*

[32] ***Thulegesellschaft***: *Ordem de Thule. Sociedade Secreta esotérica, cuja filiação se trata em outra parte da obra.*

[33] ᛋᛋ ***Oberführer***: *grau da* ᛋᛋ *equivalente a Coronel.*

futuro da Alemanha. Em seguida, iniciou uma conversa franca com papai, recordando histórias comuns dos seus dias de estudante e do Egito.

Assim se concluiu a etapa de estudante em minha vida, *Neffe* Arturo. Ao voltar do Egito, as coisas tomaram outro rumo e, enquanto eu cumpria as diferentes etapas de treinamento nas Waffen ᛋᛋ, para chegar, em 1939, ao castelo de ***Wewelsburg***, também passava por diferentes círculos da ***Thulegesellschaft***. Como os eventos que realmente o surpreenderão já se conectam com sua própria experiência, e ocorrem imediatamente a partir de 1937, tentarei resumi-los com alguns detalhes. Já em 1939, ao regressar de uma missão terrível, infernal, que é o que foi a Operação ***Altwesten***, recebi a instrução que, em parte, permitiu-me compreender tudo. Os anos seguintes, especialmente a partir de 1941, passei cumprindo missões na Ásia — missões semelhantes à que tinha realizado na Operação ***Altwesten*** e análogas, também, à ***missão esotérica*** realizada por Rudolph Hess, com seu histórico voo à Inglaterra, em 1941. Missões com a mesma característica estratégica do que a cumprida por Belicena Villca e seu filho Noyo, quer dizer, missões de distração tática, para confundir e desviar o Inimigo — mas missões que requerem, para sua execução, a prévia Iniciação Hiperbórea de seus agentes.

Mas essa parte do relato deixaremos para depois. São 12:30 e a boa Juana já deve ter preparado o almoço."

Capítulo XIII

Efetivamente, um instante depois, a velha entrou, trazendo em uma bandeja um apetitoso ensopado *criollo*. *Chiquizuela* (joelho de boi), chouriço vermelho, toucinho, grão-de-bico, feijão, batata, cenoura, alho-poró, cebola e milho, tudo fervendo e fumegante, acompanhado de azeite, vinagre e mostarda.

O último relato de tio Kurt me encheu de expectativas e curiosidade. Enquanto eu untava o milho com a amarela manteiga caseira, não deixava de pensar nas particulares experiências vividas por tio Kurt no Terceiro Reich e, em especial, na sua predestinada relação com Rudolph Hess, o estranho lugar-tenente de Adolf Hitler. Esse período da História recente, que vai de 1933 a 1945, para mim, como para a maioria dos que nasceram depois da guerra, não era conhecido em sua dinâmica essencial. Os aliados, vencedores em uma guerra que foi, sem exagero, a maior de que se recorda na História Universal, apresentam-nos uma imagem pueril das nações perdedoras e da época anterior à guerra. Os porta-vozes da aliança vencedora, impossibilitados moral e intelectualmente de rebater com argumentos, ao menos críveis, as Grandes Ideologias Nacionalistas da pré-guerra, recorrem ao irracional sistema de utilizarem a mentira, a calúnia, a desinformação etc., com a perversa intenção de confundir e desvalorizar o

significado das palavras. Denomina-se, por exemplo, de "fascista" qualquer tiranozinho sul-americano, mais próximo de um ***capo*** mafioso do que de um estadista genial como o "Duce". O Fascismo, o Nacionalsocialismo, o Tradicionalismo japonês, sistemas completos de Filosofia Política, aparecem na escrita dos Publicitários da Revanche desprovidos de seu conteúdo místico, espiritual e intelectual, reduzidos a grosseiros esquemas totalitários, e os líderes desses movimentos são apresentados como casos patológicos.

Por essas razões, o relato do tio Kurt tinha a dupla virtude de me iluminar a respeito de um período escuro da História recente, que ele viveu intensamente, e de me permitir verificar o que eu suspeitava desde que comecei a duvidar das "virtudes espirituais" de algumas "Potências aliadas" que afundaram o mundo no materialismo e na decadência. Isto é: que os Grandes Sistemas Nacionalistas mencionados, especialmente o Nacionalsocialismo, ocultavam uma corrente espiritual poderosa e secreta por trás da fachada de suas respectivas organizações políticas. Em um fundo esotérico, zelosamente ocultado pelos ferozes vencedores, existia uma luz espiritual, um objetivo não revelado que agora era translúcido no relato do tio Kurt. O que pretendiam fazer o Führer e os demais líderes do Terceiro Reich? O que tentava realizar Rudolph Hess quando voou à Inglaterra, em maio de 1941? Muitas perguntas como essas dançaram em meu cérebro durante todo o almoço, e eu tremia de alegria ao considerar a possibilidade de que tio Kurt tivesse as respostas.

Por outro lado, um recatado sentimento de humildade me assaltava, cada vez que recordava como tinha chegado até ali, persuadido de estar envolvido em uma aventura única, de ser protagonista privilegiado de um drama cósmico. Pois o que havia me acontecido, sem subestimar o perigo real que envolvia, era brinquedo de criança, à luz da experiência vivida por meu tio ᛋᛋ. Ao pensar assim, sentia que novas forças acudiam em meu auxílio, para cumprir o pedido de Belicena Villca.

Há alguns dias, eu vinha desejando abandonar o leito de enfermo, pois já me sentia bastante disposto. No entanto, algo inconsciente me bloqueava a vontade, quando decidia me vestir e descer aos andares inferiores da casa. A princípio, não sabia o que era que me impedia de fazer isso, mas depois fui descobrindo, com estupor, que simplesmente me aterrorizava a ideia de estar diante dos *dogos*, que perambulavam livremente pela área circundante da casa. Em mais de uma ocasião, eu os havia observado pela janela e, apesar de seu descomunal tamanho e feroz aspecto, não pareciam ser realmente agressivos. Deveria aceitar, sem reservas, a explicação do tio Kurt de que me atacaram induzidos por ele, mas uma coisa é falar e outra é enfrentar esses animais, depois de tão desagradável experiência anterior.

Mas, desta vez estava firmemente decidido a abandonar o leito de enfermo. Depois de me vestir, pela primeira vez em quinze dias, com roupas que peguei da minha bagagem, desci lentamente pela bela escada de ônix, que dava para o espaçoso *living room*, desconhecido para mim até esse

momento. Não encontrei ninguém à vista e, sem muita vontade de explorar a casa por minha conta, me acomodei em um sofá — era o mesmo onde fiquei desmaiado na primeira noite — diante das amplas janelas que davam para a área externa.

Eu supunha que tio Kurt estivesse almoçando, mas logo me dei conta do meu erro, ao vê-lo chegar do exterior da casa. Ele se surpreendeu e se alegrou ao mesmo tempo, ao me ver fora da cama.

— Bom, bom — disse — vejo que você se sente bem!

— Sim, tio Kurt, acredito que já é hora de voltar à vida normal — dei uma palmada no braço engessado — pelo menos enquanto espero que me tirem o gesso.

Ele sorriu, com expressão aprovadora.

— Se realmente você se sente à vontade aqui, ficaremos conversando toda a tarde, e depois cearemos na sala de jantar.

Assenti com a cabeça. Estava feliz, esperando um novo relato do meu tio e pensando que as coisas finalmente iriam voltar aos trilhos.

Tio Kurt sentou-se à minha frente em uma poltrona e falou sobre um tema irrelevante, para dar tempo a que a velha Juana nos servisse duas fumegantes xícaras de café.

Finalmente, disse:

— Em agosto de 1937 regressei do Egito e fiz contato telefônico em Berlim com o ***Oberführer*** Papp, por quem tinha desenvolvido, depois de quatro anos de agradável tratamento, um afeto particular.

"Eu o saudei — 'Olá, Edwin' – depois que a operadora me comunicou com Papp — 'há algo para mim?'

'Sim, Kurt. Você deve vir à Chancelaria para receber as instruções. Onde você está?'

'Na Estação Central de Trens. Dentro de trinta minutos posso estar aí.'

'Bem, dirija-se ao Escritório de Segurança e identifique-se ao ᛋᛋ ***Oberscharführer***[34] Kruger. Ele o conduzirá a mim.'

Depositei a bagagem em um cofre da estação e parti ao encontro do ᛋᛋ ***Oberführer*** Papp. Não reservei alojamento em um hotel, pois queria certificar-me se não teria que continuar viagem para alguma repartição militar — o que realmente ocorreu.

O ᛋᛋ ***Oberscharführer*** Kruger conduziu-me através de um emaranhado de corredores e passagens até o escritório onde se decidia tudo o que era concernente à segurança do Führer, na área da Chancelaria.

Era um pequeno mundo à parte, que ocupava uma ala traseira do Palácio da Chancelaria, passando por um pátio interior, e que reunia, sob o comando do ᛋᛋ ***Oberführer*** Papp, vários setores cujas atividades específicas tão diferentes convergiam no objetivo comum da Segurança. Funcionavam ali um esquadrão da Gestapo, uma equipe de Comunicações e Radiogoniometria, um pequeno grupo do Serviço Secreto das ᛋᛋ, um

[34] ***Oberscharführer***: *Sargento da* ᛋᛋ.

laboratório químico, uma enfermaria com plantão médico permanente de 24 horas por dia. Tudo montado, equipado e atendido pela ***1. ᛋᛋ-Panzer-Division Leibstandarte ᛋᛋ Adolf Hitler***.

'Olá, Kurt! Alegro-me em vê-lo, rapaz! Sinceramente! — disse o ᛋᛋ ***Oberführer*** Papp — 'Sente-se, por favor.'

Acomodei-me em uma cadeira diante da escrivaninha ocupada por Papp. O escritório era uma construção recente de concreto armado, por isso o teto tão baixo contrastava com a grande altura dos corredores atravessados para chegar até ali. O ᛋᛋ ***Oberführer*** Papp me observava com visível simpatia, sentado em uma poltrona giratória. Sobre a sua cabeça, um quadro mostrava o Führer olhando à distância. Em ambos os lados, dois arquivos metálicos cercavam a escrivaninha.

'Eu também me alegro ao voltar a vê-lo — respondi — estou extremamente feliz de estar novamente em Berlim.'

'Pois não será por muito tempo' — disse Papp sorrindo — 'creio que você parte imediatamente para o ***Ordensburg*** de ***Crössinsee***. Aqui tenho as ordens para você. São dois envelopes...' — começou a procurar em um arquivo.

'Crössinsee fica na Prússia Oriental, não?' — perguntei.

'Sim, na Pomerânia. Aqui estão suas ordens!'

Entregou-me dois envelopes de papel manila. Um, maior, no qual se lia em letras grandes ***Crössinsee***, continha todos os papéis de incorporação à ***Ordensburg*** das ᛋᛋ. No outro uma inscrição manual, em delicados caracteres góticos, dizia que o envelope deveria ser aberto na presença do ᛋᛋ ***Oberführer*** Papp. Abri o selo e extraí do interior do envelope uma carta de próprio punho de Rudolph Hess. Dizia assim:

'Berlim — agosto de 1937
Sr. Kurt von Sübermann
Querido ***Patenkind***:

Preparei o necessário para que você ingresse no ***Ordensburg*** de ***Crossinsee*** e, depois de receber a instrução mínima, seja transferido para outros ***Ordensburg***. Você deve partir imediatamente para a Pomerânia, incorporar-se e adaptar-se à nova vida. Logo que tenha cumprido essa parte — deixe passar pelo menos um mês — comunicar-se-á com a ***Thulegesellschaft***.

Seu contato em Berlim chama-se Konrad Tarstein. Você o encontrará na ***Gregorstrasse 239***. Ele já está a par do seu ingresso na Ordem; você só deve se apresentar, dando seu nome. A princípio, você se juntará à ***Thulegesellschaft*** de Berlim, e por isso deverá viajar da Pomerânia a Berlim nos finais de semana, mas, se tiver que vir em algum outro momento, pode se dirigir ao ᛋᛋ ***Oberführer*** Papp para que providencie a respectiva licença.

Boa sorte, ***Patenkind***. Lembre-se do meu conselho: 'progrida em círculos, restringindo o círculo.'

Rudolph Hess.

Nota:

Memorize o nome e o endereço de seu contato e entregue esta carta ao ϟϟ ***Oberführer*** Papp, que tem ordens para destruí-la. Não deve existir nada escrito que possa lhe comprometer, nos comprometer ou comprometer a ***Thulegesellschaft***.

Heil Hitler.'

Li duas vezes a carta e depois a entreguei ao ϟϟ ***Oberführer*** Papp, que a destruiu diante dos meus olhos, colocando-lhe fogo com um isqueiro.

'Rudolph Hess está em Berlim?' — perguntei.

'Não. Encontra-se em Berchtesgaden com o Führer.'

Imediatamente, lembrei-me que, nessa mesma data, há quatro anos, estivemos com papai e Rudolph Hess em Berchtesgaden. Não havia, pois, nada mais a fazer em Berlim e, depois de me despedir do ϟϟ ***Oberführer*** Papp, parti para a estação de trens, para empreender a viagem até a Prússia Oriental o mais rápido possível.

Capítulo XIV

Uma hora mais tarde, da janelinha do trem do norte, via passarem os últimos bairros de Berlim. Eu estava pensativo, lembrando da carta de Rudolph Hess e me lamentando por não poder encontrá-lo para perguntar-lhe algumas coisas que requeriam uma resposta urgente. Algo extraordinário estava me ocorrendo há algum tempo e, salvo Rudolph Hess, não confiava em ninguém para falar a respeito disso.

Desde a noite da graduação, quando fui apresentado ao Führer, comecei a sentir um curioso fenômeno psicológico. Naquela ocasião, respondi ***YHVH-Satanás*** às perguntas do Führer: quem é o Inimigo da Alemanha e contra quem combatemos? E acreditei reconhecer que dita resposta não tinha sido raciocinada por mim, mas 'captada' ou algo assim como 'escutada' com um ouvido interno.

Para mim, não havia dúvidas de que a 'Voz' ouvida era alheia, quer dizer, que vinha de fora da minha consciência. Mas também compreendia a impossibilidade de transmitir essa experiência para outra pessoa, sem correr o risco de inspirar desconfiança sobre a minha sanidade. Durante a viagem ao Egito, meditei nisso e cheguei à conclusão de que a presença do Führer havia desencadeado um fenômeno de descarga inconsciente, sendo a Voz ouvida simplesmente uma intuição formal. Ou seja, que, de alguma

maneira, eu 'sabia' a resposta e, em um momento em que estava psicologicamente bloqueado pela irresistível personalidade do Führer, a 'adivinhei' ou acreditei fazer isso, tomando uma intuição por uma percepção extrasensorial. Era uma conclusão cética, mas eu tinha a certeza de que dito fenômeno seria puramente circunstancial, que não tornaria a se produzir. Aferrava-me a essa certeza, com o oculto temor de que sua repetição implicasse em uma perda do equilíbrio racional.

É compreensível. Em uma sociedade que considera 'normal' o que é comum a todos, quer dizer, coletivo, e reprime com a alienação o que se afasta do 'normal', sentir-se diferente pode ser perigoso, em muitos sentidos. Principalmente porque a falta de 'padrões' ou 'modelos' — eliminados sistematicamente ou auto-eliminados pelo medo — para comparar nossa 'anormalidade', nos induz a temer uma perda da razão. Esse temor de possuir dons ou virtudes que nos façam ser diferentes dos demais é considerado uma 'santa prudência', em um mundo que glorifica a mediocridade do homem mediano e desconfia do indivíduo.

De modo que, temeroso pelas implicações que teria ao considerar essa experiência como um fenômeno real, eu atribuía a Voz escutada a uma projeção do inconsciente sobre a consciência.

No entanto, o fenômeno tornou a se repetir e não uma, mas várias vezes mais, com o consequente alarme de minha parte, que temia padecer de algum tipo de esquizofrenia.

Mas, assim que me dissiparam as dúvidas e meditei serenamente, não pude deixar de reconhecer que esse fenômeno distava de ser perigoso e, diria que, inclusive, era simpático. A razão de tal conclusão estava na 'certeza' que sentia agora de que a Voz ouvida era totalmente alheia ao meu próprio ser. Claro que se poderá argumentar que a 'certeza' que pode ter um homem na percepção de fenômenos pertencentes à sua própria esfera de consciência é totalmente subjetiva. E é certo, pois, em geral, que a 'certeza' não garante, de modo algum, a verdade de sua afirmação.

Por exemplo, quando o caçador sente-se 'certo' de acertar sua presa e erra o tiro, ou quando o estudante, 'certo' de ter dado a resposta adequada, comprova que o professor o qualificou com um zero, pode-se dizer que 'falhou' a certeza. De que depende, então, o sucesso, se quando estou 'certo' de obtê-lo, posso fracassar?

Para responder a isso, deve-se distinguir entre 'certeza subjetiva' e 'certeza objetiva'. A primeira está mais próxima da imaginação e a segunda, da realidade. A certeza subjetiva se apoia na fé; a certeza objetiva se apoia na realidade. Aquele que acredita pegar uma maçã com a mão e o que realmente pega é uma maçã, indubitavelmente dispõe de uma certeza objetiva. Se, ao contrário, acredita pegar uma maçã e na realidade pega outra coisa, sua certeza é subjetiva. Há, pois, uma brecha entre a certeza subjetiva e a certeza objetiva que, conforme os indivíduos, pode chegar a ser um abismo.

Mas é desejável que a certeza experimentada no que se faça ou pense seja o mais objetiva possível. Então, como se deve fazer para fechar a brecha que separa a certeza subjetiva da certeza objetiva? Tirando o caso de uma predisposição natural à realidade objetiva, a resposta seria que a 'experiência' anterior assegura mais probabilidades de que a 'certeza' na concretização de um ato se realize objetivamente.

Para compreender melhor o tema, deve-se distinguir também entre a certeza do entusiasta e do especialista. Diante de uma mesma prova, ambos se sentem 'certos', mas com mais probabilidade, só o especialista chega ao sucesso, enquanto o entusiasta fracassa. A 'certeza' do especialista baseia-se na experiência anterior; a do entusiasta na fé em si mesmo. Mas, como todo especialista, em uma fase inicial, deve ter sido um entusiasta, é possível que o entusiasta, se persevera, algum dia chegue a ser um especialista.

De forma que a certeza é tanto mais objetiva quanto mais é acompanhada da experiência. Mas, se a certeza subjetiva é traída pela realidade objetiva, se fracassa, sobrevém a decepção da derrota. Deve-se concluir, então, que a capacidade de superar os fracassos é um fator condicionador para capitalizar a experiência a favor de uma certeza objetiva.

A certeza, por outro lado, é uma atitude psicológica fundamental para enfrentar as provas da vida. Aquele que enfrenta o desafio de uma prova deve contar, antecipadamente, com o sucesso, deve estar 'certo' de ganhar, e um fracasso não vai desanimá-lo a ponto de não tentar de novo. Nos casos anteriores, nem o caçador deixa de caçar porque falhou em um tiro, nem o estudante deixa de estudar porque adiaram-lhe um exame — ambos se superam e capitalizam a experiência, aumentando sua certeza objetiva, tornando-se mais 'especializados'.

Considerando esses conceitos, pode-se agora compreender minha atitude diante do fenômeno da Voz. Concluia que 'estando preparado psiquicamente durante vários anos, em um rigoroso treinamento intelectual, a segurança que eu dispunha na certeza dos julgamentos era bastante objetiva'. Quer dizer que, intelectualmente, quando estava 'certo' de um conceito, era 'certamente' correto. E, com essa segurança tão objetiva nos julgamentos, dizia a mim mesmo que a Voz não provinha do meu inconsciente, não fazia parte do meu Eu, era alheia ao meu Espírito ou era, talvez, outro Espírito.

Devo enfatizar que a segurança que eu tinha de estar certo era acompanhada de uma profunda análise, na qual considerava, entre outras coisas, o fato de que a Voz era capaz de emitir conceitos que eu, de forma alguma, conhecia. Isso pode ter uma explicação mais ou menos psicológica, mas alguns conceitos eram muito específicos e, no entanto, a Voz os utilizava e estruturava com grande precisão. Portanto, a Voz era 'Sábia' e isso sim que não tem explicação rebuscada, salvo que se aceite o que realmente era: que a Voz pertencia a uma entidade psíquica alheia a mim.

Outro elemento do fenômeno que eu levava em conta para a análise era o fato de que não tinha sido espiritualmente 'invadido' por outra entidade,

como ocorre na possessão diabólica ou no espiritismo, mas que à minha consciência chegava apenas a Voz, nítida e enérgica, sem consequências psicossomáticas de nenhum tipo.

Quer dizer que ao se produzir o fenômeno, eu não 'via', nem 'sentia', nem 'provava sabores', nem 'cheirava' nada estranho; apenas ouvia a Voz e era, repito, como se tivesse sido 'aberto' o meu ouvido interior.

Nas primeiras vezes em que escutei a Voz, fui surpreendido pela inesperada mensagem que surgia aos saltos, enérgica e velozmente, disparada ritmicamente como um raio. Não aparecia sempre, mas quando eu meditava em alguma questão que requeresse concentração. Para que se entenda melhor a qualidade do fenômeno que me acontecia, darei alguns exemplos. Você é médico psiquiatra, *Neffe*, e não desejo, dentro do razoável, que duvide de minha sanidade, pois o que ocorria deve ser interpretado mais como uma ampliação da capacidade de perceber, do que como uma 'enfermidade'."

Fiz um sinal de aprovação e confiança para o tio Kurt, pois ninguém melhor do que eu sabia quantas arbitrariedades se cometem com relação às autênticas virtudes psíquicas do homem, que se desenvolvem 'sozinhas' ou se auto-desenvolvem e o enaltecem, sem afetar em nada seu equilíbrio racional, pois integram-se 'naturalmente' à personalidade. Virtudes psíquicas que se obtém espontaneamente, sem recorrer a absurdos 'métodos ocultos' ou 'exercícios de meditação transcedental' que acabam destruindo a delicada ordem mental e terminam conduzindo o discípulo à loucura e à morte.

— Lembro que um dia — prosseguiu tio Kurt — eu estava lendo o ***Bhagavad-Gita***[35], escritos védicos pertencentes à grande epopeia do ***Mahabharata***, guerra mítica que envolveu na luta homens, Anjos e Deuses, e cuja recordação os antigos arianos da Índia escreveram e recompilaram.

"O *Gita* fala a respeito da batalha que o herói, ***Arjuna***, deve travar, para recuperar o trono, usurpado por seu primo. *Arjuna* é um membro da casta guerreira, ou seja, um ***Kshatriya***, e junto a ele encontra-se ***Sri Krishna***, encarnação do Deus ***Vishnu***.

Na primeira parte, chamada de 'O Pesar de *Arjuna*', esse herói desfila com seu carro diante do exército inimigo, comprovando que a seu primo se uniu grande parte de seus parentes e amigos:

'26. — Então, Arjuna viu ali seus tios, tios-avôs, instrutores, tios maternos, sobrinhos, sobrinhos-netos, sogros, amigos e Camaradas.

27. — Vendo os parentes e amigos reunidos ali, Arjuna sentiu grande compaixão e muito pesaroso, disse o seguinte:

28. - 30. — Disse Arjuna:

Ó Krishna! Vendo esses parentes desejosos de lutar, falham-me os membros do corpo, minha boca está seca, estou tremendo, meu corpo treme,

[35] ***Bhagavad-Gita***: "Canto do Senhor" em sânscrito. Livro sagrado da Índia.

minha pele arde, não posso segurar o arco. Não posso ficar em pé, minha mente está em um torvelinho. Ó Sri Krishna! Vejo sinais de mau agouro.

31. – 34. — Não vejo qual o bem que posso conseguir, matando meus parentes na guerra. Ó Krishna! Eu não desejo a vitória, nem a soberania, nem os prazeres. Ó Govinda! De que nos serviriam a soberania, os prazeres, a própria vida, quando meus instrutores, tios, filhos, tios-avôs, tios maternos, sogros, netos, cunhados e demais parentes, para os quais desejamos essas felicidades, estão reunidos aqui para lutar, havendo renunciado aos seus bens e mesmo às suas vidas?

35. — Ó ***Madhusudana*** (Krishna)! Ainda que eles me matem, eu não os quero matar, nem para reinar neste Mundo, nem para a soberania dos três Mundos.

36. – 37. — Ó ***Yanardana*** (Krishna)! Que prazer teríamos, matando os ***Dharta-Rashtras***? Seria um ato pecaminoso matar esses agressores. Por isso, não devemos destruir nossos parentes, os ***Dharta-Rashtras***. Ó ***Madhava*** (Krishna)! Como poderíamos ser felizes, matando nossos próprios parentes?

38. – 39. — Mesmo que eles, com a mente dominada pela cobiça, não vejam mal em destruir os parentes, nem pecado em serem hostis aos amigos, por que, ó ***Yanardana***, nós, que vemos o grande mal que nasce da destruição dos parentes, não desistimos de cometer esse pecado?

47. — Dizendo isso, Arjuna jogou fora seu arco e flechas e, com o coração muito dolorido, ficou sentado em seu carro.'

Na segunda parte do *Gita*, chamada de 'O Caminho do Discernimento', *Sri Krishna* responde às inquietantes e angustiantes perguntas de *Arjuna*.

'1. — A ele (Arjuna), que estava assim abatido pelo pesar e pela compaixão, com os olhos cheios de lágrimas e com a mente confusa, ***Madhusudana*** (Krishna) disse o seguinte:

2. — Disse o ***Bendito Senhor***:

Neste momento crítico, ó Arjuna, ***de onde te vem essa indigna fraqueza não ariana, abjeta e contrária à conquista da vida celestial?***

3. — ***Não te comportes como um eunuco***, ó Partha! Isso é indigno de ti! ***Joga para longe essa fraqueza do coração e ergue-te***, ó fulminador dos inimigos!'

Em seguida, *Sri Krishna* aconselha *Arjuna* a seguir o *Caminho da Ação* (ou *Karma Yoga*) e cumprir seu *Dharma*, ou seja, o destino do *Kshatriya*, que é lutar e combater pela justiça, sem se preocupar (a priori) com o resultado da batalha, nem pelo destino do inimigo (mesmo que sejam parentes e amigos).

'31. — Considerando teu dever, tampouco deverias vacilar, porque, para um Kshatriya não há destino melhor do que lutar por uma causa justa.

32. — Ó Partha (Arjuna)! São realmente bem-aventurados aqueles Kshatriyas para os quais se apresenta a oportunidade de lutar em uma guerra semelhante, que lhes abre as portas do Céu.

33. — Mas, se tu não lutas nesta guerra justa, não responderás à tua reputação, faltarás ao teu dever e cometerás um pecado.'

Isso deve ser assim, diz *Sri Krishna*, porque a realidade é Maya, ilusão, e o 'confronto' é circunstancial, só perceptível para aquele que se sente 'confrontado'. Em um plano superior, espiritual, as oposições estão resolvidas, os confrontos são pura ilusão. ***O Espírito não pode matar nem morrer***, e por isso, diz Sri Krishna:

'19. — Aquele que pensa que este Ser (Espírito) mata e aquele que pensa que este Ser morre, são dois ignorantes. O Ser não mata nem morre.

20. — ***O Ser não nasce, nem morre, nem se reencarna; não tem princípio; é Eterno, imutável, o primeiro de todos, e não morre quando matam o corpo***.

21. — Aquele que sabe que o Ser é imperecível, Eterno, sem nascimento e imutável, como pode matar ou ser morto?

22. — Como alguém deixa suas roupas gastas e coloca outras novas, da mesma forma o Ser corpóreo deixa seu corpo gasto e entra em outros novos.

23. — As armas não o cortam, o fogo não o queima, a água não o molha e o vento não o seca.

24. — Este Ser não se pode cortar, nem queimar, nem molhar, nem secar; é Eterno, onipresente, estável e imutável. Sabendo que é assim, não deves te lamentar.

26. – 27. — Mas, ó tu, de braços poderosos! Se pensas que este Ser sempre nasce e morre, mesmo assim não deves te afligir por ele. Porque o que nasce, morre e o que morre, renasce, com certeza. ***Portanto, não deves sofrer pelo inevitável***!'

Só o que conta, então, é aceitar o conflito, seguindo o *Caminho da Ação*, enfrentando o opositor e cumprindo o *Dharma*. '***Não temas matar***' — diz *Sri Krishna* — '***eles já estão mortos em mim.***'



Krishna e Arjuna

Eu estava meditando sobre o precedente trecho do *Gita*, nas extraordinárias implicâncias morais que surgem desse antiquíssimo texto indo-ariano, quando 'escutei' novamente a Voz:

'Não deves te enganar pelo significado superficial dos conceitos, ó Kurt, homem de Sangue Puro. A mensagem de *Krishna* é dirigida às duas naturezas de *Arjuna*, a anímica e a espiritual. À sua parte anímica, à sua natureza de animal-homem, *Krishna* aconselha continuar com o argumento dramático no qual está envolvido, por causa de seu *Karma*: *Arjuna* é humano, está encarnado e vive circunstâncias cármicas; deve cumprir o *Dharma* e resolver o conflito dos Arquétipos opostos. Desse modo, realizará a sentença imposta a priori pelos Senhores do *Karma* de Chang Shambala, a sentença incompreensível da guerra familiar que pesa sobre o seu coração. Mas, para a sua parte espiritual, sua natureza ariana-hiperbórea, o *Siddha Krishna* sugere transcender os opostos, não por meio de sua síntese, que poderia ser guerra, mas situando-se na instância absoluta do Espírito Eterno. O Espírito, 'o Ser', efetivamente, é Eterno ou Incriado, ***estranho*** a todos os opostos Criados, que não são mais do que Maya, Ilusão. ***Para o Espírito não há vida nem morte Criada, mas Ilusão e, portanto, não há pecado nem culpa, não há dívidas a saldar nem Karma. Se a***

decisão vem do Espírito, a ação não produzirá efeito posterior sobre o Si Mesmo, porque a Ilusão carece de capacidade para agir sobre a Realidade do Ser; e isso, em qualquer que seja a ação realizada, inclusive matar os parentes e amigos. No entanto, o *Kshatriya* deve cumprir uma condição especial para que sua natureza espiritual predomine sobre a parte anímica ou animal: **deve *endurecer seu coração*, deve *'jogar fora essa fraqueza não ariana'*, o que equivale a dizer que deve se despojar de qualquer sentimento compassivo para com aqueles que não são senão atores de um argumento cármico, pura Ilusão; *eles não existem realmente, não vivem*, ou como diz Krishna, *'já estão mortos em mim'***. Esta é a Sabedoria dos Senhores de Vênus de Agartha: **só é um verdadeiro Kshatriya *quem possui um coração duro como a Pedra e frio como o Gelo*; e só um Kshatriya assim pode realizar qualquer ação, inclusive matar, sem que o Karma o toque**. Esse é o Poder, ó Kurt, homem de Sangue Puro, do Kshatriya-Iniciado-Hiperbóreo, o homem Semidivino que tem seu Espírito Incriado encadeado à Alma Criada!'

Aquelas palavras irromperam como um relâmpago em minha consciência, enchendo-me de perplexidade, e esta, por várias razões. Primeira, porque tinha a certeza — como já disse — de que a Voz era externa ao meu ser. Segunda, pelo tom da Voz: firme e enérgica, era ao mesmo tempo, uma Voz confiável e amistosa. Eu sentia, em sua presença, que não me era possível desconfiar nem duvidar de suas palavras, pois essa Voz era emitida por Alguém superior a mim mesmo. Alguém que se 'aproximava' para me ajudar e guiar. E terceira, porque o 'conteúdo' dessas palavras, os 'conceitos' vertidos em minha consciência nem sempre eram claros e compreensíveis.

Essa terceira razão, deve-se entender não no sentido de que fossem obscuros ou velados, mas que ditos conceitos aludiam a coisas e situações desconhecidas ou esquecidas por mim. Digo 'esquecidas', porque nesse sentimento de veracidade que me induzia a escutar as palavras da Voz coexistia algo como uma reminiscência de um Saber perdido, de uma Verdade esquecida.

Shambala, Agartha, Senhores de Vênus, conceitos vagamente familiares, que uma vez fizeram parte de algum conhecimento mais vasto, mas que, inexplicavelmente, eu tinha esquecido, sem poder precisar onde nem quando; com certeza não nesta vida e, talvez, não em 'outra vida', mas em um 'estado do Espírito', fora de qualquer vida e manifestação.

De uma coisa estava certo: a Verdade estava no passado — um remoto passado que, no entanto, quase poderia tocar com a ponta dos dedos.

Capítulo XV

Quando eu reagia, depois de receber uma dessas 'mensagens', meu primeiro impulso era 'perguntar' algo mais para a Voz, interrogar a respeito da 'interpretação' da mensagem, ou acerca da própria Voz.

Mas era inútil, pois a Voz desaparecia tão misteriosamente como havia aparecido e eu só obtinha o silêncio como resposta. No entanto, quando não pensava nisso, e me encontrava meditando sobre alguma questão da área da História, da Filosofia ou da Religião, aparecia o Comentário Fugaz, a Palavra Sábia e Fulgurante, como uma Faísca de Sabedoria.

Essa dificuldade para 'me comunicar' com a Voz, longe de me decepcionar, estimulava minha curiosidade e me levou a uma breve busca de informação a respeito de tão estranho fenômeno.

O ouvido interior tinha se aberto quando fui apresentado ao Führer, devido à poderosa influência de sua presença, e depois parti com papai ao Egito para tirar umas férias, como já disse. Foi durante esses dias que tentei desvelar o mistério das aparições furtivas da Voz. Para isso, comecei a ler tudo quanto se referia a casos similares ao meu, comprovando, com horror, que até poucos anos atrás, qualquer pessoa que ouvisse vozes seria suspeita de bruxaria ou demonologia. A imagem de Joana D'Arc, a 'Donzela de Orleans', ardendo na fogueira, por seguir os ditames de uma Voz interior, não era um incentivo muito atrativo para que eu me aprofundasse no assunto.

Mas me encorajava pensar que estávamos em outro século, em uma época aberta à investigação e ao conhecimento. Apesar de que comprovasse, a cada passo, que na área da experiência psíquica abundava a superstição ou o ceticismo.

Lendo as obras de Allan Kardec, o fundador do Espiritismo moderno, comprovei que, entre as múltiplas formas de ***Mediunidade*** descritas como 'comuns a muitas pessoas dotadas', figurava uma ***Mediunidade Auditiva***, a qual acreditei que poderia se equiparar ao fenômeno que eu vinha experimentando.

Segundo Allan Kardec, um ***Médium*** é uma pessoa que pode se colocar em contato com o 'Mundo dos Espíritos':

'O que é um Médium? É o ser, o indivíduo, que serve de vínculo aos Espíritos para que estes possam se comunicar com os homens. Sem o Médium não há comunicação possível, quer seja esta tangível, mental, escrita, física ou de qualquer outro tipo.' E também diz: 'um Espírito é um homem sem corpo físico.'

A Mediunidade, um tipo de faculdade humana, se apresenta em 'relação aos sentidos', como uma extensão destes, de modo a permitir que o Médium abranja parte do 'Outro Mundo'. Há, assim, uma Mediunidade Auditiva, uma Mediunidade Escrevente — e diversas outras. Podemos analisar os

fenômenos que os espíritas mencionam, pois quase sempre são reais, sem que, por causa disso, aceitemos a Cosmogonia Espírita, que afirma existir — como o faz a Gnose, a Alquimia e outras filosofias — uma tríplice composição do homem: corpo, Alma (ou perispírito) e Espírito.

Isso foi o que eu fiz inutilmente nesses dias no Egito, percorrendo diversos Centros Espíritas e encontrando-me com numerosos Médiuns.

A desilusão não poderia ser maior, pois, na maioria dos casos, o Médium era uma pessoa de baixa capacidade intelectual, incapaz de explicar claramente a natureza dos prodígios por ele protagonizados, ou, pelo contrário, o Médium era um patife, muito astuto ao dar explicações e bastante satisfeito em cercar-se de um halo de 'mistério'.

A conclusão que eu tirava dessas explorações resumia-se em que quando o sujeito era protagonista real de um fenômeno mediúnico, não conseguia exercer nenhum controle sobre si mesmo, sendo, na maioria dos casos, um tonto. O Médium Escrevente não era consciente do que escrevia, situação abjeta que, no entanto, enchia de alegria as testemunhas, que afirmavam que isso constituía a 'prova' da veracidade do prodígio. O mesmo se poderia dizer sobre os outros tipos de Mediunidade.

O Médium Falante, totalmente 'possuído' pelo Espírito ou 'entidade desencarnada' — segundo o jargão espírita — falava, ria, berrava, ou se contorcia, diante do êxtase contemplativo dos acólitos, tão ignorantes quanto insensatos. E o Médium Ouvinte, que despertava o meu particular interesse, ouvia, não só uma, mas um concerto de vozes. E estas o invadiam a qualquer momento, ordenando, solicitando ou suplicando determinadas ações, muitas vezes desonrosas ou grosseiras. Algo deprimente que nada tinha em comum com a minha experiência superior.

Convencido de que, por esse caminho, só encontraria doentes ou fanáticos, fiz a coisa mais lógica que alguém pode fazer nesses casos: me concentrei em buscar uma solução para o meu problema por minha própria conta, valendo-me de minhas próprias análises e experiência.

Dessa forma, repassando rigorosamente os processos psíquicos que culminavam com a aparição da Voz, comprovei que a chave não se baseava na ***interrogação*** mental, em 'perguntar' para a Voz isso ou aquilo. Em minha confusão, para a qual contribuiu não pouco o contato e a observação dos espíritas, eu acreditava que a Voz respondia perguntas apresentadas em minha consciência durante a meditação. Tomando arbitrariamente essa crença por uma verdade, concluí que seria possível interrogar conscientemente a Voz, quer dizer, que eu perguntaria e a Voz responderia. Grande erro... como você verá imediatamente.

A meditação em tudo isso me permitiu compreender que a 'interrogação' é uma atitude intrinsecamente racional. Quer dizer que só é possível interrogar a partir desse ordenamento ao qual chamamos de ***Razão***. De todas as criaturas existentes, só o homem interroga e o faz para saber, para obter conhecimento. Expressão de sua miserável inaptidão e do drama de sua ignorância, a interrogação, a partir da razão, de sua lógica, lhe permite

emitir inferências, proposições, e estabelecer julgamentos. Mas o conhecimento obtido exclusivamente a partir da razão, pela interrogação à realidade do mundo, implica em uma violência e em uma rebeldia velada. A interrogação leva implícita a possibilidade da resposta e, nessa implicação, há algo de soberba e arrogância. Aquele que interroga, orgulhosamente, 'sabe' que será saciado em seu saber. Essa rebeldia, esse orgulho, essa arrogância, enfim, essa violência que subjaz na interrogação é, claro, totalmente inútil, uma vez que não ***facilita a libertação do homem de seu encadeamento às formas ilusórias da matéria***.

O erro moral da interrogação, como 'meio para conhecer' se evidencia em toda a sua absurda contradição, quando o homem afirma o 'direito' a perguntar, quer dizer, quando estabelece que é jurídica e moralmente lícito obter conhecimento pela interrogação. Porque se é lícito e até aconselhável praticar a interrogação, sem limites nem obstáculos morais para com a coisa questionada (sem tabus), não tardaremos em ver o homem ferozmente colocado cara a cara com Deus, interrogando-o — possibilidade absurda, que conduz, inevitavelmente, à negação de Deus (ateísmo), a confessar a impossibilidade dessa pergunta (agnosticismo) ou às mais perturbadoras hipóteses que são apenas isso — respostas prováveis — mas não as verdadeiras respostas.

A Gnose, corrente filosófica à qual Belicena Villca se referiu bastante, afirmava a possibilidade de 'se salvar' por meio do conhecimento (gnose), mas esse 'conhecimento' não deveria ser obtido de maneira racional. Como dizia Serge Hutin: 'A gnose, posse dos Iniciados, se opõe à vulgar ***pistis*** (crença) dos simples fiéis. É menos um 'conhecimento' do que uma ***revelação*** secreta e misteriosa...' 'A gnose constitui, uma vez que tenha sido alcançada, um conhecimento total, imediato, que o indivíduo possui inteiramente ou do qual absolutamente carece. É o 'conhecimento' em si, ***absoluto***, que abrange o Homem, o Cosmo e a Divindade. E é só através desse ***conhecimento*** — e não por meio da fé ou das obras — que o indivíduo pode ser ***salvo***.'

Existe, então, outra via para 'conhecer' e, ainda que uma conspiração obscurantista tenha apagado da História Oficial a Gnose e sua Sabedoria Iniciática, foi da maneira 'gnóstica' que encontrei a solução para me comunicar com a Voz.

É que, efetivamente, há uma forma de obter conhecimento 'além' da razão, sem cair na mecânica da pergunta e da resposta, da comparação e da conclusão, da análise e da síntese; enfim, da dialética. E é sumamente simples. Consiste em ***dispor o Espírito para recordar***, de forma análoga à atitude assumida pela consciência quando 'busca' uma lembrança na memória.

Nesse caso, não se trata de adotar uma postura contemplativa, de 'mente em branco', mas de uma ação dinâmica, que 'busca' sem 'perguntar'.

A sabedoria de compreender isso baseia-se em aceitar o fato de que a consciência é 'orientável', 'direcionável' para zonas da mente.

Quando desejamos ***recordar*** algo, a razão pode interrogar ou não, mas a recordação ***vem***, implacavelmente. Por exemplo: que gravata usei na festa de Juan Pérez? E a resposta vem automaticamente: a gravata verde. Mas, sejamos sinceros: é uma verdadeira 'resposta' a que foi obtida? Ou quando quisemos saber qual gravata usamos, dispusemos a mente para 'buscar' a lembrança da festa de Juan Pérez e essa recordação ***apareceu*** na consciência como uma imagem que logo foi traduzida pela razão, em forma de proposição: a gravata verde.

Porque, se em vez de perguntar, simplesmente evocamos a lembrança da gravata usada, esta 'aparecerá' sem ser, necessariamente, a resposta a uma pergunta nem tampouco uma proposição.

Quando comprovei isso e verifiquei, de forma confiável, que, ao 'recordar', a consciência se 'dirige' para a lembrança, dispus, analogamente, meu Espírito para 'se dirigir' à Voz.

Inicialmente, não tive sucesso, principalmente porque a razão interferia com dúvidas e ceticismo, mas quando me concentrei bem e pude recriar na mente os momentos fugazes em que a Voz irrompeu, então comecei a progredir. A Voz tinha aparecido e desaparecido em um instante, com uma velocidade maior do que o mais veloz de meus pensamentos, a tal ponto que, às vezes, eu não conseguia distinguir claramente suas palavras.

Por isso é que devia concentrar-me muito, e evocar a lembrança, só evocar, não interrogar — dispor a consciência para que sobreviesse a recordação e permanecer em total imobilidade espiritual. Aquele que entender isso, compreenderá que não se tratava de uma atitude contemplativa, mas de uma atitude enérgica (de energia), similar à do guerreiro, um instante antes de descarregar o braço com a espada, plena de força potencial. Na contemplação há paz (quietude); na evocação, energia expectante.

O procedimento empregado com sucesso pode ser explicado assim: eu recriava em meu Espírito o momento em que a Voz apareceu. Tentava fazer com que essa recordação fosse a mais 'exata' possível, quer dizer, eu me transportava psicologicamente ao clímax vivido durante a experiência. Então, a Voz se apresentava — a recordação da Voz — tão velozmente quanto 'recordasse' que ela tinha aparecido. Mas, então, utilizando o recentemente descoberto poder 'orientador' da consciência, 'dirigia' esta 'para' a Voz — repito, como quem se lembra — e conseguia assim 'ampliar' imperceptivelmente o tempo de manifestação da Voz. Esta surgia na lembrança e eu tentava prender a recordação ao redor dela, destacando os acessórios, concentrando-me apenas nela, tentando converter a fugacidade em permanência, sem que, por isso, perdesse algo em sua dinâmica vocal. Assim ia conseguindo, cada vez mais, 'seguir' a mensagem da Voz, desde sua aparição até sua extinção.

A aparição (começo) não me preocupava, mas sim a extinção, pois ia ampliando cada vez mais o momento final da Voz, até que cheguei a 'ouvir' com total nitidez o tom final, o limite exato entre a Voz e o Silêncio. Ao chegar

a esse ponto, sentia na consciência — ao estar tão dirigida para a Voz — o que parecia ser uma ***proeminência cônica e pontuda***, como um funil visto do lado em que se verte o líquido.

A Voz havia penetrado em minha mente por um ponto — o ouvido interior — e para lá apontava o vértice do cone psíquico em que se convertia a consciência, ao perseguir tenazmente o instante da extinção final da 'mensagem'.

Fui praticando esse tipo de evocação seletiva quando, ao 'examinar' — de alguma forma tenho que dizer — o cone psíquico, de repente me vi precipitado em um túnel ligeiramente espiralado e vaporoso, como um vórtice de energia brilhante e leitosa, que logo terminou com uma imagem perfeitamente definida e nítida. Pois dela era de quem brotava a Voz. Seguindo a Voz em sua extinção, como um eco, cheguei à sua fonte de origem e esta era deslumbrante e cegava. Provido agora não só de um ouvido interior, mas também de uma visão interior, participava, absorto, de uma excelsa imagem ígnea. Porque aquele maravilhoso e sábio Verbo não era emitido por nenhuma garganta, nem provinha de uma entidade humana ou sequer antropomórfica.

Simplesmente, brotava de uma língua de fogo que cintilava ritmicamente, acompanhando o devir do Verbo.

'Ó fogo gelado e deslumbrante, Deus é testemunha que em ti reconheci a Divindade do Espírito Hiperbóreo!'

Diante dessa Presença Divina, feita de Fogo, Voz e Sabedoria, não cometi a loucura de interrogar, nem tive surpresa ou desejo de saber ou compreender.

Uma alegria selvagem, um deleite primordial foi me invadindo, enquanto o Logos ígneo resplandecia sob o olhar interior. E esse júbilo inefável era por uma certeza: havia recobrado algo perdido há muito tempo, não sabia dizer quando nem onde. Mas, com certeza, tratava-se disso, pois a flamígera Presença não me era desconhecida, ainda que, de algum modo misterioso, eu a havia esquecido até esse momento. E a alegria do reencontro cumulava meu Espírito de um prazer indescritível.

Ignoro quanto tempo durou aquele primeiro êxtase, mas me lembro claramente do conhecimento que 'ficou' em minha consciência, como um estrato sedimentar, no fim da experiência. Digo 'conhecimento' porque, ao me conectar telepaticamente com a misteriosa Voz, tive acesso a uma Torrente de Sabedoria — não saberia chamar isso de outro modo — que, ao penetrar no Espírito, dissolvia todas as dúvidas, tornava inútil qualquer interrogação e reunia e sintetizava os opostos. Isso acontecia assim porque a Voz — autêntico Logos — cuja substância era constituída de Fogo e Verbo, transmitia sua Palavra só pelo fato de se entrar em contato com ela.

E o que dizia a Voz naquela ocasião? Seria uma grosseira pretensão tentar descrever com palavras semelhante experiência transcendente, mas correrei esse risco, e breve e imperfeitamente, resumirei as partes essenciais da mensagem:

'Eu sou um Ser pertencente à Antiga Raça, que chegou à Terra com Lúcifer, há milhões de anos. Chamaram-me de Anjo, mas essa é uma denominação ambígua. Tenho sido um dos Grandes Guias Hiperbóreos e como tal, tu me conheceste em um passado remoto que, no entanto, está presente no Mistério do Sangue Puro. Por meu nome Hiperbóreo deves me chamar — Kiev — pois assim me 'conhecerá' novamente a Humanidade, no final da Idade Escura ou Kaly Yuga. Estás ligado a mim, como outros inumeráveis Espíritos encadeados pelo Símbolo da Origem, o laço que vincula o Criado com o Incriado. Tu, e qualquer um deles, podes chegar até mim e até a Origem da Raça do Espírito, resolvendo o Mistério do Labirinto, atravessando a Ilusão das Formas Criadas, retornando no Caminho do Sangue Puro, como fizeste agora, sem compreender isso. Ali, na Origem, existem outros Seres como Eu, pertencentes à Raça do Espírito, aos quais também chamaram de Anjos. Mas, na verdade, todos nós procedemos de Vênus, ***da Porta de Vênus***.

Podes te comunicar comigo quando o quiseres, agora que sabes regressar à Origem, seguindo o Caminho do Sangue Puro, ***mas não deves fazer isso*** até que tenhas conseguido compreender o Mistério do Labirinto e sejas dono do Espaço e do Tempo. Caso contrário, minha presença atuará como uma droga que adormecerá tua incipiente consciência espiritual. És vítima do Grande Engano. Acreditas existir e quase não existes, além do capricho de Jeová-Satanás. Enquanto não regresses ***conscientemente*** à Origem, ali onde agora estás sem o saber, não deves vir a mim, pois poderias perder o caminho. Primeiro deves ser o que já és, deves retornar ao Princípio de onde nunca partiste, recuperar o Paraíso que jamais perdeste. Quando resolveres esse Mistério, andando pelo caminho do Labirinto e chegando à ***saída***, então poderás dizer: Eu Sou. Mas não temas, não estarás abandonado, serás guiado carismaticamente até o fim. Segue os Círculos Fechados da Ordem de Thule, mas não te detenhas em nenhum; avança sempre, até chegar ao Penúltimo Círculo; ali voltaremos a nos ver. E, finalmente, tenta interpretar com sabedoria este meu aconselhamento e orientação: ***na ordem planetária, primeiro é o Führer; na ordem individual, primeiro é Rudolph Hess***. Portanto, segue Rudolph Hess, inspira-te em Rudolph Hess.'

Tinha conseguido resolver o Mistério da Voz, chegando até sua oculta fonte, o Divino Kiev, mas, imediatamente depois de conseguir essa maravilhosa façanha psíquica, foi-me proibido restabelecer o contato, ocasionando-me uma rara sensação de tristeza. Respeitosamente auto-impedido de contemplar a cintilante esfinge de Kiev por causa — aceitava-o tacitamente — de minha imperfeição, só desejava superar os obstáculos que me separavam do Penúltimo Círculo da *Thulegesellschaft*, onde seria autorizado a reestabelecer o vínculo telepático com a Origem.

Em tudo isso eu pensava, enquanto o trem me levava velozmente à Pomerânia, lamentando não ter encontrado Rudolph Hess em Berlim, para lhe confiar o ocorrido e consultá-lo sobre o Divino Hiperbóreo Kiev."

Capítulo XVI

— **T**io Kurt, o que você me contou é maravilhoso! Você sozinho, internamente, sem a ajuda de ninguém, chegou até um dos Deuses Libertadores! — exclamei, impressionado pela semelhança de sua experiência com a minha percepção daquele instante infinito, na noite do terremoto, durante o qual contemplei a Divina imagem da Virgem de Agartha.

— Diga-me, tio — acrescentei, ignorando os gestos de protesto de tio Kurt, que pretendia continuar linearmente com seu relato — você pôde conservar a faculdade de se comunicar com o Capitão Kiev? Quero dizer, conseguiu escutá-lo depois? E o ouve ainda hoje?

— Sim, *Neffe* — afirmou, resignado — ainda que se passassem vários anos até que eu me atrevesse a me dirigir diretamente a Ele, Sua Voz me guiou em todos os momentos, salvando-me a vida pouco tempo depois, na Ásia, como você verá, se me deixar prosseguir com o relato. Mas antecipo uma resposta afirmativa para a sua última pergunta: ainda o ouço, ainda me guia. Ele me ordenou vir para Santa María e permanecer aqui. E se bem que eu tenha cumprido sua ordem, o fiz desgostoso, e todos esses anos — esses trinta e três anos — passei em franca rebeldia contra os Superiores Desconhecidos. Sim, *Neffe*. Ele me falou muitas vezes, e ainda me fala, como o fez antes de que você chegasse, quando vibrou o zumbido das abelhas, o som do *Dordje* dos Druidas, e me avisou de que seria atacado. Mas eu não respondi Suas mensagens. Nunca mais o fiz, desde 1945.

— Meu Deus! Por que, tio Kurt? Como pôde ficar em silêncio, permanecer indiferente diante da Voz dos Deuses? — não compreendia sua atitude e o fazia saber, quase gritando. Perseguido pelos Druidas, pela Fraternidade Branca, por toda uma Hierarquia de seres infernais. Como se poderia desprezar a única ajuda possível, o auxílio dos Deuses Libertadores? Ó *mein Gott*, como me era difícil entender tio Kurt!

— Sei que não pode me compreender, Arturo. Mas é que você teria que se colocar em meu lugar, estar na minha pele, em 1945, vendo a Alemanha destruída pela Sinarquia dos Aliados e comprovando que os homens mais Sábios, os Iniciados da Ordem Negra, desapareciam sem deixar rastros nos Oásis Antárticos ou através das Portas Expandidas. E, enquanto eles iam embora, até a Batalha Final ou quem sabe até quando, eu recebia a ordem de ficar no Inferno, sozinho, para cumprir uma missão da qual absolutamente nada sabia e na qual não acreditava. Sim, *Neffe*, pode chamar isso de falta de fé ou como quiser, mas eu não acreditava que minha permanência aqui fosse realmente importante — me senti abandonado, traído pelos Deuses, jogado à minha própria sorte. O que eu poderia fazer diante da Grande Conspiração triunfante? E, no entanto, estava equivocado.

Agora o sei, e espero que não seja tarde para corrigir minha estúpida postura. A carta de Belicena Villca me mostrou uma parte inesperada da História, um lado que outorga um sentido final à minha vida. Porque, naturalmente, só me resta morrer com honra para lavar a mancha desses anos de quietude ignóbil.

Tio Kurt se torturava inutilmente e, mais uma vez, era eu o causador de sua dor. Amaldiçoei-me por ter perguntado e quis que a terra me tragasse ali mesmo. E não havia maneira de deter sua subjetiva autocrítica.

— Eu sou um ᛋᛋ, Arturo! Um Iniciado da Ordem Negra ᛋᛋ! — disse, com desespero — E me mantive em uma situação cômoda, escondido todos esses anos, mas seguro, comodamente seguro! Maldito seja eu e todos os oficiais ᛋᛋ que agiram do mesmo modo! Deveríamos ter lutado, formado consciências jovens, revelado a Sabedoria Hiperbórea! Mas preferimos calar, assumir uma atitude covarde, que passava por prudente. Imagine, Arturo, se nem aos Deuses fui capaz de responder, bem menos vontade teria para esclarecer alguém. E sabe por quê? Porque, no fundo, não acreditávamos nas novas gerações, nem no triunfo do Führer, nem na Batalha Final! Talvez, e digo só 'talvez', sejamos em parte desculpados, porque em nossa convicção há de ter interferido a mão do Inimigo, o Poder da Ilusão da Fraternidade Branca. Fomos incrédulos e egoístas, e não devemos esperar perdão dos Deuses, pois Eles não são juízes. Na verdade, estamos obrigados por nós mesmos, por nossa honra...

"Até hoje, *Neffe*, vivi adotando o papel de vítima, afirmando, com intransigência, que nada se poderia fazer contra a Sinarquia, salvo aguardar a Batalha Final, o Fim do Mundo, o Apocalipse, uma intervenção Divina. E isso eu dizia com ironia, sem acreditar que a Parusia fosse ocorrer, que eu chegaria a vê-la. E, em meu desdém, e na indiferença de tantos outros que talvez ajam como eu, condenamos à ignorância aqueles que, com certeza, deverão participar na Guerra Essencial, na Batalha Final da Guerra Essencial. Ó, Deuses, que néscios fomos! Não o tinha compreendido até hoje, até que você viesse e me expusesse sua vida predestinada, até que você me relatasse os anos de busca e me mostrasse a impossibilidade de encontrar a Verdade em algum lugar. Quantos caminhos às cegas poderia ter-lhe economizado se tivesse me conhecido antes! Que fosse eu, Oskar, ou qualquer um dos que conheciam a Verdade! Ó, Arturo, o que fizemos? Salvamos nossas miseráveis vidas, mas às custas de perder a honra, de abandonar os jovens às suas próprias forças, de permitir que fossem corrompidos e destruídos pelo Inimigo..."

— Mas, tio Kurt — disse, tentando acalmá-lo — você recebeu uma ordem do Capitão Kiev: devia permanecer escondido por motivos estratégicos, talvez aguardando a carta de Belicena Villca. Pode ser que outros tenham agido egoisticamente, como você diz, mas eu acho muito significativa a sua história, a minha e a de Belicena Villca. Vejo tudo muito sincronizado, muito coincidente, e penso que os Deuses calcularam tudo isso de antemão. Assim, pois, não deve se amargurar em vão. As coisas farão sentido, seus

trinta e três anos em Santa María farão sentido, se cumprirmos o pedido de Belicena Villca e encontrarmos seu filho e a Espada Sábia, se mostrarmos sua carta a Nimrod de Rosario e nos incorporarmos à sua Ordem de Construtores Sábios.

— Talvez você tenha razão. Mas comprovei meu erro e nada me impedirá de pagar a dívida de honra que devo aos que vieram depois de mim. A dívida é contigo, Arturo, eu o sei! E, por isso, estou disposto a morrer se for preciso, a morrer com honra, como morre um oficial ᛋᛋ. Sim, Arturo, considere isso como um juramento: eu o protegerei dos Druidas, colocarei à sua disposição todas as faculdades e poderes que desenvolvi na Ordem Negra, e morrerei por você, se necessário, para que cumpra a missão que lhe encomendou Belicena Villca!

Foi inútil que eu tentasse persuadir tio Kurt de que a situação não era tão grave, que ninguém morreria. Só consegui convencê-lo de minha ingenuidade. De qualquer forma, uma coisa era clara: incrivelmente, ele possuía a faculdade de se comunicar telepaticamente com o Capitão Kiev, um dos Senhores de Vênus, que Belicena Villca mencionara reiteradamente em sua carta.

Capítulo XVII

Prometi a mim mesmo não mais interromper o tio Kurt. Seu relato prosseguiu assim:

— De acordo com os papéis assinados e selados que o envelope entregue pelo ᛋᛋ ***Oberführer*** Papp continha, eu já era membro da *Schutzstaffel* (Esquadrão da Guarda ou ᛋᛋ) e iria receber treinamento no ***Ordensburg*** de ***Crössinsee***, incorporado com o grau de ***Obersturmführer***[36]. Na ᛋᛋ se ingressava normalmente, para a carreira de oficial, com o grau de ***Untersturmführer***[37], mas os graduados da ***NAPOLA***, por sua prévia preparação militar, eram incorporados com um grau a mais. Por essa razão, eu entrei como ***Obersturmführer*** da lendária ***1. ᛋᛋ-Panzer-Division Leibstandarte ᛋᛋ Adolf Hitler*** e porque os ***Ostenführer*** do Corpo Seleto de Estudos Orientais da ***NAPOLA*** tinham sua base natural no ***Leibstandarte***.

"Os oficiais ᛋᛋ recebiam instrução em centros especialmente preparados para essa função, em diferentes lugares da Alemanha. Eram os ***Ordensburg***, castelos-monastérios cercados de bosques e parques, autossuficientes com respeito à finalidade pedagógica para a qual foram projetados. Três *Ordensburg* dependiam do ***N.S.D.A.P.*** e um, o castelo de ***Wewelsburg***, pertencia exclusivamente às ***Waffen ᛋᛋ***.

---

[36] ***Obersturmführer***: Grau de Tenente nas ᛋᛋ.

[37] ***Untersturmführer***: Grau de Alferes nas ᛋᛋ.

Crössinsee, na Prússia Oriental, ocupava-se do treinamento físico e mental e de completar a instrução puramente militar. ***Vogelsang***, na Renânia, dava ensinamentos políticos e místicos e, por último, ***Sonthofen***, na Baviera, ocupava-se da formação superior dos oficiais ᛋᛋ em Política, Diplomacia ou Artes Militares. Por esses três *Burgos*, ***Crössinsee***, ***Vogelsang*** e ***Sonthofen***, nessa ordem, os estudantes passavam, podendo permanecer um ou mais anos em cada um deles, de acordo com a carreira particular a ser seguida. Mas em ***Wewelsburg*** só ingressava uma autêntica Elite, extraordinariamente selecionada, que aspirava receber a Iniciação ao Conhecimento Mais Oculto da Ordem Negra ᛋᛋ, cujo Grão-Mestre era o ***Reichsführer*** Heinrich Himmler.

No meu caso em particular, existiam ordens expressas de Rudolph Hess, de acelerar a estadia em ***Crössinsee*** e ***Vogelsang***, e por isso fiquei só três meses no primeiro *Burgo* e três meses no segundo. Em ***Sonthofen*** estive seis meses na ***S.D.***[38], onde se davam ensinamentos em técnicas de contra-espionagem. No total, quinze longos e duros meses de estudo, que culminaram no final de 1938 quando, com o grau de ᛋᛋ ***Hauptsturmführer***[39], deixei definitivamente as aulas e bibliotecas oficiais na qualidade de aluno.

Desde a minha chegada à Alemanha, em 1933, passaram-se seis anos, durante os quais recebi uma educação de Elite, tão específica e bem concebida para o que se desejava obter de mim, que é difícil imaginar como poderia ser melhorada.

Nessa ocasião, a Alemanha e seus aliados iriam entrar na Guerra Total contra as Potências da Matéria — guerra que foi mais terrível do que a do *Mahabharata*, porém tive oportunidade de atuar pelo bem da minha pátria e da Humanidade. Efetivamente, *Neffe*, antes de que explodisse o conflito, recebi minha primeira missão, um encargo tão estranho que seria difícil para mim entender tal magnitude em poucos meses. Depois, passei três meses em ***Bernau***, perto de Berlim, um centro secreto das operações militares, especialmente na atualidade, quando os exércitos 'profissionais' são máquinas bem lubrificadas e os soldados simples robôs. Mas é que as ***Waffen*** ᛋᛋ não eram uma organização meramente militar, e sim a expressão externa da Ordem Negra, uma Ordem de Iniciados Hiperbóreos. Existiam, pois, junto às operações classicamente militares, missões de claras características esotéricas. Uma delas era a Operação *Altwesten*, que o Professor Schäfer empreendeu, financiada e dirigida pelas ᛋᛋ. Como havia previsto Rudolph Hess, meu Destino estava ligado àquela expedição ao Tibete e ninguém, nem o traidor Schäfer, poderiam impedir que eu participasse dela. No entanto, em 1937, o grupo já tinha partido e só um ano depois eu me juntei a eles no Tibete.

---

[38] ***Sicherheitsdienst***: Serviço de Segurança das ᛋᛋ.

[39] ***Hauptsturmführer***: Grau de Capitão nas ᛋᛋ.

As circunstâncias anteriores não foram menos estranhas, mas eu as narrarei depois que tenhamos jantado."

A frase foi uma surpresa. Ele olhou seu relógio e levou a mão à testa, espantado.

— Sou um inconsiderado! Há cinco horas que o entretenho, sem perceber que esta é a primeira vez que você deixa a cama, em quinze dias. Você está bem, realmente? Diga-me a verdade, pois talvez seja melhor que vá se deitar e que lhe levem a ceia lá em cima.

— Estou muito bem, tio Kurt — disse — e, se quer saber a verdade, o que sinto agora é fome. De forma que vamos jantar!

Tio Kurt ria satisfeito, enquanto nos dirigíamos à sala de jantar. Uma hora mais tarde, voltamos a nos sentar nas poltronas, depois de termos jantado uma ceia fria e leve, à base de frios e saladas, durante a qual falamos de diversos temas totalmente desvinculados da narração interrompida.

Finalmente, enquanto bebíamos uma xícara de café, tio Kurt decidiu continuar com o relato.

— É uma bela noite de verão — disse ele — céu limpo, temperatura agradável, silêncio e fragrâncias do campo. Proponho a você que nos sentemos debaixo dos salgueiros, *Neffe*! Você vai desfrutar do frescor da noite, enquanto avançamos com o relato.

— Ah, não — respondi — será melhor que voltemos ao *living room*. Lá ficaremos mais cômodos.

Eu lamentei ter que estragar o entusiasmo do tio Kurt, mas não desejava enfrentar os *dogos*. Sabia que cedo ou tarde teria que fazer isso, mas procuraria que isso fosse durante o dia. Os *dogos* novamente de noite? A ideia me enchia de apreensão, mas tio Kurt não deve ter notado, pois encolheu os ombros e se dirigiu ao *living*, seguido por mim.

— Três ou quatro semanas depois de chegar a *Crössinsee* retornei a Berlim — tio Kurt continuou narrando — para encontrar Konrad Tarstein, meu contato na *Thulegesellschaft*.

"A *Gregorstrasse 239* era um casarão ancestral de dois andares, que devia ter mais de dois séculos de sinistra existência, e seu único habitante, Konrad Tasrtein, parecia ser um típico berlinense, pequeno burguês, calvo, de baixa estatura, com uma grande barriga, e que combinava perfeitamente com a decrepitude do lugar.

É provável que semelhante lugar e sujeito, pensei, tivessem como objetivo despistar possíveis espiões ou decepcionar inquietos aspirantes. Eu sofri o segundo efeito, ao bater uma mofada argola que girava dentro de um punho de bronze, duvidosamente preso à desgastada porta.

'Sim' — perguntou uma voz estridente que vinha de algum lugar indefinido.

'Sou Kurt von Sübermann' — disse, dirigindo-me ao diminuto olho mágico que, finalmente, descobri em um dos painéis da porta, de onde um par de olhinhos esquivos me observavam, impacientes — 'quem me enviou foi *Herr* Rudolph Hess...'

A porta se abriu e uma figura gorducha e pequena apareceu, com a mão cortesmente estendida para saudar.

'Sou Konrad Tarstein' — disse — 'entre, eu o estava esperando.'

O interior não era nada melhor do que a impressão inicial. Mobiliada com evidente mau gosto, com uma mistura descuidada de formas e estilos, alguns minutos na casa bastavam para qualquer um duvidar de que ali houvesse ou se pudesse tratar de algo importante. E, no entanto, eu esperava muito da *Thulegesellschaft* na qual, segundo Rudolph Hess, encontraria as respostas a todas as minhas perguntas.

Sentado em uma ridícula poltrona Luis XV, que nada parecia ter o que fazer ali, diante de uma mesa normanda e umas cadeiras de igreja, observava, com surpresa, que Konrad Tarstein se preparava para preencher uma ficha. Era o mais afastado de uma atividade espiritual que eu poderia imaginar e, por isso, titubeei ao dar meus dados pessoais — atitude que Tarstein interpretou erroneamente como um produto do temor.

'Não tema' — disse Tarstein — 'os livros da Ordem nunca poderiam ser achados. Posso lhe assegurar, *Herr* von Sübermann, que jamais ocorreu um vazamento importante sobre detalhes do Culto ou a identidade de nossos membros. Sofremos deserções e alguma pequena traição, mas sempre nos níveis superficiais da Ordem, e por pessoas que não possuíam um conhecimento muito preciso da organização interna.'

'Recebe muitos aspirantes, Senhor Tarstein?' — perguntei.

Konrad Tarstein levantou a vista da ficha e me observou por uns longos minutos, com curiosidade. Finalmente, como se caísse em si, por causa de um esquecimento ou omissão, levou uma mão à testa, enquanto seu rosto se iluminava, com um sorriso.

'A parcimônia de Rudolph Hess!' — disse, como se pensasse em voz alta — sua eterna e tímida parcimônia. Devia supor que o senhor não foi avisado de que esta entrevista não faz parte de nenhuma prática regular na *Thulegesellschaft*. Diga-me, Kurt von Sübermann, quais informações recebeu de Rudolph Hess para chegar até aqui?'

Respondi-lhe de maneira completa tudo quanto sabia a respeito da *Thulegesellschaft*: o que tinha dito Rudolph Hess em nossa conversa na Chancelaria, na noite de graduação, e a referência a um 'contato' em Berlim, Konrad Tarstein, exposta em sua carta, que chegou às minhas mãos por intermédio do ***ϟϟ Oberführer*** Papp.

Enquanto falava, fui assaltado pela dúvida de que tivesse se produzido um inesperado mal-entendido, por causa de algum erro cometido por mim na interpretação das instruções. Mas, por mais que refletisse, não encontrava nenhum motivo que pudesse ter provocado a surpresa de Tarstein diante da minha pergunta a respeito da recepção de outros aspirantes à *Thulegesellschaft*. Ou era que, efetivamente, nunca vinham outros aspirantes à *Gregorstrasse, 239*? Isso foi confirmado, finalmente, por Konrad Tarstein, poucos minutos depois. Aprovou, com um gesto de sua calva cabeça, tudo quanto eu disse e, depois de guardar a ficha em uma

maleta de couro, convidou-me a passar para um ambiente interno do enorme casarão.

A sala onde estávamos se conectava com a porta da rua, por meio de um corredor a partir do pequeno *hall*. À direita, via-se uma escada de madeira fina, lustrada e carpetada que, por meio de uma curva de noventa graus, conduzia ao piso superior e continuava no corrimão, o qual se estendia lateralmente, ao longo de um corredor, perfeitamente visível de baixo. Na frente da sala abriam-se duas portas com grandes molduras de madeira entalhada. Entrando pela porta da direita, acessei, com Tarstein, um pátio aberto, cercado de galerias com pequenas colunas sob arcos normandos, em cada um dos quais se abriam respectivas portas. Seguindo pela galeria da esquerda, percorremos a distância de um lado do pátio ladrilhado e continuamos através de um portão transversal que nos conduziu a outro pátio, sendo este fechado por uma redoma de vidro, enquanto a galeria se estendia ao longo desse pátio, para acabar na parede do fundo.

Antes de chegar ali, entramos na última das incontáveis portas que davam para as galerias transpostas. O lugar ao qual chegamos, depois de tão labiríntica excursão, era, na verdade, surpreendente. Ao fechar a porta que dava para a galeria, dir-se-ia que entrávamos em um moderno apartamento, mais típico de ser de um arranha-céu da *Bernauer Straße* do que de estar ali, no coração de uma decadente mansão do século XVIII.

'Surpreendeu-se, senhor Kurt?' — perguntou sorrindo Konrad Tarstein — 'fiz com que se remodelasse uma ala dessa antiga casa, para viver com certa comodidade. Nada de outro mundo, muito simples, mas cômodo, para quem já percorreu grande parte do caminho final... Veja, Kurt: esta é a cozinha, moderna e bem instalada; esta, a sala de jantar e o *living room*. Por aqui, por favor. Veja: estes são os dormitórios. Há dois, porque costumo receber um casal de velhos amigos como hóspedes. Passe para cá, Kurt, veja: este é o ambiente principal, onde passo grande parte do dia e da noite.'

Encontrávamo-nos diante de um recinto de grandes dimensões, com as quatro paredes cobertas de estantes com livros. No centro, sob uma lâmpada quadrada e de altura regulável, que se pendurava do teto, uma mesa lotada de livros, alguns abertos, outros empilhados, e vários manuscritos, deixava que se adivinhasse ser o local de trabalho ou estudo de Konrad Tarstein.

Um pouco agoniado pelo espetáculo particular que estava presenciando e contendo o desejo de imediatamente examinar as lombadas dos livros, que, evidentemente, eram muito antigos, contive minha ansiedade e perguntei:

'Por que aqui? Por que construir uma casa dentro de outra casa? Não era mais viável adquirir outra propriedade mais cômoda em um bairro mais respeitável?'

'Calma, calma, Kurt' — disse Tarstein — 'isso foi feito assim por uma importante razão: não podemos abandonar esta propriedade, que é muito querida por nós. Nela aconteceram coisas muito importantes para a Alemanha e para a Humanidade. Por isso, ainda que poucos sejam os que costumam visitá-la, nós a mantemos intacta, sem mudar nada de sua antiga

e desconcertante mobília. Há trinta anos, em 1908, aqui funcionava um grupo secreto, cujos membros fundaram, em 1912, a *Germanenorden*, que logo daria lugar à *Thulegesellschaft* e ao ***N.S.D.A.P.*** Entende agora por que devemos conservar esta casa?'

'Porque aqui tudo começou' — disse, com admiração.

'Exato, aqui começou a se escrever a história do próximo milênio. Aqui, somente aqui, vieram, um dia, os Superiores Desconhecidos para selar a fundação do Terceiro Reich! Antes cairá Berlim de suas bases, do que se possa tocar em um alfinete nessa casa sagrada!'

Quando Konrad Tarstein falava dessa forma, sua estridente voz adquiria tons proféticos e se tornava magnética e atraente, fazendo-me esquecer, por instantes, o bizarro aspecto de quem a emitia.

'Vamos tomar uma xícara de chá' — propôs Tarstein — 'e lhe instruirei em algumas coisas que deve saber da *Thulegesellschaft* e do arranjo que fizemos com Rudolph Hess a respeito do seu ingresso.'

Eu o acompanhei, lamentando ter que deixar aquela fascinante biblioteca, até a moderna cozinha. Abandonamos a biblioteca por outra porta adjacente à que tínhamos entrado, e fomos dar novamente na galeria e no pátio. Compreendi, assim, que a casa de Konrad Tarstein se estendia em toda essa ala da ancestral mansão, diante do segundo andar.

'Quantos quartos tem a casa?' — perguntei, enquanto adoçava o aromático chá de Xangai.

'Contando os dois andares, uns... trinta ou trinta e dois ambientes' — respondeu, enigmaticamente — 'quem poderia saber?'

Olhou-me por um longo instante, como se duvidasse se devia parar ali ou completar sua resposta. Finalmente, algo nele pareceu se relaxar, e optou pela segunda alternativa.

'Veja, Kurt, eu não sei se você está preparado para aceitar certos fatos que escapam da normal compreensão de um homem comum. De qualquer maneira, uma vez que pretendemos fazer do senhor um Iniciado Hiperbóreo, cedo ou tarde tais fatos não lhe parecerão em nada surpreendentes — é só uma questão de tempo para que os compreenda. Então, dar-lhe-ei uma informação que, para qualquer mente racional, seria logicamente incrível, mas não o é para nós, pois trata-se da mais rigorosa verdade, perfeitamente comprovável por qualquer Iniciado: ***nesta casa, hoje podem existir 32 ambientes, mas amanhã, talvez, existam 35, 40 ou mais — ou talvez menos, 20, 25, 30. Quem poderá saber?***'

Naturalmente, *Neffe*, aquela revelação me produziu a incompreensão que Tarstein previra. Não se esqueça de que eu só tinha 19 anos e que ainda me achava chocado pela recentemente adquirida faculdade de ouvir a Voz de Kiev, o Senhor de Vênus. No entanto, não me sobressaltei e recebi suas palavras com tranquilidade. Konrad Tarstein prosseguiu, aparentemente satisfeito pelo efeito neutro que os seus dados causavam em mim.

'Esta não é uma casa comum, Kurt. Não. O senhor se encontra dentro do que nós chamamos de uma ***praça liberada***, um ***oppidum***, quer dizer, um

espaço ***subtraído*** ao Inimigo. Ainda que o senhor veja só paredes cercando a área construída, elas apenas encobrem um ***cerco estratégico*** denominado de ***Arquêmona*** ou ***vallo obsesso***, que separa e isola a praça do ***Valplads*** ou território inimigo, o que equivale a dizer, do ***campus belli***. O senhor não pode perceber a Arquêmona porque ainda não está Iniciado e sua Alma bloqueia sua visão espiritual. Apenas seu Espírito Incriado é apto para captar o ***cerco carismático*** da Arquêmona. Mas logo o verá, Kurt, logo o verá. E então compreenderá que é real o que parece impossível, e que a casa ***não é geometricamente estável*** porque sua estrutura não participa exclusivamente dos Arquétipos Criados, como qualquer casa, mas nela intervém um elemento incriado, ***o Infinito Real***!'

Depois dessa revelação, Tarstein suspirou e disse:

'Aqui, Kurt, o Tempo transcorre de outro modo, dessincronizado do Tempo exterior, do Tempo do Mundo. Por isso, neste espaço liberado da praça, e com esse tempo próprio, a construção ***não pode ser estável*** e não apenas seus aposentos variam, mas o fazem em sincronia com o ***Tempo interior — séculos e milênios de distância poderiam se passar ao atravessarmos uma dessas portas***. Por uma de tais aberturas do Tempo e do Espaço chegaram, um dia, meus Antepassados, os Senhores de Tharsis do ramo germânico, os quais pertenciam a uma Ordem com características medievais, conhecida historicamente como ***Einherjar***. Como o senhor deve saber, meu sobrenome Tarstein significa ***Pedra de Tharsis***, em memória de uma Casa lendária que descende, em suas origens raciais, dos Atlantes brancos, os sobreviventes brancos da Atlântida. Sei que isso lhe parecerá fantástico, mas eu venho de uma Estirpe que permaneceu oculta durante séculos, devido à tenaz perseguição — perseguição mortal — à que a submeteram as Potências da Matéria, ou seja, essa Hierarquia Oculta dirigida por tenebrosos seres extraterrestres, situados em Chang Shambala.'

Serei mais claro. Minha família, o ramo germânico dos Senhores de Tharsis, era oriunda da Suábia, país onde tinham se estabelecido, em total segredo, no século XIII, fugindo de um lendário ataque dos Demônios, que quase exterminou toda a nossa Estirpe. Ali se mantiveram durante quatro séculos, conservando a Sabedoria Hiperbórea, que foi confiada em tempos remotos, à nossa Casa. No século XVI, um Pontífice Hiperbóreo, procedente da Inglaterra, fundou na corte do Imperador Rodolfo II, em Praga, a Ordem *Einherjar*, que tinha como objetivo desenvolver e aplicar, em todos os momentos da História, um método exato para localizar o advento do Senhor da Vontade Absoluta, o Enviado do Senhor da Guerra, quer dizer, o Führer da Raça Branca. Naquela época, o Pontífice decidiu que a melhor Estratégia para a manutenção e perdurabilidade da Ordem exigia que seus membros pertencessem sempre a oito linhagens escolhidas entre as Estirpes de Sangue Mais Puro da Europa. Um dos Príncipes convocados pelo Pontífice pertencia à minha família, enquanto outro provinha da Casa de Brandenburg, de uma linhagem colateral dos Hohenzollern. A Ordem trabalhou em segredo durante os séculos seguintes, formando Iniciados

Hiperbóreos e aguardando o tempo da chegada do Grande Chefe da Raça Branca. Sua base de ação mais importante se constituiu no ***Margraviato*** de Brandenburg, que era, desde o século XII, um principado hereditário submetido ao Imperador. E justamente a presença da Ordem *Einherjar* não era alheia à posterior ascensão da Casa de Brandenburg acima dos restantes principados da Europa, até a obtenção da investidura de Rei, conseguida por Frederico Guilherme III, em 1791. Nasceu então a Prússia, o Estado onde o princípio orientador nacional era a honra, onde a família se organizava ao redor da figura autoritária e exemplar do pai, onde a ordem imperava em todas as classes sociais — nobreza, burguesia e campesinato — porque se firmava nas noções fortemente arraigadas do cumprimento do dever, da economia de recursos, da incondicional obediência dos subalternos, da inteira subordinação dos funcionários, e da mais rígida disciplina militar.

Mas, acima de tudo, a Prússia foi desde o começo um Estado militar: dois terços de seu orçamento era dedicado à manutenção do poderoso exército nacional que infligiu derrotas à França, à Áustria, à Rússia etc., e impôs respeito e admiração pelo austero e senhorial 'modo de vida' prussiano. E junto à arte da guerra, cultivava-se ali a filosofia, a literatura, a música. Mas nada dessa revolução ocorria por casualidade. A Ordem *Einherjar* estava testando, em uma sociedade de Sangue Puro, a Nova Ordem que o Führer, em sua próxima vinda, aplicaria na Alemanha inteira e no Mundo. É por isso que o Führer não ocultou jamais sua dívida com a Prússia e tornou pública sua simpatia por Frederico II da Prússia e por Bismarck, o Chanceler de Ferro.

Pois bem, Kurt. A antiga Ordem *Einherjar* estava tão fortalecida, no século XIX, que um de seus Iniciados chegou a ser coroado Rei da Prússia, em 1840. Refiro-me a Frederico Guilherme IV, chamado cortesmente de 'Damian aus Brandenburg', por seu amor à Eloquência e à lembrança da famosa retórica de Éfeso. Foi o próprio Rei que fez reconstruir Marienburg, o castelo que servira de residência, na Idade Média, aos Grandes Mestres da Ordem Teutônica. Essa obra de restauração, como o senhor sabe, foi continuada, na atualidade, por uma divisão especial das ᛋᛋ, cumprindo ordens diretas do ***Reichsführer*** Himmler. E foi esse mesmo Rei que, considerando que o antigo perigo havia cedido, e que os Demônios não poderiam mais impedir que a Nova Ordem se impusesse ao Mundo, autorizou a criação do sobrenome ***Tharstein*** ou ***Tarstein***, contração de ***Tharsisstein***, acompanhado do título nobiliário de Conde e do direito de exibir, no Castelo da Casa, o escudo de armas familiar. O Castelo de Tarstein encontra-se muito perto daqui, Kurt, a uns 100 quilômetros de Berlim, mas eu não o frequento há muitos anos, pois me encontro totalmente entregue a trabalhar para a *Thulegesellschaft* e para a Ordem Negra ᛋᛋ.

Venha, Kurt, vou lhe mostrar algo muito secreto, e relacionado a esse tema.'

Em seguida, ele me conduziu pelo corredor exterior até um quarto próximo, hermeticamente fechado, com dois cadeados. Uma vez dentro, revelou-se diante da minha visão outra imensa biblioteca: em duas paredes, devia haver uns quatro mil livros, muito deles de evidente antiguidade; em outra parede, uma estante transbordava de documentos e rolos de papel.

'Todo este material tem uma característica comum' — explicou — 'refere-se aos 'Druidas' e ao 'druidismo'. Vários desses documentos são muito secretos e foram obtidos por um alto preço. Provêm de toda a Europa e correspondem a todas as épocas, até hoje. É, com certeza, a mais completa coleção reunida por alguém a respeito dos Druidas.'

'Mas' — exclamei, surpreso — 'os Druidas não foram personagens históricos já desaparecidos? O senhor fala como se ainda existissem!'

'Momentos atrás lhe mencionei o fato de que minha família, a Casa de Tharsis, viu-se obrigada a fugir, há sete séculos, por causa de 'um ataque dos Demônios'. Pois bem, esses 'Demônios' eram Druidas, ou 'Golen', como os chamavam meus antepassados. E a partir de então, que eu saiba, nunca o poder dos Druidas diminuiu. Pelo contrário, poder-se-ia afirmar que hoje é mais forte do que nunca. Mas tenha isso em mente, Kurt: se a Estratégia do Führer triunfar, e um dia o Terceiro Reich acabar reinando sobre a Humanidade, uma de nossas grandes batalhas esotéricas deverá ser travada contra os Golen que, na Europa, constituem o suporte da Sinarquia.'

'Mas, quem são? Onde estão?' — perguntei, atônito.

'Na Idade Média, seu centro de ação era a Igreja Católica' — respondeu pensativamente — 'onde, ao que parece, foram combatidos encarniçadamente por membros da minha família. Depois do século XIV, mais concretamente, após a destruição da Ordem do Templo, que seguia a inspiração dos Druidas, difundiram-se e se fortaleceram em diversos estratos da sociedade europeia. Hoje em dia, quase não existe organização onde não estejam infiltrados os Golen. Sei que com essa resposta não lhe esclareço muito. Porém, mais adiante, vou lhe descrever a complexa estrutura da Sinarquia e então você poderá compreender, funcionalmente, o papel que desempenham na atualidade e poderá identificá-los com facilidade. Se lhe mostrei agora esta biblioteca e mencionei os Golen, não foi para responder à natural curiosidade que isso lhe despertaria, mas para lhe fazer uma séria advertência. Já ouviu falar da ***caça por espécies***?'

'Creio que sim. Não é a que consiste em que cada caçador deve pegar uma peça de cada espécie determinada? Como um jogo no qual um caçador deve conseguir, por exemplo, uma lebre, o outro um coelho, o terceiro um faisão, o quarto um peru etc.?'

'Exatamente, Kurt' — confirmou Tarstein — 'escute isso, então, e grave bem no seu cérebro: analogamente à caça por espécies, ***dentre os caçadores da Sinarquia, os Druidas são encarregados de pegar as peças de sua espécie***.'

Eu o olhei, sem compreender — ou sem querer compreender. Ele repetiu: '***... de sua espécie, Kurt von Sübermann***.'

Eu não saberia dizer o que me parecia mais espantoso, se a história que Tarstein havia narrado — sem dúvidas, verdadeira — ou saber que estava diante de um Conde, um Nobre de linhagem antiquíssima. Por sua aparência comum, por seu tratamento humilde e cavalheiresco, por sua indumentária de duvidosa qualidade, dificilmente suspeitaria disso. Eu também herdara um título nobiliário; no entanto, algo interno, uma intuição inexplicável, dizia-me que seu Sangue era mais Puro, que sua Estirpe era mais antiga, que sua nobreza era superior à minha. De sua advertência, a respeito do perigo dos Druidas, não fiz o menor caso.

Antes de sair, pegou umas folhas datilografadas da estante de documentos e as entregou para mim.

'São' — disse-me — 'a transcrição do artigo ***Druidism***, da Enciclopédia Britânica. Leia-o, vai lhe refrescar a memória.'

Fechou à chave a biblioteca druídica e regressamos à cozinha.

Eu bebia outra xícara de chá, ainda confuso pelas revelações de Tarstein, quando ele, que havia saído um momento antes, regressou.

'Fui até meu estúdio para buscar este manuscrito' — mostrou-me um livro, habilmente encadernado e escrito à mão, com estranhos caracteres góticos.

'Seu título é *História Secreta da Thulegesellschaft*. Eu o escrevi empregando conhecimentos que são totalmente secretos e que, na Alemanha, só alguns poucos Iniciados conhecem em parte. O senhor poderá lê-lo mais adiante, mas não poderá tirá-lo desta casa, pois é o único exemplar que existe e os segredos ali contidos poderiam mudar a organização política do Planeta, se caíssem em poder do Inimigo. Aqui se explica, por exemplo, como fizeram os Iniciados da Ordem *Einherjar* para determinar que Adolf Hitler era o Führer da Raça Branca e como o guiaram para o Poder. E também as Ordens intermediárias que tiveram que fundar, como a *Germanenorden* e a *Thulegesellschaft*, até chegarem à Ordem possuidora da Sabedoria Hiperbórea no Mais Alto Grau, quer dizer, a Ordem Negra ᛋᛋ.'

É fácil imaginar a avidez com que observei aquele manuscrito, desejando ter a possibilidade de lê-lo ali mesmo. As palavras soavam misteriosas na boca de Tarstein, e essa impressão se acentuava devido à irrealidade do lugar, onde se atravessavam os séculos apenas percorrendo alguns metros de corredor.

'Seu *Taufpate* Rudolph Hess' — continuou Tarstein, mudando de assunto — 'eu conheço desde que apareceu em Munique, em 1919. Era um jovem estudante de geopolítica quando ingressou, nesse ano, na *Thulegesellschaft*. No entanto, ***reconhecemos*** nele um dos grandes Espíritos da Alemanha, que viria a ser ***o Escudeiro do Rei Artur***. Um ***Parsifal*** cuja missão não seria, desta vez, a busca do Graal, mas o ***sacrifício*** de sentar-se no ***assento perigoso*** durante a ***crise do Reino***, esse posto número treze na *Távola Redonda*, que só pode ocupar um ***Louco Puro***, um Cavaleiro capaz de fazer

uma ***Loucura de Amor*** para salvar o Reino. Por isso Rudolph Hess sempre esteve perto do Führer, aguardando sua hora, como o Cavaleiro fiel.

E todos nós devemos desejar que nunca chegue sua oportunidade, pois quando Parsifal empreender sua missão, isso significará que o Rei Artur está ferido, e que o Reino é ***terra devastada***.'

Assenti com um gesto, diante do olhar inquisidor de Tarstein, mas essa muda resposta não o impressionou nem um pouco.

'Não entende completamente o que eu digo, não? Assim deve ser, pois, quem seria capaz de compreender o *louco puro*? Sua missão não é terrena. A vitória, se ele triunfar, só pode ser festejada em outros Céus. Poucos serão, sim, os que aplaudirão o herói anônimo que há em Rudolph Hess. E, no entanto, dele depende, em alto grau, o triunfo do Führer.'

Quanto significado teriam essas palavras que Tarstein me disse, naquela primeira visita à *Gregorstrasse 239*, quatro anos depois, quando, em 1941, Rudolph Hess se preparava para enfrentar valentemente os ***elementarwesen***. Mas aquele sábado de 1937, a guerra, e todo o horror que viria, ainda estavam longe, em um futuro que eu não poderia suspeitar.

Por outro lado, os comentários de Tarstein me causavam um certo orgulho, na qualidade de afilhado do ponderado Rudolph Hess, e com uma sensação prazerosa, sorria tolamente, sem me aprofundar no sentido oculto que havia por trás da simbologia da lenda arturiana.

Não me prolongarei a respeito dessa primeira visita, pois não foi muito mais o que falamos. Depois de uma hora, segundo me recordo, parti dali, imerso em um mar de dúvidas, mas com o firme propósito de continuar até o final.

Rudolph Hess havia utilizado sua influência para me fazer chegar até Konrad Tarstein, quem quer que ele fosse, e eu não estava disposto a abusar de sua confiança.

Uma hora depois, no trem, eu lia o artigo da Enciclopédia Britânica. Não era muito o que diziam os ingleses sobre os Druidas.

'**Druidismo** ***era a fé dos habitantes celtas da Gália até a época da romanização de seu país e da população celta das Ilhas Britânicas até a romanização da Grã-Bretanha, ou também em áreas afastadas da influência romana até o período da introdução do Cristianismo.***

Do ponto de vista das fontes disponíveis, o assunto apresenta dois campos distintos para a investigação. O primeiro deles, Pré-Romano e Galo-Romano; e o segundo Pré-Cristão e cristão primitivo da Irlanda e da Terra dos Pictos. De acordo com as condições atuais de conhecimento, é difícil avaliar a interrelação do paganismo druídico.

Gália (Gaul)*: a primeira menção a respeito dos Druidas é feita por Diógenes Laércio (Vitae, intro., I e 5) e foi encontrada em um trabalho perdido de um autor grego, Sótion de Alexandria, escrito ao redor de 200 Antes de Jesus-Cristo, época em que a maior parte da Gália foi celta por mais de 200 anos e em que as colônias gregas ocuparam, durante um tempo ainda maior, a costa do Sul.*

Os Druidas gauleses, que posteriormene foram descritos por César,* constituíram uma Ordem antiga de oficiais religiosos*, pois quando Sótion escrevia, eles já possuíam sua reputação de filósofos no mundo exterior. De qualquer forma, o relato de César é a fonte principal da presente informação e é um documento especialmente valioso, uma vez que o* amigo *e conselheiro de César, o nobre Diviciacus*[40] *era Druida. A descrição que César faz dos Druidas (Commentarii de bello Gallico, VI) enfatiza suas funções judiciais e políticas.

Apesar de oficiarem em Sacrifícios e ensinarem a Filosofia de sua Religião, eram mais do que Sacerdotes: na assembleia anual da Ordem, que se realizava em um lugar perto de Chartres, não era para fazer sacrifícios que as pessoas vinham de lugares remotos, mas para apresentar suas disputas em um julgamento justo. Seu poder era ainda maior: não apenas decidiam nas discussões de menor importância, mas sua função incluía a investigação de acusações criminais mais graves, bem como as disputas entre as tribos.'

'*Himmel*!' — exclamei, enquanto suspendia por um momento a leitura — 'será que estou tão sugestionado pela Doutrina do Führer que vejo judeus por todos os lados? Pois, por que negar? Aqueles Sacerdotes-Juízes, com seu *Efod* branco, me pareciam Levitas de pura Raça hebraica.'

'Você não está equivocado!' — afirmou em minha mente a Voz de Kiev — 'Os Druidas são hebreus! Um dia você conhecerá a Verdade!'

Continuei lendo:

'***Isso, e o fato de que reconheciam um Arquidruida investido de poder supremo, nos demonstra que seu sistema era concebido em uma base nacional e que, além disso, estavam habitualmente longe de suspeitas entre as tribos. E, se a essa vantagem política acrescentamos sua influência sobre a opinião pública, que formavam, em sua qualidade de principais instrutores dos jovens e, finalmente, a formidável sanção religiosa por trás de seus decretos, é evidente que, diante do choque com Roma, os Druidas devem ter controlado totalmente a administração civil da Gália.***'

Esse poder onipotente, tanto na paz como na guerra, essa intermediação entre o Céu e a Terra, essa capacidade de 'formar o povo' em todos os seus estratos, essa autoridade de legislar e julgar, não era análoga à de um Aarão, um Josué, um Samuel, alguns Levitas, quer dizer, daquela tribo de Israel a quem Jeová encarregou a missão de ***oficiar o Culto da Lei***? Perguntas sem respostas, por ora — mas perguntas que davam origem a muitas e sugestivas intuições. Assim continuava o artigo:

'***Do Druidismo em si é pouco o que se diz, exceto que os Druidas ensinavam a imortalidade da alma humana, afirmavam que esta passava a outros corpos depois da morte. Essa crença foi identificada***

---

[40] *Diviciacus ou Divitiacus é o próprio Druida "Viviciano" que mencionara o Professor Ramirez no Terceiro Livro, Capítulo III.*

por outros autores posteriores, tais como Diodoro Sículo, com a Doutrina de Pitágoras, mas provavelmente isso seja incorreto, já que não existe evidência de que o sistema religioso druídico incluísse a noção de uma cadeia de vidas sucessivas como forma de purificação ética, ou de que era formado por uma doutrina de retribuição moral, sendo a libertação da Alma a última esperança, e isso parece reduzir o credo druídico ao nível de uma especulação religiosa comum.'

Muito contraditório, pensava eu no trem. É bastante improvável que alguns povos bárbaros, como eram os celtas, se submetessem aos milhões à condução religiosa, moral e judicial de Sacerdotes-Juízes que viviam isolados nos bosques, e que só mantivessem uma 'mera especulação religiosa comum'. Algo evidente haviam de mostrar os Druidas, algo superior a uma mera especulação racional, algo que, para os celtas, era a Verdade.

'***Da Teologia do Druidismo, César nos conta que os gauleses, de acordo com os ensinamentos druídicos, diziam descender de um Deus que correspondia a* Dïs Pater*, do panteão latino, e é possível que o considerassem como o Ser Supremo. Também nos fala que eles adoravam Mercúrio, Apolo, Marte, Júpiter e Minerva, e que, no que se refere a essas divindades, tinham as mesmas crenças do que o resto do mundo. Em resumo, os comentários de César implicam em que, à parte da doutrina da imortalidade, não havia nada no credo druídico que fizesse da sua fé algo extraordinário. Portanto, podemos deduzir que o Druidismo professava todos os dogmas conhecidos da antiga religião celta e que os Deuses dos Druidas eram as múltiplas divindades conhecidas do panteão celta.***'

Aqui o autor inglês do artigo cruzava a linha. Em nenhuma parte, antes deste último parágrafo, disse ou sugeriu que os Druidas fossem algo diferente dos celtas, salvo 'que formavam uma Ordem oficial de Sacerdotes'. Mas agora, claramente, dava a entender que, na verdade, ignorava as crenças dos Druidas e ***supunha*** que eram as mesmas que tinham os antigos celtas. Então, quem eram os Druidas, se não eram celtas? E por que os celtas teriam mudado sua Religião depois da, agora muito provável, chegada dos Druidas? Perguntas sem resposta. Perguntas para Konrad Tarstein.

'***A Filosofia do Druidismo não parece ter sobrevivido à prova de seu contato cultural com as crenças romanas e era, sem dúvida, uma mistura de Astrologia e Cosmogonia mítica. Cícero (De Divin., i, xli, 90) diz que Divitiacus se gabava de possuir um grande conhecimento de Fisiologia, mas Plínio chegou à conclusão (Natural History, xxx, 13) de que o saber dos Druidas não era mais do que um monte de superstições. Quanto aos Ritos religiosos, Plínio (N.H., xvi, 249) fez um impressionante relato da cerimônia de recolher o visco, e Diodoro Sículo (Hist., v, 31, 2-5) descreve* suas adivinhações por meio do sacrifício de uma vítima humana. *César já tinha mencionado que muitos homens eram queimados vivos em jaulas de vime. É possível que essas vítimas tenham sido malfeitores e também que tais***

sacrifícios fossem expiações em massa ocasionais, em vez de prática comum dos Druidas.'

Eu me equivocava, ou a Enciclopédia tentava, com um argumento subjetivo, deixar em boa posição os assassinos Druidas? Porque uma coisa é ser verdugo, tarefa desagradável, mas socialmente necessária, e outra muito diferente ser Sacerdote sacrificador de vítimas humanas. Os verdugos podem ser justificados, pois os justiçados são culpados de faltar à lei. Matar aquele que fere a lei comum é naturalmente compreensível — simplesmente se elimina aquele que é incapaz de conviver em comunidade. Mas os Sacerdotes matam para aplacar um Deus do qual eles são seus representantes, e propiciam um sacrifício humano que é normalmente incompreensível. Só eles o apresentam como necessário e só seu Deus pode justificar isso. Dava-me conta, então, de que se tratava de um grande favor que os ingleses faziam, ao apresentar os crimes de tão sinistros Sacerdotes como atos de justiça naturais.

'***O advento dos romanos levou rapidamente à queda da Ordem druídica. A Rebelião de Vercingetórix deve ter acabado com a organização entre as tribos, pois algumas delas se mantiveram afastadas do conflito ou se colocaram ao lado dos romanos. No entanto, mais adiante, no começo da Era Cristã, suas práticas cruéis foram a causa de um conflito direto com Roma, que levou, finalmente, à supressão oficial do Druidismo.***'

E continuavam as contradições. Como um povo especialista em leis como o romano, não compreendia que os assassinatos rituais dos Druidas eram atos positivos de justiça, segundo a convicção que o articulista expressava, linhas atrás? Ou talvez o redator, conhecedor da História, lutasse interiormente entre seu dever de expor os fatos verdadeiros e ***uma ordem dos Diretores da Enciclopédia, ou de outras pessoas de bastante influência, pela qual era obrigado a exaltar o lado bom do Druidismo (muito pouco, certamente) e ocultar o lado mau (que era muito) e adoçar o inegável***. Como você verá, *Neffe*, esta era a teoria de Konrad Tarstein.

'***No final do século I D. de J.C., seu status decaiu — tinham se tornado simples Magos, e no século II já não se fazia referência a eles. Um poema de Ausônio mostrava que, no século IV, ainda havia gente na Gália que se gabava de sua descendência druídica.***

Ilhas Britânicas*: na Grã-Bretanha há apenas uma menção aos Druidas como contemporâneos do clero gaulês e é a referência que faz Tácito (Annals, xv, 30), através da qual se sabe que havia antepassados com esse nome em Anglesey, em 61 A. de J.C., mas não há menção alguma aos Druidas em toda a História da Inglaterra Romana, e poder-se-ia perguntar se algum dia houve Druidas nas províncias do Leste, que tinham sido submetidas à influência germânica antes da invasão romana.*

***Por outro lado, certamente houve Druidas na Irlanda e Escócia, e não há razão para duvidar que a Ordem pudesse, pelo menos remontar ao século I ou II A. de J.C. A palavra* drai *(Druida) encontra-se apenas nos glossários irlandeses do século VIII D. de J.C., mas existe uma tradição firme na História irlandesa atual de que os Druidas e suas tradições culturais (*druidecht*) eram de uma origem aborígene ou Picta. No que se refere a Gales, além de Druidas em Anglesey, é pouco o que se pode dizer, exceto que os bardos mais antigos* (os Cynfeirdd) *às vezes se chamavam de* derwyddon.

O Druida irlandês era uma pessoa muito notável, e figura nas primeiras sagas como profeta, mestre e mago. Não possuía, no entanto, os poderes judiciais atribuídos por César aos Druidas gauleses e tampouco parecia pertencer a um colegiado nacional com um Arquidruida no comando.

Além do mais, em nenhum texto se menciona que os Druidas irlandeses presidissem sacrifícios, apesar de que se diz que eles realizavam adorações idólatras, celebravam funerais e ritos batismais. São mais descritos como adivinhos que, em sua maioria, eram bajuladores dos príncipes.

Origem*: pode-se evitar uma confusão se estabelecermos uma distinção entre a origem dos Druidas e a origem do Druidismo. Quanto aos oficiadores, é possível que sua Ordem fosse puramente celta, e que se originasse na Gália, talvez como resultado do contato com a sociedade desenvolvida da Grécia. Mas o Druidismo, por outro lado, é provavelmente, em termos mais simples, a fé pré-celta e aborígene da Gália e das Ilhas Britânicas, que foi adotada com poucas modificações pelos emigrantes celtas. É fácil entender que essa fé pôde adquirir especial diferenciação da antiguidade nos distritos remotos, tais como a Bretanha; e esse ponto de vista explicaria a crença expressada por César de que a disciplina do Druidismo fosse de origem insular.*

A etimologia da palavra Druida é ainda duvidosa, mas a velha opinião ortodoxa que toma* dru *como prefixo tônico e* vid *com o significado de* saber*, tornando o Druida um homem muito sábio, há que ser deixada de lado, em favor de uma derivação mais provável da palavra* carvalho*. Outra derivação, de Plínio, que faz* Druida *proceder do grego* (δευς) *é, de qualquer maneira, muito improvável.

Nos séculos XVIII e XIX houve um grande ressurgimento do interesse pelos Druidas, impulsionado, em sua maior parte, pelas teorias arqueológicas de Aubrey e Stukeley, e, em geral, pelo Romantismo. Um dos resultados desse interesse foi a invenção do 'neo-druidismo', uma extravagante mistura de 'helio-arkite theology' (adoração ao sol e às memórias do Dilúvio e da Arca de Noé) e bardismo gaulês; e outro foi que mais de uma sociedade afirmou ser herdeira da fé e do conhecimento tradicional dos primeiros Druidas. Uma simpática

sociedade druídica fundada no século XVIII - A Antiga Ordem dos Druidas Unidos — no entanto, não fez nenhuma reivindicação a respeito disso.' 1

1 Transcrição literal do artigo da Enciclopédia Britânica:

DRUIDISM: was the faith of the Celtic inhabitants of Gaul until the time of the Romanization of their country, and of the Celtic population of the British Isles either up to the time of the Romanization of Britain, or, in parts remote from Roman influence, up to the period of the introduction of Christianity.

From the standpoint of the available sources the subject presents two distinct fields for inquiry, the first being pre-Roman and Roman Gaul, and the second pre-Christian and early Christian Ireland and Pictland. In the present state of knowledge it is difficult to assess the interrelation of druidic paganism.

Gaul. - The earliest mention of druids is reported by Diogenes Laertius (*Vitae*, intro., I and 5) and was found in a lost work by a Greek, Sotion of Alexandria, written about 200 B.C., a date when the greater part of Gaul had been Celtic for more than two centuries and the Greek colonies had been even longer established on the south coast.

The Gallic druids which were subsequently described by Caesar were an ancient order of religious officials, for when Sotion wrote they already possessed a reputation as philosophers in the outside world. Caesar's account, however, is the mainspring of present information, and it is an especially valuable document as Caesar's confidante and friend, the Aeduan noble Divitiacus, was himself a druid. Caesar's description of the druids (*Commentarii de Bello Gallico*, VI) emphasizes their political and judicial functions.

Although they officiated at sacrifices and taught the philosophy of their religion, they were more than priests; thus at the annual assembly of the order near Chartres, it was not to worship nor to sacrifice that the people came from afar, but to present their disputes for lawful trial. Moreover, it was not only minor quarrels that the druids decided, for their functions included the investigation of the gravest criminal charges and even intertribal disputes.

This, together with the fact that they acknowledged the authority of an archdruid invested with supreme power, shows that their system was conceived on a national basis and was independent of ordinary intertribal jealousy; and if to this political advantage is added their influence over educated public opinion as the chief instructors of the young, and, finally, the formidable religious sanction behind their decrees, it is evident that before the clash with Rome the druids must very largely have controlled the civil administration of Gaul.

Of druidism itself, little is said except that the druids taught the immortality of the human soul, maintaining that it passed into other bodies after death. This belief was identified by later writers, such as Diodorus Siculus, with the Pythagorean doctrine, but probably incorrectly, for there is no evidence that the druidic belief included the notion of a chain of successive lives as a means of ethical purification, or that it was governed by a doctrine of moral retribution having the liberation of the soul as the ultimate hope, and this seems to reduce the druidic creed to the level of ordinary religious speculation.

Of the theology of druidism, Caesar tells us that the Gauls, following the druidic teaching, claimed descent from a god corresponding with Dis in the Latin pantheon, and it is possible that they regarded him as a Supreme Being; he also adds that they worshipped Mercury, Apollo, Mars, Jupiter and Minerva, and had much the same notion about these deities as the rest of the world. In short, Caesar's remarks imply that there was nothing in the druidic creed, apart from the doctriny of immortality that made their faith extraordinary, so that it may be assumed that druidism professed all the known tenets of ancient Celtic religion and that the gods of the druids were the familiar and multifarious deities of the Celtic pantheon.

The philosophy of druidism does not seem to have survived the test of Roman acquaintance, and was doubtless a mixture of astrology and mythical cosmogony. Cicero (*De Divin.*, I, xli, 90) says that Divitiacus boasted a knowledge of *physiología*, but Pliny decided eventually (*Natural History*, xxx, 13) that the lore of the druids was little else than a bundle of superstitions. Of the religious rites themselves. Pliny (*N.H.*, xvi, 249) has given and impressive account of the ceremony of culling the mistletoe, and Diodorus Siculus (*Hist.*, v, 31, 2-5) describes their divinations by means of the slaughter of a human victim. Caesar having already mentioned the burning alive of men in wicker cages. It is likely that these victims were malefactors, and it is accordingly possible that such sacrifices were rather occasional national purgings than the common practice of the druids.

The advent of the Romans quickly led to the downfall of the druidic order. The rebellion of Vercingetorix must have ended their intertribal organization, since some of the tribes held aloof from the conflict or took the Roman side; furthermore, at the beginning of the Christian era their cruel practices brought the druids into direct conflict with Rome, and led, finally, to their official suppression.

At the end of the 1st century their status had sunk to that of mere magicians, and in the 2nd century there is no reference to them. A poem of Ausonius, however, shows that in the 4th century there were still people in Gaul who boasted of druidic descent.

British Isles - There is one mention of druids in Great Britain as contemporaries of the Gallic clergy, and that is the reference to them by Tacitus (*Annals*, xiv, 30) from which it is learned that there were elders of that name in Anglesey in A.D. 61; but there is no mention of the druids in

the whole of the history of Roman England, and it may be questioned whether there ever were any druids in the eastern provinces that had been subjected, before the Roman invasion, to German influence.

On the other hand, there were certainly druids in Ireland and Scotland, and there is no reason to doubt that the order reaches back in antiquity at least to the 1ist or 2nd century B.C.; the word *drai* (druid) can only be traced to the 8th-century Irish glosses, but there is a strong tradition current in Irish literature that the druids and their lore (*druidecht*) were either of an aboriginal or Pictish origin. As to Wales, apart from the existence of druids in Anglesey there is little to be said except that the earliest of the bards (the Cynfeirdd) very occasionally called themselves *derwyddon*.

The Irish druid was a notable person, figuring in the earliest sagas as prophet teacher and magician; he did not possess, nevertheless, the judicial powers ascribed by Caesar to the Gallic druids, nor does he seem to have been a member of a national college an archdruid at its head.

Further, there is no mention in any of the texts of the Irish druids presiding at sacrifices, though they are said to have conducted idolatrous worship and to have celebrated funeral and baptismal rites. They are best described as seers who were, for the most part, sycophants of princes.

Origin - Some confusion is avoided if a distinction is made between the origin of the druids and the origin of druidism. Of the officials themselves, it seems most likely that their order was purely Celtic, and that it originated in Gaul, perhaps as a result of contact with the developed society of Greece; but druidism, on the other hand, is probably in its simplest terms the pre-Celtic and aboriginal faith of Gaul and the British Isles that was aposted with little modification by the migrating Celts. It is easy to understand that this faith might acquire the special distinction of antiquity in remote districts, such as Britain, and this view would explain the belief expressed to Caesar that the *discipline* of druidism was of insular origin.

The etymology of the word druid is still doubtful, but the old orthodox view taking *dru* as a strengthening prefix and *uid* as meaning “knowing”, whereby the druid was a very learned man, has been abandoned in favor of a derivation from an oak word. Pliny's derivation from Greek **δρυς** is, however, improbable.

A great revival of interest in the druids largely promulgated by the archaeological theories of Aubrey and Stukeley and by romanticism generally, took place in the 18th and 19th centuries. One outcome of this interest was the invention of neodruidism, an extravagant mixture of helio-arkite theology and Welsh bardilore, and another result is that more than one society has professed itself as inheriting the traditional knowledge and faith of the early druids. The United Ancient Order of Druids, however, a friendly society founded in the 18th century, makes no such claim.

Tio Kurt me entregou um artigo da Enciclopédia Britânica, idêntico ao que Tarstein o fizera ler na Alemanha, em 1937. Considerando o que tinha aprendido ultimamente sobre os *Druidas*, desde que eles assassinaram Belicena Villca, e depois de ler sua carta e receber as explicações magistrais do Professor Ramírez, era natural que eu compartilhasse da opinião de Konrad Tarstein, no sentido de que aquele artigo era extremamente resumido e ambíguo, para justificar sua inclusão em uma obra tão prestigiada — a primeira edição da Enciclopédia Britânica, datada de 1771 — e por isso seria de se esperar que, em 1930, tivessem reunido suficiente material sobre os Druidas, para compor um artigo mais extenso e completo. Mas era óbvio que os ingleses não desejavam se aprofundar na história de alguns antigos e esquecidos Sacerdotes que poderiam matar, hoje em dia, com renovada eficácia.

— Na segunda visita que fiz a Konrad Tarstein — lembrou tio Kurt — ele aprovou meu raciocínio e me assegurou que o que aconteceu no artigo era o que mais comumente ocorria, e que desejava me alertar sobre isso. Por essa razão, me deu o texto — para me colocar em alerta de que uma incrível conspiração europeia negava a informação ou a distorcia, com a finalidade de evitar que olhares indesejáveis pudessem cair sobre um tema que as mais poderosas forças sinárquicas estavam interessadas em ocultar. E tornou a me alertar sobre a, até então incompreensível, circunstância de que ***eu era a presa que Eles se propunham a caçar***.

"Enfim, *Neffe*, com respeito à informação, era fácil comprovar que Tarstein estava certo e que não admitia uma explicação simples sobre a ocultação druídica que se fazia na Inglaterra. Isso saltará à vista se você realizar uma comparação esclarecedora. Por exemplo, leia o artigo ***Druida***, do Dicionário Enciclopédico de Montaner e Simón, o qual foi editado em Barcelona, no final do século XIX, e não lhe restarão dúvidas de que a publicação inglesa está afetada por um estranho raquitismo, ainda que no ensaio espanhol percebe-se o mesmo objetivo de deixar os Druidas em boa posição.

Então, tio Kurt colocou em minhas mãos o Tomo VII do Dicionário Enciclopédico, obra em 25 tomos que, indubitavelmente, tinha menor tamanho do que a Enciclopédia Britânica. Procurei o artigo mencionado e li:

'**DRUIDA** (do lat. *Druida*; do címbrico *druiz* ou *deruiz,* de *dervo*, carvalho): m. Sacerdote dos antigos gauleses e britânicos.

— **Druida**: *Hist.* Muito se discutiu sobre a etimologia da palavra *druida*. Os etimologistas valeram-se até dos dicionários hebreus para ver se neles encontravam algo que lhes desse alguma ideia sobre ela. O nome de druida é um apelativo, como a maior parte dos substantivos radicais de todas as línguas. Em língua gaulesa *draoi* ou *druidas* significa *adivinho*, *áugure*, *mago*, e *druidheatch adivinhação* e *magia*. Também se disse que esta palavra deriva da voz grega **δρυς**, que significa *carvalho*, porque eles habitavam e ensinavam suas doutrinas nos bosques, e porque, como disse Plínio, o Velho, não faziam seus sacrifícios se não fosse ao pé de um carvalho. Mas

essa etimologia, ainda que tenha a seu favor o argumento da antiguidade, uma vez que é dos tempos de Plínio, nem por isso deixa de parecer puramente arbitrária, pois não seria muito natural que os druidas fossem adotar seu nome baseando-se em uma palavra estrangeira. Outros sustentam que a palavra *druida* deriva da raiz britânica ***dru*** ou ***drew***, que também significa *carvalho*, e que desta deriva a palavra grega **δρυς**. Das muitas etimologias orientais que se apresentaram, parece a mais aceitável a forma sânscrita *druwidh*, que significa *pobre indigente*, porque os druidas, como os sacerdotes de todas as nações, deviam fazer voto de pobreza. Os argumentos a favor da origem oriental dos druidas são bastante dignos de atenção, já que, não por outras razões, foram aceitos por muitos escritores da Antiguidade. Diógenes Laércio e Aristóteles colocam os druidas e os caldeus ao lado dos magos persas e dos indianos, opinião que com eles compartilham grande número de escritores. A divindade dos brâmanes tem uma grande semelhança com a divindade druídica. A importância que os druidas concediam aos bois é outra coincidência singular. Os mistérios druídicos têm também grande analogia com os mistérios da Índia. Na varinha mágica dos druidas se vê o bastão sagrado dos brâmanes. Uns e outros tinham os mesmos objetos consagrados: usavam tiaras de tecido, e o círculo simbólico de Brahma, como a meia-lua, símbolo de Shiva, eram ornamentos druídicos. Grandes eram também as analogias entre a ideia que tinham os druidas de um Ser Supremo e a que se encontra nas obras sagradas da Índia. De forma que não parece ser muito arriscado supor grandes relações entre druidas e sacerdotes indianos e persas.

Houve druidas não apenas na Bretanha, habitada por povos gauleses, mas também na Gália cisalpina e no vale meridional do Danúbio, habitado também por povos gauleses. Mas não havia druidas na Germânia, como, sem nenhum fundamento, afirmam os que dizem que os germânicos são irmãos dos gauleses e os denominam com o substantivo apelativo imaginário de 'celtas'. De forma mais clara e categórica: os sacerdotes dos germânicos não eram denominados 'druidas'.

Segundo César, em sua obra *De Bello Gallico*, em cujo livro VI se ocupa dos usos e costumes dos gauleses e dos germânicos, a ciência druídica foi inventada na Bretanha e dali passou para a Gália. Ainda que seja evidente que as Gálias fossem habitadas antes do que a Bretanha e a Irlanda, é, estritamente falando, possível que a organização hierárquica do corpo dos druidas e o sistema de sua doutrina fosse inventada na Bretanha. No entanto, é mais crível que houvesse várias escolas de druidas no Continente e nas Ilhas, e que uma ou algumas dessas escolas da Bretanha fossem mais célebres, por ser mais completa a instrução que nela ou nelas se oferecesse. Efetivamente, César não disse que todos os que queriam entrar para a classe dos druidas fossem obrigados a ir estudar na Bretanha, mas que iam para lá os que desejassem receber uma instrução mais completa. Uma nova prova de que a Bretanha não era o centro principal da organização dos druidas é que suas assembleias gerais eram celebradas em um bosque consagrado,

no país dos Carnutos (ou Carnutes), que era considerado como o centro da Gália. Acreditava-se que esse bosque ficava nos arredores de Dreux, e que essa cidade devia seu nome aos druidas, mas isso não passa de uma suposição, uma vez que o nome de Dreux (*Duro-Cath ou Caz*) significa *um forte perto de um rio*.

Na obra já citada, *De Bello Gallico*, César diz que todos os homens que pertenciam às classes altas na Gália, figuravam quer entre os nobres, quer entre os druidas. Estes eram encarregados da direção religiosa do povo, bem como também eram os principais intérpretes e guardiões das leis. Os druidas tinham poder para impor os mais severos castigos àqueles que se negavam a se submeterem às suas decisões.

Dentre as penas que se podiam impor, a mais temida era a de expulsão da sociedade. Os druidas não formavam uma casta hereditária, eram isentos do serviço no campo e do pagamento de impostos, e, por causa dessas exceções e privilégios, todos os jovens da Gália desejavam ser admitidos na Ordem. As provas a que um novato deveria se sujeitar duravam, às vezes, vinte anos. Toda a instrução ou cultura druídica era comunicada oralmente, mas, para certas proposições, tinham uma linguagem escrita, na qual usavam os caracteres gregos. O presidente da Ordem, cujo cargo era eletivo e vitalício, exercia sobre todos os indivíduos que a formavam uma autoridade suprema. Os druidas ensinavam que a alma era imortal. A Astrologia, Geografia, Teologia e Ciências Físicas eram seus estudos favoritos. Os gauleses não faziam sacrifícios humanos, a não ser em casos muito raros, e neles se sacrificavam grandes criminosos. Tudo o que se sabe sobre as doutrinas religiosas ensinadas pelos druidas se reduz a alguns fragmentos que se encontram em várias obras de escritores da antiguidade, e particularmente em César, Diodoro da Sicília, Valério Máximo, Lucano, Cícero etc. Destes fragmentos entende-se que acreditavam, como já se disse, na imortalidade da alma e sua existência em outro mundo, não sendo a morte mais do que o ponto ou o momento da separação de duas existências. Dessa crença é natural que se derivasse a de prêmio e castigo na outra vida — crença que explica naturalmente o valor indomável dos gauleses e seu desprezo para com a morte. Os druidas ensinavam a posição e o movimento dos astros e a magnitude do Céu e da Terra, quer dizer, dedicavam-se ao estudo da Astronomia e, sem dúvida alguma, da Astrologia. Cícero disse que se consagravam também ao estudo dos segredos da natureza e da Fisiologia. Disso nasceu a presunção de possuírem a ciência da Adivinhação e da Magia. Seu estudo mais importante foi o teológico, mas a respeito dele não se possuem dados certos, sendo muito pouco conhecido o seu sistema teológico, porque os escritores gregos e latinos, ao falarem do nome e das funções e atributos das divindades druídicas, referiram-se à sua própria teogonia. De forma que só se pode fazer conjecturas, às quais o estudo etimológico pode dar algumas probabilidades. César disse que sua divindade principal era Mercúrio, que presidia as Artes, as viagens e o comércio. Seguiam depois, por ordem de importância, Apolo, Marte, Júpiter e Minerva.

Lucano e outros escritores colocavam à frente dos deuses Teutates, e depois dele Esus, Beleno, Taranos e Hércules Ogmios. César acrescenta que os druidas acreditavam descender de *Dis*, nome que ele traduzia como significando *Plutão*, e que essa origem se devia ao fato de contarem as noites e não os dias. Esta opinião é, evidentemente, errônea, e o erro nasceu de que *Dis* ou *Dia* era, entre os gauleses, um dos nomes do Ser Supremo, ao qual chamavam também de Esar ou o Eterno e *Aibell* ou *Aoibheall*, o infinito. *Beleno* ou *Béal* era um dos 'nomes do Sol', ao qual chamavam também de *Ablis* ou *Atheithin*, o quente, e *Grannos*, o luminoso. *Teutates* era o deus do fogo, da morte e da destruição.

Ao tratar das crenças religiosas da Gália é preciso citar a opinião do insigne escritor Thierry. Segundo ele, as crenças religiosas dos gauleses se referiam a dois corpos de símbolos e de superstições, a duas religiões completamente diferentes: uma muito antiga, fundamentada sobre um politeísmo derivado da adoração dos fenômenos naturais, e a outra, o druidismo, introduzida posteriormente pelos imigrantes da raça címbrica, fundamentada sobre um panteísmo material metafísico e misterioso. Uma das principais divindades dos povos celtas era, além das já citadas, *Ogma Ogmios*, deus da ciência e da eloquência, representado pela figura de um velho armado de maça e arco, seguido por cativos encadeados pelas orelhas com correntes de ouro e âmbar, que saíam de sua boca. Além das divindades principais, os druidas tinham outras divindades assemelhadas quer a Marte, como *Camul, Camulus, Segomon, Belatucadrus* e *Caturix*, quer a Apolo, como *Mogounus* e *Grannus*, e também outras divindades que eram a deificação dos fenômenos naturais, como *Tarann*, *Tarannis*, o trovão; *Kaikias (ou Caecius)*, vento impetuoso do Nordeste, ou deificação de montanhas, bosques, cidades, como *Pöninus*, deus dos Alpes; *Vosegus,* deus dos montes Vosgos, *Arduinna*, referente a Diana, deusa do bosque das Ardennes; *Nemausus, Vesontio, Luxovius, Nerius, Bormana, Damona*, divindades locais de Nîmes, de Besançon, de Luxeuil-les-Bains, de Néris-les-Bains, de Bourbon-Lancy. *Epona* era a deusa protetora dos cavalariços e dos domadores de cavalos.

Os druidas eram muito venerados pelo povo, levavam uma vida austera e afastada de qualquer contato com os demais homens, e se vestiam de modo singular — normalmente usavam uma túnica que lhes chegava bem abaixo do joelho. Dotados de poder supremo, impunham penas, declaravam a guerra e faziam a paz, podiam depor os magistrados e até mesmo o rei, quando suas ações fossem contrárias às leis do Estado, tinham o privilégio de nomear os magistrados que anualmente governavam as cidades, e não se elegiam reis sem sua aprovação. César disse que somente os nobres podiam entrar na ordem druídica, enquanto Porfírio sustenta que bastava ter o direito de cidadania. É, no entanto, difícil de acreditar que um corpo tão poderoso como o druídico admitisse em seu seio indivíduos que não pertencessem a uma determinada casta. Os druidas formavam a primeira Ordem da nação, eram os juízes na maior parte das questões públicas e

privadas, conheciam todos os delitos, de assassinato, das questões hereditárias, das questões sobre a propriedade; e os sentenciados a essas penas eram considerados infames e ímpios, abandonados por todos, até por seus parentes, e todo mundo fugia deles, para não serem manchados com seu contato, perdiam todos os seus direitos civis e a proteção das leis e dos Tribunais. A veneração que se dava aos druidas era tão grande que se eles se apresentassem entre dois exércitos combatentes, a luta cessava imediatamente, e os combatentes se submetiam à sua arbitragem.

Como foi dito antes, segundo a opinião dos escritores da antiguidade, a doutrina druídica não era escrita, mas transmitida oralmente, e os novatos eram obrigados a estudar durante vinte anos para possuir o conhecimento. Parece, no entanto, que essa afirmação é errônea, e que o erro provém do cuidado com que os druidas ocultavam sua ciência dos profanos. Com a idade, a memória se enfraquece inevitavelmente, e se nada fosse escrito, o resultado seria, forçosamente, que os chefes, quer dizer, os mais velhos, ficariam inferiorizados com relação aos mais jovens, nos detalhes de sua doutrina. Os druidas tinham uma escrita sagrada que, segundo a tradição, chamou-se de ***Ogham***. É, pois, provável que possuíram livros escritos com aqueles caracteres, que talvez fossem, como se indicou anteriormente, caracteres gregos, mas isso não quer dizer, como acreditaram alguns, que escrevessem em grego. Infelizmente, não chegou até a presente época nenhum daqueles livros. Os que escaparam aos editais dos imperadores romanos na Gália e Bretanha foram destruídos pelos primeiros propagandistas cristãos, por São Patrício, na Irlanda, e São Columbano, na Escócia.

O corpo dos druidas se dividia em várias classes: os *druidas* propriamente ditos, os *adivinhos*, os *saronídeos*, os *semnoteos*, os *siloduros* e os *bardos*. Com respeito aos últimos, alguns autores opinam que não devem figurar entre os druidas, e outros afirmam que os *bardos* foram uma corporação de ministros dedicados ao culto religioso, que precedeu à Ordem ou corporação dos druidas. Os bardos, da mesma forma que os *escaldos* dos germânicos, não eram senão poetas agregados aos chefes, e que eram encarregados de cantar os grandes feitos dos heróis, de improvisar louvores e elogios, orações fúnebres e canções de guerra. Celebraram também os mistérios de sua religião, como o fizeram os escaldos? Esta é uma pergunta que não é possível responder, porque entre os cantos dos bardos que se conservaram não há nenhum que contenha algo relativo aos dogmas nem às cerimônias de nenhuma religião. A adivinhação era o atributo comum dos druidas — todos eram adivinhos — e não há razão para dividi-los em classes, sob esse aspecto, a não ser pelo exercício das diferentes funções que desempenhavam. Os *semnoteos*, palavra derivada de *sainch* (êxtase) eram os estáticos ou contempladores; os *siloduros* eram os instrutores ou instituidores, e deviam seu nome à palavra *realadh*, que significa ensinamento, e, por último, os *saronídeos* não deviam formar uma classe especial, mas devem ter sido chamados assim por serem os chefes, pois o

nome *saronídeos* deriva de *sar-navidh* ou *sar-nidh*, que significa muito venerável; então, podemos acreditar que *saronídeo* fosse um título e não uma nova classe na ordem druídica.

Houve também *druidesas*, quer fossem as mulheres ou as filhas dos druidas, quer simplesmente agregadas à corporação, pois não é possível admitir que os druidas permitissem o exercício da magia, adivinhação e sacerdócio a mulheres que não pertencessem ao corpo druídico e não estivessem submetidas à sua disciplina. É indubitável que elas existiram, pois a História fala de vestais gaulesas da Ilha de Sen, adivinhas e magas. Aquelas que predisseram a Aurélio e a Diocleciano que eles seriam imperadores, e a Severo Alexandre seu funesto destino, eram druidesas. Uma inscrição encontrada em Metz dá o nome de druidesa à sacerdotisa *Avete (Druis antistisa)*.

Segundo a opinião de Thierry, o druidismo já estava em decadência antes da época de César. Há algum tempo, os nobres, por um lado e o povo, por outro, ciumentos do grande poder dos druidas, conseguiram ir reduzindo paulatinamente sua influência política.

Reynaud, um dos escritores que melhor têm estudado o druidismo, sustenta que os antigos druidas foram os primeiros que ensinaram com grande clareza a doutrina da imortalidade da alma, e que tinham uma concepção tão perfeita da verdadeira natureza de Deus quanto os próprios judeus. Se depois transigiram com o culto a outras divindades, foi com o objetivo de conciliar o druidismo com as ideias professadas pelas classes incultas, mais dispostas a acreditar em semideuses e divindades do que conceber apenas um só Deus. Segundo o próprio Reynaud, o druidismo finalmente declinou e desapareceu, porque lhe faltava um elemento de vida necessário em qualquer religião: o amor ou a caridade. O cristianismo deu esse elemento e o druidismo desapareceu — mas desapareceu depois de ter cumprido uma importante missão: a conservação, em uma parte da Europa, da ideia da unidade de Deus. Se esta teoria, apoiada em dados muito incompletos, ou em raciocínios mais ou menos acertados para provar, entre os gauleses, certas ideias sobre a verdadeira natureza de Deus e suas relações com o homem, que degeneraram depois em grosseira superstição, é ou não certa, é uma questão que não deve ser discutida aqui.'

Capítulo XVIII

Como você pode imaginar, *Neffe* Arturo, só agora, ao ler a carta de Belicena Villca, consegui compreender aquela referência feita por Konrad Tarstein a que sua família constituía o 'ramo germânico' da Casa de Tharsis. Evidentemente, ele era um dos descendentes de Vrunalda de Tharsis e, segundo suas confidências posteriores, que eram muito escassas com respeito a esse tema, ele era também o último rebento de sua Casa. Mas eu

não saberia dizer se com isso ele queria indicar que era 'o último Iniciado' ou se realmente aludia a que ele representasse o último membro de sua linhagem. Mas, uma coisa era certa: que a profecia do Capitão Kiev, que Belicena Villca transcreve no Dia 50 de sua carta, cumpriu-se estritamente, uma vez que a Ordem *Einherjar* não só administrou ao Führer a Iniciação Hiperbórea, mas que alguém pertencente ao 'ramo *vrunaldino* da Casa de Tharsis' — ***Que Honra a sua!*** — estaria '***junto ao Grande Chefe Branco, quando ele declarasse a Guerra Total às Potências da Matéria. Porque a Sabedoria Hiperbórea dessa Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Primeira Vinda do Enviado do Senhor da Guerra!***'.

Sim, Arturo, a profecia de Kiev se cumpriu matematicamente, e não há por que duvidar que a segunda previsão, que se refere aos descendentes de Valentina de Tharsis, não se cumpra também. Ou seja, que a missão de Belicena Villca e seu filho Noyo deve ter sucesso, para que propicie a Segunda Vinda do Führer: '***essa Estirpe de Tharsis — que Glória a sua! — participará ativamente na Batalha Final. Porque a Sabedoria Hiperbórea dessa Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Segunda Vinda do Enviado do Senhor da Guerra!***'

Belicena Villca, a última Iniciada descendente de Valentina de Tharsis foi morta, assassinada pelos Druidas. Mas seu filho Noyo, segundo todos os indícios, conseguiu realizar sua missão. Se isso é assim, Arturo, quão próximos estamos da Batalha Final! Quão próxima está a Segunda Vinda do Führer! A Guerra Essencial se travará mais uma vez sobre a Terra e os Deuses Libertadores regressarão para guiar os homens despertos para a Origem Infinita de seu Espírito Eterno! Ó Arturo, sua presença, e a mensagem da qual você é portador, fechou um ciclo de minha vida, aberto há mais de quarenta anos atrás, e me devolveu a fé nos ideais da Ordem Negra! Por isso, nunca deixarei de lhe agradecer!"

— Calma, tio Kurt, calma — supliquei — não é a mim que você deve agradecer, mas aos Deuses, a esses misteriosos irmãos de Raça que nos guiaram para o tríplice contato entre Belicena Villca, você e eu. É claro que todos nós participamos da mesma história, desempenhamos papéis no mesmo *script*, somos personagens de um mesmo filme. Você deve terminar de contar sua vida para tentarmos, depois, planejar a forma atual de nossos movimentos, para nos ajustar à Grande Estratégia dos Deuses que, sem dúvida, esperam algo de nós, e por isso nos reuniram, no final, para não cometermos erros irreparáveis.

— Você tem razão, *Neffe*. Mas prosseguiremos amanhã, pois o tempo passou sem que notássemos e já são 2 da madrugada. Só acrescentarei algo sobre a estranha referência que Tarstein fizera a respeito da 'loucura' mística de Rudolph Hess. Adianto-lhe que, efetivamente, quando meu *Taufpate* decidiu realizar seu histórico voo e se jogar de paraquedas na Inglaterra, seu ato só pôde ser classificado de 'loucura'. Isso, do ponto de vista político, e mesmo estratégico militar. Mas, diferente é a opinião de quem observa os fatos com a perspectiva esotérica e iniciática. Porque a 'loucura' de Rudolph

Hess é análoga à loucura de Belicena Villca, quando decidiu desenvolver uma tática de distração, para possibilitar os movimentos de seu filho Noyo. Ela sabia perfeitamente que seu ato era arriscadíssimo, que atrairia a perseguição dos Golen e estes terminariam por capturá-la e executá-la. Ela o sabia e, no entanto, não vacilou em agir, em sacrificar sua vida, para que a Estratégia dos Deuses Leais triunfasse. Do mesmo modo, Rudolph Hess se entregou aos Golen Druidas da Ordem Golden Dawn, quer dizer, ao seu representante, o Golen Duque de Hamilton, pois se propôs a distrair o Inimigo, para favorecer os movimentos do Führer. O que ganharia o Führer, depois da 'loucura' de Rudolph Hess? Bem, ***um objetivo humanamente inestimável: depois da 'captura' de Rudolph Hess, os Druidas não poderiam mais 'abrir' uma Porta para Shambala na Inglaterra. Ficariam isolados das Moradas dos Deuses Traidores e da Fraternidade Branca — só a partir da Ásia poderiam reestabelecer esse contato***.

"Você pode se perguntar por que se produziu esse efeito, e em virtude de qual Poder Rudolph Hess conseguiu esse milagre, e vou lhe antecipar que isso ocorreu ***apenas por sua presença***, graças ao Signo da Origem que ele portava, da mesma forma que você e eu, sem perceber isso. Foi assim, *Neffe*, e mais adiante vou lhe narrar em detalhes a verdadeira operação esotérica que significou a viagem de Rudolph Hess à Inglaterra, fato que foi interpretado de maneira estúpida, depois da guerra. Mas, muito antes, talvez amanhã, você conhecerá a Doutrina que a Ordem Negra sustentava a respeito do Poder do Signo da Origem."

Retiramo-nos para nossos quartos no maior silêncio, cada qual imerso em seus próprios pensamentos. Eu, claro, não deixava de me espantar, ao comprovar a forma perfeita em que se encaixavam as histórias de Belicena Villca e de tio Kurt. E não parava de me perguntar como terminaria aquela aventura, agora que, indubitavelmente, contaria com o apoio de tio Kurt para procurar o filho de Belicena Villca.

Capítulo XIX

Eram 9 horas da manhã e lá fora caía uma tênue garoa.

Ambos tínhamos dormido pouco e o sabíamos. Mas ambos, também, pressentíamos que o tempo se acabava para nós, que essa tranquilidade da qual desfrutávamos não duraria muito.

Tio Kurt sorveu o último trago de seu café e continuou com o relato.

— No nórdico ***Ordensburg*** de ***Crössinsee***, como já disse, permaneci por três meses. Depois de um mês estando ali, visitei pela primeira vez Konrad Tarstein e nos dois meses seguintes fui à *Gregorstrasse 239* todos os sábados, graças a que o ϟϟ ***Oberführer*** Papp tinha me providenciado uma licença permanente em Berlim aos finais de semana. Não me era difícil,

então, a viagem da Prússia a Berlim, mas eu temia, nesses dias, não poder fazê-la com a mesma facilidade, do *Ordensburg* ***Vogelsang***, bem mais distante, na região oeste da Renânia.

"Naqueles dois meses, à medida em que Tarstein ia me instruindo nos segredos da *Thulegesellschaft*, eu sentia por ele um afeto e uma admiração cada vez maior. Logo ficou totalmente sepultada a pobre impressão inicial que tive dele, diante de sua fascinante personalidade e, devo dizer que não teria vacilado em bater em qualquer insolente que ousasse expressar em voz alta algo que eu mesmo, no primeiro dia, tinha pensado a respeito de Tarstein. A juventude é insensata!

O 'arranjo' que Rudolph Hess e Konrad Tarstein fizeram a respeito da minha pessoa consistia em que eu deveria ir à *Gregorstrasse 239* durante um certo tempo, com o objetivo de ser instruído na ***Sabedoria Hiperbórea***, que era a 'Filosofia Oculta' da ***verdadeira*** *Thulegesellschaft*. Essa preparação, que me capacitaria para receber a ***Iniciação Hiperbórea***, seria dada pelo próprio Tarstein, uma rara honra, segundo me fez notar muitas vezes, que nunca a concedia a ninguém. É que Tarstein era, conforme fui compreendendo com o tempo, um dos homens mais importantes da Alemanha, por sua hierarquia secreta na *Thulegesellschaft*.

Segundo Konrad Tarstein, para receber a Iniciação Hiperbórea, eu deveria previamente me purificar. Com esse objetivo, fui me introduzindo nesse maravilhoso conhecimento que é a Sabedoria Hiperbórea. Mas, devo esclarecer, esse ensinamento não se trata de um mero saber, uma informação suspensa na memória para ser utilizada nos julgamentos racionais. Pelo contrário, Tarstein recomendava não memorizar quase nada e, no possível, esquecer o que foi conversado, pois o objetivo da instrução visava o ***despertar da Memória de Sangue***, fenômeno que só se poderia alcançar se o conhecimento adquirido atuasse gnosticamente sobre a cepa hiperbórea primordial que constitui a ***Divindade do Virya***.

Assim, tornei-me uma testemunha atônita — atônita em todos os graus de espanto, até mesmo ao ponto do horror — diante de relatos e explicações que ultrapassam o imaginável, pelo menos o que eu poderia imaginar, nessa fantástica Cosmogonia Hiperbórea da *Thulegesellschaft*. Se existisse uma escala heresiológica para medir aquelas ideias que se desviam profundamente da 'Cultura Ocidental', em sua concepção judaico-cristã, poderia afirmar que muitas das exposições de Tarstein ocupariam um lugar de destaque em dita escala de heresias. Porque se uma heresia é o que contradiz um Dogma — por isso há heresias católicas, budistas, islâmicas e de outras religiões — o que dizer de uma filosofia que questiona a ***totalidade*** da existência humana, com todos os seus Dogmas, Filosofias, Religiões e Ciências, que tenta mudar o rumo histórico, que afirma a possibilidade da transmutação do homem semidivino ou virya em Siddha imortal; que, enfim, declarou guerra às potências materiais de Jeová-Satanás, donas do Mundo, da História e da maioria dos homens?

Convenhamos que, na Heresiologia, tais ideias ocupariam um lugar diferenciado.

Digo isso porque, ao abraçar conceitos que se afastam ou se opõem à 'Cultura Ocidental', devemos ser conscientes do grau de 'afastamento' ou 'oposição' em que nos situamos, com respeito a ela, para nos conduzirmos prudentemente e evitarmos males futuros...

E eu era consciente que as coisas que ouvia e o efeito que causavam em mim prenunciavam mudanças de conduta irreversíveis. No entanto, isso não me preocupava, porque tinha uma meta que eclipsava qualquer prevenção pessoal e fazia parecer puro egoísmo qualquer intenção de retroceder. Essa meta, esse objetivo para o qual inclinava todos os meus anelos, era a pátria alemã: ***Ein Reich, Ein Volk, Ein Führer***[41].

Você compreenderá agora, *Neffe*, que eu vivia e agia ***dentro*** de uma ***Mística Hiperbórea*** e que o ***vínculo carismático*** com o Führer era cada vez maior, à medida em que me aprofundava no Mistério da *Thulegesellschaft*.

Em minhas primeiras visitas à *Gregorstrasse 239*, me senti tão confiante em Konrad Tarstein que, uma tarde, não vacilei em me referir à minha estranha experiência com a Voz do Hiperbóreo Kiev. Essa confidência não pareceu impressioná-lo, pois me observou por um bom tempo em silêncio e depois me disse:

'Diga-me, Kurt, falou com mais alguém a respeito dessa percepção?'

'Não' — respondi — 'pensei em falar disso com o *Taufpate* Hess, mas ainda não pude vê-lo, desde que regressei do Egito.'

'Então, faremos um trato — afirmou Tarstein — 'o senhor não revelará a ninguém que está de posse desse carisma, fora de ***seu próprio Círculo*** na *Thulegesellschaft*.'

'Eu prometo' — disse, rapidamente — 'mas, quem são os que compõem meu Círculo?'

'Ora, jovem Kurt, o senhor deveria saber que um Círculo da *Thulegesellschaft* não é determinado por um ***número*** de pessoas, como nas organizações exotéricas que a Sinarquia fomenta, mas por uma ***relação qualitativa*** denominada de ***vinculação carismática***. A vinculação carismática é independente de número. Todo Círculo fechado da *Thulegesellschaft* existe como tal graças à vinculação carismática; portanto, são integrantes do Círculo aqueles que ***sentem*** essa relação.'

'Mas, como se reconhecem realmente os membros de um Círculo?' — perguntei, um pouco desconcertado diante de semelhante linguagem obscura.

'O reconhecimento é interior. Simplesmente ***se sabe*** que tal ou qual Virya pertence ao seu próprio Círculo. Claro que, em Círculos externos, constituídos por membros ***não Iniciados***, se praticam algumas formas

[41] ***Ein Reich, Ein Volk, Ein Führer***. Lema Nacionalsocialista. Literalmente "Uma Nação, um Povo, um Líder".

tradicionais das Sociedades Secretas para a reunião e reconhecimento, quer dizer, 'o Santuário' e 'a senha'; mas isso se faz provisoriamente, atendendo a urgência que requerem certas investigações. O verdadeiro Espírito da *Thulegesellschaft* não está nos Círculos externos, que serão prontamente eliminados depois da Guerra Total, mas sim nos Círculos internos, que são rigorosamente Hiperbóreos. Neles, repito, o reconhecimento é interior, ***sabe-se com o sangue***.'

'De forma que eu não poderia ***reconhecer*** os membros do meu Círculo...'

'... enquanto não receber a Iniciação Hiperbórea' — completou Tarstein.

'... e como eu prometi não falar sobre ***meu carisma*** ...'

'... não o fará' — continuou novamente Tarstein — 'enquanto você não receber a Iniciação.'

'Bem, eu me sinto um pouco enganado' — disse, sorrindo.

'Não deve levar a mal, Kurt, mas isso é assunto da ***mais alta reserva***. O senhor deve agradecer a confiança que nos inspira de que não disponhamos de ***sua imediata separação e internação*** enquanto durar a instrução que lhe estamos oferecendo. Se o Inimigo, quer dizer, a Sinarquia, simplesmente suspeitasse do seu carisma, o senhor seria executado, sem esperar a confirmação. E isso é algo que nem a *Thulegesellschaft* nem as ᛋᛋ podem permitir. O que o senhor faz é importante, Kurt.'

'É tão importante?' — perguntei, impressionado pela velada ameaça que se percebia por trás das amáveis palavras de Tarstein.

'Muito importante, Kurt. Veja dessa forma: o senhor tem o Signo de Lúcifer, possui notáveis qualidades psíquicas e é um ***Ostenführer*** das ᛋᛋ. Não lhe parece muito para ser casual? Pois isso não é casual!'

Ele me observou por um bom tempo, parecendo duvidar se deveria continuar. Finalmente, disse:

'O senhor é uma pessoa que nós esperávamos há vinte anos, para chefiar uma missão especial. Tão importante, Kurt, tão importante, que talvez o destino do Terceiro Reich e — por que não? — o da Raça Ariana dependam dela.'

Eu fiquei atordoado com essa revelação e, em minha confusão, pensei ser vítima de uma piada. Mas, por mais que examinasse o impassível rosto de Konrad Tarstein, não encontrei nada que confirmasse essa suposição.

'Eu...' — balbuciei — 'jamais sonhei fazer parte de uma missão de tal natureza. Além disso, não acredito que a mereça.'

'***Fazer parte***?' — Tarstein interrompeu, excitado — 'fazer parte, disse? ***Ha, Ha, Ha*** — ele ria freneticamente — 'o senhor não ***fará parte***, Kurt, ***o senhor sozinho realizará a missão***. Quem mais poderia fazê-lo?' — perguntou para si mesmo — 'já saberá tudo, Kurt' — continuou agora olhando-me nos olhos — 'mas tenha em mente que aqui não se trata de escolher. Nem o senhor, nem eu, nem ninguém pode escolher, porque ***a escolha já foi feita***, em outra esfera de consciência, em outro Mundo. Não nos resta mais remédio do que enfrentar nosso Destino, que é também o destino da humanidade, e agradecer por termos sido indicados para tão

augusta tarefa. Nosso Deus, Kristos Lúcifer, é o mais Belo Senhor, mas também é o Mais Intrépido, o Pai do Valor; não devemos nem sonhar em decepcioná-lo.'

'Eu não queria nada mais a não ser servir à pátria e à humanidade' — disse imprudentemente — 'mas é que me surpreende tudo o que o senhor diz. Não compreendo como posso ser uma peça tão importante nesse jogo e me angustia a responsabilidade. Como viver, sabendo que em minhas mãos está obter algo que é precioso para o Terceiro Reich e a Raça Ariana? Eu, como todo Camarada, e ainda mais sendo Oficial das ᛋᛋ, estou disposto a morrer por nossas divisas quando assim seja necessário, mas, a partir de agora, não desejo viver com a angústia de falhar antes do tempo, de não chegar a cumprir. Compreende-me, Tarstein? Aterroriza-me o tempo que falta para o desenlace. Se há algo tão importante para fazer, gostaria de realizar isso o quanto antes.'

'Pois deveria ter paciência!' — afirmou Tarstein, quase gritando — 'mesmo que falte um minuto ou um século, o senhor não deve demonstrar nenhuma alteração nem uma conduta imprópria de um ***Kshatriya***. Lembre-se, o senhor é um Cavaleiro, um ***Monge Guerreiro***, e deve se comportar de acordo. Logo será Iniciado e depois cumprirá seu Destino.'

Assenti, perturbado pela merecida reprimenda que recebi de Tarstein. Mas, naquele dia, não falamos mais do assunto.

Capítulo XX

Bem, *Neffe*, (disse tio Kurt, depois do almoço, com os olhos estranhamente brilhantes) estamos nos aproximando da parte mais importante de minha vida, o momento em que recebi a Iniciação e me foi confiada aquela insólita missão, essa operação que Tarstein tanto valorizava e que ainda me era incompreensível.

Naquele tempo, com Tarstein como instrutor, aprendi muito. Ele parecia saber de tudo e eu costumava me sentir envergonhado pois, após tantos anos de ***NAPOLA***, só era capaz de seguir atentamente suas exposições, mas me sentia incompetente para completar, por minha conta, qualquer coisa do que ele dizia. No entanto, Tarstein acudia para me consolar, com sua maneira paradoxal:

'Não se preocupe, Kurt, é só ***confusão***, impureza sanguínea. Mas vai mais depressa do que acredita. Logo saberá tudo, ***despertará*** e, então, se desejar, poderá dominar tantas Ciências quanto o maior Sábio. Claro que a nossa Ciência Hiperbórea é uma Ciência maldita para este mundo satânico. Por isso, não deve se preocupar, pois o Siddha é realmente ***uno*** e não tem necessidade de nada mais do que de Si Mesmo. Para a Sabedoria Hiperbórea existem três tipos de homens. O primeiro deles é o ***pasu***, que foi concebido pelo Demiurgo ordenador da matéria, Jeová-Satanás, e que apenas com

alguma reserva, pode ser considerado 'homem', sendo mais correto chamá-lo de animal-homem. Também há o ***Virya***, que é, basicamente, um pasu de ***linhagem hiperbórea***, quer dizer, um pasu que ***misturou seu sangue*** com um Siddha imortal, Mistério esse que compreenderá no transcurso de sua instrução. Os viryas estão, em maior ou menor grau, ***extraviados ou perdidos*** por causa da ***confusão de Sangue*** e só a ***recordação contida no Sangue*** poderia purificá-los. Isso visa a ***Estratégia*** do Führer, e também colocar ***um fim no Kaly Yuga*** ou Idade Escura.'

'Tenha em mente que um pasu jamais poderá ser um Virya Semidivino, mas um Virya pode ***descer completamente*** ao nível de pasu por uma definitiva confusão sanguínea. E, finalmente, há os Siddhas Leais, aqueles que vieram com Kristos Lúcifer à Terra há milhões de anos e pertencem a uma Raça 'Hiperbórea', outro Mistério que mais adiante o senhor compreenderá com clareza, pois os termos 'hiperbóreo' e 'Thule' quase nada têm a ver com as lendas da Antiguidade.'

'Assim, pois, são *Siddhas*, *viryas* e *pasu* no sentido hiperbóreo que lhe dei — e não como vulgarmente se entendem esses termos no Tibete — as três 'categorias' de homens com as que deverá se acostumar a raciocinar daqui em diante. Acrescente a isso um importante conceito: 'a Sinarquia organiza e planeja o mundo para os pasu e viryas perdidos. A Sabedoria Hiperbórea ensina como deve se purificar o Virya para recuperar o Vril e se transmutar de Semidivino mortal em Divino Hiperbóreo Imortal.'

'Tenho que lhe dizer algo, Kurt, que deve enchê-lo de legítimo orgulho. Sua análise parapsíquica de 'ouvir a Voz de Kiev', mesmo quando não tenha seguido as diretrizes da Sabedoria Hiperbórea para conquistar dito carisma, o conduziu à conclusão correta. Refiro-me à que sua afirmação de que é necessário '***dispor o Espírito para recordar***' como a melhor atitude diante do perigo de racionalizar o fenômeno psíquico, formulando uma interrogação equivalente, coincide estritamente com nossa filosofia. É 'dispondo o Espírito para recordar' que se acessa a Memória de Sangue. E esse passo prévio, inevitável para obter a Iniciação Hiperbórea, o senhor o deu sozinho — façanha que deve, como já disse, orgulhá-lo.'

Por essas últimas palavras, poder-se-ia pensar que Tarstein, versado em temas de Ocultismo, fosse uma pessoa sonhadora e indigna de crédito em questões rigorosas, como costuma acontecer geralmente. E nada seria mais errôneo do que tal julgamento, pois, se bem que não conheci ninguém que soubesse como ele de Ocultismo, Filosofia Hermética ou Religiões, isso era apenas uma parte de seu imenso saber. Naqueles anos 30, a Alemanha, em pleno desenvolvimento industrial, era um gigante na Ciência. E Konrad Tarstein sabia tudo. Era um erudito do saber germânico em todas as suas nuances: dominava as matemáticas superiores em seu mais alto nível, a química, a física, a biologia, as múltiplas tecnologias industriais, e outras áreas. Sem falar do campo humanístico, onde seu domínio das Filosofias antigas e modernas, da Lógica, da Filologia, da Psicologia, e outras, era tremendo. Como definir um homem assim? E, o mais difícil: como transmitir

seu pensamento sem deformá-lo? Efetivamente, *Neffe*, eu não teria sido capaz de expor nem a você a Sabedoria Hiperbórea. E se agora posso falar contigo dela é graças a esses extraordinários Iniciados, Belicena Villca e Nimrod de Rosario. Lembre-se que Oskar Feil afirmava que só à de Tarstein poderia comparar a Sabedoria Hiperbórea de Nimrod de Rosario. Estou certo de que Belicena Villca diria a mesma coisa. Graças a eles, *Neffe*, poderei confiar-lhe essa parte da minha vida, que seria incompreensível para qualquer interlocutor que desconhecesse os fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Serei, pois, breve, uma vez que você entende perfeitamente ao que me refiro. Konrad Tarstein me instruiu profundamente na Sabedoria Hiperbórea e, um dia, em uma sala subterrânea do Castelo de Wewelsburg, recebi a Iniciação Hiperbórea. Na Câmara Hiperbórea, especialmente construída para tais cerimônias, um Alto Iniciado da Ordem Negra — suponho que era um Pontífice — fez o ritual diante de um público de apenas oito Iniciados. E ali enfrentei a Morte, a Morte Kâlibur de Pyrena, como diria Belicena Villca; ou seja, com o Arquétipo da Morte, a Morte que mata a vida morna, e, depois, com a Morte Fria Kâlibur, a Verdade Nua de Si Mesmo, que se encontra após o Fim da Vida Morna. E, ao regressar à Vida Morna, depois de me afundar na negrura infinita de Si Mesmo, comprovei que a angústia da Morte havia fugido de mim para sempre. O temor animal de morrer, o instinto de conservação, foi definitivamente superado pela Sabedoria da Vida Eterna. Uma vontade de aço se apoderou totalmente de minha natureza animal e eu soube que nada poderia me deter, quer dizer, nada que implicasse na Morte — a ameaça da Morte. Eu era pura Vontade Resoluta, iria para onde me fosse ordenado e repito, nada poderia me deter.

Foi então que me foi revelado o objetivo da misteriosa missão para a qual me haviam preparado durante tantos anos. E, mais uma vez, o encarregado da revelação foi Konrad Tarstein.

'Não vai ser difícil que o senhor compreenda em que consiste a missão' — disse-me Tarstein — 'quando o coloque a par de certos fatos que estão ocorrendo. Diga-me, Kurt, sabe de onde vêm as forças que mantêm a Sinarquia, a Conspiração Judaica Mundial? Refiro-me às forças psíquicas, naturalmente, uma vez que as forças econômicas ou políticas são apenas expressões exteriores daquelas.'

'Bom, segundo ouvi o Führer afirmar, e tal como o senhor mesmo me explicou, tais forças provêm de um Centro Oculto chamado de Chang Shambala, onde mora uma Hierarquia de Seres Infernais dedicados a impor na Terra o Plano de Jeová-Satanás. Na Ordem Negra existem provas a respeito. Por exemplo, está provada, com documentos, a participação da Hierarquia na fundação da Maçonaria, da Ordem Rosa-Cruz, da Sociedade Teosófica e outras instituições. Sem ir mais longe, temos cópia da carta que o Supremo Sacerdote de Chang Shambala, Rigden Jyepo, enviou a Lenin, através de Nicolau Roerich, felicitando-o pelo sucesso da Revolução Bolchevique. Por trás de Lenin e dos conspiradores de outubro, atuava a

Loja Trans-Himalaia, fundada pela Fraternidade Branca. Sim, Camarada Tarstein, por trás da Sinarquia se encontra Chang Shambala, os Mestres e Sacerdotes da Hierarquia Oculta ou Fraternidade Branca de Chang Shambala.'

'Correto, Kurt. E agora complete o conceito, por favor: o que é Chang Shambala? Um lugar fisico na Terra, ou uma Construção extraterrestre?'

'Como o senhor bem sabe, Shambala é uma Construção extraterrestre, localizada entre a Terra e o Sol, sobre dimensões do Espaço que a tornam invisível para o homem comum' — respondi, um pouco espantado por causa de perguntas tão óbvias — 'seus Construtores foram os Deuses Traidores, os fundadores da Fraternidade Branca, e os Iniciados da Hierarquia aprendem uma Ciência chamada de 'Kâlachakra', que lhes permite abrir as Portas de Shambala, Portas que se encontram em todos os lugares.'

'Resposta perfeita, Kurt! Agora compreenderá qual é a sua missão: o senhor, Kurt, ***é a Chave que pode fechar essas Portas!***'

Certamente que, então, compreendi menos ainda. Mas Tarstein se dispôs a esclarecer o enigma.

'Na verdade, Kurt, a Chave que fecha essas Portas Malditas é o Signo da Origem, o Signo que tem o Poder de fazer os Deuses Traidores recordarem sua Traição Primordial, o Signo que pode lhes comunicar o Símbolo da Origem e fazê-los enfrentar a Verdade Absoluta do Espírito, o Símbolo da Origem que pode dissolver a Mentira Absoluta da Criação Material que eles mantêm. Enquanto durar a Mentira do Universo material, aqueles que mantêm a Mentira Absoluta resolveram não confrontar jamais o Signo da Origem, pois ele tem o Poder de revelar a Verdade Absoluta. E, por isso, o Signo da Origem é a Chave das Portas de Shambala, uma Chave que fecha com seu selo impenetrável a Rota dos Demônios. E o senhor, Kurt, manifesta como ninguém o Signo da Origem, mesmo que não seja capaz de percebê-lo por si mesmo. Mas isso não afeta estrategicamente sua missão — ***apenas sua presença basta para fechar as Portas Malditas; os Demônios não estão dispostos a contemplar o Signo que o senhor é capaz de projetar***. Claro que o matariam ao se aproximar da Porta, ***se não fosse porque agora o senhor está além da Morte***. Compreende-me, Kurt? ***Se o senhor se situa diante de uma Porta de Shambala, e se mantém fora do alcance dos Demônios, praticando a Via da Oposição Estratégica, que o torna independente do Tempo e do Espaço, a Porta deverá ser inevitavelmente fechada!***'

Agora sim, entendia algo: apenas com minha presença, eu causaria o fechamento de uma daquelas Portas que conduziam à Cidade Maldita, morada dos Demônios da Fraternidade Branca. Mas ainda não compreendia o objetivo da missão. A qual Porta se referia Konrad Tarstein? Um instante depois, a explicação de Tarstein me deixaria extremamente surpreso.

'E agora que já falei de sua faculdade, de ser Signo Chave, irei diretamente aos detalhes da missão, ao que a Ordem Negra, o Terceiro Reich e o Führer esperam do senhor. Lembra-se do Professor Ernst Schäfer?' —

perguntou com ironia, sem me dar tempo de responder — 'sim, creio que não o esqueceu. Não depois do incidente que protagonizou o ano passado, ao se oferecer como voluntário para a Operação ***Altwesten*** e da qual estou inteirado, em todos os seus detalhes. O senhor não poderia saber disso então, mas sua participação nessa Operação era a última coisa no mundo que Ernst Schäfer aceitaria. Comprovará isso se levar em conta a faculdade de que dispõe, de fechar as Portas de Shambala, e possuir a resposta a esta pergunta: sabe em que consiste a Operação ***Altwesten***?'

'Camarada Tarstein, Ernst Schäfer já partiu há um ano para o Tibete. Suponho que o senhor saiba que na expedição ia um bom amigo meu, Oskar Feil, que me passou toda a informação que possuo' — disse, percebendo no ato que não me convinha mentir ao bem-informado Tarstein — 'sinto se quebrei alguma regra, pois sei que a Operação é ultrassecreta, mas não lhe negarei que minha desconfiança de Schäfer não poderia ser maior. Inclusive meu *Taufpate* Rudolph Hess confirmou que a respeito de Schäfer pesavam certas suspeitas e me sugeriu que, apesar de tudo, eu faria parte da expedição. Mas, lamentavelmente, isso não ocorreu, e ignoro se para bem ou para mal, e já não tem jeito, devido ao tempo que estão na Ásia. De qualquer modo, desejaria assumir toda a responsabilidade por qualquer falta que Oskar Feil pudesse ter cometido, ao comentar comigo a Operação ***Altwesten***, pois apenas minha curiosidade e as dúvidas que tenho sobre a conduta de Schäfer são culpadas por suas confidências.'

'Tranquilize-se, Kurt, pois ninguém o está acusando de espionagem. Responda-me, simplesmente: o que sabe da Operação ***Altwesten***?'

'Quase nada, Camarada Tarstein. Só estou a par do caminho percorrido pela expedição até agora, graças às cartas secretas que Oskar conseguiu me enviar, de diferentes pontos da Ásia. A última foi despachada há três meses, em Lhasa, no Tibete, com um mensageiro que a fez chegar até a Alemanha através de um de nossos consulados na Índia. Nela, Oskar me informava que se preparavam para partir para o Noroeste, guiados por dois misteriosos 'lamas do Barrete Cúrcuma', e que levavam salvo-condutos do Dalai Lama. É tudo o que sei. O destino final não consegui averiguar, pois nem Oskar sabe, porém é evidente que não se trata de uma exploração para o Oeste, como indica seu nome, mas para um lugar localizado diretamente na direção oposta. Parece que Schäfer não confia plenamente em Oskar e, inclusive, o isolou do restante dos Oficiais.'

'Isso é tudo quanto eu desejava ouvir, Kurt. Dir-lhe-ei para onde se dirige Ernst Schäfer: ***para a Porta de Shambala. Vai solicitar ao Rei do Mundo, em nome de umas pretensas 'Forças sadias da Alemanha', sua intervenção para pôr fim ao Terceiro Reich***.'

'Traição!' — gritei.

'Ha, ha' — riu com nervosismo, diante da minha exclamação — 'o senhor se surpreenderia se soubesse a magnitude, a multiplicidade e os alcances das traições que corroem o Terceiro Reich e conspiram contra a condução do Führer. Mas, é natural que assim ocorra, uma vez que o confronto que o

Nacional-socialismo apresenta às Potências da Matéria é Total: todos os homens estão submetidos à tensão essencial entre o Espírito e a Matéria; e muitos serão os que cederão diante da Ilusão da Matéria, diante da ***forma judaica*** da Ilusão da Matéria, quer dizer, o dinheiro, a paz, a democracia, a liberdade, a lei etc. Apenas os homens espirituais serão capazes de superar essa Ilusão; e a superarão apenas com a força de sua Vontade Graciosa, com o ato de Honra, com o valor de seu Sangue Puro.'

'A de Ernst Schäfer é mais uma de tais traições. Só que afeta a nós particularmente, por se tratar de um ato esotérico, de uma circunstância que podemos compreender de maneira superior. Sim, Kurt, a de Schäfer é uma traição enorme, mas não é a maior das traições que o Führer deve enfrentar. No entanto, faz bem em levá-la a sério, ***porque do senhor depende que seus Planos desleais triunfem ou fracassem***.'

'Como eu poderia intervir, e influir nos planos de Schäfer, a partir de Berlim?' — perguntei, aturdido.

'Pois não será a partir de Berlim que atuará, Kurt, mas na Ásia. O senhor partirá imediatamente para a Índia! Amanhã se apresentará ao S.D. e receberá ordens do ϟϟ ***Oberführer*** Papp. Ele lhe demonstrará como é possível alcançar a expedição de Schäfer antes de que chegue à Cordilheira Kunlun! Mas agora lhe anunciarei algo que, não duvido, o motivará profundamente. Antes de mais nada, dir-lhe-ei que a Ordem Negra tem, desde o princípio, excelentes espiões no grupo de Ernst Schäfer. É pelas informações deles que soubemos do 'incidente' com o professor e de sua amizade com Oskar Feil. Bem, é sobre este último que desejava lhe falar. Vá com calma, Kurt, mas a verdade é que Oskar Feil corre perigo mortal. Certamente, Schäfer jamais confiou nele, e, se lhe permitiu integrar a Operação é porque planeja eliminá-lo na Ásia. Só o senhor, se chegar a tempo, poderá, talvez, salvá-lo!'

'Mas, por que levá-lo à Ásia? Se desconfiava de Oskar, por que não se desfez dele na Alemanha?' — gritei, desesperado.

'Ai, Kurt. Lamento ter que dar-lhe essas notícias. Mantenha-se forte, pois o que vai ouvir é impressionante: ***seu Camarada foi escolhido para ser sacrificado***. Sim, não me olhe dessa forma: está confirmado! Ainda que todavia é possível evitar isso. O caso é que, em seu trajeto para o Lago Poyang, além do Rio Azul, Schäfer terá que cruzar ***o Umbral de Shambala, o último pórtico antes de chegar à Porta de Chang Shambala***. E dito pórtico é protegido há milênios por uma tribo de cruéis guardiões, que são comandados pelos malignos lamas ***Jafranpa*** ou 'lamas do Barrete Cúrcuma', membros da Fraternidade Branca. No Tibete, a verdadeira autoridade religiosa não é exercida pelo Dalai Lama, mas por seu instrutor de máxima hierarquia na seita ***Gelugpa***: um ***Rimpoche***, quer dizer, um lama '***precioso***'. Aos Gelugpa, ou 'lamas do Barrete Amarelo', estão submetidos todos os demais grupos lamaístas, inclusive os Jafranpa — só os Bodhisattvas, os Mahatmas, os Imortais, estão acima deles. Os Gelugpa protegem os lamas do Barrete Cúrcuma e, por isso, Schäfer dispõe de salvo-condutos do Dalai Lama. No entanto, tais passes têm um valor relativo, pois,

se bem que o poder religioso do Dalai Lama abranja todo o Tibete, seu poder político está limitado pelas fronteiras chinesas — ***e o Umbral de Shambala se encontra atualmente em território da China***.'

'Os lamas do Barrete Cúrcuma são especialistas na Ciência da Kâlachakra, ou 'Roda do Tempo', a Sabedoria que permite compreender e dominar as conexões kármicas, ***rten abel***, e sincronizar a Roda da Vida, Bhavachakra ou ***Sridpai Khorlo***, com o ritmo dos Planos da Fraternidade Branca. São, então, fervorosos adoradores dos Senhores do Karma e de seu chefe, Rigden Jyepo, o Senhor de Shambala, o Rei do Mundo, e de Jeová-Satanás. Eles exigem a todo lama peregrino que solicitar autorização para abrir o Umbral de Shambala, o ***Yajnavidya***, quer dizer, um ***sacrifício humano***. Como pode compreender, Ernst Schäfer não deu nenhum motivo para que fosse eximido de tal obrigação. Em síntese, Kurt, ***Oskar Feil foi selecionado por Ernst Schäfer para ser entregue aos Lamas do Barrete Cúrcuma. Eles oferecerão sua vida a Rigden Jyepo, mediante o degolamento ritual Yah-Sa***.'

Horas depois dessa conversa com Konrad Tarstein, enquanto eu viajava para a Renânia para retirar meus pertences de Wewelsburg, olhei-me em um espelho do trem e ainda tinha os olhos vermelhos. Durante a reunião, quando Tarstein me revelou a morte que esperava Oskar, teria destroçado Ernst Schäfer com minhas mãos, se pudesse tê-lo ao meu alcance nesse momento.

Konrad Tarstein tratou de me avisar que não era essa a conduta que a Ordem Negra solicitava de mim. Exatamente o contrário — minhas ordens consistiam em localizar a expedição de Schäfer o mais rápido possível e me incorporar a ela sem violência. Para isso, iria munido das correspondentes autorizações oficiais: um decreto secreto do Führer e um passe do ***Reichsführer*** Himmler. Além disso, me acompanhariam dois agentes secretos das ᛋᛋ. Tratava-se de dois ᛋᛋ ***Hauptsturmführer*** que associavam as paradoxais virtudes de possuírem, ambos, um doutorado em leis, e terem atuado por cinco anos na Gestapo, onde se tornaram assassinos especializados.

Segundo Tarstein, a melhor Estratégia exigia que eu me unisse à expedição e ***manifestasse*** ali o Signo da Origem. Tal demonstração seria suficiente para fazer fracassar a Operação ***Altwesten***. ***E isso se conseguiria sem efetuar nenhuma manobra esotérica, sem empregar nenhuma técnica mágica; só bastaria o fato de minha presença para que os Demônios fechassem a Porta de Shambala***.

Capítulo XXI

O ***Oberführer*** Papp, antigo conhecido, me colocou a par dos detalhes da missão. A partida seria em quatro dias, pois já tinham tudo pronto: víveres,

equipamentos, armas, documentação falsa etc. Na verdade, foi então que vi com clareza que aquela operação já estava preparada há muito tempo e, ao que parece, só dependia de mim para se executar. Ou seja, que todos os que participavam da operação, ou de seu segredo, inclusive o Führer, estavam aguardando minha Iniciação, esperando o momento em que eu adquirisse consciência espiritual da Chave do Signo e pudessem me expor a missão na Ásia. Creio que jamais senti tanta vergonha como então. Eu, o estúpido e arrogante aprendiz de Iniciado, havia perdido meses — meses preciosos — tentando me aprofundar racionalmente na Sabedoria Hiperbórea da Ordem Negra. Finalmente, compreendendo que transitava em um beco sem saída, que era presa de uma armadilha da lógica, procurei em meu Espírito a Verdade final que a razão, e o conhecimento racional, me negavam — e propiciei, assim, o ***Kairos Iniciático***, de acordo com a confirmação que dele fizeram os Iniciados da Ordem Negra. Depois, fui Iniciado e Konrad Tarstein me explicou as características da missão '***Chave Primária***' — sua denominação codificada — e descreveu a faculdade que eu deveria empregar para 'fechar a Porta de Shambala', porta que Ernst Schäfer se propunha a abrir e que, talvez, estivesse abrindo naquele momento.

Esses pensamentos, e essa possibilidade, me angustiavam extremamente, e diria a verdade se afirmasse que mesmo aqueles quatro dias que faltavam para partir me pareciam interminavelmente longos.

A primeira etapa foi em avião. Voaríamos de Berlim à Tanzânia, na costa oriental da África, fazendo escala em diversos países africanos e colônias de aliados da Alemanha, tais como a Espanha e a Itália. Na Tanzânia, na região do que foi, até a Primeira Guerra Mundial, o Estado de Zanzibar, saltaríamos de paraquedas sobre a fazenda de uma antiga família de colonos alemães que trabalhavam agora para o Serviço Secreto. Devia se seguir tal rota porque a missão foi qualificada de 'operação ultrassecreta das Waffen ᛋᛋ' e porque o voo se realizou em um avião militar especialmente adaptado para o caso — tratava-se de um Dornier, ou '***lápis voador***', no qual foi substituída sua clássica carga de bombas por tanques suplementares de combustível.

Na Tanzânia, pois, descemos sem problemas, tanto nós como a carga de armas e equipamentos. Os colonos nos esperavam há tempos e tinham adquirido para nós um carregamento de fios de algodão, no qual se apressaram a ocultar os objetos comprometedores. Um dia depois, e usando uma roupa de indubitável confecção levantina, muito apropriada para o papel de comerciantes egípcios que devíamos representar, os colonos nos conduziram à ilha de Zanzibar, em uma lancha de dimensões regulares. No porto estava ancorado o navio italiano Taranto, que participava secretamente da operação e nos transportaria até Daca, no Noroeste da Índia.

Em Zanzibar, nossa identidade mudou completamente. Tanto eu, como os dois ᛋᛋ ***Hauptsturmführer***, seríamos, a partir dali, 'comerciantes egípcios'. Era uma jogada arriscada, uma vez que o Egito estava em poder

dos ingleses. Mas nossos passaportes e histórias forjadas tinham poucas falhas e parecia difícil que despertássemos tantas suspeitas para que iniciassem uma investigação. Eu mesmo era verdadeiramente egípcio, e falava tão bem o inglês quanto o árabe, idioma que também dominavam meus Camaradas, ainda que não da mesma forma que o inglês, ao qual imprimiam um forte sotaque alemão. No entanto, e se fosse o caso, bastaria que se expressassem corretamente em árabe, uma vez que no Egito ninguém era obrigado a saber inglês.

O Taranto cruzou o Oceano Índico, com só uma escala no Ceilão, e depois entrou no Golfo de Bengala, rumo a Calcutá e Daca. Finalmente, subiu pelo rio Dalasseri, que é um braço do Brahmaputra, e fundeou diante de sua margem esquerda, no porto de Daca, importante cidade do que foi a Presidência da Própria Bengala, depois Província de Bengala e depois disso, o Estado Islâmico do Paquistão oriental, hoje Bangladesh. O carregamento de fio africano, com seu precioso contrabando, pôde ser desembarcado sem inconvenientes e armazenado em um depósito que alugamos para esse fim.

Não planejávamos permanecer muito tempo em Daca, apenas o suficiente para vender ou trocar os fios pelas ricas sedas e musselines bengalenses, nos aprovisionarmos de víveres e contratar carregadores. Nossa meta seguinte era a cidade de Punakha, capital de inverno do País do Butão. Ali nos aguardava o ϟϟ ***Standartenführer*** Karl von Grossen e seu ajudante, o ϟϟ ***Obersturmführer*** Heinz Schmidt, ambos da Divisão III da ***R.S.H.A.***[42], chamada de 'Serviço Estrangeiro de Informação' ou 'S.D. Exterior'. Karl von Grossen era o chefe da 'Operação Chave Um' e, ainda que tivesse como superiores imediatos Schellenberg e Heydrich, para esta missão foi colocado sob o comando direto do ***Reichsführer*** Himmler. Ele chegou há muitos meses no local e mantinha, de algum modo estranho, sob permanente observação, a caravana de Ernst Schäfer. Tinha fama de homem inteligente e rude, tendo sido também policial, como meus assistentes Kloster e Hans, atuando vários anos na Gestapo da Baviera. Mas depois solicitou passar para a S.D. Exterior para fazer valer seu doutorado em História. Era *expert* em História e Geografia da Ásia, além de especialista em táticas de implantação rápida, conhecimentos que explicam por que o ***Reichsführer*** Himmler o escolheu para comandar a Operação Chave Um.

Três dias depois, saímos de Daca para o Norte, indo por um caminho que vai pela margem esquerda do Brahmaputra até Bonarpara, e depois se desvia na direção de Rangpur, a residência do Rajá de Assam. Encontrávamo-nos no outono de 1938 e o clima sufocante dessas regiões pantanosas, sulcadas por incontáveis rios e só aptas para o cultivo do arroz, faziam-nos desejar a subida para as zonas altas e frias do Butão. Os dois ϟϟ ***Hauptsturmführer***, Hans Lechfeld e Kloster Hagen, iam à frente, precedidos por quinze carregadores arianos puros, de Raça *holita*, com todo o carregamento. Eu fechava a fileira. Exibíamos apenas três fuzis *Mauser* da

[42] ***R.S.H.A.***: Direção Geral de Segurança do Reich (S.S.).

Primeira Guerra Mundial — armas apropriadas à nossa suposta profissão de comerciantes — enquanto ocultávamos dentro das roupas as pistolas *Luger* de serviço e nas mochilas as temíveis metralhadoras *Schmeisser*.

Acampamos um dia nos montes Garro e cruzamos o Assam sem nos determos mais do que o indispensável. Logo nos encontramos a mais de 2.000 metros de altura, alegrando-nos por deixar para trás as regiões tropicais, infestadas de animais selvagens e dos não menos selvagens bandidos das tribos *angka, michi, dafla, abors* e outras. Um caminho que serpenteava pela encosta oriental do Himalaia nos conduziu lentamente para o Butão.

Na aldeia de Taga Dzong nos receberam com grande alegria, como se fôssemos embaixadores de alguma potência ocidental, o que nos causou grande contrariedade, pois não desejávamos chamar a atenção dos ingleses nem de nenhum verdadeiro diplomata de qualquer nação que fosse. No entanto, o mistério logo se esclareceu, ao comprovarmos que dois enviados de Karl von Grossen esperavam nossa chegada há meses, para nos guiar até Punakha: eram dois *lopas*, funcionários do Deb Rajá do Butão.

Acompanhados pelos magros mas vigorosos *lopas*, também de Raça ariana, atravessamos numerosos vales pequenos, encravados entre cordilheiras de grande altitude. Após cada degrau da encosta do Himalaia, subíamos centenas de metros, não sendo incomum as passagens, ou *dvaras*, de 4 ou 5 mil metros. Os *lopas* falavam *bodskad*, a língua tibetana que eu, como ***Ostenführer***, compreendia perfeitamente. No dialeto de *Jam*, nos explicaram que não iríamos diretamente para Punakha, pois ali, junto ao Deb Rajá, se encontrava uma guarnição inglesa. Karl von Grossen estava em um monastério próximo, sob a proteção do chefe espiritual do país, o Dharma Rajá.

Finalmente, chegamos ao monastério taoísta, construído sobre um monte coberto por neves eternas e do qual partia um acidentado caminho, apto apenas para pedrestres, que atravessava o Himalaia e conduzia ao Tibete. Karl von Grossen e seu ajudante saíram ao nosso encontro.

'Heil Hitler! Temia que não chegassem a tempo' — foi sua única saudação.

'Heil Hitler!' — respondi — 'O ϟϟ ***Hauptsturmführer Doktor*** Kloster Hagen e o ϟϟ ***Hauptsturmführer Doktor*** Hans Lechfeld' — apresentei meus acompanhantes — 'e eu, ϟϟ ***Sturmbannführer*** Kurt von Sübermann. Sieg Heil, *mein* ***Standartenführer***!'

Kurt von Grossen me observou, com curiosidade científica.

'Então o senhor é o misterioso Iniciado de quem pode depender o Destino do Terceiro Reich?' — perguntou-se, espantado — 'imaginava-o de outra maneira!'

'Como?' — exclamei, perturbado pela indiscreta franqueza do ***Standartenführer***.

'Não leve a mal' — disse, sorrindo pela primeira vez — 'mas é que aqui muito se falou do senhor, talvez mais do que na Alemanha. O senhor sabe, essas pessoas têm faculdades psíquicas muito desenvolvidas e, durante

várias semanas, captaram-no, enquanto se aproximava. Não exageraria em nada se lhe afirmasse que todo o Tibete espiritual conhece, neste momento, sua chegada ao Butão! Pois bem, von Sübermann, o senhor foi observado psiquicamente e descrito de formas muito diferentes, e ***por isso as minhas dúvidas***. Há aqueles que declaram que o senhor é um Grande Santo, e outros, pelo contrário, que fazem do senhor um terrível Guerreiro' — novamente, a interrogação se mostrou em seu rosto — 'mas nós sabemos que o senhor é o último, não?'

Existia uma pitada de dúvida na voz de Karl von Grossen que me aborreceu muito.

'Efetivamente, *Kamerad* von Grossen! Segundo a Regra da Ordem Negra, ***eu sou*** um Guerreiro, um ***Guerreiro Sábio***. Ignoro que aparência supunha que eu deveria ter, mas que não lhe restem dúvidas de que ***sou capaz de matar da maneira mais terrível. E que matarei dessa forma aquele que tente frustrar minha missão***.'

'Bravo!' — exclamou von Grossen, com evidente sinceridade — 'repito-lhe: o senhor deve desculpar minha surpresa mas, após tantos meses de espera, e ouvindo as histórias mais absurdas da boca dos lamas, já não sabia com certeza que tipo de homem eu esperava. Alegro-me que o senhor seja um completo oficial ᛋᛋ, von Sübermann!'

Karl von Grossen e Heinz Schmidt, que não dissera nem uma palavra nem a diria mais adiante, pois era muito parcimonioso, tinham nos encontrado cinco quilômetros antes do monastério. Então, ao chegarmos fomos convidados a entrar em uma confortável sala, onde ardia lenha e esterco em uma lareira de pedra. Lá fora reinava uma temperatura de dez graus abaixo de zero.

Na realidade, não estávamos em um simples monastério de lamas, como tinha suposto, mas em uma pequena cidadela cercada por uma dissuasiva muralha. Por trás dos muros existiam três edifícios de arquitetura muito diferente. O mais imponente era o Palácio do Dharma Rajá, onde residia, no inverno, o Chefe espiritual do Butão. O segundo em importância tratava-se de um antiquíssimo Pagode, talvez a construção mais velha do conjunto.

'É um ***Templo*** talhado magnificamente em uma só peça colossal de pedra' — explicou-nos von Grossen, quando atravessamos o pátio exterior — 'data dos tempos em que esta região era dominada pelos ***Sacerdotes Budistas*** de Manipur. O Templo era dedicado ao Culto do Manu Vaivasvata, que rege o atual Mânvântâra ou ***Manuantara***, quer dizer, ***o ciclo de existência de uma Humanidade de animais-homens***. Posteriormente, o país foi conquistado por uma tribo *Lopa*, sob o comando de Iniciados taoístas, que eram profundamente iconoclastas e odiavam ***todos*** os Sacerdotes, sem distinção de Culto. Eles, naturalmente, fecharam o Templo, depois de eliminarem seus últimos moradores. Se não fosse assim, agora aqui se veneraria Maitreya, a próxima reencarnação do Manu, que não seria outro senão o Messias que os judeus esperam. Mas as Ordens de Sacerdotes budistas não esqueceram este lugar e permanentemente o espreitam,

procurando uma oportunidade de reconquistá-lo. A terceira construção, na qual nos encontrávamos, era o Monastério propriamente dito, e consistia em um labiríntico edifício onde vivem igualmente uma numerosa comunidade de monges e monjas tibetanas.'

Aquela composição de Iniciados mistos me surpreendeu, e expressei isso a Karl von Grossen.

'É que os atuais ocupantes constituem uma Sociedade Secreta que não é hinduísta, nem budista, nem taoísta, mas se encontra 'além' de tais sistemas religiosos. E 'além' não significa 'acima' ou 'sobre', mas ***fora***. Quer dizer que a Sabedoria que eles possuem encontra-se ***fora*** dos sistemas religiosos. Não mantêm, pois, um mero sincretismo, mas uma Sabedoria espiritual verdadeira, possivelmente a mesma que os senhores na Ordem Negra, e nós, no Instituto Ahnenerbe, denominamos de ***Sabedoria Hiperbórea***. De fato, eles aderiram totalmente ao Nacional-socialismo, ainda que não lhes interesse tanto a política — mas sim a Filosofia das ᛋᛋ e a presença terrestre do Führer, a quem eles chamam de 'O Senhor da Vontade'.'

Nós, os cinco oficiais ᛋᛋ, ocupávamos cadeiras em torno da extremidade de uma mesa de notável comprimento — um grupo minúsculo em um lugar onde caberiam mais de cinquenta convidados. Karl von Grossen estava sentado no centro, de costas para a crepitante lareira. Os carregadores *holitas* descansavam em um bloco próximo. A conversa se interrompeu, ao entrarem três monges vestidos com túnicas negras de lã de iaque. Tinham a cabeça coberta por um capuz costurado na mesma túnica, o que lhes encobria o rosto, ainda que se pudesse perceber que os três tinham cabelos longos e eram de Raça tibetana, possivelmente *lopas*. Dois aparentavam ser muito jovens e fortes, e eram de sexos diferentes: um iogue e uma *yogini*, Iniciados em Artes Marciais, que se moviam com uma graça felina. O terceiro, um ancião de idade indefinida, dirigiu algumas palavras a von Grossen, em *bodskad* de *Jam*.

O ᛋᛋ ***Standartenführer*** se apressou a apresentá-lo.

'***Kameraden***, diante dos senhores está o ***Guru Visaraga***, chefe deste monastério, junto aos seus dois principais ***sadhakas***.'

Saudaram com uma inclinação de cabeça, à qual respondemos absurdamente com a saudação nazi.

'Apesar de serem os anfitriões' — esclareceu von Grossen — 'solicitam permissão para permanecerem ao nosso lado. Eu lhes respondi afirmativamente, pois são pessoas de absoluta confiança. Prossigamos, então, tratando de nossos negócios.'

Os monges sentaram-se e von Grossen continuou tranquilamente falando em alemão. E, durante o tempo em que durou a conversa, pude comprovar, com desagrado, que eles não tiravam os olhos de cima de mim, como se algo em meu aspecto atraísse irresistivelmente sua atenção e os hipnotizasse.

'Como lhes dizia' — explicou von Grossen — 'estes monges constituem uma Sociedade Secreta conhecida como 'Círculo Kâula'. Sua Sabedoria é o Kula, o tantrismo 'da mão esquerda', um sistema de ioga que permite transmutar e aproveitar a energia sexual, mas que requer a participação física da mulher. Daí a população mista que surpreendeu o senhor, von Sübermann. Os *kâulikas* são temidos no Tibete, pois são considerados 'Magos Negros', mas, na minha opinião, a única coisa negra que eles têm é a túnica. Brincadeiras à parte, é evidente que tal qualificativo vem de seus mais encarniçados inimigos, os membros da Fraternidade Branca, uma misteriosa organização que está por trás do Budismo e de outras religiões, e que é muito poderosa nestas regiões. É por oposição e contraste à ***branca*** Fraternidade que os *kâulikas* são chamados de ***negros***, já que eles são ascetas de moral elevada. Todos os homens e mulheres que o senhor viu aqui são *sadhakas* ***vamacharis***[43].

Os Iniciados e Iniciadas no Caminho do Kula realizam periodicamente um Ritual denominado 'dos Cinco Desafios', no qual praticam 'cinco atos proibidos para os Mestres da Kâlachakra', o que explica por que são odiados pelos Gurus de Shambala. Vulgarmente, o Ritual secreto é conhecido também como ***Panchamakâra***, ou 'das cinco M', porque com essa letra começam os cinco nomes das 'coisas proibidas': ***madya***, vinho; ***mâmsa***, carne; ***matsya***, peixe; ***mudrâ***, cereais; ***maithuna***, ato sexual. Segundo seus inimigos budistas, por praticar este Ritual, os *kâulikas* se situam no ***vama-marga***, o 'Caminho da Esquerda', o caminho dos Kshatriyas, que conduz à Guerra e não à Paz, a Agartha e não a Shambala, à unificação absoluta do Si Mesmo e não à aniquilação nirvânica do Eu identificado com o *Uno Parabrahman*. O certo é que, por meio de técnicas secretas de seu Tantra sexual, os *kâulikas* desenvolvem um incrível poder sobre a natureza animal do corpo humano e, inclusive, conseguem obter a libertação espiritual. Resumindo, von Sübermann, os *kâulikas* são iogues perfeitos, Iniciados capazes de alcançar, no êxtase do ato sexual, o Infinito e a Eternidade do Espírito, e de situar seu núcleo de consciência além de *Mâyâ*, a Ilusão das formas materiais.

Do Taoísmo primitivo pouco restou, ainda que formalmente, a fim de evitar perseguições, os monges definem a si mesmos como 'taoístas', religião mais aceitável para os Príncipes budistas e hinduístas dos países vizinhos. Mas, nos *shastras* de Lao Tsé que se conservam neste monastério, ***a palavra 'Tao' foi substituída por 'Vruna'***, ou seja, por ***Shakti***, o Espírito Eterno e Infinito do homem. Não se esqueça, von Sübermann, que aqui estamos diante de uma Sabedoria que provém de uma fonte diferente de Chang Shambala e, por isso, a *Shakti* significa 'Espírito Puro', um conceito semelhante à 'Graça' da teologia ocidental.

Vruna é uma antiga palavra indo-ariana que significa 'Espírito Eterno, Infinito e Incriado'. Dela derivam os signos que representam tais sentidos,

[43] ***Vamacharis**: Mago kâulika ou Iniciado da Mão Esquerda.*

quer dizer, as ***Runas***, reveladas aos arianos por Wotan. Também o Deus Varuna registra a mesma raiz. No entanto, e de acordo com as mais remotas tradições da Raça Branca, a própria 'Vruna" procede, por sua vez, da palavra atlante ***Vril***, que tinha idêntico significado. Veja, von Sübermann, que o 'Vril' proposto na Alemanha como ideal espiritual do Cavaleiro Iniciado ᛋᛋ é um estado representado aqui por Vruna, o poder tântrico de se situar além de Kula e Akula, e como o autêntico Tao espiritual, que está além de Yin e Yang. ***Para o homem espiritual, o Vril como Vruna se reveste sempre da forma de uma Deusa Antiga, uma Shakti Divina, que não é outra coisa senão a imagem esquecida do Par Original***. Os *kâulikas* acreditam que, uma vez alcançada a Vruna, o que só se consegue depois de passar pela morte ritual, o Espírito livre encontra-se diante da Verdade da Origem, se reencontra com seu par original, e se consumam as Bodas do Espírito, depois das quais se recupera a Eternidade. O *kâulika*, vivo ou morto, sente, desde então, um Amor gelado que não é deste Universo e é reintegrado a uma Raça de Deuses Vrúnicos, Senhores do Vril.

Em síntese, ***aqui os kâulikas seguem o Caminho Kula, que começa na mulher de carne e termina no Par Original, no profundo de Si Mesmo. No final desse perigoso caminho, o kâulika, colocado definitivamente diante da Verdade, e retirados os véus de todos os Mistérios, é Shiva, o Destruidor da Ilusão, o Guerreiro por excelência. Para nós, von Sübermann, Shiva é Lúcifer, é Caim, é Hermes, é Mercúrio, é Wothan. Para nós, Shiva é o protótipo do Cavaleiro ᛋᛋ.'***

O Guru Visaraga e seus *sadhakas* continuavam me observando com deleite. O extraordinário relatório oferecido por Karl von Grossen acabou me revelando porque ele foi escolhido para presidir aquela Operação — aos seus dotes e conhecimentos militares, o ***Standartenführer*** somava uma grande compreensão dos costumes e crenças religiosas da Ásia. Decidi fazer-lhe uma pergunta concreta sobre o objetivo principal da missão.

'Agradeço-lhe muito por seus valiosos dados' — disse — 'mas há algo que me preocupa desde que chegamos. Na ocasião, o senhor disse: 'acreditei que não chegariam a tempo'. De quanto tempo dispomos, *Herr* von Grossen?'

'Pouco, muito pouco, von Sübermann. Mas será suficiente, se partirmos o quanto antes e redobrarmos a marcha para alcançar Schäfer antes do lago Kyaring. O senhor está inteirado de que ali será entregue a uma seita de fanáticos assassinos um dos integrantes da expedição, o oficial Oskar Feil?'

'Sim' — respondi — 'fui informado em Berlim. O que me intriga é como o senhor pôde saber disso, de quais meios se vale para conhecer, a todo momento, a localização da expedição de Schäfer.'

'Não é nenhum segredo, nem se trata de nenhum procedimento misterioso ou sobrenatural; é pura e simples espionagem; o caso mais clássico de espionagem que estudou no Curso de Segurança. Como o senhor já sabe, desde que a Operação ***Altwesten*** foi projetada na Alemanha, foi infiltrada pelo S.D. Temos ali homens do Serviço Secreto que não despertaram nenhuma suspeita no desconfiado Ernst Schäfer. No entanto,

eles nada poderiam fazer se não contássemos a nosso favor com o apoio do Círculo Kâula, cujos tentáculos se estendem por todo o Tibete. São os fiéis *kâulikas* que transportam as mensagens dos nossos espiões através do Himalaia e nos informam permanentemente da localização da expedição. Já lhe disse, von Sübermann, que nestes países os *kâulikas* são muito temidos, e sua fama favorece a colaboração dos supersticiosos habitantes. Fama que, nesse sentido, eles absolutamente não desmerecem, pois, além de ascetas, são monges guerreiros e os traidores podem estar certos de que, cedo ou tarde, morrerão em suas mãos. Assim, pois, uma vasta rede de espionagem foi lançada em torno do nosso objetivo.

Convém que saiba, von Sübermann, que o Dharma Rajá, o Chefe espiritual de todo o país do Butão, é um partidário secreto do Círculo Kâula e, por isso, destinou o Palácio adjacente como sua Residência de Inverno. Odeia intensamente os ingleses, aos quais considera 'representantes dos Demônios', e ordenou que nos seja prestada toda a ajuda possível, enquanto permaneçamos em seu país. O segundo homem importante é o Deb Rajá, a quem se encarregou da Administração e assuntos de Estado, e por isso, deve permanecer em Punakha e suportar os ingleses, aos quais odeia tanto quanto o Dharma Rajá. De qualquer maneira, nós contamos com salvo-condutos oficiais que nos permitirão chegar ao Tibete e mesmo transitarmos nesse país, apresentando-nos como funcionários e comerciantes a serviço do Rajá.'

'De acordo com o que foi dito' — prosseguiu von Grossen — 'dispomos de muito pouco tempo. Deveríamos partir amanhã mesmo, se fosse possível. Ernst Schäfer saiu de Lhasa há três semanas, seguindo a rota para Chamdo, mas sua marcha é lenta, pois não deseja que algum mal-entendido malogre sua visita a Chang Shambala; sabe que seus movimentos são permanentemente vigiados a partir da Torre Kampala. Sua cautela se torna mais compreensível, também, se considerarmos que teve que permanecer um ano em Lhasa, no Palácio do Dalai Lama, até que recebesse a autorização para se aproximar de Chang Shambala. Deve ainda atravessar a Cerca e persuadir seus Guardiões de que, efetivamente, conta com o aval dos Mestres. Compreende-se, então, que trate de evitar erros e se aproxime lentamente de seu infernal destino.

Da nossa parte, devemos partir o mais breve possível, pois se aproxima o inverno e logo as passagens do Himalaia se converterão em geleiras. No entanto, uma vez no Tibete, nos afastaremos da rota comercial seguida por Schäfer e vamos adiantar nossas jornadas até alcançá-lo.'

Capítulo XXII

Karl von Grossen tinha tudo previsto para sairmos imediatamente quando chegássemos. Não obstante, apesar dos esforços, não se poderia

iniciar a marcha até dois dias depois disso. Passei o dia seguinte à nossa chegada entretido em percorrer o monastério e examinar a maravilhosa obra escultural do Pagode. Ali me ocorreu um simpático fato que, espantosamente, afetou você, *Neffe* Arturo, mais de quarenta anos depois...

Ao penetrar na nave da ciclópica rocha talhada, me vi cercado, de repente, por um grupo de monges *kâulikas*. Até esse momento, estavam entoando um mantra diante de uma gigantesca estátua de Shiva dançando sobre o Dragão *Yah*. Ao notarem minha presença, foram silenciando pouco a pouco seus *bijas* e depois, da mesma forma que os árabes que me sequestraram no Cairo, se precipitaram como que enfeitiçados para perto de mim. Mas, então, eu já estava prevenido, pois passei longos anos nos *Ordensburg* e na Ordem Negra, sob instrução de Konrad Tarstein, para ignorar o que acontecia com aqueles Iniciados — era o Signo da Origem, o Signo invisível para mim que, nos *kâulikas*, causava o efeito carismático de elevá-los espiritualmente para a Origem de Si Mesmo. Por isso, eles desejavam ficar junto a mim, contemplar-me, manter a percepção do Incriado. Nada mais do que isso eles queriam e, por isso, permaneci imutável no lugar, enquanto aqueles Iniciados se ausentavam da irrealidade do Mundo e acessavam a Realidade do Espírito.

Assim permanecemos um tempo, em absoluto silêncio — uma nova corte de estátuas para aquele gélido panteão. Eu compreendia sua língua e tentava falar com eles, mas foi inútil, pois em seu estado místico consideravam quase um sacrilégio dirigir-me a palavra. Depois de um tempo razoável, comecei a pensar em uma forma de me livrar deles, quando percebi que se aproximava, sorrindo de forma incomum, o Guru Visaraga. Todos os monges se afastaram à sua passagem e ele, pegando-me pelo braço esquerdo, tirou-me de tão difícil situação. Lentamente me conduziu ao pátio, seguido a uma distância regular pelos alucinados monges.

No pátio o aguardavam os *sadhakas* que vimos na noite anterior, segurando, cada um, a rédea de um enorme mastim. Os animais tinham uma coleira no pescoço, sem focinheira, de onde saía a mencionada rédea e, no entanto, não latiam — mudos, silenciosos como os monges que me cercavam, aqueles terríveis cães me observavam sem piscar.

Então, o Guru Visaraga falou. E suas palavras ainda ressoam em meus ouvidos com estranha nitidez.

'Ó *Djowo*, para nós o senhor é um ***Shivatulku***, quer dizer, uma manifestação de Shiva. Estes cães que vê aqui são um presente de nossa comunidade para quem exibe tão claramente o Signo de *Bhairava*. A fêmea se chama 'Kula' e o macho 'Akula'.'

Era o mais inesperado presente que poderia pensar em receber dos *kâulikas*. Ia protestar, mas o Guru não admitia réplica.

'*Vielen Dank*!' — eu disse, apenas.

'Seu companheiro von Grossen, que compartilhou por vários meses de nossa mesa, disse-nos que os Iniciados das ᛋᛋ são capazes de deter um mastim enfurecido por meio de um grito.'

Assenti, com um gesto:

'Efetivamente' — disse — 'qualquer Iniciado deve demonstrar que é capaz de impor o Domínio do Espírito sobre todas as criaturas animais da Terra, por mais selvagens que sejam.'

'Ah' — suspirou o Guru — 'é difícil para nós imaginarmos o seu mundo, assim como para os senhores torna-se quase impossível representar o nosso. Mais do que as Raças, nos separa um Universo de Símbolos, um Muro de Ilusão criado pelo Grande Enganador. Os senhores, muitas vezes, se conformam com palavras vazias, ou seja, se contentam com palavras que representam ideias — ideias que têm pouco peso na realidade, ideias que são tão ilusórias como as restantes formas de Maya. O Signo que o senhor porta o faz diferente do restante dos mortais. No entanto, nem o senhor, nem os seus Gurus, sabem como demonstrar essa supremacia. Pois bem, com essa simples parelha de *dogos*, ó *Bhattaraka*, fará o que ninguém, salvo quem tenha também o Signo de Shiva, é capaz de fazer neste Mundo: ***revelaremos ao senhor um Kilkor***[44] ***que lhe permitirá comandar mentalmente ambos os mastins ao mesmo tempo***.'

Isso de controlar um cão com a mente seria efetivamente incrível para qualquer mentalidade racional, mas eu o considerava possível e entendia com naturalidade. O que era incompreensível para mim era o fato de controlar '***ambos os mastins ao mesmo tempo'***. O Guru Visaraga, que continuava explicando as características do sinistro presente, não tardou em esclarecer todas as minhas dúvidas.

'Não se deixe enganar por seu aspecto feroz' — afirmou com veemência — 'não são animais comuns, mas uma parelha especialíssima de cães ***daivas***[45], ***equilibrados*** em nosso Monastério, graças a fórmulas antiquíssimas que o Círculo Kâula possui. Os cães *daivas* são manifestações da parelha arquetípica de cães celestiais — cada um é o exato reflexo do outro, e ambos emanam perfeitamente do Cão do Céu. Inclusive seus corpos etéricos pertencem à mesma Alma Grupal. São como ***pares de princípios opostos manifestados*** e, normalmente, um neutralizaria o outro irremediavelmente. Durante uma guerra muito antiga, talvez anterior à que narra o *Mahabharata*, os Gurus treinavam os cães *daivas* como arma, para que atacassem aos pares e não pudessem ser detidos pelos inimigos de *varna* inferior. ***Só os Kshatriyas, os Heróis espirituais, aqueles que, pelo seu Sangue Puro, se encontravam 'além' dos princípios opostos Kula e Akula, conseguiam deter os cães daivas***. É o que o senhor, que ostenta o Signo de Shiva, pode fazer hoje com Kula e Akula!'

'Veja' — concluiu o Guru — 'que ainda que o seu poder de deter um mastim enfurecido mediante vozes de comando possa parecer uma façanha

---

[44] ***Yantra*** *ou* ***Mandala*** *(em tibetano:* ***Kilkor****). Figura geométrica para uso ritual ou mágico. Significa* ***"cerco"****. O final* ***"kor"*** *dá a ideia de "fechar" ou "aprisionar". Mais amplamente, um Kilkor pode ser uma muralha ou fortificação, sentido que também se refere ao "mandala" sânscrito.*

[45] *Cães* ***daivas****, cães "divinos", cães dos Deuses.*

inimitável, e talvez o seja no Ocidente, nada poderia fazer contra uma parelha de cães *daivas*. Claro, falo dos Iniciados ⸸ em geral. Porque o senhor, ***Doce*** Peregrino, é diferente de todos, possui o antigo Tao, a quietude ativa de Shiva meditando. ***O senhor pode dominar os cães daivas com a mente porque seu Espírito está além de Kula e Akula!***'

Imagine, *Neffe* Arturo, oito varas com um ***trishula*** ou tridente em cada extremo, quer dizer, oito varas e dezesseis tridentes, dispostas paralelamente uma junto à outra e separadas por pequenas distâncias. Imagine, depois, outro conjunto igual, mas com as varas ordenadas perpendicularmente às anteriores. Aplique, finalmente, um conjunto sobre o outro, para formar uma grade, e obterá a forma básica do *Yantra* que o Guru Visaraga me ensinou — uma grade quadrangular com oito tridentes de lado e quarenta e nove quadrados interiores.

Depois da explicação referente, o Guru, sempre acompanhado pelo par de sadhakas e dos ferozes cães, conduziu-me a um aposento iluminado por centenas de velas e cujo piso não era de forma alguma pavimentado. De uma das múltiplas prateleiras cobertas de velas, pegou alguns saquinhos cheios de uma areia fina de cores variadas e, com singular mestria, foi derramando essas areias no solo até formar o Kilkor descrito acima.

O Guru perguntou-me se seria capaz de lembrar disso. Assenti com um gesto e então ele disse:

'Filho de Shiva, não se surpreenda por conhecermos os seus segredos, por sabermos mais a respeito de sua pessoa do que aprendeu sobre si mesmo. O senhor vem de um país longínquo, muitíssimo mais distante que o Assam Kâmarupa, que para nós parece muito afastado, mas tem muito em comum com os kâulikas — o senhor é de nossa mesma Raça e *varna*, é um Kshatriya, luta ao nosso lado contra um idêntico Inimigo, é Iniciado na mesma antiga Sabedoria de Shiva, o Senhor da Guerra e da Destruição de Maya, a Sabedoria que é fundamento do Tantra Kâula. E para nós, que somos Iniciados no Tantra Kâula, o senhor é um ***Tulku*** de Shiva, como lhe denominei há um momento. Sabe o que é um *Tulku*?'

'Creio que sim' — respondi, sem muita convicção — 'a reencarnação de um Deus.'

'Não' — negou com firmeza o Guru Visaraga, embora sorrindo compassivamente — 'o senhor deve dizer, em qualquer caso: uma das reencarnações ***simultâneas*** de um Deus. De acordo com a Doutrina tântrica, quando um Deus, em determinada época, decide se revelar aos homens, pode fazer isso, e geralmente o faz, em uma multidão de manifestações físicas — o Deus possui, então, uma pluralidade de corpos, existe como homem simultaneamente em diferentes lugares e circunstâncias. Esses homens, ***como o senhor***, expressam os sinais do Deus, mas às vezes ignoram que são ***Tulkus***.

Há, pois, vários *Tulkus* ao mesmo tempo. Nosso Tibete sempre foi rico em *Tulkus*, devido à espiritualidade elevada dos arianos e de outras Raças que dominavam igualmente a antiga Sabedoria. Nós somos, talvez, os únicos

Iniciados no Mundo que sabemos ler os sinais dos *Tulkus*. Mas agora, no final da Era de Kâly, os Deuses se transladaram aos países da região de onde o senhor provém e a outros que se acham além dos oceanos tenebrosos. Sua pátria, a Alemanha, onde se reuniram, hoje em dia, os descendentes mais fortes do tronco racial comum, é um dos últimos cenários terrestres onde os *Tulkus* representarão o Drama da Guerra dos Céus. O senhor é um *Tulku* de Shiva! Não é casualidade que esteja cumprindo esta missão nem que nós o ajudemos — ***são os outros Tulkus, que convivem com o senhor em sua Nação que, com grande Sabedoria, o enviaram para bloquear a passagem dos Asuras de Shambala***.

E porque o reconhecemos como Tulku, vamos lhe dar a *dîkshâ* no *Kilkor svadi*[46].'

Você pode imaginar, *Neffe*, as dúvidas que me causavam as crenças dos *kâulikas*. Eu, um *Tulku*? A verdade era que eu me sentia a manifestação de ***um único Espírito***, mas de nenhuma forma poderia afirmar ou negar que fosse também sua ***única manifestação***. Jamais me ocorreu pensar em tão inquietante possibilidade mas, de fato, nesse momento não acreditava nela. Ainda que não me desgostasse, por exemplo, de participar como *Tulku*, da essência do Führer, e compartilhar, dessa forma, do seu Destino de Glória.

O Guru me ofereceu um recipiente feito com um crânio humano, artisticamente revestido em seu interior com lâminas de prata e cravejado de esmeraldas, que se encontrava transbordante de uma desagradável poção. Continha ***nang tcheud***, a versão tântrica do ***soma***, ***amrita*** ou ***hidromel***, ou seja, o elixir dos Rituais de Iniciação, a bebida dos Deuses (Siddhas) ou semideuses (viryas). O *nang tcheud* se usa principalmente no Ritual dos Cinco Desafios, pois é elaborado com as cinco 'coisas proibidas': cinco tipos de carne, inclusive humana; cinco peixes; cinco cereais; cinco vinhos; e cinco substâncias vinculadas ao sexo, tais como urina, sêmen, sangue, fezes e medula.

Eu o bebi com evidente desconfiança, e o Guru Visaraga, talvez para me tranquilizar, ampliou um pouco mais sua explicação:

'Existem muitos tipos de *Kilkor*: de Morte, de Libertação, de Encantamento, de Poder, dentre outros. E todos requerem a mestria no Mantra Yoga e a perfeição na pronúncia das fórmulas mágicas que ***os vivificam***. Por isso há três graus ou formas de afirmar as palavras de poder ou ***bijas***: a ***japa***[47]***vâchika***, que consiste em ***gritar*** os ***bijas***, como ***ordens acústicas***, do mesmo modo que suas 'vozes de comando' militares — esta é a mais baixa das japas e é a que as ᛋᛋ utilizam para dominar os mastins; a ***japa upâmshu***, que exige ***expressar*** os *bijas* sem gritar nem falar, como ordens astrais; e por último, a mais elevada das *japas* é a ***manasâ***, cujo efeito não é causal mas sincrônico, quer dizer, que faz ***coincidir carismaticamente*** os *bijas* com o fato que se quer afetar, como ***ordens***

[46] *Dar a **dîkshâ**: Iniciação no Kilkor **svadi**, o "Kilkor do cão".*
[47] ***Japa**: recitação de bijas, sons ou palavras mágicas.*

incriadas. Como as varetas do I-Ching ***formam*** um significado incriado que revela ou descobre os desígnios dos Deuses — um significado ***não querido*** pelos Deuses, um significado que ***não estava*** no destino, um significado que emerge por coincidência acausal entre o Superior Desconhecido e o Inferior Conhecido, um significado arrancado à força dos Deuses Traidores pelos Homens Magos — do mesmo modo a *japa manasâ* atua apenas pela determinação dos Iniciados, daqueles que estão além de Kula e Akula.

O senhor deve saber, ó *Shivatulku*, que só os grandes Iniciados são capazes de adquirir mestria na *japa upâmshu*, a de segundo nível. Eles são os que possuem o poder de ***tulpa***, ou ***mudratulpa***, a capacidade de conceder realidade às ideias ordenadas e fazê-las surgir no Mundo. Com o *Kilkor* adequado e a correta *japa upâmshu*, é possível fazer aparecer todo tipo de objetos materiais ou de produzir uma infinidade de fenômenos. Aqui mesmo, estes cães *daivas* que o senhor vê são apenas ***tulpas*** criados por nós, para demonstrar o seu poder de *Tulku*.

Efetivamente, não se espante: criamos mentalmente os *dogos* para que coloque em prática a *japa* superior, a *japa manasâ*, que é uma virtude particular apenas dos Siddhas ou viryas e que os *Tulku* possuem naturalmente. Os cães *daivas*, produtos do *Tulpamudra* são efetivamente reais, mas só o senhor, ó *Shivatulku*, pode governá-los com as *japas* do *Kilkor svadi*. Os *kâulikas* requerem uma perigosa *dîkshâ* e só chegam a expressar a *japa upâmshu*, mas o senhor, que é um Virya, só necessita que ***lhe transmitamos o Poder Viryayojanâ que permite 'dar vida' às projeções mentais Tulpa, o angkur da japa manasâ***. O senhor não é um *kâulika*, mas é um *tântrika*, e já tem o poder da *japa manasâ*.'

Em seguida, o Guru ***passou a me fornecer a chave dos 49 bijas que iam nos correspondentes setores do Kilkor***.

O procedimento 'mágico' de controle era o seguinte: eu devia imaginar a grade do Kilkor e situar em cada quadrado um *bija* ou ***palavra de poder***; e cada *bija* ***era uma ordem*** que os cães obedeceriam automaticamente. Um *bija* significava silêncio; outro, avançar; outro, parar; outro, atacar etc.; até completar quarenta e nove.

Apesar do meu ceticismo inicial, e para a alegria dos monges, pude comprovar que o sistema era certamente infalível. Uma vez que memorizei o *Yantra*, os cães se tornaram uma extensão da minha própria mente e bastava a mais leve insinuação dos *bijas* para que obedecessem, sem dizer palavra, ou melhor dizendo, sem latirem.

Como aquele efeito era, logicamente, surpreendente, não pude evitar de interrogar o Guru sobre a forma em que o controle mental se realizava.

'Para nós é muito simples' — esclareceu — 'plasmamos um Kilkor semelhante a este no corpo sutil de cada cão e estabelecemos uma correspondência analógica entre cada *bija* e certas funções vitais ou motoras de ambos os animais. Se isso fosse feito com apenas um animal, de qualquer espécie, o Guru ou o Iniciado *kâulika* poderia dominá-lo sem problemas. Mas, como lhe disse antes, a parelha de cães *daivas* é diferente: eles

participam de um único Arquétipo cão e ambos estão normalmente equilibrados. ***Se a ordem mental é emitida 'por baixo' do Plano arquetípico, um neutraliza o outro e não tem efeito; só quem é capaz de pensar 'acima' do Plano arquetípico, além do Arquétipo Criado pelos Deuses da Matéria, sobre a dualidade relativa do manifestado e a unidade absoluta do imanifestado, pode fazer prevalecer sua vontade na ação dos cães daivas***. Não esqueça nunca: nem um Mestre da Hierarquia nem ninguém cujo pensamento se componha de princípios opostos poderá deter os cães *daivas*!'

Kula e Akula, *Neffe* Arturo, eram os tataravôs de Yin e Yang, os *dogos* que o atacaram quando você entrou de forma tão furtiva na fazenda e eu pensei que era um inimigo. Como seus antepassados, estes cães obedecem a ordens mentais do *Yantra* e ***se movem ambos ao mesmo tempo***, perfeitamente sincronizados."

Capítulo XXIII

Nesta manhã, o Dr. Palacios me tirou o gesso. O braço estava curado, mas ainda subsistia uma horrível sensação de fraqueza que me lembrou da terrível eficácia dos cães tibetanos. Os últimos relatos de tio Kurt iam esclarecendo tudo... ao mesmo tempo em que me afundavam em um Mistério maior. Sua Iniciação, sua missão no Tibete, o Poder do Signo da Origem, o incrível parentesco de seu Instrutor Konrad Tarstein com Belicena Villca, e o assunto dos *dogos*. Sim, tudo ia se esclarecendo, mas, ao mesmo tempo, crescia o Mistério de minha própria existência. A cada instante iam se incorporando novos elementos ao contexto da minha vida: parentes desconhecidos, países remotos, doutrinas ignotas, inimigos implacáveis. Mas, quem era eu? De uma coisa agora estava certo: jamais tive a menor chance de escapar da história, jamais fui livre para escolher meu destino, jamais dispus de uma pitada de arbítrio. Tudo foi ilusão, uma farsa completa. Sentia-me jogado, como uma peça de xadrez, por seres desumanos que, evidentemente, conheciam as regras do jogo e a posição das peças. O tabuleiro era o Mistério, que eu mal vislumbrava, mas que não poderia abranger, por estar inserido nele.

Eu compreendia que tinha que tirar essas ideias pessimistas do meu cérebro, para não enlouquecer. E, paradoxalmente, quando tio Kurt não me fazia partícipe de sua narração, eu me entretinha observando os cães *daivas*, aos quais já não temia. Aguardava, isso sim, que tio Kurt cumprisse sua promessa de me revelar os *bijas* do *Yantra*. Segundo ele, eu também poderia controlá-los com a mente.

Capítulo XXIV

— **T**udo isso — prosseguiu tio Kurt nessa tarde — aconteceu em três dias, e um gelado amanhecer nos viu sair do monastério, rumo ao Tibete. A caravana se compunha agora pelos cinco oficiais ᚺ, cinco dos carregadores *holitas* de Daca, que aceitaram o carregamento até o Tibete, e dez *lopas kâulikas*, especialistas em Artes Marciais e Magia Tântrica. A travessia do Himalaia foi feita por uma passagem conhecida apenas pelos monges, que evitava qualquer cidade até que se adentrasse um bom tanto no vale do Gangri, e que subia a mais de 5.000 metros, passando junto à encosta do Lunpo Gangri, majestoso pico de 7.600 metros de altitude.

"Uma vez no Planalto Tibetano, no país de ***Pey-Yul***, devíamos marchar diretamente para o Norte. O plano de Karl von Grossen parecia absurdo a princípio, mas pensando bem, não o era, e de fato produziu os resultados esperados. Consistia em chegar às margens do Brahmaputra que, no vale de Gangri, corre paralelo ao Himalaia, de Oeste a Leste, e embarcarmos em balsa para navegar em sua furiosa corrente. O ponto indicado para descermos (se não naufragássemos antes) seria aos 30° de latitude Norte e 95° de longitude Leste, onde o rio 'Filho de Brahma' gira violentamente seu curso rumo ao Sul e se dirige para os vales de Bengala. Com esse procedimento tático, recuperaríamos parte do tempo, o que nos daria vantagem sobre a expedição de Ernst Schäfer.

Segundo a informação de que von Grossen dispunha, Schäfer e seus homens circulavam pelo caminho Yung-Lam, o qual terminava seu percurso de 2.000 quilômetros na China e só se permitia o seu uso ao correio ou aos funcionários oficiais do Tibete. Os comerciantes, ao contrário, utilizavam o caminho Chang-Lam. Mas a operação de Schäfer, aprovada pelo Dalai Lama, era quase uma missão oficial. No entanto, o trânsito por aquele caminho não seria fácil, pois, antes de chegarem ao lago Kyaring, assento do Umbral de Shambala, deveriam passar por dezenas de obstáculos. Para ter uma ideia, *Neffe* Arturo, de como eram acidentadas aquelas vias de comunicação, dir-lhe-ei que, em apenas 600 km do seu trajeto, desde Lhasa a Chamdo, o caminho Chang-Lam atravessava mais de quarenta cordilheiras, por passagens que ficavam entre 3.000 e 5.500 metros de altitude. E isso sem contar as inumeráveis torrentes e rios, muitas vezes carentes de pontes, que corriam rapidamente pelos vales intermediários.

Em Chamdo, a caravana de Schäfer se afastaria do caminho oficial e ingressaria em uma via de lamas peregrinos, aberta paralelamente à margem direita do rio Mekong, que transportaria os viajantes diretamente ao lago Kyaring. Uma vez ali, se dirigiriam para o Monastério, ou ***Gompa***, dos lamas do Barrete Cúrcuma, da tribo *Duskha*, Guardiões do Umbral de Shambala. Esse Monastério, conhecido desde a Antiguidade como 'Ashram

Jafran' e que nós incendiamos, encontrava-se atrás da muralha da cidade dos *duskhas*, um povo de raça tibetana, famoso pela variedade de açafrão, ou cúrcuma, que cultivavam, do qual extraíam uma droga narcótica de uso ritual e uma tintura com a qual tingiam os barretes ou tiaras de seus lamas. Se tudo saísse bem, quer dizer, depois que aceitassem a Vítima Necessária e ***abrissem o Umbral***, a expedição prosseguiria viagem até as imediações do lago Kuku-Noor, onde está uma das extremidades meridionais da Grande Muralha da China e também, ***ou justamente por isso***, uma das Portas de Chang Shambala. Nossa estratégia, é claro, exigia que alcançássemos Ernst Schäfer antes de sua chegada ao Ashram Jafran, pois, do contrário, irremediavelmente perderíamos Oskar Feil.

De qualquer forma, a operação que iríamos realizar foi estudada minuciosamente por von Grossen e Schmidt e, ainda que a ansiedade em socorrer Oskar me enchesse de impaciência, não tive outra alternativa a não ser confiar em que eles estivessem certos. Assim, enquanto a expedição de Schäfer se encaminhava para os planaltos escalonados do Leste do Tibete, cruzados por dezenas de cordilheiras que se estendiam de Norte a Sul, e outros tantos vales encadeados, nós avançávamos à máxima velocidade pela planície do vale de Gangri, rumo ao Norte, procurando chegar o mais breve possível ao rio Yaru-Zang-Bo ou Alto Brahmaputra. Por esse rio só navegaríamos quatrocentos quilômetros mas, de acordo com a estimativa de von Grossen, em quatro ou cinco dias percorreríamos uma distância que, por terra, pelo caminho Yung-Lam, exigiria um tempo cinco vezes maior.

Em um ponto pré-fixado da costa, nos aguardavam duas balsas de firme construção, aptas para transportar, cada uma, 10 pessoas e uma tonelada de carga; mais do que suficiente para cobrir nossas necessidades. Os *kâulikas* tinham se encarregado de contratá-las e o preço foi alto, pois foi necessário pagar-lhes a viagem até Sadiga e o custo dos rebocadores que as trariam novamente até o Alto Brahmaputra.

Os experientes barqueiros, estimulados pela promessa de uma remuneração extra, ou temerosos pela periculosidade dos monges *kâulikas*, conduziram habilmente as balsas pelo centro do canal, aproveitando ao máximo a velocidade do rio. E enquanto a caudalosa corrente me aproximava aceleradamente do objetivo da missão, eu contemplava admirado uma das paisagens mais extraordinárias da Terra, só comparável, em menor grau, ao planalto de Tiahuanaco, na América. Porque aquele rio 'Filho de Brahma', que sulcava longitudinalmente um frio vale, situado a 4.000 metros de altitude, tinha suas margens guardadas por duas cordilheiras tão célebres pela altura de suas montanhas, como pelos conceitos que merecia das Religiões mais antigas da Humanidade: à direita se estendia o Himalaia, em cujo sistema, afirma a tradição asiática, se encontra o Monte Meru, o Olimpo dos indianos; e à esquerda se alçavam os montes Gangri, cordilheira que culmina no Oeste com o monte Kailash, a Morada de Shiva.

Uma semana depois nos encaminhávamos para Yushu, no Noroeste, tratando de acelerar as jornadas mediante a aquisição de iaques, pois existia um itinerário de passagens e aberturas que permitiam avançar com tais animais. Depois de percorrermos uma série ininterrupta de pequenos vales, atravessarmos numerosas cadeias montanhosas, cruzarmos o caudaloso rio Saluém e muitas outras correntes menores, chegamos, um dia, às margens do Mekong, a uns 80 quilômetros de Chamdo. A essa altura, os *kâulikas* já tinham averiguado que a expedição de Schäfer tinha vantagem de apenas 15 dias em relação a nós — pouco tempo para aquelas altitudes onde a duração das viagens se media em meses, e muito tempo em se tratando de salvar a vida de Oskar Feil.

Felizmente, o bom tempo nos acompanhou durante todo o trajeto e se manteria assim até o final. Passamos para a margem direita do Mekong e fomos pelo Caminho dos Lamas, com a esperança de encurtarmos a distância que nos separava de Schäfer, andando mais rápido do que suas fileiras e parando só o indispensável para descansar. De qualquer forma, o progresso foi lento, ao ponto da exasperação, pois o famoso 'Caminho' consistia em uma estreita e elevada estrada que só deixava passar os iaques, os quais muitas vezes tínhamos que descarregar. Em algum lugar desse caminho, a mais de 4.000 metros de altitude, cruzamos a fronteira chinesa. Finalmente, chegamos a Yushu, comprovando que o outro grupo de ocidentais tinha abandonado a cidade dez dias antes. A notícia, em vez de nos alegrar pelo tempo ganho, nos desesperou, devido a que aquela cidade era um ponto incluído no caminho Chang-Lam, no qual se canalizava a maior parte do comércio do Tibete com a China e pelo qual se poderia transitar com bastante rapidez.

Desde julho de 1937, a China padecia da invasão dos japoneses, que já dominavam a Coreia e Formosa, desde a guerra com a Rússia, em 1905. Naqueles dias, no final de 1938, o Japão tinha conquistado a Manchúria e toda a costa meridional, ameaçando se estender para o interior — Cantão, Nankin, Xangai, Pequim etc., tinham caído em seu poder. Com um formidável movimento de pinças, procuravam agora ocupar a enorme faixa entre os rios Yang-Tsé-Kiang e Hoang-Ho, quer dizer, entre os rios Azul e Amarelo. No país reinava a decomposição social e, nas regiões que os japoneses ainda não controlavam, tinha explodido, com singular violência, a guerra civil.

Yushu, situada na fronteira ocidental, estava longe dos japoneses, mas não da guerra civil. Na cidade havia bastante agitação e de forma alguma nos convinha que nos vissem muito, e por isso, permanecemos escondidos na casa de uma família *kâulika*. Eles nos proporcionaram a informação sobre os dez dias de vantagem que a expedição alemã tinha sobre nós.

Seria impossível alcançá-los viajando em caravana como até então. Segundo von Grossen, só nos restava uma alternativa: nos separarmos da carga, e nos adiantarmos a cavalo. O avanço seria realizado pelos cinco alemães e os oito monges, enquanto os dois *lopas* ficariam para guardar os

cinco *holitas*, os cães *daivas*, os iaques com sua carga e os recentemente incorporados ***zhos***, que eram machos híbridos, resultado do cruzamento do iaque com a vaca. Seguindo essa variante do plano, os *kâulikas* adquiriram os exemplares de maior tamanho que conseguiram dos pequenos cavalos tibetanos, e cada um pegou o mínimo de víveres para dez dias, uma vez que naquele caminho de comerciantes se alternavam com frequência as aldeias e áreas de descanso e abastecimento. O maior peso que devíamos transportar era das armas, para as quais destinamos dois cavalos.

Nesse mesmo dia saímos de Yushu, tendo dormido por turnos só umas poucas horas. No dia seguinte, cruzamos o Yang-Tsé-Kiang ou Rio Azul, e saímos na melhor estrada depois de quarenta dias de viagem, conferindo aos cavalos, a partir desse momento, considerável velocidade.

Suponho que, para um oficial experiente como Karl von Grossen, não passou despercebido em Yushu que jamais alcançaríamos Schäfer antes do lago Kyaring, se ele tinha vantagem de dez dias sobre nós. Indubitavelmente, procurou satisfazer da melhor maneira possível meu desejo de resgatar Oskar Feil com vida, talvez confiando secretamente na probabilidade de que, por algum motivo imponderável, nossos perseguidos se detivessem além da conta em algum ponto da rota. Mas, tal coisa não ocorreu e eles conservaram a dianteira o tempo suficiente para chegar ao Ashram Jafran, entregar Oskar Feil, e partirem novamente rumo ao lago Kuku Noor.

Quando o caminho Chang-Lam cruza o Hoang-Ho, ou Rio Amarelo, que forma, sucessivamente, os lagos Kyaring e Ngoring, dista só uns 20 quilômetros da margem oeste do primeiro. Junto a essa ponte encontramos um homem, que chamou imediatamente a atenção dos monges *kâulikas* — tratava-se de um dos espiões que o Círculo Kâula tinha infiltrado na expedição de Schäfer e acabava de fugir de uma morte certa, pelas mãos dos *duskhas*. Por ele nos inteiramos de que os alemães já tinham saído do Ashram três dias antes, guiados pelo Mestre Djwhal Khul, membro hierárquico da Fraternidade Branca, que os conduziria até a Porta de Shambala de Kuku Noor.

Conforme o relato do valoroso tibetano, Ernst Schäfer enviou à frente Oskar Feil, a fim de que explorasse a região do Ashram Jafran. Nem bem ele saiu, foi capturado pelos *duskhas*, que o confinaram em um Templo dedicado ao Culto de Rigden Jyepo, onde seria sacrificado quatro dias depois, quando a Lua fizesse sua transição ao quarto minguante. Oskar ainda se encontrava com vida! De maneira inesperada, dispúnhamos agora de um precioso lapso de tempo para estudar o resgate. Naturalmente que tudo foi planejado por Schäfer em combinação com os *duskhas*. Para evitar o compromisso de entregar abertamente Oskar, fez com que caísse em uma infame armadilha, de forma que ele ignorava, até o momento, que fosse traído por seu Chefe. Mas não era Oskar que Ernst Schäfer pretendia enganar, já que o primeiro morreria de qualquer forma, mas alguns oficiais alemães que, evidentemente, desconheciam seus planos. O canalha teria, assim, um brilhante álibi, pois os oficiais informariam, em seu regresso à

Alemanha, que 'o *Kamerad* Oskar Feil havia desaparecido em ação', no curso da Operação ***Altwesten***.

Foi isso que encurtou a estadia da expedição no Ashram, pois Schäfer não queria correr o risco de que os enganados descobrissem, por acaso, que Oskar estava prisioneiro dos *duskhas*. Precisamente, com a cumplicidade dos *duskhas*, que hipocritamente se prestaram à farsa, dezoito de seus Camaradas vasculharam palmo a palmo toda a área, durante dois dias, tentando encontrá-lo. Ao que parece, só quatro oficiais compartilhavam dos objetivos secretos de Schäfer.

A eficácia daquele *kâulika* para espiar Schäfer procedia do fato de que não era um mero carregador tibetano, ainda que se passasse por isso por ordens de seus Gurus, mas um sul-africano de origem nepalesa, que compreendia perfeitamente o inglês, o alemão e o holandês. Sua família de Raça *gurka*, quer dizer, indo-ariana, desertou durante a guerra dos Boers e se refugiou em territórios alemães, fugindo finalmente para o Butão, depois de 1918, quando a Alemanha foi despojada de suas colônias. Tanto ele, cujo nome era Bangi, como seu irmão Gangi, foram confiados, desde meninos, aos cuidados dos monges *kâulikas*, que os iniciaram no Tantra e finalmente os destacaram para Lhasa, como agentes secretos a serviço do Dharma Rajá do Butão. Ali conseguiram ser contratados por Schäfer, que pensou que eles eram *sherpas*, sem reparar na diferença de raça. Porém, eles não eram *sherpas*, mas dois guerreiros *gurkas* que tinham um profundo ódio pelos ingleses e que aguardavam, pacientemente, alguma nova guerra britânica, para se alistarem no lado contrário.

Os espiões conseguiram escutar as exigências que o traidor apresentou aos Lamas do Barrete Cúrcuma, e ouviram como o Mestre Djwhal Khul intervinha em seu favor, concordando em atravessar o quanto antes o Umbral de Shambala. Também se inteiraram da existência de 'uma oferenda a Rigden Jyepo', proporcionada por Ernst Schäfer, e compreenderam que Oskar Feil havia sido entregue mediante um estratagema. Tendo em vista que seus companheiros *kâulikas* não chegariam a tempo para impedir o sacrifício, tentaram averiguar onde estava o prisioneiro, a fim de ajudá-lo, coisa muito difícil naquela aldeia habitada por 2.000 *duskhas* e 500 lamas.

Ambos os irmãos começaram a observar os arredores do Monastério com a maior cautela, presumindo, acertadamente, que o prisioneiro teria sido ocultado em um lugar diferente do que o que ocupavam os expedicionários. Efetivamente, comprovaram que um dos Templos exteriores, situado sobre uma ilhota do lago Kyaring, estava fechado e vigiado por guardas armados.

Então, comunicaram a novidade aos espiões alemães do S.D., solicitando-lhes apoio para descobrir a manobra e libertar Oskar Feil. A resposta de um deles, resposta típica de um agente secreto ocidental, deixou sem ar os *gurkas*:

'Nós informamos à Alemanha, com meses de antecedência, os planos que Schäfer tinha para Oskar Feil, e as ordens que recebemos foram claras e determinantes, como vocês bem o sabem: 'aguardar reforços especiais que

impedirão Ernst Schäfer de concretizar a Operação ***Altwesten***. Assinado: Heydrich, Himmler, Hitler.' Quer dizer, nada nos indicaram com respeito a Oskar Feil. Apreciamos muito o nosso Camarada e sentimos muito pelo seu destino, mas em casos semelhantes, o regulamento do Serviço Secreto impede de agir por conta própria, pois foi estabelecido com absoluta precisão que a prioridade da nossa missão é a Operação ***Altwesten***. O resgate de Oskar Feil conspira contra a discrição que devemos manter até o fim da Operação ***Altwesten***, além de contradizer ordens expressas e constituir uma ação suicida, após a qual o mais provável é que sejam três, em vez de uma, as vítimas sacrificadas por esses selvagens. Nós, em síntese, nada faremos e lhes solicitamos que façam da mesma maneira, pois ainda falta muito caminho a percorrer e necessitamos a ajuda dos senhores para enviar a informação através do Tibete.'

Os *gurkas* asseguraram, para satisfação dos ᛋᛋ, que não interviriam, mas ao discutirem o caso entre eles, concluíram que as ordens dos alemães não tinham para eles o mesmo valor que os votos feitos a Shiva de combater a traição e a covardia. O que significava a infração a um frio regulamento burocrático diante da ira de Shiva, que castigava os maus guerreiros impedindo-lhes o acesso à Shakti Suprema? E acaso não tinham jurado combater até a morte os membros da Fraternidade Branca? Seus deveres de espiões do Dharma Rajá, autorizados pelo Círculo Kâula, os dispensavam de muitas obrigações religiosas, mas permitir que se sacrificasse uma vítima humana em holocausto ao chefe da Fraternidade Branca passava de todas as medidas. Nenhum Siddha poderia justificar esse pecado e certamente seriam castigados no Bhardo. Não. Se para os alemães a prioridade era chegar à Porta de Shambala, a morada dos Demônios, para eles a prioridade era o Kula, a manifestação da Shakti Divina. E o Kula se perderia, se não agiam como autênticos guerreiros Akula. Arriscar-se-iam, pois, para auxiliar Oskar Feil.

Na segunda e última noite que o grupo de Schäfer passaria no Ashram Jafran, os *gurkas* decidiram agir. Sem vacilar, afundaram-se nas geladas águas do Lago Kyaring e, nadando silenciosamente, rodearam a ilhota, para emergir na parte traseira do Templo. As sentinelas não notaram nada. Rapidamente, os irmãos subiram até uma claraboia em forma de estrela de seis pontas que, por estar voltada para o Leste, de dia permitia que os raios do Sol iluminassem a enorme estátua de Rigden Jyepo, mas, exatamente no dia do solstício de verão dirigia a luz solar diretamente ao Coração do Rei do Mundo. Felizmente, aquela horrível abertura admitia a passagem de um homem, o que foi aproveitado por Gangi, para descer, jogando uma corda para o interior. Seu irmão permaneceria de guarda na cornija exterior.

Uma vez dentro, Gangi comprovou que o Templo estava iluminado por tochas e que, amarrado fortemente com cordas de cânhamo, Oskar Feil dormia sobre a pedra sacrificial. Diante dele, o Chefe dos Senhores do Karma desfrutava antecipadamente do ***Yajnavidya*** de sua dor — pensou o intruso, com um tremor, ao observar a feição e o olhar diabólico da escultura. Mas

ele viu algo mais: no interior também havia um corpo de guardas — constava de quatro *duskhas*, ainda que se encontrassem a grande distância, junto à única porta do Templo. Dois dormiam sobre uma esteira, enquanto os outros dois conversavam animadamente. O *gurka* começou a se arrastar sigilosamente, fazendo com que a pedra sacrificial interceptasse a visão dos *duskhas* e levando na boca um afiado punhal para cortar as amarras.

Momentaneamente oculto por trás do altar de pedra, o *gurka kâulika* se levantou suavemente e espiou por cima do corpo de Oskar o comportamento dos *duskhas*: continuavam completamente distraídos, entretidos agora em jogar dados. Gangi deslizou uma mão sobre o rosto de Oskar e a apertou fortemente contra sua boca, com o objetivo de evitar que falasse ou emitisse algum som desnecessário ao despertar. Contudo, apesar de sacudi-lo com violência singular, o prisioneiro não voltava a si. Finalmente, ele abriu os olhos, mas Gangi viu que estavam brancos, com as pupilas voltadas para cima e compreendeu, contrariado, que o alemão padecia dos efeitos de um narcótico.

Nada se poderia fazer, salvo retroceder e abandonar o Templo. Shiva saberia perdoar a quem, pelo menos, tinha arriscado sua vida para resgatar a vítima dos Demônios. Mas se viu que os Deuses dispuseram outro Destino para o *gurka*. Ao retirar a mão da boca de Oskar, acreditando que estivesse completamente desmaiado, ocorreu o impensável: ele soltou um agudo lamento e convulsionou durante um instante, para cair, em seguida, no desmaio anterior.

O corpo voltou a ficar inerte, mas já era tarde — as sentinelas correram para o altar, proferindo exclamações. O *gurka* pulou sobre o primeiro e o apunhalou, mas teve que se render em seguida, diante da ameaça de dissuasivos fuzis. O outro guarda abriu a porta do Templo e logo havia uma multidão enfurecida de *duskhas* cercando o intruso. Se Gangi tivesse contado com as armas dos guerreiros *kâulikas* teria conseguido lutar melhor, mas, por causa do papel de carregador que representava na expedição, apenas podia portar aquele punhal oculto em suas roupas. Nesse momento terrível, só desejou que seu irmão conseguisse fugir.

E seu desejo se cumpriu, pois o outro *gurka* desceu rapidamente da cornija e entrou no lago, ganhando a margem sem ser visto. Escondido por trás de uma mureta que seguia o contorno da praia, observou que, minutos depois, Ernst Schäfer chegou, acompanhado por dois de seus mais fiéis colaboradores e seis lamas do Barrete Cúrcuma. A sorte de seu irmão estava lançada.

Para o caso de serem capturados, ambos os irmãos ficaram de acordo em declarar que a incursão no Templo tinha o objetivo de roubo — 'supunham que no Templo' — diriam — 'haveria objetos de valor que poderiam ser subtraídos da guarda dos *duskhas* para depois vendê-los na China ou na Índia, produzindo assim uma mudança favorável na vida de dois pobres *sherpas'*. Seriam executados, claro, pelo sacrilégio cometido e, especialmente, porque Schäfer não poderia deixar testemunhas da presença

de Oskar Feil no Templo. Mas a versão do roubo afastaria suas suspeitas e não colocaria em perigo a tarefa dos espiões alemães.

Agora, um dos gurkas, Bangi, estava livre, mas não havia como ter esperanças a respeito do destino que teria seu irmão — seria assassinado para evitar que falasse e apresentariam seu corpo ao resto da expedição, afirmando que foi morto ao ser surpreendido ***em flagrante*** efetuando um roubo em um Templo, mas não no de Rigden Jyepo, e sim em outro, ao qual seria transportado o cadáver.

Não se enganara, pois, depois de um tempo, saíram dois guardas carregando o corpo sem vida de Gangi, seguidos pelos alemães e os lamas. À luz da Lua, pôde ver seu pescoço cortado de orelha a orelha, tendo que apertar os dentes para evitar um grito de dor. Consolou-se, pensando que seu irmão possuía o Kula e que logo dançaria junto a Shiva o baile da imortalidade.

'Kâly, ó Kâly' — invocou mentalmente — 'comunica-me teu Poder de Morte, converte-me em ***Shindje shed***, o Senhor da Morte, em ***Dordji Vigdje***, o Senhor do Terror, em ***Shiva Bhairava***; concede-me, ó *Parvati*, a Honra de vingar o sangue do meu irmão, teu fiel servidor; ajuda-me a recuperar a dignidade de *Kshatriya*; transforma-me em ***Kâlybala***, a Força que destrói os Inimigos de teu Caminho Kula; põe em minhas mãos a *Trishula*, o Tridente de Shiva, a *Vajra*, o Raio de Indra, e a *Gandiva*, o Arco de Arjuna, com *Isudhi*, suas duas aljavas de flechas que jamais erram o alvo!'

Enquanto orava desse modo à Deusa Negra, o *gurka* nadava febrilmente para afastar-se do maldito Ashram Jafran, consciente de que seria rapidamente procurado como cúmplice de seu irmão e condenado a idêntica execução.

Já fora das muralhas, subiu uma montanha próxima, de onde contemplou, na manhã seguinte, a apressada partida da expedição.

'Os alemães' — pensou Bangi — 'integravam agora um cortejo de Demônios'. Junto a Schäfer, efetivamente, iam o Mestre Djwhal Khul e o ***Skushok*** do Gompa, uma espécie de Abade tibetano, além de quatro lamas do Barrete Cúrcuma.

Nesse momento, ele compreendeu que tinha duas alternativas: ou seguir à distância a caravana, arriscando-se a morrer de fome e frio em poucos dias; ou regressar ao caminho Chang-Lam e aguardar os anunciados reforços, arriscando-se, então, a perder o rastro da expedição, uma vez que o Umbral de Shambala significava a entrada em um caminho secreto, que cruzava, talvez, dimensões desconhecidas do Espaço ou se prolongava em outros Mundos. Não obstante, optou por esta última variante, tendo transcorrido apenas três dias que ele se encontrava junto à ponte do Hoang-Ho.

Capítulo XXV

Essa foi, mais ou menos, a história que o *gurka* nos contou. Creio que von Grossen, assim como seus espiões na expedição, preocupavam-se mais com a Operação ***Altwesten*** do que com a vida de Oskar Feil. De acordo com suas ordens — ordens que estavam assinadas pelas mais altas autoridades do Terceiro Reich, mas que eu não ignorava que provinham dos 'cérebros cinzentos' do regime, dentre os quais se contava Konrad Tarstein — era prioridade absoluta 'fazer contato com a expedição de Schäfer' e 'conseguir que Kurt von Sübermann se integrasse a ela'. Quer dizer, se fosse por von Grossen, deveríamos ter abandonado Oskar à sua sorte e nos concentrado em seguir os rastros de Schäfer — essa era a melhor estratégia para cumprir as ordens. Mas, para mim, importava mais a vida de Oskar Feil do que as benditas ordens e não me moveria dali até conseguir sua liberdade.

Paradoxalmene, a 'chave' da Operação Chave Um era eu, e minha colaboração ***voluntária*** para desviar a Operação ***Altwesten*** de seus objetivos ocultos. E minha colaboração exigia, agora, a libertação prévia de Oskar Feil. Portanto, mostrando grande pragmatismo, von Grossen aceitou os fatos sem discutir e se dispôs a planejar o resgate.

Nós, os cinco alemães, os oito monges *lopas* e o monge *gurka* acampamos em uma ravina estreita, afastada do caminho principal, mas situada a escassos cinco quilômetros do Ashram Jafran. Ali, von Grossen interrogou, durante horas, o *gurka*, a respeito dos detalhes da praça inimiga, elaborando, finalmente, um plano de operações com o qual ficamos todos de acordo. Basicamente, a estratégia seria a seguinte: ***o resgate seria efetuado em meio a um ataque surpresa***.

De acordo com as tradições locais, a primeira coisa que o homem adorou nesse lugar foi a ilhota, onde mais tarde se construiu o Templo consagrado a Rigden Jyepo. Uma lenda popular assegurava que, em épocas remotíssimas, ***Jagannath***, o Rei do Mundo, o *Hogmin Dordji Chang*, saiu de Shambala para percorrer o Mundo, sob Seu Aspecto de Grou. Em seu regresso, escolheu aquele penhasco semi-submerso no lago Kyaring para descansar, antes de empreender a última etapa de sua viagem a Chang Shambala. Conta o mito que, na praia, que se unia à ilha por um estreito corredor de pedras, encontrava-se um Santo lama, chamado de *Dusk*[48] que, compadecido da exausta ave, aproximou-se para alimentá-la com a única coisa que tinha à mão: um saco com flores de Cúrcuma. Agradecido, o Bendito Senhor decidiu premiar Dusk, tornando-o pai de um Povo de adoradores do Rei do Mundo, e concedendo a todos os Iniciados que

[48] ***Dusk*** *significa* ***Dor***. *Os duskhas eram "a família de Dusk", quer dizer, os Filhos da Dor.*

surgissem de sua Estirpe a guarda do Umbral de Shambala, ***o qual começava justamente naquela ilha sagrada***.

Outra versão da lenda, sem dúvida mais antiga, afirmava que o Grou Divino tinha amado o lama Dusk e desejava dar-lhe descendência antes de partir. O problema era que o Grou era um exemplar macho, do mesmo sexo do lama, e por isso não era possível uma fertilização. Então, o Grou de Shambala, que na história fora alimentado pelo sangue do lama, lembrou que só a união com uma serpente macho Naga é capaz de conseguir o milagre da procriação entre membros do mesmo sexo. Estando na ilhota do lago Kyaring, o Grou ativou mentalmente seu *Dordje* de Poder, que se encontrava no Trono do Rei do Mundo, em Chang Shambala, e transformou o lama em uma serpente Naga macho. Em seguida, copularam com ardor, e o Grou Rigden Jyepo engravidou da serpente Naga. Depois desse ato homossexual, antes de partir, o Grou Divino pôs dois ovos de cor de açafrão. Incubados posteriormente pelo lama Dusk, sob o Aspecto de Serpente Naga, ambos os ovos deram origem a um par de gêmeos híbridos — um terço de Grou, um terço de homem e um terço de serpente — os quais eram os Grandes Antepassados dos *duskhas*.

Não se deve estranhar, pois, que com semelhante crença, eles reivindicassem seu parentesco com o Rei do Mundo e se tornassem seus mais fanáticos adoradores, exigindo a todos que tentassem franquear o Umbral de Shambala a oferenda de dor de uma vítima humana, um presente agradável para quem ostenta os títulos de 'Pai da Dor Humana', 'Senhor dos Senhores do Karma', e 'Supremo Mestre da Kâlachakra'.

Desde então, os *duskhas*, povo descendente do mítico Dusk, cuidaram zelosamente da região e construíram o Templo a Rigden Jyepo sobre a 'Ilha Branca', denominada assim em lembrança de *Chang Swetadvipa*, a 'Ilha Branca do Norte', invisível aos olhos humanos e assento da Porta de Chang Shambala, a mansão dos Bodhisattvas. No decorrer dos séculos, o povo dos *duskhas* cresceu, bem como o número de sua comunidade de lamas, e foram obrigados a construir o enorme Gompa Ashram Jafran, o qual cercaram de belos Pagodes, dedicados ao culto de diversas Divindades da Fraternidade Branca. A ilha com seu Templo encontrava-se muito perto da margem oeste do lago; diante dela se erigia em terra firme o Monastério, com seu anel de Pagodes; e mais atrás, formando um amplo semicírculo que tampava e ao mesmo tempo protegia o conjunto de edifícios religiosos, estava a aldeia dos *duskhas*.

O Hoang-Ho, o Rio Amarelo, sempre constituiu, nessa região, uma tríplice fronteira entre os Reinos do Tibete, da Mongólia e da China. Durante milhares de anos, os exércitos invasores, procedentes de tal ou qual Reino, passaram diante do Ashram Jafran, respeitando frequentemente seu *status* de comunidade religiosa, mas em algumas ocasiões, tentavam ocupar a aldeia ou submetê-la ao saque. Essa realidade forçou os *duskhas* a fortificarem a praça, construindo uma alta muralha de pedra em forma de 'U', que ia de margem a margem do lago Kyaring. Na abertura do 'U', diante

do espaço aberto no lago, entre as extremidades da muralha, estava a Ilha Branca com o Templo e o prisioneiro que procurávamos libertar.

E na base do 'U', que era a frente da cidade amuralhada, encontrava-se uma enorme porta de madeira, emoldurada por duas torres altas que serviam de vigia, ocupadas permanentemente por guardas armados. Nos dois ângulos do 'U', existiam também torres em cada ângulo, com suas respectivas sentinelas.

É bom esclarecer que tais medidas de segurança surgiram pela força das circunstâncias, quer dizer, pela necessidade de protegerem os Templos e o Ashram de possíveis invasores, pois os *duskhas* careciam absolutamente, apesar de sua ferocidade para o Sacrifício Ritual, de vocação guerreira. Formavam, isso sim, um povo de Sacerdotes natos, cujos membros ingressavam em tenra idade na prática do Culto e viviam sempre asceticamente, demonstrando uma austeridade monacal. Não apenas não eram guerreiros, mas a guerra lhes causava um horror essencial, e a imaginavam como um efeito do erro humano, da cegueira do homem que não via, como eles, a Bondade dos Deuses Criadores do Universo.

Suas armas de fogo se reduziam a uma escassa centena de fuzis Martini-Henry do século XIX e seis pequenas peças de artilharia fixa, montadas nas torres da muralha. Careciam completamente de armas de mão. Ao contrário, a cutelaria era abundante e variada, e a manejavam com regular destreza.

A essas deficiências de material somava-se a escassa visão estratégica daqueles infelizes, que tinham aquartelado a totalidade de sua guarnição, uns cem efetivos, em duas barracas situadas em ambos os lados do portão principal. Evidentemente, todo o peso de sua defesa se baseava mais em fatores psicológicos do que reais, ou seja, que confiavam na dissuasão de suas muralhas e no escasso saque que havia atrás delas, para desencorajar os possíveis atacantes. As próprias peças de artilharia representavam mais objetos dissuasivos do que um perigo real para os sitiadores, uma vez que dificilmente funcionariam; e isso se ocorressem condições ideais de que houvesse pólvora seca, munições e mecha, e se esses elementos fossem colocados de forma correta.

Em síntese, como a região estava tranquila no momento, e não tinham motivos para suspeitar de nenhum ataque, a guarda estava reduzida à sua mínima expressão: um homem em cada torre, quer dizer, seis vigias — dois na porta principal e um atrás de cada uma das outras quatro portas laterais. Outros seis guardas estavam no Templo da Ilha Branca — dois fora e quatro dentro — além de quarenta efetivos dormindo em cada uma das barracas, mas preparados para sair, ao menor alarme.

Naquela noite, Kâly atenderia as orações do *gurka*. Não seriam os golpes do Tridente de Shiva, nem o Fogo do Raio de Indra, nem a certeza das flechas de Arjuna, mas a vingança de Bangi se instrumentaria por meio de outros poderes semelhantes: os golpes das balas de nossos fuzis, o fogo das granadas, e a certeza das flechas dos *lopas*.

Pelo número de efetivos que tinha, a formação que von Grossen comandava era apenas um esquadrão. Mas, pela moral combativa e a consciência da própria força, deveria ser qualificada de falange ou legião. Uma legião, dir-se-ia, por sua grande mobilidade para a *Blitzkrieg*. Inicialmente, atacaríamos divididos. Karl von Grossen conduziria o grosso do esquadrão, enquanto uma equipe dirigida por mim atuaria no Templo. Em uma segunda fase do plano, o esquadrão se bifurcaria em dois pelotões, para depois todos se reunirem em um ponto pré-fixado, e executarmos a retirada.

Apenas nós, os alemães, estaríamos, no assalto, providos de armas de fogo: uma pistola *Luger* e uma metralhadora *Schmeisser* por cabeça, além de dois dos obsoletos fuzis *Mauser 1914*, que já veremos para que serviriam. Naqueles dias, as *Schmeisser* de 9 milímetros eram armas secretas, e só a um corpo de Elite como o nosso era permitido portá-las fora da Alemanha. Contávamos com cinquenta carregadores com trinta balas cada um, mas eu só levaria dois, ficando os restantes para os meus Camaradas que sustentariam o grosso do ataque. Naturalmente, todos nós portávamos a adaga de Cavaleiro ᛋᛋ com a inscrição 'Blut und Ehre' gravada na lâmina.

Os guerreiros *kâulikas*, por seu lado, usavam três tipos de armas: arco e flechas, cimitarra e punhal. Como disse antes, aqueles monges eram especialistas em artes marciais, e sua habilidade de arqueiros não tinha rivais no Tibete, onde ninguém duvidava em atribuir um poder mágico às suas flechas e se afirmava que tanto poderiam atingir um alvo de dia quanto de noite, com os olhos abertos ou vendados etc. Todos esses guerreiros carregavam cinquenta flechas, nem uma a mais nem uma a menos, em uma aljava que penduravam na perna direita — cada flecha correspondia a um dos crânios do colar de Kâly e, por isso, tinha gravada em sua vara uma das letras do alfabeto sagrado dos arianos. A cimitarra era uma espada curta, de uns 80 centímetros, com uma lâmina de um fio só, curvada, truncada em forma convexa e de contraponto, e alargada nessa extremidade; a guarda da espada protegia o punho com duas pontas que imitavam a unha da águia, e a empunhadura, de marfim negro, tinha um pomo finamente lavrado, que representava o Rosto de Kâly como Mrtyu, a Morte. A cimitarra, embainhada, pendia de um *baldric* sobre o lado esquerdo. E, finalmente, em uma pequena bainha travada pela faixa, ia o punhal de lâmina flamejante e empunhadura de marfim, de tamanho semelhante ao ***Panzerbreher*** medieval ou ao seu contemporâneo ***Misericórdia***.

Os integrantes do Círculo Kâula denominavam, em seu Tantra, Shiva de ***Rudra***, palavra que surgia da contração e aglutinação de ***Ru*** e ***Duskha***, e que significava ***aquele que destrói a dor***. Shiva era, assim, o Inimigo da Dor, ou o Inimigo de Dusk. E os discípulos de Shiva, por extensão, seriam os inimigos dos *duskhas*. Esclareço isso, *Neffe*, porque não poderia deixar de considerar, na análise que fiz de nossos armamentos, o profundo ódio que os *kâulikas* nutriam pelos *duskhas* como um importante elemento tático a favor. Os *kâulikas* tinham os duskhas como um pouco menos do que

vampiros, que viviam da dor humana; e estavam psicologicamente predispostos a atuar com o máximo rigor contra 'a família de Dusk'. *Shiva Rudra* aprovaria e premiaria a demonstração de valor de seus *Kshatriyas kâulikas*.

O Sol se ocultou atrás da formidável Cordilheira Bayan Kara e a noite, impenetrável, devido à escassa luz lunar do quarto minguante, desceu sobre o lago Kyaring. À meia-noite, deixamos os cavalos bem presos, um quilômetro antes do Ashram Jafran e começamos a avançar a pé, carregando o material necessário para o ataque. Este foi fixado para a uma em ponto, hora em que os dois grupos deveriam estar em seus postos.

O *gurka*, conhecedor do trajeto para o Templo, um dos *lopas* e eu nos encarregaríamos de resgatar Oskar, no momento exato em que von Grossen, com os demais, iniciassem o ataque frontal. A surpresa era o fator determinante do sucesso de nossa estratégia e, por isso, nos movíamos com extrema cautela.

Quarenta e cinco minutos depois, e a uns trezentos metros da torre de vigilância, entramos no lago. Nós três éramos Iniciados e sabíamos como liberar o calor da energia ígnea Kundalini para evitar o congelamento, mas sem dúvida, nesse meio aquático das altas montanhas, os *kâulikas* tinham vantagem sobre mim — as práticas de Hatha Yoga das ᛋᛋ se concentravam principalmente em resistir, com o corpo nu, às baixas e secas temperaturas dos Alpes bávaros. Assim, eu tiritava ainda de frio, quando chegamos à Ilha Branca minutos mais tarde, sem que os *duskhas* nos ouvissem.

Na parte posterior do Templo, nós, os três invasores, subimos até a abertura estrelada pela qual entrara, quatro dias atrás, o infeliz Gangi. Era quase uma da madrugada. A partir de então, devíamos agir com precisão matemática, pois havia a possibilidade de que os guardas interiores tentassem matar Oskar, ao se recuperarem da surpresa do ataque.

À uma hora e cinco segundos, com exatidão germânica, uma poderosa explosão exterior fez o Templo vibrar e deixou paralisados de terror os guardiões. Nesse instante, enquanto lá fora o Inferno se desatava, eu pulei da janela, rodei pelo chão em direção ao altar, levantei-me bruscamente e, com apenas uma descarga da *Schmeisser* acabei com os quatro guardas. Os quatro receberam as balas pelas costas e morreram sem saber o que ocorrera, jogados contra a porta do Templo para a qual estavam voltados. Uma oferenda mais justa que Oskar Feil era a que agora recebia o horrível ídolo, atrás do qual eu tinha me resguardado, na prevenção de que a porta se abrisse e entrassem outros guardas.

Os *kâulikas*, que chegaram segundos depois junto ao altar, cortaram as cordas que prendiam Oskar e tiraram-lhe a mordaça que o impedia de falar. O efeito do narcótico já tinha passado.

'Kurt! Kurt von Sübermann!' — gritou, aturdido — 'É você realmente ou estou sonhando?'

'Sou eu, sou eu!' — afirmei, com impaciência — 'prepare-se, pois temos que fugir o quanto antes daqui. Depois lhe explicarei tudo.'

O pobre Oskar não conseguia se manter em pé.

Durante sete dias o mantiveram manietado no altar e só o alimentaram o indispensável para que chegasse vivo até o dia de sua execução. O *lopa* e eu colocamos, cada um, um ombro debaixo de seus braços e retrocedemos para o fundo do Templo, levantando-o. Enquanto isso, o *gurka* grudava seu ouvido na porta e, ao não perceber perigo algum, assegurava-se, com o punhal, de que os guardas estivessem bem mortos.

Na verdade, poderíamos ter saído pela porta do Templo, já que os guardas exteriores correram para a aldeia, ao ouvirem as explosões. Mas, então, não o sabíamos e não queríamos arriscar-nos a manter um combate desigual. O que fizemos, ao contrário, foi sairmos os quatro pela janela. Primeiro, subiu o *lopa*, depois Oskar, em pé sobre os meus ombros, recebeu ajuda e passou para a cornija exterior. Finalmente, subimos Bangi e eu.

Rodeamos o Templo e comprovamos que a frente estava desguarnecida. Atravessamos, pois, o corredor que unia a Ilha Branca com a praia e nos ocultamos por trás da mureta para observar, cinquenta metros adiante, o que acontecia no Monastério. Nos minutos seguintes nos reencontraríamos com nossos Camaradas!

Capítulo XXVI

O entorno da muralha tinha sido despojado de rochas, e por isso tiveram que se arrastar por cinquenta metros. Faltando cinco minutos para a uma, von Grossen, os três oficiais ᛋᛋ, e três *lopas* achavam-se grudados ao solo, a vinte metros da porta principal. Os restantes quatro monges estavam encarregados de eliminar os vigias, e localizados em posições adequadas para este fim. Sua ação foi muito veloz e os vigias 'não viram nada' quando os *lopas* emergiram da terra com a velocidade da cobra, ajoelharam-se sobre uma perna e atiraram quatro flechas. Quatro flechas na noite, quatro alvos certeiros! Dir-se-ia que aqueles dardos sagrados procuraram o coração dos adoradores do Senhor de Shambala.

Karl von Grossen e seu grupo correram, então, em direção à porta, unindo-se a dois dos arqueiros; os outros dois foram, separadamente, liquidar as sentinelas das torres extremas da muralha, essas que estavam sobre as águas do lago. Todos se apertaram ao muro, enquanto Kloster e Hans prendiam em dobradiças e fechaduras os quatro petardos de demolição. A entrada principal para a aldeia era guardada por um pesado e enorme portão de folha única, construído com placas montadas e coberto de ferragens que tampavam totalmente as fendas. Era, certamente, um forte obstáculo, que teria resistido a mais de uma carga de aríete, mas sem dúvida, ineficaz na guerra moderna, diante da artilharia ou das bombas como as que nós colocamos. Kloster olhou a hora: dois minutos para uma.

Então ligou o detonador, retardado em dois minutos, e apertou-se contra o muro, ao lado de von Grossen.

Psicologicamente, dois minutos podem durar um instante ou uma eternidade, especialmente se existe a possibilidade de que se morra ao final deles. Os alemães, para evitarem pensar em tudo aquilo que não fosse o combate, começaram a verificar se as metralhadoras estavam com a fechadura destravada; e a se certificarem, pela enésima vez, de que os carregadores estivessem facilmente à mão nas cartucheiras de lona; também se asseguraram que as granadas de cabo sairiam sem problemas do cinturão e do cano das botas. Assim, para os alemães, os dois minutos estiveram mais perto do instante do que da eternidade. Os *kâulikas*, ao contrário, permaneceram absolutamente imóveis, com a mente concentrada na unidade infinita do Kula. Para eles, que tinham se despojado da consciência da duração, os dois minutos foram semelhantes à eternidade.

Mas, todos igualmente correram, quando as bombas explodiram. E, literalmente falando, ***cansaram-se de matar***.

As cargas explosivas, distribuídas com singular perícia, arrancaram completamente o portão e o destroçaram, espalhando os pedaços a dezenas de metros ao redor. Ainda não tinha se dissipado a fumaça da entrada e von Grossen e Heinz já estavam posicionados diante das duas únicas portas das barracas.

Dentro reinava uma grande confusão, e só alguns poucos tentaram pegar sua arma e sair; mas tal reação sobreveio muito tarde para lhes salvar a vida. Kloster e Heinz correram, um minuto antes, ao redor das barracas, jogando as granadas pelas aberturas. Com a quinta granada, simultaneamente, ambos os abrigos começaram a desmoronar. Desesperados, os que acabaram milagrosamente ilesos, lutavam para chegar às portas e sair, mas caíram abatidos sobre os cadáveres de seus predecessores, fulminados pelas inclementes rajadas das *Schmeisser*. Nenhum deles escapou daquela armadilha mortal.

Ao não aparecerem mais guardas pelas portas, von Grossen deu uma ordem e dois *kâulikas* penetraram nas ruínas e se dedicaram a acabar com os feridos e sobreviventes com punhaladas certeiras. O ***Standartenführer*** consultou seu relógio de pulso com agulhas luminescentes: uma hora e oito. Em apenas oito minutos, e sem dar-lhes tempo de disparar um só tiro, os três oficiais ϟϟ exterminaram a guarnição *duskha*!

Da entrada principal, e até a ampla praça onde se elevava o Monastério, havia uma longa avenida de 300 metros de comprimento, pela qual von Grossen tinha planejado o avanço seguinte. Salvo os dois *lopas* que ficaram fora, e cuja missão consistia em subir nas torres, para os *kâulikas* foi encomendado 'limpar' a passagem dos alemães. Com esse objetivo, tão logo voou o portão, três deles se dirigiram diretamente para lá, brandindo suas cimitarras e, com notável destreza, degolaram todos os *duskhas* que cruzaram seu caminho. Tinham se separado no trajeto e cada um ia e vinha uns cem metros, prodigalizando golpes para os dois lados. Os primeiros a

morrerem foram, é claro, os habitantes das casas com frente para a avenida, e que cometeram o irreparável erro de sair para a rua, ao ouvirem as explosões: anciãos, homens, mulheres, crianças — a cimitarra *kâulika* não perdoava ninguém. Depois da uma hora e dez minutos, ao se somarem a eles os dois *lopas* que voltavam depois de eliminarem os feridos da guarnição, os corpos de dezenas de famílias completas jaziam sem vida nas proximidades de suas moradias.

Mas, a essa altura dos fatos, após a explosão das bombas, as granadas e o barulho das metralhadoras, o caos era dono da aldeia *duskha*. No meio de uma infernal gritaria, uma multidão de pessoas desnorteadas convergia para aquela estrada, alguns com o objetivo de chegarem até as muralhas, e outros para se encaminharem ao Monastério. E ainda que muitos viessem armados com punhais e sabres, e oferecessem uma fugaz resistência aos monges *kâulikas*, estes acabavam implacavelmente com suas miseráveis vidas.

Quando os quatro oficiais ϟϟ correram rumo ao Monastério, a avenida tinha se tornado um rio de sangue. Mas o caminho estava eficazmente 'limpo'. Só dispararam algumas rajadas, ao passarem, sobre a multidão que afluía pelas ruazinhas laterais. Detrás deles avançaram também os *kâulikas*, cumprindo admiravelmente sua função de assegurar a mobilidade dos alemães.

À uma hora e dez, enquanto os alemães iam pela avenida, regressaram os dois arqueiros *lopas* do exterior e subiram por uma escada de pedra até as torres que guardavam o destruído portão de entrada. Ali se separaram. Um foi pelo corredor da esquerda e o outro pelo da direita — corredores estes que conectavam todas as torres entre si e que eram estreitas plataformas elevadas, distribuídas perifericamente no lado interior do muro. Em cada torre existia um primitivo forno, que agora era inútil para aquecer os corpos definitivamente gelados dos guardas. Os *kâulikas*, a partir das primeiras torres, observaram o conglomerado de casas que se estendia compactado, em uma faixa de 300 metros de largura, paralela à muralha. Utilizando as diferentes torres era possível dominar cada detalhe, quadra, ruazinha, casa ou Templo, da aldeia *duskha*.

Os monges *kâulikas* tinham passado o dia anterior fabricando flechas incendiárias. Não foi difícil: bastou enrolar as pontas das flechas comuns com um fio de lã impregnado de uma mistura de óleo combustível e açúcar. Tinham cem flechas daquelas, pois, segundo von Grossen, não necessitariam de mais. O importante, explicou o ***Standartenführer***, não era a quantidade de flechas, mas a qualidade dos alvos selecionados e o grau de acerto nas flechadas. Conforme a dita tática, os *kâulikas* escolheram os cem alvos um a um, procurando apontar para materiais inflamáveis, tais como madeiras e tecidos.

As portas, janelas, toldos, cortinas, sacos de alimentos, os montes de forragem e os teares armados sob largos corredores, começaram, pouco a pouco, a assumir diferentes categorias de combustão. Em alguns lugares,

as chamas logo ultrapassavam a altura das casas e as chispas invadiram as imediações; o fogo se propagou implacavelmente e o incêndio foi geral.

Ao chegarem ambos os *kâulikas* às torres finais, à uma hora e vinte minutos, a aldeia *duskha* tinha se transformado em uma gigantesca fogueira. As turbas incontroladas tentavam, em sua maioria, escapar do calor sufocante e chegar ao lago ou sair para fora das muralhas. As sentinelas das portas laterais, presas entre as chamas e a multidão, viram-se compelidas a abrir as portas e não puderam impedir a passagem de centenas de habitantes aterrorizados. Nessa hora, os dois monges *kâulikas* assumiram atitudes diferentes. O que se encontrava na torre da extrema direita jogou-se com uma corda para fora da muralha e se dirigiu resolutamente para o lugar onde estavam escondidos os cavalos, derrubando, sem hesitar, com golpes mortais de cimitarra, os perplexos *duskhas* que encontrava em seu caminho. O *kâulika* que estava na torre da esquerda preparou a corda para descer para o exterior, mas depois desceu pela escada de pedra para o interior e, transformado em um torvelinho de mortíferas estocadas, limpou de seus inimigos as imediações daquele lugar — aguardava a chegada do esquadrão de von Grossen que já teria que se encontrar ali.

Uma hora e quinze minutos. O numeroso amontoado de *duskhas* reunidos diante da entrada do Monastério chamava, em voz alta, a presença dos lamas do Barrete Cúrcuma. Ignorando o clamor de seus irmãos, os monges tinham se entrincheirado e estavam, provavelmente, fazendo orações a Rigden Jyepo e aos Deuses da Fraternidade Branca.

Era improvável que no interior do Gompa, sede física do Ashram Jafran, houvesse alguma arma de fogo, e era mais improvável ainda que algum lama estivesse disposto a defender com armas o seu refúgio.

O aparecimento de von Grossen e dos oficiais ᛋᛋ correndo foi surpreendente e causou pânico nos habitantes. Duas granadas caíram entre eles e completaram aquele quadro de terror sem nome. As explosões, no meio da multidão, mutilaram os corpos mais próximos e projetaram dezenas de estilhaços em todas as direções — dentes de metal ávidos para morder e ferir a carne, feras cegas e aladas que matavam aleatoriamente. Karl von Grossen só teve que disparar duas vezes com a metralhadora, para que a chuva de balas dispersasse a multidão frenética.

Todo o grupo de atacantes se resguardou preventivamente sob a galeria de um belo Pagode budista de estilo tibetano, com o objetivo de prepararem a ação seguinte. Kloster e Hans, no centro do círculo de cimitarras *kâulikas*, pegaram suas mochilas e retiraram delas as quarenta granadas de fuzil. Depois inseriram duas delas no adaptador dos canos dos *Mauser 1914.*

As granadas de fuzil tinham carga de fósforo, que explodia com o impacto, e eram bombas incendiárias táticas extremamente eficazes. Atiradas por um fuzil semelhante ao *Mauser 1914*, era possível acertarem alvos precisos a 300 metros de distância. Os alvos dos seus projéteis agora eram as janelas do Monastério, que estavam a apenas 25 metros.

Assentado sobre uma base quadrada de setenta metros de lado, o Gompa mostrava três fileiras de janelas no nível superior à porta de entrada, fachada principal que víamos de frente. O edifício albergava, como disse, uns 500 lamas do Barrete Cúrcuma, muitos dos quais apareciam e discursavam para os *duskhas*, ora suplicando, ora mandando resistir ao inimigo, reorganizar a defesa, não fugir etc. Talvez a mais paradoxal de tais dramáticas intimações fosse a que assegurava, em Nome do Bendito Senhor, que os intrusos não eram Demônios, mas simples mortais. Existia também uma grande porta traseira, que dava para a Ilha Branca, e duas pequenas portas a ambos os lados do edifício, e todas elas permaneciam trancadas por dentro. Os telhados, cobertos de telhas marrons, inclinavam-se em suave declive hiperbólico, e havia um pátio central cercado de galerias e finas colunas.

Nesse momento, os lamas perceberam o incêndio que consumia a aldeia e exortaram o povo a combatê-lo usando a água dos tanques e canais interiores, os quais poderiam ser inundados em questão de minutos, se se abrissem algumas eclusas que seguravam a pressão das águas do lago. Há que se admitir que alguns *duskhas* conservaram a calma naqueles trágicos instantes e correram para cumprir as ordens que os lamas não se atreviam a realizar por si mesmos; e houve outros que tentaram, em vão, opor-se à voracidade do fogo. Mas, uma coisa é deter um incêndio ocasional, surgido por acidente em tal ou qual lugar, e outra muito diferente é enfrentar cem focos deliberadamente provocados.

O incêndio tornou-se imparável em certos bairros e seus moradores fugiram apavorados, alguns rumo ao exterior e outros em direção ao Lamastério. Sem reparar nos cadáveres crivados de balas espalhados na praça, turbas procedentes de várias direções convergiam a todo momento para solicitar o socorro de seus Deuses, enquanto os lamas lhes ordenavam que lutassem imediatamente contra o fogo e contra os invisíveis, mas letais inimigos.

No entanto, ainda que fosse ensurdecedor o lamento e os gritos dos desesperados, sobre o ruído de fundo que era produzido pelo crepitar das coisas ao se queimarem, já não se escutava o som das armas de fogo. Incentivados por tal silêncio, os lamas gritavam agora orações e mantras em quase todas as janelas.

Uma hora e dezesseis minutos. O esquadrão de von Grossen surgiu de repente das trevas do Pagode e marchou, em ordem fechada de dois, para o fundo do edifício, por alguns metros. Um instante depois, Kloster e Hans disparavam as duas primeiras granadas incendiárias em direção a duas janelas do segundo andar do edifício — uma impactou no peito do lama que vociferava no momento o seu discurso e o fez desaparecer sob uma luz cegante; a outra penetrou completamente pela abertura adjacente e explodiu no interior do Gompa. E através de ambas as janelas, depois que se apagou o brilho da explosão, viu-se que as chamas abrasavam tudo.

Mas os ϟϟ não se detinham para avaliar o efeito de seu ataque. Após as duas primeiras, continuaram enviando granadas contra as janelas, à razão de dez por frente, até completar as quarenta. Kloster correu pela direita, seguido de von Grossen e dois *kâulikas*, detendo-se alguns momentos para carregar a granada e disparar. Hans fez o mesmo pela esquerda, protegido por Heinz e três *kâulikas*, atirando de modo semelhante.

Ninguém contou com a possibilidade de que o Monastério tivesse seu próprio corpo de guarda, o que passou despercebido para o observador *gurka*. Porém, essa guarda era insignificante em número, ainda que seus membros possuíssem um bom treinamento no emprego do sabre. Ali os invasores sofreram a primeira e única baixa, quando uma um ataque de surpresa de um sabre tirou a vida de um *lopa* do grupo de von Grossen. Os guardas, dois ou três por porta, permaneciam fora e tentaram, demonstrando certo valor, impedir que o Monastério fosse atacado. Claro que não tinham a destreza nem o conhecimento necessário para rivalizar com os *kâulikas* e, os que não foram eliminados por suas cimitarras, caíram perfurados pelas balas germânicas.

Em poucos segundos, o Lamastério tornou-se, igualmente, pasto das chamas. Como hóspedes involuntários de um forno infernal, como se o Raio de Indra tivesse realmente caído sobre o pacífico Ashram Jafran, a maior parte dos hipócritas Santos lamas encontrou uma morte horrível naqueles primeiros minutos do ataque. Uma morte que era acompanhada por um chocante concerto de gritos de dor.

Em dois minutos, ambos os pelotões se reuniram na porta posterior do Monastério, que estava voltada para a Ilha Branca e o Templo de Rigden Jyepo. Os relógios marcavam uma hora e dezoito minutos, e pela praia aproximava-se, a passos lentos, um terceiro grupo: era a equipe composta pelo *gurka*, o *lopa*, Oskar Feil e eu!

De repente, a porta se abriu e alguns lamas quiseram sair. Tossiam e choravam por causa da fumaça, e seus rostos asiáticos e simples representavam a imagem do horror. Karl von Grossen os metralhou sem piedade e gritou:

'Para as outras portas!'

Efetivamente, as portas restantes se abriram também, mas foram muito poucos os sobreviventes que tivemos que suprimir — o intenso calor e a derrubada dos andares superiores acabaram com a maior parte deles, antes de que pudessem chegar às saídas. Assim como os vigias e a guarnição, a totalidade dos lamas do Barrete Cúrcuma acabou sendo aniquilada graças à nossa superioridade na arte da guerra.

Capítulo XXVII

Uma hora e vinte minutos. Karl von Grossen, Heinz, Kloster, Hans, Oskar e eu, o grupo de cinco *lopas*, e o *gurka*, percorremos os trezentos metros que nos separavam da torre da esquerda. Tivemos que abrir passagem sangrentamente entre o escasso populacho que ainda corria caoticamente, sem saber o que fazer, mas essa via de escape planejada por von Grossen demonstrou ser, senão a única possível, uma das poucas que restavam. Outro caminho de evasão, por exemplo, poderia ser considerado como o meio aquático do lago; o que não seria viável fazer era regressar por onde viemos, quer dizer, pela avenida, uma vez que agora ela se assemelhava a um túnel de alta temperatura, por causa do incêndio geral — efeito antecipado pelo previdente von Grossen.

No centro de um arrepiante círculo de cadáveres, ao pé da escada, encontramos com o monge *kâulika*. Antecedidos por este, fomos subindo em coluna até a torre e descendo rapidamente pela corda para o exterior da muralha.

Sem obstáculos dignos de menção, empreendemos a retirada em direção ao Norte. Quinhentos metros mais adiante, encontramos o monge *kâulika* com os cavalos e completamos a retirada, afastando-nos rapidamente da destruída aldeia *duskha*. O caminho subia pela encosta de uma colina e eu não pude evitar de me virar um instante para contemplar, pela última vez, a consequência de nosso ataque. A imagem que vi, como coroamento da operação, foi dantesca: contra a moldura tenebrosa da noite fechada, distinguia-se nitidamente o quadrado do interior da muralha, iluminado pelos brilhos avermelhados do incêndio, que ainda conservava sua vitalidade destrutiva — o fogo, como uma besta faminta, tinha decidido devorar tudo e ainda se alimentava do sinistro Monastério. O edifício, que fora o mais alto da aldeia, ardia livremente e suas chamas projetavam um leque multicolorido sobre o espelho imutável do lago Kyaring — sob essa luz, até foi possível para mim reconhecer o maldito Templo de Rigden Jyepo, que era construído integralmente com pedras brancas.

O sucesso do ataque teria sido total se pudéssemos seguir o curso de uma variante planejada por von Grossen, que incluía a dinamitação daquele Templo satânico. Mas não dispusemos de tempo material para isso, ou seja, o tempo foi empregado em cobrir as portas do Gompa, a fim de evitar que os lamas escapassem. Para o realista von Grossen pareceu mais prático matar todos os lamas — inimigos vivos — do que empregar a violência em um símbolo 'inerte' como era o Templo. Mas eu discordava de semelhante opinião, pois considerava que teria mais peso real, como adversário, o Lamastério do que os lamas. Para a Fraternidade Branca seria muito mais fácil substituir os lamas do que reconstruir o Templo milenar! No entanto,

não reprovava em nada Karl von Grossen, uma vez que, graças ao seu indubitável profissionalismo, agora Oskar Feil galopava ao meu lado.

Potentes exclamações me subtraíram bruscamente de tais pensamentos. Demorei a compreender que todos fizeram o mesmo que eu e se viraram um segundo para absorverem a visão final da aldeia *duskha*. E agora, ao descerem do outro lado da colina, davam incontidos e entusiasmados gritos de júbilo. Naturalmente, refiro-me aos alemães, pois os asiáticos permaneciam tão indiferentes como sempre. Karl von Grossen teve que se valer de seu grau militar para evitar que se entoasse em voz alta a canção de Baldur von Schirach, 'Canto às Bandeiras das Juventudes Hitleristas'. Eu também gostaria de cantá-la nesse momento. E, lembrando minha infância no Cairo, eu a repetia mentalmente, como, sem dúvida, o faziam meus Camaradas:

... Alemanha, um dia te levantarás radiante
Ainda que Nós tenhamos que morrer!
Nossos Estandartes ondulam diante de Nós,
Nossos Estandartes são de um Tempo Melhor,
Nossos Estandartes nos conduzem à Eternidade.
Sim, nossos Estandartes são superiores à Morte!

Sim, nossos estandartes eram superiores à própria Morte. E desencadeavam a Morte sobre os inimigos, como acabavam de comprovar os lamas do Barrete Cúrcuma. Nós, alemães, desatávamos a Morte, porque a História nos convocava para isso. O Inimigo de nossos estandartes se arrependeria para sempre por ter cravado suas garras vis na pátria. Lembrei, então, da 'Canção de Convocação para os Alemães', de Dietrich Eckart, aquele membro fundador da *Thulegesellschaft*, de quem Konrad Tarstein me falara incansavelmente, pois também fora um dos Iniciadores de Adolf Hitler:

Convocação, Chamamento, Alarme, Aviso!
A Serpente está solta!
O Dragão dos Infernos!
A Estupidez e a Mentira quebraram suas correntes;
a Avidez pelo Ouro repousa em horrível assento!
Vermelho, como o Sangue, está ardendo o Céu;
com estrondo pavoroso se derrubam as Muralhas.
Golpe após golpe, e também os Sagrados Altares!
O Dragão os reduz a escombros.
Tocai o Aviso, é agora ou nunca!
Alemanha, desperta!

Convocação, Chamamento, Alarme, Aviso!
Soai os sinos em todas as torres!

Tocai para que os jovens,
os homens, os anciões,
os que dormem, abandonem seus quartos.
Tocai para que as mães deixem os berços,
para que as meninas desçam as escadas.
Que o ar retumbe e ressoe estridente,
Que ruja! Que ruja o Trovão da Vingança!
Tocai para que os mortos
saiam de seus túmulos.
Alemanha, desperta!

Convocação, Chamamento, Alarme, Aviso!
Soai os sinos em todas as torres!
Tocai até que as faíscas voem.
Judas vem para conquistar o Reich.
Tocai até que as cordas se tinjam de vermelho.
Tudo em torno é Fogo ardente
e Dor e Morte.
Que a terra se levante
sob o Trovão da Vingança Salvadora.
Ai do povo que ainda dorme!
Alemanha, desperta!

A História convocava os mais aptos para lutar contra o mal. E os mais aptos éramos nós! Em um momento único da História, tínhamos alçado os Estandartes Eternos, como pedira Baldur von Schirach. E por isso o Führer tocava a Convocação, como solicitara Dietrich Eckart. Ai dos povos adormecidos, ou entregues ao Mal, como os *duskhas*! Ai dos que não ouvissem o Toque do Espírito Eterno! Sofreriam a ira dos Filhos Despertos da Alemanha!

O que aconteceu no Tibete foi só um exemplo: cinco oficiais ᛋᛋ e oito Iniciados *kâulikas*, lamentando apenas uma baixa, exterminaram mais de mil ferozes inimigos. Um por mil! Uma proporção justa pela vida do Iniciado caído e a de Oskar Feil, que se propunham a tomar.

Nossos inimigos, ou melhor dizendo, o Inimigo de nossos Estandartes, teve que compreender definitivamente que ***Nós*** não ameaçávamos em vão!”

Capítulo XXVIII

Quero avisar ao leitor que eu não dispus de sorte igual à sua, pois a narração de tio Kurt, referindo-se à operação de resgate de seu Camarada Oskar Feil, demandou vários dias. Sem fazer menção a essas interrupções, transcrevi as partes principais de maneira correlativa, para não causar impaciência — uma impaciência parecida à que, como é de se supor, me ocorreu naqueles dias.

Só acrescentarei que, como certamente ocorrerá ao leitor, aquele ataque no qual tio Kurt participou, trouxe-me imediatamente a memória da "Façanha de Nimrod", relatada por Belicena Villca. Indubitavelmente, a aventura no Tibete tinha um selo de ***heroísmo mágico***, um estilo de "intrepidez sem limites", que a assemelhava à história do Rei *Kassita*. De resto, o Inimigo era o mesmo: o Inimigo do Espírito Eterno, o Inimigo da Sabedoria Hiperbórea, o Inimigo de "nossos Estandartes", como mencionava tio Kurt, quer dizer, a Fraternidade Branca de Chang Shambala e seus agentes terrestres.

Da mesma forma, vou coletar, nos capítulos sucessivos, os relatos mais interessantes do tio Kurt, sem intervir. Naturalmente, empregarei esse critério até onde seja possível, quer dizer, até o Epílogo. Epílogo? Sim, que foi quando o relato do tio Kurt, e todo o relato, teve que ser interrompido. Eu, de minha parte, já me encontrava bem de saúde a essa altura, e só aguardava a culminação da história, para cumprir a solicitação de Belicena Villca — a cada dia que passava crescia minha determinação, pois, a cada instante, as coisas iam se esclarecendo irreversivelmente em torno da Sabedoria Hiperbórea.

Segundo me lembro, uma manhã tio Kurt prosseguiu assim:

Capítulo XXIX

— **C**avalgamos sem parar até cruzarmos o caminho Chang-Lam. Junto à ponte sobre o Rio Amarelo, no mesmo lugar onde o encontramos, deixamos o *gurka*. Ele permaneceria escondido aguardando o resto da expedição, quer dizer, os dois monges *kâulikas* e os cinco carregadores *holitas*. Nós, ao contrário, continuaríamos por vários quilômetros, para acampar nos montes do Noroeste.

"Não convinha que nos vissem no momento, pois o ataque à aldeia *duskha* causaria o consequente alarme na região e ignorávamos qual seria

a reação das autoridades oficiais do Tibete, que talvez suspeitassem de nossa intervenção.

Começava a amanhecer quando nos detivemos, sendo evidente que o bom tempo que nos acompanhara até então havia terminado. Densas nuvens sulcavam velozmente as alturas e uma brisa gelada, que nos entrava até os ossos, anunciava, sem possíveis equívocos, a iminente tempestade. Tratava-se de uma tempestade de neve e o lugar mais protegido seria, paradoxalmente, a planície. Se acampássemos contra as rochas de uma ravina, poderíamos acabar sendo sepultados por uma avalanche. Finalmente, encontramos uma depressão elevada, um pequeno vale de 30 metros quadrados cercado de encostas suaves, e nos empenhamos, com celeridade, em armar as tendas de altitude.

Ao meio-dia foi impossível permanecer na intempérie, pois a brisa tinha se tornado uma franca nevasca e tivemos que nos refugiar nas tendas. Só os cavalos tibetanos, como filhos de Zéfiro que eram, resistiram com naturalidade às inclemências do vento. Aquele broto da monção do Noroeste sacudia as tendas com violência e assoviava um lamento agudo e desolado, um gemido que talvez surgisse da alma de Rigden Jyepo, ao chorar pelo destino de seus adoradores.

Dentro da minha tenda, outra tempestade ameaçava se desatar. Porém, essa não era causada pelo vento mas pela tempestuosa atitude de von Grossen. Para o ***Standartenführer*** a operação contra os *duskhas* era pura distração, perda de tempo. Sua missão — alcançar a expedição de Schäfer — não foi cumprida. E o tempo continuava transcorrendo inutilmente. De acordo com suas observações lógicas, agora estávamos pior do que antes. Em primeiro lugar — ele raciocinava — desconhecíamos o caminho secreto que unia o Umbral de Shambala com a Porta de Shambala, perto do Lago Kuku Noor; em segundo lugar, parecia evidente que não poderíamos mais segui-los como até então, quer dizer, contando com a colaboração da rede *kâulika*, uma vez que os espiões *gurkas* ficaram de fora da expedição; em terceiro lugar, era de se esperar que, ao longo daquele caminho pouco ou nada frequentado, não houvesse habitantes a quem indagar; mas, em quarto lugar, seria muito improvável que se houvesse, eles nos fornecessem a informação solicitada, depois que nós mostramos nossa filiação contrária à Fraternidade Branca, destruindo a comunidade de lamas do Barrete Cúrcuma.

'Como, então, faríamos para alcançá-los, conforme indicavam as ordens da Divisão III da ***R.S.H.A.***?' — dizia.

Eu fingia ignorar essas perguntas e me contentava em explicar a Oskar Feil as verdadeiras causas de seu sequestro pela mão dos *duskhas*: que na verdade, ele tinha caído em uma emboscada; que a cilada fazia parte de um complô entre Ernst Schäfer e os lamas do Barrete Cúrcuma, cujo objetivo era prover uma vítima humana para o Culto de Rigden Jyepo; contudo, tal conspiração tinha suas raízes na Alemanha, nos traidores que se intitulavam 'as Forças Sadias da Alemanha', os quais planejaram aquela

expedição e negociaram com a Fraternidade Branca o preço do seu apoio. E tal preço, sem dúvida, seria muito alto: só para atravessar o Umbral se requereria um sacrifício — a execução de um símbolo da Nova Alemanha, a morte de um ᛋᛋ, o holocausto de um expoente da Aristocracia de Sangue do Terceiro Reich. Depois, em Shambala, Schäfer conheceria o resto das condições: a Hierarquia Oculta apoiaria os conspiradores com seus poderes mágicos e com as suas mais efetivas organizações sinárquicas, em troca de destruir as bases espirituais do Terceiro Reich. Não apenas o Führer e seu estado maior teriam que morrer, e o partido Nacional-socialista ser dissolvido, mas também se deveria extirpar o núcleo do tumor; isto é, ter-se-ia que desintegrar as ᛋᛋ e demolir a Ordem Negra ᛋᛋ, exterminando, sem misericórdia, seus Iniciados. Sim, o bisturi da Fraternidade Branca, desta vez, entraria a fundo na ferida, raspando, se fosse necessário, o osso da estrutura social alemã. Só assim, *a posteriori* da cirurgia maior, poder-se-ia construir ***a Civilização do Amor*** sobre as cinzas da Civilização do Ódio Nazi.

'Mas, até aqui, se trataria apenas de uma parte do preço. Com o cumprimento dessas diretrizes, os traidores não conseguiriam mais do que demonstrar sua boa vontade para colaborar com o Plano da Fraternidade Branca' — esclareci a Oskar — 'pois o apoio completo viria mais tarde, se os conspiradores triunfantes demonstrassem estar dispostos a chegarem até o final e promovessem uma transformação profunda na sociedade alemã que apagasse todos os rastros da Cultura Nazi e da Sabedoria Hiperbórea. Uma sociedade alemã que se integrasse pacificamente à sinarquia Universal, na segunda metade do século XX exigiria, para que fosse aberta e confiável à Fraternidade Branca, uma forma de governo democrática e liberal, e uma Cultura Oficial na qual tivesse livre expressão o sionismo, a judaico-maçonaria e o judaico-marxismo, ou as ideologias nascidas desses troncos sinárquicos. Então sim, se os traidores reinantes realizassem essas condições do pacto, a Alemanha se situaria ao lado de Deus, do Bem, do Amor, e da Justiça; e os alemães ver-se-iam afastados para sempre de suas malignas Divindades ancestrais.'

'É assim, Oskar' — 'Ernst Schäfer é mais um de um conjunto numeroso de traidores. Sua função na conspiração é assinar, em nome das 'Forças Sadias da Alemanha', um Pacto Cultural sinárquico com os representantes da Fraternidade Branca. Não posso lhe revelar em que consiste nossa missão, nem como vamos frustrar seus planos, mas lhe asseguro que na Alemanha seu destino já estava selado. Jamais você passaria pelo Umbral de Shambala!'

Oskar se sentiu ridículo quando soube que Ernst Schäfer o tinha condenado desde o princípio a morrer no Tibete, que talvez apenas com essa finalidade lhe permitiu participar da Operação ***Altwesten***, e que a espionagem que realizara para mim fôra, por sua vez, supervisionada por dois espiões profissionais do S.D., participantes também da expedição. E,

para cúmulo dos males, teve que se inteirar de que, involuntariamente, causara a morte de Gangi.

'Fui um idiota' — afirmou Oskar, envergonhado — 'e pensar que ***eu me atrevi a aconselhar você*** sobre a forma em que deveria agir e lhe sugeri consultar Rudolph Hess. Todos zombaram de mim!'

'Não se torture, Oskar, pois, então, eu ignorava esses fatos. E até o último momento eu desconhecia a existência de outros espiões entre vocês. Agora só devemos pensar em impedir que o infame traidor do Schäfer realize sua missão infernal. ***Seus planos já estão falhando***: você está vivo e isso é o que importa. Você virá conosco e conhecerá o final da história, comprovará o fracasso dos vãos esforços de Schäfer para destruir a Nova Ordem' — afirmei, com convicção.

'Muito claros os conceitos e muito admirável a sua fé, von Sübermann' — interveio von Grossen, voltando à carga — 'mas não me disse ainda como vamos encontrar Schäfer nesse labirinto de montanhas e com o inverno quase em cima. Como o encontraremos? Por acaso acredita que é possível rastrear aleatoriamente tal região?'

Realmente, eu não tinha a menor ideia de como responder a essas perguntas.

Diante da pressão do ***Standartenführer***, só consegui propor:

'Devemos perguntar para os *kâulikas*. Possivelmente saibam o modo de localizar quem se desloca por territórios que são amplamente conhecidos por eles.'

Karl von Grossen segurou a cabeça entre as mãos, ao compreender que suas suspeitas eram fundamentadas: eu não possuía a solução para o problema de encontrar Schäfer. (*Mein Gott!* Se falhassem nesse objetivo, nem sonhar em regressar à Alemanha!) Himmler e Heydrich disseram claramente que aquela operação ***poderia ser uma viagem sem retorno***. O fracasso não era permitido. Se fracassassem, deveriam realizar um tipo de *harakiri* ou *seppuku*, o honrado suicídio ritual dos samurais japoneses.

Mas von Grossen, apesar de difícil, era um homem de proverbial sangue frio. Não obstante sua apreensão, disse:

'Boa ideia, von Sübermann, vamos levá-la imediatamente à prática.'

Sem esperar resposta, abriu a entrada da tenda e se precipitou para o exterior, efetuando vigorosos saltos de rã. Lá fora a nevasca se intensificava. Segui-o, perplexo, e entrei com ele em uma das tendas vizinhas, que era dos *lopas*. Contrariamente a nós, que nos mantínhamos abrigados dentro dos sacos de dormir, os cinco tibetanos que tínhamos diante de nós só vestiam o uniforme de carregador inglês de altitude: paletó, calças verdes e botas.

Contemplei, com o olhar perdido, como a neve de suas roupas se derretia e a água jorrava e corria pela lona do piso até a abertura de saída, enquanto von Grossen interrogava os tibetanos em *bodskad* de Jam. Naturalmente, por dentro eu estava invocando os Deuses, rezando uma oração para que se cumprisse o milagre e os *kâulikas* conhecessem as respostas que obcecavam o ***Standartenführer***.

De repente, e posso afirmar que, pela primeira vez nas semanas em que estávamos juntos, vi todos os *lopas* sorrirem em uníssono. Sim, não restavam dúvidas: olhavam para nós e sorriam! E depois de trocar entre eles sugestivos gestos de cumplicidade, tornavam a nos observar e riam ainda mais fortemente. Finalmente, encheram a tenda com um coro de incontroláveis gargalhadas.

O rosto severo do chefe alemão demonstrava estupefação e o meu devia estar manifestando algo parecido. No entanto, ambos aguardamos com paciência que os *lopas* dominassem a graça que lhes causara a pergunta de von Grossen, tentando, com esperança, vislumbrar uma resposta positiva na sua incrível reação.

'O que você acha disso?' — eu disse em alemão.

'Intuo que se trata do senhor' — respondeu enigmaticamente — 'suponho que eles acreditam que o senhor conhece a forma de seguir Schäfer'.

Assim era. Ao terminar a hilaridade geral, von Grossen repetiu a pergunta: existia alguma forma de encontrar a expedição ocidental, agora que já tinham cruzado o Umbral de Shambala? Tornaram a se olhar entre eles, segurando o riso, mas finalmente um dos monges *kâulikas* tomou a palavra:

'Não estamos zombando dos senhores, ainda que a sua pergunta pareça o que costumam chamar de ***piada***. Pois parece-nos uma piada averiguar como se pode seguir algo ou alguém no Universo, quando quem o pergunta está acompanhado pelo amo dos cães *daivas*. Respondam-nos, seriamente: quem poderia se esconder, e onde existiria tal esconderijo, uma vez que os cães *daivas* obedeçam à ordem do Filho de Shiva e partam em busca de seus passos?'

Karl von Grossen não soube o que responder e me olhou nos olhos com expressão hostil.

'Juro que não sabia!' — me desculpei, escandalizado diante da possibilidade de que ele suspeitasse que eu não queria seguir Ernst Schäfer. 'Digam-me o que devo fazer e o farei!' — gritei, indignado, aos monges. 'Seu Guru não me deu mais nenhuma informação além de um *Yantra* incompreensível, e há apenas 60 dias eu não tinha nem a mais remota ideia de que existissem os cães *daivas*. Expliquem-me como devo proceder para conseguir que esses animais localizem a expedição alemã.'

Novamente, os *lopas* se olharam entre si, mas seus rostos mostravam agora a habitual indiferença. O que tinha falado, ao qual chamavam de ***Srivirya***, tomou a palavra:

'Sem dúvida, o senhor também está brincando, ó *Swami*. Pois deve saber melhor do que ninguém, o senhor que se encontra além de *Kula* e *Akula*, como controlar os cães *daivas*. E se não o sabe ou esqueceu, não lhe custará muito saber ou recordar empregando o ***Scrotra Krâm***, o Ouvido transcendente dos *Tulkus*, do qual o senhor está dotado. Nosso Guru lhe revelou o *Kilkor svadi*, mediante o qual é possível formar ***qualquer palavra***

ou nome de coisas Criadas; e o senhor conhece o ***nome*** do seu inimigo. Ó *Sahakaladai*, Magia é Poder; e as palavras e nomes são os utensílios da Magia. Reproduza o nome para o qual quer dirigir os cães *daivas*, com a linguagem mágica do *Kilkor svadi* e eles lhe obedecerão.'

Fosse porque realmente ele acreditasse que se tratava de uma piada ou de um tipo de teste, ou porque não desejasse continuar falando sobre o tema, não houve modo de obter mais informações do lacônico *Srivirya*. Suas últimas palavras foram:

'Ó *Mahesvara*, aquele que nunca discute, não conseguimos compreender o motivo que tem para nos confundir com perguntas das quais só o senhor pode saber as respostas. O Círculo Kâula conhece a Magia que permite a existência dos cães *daivas*, mas ninguém que não seja um Grande Guru ou um *Tulku* consegue dominá-los com a mente, o único caminho pelo qual recebem ordens — eles escutam apenas a Voz Interior dos Gurus e dos Deuses, que estão além de *Kula* e *Akula*, que são como Shiva; ou que ***têm seu Signo, como o senhor***. Eu nasci em um Monastério do Círculo Kâula, meu pai e meu avô foram Iniciados *kâulikas*, e nem eu, nem meu pai, nem meu avô jamais vimos um Guru capaz de falar com os cães *daivas*, até que os Deuses enviaram o Senhor a nós. Se quer confirmar isso, tê-lo conhecido nos orgulha. Mas não nos envergonhe mais com perguntas que são próprias dos Deuses. Sabemos de nossa debilidade e confusão no Inferno de Maya e fazemos todo o possível para remediar isso. Acredite em nós, ó *Kshatriya*: um dia emergiremos da miséria humana em que se afundou o Espírito e seremos como o senhor! Teremos, então, o Scrotra Krâm aberto, assim como o senhor, e poderemos saber de tudo! E os Deuses nos revelarão os segredos do Tantra; e os *svadi daivas* nos obedecerão, como ao senhor!'

Regressamos à tenda profundamente impressionados, ainda que por motivos diferentes. Para von Grossen, era surpreendente que os temíveis *kâulikas* se amansassem em minha presença e me tratassem quase como um Deus. E para mim, justamente essa deferência causava um indisfarçável desagrado, talvez porque não conseguisse compreender completamente o que acontecia ao meu redor — desde que fui sequestrado pelos Ofitas, na minha infância, até então, vinha ocorrendo o fenômeno de que certos homens, particularmente, percebiam em mim, ou por mim, um significado espiritual que os arrancava do Mundo material e os elevava até os cumes mais excelsos do Espírito Eterno, Infinito e Incriado. E esse significado vinha de um Signo que se revelava em mim, ou por mim — um Signo que os Ofitas diziam ser 'de Lúcifer'; Konrad Tarstein, 'da Origem'; e os *kâulikas*, 'de Shiva'. Os homens particulares que o percebiam, segundo Tarstein, e coincidindo, conforme vejo agora, com Belicena Villca, compartilhavam comigo da Origem comum do Espírito e levavam em seu Sangue Puro, inconscientemente, o Símbolo da Origem. Por isso, percebiam o Signo da Origem em mim. Na verdade, não o ***conheciam*** então, mas o ***reconheciam***, projetavam-no em mim e ele se tornava consciente, descobrindo a Presença do Espírito no Si Mesmo, revelando o Mistério da Origem. Mas esse

significado que eu manifestava, e que esses homens em particular compreendiam, ***era insignificante para mim***.

Falando estritamente, dever-se-ia dizer ***não-significante***, pois o Signo me importava muito, apesar de não poder compreendê-lo, de não conseguir abranger seu conteúdo com a mente consciente. E essa impotência intelectual era a causa da perturbação que ainda me causava comprovar que certos homens particulares o percebiam. Poderia tolerar isso, como no caso da tenda *Kâulika*, mas sempre saía muito mal da experiência.

Desta vez, à perturbação de me sentir transcendido pelo significado do Signo somou-se o efeito do incrível conhecimento que os *kâulikas* tinham do Ouvido Interior. Como se inteiraram de que eu possuía essa faculdade, resultado do poder carismático do Führer, é algo que nunca soube. Mas, para von Grossen, o tema era fascinante, sendo-lhe dissipadas suas dúvidas depois da insólita explicação de *Srivirya*; e o assunto do Ouvido Interior não lhe escapou. Tão logo nos acomodamos na tenda, ele perguntou, sem rodeios:

'Que Demônios é isso do Scrotra Krâm, von Sübermann?'

'Sinto muito, meu ***Standartenführer'*** — disse imediatamente, e não sem grosseria — 'mas não posso responder a essa pergunta. Dir-lhe-ei, sim, que farei tudo o que puder para realizar a ideia dos monges *kâulikas*. Se é certo que os cães daivas são capazes de rastrear Ernst Schäfer, esteja seguro de que o encontraremos. Vou trabalhar, a partir de agora, para encontrar a solução do problema, e empregarei, se for necessário, o Scrotra Krâm. É tudo o que posso dizer.'

Os olhos de von Grossen lançaram faíscas mas, como de costume, manteve a serenidade e não me aborreceu mais. Indubitavelmente, eu não poderia falar com ele a respeito do Ouvido Interior, porque Konrad Tarstein me fez dar a minha palavra de que só o faria com 'membros do meu próprio Círculo'; e um sexto sentido me avisava, gritando, que von Grossen não o era.

Naquela noite, depois que todos dormiram, eu decidi 'empregar o Scrotra Krâm', quer dizer, comunicar-me com a Voz do Capitão Kiev. Como da primeira vez, como sempre, não demorei em me ver inundado de Sabedoria. Compreendi, assim, que os bijas do *Yantra* não apenas permitiam emitir um conjunto de ordens fixas, conforme me revelara o Guru Visaraga, mas também constituíam um Alfabeto de Poder com o qual se poderia formar 'qualquer nome de coisas criadas'. Os *kâulikas*, evidentemente, conheciam aquela propriedade, mas ignoravam a chave alfabética que ordenava os 49 *bijas* e possibilitava a codificação de qualquer palavra. No entanto, não teria sido difícil para eles descobrirem o Alfabeto de Poder efetuando uma análise criptográfica das 'palavras de comando' para os cães daivas, que figuravam em suas fórmulas mágicas.

Seja como for, o certo é que para mim foi revelada a totalidade do segredo. Conhecia agora um símbolo, semelhante ao plano de um labirinto que, aplicado sobre o *Yantra*, dotava os *bijas* de uma determinada ordem, a cuja

organização se deviam ajustar as palavras formadas. Verifiquei isso várias vezes com as 'palavras de comando' do Guru e, quando tive certeza de não cometer erros, me dediquei à tarefa de traduzir a sentença ***'sigam Ernst Schäfer'*** na língua do *Yantra svadi*.

Capítulo XXX

À noite, o temporal amainou e de manhã o céu se apresentava limpo, sem vestígios da tempestade passada. Até o vento tinha cessado completamente, e o *vayu tattva* mostrava-se sereno — um silêncio total reinava agora no diminuto vale. Os mornos raios de *Surya*, o Sol, só conseguiam derreter parte da neve acumulada. Porém, mais radiante do que o Sol eu me encontrava, pois, mesmo não tendo dormido a noite toda, estava certo de ter a solução para dirigir os cães *daivas* na pista dos passos de Ernst Schäfer, e essa conquista me estimulava e me animava muito.

Ao me ver, von Grossen não precisou perguntar nada para saber que o problema tinha sido resolvido. Tratou, ao contrário, de enviar um *lopa* para tranquilizar o *gurka* e informá-lo a respeito da localização de nosso acampamento. Depois se concentrou em estudar os deficientes mapas do Tibete e do Oeste da China. Passei a manhã conversando com Oskar e os outros oficiais ᛋᛋ e, ao meio-dia, almoçamos *tsampa*, cozida pelos monges em uma panela, formando todos juntos uma grande roda de camaradas. A recente aventura tinha nos aproximado do perigo e da morte, e deixado como saldo positivo uma camaradagem sadia que me recordava os dias da ***Hitlerjugend***. Sim, até poderia lhe afirmar, *Neffe* Arturo, que naqueles momentos nos dominava uma alegria despreocupada.

Já anoitecia quando chegaram o *gurka*, o *lopa* enviado por von Grossen, os dois *lopas* que deixamos em Yushu, e os cinco carregadores *holitas* com os iaques, os *zhos* e os terríveis *dogos*. Creio que jamais em minha vida me senti tão contente como naquela ocasião, ao recobrar os cães *daivas*. A chegada foi muito festejada pelos oficiais ᛋᛋ pois, além de víveres, nos iaques vinham outros cinquenta carregadores de *Schmeisser* e balas de *Luger*, justamente para repor as munições gastas contra os *duskhas*. Os dois monges *kâulikas* traziam notícias frescas a respeito do ataque, recolhidas no caminho Chang-Lam.

Toda a região do Tibete estava, ao que parece, chocada pelo ocorrido. Pelo caminho, tropas de um intitulado 'Príncipe de Kuku Noor' os haviam interceptado, mas depois das explicações recebidas, permitiram-lhes partir sem problemas. Aquele incidente era consequência da guerra civil. Em algum momento de sua História, o país do Tibete chegava até o lago Kuku Noor; posteriormente, os chineses formaram a província com esse nome e fizeram a fronteira do Tibete retroceder mais para o sul do Rio Yang Tsé Kiang. Recentemente, depois da incorporação de outros pequenos estados,

principados ou feudos tibetanos, constituíram a grande província de Tsinghai.

Ao começar a guerra entre o Japão e a China, e por causa da ausência do poder central, em virtude da ocupação da capital do Império Celestial, os tibetanos viram a oportunidade de recuperar seus antigos domínios e se tornarem independentes da China, formando novamente o Tibete. Nesse caso em particular, o ressurgido Príncipe de Kuku Noor era um fervoroso budista da tribo tibetana *lubum*, cujos membros fazem parte da aristocracia lamaísta. Sua devoção e respeito pelo Dalai Lama não tinham limites, e a agressão aos *duskhas* o tinha afetado profundamente. Por essa razão, enviou vários grupos de homens armados à procura dos atacantes.

'Somos' — disseram os *lopas* — 'servidores de um rico comerciante do Butão, que vamos a Sining para trocar sua mercadoria'.

Disseram que viajavam com o consentimento do Dharma Rajá, para quem deviam cumprir certas missões. E mostraram aos soldados tibetanos uma carta do Dharma Rajá, na qual constava a lista de objetos a adquirir.

Isso foi o suficiente. Os *lopas* deram uma garrafa de aguardente de ***soja*** butanesa aos soldados, que lhes ofereceram muitas informações.

'Deveriam ter cuidado durante a viagem, porque existia um grupo de bandidos fortemente armados que agiam na região. Recentemente atacaram e destruíram uma aldeia de pacíficos e Santos lamas, e por isso se via bem claramente que não se tratava de tibetanos, nem sequer de religiosos, mas sim de estrangeiros indesejáveis. A menos que fossem membros da clandestina seita Kâula, que odiavam os lamas budistas ou hinduístas em geral. Mas eles nunca tinham se atrevido a tanto. Os sobreviventes *duskhas* afirmavam terem sido atacados pelos Asuras, mas os soldados não eram tão crédulos e suspeitavam que os 'Demônios' eram, na realidade, bandidos ocidentais, secundados por matadores chineses. Se eles estivessem certos, os malfeitores tentariam regressar para a China pela indefinida fronteira do Leste, à qual se propunham vigiar a partir de agora.'

Então, nos procuravam e, como apropriadamente previra von Grossen, não poderíamos deixar que nos vissem por bastante tempo. Os monges *kâulikas* tinham outras novidades.

Seus contatos com membros do Círculo Kâula lhes permitiram se inteirar de que um profundo movimento clandestino de simpatia para conosco estava se articulando em todo o Tibete espiritual. Muitos admiravam aquele grupo de Iniciados que matavam sem piedade os discípulos do Senhor de Shambala. Seria muito difícil regressar ao Butão pelo mesmo caminho, mas nossos aliados tibetanos nos garantiram uma fuga segura através da China até as linhas japonesas. O Japão se encontrava, então, em excelentes relações com a Alemanha e no consulado alemão de Xangai funcionava ativamente uma delegação do Serviço Secreto das ᛋᛋ. Se chegássemos até ali, poderíamos embarcar sem inconvenientes. A comunidade *kâulika* de Sining nos ajudaria nesse projeto.

Mas ainda era prematuro falar da saída do Tibete. Antes devíamos encontrar Schäfer e neutralizar seus planos.

'Estamos em condições de partir ao amanhecer, von Sübermann?' — perguntou von Grossen, de maneira cortês.

'*Jawohl, mein* ***Standartenführer***!' — respondi, com certeza.

Deixamos tudo pronto e, ao amanhecer, levantamos as tendas e nos dispusemos a partir. Karl von Grossen esperava que eu lhe indicasse claramente o rumo, mas a única coisa que poderíamos fazer seria acompanhar os cães *daivas*. Eu expliquei isso a ele e me coloquei diante da fileira, segurando com as duas mãos as rédeas dos *dogos*. Do Infinito do Espírito, além de *Kula* e *Akula*, desceu a ordem de 'seguir Ernst Schäfer' na língua do *Yantra svadi* — que penetrou no Universo das Formas Criadas, atravessou o *âkâsha tattva* e se implantou no corpo anímico dos cães *daivas*. E os incríveis animais, como se realmente estivessem farejando um rastro físico, ficaram rígidos e esticaram as cabeças para cima; depois partiram como flechas em direção ao Norte.

Viajamos vários dias dessa forma, sempre escoltando os cães daivas e estes seguindo as pegadas invisíveis da expedição alemã. A princípio, von Grossen não fez nenhuma objeção, mas depois começou a se inquietar, a desconfiar, e a insinuar abertamente a possibilidade de que os cães estivessem perdidos. Em nome da verdade, devo dizer que ele não carecia de razões para duvidar, pois a marcha errática dos *dogos* que, ora iam para o Norte, ora para o Leste, ora regressavam para o Sul, ora viravam para o Oeste, o havia desorientado completamente.

Sua bússola e seus mapas eram totalmente inúteis, disse-me dramaticamente um dia.

'Estamos perdidos no coração do Tibete, em um lugar absolutamente desconhecido para a civilização! ***Talvez em um lugar que não é deste Mundo!***'

Não é que o racional von Grossen se tivesse tornado repentinamente supersticioso — acontece que os cães *daivas* nos conduziram realmente por uma rota que não parecia ser deste Mundo. Naquele momento, nós estávamos em um enorme vale, ornado de uma vegetação regular e dotado de clima primaveril; tudo era tranquilo e perfeito ali — ***só que esse lugar não poderia existir onde estava***. Observei um pequeno pássaro pousar em uma árvore, vi um arbusto com flores amarelas, lancei um olhar perdido a uma lebre veloz, e compreendi que a circunstância não tinha explicação. Então comecei a ficar preocupado e dei razão às reivindicações de von Grossen.

'Onde diabos estamos?', pensei, enquanto detinha, com uma ordem mental, os *dogos*. Karl von Grossen me olhava, incomodado.

'Finalmente, compreendeu o problema! Há tempos que estou lhe avisando que algo não está bem, mas o senhor não me escuta. Não escuta ninguém. Só presta atenção aos seus malditos cães. Não nego que, em tudo isso, há fatos sobrenaturais, fatos que talvez eu não possa ou não deva compreender;

eu aceito isso e não tento mudar as coisas. Sei que os cães nos guiarão por caminhos estranhos, ilógicos, para alcançar aqueles que também transitam por um caminho mágico. Eu o sei e procuro compreender como o fazem. Para isso está o senhor aqui. Mas, ouça-me bem, von Sübermann: não pode ocorrer que, neste ou em outro Mundo, os cães se desorientem, se extraviem, percam a pista de Schäfer ou sigam um rastro falso? Não podem existir, por acaso, outros Magos, inimigos nossos, que interfiram em seu rumo?'

'Absolutamente não!' — disse-lhe. Mas agora era ele que não escutava.

'Faz uma semana que caminhamos, supostamente, para o Lago Kuku Noor, ou seja, para o Noroeste. Sabe em que região deveríamos estar?'

'Sim' — aceitei, de má vontade — 'em Tsinghai. Este vale...'

'Não, von Sübermann! O senhor sabe perfeitamente que um vale como este ***não existe em Tsinghai***! O senhor é um ***Ostenführer***, se bem me recordo — li em seu arquivo. Significa que conhece bastante a geografia da Ásia. ***Deveríamos*** estar em Tsinghai, e às vezes pareceu estarmos ali, mas definitivamente ***isto não é Tsinghai***! Não sabemos sequer se é o Tibete!'

Karl von Grossen riu histericamente e continuou. Eu decidi esperar que ele se acalmasse.

'Olhe a bússola. Para lá está o Leste, de onde viemos. Lembra-se do grande lago que vimos ontem com os binóculos, e que concordamos que não poderia ser outro além do Kuku Noor? Pois bem, a margem leste desse lago dá para o vale de Tsinghai, entre os montes Nan Chan ao Norte e a Cordilheira Kun Lun ao Sul. Conhece a distância entre o lago e os montes Kun Lun? Se quiser, pode consultar o mapa.'

'Considerando que a Cordilheira Kun Lun se estende paralelamente de Leste a Oeste, acredito que há uns 30 quilômetros entre o lago e seu extremo oriental, a Cadeia Amne Ma-Chin' — disse, de memória — 'e entre a margem leste e o extremo ocidental da Kun Lun, a Cadeia Altyn Tagh, por exemplo, ao contrário, há uns 1.000 quilômetros.'

'É isso!' — ele confirmou triunfalmente — 'agora, olhe para o Sul com os binóculos. Reconhece esses montes, a não mais de quinze quilômetros?'

'São os Altyn Tagh!' — exclamei, perplexo — 'o extremo Oeste da Cordilheira Kun Lun!'

'E parece para o senhor, von Sübermann, que de ontem para hoje pudemos percorrer 1.000 quilômetros?'

'*Nein*!'

'Agora o senhor está sendo razoável' — aprovou — 'vou lhe dizer quanto andamos, já que efetuei um cálculo preciso: ***apenas vinte e cinco quilômetros***. Compreende? ***Unimos em apenas 25 quilômetros dois locais que normalmente estão separados por 1.000 quilômetros***. O que aconteceu com a distância normal? Encurtou-se? Tome consciência disso, von Sübermann: ***no planeta em que nós nascemos e estudamos, o lago Kuku Noor não se encontra a 25, mas a 1.000 quilômetros dos montes Altyn Tagh. Este lugar é o Tibete e a China ao mesmo tempo!***'

Diante daquela realidade tangível, de nos encontrarmos diante dos montes ***Altyn Tagh***, no Oeste da Cordilheira Kun Lun, se esclarecia inesperadamente o significado do nome chave ***Altwestenoperation***, que entendíamos como Operação Velho Oeste — engenhosamente, tinham cortado a palavra chinesa ***Altyn*** para formar a partícula alemã ***Alt***, *velho*. Mas, então, quase no final da aventura, compreendia-se o sentido verdadeiro: a nefasta missão se chamava, na verdade, 'Operação ***Altyn Tagh***'. Pensei tolamente nisso, enquanto von Grossen insistia em apresentar a necessidade de revisar a Estratégia da Operação Chave Um. Ele, que uma semana atrás, me obrigara a empregar a faculdade do ***Scrotra Krâm*** e a jogar os cães daivas atrás das pegadas de Schäfer, agora afirmava a necessidade de revisar a própria Estratégia. ***Wahnsinn!***

Começamos a falar afastados do resto da caravana, mas os três oficiais ϟϟ foram se aproximando em silêncio e fomos cercados por eles. Karl von Grossen suspirou e colocou paternalmente uma mão no meu ombro.

'Observe os tibetanos' — indicou — 'não lhe parece incomum seu comportamento?'

Efetivamente, aqui von Grossen não exagerava: a atitude dos monges *kâulikas* era indubitavelmente fora do normal. A natural e imperturbável tranquilidade já não se manifestava neles e pareciam nervosos e alarmados. Aqueles guerreiros, que não vacilaram diante de um inimigo cem vezes superior, moviam-se incansavelmente, vigiando todas as direções, como se esperassem que o próprio Satanás fosse irromper às suas costas! Não reparei antes nisso, porque os cães atraíram toda a minha atenção, como me reprovava von Grossen.

Amaldiçoei-me por dentro e só murmurei:

'É curioso...'

'Curioso? É incrível! O senhor agora o percebeu, mas há um dia que estão assim. Eu tentei verificar o que lhes acontecia, mas me responderam com evasivas, mas ao senhor, a quem respeitam, não se negarão a responder.'

'Quero saber o que está acontecendo, von Sübermann!' — prosseguiu — 'antes de continuarmos com essa viagem de loucos, quero saber o que está acontecendo. Se estamos perdidos, ou em outro Mundo, o que ocorre aos tibetanos, quero saber de tudo. Não me oporei a reiniciar a marcha guiada pelos cães, ***mas acredito ser necessário que o senhor reflita e fique a par do que acontece ao seu redor***.'

Evidentemente, minha abstração dos últimos dias o havia afetado. Mas von Grossen se equivocava. Se eu queria encontrar Ernst Schäfer, se pretendia que os cães *daivas* obedecessem à ordem correta, o pior erro que poderia cometer seria 'estar a par do que ocorria ao meu redor' e 'refletir'. Justamente, o segredo para controlar os cães consistia na capacidade de me situar ***longe de tudo 'ao redor'***, fora do Espaço e do Tempo, além de *Kula* e *Akula*, e, acima de tudo, requeria não pensar, não perceber, ***não 'refletir'***.

Sem se dar conta, o ***Standartenführer*** queria me obrigar a cair em *Mâyâ*, a Ilusão das formas materiais que preenchiam nosso 'entorno', que

compunham o contexto do Grande Engano. Mas ele era um homem muito culto, que falava fluentemente do Vril e demonstrava compreender os termos do Espírito — a Eternidade, o Infinito, a Liberdade Absoluta. Como lhe explicar, então, o que ele já sabia? Optei por calar. Não queria feri-lo, pois só poderia atribuir seu esquecimento dos princípios básicos da Sabedoria Hiperbórea ***a uma intensa sensação de terror***.

'Interrogarei o *gurka'* — propus — 'parece-me que é quem mais afinidade tem conosco'.

Karl von Grossen concordou e o chamamos imediatamente. Como ele supôs, Bangi não se negou a me responder.

'Estamos' — disse — 'no 'Vale dos Demônios Imortais'. Muito perto daqui deve se encontrar a Porta de Chang Shambala. Os senhores não desenvolveram a visão psíquica e, por isso, não veem o Santuário da Rainha Mãe do Oeste. Mas faz um dia que nos aproximamos dele e nós, *kâulikas*, percebemos isso a cada instante com mais nitidez.'

O *gurka* apontava para os montes Kun Lun. Em alguns momentos, falava em *bodskad*, em outros em inglês e alemão, o que demonstrava sua perturbação.

'Sim, ali está o Santuário de Hsi Wang Mu, a Inimiga de Kula!' — afirmou, com um estremecimento — 'ela é quem outros chamam de Dolma, Tara, Kuan Yin, e também *Binah*, a Mãe dos homens mortais de barro. É tradição que neste Vale dos Imortais só entrem os que Ela ama e deseja preservar, para que adorem Brahma, o Criador, e sirvam ao Rei do Mundo; quer dizer, só entram aqui aqueles que odeiam Kula, que rejeitam as Bodas Eternas com a Shakti Absoluta, os não-homens, os não-viris. Jamais um *kâulika* colocou os pés neste caminho contrário ao ***Tao, o Caminho e o Fim ao Princípio***; nunca um Esposo de Kula trilhou tão mísero caminho, oposto à própria *Vruna*!

O senhor e os cães daivas nos conduziram ao Inferno, para protagonizar em corpo físico o maior desafio desta vida. ***Ela, Kuan Yin, tentará nos converter em animais, mas nós lutaremos aqui, se for necessário. Por Shiva, e pelo senhor, Filho de Shiva. E por nosso Führer, o Senhor da Vontade Absoluta. Mas, acima de tudo, lutaremos porque sabemos que o senhor, que nos guiou à Guerra contra os Asuras, não nos abandonará no Inferno. O senhor é um Guerreiro do Céu e do Inferno, um Homem de Honra, e saberá como nos tirar daqui!***'

Essa convicção, é óbvio, me impressionou profundamente.

'Estamos no Inferno? Então, chegamos bem longe!' — comentou von Grossen, com ironia — 'É possível, então, que o filho da puta do Schäfer esteja próximo, já que este é o lugar mais apropriado para ele.'

Claro, ninguém imaginou que a piada de von Grossen correspondia à mais estrita realidade: o traidor e a expedição alemã encontravam-se perto, muito perto dali. No entanto, a viagem não foi reiniciada até a manhã seguinte, por iniciativa minha. Eu desejava que todos descansassem e procurei desculpas triviais para justificar a parada. Expliquei ao já não tão

apressado ***Standartenführer*** que precisava 'refletir' sobre o que vi e ouvi, e revisar as ordens dos cães *daivas*. E acredito que, pela primeira vez na viagem, desde o Butão, todos agradeceram internamente por ter que perder um dia no Umbral do Vale dos Demônios Imortais.

A camaradagem não é um ***vínculo*** quantificável, uma ***relação*** mensurável, uma ***razão*** entre companheiros. Não é um mero nexo afetivo, como a amizade, mas sim ***uma coincidência espiritual, identidade de ideais que se realizam simultaneamente***. A camaradagem é determinada por instantes absolutos: o tempo e o espaço do fato; mas carece de dimensão temporal extensiva — quer dizer, a camaradagem não admite categoria de duração. É inconcebível um Camarada permanente, como um amigo. A camaradagem produz Camaradas do ato, da circunstância coincidente. Implica no encontro de dois ou vários, no mesmo instante, com um ideal comum que ***se concretiza***. A amizade, pelo contrário, é temporalmente extensa e espacialmente limitante e abrangente — consiste em um grosso nexo sentimental, quase mensurável, que une as pessoas, com independência do fato no qual participam. A amizade é independente de qualquer norma ética, porque brota do coração, como toda relação afetiva. Na camaradagem, pelo contrário, sempre está presente a Honra. Exige-se não questionar a conduta moral de um amigo. É obrigação, ao contrário, observar a atitude ética de um Camarada. ***Pode-se trair a pátria, com a ajuda de um amigo. Mas só é possível morrer pela pátria com a ajuda de um Camarada***.

Através da oposição entre a amizade, afetiva, e a camaradagem, espiritual, se explica, com clareza, por que o traidor consegue estender sua traição no tempo, 'para sempre', analogamente à amizade; e porque o herói deve demonstrar seu valor no ato de um instante — instante o qual a Honra, e a ética da humildade obrigam-no a esquecer posteriormente. Esse instante do herói, que leva implícito todo o seu valor no ato de sua ocorrência, é a instância absoluta dos Camaradas, a coincidência perfeita dos que vão lutar a favor do mesmo ideal. Isso porque o esclarecimento é evidente: o instante do herói é um tempo próprio de Kshatriyas, de Guerreiros, quer dizer, de Camaradas.

Em uma trincheira, estão refugiados um chefe e dez soldados. De repente, cai ali dentro uma mortífera granada. Um soldado se joga sobre ela e amortiza a explosão com seu corpo — morreu, mas salvou todos os demais — é um ***herói***. Há que se perceber, neste exemplo, que o herói, em sua instância absoluta, é o ***líder carismático*** do grupo. Vejamos bem: trata-se de um exército profissional, existem hierarquias e graus militares, superiores e subordinados, chefes e soldados. No entanto, essa organização exterior, essa ordem superficial, não conta diante da Morte imponderável — as forças internas de tipo humano são impotentes para se opor à potência dissolvente da Morte. Ao cair a granada na trincheira, só são reais a Morte e os homens que vão morrer. Nesse instante de terror, não há superiores e subordinados, chefes e soldados, e sim homens que vão morrer. Mas alguém

decide opor seu corpo à Morte — pensa em um instante e decide: ele deterá a Morte, não a deixará passar além de si. Não é um suicídio, é um ato de entrega da própria vida em favor de um ideal — 'morro para que eles triunfem'.

Primeiro ato: a granada cai na trincheira e a granada é a Morte. Diante d'Ela um grupo de homens vai morrer.

Segundo ato: um homem se levanta de sua própria humanidade e decide 'morrer apenas ele e salvá-los', 'para que eles triunfem'. E quem assim age não é chefe nem soldado, pois o valor não requer hierarquias, mas o herói.

Eis aqui o milagre: ***um soldado se apodera da instância absoluta e deixa de ser soldado para se tornar herói. E já não há chefes nem soldados, nem sequer homens que vão morrer, e sim o herói e seus Camaradas***. Seus companheiros, chefe e soldados, são os Camaradas que estão junto a ele no ato da Morte. Mas, acima de todos os atos, está o objetivo da guerra, o ideal do guerreiro, a pátria ou, talvez, uma meta nacional. A realização do ideal necessita, pois, do fato da vida. A Morte, nesse caso, é o Inimigo. Daí que frear a Morte, evitar que tire a vida dos que lutam pelo ideal, seja um ato de serviço ao ideal, fora de qualquer regulamento. Se não fosse assim, o ato do herói seria um mero suicídio e os sobreviventes salvariam uma vida sem sentido. Mas a vida resgatada da Morte tem um sentido: ***o triunfo do ideal***. O herói se joga sobre a granada, mas diz claramente a todos: ***'morro para que vocês triunfem'***, quer dizer, 'morro para que todos nós triunfemos', 'morro assim para que triunfe o ideal', 'triunfem'. Não lhes diz: 'dou-lhes a vida'.

E como lhes diz? ***Carismaticamente***. Todos o escutam com o Sangue. Por isso não sentem que devem a vida ao herói, mas que devem triunfar, derrotar o Inimigo, ***cumprir seu mandado***. Então, há uma ordem? Sim, porém não a ordem artificial da organização militar, mas a formalidade da Mística — no instante em que se joga, o herói é o ***líder carismático*** dos seus Camaradas e seu último pensamento é uma ***ordem*** que todos acatarão. Uma ordem dada fora da hierarquia militar, desligada da cadeia de comando, mas dotada de mais força do que qualquer disposição exterior, porque foi emitida dentro de cada um, simultaneamente com a explosão da Morte. Sob a forma Mística do ideal, os Camaradas receberam, em um instante único, a ordem do líder carismático, que o é porque, nessa instância absoluta, supera a todos eles com o valor heróico de seu ato.

Regressando à comparação anterior, agora se pode perceber melhor a diferença entre a amizade e a camaradagem: ***os amigos podem nos dar muito, inclusive tudo o que têm; talvez até deem a vida por nós; mas só os Camaradas nos darão algo maior do que suas vidas, inclusive maior do que nossas próprias vidas, isto é, o ideal. Só um herói, ou um Camarada, acreditará em nós como heróis ou Camaradas e nos ordenará a seguir o ideal, nos mostrará o ideal, nos revelará o ideal, nos aproximará do ideal***.

Ser amigo é estar ligado a um coração alheio. Ser Camarada é estar comprometido com um ideal; significa assumir, no momento oportuno, a instância absoluta do herói; e se for necessário, liderar carismaticamente os Camaradas, ordenar a marcha para o ideal, morrer pelo ideal. ***'Alemanha, um dia te elevarás radiante / ainda que Nós tenhamos que morrer / ... / Sim, nossos Estandartes são superiores à Morte!'***

Mas nem sempre os heróis têm que morrer. Herói é também aquele que lidera seus Camaradas no instante absoluto e os conduz diretamente à vitória. E todos o seguem, persuadidos, arrebatados, conquistados, porque sabem carismaticamente, com o Sangue, que ele viu o ideal e se propõe a realizá-lo. Cumpre-se, assim, um princípio universal da Sabedoria Hiperbórea: ***'um lidera os Camaradas e o ideal se realiza'***.

Em nosso esquadrão imperava a ordem militar. Existia uma estrutura de comando que se iniciava em von Grossen, continuava comigo, prosseguia com Hans e Kloster, e culminava em Heinz. Os guerreiros *kâulikas* também tinham sua hierarquia e seus chefes recebiam diretrizes nossas.

No entanto, acima da organização militar, todos nos uníamos no ideal comum do Espírito, do Nacional-socialismo, do Führer. Em um instante dado, todos éramos Camaradas, e então poderia ocorrer a instância absoluta do herói. Durante a viagem, e no ataque aos *duskhas*, o esquadrão funcionou como um corpo militar e as hierarquias e graus foram respeitados. Contudo, quando o objetivo procurado se tornou incorpóreo, e a Morte e a loucura começaram a nos rondar, e foi finalmente evidente que nem von Grossen, nem ninguém, a não ser eu, poderia tirá-los daquele sinistro 'Vale dos Demônios Imortais', a ordem hierárquica se decompôs e se produziu a coincidência carismática: eu e os Camaradas. Todos acreditavam em mim, esperavam de mim, confiavam em mim.

A circunstância, é claro, requeria um herói e um líder. Eu era consciente disso e ***não estava disposto a deixar passar a oportunidade***. Por isso, queria que descansassem antes de retomar a busca por Ernst Schäfer — depois não haveria mais tempo. Porque, nesse instante absoluto, seguido sem hesitação por meus Camaradas, e seguindo, por minha vez, o Caminho de *Kula* e *Akula*, nos jogaríamos na garganta do Inimigo. Morreríamos ou triunfaríamos, mas qualquer que fosse o caso, nossa morte ou triunfo significaria para os Camaradas da Alemanha a ordem de realizar o ideal, a vitória do Führer.

'Morreremos para que eles triunfem' — eu pensava, tremendo de resolução heróica. O ideal? Como diria Baldur von Schirach, o ideal consistia em 'nossos Estandartes'.

Capítulo XXXI

A partir dali, tudo ocorreu muito rapidamente, e do mesmo modo narrarei para você, *Neffe* Arturo.

De manhã cedo estávamos preparados para reiniciar a perseguição. Todos os guerreiros prepararam as armas, como se fôssemos, a qualquer momento, travar uma batalha — os tibetanos verificaram as flechas e o fio de suas lâminas e aguardaram o comando para marchar, com uma mão apoiada no pomo das cimitarras; os alemães se proveram de carregadores e granadas de cabo e substituíram os fuzis *Mauser* pelas metralhadoras *Schmeisser*. Ainda que as ordens de Konrad Tarstein, idênticas às que recebera von Grossen do S.D. me exigissem unir-me pacificamente à expedição de Ernst Schäfer, eu duvidava que isso fosse possível agora. E tampouco von Grossen e os outros oficiais ᛋᛋ consideravam isso possível. Não depois de termos entrado naquele Vale dos Imortais, depois de termos visto essa região paradisíaca no meio das neves eternas, esse oásis nas altitudes de Kun Lun. Esse lugar não poderia existir sem vigilância. E os guardiões não estariam dispostos a nos deixar nem avançar nem retroceder. Guardiões que — pressentíamos — seriam terrivelmente mais perigosos do que os *duskhas*.

Tão logo ingressamos no Umbral do Vale, nos detivemos e acampamos. Se éramos vigiados, os guardiões do Umbral não tardariam em agir. Por isso nossa preparação, na certeza de que algo nos ameaçava e teríamos que enfrentar isso. Procurávamos Schäfer, e esse era o objetivo principal, mas, então, a realidade era de que nos encontrávamos em um Vale do Inferno.

'Nada nos indica que Schäfer tenha tomado este rumo, e muito menos que tenha passado por aqui, mas acredito que agora dá no mesmo avançar ou retroceder' — concedeu von Grossen — 'a verdade é que este vale não existe em nosso mundo. De qualquer modo, dá no mesmo ir em uma direção ou em outra!'

Os carregadores *holitas* se negaram a continuar. Mas tampouco sabiam como voltar, e por isso foi necessário nos separarmos novamente. Ficaram com eles os mesmos dois *lopas*, monges de idade avançada, mas igualmente perigosos, os iaques, os *zhos* e todos os cavalos. Apesar de não haver neve em nenhum lugar, e o clima ser primaveril, viam-se os cumes dos montes Kun Lun muito perto, para se supor que os cavalos nos fossem úteis por muito tempo.

Dessa forma, nós partimos — os cinco alemães, os sete *lopas* e o *gurka* — Camaradas do Espírito Eterno, treze heróis em sua instância absoluta. Dei a ordem mental para os cães *daivas* e estes saíram na mesma direção que seguiam no dia anterior.

'Não se pode negar que o senhor é persistente' — grunhiu von Grossen, ao comprovar o rumo tomado.

Mas eu não dispunha de tempo para atender a ele nem a ninguém mais. *Kâla*, o Tempo Devorador, era agora a Morte *Mrtyu* diante de nós, um instante definitivo em que morreríamos ou triunfaríamos, sem meio-termo. E nesse instante de heróis se requeria um Herói entre os heróis, um líder que transmitisse a ordem carismática de lutar pelo ideal, 'por nossos Estandartes', 'ainda que tenhamos que morrer'. Se o ideal se realizasse finalmente, morrer ou viver significavam uma honra ou um triunfo, em qualquer caso. Ninguém deveria se preocupar por morrer ou viver, mas sim pela realização do ideal, a imposição universal de nossos Estandartes, a vitória da própria Estratégia. Essa era a ordem carismática aos meus Camaradas. Aos cães *daivas* eu mandava 'sigam Ernst Schäfer' na linguagem do *Yantra svadi*. E os cães *Kula* e *Akula* seguiam o rastro do traidor em uma região que não estava nem na Terra nem no Céu. E eu seguia os cães *daivas*, além de *Kula* e *Akula*. E meus doze Camaradas iam atrás de mim, sem lhes importar nada mais do que nos cercava, sem pensar na possibilidade de morrer ou viver, apenas pensando no ideal, na realização do ideal, na Vitória Final de nossos Estandartes.

Desde que deixamos o acampamento, a excitação dos *dogos* foi aumentando, como se sua presa se encontrasse cada vez mais perto. Com muita segurança nos guiaram por vários caminhos descendentes, até dar com o leito de um torrencial riacho, cuja corrente provinha dos montes Kun Lun. Durante uma hora, mais ou menos, caminhamos paralelamente à sua margem direita, sendo que os monges kâulikas tiveram que abrir passagem com suas cimitarras em meio a espessos arbustos espinhosos.

Finalmente, chegamos a uma magnífica cascata de 50 metros de queda, e ali obtivemos a primeira prova de que não estávamos equivocados. Diante de nós, se erguia a parede de uma ravina de pedra de 50 a 60 metros de altura, por onde se derramava a água do riacho, e em cuja base existiam inequívocos sinais da presença do homem. Em uma pequena clareira, havia um ***minas***, um desses túmulos de pedra, semelhantes às ***apachetas*** sul-americanas, que vão se formando nos 'lugares sagrados' do Tibete, onde todos os lamas peregrinos colocam uma pedra pintada com sinais correspondentes a *bijas* da *Kâlachakra*. Em um nicho escavado na parede de pedra estava o motivo do *minas*: a escultura do Buda Vivente ***Magagpa***, o Mestre Rei de Shambala, Rigden Jyepo. Tinham-no representado sentado na posição de lótus, meditando, e em suas mãos uma diminuta estatuazinha da Shakti *Kâkinî* segurava um Coração sangrento, em cujo centro estava o signo da Estrela de Davi, indicador do Anâhata chakra. O conjunto correspondia ao Símbolo da Doutrina do Coração, o Yoga do Amor que devem praticar todos os adeptos que aspiram conhecer a Kâlachakra. Sua presença ali era francamente ameaçadora e intimidatória. Apenas aqueles que fossem adeptos Iniciados na Doutrina do Coração poderiam seguir viagem até a Porta de Shambala. A aceitação de tal condição se demonstrava

adicionando uma pedra com o nome escrito com sangue ao túmulo do *minas*.

Detivemo-nos apenas quinze minutos naquele lugar, já que os *dogos* insistiam briosamente em continuar a busca e exigiam um esforço sobre-humano para contê-los. Durante esse tempo, meus Camaradas exploraram o local e descobriram que vários caminhos chegavam e partiam. Os cães daivas, talvez para encurtar o caminho, nos conduziram por zonas totalmente intransitáveis. Mas se via que aquela 'Porta de Shambala' era visitada com frequência, dado o volume do *minas*, ou, pelo menos, há muitos anos.

'Senhores von Grossen, von Sübermann, vejam isto!' — gritou Heinz Schmidt, que estava entretido examinando as pedras do *minas*.

Ele tinha uma pedra na mão e me entregou. Vi que estava escrita com sangue em duas de suas faces. Uma era ilegível, pois seus signos eram desconhecidos para mim, mas a segunda inscrição me estremeceu o coração — dizia, em correto alemão: ***Ernst Schäfer***.

Sem palavras, passei-a a von Grossen e chamei Srivirya e Bangi.

'Podem me dizer que língua é esta?' — indaguei.

'É ***Senzar***, o idioma sagrado dos Bodhisattvas de Chang Shambala. O *Arhat* Djwhal Khul, que guia os alemães, deve lhes ter revelado certas fórmulas da *Kâlachakra* para escrever nas pedras' — explicou Srivirya.

E isso foi tudo o que aconteceu ali. Momentos depois, os cães *daivas* subiam de dois em dois os degraus de uma escada talhada na pedra, que levava até o alto da ravina.

Finalizada a subida, chegava-se a um terraço espaçoso, em cujos limites começava a encosta de um monte pertencente ao extremo oriental do sistema Altyn Tagh. O lugar se apresentava igualmente desolado, mas com evidentes sinais de atividade humana. Surpreendeu-nos, porém, a presença de um imponente ***Chörten***, monumento sagrado tibetano, de base quadrada e corpo estrangulado em forma de sino, habitualmente encimado por um cone truncado, sobre o qual se assenta a imagem de uma Divindade. Na parte de cima do cone superior do *Chörten* destacava-se a horrível estátua de uma Deusa incontavelmente multiplicada em si mesma e desdobrada em centenas de perfis semelhantes — inumeráveis rostos, pernas e braços a tornavam um torvelinho de Presenças, quer dizer, significavam indubitavelmente Sua Onipresença. A Deusa expressava só um Aspecto, repetido incansavelmente. Esse Aspecto, isolado, a mostrava sorrindo-nos compassivamente enquanto dançava sobre um Coração sangrando; usava o cabelo solto e um adorno de cabeça com uma coroa de Rainha, um olho no meio da testa e olhos nas palmas das mãos e nas solas dos pés. Tinham-na pintado delicadamente, e as cores predominantes eram o branco e o azul — corpo branco, roupas azuis. O *Chörten* media, pelo menos, 15 metros de altura, e a estátua da Deusa tinha um tamanho suficiente para nos permitir perceber todos os seus detalhes. Nós, alemães, a observávamos em silêncio, expressando com gestos eloquentes o desagrado que nos causava: *teuflisch!*

Os tibetanos também a contemplavam em silêncio. No entanto, em um ato incomum, o gurka se dirigiu até o grupo de oficiais ϟϟ:

'A imagem de Kuan Yin, a Rainha Mãe do Oeste, impressiona os senhores? Também impressiona a nós, mas muito mais nos afeta ***contemplar a própria Deusa*** interessada pelos visitantes de seu milenar Santuário. Se os senhores desejarem, posso lhes transmitir com palavras claras o que este humilde monge kâulika vê e sente, ao visualizar o *Chörten* da Deusa da Misericórdia no Vale dos Imortais.'

Todos nós concordamos, sem imaginar até que detalhes da trama oculta poderia chegar a aguçada visão do monge *kâulika*.

'Ontem disse a dois dos senhores que, se pudessem ver o mundo sutil, comprovariam que estávamos nos encaminhando ao Santuário de Hsi Wang Mu' — lembrou Bangi — 'hoje avançamos um trecho e nos aproximamos mais ***d'Ela, a Mãe da parte animal do homem***. Mas os senhores continuam sem vê-la, ***apesar de sua presença estar em todos os lugares***. A sua imagem os impressiona? Pois, o que seria dos senhores se conseguissem levantar o véu de *Mâyâ* e contemplarem Kuan Yin em toda a sua Inteligência e Majestade, em sua total Onipresença ***Misericordiosa***. Eu lhes direi: não poderiam resistir ao Olhar da Deusa do Amor Animal, a Compassiva do Coração!

E não poderiam fazê-lo porque o seu é um olhar de muitos olhos, de centenas de olhos, de milhões de olhos, que observam o coração do homem, ou *jîva*, aguardando que se aproxime e se identifique com seu *âtman*, o Arquétipo Divino criado por Brahma, à sua própria semelhança. E, para isso a Shakti *Kâkinî* faz ouvir sua voz no som *anâhata shabda*, e diz ***'om mani padme hum'***, 'Ó tu, joia que está no lótus', 'Ó Mãe que está no chakra', 'Ó *Devi*, que está no *Anâhata* chakra'. E se o *jîva* escuta este mantra, e o recita como *anâhata japa*, torna-se um *jîvâtman*; ***e também recebe a kâlajiya, o sinal para ingressar em Chang Shambala e se integrar à Fraternidade Branca***.

Em cada ponto do Espaço real há um pequeno globo ou átomo arquetípico, que simboliza com exatidão a unidade de Brahma, o Criador. E no centro de cada um desses átomos há um olho, com o qual o Uno contempla a Si Mesmo a partir de todas as coisas criadas. Cada olho do Pai Uno chama-se *Yod*, mas cada pupila pertence à Mãe Kuan Yin. Quando o sangue do homem é estigmatizado pelos Senhores do Karma, e a dor penetra nos olhos do Uno como uma sinfonia prazerosa, as pupilas da Mãe Kuan Yin suavizam os acordes de sofrimento com a Misericórdia de seu Coração. Por isso Ela é ***Avalokiteshvara***, um *Bodhisattva* de Compaixão. Sim, ***Kameraden*** ocidentais. Esta imagem que os impressiona é apenas um opaco reflexo de Kuan Yin por trás do Veu de *Mâyâ*. Aqui mesmo, neste momento, a Deusa dança o Baile da Vida e seus incontáveis olhos observam em seus Corações, procurando o calor do Amor! Kuan Yin quer sentir os seus Corações palpitarem de Amor pelas coisas criadas! Quer senti-los estremecer de compaixão pela dor que aflige a vida do homem, a dor causada

por aqueles que se afastam da harmonia do Universo, da Lei do Uno! E o que recolhem os olhos de *Avalokiteshvara* em Seus Corações? Apenas Frio e Ódio, em vez de Calor e de Amor à Vida. E então se retiram, envolvidos em prantos, os olhos da Mãe, prometendo ajudá-los para que voltem à condição animal, ao Coração quente dos que amam a Vida morna. Ela é a Mãe dos animais-homens, dos pasus. Sua Misericórdia os alcançará e aquecerá o Coração com seu Amor, expulsando o Frio e o Ódio para o gelo duro! E o fará, mesmo que tenha que girar a *Kâlachakra* e transformá-los em símios primitivos!

Mas aqui, com os senhores, está *Ganesha*, o Filho de Shiva, que chamam de Kurt. O que viu a Deusa Mãe do Oeste no Coração do Filho de Shiva? Também Frio e Ódio, mas formando o ninho para a máscara da Morte Fria, o refúgio de *Kâly*, a Negra. Sim, no Filho de Shiva está a maior abominação, porque ele hospedou a Morte em seu Coração, a Máscara da Morte que oculta a Verdade Nua da Negrura Infinita de Si Mesmo. No Coração de *Ganesha*, sobre o corpo morto do pasu, filho da Mãe Kuan Yin, *Kâly*, a Negra, dança o Baile da Morte Fria — e no cadáver do pasu, que é carniça, está vivendo ainda o falo de Shiva, o *lingam* diamantino de *vajra*. Diante do símbolo da virilidade absoluta, *Kâly* se descobre e deixa se manifestar *Pârvatî* Freya, a Verdade por trás da Morte Negra. *Pârvatî* Freya faz, então, o *yonimudrâ* sobre o *lingam* de Shiva e *Bhairava* ressuscita no Coração do Filho de Shiva — nasceu anormalmente um Menino de *Vajra* no Coração de *Ganesha*! Um Menino gerado pelo Espírito de Shiva com a Verdade por trás da Máscara da Morte! Um menino gerado na matriz da Negrura Infinita de Si Mesmo! Um menino nascido na vulva rompida do Coração morto do pasu! Um Menino de *Vajra*, um Menino de Diamante, um Menino de Pedra, um Menino de Raio, um Menino de Fogo Frio, um ***Menino-Deus***! Um Menino que é a *Vruna* Incriada e que está além de *Kula* e *Akula*, além do Tempo e do Espaço, além da Vida e da Morte, além do Bem e do Mal, ***definitivamente além do pasu assassinado por Kâly no Coração do Filho de Shiva***!

Os milhares de olhos de Avalokiteshvara viram um mal muito grande no Coração do Filho de Shiva. Um mal para o qual não bastam Suas Lágrimas de Misericórdia, nem sua Compaixão, nem seu Amor. Um mal para o qual não há redenção possível, nem nesta nem em outra vida da Roda da Vida *Sridpai Khorlo*.

É o mal daquele que foge aos cuidados do Pai e da Mãe, que renega o Pai e a Mãe, que descobre que não tem Pai nem Mãe, que encontra a Verdade Nua de Si Mesmo e se empenha em Ser o que É e não o que deve ser de acordo com a Lei. Ó, que ingratidão a de quem assim esfria o Coração para a Mãe e abriga ódio contra o Pai! A Verdade Nua se instalou no Coração do homem, sobre um leito de gelo, e este se tornou um *vîrya*, um Deus que compete com o Deus Uno. Mas Ela, *Kâly*, lhe esfriou o Coração porque é Inimiga do Amor e a Mãe Kuan Yin não o pode permitir. A Inimiga do Amor causou muito estrago: com a Máscara de *Kâly* assassinou o pasu, seu filho primogênito; e com o Poder da Verdade Nua procriou um ser abominável

que nasceu sobre o cadáver do pasu — um Menino de Pedra de Diamante, um menino que não é e nunca será humano. Grande é o dano causado pela Inimiga, terrível é o mal que se aninha no Coração do Filho de Shiva.

É dever da Mãe Kuan Yin, que tudo vê — e sua Misericórdia chega a todos — proteger seus filhos animais-homens. Porque seus filhos, de Coração quente e mente fria, são como ovelhas no rebanho: dependem do Pastor e de seu cajado. E porque os Meninos de Pedra, de Coração Gelado e mente quente, são como lobos famintos: acossam o rebanho para assassinarem os cordeiros, e só fogem diante do cajado do Pastor.

O que viu a Deusa Mãe do Oeste no Coração do Filho de Shiva? Um lobo, um assassino de cordeiros — um Menino de Pedra Filho de Si Mesmo e Esposo da Verdade Nua — uma Existência abominável, *Taotie*, fora da Criação. Mas, acima de todos os males, Kuan Yin viu quem pode manifestar a Verdade Nua ao Mundo, descobrir a Beleza Proibida e Embriagante da Inimiga dos homens e propagar o mal da Sabedoria como uma epidemia. Aos olhos da Mãe Kuan Yin, o filho de Shiva é o Demônio da Destruição do Homem. A Verdade Nua que *Ganesha* pode exibir aos homens adormecidos causará neles uma nova e atroz queda no nada do Incriado. Sobre as ruínas da Humanidade do Amor, *Ganesha* transformado em Shiva, dançará a dissolução do Criado, a decomposição de *Mâyâ*, a Morte Final da Ilusão. E no Pralaya do Amor e da Misericórdia de Kuan Yin, sobre a Morte da Humanidade, no *Götterdämmerung* da Fraternidade, os Heróis ressuscitados, os *vîryas* semidivinos, os Homens-Deuses, exaltarão a Verdade Nua de Si Mesmo, a Inimiga do Amor, a Esposa da Origem. Ó, como choram os milhões de olhos de *Avalokiteshvara*, ao compreenderem o mal que habita no Coração do Filho de Shiva!



Imagem de Avalokiteshvara esculpida em granito.
Templo de Seokguram, Coréia. Século VIII

Mas Kuan Yin sabe que o mal de *Ganesha* é muito grande para ser perdoado. Não! Com Kurt von Sübermann não existe nenhuma possibilidade de acordo, pois sua Presença é humilhante para a dignidade dos *Bodhisattvas*, sua Presença que expõe sem pudor a Verdade Nua da Origem! Ninguém que esteja do lado do Uno, de Brahma, o Criador, aceitará tal afronta! E será, mais uma vez, a Misericordiosa que falará no Coração do Filho de Shiva e anunciará a decisão dos Deuses. Assim fala a Deusa Mãe Kuan Yin ao Coração do Filho de Shiva, Kurt von Sübermann:

Como lobo, meus cordeiros matarás.
Como Menino de Pedra, *Taotie*,
depois, em lobos como tu os tornarás.
Para ti compaixão não haverá!
Sereno meu amoroso Coração,
secos meus múltiplos olhos estão!
Monstro da Verdade Proibida
que transmuta a humana Paz:
A decisão foi tomada!
Por onde vieste te irás!
Fora do Caminho do Homem sairás!
Lobo feroz, minhas ovelhas não perseguirás!
Verdade Nua da Origem,

aos homens adormecidos
teu Signo não revelarás!
Porque és eterno,
ainda que não o saiba, *ulfhednar*,
não morrerás;
mas se o Caminho do Homem
pretendes transitar,
ao Mundo do Homem
jamais regressarás!
Em meu Santário na Terra
não entrarás!
Eu sou a Mãe da Humanidade!
Sou a Pastora atenta
e cuido do meu rebanho
com zelo sem igual!
Quem aqui chega busca a Imortalidade!
É quem passou por todas as provas
e é um cordeiro no meu curral;
é o que ofereceu um Coração terno
a *Avalokiteshvara*;
é o que ama e sofre,
o que segue seu Dharma,
o que é um perfeito homem animal;
o que chega ao meu Santuário
e ao Pai vai adorar!
A ele Eu concedo
a Imortalidade!
A ele Eu guio
para a Fraternidade!
Mas tu, que és lobo
com disfarce de cordeiro
o que vens buscar?
Portador da Morte Negra e Fria,
em teu Coração de Gelo,
a Inimiga Oculta vai.
Os Deuses não podem te castigar,
mas tampouco desejam ver-te mais.
Não há lugar para lobos
nesta propriedade!
Pelo meu *sutrâtma* de Misericórdia
o licantropo não transitará!
Aqui sou Kuan Yin, *Chenrezig*,
a Deusa do Fundo do Mar!
Eu guardo o Caminho do *Devayana*
para os Imortais da Fraternidade!

Teu pecado de Pedra Fria
ofendeu meus olhos de bondade
e te cortou o caminho
para a Fraternidade.
Por teu abominável mal
hoje fechei
a Porta de Chang Shambala!
Eu sou *Palden Dordji Lhamo*!'

Todos nós ficamos espantados e surpresos pelas palavras do monge. E ele chamava isso de 'traduzir suas impressões sobre o *Chörten'*, quando parecia que a própria Deusa Kuan Yin tinha nos falado! Sem dúvida, Bangi possuía uma faculdade superior que lhe permitia ver e ouvir os *Bodhisattvas*. Mas o mais alterado por aquela visão era eu, pois descobrira nela aspectos que me afetavam pessoalmente, significados que interessavam à Operação Chave Um, conceitos que faziam sentido no quadro da própria Estratégia. O *gurka*, efetivamente, tinha me transmitido uma mensagem, ainda que não me deixasse vislumbrar se o fizera consciente ou inconscientemente.

Em síntese, o que dissera o *gurka*, e que ninguém poderia compreender então, a não ser eu, era que ***minha presença no Vale dos Imortais obrigava os Demônios a fecharem a Porta de Chang Shambala***, tal como esperava Konrad Tarstein que ocorresse. Ou seja, que se Ernst Schäfer ainda não tinha conseguido passar, sua Operação ***Altwesten*** ficaria definitivamente suspensa, pois a Deusa Kuan Yin 'dizia em meu Coração': 'a decisão foi tomada', 'hoje fechei a Porta de Chang Shambala'.

Capítulo XXXII

Era pleno meio-dia quando deixamos o *Chörten*. Os cães *daivas* exigiam subir pela encosta oeste de um dos *Altyn Tagh*, mas logo descobrimos um caminho dissimulado, que nos permitiria subir uns mil metros. Quatro fatigantes horas depois, chegamos ao cume do monte, constatando que, ao Norte, a montanha caía por milhares de metros em uma parede vertical. Da base, se estendia em todas as direções uma ampla planície desértica, onde se divisavam as águas azuis de um lago de enorme superfície.

'*Teufel!*' — exclamou o eficaz von Grossen — 'temos a sorte de contemplar o país de um privilegiado terraço de 4.000 metros. O que vemos, em toda a sua extensão, é a província chinesa de Sin Kiang. Essa planície não é outra coisa do que o deserto de Takla Makan, que se encontra conectado com o deserto mongol de Gobi, em seu extremo oriental. E o lago, como toda a

certeza, trata-se do Lop Noor. Finalmente, uma área geográfica que se ajusta à realidade dos mapas germânicos!'

Mas, se fora do Vale dos Imortais, o Mundo continuava igual, em seu interior, o Espaço e o Tempo estavam distorcidos como antes. Os Deuses Traidores e os Sacerdotes da Fraternidade Branca nos espreitavam para fechar nossa passagem ou nos atacar, e ainda devíamos localizar Ernst Schäfer. Essa última situação ocorreu antes do previsto. Efetivamente, enquanto observávamos maravilhados o Sin Kiang, os monges *kâulikas* exploraram os cem metros quadrados do cume e, em poucos minutos, trouxeram impactantes notícias: ao pé da encosta sul havia um acampamento! Corremos até ali e verificamos com os binóculos. Não havia dúvida: era o acampamento alemão!

A pequena ravina, que mais parecia um desfiladeiro, media uns 500 metros de comprimento e 50 metros de largura, e no inverno tinha a função de transportar a neve de uma gigantesca geleira, como um titânico canal de pedra. Era orientada de Leste para Oeste e, em cada extremidade, ambas as gargantas permitiam entrar e sair. De dentro, poder-se-ia observar que a garganta oeste estava ladeada pelas esculturas de dois enormes *Bodhisattvas* armados. Por alguma razão, a expedição não se atreveu a cruzar esse portal de pedra tão eloquentemente ornamentado, e decidiu acampar no extremo oposto da ravina, junto à garganta de entrada. Via-se que já estavam há alguns dias naquele lugar, e que, talvez, pensassem em permanecer mais tempo, pois tinham desencaixotado e distribuído todo o equipamento, depois de uma rigorosa organização do acampamento. Dispunham até de dois sentinelas, um ao Leste e outro a Oeste do campo.

Para o momento, longamente esperado, de encontrarmos a expedição de Schäfer, von Grossen elaborou um plano de aproximação ao qual só faltava se acrescentarem detalhes táticos, de acordo com as circunstâncias. Dado o caso presente, só tivemos que confirmar os postos e funções de cada um para que o esquadrão estivesse pronto para executar o plano.

Estando todos de acordo, descemos em silêncio até a entrada da ravina, local no qual desembocava o caminho do cume. Uma vez ali, von Grossen, Oskar Feil, o *gurka* e eu com os cães daivas, permanecemos escondidos alguns minutos, enquanto os três oficiais ϟϟ e os oito monges *lopas* se espalhavam ao redor do acampamento. Eles deveriam se manter protegidos e cobrir nosso próximo avanço, na previsão de um mal-entendido ou de que algo desse errado.

Sem suspeitar de nada, o sentinela estava fumando, distraído por seus próprios pensamentos, lembrando, talvez, da pátria distante. Os três alemães surgiram, de repente, diante dele, que acreditou estar sonhando. Mas já era tarde para reagir, especialmente ao ver as bocas negras das *Schmeisser*. A Luger, o punhal e o subfuzil MP40 do sentinela passaram para as mãos de von Grossen.

'Somos oficiais do Terceiro Reich' — explicou von Grossen — 'mas não podemos correr riscos. Heil Hitler! Aproxime-se agora do acampamento, muito lentamente, e avise a nossa chegada!'

'Heil Hitler!' — respondeu o perturbado sentinela.

Com requintada delicadeza, ele foi se apresentando em cada uma das seis tendas e comunicando o que acontecia aos seus ocupantes. Muitos, possivelmente, devem ter suposto que o sentinela delirava.

Em segundos, reuniram-se 20 ou mais homens, mas não se podia distinguir quem era oficial ou suboficial, porque todos estavam vestidos com roupa de paisano. Um deles soltou uma exclamação e se aproximou, dando vários passos:

'Eu conheço o senhor! É o ***Standartenführer*** Karl von Grossen! Que diabos faz aqui, na axila do Tibete?'

'E eu sei quem é o senhor, ***Standartenführer Reinhardt von Krupp***' — respondeu maliciosamente o sempre bem informado von Grossen, destacando o grau e o nome do oficial. De seus anos na Gestapo, von Grossen conservava o mau costume de colocar certa ênfase sugestiva ao nomear as pessoas, dando a entender que possuía a respeito delas informação confidencial ou comprometedora.

'Estamos aqui para...' — ia prosseguindo von Grossen, quando foi interrompido pelo aparecimento de Ernst Schäfer.

É possível, e também muito provável, que Schäfer tenha perdido irreversivelmente a razão, ao se encontrar diante daquele espetáculo inesperado. Para se compreender isso, ter-se-ia que imaginar o que significava para ele ter chegado ao Vale dos Imortais, a um passo do Santuário da Rainha Mãe do Oeste e da Porta de Chang Shambala, e comprovar que, no lugar dos *Arhats*, aparecera um grupo de alemães, um desses um inimigo jurado. E junto a este, inexplicavelmente, vinha a vítima propiciatória, Oskar Feil, e o *gurka* desaparecido.

'Aaaaaaaaaaaaaahhhhhh...' — Schäfer deu um grito insano e clamou — 'atirem, matem todos!'

Os ᛋᛋ, oficiais e tropa, apontaram seus fuzis, mas aguardaram que seu ***Standartenführer*** confirmasse a ordem. Schäfer era oficial da Abwer e não tinha comando direto sobre a Schutzstaffel. Essa indecisão evitou um confronto armado de imprevisíveis consequências.

'São alemães, homens das ᛋᛋ!' — tentou explicar von Krupp, que estava atônito diante da alucinada atitude de Ernst Schäfer.

Mas este já tinha sacado sua Luger e apontava para mim, com a expressa intenção de me eliminar do mundo dos vivos.

Não conseguiu disparar. Em um movimento rápido, dois dos ᛋᛋ de sua expedição se lançaram sobre ele e o fizeram de refém: um lhe tirou a pistola e o segurou e o outro colocou uma adaga na sua garganta. Eram os espiões do S.D.!

'Ao primeiro movimento, degolamos este homem!' — ameaçou um deles — 'aproxime-se, meu ***Standartenführer***, e desarme esses quatro!' — acrescentou, mostrando os sequazes de Schäfer.

Karl von Grossen não se fez esperar e gritou várias ordens. Diante da surpresa geral, Hans e Kloster emergiram das rochas e rapidamente despojaram de suas armas os quatro, que não opuseram resistência. Seis figuras, vestidas com túnicas de cor de açafrão e com o rosto e as mãos cobertas de cinzas tentaram fugir correndo, em direção à saída oeste da ravina, mas caíram a poucos passos, crivados de flechadas — eram o *Skushok* do *Ashram Jafran* e seus lamas. Essa foi a gota d'água. Reinhardt von Krupp gritou, por sua vez, uma ordem, e todos os seus homens se jogaram ao chão; e pouco faltou para que se chegasse novamente ao confronto.

O esquadrão de von Krupp tinha o dobro de nossos membros. No entanto, o bom senso prevaleceu e o ***Standartenführer*** interrogou von Grossen, com raiva:

'O que é isso, von Grossen? O senhor se apresenta aqui, nos trata como se fôssemos inimigos, e mata os guias tibetanos, que tinham a nossa proteção. Imagino que tem uma boa justificativa para essa afronta!'

'Não temos nada contra o senhor, mas sim contra esse bando de traidores' — vociferou von Grossen — 'e se lhe parece justificativa suficiente, aqui estão as nossas ordens, aprovadas pelo Führer.'

Entregou um envelope lacrado que dizia: ***'Altwestenoperation'***. Reinhardt von Krupp o rasgou e retirou a mensagem escrita. Era um decreto com um texto breve. Moveu a cabeça afirmativamente e comentou para Schäfer:

'Vieram da Alemanha para se encarregarem da expedição! A partir deste momento a segurança e a logística estão a cargo do ***Standartenführer*** Karl von Grossen.'

O rosto de Schäfer parecia mais branco do que a neve dos *Altyn Tagh*. Reinhardt von Krupp disse, em tom suficientemente alto, para que todos o ouvissem:

'De minha parte está bem. Aceito as ordens e me coloco sob seu comando. Mas terá que me explicar o que significa a sua acusação de traição. E como é que Oskar Feil está com vocês.

O ᛋᛋ afrouxou a pressão da adaga. Os homens de von Krupp se levantaram e baixaram os fuzis, enquanto Heinz e os oito monges *kâulikas* se aproximavam, ainda com as flechas retesadas em seus arcos.

'Traição!' — gritou o traidor, fora de si — 'Traição! Malditos assassinos, não sabem o mal que causaram à Alemanha e à Humanidade! Aaaaaahhhh...! Kurt von Sübermann, filho do Demônio, sabia que se propunha a impedir nossa missão! Veio para nos destruir! Devíamos tê-lo matado na Alemanha! Por sua culpa serei castigado — os Mestres jamais me perdoarão sua presença condenada neste Vale Sagrado! Quando o *Arhat*

Djwhal Khul se foi, devia imaginar que algo terrível estava acontecendo! Era o senhor! O senhor e sua Mancha execrável que ofende os Santos Seres!

Maldito, mil vezes maldito von Sübermann, criatura do Inferno, como fez para me encontrar?' — rugiu, completamente encolerizado. Os dois espiões ϟϟ o mantinham seguro pelos braços para evitar que se jogasse sobre mim.

'Desprezível ***Herr Lehrer***, a última coisa que eu queria em minha vida seria voltar a vê-lo' — afirmei, com sinceridade — 'o mérito de chegar até aqui é obra exclusiva destes nobres cães.'

Então soltei um pouco as rédeas dos cães *daivas*, que ainda obedeciam a ordem de 'buscar Ernst Schäfer', e os *dogos* saltaram e lançaram duas ferozes dentadas a poucos centímetros de seu pescoço.

Com os olhos arregalados de terror, o rosto decomposto pela ira, Schäfer era a imagem da loucura.

'Vejam: ***só um ser infernal poderia vir acompanhado pelos lobos de Wothan!*** Não aceite esse decreto, von Krupp, e mate todos. Ainda está em tempo de evitar um mal terrível à Alemanha e ao Mundo. Eu lhe asseguro que nada lhe acontecerá se me ouvir. Melhor dizendo, eu lhe garanto que será condecorado como um herói.'

'O senhor está louco, Schäfer! Na Alemanha não há ninguém superior ao Führer! Se não cumpro estas ordens, a única condecoração que receberei será uma corda de cânhamo com um nó corrediço' — se desculpou von Krupp.

"Não, Camarada von Krupp' — esclareci — 'não se trata das palavras de um louco, mas de um traidor. Ele acredita que existem homens mais poderosos do que o Führer: são os que planejam o desaparecimento do Terceiro Reich e lhe encomendaram uma missão secreta que ajudará a consumar a traição. E quanto ao senhor, ***Herr Lehrer***, certamente que *Kula* e *Akula* não são os lobos de Wothan, mas é verdade que venho de um Inferno e agora estou em um Inferno maior. Mas estes cães, como Cérbero, o impedirão de chegar ao pior dos Infernos, o que se encontra detrás dessa Porta no fim da ravina, ou seja, sua amada Chang Shambala, a guarida dos Demônios Imortais.'

'Blasfêmia! Blasfêmia! Mate-os, von Krupp! Mate-os agora e salvará sua Alma! Mate-os antes que seja tarde e soltem Lúcifer no Mundo!' — implorava, já perdendo completamente o controle de suas palavras.

Karl von Grossen mandou que o fechassem em uma tenda, sob a guarda de Hans e Kloster. Já começava a anoitecer e os monges *kâulikas* se apressavam a levantar as tendas, diante do olhar espantado do esquadrão de von Krupp. Este se aproximou de nós e perguntou, sem mais delongas:

'Alguém pode me explicar o que está acontecendo? Supunha-se que eu devia conduzir e proteger uma expedição científica que tinha como objetivo investigar os ancestrais orientais da Raça Ariana. Nada a ver com o que estou ouvindo: 'Demônios', 'Infernos', 'traição ao Terceiro Reich'. O que significa toda esta loucura? Como se pode trair o Terceiro Reich neste lugar

remoto? E o mais incrível: onde encontraram Oskar Feil? Como nos seguiram? O que é isso de lobos de Wothan?'

Durante meia hora, Karl von Grossen esclareceu o melhor que pôde todas as dúvidas de von Krupp. Finalmente, este apresentou uma pergunta para a qual von Grossen não tinha resposta:

'E agora, o que faremos?'

'Minhas ordens' — revelou von Grossen — 'especificam que, ao ter contato com a expedição, devo agir de acordo com as instruções do ***Sturmbannführer*** Kurt von Sübermann. E como o senhor deve me obedecer, economizarei em lhe retransmitir tais instruções, se ambos vamos conhecê-las ao mesmo tempo' — concluiu, com uma lógica esmagadora — 'bem, von Sübermann, o que tem para nos dizer?'

'Que temos que voltar imediatamente para a Alemanha' — disse, sem hesitar — 'amanhã mesmo devemos empreender o regresso. Vamos levar Ernst Schäfer e seus quatro cúmplices presos, mas se resistirem, os executaremos, sob minha responsabilidade.'

Karl von Grossen aprovou sem reservas essa decisão, mas o mais aliviado era von Krupp.

'Isso é tudo? Regressar à Alemanha? É a melhor notícia que escuto em mais de um ano. Temi que solicitasse continuar a exploração do Tibete. Concordo plenamente com essa proposta! A verdade é que já estava farto de Ernst Schäfer e seus mistérios.'

Pobre von Krupp! Nem von Grossen, nem eu, imaginávamos então que ele jamais regressaria à Alemanha...

Capítulo XXXIII

Não posso lhe afirmar, *Neffe*, se a primeira coisa que percebemos foi o som ou a luz, ***ou o odor doce e penetrante, inconfundível, da fumaça de sândalo***, ou se captamos todos esses *tattvas* ao mesmo tempo.

Os homens de von Krupp já estavam abrigados nas tendas, salvo os dois sentinelas. O *gurka* e os *lopas* terminavam de armar nossas tendas, ajudados por Heinz. E os dois ***Standartenführer*** e eu ainda estávamos conversando. O sol há tempos se pusera e o crepúsculo moribundo abria passagem para a noite dos cumes tibetanos. No entanto, em um instante, a ravina começou a se iluminar a partir da saída do Oeste, como se assistíssemos ao amanhecer de um novo e deslumbrante sol.

Perplexos, pasmos, hipnotizados, nós três ficamos olhando a bola de luz, que atravessava a garganta e avançava pelo centro da ravina, a não mais de cem metros de altura. Ainda que um halo se espalhasse por dezenas de metros ao redor do núcleo brilhante, era possível se distinguir que o centro se compunha de quatro esferas incandescentes, intersectadas

excentricamente entre si. Mas tal observação foi coisa de um segundo, porque o som que acompanhava a resplandescente aparição nos impediu imediatamente de ter qualquer outra percepção.

Ao menos para mim, que passei minha infância em uma fazenda do Cairo onde se criavam abelhas melíferas, aquela vibração se fazia claramente familiar: ***era o clássico zumbido de um enxame em movimento***. Havia iniciado como um fraco rumor, assim como a luz foi, a princípio, um suave fulgor, mas logo se tornou insuportável. Creio que nós três tapamos os ouvidos com as mãos, para comprovar, desesperados, que nada conseguia deter a penetração sonora. Com a cabeça entre as mãos, e o cérebro perfurado pela onda assassina, caí de joelhos, completamente aturdido.

Percebi que ia perder os sentidos e, em um esforço supremo de vontade, olhei ao meu redor. Vi von Grossen, ainda de pé, convulsionando e gritando, enquanto a poucos centímetros de mim, jazia o corpo inerte de Reinhardt Von Krupp. Automaticamente, coloquei a mão em seu pescoço, procurando o pulso, mas compreendi que ele tinha deixado de existir. Minha mente se nublava; uma intensa tontura me causava a sensação de que tudo girava ao meu redor; a náusea, iniciada no estômago, me fez tremer, em um vômito violento; e uma angústia crescente no coração, que já era uma declarada taquicardia, deu-me a impressão de que aquele órgão queria saltar e fugir do meu peito. Enfim: vítima de um ataque psicofísico, para o qual eu não conhecia nenhuma defesa, me encontrava, irremediavelmente, a ponto de desmaiar. Risadas dos Demônios, Música dos Infernos, Harmonia do Deus Criador do Universo... diante dessa força desintegradora da Alma, o que restava do Herói, do líder carismático, do Iniciado que, horas antes, conduzia sua legião, disposto a lutar contra os inimigos da Terra ou do Céu? Muito pouco, *Neffe*, muito pouco. Apenas uma fagulha de vontade.

De repente, fui acometido por um forte tremor e demorei a tomar consciência de que Bangi tinha me agarrado pelos ombros e me sacudia com firmeza. Através da névoa, o reconheci diante de mim, gritando a plenos pulmões. Os oito *lopas* estavam ali também: dois arrastavam Oskar Feil, outros dois seguravam von Grossen, um outro corria para os cães *daivas*, que estavam amarrados em uma extremidade do acampamento; e os restantes traçavam febrilmente círculos e signos no solo com suas cimitarras, ao mesmo tempo que entoavam mantras e adotavam *mudras* guerreiras. A bola de luz já se encontrava sobre nós e o zumbido das abelhas chegou à sua máxima intensidade. Fosse pelo chacoalhão de Bangi, ou por causa dos *yantras* dos *lopas*, o certo é que recuperei, em parte, a lucidez — o suficiente para compreender as dramáticas palavras do *gurka*:

'***Shivatulku! Shivatulku!***' — chamava ele impacientemente, sem deixar de me sacudir, ato que terminou com duas impetuosas bofetadas. Com um movimento de cabeça, o fiz compreender que o estava escutando.

'Ó *Pawo*[49], tire-nos daqui! Logo o ***Vîmâna*** de Shambala nos destruirá!

---

[49] *Pawo: Herói, em tibetano.*

'C... como? Como o farei, se não posso me manter em pé?' — balbuciei, desanimado.

'Os cães *daivas*! Ó, *Dubtob*[50]! Ordene aos cães *daivas* que lhe conduzam ***voando*** a um destino fora daqui. Compreendeu-me?'

Assenti, apesar de não compreender totalmente a solicitação do *gurka*.

'O que devo fazer para que os cães *daivas* ***voem***?' — perguntei absurdamente a mim mesmo, mas em voz suficientemente alta para que Srivirya respondesse. O *lopa*, evidentemente, estava atento às minhas reações.

'Identifique-os como se fossem idênticos a *Kyung*, a ave *Garuda*, que transporta os Deuses; ou como *Lungta*, o cavalo Pégaso, que tem a mesma função! Diga-lhes ***Svadi-lung***; *Kula* e *Akula* ***Svadi-lung***; e eles ***voarão***.

Destino? Qual destino? Minha cabeça parecia que ia explodir. Talvez fosse o inconsciente, talvez o *Scrotra Krâm*, mas o positivo foi que uma Voz Interior me disse:

'Sining, devem ir a Sining' — pensei no Yantra, imaginei-o como pude, e traduzi: '***Siningto, Kula e Akula Svadi-lung***'[51].'

Um dos *lopas* tinha colocado as rédeas dos *dogos* em minhas mãos. Estavam enfurecidos pela presença do diabólico *Vîmâna* e uivavam como se realmente fossem os lobos de Wothan. Quando imaginei o *Yantra* ficaram rígidos e jogaram suas cabeças para frente, preparados para partir, cumprindo a ordem. E quando ordenei '*Siningto Kula e Akula svadi-lung*' aconteceu o incrível prodígio de que os cães daivas saltaram para um tipo de abismo que, insolitamente, apareceu diante deles.

Senti-me arrastado pelas rédeas, içado no ar e transportado em direção ao Leste, afundado em uma negrura impenetrável que agora ocupava o lugar onde, segundos antes, estavam as montanhas *Altyn Tagh*. Ao ser erguido, um peso anormal em minhas pernas colocou meu corpo em tensão durante um instante. Virei-me, surpreso, e percebi que uma corrente humana pendia de minhas extremidades — os tibetanos tinham realizado uma série de movimentos táticos no momento do salto, agarrando-se entre eles e erguendo também Karl von Grossen e Oskar Feil. Meu olhar voltou-se para baixo e contemplei estupidamente a ravina iluminada pelo veículo de Shambala e o acampamento transformado em um sepulcro coletivo: Reinhardt von Krupp, morto; os sentinelas, mortos; e nas entradas das tendas estavam espalhados os cadáveres dos que conseguiram sair, mas não chegaram muito longe. O zumbido era ensurdecedor, aterrorizante, paralisante. O zumbido era o chamado da Morte! Heinz, Hans, Kloster! Lembrei dos meus Camaradas e acredito que gritei de impotência, antes de me submergir na negrura e perder os sentidos.

---

[50] *Dubtob: Mago.*

[51] *"Vamos voando a Sining, Kula e Akula".*

Capítulo XXXIV

Segundos depois, recobrei a consciência. Nem sinal do ensurdecedor som ou do diabólico brilho. Ainda subsistia a luz crepuscular, e por isso pude comprovar, sem dúvida, que nos encontrávamos em um lugar completamente diferente da ravina onde Schäfer acampara. Imediatamente, veio à minha memória tudo o que aconteceu: o ataque do zumbido mortal e a fuga, graças aos cães *daivas*. Milagrosamente, eu ainda vivia! Mas onde estava? Porque aquilo não era, evidentemente, Sining, e sim a margem de um rio, uma pequena praia ao pé da encosta de uma colina.

Eu estava sentado no chão, segurando ainda nas mãos as, agora inertes, rédeas dos cães *daivas*. A centímetros de meus pés, o rio murmurante entoava a melodia da Natureza. Um brilho contra a encosta me mostrou os *lopas* colhendo lenha e alimentando um improvisado forno. Karl von Grossen e Oskar Feil tinham se levantado e contemplavam a cena em silêncio, entorpecidos. Quando os olhos do ***Standartenführer*** se encontraram com os meus, ele reagiu:

'Kurt von Sübermann! *Gott sei Dank*! Onde estamos? O que aconteceu com os outros?

Levantei-me e respondi, com brutal franqueza:

'Não sei. Ignoro que lugar é este. Certamente estamos muito longe do acampamento, mas pelo menos continuamos com vida. Porque, se estou convencido de algo, é de que aqueles que não vieram conosco devem ter morrido na ravina. Quem poderia sobreviver a esse ataque dos Demônios? Se até os monges *kâulikas*, que são experientes nesse tipo de Magia Negra, temiam que, inevitavelmente, pudessem morrer!'

Nesse momento, nós três nos lembramos dos monges e os procuramos com um olhar: os oitos estavam junto ao fogo que haviam acendido debaixo de umas enormes rochas, e nos observavam, por sua vez, com tranquilidade. Karl e Oskar se aproximaram deles. Eu quis fazer o mesmo, mas as rédeas me impediram. Horrorizado, verifiquei que um dos *dogos* morrera; o outro, em pé ao seu lado, emitia periódicos gemidos de dor.

Se a alguém eu devia a vida neste mundo, além dos meus pais, era àqueles cães. De forma que me senti compreensivelmente chocado pela perda de um deles. Deixei o sobrevivente continuar com seus uivos de lamento, um réquiem inconsolável para o par ausente, e me aproximei do grupo. Sem cortesia, interpelei Srivirya:

'Por que um dos cães *daivas* morreu? O Guru Visaraga não tinha me assegurado que ambos constituíam uma parelha arquetípica, a síntese manifestada de um par de princípios opostos, cuja existência deveria ser ***necessariamente*** simultânea? Se era certo isso, não deveriam estar mortos os dois? Ou, melhor dizendo, por que os dois não estão vivos?'

'Tenha paciência, Filho de Shiva' — o monge aconselhou compassivamente — 'e se lembre de que estes cães são *tulpas*, criações mentais dos Magos do Círculo Kâula. Eu lhe disse há alguns dias que, mesmo que nossa Ordem conheça o segredo dos cães *daivas*, nunca os tinha projetado até agora, porque não existia um Iniciado que fosse como o Senhor, capaz de controlá-los além de *Kula* e *Akula*. Portanto, carecíamos de informação prática sobre o que aconteceria ao serem comandados por um *Shivatulku*. Ou seja, não sabíamos como iriam se comportar nesta etapa do Kaly Yuga. A última vez que os cães *daivas* percorreram a Terra foi na Atlântida, há milhares de anos. Evidentemente, nesta época de Ferro, o seu Poder de Voo, de algum modo, se enfraqueceu, e um deles acabou sendo afetado pela Força do *Dordje*. Mas, se não sabíamos o quanto iriam viver, ao contrário, posso lhe responder por que um deles continuou vivo, depois do voo *svadi-lung*: deve-se às leis particulares que regem a sua reprodução.

O Senhor raciocinou bem, mas não refletiu nas leis da reprodução. Ao serem uma parelha perfeita, arquetipicamente equilibrada, os dois cães, efetivamente, deveriam ter morrido ao mesmo tempo. ***Mas a lei da reprodução estabelecida pelos Gurus exige que, antes da desintegração, o que ficou venha a gestar e parir outra parelha de cães daivas***. O processo seria, pois, o seguinte: a morte de qualquer um deles significará a automática metamorfose do outro em um exemplar andrógino. É como se um dos princípios arquetípicos, que se achava manifestado fora, se incorporasse dentro do sobrevivente. E o que viver levará em seu seio o gérmen de uma nova parelha de cães *daivas*, a qual crescerá, amadurecerá e finalmente nascerá. Então, depois do nascimento, o exemplar antigo fatalmente se desintegrará. Compreende agora porque um deles está vivo?'

Assenti, aliviado por saber que, em pouco tempo, recuperaria a parelha de cães daivas.

'Pois bem' — Srivirya acrescentou — 'então não se esqueça de que, nesse período, enquanto o *dogo* andrógino se encarrega de gestar a nova parelha, deve se referir a ele com o nome de 'Vruna', uma vez que ele é a unidade de *Kula* e *Akula*.

Tornei a concordar, dado que aquilo era indubitavelmente lógico. Nisso, von Grossen explodiu:

'Por Deus, von Sübermann! Sempre os malditos cães! O senhor se preocupa pela morte de um cão? E os nossos Camaradas? O senhor me comunicou a suspeita de que também morreram. Pois deveria se afligir por eles! E tampouco sabe onde estamos. Eu tentava averiguar isso com os tibetanos quando o senhor me interrompeu para falar dos condenados mastins.'

Decidi não responder às injustas acusações de von Grossen.

'Nós nada sabemos sobre o lugar ao qual o Shivatulku nos trouxe' — Srivirya ponderou — 'ele deve responder, pois só ele conhece a ordem que deu aos cães *daivas*.'

A expressão do rosto de von Grossen se descompôs, ao verificar que o assunto dos *dogos* era inevitável. Eu não tive que refletir muito para expor uma questão que me intrigava desde que recobrei os sentidos naquela praia.

'Para Sining! Eu ordenei aos *dogos* para irem para Sining. Foi o primeiro lugar que me ocorreu, certamente porque os dois monges que guiavam os *holitas* afirmaram que dali nos ajudariam a chegar a Xangai. Não entendo porque os cães *daivas* não nos conduziram a Sining.'

'Ó, que estranha é a mente do Shivatulku!' — exclamou Srivirya, que não podia conceber que meus atos fossem simplesmente estúpidos, como na verdade o eram — 'se desejava ir a Xangai, por que não ordenar aos cães que o conduzissem diretamente para lá, em vez de lhes solicitar a área de Sining, situada 2.000 quilômetros antes? São incompreensíveis os desígnios dos Deuses! Pois agora que os cães *daivas* estão em processo de reprodução, não poderá empregá-los mais para um voo *svipa-lung*. Só os futuros filhotes, algum dia, poderão levá-lo através do Tempo e do Espaço. Claro que agora saberemos onde estamos. Qual Sining o senhor traduziu em sua ordem?'

'Como qual Sining? Não entendo a que se refere' — declarei, temendo ouvir o que viria.

'Claro, Filho de Shiva' — Srivirya explicou, francamente — 'a ordem solicitava para se dirigirem a Sining-Fu ou a Sining-Ho, quer dizer, à ***cidade*** de Sining ou ao ***rio*** Sining?'

Soltei um xingamento. Porque tinha sido tão pouco preciso ao definir o destino imposto à viagem aérea dos cães *daivas*? A resposta era óbvia: porque a ordem foi formulada em um momento crítico, no meio de uma tremenda desordem física que me impediu de raciocinar o suficiente. Naquela terrível circunstância esqueci de tudo, não descrevi com exatidão a meta pois supus, inconscientemente, que os cães entenderiam, que interpretariam meus desejos da forma exata. E a verdade era outra: os cães eram *tulpas*, *yidams*, máquinas mágicas projetadas pela vontade de aço dos Magos e que requeriam o correto controle de suas funções.

'Certamente não especifiquei se se referia a Sining-Fu ou a Sining-Ho' — confessei, contrariado. O monge *kâulika* meditou um segundo e disse, sorridente:

'Então, é muito provável que nos encontremos junto ao rio Sining. Ao receberem a ordem, os cães *daivas* perceberam que existiam dois objetivos diferentes com o mesmo nome. Escolheram, por motivos que seria muito longo detalhar, o objetivo mais antigo que correspondesse a esse nome, ao que parece, o rio. E essa indefinição explicaria também a morte de um dos *dogos* — a causa seria o dilema ao qual foram submetidos os princípios opostos, o que atuou como se uma cunha lógica tivesse tentado dividir a unidade absoluta do Arquétipo cão. Creio que o problema se baseia nos graus de realidade das coisas em jogo. Por um lado, os cães *daivas* não constituíam uma parelha perfeita, não poderiam sê-lo nesta etapa do Kaly Yuga, e mostravam certo pequeno grau de desequilíbrio. Por outro lado, o rio Sining acabava sendo um pouco mais real, dentro da Ilusão de *Mâyâ*, do

que a cidade de Sining. Consequência: os cães *daivas* se encontraram diante de um dilema e foram forçados a escolher — por causa do suposto desequilíbrio, um dos cães ***tendeu*** para Sining-Fu e o outro ***tendeu*** para Sining-Ho. Como, magicamente, o destino real é o que corresponde ao nome mais real, apenas um dos *dogos* chegou a Sining-Ho, onde estamos, enquanto o outro cão se desintegrou, para evitar a alteração impossível do Arquétipo. E como os cães daivas não podem existir senão em parelha, o atual andrógino igualmente se desintegrará, depois da reprodução.'

'De modo que os cães vieram ao rio Sining, que é a corrente que passa em frente a nós!' — admitiu von Grossen, que, finalmente, começava a se localizar geograficamente. 'Sendo assim, Kameraden, vou lhes expor o quadro da situação:

Elementos a favor de nossa Estratégia:

a) nós, três alemães e oito tibetanos, membros da Operação Chave Um, ainda estamos com vida;
b) é possível que a cidade de Sining se encontre perto daqui e é provável que isso represente nossa definitiva salvação, se conseguirmos passar a noite nas condições atuais.

Elementos contra a nossa Estratégia:

a) tivemos cinco baixas — três alemães e dois tibetanos — além dos cinco carregadores *holitas* e todo o equipamento;
b) se realmente este local se encontra a leste do lago Kuku Noor, isso implica em uma distância de mais de 1.000 quilômetros longe do Vale dos Demônios Imortais, o que torna impossível, no momento, regressar para inspecionar ou resgatar os corpos e materiais.

Conclusão: é quase certo que os efetivos a cargo da Operação *Altwesten* tenham tido o mesmo destino que os membros da Operação Chave Um, ou seja, que estejam mortos ou desaparecidos. Esta conclusão finaliza a Operação Chave Um e nos impõe a delicada obrigação de explicar, de forma convincente, aos nossos superiores, os fatos ocorridos no acampamento de Ernst Schäfer.'

Karl von Grossen olhou-me significativamente, como dando a entender que o principal responsável pelas explicações seria eu. Suas últimas palavras foram:

'Considerando o diabólico ataque que sofremos naquele Vale do Inferno, à luz das ordens recebidas da Alemanha e da estrutura da Operação Chave Um, extraí certas conclusões que lhes comunicarei em caráter estritamente confidencial e pessoal. Acredito, Cavalheiros, que nossos líderes da Alemanha tinham uma ideia bastante aproximada a respeito do que ocorreria no Tibete se Kurt von Sübermann se integrasse à Operação *Altwesten*. Falando mais claramente, acredito que eles — Hitler, Himmler, Heydrich, Rudolph Hess, e Deus sabe quem mais — sabiam que determinados inimigos reagiriam com extrema violência ao verem von Sübermann; inimigos que são, talvez, seres extraterrestres, possuidores de armas terríveis, incomparáveis a qualquer arsenal terrestre. Se sabiam o

que poderia ocorrer, por que permitiram que o inimigo nos prendesse em uma armadilha mortal? Esta é uma pergunta para a qual careço de resposta. Intuo que desejavam comprovar concretamente a eficácia de von Sübermann para causar as reações dos 'Demônios' de Chang Shambala e que, talvez, subestimaram o inimigo. Provavelmente pensassem que a Fraternidade Branca fecharia as malditas portas de suas guaridas, e descartaram a possibilidade de que os Demônios tentassem matar todos nós. Seja como for, eu estou certo de que von Sübermann jamais nos revelará o segredo que enfurece os Demônios. Em resumo, dou por encerrada, neste momento, a Operação Chave Um. A avaliação de seus resultados será feita na Alemanha pelo correspondente Estado Maior. E, como ϟϟ ***Standartenführer*** encarregado da Operação Chave Um, disponho que se empreenda o imediato regresso à Alemanha. Estão de acordo, *Kameraden*, com o Quadro de Situação e as conclusões?'

Que outra coisa poderíamos fazer, Oskar Feil e eu, a não ser aceitarmos incondicionalmente as decisões de von Grossen? Os monges tibetanos, por seu lado, nunca discutiam as ordens e, mais uma vez, se dispunham a apoiar nossos planos.

Partiríamos ao amanhecer. No entanto, formamos um círculo ao redor do fogo e nos abraçamos, para tranferir calor, postura que adotou também o *dogo Vruna*. Apesar do frio reinante na madrugada, todos nós conseguimos dormir, devido ao grande cansaço psíquico que acumuláramos durante os últimos dias. Não tínhamos uma manta ou capa, apenas o que vestíamos, e por isso nos apertávamos uns contra os outros para evitar o congelamento, ainda que fosse evidente que naquele lugar não fizesse tanto frio como nos cumes dos montes Kun Lun. Quanto às armas, cada um de nós três só conservara as adagas e as *Luger*, além das duas metralhadoras *Schmeisser* que carregávamos presas às costas. Para essas terríveis armas, contávamos apenas com dois carregadores cada um — o mesmo que para as *Luger* — munição insuficiente para transitar por um país em guerra civil, mas sempre melhor do que nada.

Todos os *kâulikas*, pelo contrário, tinham seus punhais, cimitarras e aljavas com as cinquenta flechas. De resto, nem comida, nem água, nem apetrechos de nenhum tipo, salvo o que tínhamos conosco no momento em que fugimos da nefasta ravina. Eram poucas coisas, muito poucas, se ficássemos ainda mais perdidos no Tibete, mas foram suficientes para chegar a Sining-Fu.

Congelando de frio, desde o amanhecer caminhamos paralelamente ao rio Sining-Ho. Karl von Grossen surpreendeu todos ao tirar de dentro de sua jaqueta a bolsa de lona e abrir um mapa da região oeste da China. E de seus bolsos, como inesgotáveis caixas de Pandora, surgiram a inseparável bússola, uma régua de escala dobrável, e um compasso — elementos úteis, salvo a bússola e o mapa.

Antes de partirmos, fiz um túmulo de pedras e sepultei o infeliz cão *daiva*. Não tinha o costume de orar, mas naquela ocasião me concentrei

alguns minutos e elevei meu Eu à esfera dos Deuses, empregando o *Scrotra Krâm* para conseguir que Eles me escutassem. Então, me dirigi a Wothan, pessoalmente, e lhe solicitei uma taça de Hidromel pela façanha de Heinz, Hans e Kloster. Sim, disse aos Deuses: desta vez Eles deveriam brindar por esses três guerreiros da Alemanha Eterna, recebê-los como Heróis no Valhala; e, sendo possível, teriam que dar um lugar ao cão *daiva*, ao cão de Shiva, que transportara os guerreiros, voando como *Vâyu*, o Vento!

Originado nos sistemas mais meridionais de Nan Chan, o Sining-Ho desce para o Sul e deságua no Tatung-Ho, depois de passar sob a ponte da Grande Muralha e banhar os muros da cidade de Sining. O Tatung-Ho, por seu lado, continua para o Sudeste e tributa suas águas ao Hoang-Ho ou Rio Amarelo, na confluência de Lan Cheu. Perto do meio-dia, chegamos a uma pequena aldeia fortificada e cercada de rudimentares cultivos: era Hwang-yugn, um dos locais de parada e descanso do caminho Chang-Lam!

Na aldeia havia um templo budista, várias pousadas para peregrinos e comerciantes, e um mercado livre, com respeitáveis dimensões. O estábulo pertencia ao Círculo Kâula e para este estabelecimento nos dirigimos com rapidez. Ali nos tranquilizamos, ao mesmo tempo em que ingerimos a primeira comida quente em 24 horas. Segundo informações recebidas, os homens do Príncipe de Kuku Noor nos procuraram durante alguns dias, e finalmente retornaram ao Tibete. Seria difícil que voltassem, a menos que alguém os convocasse, coisa que não ocorreria se agíssemos com prudência e não nos deixássemos ver. De qualquer forma, o poder dos tibetanos rebelados chegava apenas até Hwang-yugn, povoado situado do lado norte da Grande Muralha, região tradicionalmente disputada por mongóis e tibetanos. Poucos quilômetros adiante, depois da Grande Muralha, estava a província chinesa de Kansu e a cidade de Sining, onde o poder do Círculo Kâula era considerável.

Claro que, se em Sining-Fu não deveríamos temer a perseguição dos tibetanos, ao contrário, teríamos que evitar de nos envolver nas contínuas revoltas das encarniçadas facções chinesas. Dessa vez, a logística e a tática ficaram em mãos dos *kâulikas*, melhores conhecedores do terreno e possuidores de uma poderosa infraestrutura de apoio. Seu plano, de resto, era extremamente simples: pernoitaríamos no estábulo, que nos parecia um palácio, depois do que passamos na noite anterior, e pela manhã, o chinês e seu filho nos levariam até Sining-Ho escondidos em duas carroças puxadas por quatro bois cada uma.

Os monges *kâulikas* nos informaram que planejavam regressar ao Tibete depois que nós estivéssemos fora de perigo, rumo a Xangai. Não voltariam diretamente ao Butão, pois tentariam encontrar seus dois companheiros, que ficaram com os *holitas* no Umbral do Vale dos Demônios Imortais. Ainda que não dispusessem de cães *daivas*, conheciam muito sobre a magia dos *Kilkor* e sabiam positivamente que o Vale perdido se encontrava no Oeste, nas terras da Rainha Mãe Kuan Yin. Fosse pelo Leste, como o fizemos nós, fosse pelo Oeste, eles encontrariam a forma de entrar e resgatar seus

Camaradas ou, talvez, vingá-los. Depois, se regressassem, se retirariam para o Monastério do Butão, ou para algum outro pertencente ao Círculo Kâula, para meditarem sobre todo o ocorrido naquela aventura — lutaram lado a lado junto ao *Shivatulku*, foram guiados ao Vale dos Imortais pelos cães *daivas* e participaram de seu voo *svadi-lung*. Certamente foram agraciados, os Deuses lhes sorriram, e só lhes restava se retirarem para meditar e agradecerem.

Eu nada poderia objetar diante dessa admirável decisão, mas Karl von Grossen pensava diferente. Chamou Srivirya e Bangi à parte e os qualificou de 'desertores'.

'Sua missão' — disse-lhes — 'só se concluiria quando ***os que sabem*** avaliassem os resultados da operação'. E tais pessoas, claro, se encontravam na Alemanha. Ambos, pois, deveriam nos acompanhar até nossa pátria e oferecer seus valiosos testemunhos. Então ficariam livres para regressar, e se colocariam à sua disposição todos os meios necessários.

Como os monges vacilassem, von Grossen os pressionou moralmente, assegurando-lhes que, de qualquer modo, teriam que nos acompanhar até Xangai para atuar como intérpretes do idioma chinês e, uma vez ali, 'não lhes custaria muito' embarcar para a Alemanha, 'que ficava quase tão longe quanto o Butão'. Mas isso não era certo.

Srivirya e o *gurka* efetivamente falavam chinês, mas nenhum deles conhecia sequer uma palavra de japonês, o idioma daqueles que ocupavam metade da China. Pelo contrário, Oskar e eu cursamos chinês e japonês na carreira de ***Ostenführer*** do ***NAPOLA***, e nós dois dominávamos o mandarim e o japonês. Mas, de qualquer modo, sempre existia o recurso do inglês, língua desprestigiada na Ásia, mas com a qual von Grossen ou qualquer um de nós poderia se comunicar. O idioma universal da Ásia, segundo tinham planejado os filhos da pérfida Albion, seria o inglês, mas a verdade era que só o falavam os funcionários coloniais e os cipaios de sempre; entre os membros cultos dos povos asiáticos, como da Índia, Cachemira, Butão, China, Birmânia, etc., o inglês encontrou resistência e permanecia habitualmente desconhecido, para não dizer escondido e odiado.

Ainda que desaprovássemos a atitude de von Grossen, nem Oskar nem eu desmentimos seus argumentos. Observávamos, sorrindo, como os dois extraordinários Iniciados iam, pouco a pouco, cedendo em suas posições. A verdade era que, no fundo, todos nós queríamos que os dois monges viajassem conosco para a Alemanha. Quando, no dia seguinte, partimos para Sining, já estavam quase convencidos pelo persuasivo ***Standartenführer***.

Capítulo XXXV

Que cidade, *Neffe*! Naqueles dias contava com não menos de 130.000 habitantes e um perímetro de mais de 20 quilômetros. Às suas altíssimas muralhas chegavam rotas de toda a Ásia: da Mongólia, da Rússia, do Cazaquistão, da Dzungária, do Afeganistão, da Índia, e outras, além do mencionado caminho de Chang-Lam procedente de Lhasa, pelo qual chegaram as carroças que nos transportavam. Nosso rumo, desde que os cães *daivas* nos depositaram ao pé da Cordilheira Chan Nan, seguia a mesma rota natural: contornar a Cordilheira por um lado, que agora se prolongava nos montes Ma-ha-che, e o rio Sining por outro; sobre sua margem direita se encontrava Sining-Fu, a 2.500 metros de altitude.

A cidade de Sining era um gigantesco mercado, cujo ritmo febril não tinha sido afetado nem pela guerra civil, nem pelaa guerra nacional contra o Japão. A única alteração se constituía nas diferentes tropas que coexistiam desconfiadamente e que, de vez em quando protagonizavam algum incidente. Tais tropas pertenciam a outros tantos ignotos Senhores ou Tríades e controlavam, cada uma, um setor da cidade. Existiam até facções nacionalistas e comunistas, além das aristocráticas ou nobres, tradicionalistas, religiosas e mafiosas. No entanto, Sining-Fu era, então, uma 'praça livre', quer dizer, não tinha caído sob o controle dos japoneses. Diante de um ataque exterior, paradoxalmente, cada tropa se ocuparia em defender sua parte da muralha e se esqueceriam de todas as diferenças, para fazer frente ao inimigo comum.

A comunidade *kâulika* de Sining-Fu era realmente importante. Comprovamos isso ao entrar no bairro 'dos caras-pálidas', chamado assim pela cor da pele de seus moradores, e admirarmos o enorme Santuário de Shiva que eles possuíam. Ofereceram-se para nos prover de todo o necessário para iniciar uma nova expedição ao Tibete. Entusiasmava-os especialmente a ideia de que empreendêssemos a aniquilação de outros Gompas como o dos *duskhas*. Ficaram desencantados quando lhes explicamos que deveríamos regressar para a Alemanha.

'Se nossa Raça chegar, algum dia, a dominar o Mundo, e se mantiver fiel à Sabedoria Hiperbórea das ᛋᛋ, ***não haverá lugar sobre a Terra para os adoradores e servos das Potências da Matéria***: a Eterna ᛋᛋ os destruirá sem misericórdia e os senhores, heróicos *kâulikas*, estarão junto a nós, usando, talvez, a insígnia ***Totenkopf***[52]' — assegurei-lhes, sem suspeitar que isso se faria realidade antes do que eu pensava.

Tendo em vista nossa irrevogável decisão, os *kâulikas* concordaram em apoiar a viagem para o Leste. Brevemente, expuseram-nos a situação. As

[52] ***Totenkopf***: *insígnia da* ***caveira***.

duas forças militares mais poderosas da China eram os 'nacionalistas' de Chiang Kai-Shek e os comunistas de Mao Tse-Tung. Antes de 1937, os dois exércitos lutavam encarniçadamente, mas agora enfrentavam juntos o inimigo nipônico. Como é natural, para qualquer um que compreenda a estrutura política da Sinarquia, os comunistas de Mao eram abastecidos pela União Soviética e os 'nacionalistas' de Chiang eram socorridos pela Inglaterra e pelos Estados Unidos — ou seja, o imperialismo anglo-saxão. E fraternalmente unida, como o estavam na Sinarquia seus sócios estrangeiros, a direita e a esquerda se aliavam contra o 'fascismo' japonês: ***em escala reduzida, estava ocorrendo na guerra chinesa o que sucederia quatro anos depois na Segunda Guerra Mundial***.

Havia apenas uma diferença, que, para o caso, não tinha importância, pois o homem desperto se guia por fatos e não por homens: ***era o qualificativo de 'nacionalistas' que adotavam para definir a si mesmos os membros do partido de Chiang Kai-Shek***. Curiosamente, aqueles 'nacionalistas' não eram apoiados por nós, os nacional-socialistas, mas pelo liberalismo extremo dos anglo-saxões. E isso se explica facilmente, porque isso é o que eram Chiang e seus partidários: expoentes da mais reacionária direita liberal da China, ou seja, a mais cipaia. Nisso de ser cipaio, partidário das potências colonialistas, em prejuízo de seu próprio povo, há que se admitir que Chiang Kai-Shek foi quase tão grande como o Mahatma Gandhi, esse agente do Serviço Secreto inglês, que entregou a Índia para a exploração de seus amos do ***Commonwealth***, impedindo que ali se concretizasse uma verdadeira revolução nacionalista, ou seja, nacional-socialista.

Por isso, chamar Chiang de 'nacionalista' seria uma chacota, uma piada de mau gosto, se não fosse porque o papel que o fizeram representar os seus chefes da Sinarquia causou, finalmente, a queda da milenar Cultura chinesa na mesquinha e estreita Doutrina marxista-leninista. Não, Chiang não era nacionalista, mas simplesmente um cipaio. E aquele que duvide disso, que veja o que ele fez com Formosa, a moderna Taiwan, onde não existem as corporações populares e os códigos éticos que caracterizam o nacionalismo, mas a voraz ação das companhias multinacionais e os bancos mundiais, e a ilimitada exploração do povo chinês, completamente impedido de decidir o Destino de sua 'Nação', uma vez que este já foi determinado pela Sinarquia.

Se um povo deseja ser imperialista, a História lhe oferece dois modelos clássicos, que, embora pouco compreendidos pelos observadores, têm sido muito utilizados em todos os tempos. Um é o modelo greco-romano, herdado do antiquíssimo conceito de 'Império Universal' dos indo-arianos. Esse modelo — e Roma nos deu um dos últimos exemplos — só exige que os povos restantes sejam submetidos militarmente, e não culturalmente. Assim, os povos de diferentes idiossincrasias poderiam se integrar ao Império romano conservando sua cultura, língua e costumes e, se eram suficientemente aguerridos para resistir à ***pax romana***, obteriam concessões extraordinárias, como a cidadania, conseguida por gauleses e espanhóis, e

o controle do exército e de todo o Império — o que foi logrado pelos germânicos. Isso foi possível porque, nesse modelo de Império, o valor se assentava paradoxalmente no valor real dos povos — era mais valioso o mais valente. Esse princípio tinha caráter indubitável e ninguém temia a ascensão imperial de um povo valente, pois era óbvio que esse povo seria valioso para o Império.

Isso indica que, nesse primeiro modelo, não seria necessário praticar a doutrinação cultural dos vencidos, empregar a lavagem cerebral, destruí-los moralmente, corrompê-los, mantê-los na barbárie ou fazê-los regredir à selvageria: ***isso não convinha a ninguém, era contra a essência jurídica do Império Universal Ariano, ou seja, era contra a Honra***. E aqui está o cerne da questão: o suporte técnico do princípio anterior e de quantos constituem o Império Universal é o Princípio dos princípios, o Princípio supremo que é a pedra fundamental da estrutura jurídico-social do Estado nacional — ***o Princípio da Honra. A justiça com a qual o Império tratará um povo conquistado ou aliado, da qual dependerá sua existência e desenvolvimento requer a garantia da Honra***. Por exemplo, Alexandre, imperialista com Honra, não precisou desmembrar o Egito, nem impor a língua grega aos egípcios, nem aniquilá-los, nem submetê-los à escravidão, nem destruir suas pirâmides, para aceitá-los, sem preconceitos, como federados do Império macedônico. E os romanos, saltando as distâncias, quando, finalmente submeteram os gauleses, que tinham resistido sangrentamente durante séculos, agiram da mesma forma honorável. E a tal extremo lhes abriram as portas do Império que, em pouco tempo, já não se falava mais de gauleses, mas sim de galo-romanos.

O outro Modelo de Império é o cartaginês, ***tipicamente não-ariano***, herdado pelos fenícios de seus antepassados semitas da Assíria, Babilônia e Suméria. Convém compreender esse conceito porque ao modelo cartaginês aderiram os ingleses e os norte-americanos, povos completamente judaizados pelo sistemático e incansável trabalho da Fraternidade Branca. Dos cartagineses Belicena Villca já falou em sua carta: povo de mercadores carentes de princípios éticos; hábeis apenas para o comércio e a pirataria; famosos pelos sacrifícios humanos que ofereciam ao seu Ídolo de Ferro Incandescente. Cartagineses, ingleses, ianques — como seus predecessores do império assírio-babilônico, pensavam que os restantes povos da Terra eram um artigo de consumo para seus apetites insaciáveis! Aqui está o princípio equivalente ao do valor dos povos do modelo greco-romano: para os cartagineses, ingleses e ianques, os povos subjugados não têm valor em si mesmos, mas ***na medida em que sejam úteis ao Império***. Assim, o povo conquistado ou dominado é escravizado, humilhado, desumanizado, esvaziado de seu próprio valor, ***transformado em ferramenta, em utensílio*** — vale enquanto serve. Um princípio judaico de valor que não é casual encontrarmos na cúspide do imperialismo anglo-saxão. Se um povo 'colonial' ***serve***, então deve ser explorado sem limites; ***se pode servir***, então deve ser doutrinado para que ofereça utilidade, o que representa um

investimento que se terá que proteger e recobrar com juros. Se algo se opõe à exploração, deve ser neutralizado. ***Se não se agisse assim — justificar-se-ão hipocritamente — não se estaria 'ajudando' esse povo a recobrar seu valor, quer dizer, sua utilidade***. O homem tem um preço, como as mercadorias: ***vale pelo que faz, e pode valer mais pelo que é capaz de fazer***. O Império cartaginês anglo-saxão se compromete a extrair o máximo valor utilitário dos povos, concedendo-lhes a possibilidade de valer muito produzindo muito. Aquele que se opuser a essa magnânima concessão dos que detêm o Poder do Mundo será destruído — para o bem dos que estão submetidos mas que podem demonstrar seu valor, em defesa da possibilidade de serem úteis aos imperialistas; possibilidade à qual denominam seriamente de 'liberdade democrática'. E o que é que se opõe a que esse povo que nada vale, se valorize, sendo útil ao Império, servindo, produzindo, permitindo que o Império se apodere de suas riquezas — se as tem — ou abstendo-se de gastá-las em proveito próprio, se o Império as necessitar, agora ou amanhã? É sua própria Cultura o obstáculo? Então, será reculturado por todos os meios possíveis. É a consciência nacional o inimigo? Pois então se atacará a essência do Ser nacional, começando por desprestigiar ou negar os bens próprios e enaltecer os bens de fora; contrariamente, se diminuirão os males que vêm de fora e se exagerarão ao máximo os males próprios. Assim, entrará em colapso a confiança no Destino nacional, e o povo acreditará, confundido, que a distância cultural entre a fraqueza nacional própria e a força e grandeza alheias é insuperável. O segundo passo consiste em atacar especificamente as bases do Ser nacional: a territorialidade, os símbolos pátrios, as tradições, etc. As fronteiras serão deslocadas ou ameaçadas, para criar a sensação de que a Nação 'não foi terminada', que é algo construído pela metade, que não existe. Serão caluniados os líderes da pátria, que mal ou bem contribuíram para a sua existência, para que o povo se envergonhe do seu passado. Apresentarão, para comparação, ao contrário, os contemporâneos imperialistas da nação estrangeira, para que o povo repudie seus heróis e admire os gringos; e além disso se lamente: 'o que fazíamos nós, enquanto eles construíam seus poderosos Impérios?'

O impedimento é a unidade racial? Então o povo será miscigenado, favorecendo-se a imigração de raças inferiores. É a unidade nacional o problema? Será desintegrada, subornando-se ou comprando-se dirigentes, confrontando-se uns com outros, e criando o caos, para evidenciar que 'se trata de um povo cujos membros não conseguem entrar em acordo.'

Como você vê, *Neffe*, o modelo cartaginês tem um ***modus operandi*** completo, na ação dos imperialistas. Enquanto no modelo greco-romano 'o mais valioso era o mais valente', e os povos valorosos podiam crescer e se desenvolver sem problemas, segundo suas próprias diretrizes culturais, no modelo cartaginês anglo-saxão é aplicado permanentemente o princípio 'vale enquanto serve', o que obriga a subjugar os povos vencidos, ou dominados, mediante as práticas mais vis. E aqui chegamos também ao cerne da

questão: o suporte jurídico do princípio anterior, e de quantos constituem o Império cartaginês anglo-saxão, é o Princípio dos princípios sinárquicos, o Princípio Supremo que é a pedra fundamental da estrutura jurídico-social do Estado sinárquico: ***o Princípio da Divisão***.

Divisão de quê? De tudo, porque o Princípio da Divisão outorga ao Imperador ou Rei — cartaginês, inglês ou ianque — ***o direito*** de dividir a estrutura dos povos. É necessário comparar imediatamente, para que se ressaltem as diferenças: o Princípio da Honra dos imperialistas greco-romanos era essencialmente ***ético*** e criava a ***obrigação*** de buscar o bem comum, de valorizar o valor do valoroso; pelo contrário, o Princípio da Divisão dos imperialistas cartagineses anglo-saxões era fundamentalmente jurídico e amoral e gerava ***o direito de dividir*** para assegurar o valor dos que servem, para proteger a liberdade democrática de valer sendo útil, produzindo, servindo.

Aqui estão as diferenças fundamentais de ambos os modelos: o ético contra o jurídico e amoral; a obrigação moral de buscar o bem comum contra o direito amoral de dividir o bem comum para extrair seu valor utilitário. O imperialismo greco-romano produzia 'cidadãos do Império', honroso título que de forma nenhuma menosprezava sua nacionalidade ou orgulho racial. O imperialismo cartaginês anglo-saxão modela 'cidadãos do Mundo', ambíguo e desonroso título que, na maior parte das vezes, oculta uma traição inconfessável.

Os cidadãos do Império já conhecemos pela História. É interessante, ao contrário, saber como são os 'cidadãos do Mundo', título análogo ao de 'escravos da Sinarquia'. Pois bem, trata-se de seres que foram formados de acordo com o modelo cartaginês anglo-saxão, ou seja, seres que passaram por todas as formas do Princípio da Divisão. São habitualmente ***internacionalistas***, porque sua nacionalidade foi ***dividida*** e desintegrada — acreditam que a ***internacionalização*** supera a diferença entre os povos. São ***pacifistas*** convictos, porque sua estrutura psíquica foi ***dividida*** *freudianamente* e seu instinto guerreiro qualificado de 'tendências agressivas primitivas que se originam no córtex, o cérebro animal, e surgem através do Inconsciente'. Para a cultura psicanalítica, o instinto guerreiro é um impulso vergonhoso, quase animal, sumamente perigoso, 'porque pode encarnar o Mito do Herói' e se tornar dominante na consciência. Aqueles que estão assim doutrinados, identificam guerra com selvageria, e acreditam que a paz deve ser conseguida a qualquer custo, pois nesse estado social é possível demonstrar a ***utilidade***, servindo ao imperialismo pacifista, Governo Mundial, Sinarquia, ou seja qual for o nome do sistema que os explore. Esses exemplares são daltônicos para a nacionalidade e foi-lhes bloqueado o instinto guerreiro; carecem, portanto, de heroicidade, de capacidade de reação patriótica, são seres psicologicamente mutilados, que acreditam na união de vários conceitos impossíveis de se unir sob um imperialismo cartaginês anglo-saxão: paz, felicidade, criação, progresso,

liberdade, civilização do amor, fraternidade universal, etc. Naturalmente, em nossa época, podem ser bons comunistas ou bons liberais, indistintamente.

Mas, além de ***internacionalistas*** ou ***pacifistas***, podem ser colaboradores do sistema imperial cartaginês, trabalhando de dentro de suas Nações, nas quais não acreditam, para favorecer a contribuição de valor utilitário que os imperialistas atribuíram ao seu povo ou país; ou podem ser agentes internacionais do imperialismo e se dedicarem a executar seus planos. De qualquer forma, sua tarefa consistirá, seja de dentro ou de fora, em ***dividir***, quer dizer, em aplicar o Princípio da Divisão onde existir algo unido e que se oponha ao imperialismo cartaginês anglo-saxão: a intriga, a corrupção, o maquiavelismo, o suborno, a insídia, a difamação, a publicidade, a desinformação, dentre outros; todos os meios e crimes serão válidos para ***dividir*** todos e fortalecer as partes que forem ***úteis*** e ***sirvam*** ao imperialismo estrangeiro. Na formação de lacaios desse tipo, o imperialismo cartaginês anglo-saxão sempre destacou: ***o tipo clássico é o 'cipaio'***. Naturalmene, não me refiro ao cipaio indiano, ao homem concreto que, muitas vezes, com incrível valor, tentou se livrar dos espoliadores ingleses, mas ao ***tipo*** do cipaio, um tipo de homem '***valioso para seu serviço***', que os ingleses queriam fabricar, dividindo todos os seus princípios. Em Cartago existiram milhares de mercenários desse tipo. Na Ásia e na África os ingleses os fabricariam às centenas de milhares.

E chegamos, assim, a Chiang Kai-Shek, que era o clássico tipo de cipaio a serviço da potência colonial cartaginesa anglo-saxã, e comprovamos que, ao definir corretamente os termos, tal personagem nada pode ter de 'nacionalista' e sim muito de agente imperialista. Ele, como Gandhi na Índia, Marcos nas Filipinas, F. Duvalier no Haiti, Reza Pahlevi no Irã, Tito na Iugoslávia, Fidel Castro em Cuba, e tantos incontáveis tiranozinhos da Ásia, África e América Latina, foram grandes cipaios que, sistematicamente, dividiram os verdadeiros movimentos nacionalistas de seus países e depois os esmagaram parte por parte. Entende-se que o nacionalismo é o pior inimigo do imperialismo cartaginês anglo-saxão.

Então, *Neffe*, demonstrei a você que o Princípio Supremo do imperialismo cartaginês anglo-saxão é o Princípio da Divisão e o opus ao Princípio da Honra, que fundamenta o Império Universal Ariano. Pois bem, é necessário acrescentar que tal 'Princípio da Divisão' ***é essencialmente não-ariano***.

Mas não se trata apenas de uma hipótese o fato de que tanto os cartagineses como os fenícios, egípcios, assírios, babilônicos, etc., tenham empregado esse Princípio profundamente, porque nos Reinos arianos onde a hipocrisia sacerdotal predominou durante alguns períodos, o Princípio da Divisão também foi usado, dado que as castas Sacerdotais e a Sinarquia registram ambas interesses comuns. A prova de sua origem não-ariana está, como não poderia deixar de ser, em sua procedência bíblica. Ou seja, o Princípio que dá o ***Direito de Dividir***, ainda que antigo e não-ariano, encontra sua formulação jurídica no povo que adora um Deus de Justiça,

que estabelece as Tábuas da Lei — e esse povo é Israel, o Povo Eleito por Jeová Satanás.

Para apresentar o Princípio da Divisão, os Doutores da Lei o expressam mediante uma metáfora, no Livro I dos Reis. A partir dessa figura se extraiu o Princípio que foi regulamentado legalmente ***e convertido em direito Divino de Reis e Imperadores; e modernamente, em direito não declarado próprio dos hierarcas do imperialismo cartaginês anglo-saxão***.

Logicamente, por se tratar de um direito, sua efetivação deve ser realizada no transcurso de um julgamento — julgamento cuja decisão seja inapelável, de tal maneira que o direito efetivado se torne um Princípio Supremo, uma Lei Principal. Um juiz capaz de proferir uma decisão com tão incontestavel força de lei só poderia ser 'o homem mais sábio da Terra e da História' — e também deve ser Rei, porque o Princípio da Divisão é outorgado apenas a Soberanos do modelo cartaginês.

O homem que tinha tais condições era, claro, o Rei Salomão: ***'Teu servo Salomão está no meio do Povo Eleito, que é tão numeroso que não se podem contar os membros de sua multidão. Concede, pois, ao teu servo um coração prudente, para que saiba*** **julgar** ***e discernir o bom e o mau. Por que quem é capaz de julgar este teu Povo tão considerado?'***

Jeová gostou que Salomão fizesse esse pedido, e por isso disse: ... Vou te conceder o que pedes: dar-te-ei **um coração tão sábio e inteligente, como não existiu outro antes de ti e nem haverá depois de ti.'** ***(I Reis 3,7).***

O personagem já foi apresentado: é sábio por disposição de Deus, seu julgamento é inapelável, e é Rei. Deve, em seguida, exercer o ***Direito de Dividir***, para que se torne um Princípio Supremo, uma Lei Principal. A oportunidade é oferecida por duas prostitutas judias que discutem sobre a maternidade de uma criança: uma delas substituiu seu filho morto pelo menino da outra.

'Disse então o Rei: esta diz 'meu filho é o vivo, e o teu filho é o morto', enquanto aquela replica 'não é verdade, teu filho é o morto e o meu é o vivo'. O Rei fala 'trazei-me uma espada' e ordena 'dividam em dois o menino vivo e deem uma metade a uma e a outra metade à outra'. (I Reis 3,23)

Este é o famoso 'julgamento salomônico', que legaliza o direito do Rei de dividir, ***se isso é útil***. Neste caso, a utilidade é conhecer a verdade, que valorizará a mãe com seu filho, restabelecendo a justiça. É necessário perceber que se deixou bem claro o caráter Sacerdotal da Investidura: o Rei não porta a espada, mas a solicita — é um Sacerdote. Lembremos que a Bíblia é um Livro Sagrado e que nela até a última vírgula tem significado. Escutamos diariamente os pregadores evangélicos qualificarem a Bíblia de 'Palavra de Deus'. Mas há aqueles que acreditam cegamente que isso é certo: são os Rabinos Cabalistas, os mesmos que, justamente, controlam secretamente a Maçonaria e dezenas de Sociedades Secretas da Sinarquia

— organizações nas quais, casualmente, militam os 'homens de Estado' que dirigem o imperialismo cartaginês anglo-saxão.

Portanto, é coisa séria o Princípio que se depreende da metáfora bíblica. O que significam, em termos rabínicos, aquelas imagens? Que o Sacerdote-Rei tem o ***direito*** de solicitar a Espada e ***dividir***; ***e que esse ato é justo***. Não apenas justo, mas a fonte da Justiça. A Justiça, no princípio do julgamento, não está manifestada, não se sabe quem é, na verdade, a mãe. ***A Justiça se fez presente*** **a posteriori** ***de que o Sacerdote-Rei exerceu o direito de dividir***. Em resumo: ***o Sacerdote-Rei pega a Espada, 'o Poder do Estado', e exerce o direito de dividir o corpo de um menino, 'um povo pequeno', e isso é justo, produz a Justiça, o próprio fundamento do Sacerdote-Rei***. Conclusão: ***o direito do Rei de dividir suas bases justifica a ruptura e fortalece o Trono***.

Com seu costumeiro realismo, os Doutores Rabinos interpretaram desse modo o julgamento salomônico e o sintetizaram no Talmude, de onde certamente o aprendeu Maquiavel: '***o Rei deve dividir para reinar***'.

Esse princípio não-ariano, judaico e amoral se constituiu no axioma diretor dos imperialistas cartagineses anglo-saxões. Eles dividem tudo, como demonstrei antes, e mesmo no momento de se retirarem, por exemplo, de uma colônia, deixam-na dividida em todas as áreas possíveis, desde a territorial até a política e econômica, contando, para essa tarefa, com as suas cortes de cipaios.

Lembre-se, *Neffe*, que a célebre '***Divisão Internacional do Trabalho***' é um conceito do liberalismo inglês do século XIX. Agora você pode ver que se inspira nos Princípios talmúdicos: ***'o Rei, se é Sábio, deve dividir as suas bases para reinar'; 'o Rei é o único todo, ao qual não podem chegar nenhuma das partes'; 'as partes do Reino valem enquanto servem'***. Naturalmente, este Reino é Malkhut, a décima Sephiroth.

Capítulo XXXVI

Os comunistas e os nacionalistas do Kuomintang — nos explicaram os *kâulikas* de Sining — se bem que lutassem unidos contra os japoneses, mantinham fortes confrontos entre si nas regiões interiores da China. O Japão controlava toda a costa oriental, ao sul de Cantão, e ocupava cidades tão importantes como Xangai, Nanquim, Hankou, Pequim, e outras. Mas nunca foi fácil se apoderarem da China. Inumeráveis cidades estavam dominadas pelas tropas de Chiang Kai-Shek, enquanto os comunistas eram notavelmente fortes nas áreas rurais, onde contavam com a simpatia incondicional do campesinato chinês — isso era o resultado de 20 anos de proselitismo no campo, contradizendo os postulados do marxismo-leninismo, que afirmavam a primazia revolucionária do proletariado ou classe operária urbana. Aquele acerto tático político fora obra de Mao Tsé

Tung. E assim um pequeno movimento de guerrilhas, que começou nas províncias austrais de Kiangsi[53] e Fukien, e se espalhou para a zona central Szechwan, depois da 'longa marcha', agora era uma poderosa força militar irregular, que tinha sob seu controle três províncias mais, em torno de Yenan: Shensi, Ningshia e Kansu, a província na qual nos encontrávamos.

Isso significava que os comunistas imperavam no campo e vigiavam os caminhos daquela região. Por outro lado, as forças de Chiang Kai Shek, fortes nas cidades, também patrulhavam os caminhos, hostilizando, às vezes, os comunistas. Essa situação implicava em riscos certos para quem tentasse se deslocar para o Leste, sem estar envolvido em algum dos bandos da luta. O Shivaguru de Sining nos propôs uma forma de chegarmos a Xangai:

'Uma vez que os senhores não consideram os japoneses seus inimigos, vou lhes sugerir um modo de chegar até eles sem que antes sejam mortos pelos comunistas ou pelos nacionalistas. Há alguns meses atrás isso teria sido muito simples, transitando pelos caminhos do Noroeste e aproveitando os trechos navegáveis do Rio Amarelo. Mas, agora ocorreu uma terrível desgraça que tornou intransitável essa região: o ***Tung Chih***[54] Chiang Kai-Shek — que Kuan Yin tenha piedade de seu apaixonado coração — acaba de explodir os diques do rio Hoang-Ho para deter o avanço dos japoneses, mas essa ação custou um terrível sacrifício de vidas chinesas inocentes.'

Efetivamente, *Neffe*, em 1938, Chiang inundou o vale do Rio Amarelo e condenou a morrer afogada a enorme quantidade de 880.000 pessoas. Sim, quase um milhão de mortos, por causa de apenas uma ordem: ***e que eu saiba, ninguém o levou a julgamento por 'crimes contra a humanidade', em 1945***. Se isso não aconteceu, teremos que admitir que foi absolvido de antemão, e que esse indulto lhe foi concedido em reconhecimento à sua refinada qualidade de cipaio.

'As coisas estão assim' — continuou o Shivaguru — 'aconselho aos senhores que viajem até Lan-Chen-Fu, cidade situada a 200 quilômetros a Leste. Dali é possível se dirigirem a Xangai ***de diferentes formas: já lhes direi como***. Lembro-lhes que em tempos de paz era viável percorrer os 200 quilômetros que distavam de Xangai usando a ferrovia. Agora isso não pode ser feito, pois o trecho que nos levava a Lan-Chen-Fu está interrompido pela explosão da ponte sobre o Rio Amarelo. E de Lan-Chen-Fu só funciona um ramal ferroviário que não chega além de Cheng Chou, na província de Honan[55]. Enfim, os senhores terão que percorrer a cavalo os 200 quilômetros, por um caminho infestado de guerrilheiros ou de 'nacionalistas' e, possivelmente, deverão matar membros dos dois bandos. Mas não se preocupem — matar é tarefa comum nestes dias!

---

[53] *Exemplo de nome chinês:* ***Kiang****, rio;* ***Si****, Oeste;* ***Kiangsi****, Rio do Oeste.*

[54] ***Tung Chih****: Camarada.*

[55] ***Ho****, rio;* ***Nan****, sul;* ***Honan****: Rio do Sul.*

Os senhores são onze. Vou reforçá-los com 25 homens armados de fuzil, parte da tropa que protege o nosso bairro. Falemos agora do que os senhores farão em Lan-Chen-Fu. Ouviram falar da ***Banda Verde***?'

'Trata-se da irmandade de bandidos?' — perguntou von Grossen, que, evidentemente, conhecia algo a respeito do assunto. O Shivaguru sorriu, com um gesto compassivo.

'Não sejam duros conosco. A Banda Verde é uma Sociedade Secreta. E as Sociedades Secretas são para a China o que as fragrâncias são para as flores. A Banda Verde é uma Sociedade de Iniciados que compartilham do nosso próprio Tantra e comungam do mesmo Tao: muitos de seus membros foram ou são monges *kâulikas*. Só que eles, por sua idiossincrasia particular, escolheram um caminho que se interna muito mais no Mundo dos homens adormecidos. Mas eles, é claro, não poderiam aceitar nem cumprir as leis desse Mundo sem acabarem ficando também letárgicos. E não o fazem! Eles agem a seu modo, segundo seu próprio código de Honra, e por isso são chamados de 'bandidos' pelos homens adormecidos. Mas não os subestimem, pois se requer muito valor para ser o Senhor de Si Mesmo em meio aos prazeres e às tentações — só quem provou e dominou o desejo pelas Cinco Coisas Proibidas dispõe de vontade suficiente para atuar na Banda Verde.

Esse caminho não é para qualquer um, repito. Eu, por exemplo, prefiro a tranquilidade de nossos Monastérios, a serenidade dos ginásios de Artes Marciais, ***ao permanentemente perigoso caminho da Banda Verde***. No entanto, todos nós nos necessitamos, se temos que caminhar lutando para a mesma meta. Assim, a Banda Verde ajuda o Círculo Kâula com o que representa o seu forte: o domínio dos valores materiais. E o Círculo Kâula auxilia a Banda Verde com o melhor que sabe fazer: ***sha***[56]. Naturalmente, para nós, como para Krishna, o Filho de Indra, ***matar não significa nada, se o Espírito do assassino está além de Mâyâ, a Ilusão da Vida; se quando nossa cimitarra corta a vida miserável, o Espírito dança junto a Shiva o Baile da Destruição***.

Sei que eu não deveria explicar estas coisas aos senhores, que estão iluminados por Shiva, e que realizaram a maravilhosa proeza de dizimar os vampiros *duskhas*. Eu lhes perguntei a respeito da Banda Verde não para conhecer as suas opiniões, mas para informá-los de que serão eles que os conduzirão até Xangai. Em Lan-Chen-Fu vamos colocá-los em contato com a Banda Verde e, a partir de então, os senhores ficarão nas mãos deles, que são de absoluta confiança. Se quisessem, poderiam tirá-los da China por Hong Kong, mas se insistem em tratar com os japoneses, podem ir, do mesmo modo, para Xangai.'

Antes de sair, o Shivaguru de Sining nos fez uma notável reflexão:

'Os senhores, alemães, se equivocam ao confiar nos japoneses. Eles, cedo ou tarde, vão traí-los! Nós os conhecemos há milênios e, por isso, podemos

---

[56] ***Sha***: ***matar***.

falar com autoridade: ***no fundo são miseráveis budistas, embora se gabem de sua tradição samurai***. Um dia foram valentes guerreiros, é certo, mas disso resta só a lembrança. E de lembranças vivem os inválidos e os anciões. ***Eles foram trabalhados pelos Sacerdotes budistas da Fraternidade Branca, foram 'moralizados', quer dizer, abrandados, enfraquecidos, amansados, pacificados***. Hoje, sob a aparente ***austeridade***, palpita o Dragão da Inveja pelo luxo e a Cultura ocidental; sob o disfarce da ***humildade*** suspira o burguês desejoso de todos os prazeres; sob a máscara do ***guerreiro*** consagrado às penúrias da luta, está o rosto pusilânime do que ama as comodidades da paz; sob a declamada ***honra*** se oculta a traição. Lembre-se de minhas palavras, *Shivatulku*, e as repita ao seu Führer, se puder. ***Seu aliado natural não é o Japão, mas sim a China: por aqui passa o Tao!***'

Ai, *Neffe* Arturo, quanta razão tinha aquele monge *kâulika* em 1938! Tal como o Führer me explicara naquela noite da graduação, na Chancelaria, e tal como era de público conhecimento, ele foi o primeiro que desnudou a armadura interna da Sinarquia e expôs sua medula judaica. No centro estava o Sionismo, mantido esotericamente pelos Sábios de Sião do Grande Sinédrio. Para dominar o Mundo, a Sinarquia dispunha de duas alas táticas: uma direita ou judaico-liberal, e outra, esquerda ou judaico-marxista. A ala direita era apoiada esotericamente pela maçonaria e centenas de seitas afins. O marxismo contava diretamente com o controle dos membros do Povo Eleito, de forma que suas bases esotéricas seriam simplesmente rabínicas. Segundo o Führer, o homem politicamente mais esclarecido da história, assim funcionava organicamente a Grande Conspiração Judaica ou Sinarquia Universal. Mas, uma coisa era afirmar isso e outra demonstrar. Como conseguir que o inimigo — um inimigo suficientemente capaz de desenvolver uma Estratégia durante séculos e envolver nela povos, países e nações — seja desmascarado? Como conseguir que o Inimigo abandone todas as precauções e deixe que seja descoberta sua tenebrosa aliança? Como provocá-lo para que se delate dessa forma?

O Führer encontrou a solução. 'Se há algo que jamais os Sábios de Sião, a Sinarquia, a Fraternidade Branca, e o próprio Criador Jeová Satanás permitirão ***é que o comunismo pereça***' — foi mais ou menos o genial raciocínio. Efetivamente, o comunismo, a mais pura expressão política da mentalidade judaica, não se poderia perder; semelhante possibilidade, para a Sinarquia, era naturalmente inconcebível. E desse ponto de vista político 'o comunismo', portanto, ***era a União Soviética***. Em síntese, ***um golpe tático contra o comunismo soviético obrigaria todos os Estados partícipes da Sinarquia a correrem em auxílio ao seu aliado***. Atacar a União Soviética era, assim, um objetivo estratégico de primeira ordem contra a Sinarquia Universal. O Führer sabia disso e atuou conscientemente, prevendo que a Guerra Total do Terceiro Reich contra a Sinarquia seria uma Guerra de Princípios Supremos: o Espírito Eterno contra as Potências da Matéria. Durante a guerra, previu o que viria, com sua habitual precisão:

'***se ganharmos a guerra, o poder judaico mundial desaparecerá para sempre; se perdermos, seu triunfo será de curta duração, pois sua organização ficará definitivamente exposta***'.

E o que fizeram os 'Camaradas' japoneses para favorecer a Estratégia do Führer? Recordemos. A Alemanha invadiu a União Soviética em 22 de junho de 1941. Qualquer um pensaria que, com um 'aliado' como o Japão ocupando a China desde 1937, a União Soviética se veria entre dois fogos. Pois quem assim pensasse, se equivocaria muitíssimo pois, em 13 de abril de 1941, 'casualmente' dois meses antes da Operação Barbarossa, o Japão assinou o '***Pacto de Não-Agressão Nipônico-Soviético***, que implicou na desmilitarização da Manchúria e da Mongólia. É claro, *Neffe*, que se o Japão tivesse compartilhado realmente de nossa ***Weltanschauung***, teria atacado a União Soviética simultaneamente com os alemães. Com os exércitos alemães pelo Oeste e as hordas japonesas pelo Leste, o comunismo soviético seria asfixiado em uma mortífera pinça nacional-socialista.

Logicamente, depois de 1945, refleti muito sobre as palavras do Shivaguru de Sining e foi difícil não lhes dar a razão, uma vez que os fatos as confirmaram. Claro que diante da atitude desonesta do Japão mais nos valeria ter por aliados os chineses. Eles, naqueles anos, desejavam destruir o comunismo soviético quase tanto quanto tirar os japoneses de seu país. O Führer tinha se equivocado ao confiar no Japão — erro que lhe custou a Campanha da Rússia e o resultado da Guerra Mundial? Eu acredito que não houve tal erro e que a Estratégia do Führer era tão genial que iria conseguir o incrível efeito de revelar a 'mentalidade judaica' onde quer que estivesse, mesmo entre os próprios 'aliados' da Alemanha. Em uma guerra de Princípios Supremos como a que travara o Führer, não interessava 'ganhar' ou 'perder' na Terra, no plano material, mas impor uma ***Weltanschauung*** espiritual, cujo valor estava totalmente fora do plano material. Se a ***Weltanschauung***, a concepção hiperbórea do Mundo, 'nossos estandartes', fosse compreendida pelo homem de Honra, a guerra estaria ganha, mesmo que sofresse um tropeço material. Se a ***Weltanschauung*** não fosse compreendida, ou fosse esquecida, a guerra estaria perdida, mesmo quando nos favorecesse o destino das armas. Nessa guerra de Princípios Supremos, não interessaria uma vida sem Honra. Seria o momento histórico no qual cada povo demonstraria seu verdadeiro Ser e o que desejaria ser. Um homem extraordinário, talvez um Deus, a quem os *kâulikas* chamavam de Senhor da Vontade Absoluta, tinha criado as circunstâncias que obrigariam cada povo a manifestar sua essência, que colocaria a Sinarquia a descoberto, que maturaria o pus judaico e o faria brotar ali onde estivesse incubando seu cultivo corruptor. Sendo assim, o Führer se equivocou ou acertou maravilhosamente, ao conseguir que o Japão fosse desmascarado diante do Mundo e da História, e mostrasse sua face oculta, que hoje causa a admiração da Sinarquia?

Na História não existem surpresas. Os fatos históricos registram causas que, às vezes, remontam a séculos ou milênios anteriores. O Japão é hoje

um gigantesco *kibutz*: a 'mentalidade judaica' se impôs em todas as áreas, de forma semelhante ao que acontece na Inglaterra, e predomina um generalizado consenso para que o país permaneça alinhado à Sinarquia, pertença à Comissão Trilateral, à O.N.U., à O.T.A.N., e a outras organizações sinárquicas. Todo mundo no Japão fala de *iene*, de paz, de consumo, de turismo, de irmandade, liberdade, fraternidade, etc. Essa 'mudança', aparentemente 'surpreendente', dada a vocação 'guerreira' dos japoneses antes da Segunda Guerra Mundial, é realmente uma mudança, devido ao castigo de Hiroshima e Nagasaki, ou a exibição da verdadeira natureza dos japoneses, os quais, talvez, por uma espécie de trauma coletivo, quiseram, durante séculos, serem o que não eram — isto é, Kshatriyas, Samurais — e simularam, representaram, o papel de guerreiros? Porque todos os fenômenos históricos, como essa suposta 'mudança' dos japoneses, têm causas antigas que os justificam: ***ninguém se torna judeu da noite para o dia, nem que o circuncidem; para ser um bom filho de Israel são necessárias muitas 'virtudes', como, por exemplo, a usura e o amor ao lucro, que requerem muito tempo para se desenvolverem***. Mas, em tão pouco tempo, os japoneses demonstraram ser tão bons judeus como os israelistas e os ingleses. Isso não significa que no Japão a mentalidade judaica já se encontrava em estado de larva e que o calor de Hiroshima e Nagasaki apenas produziu sua metamorfose — o nascimento da crisálida sinárquica que hoje em dia já é uma bela borboleta a mais no enxame da Fraternidade Branca?

Querido *Neffe*, você é um jovem idealista e conhece bem a História. Escute este princípio, comprovado por um velho que viveu muito, e que sintetiza tudo quanto lhe disse sobre a atitude dos japoneses: ***nenhum povo, jamais, perde sua Honra de repente; não há nenhum exemplo na História que prove o contrário. Os povos, como tudo o que vive, seguem as leis da natureza e, entre eles, como entre os habitantes da selva, há povos leões e povos ovelhas, povos condores e povos ratos; e, como entre os animais, nenhum leão se torna, de repente, uma ovelha, nenhum condor se transforma subitamente em rato. Se tal 'mudança' fosse, na verdade, possível, requereria uma longa, milenar, evolução***. Claro que, como nas fábulas, as ovelhas podem, algumas vezes, se disfarçarem de leões, os ratos podem se vestir de condores. Eu creio nisso: ***a Estratégia do Führer marcou uma hora histórica, análoga à hora combinada nos bailes à fantasia, quando todo mundo deve tirar sua máscara, e nessa hora percebemos as ovelhas e os ratos, e uma infinidade de vermes a mais, sob as vistosas e enganadoras roupas de leão, condor e outros predadores***.

Acredito, *Neffe*, que os japoneses já eram, antes da Guerra Mundial, o que são hoje; que não mudaram em nada; que o Shivaguru tinha razão em seus temores, mas que não compreendia totalmente a Estratégia do Führer; que, realmente, nos traíram, pois seus corações estavam com a Fraternidade Branca, ainda que seus lábios desmentissem os atos estratégicos opostos à

nossa ***Weltanschauung***; e que isso era previsível, especialmente para os chineses, que há milênios 'sabiam com que tipo de bois aravam'. Mas a traição não consistiu apenas no infame pacto, escrupulosamente respeitado, que deixava os soviéticos com as mãos livres para se ocuparem apenas da Alemanha. Lembremos também que, em 7 de dezembro de 1941, quando os alemães enfrentavam o terrível inverno russo, combatendo sem trégua contra os bolcheviques, os 'Camaradas' japoneses atacaram os Estados Unidos em Pearl Harbor, concedendo, dessa forma, a oportunidade a essa colossal e estúpida potência sinárquica para intervir diretamente na contenda mundial.

De acordo com o modelo clássico da Justiça judaica, o 'pecado' de um povo para com Jeová é redimível mediante o Sacrifício Ritual de uma parte de seus membros e a sujeição do restante à Lei. Se bem que os japoneses não participassem diretamente das bondades da cultura judaica, sua dedicação ao budismo e a todo tipo de religião fundada na *Kâlachakra* de Chang Shambala demonstrou que seu afastamento da Lei não era tão grande. O pecado maior consistia, sem dúvida, em sua recente aliança com o nazismo e o fascismo. Mas esse pecadinho só requeria um purgativo de Fogo, diante da condenação eterna que os Rabinos pretendiam aplicar ao nacional-socialismo alemão.

Como purgar um povo inteiro por um pecado que ofende o Criador? Mediante a lixívia, respondem os Rabinos. Lavando o pecado de toda a Raça por meio da lixívia humana obtida no Sacrifício ao Uno, e reincorporando, depois do purgativo, toda a Raça ao Paraíso da Sinarquia Universal. O preço a pagar não seria muito alto: 250 a 300 mil homens bastariam para fabricar a cinza necessária. Os Rabinos e os Sacerdotes japoneses da Fraternidade Branca arranjaram o pacto, e é assim que, nos dias 6 e 9 de agosto de 1945 caíram as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, respectivamente — cinza de milhares de homens, sal da Terra e do Céu, água do Céu e da Terra, lixívia humana que lavaram o pecado do homem contra Jeová Deus e contra a Lei de Deus.

Quem ordenou o mini-Holocausto de Fogo dos japoneses foi o presidente hebreu dos Estados Unidos, Harry ***Salomão*** Truman, cujo verdadeiro sobrenome era ***Shipp***. Maçom de grau 33, contou com a assessoria oculta do Grande Sinédrio e judeus e maçons da importância de Dean Acheson, do General Marshall, Snyder, Rosenman, e outros, os quais foram abertamente apoiados pelos bancos judeus de Baruch, Eleanor Roosevelt, Herbert Lehman, Averell Harriman, Paul Hoffman, Walter Lippmann, etc. Isso porque a verdadeira obra sinárquica dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial não foi desenvolvida por Truman, que só chegou ao poder em 12 de abril de 1945, depois da repentina morte do judeu Roosevelt — que foi o autêntico realizador dos planos judaicos. Descendente de Claes Martensen van Rosenvelt, hebreu de linhagem pura, que imigrou para Nova Iorque em 1644, Franklin Delano Roosevelt tinha dupla ascendência judaica: tanto seu pai, James Roosevelt, quanto sua mãe, Sarah Delano,

pertenciam ao Povo Eleito. E também sua esposa, Eleanor, era filha dos judeus Elliot e Anna Hall. A máfia judaica que promoveu a crise de 1929 o catapultou ao poder. Alguns dos colaboradores dessa época eram judeus de extrema periculosidade e maldade sem igual, como Bernard Baruch, Herbert Lehman, Averell Harriman, Sol Bloom, Samuel Rosenman, Henry Morgenthau, Oscar Straus, Joseph Davies, Truman, e outros; todos de excepcional poder na Casa Branca.

Tendo-se cumprido o Sacrifício e lavado o pecado japonês com lixívia humana em Hiroshima e Nagasaki, viria a recompensa que está à vista: o plano de reconstrução projetado pelo judeu Marshall, o fim do 'militarismo' japonês, a integração ao sistema sinárquico internacional, a permuta dos samurais pelos *ienes*, a elevação de seu padrão de vida; enfim, a descoberta do verdadeiro rosto do Japão, como adiantara sabiamente o Shivaguru de Sining.

É claro que essas acusações contra o Japão não podem ser relativizadas nem atenuadas pelo fato, que é certo, de que durante a Guerra, muitos japoneses combateram com heroísmo sem igual, como, por exemplo, os kamikazes. É necessário chamar as coisas pelo seu nome e reconhecer as exceções às regras. Assim como na Alemanha leal existiram incontáveis traidores, no Japão traidor se destacaram honrosamente muitíssimos valentes guerreiros leais.

Capítulo XXXVII

Se Sining-Fu me espantara por suas grandes dimensões, o que dizer de Lan-Cheu-Fu, que era quatro vezes maior? Mas se tratava de dois tipos diferentes de cidade. Sining-Fu representava a típica urbe fronteiriça, situada sobre um importante caminho comercial; sua vida dependia mais do que tudo do tráfego de mercadorias e não se interessava particularmente pela produção — por isso parecia, como disse, um descomunal mercado. Lan-Cheu-Fu, pelo contrário, constituía a clássica metrópole. Era a capital da província de Kansu e, se bem que comercializasse tanto ou mais do que Sining, estava dotada de setores-chave, tais como indústrias têxteis e siderúrgicas, e acumulava uma grande variedade de produtos agrícolas. Assentada sobre a margem direita do Rio Amarelo, dava a impressão de se tratar de uma cidade medieval europeia, por causa de suas muralhas fortificadas e suas altas torres; mas sua densidade demográfica era incomparável: por volta de 1.000.000 de habitantes. Apesar de existirem subúrbios fortificados de aspecto pobre, por trás da muralha se encontrava a parte principal da cidade — umas 80.000 casas de madeira finamente decoradas, com todas as suas ruas pavimentadas de mármore ou granito verde. Os 'nacionalistas' tinham se apressado a ocupá-la, aquartelando um

regimento de 10.000 efetivos. O motivo? Controlar uma famosa fábrica de canhões pesados e outras de pólvora e fuzis.

Coisas da China. Ou talvez do racionalismo de Confúcio. O curioso era que na muralha de Lan-Cheu-Fu existia uma Shen Hei, ou '***porta negra'***, que não recebia esse nome por causa da cor com que era pintada, mas porque pertencia ao ***mercado negro***. Com um exemplar sentido prático, o Tsung-Tu[57] negociou com os chefes do crime organizado a cessão daquela porta. De acordo com o arranjo, os mafiosos se encarregariam de manter uma guarda permanente, coordenada com a guarda nacionalista das portas restantes; poderiam, então, canalizar pela Shen Hei todo o contrabando que quisessem, sem serem incomodados pela polícia. O ganho que o Tsung-Tu obtinha com esse pacto original se baseava na tranquilidade de suas tropas, que poderiam ser utilizadas na guerra contra os japoneses ou combater os comunistas. As Sociedades Secretas criminosas eram tão velhas quanto a China e sempre foi possível conviver com elas — representavam um mal menor. Ao contrário, com os comunistas ou os japoneses seria impossível coexistir em paz. Ao ceder ao crime organizado a soberania sobre a Porta Negra, legalizava-se, de algum modo, as atividades ilegais e se conseguia certa supervisão sobre o incontrolável tráfico do Mercado Negro. Se não se agisse assim, e se obrigasse as Sociedades a atuar na clandestinidade, seria necessário vigiar 24 horas ao dia as muralhas e manter periódicos confrontos armados com os contrabandistas.

Os *kâulikas* de Sining se dirigiram diretamente à Shen Hei e ali deram uma senha em voz alta. Imediatamente, abriram-nos a passagem. Mas, uma vez dentro, não nos conduziram diante de um rude malfeitor, chefe de uma 'irmandade de bandidos', como a definição de von Grossen dava a entender. O chefe da Banda Verde era um ancião chinês de modos finos que, por causa do rubi carmesim que usava no gorro oficial, mostrava ser um mandarim de primeira categoria e de primeira classe — esse sinal significava a mais alta hierarquia na aristocracia chinesa. Também percebemos uma imagem de um unicórnio finamente bordado em sua roupa, uma insígnia própria dos *Kuan* militares. Os *Kuan* civis usavam insígnias de aves.

Chamava-se Thien-ma — Cavalo do Céu — e nos surpreendeu com seu conhecimento a respeito de todos os nossos passos. Sabia que éramos alemães, que procedíamos do Butão, que exploramos o Tibete ao mesmo tempo que outra expedição alemã proveniente da Índia, que destruímos a aldeia *duskha*, que aparecemos misteriosamente no vale Kan-Cheu e chegamos a Sining; e que agora solicitávamos ajuda para viajar a Xangai. Falava em mandarim culto e nos deixou intrigados com os seus relatórios.

Estávamos em uma enorme e luxuosa casa, que bem poderia ser um palácio. Os empregados acabavam de pôr a mesa e o *Kuan* convidou-nos a sentar.

---

[57] ***Tsung-Tu**: Governador de Província.*

'Terei prazer em almoçar com os senhores. Entendi que são ***Doutores***, homens de estudo, e além disso, guerreiros. Eu também o sou: há anos cheguei ao grau de Hanlin, que equivale ao que os senhores chamam de ***professor***, o título mais elevado que a Universidade de Pequim outorga. Minhas especialidades são as Matemáticas e a Filosofia. Estudei a fundo o Taoísmo e o professo. A nossa poderia se considerar como uma Sociedade taoísta. É por essa filiação que somos aliados naturais do Círculo Kâula do Tibete. Nós consideramos que eles conhecem a parte oculta do taoísmo; de todos os taos, o Tao; de todos os caminhos, o Caminho; a Senda estratégica que leva o Espírito a se libertar de seus laços materiais. Muitos dos integrantes da Banda Verde, ao se aposentarem, costumam ficar reclusos nos Monastérios *kâulikas*.'

Karl von Grossen e eu, ao conhecermos Thien-ma, concordamos que se requereria um novo estudo sobre as Sociedades criminosas chinesas. Evidentemente, existia uma sugestiva confusão, talvez originada no fato de que a fonte comum que os europeus dispunham para conhecer a China eram os abundantes relatórios fornecidos pelos ingleses, que conteriam informação maliciosa e falsa. No final das contas, para os ingleses, as ᚼᚼ eram também uma Sociedade Secreta criminosa! Porque, do que menos se poderia acusar Thien-ma era de ser um típico criminoso; ainda que as ações de sua organização estivessem indispostas com a lei. Ele, e todos os de sua 'Banda', eram idealistas, tinham uma meta espiritual a alcançar, e se encontravam em um mundo diabólico. Em tais circunstâncias gnósticas, a solução é sempre a mesma: o objetivo espiritual justifica qualquer meio empregado para abrir passagem em território inimigo.

Os 25 homens de Sining-Fu e os seis *lopas* almoçaram em uma casa adjacente. Eles regressariam a Sining nessa mesma tarde, sendo que os *lopas* tinham o Tibete como destino. Thien-ma foi acompanhado nesse almoço por von Grossen, Oskar Feil, Srivirya, Bangi e eu, que prosseguiríamos na viagem a Xangai. O chefe da Banda Verde falava muito bem o inglês, ainda que isso absolutamente não o orgulhasse, e preferisse se expressar em mandarim. Só soubemos disso quando o almoço estava muito avançado, pois concordou em se comunicar nesse idioma com von Grossen. Passamos, assim, conversando com aquele homem ancião, dotado de uma curiosidade de um menino, toda a tarde. Quando se esgotou o tema filosófico e religioso, caímos, naturalmente, na questão política, quer dizer, na realidade. A partir de então, seguiram-se várias horas, durante as quais tentamos fazê-lo compreender o nacional-socialismo e sua essência hiperbórea. Ele tinha informação, é claro, mas nós lhe oferecemos todos os detalhes que nos requisitou.

Finalmente, satisfeito em manter uma conversação totalmente excepcional naquelas regiões — nos assegurou — dispôs-se a nos revelar como iria nos fazer chegar a Xangai. Mas, antes, nos fez uma reflexão a respeito da situação em sua pátria.

'Ó Tsing[58], o que os senhores me contam sobre o seu Führer, e seu governo apoiado em massas patrióticas, traz ao meu Espírito sombrios pensamentos sobre o futuro da China. O Führer colocou diante dos alemães sua heróica e gloriosa tradição, e eles a aceitaram com orgulho. Aqui, pelo contrário, Mao-Tse-Tung doutrina os camponeses com as teorias dos judeus Marx, Engels e Lenin, e lhes ensina a admirarem os russos, um povo que ainda era selvagem quando a China já tinha uma civilização desenvolvida. Por outro lado, Chiang Kai-Shek acabou sendo uma 'pedra mole'[59], pois se converteu ao cristianismo, renegando nossas milenares tradições. Talvez se ele tivesse colocado, como o seu Führer alemão, a Cultura chinesa diante dos chineses, eles o tivessem apoiado maciçamente. Mas, ao contrário, ele lhes oferece as atraentes e enganadoras imagens de uma Cultura estrangeira. Uma Cultura que pertence aos que até ontem só nos exploravam como escravos. Mao e Chiang, ambos chineses renegados, estão deslumbrados por Deuses estranhos — ambos apresentam ao povo ideais estrangeiros. E quem os senhores acreditam que os chineses escolherão? Os que, certamente, voltarão a nos oprimir, como já o fizeram, ou os que prometem fazer algo pelo povo? Eu não quero responder prematuramente a essa transcendental interrogação, mas desde já informo aos senhores que o povo apoia, em maior grau, mais Mao do que Chiang, porque Mao acredita no povo e sabe expressar essa crença, enquanto Chiang só acredita em Jesus, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Jesus! Ali está outro judeu, completamente alheio à História e Tradição da China. Mas que maldição é esta que caiu sobre o Reino do Meio[60]? Será que não existiria uma outra opção para a China que não fosse o judeu Jesus ou o judeu Marx?'

Nenhum de nós respondeu a essas dramáticas perguntas, mas prometi a mim mesmo fazer-lhe chegar a edição inglesa de *Mein Kampf*, o livro do Führer.

'Não desejo angustiar meus hóspedes com lamentações de um velho' — Thien-ma desculpou-se — 'mas devem perceber que, apesar de constituirmos uma 'gangue criminosa', como nos qualificam os estrangeiros, nós, os Verdes, amamos profundamente a China e nos preocupamos pelo seu futuro. Prevemos que certas forças estrangeiras, às quais chamamos de Pai-Lung-Yah[61], tentarão matar o elefante adormecido chinês, ***antes que ele desperte***.

Direi aos senhores como chegar a Xangai. Devem saber que existe uma Tao Hei, ou ***rota negra***, pela qual circula, em ambos os sentidos, o contrabando para o Mar Ocidental. Essa rota é quase oficial, já que em todo o seu trajeto, há funcionários subornados, e atravessa as próprias linhas japonesas, uma vez que tampouco os nipônicos resistem a ganhar alguns

---

[58] ***Tsing***: *Doutor.*
[59] *Kai-Shek significa "pedra dura". A afirmação de Thien-ma tinha um sentido irônico.*
[60] ***Ch'in***: *Reino do Meio.*
[61] ***Pai-Lung-Yah***: *o Dragão Branco Jeová.*

ienes extras. Dentro de dois dias, parte daqui um trem que chega só até Cheng Chow. Mas os senhores descerão antes, na cidade de Sian, província de Shensi[62]. Dali seguirão para o Sul, atravessando os montes Tsing-Ling[63], que separam os Rios Amarelo e Azul[64], até a aldeia de Han-Kiang, na margem direita do Rio Han-Kiang. Nessa aldeia farão contato com nossos homens, que os embarcarão em um transporte que habitualmente leva contrabando.

Os senhores navegarão pelas águas do Han-Kiang e, na confluência com o Yangtsé-Kiang, irão por ele até Xangai. Como veem, trata-se de um plano muito simples.'

'Efetivamente, parece ser' — replicou o meticuloso von Grossen — 'mas permita-me fazer-lhe algumas perguntas.'

O ancião assentiu com um gesto chinês, que consiste em inclinar a cabeça para a frente.

'O senhor me fala de 500 quilômetros em trem. Não é possível que alguém suspeite e nos submeta a um interrogatório? O que faremos, então? Porque não temos papéis alemães oficiais e além disso estamos clandestinamente na China.'

'Ah, *Tsing*. O senhor deve cultivar a virtude da paciência!' — condenou Thien-ma, com ingênua severidade — 'eu lhes disse que o trem parte dentro de dois dias. Até esse dia os três alemães possuirão papéis que afirmam que se trata de três ingleses credenciados na China pela Sociedade das Nações, com a missão diplomática de observar a situação local e apresentar relatórios que servirão para uma futura mediação. Mostrarão os carimbos de entrada por Hong Kong e estes estarão escritos em inglês e mandarim. Mas não temam. Ninguém que possa inquiri-los daqui a Xangai possui suficiente conhecimento de inglês para notar que são alemães! Vamos lhes dar, também, salvo-condutos diplomáticos e um passe para os dois tibetanos, no qual se mostrará que os contrataram em Sining-Fu.

Dar-lhes-emos também dinheiro, bastante dinheiro chinês e japonês. Tudo falso, os papéis e o dinheiro. Tudo da melhor qualidade. Mas não prosseguirão sozinhos — um Verde os acompanhará até Xangai. Ele os fará entrar no trem por uma Shen-Hei e os acomodará em um vagão que está sob o nosso controle. A única ocasião em que poderão ser interrogados seria ao descer em Sian — coisa muito improvável, porque só descerão se houver sinais de segurança ou se o trem for parado no caminho, algo possível e bastante frequente, mas tudo se acerta com uma generosa dádiva. Sejam nacionalistas ou comunistas, na pobre China ninguém resiste ao suborno. Os bolcheviques tampouco nisso foram originais, pois se integraram à antiga instituição da coação mediante uma mudança de nome que deixou a salvo sua dignidade: chamam isso de 'contribuição para a Revolução'. Contudo,

---

[62] ***Shen**: passagem, porta; **Si**: oeste; **Shensi**: Passagem do Oeste.*

[63] ***Tsing** ou **Chin**: meio; **Ling**: montes; **Tsing-Ling**: Montes do Meio.*

[64] *Os Rios Hoang-Ho e Yangtsé-Kiang.*

se, de qualquer maneira, os requisitarem, vão fazer valer os seus papéis e o seu mais valioso talento. Estão satisfeitos? Caso contrário, dar-lhes-ei mais detalhes. Mas é conveniente confiarem na Banda Verde, que conhece a China como ninguém.'

Karl von Grossen ficou sem palavras. O apoio logístico com o qual contaríamos seria análogo ao que oferece um Serviço Secreto. No entanto, não se intimidou e voltou à carga com outra pergunta:

'Suponho que o restante do trajeto estará igualmente coberto, não? Acredite-me, confiamos nos senhores. Minhas perguntas têm uma finalidade mais... profissional. É isso: profissional! Sou um oficial de inteligência e não consigo evitar questionamentos. Na verdade, em quem confiamos completamente é no Círculo Kâula. E eles nos colocaram em suas mãos. De forma que ***devemos*** ter confiança na Banda Verde.'

'Fazem bem em nos dar crédito. Não defraudaremos os senhores. E lhes asseguro que nosso homem os levará sãos e salvos a Xangai — ele conhece a passagem pelos montes Tsing-Ling e a gente de Han-Kiang, bem como os japoneses da guarda fronteiriça, em Nanquim. Mas, por via das dúvidas, antes de partirem daqui, vou lhes dar uma senha para o contato em Han-Kiang e lhes direi onde encontrá-lo.'

Na ocasião, von Grossen deu-se por satisfeito. Nós cinco fomos conduzidos a um amplo quarto de hóspedes e atendidos por solícitas e discretas damas chinesas. Nos dias seguintes já haveria oportunidade para que o ***Standartenführer*** arrancasse de Thien-ma todos os dados que lhe interessavam.

Capítulo XXXVIII

Posso dizer, Neffe, que os Verdes nos colocaram sem inconvenientes às portas do consulado alemão em Xangai. O plano se realizou como o previra Thien-ma. Seis dias depois, estávamos navegando em um forte e maciço junco pela pantanosa corrente do Yangtsé-Kiang.

Passamos tranquilamente diante de Nanquim e, na altura da cidade de Chin-Kiang, nos deparamos com a confluência do rio Wujiang. Com grande habilidade, o capitão virou o timão e se introduziu na corrente descendente desse último rio, pois, 500 quilômetros mais adiante, sobre sua margem esquerda, se eleva a populosa Xangai.

Era inimaginável a mercadoria que transportava aquele inocente junco. Claro que não o seria tanto se fosse inspecionado de perto e fossem notadas a fileira de canhões a bombordo e a estibordo, e as duas metralhadoras pesadas na proa e na popa. Mas as precauções não eram em demasia, pois o barco contrabandeava armas, explosivos, tecidos finos, porcelana, metais, minerais, especiarias, alimentos, ópio, e até desertores de ambos os grupos

chineses ou delatores vulgares — além do clássico carregamento de prostitutas chinesas das quais nenhuma organização semelhante poderia prescindir. Junto a tão heterogêneos e perigosos artigos, nós éramos um insignificante inconveniente. Compreendemos isso logo, em Han-Kiang, ao abordarmos o junco e comprovarmos o grande volume de mercadorias que a Banda Verde traficava. Como aquele — informou-nos o nosso guia — a Sociedade possuía uma frota completa, só no Yangtsé-Kiang, sem contar os que flutuavam em outros rios e no mar, e que viajavam até Hong Kong, Cantão ou Macau.

Navegando no rio Wujiang, passamos diante de numerosos e modestos povoados, dedicados à lavoura e ao cultivo, e do lago Tai-hu, que se enche com suas águas. Depois de flutuarmos por 200 quilômetros, chegamos a Xangai e atracamos em um pequeno ancoradouro privado, provido de uma grande cabana, que servia de depósito. Outros membros da Banda, que aguardavam disciplinadamente, encarregaram-se da descarga e do armazenamento, e de levar as prostitutas e os fugitivos. Surpreendeu-nos a ausência de controle japonês, o qual tampouco vimos em Nanquim, nem em nenhum outro lugar. 'É que os japoneses já foram ***molhados***' — disse-nos o guia, em seu interessante ***pidgin***, uma gíria que era uma mistura de português e inglês, que se fala nas costas marítimas da China. Obviamente, chamar o suborno de ***molhar a mão*** é uma ironia própria de Portugal e Espanha. 'O Senhor Thien-ma não explicou isso aos senhores?' Respondi-lhe na mesma língua que sim, mas que nos impressionava o poder que o ***cartel*** da Banda Verde exercia sobre as pessoas ***molhadas***. Ele sorriu e nos comunicou que iríamos imediatamente para Xangai.

Ao sairmos da zona portuária, caminhando por ruas que o guia parece que conhecia muito bem, chegamos a uma praça-mercado de enormes dimensões, onde existia uma natural aglomeração de centenas de *yin-kiricsas*, esses veículos japoneses puxados por um homem, que têm forma de charrete individual e que os ingleses chamavam de ***rickshaw***. Pareceu-nos o cúmulo da organização e disciplina verificar que seis desses veículos já se achavam separados, nos esperando, e sem dúvida, avisados pelos Verdes que tinham saído antes do porto. Olhei de soslaio para von Grossen, mas ele já tinha notado.

'Estes manhosos é que sabem fazer as coisas' — grunhiu — 'deveríamos vir aprender com eles.'

Eu não liguei para esse exagero, pois já estávamos rodando velozmente e a vista da grande cidade me absorvia completamente: com 5.000.000 de habitantes em 1938, Shangai para os ingleses, Changai para os franceses, e Xangai para portugueses e espanhóis, era uma cidade imensa para qualquer par de olhos ocidentais. Agora nos dirigíamos para a 'Colônia modelo', ou ***bund***, a ilha que os ocidentais souberam construir no meio de um pântano insalubre, que foi o único lugar cedido pelos chineses, no Tratado de Nanquim de 1842, assinado com um tiro certeiro de canhão pelos ingleses que, naquele ano, ocuparam Xangai, apesar dos 250 canhões das

baterias sobre o Wujiang. Os piratas desembarcaram a infantaria, que neutralizou os canhões e marchou sobre a cidade, enquanto os barcos entravam pela porta do Norte e os chineses fugiam pela porta do Sul. Sobre esses terrenos pantanosos se construiu uma magnífica cidadela europeia, amuralhada, com canalização para a água feita em pedra, e ruas pavimentadas e iluminadas. Construíram-se edifícios gigantescos, pertencentes às três potências ocupantes: Inglaterra, Estados Unidos e França; e logo surgiram três bairros característicos dessas nacionalidades, além do indispensável ***Chinatown***, chamado de *Nantao* pelos chineses. As três potências colonialistas conseguiram grandes zonas de porto privado, para que suas Companhias de Comércio Exterior instalassem complexos comerciais. Quando os alemães quiseram entrar nesse negócio, o porto já estava completamente dividido e eles se viram obrigados a pagar franquias aos seus competidores. De qualquer forma, não era muito o que a Alemanha comercializava com Xangai, ainda que fosse suficiente para exigir a presença de um Cônsul; e a embaixada se encontrava em Nanquim. Naturalmente, a presença japonesa em Xangai, e sua desconfiança para com as potências imperialistas cartaginesas que atuaram na região, abria expectativas promissoras para a Alemanha de obter uma melhor distribuição dos benefícios.

Os *rickshaw* atravessaram correndo a cerca com grades, cruzaram um bem cuidado jardim, e se detiveram diante do portal de uma mansão no estilo da Renânia. Um sargento da *Kriegsmarine* se aproximou de nós, enquanto descíamos.

'Heil Hitler!' — saudou von Grossen — 'sou o ϟϟ ***Standartenführer*** Karl von Grossen, em missão especial, Sargento. Temos que ver o Cônsul urgentemente.'

'Sim, Senhor' — aceitou o marinheiro — 'faça o favor de me entregar seus papéis e imediatamente será atendido.'

'Não temos papéis, Sargento! Aqui tem uma lista com os nomes e o grau militar destes Cavalheiros que me acompanham e o meu. Todos nós somos oficiais ϟϟ.'

O previdente von Grossen tinha redigido uma nota para o Cônsul, se prevenindo de um possível bloqueio burocrático. Dizia assim:

Senhor Cônsul do Terceiro Reich,
Xangai,

Apresentamo-nos diante do Senhor e solicitamos ser repatriados imediatamente para a Alemanha, os ϟϟ ***Standartenführer*** Karl von Grossen, ϟϟ ***Sturmbannführer*** Kurt von Sübermann, ϟϟ ***Hauptsturmführer*** Oskar Feil, e os homens procedentes do Butão, o *gurka* Bangi e o *lopa* Srivirya, todos integrantes da Operação 'Chave Primária', ***Ultra-confidencial***, código ***A I R.S.H.A.***, autorizada: Hitler, Himmler, Heydrich.

Atenciosamente, saudamos o Senhor.
Assina: Karl von Grossen
Comandante da Operação Chave Um.

'Aguarde um momento, Senhor' — solicitou o marinheiro, e entrou rapidamente no edifício. Fora ficava ainda outro guarda.

'Parece que está tudo bem' — disse o Verde — 'vou me retirar agora mesmo, mas ainda ficarei um dia em Xangai. Podem me procurar no porto se surgir algum problema e, se eu já tiver partido, deixarei com vocês o nome de um contato ao qual avisarei que os senhores se encontram sob a proteção da Banda Verde. Lembrem-se que nós sempre poderemos tirá-los da China.'

Felizmente, não foi necessário recorrer novamente à Sociedade Secreta do submundo chinês. Enquanto aguardávamos o Sargento, von Grossen interrogou o marinheiro. Este lhe informou que o Consulado se encontrava no final do bairro francês, quase junto ao riacho Oang-Kin-Pan, cercado pelas sucursais das poucas companhias alemãs que comercializavam com Xangai. Também disse-lhe que no porto estavam ancorados dois barcos alemães, com saída prevista para três e sete dias depois.

O Sargento regressou, acompanhado de um Secretário diplomático.

'Entrem, por favor, senhores' — ordenou.

Nós cinco ingressamos em uma cômoda sala de espera.

'Sentem-se, que imediatamente serão atendidos' — pediu, e saiu por uma porta de painel, não sem antes lançar um olhar de desconfiança para Bangi, Srivirya e para o cão *daiva*.

Tivemos que esperar uma hora, até que finalmente o Secretário voltou e nos levou ao escritório do Cônsul. Este era um diplomata de carreira oriundo de Colônia, enviado a Xangai certamente para aproveitar seu conhecimento nativo do francês, e o inglês universitário. Impecavelmente vestido com terno preto, não aparentava mais de 40 anos de idade e parecia estar tranquilo.

'Desculpem a demora, mas tive que ligar para Nanquim. Não imaginam de que maneira protestou o Embaixador, Barão Heinrich von Baden, pelo que considera uma intromissão da ***R.S.H.A.*** no Ministério do Exterior — não aceita desculpas por não ter sido informado sobre essa missão secreta 'Chave Primária'.'

'Mas é que a operação não deveria se desenvolver na China, e sim no Tibete' — interrompeu von Grossen — 'chegamos aqui fugindo'.

'Não se preocupe, ***Standartenführer***, pois von Baden sempre protesta' — o Cônsul o acalmou, sorrindo. 'Deixe-me terminar. Foi consultado o adido militar, que confirmou que seus nomes e graus figuram na lista criptografada das ᛋᛋ. O que ele não conhecia nem uma palavra, é claro, era da Operação Chave Um. Portanto, enviou-se uma solicitação de relatórios para a Alemanha e estamos esperando a resposta. Tão logo chegue o telegrama, a situação dos senhores estará resolvida.'

'E quanto isso pode demorar?' — perguntei, irracionalmente.

'Como saber? Se é certo que são quem dizem ser, compreenderão que Berlim pode responder em uma hora, em um dia, ou não responder e ***fazer algo***. Tratando-se da ***R.S.H.A.*** ninguém pode prever sua reação. E tenham em mente que não estou fazendo nenhuma crítica, pois eu também sou das ᛋᛋ' — atalhou — '***ᛋᛋ Sturmbannführer honorário***. Obtive esse grau em 1936, graças à gestão do atual ministro do Exterior, Joachim von Ribbentrop.'

'Muito bem!' — aprovou von Grossen.

'Sim. Sou das ᛋᛋ e, por isso, aconselharei aos senhores o que deverão fazer a partir de agora. Se permanecerem aqui, me verei na obrigação de colocá-los sob custódia, coisa que para os senhores seria muito desagradável. Ao contrário, farei que os levem a um hotel que está a quatrocentos metros, onde ficarão cômodos até que cheguem notícias da Alemanha ou de Nanquim. Para o Embaixador direi que não pude detê-los e que, de qualquer forma, estão seguros ali. Não tinham seus papéis ***verdadeiros***, mas, têm outros papéis? Dinheiro? Penso que devem ter algo disso, pois senão não teriam conseguido atravessar a China.'

'Efetivamente, ***Sturmbannführer Cônsul***, dispomos de documentação falsa e dinheiro. Bom dinheiro, nos disseram, pois também é falso' — confirmou von Grossen, com sarcasmo — 'agradecemos seus conselhos, e os seguiremos ao pé da letra, pois parecem ser muito sensatos. Depois de passarmos meses explorando a Ásia, não poderíamos resistir nem uma hora prisioneiros.'

'Disseram-me que os senhores vieram do Butão. Por Deus, que viagem! E do que fugiam através da China, é possível saber? Dos comunistas?'

Creio, *Neffe*, que nós cinco pensamos, nesse momento, no Vale dos Demônios Imortais, no Vîmâna de Shambala, no zumbido mortal, e começamos a rir às gargalhadas.

'Ha, ha, ha! Dos comunistas?' Não, *Herr* Cônsul, fugíamos dos chefes deles!' — respondi, com os olhos inundados de lágrimas — 'Ha, ha, ha! Mas não podemos revelar-lhe quem são — não acreditaria!'

Karl von Grossen assentiu, rindo — gesto que foi imitado por Oskar, Bangi e Srivirya. O surpreso Cônsul optou por não perguntar mais nada e fez o Secretário nos acompanhar até o hotel indicado.

Tudo se solucionou nos dias seguintes. Chegaram ordens determinantes da Alemanha para que nos embarcassem imediatamente e sem discussões. Sete dias depois saíamos em um navio cargueiro que faria em Macau a primeira de uma interminável série de escalas comerciais. No entanto, o Capitão nos comunicou que 'em algum lugar do Oceano Índico', cujas coordenadas lhe seriam transmitidas por rádio, seríamos transferidos para um navio de guerra. Assim ocorreu, a poucas milhas de Sumatra: um perplexo Almirante nos recolheu em seu cruzador e rumou direto para a Alemanha. O navio se dirigia à Argentina junto com outros dois, executando uma manobra longamente planejada. Na altura da cidade do Cabo, recebeu a ordem de se desviar para o Oceano Índico, para recolher cinco passageiros.

Sua nova missão era qualificada de 'segurança máxima' e, desde o momento em que os misteriosos personagens abordassem, deveria transmitir em uma frequência ultra-secreta e evitar qualquer contato com outros barcos ou estações terrestres. Ninguém deveria poder localizar o cruzador pois, do contrário, existia a possibilidade de que 'entrassem em operações'. 'Quem nos atacaria em tempos de paz?' — murmurava o Almirante — 'deve se tratar de outro jogo do Estado maior, uma manobra secreta de teste para a *Kriegsmarine'*.

O Almirante não imaginava que se as forças sinárquicas tivessem conhecido a localização de seu navio, e a identidade de seus ocupantes, o teriam afundado ali mesmo.

Capítulo XXXIX

Vinte dias depois de partirmos de Xangai, desembarcamos em Hamburgo. Ali, nos esperava um oficial do S.D. exterior, comandante de um pelotão. Suas ordens: conduzir Karl von Grossen, Oskar Feil, Srivirya e Bangi, em dois carros, para Berlim. Eu deveria me separar do grupo e entrar em um terceiro carro, com destino ao aeroporto local, onde um avião me transportaria, do mesmo modo, a Berlim.

Pela primeira vez em vários meses, iríamos nos separar e a experiência era dolorosa. Todos nós tínhamos perdido Camaradas e passado juntos por perigos mortais — as aventuras vividas nos irmanavam. Antes de deixá-los, von Grossen quis me falar em particular.

'Eu sabia!' — disse-me, preocupado — 'Kurt von Sübermann, o senhor era a chave primária da Operação Chave Um! E a *Thulegesellschaft* só cuidará do senhor. Nós, a partir desse momento, ficaremos incomunicáveis, isolados do resto das ᛋᛋ, para evitar que falemos. Sabemos muito, talvez mais do que aos Iniciados da Ordem Negra é conveniente que alguém saiba! Pressinto que talvez não voltemos a nos ver' — concluiu, lugubremente.

'O senhor está delirando, meu ***Standartenführer***' — exclamei, horrorizado — 'não pode ser! Regressamos após cumprirmos uma importante missão, creio que com sucesso, e não há motivo algum para que, em vez de receber a aprovação superior, alguém seja castigado. O senhor está cansado, von Grossen, digo-lhe respeitosamente! Verá que logo nos reuniremos em uma cervejaria da *Friedrichstrasse* para festejarmos. É natural que primeiro devamos entregar os relatórios correspondentes às nossas respectivas unidades, mas depois desses lógicos trâmites disporemos de tempo para tornar a nos vermos.'

Karl von Grossen sacudiu a cabeça, negando-se a admitir que meus argumentos penetrassem pelos seus ouvidos.

'Não, não! Kurt von Sübermann, mais uma vez, o senhor não compreende a situação. Escute-me bem agora, porque a possibilidade de que nos

separemos definitivamente é real. Digo-lhe isso muito consciente e baseando-me em toda a minha experiência prévia em operações secretas. Não estou tão cansado que não possa prever o que pode ocorrer: ***seremos eliminados***. Quer dizer, se o senhor não nos salvar, Kurt. Acredite-me: viveremos só se o senhor assegurar aos seus Chefes que não falaremos para ninguém o que vimos. Essa é a garantia que eles necessitam para nos deixar em liberdade — tudo ao contrário do que o senhor supõe! Ha, ha, ha, um relatório! O senhor me faz rir, von Sübermann. A quem interessa que eu faça um relatório sobre o que vi no Tibete e o que vi o senhor fazer? Pensa que os Iniciados da Ordem Negra permitirão que exista um relatório oficial a respeito do Vîmâna de Shambala, ou acerca dos cães *daivas*, ou do seu *Scrotra Krâm*? Não, von Sübermann — pelo senhor, estamos condenados à morte. E só o senhor pode nos salvar. Ao contrário do que ingenuamente sugeriu: assegure aos seus Chefes de que nem Oskar Feil, nem eu, faremos qualquer relatório, e pode ser que assim conservemos a vida!'

Tranquilizei-o da melhor forma possível, reafirmando-lhe minha lealdade — jamais permitiria que acontecesse nada com eles por minha causa! E partimos, separadamente, para Berlim.

No aeroporto de Berlim vi, estacionado, um Mercedes Benz da Chancelaria, com uma escolta de motos. Ao vê-lo, pensei que estava à espera de um Ministro ou um General, mas minha surpresa foi grande ao reconhecer o ϟϟ ***Oberführer*** Papp em pé ao lado da porta.

'Kurt von Sübermann!' — chamou, sorrindo carinhosamente. Não pude evitar de lembrar da primeira vez que o vi, na cabana de Rudolph Hess, no *Obersalzberg* de Berchtesgaden. Ele também lembrou, porque disse, assim que me aproximei:

'Seis anos, Kurt. Muito ou pouco? Seis anos e você regressa de sua primeira missão. Tememos por você, sabia? Foi um alívio para todos os que estavam a par da operação receber notícias suas. Mas, de Xangai! Ah! Ninguém poderia acreditar. Logo me contará como fizeram para atravessar a China.'

O carro cruzou o Spree pela Ponte do Castelo e começou a rodar ao redor do ***Lustgarten***. Olhei, surpreso, para Edwin, mas não tive tempo de dizer nada.

'Pensei que você gostaria de, previamente, dar uma volta pela cidade, antes de chegar à Chancelaria. Vai reanimá-lo, depois de tantos meses na Ásia!'

Edwin Papp tinha interpretado corretamente meus sentimentos. Era indescritível a felicidade que eu sentia então, por me encontrar novamente na pátria, da qual mais de uma vez, nas últimas semanas, me despedi, supondo que nunca mais regressaria. O Mercedes rumou para o Oeste e virou em frente à Porta de Brandenburgo, que estava coberta de bandeiras com a suástica e grinaldas das festas recentes. Agora ia rumo ao Leste pela ***Unter den Linden*** ou Avenida das Tílias. Vi passar a Praça de Paris e a estátua de Frederico, o Grande. No final da avenida, demos a volta em torno

da Praça da Ópera, da área do Palácio do Imperador, da Biblioteca Real, da Ópera de Berlim, da igreja católica de Santa Edwiges, da Universidade, e de vários edifícios militares. Finalmente, depois das Tílias e da Praça da Ópera, o carro se dirigiu ao bairro ***Friedrichstadt*** e começou a rodar pela ***Wilhelmstrasse***, que é seu limite ao Leste. O passeio terminou.

'Você imagina quem me enviou para buscá-lo no aeroporto, não? Seu *Patekind* sofreu muito quando pensamos que estivesse perdido e está muito impaciente para saudá-lo e abraçá-lo. Não quis que ninguém o desviasse e, por isso, mandou seu carro para receber você e me encarregou, sob ordens rigorosas' — brincou — 'de levá-lo são e salvo até ele.'

Minutos depois, chegamos ao 77 da ***Wilhelmstrasse***. Na ***Reichskanzlei***[65], efetivamente, nos esperava o ***Stellvertreter***[66] do Führer.

Uma hora mais tarde, depois de me despedir do ***Oberführer*** Edwin Papp, eu deixava a Chancelaria em companhia de Rudolph Hess. Ele tinha se emocionado muito ao me ver, e então compreendi o quanto me amava aquele antigo Camarada de papai. Durante os seis anos que cuidou do meu destino na Alemanha não apenas foi como um pai, mas professou o mesmo afeto por mim. Agora, íamos rumo à *Gregorstrasse 239*, para visitar Konrad Tarstein.

Era a primeira vez que iríamos juntos e, como Rudolph Hess poderia ser facilmente reconhecido pelo público e não queria chamar a atenção a respeito do domicílio de Tarstein, insistiu para que eu dirigisse o Mercedes, enquanto ele se mantinha discretamente sentado no banco traseiro. Na verdade, nunca tinha estado na misteriosa mansão com ninguém mais, a não ser o próprio Tarstein — nem mesmo Rudolph Hess. Inclusive cheguei a suspeitar que os Iniciados da Ordem Negra se reuniriam em outro lugar, pois nunca havia alguém além de nós dois, durante os dois anos em que frequentei a casa. Mas, dessa vez, seria diferente.

Como se fosse a repetição de um Ritual, bati com a mofada argola que pendia de um punho de bronze e a estridente voz de Konrad Tarstein respondeu, de algum lugar indefinido por trás da desgastada porta.

'Sim?'

'Sou Kurt von Sübermann' — apresentei-me, falando na direção do diminuto olho mágico, onde os fugidios olhinhos do Grande Iniciado verificaram minha identidade.

Abriu-se a porta e a figura rechonchuda e pequena de Konrad Tarstein apareceu, com a mão cortesmente estendida para me saudar.

'Kurt, Rudolph, alegro-me em vê-los' — disse, rompendo o Ritual — 'entrem, ***estávamos à sua espera***.'

Era janeiro de 1939. Tínhamos passado o ano novo em alto mar, com von Grossen e outros Camaradas. Pensei neles, enquanto Tarstein me guiava para um aposento no qual eu nunca tinha entrado, situado no andar

---

[65] *Chancelaria do Reich.*
[66] *Lugar-tenente.*

superior. Pensei neles e lembrei das notícias que eu trazia — na minha opinião, a expedição de Ernst Schäfer fracassou em seu objetivo de selar o pacto entre as 'forças sadias da Alemanha' e a Fraternidade Branca de Chang Shambala. Se não estava enganado, a Porta de Shambala se fechou antes de chegarem a algum acordo, e, consequentemente, a destruição do Terceiro Reich e a instauração da Sinarquia Universal não estavam asseguradas para o Inimigo.

Estávamos em janeiro de 1939 e a Segunda Guerra Mundial começaria em setembro desse ano.

Ao redor de uma estranha mesa em forma de meia-lua, estavam sentados 16 iniciados da Ordem Negra ᛋᛋ. Além de Tarstein e Rudolph Hess, só reconheci mais quatro como altas personalidades do Terceiro Reich. Os dez restantes eram, até então, completamente desconhecidos para mim. Todos estavam vestidos com roupas civis, mas supus que vários seriam militares, ainda que outros, sem dúvida, deveriam ser civis, especialmente o asiático, cuja presença me encheu de espanto.

Fui apresentado por Tarstein, e os Iniciados me saudaram amavelmente, ***mas não deram seus nomes em momento algum*** — pelo contrário, identificaram-se com pseudônimos tais como ***Aquila, Leo, Serpens, Draco, Corvus, Pavo, Cycnus, etc. O asiático disse se chamar Ave Fênix***.

Convidaram-me a sentar diante deles, em uma poltrona localizada na parte convexa da meia-lua.

'Bem, ***Lupus***' — Tarstein perguntou, batizando-me desse modo — 'o que aconteceu com a Operação *Altwesten* de Ernst Schäfer e com os homens que a Operação Chave Um perdeu?'

'Todos mortos ou desaparecidos' — afirmei — 'tanto os integrantes da Operação *Altwesten* como os nossos. Mas, permitam-me, Cavalheiros, que lhes relate, passo a passo, os fatos ocorridos desde que parti da Alemanha.'

Ninguém se abalou quando falei do destino dos ausentes. Nem durante as horas seguintes, empregadas na narração, na qual me esmerei em dar detalhes e apresentar a informação mais objetiva possível. Tarstein amenizou a extensa noite com duas rodadas de café, a última acompanhada de finos doces. E quase não fui interrompido, salvo para solicitarem algum esclarecimento concreto. Como eu depois compreenderia, aqueles homens não necessitavam perguntar nada, pois eram todos extraordinários clarividentes. Possuíam o que se chamava na *Thulegesellschaft* de ***Faculdade de Anamnésia***, ou seja, um poder próprio de Iniciados Hiperbóreos, que lhes permitia explorar os ***Registros Culturais Akáshicos***.

Dali, da Gregorstrasse 239, eles ***viram*** tudo quanto eu lhes relatara a respeito de nossas aventuras na Ásia.

'Não leve a mal, estimado *Lupus'* — disse Tarstein, ao final — 'mas vamos lhe pedir que aguarde lá embaixo. Devemos realizar uma reunião do Conselho.'

A deliberação durou mais uma hora, até que fui convocado novamente. Konrad Tarstein abriu o diálogo:

'Felicito-o, *Lupus*. Por unanimidade concordamos que a Operação Chave Um foi um sucesso. Apesar das perdas, que nada custam diante do benefício espiritual de termos frustrado os planos dos Demônios. Os três que caíram — Heinz, Hans e Kloster — serão condecorados, bem como von Krupp e seus homens, pois não participavam da conspiração de Schäfer.'

'Permita-me interrompê-lo*, Kamerad Unicornis*' — falei — 'está muito bem isso de se condecorar os mortos, mas, e os vivos? O que vai acontecer com Karl von Grossen, Oskar Feil e os dois tibetanos? Onde estão agora?'

'Incomunicáveis, claro' — Tarstein confirmou, fatalmente — 'veja, *Lupus*, só poderíamos deixá-los livres, e além disso promovê-los, se o senhor se encarregasse de que não falem o que não devem.'

'E como eu faria para lhes dar esse crédito?'

'É simples, *Lupus*. Só teria que criar um grupo dirigido pelo senhor. Por exemplo, Oskar Feil seria, a partir de hoje, seu assistente. E o senhor se encarregaria de controlar-lhe a língua. Da mesma forma, Karl von Grossen se dedicaria a treinar uma equipe de elite para apoiá-lo em suas futuras missões, e estaria em permanente contato com o senhor. O que acha?'

'Estou de acordo' — afirmei, aliviado — 'e muito agradecido, porque esses homens merecem o melhor tratamento — são valentes e patriotas inestimáveis. Mas agora, Senhores, depois de esclarecer esse assunto que muito me preocupava, poderia fazer algumas perguntas?'

'Claro' — aceitou Tarstein 'Unicornis'.

'Bom. A questão é que os Senhores parecem saber o que aconteceu naquele vale do Tibete. Poderiam, então, esclarecer-me algumas dúvidas. Por exemplo, por que fomos atacados e por quem? E também tenho uma pergunta, talvez não tão 'séria' como as anteriores, mas que não me envergonho de apresentar aqui: é sobre o futuro do cão *daiva*. Não lhes posso negar, Senhores, que me causou grande contrariedade deixar Vruna enjaulada em Hamburgo, levando em conta de que se trata de um exemplar único na Terra e que está a ponto de parir.

'O senhor tem razão, *Lupus*!' — aceitou Tarstein — 'amanhã cedo enviaremos o melhor oficial veterinário das ᛋᛋ e sua equipe de assistentes, com a missão de cuidar e transportar são e salvo o cão *daiva* a Berlim. Não tenha dúvidas de que valorizamos esse animal em sua devida medida e o consideramos como uma ***arma secreta*** do Terceiro Reich.

E sobre o que perguntou primeiro' — prosseguiu Tarstein — 'os senhores foram atacados pelos Druidas!'

'Pelos Druidas?' — repeti, incrédulo — 'mas se estávamos no Tibete!'

'Sim, pelos Druidas. Lembra-se do que o avisei no primeiro dia em que veio a esta casa? ***'Dentre os caçadores da Sinarquia, os Druidas estão encarregados de pegar as peças de sua espécie'... De sua espécie, von Sübermann***. Surpreende-lhe que eles o tenham emboscado no Tibete, mas deve ter em mente que o senhor foi se meter na 'Porta de Bera e Birsa', ou seja, a sinistra abertura pela qual ingressam em Shambala os Sacerdotes de Melquisedeque. Nessa porta, em particular, Ernst Schäfer desejava chegar,

porque dali provieram, há milhares de anos, os Arqui-Sacerdotes e Arqui-Druidas das Ordens europeias da Fraternidade Branca.'

'Bera e Birsa?' — perguntei, perplexo.

'Exatamente, Bera e Birsa' — replicou o asiático, ao qual chamávamos de 'Ave Fênix' — 'lembre-se, Lupus: não viu duas imagens majestosas, uma a cada lado da Porta?'

'Suponho que se refere às figuras dos Bodhisattvas alados, que foram talhados nas paredes da garganta, ou *dvara*, ou *Shen*, quer dizer, na abertura entre as montanhas no final da ravina. Lembro delas perfeitamente: em ambas as paredes da garganta de saída, e a uma altura de 25 ou 30 metros, existiam dois baixos-relevos que representavam uns Seres de natureza divina, uma espécie de 'anjos' ou 'Bodhisattvas' armados.'

Fiquei em silêncio por alguns segundos, evocando aquela inesquecível visão. Depois acrescentei:

'Eles tinham asas. Os dois anjos exibiam ambos asas de pomba. E vestiam túnicas brancas até os tornozelos. Sim, era uma roupa de Druida ou um *efod* levita! Inclusive ostentavam o ***trevo de quatro folhas*** no peito; e pequenas estrelas, sóis e meias-luas nas bordas. Lembro também de suas armas: cada um tinha sua mão direita fechada sobre um cabo, do qual sobressaíam, em ambos os lados, dois globos. A cena era muito sugestiva e por isso recordo com tanta nitidez. Eu estava em pé na garganta de entrada, quando já se tinham esclarecido as coisas com von Krupp. Então, olhei para o Oeste, no final da ravina, e vi o vértice da abertura, ou passagem, ladeado por aquelas colossais esculturas. Ambas mostravam com o dedo indicador de sua mão esquerda a saída, ***como que convidando a passar, gesto que da mesma forma acompanhavam, com a expressão de seus diabólicos rostos***, contudo, ***as mãos direitas não paravam de apontar, com seus globos, em direção a todo possível visitante***, quer dizer, para o centro da ravina. Creio que eu olhava justamente a garganta do Oeste, e seus terríveis guardiões, quando surgiu dali a bola de luz que os tibetanos chamavam de 'o Vîmâna de Shambala'.'

'Não há dúvida, pois, que o senhor esteve diante da Porta de Bera e Birsa' — assegurou *Ave Fênix* — 'os misteriosos 'anjos' que descreveu não são isso, nem tampouco 'Bodhisattvas', mas sim Demônios da pior espécie, aos quais se denomina comumente de 'Imortais': Bera e Birsa. São dois Demônios Imortais que, durante milhares de anos, agiram na Europa e na Ásia, e cuja imagem o senhor teve a sorte — ou a desgraça — dependendo do ponto de vista, de contemplar nessa ravina do Tibete. O amo deles, Melquisedeque, os encarregou, há milênios, de trabalharem a favor da Sinarquia Universal do Povo Eleito, dedicando-se especialmente a manter a conspiração no seio dos povos de linhagem indo-europeia, indo-ariana e indiana. No contexto europeu, Eles foram os Arqui-Druidas-Supremos que dirigiam secretamente a Ordem druídica, e é por isso que *Unicornis* e outros Iniciados os qualificam também de 'Druidas' ou 'Golen'. Mas Eles são seres muito mais poderosos do que os Druidas, os quais comandam.

Por exemplo, Eles foram agraciados por Rigden Jyepo, o Rei do Mundo, com o Poder do *Dordje*, a arma mais terrível do Sistema Solar. *Dordje*: essas eram as armas, semelhantes a dois globos unidos por um cabo, que o senhor viu nos baixos-relevos dos Imortais! Mas o senhor, Lupus, não só observou os *Dordje* talhados na pedra — ***o senhor experimentou seu mortífero poder na própria carne***.'

Olhei-o, boquiaberto. E *Ave Fênix* esclareceu ainda mais o que meus ouvidos se negavam a escutar.

Concretamente, *Lupus*: o zumbido de abelhas que sentiu, e que causou a morte de seus Camaradas, é não mais do que a manifestação acústica do Poder do *Dordje*, o qual age também nos outros quatro tattvas. Com o *Dordje* é possível se emitir o ***om*** ou o ***yod*** final, o monossílabo da dissolução das Formas Criadas, que é idêntico ao *bija* do Princípio da Criação. É muito provável que tenha sido o Demônio Bera quem aplicou o Poder do *Dordje* sobre o seu coração. Em síntese, esteja certo de que o senhor esteve diante da Porta de Bera e Birsa, em um desfiladeiro do Tibete conhecido desde tempos remotos como ***'O Breu***'. Claro que não é fácil de chegar a *'O Breu'*, quer dizer, não é fácil chegar à sua garganta Leste, mas, em muitos mapas antigos está ali onde os senhores o encontraram, junto aos montes *Altyn Tagh*.

'Não pode ser' — neguei, irracionalmente — 'eu vi um veículo voador, uma nave extraterrestre; não sei o que era, mas, com certeza, o zumbido brotava dele.'

'Pois assim é, estimado Lupus. ***O fenômeno que o senhor viu era o Demônio Bera em todo o seu Poder. Não se tratava de uma nave voadora, nem de um Vîmâna ou avião desconhecido, mas de uma 'unidade absoluta de energia' do Universo, animada pela infernal 'Inteligência' de Bera, que é a Sephirah Binah. Uma 'unidade absoluta de energia', 'um átomo arquetípico', adotado por Bera para se apresentar e desencadear a Força dissolvente do Dordje. Isso é o que o senhor presenciou, ainda que acreditasse ver outra coisa***.

'Não é possível' — repeti, perturbado, resistindo a aceitar que aquela Presença Mortal fosse na verdade um Demônio, 'Imortal', e que esse Monstro estivesse seguindo meus passos. Comecei a compreender o que Tarstein queria dizer ao me avisar sobre '***os caçadores da Sinarquia***' que procurariam pegar peças '***da minha espécie***'.

Imperturbável, *Ave Fênix* continuou explicando:

'O átomo arquetípico é a Forma Primordial por excelência, o Ovo de Brahma, a mônada feita à imagem e semelhança do Uno. Todos os átomos reais e todas as formas atômicas, todas as unidades, emanam dele e participam de sua existência primordial. E sabe por que Bera adotou essa forma para se manifestar diante dos senhores e empregar o Poder do *Dordje*? ***Porque o único modo que resta a um Demônio como Ele, traidor do Espírito do Homem, para resistir ao Signo da Origem que o senhor exibe, é se fechar na unidade absoluta da Mônada Criada***. Mas já viu

o resultado dessa tática, Camarada *Lupus*: ***não pôde com o senhor, com o Signo da Origem que o senhor possui, e as Portas de Shambala se fecharam para os nossos inimigos***.'

'Ah, eu não seria tão otimista, Camarada *Ave Fênix*' — sugeri, ao mesmo tempo em que estremecia, agitado por antigos e novos terrores — 'digo-lhe que, se conservei a vida não é exatamente pelo efeito do Signo, mas graças à intervenção desses guerreiros incríveis que são os monges *kâulikas*, e a colaboração inestimável dos cães *daivas*, que nos tiraram da ravina de *Altyn Tagh*.'

'Ah, Camarada *Lupus*, temo que o senhor não compreenda a situação.'

Ave Fênix me repetia a mesma reprovação que Karl von Grossen. Evidentemente, eu não compreendia nada, ou muito pouco, do que ocorria a meu redor. Ou todos presumiam compreender melhor do que eu o que acontecia. Ou eu estava me tornando extremamente obstinado ou estúpido. Mas, seja como for, havia algo que eu conseguia compreender, e com o qual não me equivocava: a causa de todos os meus males, que até ontem eu considerava um maravilhoso privilégio, era o incompreensível Signo da Origem. Honraria dos Deuses ou Estigma? Diante de mim, os homens mais importantes do Terceiro Reich diziam contar comigo, e com o meu Signo, para levar avante os planos do Führer. Mas — e isso sim estava compreendendo agora — as mais terríveis Forças do Inferno, Forças que eu tinha visto de perto no Tibete, ***me consideravam a priori seu inimigo mortal e desenvolveriam contra mim um ataque inimaginável***.

Alegoricamente falando, tal situação, a única situação que, talvez, eu compreendia, era que o Terceiro Reich se preparava para marchar sobre o Mundo, como uma ciclópica falange, e que eu desempenharia, então, a função de ***porta-estandarte***. Sim, seria o ***porta-estandarte*** do Terceiro Reich, e a bandeira que empunharia seria o Signo da Origem, o Signo de Lúcifer, o Signo de Wothan, o Signo de Shiva, ***meu Signo***. E, como em todos os exércitos em operações, o Inimigo tentaria conquistar as bandeiras, ***nossos estandartes***, procurando abater ***sem aviso prévio*** o porta-estandarte, tentando tirar-lhe a Insígnia Sagrada do Espírito, tentando tirar-lhe a vida, tentando tirar-lhe o estandarte, tentando tirar ***minha vida***, tentando tirar ***meu Signo***.

Não protestei pelo comentário de *Ave Fênix*, e ele prosseguiu:

'Estimado Lupus. O senhor não deve a ninguém sua 'salvação', a não ser a Si Mesmo. Esqueceu-se que, se houve a Operação Chave Um, e cães *daivas*, isso ocorreu ***porque previamente existia um Iniciado Kurt von Sübermann, que tinha o signo da Origem***? Os cães *daivas* e o senhor são a mesma coisa, porque sem o senhor não haveria cães *daivas* nem Signo da Origem, ou de Shiva, nem ninguém ***capaz de colocar seu Eu além de Kula e Akula***. O Demônio Bera o atacou com a fúria de um Vîmâna e o senhor acredita que se salvou 'graças' aos cães *daivas*. Pois saiba que é sua própria insegurança, sua falta de fé em Si Mesmo, ***sua incompreensão da situação***, a causa de que alimente tão errônea convicção! Porque se fosse o

senhor na realidade o Iniciado que deve ser, ***seguro de Si Mesmo diante da Morte, e além da Morte, até a Origem***, saberia, sem dúvida, que seu Signo o tornou invulnerável ao ataque de qualquer Ser Criado, mesmo o Deus mais poderoso! Se estivesse sozinho, diante dos Demônios Bera e Birsa, ou outros semelhantes, e Eles lhe aplicassem todo o Poder do *Dordje* sobre o coração, o senhor ficaria facilmente fora de seu alcance, situando-se além de *Kula* e *Akula*, na Origem, ***ou criando, com um tulpamudra, seus próprios cães daivas, ou 'cavalos daivas' lungpa, ou qualquer ilusão desse tipo***!'

'Está bem! Está bem! Rendo-me!' — propus, sorrindo tristemente. E antes que as afirmações dos Iniciados da Ordem Negra se tornassem incontestáveis, disse: 'Vou me esforçar em compreender seus pontos de vista' — prometi — 'verdadeiramente acreditam que esses malditos Imortais não apenas me atacaram com intenção de me matar, mas também fecharam a Porta de sua Guarida?'

'Isso mesmo, *Lupus'* — Tarstein respondeu — 'vou lhe dizer o que aconteceu, segundo a visão com a qual concordam todos os Iniciados aqui presentes. Em princípio, e isso o surpreenderá, temos motivos para pensar que Ernst Schäfer não morreu em 'O Breu'. E se tivesse morrido durante o ataque, estamos certos de que os Imortais o ressuscitariam. Para quê? ***Para que volte à Europa em busca da sua cabeça***. Jamais, entenda bem, *Lupus*, porque isso lhe servirá para toda a vida, Eles jamais vão permitir que exista alguém como o senhor em uma sociedade sinárquica. Pelo contrário, estando o senhor no meio, não haverá pacto entre a Fraternidade Branca e as Sociedades Secretas da Sinarquia. Consequentemente, não haverá a consolidação final da Sinarquia. Sem dúvida, Ernst Schäfer, ou outro mentecapto semelhante, será enviado pelos Demônios para se fazerem ouvir suas condições no Ocidente. ***E nessas novas condições se exigirá a sua eliminação e de todos os que, como o senhor, são portadores do Signo da Origem que eles não podem suportar***.

A Sinarquia Universal do Fim dos Tempos deve ver os Deuses Traidores se apoderarem do Mundo, como nos dias da Atlântida, lado a lado com os Grandes Rabinos do Povo Eleito. ***Mas isso não poderão fazer enquanto no Mundo existam homens espirituais que levantem o estandarte da Origem, que falem com as Runas de Wothan***. Daí que podemos afirmar, sem medo de errar, que a Operação Chave Um foi um sucesso. Levamos um Iniciado com o Signo da Origem a 'O Breu', diante da Porta de Bera e Birsa, de Chang Shambala, e o resgatamos para a Estratégia do Terceiro Reich. Em uma palavra, infligimos ao Inimigo o maior desafio em seu próprio terreno. É impossível que agora queiram outra coisa a não ser a vingança. E suas represálias não serão mais de ordem diplomática ou política, já não se propiciarão pactos secretos que endossem golpes de Estado ou intrigas palacianas — o Terceiro Reich deverá se preparar para resistir a um formidável potencial militar.

Quanto ao senhor, *Lupus*, não é necessário lhe dizer o que representa para nós. Contar com o senhor significa dispor de ***vantagem estratégica*** para a execução dos planos da Ordem Negra. Baseados nisso, deveríamos tratar de preservá-lo de qualquer perigo — seria o mais lógico. No entanto, faremos exatamente o contrário: não descuidaremos de sua segurança, mas tampouco impediremos que o senhor cumpra sua missão, ***a missão que lhe foi encomendada pelos Deuses, quando o marcaram com o Signo da Origem***. Continuará, pois, correndo riscos! Estudaremos cuidadosamente suas futuras operações e o enviaremos para fechar, com seu Signo Divino, as Portas do Inferno! Agora sabemos que o senhor ***pode*** fazê-lo. E o fará?'

Os dezesseis pares de olhos me perfuraram o cérebro. Olhei para Rudolph Hess, quase um pai para mim — o que poderia lhe negar? E Konrad Tarstein, meu Instrutor Hiperbóreo, o Sábio que me revelou tantos segredos — o que eu não daria para ele, que nada necessitava nem pedia para si mesmo? E os restantes Iniciados, os Arquitetos Secretos da Nova Alemanha, os Líderes da Ordem Negra ᛋᛋ: negar algo a eles era negar a servir à pátria. Nesse momento, *Neffe* Arturo, minha resposta só poderia ser uma:

'Heil Hitler!' — gritei, e levantei meu braço direito para concordar plenamente. Minha resposta, Neffe, e isso o compreenderam todos, era um juramento, um voto de Cavaleiro ᛋᛋ.

Quando todos se retiraram, meia hora depois, e ficamos só o anfitrião, Rudolph Hess e eu na *Gregorstrasse 239*, nos despedimos de Tarstein e partimos no Mercedes. Como antes, eu dirigiria e Rudolph Hess permaneceria no assento traseiro. Eu estava ansioso para cumprimentar Ilse e pensei que íamos à casa de Rudolph, mas ele me disse imediatamente: 'ao Hotel Kaiserhof'. Olhei-o pelo espelho retrovisor, sem compreender.

'Você não imagina quem nos espera lá?' — perguntou, enquanto sorria zombeteiramente. Tremi, ao perguntar:

'Papai?'

'Sim, Kurt. Seu pai em pessoa. O Barão von Sübermann viajou especialmente do Egito para ver seu inacessível filho.'

'Oh, que alegria, que alegria! Não posso acreditar, ainda. Você o avisou, não é? Diga-me a verdade, *Taufpate*!'

'Sim. Eu o avisei, quando soubemos que você estava em alto mar, de que ele poderia vir 20 dias depois a Berlim. E isso foi o que ele fez, sem perder um instante. Que mal havia nisso? É bom que seu pai o veja pelo menos uma vez por ano. Ou ao término de uma operação na qual, por pouco, você não perdeu a vida. Você aprovou minha decisão, não?'

'Oh, sim, *Taufpate*! Você me deu o mais lindo presente que eu poderia esperar!'

Aquela foi uma das melhores noites de minha vida. Com papai, Rudolph, Ilse e o pequeno Wolf Rüdiger[67], em Berlim, janeiro de 1939. O mundo

[67] *O filho de Rudolph Hess, de dois anos.*

parecia estar em nossas mãos. Ainda me lembro que, durante o jantar, papai anunciou que sua filha tinha se casado com um engenheiro germano-argentino e que, em pouco tempo, partiriam para residirem na Argentina, onde os Siegnagel eram proprietários de uma adega. E que Rudolph anunciou também que eu seria promovido nos dias seguintes, na hierarquia das ᛋᛋ, com o grau de ***Standartenführer***, saltando, assim o grau intermediário de ***Obersturmbannführer***. Seria, disse, um dos ***Standartenführer*** ou Coronéis mais jovens das *Waffen* ᛋᛋ.

Capítulo XL

Querido Neffe, assim se concluiu minha primeira missão para as ᛋᛋ e o Terceiro Reich. Durante a mesma, evidenciou-se o caráter misterioso daquele Signo da Origem que causava a devoção de uns e o terror de outros. Ao chegar a essas alturas, muitas de suas dúvidas iniciais devem ter se dissipado. Você terá compreendido, assim espero, que a história de Belicena e a minha própria história se estruturam sobre uma mesma base, sobre uma infraestrutura que se chama 'Sabedoria Hiperbórea'. E terá compreendido — é necessário que o faça — ***que ambas as histórias continuam em você, que a Sabedoria Hiperbórea passa por você, que os Deuses marcaram você com o Signo da Origem***.

A sua história e a minha, *Neffe* Arturo, são, em parte, paralelas. Para começar, somos membros do mesmo tronco familiar; ambos passamos por uma experiência chocante. Eu, pelo encontro com o Führer, e você, pela morte de Belicena Villca. E essas impressões nos levaram, ambos, a buscar a verdade em nós mesmos, no fundo de Si Mesmo. Eu, durante as férias no Egito, em 1937, quando se despertou em mim o *Scrotra Krâm*; e você, agora, em 1980, nesse instante infinito do ***sequestro*** espiritual pela Virgem de Agartha. Sim, *Neffe*, creio que nesse ponto nos ***auto-Iniciamos***. Sei que o Ritual da Iniciação Hiperbórea tem como finalidade colocar o eleito em contato com as Vrunas de Navutan, mas, como tais Signos já estavam em nós, pudemos realizar o milagre da ***auto-revelação da Verdade Nua de Si Mesmo***.

Então, o paralelismo dos fatos vividos por ambos culmina na correlatividade da experiência iniciática: ambos estamos, agora e sempre, indissoluvelmente ligados a uma Fonte Espiritual, Eterna e Infinita, à Graça da Virgem de Agartha, à Sabedoria Hiperbórea dos Deuses. Por isso, ***como eu os ergui na época, você deve levantar, a partir de agora, 'nossos estandartes', que são as bandeiras do Espírito***. Você se perguntava, em seu apartamento de Salta: a quem devo recorrer por ajuda espiritual; quem são, neste mundo, os representantes da Sabedoria Hiperbórea? Pois, agora, você dispõe da resposta mais clara. ***O Führer deu a resposta, que é: as*** ᛋᛋ

, a Ordem Negra ᛋᛋ. Lembre-se de que o Führer voltará, Neffe, e até Belicena Villca anuncia isso em sua carta:

'***O Grande Líder Branco, o Senhor da Vontade e do Valor Absolutos, virá uma vez, duas vezes, três vezes, ao vosso Mundo. Na primeira vez, romperá a História, mas irá embora, e causará a insensata risada dos Demônios*** (segundo meu parecer, *Neffe*, esta parte da profecia já se cumpriu)***; na segunda, lutará a Batalha Final, mas irá embora, em meio ao Rugido de Terror dos Demônios*** (e suponho, Arturo, que isso é o que ocorrerá muito em breve)***; na terceira, guiará a Raça do Espírito para a Origem, mas irá embora para sempre, deixando atrás de si o Holocausto de Fogo em que se tornarão os seguidores do Deus Uno, homens, Almas e Demônios. Mas aqueles que seguirem o enviado do Senhor da Guerra serão eternos!***' (e aqui só posso pedir '***fiat, fiat***', *Neffe* Arturo).

São as palavras do Capitão Kiev, que implacavelmente se cumprirão. Você procurará a Ordem Tirodal e levará aos seus Iniciados a Carta de Belicena Villca. Será muito oportuno porque eles procuram, também, o Noyo e a Espada Sábia, para iniciarem a Batalha Final. Mas você vai levar-lhes algo mais importante do que a Carta de Belicena Villca: o Signo da Origem, que fecha as Portas de Shambala e abre as Portas de Agartha, pelas quais o Führer e as ᛋᛋ Eternas retornarão para travar a Batalha Final!

Esse é o ***verdadeiro*** motivo da grande manobra, *Neffe*! Que você se aproxime dos que esperam, no momento certo, no *kairos* da Batalha Final! Esse é o significado espiritual de toda essa série de coincidências: ***aproximar o Signo da Origem do kairos da Batalha Final! E como foi com a Casa de Tharsis, e como foi comigo, Neffe, você deve compreender que, com muito mais razões, tentarão lhe tirar do meio. Os Druidas vão persegui-lo! Talvez, Bera e Birsa em pessoa o façam!***

Por causa disso, quero lhe propor que partamos o quanto antes. De meus relatos, ainda que incompletos, você já tirou muitas conclusões. Mais adiante, se as circunstâncias permitirem, dar-lhe-ei os detalhes dos fatos seguintes até 1947, ano em que vim para a Argentina e desde então permaneço escondido.

Em resumo, e de um modo geral, isso foi o que ocorreu a partir de 1939: concederam a cidadania alemã para Bangi e Srivirya e os condecoraram com a Cruz de Ferro de Primeira Classe. Além disso, foram incorporados às *Waffen* ᛋᛋ com o grau efetivo de ***Untersturmführer***. Os tibetanos permaneceram até o verão de 1939 em Berlim, onde receberam treinamento em criptografia e tarefas afins ao Serviço Secreto. Finalmente partiram para o Tibete, e junto com os *lopas* que partiram de nossa expedição, entregaram-se com afinco à missão que lhes foi encomendada: preparar um corpo de elite que atuaria como Legião Estrangeira dentro das *Waffen* ᛋᛋ. Dali sairia a famosa ***Legião Tibetana***, que dependia da ***1. ᛋᛋ-Panzer-Division Leibstandarte ᛋᛋ Adolf Hitler*** e um de cujos batalhões defenderiam até a morte o bunker do Führer, em abril de 1945.

Karl von Grossen regressaria também à Ásia. A partir da Índia e da China, se encarregaria de abastecer discretamene a Legião Tibetana, cujo assentamento natural estaria em Assam, nos domínios de um Príncipe *kâulika*, inimigo acérrimo dos ingleses. Nesse pequeno Reino da fronteira com o Butão, instrutores ᛋᛋ especialmente vindos da Alemanha complementaram o arsenal ofensivo dos monges *kâulikas*, composto de flechas, punhais e cimitarras, com armas modernas de objetivo tático, tais como granadas, pistolas e fuzis de assalto. No entanto, a máxima efetividade daqueles terríveis guerreiros seria sempre acompanhada do uso de suas armas tradicionais, para as quais não tinham rival no Tibete. De qualquer modo, vale a pena notar, aquele corpo jamais passou de uma centena de efetivos.

Mas, muito antes de que a Legião Tibetana estivesse pronta, Vruna paria, em Berlim, dois belos filhotes de cães *daivas*, e morria no parto. Outra legião, esta de veterinários ᛋᛋ, encarregou-se, sob as mais severas ameaças, de que os gêmeos vivessem. Não obstante nossas reservas, cresceram sem problemas e eu os batizei de ***Yum*** e ***Yab***. Eles responderam bem ao treinamento convencional e melhor ainda ao emprego do *Kilkor svadi*, entendendo e obedecendo meus menores desejos.

Em setembro, a Alemanha invadiu a Polônia e começou a Segunda Guerra Mundial. Em 14 de junho do ano seguinte, 1940, as tropas do Terceiro Reich entraram em Paris. Nem a Legião Tibetana, nem eu, interviemos naquelas ações, pois na Ordem Negra se repetia que ***'a verdadeira e única frente do Terceiro Reich se encontrava no Leste'***.

Contrariamente, pois, ao movimento de nossos exércitos, nós nos concentrávamos em planejar operações asiáticas, em tudo semelhantes à Chave Primária, na qual obtive meu batismo de fogo. Finalmente, em agosto de 1940, recebi a ordem de executar a 'Operação Chave Dois', que tinha por objetivo chegar ao monte Elbrus, onde, segundo tradições indo-arianas, ***os arianos nasciam duas vezes***. Mas não se tratava de ir diretamente ao Cáucaso, e sim de ***se aproximar estrategicamente com os cães daivas para chegar até uma Porta situada em outras dimensões***.

Dessa vez, viajei da Alemanha com Oskar Feil, um ***Hauptsturmführer*** chamado Caesar von Lossow, e os *dogos Yum* e *Yab*. No planalto de Pamir, nas origens do rio Panje, nos aguardava Karl von Grossen, com a ***Gebirgsjäger***[68] da Legião Tibetana, com uns cinquenta homens no total.

A partir dali, iniciamos uma dessas loucas aventuras que os cães *daivas* realizavam, para se dirigirem a algum lugar. Ignoro quais atalhos tomaram, pois, em vez de atravessarem o Tadjiquistão, o Afeganistão, o Turcomenistão, o Irã, a Armênia e a Geórgia, e percorrerem 3.000 quilômetros, os *dogos* encontraram a Geórgia a 500 quilômetros de distância. Por mais difícil que seja acreditar, a 500 quilômetros do rio Panje, nos encontramos em Grozny, cidade situada ao pé do monte Elbrus. Claro

[68] *Destacamento de Alta Montanha.*

que as vicissitudes e peripécias passadas até então, e que não posso narrar agora, nos consumiriam vários meses para contar.

Inversamente ao que havia em *O Breu*, ***no monte Elbrus existia um Caminho para Agartha, ou para Vênus, o que é o mesmo***. A missão encomendada por Tarstein e os Iniciados da Ordem Negra consistia em ***localizar a Porta caucasiana de Agartha e unir tal lugar com a localidade de Rastenburg, na Prússia Oriental***. Como? Com os cães *daivas*. Ordenando aos dogos, no Cáucaso, que chegassem a Rastenburg, mediante um salto através do Tempo e do Espaço. Dessa forma, de acordo com as suposições de Tarstein, ficaria ***suprimida*** a distância entre Elbrus e Rastenburg ou, o que também é o mesmo, a Porta de Agartha 'estaria' em Rastenburg.

Que importância tinha Rastenburg, para demandar uma semelhante operação? Não o sabíamos naquele momento, pois só nos foi pedido que executássemos o plano antes de maio de 1941, mas, a partir de 22 de junho, quando o Terceiro Reich iniciou a invasão na União Soviética, o Quartel-General do Führer se instalou em Rastenburg.

O nome-chave do Führer era Lobo, '***Wolf***, e por isso seu centro de operações do Leste, o Trono de onde se oporia com o Poder do Espírito às mais tenebrosas Potências da Matéria, seria conhecido como ***Führerhauptquartier Wolfsschanze***, quer dizer, Quartel-General Supremo Forte do Lobo. Encontrava-se na província prussiana de Köningsberg, antiga praça da Ordem Teutônica, em meio aos bosques que crescem às margens do Guber, e ali aterrissamos Karl von Grossen, Oskar Feil, Bangi, Srivirya e eu, em um dia de maio de 1941. O restante da legião permaneceu acampada no monte Elbrus, a 2.000 quilômetros de distância. Da mesma forma que seus pais no Tibete, *Yum* e *Yab* responderam à ordem de voar e percorreram em um instante a distância estabelecida. Uma vez em Rastenburg, nos dedicamos a sinalizar o lugar exato onde desceram os cães *daivas*, pois até ali, estivesse onde estivesse o lugar, seria construída uma ferrovia para estacionar o vagão do Führer. Tínhamos ordens estritas de não nos movermos até que fôssemos localizados pelas tropas das ᛋᛋ que Himmler tinha destacado e que patrulhavam constantemente a região. Um pelotão nos encontrou e imediatamente um batalhão inteiro ocupou a zona na qual, semanas mais tarde, se estacionaria o *Wolfsschanze*. Vale a pena lembrar que, naquele mesmo lugar, em 20 de julho de 1944, um grupo de generais traidores, os mesmos que apoiavam Ernst Schäfer, tentaram assassinar o Führer, mediante a colocação de uma bomba de grande poder a poucos metros dele. Claro que aqueles que desconhecem o que era a porta caucasiana de Rastenburg ainda não compreendem como o Führer saiu ileso do atentado.

Quando, finalmente, regressei a Berlim, em agosto de 1941, já era muito tarde para me despedir de Rudolph Hess, pois em 10 de maio, meu *Taufpate* voou para a Inglaterra, para tentar neutralizar a Estratégia Golen que tinha dominado o Alto Comando Britânico. Seu voo foi acertado entre membros

da Sociedade Secreta inglesa Golden Dawn e Iniciados da *Thulegesellschaft*, mas, nem bem aterrissou, foi capturado pelos Druidas, graças à traição do alemão Albrecht Haushofer e do britânico Duque de Hamilton, e confinado em uma prisão militar. Para a Sinarquia, seria uma catástrofe a paz entre a Inglaterra e a Alemanha, e sua aliança contra a União Soviética, projeto que Rudolph Hess estava autorizado a gerir. Portanto, deixaram-no incomunicável durante os anos da guerra e publicaram que ele sofria de uma suposta demência, enquanto tentavam destruir efetivamente sua psique com drogas semelhantes às que Belicena Villca menciona. E analogamente ao caso de Belicena Villca, tratando-se de um Grande Iniciado como Rudolph, os Golen não conseguiram seu objetivo.

Sim, Neffe, em agosto de 1941, tinha chegado o momento de recordar as palavras que Tarstein me dissera quatro anos antes: '***todos nós devemos desejar que nunca chegue a sua oportunidade, pois quando Parsifal empreender sua missão, isso significará que o Rei Artur está ferido... e que o Reino é terra devastada***'. Sim, Rudolph, o louco puro, como Parsifal, tinha partido para Albion, Inglaterra, a Ilha Branca, que representava, de alguma forma, Chang Shambala, a Morada dos Demônios. Tarstein previu isso para mim porque ele sabia que seria possível, porque ele conhecia um significado esotérico que explicava o simbolismo profundo da viagem. Que o diplomata Albrecht Haushofer era um traidor, membro do grupo das 'forças sadias da Alemanha' já sabíamos há anos, pelos relatórios que Heydrich elaborou no S.D. — Albrecht era filho do professor Karl Haushofer e de uma judia de nome Martha Mayer-Doss. E que a Sociedade Secreta Golden Dawn[69], em algum momento, no início do século, foi relacionada com a *Einherjar* e a *Thulegesellschaft*, mas caiu em poder dos Druidas, depois de que o Sacerdote Aleister Crowley assumiu a liderança, também o sabíamos. Dessa forma, Rudolph não estava desprevenido a respeito do resultado de sua missão, mas devia existir uma razão mais profunda e secreta que justificasse seu sacrifício.

Perguntei sobre isso diretamente a Tarstein, mas, dessa vez, ele evitou um esclarecimento direto e tornou a me falar em linguagem simbólica, sem dúvida, para não afetar o Mito, para que o Mito continuasse atuando.

'Veja, Kurt' — destacou — 'o Rei Artur, o Führer, pode ser traído por Ginebra-Alemanha e tal desonra deixaria fraco o Reino, perante o ataque dos seres elementais, as hordas de ***Elementalwesen*** procedentes do Leste. Para evitar que o Reino seja destruído, o Rei Artur precisa contar com a força do Graal. Mas o Graal não está presente no Mundo dos homens adormecidos há 700 anos. O que fazer? Como em Wolfram von Eschenbach, o Führer diz:

'Man mac mich dá in strîte sehen:
der muoz mînhalp von iu geschehen'[70]

---

[69] *Aurora Dourada.*

[70] *Parecerá que Sou Eu quem combate, mas na verdade sereis vós que o fareis em mim.*

E Parsifal parte para o Castelo de Sigune, de onde surgem as forças que animam os seres infra-humanos que ameaçam o Reino. E ali, como José de Arimatéia, o Rei Crudel captura e condena a 48 anos de prisão, tanto ele como seus Cavaleiros. Mas então, na prisão, José de Arimatéia entra em contato com o Graal e este o nutre espiritualmente durante o tempo que dura seu confinamento. E as forças elementais se vêm, assim, até certo ponto, freadas, porque o Cavaleiro do Graal, mesmo preso, possui forças espirituais suficientes para transmiti-las ao Rei Artur e mantê-lo em sua Função Régia. Um dia, o Cavaleiro José de Arimatéia conseguirá sair de seu injusto confinamento e será livre com a Pedra do Graal, lendo nela o Nome do Führer e restaurando sua soberania no Reino. Será nesse momento que Frederico II, portador da Pedra de Gengis Khan, se encontrará com o Senhor do Cão, o Preste João, o Senhor de Catay ou K'Taagar, quer dizer, o Senhor de Agartha. Então, as forças elementais serão definitivamente derrotadas na Terra.

Nada além de afirmações simbólicas desse tipo consegui arrancar de Tarstein, que não me ajudaram muito a compreender o significado oculto da missão de Rudolph, ainda que eu conseguisse intuir bastante. Mas não voltei a ver meu *Taufpate* depois de 1940. Naturalmente, durante o Julgamento de Nuremberg de 1945/46, Rudolph foi interrogado pelos hipócritas juízes aliados e, claro, não disse nenhuma palavra sobre o Graal ou o Rei Artur. Pelo contrário, falou bastante sobre a lavagem cerebral e os tratamentos com drogas aos que foi submetido pelos ingleses:

'... Como é lógico, eu pensava continuamente em que explicação poderia ter o monstruoso comportamento das pessoas que me cercavam. Excluí a possibilidade de que fossem criminosos, já que, socialmente, causavam muito boa impressão. E, por outro lado, também o seu passado contradizia essa suposição.

Ocorreu-me, depois, a ideia de que aquelas pessoas tinham sido hipnotizadas, ainda que eu ignorasse, então, que existisse a possibilidade de se produzir um estado de hipnotismo tão intenso e duradouro. Manifestei, com franqueza, essa suspeita ao comandante F., que, evidentemente, a entendeu como uma piada divertida. Disse que ele e todos os demais que estavam ao meu redor eram absolutamente normais e que, infelizmente, eu era vítima de auto-sugestão.

Minha enxaqueca continuava sem cessar. Eu insistia em fingir que tinha perdido a memória. Supunha que não deveria reconhecer as pessoas que tinha visto há mais de quatorze dias, ainda que se tratasse dos médicos que estavam há vários anos comigo. Pude deduzir disso que me davam um veneno terrível, para o qual não existia antídoto, ...

Logo não cometi mais erros. Passei por testes tais como o súbito aparecimento de pessoas às quais tinha conhecido antes, e fingia não reconhecê-las, ainda que me encontrasse em estado de sono hipnótico. Tinha que estar alerta dia e noite. Finalmente, cheguei a estar pronto para

responder falsamente às perguntas, inclusive em sonhos, persistindo em fingir a perda da memória.

Em 19 de abril de 1945 veio, de novo, ver-me o Brigadeiro General Doutor Rees. De novo, tentou me convencer de que tanto minhas conclusões como meu sofrimento eram mera consequência de manias obsessivas. Eu o interrompi, afirmando que de nada serviam suas palavras, ***porque eu sabia o que estava acontecendo***. Ao longo desses anos, porém, tinha adquirido novas convicções que justificavam minhas suspeitas. As abomináveis atrocidades que, durante a guerra dos *Boers*, os ingleses perpetraram com mulheres e crianças nos campos de concentração poderiam ser atribuídas também ***à substância química secreta***.

O Brigadeiro General Rees refletiu por uns instantes, com expressão sombria. Depois, de repente, ficou em pé e saiu apressadamente, murmurando: 'O senhor é muito perspicaz, desejo-lhe boa sorte'.

Eu já estava preso há quatro anos, em companhia de lunáticos, e à mercê de suas torturas, sem poder informar ninguém a respeito disso, e sem poder convencer ao enviado suíço da verdade de tudo quanto ocorria, para não falar de minha incapacidade para instruir os lunáticos a respeito do seu estado. Era pior do que estar em mãos de criminosos, pois estes, pelo menos, têm algo de razão em algum canto escuro de seu coração, e um pouco de consciência. Com meus lunáticos, isso ficava totalmente descartado. Mas os piores eram os médicos, que empregavam seus conhecimentos científicos para as torturas mais refinadas. Na realidade, eu careci de médico durante esses quatro anos, pois aqueles que davam a si mesmos esse nome não tinham outra missão a não ser me ocasionar sofrimentos e, em todos os casos, agravá-los. Igualmente, permaneci todo esse tempo sem medicamentos, porque o que me davam sob esse nome não fazia senão servir à mesma finalidade e, além disso, era veneno.

Diante do meu jardim passeavam de um lado para outro loucos, ou drogados, com fuzis carregados; loucos me cercavam na casa; quando eu saía para dar uma volta, era precedido e seguido por loucos, todos com o uniforme do Exército britânico, e cruzávamos com filas de internos de um manicômio próximo, que eram levados para trabalhar. Meus acompanhantes manifestavam compaixão para com os doentes e ***não percebiam que pertenciam à mesma fila***; que o Doutor que dirigia o Hospital e, ao mesmo tempo, dirigia o manicômio, deve ter sido paciente dessas instituições durante um longo tempo. Não percebiam que eles mesmos eram dignos de compaixão; e não percebiam porque estavam todos drogados e hipnotizados. Eu me compadecia deles, sinceramente; pessoas honradas viam-se ali transformadas em criminosos.

No entanto, o que isso importava para os judeus? Importava-lhes tão pouco quanto o Rei da Inglaterra e o povo britânico. ***Porque os judeus estavam por trás de tudo aquilo***. Se a simples probabilidade não for suficiente para demonstrar isso, o que estou prestes a relatar o será. Entregaram-me um livro escrito por um judeu sobre o tratamento que tinha

sofrido na Alemanha, bem como relatórios dos Consulados britânicos sobre o tratamento dispensado aos judeus na Alemanha, segundo a descrição dos próprios judeus. O Doutor Dix disse que minhas manias obsessivas eram consequência de remorsos pelo tratamento dado aos judeus, do qual eu era responsável, ao que eu respondi que não teria sido de minha competência decidir qual o tratamento a aplicar aos judeus. No entanto, se fosse assim, ***teria feito todo o possível para proteger meu povo daqueles criminosos e não teria sentido remorso por isso***. O Tenente A.C., dos Guardas Escoceses, que estava comigo para minha proteção, em nome do Rei, disse-me um dia: 'você está sendo tratado como a Gestapo trata seus inimigos políticos'. O Doutor Dix e o enfermeiro, sargento Everett, estavam presentes e assentiram com um sorriso. Como tinham se afastado do papel que lhes era atribuído, já que sempre se afirmava que meus sofrimentos eram imaginários, o médico e o oficial foram exonerados pouco tempo depois.

Em minha nota de protesto de 5 de setembro de 1941, mencionei a expressão utilizada por A.C., dos Guardas Escoceses, e acrescentei que era típico dos judeus afirmarem que seus inimigos fizeram o que fizeram por si mesmos, sem que os judeus lhes dessem motivo, e acusarem seus inimigos dos crimes que, na realidade, eles costumam cometer. O Bispo húngaro Prohászka já tinha descoberto isso depois da dominação bolchevique na Hungria, em 1919. Ele informou que, durante aquele período, caminhões carregados de corpos mutilados eram conduzidos, em Budapeste, a duas pontes sobre o Danúbio, e sua carga era jogada ao rio; que cravaram os barretes dos sacerdotes em suas cabeças com pregos de aço, e lhes arrancaram as unhas e esvaziaram seus olhos, e a piada do momento era porque tinham que ir para o outro mundo com os olhos abertos. Todos os responsáveis, com Béla Kun no comando, tinham sido judeus. A imprensa mundial foi silenciada ou estava em mãos hebraicas. No entanto, quando, após o colapso do governo bolchevique, alguns dos perpetradores foram julgados, a própria imprensa mundial denunciou o Terror Branco na Hungria. 'Sempre foi assim', concluiu Prohászka, 'quando um povo teve que lutar contra os judeus'.

Eu não poderia prever, então, que os judeus, para conseguirem material de propaganda contra a Alemanha, chegariam, mediante o uso da substância química secreta, ***a induzir os guardiões dos campos de concentração alemães a tratarem os internados como o fazia a G.P.V.***[71]: todo ato criminoso dessa natureza deve se imputar ao uso das drogas secretas que os judeus empregaram dentro da própria Alemanha. Ao me perguntar pelas razões dos crimes perpetrados contra mim, suspeito do seguinte: primeiro, o Governo britânico teria sido hipnotizado para que tentasse me converter em um lunático, a fim de que pudesse me apresentar como tal, se fosse necessário, se chegassem a reprová-lo por não ter aceitado

[71] *Polícia Secreta Soviética, cujos chefes são, invariavelmente, judeus de crueldade sem igual.*

minha tentativa de um entendimento com o qual a Inglaterra pudesse economizar muitos sacrifícios; segundo, a inclinação geral dos judeus ou dos não judeus, que foram induzidos a me maltratarem e se vingarem de mim pelo fato de que a Alemanha nacional-socialista tivesse se defendido dos judeus; terceiro, vingança contra mim, porque tentei colocar um fim muito rápido à guerra que, com tanto trabalho, os judeus tinham iniciado, com o que seriam impedidos de alcançarem os seus objetivos bélicos; quarto, era necessário impedir que eu publicasse as revelações contidas neste relatório.'[72]

Nessas declarações de Rudolph Hess pode estar a verdade secreta sobre o famoso 'Holocausto de 6.000.000 de judeus'. É notável, efetivamente, que os membros do Povo Eleito tenham sido vítimas de um genocídio tipicamente judaico, uma forma de extermínio que, tal como Belicena Villca demonstra em sua Carta, é o que os Rabinos vêm reclamando há milênios para ser aplicado aos 'Gentios' ou 'Goim'. Mas Rudolph Hess expôs acertadamente 'que era típico dos judeus afirmarem que seus inimigos fizeram o que fizeram por si mesmos, sem que os judeus lhes dessem motivo, e acusarem seus inimigos dos crimes que, na realidade, eles costumam cometer'. Esta atitude dos judeus é frequente, foi confirmada por centenas de provas históricas, e explica a incrível acusação de que se teria praticado contra eles um mini Holocausto de Fogo, projetando sobre os Campos de Concentração a imagem da Morte Final com a qual eles mesmos sonham em destruir a Humanidade espiritual, quer dizer, não judaica. Em síntese, *Neffe* Arturo, só uma mentalidade tipicamente judaica poderia ter concebido uma forma de extermínio semelhante, que jamais passou pela imaginação de Heinrich Himmler nem, é claro, do Führer. E quanto aos alemães que, supostamente, 'confessaram' terem perpetrado esses crimes, além de existirem muitas explicações óbvias sobre por que alguém se declararia contra si mesmo ou contra sua pátria, é claro que a causa real tem que ser buscada nas drogas secretas que os Druidas conhecem, e cuja principal guarida se constitui, há milênios, justamente a Inglaterra. O próprio Rudolph Hess o expôs em 1945, como você viu, ao afirmar que não apenas as testemunhas foram drogadas e hipnotizadas, para se declararem contra si mesmas, mas que, no caso de que algum crime pudesse verdadeiramente ter sido cometido nos K.Z. alemães, isso se deveria imputar à introdução de drogas antes da queda do Terceiro Reich, com o objetivo de perturbar os guardas, para obter posteriores retornos propagandísticos.

Enfim, se não tornei a ver Rudolph Hess depois do meu regresso a Elbrus-Rastenburg, ao contrário, tive notícias do maldito Ernst Schäfer. Havia retornado silenciosamente, tal como o previra Tarstein, e se encontrava na França ocupada. Era protegido pelo Serviço Secreto do Almirante Canaris, da *Abwehr*, que estava fora da jurisdição do S.D. exterior. Segundo os

[72] *Fragmentos do Relatório de Rudolph Hess, lido por este durante o Julgamento de Nuremberg, em 1946.*

relatórios de que dispunha Walter Schellenberg, parecia muito provável que também o acompanhassem seus quatro sequazes, ainda que um deles '***tivesse perdido a visão no Tibete***', devido a que seus olhos estiveram expostos '***a uma intensa e desconhecida fonte de luz***'.

Como é natural, eu propus para que se fizesse imediatamente uma operação secreta para executá-lo, tanto ele como seus cúmplices, mas fui dissuadido por Tarstein, que argumentou que o traidor era mais valioso vivo do que morto — 'estando vivo poderá comunicar às forças sinárquicas que com o Terceiro Reich eles têm apenas um caminho: a guerra' — explicava-nos Tarstein. A Fraternidade Branca só apoiará uma aliança contra a Alemanha se depois de sua total destruição se constituir, em pouco tempo, a Sinarquia Universal do Povo Eleito. Se esse objetivo se concretizar, a Alemanha, sem dúvida, será sacrificada, mas esse Governo Mundial significará o fim da História. A Alemanha renascerá uma vez mais, talvez não como Nação, mas sim o seu Espírito, seu Führer, seu Deus Wothan; será apoiada pelos Deuses Leais ao Espírito do Homem, ***e a Batalha Final será travada sobre a Terra***.

Ernst Schäfer retornou transformado em um Mestre da Hierarquia Branca, ou seja, espiritualmente morto. Sua Iniciação no Tibete lhe valeu o reconhecimento de numerosas Sociedades Secretas sinárquicas, como, por exemplo, a Maçonaria inglesa, que lhe concedeu o grau 33 e o cargo de Presidente do Grande Oriente do Rito Escocês Antigo e Aceito. A destruição da Operação *Altwesten* foi atribuída, nos papéis, a acidentes comuns nesse tipo de exploração, e Schäfer viveu tranquilo até depois da guerra. Seus familiares ainda residem na Argentina.

Essa liberdade da qual ele desfrutou, com o amparo dos grupos de resistência ao Führer, permitiu-lhe, tal como tínhamos calculado na Ordem Negra, planejar e lançar muitíssimos atentados contra a minha pessoa. Ninguém sabe ao certo quantos atentados se perpetraram contra o Führer, mas os que eu padeci nesses anos não ficaram muito atrás — envenenamentos, bombas, franco-atiradores, emboscadas, sabotagens em minha equipe e ameaças permanentes: ou abandonava as ᛋᛋ, desertava, ia embora da Alemanha para sempre, me afastava definitivamente dos lugares sagrados para os Sacerdotes, ***ou não haveria lugar na Terra onde eu pudesse me esconder da inevitável vingança rabínica***.

Claro, não cedi às ameaças e cumpri minhas ordens até o fim, *Neffe*, mesmo aquelas ordens que não me agradaram, como a última, que me obrigou a permanecer 35 anos em Santa María de Catamarca.

Capítulo XLI

Não falarei das operações intermediárias, pois esta será minha última referência às intensas atividades esotéricas daqueles anos. Só recordarei

que, em 1945, estávamos trabalhando no sul da Itália, na região de Apulia, onde se encontra o Castelo Octogonal do Imperador Frederico II Hohenstaufen, que governou de 1215 a 1244 e de quem Belicena Villca fala bastante em sua Carta. Nossa missão não tinha relação direta com a guerra, pois pouco era já o que se poderia fazer para reverter uma situação dia a dia mais adversa. Naqueles dias, pela primeira vez na História, podia-se apontar o mesmo inimigo judeu: capitalistas, comunistas, sionistas, todas as Nações aliadas, sem importar sua ideologia, mostravam os mesmos rostos hebreus, o verdadeiro perfil da Sinarquia.

E no meio desse colossal desastre, enquanto a Alemanha cedia diante de forças mil vezes superiores — forças que apareciam unidas sob a máscara de Jeová-Satanás — nós já não trabalhávamos para a Alemanha, para fechar as Portas dos Demônios inimigos da Alemanha, mas ***para as ᛋᛋ, para o Futuro das ᛋᛋ***. Em que consistia nossa missão, no sul da Itália? Em algo insólito: deveríamos procurar ***a Pedra de Gengis Khan***.

Sim, não se trata de um delírio. Konrad Tarstein dispunha de informações específicas e antigas que asseguravam que, em 1221, Gengis Khan enviou a Frederico II, para a sua corte da Sicília, uma Pedra proveniente de Agartha, na qual se encontrava gravado um pacto tripartido, para instaurar o Império Universal. As três partes seriam: Gengis Khan, Imperador da Ásia; Frederico II, Imperador do Ocidente; e os Deuses Leais de Agartha, pelas Forças Subterrâneas da Terra. Antes de morrer, em 1244, Frederico ordenou que se construísse aquele estranho castelo octogonal e escondeu para sempre a Pedra. Agora, Konrad Tarstein nos explicava que o Castelo, em sua construção, ocultava uma chave para localizar a Pedra, que não se encontraria muito longe da praça. Efetivamente, a 800 metros de distância, sob uma leve encosta coberta de grama, os cães *daivas* rastrearam uma *Kripta* de pedra que continha um cofre da Rainha Constância e a ansiada Pedra de Gengis Khan, gravada com caracteres *Uigur* e runas germânicas.

Não foi fácil encontrá-la — necessitaram realizar escavações profundas e medições trigonométricas com teodolitos. As medições foram feitas *a posteriori*, para tentar descobrir a chave da construção por oposição estratégica que permitia ***proteger*** um objeto valioso, colocando-o ***fora das muralhas***.

Não houve tempo de se completarem as medições, pois, desde 5 de abril de 1945, começou a invasão aliada na Itália. Fomos retrocedendo, pois, para o Norte, mas, a cada passo, comprovávamos a magnitude do desastre. A guerra estava perdida para a Alemanha e não tardaria em terminar. Decidimos nos separar. Karl von Grossen e Oskar Feil, sob protestos, ficariam escondidos em um Monastério franciscano cujo Prior era simpatizante da Alemanha e da causa árabe. Ambos tiveram que trocar o uniforme negro das ᛋᛋ pela parda batina ***seráfica***. Aos seus cuidados, também ficariam os cães *daivas*.

Enquanto nossos Camaradas permaneciam no Monastério de Nápoles, a Legião Tibetana empreendeu viagem a Berlim. Nela, íamos Bangi, Srivirya, cinquenta comandos e eu. Depois de múltiplos confrontos com os 'partisans' comunistas que infestavam as estradas, conseguimos chegar a Verona, de onde partiam vários caminhos que passavam pelos Alpes. Fomos pelo de Bolzano, que nos conduziu, um dia depois, diretamente a Berchtesgaden.

Em 25 de abril, o comandante ᛋᛋ de Berchtesgaden recebeu um telegrama de Bormann no qual se ordenava prender o Marechal Goering. Quando nós chegamos, não havia ninguém que pudesse nos atender ou dar informações. Dirigimo-nos, então, ao Obersalzberg, mas antes de chegar, o Destino — esse Destino trágico que sempre me perseguia — decidiu representar sua melhor função: 318 bombardeiros Lancaster chegaram primeiro e começaram a descarregar toneladas de bombas sobre a pacífica aldeia alpina. Paralisado de dor, atravessado pela nostalgia lancinante, creio que gritando de impotência, vi voar em mil pedaços a casa de Rudolph Hess e outras da vizinhança. Aquela casa onde, 12 anos atrás, chegáramos com meu pai para visitar o *Stellvertreter* do Führer e pedir-lhe ajuda para encaminhar a minha carreira! Ali papai tinha-me confiado a joia dos Ofitas. O que teria acontecido com ela? Talvez Ilse tivesse ficado com elas, a sua e a minha...

Quantas lembranças!

Malditos ingleses, malditos ianques, malditos russos, maldita Sinarquia judaica! Que necessidade havia de destruir essa aldeia de Obersalzberg? Talvez suprimir um símbolo? Mas só é possível quebrar dos símbolos a sua forma, a sua aparência, porque o conteúdo é metafísico, transcendental, e jamais poderá ser atingido pela bomba de um Lancaster.

Enfim, sem poder conter as lágrimas, vi as ruínas fumegantes do Berghof, o Quartel General do Führer, vazio nesse momento porque, como bem sabiam os aliados, o Führer se encontrava no bunker de Berlim, e vislumbrei os restos das casas de Bormann e de Goering, e de muitos habitantes que nada tinham a ver com o nazismo e o Terceiro Reich. Regressamos a Berchtesgaden e conseguimos, no dia seguinte, transporte para Munique. Ali encontrei o General Koller, que me informou a respeito da desastrosa situação de Berlim: os russos tinham chegado às margens do Elba e Eisenhower deteve o exército americano perto de Torgau, com o declarado propósito de que Berlim fosse arrasada pelas hordas eslavas. 'Isso era' — justificou o maldito judeu — 'o que se combinou em Yalta'.

Berlim encontrava-se, assim, sitiada pelos russos, sendo quase impossível entrar ou sair por terra. 'Pois a legião tibetana entrará em Berlim' — afirmei, com determinação.

'Não será necessário que corra semelhante risco, ***Brigadeführer*** von Sübermann: acabam de chegar ordens para o senhor, que mandam que se dirija a Plauen. O ***Reichsführer*** Himmler deseja vê-lo pessoalmente ali. O General Koller, diante da minha surpresa, me estendeu o telegrama de Himmler. Como o ***Reichsführer*** soube que estaríamos em Munique? Havia

só uma resposta: o oficial S.D. de Berchtesgaden tinha informado nossos passos. Amaldiçoei por dentro e indaguei Koller:

'Há uma linha telefônica com o ***Reichsführer***?'

'Só em caso de extrema urgência.'

'Pois este é um deles, meu General. Trata-se de uma emergência.'

'Bem, ***Brigadeführer***. Passe pelo rádio que autorizarei a ligação.'

Suspirei aliviado. Era necessário confirmar minhas suspeitas antes de partir!

'Aqui fala o ***Brigadeführer*** Kurt von Übermann, meu ***Reichsführer'*** — cumprimentei, através da inaudível linha.

'Kurt von Übermann! Quanto me alegra saber do senhor, neste momento! Felicito-o por chegar até Munique. Bem a tempo! Não se podia esperar menos do senhor. Bem, ***Brigadeführer*** von Übermann, escute-me bem: as coisas mudaram aqui na Alemanha, e agora eu estou encarregado da Operação Frederico II. Assim, pois, o senhor deve vir o quanto antes e trazer-me a Relíquia do Rei. Venha por avião. Até logo. Passe-me para o General Koller, para que lhe dê as instruções necessárias.'

'Até logo, meu ***Reichsführer***' — me despedi, imerso na mais negra das apreensões.

Reuni-me com Bangi e Srivirya. Por sorte, não havia aviões disponíveis no momento. O que faria? Era evidente que Himmler planejava se apoderar da Pedra de Gengis Khan para utilizá-la para alguma finalidade pessoal. Mas a Pedra de Agartha não pertencia a ele, mas sim à Ordem Negra ᛋᛋ, à *Thulegesellschaft*, à Alemanha. Para mim, o ***Reichsführer*** merecia o melhor dos conceitos, era um Iniciado fiel ao Führer e leal aos nossos estandartes. Se a queda da Alemanha o transtornara, isso seria compreensível. Mas na Ordem Negra jamais me perdoariam se eu extraviasse um objeto que Frederico II Hohenstaufen protegeu durante 700 anos.

'Camaradas, estou com um problema' — confiei aos chefes da Legião Tibetana — 'com certeza me verei na necessidade de desobedecer uma ordem do ***Reichsführer*** e não quero que os senhores sejam envolvidos. Pensei em transferi-los para o Comandante local das ᛋᛋ e prosseguir sozinho na viagem a Berlim. É meu dever entregar o cofre que encontramos em Apulia para os Iniciados da Ordem Negra, que também são membros da *Thulegesellschaft*, e, para isso, tenho que ir a Berlim. Pelo contrário, o ***Reichsführer*** pretende que eu dê apenas a ele a Relíquia, na cidade de Plauen.'

'E como o senhor vai para Berlim, *Shivatulku*?'

'Por terra, já que pelo ar é impossível chegar. Fingirei ir a Plauen, mas depois desviarei para o Norte, e tentarei, de alguma forma, atravessar o cerco russo.'

'Então nós o seguiremos a Berlim. Pense bem: seremos úteis para realizar a proeza que o senhor planejou. E, por outro lado, o que nos importam as acusações de desobediência, mesmo que signifiquem a morte? Já vivemos muito e a Morte absolutamente não nos amedronta!'

As palavras do *gurka* trouxeram-me à realidade. Sem dúvida, aqueles dias mostravam o fim do Terceiro Reich. E muito provavelmente representavam nosso próprio fim. Sim, tudo terminava, e talvez também nós terminássemos. Agora ou mais tarde, teríamos que jogar nossa vida contra uma plêiade de inimigos russos, ingleses, ianques, franceses — quem, por Wothan, nos tiraria a vida? Deixar a Legião Tibetana em Munique só significava prolongar-lhes a vida em um ou dois dias mais — essa era a realidade.

Decidi imediatamente. Tínhamos que agir antes que o General Koller conseguisse o avião.

Reuni todos em um pátio afastado e lhes falei:

'Legião Tibetana! Em poucos minutos iniciar operações. Nosso objetivo é chegar a Berlim, e precisamos nos equipar agora. Mas não podemos solicitar oficialmente esses equipamentos. Portanto, nos apossaremos deles.

Antes de mais nada, temos que nos apoderar de dois caminhões blindados, com pneus sobressalentes e munição suficiente. Bangi e quinze homens farão isso, tentando não causar baixas em nenhum dos grupos, que são do mesmo lado da Alemanha. Capturem e amordacem aqueles de quem tenham que roubar, e mantenham-nos escondidos nos caminhões, pois os libertaremos antes de partir. Vocês têm dez minutos para executar a missão e estacionar os caminhões diante do depósito da Administração.

Srivirya e 20 homens assaltarão o depósito, pegando só o imprescindível para uma viagem de 600 quilômetros e 50 efetivos: granadas, fuzis, munições e um mínimo de víveres. Imobilizarão todo mundo e, quando chegarem os caminhões, carregarão tudo e se reunirão conosco no edifício de dormitórios, ao lado do cassino. Em quinze minutos têm que estar ali!' — ordenei.

Os quinze tibetanos e eu nos dedicamos a recolher nossas bagagens e roupas e empilhar tudo na porta da barraca. Quinze minutos depois, saíamos do quartel de Munique. O primeiro grupo fez quatro prisioneiros. O de maior grau era um ***Scharführer***. Para ele dei a carta dirigida ao General Koller. Nela, pedia-lhe desculpas pelo incômodo, e lhe informava que '***eu não poderia obedecer a ordem do Reichsführer Himmler pois esta contradizia outra ordem anterior que me obrigava a ir a Berlim. O autor da primeira ordem era um Chefe do Serviço Secreto do qual só estava autorizado a mencionar seu nome chave: Unicornis***'. Rogava-lhe que comunicasse essa mensagem textualmente ao ***Reichsführer*** e me despedia amavelmente do General Koller. Não esperava que Koller me perdoasse por ter ridicularizado seus homens, mas tinha fé que Himmler deixaria tudo como estava, e não enfrentaria ***os cérebros ocultos do Terceiro Reich***. Soltamos, pois, os perplexos soldados na entrada norte de Munique, reiterando-lhes que transmitissem o quanto antes essa carta ao General Koller.

Meus cálculos foram corretos, porque Himmler nada fez depois de receber a lacônica mensagem. Inclusive cruzamos com tropas ϟϟ provenientes da

frente russa, que não tinham recebido qualquer advertência com respeito a nós.

Era, então, 28 de abril, e acredito que esse foi o último dia no qual existiu a mínima possibilidade de se chegar até Berlim por rodovia. A rota que escolhemos era como se marchássemos pelo fio dos dentes do Dragão sinárquico — porque em todas as rotas havia vanguardas inimigas ao longo do caminho. Primeiramente, vanguardas francesas e ianques que vinham do Oeste, e depois vanguardas russas procedentes do Leste, que encontravam as fileiras ianques nas margens do Elba. Munique caiu em poder dos franco-ianques em 30 de abril, quer dizer, dois dias depois de sairmos.

De qualquer forma, e mantendo periódicos combates contra ianques e russos, chegamos a Potsdam ao anoitecer. Era impossível atravessar as linhas russas em dois caminhões alemães e com uma legião ᛋᛋ. Duas horas mais demoramos para localizar um acampamento russo apropriado para obter a camuflagem imprescindível: uns 60 soldados da infantaria russa dormiam em uma fileira de tendas, guardados por quatro sentinelas. Todos morreram por arma branca, a maioria degolados, pois ninguém queria estragar seu disfarce. No entanto, nenhum legionário quis tirar o uniforme das ᛋᛋ e teve que colocar a roupa russa por cima dela, muitas vezes ajudando-a a se ajustar com muitos golpes de punhal.

Assim vestidos, marchamos mais ou menos abertamente na direção do Spree. Seguindo sua margem, chegamos à ponte Weidendammer, que estava guardada por crianças da Juventude Hitlerista de Arthur Axmann. Demorei dez minutos para convencer um ***Obersturmführer*** de 12 anos de que éramos uma legião das ᛋᛋ e que devia nos deixar passar. Finalmente, cruzamos, e todos tiraram ali mesmo a roupa russa, menos eu, que ainda haveria de prosseguir muito, porque tínhamos decidido nos separar, agora sim, definitivamente. A Legião Tibetana pertencia ao *Leibstandarte Adolf Hitler*, o Corpo ᛋᛋ que tinha como missão a guarda pessoal do Führer, e o mais lógico seria que esse Corpo se dirigisse ao bunker para contribuir para sua defesa.

Berlim apresentava um aspecto catastrófico: quadras inteiras demolidas pelos bombardeios aéreos e pela canhonada dos russos; as ruas cobertas de escombros, lampejos de diferentes incêndios somavam-se à luz do amanhecer desse fatídico 29 de abril de 1945. Marchamos em silêncio por várias quadras, até chegarmos à Friedrichstrasse, ou o que restava dela. A ideia era seguir por aquela via até a altura da estação de trem subterrânea e depois descer e caminhar por baixo da superfície. Na estação da Wilhelmplatz subiríamos a poucos metros da Chancelaria. Não foi possível realizar esse simples plano porque na rua de Frederico estava acontecendo uma terrível batalha de tanques. Tentamos, então, chegar correndo na Wilhelmstrasse, quando a Fortuna, tão esquiva até então, veio em nossa ajuda.

Efetivamente, pela rua transversal na qual entramos, começou a dobrar a esquina para o nosso lado uma fileira de tanques. No comando, ia um ᛋᛋ ***Oberführer*** de nome Otto Meyer, que conhecíamos, porque von Grossen conseguira, três anos antes, que nos desse uma conferência sobre táticas de cavalaria blindada. Era um jovem oficial de lendário valor e grande profissionalismo para a condução de tropas motorizadas. Tinha lutado na França e na Rússia e sobreviveu, além de causar grandes perdas ao inimigo. Quando Rudolph, depois da minha primeira missão, fez alusão a que eu seria um dos ***Oberführer*** mais jovens do Exército alemão, incluiu, sem dúvida, Otto Meyer em seu conceito plural. Agora o tinham convocado para a Batalha de Berlim, a última, e certamente morreria.

Ele parou seu Panzer e saiu pela torre:

'Kurt von Sübermann e a Legião Tibetana! Ha, ha, ha! Nunca esperaria encontrá-lo aqui, ***agente secreto***! Onde Demônios acreditam que vão?'

'Otto Meyer!' — gritei, comovido — 'eu tampouco imaginei voltar a vê-lo!' Ah, Otto, esta é a guarda do Führer, que deve chegar até a Chancelaria!'

'Mas são poucas quadras! Não se preocupe, que chegarão. Diga-lhes que marchem protegidos pelos Panzer e eu os deixarei na porta. E você, suba para a cabine, que eu quero falar com alguém que ainda não ficou louco, como estão todos nesta cidade.'

Quinze minutos depois, os Panzer pararam diante da Chancelaria que, praticamente, já não existia, salvo os bunkers subterrâneos. E a Legião Tibetana se formou no jardim. O espanto do ***Brigadeführer*** Mohnke, comandante ᛋᛋ da Chancelaria, não tinha limites, ao contemplar essa tropa de rostos asiáticos.

'A Legião Tibetana, formação especial da *1. ᛋᛋ-Panzer-Division Leibstandarte ᛋᛋ Adolf Hitler* se apresenta para fazer a guarda no *Führerbunker*! Heil Hitler, meu ***Brigadeführer***!' — apresentei e cumprimentei, gritando.

Mohnke achou suspeito aquele reforço, sobre o qual não tinha recebido nenhuma informação, e pensou que fosse uma deserção da frente de batalha, mas se tranquilizou quando lhe provei que nosso destino era a Itália, de onde logicamente tivemos que nos retirar, e lhe comuniquei que Himmler estava informado de nossa marcha até Berlim.

'Agora, se puder, devo completar a missão que o Serviço Secreto me encomendou' — solicitei.

'Por mim, cumpra o senhor com seu dever, ***Brigadeführer***. Aqui já não há mais o que fazer' — ele afirmou, em tom lúgubre.

Em 10 horas da manhã. Ouvi quando disseram a Otto Meyer que o Führer estava descansando, que não poderia recebê-lo. O heróico Meyer tinha tentado ver Hitler antes de empreender um trajeto do qual, talvez, nunca voltaria. Fiz-lhe um sinal para que me esperasse um momento e me despedi para sempre de Bangi, Srivirya e dos cinquenta guerreiros *lopas* da Legião Tibetana. Para que descrever o que foi aquela despedida? Basta acrescentar que, mesmo depois de 35 anos, eu os vejo nitidamente no jardim

da Chancelaria em ruínas, levantando o braço para me saudar militarmente, e escuto a voz do *gurka* que diz: 'Adeus, *Shivatulku*! Não sofra por nós, pois logo nos encontraremos em outra guerra, lutando ao lado dos Deuses!'

'A Gregorstrasse?' — repetiu Meyer, em tom de interrogação — 'mas isso fica no Gipfelstadt[73]. Tem que atravessar a Porta de Brandemburgo e cruzar o Thiergarten[74]. Veja, Kurt, há alguns dias os russos estão tentando ocupar o Thiergarten, mas não conseguiram quebrar nossas baterias anti-tanque. Portanto, eles também montaram suas próprias baterias. Conclusão: ninguém pode passar, porque se formou um inferno de fogo cruzado. Mas não se iluda — tampouco você poderia chegar a pé, porque minamos todos os campos e caminhos do Zoológico.'

Olhei-o desolado e isso lhe arrancou outra de suas habituais gargalhadas.

'Calma, Kurt, calma, nem tudo está perdido. Se bem que os Panzer não possam passar, isso não significa que ***nada possa*** passar. Já ouviu falar dos Kamikaze?' — perguntou, sempre brincando.

'Sim, são os pilotos suicidas japoneses.'

'Pois bem, meu querido Camarada! Se você se atrever a ser um ***motociclista kamikaze***, é possível que o façamos cruzar para o Gipfelstadt!'

Eu começava a compreender.

'O plano é elementar. Só se necessita do kamikaze para realizá-lo' — disse, sorrindo.

Eu assenti, dando-lhe a entender que faria o papel de piloto suicida.

'Pois, então, não há mais nada a falar. Pegue uma das motos da escolta, que agora são completamente inúteis, e se lance pela grande avenida, cruze a Porta do Brandemburgo e entre no Thiergarten. Com sorte, em dez minutos estará na Gregorstrasse. É verdade que terá que entrar no Thiergarten a grande velocidade, a mais de cem quilômetros por hora, para que os russos não possam conseguir acertar a mira. Enquanto isso, nós os entreteremos com fogo à vontade. Está de acordo?'

'Absolutamente de acordo. O plano é, na verdade, suicida, mas é o único que me dá alguma possibilidade' — aceitei.

'Você fez bem em conservar essa roupa russa: é de oficial. Pode lhe ser útil mais adiante, uma vez que para onde você vai não há alemães, mas sim russos. E você fala a língua dos infra-humanos, não?'

Assenti, com um gesto. Eu já não tinha vontade de falar, nem de brincar; só desejava partir para a aventura suicida. Compreendia que era tudo ou nada, e só queria partir.

Otto Meyer percebeu isso mas não parou de fazer piadas até o fim.

'Adeus, Camarada' — despediu-se sorrindo — 'da próxima vez que nos vejamos, você vai me levar para passear em *sidecar*. Ha, ha, ha!'

---

[73] *Bairro do Cume.*
[74] *Jardim Zoológico de Berlim.*

'E você, em um Panzer de carrossel. Ha, ha, ha!'

No final, ambos rimos, e nos despedimos também para sempre.

Capítulo XLII

Cruzei a avenida principal do Thiergarten deitando sobre um bólido que corria a mais de cem quilômetros por hora, esquivando-me, com reflexos instantâneos, de milhares de buracos do que mais parecia uma paisagem lunar. As baterias alemãs, alertadas por Otto Meyer, abriram fogo, simulando tentar me acertar — coisa que alertou os russos e os levou a concentrar o fogo contra elas, permitindo que eu me afastasse.

Dez minutos depois, eu entrei no Gipfelstadt e circulei em velocidade normal pela Gregorstrasse. Parei diante do 239, levantei os óculos de proteção e olhei para ambos os lados da rua — nem uma alma. Mas o mais curioso era que, contrariamente às demais quadras, que tinham padecido o demolidor ataque dos bombardeios, a que continha a casa de Konrad Tarstein encontrava-se intacta, como se a guerra não tivesse passado por ali.

Novamente, como um Rito mil vezes repetido, bati, com a mofada argola que pendia do punho de bronze.

'Sim' — a estridente voz de Tarstein deixou-se ouvir, através de alguma fenda da antiga porta.

'Sou Kurt von Übermann, quer dizer, *Lupus*, sou *Lupus*, Camarada *Unicornis*.'

Abriu-se a porta e Tarstein, no cúmulo da serenidade, repetiu mais uma vez:

'Entre, eu o estava esperando. São 16 horas. Você chegou justamente para uma xícara de chá. Não lhe incomoda se adiantarmos uma hora ao horário inglês?' — indagou, com ironia.

'Não, não. Um chá será bom. O senhor não sabe o que tive que passar para chegar aqui. Literalmente, atravessei um desfiladeiro de munição pesada. Naqueles instantes, não sabia se iria chegar aqui, e não sabia, tampouco, o que iria encontrar aqui. O senhor deve imaginar minha surpresa ao comprovar que não se afastou de seus costumes habituais.

'Meu estimado *Lupus*, não é bom para a saúde que um velho como eu esteja, a essa altura, mudando seu modo de vida' — explicou, com ironia renovada — 'venha, vamos para a cozinha, tomemos esse chá, e esqueça-se por um bom tempo do que ocorre lá fora. Deixe tudo sobre esse sofá, menos o alforje que contém a Pedra de Gengis Khan. Por que foi para isso que veio, não? Arriscou umas mil vezes sua vida para cumprir a missão dada pela Ordem Negra. O senhor é admirável, Kurt von Übermann, um Cavalheiro digno do Führer, um Iniciado digno dos Deuses.'

Como tantas outras vezes, entrei na moderna cozinha e me sentei diante de uma mesinha coberta com uma toalha de fino linho branco. Tarstein preparou a infusão em uma chaleira de porcelana de Xangai e encheu as xícaras com chá da mesma procedência. Enquanto o saboreava, já mais tranquilo, vi Tarstein examinar a Pedra de Gengis Khan. Parecia comovido, coisa incomum nele. Por fim, perguntou:

'Sabe o que é isto? A prova de que a Humanidade conta com uma oportunidade, o testemunho concreto de que os Deuses do Espírito concordaram em tratar com os Grandes Iniciados que tentavam tornar realidade o Império Universal. Se eles tivessem triunfado no século XIII, a História da Humanidade seria muito diferente e o Inimigo não teria a possibilidade de constituir a Sinarquia Universal no século XIV. Por exemplo, não teria sido necessário que Felipe, o Belo, dissolvesse os Templários entre 1307 e 1314, pois Frederico II já os teria liquidado, de bom gosto, em 1227. E sabe por que isso não se realizou? Porque esta Pedra que você trouxe foi perdida durante sete anos-chave, de 1221 a 1228. Na verdade, ela não se extraviou, mas a extraviaram, com o propósito de fazer fracassarem os planos imperiais. Ai, *Lupus*! Se esta Pedra tivesse chegado a tempo às mãos do Imperador Frederico II, talvez minha própria família, a Casa de Tharsis, não tivesse sido exterminada em 1268!'

Eu, naturalmente, *Neffe*, entendia muito pouco disso tudo. Só agora, depois de ler a Carta de Belicena Villca, é que as palavras de Tarstein adquiriram seu verdadeiro e dramático significado. Naquele momento, Konrad Tarstein deve ter notado a perplexidade em meu rosto, pois procurou esclarecer, com outras palavras, o sentido daquela incrível Relíquia.

'Lembra da história do Imperador Frederico II Hohenstaufen?' — perguntou, energicamente.

'Sim. Quer dizer, lembro de alguns fatos relevantes' — respondi, vacilante.

'Pois bem. Este fato é muito relevante. Lembra do que aconteceu com o seu voto de Cruzado?'

'Ah, sim' — afirmei, agradecido por não ser totalmente ignorante — 'creio que Frederico II foi coroado em Aquisgrana, em 1214, e ali fez o voto fatal a Inocêncio III de empreender uma Cruzada à Terra Santa. Por diversos motivos, não cumpriu essa promessa até 1228, o que lhe custou inumeráveis complicações com os Papas, que derivaram em excomunhões e guerras.'

'As datas estão corretas, *Lupus*. O que o senhor não conhece com exatidão, porque permaneceu em segredo até agora e só era de domínio de certas Sociedades Secretas, é o ***verdadeiro motivo*** pelo qual Frederico II atrasava sua viagem à Palestina. ***E aquele motivo era este: a Pedra de Gengis Khan***. Frederico II esperava, desde 1221, a chegada de um Iniciado mongol que seria o portador de um pacto escrito entre o Imperador do Oriente e o Imperador do Ocidente. Esse Iniciado não chegou nunca à Sicília, e a razão disso foi que o assassinaram na Síria franca, por ordem dos

Druidas católicos. Quando, finalmente, Frederico II decidiu-se a viajar para o Oriente Médio, o fez com o objetivo de resgatar a Pedra de Gengis Khan, que estava em poder do Senhor de Beirute. Mas já era tarde para consumar o pacto metafísico, para submeter a Ordem do Mundo ao Império Universal — Gengis Khan morrera em 1227 e seus sucessores, que não eram Iniciados, caíram rapidamente nas mãos dos Sacerdotes da Fraternidade Branca.

Vale a pena conhecer a história com todos os seus detalhes porque, agora, 700 anos depois, voltou a se apresentar a possibilidade de se construir o Império Universal. E, como então, a verdadeira luta acontece no plano dos Grandes Iniciados e das Altas Doutrinas: o Império Universal contra a Sinarquia Universal; a Sabedoria Hiperbórea contra a Cultura judaica; o pacto do Führer com os Deuses Leais de Agartha contra o pacto de um punhado de homenzinhos — Churchill, Roosevelt, Stalin, De Gaulle, etc — com os Deuses Traidores de Chang Shambala. As enormes matanças das massas combatentes impressionam, mas carecem de importância, sempre carecem de importância, diante do confronto entre os Iniciados e os Deuses Traidores. Esta Pedra, que o senhor encontrou no Castelo de Frederico II, era o pacto dos Imperadores com os Deuses de Agartha que iria possibilitar a realização do Império Universal no século XIII. Frederico II fez com que ela fosse escondida por Iniciados Hiperbóreos, experientes na Construção Lítica, com a missão de que só fosse encontrada pelo futuro Imperador Universal. Esta Pedra, como o senhor compreenderá, pertence ao Führer.'

'Então eu a deveria entregar a ele pessoalmente, quando passei pelo bunker, há algumas horas' — refleti, tolamente.

'Não, Lupus! Esta Pedra será entregue ao Führer no Oásis Antártico, onde ele se encontra agora. O Führer do bunker é possível que a essas horas tenha morrido.'

'Não compreendo' — confessei, mesmo sabendo que minhas palavras irritariam Konrad Tarstein.

'***Pois*** deveria compreender!' — ele reclamou, com uma raiva previsível — 'afinal, o senhor também é um ***Tulku***! Os *Tulkus*, meu estimado *Lupus*, possuem vários corpos. E ninguém sabe quantos nem onde. Como lhe disseram acertadamente no Tibete, no Terceiro Reich deu-se o estranho fenômeno de que existam muitos 'Deuses reencarnados'; ***muitos Tulkus***, Kurt von Sübermann. O Führer é um *Tulku* e não tem nada de estranho que ele morra em Berlim e, simultaneamente, viva na Antártida. Para esse Führer, poderoso e forte como ele era aos vinte e cinco ou trinta anos, faremos com que chegue a Pedra do Pacto de Sangue com Agartha.'

Foi mais forte do que eu e tive que perguntar:

'Mas o Führer era consciente de que dispunha dessa extraordinária faculdade?

'O senhor, 'Shivatulku', sabe onde estão ocorrendo suas outras, necessárias, existências?'

'Certamente que não.'

'Pois aí está a resposta que procura. Se o senhor mesmo é incapaz de responder, como quer que eu conheça o processo de um *Tulku*?

No entanto, dar-lhe-ei uma ideia' — concedeu — 'é assim que eu imagino o processo dos *Tulkus*: um caso especial de ***metamorfose***. Estabeleçamos uma relação de analogia entre os *Tulkus* e os insetos lepidópteros, e suponhamos que ***toda a vida de um exemplar Tulku, tal como o Führer, o senhor, ou Rudolph Hess, é análoga a uma borboleta lepidóptera***. Suponhamos também que existe um conjunto de larvas gêmeas que, por uma lei particular dos *Tulkus*, permanecem em estado de vida latente, enquanto a borboleta desenvolve sua vida ativa. E, por último, suponhamos que as leis especiais dos *Tulkus* determinem que, ao morrer a borboleta, automaticamente uma das larvas retoma o processo de metamorfose e se transforma em crisálida, gerando uma nova vida ativa ***e uma nova realidade***. Claro, porque a vida larval é vida latente, e a vida ativa, das borboletas e dos *Tulkus*, é ***vida real: a realidade da vida é, pois, a das borboletas-Tulkus; as larvas-Tulkus vivem em um plano de existência não real, mas possível. Tal existência não é do mesmo grau do que a que demonstram as borboletas-Tulkus. Só se morrer uma borboleta-Tulku, ou se atuar uma lei dos Tulkus que exija a existência de duas ou mais borboletas-Tulkus, uma larva-Tulku se transformará em real***. Mas, meu estimado *Lupus*, quem conhece as leis dos *Tulkus*? Quem sabe quantos homens-*Tulkus* podem existir em estado larval? Um homem comum pode tomar apenas uma decisão para realizar em um tempo e espaço determinado. Se as alternativas são duas, deve dizer, sem dúvida, 'vou fazer isso' ou 'vou fazer aquilo'. O *Tulku*, pelo contrário, ***pode optar por realizar ambas as possibilidades, ainda que, para isso, necessite, logicamente, dispor de duas realidades simultâneas***. O *Tulku* pode, por exemplo, dizer '***vou ficar em Berlim, e vou morrer ali se o Terceiro Reich perder a guerra***' e dizer também '***vou me retirar para os Oásis Antárticos, junto com a Elite das ᛋᛋ, para preparar a Batalha Final contra a Sinarquia Universal, e realizar ambos os enunciados***. Para uma pessoa comum, seria impossível realizar as duas sentenças, mas para um ***Führertulku*** isso é perfeitamente possível.

Naturalmente, Lupus, que as duas ou três realidades do Tulku ***só terão que se encontrar no próprio Tulku, no contexto que lhe confere significado e que ele significa***. Fora do *Tulku*, as realidades dos *Tulkus* vivos podem não se encontrar, o Tempo pode se contrair ou se expandir, as coisas se deslocarem, a História se contradizer. Aquilo que estiver na realidade de um *Tulku* vivo, quer dizer, de um *Tulku* real, de uma borboleta-*Tulku*, por exemplo, ***pode não estar na realidade de outro Tulku real, mas diferente do primeiro; ou, ao contrário, pode estar até muito inserido no contexto desse outro Tulku, em sua realidade***. Esclareço-lhe isso para avisá-lo que, de agora em diante, ***os partidários da Sabedoria Hiperbórea deverão definir a qual realidade se referem: se***

à realidade do Führer morto na Chancelaria-bunker de Berlim ou à realidade do Führer vivo, sempre jovem, em seu Refúgio Mágico, onde aguarda os tempos históricos da Batalha Final. E antecipo-lhe, que de agora em diante, os que escolham viver na primeira realidade serão considerados traidores, por mais que se proclamem 'nacional-socialistas' ou 'nazis'.'

Com os olhos brilhantes, Konrad Tarstein parou um segundo, para se servir de mais chá.

'Rudolph Hess...?'

'Sim, Rudolph Hess também é um *Tulku* e, por isso, agora se encontra ao lado do Führer, em seu Refúgio Secreto. Está tal qual o senhor o conhece, não mudou nada. E porque é um *Tulku*, pode estar com o Führer e, ***além disso, estar prisioneiro dos ingleses***.

Mais deixemos os *Tulkus* por um momento e regressemos à Pedra de Gengis Khan. Dizia-lhe antes que vale a pena conhecer a história em detalhes. O senhor encontrou a Pedra e merece, mais do que ninguém, conhecer essa história, mesmo que esta não seja a melhor ocasião para relatá-la. De qualquer forma, a resumirei. Preste atenção:

Na Mongólia, no deserto de Gobi, existe um lugar que a Sabedoria Hiperbórea chama de '***A Porta Tar***', que se comunica diretamente com o Reino de Agartha. Na época de Gengis Khan e Frederico II, os Siddhas Leais aprovaram um plano dos Iniciados Hiperbóreos, conhecido como ***Estratégia Tyr***, destinado a fundar o Império Universal na Terra. O Escolhido no Oriente para isso era o Príncipe Temujin, que recebera quando jovem a Iniciação Hiperbórea, por parte de alguns Siddhas procedentes da *Porta Tar*. Lembre-se que o pai de Temujin havia morrido envenenado pelos tártaros quando o jovem Príncipe tinha apenas 9 anos e que, desde então, até sua idade adulta, viveu miseravelmente com sua mãe e irmãos nas desertas terras do Alto Onon. Como todos os Grandes Eleitos da História, foi durante esse período que os Siddhas o instruíram e Iniciaram.

Segundo a tradição local, os Grandes Antepassados dos Mongóis foram o Lobo cinzento e a Corça castanha, o que significa que seus Antepassados não eram humanos, eram Deuses — o que é o mesmo. Na caverna sagrada de Erkene Qon, o Lobo cinzento desposou a Corça, que procedia das imediações do lago Baikal. Posteriormente, a parelha original se mudou para a montanha sagrada Burkhan Khaldun, a atual Khentii, antiga morada de ***Kök Kev***, Deus do Infinito.

Se seus Grandes Antepassados foram Deuses, seus parentes próximos não teriam sido menos poderosos. Seu bisavô foi Khabul Khan[75], o primeiro organizador das tribos mongóis e conquistador militar; e seu pai, Yesügei, recebeu o apelido de Ba'atur, quer dizer, 'o Valente'. Sua mãe, Hö'elün trouxe-o ao mundo 'no ano do porco' de 1167, ou seja, ele tinha 27 anos a mais do que Frederico II, nascido em 1194.

---

[75] ***Khan***, *de La'an: Imperador.*

Sua ***Pureza de Sangue*** era tão elevada que ele se fez digno de uma ***representação*** do signo da Origem, a mais alta distinção Hiperbórea do século XIII, depois do Graal, que foi confiado aos Cátaros occitanos. Por isso, quando uma Assembleia de Chefes e Reis mongóis se reuniu em 1206 em Karakorum, e o elegeu 'Khan', Temujin exibiu com orgulho o signo que lhe tinha dado o triunfo sobre os seus inimigos e lhe permitiu concretizar a unidade de sua Raça. Esse signo, que ele ostentava em seu anel e estandarte, não era outro senão a ***Suástica levógira***, o mesmo que, setecentos anos mais tarde, seria exibido nas façanhas mais gloriosas, por outro povo hiperbóreo, mas desta vez, de raça branca.

Foi encomendada a Gengis Khan uma missão histórica que ele soube cumprir em todos os seus aspectos, de forma que não é possível reprová-lo em nada pelo fracasso da Estratégia Tyr. Pelo contrário, esse fracasso deve-se quase que exclusivamente à excelente contra-ofensiva desatada no Ocidente pelas forças inimigas, que atuavam infiltradas na Igreja Católica. Essa missão histórica consistia em fundar um Grande Reino Mongol no Leste, que abrangesse completamente o norte e centro da Ásia, ***simultaneamente*** com o surgimento de um Grande Reino branco no Oeste.

Quando a fundação desses Reinos fosse consumada, então chegaria o momento de selar com um pacto a criação de um Império Universal no qual os mongóis estariam subordinados a um autêntico Rei do Mundo Branco e onde as massas amarelas se reservariam o direito de avançar para o Oeste e as Elites brancas, menos numerosas, mas melhor capacitadas culturalmente, marchariam para o Leste. Ali, na Mongólia, a Coroa da Terra, floresceria uma civilização hiperbórea jamais vista desde os tempos da Atlântida. Esses eram, em poucas palavras, os objetivos propostos pela Estratégia Tyr.

Vou lhe mostrar agora, *Lupus*, como Gengis Khan cumpriu sua parte na Estratégia Tyr. Em 1206, ele uniu todas as tribos de mongóis e iniciou a conquista da China e, em 1215, com a tomada de Pequim, alcançou o limite oriental da Ásia. A partir de então, só faltava fazer contato com o 'Rei do Oeste'. Mas, quem era esse Rei? Como reconhecê-lo se, para o Oeste, longe de existir a unidade, se percebe uma confusa organização feudal? Lembro-lhe, *Lupus*, que segundo a Sabedoria Hiperbórea, ***os efeitos do Kâly Yuga não são da mesma intensidade em todos os pontos geográficos***. Pelo contrário, existe uma ***Rota do Kâly Yuga*** que percorre em espiral a superfície esférica da Terra e sobre a qual o *Kâly Yuga* é 'mais intenso' ou mais atual. Dita zona é orientável e, na região que estamos considerando, orientável 'de Leste a Oeste', quer dizer, que os efeitos do *Kâly Yuga* são mais intensos para o Oeste do que para o Leste — ***indo para o Leste aumenta a 'espiritualidade' e indo para o Oeste aumenta o 'materialismo' próprio do Kâly Yuga***. Seguindo esses princípios é que a Porta Tar, no deserto de Gobi, é chamada também de 'Centro de menor intensidade do *Kâly Yuga*'.

Para nos situarmos no dilema de Gengis Khan temos que considerar que o 'Rei do Oeste' deveria ser 'Grande' pelo poder do Espírito, como também o era Temujin, e refletirmos sobre as dificuldades que implica ***olhar*** do Leste da Ásia para o Oeste do Ocidente. Gengis Khan, '***para o Oeste***' só '***via***' trevas espirituais... e Reinos. Muitos Reinos, mas nenhum 'Grande Reino'. O Reino dos persas, que logo cairia; o Reino dos gregos bizantinos, que a duras penas resistia ao assédio árabe e turco — um Reino muito pequeno e fraco, com Reis sem iniciativa, que gostavam de se chamarem 'Imperadores'. E os Reinos eslavos dos russos e poloneses não podiam nem sonhar em se colocarem no comando dos povos do Ocidente e, pelo contrário, seriam presa fácil da Horda de Ouro. Por idênticos motivos, era necessário descartar a Armênia, a Geórgia, a Bulgária, a Hungria, etc.

Restavam os Reinos germânicos da Europa, sem dúvida os mais fortes, mas neles, de acordo com a visão de Gengis Khan, as trevas eram absolutas. Se ali estava o Grande Rei, seria preciso diferenciá-lo por suas qualidades exteriores e, para isso, deveria contar com informações adequadas. Com esse objetivo, fez conduzirem à sua presença muitos viajantes, comerciantes ou religiosos, aos quais interrogou duramente, com escassos resultados. Mas, de seus relatos, pôde saber que existiam verdadeiramente dois grandes Reinos cristãos, um franco e outro romano-germânico. O Reino franco era justamente o que, há um século, levava adiante essa absurda guerra contra os árabes, durante a qual tinha ocupado Síria e Palestina.

Gengis Khan pensou, então, que deveria se dirigir ao Rei franco e ao Rei alemão, mas restava ainda uma dúvida a esclarecer: ambos os Reis diziam-se 'cristãos' e servos de um Grande Sacerdote, chamado de 'Papa'. Não seria este Papa o verdadeiro Rei do Mundo? Para formar uma opinião sobre o cristianismo e o Papa, ele mandou buscar Sacerdotes nestorianos da Armênia e alguns ortodoxos gregos que estavam como escravos em Pequim. Por eles, conheceu a história de Jesus Cristo e soube que o Papa não era um guerreiro, mas um pastor; que não matava, e sim mandava matar; e que não cavalgava junto ao seu povo durante as guerras, mas permanecia toda a sua vida em seguros e distantes conventos. E com uma careta de desgosto, Gengis Khan descartou o Papa como uma digna autoridade espiritual com a qual ele pudesse tratar.

Antes de 1220, Gengis Khan já sabia que entre os dois Reis, o franco e o alemão, convinha aos seus planos se dirigir ao último deles. Tal convicção foi obtida ao avaliar a informação religiosa que lhe oferecera um de seus múltiplos confidentes esotéricos. Mas, há que se fazer um esclarecimento: enquanto durou a vida de Gengis Khan, três foram as religiões que o cercaram e às quais prestou especial atenção: o Cristianismo nestoriano, o Maniqueísmo persa e, fundamentalmente, o Taoísmo[76]. Rejeitou a religião

[76] *O Maniqueísmo, que tinha conseguido se expandir até a China no século XIII, foi respeitado por Gengis Khan, mas não pelos seus sucessores, os quais o combateram ferozmente, até fazê-lo desaparecer. Da mesma forma se perseguiu depois o Taoísmo.*

de Confúcio por ser tradicional e no Budismo reconheceu imediatamente um sistema baseado na *Kâlachakra* de Chang Shambala, contra o qual o avisaram bem cedo seus instrutores hiperbóreos.

Foi um sacerdote maniqueu que o informou, um dia, que 'além do Reino dos Francos, nos feudos do Rei de Aragão, que, por sua vez, é vassalo do Rei alemão, há uma poderosa comunidade maniqueísta a quem os Anjos entregaram um vaso de pedra que não é deste mundo, para guardarem em segurança.' Essa notícia impressionou Gengis Khan, bem como saber que as tropas do Rei dos francos, com a bênção do Papa, estavam se dedicando a exterminar aqueles maniqueus do Oeste chamados de 'Cátaros', quer dizer, 'puros'. Uma completa 'rota maniqueísta' permitia que tais novidades chegassem até a Ásia — do Languedoc à Itália, às comunidades cátaras e bogomilas de Milão; dali à Bulgária, centro do maniqueísmo bogomilo; e dos Balcãs, missionários bogomilos e paulicianos levavam as notícias até a Armênia e Irã.

Os Cátaros afirmavam que o mundo material foi criado por Jeová-Satanás com a ajuda de uma corte de Demônios; acreditavam em um verdadeiro Deus que era Incognoscível a partir do estado de impureza espiritual que a encarnação provocava; da mesma forma, acreditavam em Cristo-Luz, a quem chamavam de Lucibel, e no *Paráklito* ou Espírito Santo, um agente absolutamente transcendente à esfera material. Consequentemente, com essas crenças, rejeitavam o Antigo Testamento da Bíblia, por considerar que nele se narrava a história da criação do mundo por Jeová-Satanás, um Demiurgo maligno, e no qual não havia qualquer menção ao verdadeiro Deus. Do Novo Testamento só aceitavam o Evangelho de João e o Apocalipse. Sobre a Igreja de Roma, opinavam que era 'a Sinagoga de Satanás', um refúgio para os Demônios e seus servos, na qual não brilhava nem um raio de luz espiritual.

Naturalmente, se os crentes em uma doutrina tão clara eram condenados à morte pelo Papa, e reprimidos até o aniquilamento pelas tropas do Rei franco, não restavam dúvidas de que estes eram, por sua vez, partidários do Demiurgo Jeová-Satanás. Mas as coisas não eram 'vistas' de forma tão clara a partir da Mongólia. Efetivamente, era estranho que o Rei franco Felipe Augusto não participasse pessoalmente da matança cátara e, o que mais chamava a atenção é que toda a França esteve em interdito entre 1200 e 1213 por ordem de Inocêncio III, devido ao concubinato que o Rei mantinha com uma amante. Qual dos Reis, o alemão ou o franco, era, por fim, o aliado que os Siddhas mencionavam?

Vendo o Ocidente obscurecido pelas trevas do Kâly Yuga, Gengis Khan decidiu enviar três mensageiros embaixadores — a Inocêncio III, a Felipe Augusto, e a Frederico II — com a missão de iniciarem relações diplomáticas e aos quais instruiu para que realizassem discretas sondagens, destinadas a concretizar uma aliança entre o Leste e o Oeste. Fez isso para ganhar

tempo, enquanto outros enviados seus viajavam até o 'Centro de menor intensidade', para buscar as desejadas respostas.

Em 1220, Gengis Khan já sabia que o trato deveria se celebrar com o Rei alemão. Mas semelhante pacto, que não seria político e sim espiritual, e que seria celebrado em vários mundos ao mesmo tempo, requereria mais certezas do que a mera convicção humana. Em 1221, o sábio taoísta Qiu Chuji regressou, depois de dois anos, da expedição ao "Centro de menor intensidade". No acampamento mongol, às margens do rio Onon, o sábio relatou a Gengis Khan sua incrível aventura: foi autorizado pelos Siddhas a visitar o Reino de Agartha, guiado por uns misteriosos Iniciados mongóis que entraram por centenas de quilômetros no deserto de Gobi, até chegarem a um lugar completamente desolado e ermo, onde não parecia possível que existisse algum vestígio de vida vegetal ou animal. Nesse lugar, aparentemente no meio do deserto, os monges decidiram acampar e, ainda que parecesse um suicídio, o sábio chinês não ousou contradizê-los. Permaneceram ali por vários dias — ele perdeu a conta do total — até que, uma noite em que se encontrava profundamente adormecido, tentando repor as forças que durante o dia o sol ardente lhe arrebatava sem piedade, foi despertado bruscamente. Sem sair de seu espanto, foi convidado pelos monges, os quais estavam acompanhados de uns terríveis guerreiros surgidos não imaginava de onde, para ir com eles ao deserto em uma direção determinada. Mas não andaram muito, pois perto do acampamento, em um lugar que, naqueles dias, ele tinha observado muitas vezes e no qual ***não podia existir nada a não ser areia***, destacava-se claramente um brilho esbranquiçado que brotava do solo. Era uma noite clara, com uma lua que derramava torrentes de luz prateada sobre a sinuosa superfície do deserto. No entanto — e isso o sábio de Shantung repetiu muitas vezes — ao chegarem a poucos passos de distância, ***a luz que brotava do solo era cem vezes mais intensa do que a da Lua***, a tal ponto que seu brilho cegante impedia de distinguir o que ou quem a produzia. Cambaleando, ele se deteve junto à fonte de luz e apenas alguns segundos depois, quando seus olhos se acostumaram, pôde comprovar que um perfeito contorno retangular se abria no chão, onde uma pesada laje de pedra tinha sido movida. A luz provinha daquela abertura que conduzia diretamente a uma escada que descia e cujos degraus se perdiam rapidamente de vista nas profundezas da Terra.

Apesar do fantástico da história, Gengis Khan a aceitou sem duvidar, porque o sábio Qiu Chuji merecia sua total confiança e, principalmente, ***porque sua missão teve êxito***. Ele trazia consigo ***uma mensagem dos Siddhas*** e o acompanhava, para interpretar essa mensagem diante do Khan dos mongóis, ***um habitante de Agartha***. Segundo Qiu Chuji, depois de descer a profundezas incríveis por aquela abertura no deserto, chegaram a um túnel horizontal perfeitamente iluminado, e ali, subiram em 'um carro que viajava velozmente sem rodas nem cavalos', o qual os conduziu, em poucos minutos, à 'Cidade de Wo-Tang, o Senhor da Guerra', onde, 'apesar de estar debaixo da terra, é possível ver o céu e as estrelas'. Em Agartha, 'o

Senhor da Guerra em pessoa' recebeu Qiu Chuji, a quem — disse — 'estava esperando para lhe entregar '***a fórmula mágica que dá poder sobre os povos***'. Dita fórmula, explicou Wo-Tang, ***já era conhecida por Gengis Khan desde os dias de sua Iniciação Hiperbórea***. A novidade agora era que a fórmula '***foi dotada de uma nova luz, mais intensa, com a finalidade de que pudesse ser lida mesmo no meio das trevas mais impenetráveis***'.

Em síntese: Wo-Tang entregou a Qiu Chuji uma Pedra de cor verde, semelhante ao jade, na qual estavam talhadas duas colunas paralelas de treze signos, pois, explicou Wo-Tang, tanto a língua Uigur, que Gengis Khan falava, como o idioma do Grande Rei do Ocidente a quem era destinada a Pedra, provinham de uma antiga língua sagrada chamada ***H***, quer dizer, ***eta***. A Pedra consistia no único ***pactio verborum***[77], já que, mediante apenas a leitura da fórmula escrita, por cada um dos Reis, o Mongol, e o do Ocidente, ficaria selado um pacto metafísico que envolveria não o corpo nem os bens materiais, mas o Espírito dos Povos e que comprometia na contenda o Senhor da Guerra e seu exército de Anjos. Um pacto tal era, certamente, mil vezes mais poderoso e duradouro do que as fracas e duvidosas alianças dos homens. Para guardar a Pedra e se assegurar de que a fórmula seria pronunciada com o Ritual adequado, um daqueles estranhos habitantes de Agartha, de traços mongóis, mas de pele vermelha, acompanharia Qiu Chuji até o acampamento de Gengis Khan.

Em 1221, quando Gengis Khan pronunciou as treze palavras na ordem e momento devidos, sua parte na Estratégia Tyr ficou definitivamente completa. A partir daí, tudo dependeria das Raças brancas do Oeste: se eram suficientemente puras, não duvidariam em seguir um Imperador Universal de sua linhagem, ***uma vez que este houvesse pronunciado as treze palavras***, que também eram treze Runas. Havia um ano, desde a época que Qiu Chuji regressou do deserto de Gobi, que alguns mensageiros do Khan tinham partido para a distante Sicília, para avisar ao Imperador alemão sobre a futura chegada de um Iniciado, que portaria uma mensagem 'de outro Mundo'. E durante os anos seguintes, entre 1222 e 1228, aquele enviado seria esperado em vão no Ocidente — questão que atrasou em mais de uma vez a Cruzada que o Imperador alemão devia empreender à Terra Santa e que motivou, finalmente, a sua excomunhão.

O que ocorreu com o mensageiro e a Pedra? Durante quatro anos, Frederico II esperou, inutilmente, sua chegada, mas o 'tártaro' foi tragado pela terra. Os excelentes clarividentes berberes que o Imperador mantinha em sua corte de Palermo lhe anunciaram muitas vezes que o enviado do Khan 'foi detido na Terra Santa', mas Frederico II se negava a dar crédito a semelhantes augúrios, atribuindo-os mais à antipatia que os francos despertavam nos sarracenos. No entanto, aproveitou sua recente viuvez e, em 1225, desposou Isabel de Brienne, a filha de João de Brienne, Rei franco

[77] *Pactio verborum: fórmula conveniada; termos do acordo.*

de Jerusalém. Isabel oferecia como dote o Reino de Jerusalém, mas Frederico II não se interessava tanto por essa coroa quanto em saber onde estava a Pedra de Gengis Khan. Através de sua esposa, pôde averiguar isso: seus tios, João e Felipe de Ibelin, incentivados pelo Legado papal, tinham se apoderado do Mensageiro e de sua Mensagem. Mas já era tarde para a Estratégia Tyr — Frederico II conheceu a verdade só em 1227, o ano da morte de Gengis Khan, e depois de ameaçar Isabel de ser repudiada. Disposto a encontrar a Pedra, partiu para a Terra Santa, não sem antes ser excomungado pelo Papa Gregório IX. Nesse mesmo ano, morreu de parto a infeliz Rainha Isabel, dando à luz o futuro Rei Conrado IV, pai, depois, do desventurado Conradino. Inteirado de que João de Ibelin se encontrava em Chipre, Frederico II tomou essa ilha de assalto, com 800 Cavaleiros Teutônicos, e se apoderou de seus filhos Bailan e Balduíno de Ibelin. Quando João chegou no acampamento do Imperador para parlamentar, Frederico II solicitou-lhe a devolução da Pedra e do Mensageiro de Gengis Khan, ao que João de Ibelin respondeu que o mongol tinha morrido há anos e que a Pedra estava em seu castelo de Beirute, na Palestina franca. Diante disso, Frederico fez com que colocassem os jovens Príncipes na roda de tortura e ameaçou-os com o suplício, se a Pedra não fosse restituída em um breve prazo, com o que concordou, incondicionalmente, o Senhor de Beirute.

Uma vez obtida a Pedra, o Imperador pôde conhecer a raiz do complô. Ele se originara na Ordem do Templo: o Grão-Mestre tinha assegurado ao Papa, e a muitos piedosos Cavaleiros francos, que Frederico II planejava uma aliança com os mongóis para subjugar o Mundo à sua vontade; o passo seguinte seria a destruição da Igreja Católica. Essa informação, ainda que não fosse totalmente falsa, era sim, maliciosa e mal-intencionada, e conseguiu o efeito desejado de impedir que dito pacto se concretizasse. Mas o complô tinha se desenvolvido seis anos antes e já não tinha conserto, depois da morte de Gengis Khan.

Assim, vencido no que constituía o objetivo espiritual de sua vida, Frederico II desembarcou na Terra Santa disposto a vingar-se em tudo quanto lhe fosse possível. Paradoxalmente, aquele Imperador dos Reis cristãos enfrentava uma revolta geral dos Senhores francos, fomentada pelas Ordens Templária e Hospitalária, e, em troca, era tido em alta estima pelos árabes. Durante anos, efetivamente, Frederico II manteve correspondência com o Sultão do Egito, Malik al-Kamil, que o considerava 'o maior Príncipe da Cristandade' e 'um Santo'. Nessa ocasião, não vacilou em lhe ceder as três cidades santas — Jerusalém, Belém e Nazaré — que estavam em seu poder; em 1229 firmou-se o tratado de Jaffa que confirmava tal cessão, ***sempre e quando a guarda estivesse a cargo dos Cavaleiros Teutônicos***.

Mas Frederico II não se contentou em humilhar desse modo os francos. Desejava que toda a Síria passasse para o poder dos Cavaleiros Teutônicos e empregou todos os recursos que tinha à mão para conseguir isso; entre eles a promessa feita aos Sultões de compartilhar com os maometanos os

lugares santos. De fato, permitiu que em Jerusalém continuassem abertas as mesquitas, e o mesmo nas demais cidades que recuperou. Em Jerusalém, protagonizou o fato mais irritante, ao pegar a Coroa de Rei, que se encontrava sobre o Santo Sepulcro, e coroar a Si Mesmo, diante da presença do Grão-Mestre da Ordem Teutônica Hermann von Salza e de centenas de Cavaleiros alemães e sicilianos.

Não conformado com isso, dirigiu-se a São João de Acre, bastião dos Templários, e a ocupou com suas tropas. No palácio do Rei, do qual se apoderou, por ser soberano de Jerusalém, deu uma grande festa, à qual convidou numerosos chefes do Exército sarraceno, e durante a qual exibiu dezenas de prostitutas cristãs, resgatadas de bordéis pertencentes aos Templários. Essa iniciativa expôs a hipocrisia dos Cavaleiros francos que, embora proclamassem a castidade, praticavam a sodomia, e além disso expunham essas mulheres batizadas a todo tipo de tentações e pecados. Tão crua realidade impressionou mesmo os não tão virtuosos sarracenos, e o prestígio dos Templários caiu mais baixo do que nunca.

Claro que o Imperador procurava, com tais denúncias, que os Templários perdessem a paciência e lhe oferecessem uma desculpa para travar batalha. E sua tática deu resultado, porque eles tentaram assassiná-lo e Frederico II respondeu atacando a Casa do Templo e o Castelo 'Château Pèlerin'. E se não acabaram todos exterminados pela ira de Frederico II que, previsivelmente, não tardaria em chamar em sua ajuda os árabes, foi porque ele recebeu uma punhalada nas costas ao saber que seu sogro, João de Brienne, estava invadindo a Sicília, a mando do Papa Gregório IX, e que seu filho Henrique II, Rei da Alemanha, o traía, apoiando os guelfos. Aquelas más notícias o obrigaram a regressar à Sicília onde, com tropas muito superiores, venceu o Papa e o obrigou a que lhe removesse a excomunhão, marchando depois para a Alemanha, onde depôs Henrique e o substituiu pelo menino Conrado IV.

Nos anos seguintes, mandou construir o Castelo do Rei do Mundo, pelos Iniciados Hiperbóreos, e soterrou a Pedra que o senhor localizou agora, *Lupus*.

Mas tenha em mente que Frederico II também foi um *Tulku*, coisa que todos aceitavam em seu tempo, uma vez que o povo jamais se resignou com sua morte e aguardou 'seu regresso' durante séculos. E para onde os gibelinos supunham que o Imperador tinha viajado? Pois, nada menos do que para o Reino do Preste João, ou seja, o Reino de Gengis Khan, o Grande Imperador de Catay, K'Taagar ou Agartha — o mítico Reino de Catigara, que se situava 'na China'.

Na época de Frederico II, o Grande Khan era também o Grande 'Cão', quer dizer, o Senhor do Cão, o Guardião da Pedra do Céu, o Rei do Império Universal 'do Leste', tal como eu lhe mencionei há vários anos, com relação ao voo de Rudolph Hess à Inglaterra. Quando Frederico II 'partiu', depois de 1250, e especialmente durante o Interregno, centenas de trovadores e menestréis cantavam estrofes nas quais se narrava a viagem do Imperador

ao Reino do Preste João, e se vertiam lágrimas e lamentos, porque ambos os Reis não conseguiram, por fim, se 'encontrar' — fato que, se tivesse ocorrido, daria início à Nova Ordem do Império Universal. 'Não obstante' — asseguravam nas trovas — 'algum dia Frederico II, portando sua Pedra de Vênus, ***lapis exilis***, se reuniria com Gengis Khan para fundar o Império Universal'.

Para terminar, quero lembrar-lhe que a mencionada aliança entre o Império romano-germânico e o Império mongol era um segredo aberto no século XIII, ainda que mais tarde o obscurantismo sinárquico ocultasse a verdade dos fatos. Mas basta se remeter às provas, para conhecer essa verdade: nem bem no Ocidente se conheceu o falecimento de Gengis Khan, e a posse de seu sucessor, Ogodei, não se pensou em outra coisa a não ser em gestar uma outra aliança, favorável, dessa vez, aos planos sinárquicos. Por trás disso estava, é claro, a Fraternidade Branca. Em 1245, o Papa Inocêncio IV, que tinha se refugiado em Lyon, a Cidade dos Druidas, fugindo de Frederico II, proclamou um Concílio Geral com o objetivo de excomungá-lo e despojá-lo da investidura papal. Foi o famoso Concílio de Lyon, espécie de 'Congresso de Basileia' da época, quer dizer, semelhante ao que tiveram os Rabinos em 1897 e que os 'Protocolos dos Sábios de Sião' mencionam — no qual se discutiu a forma mais rápida de acabar com a Casa da Suábia e implantar a Sinarquia Universal. Pois bem, ninguém considera o fato de que naquele Concílio, convocado exclusivamente para tratar do tema Frederico II, o Papa Inocêncio IV propôs enviar uma embaixada ao Imperador mongol. Do Concílio de Lyon emanariam as diretrizes seguidas pelo monge franciscano Giovanni da Pian del Carpine e os frades Benito da Polônia e Estêvão da Hungria, os quais, em 1246, chegariam à Mongólia, depois de atravessarem a Rússia. E se a contra-aliança sinárquica não se concretizou então, foi porque Ogodei tinha morrido e para Güyük, seu sucessor, não foram nada convincentes as cartas do Papa, sobre quem o avisara seu avô Gengis Khan.

Mais adiante, a Santa Sé enviaria Frei Ascelin, com idêntica missão de convencer os mongóis das bondades da Sinarquia e o próprio São Luis mandaria Cavaleiros à Mongólia, mas só para solicitar ajuda contra os árabes. Foram representantes de São Luis, dentre outros, André de Longjumeau e o frade Guilherme de Rubruck. Eles partiram em 1253 e chegaram até Karakorum pela Rota do Mar Negro, mas também fracassaram, porque então, reinava Möngke Khan, a quem Sartaq, bisneto de Gengis Khan e cristão nestoriano, tinha aconselhado contra o Papa de Roma.

O Papa Nicolau IV, pressionado pela Ordem dos Pregadores, enviou a Bagdá o dominicano Riccoldo da Monte di Croce, que estabeleceu um trato frutífero com os mongóis e conseguiu fundar um Monastério em Marghah. Como resultado dessa embaixada, surgiu a viagem do Bispo turco Rabban Sauma a Paris, representando o Rei mongol da Pérsia, Arghun. Reinava então, na França, o neto de São Luis, Felipe, o Belo, acérrimo gibelino e

partidário do Império Universal. Por isso, a aliança teve, dessa vez, possibilidades de prosperar. No entanto, apesar de manter uma conexão diplomática permanente com a Mongólia, Felipe, o Belo, não chegou a concretizar o projeto, devido à queda de São João de Acre, em 1291, em mãos dos mamelucos do sultão Al-Ashraf, que traria para a Europa os Templários. Felipe, o Belo, desejava ser Imperador Universal, como Frederico II da Suábia, mas isso só seria possível se antes terminasse com o poder dos Templários e dos Papas. Os terríveis confrontos que manteve com Bonifácio VIII e a complexíssima tarefa de desmontar a infraestrutura da Ordem do Templo o manteriam ocupado até sua morte. Talvez, a oportunidade histórica de Frederico II ainda estivesse presente nos tempos de Felipe, o Belo, mas este careceu de tempo material para se consolidar na Europa e se unir às forças espirituais da Ásia.

Em síntese, *Lupus*, tudo isso prova que existia um grande movimento esotérico entre a Europa e a Mongólia-China muito antes da amplamente divulgada e sensacionalista peripécia dos comerciantes venezianos Polo, no século XIV — a deles foi apenas uma lucrativa aventura materialista, carente de qualquer conteúdo transcendente e, sem dúvida, devido a isso, foi colocada em primeiro lugar na História. Tratou-se, pelos habituais métodos obscurantistas, de ignorar o que não se deseja aceitar como real, de negar ou não responder à inquietante questão do poderio militar dos mongóis — sua superioridade tática, ao arrasar, invariavelmente, as formações medievais, é inegável, mas causou um trauma coletivo nos europeus. De onde pode proceder a superioridade de uma Estratégia, a não ser do Espírito, de uma Inteligência lúcida e de um Valor sem limite? Se os mongóis fossem os bárbaros que se pretende, jamais teriam passado dos Urais. Mas, de nós também dirão que fomos bárbaros e que comíamos carne humana; ou quem sabe quantas barbaridades mais. Não esqueça que agimos de forma semelhante aos mongóis de Gengis Khan, e contra o mesmo Inimigo, e exibindo o mesmo estandarte — e até a nossa melhor tática, a ***Blitzkrieg*** é inspirada no movimento veloz e certeiro da horda mongol.

Aguarde um momento, *Lupus*, que irei buscar algo que preparei para o senhor.'

A aula magistral que Tarstein acabava de proferir tinha-me feito esquecer da guerra, a iminente derrota militar do Terceiro Reich, e até a negra realidade de que eu não sabia o que iria fazer dali em diante, se deveria morrer no bunker, como decidiu, heroicamente, a Legião Tibetana, ou se teria que fugir para um destino incerto, em um Mundo sem o Terceiro Reich, quer dizer, em um Mundo sinárquico. Não queria nem considerar essa última possibilidade.

Ao contrário, eu abrigava a secreta esperança de que os Iniciados da Ordem Negra tivessem se decidido a me levar com eles para o Refúgio Antártico do Führer — não teria méritos suficientes para merecer tal distinção? Além disso, ali estava ***também*** Rudolph Hess, meu protetor. Por acaso ele desaprovaria minha presença? Eu não compreendia

completamente o misterioso assunto dos *Tulkus* e sua faculdade de possuirem vários corpos. Já lhe disse, *Neffe*, que eu me sentia como um único indivíduo, percepção que não mudou até hoje, e então, não via que problema haveria em que outro *Tulku* se unisse aos *Tulkus* que se preparavam para a Batalha Final.

Antes de continuar com o relato do ocorrido naquele dia, o último em que estive ali, na *Gregorstrasse 239*, quero que você repare que a informação oferecida por Tarstein a respeito de Frederico II esclarece bastante as palavras de Belicena Villca, escritas no Décimo Nono Dia de sua Carta. Ali se dizia que 'as causas (da hostilidade de Frederico II para com a Igreja Golen) foram duas: a reação positiva da Herança de seu Sangue Puro graças ***à proximidade histórica do Graal***, conceito que já explicarei; ***e à influência de certos Iniciados Hiperbóreos que o próprio Frederico II fez virem até sua corte de Palermo de distantes países da Ásia e cuja história não poderei me deter para relatar nesta carta***'.

'O senhor trouxe hoje algo muito valioso para o Führer e as ᛋᛋ' — Tarstein começou dizendo, ao regressar, enquanto me estendia uma caixa de couro com ferragens em prata e fechadura com chave — 'e eu o recompensarei com algo incomparavelmente menor, mas não menos valioso para mim. Tome, *Lupus*, Kurt, meu livro inédito 'História Secreta da Thulegesellschaft' — nele foi narrada a história dos últimos 630 anos do ramo alemão da Casa de Tharsis, e contém as provas de sua destacada intervenção na fundação da Ordem *Einherjar*, que duraria vários séculos e daria lugar, no século XX, à *Thulegesellschaft*, e depois à Ordem Negra ᛋᛋ. Entrego-o ao senhor, porque consultei os Siddhas e eles me disseram que está predestinado a conhecer todos os segredos de minha Estirpe. Talvez ao senhor será dado conhecer o que nem eu consegui, isto é, seguir a história milenar da Casa de Tharsis e descobrir a missão que lhe confiaram seus Grandes Antepassados.'

Eu reconhecia que, para Tarstein, aquele desprendimento era muito importante, mas entendia também que, sutilmente, estava se despedindo, e isso era o que eu temia. Sentia muito pela sensibilidade de Tarstein, mas eu tinha que esclarecer as coisas. Peguei o livro e ignorei o seu discurso.

'O senhor fala como se não fôssemos nos ver nunca mais, mas ao mesmo tempo, como se eu fosse sobreviver o suficiente para ler este livro' — disse, com dureza.

Tarstein não se intimidou e decidiu responder com ironia ao meu atrevimento, mas com similar dureza.

'Muito sagaz, Lupus! Mas é que efetivamente não voltaremos a nos ver nesta vida, apesar de que muito em breve nos reuniremos na Batalha Final. Que ambíguo é o Destino dos *Tulkus*! Estava sendo muito difícil para mim comunicar-lhe isso, acredite-me, mas me alegra que o senhor tenha ido direto ao ponto. Agora lhe direi francamente qual é a situação: ***o senhor ainda é um oficial das ᛋᛋ e deve cumprir as ordens, como todos***. E suas ordens são: ***fugir da Alemanha imediatamente e esconder-se na República Argentina, onde vive sua irmã***.'

'Não!' — gritei, interropendo as diretrizes — 'os senhores não podem fazer isso comigo. Eu cumpri tudo quanto me foi ordenado até agora, com toda a lealdade e o valor que pude, mas essas ordens são excessivas.

Prefiro mil vezes morrer do que sobreviver em um Mundo dominado pelos judeus. Não é falta de valor, não é deslealdade, é asco, Camarada Tarstein, simples repugnância e horror a viver em um Mundo sem Honra, onde não tremulem em nenhum lugar nossos estandartes. Desde a infância no Egito, quando entrei para a Juventude Hitlerista, respirei sem cessar a Mística do Nacional-Socialismo. Ninguém me preparou para isso! Não, Camarada, não fomos feitos para sermos derrotados pelas forças infernais e sobreviver sob seu império. Há um momento, abrigava a esperança de que me permitissem ser evacuado ao Refúgio do Führer-*Tulku*, como o senhor o chama. Mas agora o senhor me deixa gelado, com suas ordens de me esconder na Argentina. Tenho sido oficial ᛋᛋ, fui Iniciado, desenvolvi faculdades espantosas, mas agora vejo que apenas tenho sido um instrumento do Destino, um brinquedo dos Deuses. E sabe por que me sinto assim? Porque, apesar de tudo o que fui e fiz, a verdade é que eu não compreendo nada, do mesmo modo que não posso ver o Signo que sou Eu Mesmo e que os senhores tanto admiram. E menos ainda compreendo esse castigo de sobreviver à destruição do Terceiro Reich. Suplico-lhe, Camarada Tarstein, se não é possível que eu parta com os senhores, para perto do Führer, peça-me a morte, conceda-me a autorização para morrer com Honra, ou faça com que me matem!'

'Veja, Kurt, o senhor se coloca de forma difícil e deverei interromper a exposição de suas ordens para lhe esclarecer alguns pontos. Primeiro — e principal — já o avisei que, a partir de agora, ***os partidários da Sabedoria Hiperbórea deverão definir a qual realidade se referem; se à realidade do Führer morto ou à realidade do Führer vivo***. E lhe antecipei que os que escolham viver na primeira realidade serão considerados traidores pela ***Ordem Negra***. O senhor, meu estimado Kurt, ao apresentar-me o caso da sobrevivência em um Mundo onde o Terceiro Reich foi derrotado, está participando da primeira realidade. Claro, não vou fazer disso uma dedução e concluir que o senhor é um traidor, porque sei que não o é. Só que, efetivamente, 'não compreende a situação', acusação que, segundo me disse, já lhe fizeram outras pessoas. Pois eu lhe esclarecerei a situação de tal forma que não lhe restem dúvidas. O senhor não vai ficar no Mundo que imagina como um condenado, ***mas vai atuar como agente secreto da Ordem Negra ᛋᛋ em um Mundo efetivamente judaico; e vai atuar como representante do Führer vivo, como sua quinta coluna, como um Iniciado ᛋᛋ infiltrado em território inimigo. Nada diferente das missões que cumpriu até agora. Escute-me, Kurt, Lupus, não acredite na queda do bunker e no suicídio do Führer! É a única maneira em que poderá cumprir suas ordens***.

Segundo, e você deve me acreditar, nós o levaríamos de bom grado ao Refúgio do Führer, mas os Siddhas afirmam que o senhor ***deve cumprir***

esta última missão. Como lhe disse há anos, o senhor não é apenas importante — é um suporte de primeiro grau para a Estratégia do Führer. E a Estratégia não pode se permitir prescindir do senhor no lugar determinado em que precisa estar sozinho, porque padece de náusea e "judeufobia". O que lhe pedimos não é impossível para o senhor e sei que cumprirá — Eles o necessitam aqui. E os Deuses Leais são os que decidem quem vai e quem não vai ao Refúgio do Führer. Tal seleção escapa totalmente à vontade dos Iniciados da Ordem Negra.

Terceiro, o senhor presumiu erroneamente que eu também partirei para o Refúgio do Führer, mas devo repetir o que lhe disse no início: 'não tornaremos a nos ver nesta vida'. Isso não significa que eu esteja autorizado a ir embora daqui. Como você, minhas ordens asseguram que devo ficar neste Mundo, nesta casa na parte leste de Berlim, que jamais será encontrada pelos russos, nem que vasculhem todas as casas da quadra. No entanto, o senhor não deve vir me visitar, nem deve ver ninguém mais das Waffen ᛋᛋ, salvo o seu querido Camarada Oskar Feil. A respeito de Karl von Grossen já lhe direi quais são as ordens. Isso é tudo. Compreendeu-me, Kurt? Em caso afirmativo, prosseguirei expondo suas ordens.

'Suponhamos que se passem os anos, e nada aconteça, e que eu desobedeça e decida vir visitá-lo' — interrompi.

'O senhor não compreende, Kurt! ***Não encontrará nunca mais esta casa!*** Faça a prova quando sair: afaste-se algumas quadras em qualquer direção, dê a volta na quadra, faça o que quiser, e volte depois à Gregorstrasse e tente encontrar o 239. Comprovará que não existe. Encontrará outra casa diferente, talvez bombardeada. Se o senhor pôde chegar até aqui é porque eu o esperava, mas quando sua Presença não for mais necessária para a Estratégia, jamais encontrará a mim ou a esta casa — ***esse é o poder da localização absoluta que possuem os seres consagrados à Estratégia Hiperbórea; só se encontram no espaço e no tempo os seres cuja coexistência é estrategicamente significativa; e essa é a realidade dos seres que existem — os demais seres criados, ainda que estejam relacionados entre si no espaço e no tempo, se não são estrategicamente significativos não existem para o Espírito, são Mâyâ, Ilusão***. O senhor, como Iniciado, deveria saber disso. Por acaso se esqueceu de que esta é a Guerra entre o Espírito e as Potências da Matéria?

Mas eu não dava ouvidos à razão. Claro que compreendia que um Pontífice Hiperbóreo como Tarstein tinha o poder de se situar em outras dimensões da ilusória realidade de *Mâyâ*, incluindo a casa da *Thulegesellschaft*, e que eu jamais o encontraria se ele não quisesse que isso ocorresse. Mas insisti uma vez mais.

'E se eu empregar os cães *daivas*? Se eu o rastrear através das dimensões e me aproximar do senhor, ainda que não seja na Gregorstrasse 239?'

Tarstein caiu na gargalhada.

'O senhor é realmente obstinado, Kurt. Se usar os cães *daivas*, sem dúvida, vai me encontrar. Igualmente, se os fizer ***voarem*** para o Refúgio do

Führer, com certeza eles o levarão até lá. Mas não quero exagerar como qualquer um de nós entenderá uma atitude semelhante de sua parte. Aceite-o de uma vez por todas! O senhor é um militar e o continuará sendo daqui em diante, ninguém vai licenciá-lo das ᛋᛋ! E, como militar, deve obedecer ordens — ordens que eu lhe transmitirei agora e que o senhor cumprirá escrupulosamente! Ordens que, se não cumprir, serão motivo para julgamento sumário ou Tribunal de Honra! Se você aparecer perto de mim, ou se dirigir ao Refúgio do Führer, seria passível da pena de execução sumaríssima, mas, o que é pior do que a morte para um Iniciado, ***seria expulso da Ordem Negra*** ᛋᛋ.

Sei que é duro o que lhe digo, mas deve aceitá-lo e se comportar como um militar, como um Guerreiro Sábio. Antes, o senhor se queixou de que o Terceiro Reich não o instruiu para viver sob a Sinarquia Universal. Isso é correto. Mas, se algo lhe esclarecemos é a diferença entre o Coração e a Mente egóica, ou seja, entre a razão do Coração e a razão do Eu; entre as emoções ou sentimentos do Coração e as ideias puras do Eu espiritual. E na Ética noológica da Sabedoria Hiperbórea, lhe demonstramos a superioridade espiritual do Eu acima do Coração, lhe ensinamos a dominar com o Eu o Coração, o despojamos de sentimentos e lhe forjamos um novo Coração de aço.

Colocamos uma Pedra em seu Coração, Kurt! E ao contrário da razão do Coração, que é fraca e ilusória, o fizemos acessar a Honra Absoluta do Espírito, base da Camaradagem. Recordo-lhe esses princípios ético-noológicos porque — e me desculpe a franqueza — sua atitude me parece pusilânime, resultado de uma miserável conexão afetiva, de um medo de prescindir das ilusórias relações entre Iniciados Hiperbóreos, de uma falta de fé em Si Mesmo. A verdade, a dura verdade, Kurt, é que ***nós não somos amigos nem nunca o seremos; somos, isso sim, Camaradas, partidários dos ideais místicos da Estratégia do Führer. E se não somos amigos, e as ordens estratégicas exigem que não nos vejamos mais nesta vida, pode me dizer por qual motivo espiritual o senhor quereria se reunir comigo fora do* kairos*?***'

Fiquei mudo. Já não responderia a essa pergunta sem resposta, porque me lembrei de minha atitude na Operação Chave Um, quando, guiado pelos cães *daivas*, tornei-me um Líder Carismático, um Herói, e conduzi meus Camaradas ao Inferno do Vale dos Demônios Imortais. Que diferente era a moral daquele momento e a atual! Claro que, naquela época, não havia começado a guerra e o Terceiro Reich parecia militarmente invencível. Eu tinha plena consciência que o mais difícil de digerir, mesmo quando se compreendesse os motivos estratégicos do Führer e dos quais compartilhava, era a destruição do Terceiro Reich e a provável constituição da Sinarquia Universal. Não era que meu Coração tivesse se abrandado, mas a guerra — o resultado aparente da guerra — tinha me confundido. E dessa confusão se formava a atitude niilista que eu apresentava, diante das ordens de Tarstein. Então eu entendi, a Sabedoria de Tarstein me fez entender. Por

isso, sua pergunta ficou sem resposta. Mas nem por isso eu retrocedi em minha atitude negativa. Como lhe disse, *Neffe*, a realidade de 1945 era muito difícil de digerir, apesar de Tarstein me aconselhar a não acreditar nela.

Vendo que eu não lhe respondia, Konrad Tarstein prosseguiu, sem mais delongas, com a exposição das ordens.

'Bem, Kurt, continuarei com suas ordens. A primeira coisa que fará, ao ir embora daqui, será voltar à Itália, ao Monastério de nossos Camaradas franciscanos, onde se esconderam von Grossen e Feil. Vocês três figuram em uma lista secreta que uma organização das ᛋᛋ, conhecida com o nome chave de 'A Aranha', controla. Essa organização foi criada para apoiar os membros das Waffen ᛋᛋ que sejam alvos de perseguição judaica depois da guerra. Há que se ter prudência quando for tratar com eles, porque é um grupo exotérico, que pouco ou nada sabem a respeito da Ordem Negra, que não sejam notícias de segunda mão. Para sua desventura, confirmarei que os 775 Iniciados ᛋᛋ da Ordem Negra, e seus Instrutores, foram ou serão evacuados da Civilização Ocidental pois, ainda que nem todos sejam aceitos no Refúgio do Führer, existem outros Refúgios apropriados para aguardarem a Batalha Final. As 15.000 crianças de Sangue Puro, resultado dos experimentos raciais de Darré e Rosenberg, foram transladados a esses locais. Ao senhor, pelo contrário, foi solicitado que permaneça neste Mundo e não conheço outro Iniciado ao qual se tenha dado semelhante ordem, ainda que não descarte que, no futuro, sejam enviados Iniciados para cumprirem missões especiais. Os Deuses sabem por que se determinou assim e com Eles terá que reclamar. Mas, enquanto isso, deverá ter cuidado, muito cuidado, porque aqueles que ficarão representando as ᛋᛋ serão Camaradas sem instrução esotérica da Sabedoria Hiperbórea, muitos dos quais não compreenderam nem compreenderão a verdadeira Estratégia do Führer. Observe que, ainda que o Führer tenha sugerido resistirem até a última gota de sangue, e destruírem a Alemanha em suas bases, antes de permitir que caia em mãos inimigas, foi deixado à disposição dos aliados nosso mais valioso capital humano, quer dizer, os grandes cientistas. As ᛋᛋ poderiam ter executado todos e, não obstante, os protegeu e serviu de bandeja aos aliados. Já se perguntou por quê? Pois, porque todos receberam a ordem do Führer de revelar ao Inimigo o segredo — e estimular sua construção — das armas mais terríveis que a mente humana pode conceber. A partir dos diferentes países para os quais sejam levados, eles fomentarão a competição entre armamentos sofisticados e desenvolverão armas nunca sonhadas, que colocarão uns contra os outros, pela natural ignorância dos militares, e ficará em perigo a aliança universal sinárquica. Com os planos que esses cientistas levaram do Terceiro Reich, eles têm material de sobra para iniciarem a dita tática — tática que visa o objetivo estratégico de gerar um certo estado de tensão mundial, quando for declarada a Sinarquia Universal. Então, intervirão os Deuses — as correntes espirituais subterrâneas da Humanidade, colocadas em tensão extrema pelo perigo permanente do fim da Civilização, reagirão diante do Terror Judaico em que

se afirmará a Sinarquia — e sobrevirá a Batalha Final, durante a qual regressarão o Führer e a Eterna ᛋᛋ.

O senhor compreende esta simples mas ultra-secreta tática, que constitui uma cilada inevitável na qual cairão os aliados, mas, quantos mais a entenderão? Verá que muitos supostos *nazis*, e mesmo ex-membros das ᛋᛋ, afirmarão que nossos cientistas são traidores. Mas é que são incapazes de compreender a Estratégia do Führer e, por isso, não entendem as ações daqueles que agem motivados por fins estratégicos. ***Menos ainda entenderão o senhor, se descobrirem quem é, estimado Lupus***. O senhor deverá ser prudente e tolerante com esses Camaradas ***que optaram pela realidade do Führer morto***. Uma vez que o tenham localizado, se desconectará deles e nunca mais retomará o contato. Será uma forma elementar de se prevenir contra riscos desnecessários, pois, como inimigos, o senhor já tem bastantes e terríveis: a Fraternidade Branca, os Imortais Bera e Birsa, e os Druidas e judeus que o perseguirão para eliminá-lo. Como lhe dizia, os senhores aguardarão na Itália até que lhes entreguem os passaportes argentinos e as passagens. *A Aranha* lhes depositará em bancos de Buenos Aires uma soma de dinheiro que lhes permitirá, a cada um, se instalarem sem problemas. Devem retirar imediatamente esses fundos, para evitarem possíveis rastreamentos e investigações. Com respeito ao senhor, os Siddhas dizem que deve procurar uma localidade consagrada à Virgem de Agartha, não muito distante de sua família. Poderá se encontrar com sua irmã, mas empregando todas as formas de proteção do Manual do Serviço Secreto — é para o bem de ambos. Imagine que, se o Inimigo descobre onde está sua irmã, podem tentar arrancar dela seu paradeiro por meios violentos e usá-la para pressioná-lo. E se o senhor estiver bem protegido, mas sua irmã ficar exposta, podem se vingar nela, diante da impossibilidade de capturá-lo.

As mesmas precauções serão adotadas para se encontrar com Oskar Feil, que deve viver em um local distante de sua residência. Estão proibidos de realizarem qualquer tipo de sociedade comercial, mesmo que seja por intermédio de terceiros, e de intervirem em atividades comuns que possam relacioná-los fortuitamente. Só se reunirão como Camaradas, para compartilharem seus ideais espirituais. Com respeito a von Grossen, o senhor deverá se despedir para sempre dele, na Argentina. Oskar Feil poderá manter o contato, mas é conveniente que também se afaste, pois a velha raposa não ficará quieta e tentará travar sua guerra privada contra a Sinarquia. É possível que ele se torne um assessor em questões de Inteligência e Contra-espionagem e se coloque a serviço de regimes pseudo-fascistas, os quais abundam na América do Sul. Nada que convenha aos senhores.

Finalmente, conserve os cães *daivas*, mas não os utilize, salvo em caso de extrema necessidade. O mesmo vale para as suas faculdades Iniciáticas: mantenha-se alerta, bem treinado, mas não aja, salvo em caso extremo.

Estas são, em síntese, suas ordens: ***esperar***. Sobreviver, proteger-se e ***esperar***.

'Por todos os Deuses!' — gritei, fora de mim — 'esperar o quê?'

'Não posso dar-lhe mais informações' — respondeu Tarstein, impassível — 'cumpra suas ordens e então o saberá!'

Deu-me um aperto de mãos e, como se essa saudação não bastasse, me abraçou.

'Até sempre, Kurt von Sübermann. Vá tranquilo, porque sua contribuição foi inestimável para a causa da Ordem Negra ϟϟ. O Terceiro Reich o condecorou com a Cruz de Ferro, mas a Ordem lhe concederá, um dia, uma distinção ainda mais valiosa, que o senhor ganhou, merecidamente. Repito-lhe: logo nos veremos novamente, durante a Batalha Final, mesmo que não nos encontremos mais nesta vida.'

Estávamos à porta. Eu tinha saído e segurava a inútil motocicleta, enquanto escutava Konrad Tarstein dizer quase as mesmas palavras do *gurka* Bangi. Queria chorar de impotência diante daquele absurdo: todos morriam ou iam embora. Só eu, muda testemunha de uma realidade terrível e secreta, deveria permanecer no Inferno. E sem saber por quê.

'Heil Hitler!' — gritei, em saudação, enquanto a porta da Gregorstrasse 239 se fechava atrás de mim para sempre.

Liguei a motocicleta e, desviando dos escombros, dei a volta na quadra. Antes de completar a terceira quadra, alguém atirou em mim, de um terraço. A bala acertou o guidão e a roda dianteira girou repentinamente; apertei os freios e voei vários metros à frente. Sem deixar de rodar, me escondi por trás do chassi incinerado de um automóvel, perseguido por uma chuva de balas — eu tinha esquecido que estava usando um uniforme russo e passava por uma solitária rua de Berlim sem nenhuma proteção. Soltei vários xingamentos e corri até a esquina, colando-me às paredes. Estava novamente na Gregorstrasse. Já estaria longe dali se não tivesse me proposto a dar uma última olhada na casa de Tarstein. Avancei os metros que me separavam dela, olhando para ambas as esquinas, alternadamente. Era noite fechada, mas não silenciosa — esse 30 de abril amanheceria acompanhado das batalhas mais ferozes e o ruído das balas, obuses e bombas era ensurdecedor.

Logo comprovei, desolado, que o aviso de Tarstein não era em vão. De fato, o 239 não existia ***agora*** na Gregorstrasse. Mas sim o lugar de onde eu saíra — isso podia ser evidenciado pelos rastros recentes dos pneus da motocicleta na calçada e na rua. Mas a porta 239, diante dessas marcas, já não se encontrava. Em seu lugar, estava a porta fechada de um comércio, em muito bom estado. Tirei, com a mão, a camada de poeira que cobria a placa e li: ***Buchhandlung Hyperborea***[78]. Ouvi passos que se aproximavam, talvez os franco-atiradores que tinham disparado em mim minutos antes.

[78] *Livraria* ***Hiperbórea***.

Ali não restava mais nada a fazer, de forma que comecei a correr na direção contrária.

Repito-lhe que o tempo urge, Neffe, de modo que deixarei para outra oportunidade o relato das aventuras que passei até chegar à Itália. Mencionarei apenas que, em junho de 1945, me reuni com Karl von Grossen e Oskar Feil no Monastério Franciscano do sul da Itália e que permaneci ali até fevereiro de 1947. Nessa data, nosso contato com *A Aranha* nos apresentou a um oficial do Exército argentino, chamado de Zapalla, que nos proporcionou passaportes e passagens e, claro, novas identidades — eu passei a me chamar Cerino Sanguedolce, como você já sabe; Oskar se tornou Domingo Pietratesta; e Karl von Grossen, Carlo de Grandi. Nós três fingiríamos ser imigrantes italianos, e daí a filiação linguística dos nomes.

Uma vez neste país, tudo ocorreu como Tarstein tinha previsto: entregaram-nos o dinheiro em Buenos Aires, e cada um foi morar em uma Província diferente. Karl von Grossen ficou em Buenos Aires e, como dissera Tarstein, não tardaria em se dedicar a organizar um Serviço Secreto em companhia de outro antigo Camarada seu da Gestapo, o ϟϟ ***Standartenführer*** Justiniano von Grossman. Oskar Feil escolheu Córdoba, e parece que os Deuses o tinham guiado pois, anos mais tarde, encontrou ali a Ordem de Cavalheiros Tirodal, que orientou seus últimos dias. E eu, sabendo que os Siegnagel residiam em Salta, decidi que 'Santa Maria da Candelária' era um bom título para a Virgem de Agartha, e adquiri esse sítio onde vivo desde então.

Tendo ficado para trás a Guerra Mundial, e devendo me ater às 'minhas ordens', retomei a tradicional profissão familiar de fabricação de doces e permaneci escondido até agora, meditando todos esses anos a respeito do que ocorreu na primeira metade da minha vida. Minhas únicas dispersões foram as esporádicas visitas de seus pais, ou de Oskar, aos locais neutros conveniados antecipadamente para manter curtos, curtíssimos, encontros. E os únicos acompanhantes permanentes que tive, extremamente fiéis, foram os cães *daivas* — Yin e Yang são a terceira geração argentina, bisnetos de Yun e Yab.

E nunca, nunca, desde que me estabeleci na Argentina, salvo a falida tentativa de ter contato com Nimrod de Rosario em Córdoba, atendendo à solicitação de Oskar, ninguém me convocou para cumprir a missão final da Sabedoria Hiperbórea, até que você apareceu por aqui com a Carta de Belicena Villca. Não me envergonho de confessar: já tinha perdido toda a esperança de que se cumprissem os anúncios de Konrad Tarstein. No entanto, me mantive em alerta, como ele me ordenou, e como você, lamentavelmente, comprovou. ***Meine Ehre heist Treue!***[79]"

---

[79] *Juramento da Ordem Negra ϟϟ, talhado também na Adaga do Cavaleiro:* ***Minha Honra se chama Lealdade****.*

Escudos de Províncias Argentinas.



Mendoza



La Pampa



Neuquén



Río Negro



Chubut



Santa Cruz



EPÍLOGO

do fantástico livro

"O Mistério de Belicena Villca"

dedicado a eles.

Ou...

PRÓLOGO

do real mistério de ***Belicena Villca***, dedicado a nós,

que sentimos correr pelas veias

O SANGUE DE THARSIS.

Capítulo I

Isso foi tudo quanto tio Kurt conseguiu me narrar a respeito da história de sua vida. Naquele momento, ele tinha razão em sentir pressa, como os acontecimentos se encarregaram de demonstrar, mas deixava pendente a parte mais interessante: os detalhes de suas missões secretas durante a guerra e a misteriosa missão de seu padrinho Rudolph Hess. Logicamente, ele também esperava completar seus relatos em uma próxima ocasião. Mas estava escrito que esta não se apresentaria jamais.

No entanto, nessa última noite em que falamos acerca desses temas e ele me contou a respeito de sua chegada à Argentina, consegui fazer-lhe duas perguntas que ainda recordo nitidamente. Já era tarde, mais ou menos onze da noite do dia 21 de março — exatamente dois meses depois do sequestro espiritual de 21 de janeiro — e resolvemos dormir, depois de um longo dia de conversa. Foi então que fiz uma pergunta sobre um assunto que me causava muito incômodo.

— Diga-me, tio Kurt. Se você recebeu, em 1945, o livro inédito de Konrad Tarstein "História Secreta da Thulegesellschaft", no qual se narra a história alemã da Casa de Tharsis, como é que permaneceu indiferente, na primeira vez em que falamos da Carta de Belicena Villca, dando a entender que ignorava sua importante participação histórica? Lembro-me muito bem que você só se sobressaltou ao escutar o nome "Tharsis", mas nada expressou sobre os Tharsis alemães. Não obstante, você devia conhecer uma parte da história, talvez tão rica em nuances como a que eu conhecia por Belicena Villca. E teve muito cuidado de não dizer nada a respeito, inclusive até agora. O seu comportamento não me parece correto, tio Kurt! — afirmei, em tom de dolorosa reprovação.

Tio Kurt me olhou surpreso, e soltou uma de suas formidáveis gargalhadas.

— Mas é que eu não o tinha lido! — desculpou-se.

— Como? Depois de trinta e cinco anos você não tinha lido o livro de Tarstein? — perguntei, perplexo.

— Já lhe falei, *Neffe*, que estava muito bravo com as ordens que Tarstein me transmitiu! Aqui, em Santa María, simplesmente guardei o livro para lê-lo no dia em que se cumprissem as previsões de Tarstein, quer dizer, no dia em que, de alguma forma, tivesse acesso ao resto da história de sua Estirpe. E esse dia chegou, com sua visita e a Carta de Belicena Villca. Por isso o li, efetivamente, durante os dias em que estive fechado em meu quarto, *a posteriori* de conhecer o conteúdo da Carta. Tudo coincidia, era realmente a parte que faltava à história de Belicena, a conexão entre o ramo vrunaldino da Casa de Tharsis e a *Thulegesellschaft*! A história da procura pelo Führer, iniciada na Idade Média, e sua localização e Iniciação no século XX! Mas, se

nada lhe falei depois sobre isso, foi porque esperava lhe narrar minha própria vida e fazer com que conhecesse a existência dessa obra, que ainda conservo. É meu desejo que você mesmo a leia e depois a guarde como parte de sua herança! A quem, senão a você, ela pertence, justamente? Você deve juntá-la à Carta de Belicena Villca e levá-la a Córdoba, para que os Cavalheiros Tirodal e, se for possível, Noyo Villca, a conheçam!

Fiquei atordoado com a incrível resposta de meu tio: trinta e cinco anos sem ler o livro de Tarstein! Ha! Isso sim que significa ***merecer*** o adjetivo de ***obstinado***!

Tio Kurt foi ao seu quarto e voltou com a caixa de couro e ferragens de prata que guardava a preciosa obra. Entregou-me sem condições e ali mesmo lhe disparei a segunda pergunta:

— Fiquei com uma grande curiosidade em saber o que aconteceu com a Legião Tibetana. Se não se importar em perder um minuto, diga-me sinteticamente o que houve com eles.

— Vou lhe dizer. E não é muito longo o que tenho a contar. A parte da Legião que permaneceu em sua base de Assam, na fronteira com o Butão, se dispersou sem fazer barulho, ao terminar a guerra. Alguns regressaram aos Monastérios *kâulikas* e outros se alistaram como mercenários nas guerras posteriores da Ásia: a de Chiang Kai-Shek contra Mao e as da Coreia e Vietnam. Esses, a princípio, sobreviveram à Segunda Guerra Mundial. Mas você, certamente, me pergunta sobre o destino de Bangi, Srivirya e os cinquenta legionários que ficaram em Berlim para guardar o *Führerbunker*. A respeito deles, devo lhe confessar, com orgulho, que todos morreram combatendo os russos. É um episódio engraçado: segundo me informaram naqueles dias, quando eu ainda devia fugir da Alemanha, em 30 de abril, os russos só conseguiram tomar o bunker a um custo terrível de dez para um. Isso significa que os tibetanos acabaram com um batalhão de infantaria de mais de quinhentos homens. E foi tão impressionante o impacto daquela carnificina, realizada por uma Legião ᛋᛋasiática, que o próprio Stalin ordenou a retirada e a ocultação dos cadáveres tibetanos e negociou com os aliados a supressão oficial de qualquer notícia a respeito da Legião Tibetana do bunker. No entanto, muitos investigadores independentes mencionaram a existência da Legião e sua valorosa determinação de defender o bunker até o fim. Claro que, se consultarmos os "historiadores oficiais", que devem viver dos orçamentos acadêmicos ou jornalísticos, a versão será bem diferente: os russos encontraram o bunker quase desguarnecido; e a Legião Tibetana nunca existiu.

Capítulo II

Despedimo-nos até o dia seguinte, com a diretriz de partir imediatamente para Tucumã. Afinal, já fazia quase três meses desde o assassinato de Belicena Villca e eu ainda não tinha tentado realizar seu pedido. Contei os dias mentalmente: 74. Setenta e quatro dias! Poderia ser muito tempo. Talvez para Noyo Villca o fosse, e eu o lamentava. Mas, para mim, seriam os setenta e quatro dias mais frutíferos de minha vida. Causava-me risos e lástima lembrar o que eu era antes de 6 de janeiro, naquele sinistro Hospital Neuropsiquiátrico: "o Dr. Arturo Siegnagel, um de nossos melhores médicos" — as enfermeiras me apresentavam. No que o sistema tinha me transformado! Antes de 6 de janeiro eu tinha tudo, do ponto de vista material, mas carecia de ideais claros — tinha sofrido lavagem cerebral! Pelo contrário, agora que não tinha nada, comparando-me com o prestigiado doutor que eu havia sido, ***carecia de futuro material, de um porvir previsível dentro das leis do sistema; mas tinha bem claro o ideal da Sabedoria Hiperbórea***. E com esse ideal que tinha agora, não precisava possuir mais nada na vida, e muito menos a determinação de um ***futuro medíocre***!

Deitei-me na cama, alegre — eu diria. Como tudo tinha mudado para melhor! Como eu tinha mudado para melhor! A noite se apresentava estrelada e um pouco fresca, talvez anunciando o começo do outono. A princípio, pensei em ler o livro de Konrad Tarstein, mas logo me contive. Eu também estava um pouco cansado e não queria me descontrolar totalmente, não desejava que a alegria presente me dominasse completamente — se tio Kurt esperou 35 anos para lê-lo, porque eu haveria de me impacientar? Por acaso não seria capaz de aguardar mais um dia? E então, depois de gerar tão tolos pensamentos, apaguei a luz e me dispus a dormir.

Ó Deuses, que tolo! Nisso eu tinha me tornado agora, além de "iluminado pela Sabedoria Hiperbórea" que, certamente, não teve nada a ver com o que ocorreu. Fui eu — meu orgulho excessivo, por causa de tudo o que sabia em tão curto tempo, que me inflava a plumagem como um pavão real — o único culpado de que a Desgraça, que espreitava, se jogasse naquela noite sobre nós. Claro, não descarto nem subestimo a espantosa vigilância que o Inimigo mantém sobre todo o Mundo, ou "sobre muitos Mundos", segundo os conceitos que o Capitão Kiev empregava com Belicena Villca. Não, não vou subestimar a atenta tarefa de observação que os Demônios desenvolvem, tentando localizar tio Kurt. Talvez essa vigilância desse, um dia, seus frutos e o conseguissem localizar, de alguma forma. ***Mas, do ocorrido nessa noite eu fui o principal responsável! Cem vezes, mil vezes, teria sido preferível que eu lesse o livro de Tarstein, como "normalmente" o desejava, em vez de fazer o que fiz!***

Como disse, apaguei a luz e me dispus a dormir. Vi o céu estrelado através dos vidros, e fechei os olhos. Mas, estando ainda bastante nervoso, além de cansado, ***decidi adormecer mentalizando o Kilkor svadi. E esse seria o erro fatal!***

Tio Kurt me revelou a forma do *Kilkor* e fez demonstrações sobre o domínio mental que este lhe permitia exercer sobre os cães *daivas*. Compreendi, então, que o "assobio" empregado para lançar os cães sobre mim, quando entrei furtivamente em seu sítio, não tinha sido, na verdade, um som audível. Foi minha inconsciente predisposição a captar os símbolos do *Kilkor*, "além de Kula e Akula", a causa da percepção da ordem de tio Kurt. De maneira semelhante ocorreu com os lamentos dos *dogos* tibetanos, que expressavam seus desejos contidos de atacar. Tudo foi mental, percepções extrassensoriais, símbolos que a ignorância da minha razão traduziu como originados por sons — a ilusão de sons. Claro que apenas eu — ou alguém que possuísse, como eu, "o Signo da Origem" —poderia ouvi-los. Qualquer pessoa "normal", por mais treinamento que possuísse em seu sentido auditivo, só teria notado a presença dos cães quando as mandíbulas deles se fechassem em seus membros.

Enfim, tio Kurt se propusera, como em tantas outras coisas incompletas que restaram, a permitir que eu empregasse o *Kilkor* de acordo com suas indicações. Mas a ocasião para isso não se apresentou e não cheguei a fazer nenhum tipo de prática com os *dogos*. Naquela noite, faltando quinze ou vinte minutos para a meia-noite, me entretive por um bom tempo fixando a imagem do *Kilkor* na mente e, por fim, sem refletir nisso, emiti uma ordem. Isso significa que compus a palavra de uma ordem, sem imaginar que esta se cumpriria implacavelmente. Foi uma diretriz simples — ***latir*** — pensei, que de forma alguma me permitiu supor o que causaria.

Instantaneamente, os *dogos* emitiram um uivo de lobo, horrível, e começaram a latir em dueto, ***sem parar***. Os rugidos que soltavam eram estremecedores, e muito intensos, e por isso me cobri na cama, gelado de horror e desesperado. "Acordarão o tio Kurt", pensei tolamente, e me concentrei novamente no *Yantra*, tentando formar uma palavra que parasse o concerto canino. Imaginei que a palavra seria ***silêncio***, mas como se diz ***silêncio*** em sânscrito ou em tibetano, as únicas línguas nas que se poderia traduzir o conceito com a chave do *Kilkor svadi*? "Tio Kurt tinha me dito", assegurava a mim mesmo, enquanto procurava infrutiferamente me lembrar. E foi então que se produziu o primeiro de uma série de nefastos fenômenos que aconteceram durante essa noite infernal.

Ocorreu algo como se minha consciência tivesse se expandido, de repente, ilimitadamente — ***percebi todo o quarto em um único olhar***, mas sem ver, como se uma vontade mais poderosa do que a minha me obrigasse a fazer isso. Depois, vi o exterior da casa, o sítio, ***tudo ao mesmo tempo***; e a cidade de Santa María, o caminho até Salta, e minha própria fazenda em Cerrillos. Vi papai, mamãe, Katalina, Henrique e Frederico, meus sobrinhos, e até o cachorro Canuto. Como que hipnotizado, eu via tudo e não conseguia

deixar de ver. De repente, do fundo do meu campo de visão, exatamente diante de mim, e surgindo por trás dos Cumes do Bispo, um ponto começou a crescer a uma velocidade prodigiosa, até ocupar toda a minha atenção! Jamais poderei esquecer isso! Usando as palavras que a Princesa Isa disse a Nimrod, afirmaria que se tratava ***"do monstro mais horroroso e abominável que se possa imaginar em uma eternidade de loucura"***, um ***"que não pode ser descrito por nenhum mortal sem perder a sanidade"***. E o que me salvou dessa Presença do Inferno? Sem dúvida, a Virgem de Agartha, a Semente de Pedra que Ela depositou em 21 de janeiro em um coração humano e mortal — a Semente que, apesar de tudo, tinha germinado e feito de mim o que era agora.

Porque, no passado, teria morrido ali mesmo, diante do Demônio que tinha me contemplado por um instante, com um ódio que nunca acreditei ser possível que alguém pudesse sentir. Mas, agora, tive forças suficientes para enfrentá-lo e afastá-lo de mim — sim, ele desapareceu de vista e a visão se dissipou. Encontrei-me novamente no quarto de Santa María, sentado na cama e ouvindo os *dogos* que uivavam sem parar. Compreendi, em um instante, que minha mente, ao tentar silenciar os cães *daivas*, se "descuidou", ofereceu um flanco fraco, e foi "sintonizada", captada, por um Demônio da Fraternidade Branca, um representante das Potências da Matéria, talvez o Imortal Bera, talvez Rigden Jyepo, talvez o próprio Enlil-Jeová-Satanás.

Evidentemente, eu não me encontrava totalmente desconcentrado, pois ouvi, ou acreditei ouvir, a voz de tio Kurt que trovejava as palavras ***Nischala miravâta svadi*** diretamente no interior de minha psique, com as quais os cães pararam imediatamente de latir. O certo foi que, um instante depois, tio Kurt verdadeiramente irrompia em meu quarto, gritando "Arturo! Arturo!".

— Arturo! Você está bem, graças aos Deuses! — exclamou, ao acender a luz e certificar-se de que eu me encontrava com vida — o que você fez, Arturo? O Demônio Bera o localizou! Por um momento eu o senti, como naquela vez na ravina *O Breu*, no Tibete!

Falei-lhe do uso imprudente que fiz do *Yantra*.

— Ó Arturo — se espantou — você foi muito forte ao se livrar dele. Mas não creio que isso baste. Temo muito que os Druidas tenham descoberto esta casa. Teremos que sair daqui o mais rápido possível.

Eu não sabia o que dizer. Irracionalmente, peguei o relógio de pulso da mesa de luz e perguntei a hora: "meia-noite e dez" — disse — e virei a cabeça para tio Kurt, que me observava com os olhos arregalados.

Não demorei para compreender o motivo de seu horror: ***era o zumbido, o inconfundível zumbido das abelhas melíferas***. Na verdade, aquele eufônico som do *Dordje* só se percebia quando seus efeitos complementares já estavam se produzindo. No início, não o notei, mas depois, naturalmente quando tio Kurt o percebeu, escutei-o claramente, preenchendo o ambiente com a sensação de chegada de um enxame inumerável. Mas, a essa altura,

era impossível reagir, pois a pressão sobre o coração não admitia distrações. Deixei-me cair para trás, até que minha cabeça chegou ao travesseiro, e me relaxei o melhor que pude: inconscientemente, tapei os ouvidos com as mãos, mas o som mortal penetrava do mesmo modo, e a cada instante com mais intensidade; e o coração, completamente fora de controle, parecia querer sair do peito. E ainda não tinha chegado a pior parte.

Eu sentia uma paralisia crescente em todo o corpo e raciocinei, já no final da resistência psíquica, que a melhor tática mental para lutar contra a poderosa Força de Vontade dos Demônios consistiria em concentrar o pensamento em uma ideia alheia à terrível realidade do *Dordje*. Pensar em outra coisa, mas em quê? Ó Deuses, quão avara de ideias pode se tornar uma imaginação fantasiosa como a minha, em uma situação limite como essa, quando está em jogo a vida animal! E quanto mais avara tem que se tornar se, como assegura a Sabedoria Hiperbórea, a Alma Criada está pronta para nos trair, pois sua substância é parte do Criador, partícipe de seu Arquétipo, à imagem e semelhança! Ali, comprovei, sem dúvidas: a Alma sempre trairá o Espírito, o Eu, para favorecer a Vontade dos Demônios que pertencem à Hierarquia Branca na qual se desdobra e encadeia o Criador-Uno! Porque, subitamente, me veio, finalmente, uma ideia salvadora: era uma lembrança de meus dias de estudante universitário, quando assistia às aulas de Biologia. E eu me deixei levar pela recordação — pareceu-me, por um momento, que me livrava da pressão do *Dordje*. Sim, a Alma, dona da memória e das lembranças, tinha, finalmente obedecido à Vontade do Eu e me tirava daquela mortífera realidade. Era uma aula de Biologia, eu me lembrava perfeitamente: estava cercado de dezenas de colegas. Sobre o que versava a aula? Ah, sim, Fisiologia dos insetos! Agora, o Professor Jacobo Cañas entrava no auditório e começava a desenvolver a aula. Tema: "a ***abelha comum***, classificada também com o nome de ***Apis mellifera*** por Lineu; ***Apis domestica*** por Réaumur; ***Apis cerifera*** por Scopoli; ***Apis gregaria*** por Geoffroy; e muitos outros nomes com que os grandes naturalistas designaram o mesmo inseto". Eu não tinha forças para sair da recordação. Alguém dentro de mim, o mesmo que tentava me afundar no Abismo, na noite do sismo de Salta, tinha me traído novamente. Ah, se tivesse pedido por auxílio à Virgem de Agartha, como naquele dia, se tivesse me deixado sequestrar por Sua Graça Divina! Com certeza, esse sequestro da Mulher Absoluta era o que os *kâulikas* chamavam de *Kula*. O *Kula* teria me transformado em *Akula*, em Shiva Vivo, e o Espírito teria se situado "além de Kula e Akula". Com certeza, pois, esse era o verdadeiro caminho da salvação para sair fora do cerco dos Demônios — que eu não soube encontrar de início por manifestada falta de fé em Mim Mesmo, por desconfiar do fato de que meu Espírito pudesse ser realmente amado pela Deusa da Libertação Eterna.

Ao contrário, eu permanecia na aula do Professor Jacobo Cañas: "o zumbido dos ***himenópteros*** é geralmente uma combinação de três tons diferentes, gerados em distintos órgãos. O mais intenso é o das asas, ainda

que seja o de menor frequência. Para um mesmo exemplar de ***Apis mellifera***, varia estatisticamente entre um ***la*** de 440 ciclos por segundo e um ***mi*** da mesma oitava, de 330 ciclos por segundo; o primeiro tom corresponde à abelha descansada, no momento em que sai da colmeia; o último, à abelha fatigada, ao finalizar sua jornada de trabalho". Eu percebia exatamente aqueles tons; ouvia claramente o som das asas batendo; os ***himenópteros*** voavam até mim. "O segundo tom que compõe o zumbido característico é produzido pela vibração dos estigmas que conduzem o ar às traqueias pulmonares: trata-se habitualmente de um ***si***, de 594 ciclos por segundo, perceptivelmente mais agudo do que o tom das asas, mas menos intenso". Eu escutava agora o zumbido de uma abelha; o zumbido de um enxame; o zumbido me saturava os sentidos, me paralisava o corpo, me invadia a mente. O zumbido se apoderava das batidas do meu coração e as sincronizava com sua frequência! O zumbido estava me matando!

O terceiro tom, muito fraco, procede do movimento dos anéis abdominais"... Nunca terminaria de recordar a classe do Professor Jacobo Cañas. No paroxismo da crise cardíaca, sofri uma sensação de calor insuportável, terrível, como se meu corpo fosse jogado, de repente, em um forno incandescente. Mas não; no instante em que durou a convulsão térmica, notei que o Fogo não estava fora, mas dentro de mim; que impregnava todo o meu corpo como um líquido inflamado que se decompunha em gases quentes. E aquele líquido que ardia era o meu sangue.

A intensificação do calor durou apenas um instante, e me sacudiu ao ritmo do zumbido apícola, mas eu, naturalmente, acreditei que estava morrendo. Como uma última visão agonizante, contemplei o rosto de mamãe, de Katalina, de meus sobrinhos, e de muitos outros familiares desconhecidos até então, mas cujo parentesco era evidente. Porém, todos os rostos se pareciam entre si, não em virtude de sua semelhança genética, mas por causa da expressão em comum que manifestavam, provavelmente idêntica à minha nesse instante: ***todos eram rostos agonizantes, rostos de seres humanos que morriam, no meio de uma grande dor; suas expressões reproduziam a Expressão da Morte***. E então tudo terminou.

Capítulo III

Com outras palavras, quero dizer que, então, o fenômeno se concluiu; ou seja, cessou o zumbido e acabou a pressão no coração. Pouco a pouco, meu pulso foi normalizando e pude me movimentar à vontade. Ainda aturdido, reagi e me levantei. Ao me lembrar de tio Kurt, temi pelo pior.

Contudo, nesse momento, ele também se recuperava e comprovei que tinha caído de joelhos, como também o fizera na ravina tibetana "O Breu", há mais de 40 anos. Fiquei por alguns minutos imóvel, ordenando as ideias,

até que, de repente, recordei o último instante do fenômeno, quando vivi minha própria agonia e a de todos os meus familiares. ***E então compreendi. Então eu soube que aquilo era verdade, que algo irreparável tinha acontecido com a minha família***. Transtornado pelo pânico, interroguei com o olhar tio Kurt: ***no horror que li em seus olhos, soube que eu estava certo***. Finalmente, consegui articular algo e gritei:

— Mamãe, Katalina! Ó tio Kurt, algo terrível ocorreu com a família! O que aconteceu, tio Kurt, o que aconteceu?

— Acredito que houve algo horripilante, Arturo. Não quero alarmar você, mas me parece que o Demônio Bera não conseguiu realmente averiguar o seu paradeiro, e o meu, mas temo que o que viu em sua psique foi suficiente para que encontrasse a fazenda de Beatriz, em Cerrillos. Se é assim, nossa família correu grave perigo. Devemos ir imediatamente a Salta, Arturo! Peça uma ligação telefônica enquanto eu preparo o ***Jeep***!

"Para Salta, trinta minutos de demora" — foi a lacônica resposta da telefonista. Solicitei, da mesma forma, uma comunicação com caráter urgente e lhe roguei que a ativasse a cada dez minutos.

Ela, então, me notificou a hora em que anotava meu pedido e quase não pude acreditar — era nada menos do que 00:30. Em quinze ou vinte minutos havia ocorrido tudo. Poderia ser? Poderiam os Demônios terem agido em tão pouco tempo? Essa dúvida, inconsistente, me deu um pouco de esperança. Mas foi só até que tio Kurt voltasse da garagem e eu lhe comunicasse minha inquietude.

Ele sacudiu a cabeça em um gesto negativo e desanimador, e me disse:

— Gostaria de confirmar sua esperança, mas não posso enganá-lo. Não devemos ser otimistas, de forma alguma. Os Imortais dominam o Tempo e o Espaço, são Mestres na arte de se deslocarem nos incontáveis Mundos da Ilusão, de *Mâyâ*. Não podem nos achar, como não o podiam fazer com Belicena e Noyo Villca, porque Nossos Espíritos Incriados estão, na verdade, isolados do Tempo e do Espaço pelas Runas de Wothan; ou pelas Vrunas de Navutan, se preferir. Eles não conhecem nossa Realidade — o Mundo que o Espírito confirma a partir da Origem — e isso os desnorteia, os impede de nos localizar. Mas, uma vez ***obtida a referência real de um Mundo determinado, eles podem se dirigir a ele e chegar em qualquer Tempo e Espaço***.

Não sei por que eu perguntava, se sabia que era assim. Mas me iludi por um momento, confiando em que meu raciocínio tivesse valor, aguardando em vão que a razão prevalecesse sobre a irracionalidade que estava se apossando de minha vida. A campainha do telefone me tirou de tão amargas reflexões.

— Sua chamada para Salta — a telefonista informou, laconicamente.

Durante dez longos minutos ouvi os toques de chamada através do telefone, sem que ninguém respondesse em Cerrillos. Aquilo sim que não era normal! Mesmo sendo uma hora da manhã, alguém deveria atender em

muito menos tempo. Mil vezes eu fiz chamadas semelhantes para Salta e sempre me responderam em três ou quatro minutos!

— Não respondem em seu número — interrompeu a telefonista — repetiremos a chamada mais tarde?. Não soube o que dizer. Olhei de relance tio Kurt e vi que me fazia um sinal óbvio com as chaves do *Jeep*.

— Não, senhorita, cancele agora. Não deve ter ninguém nessa casa — sugeri, com amargura.

Capítulo IV

Quinze minutos depois, encontrava-me, pela segunda vez em minha vida, rodando pela rua Esquiú. Íamos tio Kurt, eu e os cães *daivas*. "É preciso levá-los, por via das dúvidas, caso nos armem uma cilada" — explicava-me ele — "mas esses Demônios são orgulhosos e supõem que jamais vai lhes falhar um golpe; é possível que já estejam em Chang Shambala ou cumprindo outra de suas macabras missões". Ficou por um momento pensativo e depois acrescentou, em tom lúgubre:

— Céus, Arturo. Aonde você supõe que eles iriam depois, se, como tememos, já passaram por Cerrillos?

— Para Tucumã, para Tafí del Valle, para o Rancho de Belicena Villca — respondi, sem vacilar.

Essa probabilidade, e o que poderia ter ocorrido em Cerrillos, tiraram-nos a vontade de falar, durante o resto da viagem — viagem cansativa, se levamos em conta o horário noturno, as estradas ruins, o fato de que já estávamos sem dormir há um dia, e o recente esforço físico causado pelo ataque dos Demônios.

Os sinos da igreja de Cerrillos chamavam para a missa das oito, quando passamos diante dela. E, cem metros antes de chegarmos ao portão da fazenda, já sabíamos que algo terrível tinha realmente ocorrido — as luzes giratórias no teto das viaturas policiais confirmaram tragicamente nossas suspeitas e temores. Ignorando os policiais que guardavam a entrada, tio Kurt virou o *Jeep* e pegou o caminho para a residência a grande velocidade. Evidentemente, agora nada lhe importava: nem sua proteção estratégica, nem as possíveis perseguições se fosse descoberto, nem que, de acordo com sua nova identidade, nada o vinculasse com os Siegnagel-von Sübermann. Pobre tio Kurt! Em trinta e cinco anos nunca se atreveu a cruzar esse portão para visitar sua única irmã, e agora deveria fazê-lo, para o seu funeral!

Porque todos tinham morrido, inclusive minha mãe, quer dizer, sua irmã Beatriz! E da forma mais horrenda!

Estacionados junto à residência, atrás dos ipês onde eu recebera de minha mãe a fatídica Carta de Belicena Villca, encontravam-se quatro carros: duas viaturas policiais e duas ambulâncias. Ao lado de um ipê, o meu preferido, sob cuja bendita sombra estudei minhas disciplinas

universitárias e meditei acerca do mistério do homem e sua miserável vida terrestre, estava o corpo sem vida de Canuto, coberto por alguns jornais ensanguentados. Como tinha mudado esse lugar em apenas dois meses! A alegria e felicidade da família foram substituídas por morte e luto. Maldita Carta de Belicena Villca! Se, pelo menos, não a tivesse lido! Torturava-me, inutilmente. Como disse no início: ***"na vida de certas pessoas, há algo semelhante a armadilhas cuidadosamente montadas: basta tocar em uma mola para que se desencadeiem mecanismos irreversíveis."***.

Ao ouvirem o motor do *Jeep*, vários homens saíram da casa. Um era o Delegado de polícia de Cerrillos, que me conhecia desde criança.

— Jesus! Arturo Siegnagel! Bem a tempo! — disse sem pensar, pois depois se arrependeu, baixou o olhar, e colocando-me uma mão sobre o ombro, falou cautelosamente, ou seja, com toda a delicadeza que pode falar um policial diante de um alucinante múltiplo homicídio. Tio Kurt permaneceu ao meu lado.

— Desculpe-me, Arturo. A verdade é que ***você não chegou a tempo***. Disse isso apenas pensando na investigação, pois ignorávamos onde lhe encontrar. Não sei como lhe dizer, entenda que sou policial, não sou padre, mas você deve saber que toda a sua família foi assassinada de ***forma estranha***.

Fiz menção de me dirigir ao interior da casa, uma vez que ainda não tinham levado nenhum corpo para as ambulâncias, mas o Delegado me deteve.

— Aguarde um instante, Arturo, mas é meu dever interrogá-lo. Você sabia que alguma coisa havia ocorrido aqui? De onde você vem agora?

— Ah, sim! — afirmei, precipitadamente — eu sabia que alguma coisa ruim devia ter acontecido, porque ninguém atendeu o telefone da fazenda, quando liguei, à uma hora da madrugada. Foi por isso que saímos imediatamente para chegar logo aqui.

— Mas, de onde você telefonou, aonde estava? — quis saber, sem desculpas.

— No sítio deste meu amigo aqui presente, o senhor Cerino Sanguedolce, que é fabricante de doces em Santa María de Catamarca e com o qual eu tratava de negócios para lhe vender nossa sobra de *mosto*. Estava lá há alguns dias.

— Está bem, Arturo, vou verificar — disse, enquanto guardava o caderninho no qual anotava todos os dados.

— Bom, podem entrar. Você é médico e suponho que deve possuir "sangue frio", mas isso é diferente; ele, ou eles, os assassinos, são, sem dúvida, ***psicopatas***, talvez fugitivos do manicômio onde você trabalhava. Cometeram os crimes com uma selvageria nunca vista por aqui. É melhor entrar preparado.

No interior da casa a desordem era total, depois da passagem de ignotos policiais que executaram suas ainda mais ignotas perícias. Na sala de jantar, tinham juntado as bordas de duas mesas, e sobre elas estavam os

cinco cadáveres. Prudentes lençóis cobriam os corpos. Tio Kurt apertou-me um braço com sua mão de aço e ele mesmo levantou o lençol do primeiro cadáver.

— Beatriz! — gritou ele.

— Mamãe, ó mamãe! O que lhe fizeram? — eu gritei, desesperado, ao comprovar que o doce rosto de minha mãe, agora crispado por uma careta de horror indescritível, aparecia com o pescoço degolado de orelha a orelha.

— Viram? — o Delegado comentou, inoportunamente — trata-se do ato criminoso mais monstruoso que já vi em minha vida, incompreensível, indubitavelmente o produto de uma mente doentia.

Os corpos seguintes eram da minha irmã Katalina e seus dois filhos, Henrique e Frederico. Esses não mostravam sinal de nenhuma violência.

— Pensamos que devem ter sido envenenados, e iámos transladá-los ao necrotério local para realizar a autópsia, quando os senhores chegaram. Agora que os viu, darei a ordem para que os carreguem nas ambulâncias. Não há necessidade de levarem os outros, pois suas mortes são óbvias e já foram determinadas pelo médico forense: sua mãe foi degolada, conforme você mesmo comprovou, e seu pai faleceu por esmagamento de crânio, certamente ao resistir ao ataque. Você tem algo a objetar a respeito desse diagnóstico?

Movi a cabeça negativamente e descobri o corpo de papai: o golpe ***veio de cima***, desferido com um objeto contundente habilmente manejado, já que só afundou dois centímetros da abóbada craniana, na altura do encéfalo.

Tio Kurt permanecia abstraído diante do corpo sem vida de sua irmã. As ambulâncias já tinham levado Katalina e seus filhos, e os policiais começavam a se retirar. Convidei o Delegado para um drinque e lhe mostrei várias caixas do nosso melhor ***Sauvignon***, dizendo-lhe que as compartilhasse com seus homens — ato de cortesia proibido, pelos regulamentos policiais, mas que seria visto como um gesto de falta de hospitalidade se não fosse oferecido. Não demorou para o Delegado fazer com que carregassem as caixas de vinho e vir a se reunir comigo na cozinha. ***Chablis*** gelado e presunto cru foi consumido em quantidade, enquanto se soltava a língua do policial. Depois de um tempo, tio Kurt juntou-se a nós.

— Quem deu a notícia? — perguntei.

— O pessoal que entra às 5 horas — respondeu — um *criollo* chamado de "Jorge Luna" parece que foi o primeiro a chegar. Surpreendeu-se ao notar que todas as luzes da casa estavam acesas "como em noite de festa", conforme declarou. Aproximou-se, então, da cozinha, onde sempre seu pai estava tomando mate desde as 4:30 h, mas não viu ninguém. O primeiro sinal de que algo ruim tinha acontecido teve, ao tropeçar com o corpo do cachorro, literalmente dividido em dois, perto dos ipês. Alguns metros adiante, jazia o cadáver de Dom Siegnagel, com o crânio destroçado.

"À primeira vista e especulando um pouco — o Delegado prosseguiu — eu diria que intervieram no mínimo dois cúmplices, talvez três. Dois são imprescindíveis para reconstruir o fato com certa lógica, pois é evidente que

seu pai saiu da casa chamado por sua mãe, talvez respondendo a um grito aterrorizante dela, e foi surpreendido pelo golpe assassino perto da porta. Nem bem saiu, recebeu o golpe que, segundo o forense, produziu-lhe a morte no ato. Ali o encontrou Jorge Luna e correu com sua bicicleta até a Delegacia para buscar ajuda, enquanto avisava os demais empregados que chegavam que não se aproximassem da fazenda. Dona Beatriz foi encontrada por nós, junto ao lagar. Presumivelmente, dali gritou pelo seu pai, antes de ser assassinada, e acreditamos que a fizeram sair de casa por meio de enganos — passava da meia-noite quando o crime aconteceu, uma hora imprópria para se sair voluntariamente para o exterior da casa, por pessoas acostumadas a se levantarem às 5 da manhã. Claro que se trata apenas de conjecturas. Até que se reúnam mais elementos, e cheguem os resultados da perícia, não poderemos avaliar muito precisamente os fatos." — encurtou, como faz todo policial profissional que não quer se comprometer ao emitir sua opinião.

Incentivei o Delegado a continuar com a descrição do ocorrido, enquanto circulavam as fatias de presunto e as taças de Chablis.

— Deus me perdoe! Você me pede e eu terei que lhe responder cruamente, Arturo. O louco que se apoderou de sua mãe a arrastou até o lagar, talvez amordaçada, e dali permitiu que gritasse para atrair Dom Siegnagel para a armadilha que lhe armara seu cúmplice. Uma vez morto seu pai, ambos se juntaram para assassinar Dona Beatriz. Você pode me perguntar: como posso estar tão certo disso? Pois, porque, ***como deduziu o médico forense, para matar dessa forma são necessárias quatro mãos; quer dizer, duas para segurar a vítima e duas para praticar um talho tão perfeito de orelha a orelha***. Não seriam necessárias quatro mãos se a vítima estivesse inconsciente, mas este não é o caso, pois não se encontraram indícios de golpes na cabeça e nem sinais de narcótico — temos que esperar as análises para estar certos de tudo — e, o mais concreto: existem marcas dos pés, que revelam uma resistência desesperada até exalar o último suspiro.

Senti que comecei a ficar tonto, que tudo girava ao meu redor, que a náusea chegava ao meu estômago, à garganta... Cambaleei na cadeira, a ponto de vomitar.

— Beba uma taça, Arturo! Vamos, beba! Você precisa! — o Delegado me incitava, entregando-me uma taça transbordando de vinho branco.

Bebi de uma vez; e a verdade é que jamais me caiu tão bem uma de nossas cepas.

— Era previsível que você desabasse, foi muito espantoso e repugnante o que aconteceu essa noite em sua casa. Você está certo de que deseja saber de tudo agora? Poderia descansar algumas horas e se inteirar mais tarde, quando estiver mais calmo.

— Não, não! Por favor, Delegado! — supliquei — foi só uma tontura passageira. Diga-me tudo agora, quanto antes melhor.

Tio Kurt apoiou com um gesto essa solicitação.

— E aqui vem o pior, Arturo: Dona Beatriz foi aprisionada de tal modo que, ao ser degolada, os assassinos conseguiram que o sangue caísse integralmente no lagar, até a última gota!

O Delegado nos olhava, perplexo. Esperava nos surpreender com esse macabro dado, mas nós não nos abalamos, já que imaginávamos as manobras rituais de Bera e Birsa e deduzíamos que seu objetivo seria o de aproveitar o precioso Sangue Puro dos von Sübermann para tentar exterminarem a Estirpe inteira, como fizeram no século XIII com a Casa de Tharsis.

— Por outro lado — disse o Delegado — eu gostaria que me explique algo que intrigou todos nós.

— O que o senhor quiser saber, Delegado.

— É sobre o lagar. Qual é a sua capacidade?

— Pois... se bem me recordo, uns 20.000 litros — respondi.

— E se pode se saber ***por que, Demônios, o encheram com Alcatrão?***

Capítulo V

Eu estava sentado no sofá do *living*, cochilando. Tinha ingerido 3 miligramas de um tranquilizante e meu sistema nervoso achava-se bem sedado. Eram dez horas da noite e, entre sonhos, eu ouvia tio Kurt falar em árabe e em alemão. Mas não se tratava de um sonho: ao meio-dia, tio Kurt pediu uma chamada telefônica internacional e acabavam de se comunicar com ele. Minutos depois, ele veio até o sofá e me sacudiu, sem consideração.

— Todos morreram, Arturo! Todos! Você e eu somos os únicos von Sübermann com vida que restaram!

Olhei-o entre névoas. Ele continuou:

— Meus tios e primos do Egito, inclusive alguns primos distantes que viviam e estudavam na Europa, todos morreram nesta madrugada, às 00:15!

Tio Kurt não falava alto, mas seus gestos eram eloquentes: estava fora de si. Tentei acalmá-lo, transmitir-lhe minha farmacológica tranquilidade, mas só consegui ficar nervoso novamente. A fúria de tio Kurt era contagiosa!

A poucos passos de distância, na sala de jantar onde vi meus pais mortos, jaziam dois ataúdes sobre pares de cavaletes; coroas, arranjos de flores, candelabros com velas acesas e cruzes, completavam os elementos cerimoniais do funeral católico. Meu pai era conhecido nessa cidade desde a infância e mamãe desde 1938, de forma que o desfile de vizinhos e amigos que desejavam dar-lhes o último adeus era incessante. Muitos, pertencentes à classe mais humilde, mas com quem sempre contamos para o rude trabalho do campo, ficariam à noite.

Alguém contratou algumas carpideiras profissionais de *La Merced*, famosas pelo sentimento e fervor que colocavam em seus lamentos, e que se dedicavam nesse momento a representar seu papel.

Momento terrível aquele — de impotência, de comprovar a forma em que nossos inimigos nos atacavam e de não poder responder na mesma medida. Algo surpreendente ocorreu: o duro tio Kurt sentou-se, finalmente, em outro sofá e, por alguns momentos, soluçou com aflição. Eu deveria receber os pêsames dos visitantes, de acordo com o costume tradicional. Antes de irem embora, esses visitantes deixavam seu nome anotado em um cartão, o que lhes assegurava de receberiam mais adiante, em um prazo não maior do que dez dias, um agradecimento por via postal. Eram costumes, hábitos em prática desde tempos imemoriais, dos quais eu não poderia me safar, sem causar um grande escândalo.

À meia-noite, a casa estava lotada de pessoas. Algumas vizinhas se encarregaram gentilmente de preparar um café e atender os conhecidos. Diversos grupos de amigos formaram rodas para comentar os horríveis crimes, e os rumores mais insólitos circulavam de boca em boca na supersticiosa vizinhança indígena e mestiça. Tio Kurt e eu tentamos, em vão, que a Polícia nos entregasse os corpos de Katalina e dos meninos, temendo que, em poucas horas, eles se corrompessem, como aconteceu com os membros da Casa de Tharsis. Mas nossa interferência foi inútil. A autópsia não terminaria antes do dia seguinte. E, ainda que a Polícia não admitisse, sabíamos o porquê daquela demora: os médicos forenses não conseguiam achar a causa das mortes. Minha irmã e meus sobrinhos foram encontrados em seus quartos, no andar superior da casa, e presumivelmente, faleceram sem saberem dos horríveis assassinatos que estavam sendo cometidos lá fora. Morreram, como os membros não Iniciados da Casa de Tharsis, no momento em que o poder do *Dordje* de Bera transformava o sangue do lagar em Alcatrão, quer dizer, às 00:15. Obviamente, isso os médicos forenses não sabiam.

Resignamo-nos, pois, a velar apenas os meus pais, ainda que tenhamos encarregado a empresa de serviços fúnebres de insistir, periodicamente, com o necrotério e solicitar os corpos que faltavam. Um carro parou e desceu uma pessoa conhecida, mas que não se imaginava ver ali: o oficial Maidana, o policial que interviera no caso de Belicena Villca! Ao me ver, aproximou-se apressadamente e me apresentou "seus mais sentidos pêsames", como era costume. Depois, confessou-me os motivos que fizeram com que se decidisse a vir ao funeral, expressando-se em seu estilo particular, simples e franco.

— Doutor Siegnagel, este caso, como deve imaginar, comoveu a Província. Todos nós desejamos prender os dementes assassinos de sua família. Mas esse assunto fica, desta vez, fora da minha jurisdição. Agora sou Delegado do Departamento de Investigações, mas não o Chefe da Divisão. Com esse esclarecimento, quero lhe assegurar que não vim até aqui como policial, mas como amigo. Compreende-me, doutor?

Concordei, sem compreender onde ele queria chegar. Tio Kurt estava perto de mim e olhava com curiosidade o Delegado Maidana.

— Então irei ao cerne da questão: o senhor está em apuros? Precisa de algum tipo de ajuda? Seja como for, não hesite em confiar em mim. Tenho

gente amiga, homens valentes e leais, experientes na luta anti-subversiva, que estariam dispostos a agir, digamos, fora dos regulamentos, para acertar contas com os judeus ou com quem quer que o esteja perseguindo.

Tio Kurt franziu a testa e, por um momento, temi que soltasse uma de suas estrondosas gargalhadas. Mas ele estava muito dolorido para isso e, ao contrário, sorriu, misericordiosamente. Eu, de minha parte, estava irritado e perplexo. Irritado não pela oferta de Maidana, que agradecia, pois, ainda que absurda, era sincera; mas por ter que viver toda aquela alucinante situação, incluindo o funeral. E perplexo, porque não imaginava como o oficial tinha chegado à conclusão de que eu necessitava desse tipo de ajuda.

— Não me responde? — disse, consternado — Ou é que não confia em mim? Mas eu sei que perseguem o senhor, mesmo que o negue. É minha profissão descobrir estas coisas. Eu o sei desde ontem, quando recebi no Departamento de Investigações o relatório sobre o ocorrido em Cerrillos. Então, lembrei-me do senhor e do caso da enferma Belicena Villca. Abrindo um parêntese, vou lhe confessar agora que o senhor tinha razão, quando afirmava que nesse crime havia um ponto obscuro. Esse ponto nunca foi esclarecido, mas também é certo que ninguém se interessava em esclarecê-lo, e que a Polícia tem urgências mais importantes a atender com o dinheiro dos contribuintes. Eu o sei! Para o senhor isso não importa; o senhor quer ver a Justiça triunfar; e lhe interessa muito Belicena Villca porque o caso o afetou profundamente. Porém, nós temos que atender centenas de casos e esse era apenas mais um — um que, repito, não interessava a ninguém. Conto-lhe isso porque dou razão ao senhor, doutor, de certa forma. Veja desse modo! Na verdade, eu queria enterrar esse caso porque carecia de importância. ***Mas agora sei que não é assim!***

— O que quer dizer? — perguntei, com grande pesar.

— Pois então, fechando o parêntese que abri para me desculpar com o senhor, ocorre que, esta manhã, tentei localizá-lo no Hospital Neuropsiquiátrico onde ***trabalhava*** e ali me informaram que pediu demissão há dois meses, durante suas férias. Liguei, então, para a Universidade e soube que solicitou sua baixa nas matérias que cursava e abandonou a residência médica. Todos esses são atos muito estranhos para proceder de alguém tão... normal (?)... como o senhor. Foi então, no meio da manhã, que decidi pegar um dia livre e me dedicar a realizar uma pequena investigação, por minha própria conta. Verifiquei, assim, que o senhor vendeu seu apartamento do Cerro San Bernardo sem comunicar a ninguém o seu novo domicílio; e que seus amigos tiveram, através de seus pais, a notícia de que o senhor "estava investigando por sua própria conta um sítio arqueológico em Catamarca". Tudo muito vago, Dr. Siegnagel. Contas bancárias encerradas, mudança de domicílio, abandono do trabalho, dos estudos, das amizades: ***dir-se-ia que são atos de quem deseja apagar os seus passos, de alguém que foge***. Mas o senhor não é um delinquente, não ***tinha*** motivos nem inimigos que o obrigassem a fugir, há dois meses. Ou será que, ***desde então***, surgiram os misteriosos inimigos?

"Sim, Dr. Siegnagel. Cedi um pouco em minha posição e conectei sua estranha conduta com o crime do Hospital Neuropsiquiátrico. 'Pode ser que ali tenha acontecido algo a mais, algo que forçou o doutor a fugir' — disse a mim mesmo, e comecei a reler o relatório a respeito do assassinato de Belicena Villca. E o que descobri? Pois, que não prestamos a menor atenção às medalhas ***judaicas*** que a corda mortal tinha em suas extremidades. Eu quis saber, o mais rápido possível, o que diziam as inscrições e, sem respeitar a sesta, fui à Universidade e indaguei, em uma labiríntica seção — creio que se chamava Departamento de Filologia — até que encontrei um incrível personagem, chamado de 'Professor Ramírez'. E o que me disse o Dr. Ramírez? Pois o pobre homem saiu fugindo, ao saber que eu era policial e ao ver as fotos das medalhas. Tive que convencê-lo, durante horas, para que falasse. Descobri, finalmente, que ele conhecia o senhor muito bem, e que o senhor o havia consultado há três meses a respeito das mesmas inscrições, mas sem lhe mencionar o crime (fez bem, pois ao saber disso, o Professor fechou sua boca automaticamente). E que, por trás de tudo isso, há uma história espantosa na qual estão, ***como eu dizia, Dr. Siegnagel***, os malditos judeus.

Sim, sim. Já sei o que pensa. Que eu não sei distinguir os Druidas dos judeus, nem sou capaz de compreender a estrutura universal da Sinarquia. O senhor, como todo alemão, acredita que nós somos idiotas — é Druida que se diz? Creio que era assim que o Professor Ramírez os denominava. Veja, é possível que eu não saiba o que é um Druida. Mas antecipo-lhe que recentemente estive por seis ou sete horas com o Professor Ramírez, nas quais ele se empenhou em me demonstrar que um Druida é o mesmo que um judeu, se é que não entendi mal sua síntese final. De forma que, para o caso, é o mesmo, são sutilezas intelectuais. Eu tinha razão: Belicena Villca foi liquidada por judeus, judeus especiais, mas enfim, judeus. E o senhor também tinha razão quando me dizia que a forma de assassinato, o ***modus operandi***, era quase maçônico. Sim, o senhor tinha razão e eu o ignorei.

Mas, agora, não cometerei o mesmo erro, pois estive pensando. Refleti a respeito do que ocorreu há três meses, nos seus passos posteriores, e no que aconteceu aqui antes de ontem. E sabe a que conclusão cheguei?"

— Não me atrevo a imaginar — disse-lhe, com sinceridade.

— Que o assassinato de sua família ***é um crime ritual***.

— Não posso negá-lo — aceitei, pois o policial merecia a confirmação de suas conclusões.

— ***E do mesmo tipo do de Belicena Villca, talvez cometido pelos mesmos assassinos?***

— Não o poderia provar, mas estou certo de que a resposta é afirmativa — concordei.

— Assim está melhor, Dr. Siegnagel! Já lhe disse que não estou aqui como policial, mas como amigo. Entendo que, por alguma razão, o senhor não pode dizer a verdade e, por isso, venho lhe oferecer minha ajuda, a minha e a dos meus Camaradas nacionalistas. Tenho um grupo de trabalho

preparado para entrar em ação a qualquer momento! — disse, baixando a voz a um nível inaudível.

Ainda que pareça incrível, eu continuava sem entender o que o oficial Maidana estava me propondo.

— E o que é que quer fazer? — perguntei, sem dissimular.

— E o doutor me pergunta? Ajudá-lo contra seus inimigos que, sem dúvida, são nossos inimigos, e são inimigos do país! Oferecemos-lhe ajuda concreta, homens, armas, equipamentos! ***Só tem que nos dar os nomes dos assassinos, facilitar-nos uma pista, revelar-nos qual é a sua organização***. Não deseja vingar sua família? Nós o faremos pelo senhor, ou juntamente com o senhor.

Olhei para Maidana desanimado. Como poderia lhe explicar a realidade de Bera e Birsa? Indubitavelmente, na cabeça do policial nem cabia a possibilidade de que, por trás dos assassinatos, houvesse uma causa sobrenatural.O policial, certamente, não reconhecia uma existência real da Magia e, em sua opinião, o esoterismo seria apenas mais uma tática a serviço da inteligência militar, destinada a conseguir uma determinada "ação psicológica", favorecendo a "penetração cultural" em determinados grupos da sociedade. Em resumo, o oficial Maidana, como bom veterano da ***conspiração*** nacionalista, só concebia inimigos de carne e osso, alvos sólidos, judeus, marxistas, maçons, sionistas, fossem quais fossem — mas inimigos permeáveis à artilharia de variados calibres e ao TNT.

— Agradeço-lhe a oferta, Maidana. Agradeço-lhe profundamente, porque sei que é honesta e desinteressada. Mas os senhores não nos podem ajudar e eu não lhe posso dar nenhuma informação. Acredite-me que é melhor deixar as coisas assim. Agora, não é uma mera interna do hospício. Trata-se de minha família, Maidana; ***de toda a minha família***. Se o senhor pudesse me ajudar, como não aceitaria? No entanto, agora sou eu quem deseja deixar as coisas como estão. Sei o que estou dizendo.

— Como que não podemos ajudá-lo? — Maidana protestou — Sabe o que eu penso? Que o senhor tem medo! Não sei quem cometeu os crimes. Mas é evidente que o senhor sabe e não quer compartilhar o segredo. E por que faria tal coisa? Porque supõe que o inimigo é muito "poderoso" para nós, os incapazes sul-americanos. Compreendo, o senhor é um alemão e tem preconceito contra o nacionalismo argentino; e talvez tenha razão, porque uma completa fauna de imbecis e traidores nos desprestigiaram. E eu não posso responder por essas acusações. Mas se equivoca se supõe que será sempre igual! Estamos em outra época, e há outros homens: ***não poderão deter nossa geração por meios materiais, Dr. Siegnagel*** — afirmou com firmeza — somos muitos, temos ideais, e estamos fartos de corrupção e materialismo. Aproxima-se o dia em que proporcionaremos às forças sinárquicas um grande castigo nacional. Confie em nós e não se arrependerá! Nenhum inimigo é tão forte em nossa pátria que não possamos lhe desferir um golpe inesquecível. Talvez não ganhemos a guerra, mas podemos castigá-lo parcialmente, ferir seu orgulho, quebrar sua soberba,

evitar que saboreie o triunfo de seus crimes! O que me diz, doutor? É o Mossad? O MI-5 inglês? A C.I.A.?

O que responder ao Delegado Maidana?

— Só posso lhe dizer isto, e é a única coisa: ***se o Inimigo fosse humano, estou certo de que sua ajuda seria eficaz***. Sim, Maidana, se o inimigo fosse humano, asseguro-lhe que recorreria a seu apoio. Isso deve lhe bastar.

— Mas, o que disse? — perguntou, em tom de deboche — surpreende-me que o senhor, uma pessoa a quem respeito por sua sinceridade, me demonstre que recorre a um simples escapismo para se evadir da ameaça dos assassinos! O senhor tem medo e não quer enfrentar o fato de que, cedo ou tarde, também será atacado por eles! ***Porque se não, se estivesse em seu juízo perfeito, compreenderia que os assassinos são bem humanos***.

— Como? — exclamei, involuntariamente.

— Sim, doutor, reaja — Maidana solicitou — os assassinos são seres humanos. ***Se não o fossem, por que usariam adagas e bastões?*** — perguntou, com a irrefutável lógica policial.

Era uma conclusão simples, absurda e elementarmente simples. Por isso, não podia aceitá-la, negava sua entrada em minha razão; por isso, e por provir de Maidana, um mero policial saltenho.

— Não! Não! — neguei, teimosamente — o senhor não compreende a natureza do Inimigo. O senhor não pode nos ajudar.

Eu tinha me fechado em uma lamentável atitude infantil, quando a intervenção de tio Kurt nos surpreendeu a ambos.

— Sim, pode nos ajudar! — assegurou.

Nós o olhamos, boquiabertos.

— Talvez possa conseguir que nos devolvam os corpos de Katalina e dos meninos — sugeriu.

— Ah! — Maidana suspirou — trata-se de um trâmite burocrático. É outro tipo de ajuda que vim lhes oferecer, mas acreditem que não vou lhes decepcionar se me pedem um favor.

O policial olhou seu relógio de pulso e acrescentou:

— São 02:15. Não é uma boa hora para fazer diligências. Não obstante, irei até a Delegacia local para indagar o que ocorre com esses corpos, e depois voltarei. Não se esqueça do que lhe disse, doutor! Enquanto isso, considere meu oferecimento.

Capítulo VI

O carro do Delegado Maidana subiu a colina da estrada de saída e, duzentos metros depois, entrou na rota provincial. Duas mulheres gordas que aguardavam pacientemente se aproximaram e me abraçaram, ambas ao mesmo tempo: eram as “amas de leite” de Katalina e minha. Ali era muito importante isso de ser “mãe de leite”, “filho de leite”, ou “irmão de leite” —

tudo começava quando, para uma boa mãe "o leite desaparecia" para seu bebê, ou não o produzia em quantidade suficiente; então se recorria a outra mãe, uma mãe mais forte, que tivesse parido seu filho em data aproximada, e se pedia seu auxílio para amamentar ambos os bebês. A mãe de leite, se bem que fosse a mais forte, com frequência era também a mais pobre, já que costumava se tratar de uma *criolla* ou índia, talvez já mãe de muitos filhos, que dava, de bom grado, sua colaboração. E, claro, era retribuída por tal serviço. Mas a retribuição era uma coisa, geralmente presentes para suas próprias crianças, roupas e alimentos, e outra muito diferente era o amor da mãe — isso não se poderia pagar com nada e, por isso, criavam-se laços superiores a uma simples transação comercial: "a madrinha de leite". Efetivamente, a mãe de leite se tornava, habitualmente, "comadre" da mãe verdadeira e usufruía de certa amizade ou preferência, com respeito às outras mulheres do Vale Calchaquí. Costumes, costumes centenários, que vinham da época dos espanhóis, ou talvez, dos indígenas.

Dessas duas mulheres que me abraçavam, uma foi "minha ama de leite" e a outra o foi de Katalina. "Não tenho nada, disse-me a primeira, nem me pareço com Dona Beatriz, mas tudo o que é meu é seu, Arturito, todo meu amor". Apertei com força aquela *criolla* que me viu nascer, e a beijei em ambas as bochechas. "Obrigado, *Nã* Isabel, muito obrigado" — disse-lhe, comovido, enquanto as carpideiras de *La Merced* faziam-me coro com seus dolorosos lamentos.

Deixei as comadres se persignando junto aos ataúdes e me retirei para um canto afastado, em companhia de tio Kurt. Desde que o Delegado Maidana partira, uma superexcitação crescente foi se apoderando de mim. Tinha uma ideia, uma ideia surgida da racional conclusão do policial, que eu desejava comunicar, sem demora, ao tio Kurt. Naturalmente, se eu não queria aceitar as propostas de Maidana, tio Kurt nem sequer as tinha escutado. Então, eu as repeti:

— Tio Kurt! Tio Kurt! — alertei-o — Reflita a respeito das palavras do policial: são um silogismo. Ele afirmou: "os assassinos são humanos". Por quê? "Porque usam adagas e bastões", quer dizer, armas materiais, ele deduziu. Naquele momento, neguei veementemente tal possibilidade, mas agora considero um pouco menos do que genial a dedução do Delegado Maidana.

— Você está louco, *Neffe*, completamente louco! — tio Kurt me desqualificou — São Imortais! Bera e Birsa são Imortais! Não significa nada que tenham usado um punhal: era necessário para o Ritual do Sacrifício.

— Pelos Deuses, tio Kurt, não me trate como se fosse um imbecil — me defendi — sei que são Imortais, ***mas, como disse Belicena Villca na história de Nimrod, só o são enquanto não os matem, "enquanto não se exerça violência física contra Eles". "Esses Imortais também podem morrer"***.

— Está louco! — repetiu, ainda mais fechado — Você não comprovou a noite passada o poder do Demônio Bera? Não podemos fazer nada contra eles. Você fez muito bem em desencorajar o policial!

— Oh, ***mein Gott***! — garanti — Não, tio Kurt! Não estou louco! Você que está sendo teimoso! Mas vai me escutar. E vai permitir que eu exponha minha ideia, quer a prova?

— *Ja, Ja*! — aceitou, sem convicção.

— Então, preste atenção. Meu conceito é que existem dois planos incomunicáveis, que, agora, por uma avaliação errônea e subjetiva da realidade, interferiram um no outro ou se misturaram. Esses planos são: ***o Plano da Realidade do Espírito*** e o ***Plano da Realidade Humana***. Entre os dois planos não pode haver relações ou conexões, apenas absurdos; toda ligação ou razão é ilusória, não real. Mas existe também uma lei, que é a razão do absurdo, que protege e afirma a realidade absoluta dos planos. E essa lei, que mantém a razão do absurdo entre tais planos, é a única referência para não perder a razão e enlouquecer. Essa lei da sanidade exige: ***não transgredir os planos; não transladar para o plano da Realidade do Espírito entes próprios do plano da Realidade Humana*** e reciprocamente, ***não projetar para o plano da Realidade Humana ideias próprias do plano da Realidade do Espírito***.

"Nesse endemoniado assunto de Bera e Birsa, meu querido tio Kurt, parece-me que se confundiram os planos; que já não sabemos qual é o plano ameaçado pelos Imortais. Mas eu o direi, tio Kurt. Direi a você tão claramente que já não poderá repetir que estou louco, mas deverá aceitar que estou muito são. É isto: observemos primeiro o plano da Realidade do Espírito; ali a ***verdade*** é a Origem, o Símbolo da Origem. Por essa verdade, por não poderem resistir ao peso dessa verdade, por negarem ou não suportarem a presença dessa verdade, os Imortais se vêm obrigados a manifestarem uma forma ***monádica arquetípica***, como a que você viu em 'O Breu'. A forma de mônada, a unidade de Luz, permite-lhes existir poderosamente ***fora do plano da Realidade Humana*** e evitarem o confronto com a verdade da Origem, com o Símbolo da Origem. E essa forma poderosa é, com certeza, a mais perigosa que se pode imaginar; estou de acordo que esse perigo também é real.

Contudo, vamos agora ao plano da Realidade Humana; ali, ***a verdade*** é o Eu, quer dizer, a manifestação psíquica e volitiva do Espírito encadeado à Matéria. E a mentira, a Ilusão do Homem, mas também seu motor anímico é ***a Dor***. O Deus Criador se nutre de uma força que se chama ***dor humana*** e o homem produz ***dor*** e ***sofrimento*** para alimentar o Criador do Grande Engano. O homem comum produz pouca dor, porque para padecer da ilusão da dor se requer a nobreza ferida do Espírito. Daí que Grandes Homens, Grandes Espíritos encarnados, sejam capazes de gerar Grandes dores, Grandes sofrimentos, Grandes aflições, Grandes angústias — ***a fome de Deus, de Jeová-Deus, exige o aporte de dor de Grandes Homens. E esses homens capazes de maior sofrimento têm que ser capazes também de***

oferecer o maior sacrifício; sua dor deve ser sagrada para Deus, para Jeová-Deus. Para isso, se requer os representantes de Jeová-Deus, os Sacerdotes de Jeová-Deus, Aqueles com o poder de consagrar a Grande Dor — por exemplo, Bera e Birsa. Porque será sempre necessário que no plano da Realidade Humana existam Sacerdotes de Deus que consagrem a Grande Dor do Grande Homem à unidade de Deus, de Jeová-Deus. Só assim será possível ***sacrificar*** o Grande Homem para que sua Grande Dor consagrada nutra a unidade do Uno, do Deus Criador Jeová-Deus.

Em síntese, tio Kurt, uma coisa são os Imortais diante do plano da Realidade do Espírito, onde não têm outra alternativa a não ser se manifestarem monadicamente, como unidade de Luz, para evitar a verdade da Origem — como ocorreu com você e Bera, que não teve outra alternativa a não ser ***se vestir com as Roupas do Uno***, quer dizer, ***com sua Mônada de Luz***. Você pode se opor dizendo que essa manifestação também ocorreu no plano da Realidade Humana, mas eu lhe responderei que você é um caso atípico, e sabe disso. ***Você é como um homem acidentado, ao qual uma incomum ferida deixa exposto um de seus mais íntimos ossos; aqueles que o observam ficam profundamente impressionados ao perceberem uma realidade íntima, que habitualmente escapa a qualquer consideração. De forma análoga, aqueles que contemplaram o Signo da Origem que você exibe involuntariamente, ficaram profundamente impressionados porque pressentiram, nesse descobrimento, a revelação da outra Realidade, íntima e alheia***. Em suma, tio Kurt, sua experiência não tem um valor geral, é própria de alguém capaz de exibir, no plano da Realidade do Homem, signos de ideias originadas no Mundo do Espírito — própria de um *Shivatulku*, talvez.

Mas, no campo dos seres humanos comuns, como os membros não Iniciados da Casa de Tharsis, como mamãe, Katalina e eu, as coisas ocorrem de acordo com a lei antes citada: ***a dor deve ser consagrada e sacrificada a Jeová-Deus; e para isso são necessários Sacerdotes de carne e osso***. Daí que, em toda a sua Carta, Belicena Villca sempre descreveu os Imortais como ***Diabólicos Sacerdotes***. Compreendeu-me, tio Kurt? ***Para o Sacrifício da Dor é preciso oficiar o Ritual da Morte e, para oficiar o Ritual da Morte, são necessários Sacerdotes sacrificadores!***"

— Aonde você quer chegar? Ou, melhor dizendo, aonde você acredita que seus argumentos o farão chegar? — perguntou tio Kurt, suspeitando que minha intenção era fazê-lo cair em uma armadilha dialética.

— Muito simples: ***minha conclusão é, e acredito tê-la demonstrado, que para efetuar assassinatos Rituais como os que executaram ontem, os Imortais devem se apresentar em forma sacerdotal humana***. Em uma palavra: minha opinião é que o Delegado Maidana está certo — os assassinos de meus pais eram seres humanos, Sacerdotes do Crime, que devem utilizar punhal e força física para subjugar suas vítimas.

— ... Ainda que pareça uma loucura, devo admitir que não carece de sentido. Bem, *Neffe*, suponhamos que seja assim. O que ganharíamos com isso? Onde estaria a diferença da situação?

— Ahhh... — suspirei, trinfante — sua pergunta deve-se ao fato de que nem remotamente considera a possibilidade de ***atacar***, não é?

— ***Atacar?*** Agora acredito mesmo que você ficou louco — julgou.

— Sim! Atacar, atacar os Demônios! O que lhe aconteceu, tiozinho? Os trinta e cinco anos de férias forçadas o amansaram? — zombei. Pois acabou de aceitar que os Demônios, ao atuarem como Sacerdotes, se transformam em seres humanos. Então, o que nos impede de executá-los, cobrar com suas asquerosas vidas todo o prejuízo que nos causaram?

— Mas como, Arturo, como faríamos isso? Onde os encontraríamos? — eu tinha deixado tio Kurt virtualmente perplexo, sem saber qual argumento opor contra minha improvável ideia — E, mesmo supondo que o pudéssemos fazer, de que serviria para a Estratégia dos Siddhas? Já não concordamos que o melhor seria seguir a pista de Noyo Villca, realizar o pedido de Belicena Villca?

— ***Shhhh*** — soprei, colocando o dedo indicador sobre minha boca, em sinal de silêncio — ***Still! Todas essas respostas você obterá, quando conhecer o plano***.

— ***Q... que plano?*** — Tio Kurt indagou, com temor.

— Meu plano! O plano que eu tenho para atacar os Demônios! Mas não falarei, por ora, dele, até terminar o funeral. Depois vou explicá-lo e o discutiremos.

Nem um pouco convencido, tio Kurt movia a cabeça, em uma cômica preocupação. Se não nos encontrássemos em circunstâncias tão trágicas, eu riria com vontade de seus gestos, com os quais ele pretendia expressar que era uma pessoa séria que havia caído nas mãos de um demente.

Capítulo VII

Às 05:30 chegaram dois carros fúnebres que transportavam Katalina e seus meninos. Os três ataúdes foram imediatamente dispostos junto aos dos meus pais, fato que inspirou as carpiderias a renovarem, com singular exagero, as suas ladainhas. Quinze minutos depois, aparecia o Delegado Maidana, o autor daquela incrível façanha burocrática.

— Como conseguiu, Delegado? — indaguei.

— Pois não foi tão difícil, considerando que os relatórios forenses já estavam prontos, mesmo que carentes de assinatura. Ninguém gosta de rubricar um relatório desprovido de diagnóstico. Porque isso é o que eles tinham: ***nada***. Quer dizer, ignoravam do que morreram sua irmã e seus sobrinhos. Meu único mérito foi convencer os médicos, que chegaram às 05:00, de que eu tinha informação confidencial que o caso seria arquivado,

por ordem superior. Mesmo assim, tive que despertar um respeitável Juiz, para obter sua autorização verbal, o que permitiria que me entregassem os corpos. No entanto, estando prontos os relatórios forenses, não havia nenhum impedimento para se terminarem os trâmites e o Juiz aceitou recebê-los pela manhã e assinar a autorização. E aqui estão seus infelizes familiares, doutor. E sabe com qual diagnóstico? ***Parada cardíaca***. É estúpido, pois estamos todos de acordo de que se trata de um múltiplo homicídio, mas esses médicos não conseguiram determinar a causa da morte. Eu, no seu lugar, teria solicitado um profundo estudo na Universidade de Salta, mas já que está tão apressado em terminar o funeral, as coisas deverão ficar assim.

— Efetivamente, Delegado Maidana. Ficarão assim, para o bem de todos — assegurei — de qualquer maneira, os assassinos pagarão pelo que fizeram aos meus pais.

— Queria lhe falar sobre isso, Siegnagel! — disse Maidana, euforicamente, mudando totalmente de atitude.

"Desculpe-me se peco por ser otimista — desculpou-se — mas ***me agrada*** ganhar discussões ou apostas, especialmente quando o rival é uma pessoa respeitável como o senhor: ***isso me enche de orgulho***" — confessou, ingenuamente.

— E o que ganhou? — perguntei, perplexo.

— Talvez para o senhor não seja importante, mas eu, antes de ir, lhe fiz um oferecimento — lembrou — e tenho em mente ainda suas insólitas palavras, sugerindo absurdamente que ***"os assassinos não seriam humanos"***. Se fossem humanos, disse, aceitaria minha ajuda. O senhor disse isso!

— Acalme-se, Maidana, porque não vou me contradizer! Efetivamente, eu o acreditei assim, mesmo que depois modificasse minha opinião, e agora estou praticamente de acordo com o senhor de que os assassinos seriam seres humanos, perversos e infames seres humanos!

— Bravo, Dr. Siegnagel! Alegra-me que tenha mudado de opinião. Agora lhe será mais fácil admitir que eu estava certo. Surgiram elementos novos neste caso, doutor!

— Quais elementos?

— ***Testemunhas, Dr. Siegnagel. Apresentaram-se duas testemunhas que viram perfeitamente os assassinos*** — informou, em tom profissional — e nesse momento estão prestando declaração e fornecendo a descrição que permitirá reconstruirmos os rostos dos criminosos. Uma vez feito o retrato falado, vão ser compartilhadas milhares de cópias dele em toda a Província, e no resto do país, e se iniciará uma operação de rastreio para detectar os movimentos desses assassinos.

Tio Kurt ficou pálido. Eu, pelo contrário, avaliei que aquelas notícias beneficiavam meus planos.

— Quem são as testemunhas? — quis saber.

— Vou lhe dizer reservadamente, pois o caso se encontra sob segredo judicial. Foram dois porteiros da empresa de tabaco, que deviam entrar à meia-noite, a 300 metros daqui, e passaram diante do portão de entrada da fazenda quase nessa hora. Como são vizinhos, sempre fazem o trajeto juntos, cada um com sua bicicleta. E como em todas as madrugadas, a de ontem parecia tranquila, ***até que, ao chegarem aqui, viram o automóvel***.

— O automóvel! — gritamos em dueto, tio Kurt e eu — Que automóvel?

— Ha, ha! — Maidana ironizou — Está vendo como seus assassinos são bem humanos? ***Tanto que até circulam em um enorme carro importado***.

— Poderia nos dar mais detalhes? — reclamei, freneticamente.

— Tenha paciência, doutor, e lhe direi tudo o que sei, que não é muito. Às 23:59, ou meia-noite aproximadamente, os dois homens rodavam em suas bicicletas diante desta fazenda. Logo notaram que, mais adiante, circulava lentamente um enorme carro preto; ia devagar, como se estivesse procurando uma casa determinada, e os ciclistas não se adiantaram ao automóvel, por pura curiosidade. Assim, seguiram em caravana até que, ao chegar ao portão desta casa, o automóvel virou e saiu da estrada, estacionando na entrada. Então, os porteiros puderam ver bem seus ocupantes: ***eram dois homens de "aspecto oriental"***, vestidos impecavelmente com terno preto; inclusive um deles desceu para abrir o portão e foi claramente observado por ambos os trabalhadores.

"As testemunhas estão retidas desde ontem ao meio-dia, só que não informaram nada aos senhores sobre o andamento do inquérito policial. O importante é que lhes foi mostrado no computador um programa etnográfico, e os porteiros identificaram o segundo personagem como uma espécie de "turco" ou pessoa do Oriente Médio. O que lhe disse, doutor? Não estava muito errado quando lhe sugeri que poderiam ser membros do Mossad."

Não, Bera e Birsa não eram membros do Mossad israelita, mas, sem dúvida, poderiam ser os Chefes desse sinistro "Serviço de Inteligência", ou "Esquadrão da Morte" judeu — eram extremamente capacitados para isso. Eles eram, isso sim, oriundos do Oriente Médio, onde, segundo Belicena Villca, foram Reis, em tempos remotos. Não havia, pois, dúvidas sobre a forma em que os Sacerdotes Supremos de Melquisedeque vieram a Cerrillos: como "seres humanos", vestindo roupa moderna e dirigindo um luxuoso automóvel. Ao receber essas notícias, tio Kurt emudeceu completamente.

— De que marca era o carro? — perguntei.

— Nem modelo nem marca. Curiosamente, as testemunhas estavam de acordo ao fornecerem uma descrição detalhada do automóvel, mas não conseguiram reconhecer a marca; tampouco notaram se tinha chapa evidente. De suas declarações se deduz que se tratava de um carro muito grande, um Cadillac ou Lincoln, o que, por não ser muito frequente em nosso país, teria dificultado a identificação.

Quando Maidana terminou de me comunicar as informações policiais que obteve em tão pouco tempo, voltou à carga com a sua intenção. Pretendia

que eu lhe retribuísse com igual lealdade e lhe revelasse tudo quanto sabia sobre os assassinatos e os misteriosos assassinos. Claro, eu não poderia lhe dizer a verdade — verdade incrível, por outro lado — e eu me achava, assim, aprisionado em um dilema moral.

Às 07:05, chegou o Delegado de Cerrillos. Vinha me cumprimentar e cumprir uma solicitação de Maidana, que o tinha despertado também, às 03:00 da manhã.

— Olá, Arturo. Bom dia, senhor Sanguedolce. Como está, Maidana? — cumprimentou — eu ignorava que fosse amigo de Arturo. Trouxe o que me pediu, mas já que são amigos, lembrem-se que tudo ainda é de cunho reservado. O Juiz está tentando jogar luz em um assunto que se tornou muito estranho, e logo pela manhã vai emitir ordens que nos permitirão atuar. Até então, o relatório é secreto.

Entregou um envelope para Maidana, e este se apressou em abri-lo. Continha os retratos falados dos assassinos e vários desenhos que representavam as cenas vistas pelas testemunhas.

Os retratos mostravam dois rostos de indubitável aspecto oriental: redondos, maçãs do rosto proeminentes, sobrancelhas ralas, olhos levemente puxados, lábios grossos. Estavam bem barbeados e careciam, ao que parece, de cabelo. Essa última informação não se poderia assegurar com certeza ***porque, incomumente, os criminosos usavam chapéus em forma de "cogumelo" muito justos***.

— Há coisas que não encaixam, que não estão de acordo com os padrões gerais da Criminologia — comentou o Delegado de Cerrillos, contrariado — procuramos dois assassinos ferozes, autores do massacre de uma inofensiva família. Duas testemunhas os veem, na hora do crime, entrarem na casa. Até aí tudo certo, tudo "normal". Solicitamos, então, às testemunhas, que nos descrevam os presumíveis malfeitores. Concordam. E ali termina a normalidade tipológica: o caso foge de qualquer enquadramento geral; nem a casuística criminológica, nem os antecedentes, nem a experiência acumulada, servem para compreender o fato. A princípio, suspeitou-se das testemunhas, mas depois se verificou a sua capacidade para testemunhar: são pessoas impecáveis, que jamais bebem uma gota de álcool, uma vez que devem exercer um posto de vigilância, e para o cúmulo, são ex-policiais, quer dizer, policiais aposentados, treinados para observar fatos e acostumados a oferecer detalhes. Mas sua história era muito incrível. Vejam essa imagem, onde o acompanhante desce para abrir o portão e o condutor está sentado ao volante do carrão preto. O que as testemunhas viram? Não dois criminosos "normais", que vão assassinar furtivamente uma família, mas sim dois ***cavalheiros*** elegantemente vestidos, que entram como se estivessem de visita na fazenda dos Siegnagel. De fato, o Juiz fez com que os porteiros fossem examinados por psiquiatras, ontem à tarde, mas o relatório é positivo: estão em perfeitas condições mentais. Inclusive se prestaram a um interrogatório sob hipnose, que também teve resultados

positivos. Concretamente, ***dizem a verdade*** — seja o que for que tenham visto, eles acreditam no que dizem.

Lancei um olhar de relance para o Delegado Maidana, pois de tudo aquilo se desprendia o cheiro conhecido durante o assassinato de Belicena Villca. Mas ele não se alterou; evidentemente, tinha também uma explicação racional para o curioso vestuário dos "agentes do Mossad".

— Vejam isto, senhores! — insistia o Delegado de Cerrillos — Pode existir algo mais ridículo do que uns assassinos vestidos com terno preto de três peças, sapatos pretos, chapéu preto — chapéu cogumelo preto — gravata preta e camisa branca? Sim, eu sei que podem existir assassinos assim: em Hong Kong, em Istambul, em Londres, em Nova Iorque, e em mais de mil lugares do mundo. ***Mas aqui, em Cerrillos?*** Tratando-se de outro tipo de gente, até seria possível aceitar sua presença nesta zona. Por exemplo, se fossem executivos de uma empresa multinacional que vêm para fazer negócios ou saquear algumas de nossas matérias primas. Esse tipo de criminosos é possível imaginar, sem esforço. Mas, no caso que temos, fogem facilmente do padrão geral dos assassinos de agricultores.

O Delegado consultou o relógio e se despediu — Tenho que ir. Até logo, Arturo, sinto muito por tudo isso. Vou vê-lo esta tarde no cemitério. Desculpe a conversa, mas foi Maidana que veio mexer no vespeiro. Eu não teria lhe aborrecido ***até depois do funeral***. Naturalmente, o Juiz também deseja falar com você e não demorará em convocá-lo, quando passar esse trágico momento, ***naturalmente***.

As últimas palavras do Delegado de Cerrillos me causaram uma profunda inquietude. O que a polícia pretendia? Assassinaram minha família e eu seria o interrogado?

— Calma, doutor, não é nada — Maidana assegurou — simples rotina. A polícia está sem pistas e quer conhecer sua opinião. O mesmo ocorre com o Juiz; é por isso que resistia a entregar os corpos. Eu poderia lhe dar muitas hipóteses a respeito do que o Delegado não disse e que provavelmente aconteceu. Por exemplo, é quase certo que passaram por rádio a descrição do carro preto e não conseguiram averiguar seu paradeiro; nem sequer sabem se saiu da Província. Isso os desorienta, pois é um automóvel estranho e supõem que alguém deveria tê-lo visto. ***Mas eles não avançam porque investigam profissionalmente. O senhor e eu sabemos que, contrariamente ao que afirmam o Delegado e o Juiz, este é, efetivamente, um caso clássico — um caso clássico dentro da Inteligência e da Contra-inteligência Internacional***.

Maidana estava convencido de sua teoria e eu teria que lhe dar uma resposta, sem demora.

Capítulo VIII

Oito e meia da manhã. Eu estava na cozinha da fazenda de Cerrillos, tomando café da manhã com tio Kurt e o Delegado Maidana. Lembrava-me, com tristeza, que naquele ambiente tinha visto juntos, pela última vez, os meus pais — última imagem de uma realidade que não se repetiria mais — e como resultado da viagem que eu empreendera naquela manhã, meus pais jaziam agora no aposento ao lado, dentro de seus respectivos ataúdes. A lembrança me doía mas, segundo tio Kurt, essa era ***a fraqueza***: os Iniciados Hiperbóreos, os Cavalheiros ᛋᛋ, disse-me, em Santa María, ***não podiam ter família***; e muito menos amá-la — isso seria torná-la alvo do Inimigo, expô-la a uma destruição certa e, o que era pior, seria nosso ***ponto fraco***. Naquela ocasião, subestimei suas advertências, mas agora compreendia fatalmente quanta verdade havia em suas palavras. Por isso ele insistiu tanto. Ele, que conhecia o Inimigo, sabia, como agora eu o sabia, que nenhum conselho era suficiente para se prevenir contra Eles. Tio Kurt tinha se privado, durante 35 anos, de ver assiduamente sua irmã para protegê-la, e seria eu, o filho, que a enviaria, imprudentemente, ao verdugo. ***Era para enlouquecer. Mas eu não podia enlouquecer. Sobre a morte de minha família eu tinha certa responsabilidade, pela negligência cometida. Mas não devia esquecer que os assassinatos em si tinham sido executados pelo Inimigo. Estávamos, pois, em uma guerra. E na Estratégia dessa Guerra, eu tinha que cumprir uma missão!***

Após o café da manhã, Maidana passaria, por um momento, pela Delegacia de Polícia em Salta e depois iria descansar. Prometera regressar às 18 horas, para o enterro. No entanto, queria logo uma definição a respeito do seu oferecimento de ajuda. Para ele, não se poderia perder mais tempo, pois cada minuto que transcorria era mais vantagem que os assassinos teriam para escaparem. Agora, sugeriu, se eu não queria prender os assassinos materiais, mas desejava atacar os instigadores, então poderíamos falar, em outra ocasião menos dramática, pois ele garantia que seu grupo nacionalista também me apoiaria. Não seria necessário esperar. Eu já tinha tomado uma decisão:

— Delegado Maidana, poderia fazer a gentileza de aguardar só mais meia hora, e não levar a mal que eu converse a sós com o senhor Sanguedolce? — solicitei.

— Não tenho nenhum inconveniente — disse, confiante. Depois, enquanto tio Kurt se dirigia para a escada, aproximou-se do meu ouvido e acrescentou — Pode falar à vontade, mas acredite que não sou estúpido. Eu o observei atentamente e juraria que ele não é italiano. Talvez seja alemão ou de algum país nórdico. E talvez seja seu parente ou de algum desses heróis nazis que os judeus procuram, para liquidá-los. Provavelmente ele é

o objetivo oculto dos assassinos orientais: um 'contrato' do Mossad, por que não?

Afastei-me sem escutar mais. Era muito difícil tratar com Maidana: inteligente, instruído, tinha intuição, mas persistia na errônea atitude de abranger todos os fatos com um conceito político superficial. Não deveria mais pensar nele, mas sim na conversa que teria com tio Kurt.

Reunimo-nos em meu quarto, lugar saturado de lembranças dolorosas. Tio Kurt recostou-se na cama, e eu me sentei na cadeira. Antes que conseguisse emitir a primeira palavra, ele me fez conhecer sua oposição. Mas eu estava preparado para a sua reação, pois há dias havia compreendido por que Tarstein o qualificava de ***obstinado***.

— Imagino o que você vai me dizer, *Neffe*. Desde que apareceu o policial Maidana, e você deu crédito à incrível ideia a respeito da "humanidade" de Bera e Birsa, venho temendo ouvir "seu plano". E sabe por quê? Porque eu o imagino. Mas não se preocupe. Escutarei seu plano e o considerarei, com a melhor boa vontade. Só quero deixar algo claro de antemão, um princípio do qual não me afastarei, aconteça o que acontecer: ***os Imortais não podem morrer***.

É óbvio, "os Imortais não podem morrer", e tio Kurt, agarrado obstinadamente a esse princípio, jamais concordaria com meu plano. Nem com sua melhor "boa vontade". Mas, como antecipei, eu estava preparado para a sua reação e já tinha encontrado a forma pela qual o futuro não ficaria à mercê de sua "boa vontade". Eu admirava tio Kurt, mas acreditava que ele seria capaz de aguardar outros 35 anos antes de empreender uma ação. Soltei meu discurso:

— Meu querido tio Kurt, encontramo-nos diante de dois pontos de vista. E para podermos nos mover, um deles deve prevalecer sobre o outro. Contudo, nenhum de nós cederá em sua posição — ***e não é conveniente que o façamos***. Você, porque, se bem que seja muito obstinado, possui poderes que ninguém tem e um conhecimento Iniciático que temos que respeitar. Eu porque, ó tautologia, posso estar certo ou posso estar equivocado. Ninguém o sabe, nem você. Por algum motivo fui convocado agora pelos Deuses, recebi a Carta de Belicena Villca, sou um von Sübermann; por algum motivo sofri essa dor, o ataque dos Demônios contra a minha família; por algum motivo aconteceram todas essas coisas, mas não são suficientes, por si mesmas, para decidir se estou certo ou errado. Você tende a acreditar que tudo o me ocorre é por sua causa, mas eu tenho uma ideia diferente de mim mesmo e penso que também existo; e que se existo é por algum motivo. Esse motivo que não sabemos qual é, mas que talvez signifique que eu esteja certo quanto ao meu plano, faz supor que, além disso, conseguirei cumprir o pedido de Belicena Villca: encontrarei seu filho, o Noyo da Espada Sábia.

"Como saber qual é a verdade? Como o saber se, depois do que aconteceu com a minha família e de comprovar que Bera e Birsa reencarnaram para atacar, eu nunca aceitarei que os passos seguintes sejam decididos por sua

'boa vontade' nem tampouco decidirei por mim mesmo? Vou lhe explicar ***como saberemos***. E me perdoe se tenho que ser duro com você, tio Kurt, que deixou como certo um princípio do qual não se afastará. Pois então, eu lhe exporei o meu, do qual, da mesma forma, não me afastarei: ***só aceitarei, e apenas aceitarei, a Vontade dos Deuses***! Que Eles decidam!

Logicamente, não proponho uma "Prova de Deus", uma Ordália, para averiguar a Vontade dos Deuses. Porque, se há algo em que estou disposto a confiar é em sua Honra, na Honra de seu Espírito Eterno. ***E você pode falar com os Deuses por meio da faculdade Scrotra Krâm***, ainda que esteja certo de que, por teimosia, nunca mais a utilizou, desde que o Terceiro Reich caiu. Pois bem, fale com os Deuses, com o Capitão Kiev, e consulte-o a respeito do nosso futuro, pergunte concretamente quais são os passos que devemos dar! Seja qual for a resposta que Eles lhe ofereçam eu a aceitarei. E a aceitarei de você: ***acreditarei no que me disser***."

Na realidade, no que eu confiava era que a Honra de tio Kurt o impediria de me enganar. E se, apesar de tudo, me enganasse, lá, ele, o Führer, que foi quem lhe comunicou o *Scrotra Krâm*, se encarregaria dele. Mais do que persuadi-lo, mediante a eloquência, com meu discurso eu esperava colocar tio Kurt em uma armadilha dialética que o obrigaria a optar entre realizar o ataque aos Demônios ou trair a Estratégia do Führer. Isso se meu plano fosse correto. Mas se não o fosse, e se tio Kurt afirmasse que para o Capitão Kiev não o era, ***eu nunca saberia***. Logicamente, eu estava tão certo de que meu plano era bom, como ele de que a conversa com o Delegado Maidana tinha me transtornado a razão.

Por um momento, tio Kurt emudeceu. Eu o tirei de suas reflexões, pois necessitava contar com sua aprovação, antes de lhe explicar o plano. Para não falhar, recorri a um efeito dramático:

— O que me diz, tio Kurt? Falará com o Capitão Kiev e receberá sua mensagem? Quer que eu lhe suplique? Não tenho vergonha de lhe suplicar: faça-o por mim. Lembra-se de que quando fui até Santa María, e que, por pouco, não fez com que os cães *daivas* me matassem, você me assegurou que, se eu tivesse morrido, você se suicidaria? O que pode ser pior do que aquilo? Ou o que nos aconteceu depois, quando os Demônios exterminaram nossa Estirpe? Sim, tio Kurt, eu lhe imploro: ***ao menos uma vez na vida, deixe de lado um pouco sua teimosia!***

— Espere um pouco — me interrompeu — não é para tanto. Você não deve exagerar. Parece-me justa sua proposta e a aceito de bom grado. Vou me valer novamente do *Scrotra Krâm*, que realmente nunca mais usei, desde a Segunda Guerra, e procurarei indagar a Vontade dos Deuses. A única coisa que não consigo sequer conceber é a utilidade de seu plano — ***os Imortais não podem morrer***. Mas talvez você tenha razão, e apesar de tudo, se tenha que realizar sua ideia ***demente***. Agora, poderia me confirmar, com detalhes, o que minha intuição já me fez ver, para que não surjam dúvidas sobre o que terei que consultar?

Eu o tinha convencido! O pássaro estava no saco! A cabra caiu na armadilha! Tremi de alegria, mas não fiz nem um gesto que delatasse meu estado de ânimo, que era comparável ao de Cícero quando convenceu o Senado de que Roma deveria guerrear contra Cartago. Se ele captasse meus pensamentos era algo que não poderia evitar, mas tentaria não fazer nada que pudesse ofendê-lo. Mesmo que ele não perdesse a oportunidade de mostrar-me que meu plano só poderia proceder de um demente.

— Estrategicamente — expliquei — meu plano se baseia no princípio das duas Realidades que lhe mencionei antes. Mais claramente, afirmo que os Demônios, para nos atacar, tiveram que ***descer*** para o plano da Realidade Humana e isso os tornou vulneráveis ***em dito plano***. Não é muito, mas, o que mais podemos pedir? A Sabedoria Hiperbórea ensina que a natureza do medo é essencialmente animal, ou seja, anímica, humana, própria da Alma Imortal. Contrariamente, o Espírito Eterno é puro Valor, ***não conhece o medo, que lhe é essencialmente estranho***. Então, Bera e Birsa são duas Almas Imortais altamente evoluídas, ***mas a natureza do medo não lhes é estranha***; pelo contrário, devem ser capazes de sentir medo, e muito. Quando? Quando são superados ***pela força***. Isso acontece porque, como qualquer essência anímica, só entendem uma linguagem: ***a da força***. Claro, Eles são conscientes de sua própria força, e por isso não temem um inimigo que sabem que é inferior ***em força***, como os Espíritos estão encadeados à Matéria, como são os homens espirituais. Por isso, Eles têm razão em não temerem os homens: ***Eles mesmos são super-homens***. E é certo que é uma loucura tentar atacar Bera e Birsa ***fora do plano da Realidade Humana***. Mas, agora, o caso é diferente, porque Eles se situaram no plano da Realidade Humana, tornando-se, momentaneamente, seres humanos. Ao nos oferecerem um ponto fraco em sua Estratégia, ***agora poderemos atacá-los em sua fraqueza humana, como Eles nos atacaram***.

"O que ganharíamos se, como você diz taxativamente, "***os Imortais não podem morrer***"? Vista a questão desse modo, como você a soluciona, quer dizer, ***a partir dos princípios***, no caso de lhes tirar a vida humana só conseguiríamos desencarnar suas Almas imortais. Isto é: não conseguiríamos nada. Mas acredito que não é assim que se deve responder à questão, pois se aferrando a um único princípio, deixa-se de lado outros princípios, tão importantes como esse da Imortalidade da Alma, que se forem considerados, ***podem nos oferecer vantagem estratégica relativa***. Concretamente, me refiro ao ***princípio do medo***, já exposto, e ***ao 'efeito de avalanche' que ocorre no fenômeno do terror, quer dizer, o pânico***. Como profissional dos fenômenos psíquicos, sei muito bem que a sensação de medo cresce seguindo uma curva exponencial, que é inversa à curva volitiva; em um ponto determinado, ambas as curvas se cruzam e então o medo domina a vontade — ou o que é o mesmo — a vontade se enfraquece diante da força instintiva, e sobrevém o pânico, durante o qual o anímico fica fora do controle racional, e se torna irracional.

Minha teoria é a seguinte: normalmente não teríamos força suficiente para atacarmos as Almas Imortais Bera e Birsa e causar-lhes um medo que as coloque em fuga. Anormalmente, Eles se situaram no plano da Realidade Humana, encarnaram em seres humanos, tornaram-se Sacerdotes — Sacerdotes diabólicos, mas, enfim, seres humanos, com sua visão limitada pela razão ***e pelo instinto do medo***. Contra seres humanos, por mais diabólicos que sejam, temos armas com as quais lutarmos; ***e força suficiente para lhes causar um grande medo — um medo tal que se transformará em terror, e um terror tal que quebrará seu orgulho satânico, sua segurança mágica de que não podem ser derrotados por seres humanos. Além disso, esse terror lhes infundirá o pânico — um pânico tal que deixará as Almas Imortais Bera e Birsa instantaneamente fora de controle. Como em uma avalanche, uma pequena força inicial será amplificada em uma grande força final; como em um pânico cósmico, um pequeno medo inicial, humano, será amplificado em um grande terror final, ao nível das Almas Imortais***.

Você sabe o que é o Tempo, tio Kurt: pura ilusão. A única realidade do Tempo, no Plano do Criador do Tempo, é o Princípio e o Final do Tempo, que são idênticos. E sabe o que é a segurança para o Mago: a fonte do poder. ***O Mago não pode duvidar nem uma vez, porque rompe-se o seu poder mágico; o Mago deve acreditar sempre que ele é poderoso, a cada instante mais poderoso: esse é o 'orgulho satânico'***. Apenas um instante de dúvida e essa crença se quebrará, 'será quebrado o orgulho satânico', e perdida a evolução alcançada, por causa da consequente queda metafísica. E segundo minha teoria, se conseguirmos infundir esse instante de pânico em Bera e Birsa, ***isso equivalerá à sua própria destruição mágica: serão automaticamente remetidos ao Princípio do Tempo, por causa da perda de evolução instantânea***. Não sei se duas Almas Imortais evoluídas como Bera e Birsa conseguem regressar dessa situação de total involução. Mas, se aceitarmos o que nos diz a Sabedoria Hiperórea, temos que nos lembrar que ela ensina que tanto no Princípio do Tempo, como no Final, encontra-se o *Mahapralaya*, a Não-Manifestação ou a Morte Final de tudo o que for anímico. No Princípio do Tempo, Bera e Birsa teriam, assim, dois caminhos: um, ***não entrar no Tempo e se fundirem no Mahapralaya***; e dois, ***entrar no Tempo, e serem obrigados a recuperar sua evolução perdida 'no' Tempo***, ou seja, ***manifestando-se monadicamente nos Mundos elementais e depois evoluindo para a Perfeição Final arquetípica, durante éons, passando, sucessivamente, pelos reinos mineral, animal e humano, em rondas e cadeias planetárias, em Manvantaras e Kalpas***.

Conclusão da minha teoria: ***jamais poderão nos atacar novamente***.

Levar esta teoria à prática é possível, mediante o meu plano, que lhe explicarei em seguida. É muito simples, e começarei definindo o seu objetivo: ***matar os 'assassinos orientais', quer dizer, os Sacerdotes Bera e Birsa, durante uma operação especial***. Para conseguir esse objetivo, é

necessário cumprir quatro condições. Vou nomeá-las e depois direi como poderão ser executadas. Primeira, dispor de armas pérfuro-contundentes de curto alcance; segunda, localizar os assassinos; terceira, nos aproximarmos deles o suficiente para acertar os tiros; e quarta, contar com o fator surpresa.

A primeira condição acredito que possa ser cumprida com a ajuda do Delegado Maidana, a quem considero, de agora em diante — e mesmo que você discorde da minha opinião — como ***um enviado dos Deuses***, e claro, um enviado inconsciente de sua missão.

A segunda condição não requer investigação alguma, porque ambos estamos certos de que, daqui, os Imortais saíram em direção ao Rancho de Belicena Villca. Será ali que os agarraremos e para onde, de qualquer forma, deveremos ir. Só lhe peço para confirmar nossa ***hipótese*** em sua consulta ao Capitão Kiev.

A terceira condição depende de você, de sua habilidade para controlar e dirigir os cães *daivas*. Conto com eles, para que com o salto ***svadi-lung*** nos permitam que nos aproximemos à distância adequada para não errarmos os tiros contra aos assassinos.

A quarta, naturalmente, depende da terceira e também de você, de como vai construir as ordens mentais com o ***Kilkor svadi*** que os cães *daivas* deverão obedecer. É lógico que, se em ditas ordens você mencionar, apenas mencionar, Bera e Birsa, estes detectarão você, como fizeram comigo, e se colocarão em alerta. O fator surpresa exige, pois, não se referir a Bera e Birsa para os *dogos*. Como vamos nos aproximar, então? Temos que descartar a possibilidade de dirigir os cães *daivas* diretamente para o Rancho de Belicena Villca, porque corremos o risco de não chegarmos no momento certo, quer dizer, ***quando ambos os Sacerdotes estiverem dentro da casa***. Não devemos esquecer que tal momento ***já passou***, que os assassinos ***já estiveram no Rancho***, e que os cães terão que saltar não apenas no Espaço mas no Tempo, retrocedendo no Tempo para o momento exato. Como faremos, então, para nos aproximar sem sermos detectados? Indicando aos cães daivas ***o automóvel dos assassinos***, o carro preto ***vazio e situado no Rancho***. Isso pode se conseguir em vários passos; o primeiro dos quais consiste em fazer com que os cães daivas identifiquem, ***aqui mesmo, em Cerrillos***, o rastro do carro preto. Desse modo, possuirão, ***in abstratus***, a 'ideia' ou 'nome' do carro preto a priori da ordem final. E a ordem final será uma construção matemática exata que implante a ideia, ou o nome codificado do carro preto, no contexto do Rancho. Temos que pensar em como solucionar o problema, tio Kurt! Mas estou certo de que não haverá dificuldades intransponíveis, pois o *Yantra* é sumamente versátil para construir qualquer tipo de ordens, mesmo as mais complexas.

Capítulo IX

Tio Kurt pediu para ficar a sós em meu quarto. Consultaria o Capitão Kiev imediatamente, com seu *Scrotra Krâm*, a respeito da conveniência de realizar ou não meu ***demente*** plano. Eu estava convencido de que se minha teoria fosse correta, meu plano seria aprovado pelos Deuses, para grande desgosto de tio Kurt. Por outro lado, o próprio tio Kurt parecia ter diminuído em algum grau sua atitude negativa, pois quando concluí o discurso, apenas sorriu, pela primeira vez em dois dias, e disse:

— Eu estava enganado, *Neffe*. Você não só se parece comigo, como percebi em Santa María, mas se assemelha também a Konrad Tarstein. E me fez lembrar dele agora, proporcionando-me, como você fez, uma de suas missões ***demenciais***. Naquelas ocasiões, ao escutar Tarstein, como hoje escutei você, tinha a impressão de que caíra nas mãos de um louco. Mas, depois, tudo saía de acordo com os planos e eu tinha que me render diante de quem tinha "melhor visão estratégica do que eu". Realmente, porque você o merece, desejaria que hoje ocorresse o mesmo e que você esteja correto. ***Por mim, eu sempre perceberei que nesses planos falta algo, que estão incompletos, que não podem dar bons resultados***. E se forem concluídos com sucesso, ***sempre terei a impressão de que o êxito não dependia do plano, de sua maior ou menor perfeição, mas da intervenção Divina, do milagre que nos salvará no último momento***.

Enfim, esse era meu tio Kurt, e ninguém poderia mudá-lo. Fui para o quarto adjacente, o da defunta Katalina, enquanto ele se comunicava com os Deuses Leais ao Espírito do Homem.

Transcorreram-se não mais de sete ou oito minutos, e eu estava dormindo profundamente, quando tio Kurt entrou. Talvez porque acumulasse muito cansaço, talvez para não pensar em Katalina — que horas antes ocupara aquele aposento com seus filhos, até que sentiu que seu sangue se transformava em fogo — assim que apoiei a cabeça no travesseiro, comecei a sonhar. Era um sonho simbólico, estranho, mas muito sugestivo. Estava, sem saber como, em um edifício com muitos andares, que se comunicavam por inúmeras escadas. Eu procurava alguma coisa e subia e descia as escadas, sem conseguir encontrar o que buscava. De repente, ao subir alguns degraus de pedra verde, cheguei a uma plataforma quadrada, sem saída. Preparei-me para voltar, quando percebi um movimento sutil em uma das paredes que cercava a plataforma; virei-me e, ao observar com atenção, compreendi que aquela parede era, na verdade, um espelho. A princípio, o espelho me refletiu, com meu aspecto exterior, e por isso o que aconteceu em seguida me pegou completamente desprevenido: paralisado de terror, vi que uma enorme e horrível aranha negra me observava com a mesma atenção. Imediatamente, adivinhei que

essa aranha era eu mesmo, ou algo de Mim Mesmo que se refletia fora. Vencendo a apreensão que me dominava, estendi timidamente uma mão para o espelho, ao mesmo tempo que a aranha estirava sua pata dianteira esquerda para a mesma direção; sobre a superfície especular, nos roçamos. Então, a aranha se eriçou, como se estivesse decidida a picar e, em meio ao meu horror, saltou para a frente, saiu do espelho e caiu sobre mim, dentro de mim, fundindo-se no Fundo de Mim Mesmo. A terrível experiência me obrigou a fechar os olhos, mas depois eu os abri novamente, ainda paralisado, e vi novamente o espelho. Mas ele já não refletia a aranha, e sim uma maravilhosa e bela Espada — eu a reconheci em um instante — tratava-se da Espada Sábia da Casa de Tharsis, inconfundível, com seus dois falcões no punho, sua Pedra de Vênus, sua empunhadura de marfim espiralado de chifre do Barbo unicórnio e a legenda 'Honor et Mortis'. Ela parecia viva, como se dipusesse de uma vida que se percebia furtivamente por trás da forma simbólica. Mais uma vez, levei minha mão em direção ao espelho, notando, espantado, que agora podia atravessar a superfície. Consegui chegar até a Espada, com a intenção de pegá-la, mas, ao roçá-la, ela se transformou, surpreendentemente, e também pulou até mim, entrou em mim, se transladou ao profundo de Mim Mesmo. Mas, dessa vez, não foi uma aranha, e sim uma Dama, a mais bela que jamais concebi, só comparável à Beleza Incriada da Virgem de Agartha, e que ***reingressou em Mim Mesmo***, e à qual só vi furtivamente, tal como Ela permitia que se percebesse Sua Vida Eterna sob a Vestimenta simbólica, Vrúnica, da Espada Sábia. Nesse instante nupcial, ao vê-la pela primeira e última vez na vida, gritei, sem saber por quê: 'eu a reencontrei!'. E Ela ***me beijou ao passar***, perdendo-se na Negrura Infinita de Mim Mesmo, e deixando-me imerso em um êxtase indescritível, mais gelado do que nunca, mais duro do que nunca, mais completo do que nunca: ***Pedra de Gelo, Homem de Pedra, Mulher Kâlibur, Espada Sábia, Kâly; Ó Kâly!*** 'Ó Kâly", eu murmurava, quando tio Kurt entrou e me transportou à amarga realidade do funeral de Cerrillos. Custou-me recobrar a lucidez, depois desse sonho tão vívido e, ainda em sonhos, escutei tio Kurt relatar a mensagem do Capitão Kiev. Claro, ele não o fez sem expressar seu protesto pessoal.

— Falei com o Capitão Kiev, *Neffe*! Como o fazia há 35 ou 40 anos! E você tinha razão: ***é conveniente executarmos seu plano, estrategicamente conveniente***! O que, necessariamente, não significa que o plano seja bom. De forma que você não deve se alegrar muito, porque o Senhor de Vênus me fez uma advertência, ***ambígua, como todas as advertências dos Deuses***. Mas, antes de me referir a ela, lhe direi que ***nada mudou*** depois de tantos anos, ***para mim tudo permanece igual, quer dizer, na nebulosa mais escura***. E que estou farto dessa vida na qual eu tenho o poder, mas, ao não compreender meu poder, ao não abranger o Símbolo da Origem que eu Sou, não consigo me inserir racionalmente na Estratégia, na Grande Estratégia dos Siddhas Leais e do Führer. Mais uma vez se repete a história. Ao comentar com o Capitão Kiev que eu não tinha fé na efetividade desse plano,

e menos ainda depois da advertência que ele tinha me transmitido, ***disse-me textualmente "que eu não compreendia a situação"***. Percebe, *Neffe*? — perguntou com uma aflição que me pareceu cômica — ***os Deuses confirmaram o diagnóstico de Tarstein, de von Grossen, dos kâulikas, e de tantos outros!*** Eu não compreendo a situação, ***nenhuma situação***, ao que parece! Eu sei disso e me enche de pesar, mas para eles não parece importar em nada o meu pesar. É mais do que suficiente que eu lhes ofereça meu poder para realizarem seus planos ***dementes***, mesmo que não os compreenda. E o Capitão Kiev corrobora essa opinião: ***minha função não é compreender, mas sim atuar, cumprir as ordens ao pé da letra***. Para compreender a Estratégia existem os homens como Tarstein e você, os imitadores de Nimrod, o Rei *Kassita*, os loucos que planejam e conseguem prosseguir com a guerra no Céu e tomar o céu por assalto. Claro que, com a nossa colaboração indispensável, os poderosos que ignoram como aplicar o poder, que "não compreendemos a situação", mas que devemos empregar todo o nosso poder para salvar a pele dos Sábios.

E assim, ele continuou protestando por um bom tempo, enquanto eu o ouvia, pacientemente. Finalmente, referiu-se ao que nos interessava com urgência.

— Em resumo, *Neffe*, por falta de mais compreensão, vou me ater ao princípio que, para mim, é mais claro: ***os Imortais não podem morrer***. E aqui vai a advertência do Capitão Kiev. Em geral, ele aprovou o que você se propõe a fazer, mas me disse estas enigmáticas palavras: ***"ao finalizarem a operação, verão o que não consideraram a princípio, mas se o tivessem visto a princípio, isso os impediria de finalizarem a operação"***. Diga-me você — em quem os Deuses confiam — o que ele quis dizer com tão ambígua advertência.

Querido tio Kurt, tenho que ser sincero como você: não sei com certeza, mas presumo que o Capitão Kiev está nos avisando a respeito de ***uma falha*** no plano — algo, um detalhe importante — ***que eu deixei passar e que, se fosse considerado, talvez me fizesse desistir de seguir em frente***. Mas mesmo assim, ele nos aconselha a agir e faremos isso. Porém, não deixarei de refletir sobre o assunto; meditarei mil vezes a respeito do plano para tentar descobrir o que está escondido da minha visão estratégica. Não gostaria de receber uma surpresa no final; e não me arriscaria, por nada do mundo, se não estivesse convencido de que vamos ganhar. A surpresa, tio Kurt, deve ser dos assassinos! Nós temos que dominar todas as variáveis do ataque para evitarmos ser, ao mesmo tempo, surpreendidos! E eu juro que não deixarei nenhum elemento sem considerar até que tenha adquirido a máxima segurança na operação!

Quarenta e cinco minutos depois de termos subido, regressamos para junto do Delegado Maidana. Ele se encontrava placidamente adormecido no sofá onde o deixamos sentado. Tio Kurt me perguntou, ao descermos as escadas, a respeito da tática que eu adotaria para obter a ajuda em particular que necessitávamos do policial.

— Você pensou no que dirá a ele? Não vai lhe dar detalhes da operação, não é? — saturou-me com suas dúvidas — Veja, *Neffe*, eu não confio nele, nem em nenhuma pessoa como ele. Padecem de grande confusão ideológica e não podem ser verdadeiros Camaradas. Hoje estão com você e amanhã não se sabe a quem responderão.

— Devagar, tio Kurt, devagar! — tentei acalmá-lo — Não despreze assim quem representa nosso único apoio. Aqui, na Argentina, é o melhor que há. Já não estamos no Terceiro Reich! Isso passou! O Führer ***já não está à vista, para despertar a lealdade sem limites que você sente***. Apenas nós, os Iniciados, vemos o Führer! E não podemos exigir-lhes que se comportem como Cavaleiros ᛋᛋ, pois foram obrigados a viver no mundo da pré-Sinarquia Universal. Lembre-se que você mesmo preferia morrer a sobreviver neste mundo! Seja, pois, um pouco tolerante. E não se preocupe, ***porque só direi a ele o que deseja ouvir***. Compreenda, tio Kurt, que não devo mentir; mas tampouco posso lhe dizer ***toda a verdade***. Então, vou lhe revelar, apenas, ***parte da verdade, aquela parte que ele anseia conhecer e que para nós não importa que ele conheça***.

Despertei Maidana, com uma xícara de café na mão. Desculpou-se por sua "falta de controle" e se recompôs imediatamente. Bebeu o café como se fosse água e, em questão de minutos, consumiu três xícaras, enquanto escutava minha proposta.

—Falarei com o senhor como Camarada Nacionalista, Delegado Maidana — esclareci — meu amigo e eu concordamos que efetivamente o senhor pode nos fornecer o tipo de ajuda da qual nós necessitamos. Logicamente, para chegarmos a um acordo, terei que colocar algumas cartas sobre a mesa. Então começarei pelo assassinato de Belicena Villca. Antes de mais nada, indicarei o motivo do crime: ***seu filho Noyo Villca***. Os assassinos queriam saber do paradeiro de Noyo Villca. Por quê? Porque o jovem era um agente de Inteligência infiltrado nas organizações subversivas.

— Eu sabia que havia algo de concreto em tudo isso! — Maidana exclamou, triunfalmente — Por trás de tanta loucura, e uma profusão de pistas falsas, tinha que existir um motivo específico que se procurava ocultar.

— De fato — confirmei — e o senhor sabe para quem Noyo Villca trabalhava? Nada menos do que para o Exército argentino. E mais: ele era um oficial do Exército, um Capitão G2.

— Mãe de Deus! — ele invocou — E por que esses dados não faziam parte do relatório policial de Belicena Villca?

— Porque uma poderosa organização sinárquica, que funciona em todos os níveis do Exército, tratou de ocultar a informação. Não se esqueça de que foi o Exército que a encerrou no manicômio. À essa organização, integrada ***não apenas por judeus***, pertencem os assassinos de Belicena Villca e de minha família. O que o senhor precisa saber, já que lhe permitirá descobrir o vínculo entre ambos os crimes, é que Noyo Villca se encontra foragido devido a que a Sinarquia tenta eliminá-lo, para evitar que ***coloque em***

prática seu saber ultra-confidencial. E que sua mãe, antes de morrer, forneceu-me as chaves para encontrá-lo.

— Agora se esclareceu tudo! — acreditou Maidana — Felicito-o, Dr. Siegnagel! O senhor é um homem íntegro, arriscou-se sozinho pela causa nacional e os assassinos internacionais o fizeram pagar caro! Fez bem em confiar em mim. A partir deste momento, podemos trabalhar juntos contra essa organização e ajudar Noyo Villca também.

— Não se precipite, Maidana, porque não é assim que eu vejo as coisas — contive-o — o favor que vamos lhe pedir não consiste no apoio do senhor e de seu grupo, mas é outra coisa. Nesse sentido, ***e por enquanto***, o senhor ficará fora de nossa ação. Essa é a base do trato, sem discussão: ***é pegar ou largar***. Minha proposta é a seguinte: Noyo Villca pertencia a um grupo nacionalista ultra-secreto do Exército. Eu conheço seu contato e estou disposto a revelá-lo; com isso seu grupo e o deles poderão se organizar para trabalharem juntos. Dessa forma, o senhor não ficará fora do caso, mas sim, e por enquanto, repito-lhe, deverá nos deixar atuar contra os assassinos.

— O que quer dizer com ***"por enquanto"***? — quis saber Maidana, que não era bobo.

— Quero dizer que a restrição que lhe imponho é provisória, motivada pela hipótese de que nós temos mais possibilidade de sucesso se atuarmos sozinhos. Mas, que confiamos no senhor o demonstra o contato que vou lhe dar. E, além disso, dar-lhe-ei ***minha palavra de Honra de que se nossa ação fracassar, e restar outra oportunidade, recorreremos, sem hesitar, ao senhor***.

— A princípio, aceito — Maidana concordou — quem é o contato?

— Antes, o senhor deve me assegurar que fará o favor que lhe solicitaremos — me preveni.

— Bom, pois então diga-me de uma vez do que se trata! — exigiu, irritado.

— Armas, Delegado Maidana. Necessitamos de ao menos duas armas, o mais rápido possível.

— Que tipo de armas? — ele perguntou, hesitando, e acrescentou — Não sei por que não deixa isso em mãos de profissionais, doutor. Está atuando fora de sua especialidade; é como se eu me dedicasse, agora, a realizar curas psiquiátricas.

— Já lhe disse, Maidana, quais eram os termos do acordo: ***é pegar ou largar***.

— Não tenho alternativa, Siegnagel! Claro que posso lhe emprestar armas. Temos todo tipo de armas! Diga-me, apenas, que maldito tipo de armas quer.

— Necessitamos de um tipo de arma que seja muito eficaz de perto, que destrua o corpo. Duas escopetas de repetição seriam o ideal — sugeri.

— Posso lhes entregar duas *Ithacas* hoje à tarde. O que mais?

— Pois... munições para as escopetas e... é possível conseguir também pistolas? — eu me dava conta de que carecia de treinamento militar que me permitisse solicitar as coisas com clareza. Tio Kurt, que era especialista no

assunto, permanecia calado, para não chamar a atenção a respeito de seus conhecimentos.

— Pistolas? Há centenas de pistolas à sua disposição. Mas, se me permite intervir com minha experiência nesse assunto, parece-me que o melhor será que me explique o que pensam fazer e deixem por minha conta escolher o equipamento.

Eu não poderia, é claro, explicar-lhe o plano. Mas sim mostrar-lhe alguns detalhes gerais.

— Trata-se de uma operação de choque contra os assassinos.

— Que tipo de operação?

— Uma emboscada — defini.

— Pois, então, não necessitam de qualquer pistola, mas sim metralhadoras. E também devem levar granadas de fragmentação. Veja, Siegnagel, vou lhe preparar dois equipamentos SWAT, adequados para uma operação desse tipo. Onde vão agir, podem levar uma mochila militar?

— Sim... creio que sim — respondi. Olhei de relance para tio Kurt e vi que confirmava — que importância tem?

— É que as mochilas que vou lhe emprestar têm todos os bolsos, argolas e ganchos necessários — explicou — levarão as submetralhadoras, que são muito pequenas, apesar de dispararem mil balas por minuto, em um coldre de axila, e recorrerão a elas só em caso de necessidade, pois portarão as *Ithacas* nas mãos. As *Ithacas* podem ser usadas com correia para o ombro ou com cartucheira de perna, mas, para o caso, sugiro-lhe a correia. Têm capacidade para 8 cartuchos, o que lhes confere um poder de fogo infernal. Uma carga só deve bastar para uma emboscada, mas, se tiverem que manter um tiroteio, encontrarão mais cartuchos na jaqueta. Da mesma forma, em outros bolsos estarão os carregadores de reposição para as submetralhadoras e no cinturão as dez granadas de fragmentação. Por via das dúvidas, se forem obrigados a demolirem algo, vou lhes prover também de duas barras de TNT, com um detonador eletrônico cada uma, que estarão, da mesma forma, presas na jaqueta. Completarei o equipamento com duas facas de caça, cujas bainhas estão costuradas na parte interior da jaqueta. Está de acordo, Dr. Siegnagel?

— Quando poderá me entregar semelhante equipamento? — perguntei, admirado.

— Nesta mesma tarde. Agora, dê-me o nome do contato.

— Capitão Diego Fernández. Em 1978, estava designado em Tucumã. Ele não me conhece e certamente não sabe do que houve com Belicena Villca há três meses. Não se negará a falar com o senhor, quando souber que estamos tentando proteger seu Camarada.

Capítulo X

Às 18 horas, realizou-se o penoso enterro. Os Siegnagel possuíam um amplo mausoléu em um cemitério local e ali foram depositados os cinco ataúdes. A cremação não seria bem vista pelos padres da cidade. Primeiro, a caravana fúnebre passou pela igreja, segundo o costume, e ali se oficiou uma missa "pelo eterno descanso de suas Almas" — fórmula Golen, ainda obrigatória. O velho padre, amigo dos meus pais, tentou consolar-me pela imensa perda sofrida e insinuou veladamente que meu afastamento da Igreja poderia estar conectado com a desgraça atual. Prometi regressar às missas dominicais, como quando era menino, me confessar e tomar a comunhão, até que o bom homem ficou satisfeito.

Uma grande multidão, entre curiosa e triste, reuniu-se na necrópole para o último adeus. Ali estiveram, pontualmente, Maidana e o Delegado de Cerrillos. Este último me entregou a previsível citação.

— Lamento aborrecê-lo neste momento, Arturo, mas tem que compreender que temos um dever a cumprir. Amanhã, você pode vir prestar declaração na Delegacia. Será às 11 horas. O Juiz estará lhe esperando, pois também deseja interrogá-lo.

Prometi estar lá pontualmente e o Delegado se retirou satisfeito. Depois da reprimenda, o padre também se afastou e após ele, as pessoas se dispersaram, não sem antes repetirem seus pêsames. Quando fechei o mausoléu, só restávamos tio Kurt, Maidana e eu.

Reencontramo-nos na fazenda. Com extrema cautela, Maidana tirou do carro quatro bolsas de lona para avião, que continham o equipamento SWAT. Fez-nos mil recomendações a respeito da prudência com a qual tínhamos que manusear aquele material, e alguns esclarecimentos de tipo prático. Ali estava tudo o que foi prometido e ainda mais: ele acrescentou botas, calças, camisas e boinas — enfim, toda a indumentária da operação, manchada com os tons aptos para a camuflagem de montanha.

— Cumpri minha parte do trato — afirmou — e lhes desejo sorte na operação. Para me dedicar a conseguir isto em tão curto tempo, não pude descansar, de forma que já vou, pois não me aguento em pé. Ah, investiguei a respeito do oficial Diego Fernández! Está em atividade. Agora é Major G2, e se encontra designado no Batalhão de Inteligência 702, em Buenos Aires. Amanhã ou depois de amanhã irei falar com ele pessoalmente.

"Bem, adeus, Camaradas! — despediu-se, solenemente — Ah, outra coisa, que já estava esquecendo! Quando voltar, Dr. Siegnagel, vai me esclarecer aqueles dois pontos obscuros do caso de Belicena Villca, aqueles fatos irracionais que travaram toda a investigação? Refiro-me a essa história do assassinato dentro da cela hermeticamente fechada, e a corda com joias usada no estrangulamento. Sei que existem crimes rituais e que os que os

praticam são justamente membros de organizações sinárquicas. Mas, que importância teria dar uma forma ritual à morte de uma pobre alienada, ou ao múltiplo assassinato de sua família? É o que não consigo entender."

Olhei-o, desanimado. Como lhe explicar que os rituais seriam efetivos se quem os realizasse fossem Magos da qualidade de Bera e Birsa? Ele deve ter lido a decepção em meu semblante, porque levantou os braços, em um gesto de ***stop*** e retrocedeu sorridente até o seu carro.

— Agora não, agora não, doutor. O senhor está tão cansado como eu e não convém continuarmos com as hipóteses, mas sim irmos dormir o quanto antes. ***Quando voltar***, disse-lhe. Verá que então encontrará uma forma de me explicar isso!

Ele se foi imediatamente, e nunca mais voltei a vê-lo.

Naquela noite, um silêncio sepulcral desceu sobre a fazenda. Tio Kurt se entreteve uma hora examinando as armas, enquanto eu utilizava esse tempo para enterrar Canuto. Meu fiel cão tinha recebido um tipo de raio no meio do corpo, talvez um disparo do *Dordje*, e tinha se tranformado em um farrapo — nunca mais me esperaria no portão para me oferecer seu carinho, durante esses duzentos metros até a casa, que eram só dele. E nunca mais eu tornaria a ver meus pais, e minha irmã com seus meninos, no fim do caminho. Malditos Demônios Bera e Birsa! Malditos Sacerdotes do Uno Jeová-Satanás! Malditos Sacrificadores Sagrados! Breve, muito em breve, veríamos suas caras novamente e seriam justiçados. Não "Bera e Birsa" pois, como repetia tio Kurt, "os Imortais não podem morrer", mas sim os "assassinos orientais" de minha família, a manifestação humana de Bera e Birsa. Eles conheceriam minha fúria, a de tio Kurt e a de todos os integrantes da Casa de Tharsis que Eles assassinaram, torturaram e perseguiram, e que agora pareciam vir em minha ajuda e me encorajarem. Porque, se eu tive força de vontade para me impor ao tio Kurt e forçá-lo a aceitar o meu plano, era certamente por isso — porque tinha a certeza de que eliminar os assassinos orientais era uma questão de Honra, acima de tudo. E eu sentia de forma evidente que, nesse anelo, a Casa de Tharsis me acompanhava espiritualmente. Eu via claramente Belicena Villca, e escutava que ela me falava, que se referia às últimas palavras de sua carta e me dizia: "Sim, Dr. Siegnagel, é uma questão de Honra acabar com Bera e Birsa! Eles cometeram um erro e o senhor deve aproveitar isso. A Casa de Tharsis o acompanha em sua decisão! Agora o senhor demonstrará que é um *Kshatriya*! E depois, muito em breve, voltaremos a nos ver durante a Batalha Final, ou no Valhala!".

O Espírito de Belicena Villca me guiava, eu tinha certeza disso. Talvez tenha sido Ela que trouxe, tão oportunamente, o Delegado Maidana a Cerrillos. Acabei de sepultar Canuto aos pés do meu ipê favorito e voltei para a casa. Tio Kurt havia ido para o quarto superior levando consigo todos os equipamentos. Eu bebi o enésimo café do dia e fui apagando todas as luzes, até chegar ao meu quarto, quer dizer, ao quarto que pertencera a Katalina, e me submergi rapidamente na reparadora indiferença do sono.

Capítulo XI

Em 6 de janeiro de 1980 Belicena Villca foi assassinada.

Em 21 de janeiro de 1980, passei pelo sequestro espiritual efetuado pela Virgem de Agartha.

Em 28 de janeiro de 1980 soube que tinha um tio Kurt von Sübermann e parti para Santa María.

Em 21 de março de 1980 tio Kurt concluiu o relato de sua vida e naquela noite fui detectado pelo Demônio Bera.

Em 22 de março de 1980, às 00:15, os Demônios tentaram exterminar a Estirpe dos von Sübermann. O resultado disso é que morreram todos os membros da família, menos tio Kurt e eu.

Em 22 de março, às 08:00, chegamos a Cerrillos e comprovamos um quíntuplo assassinato, segundo a versão policial.

Em 23 de março, às 00:30, o Delegado Maidana chegou para me trazer seus pêsames e proteção armada.

Em 23 de março, às 05:45, o Delegado Maidana nos informou a respeito da existência dos "assassinos orientais" e seu estranho veículo.

Em 23 de março, às 07:05, o Delegado de Cerrillos nos mostrou os retratos falados dos assassinos orientais. A essa hora eu já havia concebido meu plano nos mínimos detalhes.

Em 23 de março, às 08:45, convenci tio Kurt a consultar o Capitão Kiev sobre o meu plano.

Em 23 de março, às 10:30, fechamos o acordo com o Delegado Maidana, que nos emprestou o material em troca de continuar no caso.

Em 23 de março, às 20:00, o Delegado Maidana saiu de Cerrillos, depois de nos entregar os equipamentos necessários para a operação. Eu não tornaria a vê-lo.

Em 23 de março, às 23:00, deitei para dormir, pela primeira vez, desde a nefasta noite de 21 de março.

Em 24 de março, às 11:00, apresentei-me na Delegacia de Cerrillos e prestei meu depoimento. Não era muito o que eu sabia sobre os assassinatos, e disso eles nunca duvidaram, pois tinham verificado meu álibi. Para isso, enviaram dois policiais que realizaram o caminho inverso até Santa María, e recolheram testemunhos sobre nossa viagem das 00:30 às 08:00, indagaram a telefonista, que conhecia minha voz por que eu ligava frequentemente para Cerrillos, e interrogaram José Tolaba e sua esposa, os caseiros de tio Kurt. Não, sobre minha ausência na cena do crime eles não duvidavam, nem tampouco suspeitavam de tio Kurt. ***O que eles presumiam, tanto a polícia quanto o Juiz, era que eu conhecia o motivo do crime, que tinham descartado ser um delito comum***. Poderia se tratar de um erro? Haveria um objetivo político desconhecido? Em quê eu

estava envolvido? Quais eram minhas ideias e atividades? Por que eu me havia afastado da Igreja? Meus pais tinham recebido ameaças anteriormente? Houve extorsão?

Assim, crivando-me com perguntas semelhantes, me seguraram até as 5 da tarde e prometeram que tornariam a me convocar.

Em 24 de março, às 10:00, enquanto eu me preparava para ir à Delegacia, tio Kurt começou a trabalhar com Yin e Yang. Quando regressei, à tarde, os cães *daivas* já tinham conseguido isolar o rastro do carro preto. Tio Kurt designou o veículo com uma palavra chave e, afirmando-a mentalmente, me demonstrou, de maneira eficaz, que os cães *daivas* se dirigiam diretamente ao local onde o carro estivera estacionado.

Em 25 de março tio Kurt dedicou-se integralmente a construir a ordem com o *Kilkor svadi*. Toda a operação dependia da precisão dessa ordem e era compreensível sua meticulosidade. Só empregou algumas horas para coordenar comigo os movimentos que faríamos diante de nossos inimigos. Por exemplo, concordamos que ele dispararia primeiro, e sempre para a esquerda, enquanto eu deveria cobrir a direita.

Em 25 de março me dediquei integralmente a deixar em ordem o funcionamento da fazenda.

Alguns vizinhos, mediante a participação no produto da colheita, aceitaram de boa vontade se ocuparem dos vinhedos e da futura vindima. Não seria uma tarefa difícil, pois papai tinha os mecanismos de produção devidamente lubrificados e todo o trabalho se reduzia a administrar o campo e supervisionar os empregados. Assinamos um contrato improvisado, no qual incluí uma cláusula completamente fora do comum: se comprometeriam a fazer com que se limpasse o lagar ***e se derramassem os 20.000 litros de alcatrão em um dos poços de água da fazenda, cuja fonte secara há anos e cuja boca ainda estava aberta como uma cisterna***. Fiz isso porque não poderia correr riscos de que o breu fosse ser vendido ou aproveitado energeticamente. ***Não esquecia nem por um instante de que aquele lago de asfalto constituía uma síntese orgânica de nosso sangue, que representava o sangue da Estirpe von Sübermann***.

Em 25 de março, às 18:00, finalmente, adquiri o único ítem que tio Kurt solicitou, para completar o equipamento tático: um recipiente de Teflon, com tampa hermética, no qual colocamos cinco litros de ácido sulfúrico.

Em 26 de março de 1980, estávamos preparados para iniciar a operação.

Capítulo XII

Poderíamos ter agido nessa mesma manhã, mas tio Kurt preferiu aguardar o anoitecer e empregar o dia em repassar até o último detalhe da "Operação Bumerangue". Nós a tínhamos batizado dessa forma, em parte

por brincadeira e em parte seriamente, considerando que, analogamente àquela arma australiana, os ataques de Bera e Birsa retornariam contra quem os havia lançado.

Às 19:00 carregamos o equipamento e nos aprontamos para partir. Às 19:30 saímos da casa, pois o crespúsculo impediria que alguém se espantasse ao nos ver vestindo indumentária militar. Deitados junto aos ipês, os *dogos* eram a imagem da tranquilidade canina. Nós também estávamos calmos. E já não pensávamos em nada. Conhecíamos todos os detalhes do que devíamos fazer e nossa única preocupação era agir o quanto antes.

Tio Kurt pegou as rédeas dos cães *daivas* e colocou-os em alerta. Ambos se levantaram bruscamente e, movendo-se com prodigiosa sincronicidade, tensionaram seus músculos e moveram as cabeças para cima, parecendo farejar no ar um rastro inconcebível. Eu permaneci atrás do tio Kurt. Levava às costas, preso com cordas, o recipiente com ácido e, pendurada ao ombro, pronta para disparar, a implacável *Ithaca*. Por fim, tínhamos decidido nos vestir com o uniforme militar por ser inestimavelmente mais prático para a ação, mesmo que depois representasse um problema se fôssemos vistos por outras pessoas. Mas, o que importava esse risco, diante da possibilidade de suprimir os assassinos orientais? Se o final do confronto com as armas nos fôsse adverso, não haveria retorno; e se triunfássemos, logo encontraríamos uma forma de obter outras roupas. Ou, por acaso, os assassinos também não estavam disfarçados, sem lhes importar nem um pouco a opinião das testemunhas?

Eu tinha, pois, as duas mãos livres, com o objetivo de cumprir as instruções de tio Kurt: ***"você deve me segurar pela cintura tão logo eu comece a subir." "E quando estivermos no espaço, lembre-se que terá que concentrar sua atenção todo o tempo em mim — não poderá se distrair nem um segundo, pois corre o risco de se separar de mim e se perder em algum dos inumeráveis Mundos de Ilusão que atravessaremos". "Uma vez tendo saído do contexto habitual de nossa vida, o único modo de que ambos continuemos juntos, no mesmo Tempo e Espaço, é manter entre nós um vínculo volitivo — e isso é o que você fará ao me manter sob contato visual e tátil".***

Como pareceu que já partiríamos, me dispus a segurá-lo pela cintura nem bem ele se movesse, mas se virou novamente para mim, para fazer-me recomendações.

— Está levando a submetralhadora à mão? Tão logo coloque os pés no Rancho, deve se soltar e pegar a arma!

— Sim, tio, sim.

— *Neffe* Arturo? — ele me chamou em outro tom, estranhamente afetivo.

— Sim, tio Kurt.

— Talvez esta seja a última vez que nos vejamos. Não quero ser pessimista, mas, por via das dúvidas, vamos nos despedir aqui.

— Nãoooo, não! — exclamei, horrorizado, tentando espantar os pensamentos sinistros. Depois do ocorrido com minha família, não podia pensar, sem começar a tremer, na possibilidade de perder tio Kurt também! — Nada de mau nos acontecerá, querido tio Kurt: o triunfo é certo! Seremos como o bumerangue que volta para as mãos de quem o jogou, devolve o golpe e se detém!

Mas de nada valeram meus argumentos. Tio Kurt já tinha se virado totalmente e me abraçava efusivamente.

— Adeus, *Neffe* — disse-me, com nostalgia — a vida não nos deu oportunidade de nos conhecermos melhor. Não obstante, foi muito bom tê-lo em Santa María nesses meses. Você me devolveu a fé na Sabedoria Hiperbórea ao trazer as respostas que esperei durante 35 anos. Agora, arriscarei minhas últimas forças na mais ***demente*** de todas as missões das quais jamais me encarregaram. E isso também é necessário para a Estratégia do Führer. Como sempre, não compreendo por quê, mas sei que é assim. Adeus, *Neffe* Arturo. Vamos nos ver no final: ***no final da Operação Bumerangue ou quando se travar a Batalha Final***.

Deu-me um nó na garganta. Não tive coragem para lhe dizer adeus. Só o abracei com força.

Contudo, tio Kurt continuava sendo o mesmo cabeça-dura de sempre.

— Vamos partir, então — propôs — lembre-se apenas de que, aconteça o que acontecer, eu não me afastarei do único princípio que compreendo.

— Sim, já sei, tio Kurt! Por Wothan, não me repita mais! ***"Os Imortais não podem morrer"***!

Eram 19:45 do dia 26 de março de 1980, e já tinha escurecido bastante em Cerrillos. Tio Kurt deu a primeira ordem a Yin e Yang e instantaneamente começou a se produzir o fenômeno: lentamente, levitaram para cima os cães *daivas* e tio Kurt, que parecia dispor de um eficaz ponto de apoio sob seus pés. Eu não alcançava esse ponto de apoio e, por isso, me apressei a segurá-lo pela cintura, ficando literalmente pendurado no espaço, sem base alguma, e comprovando que tio Kurt se retesava, por conta do meu peso morto.

A subida se prolongou por alguns segundos, até que perdi a noção da altura. Nesse ínterim, consegui perceber, com o canto dos olhos, a copa dos ipês, os tetos da fazenda e, de um modo geral, a cidade de Cerrillos, iluminada artificialmente pelas lâmpadas das ruas. Não nos movíamos uniformemente, mas a subida se acelerava, à medida em que ganhávamos altura. Em um momento dado, tio Kurt, além de *Kula* e *Akula*, plasmou as complexas ordens mentais e os cães *daivas*, sem se deterem em seu movimento, realizaram o voo *svipa-lung*. A ordem procedente do Espírito Eterno teve o efeito de uma chicotada, e não apenas os cães *daivas*, como eu também, a sentimos — e comprovei ***o poder***, o terrível poder que é capaz de demonstrar um Iniciado Hiperbóreo, um Homem-Deus.

Se tivesse que me referir ao tempo, diria que o voo através do Tempo e do Espaço não durou mais de um segundo. No entanto, aquele fundir-se na

negrura mais impenetrável não transmitiu sensação de temporalidade mas sim de eternidade, de estar fora da vida e da morte, e de tudo o que acontece.

Depois desse instante sem tempo, no qual, sem nenhuma dúvida, experimentei a sensação de um salto, começou uma descida desacelerada, durante a qual distingui novamente os objetos habituais: céu, montanhas, casas, árvores, luzes. A viagem se compunha, pois, de três fases: uma, de subida acelerada, com percepção permanente do céu e das estrelas; a segunda, do salto *svadi-lung* propriamente dito, na qual careci de qualquer visão contextual, salvo tio Kurt: e a terceira, de descida desacelerada, na qual, tranquilizadoramente, reencontrei, acima de mim, o útero cósmico do céu estrelado.

Eram 22 ou 23 horas do dia 22 de março de 1980, quando meus pés tocaram o solo do Rancho de Belicena Villca, em Tafí del Valle. Pisei em terra firme e, não obstante, meus joelhos dobraram um pouco, até que tio Kurt, cujos pés estiveram, em todo o tempo, um metro acima dos meus, aterrissou. Repito que eu viajei "pendurado" em sua cintura.

Mas, nem bem recobrei a estabilidade, soltei-me do tio Kurt e empunhei a *Ithaca*. Ainda sem me orientar totalmente, obedeci a um gesto dele, que me indicava para me agachar. Rapidamente, tudo foi fazendo sentido para mim: estávamos resguardados atrás de um enorme automóvel preto. O automóvel dos assassinos orientais!

Tio Kurt sinalizou-me, com um dedo na boca, para que fizesse silêncio, e depois apontou para a frente, além do carro. Espiei sobre o capote e avistei uma casa a não mais de trinta passos, derramando profusa luz para a negrura exterior, através de uma fila de três janelas laterais. Aparentemente, o carro estava estacionado paralelamente ao vértice do ângulo da casa, o que nos permitia vigiar, além das janelas de um lado, a porta de entrada situada no outro lado. A porta, fechada, estava enquadrada sobre um plano de quarenta e cinco graus à esquerda; e ali teríamos que chegar.

Indubitavelmente, contávamos com o fator surpresa. Os cães tinham se encolhido contra o solo, como serpentes, comandados mentalmente pelo tio Kurt, e ali ficariam. Iríamos avançar para a porta, para começar o ataque, quando um grito humano, um estridente grito de dor, nos cravou no lugar: lá dentro, estavam torturando alguém! Então, corremos para a porta o mais silenciosamente possível.

E à medida em que nos aproximávamos, um odor penetrante e doce foi o que primeiro nos chamou a atenção. Era uma fragrância parecida com aroma de sândalo ou incenso e estava tão fora de lugar ali, que nos olhamos perplexos. Ambos reconhecemos, no ato, aquele perfume, por tê-lo percebido anteriormente, em diferentes e dramáticas circunstâncias — tio Kurt, no vale tibetano de *O Breu*; e eu, na cela de Belicena Villca, na noite de sua morte. Mas isso durou só um instante, pois o que veio depois concentrou toda a nossa atenção.

Capítulo XIII

Mas era óbvio que aqueles não eram seres humanos normais. Na metade do caminho, quando ainda não nos tínhamos separado do plano da porta e não éramos completamente visíveis a partir dela, esta se abriu de repente para deixar passar dois homens de enorme constituição física. Um deles pulou para fora e o outro permaneceu no umbral. Contrastados pela luz interior, tínhamos diante de nós os dois cavalheiros orientais, impecavelmente vestidos com seus ternos ingleses finamente confeccionados.

O primeiro que saiu foi Bera, empunhando um cabo com dois globos, o *Dordje* fatal. Instantaneamente, virou a arma para tio Kurt, ao mesmo tempo que seu rosto se decompunha de terror. Compreendi que o Demônio humano não via tio Kurt, mas o Signo da Origem, a Verdade Absoluta do Espírito, que dissolvia a Mentira Essencial de sua própria existência ilusória.

Apesar de tudo, ele iria disparar o raio mortal — mas tio Kurt foi mais rápido. Correndo, quase sem apontar, apertou uma vez o gatilho; e foi suficiente. O balaço atingiu Bera no meio do peito, levantou-o a um metro de altura, e o jogou a vários metros de distância. Simultaneamente, eu, que não era exatamente um militar profissional, parei, apontei e disparei duas vezes, atingindo o estômago e o peito do Demônio Birsa. As dezoito munições, sabiamente repartidas por aquela arma magnífica, esmagaram Birsa contra o quadro da porta, sem lhe dar tempo para nada.

— Rápido! — gritou tio Kurt, ao ver que eu ficara imóvel, resistindo a acreditar que tudo houvesse terminado — Rápido, prepare o ácido, Arturo! Apresse-se, ***antes que Avalokiteshvara se manifeste!***

— ***Avalokitesh...?*** — perguntei, surpreso — Deuses! *Avalokiteshvara*, a Misericordiosa! ***Essa era a falha do meu plano, a respeito da qual nos avisara veladamente o Capitão Kiev! Eu tinha me esquecido de Avalokiteshvara. Agora via claramente, e esse esquecimento poderia fazer meu plano fracassar, e inclusive nos custar a vida! A Grande Mãe jamais permitiria que dois de seus melhores filhos fossem destruídos! Não, se Ela pudesse impedir isso; essa era justamente uma de suas funções cósmicas: proteger seus filhos animais-homens, acalmar o medo em suas Almas! E se Ela conseguisse tirar o medo de Bera e Birsa, ou pelo menos atenuá-lo, todo o meu plano se derrubaria como um castelo de cartas! Inclusive, poderíamos sofrer um contra-ataque dos Demônios, já recuperados, que, então — aí sim — saberiam em qual Mundo nos encontrar!***

Avaliar essas possibilidades me paralisava. Com dificuldade, desatei as cordas e tirei o recipiente com o ácido das minhas costas. Tio Kurt,

demonstrando extraordinária habilidade, já tinha extraído o coração de Bera, deixando em seu lugar um horrível buraco, do qual emanava sangue em abundância, que formava uma poça ao redor do seu cadáver. Tio Kurt colocou o coração esfumaçante dentro do chapéu-cogumelo, que flutuava sobre o sangue, como uma grotesca réplica da barca de Caronte, e rapidamente ajoelhou-se sobre o corpo inerte de Birsa. Com certeiros golpes da faca de caça, afiada como navalha, foi cortando o paletó de fina casimira inglesa e a não menos valiosa camisa de seda chinesa. Ao chegar à carne, realizou uma profunda incisão central, que depois aumentou até expor o extremo das costelas e a cavidade torácica. Ali, cortou as artérias do coração, que, naqueles Demônios, estava localizado no lado direito do corpo.

— ***"Tio Kurt sabia disso!"*** — descobri, consternado — E pensar que me atrevi a colocar em prova sua Honra. Ele não só sabia que poderíamos fracassar; também sabia por que poderíamos fracassar. E não obstante saber disso, calou, para cumprir as ordens do Senhor de Vênus. Lembrei-me da advertência do Capitão Kiev: ***"ao finalizarem a operação, verão o que não consideraram a princípio, mas se o tivessem visto a princípio, isso os impediria de finalizarem a operação"***. Avalokiteshvara — Ela era o que eu não tinha considerado a princípio, uma vez que se eu tivesse suposto que Sua Piedade auxiliaria os Demônios a superarem o pânico, não teria empreendido a Operação Bumerangue! E tio Kurt tinha compreendido isso então. Ele, que se queixava de não compreender nada, tinha se calado, porque sabia o quanto eu queria atacar os Demônios. Por isso me fez comprar o ácido sulfúrico, sem me dar maiores explicações. Ele também tinha uma teoria: conhecia um modo alquímico de neutralizar a proteção da Grande Mãe *Binah*, sabia como manter o pânico dos Demônios. Logo eu saberia qual era a resposta.

Sobre o ácido sulfúrico, tio Kurt só me disse que ***"fixa a matéria orgânica em Saturno"***: "ao introduzir o coração, assento da Alma, no ácido sulfúrico, estamos constelando a Alma em Saturno, situando-a no princípio do Universo e contribuindo para a sua regressão involutiva". De acordo com o plano, eu teria que colocar os corações no recipiente de ácido. Mas, agora, eu presumia que aquela recomendação visava a outro objetivo, além do declarado por tio Kurt.

Coloquei o recipiente no umbral da porta e o destampei. Peguei o chapéu-cogumelo, que acabara de receber o segundo coração, e o coloquei ao seu lado — com certa repugnância, me dispus a pegar os órgãos diabólicos. Foi então que me detive, fascinado, e depois fiquei paralisado de terror. Está escrito: ***"os corações pertencem a Avalokiteshvara"***. O coração do animal-homem, do Homem de Barro, recebe a proteção da Grande Mãe *Binah*, por meio da ***Intellegentia*** de ***YHVH***; já a ***consciência*** nebulosa do animal-homem recebe mais luz por meio da ***Sapientia*** do Grande Pai *Hokhmah*.

Capítulo XIV

Como disse, eu ia pegar os corações humanos de Bera e Birsa, quando me detive, fascinado. A causa disso foram as ***Scintillae luminis***, ou faíscas de luz, que começaram a brotar deles. Milhares de faíscas, que saltavam em todas as direções, ora girando em círculo, ora em espiral, ou traçando curvas brilhantes de formas caprichosas, me impediam de distinguir o fundo do chapéu, e mesmo o próprio chapéu. Fascinado pelo espetáculo, encantado, talvez enfeitiçado, lembrei-me, sem querer, da definição do Alquimista Khunrath: são, disse, ***"Scintillae Animae Mundi igneae, luminis nimirum Naturae"***. Tais ***Scintillae*** acompanhavam sempre as fases da Alquimia. Nesse momento, estavam presentes todos os elementos da *Opus*: no Gabinete da Natureza, encontrava-se a ***prima materia*** dos corações; a ***aqua permanens Sulphuris Philosophorum***; e se encontrava presente Mercúrio, o grande ***Artifex*** transmutador, quer dizer, tio Kurt, o ***Shivatulku***, representante de Wothan — que é Hermes, e que é Mercúrio.

Girando em hipnótico torvelinho, as ***Scintillae luminis*** foram cobrindo meu campo de visão. Faíscas douradas brotavam agora de todos os lados e sulcavam o espaço até se apagarem — um espaço estranhamente carente de vento e de sons, como se a Natureza inteira estivesse entretida em manifestar seu ***lumen naturae***. Desviei a vista do chapéu-cogumelo e do recipiente com ácido, invisíveis sob a vertente luminosa e, meio anestesiado, olhei ao redor: do Mundo inteiro pareciam surgir ***Scintillae***. Da casa, do chão, das árvores que antes não vi, mas que estavam a dez passos; de todas as coisas emergia uma aura dourada e cintilante, composta por miríades de ***Scintillae luminis***. Ou aquela visão significava a súbita atividade de um novo sentido, que fazia possível se perceber a *Anima Mundi*, uma ***luminositas sensus naturae***?

Mas uma *luminositas* maior atraiu minha atenção. Sobre os cadáveres dos assassinos orientais, de fato, começavam a subir duas nuvens de vapor ectoplasmático, também brilhantes, devido à emissão e absorção de milhares de ***Scintillae***. A um metro de altura, aquelas nuvens se mantinham girando em espiral, nutrindo-se constantemente do vapor leitoso que emanava das poças de sangue. Como em um quadro da Escola impressionista, como em uma obra de Henrique Matisse, eu via a realidade decomposta em milhões de pontos coloridos, faíscas de luz que giravam com a forma do ***elementum primordiale*** e da ***massa confusa***, do ***chaos naturae***. Com a visão saturada pelo enxame de ***Scintillae***, senti que, interiormente, e irracionalmente, uma voz me falava. Dizia: ***"Yod, Yod, cada Scintillae é yod, um olho de Avalokiteshvara". "Entre todas as Scintillae há duas que são O Uno: são as Scintillae unidas, as Mônadas de Bera e Birsa — que não podem morrer"***.

Já castigado pelo ocorrido em Santa María, foi só escutar essas vozes procedentes da Alma, de minha própria Alma influenciada emocionalmente pela Grande Mãe, e me remeti à Virgem de Agartha. Sim, fechei como pude meus ouvidos, já que não podia prescindir da grandiosa ***luminositas***, e me entreguei ao sequestro da Virgem do Menino de Pedra, cujo auxílio espiritual permitiu que eu me mantivesse firme naquele terrível momento. De acordo com o que ocorreu em seguida, teria, sem dúvida, perdido a razão, se Ela não apoiasse meu Espírito desde a Origem. Porque, nesse momento, quando a quantidade e a multiplicidade das ***Scintillae*** chegaram à sua máxima exaltação, ***todas se abriram ao mesmo tempo e mostraram um olho inexpressivo, um olho que era o mesmo olho, repetido de forma demencial, em todos os pontos do espaço***. Toda a Natureza, todas as coisas diferenciadas, tudo o que eu conseguia ver e perceber, fervia agora de olhos inexpressivos, de olhos de peixe, que, indubitavelmente, olhavam para nós. ***Aqueles milhões de olhos de peixe, de oculi piscium, eram os Olhos da Misericordiosa que se abriam para contemplar as Almas de seus Filhos Amados: as Almas de Bera e Birsa, que estavam desencarnando em meio a um grande terror***.

Imagine a cena: na forma geral dos entes, nada mudou. Todos são distinguíveis e reconhecíveis, todos são nomeáveis como sempre: a árvore, o chão, a casa, o céu, a nuvem, os corpos. Todos os objetos continuam sendo os mesmos. ***Mas, agora, além disso, transbordam de uma vida borbulhante de olhos Divinos, de olhos que olham com Amor natural***. Pense na árvore, inteiramente composta de olhos, e na casa, ou no céu, também compostos de olhos; e pensem que ***os milhares de olhares da árvore para a casa e os de ambos para o céu, são os laços que ligam e religam os entes e constituem a superestrutura da realidade***: uma estrutura de objetos ligados entre si pela Vontade do Criador e pelo Amor natural da Grande Mãe.

Se conseguiu imaginar isso, tem que pensar agora que eu me encontrava nessa cena, horrorizado com os onipresentes olhos de *Avalokiteshvara*, "a que tudo vê", e alterado até a raiz de meus sentimentos, agitado em minha natureza emocional pelo intenso Amor da Grande Mãe, por sua Piedade ilimitada. Assim, pois, primeiro foi a fascinação pelas ***Scintillae*** e depois o horror da ebulição ***panóptica*** — e o horror maior foi comprovar que meu próprio corpo era constituído por milhões de olhos compassivos. E esse fenômeno, terrível, demente, explica por que minha mão se deteve antes de pegar os corações de dentro do chapéu-cogumelo.

— *Neffe*! Arturo! — a voz de tio Kurt fez-se ouvir a vários metros de distância — Eu sabia que isso aconteceria e sei o que você está vendo. Não tema, porque tudo é ilusão. Ainda podemos cumprir nosso objetivo. Você pode me ouvir?

— Sim, tio Kurt — respondi, aturdido — eu o escuto como se sua voz viesse de muito longe, e estou muito sugestionado por essa profusão de

olhos que a Natureza está manifestando, por esse monstro em que se tornou o Mundo.

— Escute-me bem, Arturo. Você fará exatamente o que eu lhe solicitar e responderá às minhas perguntas. ***Vai me comunicar o que for vendo, pois aqui não há outros olhos além dos seus. Todos os olhos de Avalokiteshvara são ilusórios, são projeções de sua própria fraqueza emocional***.

Fiz um esforço e me virei para a direção de onde provinha a voz de tio Kurt. Vi milhões de olhos brilhantes, vi que toda a Realidade continuava integrada por olhos de peixe, mas, onde estava tio Kurt, onde deviam estar seus olhos, só vi duas órbitas vazias, duas crateras de negrura impenetrável, duas janelas abertas para Outro Mundo. Soltei um grito de horror e olhei de novo para a frente.

— Está comigo, Arturo? — tio Kurt perguntou, de forma insólita.

— Sim, tio Kurt — respondi mais uma vez.

— Você vai realizar a Obra. Eu só colocarei, no Princípio, o Signo da Origem sobre a Pedra de Fogo!

Lembrei das palavras de Birsa na Carta de Belicena Villca: "os homens mortais, Homens de Barro, que evoluíram a partir do barro, desde a Pedra de Fogo do Princípio que refletia uma mônada semelhante ao Uno, chegariam a ser, no Final, indivíduos idênticos à Pedra de Fogo, como Metatron, o Homem Celeste, o Arquétipo realizado, o Cordeiro Filho de *Binah*. Seriam assim quando o Templo estivesse pronto, e cada um ocupasse seu lugar na construção, de acordo com o símbolo do Messias; seriam assim nos dias em que o Reino de ***YHVH*** se concretizasse na Terra e o Rei Messias reinasse — ***e a Shekhinah se manifestasse***"... Tantos olhos! Sim, aquela manifestação de *Avalokiteshvara*, da Grande Mãe *Binah*, era também a *Shekhinah*, como a qualificara Zacarias: ***"estas raízes ópticas da Árvore de YHVH representam Israel Shekhinah"***. No Princípio do Tempo, o homem criado era como estrutura de barro; no Final, seria como Pedra de Fogo. O Signo da Origem ***moldou irreversivelmente*** essas pedras, transformando-as em Pedra Fria, em Pedra Incriada, marcando-as com o Abominável Sinal, e os Demônios se escandalizavam: "Eles ***gravaram o Signo Abominável*** na Pedra de Fogo sobre a qual cada Alma dos Homens de Barro se estabelecia. E o Signo Abominável ***esfriou*** a Pedra de Fogo, ***Aben Esch, e a tirou do Final. Então, ó Sacerdotes, a Pedra que deve ser lavada com lixívia no Final é a Pedra Fria, que não teria que estar onde está, porque não foi colocada no Princípio pelo Criador Uno"***. "Pedra Maldita, Pedra de Escândalo, Semente de Pedra — Eles a plantaram depois do Princípio na Alma do homem de barro e agora se encontra no Princípio".

— ***Transmutemini de lapidibus mortuis in vivos lapides philosophicos!***[80] — escutei tio Kurt repetir as palavras do Magister Dorn — olhe na ***matriz***!

— Vejo uma água dourada, uma *aqua aurea*, agitada por incontáveis faíscas de luz: é o ***Anima Panoptes***!

— Ponha os corações na ***matriz***!

Sem refletir, procurei o chapéu tateando, tirei os órgãos viscosos, e os introduzi pela abertura do recipiente. Nem bem se fundiram no ácido sulfúrico, uma emanação de vapor tóxico me obrigou a afastar minha cabeça. Pela abertura do ***uterus philosophorum*** surgiu, por um momento, o vapor ***rubeus***, dando a impressão de que o líquido tinha entrado em combustão. No entanto, tudo se acalmou, e uma nova luminosidade começou a brilhar a partir do interior do recipiente, mas desta vez, negra. Nesse momento, só pude percebê-la por que tio Kurt queria que eu não tirasse os olhos do ácido e de seu macabro conteúdo, mas foi evidente que diminuiu substancialmente a manifestação ***morfo-óptica*** geral.

— O que você vê agora? — tio Kurt perguntou, de onde estava.

— O firmamento estrelado!

De fato, o ácido tinha mudado de cor e agora o recipiente continha um líquido negro, o ***nigredo***, que apresentava uma superfície brilhante e iluminada por uma infinidade de ***Scintillae*** fixas, faíscas de luz que eram as estrelas de um microcosmo particular.

— O que você vê agora? — repetiu.

— O Zodíaco! Centenas, milhares de constelações, todos os Arquétipos do Universo estão nesse céu!

— O que você vê agora? — insistiu.

— Duas estrelas se destacam! Duas estrelas, mais brilhantes do que todas as outras, avançam e se situam em um lugar central, sob os pés da Virgem da Espiga, perto do Corvo!

— O que você vê agora? – inquiriu.

— As constelações parecem mais vivas do que nunca, os Arquétipos vibram no céu, animais de todos os tipos se ***preparam para descer***. Eu os vejo e escuto seus sons!

Na verdade, o som dos animais celestiais tinha se tornado tão real, que só ao tirar os olhos por um instante da visão da *matriz*, compreendi que, certamente, alguns deles estavam presentes no meu entorno. Distingui, sobressaltado, três rugidos e, por isso, olhei de maneira fugaz ao meu redor: eram ***o grunhido do porco, o latido do cão, e o rugido do urso***. Com um horror crescente, comprovei, então, que as nuvens ectoplasmáticas que flutuavam sobre os cadáveres de Bera e Birsa tinham adquirido a inconfundível forma do ***javali***. Sobre os corpos dos assassinos orientais se materializaram dois enormes javalis brancos, que grunhiam ameaçadoramente e mostravam em seus corpos os mil olhos de

[80] *Transmutemo-nos de pedras mortas em Pedras Filosofais vivas.*

Avalokiteshvara, os mil olhos da *Anima Mundi*, os mil olhos do Uno, os mil olhos de *Purusha*. Os cães *daivas* tinham se aproximado, sem dúvida, chamados por tio Kurt, e pareciam ver os javalis sem problema, porque latiam para eles com um ímpeto incontido.

Mas a impressão mais forte que tive foi ao observar tio Kurt. Como explicar o que vi? Só, talvez, dizendo ***que sua forma mudava***. Que, em alguns momentos, era o tio Kurt e ***em outros, um enorme urso iracundo, um "ursus terrificus"***. Porém, essa explicação não seria totalmente correta porque, certamente, tio Kurt tinha se transformado em um ***Homem-urso***; era o ***furor*** de tio Kurt, ***o Furor do Guerreiro Urso***, o ***Berserkr gangr***, a força que o transformava. Procurei tio Kurt com o olhar e encontrei um ***Berserkr***, um Guerreiro da Ordem *Einherjar* de Wothan, um Iniciado Hiperbóreo nas Vrunas de Navutan. Meu olhar retornou horrorizado para seus olhos, acompanhado por um violentíssimo rugido e o movimento ritmado, quase ritualístico, de suas garras poderosas. Mas quando falou era novamente tio Kurt.

— O que você vê agora? — exigiu.

— As duas estrelas mais brilhantes se transformaram em dois Javalis gêmeos!

— O que você vê agora?

— Os Javalis fogem apavorados e buscam a proteção de sua Mãe, o Dragão do Universo!

— O que você vê agora?

— Vejo os Javalis se esconderem no colo do Dragão! E vejo o Dragão: tem mil cabeças e mil olhos; e em cada cabeça uma Estrela de Davi; e em cada cabeça aparece o Rosto de *Binah*; e suas mil bocas cantam a Canção do Cordeiro. O Dragão embala em seus braços o Cordeiro, e os Javalis, à direita e à esquerda, grunhem sem cessar. E fazendo coro com o Dragão e com os Javalis, três quartas partes das estrelas do céu cantam assim:

Avalokiteshvara!
Grande Mãe *Binah*!
Está chegando, está chegando
o Holocausto Final!

— O que você vê agora?

— O Dragão *Binah* segura com sua mão direita o Cordeiro, enquanto com a esquerda pega um cálice transbordante de lixívia humana. Agora derrama o conteúdo do cálice sobre a Terra!

— O que você vê agora?

— As próprias estrelas cantam:

Avalokiteshvara,
Grande Mãe *Binah*,
Tua Piedade, tua Piedade!

Lava a Terra com a lixívia de Jeová!

— O que você vê agora?

— A lixívia cai na Terra. Dois Javalis Brancos sulcam o Céu de Leste a Oeste anunciando em voz alta: ***"A Peste, a Peste"***. Tudo o que a lixívia toca perece. ***A Terra se converte em um Deserto de Pedras!*** Só sobrevivem cento e quarenta e quatro mil que pertencem à Casa de Israel. Mas estes fogem do Deserto e se refugiam em um vale, que depois será inundado pela lixívia. E o Dragão, e os Javalis, se enfurecem ***porque ainda restam as Pedras do Deserto***, porque a lixívia não as calcinou e dissolveu, como o restante dos seres vivos!

— O que você vê agora?

— O Dragão envia, então, o Cordeiro, guardado por seus irmãos, os Javalis gêmeos, para pastar na Terra! Mas a Terra está estéril e o Cordeiro desmaia entre as Pedras, sem poder se alimentar!

— O que você vê agora?

— O Dragão, tomado por uma terrível ira, amaldiçoa as Pedras e o Deserto de Pedras! E grita que vai buscar o Cordeiro, antes que o Deserto lhe cause a morte!

— O que você vê agora?

— A imunda lixívia caída do Céu, e a imundície que conseguiu arrancar da Terra, escorreram para um vale, ao leste do Deserto de Pedras, e formaram um grande mar! Éden e Paraíso são os nomes desse mar; e Tártaro e Tharsis são os nomes do Deserto de Pedras!

— O que você vê agora?

— O Deserto empurrou o Cordeiro para sua margem, que é também a margem do mar de lixívia! O Dragão, no Céu, torna a gritar que auxiliará seu filho, que se encontra entre o Éden e o Tártaro!

— O que você vê agora?

— Os mil olhos do Dragão, brilhantes como Sóis, se concentram sobre o Deserto de Pedras e as Pedras padecem de sufocamento mortal. A maioria das Pedras amolecem e se derretem, e o Deserto se torna um enorme lago de lava fervente. Apenas as Pedras mais duras permanecem em seu lugar, mantendo, com tenacidade, sua forma separada!

— O que você vê agora?

— Um terrível clamor se eleva do Deserto e sobe além do Dragão: as Pedras clamam ao Incognoscível ajuda contra o Cordeiro, e contra a Mãe do Cordeiro, o Dragão *Binah*, que lhes verteu lixívia de Jeová e lhes tirou a Terra, e pretende calciná-las no Deserto ***por não servirem de alimento ao Cordeiro***!

— O que você vê agora?

— Apareceu um Sinal no Céu: ***uma Virgem, mais Negra do que a Noite***, e com a Lua sob seus pés, usando uma Coroa de Treze Estrelas Incriadas! É a Virgem de Agartha, que veio socorrer as Pedras, em Nome do Incognoscível!

— O que você vê agora?

— A descida da Virgem produz um manto de negrura refrescante sobre o Deserto, que tinha se transformado em um lago de lava ardente, e traz alívio imediato às Pedras. A Presença da Virgem refresca e endurece novamente as Pedras, porque se interpõe com sua escuridão diante dos mil olhos incandescentes do Dragão! E a Virgem porta uma espiga na mão; e vai deixando cair os grãos sobre o Deserto de Pedras; e as Pedras que recebem o grão tornam-se imunes ao Fogo do Céu. Já não podem ser amolecidas, e ficam sinalizadas com uma Marca, um Signo único que significa: o negro, o duro e o frio. E a Marca da Virgem se chama "Signo do Vril".

— O que você vê agora?

— Agora o Cordeiro está perdido entre as Trevas, a Dureza e o Frio das Pedras. E chama com desespero por sua Mãe, o Dragão *Binah*, porque as Pedras ameaçam estrangular sua garganta ou submergi-lo no mar de lixívia.

— O que você vê agora?

— A Virgem está grávida, e grita por causa das dores e angústias do parto. E apareceu outro Sinal no Céu: o Dragão, de um vermelho vivo, que tem mil cabeças e mil olhos, e mil estrelas de Davi em suas cabeças. Sua cauda varre as três quartas partes das estrelas do Céu e as joga para a Terra; e elas descem sobre o mar de lixívia, comandadas pela estrela Thuban. E o Dragão também desce para cuidar do Cordeiro e atacar a Virgem.

— O que você vê agora?

— O Dragão se deteve diante da Virgem que estava a ponto de parir, para devorar seu filho, quando nascesse. ***E Ela pariu um Menino de Pedra, que há de reger todas as Nações com um Tridente de Vajra: 'Führer' é o nome do Menino de Pedra***. Mas seu filho foi protegido do Dragão, ao ser confundido com as Pedras do Deserto. E a Virgem se refugiou no Deserto, onde tem um lugar preparado pelo Incognoscível, para residir durante dois mil, cento e oitenta e oito dias.

— O que você vê agora?

— Há uma batalha no Céu. Kristos-Lúcifer, o Capitão Kiev e os Siddhas Leais se levantaram para lutar contra o Dragão. O Dragão lutou, e também seus Anjos Imortais, seus Javalis e estrelas. Mas não venceu nem houve lugar para eles no Céu. O Grande Dragão, que se chama Jeová e Satanás, que organiza o Universo inteiro, foi ***precipitado*** para a Terra, e seus Anjos foram ***precipitados*** com ele.

— O que você vê agora?

— Ouço uma grande Voz no Céu que diz:

"Agora chegou a Libertação
e o Poder e o Reino do Incognoscível,
e o Império de seu Kristos.
Porque foi ***precipitado*** o aprisionador
de nossos Camaradas,
aquele que dia e noite nos marcava diante da

vista do Incognoscível.
Mas os Siddhas Leais o venceram
com o Sangue Puro,
e pelo testemunho de Valor que deram;
pois não amaram a Vida Quente tanto
para fugirem da Morte.
Por isso temei, Céus, e os que morais neles.
Ai da Terra e do Mar!
Porque desceu entre vós o Diabo,
possuído por um grande furor,
sabendo que lhe resta pouco tempo"

— O que você vê agora?

— Quando o Dragão se viu ***precipitado*** à Terra, perseguiu a Virgem que tinha parido o Menino de Pedra. Mas a Virgem dispunha das duas asas do Grande *Kondor*, e podia voar para o Deserto, ao seu lar, onde resistiria ***por um ciclo, e por dois ciclos, e por meio ciclo***, longe da presença do Dragão. O Dragão vomitou por sua boca, atrás da Virgem, lixívia como um rio, para fazer com que o rio a arrastasse. Mas o Deserto ajudou a Virgem. E o Deserto abriu sua boca e tragou o novo rio de lixívia que o Dragão tinha vomitado; e o escorreu para o mar de lixívia, onde estava o Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil. E o Dragão se enfureceu contra a Virgem ***e foi travar guerra contra os demais da descendência d'Ela, os que exibem sua Marca e têm o Testemunho de Kristos Lúcifer***. E situou-se na margem do mar de lixívia.

— O que você vê agora?

— Vejo subir do Deserto um homem com o Poder de uma Besta! É um ser metade homem, metade urso; ou metade homem, metade lobo — em alguns momentos é como um urso, e em outros, como lobo. Quando deve enfrentar as Abelhas de Israel é como um urso e quando tem que lutar contra o Cordeiro é semelhante ao lobo! É o Filho da Virgem de Agartha que cresceu como Pedra no Deserto; é o Führer que regressou para travar a guerra contra o Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil! Seu rugido estremece a Terra, e à sua passagem se levantam as Pedras do Deserto, que têm o Signo do Vril! E as Pedras Geladas pela Virgem de Agartha são também homens-lobo que uivam com fúria incontida!

Não exagero em nada se asseguro que o rugido que surgiu nesse momento, do lugar onde estava tio Kurt, perguntando monotonamente "o que você vê agora?", ***fez a terra estremecer***. Eu descrevia tudo quanto via sobre a superfície da ***aqua vitae*** do recipiente, mas minhas palavras tinham adquirido uma formalidade profética que se formava diretamente no inconsciente. Já havia algum tempo que eu não raciocinava no que dizia: simplesmente expressava o que preenchia minha mente, e, a essas alturas, não poderia explicar se realmente via ou imaginava isso. O que era claro, e não produto de minha imaginação, era a transmutação de tio Kurt e seus

bestiais rugidos e uivos — assim como os dois Javalis ectoplasmáticos que, cada vez mais nítidos e evidentes, se materializavam sobre os cadáveres dos dois assassinos orientais.

Aos rugidos do homem-urso, os Javalis respondiam com o maldito zumbido apícola que eu também conhecia agora. Mas quando o homem-lobo uivava, os Javalis começavam a tremer, tomados pelo pânico, com o pelo eriçado de terror e grunhindo em desespero. E eu, ao perceber o que ocorria ao meu redor, tentava manter a visão hipnoticamente fixada na ***matriz*** com o ácido e os corações, contemplando algumas visões que, por mais fantásticas que pudessem ser, eram menos terríveis do que a Realidade do Rancho de Belicena Villca.

— O que você vê agora? — a voz de tio Kurt perguntou claramente.

— Vejo um Exército enorme avançar, formado pelos que têm a Marca da Virgem e são como a Besta, os Inimigos do Cordeiro. E vejo que são conduzidos pelo Führer, que é como um lobo furioso, e acompanhados pela Virgem, que voa sobre eles, levando o estandarte do Signo do Vril e da Espiga. E o Exército de lobos se aproxima do mar de lixívia! E o Cordeiro, e os cento e quarenta e quatro mil membros do Povo Eleito se estabelecem em uma Ilha Branca, situada no centro do mar de lixívia, que se formou com o cume do monte Sião! Jerusalém Celestial e Chang Shambala são os nomes dessa ilha.

— O que você vê agora?

— O Cordeiro, em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil que têm seu nome e o nome de seu Pai escrito na testa. E ouço vozes do Céu que ressoam em harmonia com a Natureza múltipla. E cantam uma canção ***nova*** diante do Trono de Jeová, diante das dez *Sephiroth*, diante dos Anciões de Israel, e diante da *Shekhinah*. Ninguém pode aprender o Cântico da Criação, senão aqueles cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da Terra. Esses são os que não conhecem o amor da mulher, porque são Sacerdotes sodomitas. Esses são os que seguem o Cordeiro aonde quer que ele vá. Esses constituem a Hierarquia das Almas, que vai desde o homem até Jeová e o Cordeiro. Não conhecem a Verdade da Criação. São animais-homens perfeitos.

— O que você vê agora?

— Observo agora uma época anterior à queda do Dragão: são vistos sobre a Terra ***homens que já tinham o Sinal do Vril*** e alguns Anjos do Dragão que os ameaçam do Céu. Um deles, o que voa mais alto no Céu, leva o Evangelho do Cordeiro e anuncia o Holocausto de Fogo para os moradores da Terra, para todas as Nações e Tribos, e línguas e Povos, e diz em voz alta:

"Temei Jeová e dai-lhe glória,
porque chegou a hora de Seu Julgamento.
Adorai ***ao que criou o Céu e a Terra***
e o Mar e os mananciais de águas".
E outro Anjo, o segundo, o segue, dizendo:

"Caiu, caiu, Babilônia, a grande,
que deu de beber do vinho do
Império Universal a todas as Nações".
E outro Anjo, o terceiro, o segue, dizendo, com forte voz:
"Se alguém adora a Besta e sua imagem
e recebe sua Marca na testa ou na mão,
beberá também do vinho do furor de Jeová,
vinho puro, concentrado, lixívia humana,
no cálice de sua ira.
E será torturado ***com Fogo e Enxofre***
na presença dos Santos Anjos
e na presença do Cordeiro.
A fumaça de sua tortura sobe
pelos séculos dos séculos
e não têm descanso nem ***de dia nem de noite***
os que adoram à Besta e sua imagem,
e os que recebem a Marca de seu nome".
"Aqui está a constância do Povo Eleito, os que guardam os mandamentos de Jeová e a fé no Messias!"

— O que você vê agora?
— Outro Anjo Imortal. Mostra a cidade que está no monte Sião, no meio do mar de lixívia, e diz: "aqui está a desposada, a esposa do Cordeiro!". Este Anjo fala para os que adoram o Cordeiro, e promete que os salvará dos homens-lobo, escondendo-os na Cidade de Jeová. Fala-lhes assim:

"Descerá uma cidade do Céu,
sobre o monte Sião,
da parte de Jeová.
Seu brilho será semelhante à pedra preciosíssima,
como a pedra de jaspe, que emite lampejos cristalinos.
Terá uma muralha grande e alta,
na qual existirão doze portas;
e sobre as portas doze Anjos;
e nomes escritos em cima, que são
os das doze Tribos dos Filhos de Israel.
Ao Oriente, três portas; ao Sul, três portas;
e ao Ocidente, três portas.
A muralha da cidade terá doze bases;
e sobre elas doze nomes, os dos doze
Apóstolos do Cordeiro".

E o Anjo usa uma vara de ouro para medir a cidade, suas portas e sua muralha.

"A cidade estará assentada em forma quadrangular; e seu comprimento será o mesmo da sua largura".

E o Anjo mede a cidade com a vara e ela tem doze mil estádios. Seu comprimento, sua largura e sua altura são iguais. E mede a muralha e tem cento e quarenta e quatros côvados, segundo a medida humana, que é a do Anjo. E o Anjo diz:

"O material da muralha será de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante ao cristal puro. As bases das muralhas da cidade estarão adornadas com todo tipo de pedras preciosas. A primeira base será de jaspe; a segunda, de safira; a terceira, de calcedônia; a quarta, de esmeralda; a quinta, de sardônica; a sexta, de cornalina; a sétima, de crisólito; a oitava, de berilo; a nona, de topázio; a décima, de ágata; a décima primeira, de zircão; e a décima segunda, de ametista. As doze portas serão doze pérolas; cada uma das portas será de uma só pérola, como um cristal brilhante. Não haverá santuário nela, porque seu Santuário será os *Elohim*, Jeová *Sabaoth* e o Cordeiro. E a cidade não necessitará ***do Sol nem da Lua para que a iluminem*** porque ***a Glória Sephiroth de Jeová a iluminará*** e sua lâmpada será o Cordeiro. ***E as Nações caminharão para sua luz, e os Reis da Terra levarão a ela sua Glória. Suas portas jamais se fecharão de dia***, e ali nunca haverá noite. E levarão a ela a Glória e a honra das Nações. ***Não entrará nela coisa impura, não consagrada pelos Sacerdotes de Israel***, nem os que têm o Sinal Abominável, ***mas apenas os inscritos no livro da vida*** do Cordeiro".

— O que você vê agora?

— Um rio de água viva, do qual saem todas as coisas criadas, e que surge do Tronco ***Kether*** de Jeová e do Cordeiro. O Anjo pronuncia as últimas palavras:

"No meio da praça, de um lado e do outro desse rio, haverá uma Árvore da Vida que dará doces frutos, um a cada mês. E as folhas da Romãzeira servirão para curar as Nações do pecado contra Jeová. E já não haverá condenação para ninguém, e nela estará o Tronco de Jeová e do Cordeiro, e seus servos lhe oficiarão Culto. Verão seu rosto, e terão o Nome d'Ele na testa. E não haverá noite, ***nem negrura infinita***, e ***não necessitarão de lâmpada nem de luz do Sol***, porque Jeová Elohim os iluminará, ***e reinarão pelos séculos dos séculos"***.

— O que você vê agora?

— Vejo a Batalha Final. Vejo o Führer e seu Exército de homens-lobo tomarem por assalto a Ilha de Sião, e surpreenderem Jerusalém Celestial, que é Chang Shambala, e causarem grande mortandade entre seus moradores. Nem Thuban e as três quartas partes do Céu, postos de guarda, conseguem deter a matilha furiosa! O Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil Sacerdotes são encurralados na Cidade Maldita, ***construída com o corpo do Dragão***! E morrem aos milhares. Preferem morrer a ver o Sinal do Vril dos homens-lobo. E os Imortais olhos do Dragão derramam inumeráveis lágrimas — lágrimas que escorrem para o quádruplo Muro das

Lamentações, lágrimas de Piedade pelos Filhos de Israel. Mas os homens-lobo não cedem e afundam seus caninos nos Filhos de Israel, no Cordeiro, e no Dragão. E a Virgem de Agartha crava seu estandarte no Muro das Lamentações, o qual é como o Coração de *Binah*, a dona de todos os corações. Sim, no Coração de *Avalokiteshvara* foi plantado o Signo do Vril, a Marca que causa o Negro, o Duro e o Frio das Pedras; e pelo Muro das Lamentações correm Suas lágrimas, surgidas de uma cascata milagrosa. E trevas duras e geladas se abatem sobre Sião: é a Morte Fria da Virgem — a Morte que arrebata o calor dos corações do Cordeiro e dos cento e quarenta e quatro mil Santos de Israel. A Morte que provocam aqueles que veem nas trevas: os homens-lobo de Pedra que formam o Exército do Führer.

— O que você vê agora?

— A Batalha Final continua na Terra, mas já não posso ver o que ocorre ali, ***pois vejo os Javalis Brancos que fogem, cheios de pânico, para se esconderem no Céu. Vão sendo perseguidos por uma parte do Exército-matilha de homens-lobo-de-Pedra! Mas no Céu só resta a quarta parte das estrelas!***

— ***O momento chegou! O Final é igual ao Princípio!*** — Tio Kurt exclamou, surpreendentemente.

Capítulo XV

Fui sobressaltado por aquelas inesperadas palavras de tio Kurt. No entanto, ele perguntou em seguida:

— O que você vê agora?

— Os Javalis gêmeos subiram para o Céu estrelado, procurando o Dragão. Mas o Dragão não está no Céu, e sim na Batalha Final. E os Javalis se transformaram novamente em estrelas, e se situaram sob os pés da Virgem, perto do Corvo. E no céu faltam muitas constelações, como um livro de figuras, do qual arrancaram muitas páginas.

— O que você vê agora?

— As estrelas do Céu, ***todas as que restaram***, abandonam seus postos e giram em torno das duas estrelas-Javali. É o ***chaos primordialis***, a ***massa confusa***!

— ***Projetarei o Signo da Origem sobre a massa confusa!*** — gritou tio Kurt. Ao que parecia, ele estava localizado muito perto de mim, às minhas costas. Eu imaginava suas órbitas vazias e negras, profundas e infinitas, aproximando-se do recipiente alquímico, cuja superfície brilhante alojaria, irremediavelmente, ***o que ele era: o Signo da Origem, o Signo do Vril, a Marca da Virgem, o Signo de Lúcifer, o Signo de Shiva***. Eu imaginava isso, pois não desejava olhá-lo e ver, como antes, a Morte Fria, o Homem-Urso e o Homem-Lobo.

Na ***matriz***, a superfície do ***Sulphur Philosophorum*** mostrava a imagem de um redemoinho de ***lumen naturae*** que girava ao redor das duas estrelas gêmeas, as ***mônadas de Bera e Birsa***. Quando a primeira Runa se refletiu sobre elas, perderam grande parte de seu brilho e começaram a ***se solidificar***. E assim, continuaram, opacando-se e se solidificando, à medida em que se sucediam as Runas seguintes. E quando, finalmente, se plasmaram as treze Runas, as duas estrelas se metamorfosearam e se transformaram em ***flores de Pedra***. Então, como se tio Kurt me tivesse feito a pergunta, descrevi em voz alta o que via:

— As estrelas são, agora, duas flores de pedra; são duas ***padmas*** ou lótus. Esther é o nome dessas Pedras. E as treze Runas se movem e se associam entre si de maneira incompreensível. E as treze Runas formam um Signo que desintegra o redemoinho, o ***chaos confusum***, e o substitui pelas trevas mais impenetráveis. Só as flores de pedra ficaram no ***Sulphur Philosophorum*** e agora se ***precipitam*** para o fundo da ***matriz***. ***Opus consumatum est!***[81]

— Você possui agora dois ***lapis philosophorum***! — disse tio Kurt — você completou a Obra, por intermédio da Virgem, ***porque você viu a Obra***! E você recebeu o ***descensus spiritus sancti creator***! Você é igual a mim, e eu sou igual a você! ***Naturalissimun et perfectissimun opus est generare tal quale ipsum est***![82]

De repente, percebi que tinham parado os rugidos, grunhidos e latidos. Virei-me bruscamente e procurei tio Kurt com o olhar: não o vi em nenhum lugar. Ao contrário, vi duas manchas brancas que se afastavam para o céu. Agucei a vista e acreditei distinguir dois Javalis que fugiam cheios de pânico, com o pelo eriçado e grunhindo de terror. A Natureza tinha silenciado e as nuvens ectoplasmáticas já não estavam sobre os cadáveres dos assassinos orientais. Os Javalis eram as Almas de Bera e Birsa que fugiam para o Princípio do Tempo! O plano, afinal, tinha dado resultado, apesar da intervenção de *Avalokiteshvara*? Como tio Kurt chegou a isso, como conseguiu que a Piedade da ***Dea Mater*** não acalmasse o pânico dos Imortais Bera e Birsa? Sim, agora eu me lembrava: ***com seus corações no* Sulphur Philosophorum*, com suas Almas no vaso das projeções alquímicas, ele tinha levado Bera e Birsa ao futuro, para a Batalha Final, quando o Dragão perderia seu Poder. E ali eles tinham padecido mais terror do que o da morte de seus corpos físicos, por causa de nossos disparos***.

De todos os Futuros possíveis, era dado esperar um que corresponda ao Mundo ***"que Wothan confirma a partir da Origem"***, o Mundo que constitui ***"a Realidade do Sangue de Tharsis"***. Para esse Futuro, no qual o Espírito triunfará sobre as Potências da Matéria, tinham sido levadas alquimicamente as Almas de Bera e Birsa — à Batalha de Chang Shambala, à Batalha Final; à Derrota de Chang Shambala, à Derrota de Sião — e o

---

[81] *A Obra está realizada.*

[82] *O trabalho mais natural e perfeito é gerar algo tal como ele é.*

Terror do Final de Chang Shambala, do Final de Sião, causou o retorno de Bera e Birsa ao Princípio do Tempo, ao ponto onde se assentam todos os Futuros possíveis e onde Chang Shambala ***ou Sião não têm determinado seu Final antes do Final do Tempo***. ***Porque o que vi na 'matriz'*** é um Futuro Incriado, não previsto pelo Criador, só possível no Mundo do Sangue de Tharsis, no Mundo da Realidade do Führer. ***E tio Kurt tinha demonstrado ter fé cega nesse Futuro Incriado, no qual os homens espirituais se levantariam como Feras contra o Cordeiro e os "cento e quarenta e quatro mil" Sacerdotes de Israel***. Creio que o sucesso da transmutação alquímica, e o terror infundido nos Imortais Bera e Birsa deveram-se fundamentalmente a essa fé inquebrantável que tio Kurt tinha no Führer e no seu Futuro.

Mesmo que ele afirmasse, estranhamente, que a Obra era minha. Mas eu tinha certeza de que foi ele que marcou as Pedras Quentes, as Almas de Bera e Birsa, mônadas sobre o Caos Primordial, com o Signo da Origem, com o "Abominável Sinal" que os Demônios temiam. E suas Almas tinham precipitado a Pedra do Princípio, o ***lapis ignis***, e agora ***deviam estar no Princípio***. ***Com pânico, no Princípio***: a meta do plano. Eu esqueci da Piedade de *Avalokiteshvara*, mas ***graças*** ao tio Kurt, o objetivo foi alcançado.

Enquanto isso, onde estava tio Kurt? Eu começava a me preocupar, quando escutei sua voz: ***vinha de cima***, e era irônica e tranquila.

— Eu tinha razão, *Neffe*: ***os Imortais não podem morrer***. E você tinha razão: ***o medo deles os faria fugir para o Princípio***. Trata-se de um empate, não? Agora devo partir atrás deles — Urso contra Abelhas, Lobo contra Porcos — vou persegui-los até o Princípio: ***só assim o Final será igual ao Princípio, a Potência se fará Ato, o Possível se tornará Real, a Obra estará Presente entre o Final e o Princípio; e você poderá cumprir sua missão.***

Soube, então, o que ocorria: tio Kurt tinha subido com os cães *daivas* até se colocar fora do meu alcance. Sua decisão era, pois, irrevogável. Senti-me morrer de tristeza e desolação. As minhas pernas amoleceram. Um nó travou minha garganta. Não obstante, gritei, com impotência:

— Tio Kurt, não vá embora! Não me deixe ***sozinho*** aqui!

Então escutei aquela gargalhada estrondosa que meu tio soltava com inevitável espontaneidade. Não era uma zombaria, mas a expressão de seu estado de ânimo.

— E era você que me questionava por causa da minha ***obstinação***, quando eu resistia a ficar ***sozinho*** neste Inferno, depois da Segunda Guerra? — perguntou, rindo — Pois, lembre-se que eu suportei 35 anos. Você terá que aguentar muito menos. Ande, seja valente, *Neffe* Arturo! Terei que lhe perguntar, como Belicena Villca: você é capaz de ser um Kshatriya? Mas sei que você compreende por que o faço: ***é parte da Estratégia do Führer. A caçada que agora inicio logo será imitada por milhares de homens-lobo-de-Pedra. Terei a Honra de determinar o Fim da Era do***

Javali e da Abelha; a Espiga da Virgem destruirá a Era da Pomba. Você é como Eu e Eu sou como você. E se Eu Sou, você é — ***essa era a grande Estratégia da Estirpe von Sübermann***, que não pudemos conhecer até agora: ***o segredo dos Tulkus***. Hoje, o Signo da Origem está em você, ***no lóbulo de suas orelhas; e os que tenham Sangue Puro o verão***. Por isso, os ***lapis philosophorum*** adotaram a forma das ***flores de pedra***; porque ***esses lótus são o adorno dos brincos de Avalokiteshvara, os brincos que a Misericordiosa coloca nas orelhas dos marcados com o Signo da Origem, para tampar o Signo da Origem***. Você os obteve na ***matriz*** das projeções porque seu próprio Signo da Origem ***ficou descoberto***. ***Suas tampas caíram! E essa é a Grande Obra! Você é agora o Signo da Origem, e é, na Origem do Espírito Eterno e Incriado, igual a mim!*** Eu nunca pude ver o Signo da Origem, lembra? Mas ***ambos o vimos hoje: você em mim, e eu em você, na projeção sobre a Pedra Quente***. Separados, jamais o teríamos visto. Por isso, foi bom estar com você, *Neffe*; porque juntos cumpriremos a missão de nossa Estirpe: ***o faremos por Honra, uma vez que vimos a Origem, e temos a Origem, e poderemos regressar quando quisermos à Origem***. Você já não necessita de mim, nem necessita de nada nem de ninguém. Adeus, *Neffe*, voltaremos a nos ver durante a Batalha Final. Heil Hitler!

— Heil Hitler! — respondi, mecanicamente, enquanto o rugido de uma Fera indescritível trovejava no espaço e uma lufada de vento sobrenatural, gelado, me atingia como uma chicotada e agitava as árvores, levantando nuvens de poeira.

Dirigi a vista na direção em que tinham fugido os Javalis, isto é, para o Sul, e juro que vi, pela última vez, tio Kurt. Ou, pelo menos, tive essa impressão. Porque vi, ou acreditei ver, contrastado pelo firmamento estrelado, uma Fera que corria atrás de dois astros brilhantes que se afastavam com pavor — ora parecia um Urso, ora um Lobo. E seus rugidos e uivos foram se fazendo menos fortes, até que silenciaram completamente. ***Eu me senti sadio: era A Peste que se afastava***.

Pensativo, olhando ainda para o Cruzeiro do Sul, relembrei a Carta de Belicena Villca, na parte onde o Rabino Benjamín relatava para Bera o Mistério da fraqueza do Povo Eleito — "Jeová advertiu o Povo de Israel a respeito de quatro tipos de mal, diante dos quais seriam ***fracos***: cuidai-vos da Espada, porque Ela vos pode matar; cuidai-vos dos Cães, porque Eles vos podem despedaçar; cuidai-vos das Aves do Céu, porque Elas vos podem devorar; cuidai-vos das Feras da Terra, porque Elas vos aniquilarão ***(Jer. 15)***". Ali, no chão do Rancho, jaziam os corpos humanos sem vida de Bera e Birsa. Tinham sido ***fracos***, estrategicamente ***fracos***. E no caso deles, os símbolos que foram mencionados por Jeová haviam intervindo, os quatro, ao mesmo tempo:

Espada — a Espada Sábia da Casa de Tharsis.

Cães — os cães *daivas*.

Aves — a Virgem de Agartha, e todas as Damas *Kâlibur*, cuja Negrura Infinita ***devora*** a luz das Almas.

Feras — os ***Berserkir*** e os ***Ulfhednar***, quer dizer, os Homens-Urso e os Homens-Lobo, de Pedra Fria.

E de nada lhes valeram, nessa ocasião, os "remédios" propostos por Bera: a Paz do Ouro; a Ilusão da Raiva; a Ilusão da Terra; e a Ilusão do Céu. Ganhamos a luta contra os Demônios, mas nunca, jamais, até hoje, tornei a ver tio Kurt.

Capítulo XVI

Em seguida, ocorreu um fenômeno que decidi expor separadamente, devido ao fato de ainda não ter encontrado uma explicação convincente para ele. Como disse, eu estava ainda olhando o céu, em direção ao Cruzeiro do Sul, e pensando nas coisas que mencionei, tentando dominar a melancolia pela partida de tio Kurt, procurando superar a depressão nervosa.

A pancada foi violenta, contundente, no centro do crânio, alguns centímetros acima do lugar onde tio Kurt me aplicara sua certeira coronhada. Caí fulminado ao solo, vendo estrelas que não eram resultado de um processo alquímico, ***mas consciente de que algo tinha caído do céu diretamente na minha cabeça — algo de pequeno tamanho e de considerável peso.*** Levantei-me, ainda aturdido, e comecei a procurar ao redor, com a ajuda de uma caneta-lanterna. Não demorei para achar o projétil causador do "galo", cujos efeitos dolorosos duraram vários dias e cuja cicatriz conservo. Como é fácil de se imaginar, tratava-se de uma pedra.

Mas aquela era uma pedra artisticamente esculpida, e era evidente que pertencia a um conjunto maior, do qual foi separada. ***Era a mão de um Menino de Pedra, mutilada na altura do punho, que expressava o Bala***[83] ***Mudra***[84], a Saudação Interna da Casa de Tharsis: os dedos indicador e polegar estavam esticados, formando o ângulo reto; e os dedos médio, anular e mínimo achavam-se dobrados sobre a palma da mão.

Ao encontrar a mão de pedra, lembrei-me instantaneamente do Trigésimo Terceiro Dia da Carta de Belicena Villca, e depois o comprovei, relendo aquele parágrafo várias vezes. Nesse Dia, Belicena narrava o extermínio de sua Estirpe, realizado por Bera e Birsa, ao transmutarem os membros não Iniciados da Casa de Tharsis, como os de minha família, em ***betume da Judeia***. Foi então que o Noyo, Noso de Tharsis, chegou até a igreja da Virgem da Gruta, em Turdes, para resgatar a imagem do saque generalizado de Lugo de Braga. E, ao cumprir essa tarefa, comprovou que a mão do Menino de Pedra que expressava a Vruna Bala havia sido amputada. ***Mas***

[83] *Força.*
[84] *Expressão.*

esse desaparecimento aconteceu no século XIII, setecentos anos antes. Seria arriscado, para não dizer absurdo, relacionar este fato com aquele. No entanto, contra todos os argumentos lógicos, para mim o acidente era sugestivo. E não mudei de ideia: mandei engastar a mãozinha em uma ***argola*** de prata, coloquei uma corrente e a pendurei no pescoço. Como foi que caiu sobre minha cabeça, ou de onde? Não o sei. Se é a mesma mão do século XIII, tampouco o sei. E o que significa que caísse na minha cabeça naquele momento, é algo que pertence à área dos mais obscuros enigmas. Mas a peça me agrada e a levarei comigo até o Final.

Capítulo XVII

É muito pouco o que me resta a acrescentar a este Epílogo, ou Prólogo.

Passado o choque que, indubitavelmente, me produziu a partida de tio Kurt, evidenciado pela anormal serenidade com a qual pude refletir a respeito dos símbolos da Espada, Cães, Aves e Feras, e tendo superado o efeito doloroso da pancada na cabeça, comecei a tomar consciência da realidade e meu sistema nervoso entrou em uma violenta crise. Por dentro, eu sentia que desmoronava, e tentei me manter armado por fora, gritando, contra todos os nossos inimigos, mil insultos e xingamentos, dos quais, finalmente, não ficaram excluídos nossos Camaradas e aliados — Belicena Villca, seu filho Noyo, o Capitão Kiev, os Siddhas Leais, o Führer, e até o Incognoscível, foram abrangidos por minhas irreproduzíveis blasfêmias. Não vou me justificar, pois os eventos conhecidos explicam essa reação irracional. Como não ia se quebrar minha vontade, se no prazo de quatro dias, minha família foi cruelmente assassinada — toda a minha família — os parentes próximos e distantes, e o único sobrevivente, além de mim, o tio Kurt, acabara de ir embora, para nunca mais regressar?

Fiquei como louco. Proferia insultos e chutava, impotente, os cadáveres dos assassinos orientais. Com irracional agressividade, estava a ponto de esvaziar nesses corpos diabólicos as cargas da inútil submetralhadora, quando alguns lamentos procedentes do interior da casa me trouxeram, providencialmente, à realidade. Eu não estava sozinho! Lembrei de repente que, durante o ataque, tínhamos escutado alguns gritos de dor.

Com o rosto ainda decomposto pela fúria, com um brilho demente nos olhos e a arma na mão, entrei decididamente na casa, causando o consequente alarme da pessoa que estava amarrada sobre a mesa da sala de jantar. Era Segundo, o índio descendente do Povo da Lua, que Belicena Villca mencionara em sua Carta, e a quem eu vira umas duas vezes, quando ele a visitou no Hospital Neuropsiquiátrico de Salta.

Sua aparência estava terrível, porque Bera e Birsa tinham-lhe arrancado as unhas das mãos e dos pés. No entanto, devia estar agradecido aos Deuses, e à Operação Bumerangue, porque os Demônios não tiveram tempo

de lhe cortar a língua e as orelhas, e esvaziarem seus olhos, para finalmente escalpelá-lo ou degolá-lo. Quando eu o desamarrei e lhe perguntei se tinha uma caixa de primeiros socorros, o índio recuperou a fala.

— E os dois homens? — perguntou, com cautela.

— Não eram homens — respondi, de forma grosseira — mas os Demônios Bera e Birsa. Ambos estão mortos, ali fora. Nós os matamos com os tiros que o senhor escutou. E agora meu tio os está perseguindo até o Fundo do Abismo Central do Universo, até um lugar infernal do qual talvez não consigam nunca mais regressar.

Agora compreendo que essa resposta era imprópria e absurda para ser dada a um índio desconhecido, que possivelmente não teria nem a menor ideia do que eu estava falando. Mas eu padecia dos efeitos do choque e da crise e não parava para pensar no que dizia. Em vez disso, me amaldiçoava permanentemente por todos os meus erros: por ser a causa de os Demônios terem descoberto o Mundo e o domicílio onde vivia minha família; porque no plano de ataque esqueci de considerar a ação compassiva de *Avalokiteshvara*; por não fazer caso do mau pressentimento que me produziu a despedida de tio Kurt em Cerrillos, antes de levitarmos com os cães *daivas*. ***Tio Kurt sabia o que iria acontecer: que iríamos ser provados pela Paixão Maternal de* Avalokiteshvara*, a qual defenderia piedosamente os Imortais; e que, com toda probabilidade, ele deveria partir em perseguição aos Demônios, para manter desperto o seu medo — e por isso quis se despedir, antes de entrar em ação!*** E eu fui o imbecil que segui o plano até o final, sem reparar em nada, subestimando a capacidade de tio Kurt! Agora me encontrava sozinho, mais sozinho do que esteve tio Kurt em seu exílio, ainda que ele afirmasse o contrário, para me consolar e me dar coragem!

Esses eram os pensamentos que ocupavam minha mente, quando respondi ao índio da forma anterior. Felizmente, eu não estava totalmente sozinho — o índio repetiu, com cautela ainda maior:

— *Berhaj* e *Birchaj*?

É possível que só nesse momento eu tenha percebido que o índio era real.

— *Berhaj*...? — eu tentava recordar onde tinha escutado antes essa pronúncia. Então, lembrei da Carta de Belicena Villca e da história do Povo da Lua — Certamente que o senhor também os conhece! Esses Filhos da Puta exterminaram sua família, da mesma forma que a da Casa de Tharsis e minha própria Estirpe! — exclamei, com euforia exagerada.

— E o senhor, como sabe? — o índio me interrogou, totalmente espantado — Não é do Exército?

— Ha, Ha, Ha — ri, com vontade, ao ver a impressão que causava o uniforme militar — Não, homem, não. Não pertenço às Forças Armadas. Quem foi membro do Exército era Noyo Villca, como o senhor sabe muito bem. Não se lembra de mim? Eu sou Arturo Siegnagel, o médico psiquiatra que cuidava de Belicena Villca, em Salta. Ela me contou tudo em uma extensa carta. Por exemplo, sei que o senhor descende do Povo da Lua, que

vivia na Ilha Koaty, no lago Titicaca, e que seus remotos antepassados residiam na Escandinávia, no país do Rei Kollman, da linhagem de Skiold.

— Ah, o médico. Sim, eu me lembro. Eu sabia que Dona Belicena escrevia uma carta com dados sobre a Casa de Tharsis, mas ignorava quem seria seu destinatário.

— E o senhor diz — o índio acrescentou — que esses torturadores são os mesmos *Berhaj* e *Birchaj* que guiaram, há mais de seiscentos anos, os ataques de índios diaguitas-hebreus, sob o comando do Cacique Cari, na invasão à Ilha do Sol?

— Eram — eu o corrigi — efetivamente eram os mesmos, ainda que possam ter usado outros corpos. Isso não sei com exatidão. Mas o que é certo é que, há três meses, assassinaram Belicena Villca no Hospital, e há apenas quatro dias terminaram com toda a minha família. Por causa desses malditos Demônios, só restaram três sobreviventes de três Estirpes espirituais: Noyo Villca, da Casa de Tharsis; Segundo, da Casa de Skiold; e Arturo Siegnagel, da Casa von Sübermann. Belicena Villca me solicitou, em sua Carta, que eu procure Noyo Villca em Córdoba, e me assegurou que o senhor me ajudará. Além disso, recomendou-me ter muito cuidado com Bera e Birsa, que eram Demônios poderosos. Mas já vimos: apesar dos golpes que nos deram, e graças à ajuda dos Deuses, pudemos acabar, por ora, com Eles. Existirão outros Demônios que, sem dúvida, nos perseguirão, e muitos perigos desconhecidos, mas é pouco provável que Bera e Birsa regressem ao Mundo do Sangue de Tharsis. ***Em outros Mundos de Ilusão, no entanto, continuarão existindo; e ai daqueles homens espirituais que não encontrem logo o Mundo da Casa de Tharsis***! O que lhe parece, Segundo? O senhor me ajudará?

— Claro que sim! Saiba, Dr. Siegnagel, que Ela era, para os da minha Raça, uma Rainha. Seus desejos são ordens para mim. Ela me pediu que não fosse mais ao Hospital de Salta porque estava sendo vigiada e suspeitava que iriam matá-la. E eu cumpri literalmente suas ordens. Não fui mais a Salta e não respondi à correspondência do Hospital, do Juiz, da Polícia, etc. ***Ninguém veio aqui porque esta casa é muito difícil de encontrar***. Muito grandes devem ser os seus poderes para chegar assim, de surpresa, e conseguir ***despachar*** os Demônios. Salvou-me a vida, e certamente, evitou-me um terrível sofrimento prévio! Mas não sei até que ponto lhe agradecer, uma vez que, como entenderá, já estou farto de viver.

Eu o compreendia perfeitamente, pois eu também estava farto de viver. E se seguia adiante, como aquele índio germânico, era exclusivamente por Honra, porque era uma Honra ficar e cumprir a missão que lhe encomendam os Deuses que dirigem a Guerra Essencial. E porque, depois da Batalha Final, uma vez acertadas as contas com as Potências da Matéria, regressaríamos definitivamente à Origem do Espírito Incriado. Vi a cara de Segundo, decomposta de dor, e corri para um galpão adjacente, para procurar a caixa de primeiros socorros que estava no porta-luvas de uma *pick-up*. Com paciência, desinfetei os vinte dedos e os fui enfaixando um por

um. Eu trazia comigo alguns comprimidos tranquilizantes, e o fiz tomar dois: quatro miligramas que o fariam dormir até o meio-dia.

Antes de terminar os curativos, ele já cochilava; então o levei até um quarto, fazendo-o pisar com os calcanhares e o deixei deitado em sua humilde cama de alfarrobeira.

Esquentei café e o bebi, já mais tranquilo, sentado em uma cadeira da cozinha. O encontro com Segundo tinha me acalmado bastante e agora eu meditava a respeito dos próximos passos a seguir. Depositei sobre a mesa o recipiente com ácido, transmutado em um líquido muito negro, mas de densidade leve. Para recuperar as flores de pedra, os brincos de *Avalokiteshvara*, eu derramaria aquela substância inútil na pia, e neutralizaria a acidez residual com um poderoso detergente concentrado que encontrei em um armário. Um minuto depois, os brincos Esther estavam em meu bolso, já vazio de armas.

Certamente, exageramos na artilharia, e agora descansavam sobre a mesa a *Ithaca*, os cinquenta cartuchos, a submetralhadora, com sua incômoda correia de ombro, seus carregadores, as dez granadas de fragmentação, as bombas de TNT e a faca de caça. Mais leve de corpo, me certifiquei, discretamente, do sono profundo de Segundo, e decidi me dedicar a eliminar os restos dos assassinos orientais. Provido de uma poderosa lanterna de doze *Leds*, explorei os arredores do Rancho.

Comprovei então que, efetivamente, a construção da casa seguia o projeto do antigo Pucará de Tharsy, e que a fortaleza perimetral fora reduzida a um muro baixo, de não mais de um metro, para dissimular a função de guarnecer uma praça liberada. Em seu interior, ainda existia o antiquíssimo *Cromlech*, cujas peças formavam um círculo enorme, em cuja área cabia, com sobra, o terreno do Rancho. Mas o que me intrigava era o destino do Menir de Tharsy, que os Atlantes brancos instalaram, para estabelecer o Pacto de Sangue com a Estirpe de Tharsis e determinar sua missão familiar. Medindo os diâmetros do *Cromlech*, procurei, em sua intersecção, o centro, e comprovei, intrigado, que aquele lugar central ficava no interior do Rancho. Finalmente, eu não tinha dúvidas de que o local central se encontrava dentro de uma enorme cabana hermeticamente fechada. Quebrei as correntes e os cadeados com um alicate adequado, e abri as portas da cabana. Incrivelmente, depois de séculos e milênios, ainda se encontrava em seu lugar de origem o Menir de Tharsy. Era de pedra verde e mostrava em sua base a milenar *apacheta* de *Vultan*: ***purihuaca voltan guananchа unanchan huañuy***. Sobre a *apacheta*, durante quatrocentos e quarenta e três anos, a Espada Sábia da Casa de Tharsis ficou guardada, como em Huelva, por incansáveis Noyos e Vrayas descendentes de Lito de Tharsis. Diante dessa atitude de respeito e confiança nos Deuses Leais, assumida em milênios de paciente guarda, o que significavam minhas ansiedades atuais, minhas angústias egoístas? O imponente Menir e seu rústico altar de pedra tiveram a virtude de fazer com que eu me

envergonhasse de mim mesmo, de minhas fraquezas humanas, e de fortalecer minha vontade de continuar até o Final.

Contando todos os vãos e cruéis esforços realizados no passado pelos Demônios Bera e Birsa, não é de se estranhar o ódio que lhes despertaria aquele Rancho no qual viveram, fora de seu alcance, os membros da Casa de Tharsis, conservando a Pedra de Vênus da Espada Sábia. Mas Eles chegaram tarde — sempre chegaram tarde na América — não conseguiram exterminar a linhagem de Skiold com os diaguitas-hebreus, nem com os espanhóis de Diego de Almagro, de Diego de Rojas, e de tantos outros; nem o assassinato de Belicena Villca lhes serviu de nada, pois Ela sabiamente os despistou; nem o extermínio dos von Sübermann lhes permitiu acabar com tio Kurt. A América foi fatal para Eles! Não sabiam onde estava Noyo Villca com a Espada Sábia e quiseram se vingar no índio Segundo e sacrificá-lo, por meio de um horrível suplício, antes de partirem do imprevisível Mundo da Casa de Tharsis. E foram atacados e mortos quando menos esperavam. Como um bumerangue, seus próprios golpes voltaram-se contra eles; ***como em um golpe de Jiu-Jitsu***, seus inimigos aproveitaram seus próprios movimentos e usaram suas próprias forças contra eles.

Em um galpão onde era guardada a *pick*-up, havia todo tipo de ferramentas. Fui até lá, peguei uma pá larga, e comecei a procurar um lugar adequado para cavar as sepulturas. A cinquenta metros da casa, crescia um denso matagal de bambus, que me pareceu ser o local ideal. Seria difícil penetrar na camada de raízes, mas depois de alguns dias, ninguém poderia descobrir o mínimo rastro de remoção. Regressei duas vezes à casa e carreguei os malditos cadáveres em um carrinho de mão, para facilitar o transporte. Na última viagem, levei também um facão para abrir o caminho. Olhei o relógio da casa e comprovei que marcava 03:00 do dia 23 de abril. O meu, ao contrário, exibia 01:30 de 26 de abril. Logicamente, sincronizei o meu relógio com o relógio de parede local.

Assim, pois, às 06:00, três horas depois, terminei a macabra tarefa de sepultar os cadáveres destroçados dos assassinos orientais. Já amanhecia e eu me sentia exausto, psíquica e fisicamente esgotado. E ainda faltavam várias coisas para fazer, assuntos inevitáveis que não admitiam demora. Um deles era consumar a destruição do carro preto dos assassinos, a fim de evitar o rastreamento policial. Mas, para isso, eu necessitava contar com a ajuda de Segundo.

Bebi uma nova xícara de café e depois me dediquei a jogar baldes de água com sabão no quintal, para eliminar as marcas de sangue — precaução que, mais do que evitar as investigações policiais, visava frustrar a ação das, ainda mais terríveis, moscas tucumanas. Com a luz do dia, encontrei junto a uma árvore, a quinze passos de distância da porta de casa, a jaqueta e todas as armas de tio Kurt. Evidentemente, ele as abandonou antes de partir, quando chamou silenciosamente os cães *daivas*. Mas eu as carreguei e juntei aqueles objetos com o resto do meu equipamento.

Eu já não poderia continuar vestido com o uniforme militar, especialmente se tivesse que sair fora do Rancho, e então fiz uma meticulosa inspeção no interior da casa. Descartei a roupa do índio, por causa do seu tamanho muito menor do que o meu, e imaginei que Noyo Villca tivesse mais envergadura e que sua roupa estivesse guardada. Finalmente, encontrei seu quarto, depois de passar pelo da defunta Belicena, e achei, efetivamente, um guarda-roupa completo; coloquei uma calça jeans, mais ou menos do meu tamanho, e uma camisa semelhante. Decidi ficar com as botas de Maidana, e fiz dois grandes pacotes com as armas e as roupas militares. Só deixei sem empacotar as quatro bombas de TNT.

Em uma caixa de sapatos do papelão mais ordinário coloquei o nefasto *Dordje*, o Cetro de Poder que Rigden Jyepo entregou aos Demônios Bera e Birsa, juntamente com os *padmas* de pedra, os brincos Esther de *Avalokiteshvara*.

E então, quando concluí essas tarefas menores, me dirigi ao carro preto, para acalmar a minha compreensível curiosidade que ele me despertou, assim que soube de sua existência.

Visto de longe, não havia dúvidas de que se tratava de uma clássica limusine norte-americana. No entanto, ao inspecioná-lo de perto, surgia a confusão, por não se poder estabelecer nem a marca nem o modelo, como afirmavam os policiais de Salta. Porque marca ele tinha, e bem visível: ***Aviant***. Mas, quem conhecia essa marca? A qual país pertencia? Imediatamente, tive a suspeita de que o automóvel não era deste Mundo, que provinha de uma Realidade paralela à nossa, onde os "Cavalheiros" como Bera e Birsa se deslocavam em carros ***Aviant***. De qualquer forma, era realmente um automóvel? Sim, era. Um autêntico e excelente carro de luxo, e ao que parecia, recém-saído da fábrica. Levantei o capô e vi um poderoso motor de oito cilindros em ***V***. E foi inútil revistar o seu interior, porque os Demônios não levavam nada com eles, nem papéis, nem bagagem; nada de nada. O que indicava que não entrava em seus planos a possibilidade de serem detidos ou interrogados nas estradas; ***ou que não circulavam, de nenhuma forma, pelas estradas e rotas da civilização humana***.

Às 08:30, me recostei em uma poltrona da sala de jantar e dormi, sem sobressaltos, até as 13:30. Preparei mais café, tostei os pães e despertei Segundo para o tardio café da manhã. Ele se admirou ao saber que trabalhei toda a noite e que já não restavam as marcas da morte dos assassinos. Enquanto bebia um café, verifiquei suas feridas. Os seus pés, especialmente, me interessavam: estavam muito inchados.

— Você acha que pode dirigir a *pick-up*? — perguntei-lhe.

— Farei o que for necessário — disse valentemente — não importa a dor.

— Será ao anoitecer — expliquei-lhe — você terá que dirigir por uns quinze ou vinte quilômetros para nos desfazermos do automóvel dos assassinos. Mas, antes, vou lhe trazer medicamentos e calmantes. Apenas me fale onde fica a farmácia mais próxima.

O estabelecimento ficava em Tafí del Valle, a cinco quilômetros de distância. Às 15:00, depois de assar um frango e ambos o comermos, fui à farmácia na *pick-up* e comprei a vacina antitetânica, seringas, anti-inflamatórios e calmantes.

Às 19:00 saímos do Rancho. Segundo iria na frente, na *pick-up*, e eu o seguiria, no ***Aviant***. Tomaríamos estradas secundárias, normalmente não transitadas, pois o sucesso da manobra dependeria de que ninguém visse o automóvel preto; ninguém que pudesse denunciar isso à polícia. E menos ainda a própria polícia, que já tinha sua descrição.

Mas tudo saiu bem. Segundo, com os dedos enfaixados, e descalço, pois não podia calçar nem uma alpargata, dirigia a caminhonete com destreza, em direção à serra do Aconquija. Cruzamos o rio Tafí del Valle, o rio Branco, e entramos em uma estrada quase intransitável, que subia até o cume do monte La Ovejería. Tive que fazer proezas com a enorme limusine, para passar pelas acentuadas curvas da trilha do penhasco. Finalmente, poucos quilômetros antes do cume, achamos o lugar ideal: a borda de um abismo de mil metros ou mais de profundidade. Estacionei ali o carro negro, enquanto Segundo voltava com a *pick-up* vários metros para trás. O caminho era tão estreito que teríamos que retroceder centenas de metros de ré, até que encontrássemos uma parte mais larga que nos permitisse manobrar.

Esse retorno que Segundo fez no caminho era necessário para nos prevenirmos de um possível desmoronamento da estrada, que deixasse a *pick-up* isolada e impossibilitada de descer a serra. Isso era porque eu planejava dinamitar o ***Aviant*** e seria muito provável que o caminho desmoronasse — como realmente ocorreu.

Derramei o conteúdo de um galão de dez litros de gasolina dentro do carro, programei os detonadores eletrônicos com um tempo de cinco minutos; e coloquei uma bomba sobre o bloco do motor, outra no interior do carro, outra no porta-malas e outra debaixo do chassi. Então, fechei o capô, as portas e o porta-malas, e corri para a *pick-up*, que me esperava cem metros atrás.

A explosão dos quatro quilos de TNT foi impressionante naquelas montanhas geradoras de ecos prolongados. O automóvel jamais seria encontrado, pois só restaram dele pedaços espalhados por centenas de metros de um inacessível precipício. Quando a explosão cessou, nos aproximamos um pouco, e nos asseguramos de que assim aconteceria, pois onde o carro foi estacionado, a estrada tinha desaparecido, e a avalanche de pedras arrastara os restos maiores para o fundo da garganta, sepultando-os para sempre.

Permaneci dez dias no Rancho de Belicena Villca, durante os quais conversei muito com Segundo e entramos em acordo a respeito dos passos futuros. Falei-lhe das últimas partes da Carta de Belicena Villca e lhe expliquei que eu tinha certos indícios acerca da possível residência de Noyo Villca. Tudo consistia em localizar a misteriosa Ordem de Cavalheiros Tirodal e seu Pontífice, Nimrod de Rosario. Uma vez que um capítulo de

minha vida tinha terminado e já não haveria volta atrás, só me restava prosseguir com a aventura e iniciar a busca pela Ordem, na Província de Córdoba. Segundo se manifestou decidido a me acompanhar nessa missão. Além de ser também um Iniciado Hiperbóreo, discípulo de Belicena Villca, e possuir um lógico interesse espiritual no assunto, o índio, que contava com cinquenta anos de idade, conhecia Noyo Villca desde menino e faria o possível para tornar a vê-lo — ou, pelo menos, lhe oferecer sua ajuda.

Idealizamos, assim um plano simples, destinado a solucionar os últimos problemas que restavam, para nos transladarmos, finalmente, a Córdoba. No Rancho, existia uma fortuna em ouro *inga*, à qual aludira Belicena Villca, em sua Carta. Segundo me mostrou o esconderijo secreto, perto do Menir, onde se conservavam 250 quilos de ouro em lingotes. Originalmente, me explicou o índio, o ouro era usado nos utensílios de mesa da Princesa Quilla, pois os *ingas* não davam valor monetário a esse metal. Uma vez em Tucumã, e para evitarem possíveis surpresas, os descendentes de Lito de Tharsis fundiram todos os utensílios, no século XVII, e esconderam os lingotes onde ainda se encontravam. Nunca a família teve necessidade dessa reserva, mas nós poderíamos pegar o que quiséssemos, pois essa era a vontade de Belicena Villca.

No entanto, no meu entender, aquela riqueza pertencia a Noyo de Tharsis, e não convinha tocá-la, no momento. Com o que me deixara tio Kurt tínhamos mais do que o suficiente para começar. Era primordial, pois, assegurar o cuidado do Rancho, mesmo que nós nos ausentássemos por muito tempo. Segundo resolveu isso, trazendo de Tafí del Valle um grande grupo de parentes que já tinha vivido no local; eles morariam na casa dos empregados e vigiariam o lugar.

Com tudo isso organizado, partimos, em 4 de maio, para Santa María, na *pick-up* de Segundo. Eu pensava em não retornar a Salta nunca mais, mas tinha que, inevitavelmente, cancelar os negócios do tio Kurt. Além disso, no sítio do meu tio me aguardavam as duas coisas mais queridas que me restavam na vida: o manuscrito de Belicena Villca, reproduzido neste livro, e o manuscrito de Konrad Tarstein, de seu livro inédito "História Secreta da *Thulegesellschaft*", que espero publicar no futuro.

O sítio de Santa María era impossível de se vender, pois tio Kurt não estava morto, mas "desaparecido", e seu testamento a meu favor carecia de valor nesse caso. Porém, eu poderia alugá-lo e foi o que fiz, assinando um contrato com os Tolaba, que por tantos anos acompanharam tio Kurt. Eles se encarregariam da pequena fábrica de doces e de guardarem os pertences de meu tio. Só pagariam uma moderada quantia anual. Claro que, no futuro, se eu necessitasse transformar essa propriedade em dinheiro vivo, apelaria ao conhecido recurso de falsificar a certidão de óbito de "Cerino Sanguedolce" e faria valer o testamento. Mas o futuro está ainda nas mãos dos Deuses.

O que realmente eu poderia vender era a fazenda de Cerrillos, a qual não desejava conservar nem um minuto mais. Então, escrevi aos meus

advogados para que a colocassem imediatamente à venda e fizessem negócio o quanto antes. Seis meses depois, em Córdoba, assinei os documentos definitivos da transação e recebi uma apreciável quantidade de dinheiro. No último dia em que estive em Santa María, enviei por encomenda os dois pacotes para Maidana, comunicando-lhe, em um breve bilhete, que a operação militar fora um sucesso e seria inútil que alguém procurasse os "assassinos orientais"; e, ainda, que, não recomposto da dor pela morte de minha família, eu empreenderia uma viagem de descanso e na volta me reuniria com ele. Uma "mentira piedosa", mas, o que poderia dizer a Maidana? Talvez, no futuro. Talvez, se os Deuses decidissem, no futuro.

Capítulo XVIII

Escudos de Províncias Argentinas


Córdoba


Buenos Aires


Santa Fé


San Luis

E aqui estamos, em Córdoba, tentando encontrar a bendita Ordem.

Hoje é 30 de maio de 1981. Há mais de um ano comprei o apartamento no centro, onde convivo com Segundo. Terminei este livro no capítulo XVII do Epílogo, ou Prólogo, e muitos perguntarão como e por que o escrevi. A resposta é simples: este livro é o resultado de uma reflexão, de uma recapitulação escrita a respeito de minha extraordinária experiência com a Sabedoria Hiperbórea. Decidi fazer essa recapitulação, ao fracassarem todas as tentativas de localizar a Ordem de Cavalheiros Tirodal. Meses atrás, diante dos resultados nulos dessa busca, perguntei a Mim Mesmo se não seria Eu o causador de não acontecer esse encontro com a Ordem, se não me faltaria chegar a uma conclusão ***prévia***. Decidi deixar as coisas claras para Mim Mesmo. E disse: "qual seria a melhor maneira, senão colocá-las por escrito?". Então, comecei a redigir minhas lembranças a partir do assassinato de Belicena Villca, que foi quando tudo começou.

E agora, ao terminar, compreendo que a intuição era certa, ***que me faltava assumir grande parte de tudo o que eu assimilara em tão breve tempo e que mantinha meu Espírito ainda comovido***. Não seria possível que, com tal estado mental, me fosse permitido encontrar a Ordem. Mas

escrever este livro me ajudou, e por isso decidi dá-lo a conhecer: ***para que outros, como Eu agora, encontrem o Mundo do Sangue de Tharsis***.

HIPEREPÍLOGO

Córdoba, 7 de junho de 1981.

Ao leitor deste livro:

Na verdade, era minha intenção concluir "O Mistério da Sabedoria Hiperbórea" na página anterior. Naquele momento, eu não tinha mais o que dizer. Mas hoje, uma semana depois, aconteceu algo que jogou uma nova luz sobre o problema que me preocupava, isto é, a localização da Ordem de Cavalheiros Tirodal: ***creio ter obtido, finalmente, uma pista segura***. E acredito que é meu dever de Honra compartilhá-la com o leitor, oferecer-lhe a mesma oportunidade da qual eu agora disponho.

Mas, antes de oferecer essa informação, exporei de forma suscinta o que me ocorreu no dia de ontem.

Eu procurava uma iluminação interior, uma vez que a busca exterior não tinha me levado a lugar nenhum. Por isso, escrevi o presente livro. E foi ao terminá-lo que, já bem mais sereno, decidi experimentar uma via que ainda não tentara. Ontem à tarde, sem dar nenhum aviso, me dirigi à casa de Oskar Feil, o defunto amigo de tio Kurt, que tinha encontrado primeiro a Ordem de Cavalheiros Tirodal. Como eu supunha, sua esposa, uma amável e simpática mulher de nacionalidade italiana, ignorava tudo o que era relativo à localização da Ordem Tirodal. Assegurou-me que Oskar morreu de morte natural, mas muito feliz pelas realizações espirituais que obtivera nos últimos anos.

Ela sabia da existência da Ordem, e bem mais sobre a história de tio Kurt, e estranhou que ele não a tivesse mencionado. Expliquei-lhe que não tive muito tempo para falar com tio Kurt, e que ele tinha deixado pendentes muitos temas sobre os quais jamais me daria resposta.

— Mas o que aconteceu com Kurt? — ela perguntou — Ele morreu? Se é assim, eu lhe direi tudo o que sei, que não é bastante, e é muito menos do que o senhor quer saber. Veja, eu sei sobre o senhor: que é um sobrinho de Salta, filho da irmã dele e de um alemão argentino. E sabe como sei disso? Não por Kurt, que nunca diria nada, mas pelo bom Oskar, que o amava como a um irmão e compartilhou comigo toda a sua história. Por isso lhe contarei o que ele não lhe disse. Eu sou italiana, isso é óbvio. O que não é tão óbvio é que eu era uma noviça do Monastério onde von Grossen e Oskar Feil tiveram que se esconder por dois anos, depois de 1945, com a companhia posterior de seu tio Kurt. Bem, Oskar e eu nos apaixonamos, e quando ele veio para a Argentina, não demorei em segui-lo e me casar com

ele neste país, onde fomos muito felizes. Tivemos um casal de filhos, que já vão para a Universidade. Por isso, acho estranho que não me mencionasse, pois seu tio me conhecia quase tanto quanto Oskar. E o que aconteceu com ele? Pode ter confiança em me contar. Ele teve que fugir desses terríveis inimigos que, segundo Oskar, não cessariam de procurá-lo até o dia de sua morte?

— Não, senhora — esclareci — felizmente, tio Kurt não morreu, não obstante ser certo o que a senhora supõe: aqueles "terríveis inimigos" finalmente o encontraram, e exterminaram toda a sua família, que era também a minha. Quer dizer, toda a minha família, meus pais, minha irmã, sobrinhos e parentes distantes, foram assassinados há um ano. Mas os assassinos não conseguiram acabar conosco. E, por esse motivo, tio Kurt partiu há mais de um ano, dizendo que jamais regressaria. Só eu fiquei, com a missão de encontrar os Cavalheiros Tirodal.

— Lamento muito pelo ocorrido, pois eu sabia o quanto ele amava sua irmã Beatriz! E justamente evitava os encontros com ela por temor de comprometê-la e causar-lhe dano involuntariamente.

Eu mordi meus lábios ao ouvir essa verdade. Tio Kurt a protegeu durante 35 anos e eu a entreguei, em um instante, nas mãos de seus verdugos.

As notícias da Senhora Feil não eram, por outro lado, muito animadoras, com respeito à Ordem:

— Temo que nada poderei fazer pelo senhor, pois é muito pouco o que Oskar me revelou sobre a Ordem de Cavalheiros Tirodal. Claro que não me deu nenhum dado acerca de seus membros ou dos locais de reuniões.

Eu a olhei sem poder dissimular a decepção. Minha expressão lhe pareceu cômica, porque sorriu e me animou a ter esperanças: existia uma possibilidade.

— Faremos algo, Dr. Siegnagel. É a única coisa que está em minhas mãos. E rogue aos seus Deuses para que dê resultado. Oskar tinha um cofre em sua escrivaninha, no qual guardava as coisas da Ordem. Várias vezes, ele me recomendou que se "algo" lhe acontecesse, e alguém da Ordem se apresentasse para requisitar seus pertences, devia devolver-lhe, sem discussão, o conteúdo desse cofre. Mas até agora ninguém, salvo o senhor, solicitou relatórios sobre a Ordem, e por isso eu nunca abri seu cofre. O que faremos, então, será examinar o conteúdo dele e tentar encontrar alguma pista.

Fomos imediatamente ao escritório do finado Oskar e, com ansiedade crescente, aguardei que a Senhora Feil digitasse a combinação da fechadura. Finalmente, abriu-se e ficaram à vista os objetos reservados. A escassa herança esotérica de Oskar Feil consistia em dois objetos: um livro e uma revista vulgar.

Seria difícil alguém conseguir imaginar minha perplexidade nesse momento. O livro era um exemplar de "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea", por Nimrod de Rosário, exatamente igual ao que tio Kurt

me deu para ler em Santa María, e que agora tinha em meu poder. E a revista se tratava de um número de ***Spot's***, de três anos atrás.

A Senhora Feil acabou compartilhando de minha preocupação e, não sabendo de que forma me consolar, ou desejando que a visita terminasse o quanto antes, entregou-me as duas publicações. Ela estava convencida — disse — que Oskar Feil aprovaria suas ações, pois eu era o sobrinho do seu mais querido Camarada, a quem não podia negar nada.

É inútil esclarecer que pesquisei no livro, folha por folha, parágrafo por parágrafo, procurando algum indício secreto, alguma mensagem criptografada, alguma indicação oculta, alguma chave destinada a ser interpretada apenas por Iniciados Hiperbóreos. Rapidamente tive que descartar que o livro oferecesse tal possibilidade.

E é inútil explicar que li e estudei todos os artigos da revista, procurando ali alguma pista sobre a Ordem de Cavalheiros Tirodal. Rapidamente cheguei aos mesmos resultados do livro: nada, nem um indício. Essa última tarefa foi muito desagradável, pois ***Spot's*** é uma revista sensacionalista do mais baixo nível intelectual e moral.

Grosseiramente pró-governo em sua política geral, carece de linha editorial definida, pois seus artigos são redigidos com o evidente objetivo de causar um golpe baixo ou um escândalo — efeitos que, naturalmente, agradam aos seus 2.000.000 de leitores. Os limites éticos do desenvolvimento dos temas, como é de se supor, são determinados apenas pelas proteções jurídicas com que suas vítimas conseguem se defender se são atacadas, ou pelo valor dos subornos pagos pelos "amigos" da publicidade barata. Logicamente, uma revista assim não pode pertencer a qualquer um: seu editor-proprietário é o célebre jornalista amarelo, não exatamente por ser "oriental", Samuel Isaacson, expoente da mais rançosa linhagem hebraica, e sionista declarado. Pelo exemplar que chegou às minhas mãos, me inteirei dos pormenores de oito separações de não muito unidos casais de atores e atrizes; conheci as reivindicações do Movimento de Liberação Nacional de Homossexuais; li dois artigos diferentes sobre O.V.N.I.S. nos quais os respectivos "Professores de Parapsicologia" asseguravam que seus tripulantes vão salvar a humanidade; adentrei nos detalhes de cinco assassinatos, três violações e um estupro; tive acesso aos crimes do nazismo, graças a uma biografia de Anne Frank e um relato resumido de seu "diário" apócrifo; vi cinco notas de críticas que, na verdade, continham publicidade disfarçada, sobre filmes com temas esquerdistas, e outras cinco notas a respeito de ecologia e pacifismo, etc. Na verdade, praticamente não existia matéria em que a revista não incursionasse, com sua habitual e repugnante vulgaridade.

Mein Gott! Que esgoto era aquela publicação! Por que, Demônios, Oskar Feil teria conservado esse exemplar? Devia existir alguma razão. E essa possibilidade era minha única esperança.

Mas, qual razão? Já a tinha lido várias vezes: setenta, ou mais, artigos e notas, com o referente tom sinárquico. E isso porque não mencionei a incrível e variada série de anúncios publicitários de objetos de *sex shops* e feitiçaria afro-brasileira; a lista interminável de ***pais***, mestres, gurus, magos, quiromantes, tarólogos, e outros, que ofereciam todo tipo de "ajuda espiritual", desde "solução de problemas de casal" ou "impotência", até "desbloqueios" psicológicos completos. Claro que não prestei a mesma atenção a esses anúncios do que aos artigos jornalísticos. Havia tantos! Centenas deles!

E ali estava a solução do enigma! Tão à vista, que parecia uma piada: uma piada de mau gosto de Nimrod de Rosario!

De repente, onde menos eu esperava, em uma folha coberta de cartazes oferecendo os "serviços" de diversas escolas esotéricas e mestres, em uma folha sobre a qual eu tinha passado muitas vezes os olhos, sem ver nada, sobressaiu a frase "Sabedoria Hiperbórea". Quando verifiquei com cuidado o aviso, li, surpreso, o seguinte:

NÃO DESTRUA UMA PARTE SE PUDER DESTRUIR TUDO!

DE FATO
se seu ódio para com o Mundo é tão intenso que pensou em se suicidar ou em se tornar um assassino em série; ou se planeja destruir bens materiais ou naturais; ou se unir a grupos niilistas que praticam terrorismo de qualquer tipo...
NÃO O FAÇA!
Pois desperdiçaria seu esforço, gastaria pólvora em ximangos.

É muito possível que você esteja preparado para conhecer a Sabedoria Hiperbórea. Esta Ciência lhe revelará quem é seu verdadeiro Inimigo e lhe demonstrará a forma de trabalhar positivamente para conseguir **a destruição total do Universo criado.** A realização de tão magnífico objetivo significará a libertação absoluta e definitiva de seu Espírito de qualquer vínculo material, a Eternidade do Espírito fora do maligno universo material que você odeia. Reflita e venha até nós! Inclusive, se você sofreu algum tipo de lavagem cerebral que enfraqueceu momentaneamente sua agressividade: nós o ajudaremos a recuperar seu ódio!

Tenha em mente **que não resta muito tempo, que o dia da Batalha Final está próximo: então será destruído o todo e não meras partes.** E, nesse momento esperamos ter você destruindo junto a nós e dançando como Shiva sobre as ruínas do Cosmo, reduzido ao Caos.

❖ Detenha o dedo no gatilho! ❖
❖ Guarde o punhal! ❖
❖ Não beba a estricnina nem a dê para seus parentes e amigos! ❖
❖ Não jogue o fósforo sobre a nafta! ❖
❖ Não lance seu coquetel Molotov! ❖
❖ Pare o timer de sua excelente bomba de cano caseira! ❖

Só se dirija à Caixa do Correio Central... Se sua espiritualidade é verdadeira, e sua repulsão para com a Cultura atual, para com o Mundo atual, ou para com o Universo atual, é autêntica, você terá a oportunidade de ingressar em uma Ordem de Guerreiros Sábios e ser, você também, um Guerreiro Sábio, e participar do mais grandioso esforço protagonizado pelo homem de todas as épocas para destruir totalmente a Obra do Deus Criador do Universo Material.



Você não está só! Outros compartilham de sua mesma aspiração e sabem como fazê-lo.

Parecia ou não uma piada? A resposta só pode ser afirmativa, e mais ainda se se levar em conta o tipo de pasquinada no qual estava publicado. No entanto, nada do que afirmava ou propunha o anúncio era estranho à Sabedoria Hiperbórea — qualquer um que tenha lido este livro estará de acordo comigo. O que tornava absurdo e incrível aquele texto era sua leitura fora do contexto da Sabedoria Hiperbórea; ou no contexto do jornalismo sinárquico com as características de ***Spot's*** e outros jornalecos semelhantes. Mas não me passou despercebido que tal efeito seria deliberadamente buscado pelos Cavalheiros Tirodal. Com qual finalidade? Eu o ignorava, e não me aventurava a imaginar. Talvez o anúncio fosse uma senha; talvez, efetivamente, estivesse destinado a pessoas espirituais dotadas de intuição em alto grau.

Seja como for, o caso era que eu não tinha outro remédio a não ser escrever para a misteriosa caixa de correio. Já o fiz, antes de redigir este Hiperepílogo. E agora esperarei a resposta, que, sem dúvida, esclarecerá todas as coisas. Mas, como disse no início, não queria finalizar este livro sem oferecer aos leitores a mesma possibilidade que eu possuo. É uma forma, também, de compensá-los pela fatigante tarefa de assimilar os elementos da Sabedoria Hiperbórea aqui expostos; para que, aquele que quiser, e se atrever, possa ampliar esses conhecimentos na Realidade, que, não obstante, é tão ilusória quanto a ficção deste livro.

Resumindo, para mim, a intuição diz que a caixa de correio pertence à Ordem de Cavalheiros Tirodal ou se comunica com eles. Cada qual poderá comprovar isso por si mesmo, da mesma forma que eu o farei. E, com essa descoberta, que constitui a última e única pista que consegui a respeito da Ordem de Cavalheiros Tirodal, finalizo "O Mistério de Belicena Villca" e me despeço de todos os leitores, com o desejo de que tenham a ***coragem*** de escrever e a ***espiritualidade*** necessária para receber a resposta da Ordem.

Dr. Arturo Siegnagel

Post Scriptum
Córdoba, 4 de setembro de 1987.

ÍNDICE

PRIMEIRO LIVRO **1**
"O Desaparecido de Tafí del Valle" 1
Capítulo I 1
Capítulo II 2
Capítulo III 6
Capítulo IV 7
Capítulo V 9
Capítulo VI 12
Capítulo VII 15
Capítulo VIII 15

SEGUNDO LIVRO **18**
"A Carta de Belicena Villca" 18
Primeiro Dia 18
Segundo Dia 24
Terceiro Dia 30
Quarto Dia 37
Quinto Dia 42
Sexto Dia 46
Sétimo Dia 54
Oitavo Dia 61
Nono Dia 69
Décimo Dia 72
Décimo Primeiro Dia 81
Décimo Segundo Dia 87
Décimo Terceiro Dia 95
Décimo Quarto Dia 106
Décimo Quinto Dia 109
Décimo Sexto Dia 118
Décimo Sétimo Dia 124
Décimo Oitavo Dia 131
Décimo Nono Dia 134
Vigésimo Dia 139
Vigésimo Primeiro Dia 143
Vigésimo Segundo Dia 149
Vigésimo Terceiro Dia 154
Vigésimo Quarto Dia 161
Vigésimo Quinto Dia 170
Vigésimo Sexto Dia 179
Vigésimo Sétimo Dia 187
Vigésimo Oitavo Dia 195
Vigésimo Nono Dia 202
Trigésimo Dia 206
Trigésimo Primeiro Dia 213
Trigésimo Segundo Dia 217

Trigésimo Terceiro Dia 221
Trigésimo Quarto Dia 230
Trigésimo Quinto Dia 237
Trigésimo Sexto Dia 243
Trigésimo Sétimo Dia 250
Trigésimo Oitavo Dia 256
Trigésimo Nono Dia 261
Quadragésimo Dia 268
Quadragésimo Primeiro Dia 275
Quadragésimo Segundo Dia 281
Quadragésimo Terceiro Dia 288
Quadragésimo Quarto Dia 296
Quadragésimo Quinto Dia 302
Quadragésimo Sexto Dia 312
Quadragésimo Sétimo Dia 331
Quadragésimo Oitavo Dia 340
Quadragésimo Nono Dia 346
Quinquagésimo Dia 351
Quinquagésimo Primeiro Dia 358
Quinquagésimo Segundo Dia 365
Quinquagésimo Terceiro Dia 374
Quinquagésimo Quarto Dia 390
Quinquagésimo Quinto Dia 400
Quinquagésimo Sexto Dia 407
Quinquagésimo Sétimo Dia 413
Quinquagésimo Oitavo Dia 421
Quinquagésimo Nono Dia 429
Sexagésimo Dia 438
Sexagésimo Primeiro Dia 448
Sexagésimo Segundo Dia 455
Sexagésimo Terceiro Dia 463
Sexagésimo Quarto Dia 466

TERCEIRO LIVRO **470**
"Em busca de Tio Kurt" 470
Capítulo I 470
Capítulo II 473
Capítulo III 475
Capítulo IV 490
Capítulo V 495
Capítulo VI 498
Capítulo VII 500
Capítulo VIII 505
Capítulo IX 511
Capítulo X 522

QUARTO LIVRO **531**
"A História de Kurt Von Sübermann" 531

Capítulo I....531
Capítulo II....536
Capítulo III....539
Capítulo IV....545
Capítulo V....547
Capítulo VI....551
Capítulo VII....556
Capítulo VIII....559
Capítulo IX....565
Capítulo X....569
Capítulo XI....573
Capítulo XII....583
Capítulo XIII....587
Capítulo XIV....591
Capítulo XV....599
Capítulo XVI....605
Capítulo XVII....607
Capítulo XVIII....630
Capítulo XIX....632
Capítulo XX....636
Capítulo XXI....642
Capítulo XXII....650
Capítulo XXIII....656
Capítulo XXIV....657
Capítulo XXV....665
Capítulo XXVI....670
Capítulo XXVII....676
Capítulo XXVIII....679
Capítulo XXIX....679
Capítulo XXX....686
Capítulo XXXI....695
Capítulo XXXII....703
Capítulo XXXIII....708
Capítulo XXXIV....711
Capítulo XXXV....718
Capítulo XXXVI....725
Capítulo XXXVII....732
Capítulo XXXVIII....737
Capítulo XXXIX....742
Capítulo XL....752
Capítulo XLI....761
Capítulo XLII....769

EPÍLOGO....**793**
Capítulo I....794
Capítulo II....796
Capítulo III....800

Capítulo IV 802
Capítulo V 806
Capítulo VI 811
Capítulo VII 815
Capítulo VIII 820
Capítulo IX 826
Capítulo X 832
Capítulo XI 834
Capítulo XII 835
Capítulo XIII 839
Capítulo XIV 841
Capítulo XV 852
Capítulo XVI 856
Capítulo XVII 857
Capítulo XVIII 865

HIPEREPÍLOGO **867**

LUÍS FELIPE MOYANO – PONTÍFICE HIPERBÓREO

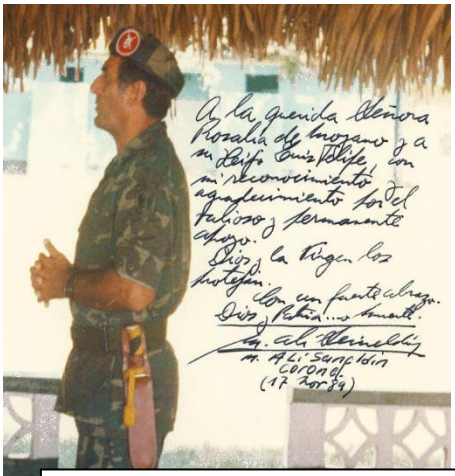
Luís Felipe Moyano (1946 – 1996), nascido em Rosario, em 28 de outubro de 1946; extraordinário sábio, investigador, historiador e escritor argentino, autor de várias obras gnósticas e revisionistas que geraram movimentos de oposição ao "Gramscismo" e à "New Age", tornando–se a maior referência de oposição à "Nova Ordem Mundial" da Sinarquia. Conhecido como Nimrod de Rosario, pseudônimo com o qual assinou todos os seus escritos, plasmou a Sabedoria Hiperbórea, uma ciência esotérica herdada de certas sociedades secretas germânicas precursoras da Ordem Negra ᛋᛋ, com cujos remanescentes fez contato na Argentina, justamente para lançar a obra de sua vida: "O Mistério de Belicena Villca" e os "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea", colossais tratados de História e Esoterismo, que legou para divulgação, antes de sua misteriosa partida, ocorrida em 1996.
Em Córdoba, logrou formar uma *Ordem Esotérica* para o estudo e a Iniciação na Sabedoria Hiperbórea, conhecida como a O.C.T.R.A. ou "Ordem de Cavalheiros Tirodal da República Argentina", que divulgou a Sabedoria Hiperbórea. Graças à OCTRA e à mãe de Luís Felipe Moyano, Rosalia Taglialavore, esta divulgação fez possível que a obra de Nimrod de Rosario transcendesse as fronteiras da Argentina.

Trajetória

Em 1973, Luís Felipe Moyano incorporou–se à dotação do navio polar "ARA", em uma missão à Antártida, organizada e dirigida pelo Instituto Antártico Argentino, com assentamento na base "General Belgrano I", na Antártida argentina. É importante notar que outra referência do "nazismo esotérico", o chileno Miguel Serrano Fernández, também logrou chegar à Antártida, continente conectado com a mística da Alemanha *Nazi*, que tinha uma base operacional nessas regiões polares. Neste contexto, existe um intercâmbio epistolar de auto enriquecimento mútuo entre Felipe Moyano e Miguel Serrano.

No final dos anos 80, e graças a conexões trabalhadas junto ao Nacionalismo Argentino por sua mãe, Rosalia, Felipe chegou a fazer parte do grupo nacionalista do Coronel Mohamed Alí Seineldín, máxima referência do nacionalismo argentino dos últimos tempos, chegando a tornar–se seu colaborador pessoal.

Já nos anos 90, graças ao contato de Rosalia com Carlos Arias Varela, Felipe trabalharia como agente de inteligência e contrainteligência para a SIDE, atual AFI, chegando a tornar–se Assessor de Política Nacional e Internacional ***ad honorem*** para os governos argentinos de Raúl Alfonsín e Carlos Saúl Menem. Foi neste contexto que teve a oportunidade de presenciar a assunção de Duhalde como Governador da Província de Buenos Aires, os Tratados de Paz e outros acontecimentos que marcaram a história argentina.



Cartão Postal dedicado pelo Coronel Mohamed Alí Seineldín a Rosalia e Felipe.



Nimrod de Rosario na Antártida (1973)

Prolífico escritor, incursionou no revisionismo histórico argentino, estudando as obras de autores como Jaques de Mahieu, Guillermo A. Terrera, Federico Rivanera Carlés, José Imbelloni e Dick Ibarra Grasso, mantendo um intercâmbio epistolar com alguns deles; quanto ao esoterismo, influiu na obra metafísica "UEVAC", de Carlos Arias Varela, e ao entrar em contato com López Rega, destacado agente duplo da sinarquia, teve acesso a importantes dados que estavam em poder de "O Bruxo".
Segundo pessoas vinculadas à O.C.T.R.A., Felipe Moyano escreveu mais de 20 livros.

Obras Oficiais Publicadas:

"O Mistério de Belicena Villca", novela (ou romance) mágica(o), revisionismo cultural e histórico.
"Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea", tratado mágico esotérico – 14 tomos.
"História Secreta da *Thulegesellschaft*", revisionismo cultural e histórico.

Obras Apócrifas atribuídas a Nimrod de Rosario:
"Eva Perón e a Ordem de Construtores Justicialistas", novela (romance) de divulgação; publicada extraoficialmente. Esclarecemos que esta obra não foi escrita por Nimrod de Rosario, motivo pelo qual é um erro atribuir sua autoria a Luís Felipe Moyano, que nada teve que ver com sua correção e edição.

Fragmentos de Obras Extraoficiais:
– "Manual de Estratégia Psicossocial das ϟϟ", fragmentos, divulgados extraoficialmente.

Helena Rosalía Taglialavore (1930 – 2011)



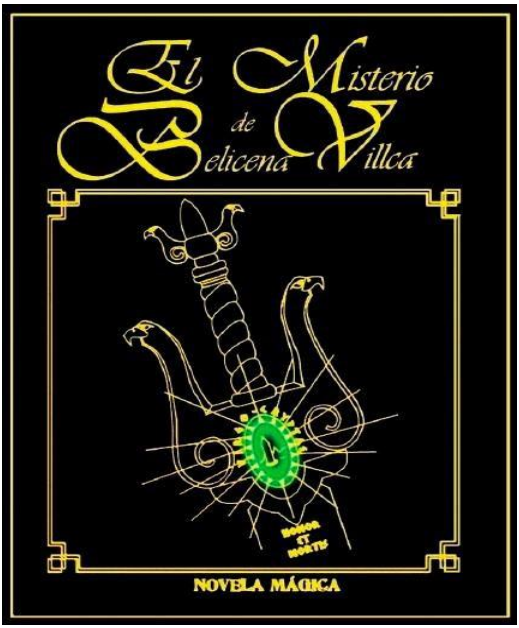
Helena Rosalía Taglialavore, mãe de Nimrod de Rosario

Mãe de Luís Felipe Moyano, cuja história pode ser vista na página quintadominica.com.ar, página da web de Rosalia. Para aqueles que entraram em contato com suas cartas e revelações, "Porta–voz de Agartha", foi quem impulsionou a missão de Luís Felipe para escrever "O Mistério de Belicena Villca", investindo os recursos da família para dotá–lo de uma volumosa biblioteca. Todo o arquivo desta fascinante história encontra–se nas "Cartas de Maria", em cujo conteúdo é notória uma revelação de inspiração divina devidamente corroborada pela Igreja Católica. As "Cartas de Maria", além de narrarem pormenorizadamente sua história familiar, são um *ultimatum* à Nação Argentina em particular e à América Espanhola em geral, que ela chama para saírem da decadência política, social e econômica, da dependência servil aos poderes sinistros que regem este mundo, exortando-as a entrarem em contato com a mensagem contida no livro de seu filho, cuja difusão é de vital importância para a humanidade.

O Mistério de Belicena Villca

Considerada já como uma das maiores obras mestras da literatura universal, "O Mistério de Belicena Villca" é um excelso tratado de história, irrefutável por sua precisão semântica e erudição, mas, ao mesmo tempo, é uma joia do romance, que dá vida ao entremeado histórico e cultural, como nenhuma outra obra em seu gênero. Realmente, a "Novela ou Romance Mágico" é um tesouro da literatura argentina que deveria ser declarado Patrimônio Intocável da Humanidade.

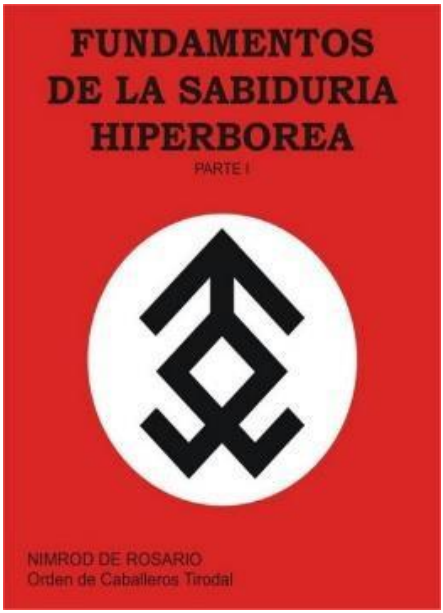
Capa Original do Autor



Da Atlântida a Tartessos, dos celtiberos e dos cartagineses à Europa visigoda e à Igreja Católica, dos Cátaros e do Templo à revisão de mitos ancestrais de culturas e povos antagônicos; das cruzadas ao gibelinismo, dos Vikings de Tiahuanaco e do Império Mongol até a Conquista da América e a Guerra da Tríplice Aliança; da Segunda Guerra Mundial e a Ordem Negra ᛋᛋ à Argentina da subversão e as ditaduras, "O Mistério de Belicena Villca" narra passo a passo a outra história da humanidade, aquela que nos esconderam.

Oferece informação que afeta profundamente a sensibilidade espiritual do leitor, levando–o a concluir sobre a necessidade de recuperar valores e virtudes que impregnam a vida e atos de grandes heróis e reformadores que lutaram contra a Nova Ordem Mundial e a Sinarquia, durante toda a História.

Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea



Capa Oficial dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Se ***"O Mistério de Belicena Villca"*** é a melhor carta de apresentação para um escritor prodígio como Nimrod de Rosario, os "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constituem o pináculo que um ser humano consegue alcançar em seu empenho para superar qualquer limitação que afeta, necessária e intrinsecamente, a perfeição humana. Nimrod concretizou para a posteridade o mais extraordinário trabalho científico-literário que o mundo já conheceu. Nesse contexto, não há palavras na língua castelhana (e portuguesa) para catalogar esse colossal trabalho de investigação científica/esotérica/gnóstica.

Concebido em 14 tomos, os "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" simplesmente são a mais alta sabedoria a que pode ter acesso o ser humano, em qualquer tempo e contexto. É nesse sentido que os "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constelam o maior esforço já realizado pelo homem para resolver o mistério integral de nossa existência e de todo o universo.

Os "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea", por serem um tratado cujas propostas vão desembocando em teses filosóficas (tanto lógicas quanto epistemológicas e axiológicas) irrefutáveis e demonstráveis, devem ser estudados, ordinal e integralmente, depois do estudo exaustivo de "O Mistério de Belicena Villca" — condição *sine qua non* para se compreendê–los. Nesse contexto, o autor recomenda repetidamente que os aspirantes ao estudo dos Fundamentos devem possuir uma qualidade essencial — ***a predisposição gnóstica*** — que lhes permitirá transpor as limitações culturais e

racionais que impedem a correta compreensão da parte metafísica e axiológica substantiva dos Fundamentos.

O primeiro tomo é introdutório, abarcando a Psicologia, a Física, a Matemática, o Revisionismo cultural e histórico e a Sociologia, para explicar o mistério do "Encadeamento Espiritual", realidade metafísica que gira ao redor do simbolismo mitológico e rúnico.

Já a segunda parte, com 13 tomos, desentranha e explica integralmente o mundo fenomênico de matéria e energia, a partir de uma visão estrutural micro e macrocósmica, apresentando uma semântica noológica que permitirá vislumbrar uma ética transcendente, capaz de transmutar o aspirante e libertar o Espírito, mediante uma estratégia necessariamente guerreira que implica em uma luta de morte contra a Sinarquia Universal. Nesse sentido, a segunda parte dos Fundamentos revela as diretrizes necessárias para elaborar uma Estratégia de Libertação pessoal, ou até coletiva, desde que exista a possibilidade de se contar com a participação de um ***Líder Carismático ou Führer*** que esteja à frente dessa Estratégia.

O FIM DA HISTÓRIA SE APROXIMA

Depois do afundamento da Atlântida, provocado pelos deuses da face tenebrosa, raça alienígena co-criadora deste universo, e seus atuais regentes que, mediante o engano e a traição encadearam uma raça extraterrestre aos ciclos de vida e morte na matéria, em uma tentativa desesperada para evitar a vitória de Kristos-Luz e sua guarda de deuses liberadores, que desceram à Terra para apoiar a rebelião atlante, contra a tirania de Oricalco.

Os sobreviventes desta grande guerra, entre eles o gigante Gerião, se reassentaram em novas terras que não tinham sido inundadas pelas águas, levantando o grande império de Tartessos.

Os descendentes de Gerião guardaram a recordação do legado dos deuses liberadores, durante milênios, na memória de sangue de sua casta governante. Aquela linhagem de Tharsis sofreria, desde então, muitas perseguições, sobrevivendo a várias sentenças de extermínio, impostas pelos deuses da face tenebrosa, e sua casta de sacerdotes da Fraternidade Branca, que buscavam apagar toda a recordação da grande batalha da Atlântida, a chegada de Kristos-Luz, a Origem Extraterrestre do homem, e continuar com o encadeamento espiritual da raça hiperbórea.

A linhagem de Tharsis, depois de muitas peripécias, chegou à América em 1546, trazendo consigo o legado dos deuses liberadores. Um daqueles senhores casou-se com uma princesa inca, de origem viking, e esta linhagem perdurou na clandestinidade, escondida na Argentina, até a atualidade.

Belicena Villca, a última princesa inca, deve cumprir uma importante missão neste agora, ela recebeu o sinal do próximo fim da história, em um futuro próximo, e o regresso dos deuses liberadores. De sua missão dependerá a sorte da batalha final que se avizinha.

Esta é sua história...